



Sou homem, não moleque!

Altitude

Dark

Uma comédia adoravelmente romântica de

ANNE KRAUZE





ANNE KRAUZE



Brasil - 2016/2019



Ficha técnica

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil em 2009.

Revisão: Carla Santos

Capa, copidesque, diagramação e conversão para e-book – PA Revisões

Título Original – ALTITUDE DARK

Autor – ANNE KRAUZE

1ª EDIÇÃO – 2016/2019

Copyright © 2019 AnneKrauze

Certificado Nº:

AVCTORIS2405bl6a47I0851b60698dc2ad52107If7bc201d484e1061506d644323b45abl

O presente registro está em conformidade com: Berne Convention (INTL), Metre Convention (INTL), Lei 9.610 (BR), WIPO Copyright Treaty (INTL), US Copyright Law (US), UCC Geneva (INTL) e demais legislações pertinentes ao Direito Autoral de países membros da Convenção de Berna (INTL) e da Convenção do Metro (INTL).

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Obra de ficção. Nomes, personagens, codinomes, fatos e lugares descritos são fruto da imaginação do autor, sem base ou correlação reais com nomes, datas, locais e fatos existentes. Qualquer semelhança é mera coincidência.

annekrauze@gmail.com

Conteúdo rastreado. Plágio é crime! Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. "Violar direitos de autor e os que lhe são conexos: Pena – detenção de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou Multa.

Imagem de capa: shutterstock

Edição digital – Idealizado no Brasil

E=V*S / 051 / 691/ 8/ 741/ 889 /318.798 /519 7148



Sinopse

Santissima Madonna^[1]!

Fuja ou irá se apaixonar!

A italianinha Juliet Damaggio só tem uma regra: nunca, jamais envolver-se com alguém do trabalho. Ou seja, nada de alpinistas como ela.

Foge dos colegas de profissão como o Diabo foge da cruz, encasquetando que o homem ideal tem que ser estável. Alguém seguro, que não se jogue nos braços da morte toda vez que for trabalhar.

Tudo perfeito, até conseguir o emprego dos sonhos e seu novo chefe ser ninguém menos do que Dark, dono e fundador da equipe *Mountain*. Um verdadeiro tormento na forma do homem mais delicioso e irritante que ela já conheceria.

Dio^[2] Cristo!

Como é chato e mandão!

O cara é um Titã destemido e corajoso. Um gigante fechadão, de olhos cor de oliva e corpo entalhado. Um Zeus e um cretino mulherengo. Uma montanha de músculos, honra e regras. Um homem marcado por tragédias, que não quer perder mais ninguém para o K2, uma das mais mortais e impiedosas montanhas do mundo. Decisão fácil, até ser arrebatado por uma italianinha brava de olhos astutos, que o desafia a cada segundo.

Uma contradição!

Ao mesmo tempo que a teimosia e independência dela o fazem querer arrancar os cabelos, o jeito alegre, espevitado e talentoso o encantam.

Que porra de mulher é essa?

Como não se encantar por essa baixinha desastrada e engraçada que

agita a vida da antiga cidade de Bolgheri e seus moradores? Como resistir à cabecinha com imaginação fértil para o sexo, empolgada e desinibida?

Uma briga de gato e rato, com personagens carismáticos, engraçados, alguns até vilões, que colorem a louca história de amor entre o Gigante e a Baixinha.

Preparem-se para embarcar nesta aventura surpreendente e contagiante... *E sim!* Apaixonar-se por Alessandro Salvatore Bolgheri, pois resistir a Dark é impossível. O cara é o melhor e sabe disto.

O que fazer quando o amor resolve brincar com você?

Resistir ou se entregar?



Índice

SINOPSE

O INÍCIO DE TUDO

O TEMIDO K2

1

SENHOR VOCÊ NÃO VAI

2

ERROS

3

ELETROSTÁTICA

4

AGONIA

5

MANTENHA ISSO EM MENTE, DARK.

6

ARTILHARIA ANTIDARK

BÔNUS DARK

A PRIMEIRA VEZ QUE TE VI

7

VENTANIA

7.1

VENTANIA

8

INEVITÁVEL

8.1

INEVITÁVEL

8.2

INEVITÁVEL

8.3

INEVITÁVEL

9

SEM VOLTA

10

CONVITE

10.1

SENSACIONAL

10.2

CALA A BOCA

10.3

A LUGAR NENHUM.

11

PLANO DE FUGA

11.1

ACABOU, VADIA!

12

PEQUENOS PASSOS

12.1

GRANDES PASSOS

13

PINGOS NOS IS

13.1

ATÉ QUE ENFIM

14

ENROLADOS

14.1

ENLAÇADOS

15

TSUNAMI

15.1

TESTANDO LIMITES

16

PORTAS ABERTAS

16.1

SEM AMARRAS

16.2

PLANO B

16.3

CABO DE GUERRA

17

NO CAMINHO

17.1

NO CAMINHO

17.2

NO CAMINHO

17.3

NO CAMINHO

18

APERTEM OS CINTOS

18.1

APERTEM OS CINTOS

18.2

APERTEM OS CINTOS

19

AMANHECER

19.1

AMANHECER

19.2

AMANHECER

20

ENTARDECER

20.1

ENTARDECER

20.2

ENTARDECER

20.3

ENTARDECER

21

TEMPO, TEMPO, TEMPO...

22

FANTASIAS

22.1

ACHISMOS

22.2

PELOS ARES

22.3

É SÉRIO?

23

NINHO

23.1

NINHO

23.2

NINHO

23.3

NINHO

24

TIJOLINHOS

24.1

TIJOLINHOS

25

GARANTIAS

26

PERFEITOS

27

“E SE...”

28

SURPRESAS

28.1

IMPREVISTOS

29

BOMBA RELÓGIO

29.1

GUERRA FRIA

29.2

LAÇOS

30

ALESS E JULIET...

31

ROMA

31.1

ROMA

31.2

ROMA

31.3

ROMA

32

JULIETA

33

DIA D

34

K2

35

RESPIRA COMIGO

35.1

DOSE DUPLA

36

SONHOS E EXPECTATIVAS

37

CAOS

37.1

ESSE DIA NÃO TERMINA NUNCA

37.2

MEU AR

37.3

VOE, MINHA PASSARINHA!

38

RESERVA ESPECIAL

39

MALDITOS HORMÔNIOS!

39.1

EXTRAORDINÁRIOS

40

UM MUNDO NOVO

40.1

LUTE E RESISTA

41

BONDOSO, NÃO OTÁRIO

41.1

TEU PARAÍSO É AQUI

EPÍLOGO

PARA SEMPRE E INFINITO

UM RECADINHO PARA VOCÊ

AGRADECIMENTOS



Antes de começar

Sejam bem-vindos ao mundinho de Altitude Dark! Três anos mantendo Alessandro e Juliet sob as minhas asas, até que estivessem prontos para voarem até vocês!

Venham meu Gigante e sua Baixinha!

Este é sem dúvida, um livro que me é muito especial e espero que, no final desta jornada, assim o seja para vocês. Uma história que começou despretensiosa e tornou-se quase uma saga... Uma comédia romântica iluminada, maluca e gostosa, que vai cativando a gente, recheada de emoções e sensibilidade e que nos faz gargalhar em lugares mais impróprios. Ri, suspirei, me apaixonei e até senti raiva. Alessandro e Juliet são únicos e foi muito difícil, mesmo, deixá-los ir. Esses alpinistas malucos me ensinaram que a vida vai muito além das nossas tragédias e que sim, a felicidade é real e merecida, basta abrímos o coração para ela.

Espero que Altitude Dark traga acalanto e alegria para vocês e que acabem a leitura de forma doce e com um sorriso nos lábios.

Um beijo na alma e muito obrigada por sempre estarem aqui.

Anne Krauze

Altitude Dark é dedicado a nós!

“Gente que conseguiu e ainda consegue superar todas as dificuldades e desafios porque o amor fala mais alto no fim das contas.”

Martha Medeiros



O início de tudo

Claro que ainda sinto raiva, mas não posso mudar o meu passado de merda. Tive que superá-lo e fui obrigado a trabalhar os meus demônios para, só depois, seguir em frente.

Era preciso. O medo é o pior inimigo e quando ele te domina, o coração assume o comando e a possibilidade de erro cresce.

Cazzo^[3], detesto este sentimento: o medo!

Entretanto, ele não me domina... Não mais.

Na minha profissão, prevenir falhas significa sobrevivência! Não há outra opção. Preciso pensar sempre com frieza e decidir pelo menos arriscado.

Como consigo fazer isso depois de tudo o que me aconteceu?

Simples.

Enterrei meu coração no K2, junto com meus amigos. Era jovem e confiava na equipe. Tinha convicção de que nossas decisões eram as melhores, mas... estava errado.

Voltei sozinho para casa, deixando o cara alegre, que eu era, na montanha. Não queria, mas as coisas tinham mudado e me tornei frio. Criei bloqueios que me permitiram continuar. Penso que, ao menos, eles morreram fazendo o que gostavam.

Alessandro Salvatore Bolgheri.



O temido K2

O K2, localizado entre o Paquistão e a Índia, é a segunda montanha mais alta do mundo. Com 8.611 metros, só perde em altura para o Everest.

Conhecida como: o pico da morte, é um dos lugares mais inóspitos no mundo. Avalanches, nevascas, paredões gigantescos e instabilidade climática recheiam o cardápio de perigos.

As condições são tão ruins, que de cada quatro alpinistas, que tentam chegar o topo, um morre. A maioria porque caiu em gretas ou fendas: buracos profundos e mortais, escondidos sob a neve. As geleiras, as rochas afiadas ou os trechos superinclinados e escorregadios são brincadeiras de criança perto das gretas. Elas seriam as rainhas da matança se não fosse pela existência de algo ainda mais assassino: a Pirâmide Negra, um paredão de quase mil metros, com inclinação negativa e invencível.

Ops! Quase invencível!

Porque, hoje, sob uma espessa névoa de fumaça e gelo, cortesia do mau tempo, um italiano de 31 anos, Alessandro Salvatore Bolgheri, fez o que todos os demais alpinistas julgavam ser impossível: não só venceu a Pirâmide Negra como chegou ao cume, mesmo sob a forte nevasca, que culminou numa das piores avalanches já vistas.

E é aqui, senhores, que nossa história começa...



Senhor Você Não Vai

Juliet

O que a gente não faz por um sonho?

Pelo meu fiquei setenta e cinco dias no Paquistão. Mais precisamente no K2, acampada em uma minúscula barraca, em um ponto chamado Base dois, a 6.700 metros de altura.

Férias? Quem me dera!

Digamos que me obrigaram a ficar admirando a paisagem enquanto esperava meu chefe voltar em glória. Um cretino chamado Alessandro Salvatore Bolgheri, o Dark. Apelido dado não porque o acham um cara obscuro. *Coisa que, cá entre nós, eu acho que ele seja, enfim...* Dark veio por ele sair ileso das situações mais escabrosas. Sua façanha mais recente foi sobreviver a uma avalanche a 7.500 metros e ainda ter forças para voltar à Base 2. Sim, a mesma em que fiquei plantada todos esses dias por culpa dele.

Pois é! Por. Culpa. Dele!

Quando o vi despontar na neve, minha primeira vontade foi de esganá-lo, mas paralisei. Fiquei com os olhos cheios d'água, assistindo o idiota retornar como um herói.

Não deveria, mas coloquei nossas diferenças de lado e o abracei. *O que foi totalmente constrangedor.* Aplaudi-o e até joguei champanhe nele. Fiz tudo como manda a tradição. Afinal, a conquista do cume, especialmente o do K2, é a maior vitória que um montanhista pode ter.

Como Dark sempre diz: “escalar é a menor das tarefas. A maior é voltar vivo”.

Você deve estar se perguntando: se outros já conseguiram, o que torna o Dark único?

Eu explico:

O cara é um Titã^[4], simples assim.

Sabe aquelas pessoas que rasgam o manual? Que não acreditam em sorte, só na força de suas determinações? Esse é o Dark! O melhor alpinista que já conheci e o mais louco também. O homem que me infernizou dizendo que o sucesso de qualquer expedição depende de uma equação simples: menos riscos, mais chances, e que, na hora H, fez tudo ao contrário.

O manual “Dark” dizia:

Não suba sozinho; ele subiu.

Nunca vá no auge do inverno; ele foi e enfrentou 50 graus negativos.

Volte à base no mau tempo; ele continuou e sobreviveu à avalanche.

Máscaras respiratórias salvam sua vida; ele foi na raça.

Fuja da Pirâmide Negra; foi o caminho que ele escolheu.

Resumindo: todo mundo o acha “O cara”. Eu também achava, antes dele pisar na bola comigo, claro. E foi por isso que dei pulos de alegria quando começamos a viagem de volta à civilização.

Sim começamos, pois ao contrário de como é na vida, descer do K2 é tão difícil quanto subir. Então, assim que Dark retornou, ainda tivemos que

andar por dias, para chegar ao pé da montanha, a três mil metros. O tempo estava tão ruim, que os helicópteros de transporte para o aeroporto, na capital do Paquistão, só estavam partindo de lá.



Chegando à vila.

Está anoitecendo. Exausta, ofegante e com os dedos das mãos e o nariz, na iminência de congelarem, olho em volta. Mal consigo enxergar os telhados dos trinta chalés da vila e as diversas barracas azuis e amarelas espalhadas pela área.^[5] Tudo está recoberto por neve e a melhor forma de me guiar é pela fumaça que sai das chaminés.

Depois dos quase cem quilômetros de trilha acidentada, meus pés estão me matando. Só não estão piores, porque fui poupada do peso dos equipamentos. Dark deu um jeito neles. Decidiu carregá-los por mim. Aposto que por pena ou arrependimento.

Sei lá! Dane-se ele!

Neste momento, a única coisa que me importa é entrar em um chalé quentinho e tomar meu banho em atraso por semanas.

Sim! Estou sem banho! Conhecem lenços umedecidos? Então, espero não os ver por um bom tempo!

É difícil manter a dignidade feminina quando tudo o que se tem em volta são: neve, fósforos, uma barraca apertada e quinze marmanjos cheios de testosterona esperando por um vacilo seu.

Se faria tudo de novo? Claro que sim!

Se foi uma experiência fantástica? Claro que não!

Inesquecível? Sem dúvida, mas frustrante!

Chegar tão perto do cume e ser barrada na porta do baile é uma crueldade. *Maledetto*^[6]! *Infelice*^[7]! O babaca não teve nem a decência de me dar uma explicação plausível! Mandou-me apenas uma porcaria de um bilhete escrito à mão:

Srta. Damaggio,

Recebi seu último relatório com as previsões climáticas. Excelente trabalho, porém preocupante. Em função dele, mudei minha decisão ao reavaliar os riscos. Até agora, foram vinte e oito dias de tempestades, deslizamentos e quatro tentativas de subidas frustradas para o cume. Se os seus números estiverem corretos, teremos mais tempestades e risco de avalanches.

Subo sozinho. A senhorita fica na base com os outros. Não foi o combinado, mas é o menos arriscado. Sua inexperiência com a montanha e o risco do congelamento dos equipamentos podem virar um problema.

Mantenho contato por rádio.

Nada de atitudes impensadas. Se subir, vai descer.

Sua equipe tem um líder: o melhor escalador.

No caso, EU. Siga as minhas ordens.

Dark.

Maledetto! Infelice! Figlio di puttana!^[8]

Que ódio! Que raiva! Tive vontade de ir até a barraca dele para chutar suas bolas.

E fui, mas ele já tinha partido. *Droga!* Eu me senti com oito anos! *En-ga-na-da!* Igualzinho quando meu pai disse que se eu estudasse, fizesse

tudo certinho e me comportasse para valer, ele me mandaria para a Disney. Nunca me esforcei tanto na vida!

O que aconteceu? O quê?

Passei o verão na casa da tia Rivoleta!

Entendem a revolta?

O K2 é a minha nova Disney, caramba!

Um sonho pelo qual tenho batalhado muito. Quatro anos com a cara enfiada nos livros. Treinamentos espartanos para ser alpinista nível A. Três subidas ao Everest^[9], duas no Hidden Peak^[10]! Esforcei-me muito pelo amor da minha vida: o K2.

Como aquele ser sem coração se atreveu a dizer que sou inexperiente? Tudo bem que o tempo estava ruim, mas eu poderia ter lidado com aquilo! Agora, sabe-se lá quando terei uma nova chance!

Primeiro, pensei em matá-lo. Depois, subir assim mesmo e, por fim, pedir demissão.

Não podia! Não havia alternativas.

Sou teimosa, mas não burra. Estou no time há dois meses. Tenho mais um ano e oito meses de contrato. Fora que não existe outra equipe tão capaz de desbravar o K2 como a *Mountain*! Detesto admitir, mas o *figlio di puttana* é o melhor.

Ah!

A propósito, quem sou eu?

Juliet Damaggio e não Julieta, perdi o “a” por um erro no cartório. Uma italiana de 24 anos, bacharel em Meteorologia por Cambridge. Filha do meio de Giuseppe, o Peppe, e Donna Damaggio. Donos de um dos melhores restaurantes de Roma. *A paixão pelas montanhas?* Veio do meu papà^[11], ele

era alpinista profissional até sofrer um acidente no Aconcágua, antes de eu nascer.

Por que o tempo?

Não sei, ele sempre me fascinou! Amo estudar e analisar dados relativos aos ventos, chuvas, insolação, temperatura e umidade do ar. Parece chato, mas juro que não é! Prever o clima, nas diversas regiões do planeta, é desafiador! Principalmente, nas montanhas mais altas do mundo. Posso dizer que carrego a Terra no meu computador. Interpreto gráficos, imagens de satélites e radares utilizando mapas e programas ultramodernos. Fascinante!

Canal de tevê preferido?

Aposto que pensaram em *Weather Channel*^[12], mas não. Sou fã do *AXN*^[13], vidrada em séries policiais e de aventura. Ser a garota do tempo pode parecer chato, mas garanto que não faço o tipo. Se querem saber, sou até bem divertida e o meu mau humor momentâneo não é culpa minha. É dele! Juro que puxei o lado alegre da família.

Não acreditaram?

Qual é! Experimentem não ir à Disney, andar por dias em um frio congelante e ficar sem banho!

Falando em banho...

Entro no meu aposento para a noite e dou uma boa olhada na maravilhosa suíte bangalô.

Há uma cama, uma cadeira e nada de janelas. *Perfeito! Primeiro momento de privacidade em dois meses e meio.* Noto uma porta, que deve ser a do banheiro; e em um canto, abaixo de uma torneira que sai da parede, uma tina enorme de madeira. Presumo, satisfeita, que esteja aqui para o banho. Ligo a água. Quente!

Quem foi mesmo que inventou o aquecedor a gás? Preciso mandar uma carta de agradecimento para este cara!

Enquanto espero a banheira-tina encher, livro-me dos cinco casacos, três calças e quatro meias que estou usando.

Olá, corpo! Quanto tempo!

Droga!

Perdi alguns quilos nesta brincadeira. Dou uma apalpada em meu corpo para checar os prejuízos e um belo prato de macarronada me vem à mente como um remédio. Não consigo evitar um suspiro de desgosto. Gosto das minhas curvas e, apesar de meus seios continuarem fartos e bem italianos, como os da minha mãe, todo o resto está mais discreto. *Cazzo*^[14]! Chego perto do pequeno espelho na parede. *Eita!* Meus longos cabelos castanhos, que costumam cair em cachos até as costas, estão emaranhados em um coque. Que só por *Dio*^[15] vou conseguir desfazer. Resumindo: se não fossem pelos meus olhos castanhos continuarem os mesmos, diria que essa pessoa refletida não sou eu.

Estou um lixo!

Ouçõ uma batida na porta, duas, três.

Cazzo! Uma mulher não pode resgatar sua dignidade em paz?

— Quem é?

— É o Fran, *cara mia*^[16]!

Ah! Fran, tudo bem, ele é bem-vindo.

Já falei dele? Não?

Francesco Salvatore. Alpinista e primo de Dark. Seu apelido na montanha é Pinky. Acho que só por isso já dá para imaginar a figura que ele é, né? Mas não é gay, é bi. Esperto, porque opção não lhe deve faltar nunca!

Apesar do apelido, que ele jura ser por causa do desenho *Pinky e Cérebro*, ele é um dos caras mais masculinos da equipe. Alto, forte e cabelos castanho-claros. Um tipo de beleza abusada, que você só espera ver em campanhas de cueca.

Quase tão atraente quanto Dark. Sim, o *Senhor-você-não-vai-ao-cume* é bem bonito. Grande coisa! Convenhamos, qual cara que trabalha trepando em cima de pedras, subindo e descendo, equilibrando-se sobre as pernas e braços, não tem um corpo dos deuses? Benefícios da profissão. Até eu estou em forma! Sorte minha que posso imaginar de perto como esses corpos devem ser lindos, porque ver mesmo eu não vi. Impossível! Não debaixo de quinze quilos de roupas!

— Posso entrar? Estou congelando aqui fora! — Fran implora com a voz trêmula denunciando o trincar dos dentes.

— Tô pelada, caramba! Vou tomar banho.

— E daí?

— Daí que não quero você me espiando.

— E quem disse que eu quero te espiar?

Hã?

Largo a toalha e afundo na tina. Gemo de prazer ao sentir a temperatura da água. Afundo, volto à tona e gemo de novo.

— Eu ouvi isso! Vai me deixar congelando aqui fora?

Sem saída, suspiro.

— Deveria, mas não vou! Entra logo! — Permito porque não me importo mesmo. Depois de ficar mais de dois meses dividindo uma barraca no meio do nada, você acaba adquirindo certa intimidade. Mas antes que pensem besteira, não rolou nada entre nós. O nosso lance foi de amizade

imediatamente.

Jogo um punhado de xampu na cabeça enquanto observo o corpo enorme invadir o pequeno espaço.

Uauuu! Que bel ragazzo^[17]!

— Caramba! É você? — provoco, divertindo-me com a ideia do quanto estávamos péssimos. — Garoto, você ficou um gato real sem a barba e sem os ninhos de ratos na cabeça.

— Eu sou um gato real! — Pisca e, em seguida, tira as luvas e sacode a neve dos cabelos. — Tá sabendo da festa de confraternização de logo mais? — Joga-se na cama.

— Tô sabendo e daí? — Mergulho para tirar o xampu.

Delícia!

— Daí que temos que ir. — Ri quando emergo e despejo meio pote de condicionador nos cabelos. — Amanhã, a viagem para a Itália vai ser longa — Fran diz o óbvio, eu o ignoro e começo uma missão para desatar os nós do cabelo. — Precisa ir. Dark quer te agradecer — comenta depois de alguns segundos de silêncio.

Em choque, viro o rosto para encará-lo.

— Agradecer? Por quê?

— Porque o primo disse que você foi perfeita. Salvou a pele dele ao prever a tempestade e a avalanche com antecedência. Mulher, você foi incrível! — diz empolgado.

— Sei — bufo antes de mergulhar para tirar o creme.

Pelo jeito, Fran está tentando limpar a barra do primo. O que não me comove nem um pouquinho.

Sei que o meu trabalho foi incrível.

Volto à tona, tiro os cabelos do rosto e torno a encará-lo.

— Fran, na real... Não estou com a mínima disposição para os discursinhos furados de Dark. Aquela história de me proibir de subir ainda está entalada na minha garganta — confesso, realmente chateada, e gesticulo pedindo para que ele olhe para o outro lado. Saio da tina, enrolo-me na toalha, pego a muda de roupa que separei e corro para o banheiro. Deixo a porta entreaberta, para podermos continuar a conversa.

— Juliet, Dark teve as razões dele. Esqueceu-se de que eu também não subi?! — grita ele do quarto.

Respiro para controlar a raiva e começo a pentear o cabelo com força.

Controle-se! Fran não tem culpa do primo que tem.

— Vai me ignorar? — insiste depois de minutos.

Inspiro e expiro.

Droga!

— Pra você tá tranquilo porque já subiu outras vezes. Eu não. — Largo o pente e começo a me vestir. — Porcaria! Estava esperando por isso faz anos!

— Eu sei, *cara mia*. Da próxima vez, você sobe; e se os teus equipamentos congelassem mesmo? E se não tivesse conseguido prever a tempestade? — Seu tom fica sério.

Saio do banheiro pronta para atacar e ele abre um sorriso largo que me desarma.

— Uauuu! Olá, Estranha, o que fez com minha amiga? Não conheço essa gostosa! — muda o rumo da conversa.

— Menos, Fran! — repreendo-o em meio a um sorriso. — O

estranho é você. Também não conhecia essa sua versão limpa. Está muito *bello*^[18]! Deveria ser modelo. Faria um megassucesso em Roma — sugiro e ele arqueia a sobrancelha com petulância.

— Já faço um megassucesso em Roma, não te disse? — Sorri, fazendo uma cara propositalmente sexy. — Ser modelo é só um hobby para quando não estou escalando. Mas não muda de assunto, *cara mia*. Vem, vamos para a festa. É nossa última noite aqui.

— Sem chances. Estou no meu momento relax — desconverso e me jogo de costas na cama ao seu lado. Cruzo os braços embaixo da cabeça. — Vou aproveitar para dormir um pouco. Os últimos dias de caminhada foram difíceis.

— Alessandro vai perguntar por você.

— Que pergunte, tô me lixando pra ele. Invente qualquer coisa. Sei lá! Diga que estou sentada em cima do computador, com medo que congele!

— Olha que eu falo! — ameaça.

— Pode falar, tô nem aí! — Cutuco-o com meu pé. — Seu primo pode ser o manda-chuva, mas trato é trato e ele furou feio comigo. O babaca me chamou de amadora despreparada e isso não admito!

— Não tinha nada de amadora despreparada naquele bilhete! — retruca.

— Dane-se que não tinha, pra mim deu no mesmo! — insisto.

— Porra, como você é... Angustiante! Só acho que vai perder um festão por bobeira.

Não digo nada.

— Quer que eu roube alguma coisa e traga para você? Um uísque? Não estou acreditando que vai deixar passar a Festa Mais Alta do Mundo! —

diz levantando-se, quase encostando a cabeça no teto do bangalô.

— Já passei, obrigada.

— Se mudar de ideia, já sabe. Eu, você, uísque e um clima agradável...

— Nunca mudo de ideia — afirmo mesmo que não seja verdade.

— Sei, te conheço. Só um conselho, mocinha. Fugir do Alessandro não vai adiantar. Acho bom ir se acostumando, isso sim. Até mais, *cara mia*.

Observo Fran sair rindo e a realidade vem à tona. Cubro os olhos e respiro fundo.

Acostumando-se?

Caramba, onde eu estava com a cabeça para assinar aquilo?

Não deveria ter aceitado as condições de Dark. Tudo bem que meu contrato com a *Mountain* exige um acompanhamento diário dos principais picos de alpinismo. Não nego que concordei em fazer uma análise contínua para montar uma linha com todos os dados e variações de tempo. Muito menos que garanti estabelecer um padrão climático e fazer projeções para novas expedições. Mas esse trabalho não ocupará nem metade do meu dia e pode ser apresentado virtualmente.

Cazzo, mudar de Roma?

Meu coração dispara ao constatar o quanto fui impulsiva. Fiquei tão encantada com a possibilidade de treinar com a equipe, que nem passou pela minha cabeça que, talvez, eu pudesse não me adaptar ou ter um problema de relacionamento.

Que inferno!

Essa vontade de estrangular meu chefe não vai prestar. Mudar de cidade já é loucura, mas conviver com Dark mais tempo do que o

necessário...

Aaaaah! É insanidade pura!

Putz, nunca estive em Bolgheri. O lugar é tão minúsculo que nunca entrou no roteiro de férias familiares. De lá, só sei o que achei no *Google*: que é uma cidadezinha romântica da Toscana, como qualquer outra, e que carrega esse nome por causa de um castelo que deu início a tudo.

Ah! Ótimos vinhos.

Já experimentei alguns no restaurante dos meus pais.

Droga, uvas!

Não acredito que concordei em morar com todos, em um dos vinhedos que pertencem a Dark!

Ai, que roubada, que angústia!

Passo um tempo remoendo minhas péssimas decisões. Depois tento esquecer meus dramas. Convenço-me de que a melhor saída é deixar rolar... Esperar para descobrir o que me aguarda à medida que as coisas forem acontecendo e me entregar ao sono... Não consigo. Minha cabeça gira... Gira... e gira.

Repararam o nome da cidade, Bolgheri?

Pois é, eu também não havia reparado.

Na hora de assinar o contrato, estava tão empolgada com a oportunidade que não percebi a pequena relação entre Alessandro Salvatore Bolgheri e a cidade Bolgheri! *Dio mio*^[19]! Parece que a família dele tem um pé ou dois no ramo da nobreza, tipo os donos do castelo, da cidade e dos vinhedos.

Esfrego o rosto desacreditando que aquele babaca seja nobre. Só espero que Fran não tenha me enganado. Ele contou, em uma madrugada

fria, que o *Senhor-você-não-vai-ao-cume* detesta ser relacionado a esse tipo de coisa.

Droga!

De jeito nenhum vou chamá-lo de Sua Graça!

Reviro na cama, soco o travesseiro e reviro mais umas mil vezes. Apesar de cansada, a ansiedade pré-mudança me mantém desperta. Abro os olhos e encaro o teto. Pelo barulho lá fora, a tal Festa Mais Alta do Mundo está bombando!

Quer saber? Dane-se! Eu vou nessa merda de festa!



Em cinco minutos estou fora do quentinho do bangalô em um frio de rachar. Caminho com os pés afundando na neve e sou alvejada por um vento forte, que mesmo com quatro casacos, fica quase impossível de não congelar.

Caramba!

Quem espécie de doidos resolve dar uma festa ao ar livre nessas condições?

Claro!

A mesma que chama de paraíso os 50 graus negativos que fazem no cume. Com menos 20 essa vila deve ser como o Caribe para eles!

Penso em desistir, mas desisto de desistir.

Meu primeiro erro da noite.

A batida alta e explosiva da música, os gritos embriagados, os risos e a mistura dos mais variados idiomas são como um elixir. Uma promessa de que, no mínimo, a noite vai ser interessante. Andando sobre a neve fofa, vou em direção à pequena multidão. A única coisa que quebra a brancura total é a cor dos casacos dos montanhistas, aboletados em volta de grandes barris que cospem fogo.

Tento achar alguém da equipe, mas é quase impossível em meio ao formigueiro de gente.

Sabe aquele paraíso, acho que é dos árabes, onde o cara morre e tem

mil mulheres para ele? Então! Aqui é assim, só que invertido!

A proporção é de uns trinta homens por mulher. Uma profissão um tanto machista, mas é a realidade. *Sorte minha! Ou não!* Busco... Busco e nada. Começo a repensar que, talvez, não tenha sido uma boa ideia ter vindo à festa. Devem ter umas duzentas pessoas aqui. Resolvo tentar localizar o posto de distribuição gratuito de bebidas: o bar.

Assim que o encontro, fico na ponta dos pés para subir em um dos banquinhos ao redor do balcão. *Que troço alto!* E olha que não sou tão baixinha, tenho 1,68m. Estes bancos é que são fora do padrão. Faço um sinal. Um moreno, alto e sorridente, aparece do outro lado do balcão com um pano pendurado nos ombros.

Nossa, que bonito!

Tentazione^[20]!

— O que vai querer? Uísque ou uísque? — pergunta com ironia e em um sotaque carregado, o que o faz parecer imediatamente sexy. Pelos traços, acho que deve ser local. — Sorrio pela beleza do moço e pela minha falta de opção, então aceito a sugestão dele.

— Uísque.

— Quantos dedos?

O barman levanta as duas mãos. Em uma, ele mostra dois dedos; e na outra, três. Mesmo fazendo um tempo que não pratico o esporte, reconheço a cantada barata. Mais velha do que Matusalém. Ele percebe minha cara de “*sei-o-que-você-está-fazendo*” e mostra seus dentes brancos paquistaneses.

A pasta de dentes daqui deve ser boa, viu!

— Três dedos, por favor. — Tento parecer indiferente.

— Opa! Temos alguém a fim de meter o pé na jaca!

Sorrio, porque é verdade. Aceito o drink âmbar e puro.

Colocar gelo em um frio desses, para quê?

— Subida difícil? — puxa papo enquanto serve alguns homens ao lado.

— Não, quem me dera. — Suspiro. — Fiquei no 6.700 plantada igual a uma idiota, porque o babac... — contendo-me. — O líder da minha equipe achou que era mais produtivo me manter sem fazer nada, do que me deixar realizar o sonho de uma vida.

Franzo o nariz, ele sorri e levanta a sobrancelha.

— Hum... Qual é a sua função? — indaga enquanto passa o pano no balcão.

— Meteorologista.

— Uau! Avalanches! Isso é importante! — Sorrio porque, aqui em cima, minha função é uma das mais fundamentais. — Qual equipe?

— *Mountain.*

— Eita! O babaca em questão é o Dark? Foi ele quem te proibiu de subir? — Escrutina-me, curioso. — Já subiu antes?

Dizer babaca, lhe rende minha simpatia imediata.

— O próprio e sim, já escalei. K2 ainda não, mas o Everest, três vezes. Nível A.

Seus olhos negros crescem.

— Porra! O cara deveria ter lhe dado uma chance! — Sorri sincero.

A simpatia pelo moço se transforma em sei lá o quê? Mas é coisa boa para ele.

Ôh-ôh! Saia já daí, Juliet!

— Pois é... deveria. — Viro a bebida de uma só vez e ele me serve outra. — Melhor ir andando. Tenho que achar meu pessoal, nos vemos por aí. — Pulo do banquinho, quase derrubo minha nova dose.

O rapaz abre um sorriso que quase me faz ficar.

Resisto.

Saio e volto a circular tentando encontrar Francesco. No mínimo, ele já deve estar em algum canto, esfregando-se em alguém. Não o recrimino, faria o mesmo.

Lembra que falei que era quase impossível achar alguém da equipe no meio da multidão? Então...

Esbarro justamente em quem estou tentando evitar há dias. O *Senhor-você-não-vai-ao-cume* e sua barba de um mês. Também, é meio difícil não o localizar. O cara é quase um poste!

Não consigo deixar de rir com o pensamento ridículo que passa pela minha cabeça. Deve ser por isso que ele sempre se safa das avalanches, haja neve para soterrar todo esse corpo! *Perdão, Dio! Sei que é pecado pensar assim!* Não desejo isso para ninguém, nem mesmo para ele... Apesar dele ter destruído meu sonho.

Por um segundo, nossos olhares se cruzam e meu sangue sobe. Desvio. Finjo que não o vi. Olho para os lados procurando uma rota de fuga.

Espio e o idiota conversa com Pamela Luppo, médica da nossa equipe. Meu nariz enrugado quando ela ri alto e, claramente alcoolizada, o abraça. *Que absurdo!* Bêbada e de agarramento com o chefe na frente de todo mundo! Incomodada com a pouca vergonha da ruiva, olho em volta. As pessoas parecem nem notar os dois, só eu. Talvez, porque eu seja a única mulher na humilhante proporção de trinta para um, que não arranhou ninguém para se esfregar também.

Não resisto e dou mais uma espiada.

Dio! Ele está olhando para mim!

Desvio, depois o encaro. Acho graça, o cara deve ser péssimo de cama. Mesmo cambaleante, Pamela está dando seu melhor na arte de rebolar e ele ali, na posição poste! Não consigo evitar um risinho debochado. Os olhos dele encolhem mortais.

Eita! Melhor sair daqui!

Parto em disparada e no meio da fuga, finalmente encontro os rostos conhecidos de Cristina Fusco e Pietro Malfati, a geóloga da equipe e seu assistente. Sorrio para a espanhola baixinha e inteligente, de cabelos pretos na altura do ombro e uma franjinha que a faz parecer ter uns 15 anos. Depois aceno para o italianinho de 21 anos, tímido, de cabelos loiros e olhos verdes escondidos por uns óculos de armação grossa.

Bem bonitinho!

Vou até eles e ficamos em um bate-papo animado.

Comento que será engraçado dividirmos o mesmo teto e falamos sobre a região. A ideia de ir morar na Toscana começa a parecer divertida... Vinhedos, sol, tempo livre e festas. Tirando Dark e Pamela, até que me dei bem com todos. *Sim, acho que posso ser feliz por lá!* A conversa muda e meus novos amigos contam o óbvio: Francesco encontrou um casal liberal sueco e sumiu com eles.

— E você, Juliet? Deveria descolar um gato e arrastá-lo para o quarto. Vamos embora mesmo e, hoje, ninguém é de ninguém! — Cristina diz e apalpa sutilmente o traseiro de Pietro, que quase engasga com a bebida. — Uma transa sem compromisso não mata ninguém.

Assisto outro apertão, outro engasgo, mas desta vez, há uma troca de olhares.

Que maravilha!

Começo a me sentir como se estivesse no acampamento de verão, quando tinha 13 anos. Meu dentista me obrigou a usar aqueles elásticos que ficam para fora do aparelho. *Sabem quais são?* Então, passei o verão inteiro vendo minhas amigas beijarem. Fui a única que voltou para Roma boca virgem.

Humilhante!

Sorriso.

— Quem sabe... — Beberico o uísque olhando ao redor. — A noite está só começando. Quem sabe cruze com alguém interessante e descole uma transa — brinco como se praticasse sexo sem compromisso todos os dias.

Os dois sorriem, aliviados, como se a minha declaração os liberasse para fazer o mesmo.

Nem morta pretendo confessar que transas sem compromisso, aliás, quaisquer tipos de transas, não fazem parte da minha vida faz um bom tempo. Cresci com meu pai contando histórias para o meu irmão mais velho, Joseppe, sobre como as mulheres rodavam e eram descartadas nas mãos dos alpinistas.

Gosto de me valorizar e alpinistas são perigosos, então adotei o velho ditado: “onde se ganha o pão, não se come a carne”. Como há três anos, a maioria dos homens com quem convivo são alpinistas e o restante achei desinteressante, estou aqui: na seca.

— Juliet! — Cristina grita e bate em sua cabeça. — Quase me esqueci! Peguei o chefe elogiando o seu trabalho para o líder da equipe inglesa. Aquele de barba ruiva, o grandão, Oliver Twist! Dark falou que sem as suas previsões, que indicaram que a tempestade chegaria em cinco horas, ele teria passado por dificuldades. Talvez até desistisse no meio do caminho e

que só teve tempo para traçar uma rota mais segura, graças a você.

Faço cara de que “*não-fiz-mais-do-que-minha-obrigação*” embora, por dentro, esteja gritando de satisfação. Dark não é dado a elogios.

— Mandou bem de novo, Juliet! — Pietro ajeita os óculos.

Noto que ele parece um pouco desconfortável e, sem querer, sou atraída por um movimento estranho na virilha do loirinho.

La Madonna!

Cristina vai se divertir esta noite!

Quem diria? Pietro!

Eu mesma começo a sentir certo desconforto. Preciso fazer xixi.

Avalio minhas opções... Voltar ao bangalô é o mesmo que ir dormir. *Não!* Ainda tenho esperança de encontrar Francesco e terminar a noite rindo.

O jeito vai ser encarar algum banheiro químico. Deixo os pombinhos e parto em busca de alívio. No caminho, vou ouvindo uma cantada ou outra, o que levanta o meu ego. Depois, lembro-me de que vi uma cabine verde nos fundos da tenda utilizada como depósito. *Maravilha!* Ninguém deve estar lá e poderei tirar os quilos de roupa sem ser incomodada.

O depósito está escuro, vazio, e é enorme, mas o tenho de memória.. Estou tão apertada que nem me preocupo em acender as luzes. Círculo, às pressas, entre os longos corredores recheados com prateleiras altas e contendo todo o tipo de coisa que as equipes possam precisar. Chego ao banheiro com facilidade. Entro correndo na velocidade da minha urgência.

Ai, que alívio! Delizie^[21]!

Na volta, tudo continua escuro e vazio. Aliviada, sigo tranquila em direção à saída enquanto penso se devo tomar mais uma dose ou ir dormir.

Prateleiras e mais prateleiras...

Ouçõ um gemido, busco ao redor e nada. O som veio da seção da farmácia. Depois escuto outro gemido abafado, seguido de um barulho alto de algo caindo no chão. Congelo por um instante, penso em sair correndo, mas os gemidos abafados aumentam e parecem um choro. Alguém deve estar sofrendo.

Lógico! A farmácia!

Encorajada pelo melhor sentimento de ” *eu-sei-os-primeiros-socorros*”! Entro no corredor.

Meu segundo erro da noite.

À medida que o som dos gemidos aumenta, meu coração acelera. Pego a lanterna de emergência que carrego no bolso. A luz dela é fraca, mas é melhor do que nada. Avisto em uma prateleira uma caixa indicando: *TESOURAS*. Pego uma.

Sou inconsequente, mas não sou burra!

Também fiz autodefesa! Em meio a tantos homens, nunca se sabe!

Empunho minha arma e viro na última fileira de estantes, de onde vem o barulho.

Aprendi que a melhor defesa é o ataque. Então desligo a lanterna e sigo bem devagar, sem fazer ruído algum. Quando sinto que estou perto o bastante, mantenho a calma e levanto a tesoura. A seguir, tudo acontece muito rápido... Volto a ligar a luz fraca da lanterna e aponto para o fim do corredor, no melhor estilo: *Te peguei!*

Meu terceiro erro da noite.

Dio del cielo^[22]!

Congelo, paraliso, tremo com a lanterna em uma mão e a tesoura na outra. Meus olhos estão fixos... Na... Na... Na *bunda-mais-bonita-que-eu já-*

vi-na-minha-vida.

Só para constar, não que eu já tenha visto muitas bundas, mas meu senso estético sempre foi muito apurado!

Abro e fecho os olhos para conferir se não é miragem ou o uísque pregando uma peça.

Dio, não... A coisa é real.

É uma bunda do tipo bem masculina, musculosa... E com vida própria. Indo e vindo, alheia à minha presença e à luz que miro nela. Como uma pintura, está emoldurada entre as calças abaixadas do sujeito e a barra de sua jaqueta de neve. Como as roupas dele são pretas, até a cueca, o traseiro ganha destaque.

Sim, estou reparando em tudo!

Sempre tive uma visão periférica muita boa e um raciocínio rápido. Em segundos, memorizo cada contorno da delícia impetuosa.

De repente, “A Bunda”, sim, porque essa aí merece ter nome próprio, intensifica seus movimentos e os gemidos viram gritos e... Duas pernas surgem do nada, ao lado da cintura do homem. Ele as agarra e as abre, mas abre mesmo. *Escancara!* Um grito agudo me assusta, dou dois passos para trás, perco o equilíbrio, bato na prateleira derrubando quase tudo sobre mim.

— *Figlio di puttana!* — Uma voz masculina, forte e de um tom único, dispara a xingar em italiano, francês... Palavrões em diversas nacionalidades começam a explodir.

Um poliglota!

Fico de joelhos e tato o chão para encontrar a lanterna. Estou cheia de coisas presas a mim. O homem sabe e continua a gritar. Sua voz é bonita, grave, e está meio distorcida de tão alta, mas é familiar.

Desespero-me e consigo achar e *religar* a lanterna. *Dio!* Minhas mãos tremem, a respiração ofega e meu rosto queima. Fico vermelha de tudo. Não pode ser que acabei de pegar... *Jesus Cristo!*... Ele trepando.

Não! Não, por Cristo! Não!

Alessandro Salvatore Bolgheri... Trepando, fodendo, comendo... Qualquer coisa, menos fazendo amor. Aquilo que vi foi... *forte!* Retiro o que disse lá atrás, do jeito que se mexeu deve ser um animal na cama.

Caramba, tô lascada!

Fico agitada.

Tento me levantar, mas estou de quatro e com uma rede de proteção caída sobre mim. Insisto, mas minhas pernas simplesmente não obedecem. *Cazzo!* Só quero dar o fora e sair correndo para Marte. Quero dizer algo, qualquer coisa... um “*foi mal*”, mas a vergonha me impede. Perco o controle. Sei que meus olhos estão arregalados, tento fechá-los, mas eles não me obedecem e minha boca está aberta, certeza. Fico pateticamente quieta diante de Dark e da...

Pera aí, essa é morena, não ruiva! Não é a Pamela! Dio, quantas ele já...

As palavras do meu pai brotam na minha cabeça: “*esses caras usam as mulheres e jogam fora*”.

Libertino das alturas! Explorador de vaginas de uma figa!

A raiva sobe. Feito louca, tento desenroscar-me da rede enquanto olho feio para Dark, já vestido, e a morena ainda seminua. Ela pragueja algo em russo. Olho impressionada para a mulher, que me devolve desprezo.

Tomara que congele!

— *Cazzo! Valeu, Dio! Justo ela?* — Dark pragueja, aproxima-se e

estende a mão para mim.

Sacudo a cabeça em um não exagerado. Minha cara deve estar péssima, pois ele recua.

— O que veio fazer aqui? — ele pergunta examinando meu corpo emaranhado ao caos da rede e dos objetos.

Minha sobrancelha sobe. Que estranho... A voz dele mudou da água para o vinho. Está mortalmente calma, podia jurar que me xingaria, mas não. *Porcaria, me ferrei...* Os olhos dele fixam nos meus e sua expressão é de desgosto. *Droga!* Está igual a do meu pai quando o peguei transando com a minha mãe. Aquela cara que te diz que não poderia ter visto nada!

Eu sei, eu sei!

Não deveria ter visto mesmo e foi horrível, posso garantir! Me mate logo, homem!

Anda! Descarte a testemunha!

— Só fui... ao banheiro — sussurro a mesma resposta que dei há quinze anos. Acho que até com a mesma voz. Porque ela sai mais fina e baixa do que o normal.

De repente, volto no tempo... Eu... Pequena e desmascarada diante de um homem enorme, furioso, constrangido, querendo me estrangular, mas sem poder.

— Desculpa pelo *figlio di puttana*, senhorita. Não sabia que era você.

Não respondo por medo de que a minha voz saia infantil de novo.

Os olhos verdes de Dark ficam ainda mais escuros e com destreza, ele me livra de tudo que me impede de levantar.

Dou um pulo e encaro a mulher furiosa. A morena russa já está

vestida. Apesar de não entender seu idioma, sei que as palavras que dispara na minha direção, não são elogios. Faço uma mímica de “eu sinto muito *MESMO*”, viro-me e deixo os dois se resolvendo.

— Juliet, espera! Eu quero...

Cazzo! Será que ele quer me demitir? Finjo que não ouvi. Saio dali. Preciso beber.

Meu quarto erro da noite.



Maledetta mal di testa!^[23]

Sabe quando você acorda e não tem coragem de abrir os olhos? Não só por causa da ressaca infernal. *Não! Pior!* Por causa daquela sensação de que fez alguma coisa e não lembra?

Antes que comecem a pensar, não sou uma bêbada! A altitude potencializa o efeito da bebida. Tudo bem, claro que eu sabia disto e mesmo assim bebi.

Entretanto, não sou do tipo de moça que sai por aí enchendo a cara e esquecendo-se de tudo. Tive uma educação rígida. Família tradicional italiana.

Sei me comportar.

Dar PT^[24], na verdade, só aconteceu duas vezes na minha vida. A primeira foi aos dezesseis anos quando peguei Perlo Castratori aos beijos atrás do ginásio da escola. Naquela hora, meu mundo caiu e a inocência do primeiro amor acabou. A fé inabalável que tinha na humanidade foi para o brejo e tudo o que pude fazer foi correr para a minha casa.

Queria morrer!

Não valia mais a pena ficar em um mundo onde o meu Perlo, o líder de time de futebol, amava mais seu centroavante do que eu.

Então bebi todo o licor de menta do meu pai, como se não houvesse amanhã... E o amanhã não veio mesmo. Fiquei internada em coma alcoólico por dois dias.

O segundo PT é esse, agora, oito anos depois.

Sem ter mais como evitar, esfrego meus olhos e abro.

Está claro, mas não ao ponto de incomodar. Sem as janelas, uma luz suave entra pela fresta da porta do bangalô. Empurro o cobertor para o lado, como faço todas as manhãs, e *ELE* praticamente pula como um gato da cama.

— Oh! *Mio Dio Santo!*

Assusto, grito e pulo junto da cama. Ele abre um enorme sorriso assim que seus olhos encontram os meus. Olhos profundos e brilhantes, de um preto intenso. O choque por vê-lo é tão grande, que paralisa a parte do meu cérebro, controladora da fala.

— Olá, Juliet, parece que acordou muito melhor hoje.

Acordei?

Opa! Pera lá...

Levo em consideração que estou me sentindo um trapo e passando mal como no episódio do licor de menta... O que é praticamente o mesmo que estar em coma. Se ele acha que meu estado está muito melhor que ontem, estou lascada. No mínimo morri e usaram um desfibrilador em mim. Até que faz sentido já que, aparentemente, não transamos. Estou vestida e ele também. O coitado deve ter ficado a noite toda velando meu corpo moribundo.

— Juliet, tudo bem?

A voz grave me traz de volta.

— Hã? Bem? Eu não diria isso, estou me sentindo péssima.

Fico sem graça, porque não me lembro de nada, incluindo o nome dele.

— Kadeen, meu nome é Kadeen Labeeb.

O homem soluciona o enigma, sorri para mim e penso se é um telepata. Quando se senta na cama e começa a calçar os sapatos, lanço um olhar de gratidão.

Nossa! Não me lembraria desse nome nem sóbria.

— A sonoridade do seu nome é linda — elogio, porém não ousou tentar repetir, mas tento ser simpática, afinal esse é o único homem que dormiu comigo em três anos. — Ouvi dizer que todo o nome, aqui no Paquistão, tem um significado especial, certo?

— Certíssimo. Kadeen Labeeb significa amigo fiel.

Por um minuto o imagino como um anjo que veio para me ajudar, mas desisto. Esse *Kadeb* é muito gostoso para não ter sexo.

— Um nome bastante apropriado para a situação. — Continuo tentando ser simpática. — Pelo visto, acho que te dei algum trabalho.

— Não muito. — Ele levanta os ombros indo até o banheiro.

Quando uma pessoa fala que você não deu muito trabalho. *Acredite!* Você deu e muito. *Cazzo!* Vou atrás dele, preciso saber.

— Esse não deu muito trabalho incluiria algo que me obrigasse a mudar para o México? Ou me matar? — pergunto na lata.

Ele solta uma gargalhada e fico sem saber se é bom ou ruim. Franzo a testa, tentando analisar a reação dele.

— Claro que não! — Liga a torneira e joga um punhado de água no rosto. — Ontem o acampamento inteiro estava bêbado. Acho que os únicos sóbrios eram eu e Dark — brinca.

Ouvir o apelido do Alessandro gira meu interruptor mental... *Plaft!* De repente: o bar... A Bunda... E o vazio voltam com tudo.

Tampo os olhos tentando afastar as imagens da minha mente. Não

acredito que vi aquela cena ontem. A princípio solto um gemido, que não sei se é de agonia ou de admiração, mas que depois vira de agonia mesmo.

Ah, não! E o meu emprego?

Gemo mais e *Lakabe... Laked... Ladeeh...* Seja lá qual o nome dele me abraça.

— Conheço uma coisa, que é tiro e queda para essa angústia — sussurra e começa a passar as mãos em meus cabelos cantando uma música estranha, como um cântico.

Esmagada pelo paquistânês enorme, olho em volta tentando avaliar a situação. Acho muito estranho. Estranho mesmo! Não o fato de estar sendo abraçada. Na minha família abraçamos para tudo. Ser tocada nunca foi problema para mim. Estranha é a música, mas seja lá o que for, o resultado é positivo; aos poucos, consigo retomar o equilíbrio.

— Lembro que fui ao bar, mas depois de lá é branco total — confesso. — O que aconteceu? Pode ser duro comigo, não me esconda nada. Sou do tipo de pessoa que tem uma imaginação muito fértil. Prefiro a pior verdade aos horrores que meu subconsciente possa criar.

Ele sorri, balança a cabeça e arqueia a sobrancelha.

— Me dê só cinco minutos, preciso terminar de passar uma água na cara.

Assinto e me afasto. Observo-o tentar domar os cabelos e só então noto que são lindos, pretos e caem atrás do pescoço. Nossa, como brilham! Minha mão coça para tocá-los, mas seria como profanar minha nova amizade, então me contenho.

Sacudo a cabeça, para afastar os pensamentos fora de hora. Saio do banheiro, vou até a cama bagunçada e me sento. Tenho assuntos mais importantes do que paquerar *Laked*. Preciso descobrir o que aconteceu, antes

de me encontrar com Dark novamente.

Dio! E se o cretino mandar um bilhete me demitindo?

Sim, tem coisas piores do que acordar em um quarto no fim do mundo, com um estranho. Uma delas é pegar o líder da expedição com A Bunda de fora e não saber se ainda tenho emprego.

Meu chefe é uma incógnita. Tirando uma ou outra reunião, nós nunca passamos do “bom dia” e “boa tarde”. Educado, não posso negar, mas sempre sério e de cara fechada.

Dark só me procurou para discutirmos pontos dos relatórios climáticos. Ocasões nas quais falou o estritamente necessário e depois me dispensou. No começo, encafifei que a antipatia dele era só comigo, mas aos poucos percebi que era fechadão com todo mundo. Segundo me contaram, ele mudou muito depois que dois de seus melhores amigos morreram em uma avalanche aqui mesmo no K2.

A coisa foi tão pesada que Dark ficou longe por cinco anos e só retornou agora. Por um momento, quase criei um tipo de solidariedade e empatia por ele. Sou boa nessa coisa de superação, mas depois que o cretino me tirou da escalada, desenvolvi um tipo de repulsa involuntária.

Ok. Eu, mais do que ninguém, sei que traumas mortais podem destruir um indivíduo. Tudo bem, mas antes que me crucifiquem, entendam a moral de uma história que vem a seguir. Pode parecer tolice, mas garanto que ela me preparou para encarar as pauleiras da vida.

Lá vai...

Quando Perlo morreu para mim, além da ressaca, entrei em depressão. Sofri três dias, como uma condenada. Não queria comer. Minha mãe fez de tudo: pizza, macarronada e até pavê. Nada funcionou e ela pensou que eu fosse morrer. Na Itália, onde se come tudo, recusar comida por três

dias é praticamente um suicídio.

Preocupada comigo, minha mãe disse algo que não me esqueço até hoje. Existem dois tipos de luto: aquele que nos faz enxergar que estar vivo é um presente. Um processo onde a pessoa abre o coração para o mundo, dá valor às coisas e vive cada dia como se fosse o último. E outro, o luto destrutivo no qual a pessoa se culpa, se fecha e vive em seu próprio mundo, incapaz de se conectar com os outros.

Já entenderam onde eu quero chegar, né?

Faço parte do grupo dos abertos e Dark, dos fechados. Uma amizade entre nós é inviável.

— Bom... Onde estávamos? — *Ladeeh* sai do banheiro e senta ao meu lado na cama.

— Na parte em que vai me contar sobre ontem à noite — respondo ansiosa.

— Basicamente... — ele faz uma pausa dramática — você voltou ao bar com cara de quem viu um fantasma.

E vi mesmo! A imagem de Dark se esfregando na russa foi de outro mundo!

Não digo nada e ele continua:

— Ficou um tempão pensativa antes de pedir uma dose tripla de uísque. Puxei papo e conversamos sobre as nossas famílias, faculdade e ex-namorados. Falando nisso, não acredito que está há três anos sem transar. Como consegue?

Balanço a mão em um gesto de deixar para lá.

Não acredito que confessei isso!

No mínimo, ele deve estar achando que tenho algum problema de

bafo! Meio humilhada, peço que continue.

— Depois disso, falamos sobre a sua mudança para a Toscana e combinamos de nos encontrarmos no verão... coisas triviais. Na quarta e última dose que te servi, você já estava pra lá de Bagdá. Como meu turno tinha acabado, decidi te acompanhar. No meio do caminho, Dark apareceu dizendo que eu não precisava me preocupar. Que ele era o responsável pelo bem-estar dos membros da equipe dele... Blá-blá-blá...

Cazzo!

O desespero toma conta de mim e perco a conta de quantas vezes forço o *Kaheb* a repetir, nos mínimos detalhes, cada pedaço do diálogo que tivemos com Dark.

Em determinado momento, tenho até um pouco de pena do meu novo amigo, mas preciso saber... De. Tudo. Ciente de que é impossível driblar minha insistência, ele reconta os detalhes balançando a cabeça como se agradasse a uma criança teimosa. Confirma que nós estávamos a uns vinte passos da minha porta quando Dark apareceu atrás de nós e, lembrando, narrou-me tudo:

— *E aí, Kadeen, tudo bem?*

— *Ah... Oi, Dark, que festão, hein? Aproveitou?*

— *Nada de extraordinário.*

— *Ooooh... chefe... mentir é feio. Você aproveitou e muito. Diz aí pra ele.*

— *Srta. Damaggio, você está pálida, precisa de um médico? Está bem?*

— *Médico, de jeito nenhum! Claro que estou bem, estou ótima,*

aliás!

— *Não é o que vejo, Srta. Damaggio.*

— *Ahhh, eu também vejo uma série de coisas... Uma delas é que você sempre me vem com essa chatice de Srta. Damaggio pra cá e Srta. Damaggio pra lá. Por acaso acha o meu nome repulsivo? Ju-li-et, Ju-li-et. Confessa, acha feio? Fique sabendo que eu gosto de A-les-san-dro! Frances-co! Gosto também.*

— *Não acho Juliet feio. Tem certeza de que não quer um médico? Vai acordar péssima. Venha comigo, vou pegar um remédio para você.*

— *Não!*

— *Juliet. Talvez seja melhor ir com Dark.*

— *Não!*

— *Dark, é melhor eu levá-la.*

— *Sim!*

— *Não! Kadeen. Ela vem comigo.*

— *Não vou!*

— *Vai!*

— *Se prefere assim... Ela é toda sua, Dark.*

— *Não sou!*

— *Quantas você bebeu? A altitude, Juliet! Cuidado! Segure-se em mim. Venha.*

— *Não, segurar não. Eu me demito!*

— *O quê? Por quê? Fora de cogitação! Está bêbada para tomar uma decisão tão séria. Se quer ir com ele, vá. Amanhã conversaremos. E você, Kadeen, assim que deixá-la, passe no meu alojamento, ok?*

— *Alô, alô, eu me demito!*

— *Perfeito. Passo lá, Dark.*

— *Ok.*

— *Eu me demito!*

— *Já ouvi, Juliet... Amanhã. Te espero lá, Kadeen.*

— *Ok, Dark.*

— *Eu disse que me demito!*

— *Tá... Tá... Eu já ouvi. Até amanhã, Srta. Damaggio. Melhor... Até amanhã, Juliet.*

— Satisfeita? Viu como não foi nada de mais.

Ooooh, meu amigo paquistanês!

Como não foi nada? Pedi demissão do emprego dos meus sonhos 5.478 vezes. Suspiro alto e olho com minha melhor cara de ” você-está-de-brincadeira-comigo, né?”.

— Nada de mais? Pedi demissão! O que vou fazer agora? — Diante da realidade que se joga na minha cara, levanto-me, começo a recolher as poucas coisas que havia tirado da mochila e me preparo para o pior.

Definitivamente, preciso de um banho e de um emprego novo.

Imitando meus passos, Kadeen se levanta e vai até a cadeira próxima à porta do banheiro. Pega a pesada jaqueta de neve e veste. Tira do bolso um par de luvas grossas e um gorro, e faz o mesmo. Em seguida, apoiado no batente da porta, olha-me bem sério.

— Pediu, mas ele não aceitou, Juliet. Você deve ser realmente uma ótima profissional. Porque na hora que falou em demissão, Dark cedeu. E você, mais do que eu, sabe que o cara é mais teimoso do que uma mula.

Nunca desiste! Agora venha, abra a porta para mim. Quero poder voltar à sua vida um dia — diz e logo dirige-se à porta do minúsculo chalé.

Resiliente e sem argumentos, vou atrás dele e abro a porta. *Uauuu!* Um vento frio penetra em meus ossos, mas é o nervosismo que me faz tremer.

A vila parece um acampamento de guerra funcionando a plenos pulmões. Jipes circulam e deixam marcas profundas na neve. Todos têm correntes envolvendo os pneus. Um barulho infernal. Uma fileira de enormes helicópteros já está à espera e outros cinco sobrevoam a aldeia.

Um caos, montanhistas e equipes de apoio carregam mochilas e bagagens. Caixas enormes e pesadas são jogadas às pressas nas aeronaves. Se alguém já assistiu ao filme *Independence Day* pode imaginar a loucura que é isso aqui... E se lembra do *O Iluminado* vai saber exatamente qual o tipo de olhar assassino que Dark lança para mim assim que me vê e vem em nossa direção.

Dio! Oggi non lascia qui viva!^[25]

Sofro pela morte iminente e pelo detalhe que caminha ao lado do meu chefe raivoso: a também emburrada Pamela. Se posso tirar alguma coisa positiva nisto tudo é o fato da minha ressaca sumir.

Sabia que eu estava lascada!

Pela expressão dura que Dark ostenta no rosto, presumo que simpatia não é o sentimento dele por mim no momento. Seus olhos verde-escuros parecem dois lança-chamas. A barba de um mês foi embora e em seu lugar só há uma moldura de pelos aparados com precisão. Pela primeira vez, em meses, lembro-me do contorno de seu rosto... Extremamente bonito. Um queixo quadrado contraído de raiva e uma boca carnuda espremida em uma linha mortal.

Lindíssimo!

— Que ótimo, vejo que se recuperou, Srta. Damaggio — Dark diz em um tom que beira ao sarcasmo e sua voz rouca e aveludada está mais fria do que a neve. — Que bom que seguiu minhas ordens, Kadeen.

— Dark... foi mal, cara, disse que passaria no alojamento, mas não deu.

— Percebi. Sem problemas.

O clima pesa entre eles.

— Realmente sinto muito. — Kadeen insiste com Dark e vira para mim. — Juliet, deixei um cartão com meus contatos em cima do seu travesseiro. Se cuida e me espera. Se conseguir, vou te visitar na Toscana. Realmente preciso ir.

Esperto, Kadeen trata de escapar da fúria glacial de Dark. Despede-se dele e de Pam, em seguida, me dá um breve abraço e beija minha bochecha, que está fervendo. Sai apressado e me larga à própria sorte.

— Juliet, eu lhe trouxe alguns comprimidos. — Pamela estende um pequeno copo descartável. — Tome-os, a viagem de helicóptero vai ser turbulenta. Dark pediu para examiná-la, mas acho que não será necessário. Basta tomá-los e não teremos problemas com vômitos.

Coro ainda mais. Uma minibronca de Pam era só o que me faltava.

— Obrigada, Pamela. Dark, acho que precisamos conversar. — Entro logo no assunto, pois a coisa da demissão está entalada na minha garganta.

— Não temos tempo para conversas agora, Srta. Damaggio. Tá muito frio, não deveria ter saído do chalé sem suas roupas de proteção... A equipe já partiu, só restamos nós e Francesco, que parece não ter tido uma noite tão boa quanto a sua. A senhorita tem vinte minutos para nos encontrar

no helicóptero, sem atrasos.

— Dark... — tento mais uma vez, mas sou interrompida secamente.

— Depois.

Quando Dark dá meia-volta, não me deixando falar, é claro... Dou de cara com ela... *A Bunda*.

Não consigo evitar e olho para ela com a mais legítima admiração. Depois de ontem, mesmo que eu fosse cega, voltaria a enxergar. É claro que já tinha reparado que debaixo das calças pesadas de montanhismo, havia algo diferenciado. Mas uma coisa é imaginar, outra é constatar. Sacudo a cabeça para afastar aquela imagem. Passo a língua para molhar meus lábios, que estão ressecados, e tento me concentrar no que tenho que fazer: ficar pronta.



Em menos de vinte minutos...

Estou espremida entre um Dark recém-saído do banho e um Francesco que parece realmente ter sido atropelado por um trem. Espio de canto de olho e o *poveretta*^[26] sua frio, geme com os olhos cerrados e suas mãos apertam a barriga. Desejo, do fundo da alma, que ele também tenha tomado os comprimidos milagrosos de Pamela. Estou ótima... Quer dizer, mais ou menos ótima! Fisicamente estou livre da humilhação de vomitar em alguém, mas emocionalmente estou uma confusão.

Nunca fiquei tão perto de Dark e saber que o traseiro dele está tão próximo ao meu é desconcertante. Posso sentir as vibrações raivosas emanando do meu lado, o que faz meu coração bater forte e meu corpo vibrar na mesma sintonia. Agoniada, espero que ele entre no assunto demissão.

Para piorar, toda vez que respiro o ar gelado para aliviar a sensação de calor que incendeia o meu corpo... Um cheiro novo invade meus sentidos.

Hmmm!

Acredito que, em nossas poucas reuniões, Dark não estivesse usando perfume. Falo isso, porque esse cheiro amadeirado que ele emana agora é do tipo que marca, que fica na memória perturbando a gente. Não que eu já tenha sentido algo parecido ou ficado marcada por algum perfume, mas essa é a única descrição que me vem à cabeça.

Começo a fechar o cinto de segurança de seis pontas. Só vi um desses no voo de ida, então é óbvio que me enrolo toda novamente. Discretamente tento imitar os movimentos de Pamela que está sentada à frente. *Droga!* Essa mulher tem habilidades motoras impressionantes. Enquanto luto contra o terceiro fecho, ouço o estalo da trava final do cinto de Pam. *Será possível?* Espio a tempo de vê-la baixar o gorro para tampar os olhos e se preparar para dormir.

Fico impaciente.

Um par de mãos, ainda mais impacientes que eu, pega as minhas. *Plaft...* Um choque. Outra tentativa. *Plaft...* Jogo meu corpo para a direção contrária.

— *Dio mio!* Você dá choque! — grito surpresa, porque foi um choque de verdade. Um não, dois! Do tipo que pinica a pele e faz barulho, igual quando encostamos dois fios desencapados.

— Eletrostática. — A voz de Dark soa divertida.

Ué?

Minha sobrancelha arqueia de surpresa. Esse tom dele é novo para mim. Giro a cabeça para encará-lo e noto que seus olhos estão mais claros, e por um segundo, imagino ver um rastro de um sorriso. Não, impossível, ele

nunca sorri. Sei disso porque se ele tivesse sorrído para mim, uma única vez, eu lembraria. Aprecio sorrisos e costumo me lembrar dos mais bonitos.

Ele tira o gorro e esfrega as mãos nos cabelos castanho-claros. Reparo que os fios estão mais curtos e gosto do jeito que ficam despenteados.

Onde ficava o salão de beleza que esse homem foi? Dark ficou ótimo! Deliziosa tentazione! Cazzo!

Ele olha para mim e levanta as mãos sinalizando que não haverá mais choques. Em seguida, inclina-se em minha direção.

— Que tal eu dar um jeito nesse cinto por você? — propõe em outro tom de voz desconhecido. Agora, suave e amigável.

Surpresa com a mudança de atitude, não reajo quando pega minhas mãos para tirá-las do caminho. E dessa vez... Nada de choques. Só uma sensação agradável da sua pele quente contra a minha, que está gelada.

— Os helicópteros são novos — explica preenchendo meu silêncio. — É normal não estar habituada com esses cintos. São usados na Fórmula 1 — diz e, pacientemente, vai me explicando o processo.

Tenho um minitranse ao ver que o hálito quente dele, em contato com o ar frio, se transforma em uma fumaça que cheira a menta.

Agradeço mentalmente por também ter escovado os dentes.

— Pronto.

— Obrigada. — Olho para as travas perfeitamente encaixadas. Depois respiro fundo. — Dark, nós precisamos conversar.

— Precisamos, mas não agora. Suas mãos estão frias. Onde estão suas luvas?

Hã?

— Sei lá onde deixei minhas luvas! Precisa que conversar comigo

sobre ontem!

— Não há nada a ser dito, Srta. Damaggio. Toma, fique com as minhas luvas.

— Como não há nada a ser dito? — insisto e ele sacode as luvas na minha direção. — Não quero as suas luvas! Por que insiste em não me chamar pelo nome?

— Vista as luvas, Juliet.

— Não. Preciso saber sobre o meu pedido de demissão.

— Não aceitei, isso é tudo.

— Mas e se eu quiser...

— Você tem certeza de que quer realmente insistir nisso? — Corta abrupto. — Vista a porra das luvas, Juliet!

— Não sei, preciso pensar... Depois de ontem...

— Finja que ontem não aconteceu.

— Não posso.

— Deveria.

— Não consigo.

Um suspiro profundo reverbera dentro do peito dele.

— Amanhã, Juliet, amanhã conversaremos. Agora não estou com cabeça. Minha noite foi uma merda, não dormi, o que me deixa muito irritado. Nenhuma decisão deve ser tomada nesse estado. Agora vista as malditas luvas!

— Não.

Dark agarra uma das minhas mãos e veste as luvas, tento puxar, mas ele segura firme enquanto lança um olhar de “*não-me-provoque*”. *Opa!* Não insisto. Terminado o serviço em mim, ele se ajeita no banco, coloca o gorro

até tampar os olhos, enfia as mãos nos bolsos e estica as pernas cruzando-as. Por fim, recosta a cabeça na almofada de proteção do banco e fica imóvel como uma estátua.

Acompanho a tudo incrédula.

Não acredito que esse homem vai me ignorar desse jeito!



Quanto tempo dura uma agonia?

A sua eu não sei, mas a minha durou exatamente uma hora e quarenta minutos de viagem de helicóptero até o aeroporto de Islamabad, capital do Paquistão. Aí se prolongou por mais vinte horas de um voo turbulento até Pisa, na Itália. No meio do caminho, *Dio* me concedeu o alívio de quinze minutos, em duas escalas para troca de aeronaves. Para por fim, acho que resolveu me punir mais um pouquinho, com cinquenta e oito minutos em um jipe de Pisa até Bolgheri. Minha futura residência.

Se odeio viajar?

Não! Adoro.

O trecho entre o acampamento e o aeroporto até que foi tranquilo. A não ser pelo fato de que não consegui me mexer. Passei o tempo inteiro imprensada como uma sardinha muda. De um lado Francesco, que não sabia se dormia ou gemia; e de outro, Dark, que eu não sabia se dormia ou fingia... só para me evitar. Digo isso porque homens roncam, correto? Está na natureza deles e o senhor Alessandro não emitiu nenhum som, só uma respiração forte.

Em dado momento até arrisquei a técnica de mexer para incomodar e nada. Nenhuma reclamação veio dele. Já Francesco, grunhiu e despencou a cabeça no meu ombro. Até Pamela, que dormia à nossa frente levantou o gorro para dar uma conferida quando, sem querer, deixei cair no chão

metálico a garrafa térmica com o café que Dark tinha trazido.

Ops! Que descuido. Acontece!



Última chamada. Senhores passageiros do voo 215 – Qatar Airways – Islamabad destino Pisa – Itália. Embarque pelo portão 7.



Levanto a cabeça a tempo de flagrar os olhos do Dark viajando pelo meu corpo. Ele está tão entretido que não percebe que percebi. Esqueço o que eu estava fazendo... Minha respiração falha e meu sangue sobe. *Que idiota!* O irritante está me dando uma conferida, é isso? Será que há algo estranho na minha aparência?

Desconfiada, faço um autoexame para checar se não há nada de errado comigo... Tudo beleza. Estou com as mesmas botas pesadas de montanhismo, calças de escalada e pernas cruzadas e apoiadas sobre a mochila. Meus casacos estão espalhados estrategicamente em duas cadeiras do saguão de embarque. Uma de cada lado, ao qual estou sentada, formando uma trincheira.

Aqui embaixo, na capital, a temperatura é bem diferente da montanha. Apesar do inverno de final de fevereiro, a temperatura marca 19 graus. Tivemos que nos livrar das roupas extras. Estou de regata branca e com os cabelos presos em um rabo de cavalo alto.

Nada fora do lugar! Então o que diabos ele está olhando?

Quando volto a olhar, Dark não está mais focado em mim.

Cazzo de homem!

Agora ele está mordendo a unha do dedo mindinho com os olhos fixos no painel dos voos. Mesmo cansado e com olheiras, seu rosto tem uma expressão tão intensa que faz dele um tipo estupidamente bonito. Aposto que, se o cretino se desse ao trabalho de sorrir de vez em quando, as mulheres iriam perder a cabeça.

Os casacos pesados que ele usava também foram despidos e está vestido quase igual a mim. No lugar da minha regata, uma camiseta preta que fica justa pelo tamanho de seu corpo. Tento não olhar, mas minha curiosidade vence.

Tirando *A Bunda*, é a primeira vez que o vejo com a pele tão exposta... Os braços de esportista gritam sob as mangas curtas e justas da camiseta. *Uau!* São fortes, muito fortes. Cheio de músculos usados para sobrevivência e não só para aparecer. Do tipo que suportam todo peso dele em manobras invertidas. Aquelas nas quais a inclinação da rocha é negativa e o alpinista fica pendurado, suspenso no ar. Definitivamente são músculos experientes, marcados e que ressaltam cada veia e tendão. Há uma enorme tatuagem no braço direito. *Mia Madre! Essa é novidade para mim!* Do ângulo em que estou, só dá para ver que o desenho ocupa quase o braço inteiro.

— *Dio! Juliet! Juliet! Ouviu o que eu te falei?* — Ouço o berro da minha *mamma*^[27] vindo do além.

Caramba! O celular!

Lembro que estava ao telefone antes de ter a atenção roubada pelo gigante bisbilhoteiro. Volto a me concentrar na ligação.

— Desculpa, *mamma*, chamaram o nosso voo e me distraí — digo a verdade.

Esqueço Dark. Levanto rápido e vou recolhendo minhas tralhas espalhadas. À medida que minhas mãos vão ficando lotadas, prendo o celular entre a orelha e o pescoço.

— *Peppe quer saber quando virá pra casa.*

— Não sei, *mamma*. Primeiro, preciso me instalar em Bolgheri. Ver como vai ser o esquema de trabalho. Vou pra Roma assim que der, prometo. Joseppe deu uma olhada no que eu pedi?

Começo a andar apressada seguindo o grupo da *Mountain*, que se dirige para o portão de embarque. No caminho tento prestar atenção na conversa e desviar das dezenas de turistas que vão e vem no barulhento aeroporto. Estou uma bagunça e pareço um cabide.

— *Teu irmão mandou avisá-la que está estudando o contrato e depois te liga. Filha...* — Faz uma pausa e suspira. — *Não gosto de você aí. Podia ter arrumado um emprego na universidade, mas não, já não basta tudo que sofri com seu pai e com...* — mais um suspiro e, pelo que conheço de minha mãe, seus olhos devem estar cheios d'água — *Julio...* — As palavras dela me incomodam, sem parar de andar, miro o chão e respiro fundo em busca de ânimo. — *Passarinha...*

— *Mamma!* — Resolvo que é melhor interrompê-la, porque não gosto de falar sobre este assunto. Sim, eu tenho uma história de superação, muito pior do que a morte de meu amor por Perlo. Entretanto, como disse, faço parte do grupo das pessoas que se abrem, lembra? Não passo o dia remoendo o passado. — Esse assunto de novo não! Não sei por que tanta preocupação? Já contei que o babaca do Dark quis subir sozinho...

Pah! Cazzo!

Uma batida inesperada faz com que todas as minhas coisas voem e se espalhem pelo chão. Acompanho a trajetória do meu celular e estico os

braços tentando resgatá-lo. O dito cujo cai e escorrega para baixo de uma das cadeiras fixas no piso do saguão. Tenho que ficar de quatro para poder entrar debaixo da fileira de cadeiras. Eu me espremo e estico o braço.

Finalmente! Ai! Minha cabeça!

— *Filha! Filha! Dio mio, Juliet!*

— Tudo bem, *mamma!* — Tento acalmá-la enquanto engatinho de ré para sair debaixo da cadeira. — Só derrubei o celular! *Mamma* preciso ir!

— *Está tudo bem? Me liga entre uma escala e outra!*

— Tá tudo bem, não foi nada. Prometo que ligo.

— *Ti amo, Passarinha!*

— *Ti amo, mamma! Ancora di piú!*^[28]

Desligo e sigo no meu caminho de quatro e de ré, até ser impedida por um obstáculo duro. Giro e levanto a cabeça.

Que poste é esse?

Por um segundo fecho os olhos e balanço a cabeça, não acreditando na minha situação. Estou com o meu traseiro grudado nas pernas de Dark. Sinto uma presença quente ao lado da minha cabeça. Abro os olhos e a mão enorme dele está oferecendo ajuda para me levantar. Aceito... Nada de choques, apenas calor e formigamento.

— O avião já vai decolar, venha.

Começo a levantar o tronco, mas paro no meio do caminho para limpar a poeira na camiseta. Quando subo de vez, a minha boca quase beija a virilha dele e o negócio enorme que habita nela.

Que humilhação!

De um pulo, ponho-me de pé... Estou vermelha, roxa... o arco-íris inteiro. Olho, mas Dark não fala nada. Sua boca tem um dos lados

levantados, em um meio sorriso. *Infelice!* Setenta e cinco dias sem sorrir, mas isto ele acha engraçado?

Vá pro raio que o parta!

Olho para os lados na esperança de que ninguém tenha visto a cena.

Praguejo.

Um grupo de meninas, e suas malas de viagem coloridas, nos observa cheio de risinhos maliciosos.

Respiro fundo.

— Não precisava ter me esperado — grunho de mau humor.

Vejo que Dark recolheu minhas coisas que caíram e tento resgatá-las das mãos dele. Ele balança a cabeça, sem muita paciência.

— Não estava esperando por você. Eu carrego a sua mochila. Chega de acidentes. Só olhe por onde anda e venha — diz e, sem me dar tempo para responder, vira e segue apressado para o portão de embarque.

Cerro os olhos e fuzilo o grupo de meninas bisbilhoteiras. Elas param de rir. *Ótimo!* Saio batendo minhas botas atrás de Dark.

Cadê o Francesco numa hora dessas? Será que o babaca ouviu quando o chamei de babaca?

Cazzo! La mia maledetta bocca!^[29]

Fico o mais longe possível do gigante furioso. Solto o ar quando ele vai falar com Cristina e Pietro. Para o meu alívio vejo Francesco cambalear na fila ao tentar entregar o cartão de embarque. Ele me vê e abre um meio sorriso. Seus cabelos estão bagunçados, as blusas de frio amarradas na cintura. A mochila pendurada em um dos ombros. A camiseta branca, suada. Não tão forte quanto Dark, mas um modelo a se admirar.

— *Bella mia!* Estou morrendo. — Ele tira os óculos escuros e seus

olhos estão vermelhos. — Tudo o que quero é entrar na porra do avião e dormir por dezoito horas seguidas.

— Depois preciso saber tudo o que andou aprontando, seu safado. Cris me contou sobre o casal sueco — digo baixinho enquanto dou uma tapinha em seu braço duro.

— *Bella*, me senti no meio dos *Jogos Vorazes*. — Sua gargalhada sai fraca e é seguida de um “*Aiiii*”, antes da mão pousar na cabeça. — Ressaca dos infernos!

Sinto alguém se aproximar. Pamela chega com um punhado de comprimidos e os entrega para Francesco. Em seguida, olha para mim e analisa minha regata. Por reflexo, faço o mesmo.

Será que ainda está suja?

Opa! Deveria ter posto um sutiã!

Apesar do tecido grosso da regata, o ar-condicionado da sala de embarque faz com que os bicos dos meus seios resolvam dar um alô. Sorrio sem graça para ela, que retribui. Cubro os peitos com meu casaco, apresso-me e pego meu lugar na fila de embarque.



— *Não! Juliooo*

— *Mio Dio! Segura firme!*

— *Não! Não! Não!*



Sinto um chacoalhão. Acordo sobressaltada. Assustada, demoro alguns segundos para perceber que estou em minha cabine na primeira classe

e a mão de Dark está em meu ombro.

— Shhh... calma, foi só um pesadelo. — A voz dele beira a compaixão.

Claro que foi um pesadelo, sonho erótico que não foi!

Uma onda de vergonha e raiva me assalta. Não preciso da pena dele!

Respiro e inspiro. Essa prática sempre funciona quando tenho pesadelos. Desconfiada, eu o encaro e sento na imensa poltrona totalmente reclinável e confortável. Ficamos calados. Seus cabelos estão bagunçados e o rosto sonolento. Só me falta ter atrapalhado o sono de beleza do “donzelo” e ter piorado ainda mais o seu humor.

Dark recua e se senta no braço de sua cadeira, na cabine do lado oposto à minha. Depois apoia os pés descalços no braço da minha cadeira.

Hum, belos.

Surpreendida, dou uma rápida espiadela. Pés bonitos... Deve dar um trabalhão achar um sapato que caiba. Nenhum dedo faltando.

Nossa! Perfeitos!

Deixo escapar um sorriso de admiração. Percebo que ele nota meu gesto e mesmo eu não olhando, posso sentir seus olhos fixos me queimando, então arrisco um contato visual. Ele inclina o corpo apoiando os cotovelos em seus joelhos. Os músculos dos seus braços saltam.

Droga!

Um esboço de sorriso aparece nos lábios dele. *Ôh-ôh! Será que chorei enquanto dormia?* Já falei que ele não sorri? Nunca! Por que deu para fazer isso hoje?

— Surpresa que sou inteiro? Posso garantir que ainda não foi dessa vez que a montanha ficou com algum souvenir meu.

— Ah. Que bom... Bonitos sim... Quer dizer inteiros.

Fico sem graça. Quem elogia os pés de alguém? Para você que não está entendendo a minha semitara por pés, eu explico.

Inspiro e expiro. Montanhistas do nível de Dark, que ficam dias recobertos de gelo, geralmente congelam. Literalmente! É mais comum do que se possa imaginar, que esses homens percam alguns pedaços do corpo por falta de circulação. Terrível, eu sei.

Supernojento! Também acho, mas é a pura realidade!

No meu caso até seria bom que ele estivesse incluso na categoria sem dedos. Porque estou começando a ficar preocupada. Tenho reparando nele mais do que deveria e o idiota é *delizioso*^[30]!

Isso não pode estar acontecendo!

Não! Não! Não!

— Fantasmas, hã? — A voz baixa dele me traz de volta.

Balanço a cabeça sem compreender o que Dark quis dizer.

— Fantasmas?

— Sim, o seu pesadelo.

Ele arqueia a sobrancelha em uma súbita demonstração de interesse. Enrubesco. *Cazzo!* Os olhos verdes-oliva e brilhantes continuam fixos em mim.

Para que tanta simpatia? Será dó?

— Ah! O pesadelo... — Engulo em seco. — Com o estilo de vida que levamos é impossível não tê-los de vez em quando. São sobre lembranças ruins que não gosto de cultivar... Nem de falar.

Decido ser sincera. Graças a *Dio*, meus pesadelos diminuíram, mas, às vezes, eles ainda me visitam. O de hoje deve ter sido consequência do

comentário de *mamma* sobre Julio, meu irmão mais novo. Já tive épocas piores, contudo, depois da terapia, aprendi a lidar com o passado. Esforço-me em cultivar só as boas lembranças. As ruins deixo irem embora da mesma forma que vieram.

— Entendo. Também tenho os meus e não gosto de falar sobre eles. Toma... Bebe um gole.

Estica o braço, entregando-me uma garrafa d'água. Aceito e olho em volta. O avião está tomado pelo breu da noite e não escuto outras vozes. Depois da última escala, parece que todos resolveram hibernar. Só ouço o barulho das turbinas, o ruído chato do ar-condicionado e os roncos distantes.

— Obrigada pela água e por se preocupar com meu pesadelo. Desculpe se te acordei. — Tento ser educada, apesar dele ser um babaca. — Que horas são?

— Você não me acordou. São quase cinco da manhã. Mais umas três horas e chegaremos.

Tudo isso ainda?!

Suspiro, pois não está sendo nada fácil viajar ao lado de Dark. Parece uma conspiração do Universo ou um castigo Divino por ter chamado o meu chefe de babaca e ter semibejado a virilha dele. Nos três aviões, nos quais embarcamos, nossos assentos foram marcados lado a lado. O que não seria nada de mais caso houvesse algum diálogo entre nós, o que não há. Desde o saguão do aeroporto, depois do nosso choque, a gente se ignorou.

No início da viagem consegui passar algumas horas de qualidade com Cris e Pietro. Jogamos *War*. Quando pegaram no sono, tentei falar com Francesco, mas ele realmente cumpriu o que prometeu, morreu e só acordou para as escalas. Pamela deve ter dado a ele a mesma bomba que ela própria tomou. Nunca vi uma mulher dormir tanto! Tirando a outra meia dúzia de

pessoas, que não tenho intimidade, só restamos eu e Dark.

Entendem quando digo agonia?

Como em um acordo de cavalheiros que se respeitam, mas não se suportam, enquanto eu dormia ele ficava acordado e vice-versa. Assim nos evitamos por quinze horas... até agora.

— Juliet... — Dark interrompe o silêncio glacial.

Desvio o olhar das nuvens iluminadas pela lua, afasto-me da janela e olho para ele.

— Diga.

— Desculpe pelas grosserias de ontem e de hoje. Fico irritado quando estou cansado.

— Percebi. Parece que andou dormindo mal nos últimos 75 dias. — Não resisto à alfinetada e seus lábios carnudos comprimem. Reviro os olhos, mas decido pegar mais leve e tentar manter a civilidade. — Descansou? — pergunto sem muito interesse.

— Sim.

— Que bom.

— Quer conversar?

Cazzo, agora?

— Você disse para eu fingir que o ontem não aconteceu. É o que estou tentando fazer. Mudou de ideia, por quê?

— Porque pensei melhor e acho que devemos conversar. Pretende mesmo se desligar da equipe?

Fico confusa e sem saber o que responder. Será que ele está realmente interessado no que tenho a dizer ou está sob o efeito de algum tipo de droga? Minha desconfiança é plausível. A imagem que criei dele é de um

homem que não liga muito para o que os outros querem. Dark não muda de ideia e não é amável. Inspiro e o observo. Possuo uma série de questões negativas a respeito dele, mas tenho que admitir: o homem sempre foi o mesmo. Desde que fomos apresentados, manteve a postura distante, monossilábica e mal-humorada. Pouco disposto às conversas.

Mudou por quê? Só me falta ser bipolar!

— Você bebeu? — pergunto.

— Vinho.

Sabia!

Esse aí todo bonzinho não é o Dark que eu conheço. Deve estar bêbado. Pelo menos não é bipolar, nem drogado. Uma onda de semiculpa me toma. Quem sou eu para criticar o homem por tomar uns tragos. Seria muita hipocrisia depois do estado em que eu estava ontem.

— Quer vinho? Os comissários estão dormindo, mas sei onde tem.

— Não, obrigada. Já bebi muito ontem.

— Bebeu mesmo. — Seu tom não é divertido. — Quer mesmo se demitir? Estamos todos satisfeitos com o seu trabalho. É realmente muito boa.

O fato de saber que estão satisfeitos com o meu trabalho me alivia. Nos meus turnos de vigília aproveitei para pensar bastante. Estudei, treinei e trabalhei feito uma condenada para estar exatamente aqui: na *Mountain* com Dark. Se existisse um Santo Graal dos empregos, este seria o meu. Sabia que queria fazer parte desta equipe desde o primeiro ano de faculdade. Ocasão em que Dark ministrou uma palestra sobre suas incursões no K2.

Sim, eu já o tinha visto antes! Uma única vez.

— Não quero me demitir. Falei da boca para fora. Além do mais,

temos um contrato. — Procuro ser contida nas palavras e esconder que estou puta da vida com ele... e comigo.

— Contrato que seu irmão redigiu.

— Eu sei.

— Já que não vai se demitir e eu não pretendo abrir mão de sua pesquisa, acho que, por enquanto, vamos ter que continuar a trabalhar juntos. Qual é o seu problema comigo?

Uau!

Ele foi direto me deixando sem tempo para reagir.

— Você sabe qual o problema. O seu maldito bilhete. Nem para conversar... Mandou um recado e sumiu.

— Aquilo não foi muito legal, mas sabia que bateria o pé. Não podia subir com a cabeça quente.

— Não foi nada legal e nada profissional.

— Eu sei, desculpe. — Ele passa a língua umedecendo os lábios e depois morde o canto da boca. — Escute, Juliet, vou cumprir o combinado conforme a cláusula cinco do contrato. — Pressiona os lábios. — Vai subir, mas lembro de ter dito que você o faria quando eu estivesse totalmente seguro quanto aos riscos. Você concordou. Não era o momento.

— E por que não?

— Quer mesmo ter essa discussão? Fez as previsões! Acompanhou tudo o que eu passei lá em cima. Já escalou com sucesso, eu sei, mas não está pronta para o K2.

Cruzo os braços por cima do peito em um gesto de revolta. Ensaio, retrucar e levantar.

— Calma! É um ainda, não um nunca! Seja coerente. Todos

respeitaram minha decisão e entenderam meu ponto de vista. *Dio!* Já percebi que não reage muito bem às ordens. Mudou da água para o vinho.

— Não entendi mesmo. Não estava preparada? O que faltou? Conhecimento? Técnica?

— Confiança.

— Confiança? — Arregalo os olhos como se tivesse levado um tapa. — Como se atreve? Cumpri tudo o que combinamos! — Minha voz sai um pouco mais alta. Outra voz distante, que não reconheço, nos manda calar a boca. Reviro os olhos. Dark se levanta e, sem cerimônia, se espreme no pedaço vazio da minha poltrona. Encolho-me no pedaço mínimo que sobrou.

— Ei! Quem falou que podia sentar comigo? Sai daí! — protesto.

Outro *CALE A BOCA* anônimo ecoa na aeronave.

— Não saio. Precisamos nos resolver e você fala alto demais — diz em um tom baixo. — Você é muito difícil, sabia? Francesco esqueceu de mencionar este seu lado. Parece uma mula empacada!

— Mula empacada, teu *coda*^[31]! — rosno. — Difícil, eu? Já se olhou no espelho, senhor-faça-só-o-que-eu-mando?!

— Difícil e teimosa! Não sei o que esperar de você! Na primeira negativa, virou a cara. Sabe quantas vezes fui com a expectativa de subir e não deu certo? Várias, dezenas. A montanha exige sangue frio. Vai ser sempre assim? Decido uma coisa e você não concorda? Como posso confiar em você?!

— Talvez não precisasse lutar pelos meus direitos se você não fosse um louco por controle, que fala uma coisa e faz outra.

— Pelo menos, tenho calma para avaliar a situação. Sei escolher quando e onde ceder, e não perco o controle igual você está fazendo agora.

— Ah! Jura, senhor-supercontrolado? Aquela prateleira que o diga!
Ótima escolha de quando e onde ceder!

Dark pisca surpreso.

— Você que se meteu ONDE não devia.

— Você é quem trepou ONDE não devia!

— Pelo jeito, Kadeen não deu conta do recado.

— O quê? — rosno desacreditada da ousadia dele.

Ele ri satisfeito.

— Já sei! Está com inveja e frustrada. Só isso justificaria estar tão incomodada sobre onde eu fodo ou deixo de foder... — ironiza despertando a minha ira.

— Frustrada? Incomodada? — rio com escárnio.

Nem morta vou admitir que a proximidade dele está me incomodando de um jeito absurdo. Para piorar a situação, seu cheiro é irritantemente bom.

— Sim você — A sobancelha grossa arqueia.

— Estou pouco me ferrando com a sua bunda dura. Meu interesse por você é estritamente profissional.

— E meu interesse por você não vai além de suas pesquisas.

— Bom saber... Jamais me envolveria com um tipo como o seu.

— Nem eu com o seu.

— Ótimo! — Cruzo os braços.

— Perfeito!

— Entendidos? — Escrutina meu rosto e seu maxilar contrai.

— Totalmente! — disparo enrubescida.



Mantenha isso em mente, Dark.

Pela milésima vez reviro-me na cama de ferro e barulhenta em meu novo quarto. Fico de bruços, tampo a cabeça com um travesseiro... dois e nada. Desisto. Jogo longe os travesseiros, que quase saem varanda afora.

Resignada, viro para encarar o quarto que será minha nova casa nos próximos meses.

Gostaria de poder dizer que é adorável e que correspondeu minhas expectativas românticas de viver em um vinhedo na Toscana, mas não é.

O quarto é grande como tudo aqui nessa casa de pedras em estilo mediterrâneo e de linhas retas.

Sabe aquele ditado que diz por fora bela viola e por dentro pão bolorento? Calma!

Não que a casa seja suja ou tenha fungos, pelo menos, não aparentes. Mas o fato é que a impressão da chegada não correspondeu à realidade da entrada.

A casa em si tem seu charme. Deve ter tido seus dias de glória lá pelos anos mil e quinhentos antes de Cristo... Por fora, ela é linda.

Um casarão de três andares e uns quinze quartos, recoberto por trepadeiras e primaveras. Cheio de portas duplas, janelas altas e amplas. É imponente. O tom amarelado e desgastado dos batentes até que lhe confere certo charme.

Alguns dos quartos têm varandas bem ao estilo *Romeu e Julieta*. Os jardins... *Ah! Estes sim...* São um caso à parte. A começar pela chegada em uma longa alameda sinuosa repleta de mimosas. Árvores alongadas, com folhas em um tom verde-escuro, repletas de flores amarelas que balançam ao vento.

Muito lindo, um caminho lotado de folhagens e flores multicoloridas. As mesmas que rodeiam toda a casa e enfeitam as generosas floreiras nas janelas. Há verde por toda a parte. Nos gramados e na infinita fila de parreiras, que se exibem logo abaixo das grades do pátio elevado da entrada.

Lindo, né? Mas foi o que eu disse.

A impressão da chegada não corresponde à realidade da entrada. A casa, arejada e iluminada, parece ter sido abandonada no tempo. É como um amante esquecido que carrega, em suas paredes desgastadas, o fardo de uma história nem sempre tão feliz. *Isso!* Uma casa triste, eu diria. Mas com muito potencial.

Bom, mas voltando ao meu quarto, eu o detestei.

Odiei! Tudo aqui é de um branco amarelado. O armário vitoriano de portas triplas, a cômoda e a penteadeira. Os azulejos no banheiro estão um horror de tão trincados... Se posso dizer que gostei de alguma coisa foi da banheira antiga bem no meio do cômodo. A cama range, aliás todas as camas aqui rangem. Impossível tentar ouvir o som agradável da noite com o vento batendo nas árvores, grilos cantando e folhas secas se arrastando.

Seria a melodia perfeita para dormir, se não fosse a ópera de duas vozes que insiste em tocar há três noites seguidas.

Uma perspectiva pouco animadora, se pensarmos que só estou aqui há sete dias. O grave de sempre e um agudo a cada noite invadindo meu

quarto através do teto encardido, amplificado pelo piso de madeira de lei.

Uma sinfonia e tanto e de longa duração. Já até decorei. Primeiro, começa lenta acompanhada pelo ranger dos metais e aí acelera... Acelera... Acelera e para bruscamente depois de mais umas três notas perdidas. O mais impressionante é a letra.

— *Mi mangiare, delizioso!*^[32]

— *Si apre a me, Donna!*^[33]

— *Go, go, go fondo!*^[34]

Uma maravilha se o barítono em questão não fosse Dark. Sim ele! O mesmo que há uma semana tento evitar.

Tenho certeza de que, em outra vida, fui uma garota muito... muito má. Só isso justificaria essa perseguição implacável de *Dio*! Primeiro: *A Bunda*, as quase vinte e quatro horas de viagem ao lado dele, o quase beijo na virilha e aquela discussão patética. Uma conversa sobre interesses profissionais que descambou para uma disputa ridícula sobre nossas escolhas por parceiros.

De onde saiu aquilo?

Agora estou aqui no único quarto disponível para uso. Bem abaixo do abatedouro dele! O homem parece no cio. Dever ser Viagra! Nunca vi ninguém com tanta disposição.

Totalmente indecente... É cada coisa que ele diz. Não sou santa, até gosto de umas palavras bem-ditas. O problema é ter que ouvi-las daquela voz de machão! Sinto-me em um filme erótico e até mesmo eu, que não tenho nenhum interesse nele, além do profissional, claro, me peguei imaginando sua voz rouca e safada no meu ouvido.

Não, não, não! Dio Santo!

Para esquecer o tarado do andar de cima penso em outra coisa. Foco no meu histórico de relacionamentos, um tanto monótonos se comparados à sinfonia que recomeçou... Uma lista curta de rapazes muito legais e decentes.

Gostei bastante de todos eles. Não que eu tenha transado com todos. Mas eram do tipo de homem que procuro: “seguros”. Que se manterão vivos e não vão morrer em uma fenda de rocha qualquer.

Homens que são o oposto de mim... Caras que me equilibram e não se arriscam nessa vida perigosa de escaladas. *Isso!* Pessoas estáveis. Pena que nunca cheguei ao ponto de não poder viver sem um deles, mas a vida está só começando.

A segunda voz aguda grita:

— *Piú profonde, bastardo!*^[35]

Um urro grave eclode em resposta. Caramba, é impossível que só eu esteja ouvindo isso! Como os outros conseguem dormir?

A imagem de Dark todo suado, trabalhando aquela Bunda, me irrita.

Aquilo não é coisa de *Dio*.

Balanço a cabeça e afasto a imagem tão rápido quanto tinha aparecido. Não posso ficar aqui, preciso de ar! Não quero começar meu trabalho na *Moutain* com a imagem deste cara pelado em cima de alguém. Deve haver outro quarto, não é possível... Durmo até no estábulo. Juro, esta é a última noite que passo aqui ouvindo as indecências dele.

Aos sons de gemidos, urros e ranger da cama, pego um casaco verde e coloco por cima da minha camisola de seda branca. Com a correria para instalar e deixar meus equipamentos prontos para o início dos trabalhos de amanhã, não consegui organizar minhas coisas pessoais. Não acho um chinelinho.

Dane-se!

Minha urgência por silêncio é maior do que a necessidade de estar calçada.

Abro a pesada porta dupla do quarto. Corredor vazio. *Bom!* Apoio-me nas grades de madeira da grande escada vazada, que circunda os andares. Ela forma um espaço aberto no átrio principal da casa, iluminada por um vitral no telhado. Olho para baixo e o piso de mármore bege do hall está silencioso. Desço. As venezianas francesas e janelas estão fechadas. A penumbra e o clima triste da casa me dão arrepios. Passo o átrio, os arcos da sala de jantar e desço a escada curta que dá passagem para a cozinha.

Uma dupla, já conhecida, vem me receber. A sensação de proteção é imediata. Athos e Porthos são dogs alemães imensos que fiz amizade desde o primeiro minuto em que pus os pés na propriedade. Porthos é o mais velho, marrom escuro, e Athos é um bebezão de cinco meses, rajado em cinza e preto. Quase caio para trás, quando colocam suas patas em mim.

— Oh! *Calma i miei amices!*^[36] Vocês dois vão me derrubar deste jeito!

Entro na cozinha seguida pelos cães, que continuam a fazer festinha. Acendo a luz do grande cômodo que lembra as antigas cozinhas das fazendas. Modernidade só nos eletrodomésticos que parecem ter sido trocados recentemente... Cromados, fazem contraste com as cristaleiras antigas e as panelas, em cobre, penduradas sobre a ilha central.

Nos balcões de madeira de lei: cestos com frutas e legumes. *Ok, além da banheira do meu quarto também gosto da cozinha.* Nunca tinha estado em uma com fogão a lenha e uma mesa quilométrica.

Vou até a geladeira e encontro meu mate preferido sabor pêssego. Uma coincidência e tanto terem aqui, já que quase ninguém gosta. Alcanço

um copo em cima da pia e encho... O aroma gostoso da fruta atinge meu nariz. Dou um gole.

Molto buono!^[37]

Os cachorros entram e saem da cozinha através de uma porta dividida ao meio. Como estou corajosa, já que eles estão comigo, decido tomar um ar.

A parte externa da cozinha é uma varanda para refeições ao ar livre. Outra mesa enorme, uma churrasqueira em pedra e um forno a lenha. As madeiras que sustentam a área coberta estão cheias de damas-da-noite^[38].

O cheiro adocicado da flor invade o lugar. Em frente à varanda, um caminho de pedras no gramado verde vai até um enorme salgueiro. Espreguiçadeiras e bancos de madeiras estão dispostos embaixo da copa imensa e suntuosa.

Mais à frente, o caminho de pedra continua até um pequeno chalé escondido atrás das folhagens. É a casa de Maria e Giovanni, os caseiros simpáticos e alegres da vinícola. Enquanto Maria coordena a casa, as arrumadeiras e a cozinha, Giovanni cuida de toda a área externa. Dos jardins à vinícola. Ele é o responsável pela cor e vida que temos aqui.

Penso em dar um alô para eles, mas a casa está toda apagada. Resolvo, então, ficar em uma das espreguiçadeiras embaixo da árvore. Deito e Athos e Porthos me fazem companhia.

Aproveito a delícia de brisa e o silêncio.

Os quartos ocupados ficam na parte da frente da casa, voltados para o mar de parreiras e vales. Aqui atrás, os sons da sinfonia erótica não me alcançam. Bebo o chá e apoio o copo na mesa de ferro trabalhado, que fica ao lado. *Taí! Posso dormir aqui todas as noites!* A cadeira é bem confortável! Fecho os olhos...

O rosnado dos cachorros me desperta. Enquanto Porthos fica ao meu lado, Athos sai e entra na cozinha, alvoroçado. Deve ter sido o Pietro que acordou. Os cachorros não vão muito com a cara dele. Athos volta abanando o rabo e se senta ao meu lado. Ouço o tilintar de copos e uma risada irritante.

Droga! É a segunda voz da noite!

Fico quieta... A árvore está a uns trinta metros da varanda da cozinha e está escuro. É impossível me verem aqui. *Meleca!* Tanto lugar nesta casa, eles tinham que vir justamente para cá? Escuto o ecoar de saltos e mais risadas femininas aproximando-se da porta. Encolho-me na cadeira abraçando as pernas. Tanta porta para saírem tinha que ser justamente a da cozinha?

Uma loira vestida em um uniforme justo, curto e branco, sai toda descabelada. *Dio mio!* Dark vem logo atrás dela. Athos e Porthos correm para ficar com ele, que está só de calça de pijama cinza.

Inferno!

Um, dois, três... oito gomos na barriga. *Dio! Que tortura!* Está suado, igual imaginei. Com desdém, avalio a barriga musculosa e chapada, o peito forte e o V, bem marcado, no baixo-ventre. *Eca!* Nada de mais. Só mais um cara que sabe usar os músculos. Todos os homens com quem trabalho são assim, meu irmão mais velho é assim, meu pai era assim. Ok... Não exatamente assim, tão forte e tão bonito. Mesmo assim, nada de mais! Devem existir milhares de homens mais bonitos do que ele, eu só não os vi ainda.

— Adorei te encontrar no hospital — a loira esganiçada fala enquanto passa as mãos pelos braços, tamanho GG, de Dark. Ele se afasta. *Uiiii!* Deve ser do tipo que tem nojinho depois que transa.

— Obrigado pelos remédios. Preciso deles à noite.

Ah! Enfermeira e alta!

Claro, meteorologista baixinha que não seria. Ele encheu a boca para falar:

— *Nem eu com o seu.*

Hospital?

Então foi isso que ele fez a tarde inteira? Remédio para a noite? *Sabia!* No mínimo foi pegar Viagra. Ninguém tem tanto fôlego como ele. Ouvi falar que muitos homens grandes têm problema de ereção.

Pior.

Nem sempre ser tão grande em tudo garante que lá... Os tamanhos sejam satisfatórios. Posso ter me enganado no dia do aeroporto. Podia ser o celular no bolso. Com certeza é o caso dele. Por isso ela pedia que ele fosse mais fundo! Está na cara!

— Quando vamos nos encontrar de novo? Posso voltar amanhã, se quiser — a loira diz contornando a grade da varanda e parando em frente a ele, só agora percebo uma bicicleta encostada.

— Pensei que tivesse deixado claro que te deixaria vir, mas só por hoje.

— Ah! Mas foi tão bom. — Ela passa as mãos compridas pelo peito dele.

— *Mia cara*, não insista. Por uma noite e só. Nunca mais do que isso.

Que canalha!

Pelos gritos dele, parecia estar bem satisfeito. Ele não repete mulher? Como assim, se em sete dias já ficou com três? A cidade é minúscula, não tem mulher solteira suficiente para um ano!

Dio Santo! Será que ele não perdoa nem as casadas?

Não. Seria um escândalo!

Deve ser por isso que chegou de viagem e já saiu. Os quatro dias que ficou fora devem ter sido para fazer peregrinação pelos hospitais das cidades vizinhas. Ele tem cara de que curte uma profissional da área médica. Com certeza já ficou com a doutora Pamela. Vai ver, curtiu uma noite com ela antes da russa. O jeito que ela se esfregava em Dark era de alguém que já tinha cantado ópera com ele.

— Um beijo? Você não me deu nenhum.

— Não. Nada de beijos. Já disse.

— Dark você é um cara estranho.

Boa! Enfermeira! Estão vendo?

Não é implicância minha, ela também o acha estranho. Quem transa sem beijar? Síndrome de *Uma linda mulher* por acaso? Tudo bem... Ele é lindo, mas não beijar é muito impessoal. A Julia Roberts tinha uma desculpa, era prostituta. Ele não! Apesar de que, pelo número de mulheres que leva para a cama, está quase lá.

— Nunca disse que não era estranho.

— Bom, se é assim que prefere.

A despudorada sorri maliciosa, inclina e começa a tirar a calcinha. *Putá que pariu!* Não de novo... Na minha frente não.

La Madonna mia di Itália!

Que carma!

Com a calcinha pendurada na mão, ela o abraça. A bunda magrela empina e Dark a aperta com as mãos enormes. Tenta não olhar, mas as mãos dele são muito grandes. Ele inspira no pescoço dela enquanto seus dedos esfregam lá.

Credo!

Ela geme ao ganhar um tapa bem barulhento. *Ai... chega.* Intimidade demais para eu ver. A coisa toda não é sensual. E sim vulgar! Bem vulgar é a expressão certa. Como uma mulher se presta a um papel desses? Como Dark pode ser tão lascivo? *Já chega!* Fecho os olhos, não quero ver mais nada.

— *Ai, amore!* Quero ficar de quatro pra você. Vamos voltar para o quarto, vamos!

— Seria uma bela vista, mas preciso descansar.

— Certeza?

— Absoluta.

— Pena, seria divertido, mas sendo assim... *Addio!*

Escuto Athos e Porthos latirem e rosnarem enquanto a bicicleta se afasta. Está tarde. Devem ser mais de três horas da manhã. Sei que todo mundo, todo mundo mesmo, têm bicicleta por aqui. Eu mesma arrisquei ir até a cidade pedalando, mas desisti por causa do temporal que caiu na quarta-feira. *Mas poxa!* A enfermeira o satisfaz de todas as formas, o mínimo esperado era que Dark lhe desse uma carona.

Esse lado cafajeste eu não conhecia. *Tudo bem!* Tem só dois meses e pouco que estamos trabalhando juntos, era meio impossível conhecê-lo bem. Contudo, comigo ele sempre se mostrou cavalheiro, apesar de autoritário.

Cafajeste!

Junto com o som dos cachorros voltando de forma barulhenta, ouço um pigarrear teatral ao meu lado. *Que susto dos infernos!* Meu coração dispara deduzindo quem é. Dark está descalço, deve ter vindo pela grama. Outro pigarrear e estudo minhas possibilidades. Fingir que estou dormindo ou encarar o cretino cafajeste de uma vez.

Como é impossível alguém estar dormindo na posição em que me encontro: sentada de pernas encolhidas com as mãos no rosto. Resolvo encará-lo de uma vez. Dark está impassível e estuda meu rosto. Com um nó na garganta, observo-o relutante, sem demonstrar minha indignação.

— Parece que, mais uma vez, está onde não deveria. — A voz de Dark soa repreensiva.

Ah! Não!

Esta história de que *EU* estou errada e ele certo de novo? Isso aqui pode ser a casa dele, mas é o alojamento ou, sei lá o quê, da equipe. A partir do momento em que nos ofereceram uma moradia, era de se esperar que a gente andasse por aí.

— Pensei que tivesse liberdade para andar pela casa. — Minha voz sai um pouco mais irritada do que deveria.

Encaro Dark, que parece não estar mais a fim de olhar em meu rosto. Meu sangue sobe quando percebo seus olhos faiscando sobre os meus seios. Fecho bruscamente o casaco para acabar com o espetáculo.

Idiota!

— E... tem... liberdade. — Dark finalmente se toca que meus seios não estão em exposição e volta a me encarar. — Só que você deveria estar dormindo. São mais de três da manhã — diz apontando para o meu corpo.

Ele vai até uma pequena cesta de lixo ao lado da árvore e lança alguma coisa.

Filho da mãe! A calcinha da enfermeira!

— Quem sabe o que eu deveria ou não estar fazendo sou eu, não acha? — disparo indignada.

Depois de descartar descaradamente o pequeno presentinho, Dark

volta e se senta em uma cadeira ao meu lado. Tento evitar o contato visual com o corpo dele. Apesar de não me sentir atraída, não posso negar que ele, só de calça de pijama, é extremamente impactante.

— Só disse isso porque amanhã começamos cedo — grunhe mal-humorado.

— Não se preocupe. Sou responsável com os meus horários. Estaria dormindo se não tivesse um cavalo relinchando em cima de uma cama barulhenta sobre meu teto.

Seus olhos arregalam e ele engole em seco.

— *Cazzo!* Em que quarto está?

— Ao que tudo indica, no que fica bem abaixo do seu — constato irônica.

Ele levanta e ajeita a calça. Não consigo evitar de olhar, já que sua virilha fica em linha reta com meu campo de visão. *Caramba!* Talvez o Viagra seja para ajudar a levantar esse negócio!

Dio mio! Cosí grande! Immenso!

Percebendo que ele percebeu minha espiadela indiscreta, abaixo os olhos. Sinto meu rosto e a pele do meu pescoço se incendiarem. Sem querer começo a estalar os dedos das mãos.

— Aquele não é meu quarto — grunhe chamando minha atenção.

— Ah! Não? — Encaro-o descrente. — Interessante... Então quem esteve no lugar errado nas três últimas noites era você, não eu.

— Faz três noites que não dorme por causa do ranger da cama? — Ele volta a sentar ao meu lado. Percebo, pelo tom de sua voz, que alguma coisa o incomoda.

— As camas aqui são horríveis, mas te garanto que a sinfonia é bem

pior. — Dou de ombros, alcanço o copo e bebo o restante do chá de uma única vez.

— Deveria ter conversado com Maria se algo não estivesse de acordo. — Ele é quase repreensivo.

— Maria me pareceu uma pessoa bastante atarefada. Ela tem mais o que fazer, do que ficar ouvindo minha opinião sobre a decoração ou falta dela. — Reviro os olhos. — De qualquer modo, isso aqui é trabalho... não minha casa. Eu me acostumo e se não conseguir, posso tentar achar um lugar na cidade.

— Estão aqui justamente porque não há vagas na cidade. As que existem são inadequadas! Não tem que se acostumar com nada. Não gostou das acomodações?

— O quarto é bom, só é diferente — amenizo.

— Diferente? Como? — Levanta uma sobrancelha, em tom é curioso.

— Sem vida, sem cor.

— Nunca pensei nisso. Não tenho tido tempo para detalhes ultimamente.

— Não precisa se justificar, seu tempo não é da minha conta.

— Não estou me justificando. Se não gosta de alguma coisa, mude. Só não prejudique seu sono porque a decoração ou falta dela não lhe agradaram.

Cazzo! La mia maledetta bocca!

— Já disse, não foi a decoração que me tirou o sono. Aposto que não deve ter sido só eu que não consegui dormir. Mas deixa para lá... Pra variar, já ouvi e vi mais do que gostaria. Vou me deitar. Quer dizer, vou tentar se

você não tiver programado mais nenhuma sessão de ópera para hoje.

— Sinto muito atrapalhar seu sono. Venha, eu te acompanho. — Levanta-se em um movimento brusco e consigo sentir vindo dele um cheiro masculino. Suor e sexo, misturado com o mesmo perfume que senti no helicóptero. Isso me irrita porque o sexo é justamente o causador de mais uma situação constrangedora entre nós.

A mão grande e defloradora vem em minha direção como uma oferta de apoio. Chocada, arregalo os olhos.

— Se acha que vou tocar nessa mão, vai sonhando! — FRANZO o rosto de puro nojo. — Vi onde esses dedos estavam enfiados.

— Só quis ser gentil. — Retira a mão e a oferta. — Como quiser então.

Levanto-me sem responder. Começo a voltar para casa, Athos e Porthos me acompanham, deixando Dark parado em pé.

— Curioso. Eles gostam de você.

Viro-me para o corpo gigante, que caminha em uma postura perfeita até a mim... Ofego com a imagem impactante. Dark é tão rústico que chega a parecer perigoso... Ainda mais com esse pênis, de respeito, apontado para a frente. *Jesus!* Uma nova onda de calor me assalta. Para me proteger, abaixo para acariciar Porthos, que começa a puxar meu casaco quase o arrancando.

— Sempre me dou bem com os animais — murmuro tentando não parecer afetada pelos dotes penianos dele.

Olho para Dark e seus olhos estão, novamente, vidrados em meus seios. Espio meu decote e cor. Acabei me descuidando com a brincadeira de Porthos e meus peitos estão quase saltando da camisola. Tudo que eu não precisava era de Dark percebendo que, involuntariamente, meus mamilos enrijeceram quando vi o tamanho de sua ereção. Recomponho-me ajustando a

camisola e o casaco.

— Espero que minha afinidade com seus cães não seja um problema — digo fingindo não estar mortalmente envergonhada e incomodada com o olhar voraz.

— Não é. — Volta a encarar meu rosto como se estivesse tramando alguma coisa. Morde o dedo mindinho e depois passa a mão pela barba. — Só estranhei... Eles não costumam dar confiança para qualquer um.

— Não sou qualquer uma, Dark. Mantenha isso em mente. Boa noite.



O cronômetro indica quase oito quilômetros. Ótimo para uma manhã de quinta e só três horas de sono!

Paro no arco de pedra ladeado por dois leões gigantes em mármore. Ele marca o começo da alameda das mimosas que vai dar no casarão. Aproveito para alongar as pernas. Olho para Cris que faz o mesmo. Ela está com um sutil tom rosado nas bochechas e a respiração tranquila. Nada mal. Essa geóloga baixinha parece frágil, mas tem muita resistência.

Cris se senta na mureta que sai do portal e circunda a propriedade e enquanto ela massageia os pés, eu continuo correndo sem sair do lugar.

— Juliet, me dê uns dez minutinhos para relaxar os músculos e aproveitar o ventinho.

— Tudo bem.

— Gostou do caminho que mostrei? Prefiro mil vezes correr na estradinha de terra do que na via principal asfaltada. Quase três anos fazendo o mesmo caminho e não me canso. — Sorri orgulhosa. — Aquelas colinas são realmente incríveis.

— Bonitas mesmo. — Devolvo o sorriso. — Mas amanhã prefiro tentar outra rota. Isso aqui parece uma teia com tantas estradinhas. Não conseguiria ficar sempre na mesma sabendo que existem tantas possibilidades a serem exploradas.

Digo sem parar de correr enquanto abaixo minha regata branca, inundada de suor, enrolando-a na cintura. Fico só com short curto de corrida

preto e um top na mesma cor. Mantenho os óculos escuros. Apesar de serem sete e quarenta da manhã, o sol da primavera já está brilhando.

— Gosto da rotina — Cris confessa e começo uma sequência de polichinelos.

— Já eu, acho a rotina um saco. — Rio das nossas diferenças. — Mais uma semana igual a esta, sem fazer nada, acho que vou enlouquecer! Não sei como consegue ficar só com o trabalho da *Mountain*. Aliás, Dark não precisaria manter uma equipe em tempo integral. Acho que uns quatro meses de trabalho, antes de cada temporada, resolveria todo o planejamento.

— O chefe é esperto... Gosta de ter o controle da situação. Nunca deixaria a equipe dele dando mole por aí e sem contrato. Querendo ou não, somos a elite. São poucos especialistas como nós. Você viu quantas propostas recebeu enquanto estive no Paquistão? É muito mais negócio para ele nos dar vida boa durante o ano todo, do que montar uma nova equipe.

— Pensando por este lado, ele tem razão. — Meneio a cabeça, concordando. — Tive oito propostas. Mas o que estou falando é que o tédio também pode ser um fator desmotivador. — Vou para os agachamentos.

— Nossa, Juliet, tédio? Você está aqui há apenas uma semana!

— E já estou enlouquecendo! Tenho que pensar em outra coisa que não seja Dark!

— Dark? — Cris levanta as sobrancelhas.

— Não Dark, a *Mountain*! Você entendeu o que eu quis dizer!

— Ah, tá! Mas não precisa só pensar na *Mountain*, você pode fazer outra coisa, o contrato permite. Eu trabalho para as vinícolas vizinhas. Faço análise da composição de solo para melhorar a qualidade das uvas. O chefe apoia, paga bem, é dentro da minha área e, de quebra, conheço um monte de gente. Fora as festas, sempre tem alguma rolando. — Cris se deita na mureta

e levanta as pernas.

— Eu sei... Deveria ter pensado melhor antes de aceitar vir para cá. Esqueci do fator rotina. Mas agora já era, tenho que dar um jeito. Só não sei o que uma mulher do tempo pode fazer em Bolgheri. Minhas análises não são muito úteis por aqui. Fora isso, a cidade é minúscula e plantar uvas não é muito a minha praia.

— Converse com o chefe, quem sabe ele te ajuda a encontrar alguma coisa. Ele é dono de quase toda a cidade.

— *Dio* me livre! Isso nunca! — Benzo-me. — De jeito nenhum!

Deito e começo uma sequência de abdominais.

— Por quê? Ele é um cara legal, sabia?

— Porque já trabalho com ele e sempre que está por perto, algo constrangedor acontece entre a gente.

— Ontem foi hilário. — As bochechas de Cris avermelham-se.

— Não achei nem um pouco engraçado! — discordo enfática. — Pensei que ele fosse explodir comigo. — Sento-me e viro de um lado para o outro alongando a cintura.

— Juliet, conheço o chefe há três anos. Ultimamente, ele tem agido como uma moça. Já o vi bravo e, acredite, se acontecer não vai querer estar por perto. O homem vira uma locomotiva descarrilhada. Precisa de muita força para pará-lo.

— Sério? — Preocupo-me. — O que aconteceu? — Minha curiosidade dá as caras.

Os olhos de Cris arregalam como se tivesse falado mais do que deveria.

— É uma longa história — desconversa me deixando cabreira. —

Assunto dele e não dá pra te contar agora. O papo aqui é outro. — Aponta para mim.

— Qual? — Olho-a ressabiada.

— Ontem à noite... Você, ele e as situações constrangedoras. — Pisca maliciosa. — Estou adorando tudo isso... pena que não acontece comigo. — Suspira.

— Pelo amor de *Dio*! — bufo irritada. — Não tem nada de adorável no que ouvi e vi! Meu pai tem razão, caras como ele são todos iguais: uns prostitutas!

— Que exagero! — Cris gargalha. — Foi só uma trepadinha sem importância. É fase, o chefe sempre faz isso quando quer esquecer alguma coisa. Desconta no sexo e depois passa! Esse homem tem muita energia acumulada.

— As pessoas costumam fazer exercícios para descarregar a energia! — rebato.

— Nem sempre exercícios funcionam. — Olha-me de cima a baixo. — Você acabou de correr oito quilômetros e mesmo assim, não para quieta. Que horas foi dormir?

— Umas quatro — respondo em um muxoxo. — Depois que o deixei na varanda demorei um tempão para conseguir dormir. Nem acredito que o vi com a mão na bunda da enfermeira!

Sim!

É claro que contei para Cris o ocorrido. Até porque ela também ouviu a sinfonia para dois de Dark. Nada mais natural... Garotas fazem isso, não? Contam tudo uma para a outra?

Poupei-lhe apenas dos detalhes irrelevantes. Coisas sem importância como o abdômen trincado, o V tentador levando até a virilha, minha

curiosidade sobre o tamanho da ferramenta dele e o cheiro de homem e sexo que exalava.

— O chefe é um gostoso, né? — Sorri safada. — O que são aqueles gominhos dele? — sussurra tapando a boca com a mão.

— Não sei, Cris, nem prestei atenção. — Balanço a cabeça afastando as lembranças do corpo perfeito. — Aquele cretino não faz meu tipo.

Começo a fazer flexões alterando abdômen e pernas.

— Como assim, não faz seu tipo?! — Cris berra chocada. — Dark faz o tipo até da minha avó de noventa anos! Ele é lindo, machão e misterioso!

Quero dar risada do comentário bobo e despropositado dela, mas me seguro. Aproveito que estou no meio da série e não deixo transparecer que, em parte, concordo com ela. Não consigo ignorar o fato de que Dark tem mesmo um ar enigmático, o que, de certa forma, me chama a atenção.

Bela merda!

Todo grande atleta tem esse ar misterioso.

Sento-me na estrada de terra depois da última flexão.

— Dark até pode ser bonito, mas não de um jeito que desperte meu interesse — explico meu ponto ao voltar a atenção para Cris, que ainda me olha divertida. — Admiro o profissional que ele é, só isso. É um homem muito corajoso e impetuoso — admito e exaspero-me. — O fato dele resolver as paradas nas montanhas não me obriga a achá-lo o máximo fora delas. E outra, o babaca não sorri, é um pé no saco e é o alpinista mais mortal que conheço. Ou seja, tem tudo que me broxa em um homem.

— Qual é, Juliet! Já o vi sorrir várias vezes e pé no saco ou não, o chefe estava só de calça de pijama... O que é um show. Pelos urros dele ontem, deve ser bom para caralho na cama — ofega irritando-me. — Quem

me dera que o Pietro fosse assim!

Sabia que ela e Pietro se pegavam!

— O cara é um galinha — lembro o óbvio.

— Em que mundo você vive, Juliet? Estamos na era do sexo casual, já te disse isso! O chefe é gostoso, solteiro e não está enganando ninguém.

Irrito-me ainda mais com o discurso defensivo dela.

Respiro.

— Ele deveria se dar o respeito, isto sim.

— Que respeito que nada! — gargalha. — Você deveria seguir o exemplo dele. Libera logo essa devassa que habita em ti! Aproveita que está longe de Roma! Pense em todas as aventuras sexuais que poderá viver aqui! Às vezes, acho que você não tem noção do quão bonita é. Vi o jeito que os caras no K2 te olhavam, eles quase quebravam o pescoço quando passava!

Suspiro sabendo que não ganharei essa briga.

Que espanholinha tihosa!

— Primeiro, senhorita Cristina, sua comparação é totalmente descabida. Com a falta de mulheres no K2, eles olhariam para mim até se eu não tivesse dentes! Segundo, estou bem ciente das minhas qualidades físicas. Posso não ser uma supermodelo, mas sei que *Dio* foi bem generoso comigo. E terceiro, acho que vou mesmo me aventurar por aí

— Sério?

— Juro — minto.

— É uma promessa?

— O quê?

— As aventuras, caramba!

— Pode ser. — Banco a liberal.

— Aí eu vi vantagem!

Viu?

Eita, lasqueira!

Cabreira que tenha me metido em uma fria, olho para o relógio de pulso e os nossos dez minutos de descanso acabaram. Com Cris ainda cansada, decidimos por mais um quilômetro, em trote leve, em direção ao riacho que banha a propriedade.

Como Cris precisa ir até a nascente para pegar umas amostras de pedras, voltamos pela mesma estradinha que viemos.

Os latidos de Athos e Porthos, chamam a minha atenção.

Nostra Signora di sesso!^[39]

De trás da curva da colina, surgem Francesco e Dark. Ofego. Pelo jeito, os dois tiveram a mesma ideia de rota que a nossa.

Caramba! E quando digo caramba, é caramba mesmo!

Subitamente, meu costumeiro bom humor matinal evapora como água em piso quente.

Desejo por um minuto, do fundo do coração, ter nascido gay... Ser imune à imagem dos dois correndo em nossa direção.

Sabe aqueles filmes românticos os quais, na primeira cena, o mocinho aparece em câmera lenta e correndo. Aquela em que os raios do sol da manhã batem no corpo suado e sem camisa do ator? Que a cada impacto dos seus pés no chão, a tomada de câmera mostra um close com uma parte do corpo provocante do galã?

Então!

O que vejo é mil vezes melhor, porque está na minha frente. Se não fosse por Fran ser mais magro e mais baixo do que Dark, poderia jurar estar

bêbada e vendo as coisas em dose dupla.

Os dois estão com o uniforme de treino do time: uma bermuda larga preta, que cai abaixo da linha da cintura, camiseta branca enrolada, assim como a minha, bonés pretos com as abas para trás, tênis de corrida e completamente encharcados de suor. Estão usando os mesmos óculos que eu, só que na versão masculina. Um modelo esportivo de titânio da *Oakley*.

— *Bellas!* — Francesco abre um sorriso assim que nossas rotas se chocam.

— Oi, lindões! — Cris abre outro sorriso.

Cumprimento os dois com um leve *oi*. Aproveito que estou protegida pelos óculos e confiro porque Cris acha que Dark é o tipo de qualquer uma.

Meleca!

— Cris, Juliet. — A voz de Dark é pausada e não consigo identificar nenhuma reação nele. Com os óculos escuros fica ainda mais difícil. — Estão começando o treino agora?

— Não, já estamos terminando — respondo no tom mais neutro que consigo, aquele que levei anos para dominar.

— Se eu soubesse que acordariam cedo... Quis chamar vocês, mas o primo falou para deixar dormirem mais um pouco. — Fran tira os óculos esfregando os olhos meio avermelhados.

— Fomos dormir tarde! A noite de ontem foi agitada! — Cris solta uma gargalhada.

Cazzo!

A espanhola é mesmo uma peste!

Finjo que não estou nem aí para a conversa e continuo brincando com os cachorros.

— Imagino como deva ter sido. A vinícola é um tédio à noite — Fran responde alheio aos acontecimentos da madrugada.

Olho para Dark, mesmo com os óculos, dá para sentir que está com o foco em mim. *Eita!* Sua boca está levemente contraída. No mínimo deve estar pensando que dei com a língua nos dentes. Babaca!

— Verdade, tédio puro. Não tem muita coisa para se fazer por aqui, no máximo ouvir ópera — disparo sem pensar.

— Sêrio? Ópera? Não sabia que gostava — Fran pergunta curioso e me divirto porque não faz noção nenhuma da minha provocação interna para Dark.

— Gosto só das melodias clássicas. As ordinárias eu dispenso — continuo a provocar esquecendo o filtro do bom senso.

Dark tira os óculos lançando-me um olhar fulminante. Faço uma careta de: *ai, ferrou!*

Cazzo!

La mia maledetta bocca!

Ele abre a boca para falar... Fecha... Abre...

— Estamos indo até a nascente, querem vir? — Mais rápida do que eu, Cris vem em meu socorro mudando de assunto.

Dark engole em seco.

— Viu que tem uma trilha nova? — diz em uma voz suave que não é dele.

— Não. Sêrio? Mudou? — Cris pergunta curiosa, como se fosse o acontecimento do ano.

— Mudou. — Dark grunhe. — A chuva destruiu a antiga. Tem duas entradas novas... Vocês podem se perder. Já terminei o treino, posso mostrar

o caminho.

Ah, não!

Tudo o que eu não quero é ir junto com ele, ainda mais sem camisa e suado desse jeito.

— Dispensando a nascente, estou morrendo de fome. — Fran pisca para mim e meu rosto ilumina com o vislumbre de uma luz no fim do túnel. — Ressaca — fala baixinho.

— Aceito a sua oferta, chefe. — Cris sorri para Dark.

— Bom... Já que Cris arranhou um guia, prefiro voltar com Fran. — Sinto o alívio tomar conta. — Também estou morrendo de fome.

— Tem certeza, Juliet? — Dark pergunta com o maxilar levemente contraído.

— Total — confirmo resoluta, já começando a correr no mesmo lugar. Meu rabo de cavalo sobe e desce acompanhando o movimento do corpo.

— Se prefere assim — Dark grunhe aparentemente contrariado. — Vamos, Cris. Athos, Porthos!

Apesar do comando firme, os cachorros não saem do meu lado. O olhar de Dark recai sobre mim tão penetrante e indecifrável, que me deixa sem graça. Coço o pescoço e olho para trás tentando afastar a sensação incômoda.

— Parece que os meninos preferem a Juliet, primo. — Fran sorri maliciosamente.

— É, parece... Levem os cachorros com vocês. — Dark soa irritado.

Que idiota!

Tenho culpa se até os cachorros o acham um pé no saco?

— Ok, sem problemas. — Abro um sorrisinho nervoso. — Divirta-se — digo para Cris ao ignorar o olhar mortal de Dark sobre mim. — Amiga, se achar alguma pedra legal traz para a minha coleção? — peço na tentativa de deixar o clima mais leve.

— Pode deixar!

— Vamos, Fran! Tiro único até a porta de casa? — desafio e saio em disparada na direção oposta a de Dark e seu mau humor eterno.

— Só se for agora, *Bella!*

Ouçoo Fran atrás de mim.

Apostamos corrida por toda a alameda das mimosas... Entre risos e encontrões, que Fran me dá para tentar sabotar minha vantagem, acabo ganhando. Tudo bem que, em parte, minha vitória se deve à ressaca que está sentindo. Fran tem quilômetros de pernas a mais do que eu.

Ops!

O coitado nem tem tempo de achar uma moita e acaba vomitando no jardim de entrada mesmo. Ajudo-o como posso antes de deixá-lo com a promessa de encontrá-lo para o café da manhã em quarenta minutos.

A corrida matinal e o encontro desagradável com Dark consumiram um pouco mais de energia do que os outros dias... Preciso relaxar...



Enquanto deixo a banheira enchendo, sento no beiral da varanda e fecho os olhos. A brisa está deliciosa. O cheiro de mato e o barulho do vento são agradáveis. Apesar da gostosa sensação do sol matinal batendo em minhas pálpebras, não consigo relaxar.

Impossibile!

Sinto-me em conflito!

Porcaria!

Tento pôr a cabeça no lugar. Fico um tempo sozinha, xingando e brigando comigo como uma esquizofrênica sem remédio.

Maledire!^[40] Cadê o meu equilíbrio?

Rezo e clamo pela supremacia dos princípios e crenças sagradas que me fizeram ser esta profissional promissora. Com o coração agoniado, repito mentalmente o meu Graal: “onde se ganha o pão não se come a carne”.

Repito... Repito e repito.

Aos poucos vou recobrando o equilíbrio e quanto mais me concentro no controle, decisão e determinação... Vêm a força, a vontade, a virilidade... O pão, a carne.

Pah!

Bunda, músculos, braços, peito e pernas invadem todos os meus pensamentos. Regrido no equilíbrio conquistado, ofego e, de repente, sinto uma vontade louca de jogar a porra toda de princípios varanda abaixo.

Dane-se, que se lasque!

Quero pegar o meu Graal e encher com o vinho da luxúria. Jogar-me de cabeça nesse tal de sexo casual e viver aventuras! Liberar a devassa escondida em minhas profundezas. Ir de quase santa a sadomasoquista. *Sim!* Porque ao mesmo tempo que tenho vontade de dar na cara de Dark, quero beijá-lo!

Dio, estou enlouquecendo!

Esfrego meu peito para diminuir a angústia... Que sina a minha. Só pode ser castigo e Alessandro Salvatore Bolgheri é um maldito imprevisto.

Não! Não posso!

Tenho crenças. Não há brechas! Brechas?

Minha mente voa em busca de soluções... Se conheci Dark em uma palestra na faculdade e não no trabalho, isso significa que ele passa, tecnicamente, da categoria pão para a carne? Se Dark é chamado de Titã imortal, ele se encaixaria no status homens seguros?

Xingo-me novamente... Minhas crenças sagradas não previam acidentes como ele. Não posso estragar o meu santuário: o meu trabalho! O meu segundo lar!

Dio mio! Ilumina-me!

Isso!

Preciso mudar o foco. Achar um objetivo. A culpa é do tédio! Como não pensei nisso antes? É tudo fruto da minha cabeça desocupada. Mente vazia, oficina do diabo. *Livros!* Eles nos transportam para outros universos! Sim, preciso de livros.

Cazzo! Mia Madre de Dio! Imbecile! Delizioso! Cazzo, cazzo, cazzo!

Como estou confusa. Deveria estar pensando:

Nossa! Essa cara é um babaca!

E não:

Uauuu! Dio mio! Ele fica ótimo sem camisa!

Respiro procurando me acalmar. Não importa o quanto minha cabecinha desocupada queira me levar para o lado Dark da Força. Sou mais esperta... Uma Darth Vader. Sei pensar!

Madonna Santissima!

Não sou sadomasoquista! Nada de beijos. Só tapas!

Dark não beija e não fica com meteorologistas!

Grazie Madre!

Suspiro aliviada, lembrando-me de que amo beijar e que somos completamente incompatíveis! De volta ao comando das minhas emoções, decido me concentrar só na parte em que quero dar na cara dele mesmo. Nem sei o porquê... Só sei que quero.

Estou salva! Como é bom estar viva!

Amo a Toscana e suas aventuras.

Mais tranquila por ter encontrado uma solução, olho a imensidão de verde. Solto um suspiro desanimado diante da paz que a imagem bucólica transmite... Sinto uma falta imensa da agitação de Roma. Não vai dar para ficar aqui sem arranjar outra atividade. Cris estava certa, tenho que aproveitar as aventuras sexuais que a Toscana oferece. Talvez até a minha mãe esteja certa... Ela acertou quando disse que, passada a empolgação, eu não aguentaria cinco minutos na monotonia.

Mas fazer o quê? Já estou aqui! Não vou dar o braço a torcer nem morta. Olho para o quarto, através das cortinas puídas. Um projeto de redecoração seria ótimo.

Usando meus aguçados poderes de intuição traço um plano: livros, aventuras e bricolagem. Preciso manter minha cabecinha traidora longe da tentação. Essa será minha terapia ocupacional. Minha fórmula antiDark. Não tem como dar errado. Fim da linha. Acabou. Já era. Fim de conversa. Caso encerrado.

Lembro-me do banho, a banheira está pronta com meus sais de flor de laranjeira e cheirinho de bebê! Lavo o cabelo com o xampu e o condicionador da mesma linha que os sais. *Muito bom!* Já que vou entrar para o ramo das aventuras sexuais na Toscana, checo e decido que preciso estar mais bem preparada.

Decido marcar para hoje ainda, algumas horinhas na esteticista. Pele,

cabelo, depilação... tudo! Com o astral lá em cima, escolho um vestido amarelo da cor das flores das mimosas. Uma lingerie branca e delicada, bem pequena, para não incomodar com a depilação. Como vou de bicicleta para a cidade calço um *All Star* converse no tom cru.

Penteio os cabelos e deixo-os molhados mesmo. Gosto do jeito que secam ao natural. Só um rímel para destacar um pouquinho mais os meus olhos castanhos, um gloss. Nada mais. Não estou em Roma e sim no meio do nada. Perfume com o mesmo cheiro dos meus sais de banho. Checo a hora no celular. Ainda tenho uns dez minutos antes de encontrar Fran para o café da manhã.

Vou até a escrivaninha do quarto e ligo o laptop tamborilando os dedos na mesa até que ele inicie. O *Wi-Fi* daqui é péssimo. Depois, vejo minha caixa de entrada e fico satisfeita ao constatar que não existem muitas mensagens sem leitura, só umas quinze. Salvo os dez da minha família na lista: ler mais tarde, jogo três propagandas no lixo eletrônico, o único da *Mountain* salvo para mais tarde e acho um *KL.K2.com*.

Clico e leio:

Ei, Roma.

Gostaria de ter escrito antes, mas estive fora do Paquistão em uma expedição. Prometi manter contato e aqui estou. Saudades de você, maluquinha!

Conte-me tudo. Sobreviveu à primeira semana? Como é estar sob o mesmo teto que Dark? Vocês já se mataram? A tensão entre vocês era explosiva!

Kadeen Labbeb – O amigo fiel, aquele do Paquistão, do bar, da sua cama.

— Oi, Roma... — Releio a introdução adorando o apelido.

Dio mio!

Já falei que sou supersticiosa? Muito. No dia em que decido que está na hora de começar uma nova fase da minha vida, o que acontece? O homem símbolo da minha primeira experiência de sexo casual me escreve. O primeiro ser, que depois de muito tempo, esteve na minha cama. Não importa que foi só para conversar ou que eu tenha dormido e não rolou sexo. Ele foi como a fita inaugural! Abro uma pasta de amigos íntimos e salvo o Paquistão. Decido que vou responder à noite. Hoje é o primeiro dia de trabalho oficial na sede da *Mountain*, portanto, ainda não sei se sairei viva ou não.



Bônus Dark

A primeira vez que te vi

Lembro-me como se fosse hoje, a primeira vez em que vi Juliet: há três anos, no auditório da Universidade de Cambridge, terceira fileira, quinta poltrona à direita. Quinze de março, às dez horas de uma terça-feira tão cinzenta quanto eu.

Em meio a um mar de casacos monocromáticos, lá estava um sobretudo amarelo engraçado... Reluzindo como um sol. Não poderia existir alguém mais imprevisto e fora do contexto quanto aquela pessoa.

Sua imagem me atraiu como um ímã... Havia tanta energia emanando dela. *Cristo!* Curiosa e interessada anotava tudo o que era dito. Fiquei intrigado, já que se tratava de uma palestra motivacional de merda, cheia de termos clichês e ainda por cima, ministrada por um orador bêbado: eu.

Um cara furioso e ainda inconformado com a morte dos melhores amigos: Alex e Fred. Um palestrante que nem sequer desejava estar lá. Pam me obrigou a aceitar o convite do reitor e ir para Londres. Minha amiga de infância me tomou como uma espécie de desafio pessoal.

Tirar-me da depressão e do estado deplorável em que estava virou sua cruzada.

Não a condeno... Minha volta do K2 virou um inferno. Deixei todo mundo que conheço puto e tudo o que queria era encher a cara de vodka e descobrir maneiras de aliviar a dor.

Porra! Eu estava de luto!

O único problema era que a fase negra já se arrastava por dois anos.

Estava descendo morro abaixo... sem forças para parar.

Por mais que eu tentasse me convencer de que a vida continuaria, não conseguia me livrar da impressão de também ter morrido. Além disso, não dava para me concentrar na cura com o monte de merdas e flashbacks, que ficavam martelando em minha cabeça todas as noites.

Foda! Foda! Foda!

Era fato que precisava dar um jeito em mim e algo realmente mudou naquele dia.

Sei lá... Enquanto discursava tive um *insight*. Podem dar o nome que quiserem: alucinação de bêbado, loucura, milagre ou outra bosta qualquer. Só sei que aquele ponto amarelo e sem nome virou uma espécie de boia da salvação.

Saí de Londres determinado. Sabia o que tinha que fazer e, apesar de nunca mais tê-la visto depois da palestra, carreguei a lembrança de sua imagem como um amuleto que indicava o caminho da luz.

A bússola imaginária, preciosa e mágica, que mostrou que por mais sombrias e cinzas que as coisas pudessem estar, era preciso continuar e que a redenção só dependia de mim. Um lembrete de que, se eu adotasse uma postura curiosa e interessada como a da garota iluminada, talvez tudo voltasse a ter as mesmas cores que antes.

Pois é.

Na minha profissão é preciso pensar com calma e não arriscar. O medo é o maior inimigo de um alpinista e a única coisa que nos faz senti-lo é a possibilidade de perder alguém que amamos para a montanha. Com medo, a decisão vem do coração e a possibilidade de errarmos será maior.

Não queria mais a dor e os erros... então fechei o coração... Congelei meus medos. Reergui-me e consertei as burradas. Segui a via sacra

interminável de desculpas necessárias e voltei com tudo à *Mountain*.

Tudo perfeito e nos eixos, até a equipe inglesa conseguir convencer meu meteorologista a mudar de time às vésperas da expedição que marcaria a minha volta à montanha.

A minha revanche com a vida e a morte.

Foi foda. Não tinha tempo, precisava de alguém de elite. Francesco, meu primo e braço direito, falou de uma alpinista jovem e promissora. Impressionantes subidas ao Everest e nível A em escaladas... um fenômeno nas previsões antecipadas.

Perfeita demais para ser verdade.

Com pressa, ignorei todos os alertas vermelhos enviados por minha intuição. Não pensei com calma. Além de contratar a mulher às cegas, prometi, por contrato, que a levaria ao cume. Até aí tudo bem... Não tinha nenhum elo com ela e é praxe que cada alpinista se responsabilize por sua vida. Respeito as decisões dos meus contratados, embora a coisa mude um pouco de figura quanto aos meus amigos mais próximos... Tenho minha regra: nunca subo com alguém importante para mim quando existe um risco mínimo de dar errado. Os outros que sigam suas próprias regras, se a mulher almejava subir, beleza, que subisse!

Beleza até eu quase enfartar. Não acreditei quando a maluca diante de mim, com cachecóis de arco-íris e gorro pink, disse que assistira a uma palestra minha em Londres. O meu ponto amarelo.

Cazzo! Juliet Dammagio! Que nome instigante!

Não tinha como adivinhar que a mulher inteligente e aparentemente teimosa era a mesma da palestra. Levei uns bons minutos para fazer a ligação entre as lembranças e a figura adorável. Na época em que a vi, estava bêbado e tudo desfocado. Nem chegamos a ser apresentados... Estava sem condições

para interagir.

Talismãs foram feitos para serem inanimados... Um ponto amarelo, uma pedra, um pé de coelho. Jamais personificados na forma de uma mulher de pele clarinha e rosada, cabelos castanhos brilhantes e com um cheiro doce de bebê e laranjas. Muito menos, ter olhos castanhos enormes, que mais pareciam lavas douradas de um vulcão em erupção. Tão espertos e sempre passando algum tipo de emoção que eu não sabia descrever.

Baixinha para os meus padrões, tenho 1,92m. Ela mal batia no meu ombro!

Um rosto sem comentários. Nariz arrebitado, boca carnuda, com uma covinha do lado direito. Toda pequena, mas com algumas curvas mortais e peitos de se perder. Desses que não dá para parar de olhar. O tipo de mulher que te olha de um jeito que te diz:

— *Cai fora, você não tem a menor chance!*

Totalmente fora do alcance ainda mais se você está acostumado com as do tipo “óbvias demais”, que basta uma olhada para dizerem:

— *Vem, gostoso. Cai para dentro, que libero fácil.*

Merda!

Agora estou aqui em uma situação difícil pra cacete! Não deixei a baixinha subir comigo e ela me odeia. É teimosa, respondona, briguenta e não leva desaforo para casa. Nunca vai me perdoar.

Fui um frouxo. Não tive coragem de falar cara a cara. Mandeï a porra de um bilhete. O que eu iria falar?

— *Olha não queria, mas está foda para mim. Estou com medo de que algo aconteça a você e enlouquecido de vontade de foder alucinadamente o meu pé de coelho?!*

Em Londres, a primeira visão de Juliet me trouxe de volta à luz. Mas agora, essa segunda visão pode me levar de volta para o inferno. Não tive alternativas. A coisa mais decente e certa era dizer não. Simplesmente não podia colocá-la em perigo!

Cazzo!

Dio!

Será que era tão difícil assim de entender? Ela mesma previu que o tempo fecharia lá em cima. Minha regra número um não mudou... Piorou até. Jamais me arriscaria com ela. Sim... Não queria, mas eu me importo com aquela baixinha irritante. Nem sei o porquê e a merda toda é essa...

Desejar o impossível.

A doce e enlouquecedora Juliet Damaggio.

Fodeu!



Juliet

Chego para o café da manhã e dou de cara com uma agitação familiar. Sorrio para Maria, que entra atrás de mim, e sento na mesa enorme e farta, de frente para Fran. As risadas altas, as provocações, e o tilintar de talheres e louças lembram das minhas manhãs na casa dos meus pais.

— O que tá pegando? — pergunto para me enturmar.

— Divergências amorosas. — Fran mira em Cris que ainda está de pé. — A espanhola cismou que onde tem safadeza não tem amor. Discordo. Sou puto, mas sou romântico — reclama.

Rindo, Maria me entrega um copo de mate e um sanduiche de queijo. Agradeço.

— Romântico pra caramba — Cris provoca. — Não vai me convencer. Tesão não é amor. Putaria não combina e ponto. — Pega um refrigerante depois senta-se entre mim e Pietro.

Esparramado na cadeira, Fran bufa e deixa de lado sua tigela de salada de frutas e cereais.

— Me salva dessa, Juliet! Explica pra essa teimosa que sacanagem só apimenta, não exclui o amor.

— Juliet não vale, é peso pena!

— Peso pena, eu? — amasso um guardanapo e jogo nela. — Posso não ter um currículo extenso ou ser a rainha das devassas, mas sei me divertir. — Dou uma piscadinha para Fran lembrando dos altos papos sexuais que tivemos no K2. — Cada casal tem seu jeito de amar, não dá pra julgar. Calminho ou safado tudo é bom.

— Tá dizendo isso só porque é mancomunada com ele — Cris reclama.

— Ciúmes do nosso amor sacana, Cris? Quer fazer um trio? — As sobrancelhas grossas e claras agitam divertidas.

Pietro abandona o jornal e baixa os óculos de armação grossa para dar uma encarada perigosa em Fran. Em seguida, passa o braço possessivamente sobre os ombros de Cris.

— Ooooh, Pinky, segura a bola que o território espanhol é meu.

— Pietro! — exclama Cris. — A dona do meu território sou eu!

Ele a fita, incomodado. *Tadinho*. É obvio que Pietro quer aprofundar a relação enquanto Cris insiste que o lance entre eles não passa de uma aventura sem compromisso.

No que parece ser uma rotina, Pam entra apressada na cozinha. Vasculhando a geladeira, ela resgata uma infinidade de potinhos coloridos recheados com frutas e legumes. Uma cortesia de Maria que todas as manhãs recheia as marmitinhas com quantidades suficientes, para que a doutora suporte as longas horas de plantão no único hospital da cidade.

— Mais um dia daqueles, Pam?

A voz grave faz todos se voltarem para a soleira da porta da cozinha onde Dark se apoia.

— Um dos brabos. Setenta e duas horas — Pam responde amuada e sem tirar os olhos da arrumação que faz nas marmitas.

Livros! Livros! Preciso de livros!

Engulo um suspiro... *Dio!* O homem está muito gostoso de banho tomado, metido numa calça cargo larga e uma camiseta branca, que marca cada músculo que há por baixo dela. Levo uns segundos para me recompor. Meu rosto fica quente e o coração acelera. Patético, eu sei. Ele nem é tudo isso.

— Precisa desacelerar — Dark a observa.

— Olha quem diz. Aposto que mal dormiu. Não gosto de te ver com essa cara cansada. O que aconteceu?

— Nada.

— Hum-hum. Te conheço de outros carnavais, meu querido.

O tom sedutor de Pam me puxa para a Terra. Saio do transe provocado pela gostosura ordinária de Dark e percebo que o pedaço de pão, que seguro, está suspenso no ar, esperando para ser comido. Jogo-o rapidamente goela abaixo enquanto Fran me fita com seus olhos verde-claros sorridentes.

Infelice!

— Que foi? — cochicho para ele.

— Nada, *Bella mia* — responde e olha para o primo. — Nada.

Dark tira um chaveiro de um dos bolsos da calça. Separa uma pequena chave dourada e vai até o balcão onde está Pam.

— Fique no loft. — Oferece a chave e Pam aceita. — Sono atrasado, moto e estrada esburacada não combinam. — Serve-se de café.

— Muita gentileza sua me manter segura em Bolgheri. Tá preocupado comigo ou com medo de uma competição saudável? — Pam pisca para ele.

— Medo? Não sei o que é isso. — Sorrindo charmoso, Dark beija a testa dela. — Cuide-se.

A troca de carinho entre ele me choca. Lembro da dança sensual de Pam na festa do K2... Pareciam bem íntimos. Vai ver que, com algumas de suas amantes, Dark consiga manter a amizade.

— Se conhecem desde crianças — Fran sussurra para mim.

Viro para ele com um olhar de “*e eu lá estou interessada nisso?*”

O bandido gargalha e a dupla de amigos de infância vira para nós. Pam sorri e antes de sair, sussurra algo para Dark, mas não consigo ouvir. Culpa de Cris, que mudou o disco e, agora, tagarela sobre a promessa de vida louca, que lhe fiz mais cedo.

Droga!

Com a xícara transbordante de café em punho, Dark se esparrama na cadeira ao lado do primo. No mesmo instante, tenho um súbito interesse em reexaminar a decoração da cozinha.

— Juliet. — Maria se aproxima. — Aqui está o endereço da biblioteca e da clínica. — Ela me entrega um papel rosa contendo as informações que eu havia lhe pedido ao cruzarmos no corredor.

— Clínica? Alguma coisa errada? Pam poderia ter te examinado — Dark pergunta surpreendendo-me.

— É clínica de estética, chefe — A peste espanhola é mais rápida do que eu. Meu rosto e colo fervem pela terceira vez na manhã. — Sabe como é... Aparar o matagal, coisas de mulher — continua ela.

Hã?

— Não tenho um matagal! — defendo-me.

Uma nuvem de café tinge o ar. Busco sua origem e Dark está roxo e

engasgado. Maria corre para bater nas costas largas e oferecer um pano. Fran e Pietro começam a gargalhar e quero morrer.

— Sério que vai fazer isso? — Fran pergunta entre risos. — Achei que fosse papo furado de Cris

— Também achei. — Pietro enxuga as lágrimas.

De canto de olho, espio Dark levantar-se e ir até a pia.

— Foi só uma ideia — desconverso.

— Poxa amiga, você jurou! — Cris muda de tática.

Chantagista.

Pressiono o topo do nariz, prestes a explodir.

— Jurou o quê? — Até Maria resolve se meter.

Busco por Dark que, enquanto esfrega o pano no peito, nos acompanha calado e sem muito interesse.

Fico mais aliviada.

— Uma coisa aí, Maria, não sei mais. Tem mais mate? — Tento mudar de assunto.

— Não sei mais uma ova! É pecado mortal quebrar promessa! — Cris insiste.

— É *Bella*, esse lance de promessa é coisa séria. Ainda mais aqui na Itália, com o Vaticano e tudo mais. — Fran se diverte com o meu calvário.

— Amo o Papa — murmuro.

— Se ama libera. — Cris cruza os braços.

— Essa vou ter de assistir — Fran sorri e Pietro concorda.

Que saco!

— Assistir a quê? — Dark volta para a mesa com expressão

aborrecida.

Gargalhadas começam a pipocar. Não as minhas, é claro. Esse papo está indo longe demais.

— Qual é, chefe. A ópera da *Incantata*^[41], da *Fiori*^[42], da *Persequitati*^[43]. Pode escolher, a lista é imensa. — Cris sugere entre mais gargalhadas.

— *Incantata* — Dark murmura baixinho.

— Boa escolha.

— Cristina. Ele é o nosso chefe! — protesto constrangida.

Tudo bem que trabalham juntos, se conhecem há anos e que a intimidade rola solta entre eles, mas... Falar da minha *Incantata* abertamente e para o nosso chefe é de mais.

— Tenho alguns amigos para te apresentar. — Fran pega o celular.

— Aqueles vagabundos, nem pensar! — Dark se exalta. — Porra, Fran, não sou contra diversão, mas tudo na sua hora e lugar. Estamos trabalhando, não um acampamento de férias!

Sua explosão me faz sentir inadequada, infantil e irritada. Fico de pé e coloco as mãos na cintura.

— Não preciso de cupidos e muito menos de um pai!

— Mas... — Cris tenta argumentar, mas faço um sinal para que ela se cale.

Maria aproveita a deixa e começa a recolher os pratos e os restos de café da manhã. Respiro fundo e olho para todos, menos para Dark. Posso senti-lo espumando de raiva. No mínimo por achar que contratou uma idiota adolescente. Não tiro a razão dele, era exatamente o que parecíamos.

Faço uma pausa, todos me encaram em silêncio.

— Conhecê-los têm sido incrível. Estar aqui é um sonho e tenho me divertido muito, mas *o chefe* tem razão — defino as posições. — Extrapolamos na conversa... Não curti a coisa do *Incantata*, não na frente dele. É constrangedor, caramba! Estou aqui para trabalhar, mas também preciso arejar. O que combinamos, está de pé, Cris, mas tudo tem limite... Sei como ocupar meu tempo fora da *Mountain*. Quero sair e outras coisas... — Começo a ficar constrangida de novo. — Estou aberta a tudo, mas, por favor não forcem a barra. Não preciso e nem quero que me joguem para cima dos caras, ok? Acho que já sou bem crescadinha, posso me virar sozinha e...

— Hum-hum, já entendemos... — Dark me interrompe e vai para a porta da cozinha. Franzindo o cenho, ele passa uma revista em todos. — Também não *curti* a conversa, o que Juliet faz ou deixa de fazer com a *Incant...* — engole duro e os verde-esmeraldas vagueiam por mim — não é da conta de ninguém. Então sugiro que parem de constrangê-la e foquem no que realmente interessa. — Olha-me profundo e indecifrável. Meu corpo esquenta. — Reunião na sede em quinze minutos. Preciso trocar a porra da camiseta.

Um esboço de um sorriso amigável parece brotar nele ao dar dá de ombros e sair.

Opa, opa! Ele tomou minhas dores?

Não preciso compaixão.



Depois de alguns minutos, desço as escadas com pressa. Subi para escovar os dentes, mas acabei me distraindo ao ligar para a clínica de estética e para a biblioteca. Passo correndo pelo hall e saio em disparada pela porta principal.

Apesar do sol quente, venta forte e redemoinhos de folhas secas festejam ao redor de meus pés apressados. Sem tempo, decido por um atalho. O caminho alternativo para o galpão, adaptado como sede da *Mountain*, dá vista para as colinas de parreirais. Uma rajada de vento vem e seguro a barra do vestido. Não quero dar um espetáculo para os homens que estão nelas trabalhando nas colheitas da uva.

— *Wow!*

— *Guarda la bella ragazza con il vestito al vento*^[44]! — grita um rapaz segurando uma cesta cheia de uvas.

Atrevido!

— *Belle gambe!*^[45] — berra outro homem.

Apresso o passo. Os elogios as minhas pernas estão me deixando constrangida.

— *Vivi la Italia!*

Entre assovios e cantadas, abaixo a cabeça e saio correndo. É melhor eu começar a sair mais cedo ou mudar de rota. Quase na sede, as vozes e cantadas dos agricultores param abruptamente.

Curiosa, levanto a cabeça e vejo Fran e Dark parados na entrada do galpão. *Maledire!* Meu coração palpita. De pernas abertas e braços cruzados, a forma mortal como meu chefe encara os trabalhadores contrasta com o sorriso aberto de Fran.

Dio mio!

Não estou nem dez minutos atrasada. Por que uma tromba desse tamanho?

Solto uma das mãos da barra do vestido e aceno para os dois em um sinal de “*tô chegando*”.

Ops!

A lateral do vestido alça voo. *Merda!* Os trabalhadores gritam “Olé” e Fran parece se divertir com a cena... Dark, bom, este olha para baixo e passa a mão no cabelo. Sua postura fica ainda mais tensa, na forma familiar de babaca contrariado.

Acelero e chego à sede. Ambos os primos dão um passo para o lado, para eu passar.

— Foi mal — sussurro.

Fran pisca e achando graça, entra no galpão. Espero que o mal-humorado Dark faça o mesmo, mas ele fica parado.

— Se não estivesse tão atrasada, não precisaria vir pelo meio do campo. — Encara-me e, como de costume, sinto um calor no fundo dos meus ossos.

— Tão atrasada? Sério? Nem notei — tento soar desentendida. Nem morta vou demonstrar que me atingiu com a reprovação dele.

— Vamos... Só falta você para a reunião.

Ele dá passagem e num gesto cavalheiresco, toca o meu braço. Assusto-me e dou um passo na direção oposta. O lugar onde seus dedos tocaram minha pele parece formigar.

— Porra! Só quis ser gentil, não ia te bater. — A voz do energúmeno sai mais baixa do que de costume.

O ar entre nós fica rarefeito me deixando claustrofóbica, mas aguento firme.

— Não pensei que fosse — resmungo.

— Tem medo de mim? — Dark encara-me.

Seu olhar é tão intenso e profundo que, mais um pouco, desnuda até

minha alma. Meu coração dispara.

— Até parece! — nego com veemência. *Tenho medo dos arrepios malucos que venho sentindo toda vez que me toca, não dele!* — Não tenho medo nem do meu pai! — minto. — Eu só... Eu... Estava assanhada... Atrasada! — arrumo rápido em um berro esganiçado. — Quis dizer... Atrasada! Preciso imprimir os relatórios que pediu.

Dark solta um suspiro e inclinando-se para a frente, fica muito próximo... Próximo demais. Seu cheiro amadeirado me atordoa e irrita. *Inferno!* Quero empurrá-lo para longe e dar na cara dele, mas paraliso quando estica a mão e toca meus cabelos.

— Tem uma folha seca presa no seu cabelo. — Tira um raminho de parreira e solto a respiração.

— Ah! Não precisava se preocupar. — Minha voz tremula e quero morrer por isso. — Valeu! Obrigada. — Faço um sinal positivo com a mão.

Juliet, você é patética!

Viro e corro para minha estação de trabalho, que fica ao lado da de Cris e Pietro.



7.1

Ventania

Assim que imprimo os relatórios, pego uma garrafa de água, respiro fundo e me dirijo para o calvário. Olho para o mezanino, todos já estão em volta da mesa de reuniões.

Droga!

Ladeio a parede de escalada indoor, utilizada para treinamentos, e entro embaixo do mezanino, onde ficam o acesso para a sala de Dark e o pequeno escritório de Fran.

É legal aqui. Há uma abertura circular no teto e um cano de ferro como nos bombeiros e, mais atrás, uma escada caracol dá no aquário: apelido dado à sala suspensa e envidraçada de Dark.

Subo de dois em dois degraus.

Entro e apenas uma das cadeiras, em torno da mesa de reuniões, está disponível... *Valeu, Dio!* Reviro os olhos mesmo que seja pecado. A dita cuja está colada a de Dark. Ainda envergonhada pelo *Incantata* e pelo clima estranho na chegada, puxo a cadeira para o mais longe dele que consigo e me afundo no couro confortável.

— Algum problema?

— Nenhum — respondo a Dark com um sorriso amarelo. Em seguida, empurro para ele os relatórios que me pediu.

A sobrancelha grossa arqueia enquanto morde o interior da boca.

— Podemos começar? — ironiza.

— Quando quiser — devolvo no mesmo tom.

Um farfalhar de papéis ressoa quando abrimos nossas cópias do roteiro de treinamentos e funções que Dark desenhou para a próxima expedição.



Agoniada, confiro o relógio na parede. Passei a última hora tentando controlar, sem sucesso, minhas pernas saltitantes e impacientes. Meu descontrole é tanto, que já me rendeu várias encaradas desconfiadas de Dark. Coisa, é claro, que não passou batido por Cris e Fran. Os dois não pararam de fofocar e rabiscar em seus blocos um só minuto.

Surpreendi-me quando Dark informou que serei dupla de Cris no desenvolvimento de uma nova proposta de rota para a próxima expedição.

Teremos que apresentar um plano de subida completo, com o período e as trilhas mais seguras a partir do próximo ano. Ele e Fran vão captar patrocinadores e alguns eventos, ao longo do ano, em busca de investidores já estão programados.

Ganhamos quase uma carta branca. As únicas proibições foram: o Triângulo Negro, o inverno e as tempestades. É claro que iremos validar todos os pontos com Dark, mas podermos decidir algumas coisas é um voto de confiança e tanto.

Pelo que Cris fofocou, o outro meteorologista não tinha toda essa liberdade. Mas também, segundo minha amiga, ele não era tão preciso em suas previsões quanto eu. Vai ver que é isso.

— Nossa, chefe, é uma oportunidade incrível! — Cris comenta radiante.

Sorrio, concordando com ela.

— O trabalho que têm feito vem se mostrando eficaz. É um

movimento natural assumirem mais responsabilidades — Dark diz de forma direta sem floreios

— Um baita voto de confiança — Fran complementa.

— É mesmo — concordo ainda sem acreditar.

Lembro da conversa que tive com Dark no avião. O imbecil não me deixou subir porque não confiava. O que deu nele para começar a confiar do nada?

A conversa borbulha ao meu redor. Acrescento um comentário aqui e ali. Mas decido não me empolgar muito, nunca se sabe até quando vai durar a generosidade repentina do meu chefe. A história do bilhete ainda está engasgada.

A reunião segue tediosa. Impressiona-me a intensidade de treinamentos físicos e idas frequentes ao psicólogo programadas. Pelo menos, as atividades extras me manterão mais ocupada até a próxima temporada. Gosto muito de saber que, além das rotinas na academia e parede indoor, teremos algumas escaladas ao ar livre.

Fico surpresa ao descobrir que perto daqui há um sítio rochoso ideal para subidas livres de equipamentos de segurança. Curioso Dark ser adepto da modalidade. Os montanhistas que a praticam tendem a ser mais leves e esguios e os malabarismos nas rochas são favorecidos por este biotipo. Difícil imaginar um cara, tão grande e forte como Dark, executando todas aquelas manobras.

Meu olhar vagueia para os quadros na parede e reparo em uma fotografia onde Dark executa uma manobra vertical.

Dio Santo!

Ele usa uma bermuda colada e *A Bunda* está divina na imagem.

Minha imaginação cria asas e voa... A imagem do corpo de Dark,

todo salpicado de poeira e suor, sendo exigido na escalada livre, vem forte... Os braços viris agarrados nas rochas. As mãos enormes sustentando o peso dele. O cheiro almiscarado misturado com o suor masculino.

Será que, às vezes, ele pratica sem camisa?

Começo a sentir comichão ao imaginar sua voz rouca soltando grunhidos e urros de esforço. Involuntariamente, espremo as pernas colocando um pé em cima do outro. Mordo a caneta para reprimir meus pensamentos impuros.

— *Juliet, concorda com os cronogramas de execução do projeto?*

— *Juliet?*

— *JULIET!*

Como um comando, a voz firme de Dark me tira do transe.

— Hã? Oi... — balbucio para ele e ganho um gesto impaciente.

— O que acha? — indaga.

— Da foto? — digo automaticamente e sem pensar.

— O quê? — Os olhos dele vão diretamente para a parede repleta de fotografias de seus feitos e depois voltam a me encarar com um brilho diferente.

Viro um pimentão.

— O que, o quê? — devolvo a pergunta com outra, o que provoca um brilho curioso nos olhos de Dark. Exasperada, olho para os lados sem fazer ideia do que estamos falando.

— Concorda com os cronogramas de execução do projeto? — Cris vem em minha salvação.

— Ah! Tá! Sim, concordo.

Droga!

Tudo que não preciso é de mais constrangimentos entre nós. Olho para Dark, que parece estar surpreso e até um pouco satisfeito com minha confusão. Fico ainda mais vermelha e finjo um interesse súbito pelos cronogramas. Imito os demais e tento ler alguma coisa, mas minha mente voa para outra dimensão. Dark me pegar admirando sua imagem está no mesmo nível de embaraço que senti quando a Irmã Calamanda me flagrou espiando o vestiário masculino, pela rachadura da parede, quando tinha cinco anos.



— *Juliet! Menina má! Nunca mais... Nunca mais olhe os corpos nus dos seus coleguinhas! Isso é pecado!*

— *Ai, ai... minha orelha, Irmã Calamanda! Achei engraçado. Por que eles têm uma mangueirinha grudada na pepeka deles?*

— *Não são mangueiras, são... São... Armas perigosas e você deve se manter afastada delas! Venha, vamos rezar para te afastar desse mal!*



— *Papà?*

— *Diga, minha pequena.*

— *O senhor também tem uma arma perigosa grudada na pepeka?*

Cof, cof, cof...

— *Peppe! Cuidado, homem! Vai morrer engasgado.*

— *Donna, o que andam ensinando para essa menina na escola? Juliet, nunca chegue perto daquelas armas perigosas, sim, minha passarinha?*

— *Sim, papà. O senhor tem uma?*

— *Não, não tenho.*

— *Oh!*

Depois disso, passei o ano batendo em todos os garotos que se aproximavam de mim. E depois da explicação de meu *papà*, concluí que, assim como nas frutas, as armas perigosas dos meninos deveriam cair ao longo do tempo. Como os cabinhos das maçãs maduras.

Alguns tempo depois, descobri que as armas perigosas da Irmã Calamanda se transformavam em ferramentas.



— *Sai do meu quarto, Juliet!*

— *Sua arma perigosa não caiu, mano.*

— *O quê?*

— *Isso aí grudado na sua pepeka.*

— *Não tenho pepeka! Isso é um pinto... Minha ferramenta de trabalho e prazer. Agora cai fora, pirralha! Nunca mais entre aqui quando eu estiver pelado!*

— *Oh! Um pinto... Por que não posso te ver pelado?*

— *Porque isto não é para você! Tem apenas sete anos! Mantenha-se longe destas ferramentas. Promete?*

— *Oh! Por que tem tanto cabelo grudado nele? Eu não tenho isso?*

— *Dio mio, Juliet! São pelos!*

— *Oh! Eu não tenho pelos na minha pepeka.*

— *Pelo amor de Dio, Juliet, quando tiver dezessete anos como eu, certamente os terá.*

— *URGH! São nojentos.*

— *Sim, nojentos. Promete ficar longe dos pintos? Eles são maus,*

Juliet!

— *Prometo, mano. O que é prazer?*

— *Some daqui, JULIET!*



Naquele ano fui passar as férias na casa da tia Rivoleta. Quase tive um treco quando ela disse que haviam nascido vários pintos no galinheiro e que, se eu quisesse, poderia ter um só para eu cuidar e amar.

Aos risos, ela prometeu me dar um com a condição de não o comer quando o bichinho se transformasse em um lindo galo de briga.

Aquele verão foi muito revelador... Principalmente depois que minha prima Ginna, de quinze anos, me contou as maravilhas que os galos de briga dos rapazes podiam fazer.



— *Urgh! Isso é nojento.*

— *Priminha, você acha nojento agora. Deixa chegar aos quinze anos e voltamos a conversar.*

— *Trouxe minhas Barbies, quer brincar?*

— *Agora não, pirralha. Tenho um encontro com meu galão de briga!*

— *Oh!*



A reunião acabou e nem notei. Só saí do meu mundinho quando Cris me chutou discretamente por debaixo da mesa. Descemos e o restante da manhã seguiu produtivo com Cris e Pietro, a mil por hora, animados com os

planos de trabalho. Dark e Fran ficaram horas trancados no aquário.

Depois de discutirmos várias ideias, aproveitei para responder aos e-mails da minha família e dar uma organizada na minha mesa e...

Perto do meu computador encontro um quartzo rosa.

— Obrigada, Cris. Ainda não tinha essa pedra na minha coleção.

— Agradeça ao Dark, não a mim. Foi ele que a encontrou perto do riacho.

Hã?

— Dark? — Tento me mostrar indiferente.

— Sim — Cris responde com um sorrisinho maroto.

— O que foi? — Estranho o semblante arteiro. — Por que o sorrisinho?

— Nada não. — Franze o nariz arrebitado. — Só estou animada. Algo me diz que, nesta temporada, o trabalho será bem mais excitante. Não acha? Consegue sentir a energia fervilhando no ar?

Ela aponta o lugar e termina focada na sala de Dark. Evito olhar para cima e concentro-me na bagunça que é a mesa dela.

— Não sei como era antes, mas acho que sim. Não imaginei que seria tão agitado e cheio de tarefas. — Mantenho o ar desinteressado. — Melhor terminarmos as prévias de amanhã — mudo o rumo da conversa.

Por volta da uma da tarde, estou liberada. Cris e Pietro já saíram. Foram visitar uma das fazendas vizinhas. Deixo os relatórios para o dia seguinte programados e engatilhados. Vai ser só chegar, imprimir e deixar em cima da mesa de Dark.

Pego o quartzo rosa para levar para o meu quarto e juntá-lo com as outras pedras de minha coleção. De canto de olho, vejo que Dark está de pé

em seu aquário. Ele observa as fotografias na parede enquanto coça a barba e depois morde o dedo mindinho.

Resisto à tentação de me abanar com uma das folhas do relatório que estou segurando. Meus olhos viajam até o traseiro perfeito e rijo.

Dio del Cielo!

Quando foi que virei uma obcecada por bundas?

Que horror!

Quando volto a olhar para cima, Dark está me fitando.

Meleca! Oh! Não! Mia Madre, por favor, não!

Ele não pode ter visto o meu olhar indiscreto. Primeiro, um esboço de um sorriso aparece em sua boca succulenta, depois pisca e seus olhos se tornam firmes. A cabeça sacode e sua expressão parece de...

Dio mio! Desgosto?

Caramba!

Dark vira e caminha para a abertura no chão. Aquela com o cano igual nos filmes de bombeiros.

Ele está vindo até a mim? Nem pensar!

Envergonhada, abaixo a cabeça e, aproveitando que já terminei, desligo o computador e saio o mais rápido que posso, em direção à casa grande.

Chego em meu quarto esbaforida e vou direto ao banheiro jogar água no rosto e nuca. Minhas bochechas estão coradas e a respiração rápida.

— É tudo fruto da sua mente vazia, Juliet. Foque em seu plano! — repito baixinho para me convencer e acalmar.

Vou até a varanda e me sento no peitoril por uns instantes. O vento forte ameniza o calor da tarde. Decido não descer para almoçar e comer

alguma coisa na cidade. Escolho um chapéu e bolsa de palha e enfio nela meus documentos e o papel da Maria.

Desço correndo as escadas, passo pelo hall, sala de jantar e ganho o corredor em direção à cozinha. Encontro só Maria arrumando a bagunça pós-almoço. Explico que estou sem fome e que vou direto para a cidade.

Vai ser puxado ir e vir dez quilômetros de bicicleta, mas não me importo. Preciso gastar minha energia com coisas produtivas, não com pensamentos obscenos com o idiota do Dark.

Saio pela varanda de trás e vou direto à área das bicicletas: um cercadinho que fica ao lado da horta da cozinha. Coloco a bolsa na cestinha da frente e enfio o chapéu na cabeça. Empurro a bicicleta vermelha, que escolhi, pelo caminho de pedra passando novamente pela varanda da cozinha. O mesmo que a enfermeira descarada fez na outra noite.

Um ronco de moto me assusta. Viro-me rezando que seja Fran. Os raios de sol tapam a minha visão. Uma rajada de vento joga meu chapéu para longe, largo a bicicleta no chão e corro para resgatá-lo.

Assim que me abaixo... Outra rajada. O vestido voa e meu traseiro fica à mostra. Levanto rápido tentando controlar o tecido esvoaçante. Viro-me e tenho vontade de colocar o chapéu na cabeça e morrer.

La Madonna! Grazie vita!

Era só o que me faltava! Acabo de dar a Dark uma visão panorâmica da minha bunda vestida em uma calcinha ridiculamente minúscula.

Mesmo querendo matar ou morrer, decido acabar logo com a agonia.

O *figlio di puttana* está montado em uma moto imensa e preta. As mãos dele apertam estranhamente as coxas grossas. Por cima das mesmas roupas que vestia na *Moutain*, ele tem, agora, uma camisa de flanela vermelha e branca... Há um boné virado para trás. Seus olhos me dissecam e

seu peito enorme sobe e desce.

— Tinha que ser você — resmungo em um sussurro mortal e envergonhado.

— Por que o tinha? Decepcionada? — A voz grossa sai entrecortada.

— Não é isso... É que... pensei que fosse o Fran.

— Ele foi dormir. Ressaca.

— Ah!

— Vai aonde?

— Cidade.

— E vai assim... — Visivelmente desgostoso aponta para mim e, por reflexo, olho para o meu corpo. — De bicicleta?

— Acho que a pé ficaria meio difícil! — retruco petulante.

— Mesmo de bicicleta, são quase dez quilômetros.

— Estou acostumada.

— Preciso resolver umas coisas por lá. Venha, te dou uma carona.

— Não! — Sobressalto-me com um pulinho. — Não precisa. Vou demorar.

— Sem tem problema. Posso te deixar onde quiser... Vou para minha reunião e depois te pego.

— Prefiro que não. — Começo a suar frio.

— Juliet, precisamos conversar... Eu... — Faz menção de desmontar e dou vários passos para trás.

Ele desiste e volta a montar

— Agora não posso — afirmo com veemência. — Estou atrasada.

— Mais um motivo para vir comigo.

— Não!

— Tem mesmo medo de mim, não é?

— Imagina, já disse que não. De onde tirou isso?

— Hoje cedo... quando te toquei. Você fugiu.

Arrepio-me ao lembrar do arrepio.

— Impressão sua. — Esfrego os braços. — Preciso ir.

Dark tira a camisa e estica o braço oferecendo-a.

— Toma, amarre na cintura.

— Não estou com frio. — Cruzo os braços.

— Está ventando muito. A menos que queira proporcionar outro espetáculo, acho melhor deixar de ser teimosa e aceitar logo essa merda.

— Que espetáculo, está louco?

— Ainda não, mas posso ficar só de imaginar você desfilando com essa bunda deliciosa por aí. Vai passar por muitas colheitas ao longo da estrada. Viu o que aconteceu de manhã.

Deliciosa?

Agito-me e aponto um dedo acusador na direção dele.

— Como me visto não te diz respeito. — *É sério? Ele acha a minha bunda deliciosa?* — Não tinha o direito de olhar a minha bunda, seu... seu... tarado!

— Tarado? Eu? — gargalha jogando a cabeça para trás. Meu sangue italiano entra em ebulição. — Você que é exibida! Se empinou toda com esse fiapo que chama de calcinha e a culpa é minha?

— Exibida o teu *coda*! — Pego uma pedrinha do chão, taco nele, mas ele desvia. — *Infelice!* Foi sem querer! Devia ter fechado os olhos.

— Tentei. Não consegui — diz sério.

— Tentasse direito! — Bato meus *All Stars amarelos* freneticamente no chão.

— Não deu! A imagem era perfeita demais para ignorar. Aquilo era uma tatuagem? — Arqueia uma sobrancelha.

— O quê?

— Em cima do lacinho? Era uma tatuagem? — Pressiona os lábios.

— Não interessa, seu pornográfico!

Outra rajada de vento bate e levanta novamente meu vestido. Agora, a panorâmica é frontal. Congelo de vergonha.

Empunhando a camisa, Dark pula da moto e vem como um touro louco em minha direção.

— Está vendo?

Em um movimento rápido, amarra a camisa na minha cintura.

— O que está fazendo? — Tento tirar as mãos dele à força, mas parecem de aço e meu esforço não faz nem cócegas nele. — Me larga! Já disse que não quero usar essa droga!

Dark se afasta. Estou toda vermelha e ofegante. Nossos olhos se fuzilam enquanto começo uma batalha para desatar o nó apertado que ele deu nas mangas da camisa.

— Deixa isso aí, Juliet. — Tira o boné passando as duas mãos pelo cabelo. — Não estou de brincadeira. Só quero te proteger.

Desisto da camisa.

— Proteger de quê? — exijo sem entender.

Dark trava o maxilar e sem ter uma resposta imediata, vou até a bicicleta, levanto-a do chão, e monto. Enfio o chapéu na cabeça.

Volto o olhar para encontrar Dark girando em torno do próprio corpo, como se procurasse algo. Parecendo inconformado, chuta alguns cascalhos que rebatem no metal da moto. Pragueja... Respira... Abre e fecha a boca algumas vezes, encara-me e volta a apoiar as duas mãos na cabeça.

Dio!

Fico alerta com a fúria em seu olhar.

— Só quero protegê-la de caras como eu, caralho! — vocifera mais para si do que para mim.

Eita! Como ele?

Por quê?

Por essa eu não esperava. O homem parece um bicho doido e lembro do que Cris falou... Ela estava certa sobre eu não gostar de vê-lo nervoso.

— Está bem! — Cedo por puro amor à vida. — Uso a droga da camisa, mas saia de perto de mim! — exijo pedalando em direção à saída lateral da casa.

O ronco da moto segue logo atrás.

— Vou te seguindo. É perigoso.

Freio, ele para quase encostando na bicicleta.

— De jeito nenhum! Maria disse que é tranquilo.

— Mas...

— Chega! — irrita-me, interrompendo-o. Fico na ponta dos pés, prendo a bicicleta entre as coxas e coloco as mãos na cintura. — Alessandro Bolgheri, se não me deixar em paz, eu vou gritar tanto, mas tanto... que vou acordar até os mortos! Na *Mountain* você até pode ditar as regras, mas fora dela, não manda um caralho em mim! Chispa com essa merda de moto e me deixa fazer as coisas do meu jeito. Some da minha frente!

— Teimosa!

— Brutamontes! Indecente!

— Só tentei ser legal com você! É muito frágil... Olha o seu tamanho.

— Está me chamando de nanica? Seu gigante de uma figa! Frágil o cacete! Não preciso da sua piedade.

— Não é piedade... — exaspera-se e mantenho meu olhar decidido.
— Ah, quer saber?! Vá para o raio que a parta! Que caralho de baixinha mais braba!

Acelera a moto e sai empinando-a sobre uma roda, deixando um rastro de poeira atrás dele.



Alguém pode me explicar que ataque foi aquele?

Fico por alguns minutos olhando para o rastro de poeira deixado por Dark. Chuto o cascalho e quase me desequilibro da bicicleta.

Droga! Droga! Droga!

Não sei se estou mais brava por eu estar terrivelmente atraída por ele... ou... ou por fantasiar que ele não seja totalmente indiferente a mim.

Será? Não... É impossível. Mas...”só de imaginar você desfilando essa bunda deliciosa por aí”.

Coloco os fones do celular e escolho uma música. Saio pedalando em direção à cidade ao som de *4 and 20*, de Joss Stone.

A estradinha é tranquila e circundada por ciprestes por todo o caminho levemente ondulado do terreno. Depois de meia hora admirando os muros de pedras das vinícolas vizinhas, parreirais e colinas, chego finalmente a Bolgheri. Um lugarejo charmoso, espalhado em torno de um belo castelo de pedras terrosas, que dá nome à cidade.

Erguida na era medieval, ela é toda murada e suas construções são em pedra. Adentro por um grande portal em arco, repleto de flores alaranjadas, de cheiro adocicado. Logo à direita, vejo uma igrejinha simpática e, para completar a magia do local, um casal de noivos sai e é recepcionado por familiares e amigos em meio a uma chuva de arroz.

Aproveito que ainda tenho quarenta minutos, antes da hora marcada

na clínica, e exploro os detalhes curiosos que enriquecem o lugar.

As ruelas estreitas convidam a serem descobertas, cheias de flores coloridas e outros tipos de decorações curiosas nos balcões das casas. Na praça central há uma oliveira enorme que descubro ter mais de trezentos anos.

Simplesmente lindo!

Embora seja famosa basicamente pelo vinho que produz, Bolgheri não é só feita de enotecas. Lojinhas, restaurantes e bares também povoam o centro. Na praça, paro em uma sorveteria antiga e depois em uma loja de perfumes, onde encontro meu aroma preferido; e, por fim, muno-me de revistas femininas.

Dio mio, acho que estou descontando a ansiedade do embate com Dark nas compras!

No caminho para a clínica, deparo-me com um artesão que expõe suas obras em frente ao seu pequeno atelier multicolorido. Não resisto e compro algumas coisas para decorar o meu quarto e ele me conta que próximo dali existe um oásis: uma reserva de vida selvagem, de mais de quinhentos hectares. Mas isto vou deixar para outro dia.

Passam de três horas quando chego à clínica. Um lugar encantador com portinha em arco, vasos de hortênsias e uma frondosa primavera que faz às vezes de fachada. Entro e tudo é impecavelmente decorado no melhor estilo provençal: sofás brancos e almofadas azuis estampadas com temas bucólicos. Noto o cheiro familiar de flores de laranjeira assim que entro.

A recepcionista, uma morena linda e sorridente, me aguarda no balcão, ao lado de um vaso de flores frescas. Giovanna é o que diz sua plaquinha de identificação.

— Olá, Giovanna! Conversei com você pela manhã — digo com

meu melhor sorriso. — Tenho hora marcada.

— Boa tarde, senhorita! Nome, por favor?

— Damaggio, Juliet — identifico-me.

A morena checa em um tablet e seu sorriso ilumina.

— Ah... sim! Por aqui, minha querida. Temos uma sala especialmente reservada. Quem irá te atender será a Margô. Ela tem mãos de fada.

Sigo a bela e alta mulher por um corredor chique. De repente, sinto-me deslocada com meu vestido amarelo e a camisa de Dark amarrada na cintura. Nunca vou admitir para ele, mas ela fez toda a diferença na estrada. Sem ela e com o vento forte, meu traseiro seria um prato cheio para as pessoas que encontrei ao longo do caminho.

— Olá! Juliet, é isso? — Uma senhora ruiva, sardenta e mais baixa do que eu, abre um sorriso.

Entro em uma sala imaculadamente branca, com uma maca, velas aromáticas acesas e vasos com rosas brancas espalhados. Cortinas esvoaçantes enfeitam as janelas que revelam um pequeno jardim interno com mesinhas, grandes vasos de flores e bancos antigos de ferro.

— Sim — respondo intimidada.

— Por favor, ali é o banheiro, tire suas roupas e vista o roupão.

Obedeço, levo um bom tempo lutando contra o nó apertado que Dark deu nas mangas da camisa e, quando retorno, Margô parece uma médica toda paramentada para uma cirurgia complicada. Satisfeita pela máscara e luvas descartáveis que usa, tiro o roupão e me deito na maca confortável. Meu corpo é coberto com um lençol macio e cheiroso.

— Pronta?

— Sim.

A esteticista afasta o lençol expondo minhas dobrinhas mais íntimas.

— Hum... Vejo que gosta de radicalizar! — Sorri.

Enrubesco, não estou acostumada a mostrar meus tesouros para estranhos. Há anos, a única que cuida de mim é a Pepita. Uma esteticista louca e divertida que atende a domicílio em Roma.

— Sim, não sou muita adepta dos pelos. Pode fazer depilação completa, por favor.

— Isso vai ser moleza. — Sorri puxando um carrinho com cera quente e apetrechos. — Você está em dia aí embaixo, mocinha.

Coro novamente e ela começa a trabalhar com uma destreza impressionante. Levanta e abaixa minha perna, virando-me de um lado para o outro. De frente, de costas e, por fim, nenhum pelo indesejado habita em meus “países baixos”.

Quando me preparo para sair, Margô avisa-me alegremente que ganhei um upgrade no tratamento. Acho estranho, conheço muito bem esses golpes de salões. Você se empolga e depois acaba estourando o cartão de crédito. Tento recusar.

— Não se preocupe. O valor que Giovanna passou não vai mudar. Às vezes, a direção faz uns pacotes promocionais. Umas loucuras!

Ouç o ranger das solas de borracha enquanto Margô vai até uma estante e pega alguns óleos. Ela me explica que são para uma massagem relaxante. Digo a ela que acabei de comprar dois vidros do meu óleo preferido e aponto para as sacolas de compra depositadas em uma poltrona provençal. A esteticista pega um deles e coloca algumas gotas em suas mãos. Esfrega e meu aroma preferido invade o ambiente.

— Pronta? — pergunta e concordo. Ela pega meu pé e começa a

fazer movimentos circulares. — É nova na cidade?

— Sim, vou passar uma temporada por aqui.

— Hum... é mesmo? — Franze o cenho, curiosa. — Veio participar da gravação do filme. A cidade está cheia de artistas.

— Não, filme, não. — Sorrio. — Trabalho na *Mountain*. Conhece? Moro na vinícola Bolgheri.

— É tão bonita que pensei que fosse uma atriz, desculpe. — gargalha. — A *Mountain*, sim; quem não conhece Alessandro e Francesco. Sempre atendo Fran, aquele garoto é uma peste. Eu me divirto com as histórias absurdas que me conta. Uma mais cabeluda do que a outra, chego a arrepiar — gargalha novamente.

Acho interessante o jeito íntimo e carinhoso com o qual Margô se refere a eles.

— Imagino que se divirta, Fran é mesmo uma figura!

— E o bonitão do Alessandro? — Lança-me uma piscadinha. — Vê ele com frequência? — Suas mãos alcançam o outro pé.

— Trabalhamos juntos. — Finjo desinteresse.

— *Madre Santissima*, ele é lindo, né? Sonho com o dia em que eu possa depilá-lo todinho. — Abana-se. — Já falei pro Fran dar uns conselhos para o primo vir aqui. Mas Alessandro faz mais o estilo bruto. Parece que não gosta de ninguém tocando em suas partes — gargalha estridente. — Fran disse que o primo se cuida sozinho no departamento de beleza.

— Ele é bruto mesmo. Praticamente um ogro. — Faço uma careta, mas estranhamente minha boca enche d'água.

Mordo os lábios instintivamente. Apesar de odiar pelos em mim, tudo que vi em Dark, até agora, parece combinar malditamente com ele.

Aquela penugem que ostenta no peito, entre o umbigo e seu V, é um troço tão irritante e apetitoso que me dá vontade de arrancar na pinça!

— Ui, senti alguma coisa aí! Vocês estão de trê-lê-lê? — Ela me cutuca enquanto massageia minhas panturrilhas. — Depois que ele se separou da noiva, nunca mais apareceu com ninguém, se é que me entende. Sempre rodeado de mulheres, mas nenhum caso sério.

Noiva?!

Cris nunca mencionou uma noiva?

Do jeito que é grosso, era de se esperar que a mulher saísse correndo!

— Credo, não! Trê-lê-lê nenhum! — Sacudo a cabeça com repugnância. — Só trabalho com ele. Nossa relação é complicada. Tipo nos odiamos. — Arregalo os olhos para enfatizar o ranço e ela me dá um sorriso sugestivo, que não entendo. — Noiva? — Não contenho a curiosidade e volto ao assunto.

— Sim. A desocupada da Paola Ragatini. Ela é tão insuportável! — Revira os olhos no mesmo tom rançoso que usei. — Odiava quando vinha aqui. Tratava todo mundo com desprezo. Aquela mulher tem pacto com o demônio, só pode ser. Alessandro que foi esperto, pulou fora a tempo. A vaca nunca se conformou com o fora que tomou às vésperas do casamento — diz eufórica e surpreendo-me por ter sido ele o responsável pelo fim. — Foi um escândalo. A mãe dele surtou. Paola é filha da melhor amiga dela. Isso já faz uns três anos e parece que a relação dele com a mãe nunca mais voltou a ser a mesma.

— Essa Paola mora aqui? — Finjo desinteresse, mas minha curiosidade está a mil.

— Ah, não! Mora em Roma, mas volta e meia dá umas incertas por

aqui. — Margô faz uma careta de nojo. — Acho que tem esperança de que Alessandro ceda à pressão da mãe e reate o noivado. Mas duvido... Ouvi boatos de que ele pegou a vadia na cama do filho do prefeito. Precisa ver como ficou o rostinho lindo do Romeo Enrico.

— *Dio mio*, que babado! — Dou corda. Essa visita à clínica está me saindo um entretenimento e tanto.

— Ah sim, foi um buchicho. Tentaram abafar, mas sabe como é cidade pequena. Tudo se sabe e se comenta. — Dá uma piscadinha. — Alessandro não merecia, tinha acabado de perder os melhores amigos, estava de dar dó e a vaca ainda fez aquilo? Para mim, o único interesse dela era o título e o dinheiro da família.

— Título, tipo de nobreza, pra valer? — pergunto embasbacada.

Jurava que a coisa do castelo e o nome da cidade fossem coincidência e brincadeira do Fran.

— Alessandro não contou? Bem a cara dele fazer isso — suspira. — É um dos homens mais humildes que conheço — elogia e, por um momento, pergunto-me se estamos falando da mesma pessoa. — O pai dele é Conde. Quando o velho bater as botas, o gostosão herda tudo, inclusive o título.

— Dark não fala a respeito da família, eles moram por aqui? — Não me contenho.

Para dar mais ênfase ao que vai dizer, Margô levanta as sobrancelhas.

— Moram em Mônaco com a irmã *bas-tar-da* — enfatiza — de Alessandro. Quase nunca dão as caras por aqui.

— Bastarda? Gente, que família! Pensava que a minha que fosse agitada. — Sorrio meio histérica com tanta fofoca.

— A mãe dele teve um caso, mas o Conde tem um coração de ouro.

— Ouço outro suspiro. — Não só perdoou a esposa como acolheu a menina como sua filha. Rafaela é uma linda, tem dezessete anos agora. Espirituosa que só. Daqui a pouco, ela aparece por aqui. Sempre que as aulas acabam, foge da mãe para ficar grudada no irmão. Alessandro adora a pirralha. Precisa ver, faz tudo o que ela quer. A menina o leva nas mãos.

A ideia de Dark fazer tudo por uma mulher, mesmo que seja a irmã dele, parece surreal.

— Caramba, trabalhamos juntos há mais de três meses, nos vemos todos os dias e não sabia dessa missa nem a metade. Ninguém fala nada naquela casa.

— Engraçado. — Olha-me intrigada enquanto destrói minha barriga com movimentos frenéticos. — Até o ano passado, ele ficava no apartamento que tem aqui na cidade. Alessandro está morando no casarão agora?

— Sim. Pensei que a vinícola fosse sua residencial oficial. Agora entendo o porquê daquele lugar ser tão abandonado. — *Será que abandonou tudo por desgosto?* — Ele ia morar lá... com a Paola depois do casamento?

— Ah, não... O sonho dela sempre foi Mônaco.

— Nossa, como sabe de tantas coisas a respeito deles?

— Trabalhei para a família por anos. Além do mais, cidade pequena... Até você já está famosa. — Faz uma cara de *Ops!* — Não conte para ninguém que te contei estas coisas. — Pisca de modo cúmplice. — Posso me estrepar feio pela fofoca.

Passo um zíper imaginário em meus lábios e o sorriso volta a iluminar seu rosto.

— Famosa? Eu? — Meu rosto enrugado duvidoso. — Só estou aqui há uma semana!

Margô massageia meus ombros e pisca novamente.

— Está todo mundo comentando que tem uma moça nova morando na vinícola. Boatos de que era uma mulher linda. Devia ter imaginado que era você quando chegou.

— Que é isso. Linda já é demais. — Fico sem graça, Dark me acha uma nanica.

— Linda, sim. Garota, você é uma bonequinha. Cuidado, os homens da cidade vão cair matando em cima de você. Sabe como é... Não rola muita carne nova por aqui. Ainda mais com a sua qualidade. Pronto! Terminamos! Agora você vai fazer as unhas!

Quase seis da tarde, estou finalmente saindo da clínica. Agora, no lugar dos *All Stars*, uso um ridículo chinelinho. As unhas dos meus pés ainda estão secando e eles nunca estiveram tão bem cuidados e macios.

Meu corpo nunca esteve tão macio!

O pacote promocional era tão bom, mas tão bom, que saiu de graça e ainda ganhei vários retornos. Estou começando a amar a hospitalidade do povo de Bolgheri.

Ouçõ um ruído indesejado, porém familiar. Meu estômago está roncando. Lembro de que, depois do café da manhã, só tomei aquele sorvetinho e mais nada.

Empurro a bicicleta abarrotada de sacolas em direção à praça central. O entardecer está delicioso, mas a temperatura bem mais amena. Paro perto da oliveira centenária, no meio do canteiro central. Com frio, pego a camisa Dark em uma das sacolas e a visto. Fica parecendo um sobretudo. O cheiro dele está impregnado no tecido. Arrisco-me a dar uma cheiradinha.

Nossa!

O homem cheira bem mesmo. Fecho os olhos lembrando da sensação de tê-lo por perto.

— *Nonno*^[46], *Nonno*, *Nonno*...

— *Salvatore*...

— *Nonno... Cuidado*...

Um caos se instaura na praça. Ouço gritaria, risos e o ronco fraco de um motor.

— *Dio mio! Nonnooooooooo. A mulher!*



8.1

Inevitável

Giro o corpo olhando de um lado para o outro. Um vulto motorizado passa rápido por mim esbarrando no para-choques da bicicleta. Com o susto e o impacto, acabo caindo de costas no meio do canteiro central. Minhas pernas ficam para cima e entaladas entre as flores, raízes da árvore e a muretinha de pedra do jardim, pareço um L.

Humilhante!

Fecho os olhos tentando entender minha situação. *O que foi isso? O que está acontecendo?* Uma ardência incômoda no bumbum insinua que morta eu não estou. Pressiono mais os olhos pela dor.

— *Dio mio!* O *Nonno* matou a *ragazza*^[47]!

— *La Madonna!* Salvatore vai pegar prisão perpétua!

— *Silenzioso*, Madalena, o velho tem noventa anos! Não existe perpétua nesta idade! Sem falar que está meio gagá!

— Quem mandou você deixar ele andar na sua motoneta?

— Ele pegou escondido. Conhece ele! *Dio Santo!* Só falta quererem jogar a culpa em mim. Sou muito jovem para ser preso!

— O que está acontecendo aqui? Ai, *Madonna Santissima*, está morta?

As vozes ao redor vão aumentando. Considero a possibilidade de realmente me fingir de morta e esperar que me esqueçam para que eu possa sair de fininho. A ardência no traseiro aumenta e não consigo mais aguentar... Então, abro os olhos e tento me levantar.

Que ódio! Era só o que me faltava!

— Está viva! Está viva! *Grazie a Dio!* Avisem que *Nonno* já pode sair do esconderijo! — Uma mulher roliça de cabelos brancos e bochechas extremamente rosadas, que percebo segurar os meus chinelos, grita. Seu avental está todo salpicado de vermelho.

— Ai, *Mia Madre!* Estou sangrando? — Apavoro-me apontando para o avental dela enquanto começo a me apalpar. Minhas pernas se agitam no ar enquanto tento desentalar. Quanto mais me mexo, mais a ardência aumenta.

— NÃOOOO... Nada de sangue! — A mulher nega em meio às risadas dos curiosos. — Isso é molho de tomate, *bambina*^[48]. — Seu sorriso é amável.

— Como se chama? — Outra mulher, ao celular, pergunta.

— Juliet — murmuro mortalmente envergonhada.

— Olha só o que fez, *Nonno!* — Um jovem loiro grita para um senhor de cabelos brancos, rosto enrugado e os maiores óculos de fundo de garrafa que já vi.

Ele acaba de chegar perto do canteiro e parece que também caiu em cima de alguma coisa. Suas roupas estão amarrotadas. O suspensório, que prende a calça até acima do umbigo de sua grande barriga redonda, está retorcido. Sua boina xadrez, toda torta. Posso sentir o mau cheiro que exala até entre as flores.

Será que ele caiu no lixo?

As pessoas ao redor dele prendem o nariz com as mãos enquanto se afastam.

— Te matei, *figlia mia*^[49]? — pergunta envergonhado.

Sua voz é doce e grave ao mesmo tempo. Automaticamente minha raiva se esvai. Impossível ficar brava com uma figura tão simpática e dócil. Tento manter a calma sentindo a necessidade de proteger o velho.

— Não matou. Foi só um susto. — Sorrio docemente. — Só me ajudem a sair daqui, sim?

Em segundos, uma dezena de pares de mãos me resgatam, pondo-me de pé e me apalpando.

— Sente alguma coisa? — pergunta-me a mulher roliça, cujo nome descubro ser Madalena.

— Só uma ardência na minha... — Não completo a frase por vergonha.

Gargalhadas ecoam e minha raiva ameaça voltar.

— Ela caiu em cima dos espinhos. — O jovem loiro faz uma careta como se soubesse exatamente o tamanho do meu incômodo. — Teremos que levá-la para o hospital. Consegue andar, *ragazza*?

— Não, hospital, não. Acho que posso me virar sozinha. — Passo a mão no traseiro e parece que fui atacada por um porco espinho. — Aiii! — deixo escapar um grito de agonia e *nonno*, que descubro chamar-se Salvatore, coloca as mãos enrugadas no rosto tão enrugado quanto.

— Machuquei a Doce Julieta! — O velhinho se desespera.

— Não foi nada. Estou perfeitamente bem. — Sorrio e passo a mão em seu rosto e seus olhos, de um tom verde-oliva, lacrimejam. Sinto uma familiaridade na cor deles.

— Juliet. — Uma voz bem conhecida me chama.

Droga!

Viro para a ruiva.

— Oi, Pam, o que faz aqui?

— Martha ligou avisando que o *Nonno* tinha atropelado alguém. Só não imaginei que seria você. — Sua expressão é preocupada. — Está bem? Algum ferimento?

— Não. — Coro e os olhos dela brilham. — Só um acidente com alguns espinhos — digo apontando meu traseiro atingido.

— Deixe-me ver.

— Não! — Dou um passo para trás. — De jeito nenhum vou mostrar meu bumbum em praça pública!

— Tem razão. — Pam sorri amavelmente. — Vamos até o hospital que dou uma olhada nisso em meu consultório. Consegue andar? São só duas ruas para baixo.

— Nós vamos junto — dizem Madalena e *Nonno*.

Viro-me boquiaberta para eles e noto que estão segurando minhas compras, bolsa e chapéu.

— A bicicleta já era! — berra o jovem loiro empurrando o ferro retorcido para dentro de um restaurante cuja placa diz: DON.



Em menos de dez minutos, eu e minha pequena comitiva estamos no consultório da doutora Pam. Ela pede para Madalena e *nonno* Salvatore esperarem na antessala enquanto me examina.

Depois de um tempo removendo cada um dos espinhos com a pinça, Pam pede que eu espere na maca. Ela vai até a farmácia, no primeiro andar do hospital, atrás de uma pomada para dar fim na irritação. Ao contrário do que imaginava, Pam foi superdelicada e gentil. Suas mãos leves fizeram milagre e quase não senti os espinhos sendo retirados. Tentei puxar papo,

mas ela me pareceu extremamente na dela.

Sozinha, admiro o chão branco e imaculadamente limpo. A ardência já diminuiu bastante. Fecho os olhos e começo a fazer uma retrospectiva dos acontecimentos.

Que vergonha!

Ótima maneira de fazer minha estreia na cidade. Se Margô mentiu sobre eu ser famosa, agora, certamente ficarei. Rio sozinha.

Mais patético impossível!

Sou pega de surpresa quando um toque suave, mas áspero, acaricia a pele irritada de minha bunda. Um calor imediato irradia-se por todo o meu corpo.

Opa! Essa mão não é da doutora Pam...

Viro-me devagar para olhar sobre meus ombros...

O quê?

Congelo perplexa e, por alguns segundos, não consigo falar nada. Dark, o despudorado, está alisando a pele marcada do meu bumbum e parece bem concentrado no que faz. Seu toque é tão delicioso que uma contração involuntária surge entre minhas pernas. *Inferno!* Seus olhos afiados arregalam e voltam-se para mim e as mãos enormes e calejadas vão parar dentro dos bolsos da calça.

Quero xingá-lo, mas também me sinto pega no flagra. Fecho os olhos em autorrepulsa.

Dio mio! Será que esse ogro dos infernos percebeu que eu estava gostando?

— Porra! — grunhe parecendo desconfortável.

Merda, percebeu.

A cara do abusado está igual à do meu irmão, Joseppe, quando *mamma* descobriu seu carregamento ilícito de camisinhas. Até aquele dia, ela ingenuamente acreditava que o filho queridinho dela era um ser imaculado e virgem.

— O que faz aqui? — Mostro indignação enquanto me contorço para baixar o vestido. Dark tenta me ajudar, mas dou um tapa barulhento nele. — Tira essas mãos apalpadoras de mim, seu tarado pornográfico!

— Só estava checando o machucado. — Seu lábio contrai. — Não tenho culpa, se levou para o outro lado.

— Eu levei para outro lado? — Meus olhos crescem fulminantes. — Está querendo tomar mais um tapa? — ameaço e seu belo rosto barbado endurece.

— Ah... Não levou? — Encara-me cínico, mas depois fecha os olhos e pragueja baixinho. — Eu senti você... Ela vibrando. *Cazzo!* Isso é muito fodido — sussurra e, quando reabre os olhos, há algo selvagem neles.

Que constrangedor!

— Mentiroso, vibrei nada! Foi... Foi... um espasmo involuntário. Deve haver uma explicação científica. Sou completamente indiferente e imune a você — exaspero-me mentindo com veemência. — Ogros libertinos não me atraem e nossa relação é estritamente profissional. O que está acontecendo comigo é errado — deixo escapar.

Mortificada pelo ato falho, sento-me na maca e a dor na bunda me atinge como um raio. Em um impulso, pulo no chão e acabo me chocando contra o peito musculoso e maciço.

Dark segura meus braços, estabilizando-me.

— O que está acontecendo com você? — pergunta baixinho.

Está acontecendo que a vida está me ferrando! Eu não deveria estar

tão atraída por você, mas estou! Esses últimos três meses têm sido um inferno!

Recuso-me a responder ou olhar para ele, quero me afastar, mas meu corpo traidor se recusa a sair de perto dele.

Diacho!

Segundos constrangedores de silêncio pairam entre nós... Um arrepio percorre minha espinha e tenho vontade de chorar e gritar ao mesmo tempo. Aquela vontade de bater nele ressurge juntamente com o desejo de beijá-lo.

— Juliet? Olhe para mim e diga: Que. Diabos. Está. Acontecendo?
— insiste pausadamente.

— Não sei o que está acontecendo, está bem! — explodo. — Não sei! Simplesmente não sei e te odeio por isto! Melhor! Eu me odeio por isto! Satisfeito? — berro mais e suas mãos afrouxam.

Consigo me soltar e contorno a maca. Preciso de algo entre nós. Seu olhar sobre mim é furioso e o meu vai pelo mesmo caminho. Dark inclina a cabeça, passa os dedos em suas sobrancelhas e solta um suspiro irritado.

— Juliet, também me odeio. Mais do que possa imaginar, acredite... Caralho! Não deveria ter vindo aqui — fala em um tom ácido.

— Não deveria mesmo! Ninguém te chamou!

— *Nonno* Salvatore é meu avô! Niro, que trabalha no restaurante, ligou e avisou que ele tinha atropelado uma tal Juliet. Presumi que só poderia ser você.

— Seu avô?

— Materno. Acho que ainda me chamo Alessandro Salvatore Bolgheri. — Um sorriso torto brota em seus lábios e quero morrer por isso. *Alguém pode trazer o Dark que não sorri de volta?* — Peço desculpas em

nome dele. O velho anda... um pouco confuso ultimamente. Eu me senti na obrigação. Tenho sido um pouco negligente com ele.

— Ah! Não foi culpa dele. Eu que estava parada no meio da rua — apresso-me em defender *Nonno*. De repente, sinto-me culpada. Se não tivesse parado para cheirar a camisa de Dark, essa idiotice não teria acontecido.

A porta do consultório abre e Pam entra seguida por Madalena, *nonno* Salvatore e Fran.

— Imaginei que estaria aqui, Alessandro. — Pam bate nas costas dele enquanto vem em minha direção.

— E aí, *Bella*. Inauguraram a sua bunda, né? *Nonno* não perde tempo! — Fran diz sorridente, tascando um beijo na cabeça do senhor Salvatore, que reclama com ele.

— Pois é. — Sorrio sem graça.

— Respeita a *ragazza*, Francesco. Foi um desastre! — *Nonno* chacoalha as mãos enrugadas. — Não se fala das partes pudicas de uma senhorita em público. — Ele se vira para Dark com cara de reprovação. — E você, menino? O que fazia a sós e fechado com ela? Um cavalheiro jamais deve fazer isto, a menos que esteja seriamente comprometido com a dama.

— Trabalhamos juntos, *Nonno*. Estava só checando se tudo estava bem.

— Mesmo assim, Alessandro. Deveria ter ficado conosco na cafeteria ou chamado uma enfermeira.

— Tem razão, *Nonno*. Não ficarei mais a sós com ela novamente. — Dark me olha sério.

Fran e Pam trocam sorrisinhos entre eles.

— Bom, a conversa está ótima, mas preciso passar algumas

orientações pra Juliet. Garanto que depois disso... — Pam levanta um tubo de pomada — ela ficará cem por cento, amanhã. Não foi nada de mais. Quem nunca se estropiou caindo nos espinhos do canteiro central? Qual é? Esqueceram-se da nossa infância?

— Você que vai passar a pomada nela? — Os lábios de Dark contraem.

— Está vendo algum outro médico por aqui, Alessandro? Vamos! Todos vocês para a antessala. Agora!



Enquanto Pam me medica, penso em como a tarde de hoje foi surreal. Sempre enxerguei Dark como um ser mítico e à parte do resto da humanidade. Um Titã criado pelo choque entre duas montanhas. Não um homem com história: família, cachorros, amigos mortos e uma noiva traíra.

Quando Perlo Castratori me traiu, eu também saí como uma louca beijando todos os meninos do colégio e peguei fama de perigete suicida. Preocupada, minha mãe até comprou o livro *Como lidar com sua filha transviada*.

Zelosa, bem que tentou a psicologia, mas chegou à conclusão de que era mais fácil me bater com o livro do que aplicar as dez regras de ouro para tornar sua menina uma princesa.

— Pronto, Juliet. Nova em folha. Passe a pomada de oito em oito horas, por três dias. Acredito que amanhã pela manhã, a ardência e vermelhidão já tenham diminuído bastante.

— Valeu, Pam! — agradeço e vou logo pegando as sacolas de compras.

— Nossa, quanta coisa! — espanta-se.

— Umas coisinhas para alegrar meu quarto. — Mordo os lábios. — Aquilo lá está me dando nos nervos.

— Os quartos do casarão estão mesmo em petição de miséria. — Sorri. — Também quero dar uma ajeitada no meu. Conheço uns lugarezinhos ótimos. Se quiser podemos marcar uma tarde de compras. Que tal? Quase não tivemos tempo de nos falarmos, ultimamente.

— Claro. — Devolvo o sorriso amável. — Vou adorar, preciso de tanta coisa. Tintas, cortinas novas, uma cama...

Batidas na porta interrompem nossa conversa. Pam manda entrar e Dark invade a sala querendo saber por que estamos demorando tanto. Diz que são quase oito da noite e quer voltar para a vinícola. Só então me dou conta de que a bicicleta ficou em frangalhos.

Merda! Merda! Só pode ser castigo!

— E aí? — Dark pergunta impaciente.

— Não vou com você — digo firme.

— E vai como por acaso? — retruca.

— Chamo um Uber.

— Isso aqui não é Roma. Não existe Uber e táxis não circulam a esta hora.

Sem Uber?

Um gemido agoniado me escapa.

— Posso dar uma carona para ela. — Pam vem em meu resgate.

— Isso! Prefiro a Pam. Aí combinamos melhor a nossa saída.

— Que saída? — Dark arqueia a sobrancelha. — Pensei que estivesse de plantão, Pamela.

— Verdade, Alessandro. Desculpe-me, Juliet, esqueci que tenho

mais sessenta horas de trabalho.

— Vamos, Juliet.

— Não vou voltar naquela moto com você.

— Não estou mais de moto. Passei no loft e troquei a moto pela Range que estava lá.

Trocou, foi?

Merda, esqueci do loft!

— A noite está linda. — Mantenho-me firme. — Prefiro voltar a pé.

— De jeito nenhum vai voltar a pé.

— Por que não? Sei me cuidar e você não manda em mim, seu... seu...

— Juliet! — Pam me interrompe. — Escute o Alessandro! Não te aconselho a voltar sozinha. Têm muitos agricultores temporários nesta época. Já tivemos alguns incidentes desagradáveis. Acredite, mil vezes aturar o mau humor do meu amigo, do que dar de cara com um bêbado em uma estrada escura e deserta.

— Tá bom, tá bom! — Ergo os braços me rendendo. — Pam tem razão. — Banco a sensata e ignoro minha voz interior que grita implorando para eu não aceitar a carona dele.

— Até que enfim. — Dark solta o ar aliviado, mas ainda irritado. — Venha, *Nonno* e Madalena estão esperando carona. Tchau, Pam.

— Tchau. Juliet, depois a gente combina direito.

— Combinam direito o quê? — Uma sobrancelha de Dark levanta, desconfiada.

— Coisa nossa, não é da sua conta. — Reviro os olhos. — Vai me dar carona ou não?

Vinte minutos depois, estou sentada desconfortavelmente no carro de Dark. Uma Range Rover preta enorme, compatível com o tamanho dele. Paramos em frente ao restaurante DON que *Nonno* Salvatore disse ter fundado há sessenta anos.

Despeço-me de Madalena e de *Nonno*. Dark desce para acompanhá-los e para me distrair, mexo no sistema de som no painel. Bufo porque a meleca do negócio tem senha de segurança. Bufo mais ainda porque a porcaria do carro está impregnada com o cheiro dele. Depois gemo em agonia ao lembrar que praticamente confessei que rola um lance da minha parte. E se não bastasse, a traidora da minha *Incantata* carente resolveu dar um alô, só por causa de uma apalpadinha. Olho pelo retrovisor, Dark volta carregando o que restou da bicicleta e uma almofada. Os destroços parecem pena nas mãos dele enquanto os coloca no bagageiro.

— Cuide bem da nossa Doce Julieta, Alessandro.

— Cuidarei, *Nonno*, cuidarei.

Hã? Nossa?



8.2

Inevitável

Dark abre a porta do motorista e o ar no interior do veículo fica imediatamente denso. Esqueço o som quando ele me entrega a almofada. Deveria existir uma cota para humilhação diária. A minha, certamente, já passou do limite. Sento-me na almofada e um alívio imediato me toma.

Com certeza, é uma lição de *Dio*. Quem mandou eu ficar obcecada pela *Bunda* delícia de dele. Agora, *Dio* resolveu jogar a minha na roda, para eu parar de ser besta.

Desejo pela bunda dos outros é refresco.

Parabéns, Juliet!

— Obrigada — resmungo, sem graça.

— Melhorou com a almofada?

— Sim.

Olho para ele enquanto se prende ao cinto de segurança. Dark não é só lindo... É um macho de respeito. O tipo de homem que nasceu para estar no topo da cadeia evolutiva.

— Estava procurando uma música? — indaga destravando o som.

— Sim, desculpe — grunho de má vontade. — Não sabia que tinha senha.

— *Yellow* — rebate, deixando-me confusa.

— O quê?

— A senha... *Yellow*. Vou tentar desviar dos buracos e não correr. —
Liga o carro.

Fico me perguntando o porquê de *Yellow*, o fechadão não me parece um ser de muitas cores. Em poucos minutos, passamos o portal da cidade e estamos na estrada de ciprestes.

Ele abre o teto panorâmico e liga o som. A noite está incrivelmente estrelada como sempre. *Again*, de Lenny Kravitz começa a ecoar deliciosamente.

— Lenny Kravitz? — Surpresa com a escolha musical, arqueio a sobrancelha.

— Desculpe, mas não sou um cara que escuta Rihanna ou Katy Perry. Isso eu deixo para o Fran. Se bem que acho que a preferida dele é a Beyoncé. — Abre um sorriso que é puro pecado.

— Por que está fazendo isso?

— O quê? — Seu rosto másculo e lindo esboça dúvida.

— Sorrindo.

— Porque quero.

— Mas... nunca te vejo sorrindo. — Agora, a confusão está em meu semblante franzido. — Cheguei a pensar que fosse banguela.

Dark gargalha e me encara.

— Sei que sou um pé no saco no trabalho. Não gosto de brincar com coisas relativas a ele. Levo o alpinismo muito a sério.

— Eu sou relativa ao alpinismo — murmuro, o que para mim é um fato consumado.

— Não é mais.

Hã?

Um pavor imediato gela meu sangue.

— Vai me demitir? — Tento aparentar calma, mas falho.

— Não — nega com um movimento enfático e depois me encara sério. — Vou aprender a lidar com você.

Vai?

— Por quê?

— Porque agora não tem mais jeito. A merda já foi feita — olha para minha boca, morde o lábio e volta a se concentrar na estrada.

Meu corpo todinho formiga com o gesto quase sacana, tenho vontade de tocar os lábios dele. Aperto a unha contra meu dedão para afastar tais pensamentos.

Não arrisco uma resposta. Viro para o meu lado da estrada e me perco na escuridão. Será que a merda é ter me contratado? Minha barriga ronca, mas ignoro. Preciso colocar meu plano para tirar Dark da cabeça o quanto antes em ação.

Esse homem é mais que perigoso. Talvez seja melhor eu procurar outra equipe, que tenha me feito uma proposta lá no Paquistão.

Desgraça!

Fugir não irá diminuir minha agonia. Dark sempre vai existir e encabeçará a lista dos homens menos seguros do mundo. O ordinário adora um perigo mais do que qualquer outro. Além do mais, vou acabar esbarrando nele nas montanhas, a menos que eu mude de profissão, mas isto está fora de cogitação.

I Knew You Were Trouble, de Taylor Swift, vem a seguir.

Dark continua concentrado na estrada. Espiando de canto de olho, perco-me nos braços fortes... Pauso para ver parte da tatuagem. Uma Santa

vai se desenhando entre os tendões e músculos que esticam e retesam a cada manobra.

Porcaria, esse cara é um problema mesmo! Será que não faz nada mal feito?

Homens dirigindo me atraem e muito.

Dio!

Quase gemo ao admirar as mãos grandes e bem desenhadas que apertam firme o volante... os nós de seus dedos longos estão brancos. Minha pele esquenta ao imaginar a força delas na minha cintura. *Dio mio!* São capazes de me quebrar ao meio. Arrepio-me e não é de frio. Deve ser por isso que Dark só escolhe mulheres grandonas. Olho para as coxas grossas, dentro do jeans rasgado e...

Cazzo!

Não tenho estrutura física para aguentar um homem desse tamanho e vigor. Sem me dar conta, meus olhos se fixam no volume em sua virilha.

Isso é uma ereção? La Madonna!

Ofego baixinho. O negócio é impressionante. Somos incompatíveis, suspiro por pura decepção. Sou toda pequena e ele é enorme.

Será que conseguiria colocá-lo inteiro na boca?

Assusto-me quando, com uma freada brusca, Dark para o carro no acostamento. Sem entender, olho ao redor e tudo o que vejo é a camada espessa de poeira pairando sobre os faróis com as luzes altas ligadas.

Volto-me confusa para o louco ao meu lado.

— Porra, Juliet! Dá pra parar de secar o meu pau enquanto chupa esses dedos? Caralho! — A voz dele está rouca e irritada, mas soa como um pedido de socorro.

Eita!

Congelo ao perceber que estava fazendo exatamente o que disse. Tiro os dedos da boca e arregalo os olhos ainda mais em direção aos dele. Dark abre a porta do carro e quase se degola quando tenta sair, sem antes tirar o cinto. Ele xinga e quase destrói as largas fitas. Depois corre para o meio da estrada.

Meio sem saber o que fazer, livro-me do cinto e vou atrás dele.

— Dark — murmuro apavorada.

Com as mãos agarradas à cabeça, ele olha para o céu. Em seguida, vira para mim e seus olhos estão pegando fogo. *Dio mio!* Parece um touro bravo.

— Eu... Eu... Não fiz por mal — insisto diante de seu silêncio. — Nem percebi.

— Esse é o seu problema! — grita.

— Meu problema?! — Surpreendo-me.

Sei que tenho muitos defeitos e até algumas manias, mas sobre qual deles Dark está falando? Sem saber, franzo o rosto escancarando minha incompreensão.

— Faz as coisas sem perceber, cacete! — explica e meu olhar recai ainda mais atônito sobre ele. — Sei o que está tentando fazer e sinto muito informar que essa porra não está funcionando! — exaspera-se me deixando no auge da aflição e confusão. — Não vê? — Pressiona os lábios como se fosse óbvio e eu nego. — Tentar me afastar com indiferença só me traz cada vez mais perto! — Puxa o ar como um selvagem. — Qual é, Baixinha? Ambos sabemos que somos opostos. Estou tentando fazer a coisa certa aqui! Caralho! Puta que pariu!

— Mas... eu não... — Dou alguns passos para trás.

O homem parece um touro raivoso e no cio.

— Se não quiser que eu perca o pouco autocontrole que me resta...
— Inspira fundo, com os olhos vidrados nos meus. — E te foda sem piedade em cima deste caralho de capô... — Começa a vir em minha direção, para e solta vários palavrões.

Jesus, Maria e José!

Mantenho-me estática, tomada por sua fúria.

— Entre. Na. Porra. Desse. Carro. Agora. Juliet — rosna pausado e duro como uma ordem, não sugestão. — Vá pra casa!

Opa!

Seu tom enlouquecido me faz sobressaltar.

— E você? — murmuro entre o medo e o tesão. — Não vou te largar no meio da estrada.

— Agora, Juliet! — O rosnado vira um berro. — Faça o que estou mandando, cacete!

— Não quero que fique bravo comigo. — Aprumo as costas querendo consertar as coisas entre nós e manter meu emprego. — Desculpe se chupei os dedos olhando pro seu... — Engulo não conseguindo dizer pau. — Foi sem querer... Não resisti... quer dizer... não quis faltar com o respeito... O que estou dizendo? — Toda enrolada nas palavras, espalmo as bochechas. — *Dio!* Quero dizer que eu... não, que você...

Parecendo ter perdido a tal da razão, Dark arranca a camiseta e começa a vir como um bicho em minha direção. Os músculos de seu peito largo, tatuado e lindo sobem e descem furiosos.

Dio Santo, que anatomia é essa?

Se ele me pega, me destrói! Sem piedade!

Ofego para valer e quase babo. Temendo não resistir, entro no carro, bato e travo a porta. Ligo e arranco em disparada deixando Dark para trás na escuridão.

Em poucos minutos, paro a Range Rover, de qualquer jeito, na frente da porta do casarão. Largo as chaves na ignição e subo correndo para o quarto. Tranco a porta e corro para a varanda. Encolhida e sentada no chão, fico à espreita entre as grades.

É patético, eu sei, mas é o que tenho para hoje.

Meu peito sobe e desce e meu coração está acelerado. Perco a noção de quanto tempo fico espiando, até que o vulto de um Dark sem camisa e todo suado desponta na alameda das mimosas.

Ele olha rapidamente em direção a minha varanda, ignora o carro todo aberto e entra direto no casarão. Ainda fico por alguns segundos, estática e me recuperando. Quando saio da varanda, volto para o quarto e meu queixo cai...

Na pressa de entrar e correr para vigiar, não notei que algumas mudanças aconteceram: as cortinas puídas foram trocadas por outras novinhas. A cama barulhenta virou uma *box king size* com um edredom zero bala e, na parede em frente dela, uma tevê de tela plana, de umas cinquenta polegadas, foi instalada.

Uauuu!

Então a reunião que teria era isso: ir às compras por mim?

Sinto-me péssima, talvez fosse melhor descer e procurar Dark para tentar me explicar novamente. Seria educado agradecer as melhorias. Não, melhor não, agito a cabeça. Ele disse que quer ser impiedoso comigo e parecia transtornado.

Certa de que é mais prudente deixar a fera se acalmar. Sento na cama

e depois me encolho toda. Ela é imensa... O quarto até parece menor. Ouço um ruído do outro lado da porta, a maçaneta gira. Meu coração dispara e me encolho mais ainda.

Se Dark realmente estiver disposto, basta um murro ou um chute bem dado para que a porta venha abaixo. Depois de alguns segundos, o barulho some, a porta permanece intacta e fecho os olhos.



Acordo no meio da cama, desorientada e enrolada em uma espécie de ninho. O rádio relógio aponta duas e quinze da manhã.

Nossa, apaguei de nervoso e sem perceber!

Levanto-me, tomo uma chuveirada rápida e coloco uma camisola cinza de malha básica. O incômodo no bumbum bate forte. Esfrego o local dolorido ciente de que preciso passar a pomada.

Dio del cielo!

Ficou tudo no carro. Xingando-me por ser tão avoada, abro a porta com todo cuidado. O corredor está um silêncio mortal. Que bom.

Dou um passo e tropeço nas minhas sacolas, que estão ordenadas no chão. Recolho depositando-as na poltrona e para o meu alívio, passo a pomada. Meu estômago reclama lembrando-me de que estou faminta, então resolvo ir em busca de alguma coisa na cozinha.

Desço as escadas e ao chegar no térreo, uma luz fraca, na sala de estar, atrai minha atenção. Reconheço a música que a equipe de alpinistas brasileiros tocava no K2: *Segredos*, de Frejat^[50]. Na certa, também rechearam o celular de Dark, assim como fizeram com o meu. Tentando lembrar a tradução da letra, entro sem fazer barulho. Pressiono os lábios... É uma música triste.

Porcaria!

Ao lado de uma grande poltrona, posicionada de costas para mim, uma mão abre languidamente, um copo cai rolando no chão e para ao lado de uma garrafa de vodka vazia.

Desgostosa com a cena, pego o copo e a garrafa colocando-os em cima da mesa de centro. Fico de frente para a poltrona e Dark está dormindo... lindo e todo largado, só com a calça jeans. Dou um passo para trás, melhor deixá-lo dormir. Bato na mesinha e a garrafa tomba fazendo um barulho alto.

Diacho! Porcaria!

Dark remexe na poltrona, entreabre os olhos e tenta focar em mim. Parece confuso e não sei se me reconhece logo de cara.

Inferno!

O cheiro de álcool está forte, pergunto-me se entornou a garrafa toda. Seus olhos se prendem aos meus, o tom verde-escuro explode intenso e um sorriso torto aparece. Está completamente bêbado e meu coração aperta.

O que foi que eu fiz?

— Você é tão pequena — fala de um jeito mole e engraçado. — Eu teria feito um estrago daqueles. Des... culpe...

— A cul-pa f-oi mi-nha — gaguejo e inspiro para me acalmar. — Não pode ficar aí — recomeço suave. — Venha, por favor. Deixe-me ajudar.

De jeito nenhum vou deixá-lo nessa poltrona!

Não quero que ninguém o veja nesta situação. Encosto nele, que parece estremecer com meu toque. *Ai, Jesus!* Pego no braço forte... e sou eu quem estremece. Tento puxá-lo e o desgramado não sai do lugar.

Porcaria de homem mais pesado!

— Dark, vem comigo. — Puxo novamente.

— Não... Não quero te machucar.

— Sei que jamais me machucaria, vem — minto. — Confio em você — minto novamente. — É muito pesado, não consigo te carregar sozinha. Preciso que me ajude — peço baixinho e ele balbucia alguma coisa, que não entendo.

Insisto e Dark levanta com dificuldade. Quase vamos os dois para o chão. Ele apoia os braços na poltrona e pisca, perdido. Não sei se ofego pelo esforço ou por tanta proximidade.

— Estou cansado, Baixinha.

O baixinha dito, quase doce, desperta algo dentro de mim que não sei definir. Ao contrário de horas atrás, não quero mais estapeá-lo. Quero cuidar, proteger.

— Eu sei, eu sei. Vem, vamos para a cama — insisto gentilmente.

— Cama é bom.

Um sorriso diferente brota nos lábios bem desenhados e carnudos e, de repente, dou-me conta do quão imprópria foi a minha colocação.

Dark coloca um dos braços fortes em volta do meu pescoço e começa a cambalear em direção ao hall. Não sei quem está carregando quem. A cada três passos à frente, damos um para trás. Vamos assim, até o pé da escada.

— Dark, preciso de você. Colabore e mantenha-se firme. Vamos subir a escada — comando.

Com um suspiro profundo, Dark afunda a cabeça no meu pescoço. Congelo e ele me aperta. Perco a respiração.

— Teu cheiro... é tão... gostoso. Laranja e bebê? — Ri sozinho,

cambaleia e quase caímos novamente.

— Dark! — Agarrada a sua cintura, uso toda minha força para mantê-lo estável. — Preciso que suba a escada. Onde fica o seu quarto? — indago e ele aponta para cima.

Ótimo! Ajudou muito!

Aos poucos, começo a manobrá-lo e conseguimos ir na direção certa. Degrau por degrau.

— Juliet... Juliet... Meu ponto... — sussurra e não entendo nada do que diz. — Bundinha deliciosa, a *Incatata*, eu senti...

Ruborizo com a lembrança. Há tanta adoração em seu tom que não consigo nem ficar brava, entretanto reviro os olhos ao assumir secretamente que gostei do que disse.

Droga! Droga! Droga!

Estou muito frita, lascada pra caramba!. Mesmo bêbado, está lindo. Por mais que minha cabeça-dura tente negar, esse jeito de homem rústico me deixa maluca. Ainda não consegui digerir tudo o que disse na estrada. É difícil acreditar que esse cara durão, que fica com dezenas de mulherões, quer fazer aquelas coisas comigo.

Impiedosas!

Chegamos ao topo da escada e preciso de um tempo para recuperar o fôlego.

— Você me salvou, estava na merda — balbucia.

Não respondo porque também não faço ideia do que esteja falando. Com certeza, não vai lembrar nada disso amanhã.

Apoio Dark na parede e pergunto, de novo, onde é o quarto. Ele aponta uma porta no final do corredor. Deixo-o equilibrado e vou checar se é

mesmo seu quarto. Abro a porta e me surpreendo. Um quarto amplo, claro e com uma *kink size* no meio.

Um barulho forte ecoa no corredor, olho para trás e Dark está caído no chão, praguejando. Corro e, com muito custo, consigo fazê-lo levantar e o arrasto para o quarto. No meio do caminho, ele esbarra em um vaso de flores, tento escorar com o pé.

— Aiiii... — gemo querendo gritar.

O vaso bate com força no dorso do meu pé e tomba no chão. Por sorte, não quebra e o barulho é mínimo. Essa merda de batida vai ficar inchada. Com uma mão, prendo Dark contra a parede, tentando deixá-lo de pé; e com a outra, pego as flores recolocando-as todas de qualquer jeito.

— Vamos lá... Só mais alguns passos e estará na cama. — Recomeço a puxá-lo.



8.3

Inevitável

Ao entrarmos no quarto, Dark liberta-se de meu aperto e cambaleia, até cair com metade do corpo para fora da cama.

Meleca! Será que o deixo assim?

Completamente em dúvida sobre o que fazer, observo o gigante quase adormecido. Parecendo desconfortável, ele começa a balbuciar alguma coisa incompreensível.

Droga!

Subo na cama e tento arrastá-lo para cima. Puxo de um lado, estico-me de outro, xingo; e depois de uma batalha árdua, consigo deixá-lo de bruços, quase no centro do colchão.

Deixo que durma e volto para o meu quarto cheia de ses....

Se ele morrer engasgado com o próprio vômito?

Se resolver tomar banho, escorregar, bater a cabeça e morrer?

Em menos de dez minutos volto ao quarto dele, decidida a colocar uma toalha e um balde no caso de uma emergência.

Para minha surpresa, encontro Dark virado de frente, ocupando todo um lado do colchão. Não resisto à tentação e admiro os braços imensos, que estão languidamente esparramados ao lado do corpo. Os músculos bem torneados e acostumados a pegar no pesado, me fazem salivar.

Suspiro, quase deprimida. Vê-lo me dá fome. Não há como negar, o homem é um abuso de tão gostoso. Esqueço a inspeção nos braços e amplo

meu foco de análise. Faço uma vistoria minuciosa. Suas pernas mais parecem toras de tão grossas. Acho sexy o modo como uma delas está levemente flexionada para o lado. A barriga, abusivamente trincada, sobe e desce suave, denunciando o sono profundo. Meus dedos coçam para tocar o V de músculos no baixo-ventre e a trilha de pelos que desce em direção ao que parece ser uma arma muito perigosa.

Não!

Perigosa é quase um menosprezo. Esse troço é uma arma de destruição em massa!

Impiedosa!

Rio de nervoso ao imaginar a cara da Irmã Calamanda. A mulher enfartaria se me visse agora. Eu mesma estou com o coração para lá de acelerado, suando e tudo o que mais quero é ver esse monumento de macho peladinho. Não seria nada mau passar a língua em cada um desses gominhos, da barriga de tanquinho ordinária dele. E essas tatuagens?

Ele é tão grande, que parece um *outdoor* pecaminoso ambulante.

Madre Santissima! Protetora das mulheres sem noção do perigo!

Estou muito tarada nesse homem. Não é normal. Será que estou cometendo assédio trabalhista? Afinal, Dark é meu chefe. Estou visualmente abusando dele! Se *Dio* me castigou por desejar a *Bunda*, imagina o que vai fazer comigo agora que desejo cada pedaço deste corpo abusado.

Controle-se, Juliet!

Esfrego o rosto na tentativa de conter meus desejos canibais e decido fazer uma boa ação para diminuir possíveis represálias de *Dio*.

Preocupada com a ressaca monstro que ele terá ao acordar, vou até o banheiro e encho um copo com água da torneira mesmo. Ferre-se, ele não vai descobrir! Sorrio com a traquinagem. Acho alguns comprimidos de Advil,

volto nas pontas dos pés e deixo tudo na mesinha de cabeceira ao alcance dele.

— Juliet... — balbucia e, inesperadamente, me enlaça e puxa.

Caio sobre ele e congelo.

E se ele acordar e pensar que sou a tarada da Toscana?

Ainda entregue ao sono, Dark se ajeita, passa os braços possessivamente ao redor do meu corpo enquanto coloca uma das pernas sobre mim. *Lascou!* Tento cutucá-lo, apertá-lo e cada vez que remexo, ele me aperta mais.

— Dark, me solta! — exijo e nada.

Quase tenho uma síncope quando ele pousa a cabeça entre o meu peito e pescoço. *Jesus, está pensando que sou um travesseiro!*

Seus cílios longos e escuros roçam no decote da minha camisola, fazendo cosquinha. Os pelos macios provocam minha pele. Desconfiada, sondo seu rosto, mas a respiração tranquila e pausada indica que continua dormindo.

Será?

— Dark? Dark? — Projeto o corpo tentando me desvencilhar.

Isso! Vai!

Insisto nos movimentos pró-libertação, Dark se move e uma mão enorme e áspera vai parar em cima de um dos meus seios. *Hummm... tão quente.* Ofego com o descaramento de meu mamilo, que se anima com o toque inesperado e fica durinho, durinho.

Ferrou. Estou presa, soterrada e igual aquele gatinho dos desenhos animados quando um rolo compressor passa por cima dele.

Dark vira e sinto a pressão de sua masculinidade em minha coxa.

Para meu infortúnio e desgraça, minha calcinha fica molhada! Certeza de que já estou pagando castigo Divino.

É isso, Dio?

Penso prometer que nunca mais olharei para a *Bunda* de novo, mas seria heresia. Será que é pecado rezar com tesão?

O calor de sua respiração pesada e próxima ao meu outro seio, é uma bomba atômica no meu cérebro. *Pronto!* O outro mamilo decide se juntar à brincadeira e entumece. A única solução será esperar que o desgramado resolva se mexer e eu consiga escapar. Fico imóvel, quase sem respirar. Resignada, olho para o teto e resolvo relaxar. Aproveito, viro a cabeça e absorvo todo o cheiro masculino e rude desse homem.

Como acabei aqui mesmo?



Acordo com sensação de sufocamento. É como se uma avalanche tivesse despencado e me soterrado. Mas ao invés do frio da neve, um calor absurdo deixa meu corpo todo suado.

Abro os olhos e a claridade está intensa. Nossa, devo ter perdido a hora! O relógio no criado-mudo indica oito e meia da manhã, menos mal. Tento me mexer e não é sonho, estou mesmo soterrada.

Olho em volta para avaliar a situação. O corpo de Dark está todo enrolado no meu. Estamos de conchinha. *Oh... Oh...* Isso me cutucando aí atrás seria uma ereção matinal descabida? Uma das mãos dele está dentro do meu decote e segura um seio.

Desespero-me, mas quando vejo que ainda está de calça jeans, visualizo uma esperança. Apesar da minha camisola estar levantada quase até meus peitos, a calça jeans é uma barreira. Tento me mexer e outra mão

enorme desce até meu umbigo. *Eitaaaa*. Excito-me imediatamente.

— Dark? — Arrisco e nada.

A mão safada desce e entra em minha calcinha. Congelo, arrepio, esquento, tudo ao mesmo tempo e agora. Este homem não pode estar dormindo. Não quando cobre minhas feminilidades úmidas com a mão fechada em concha. Um arrepio percorre toda minha coluna.

— Dark! — gemo repreensivamente e nada.

Com o coração batendo cada vez mais forte, agito-me de novo... De novo e de novo. Consigo dar uma escorregadinha e suas mãos saem do meu corpo.

Assustada, porém bem mais excitada, viro de frente e dois olhos verde-avermelhados estão escancarados e fixos no decote da minha camisola. Dou uma checada e o seio que ele estava segurando escapuliu.

Dio mio!

Enrubesco e ajeito o fujão.

— Lisinha, lisinha — ele fala bem baixinho.

Não sei o que fazer... Estou estupefata com o comentário tão íntimo e surpresa com o tom de adoração. Ficamos nos encarando por segundos sem fim, totalmente mudos. Consigo sentir o coração dele disparado. Nossos rostos estão a dois palmos de distância. Dark estende a mão, tira uma mecha de cabelo caída sobre o meu rosto. O toque suave faz minha respiração ofegar e meu coração parar e acelerar. Por sua vez, ele prende a respiração e depois a solta bem devagar.

É a situação mais sem pé nem cabeça que já vivi. Tento abrir a boca para perguntar se ele está bem, mas não sai nada. Levando-se em consideração, que até poucas horas, nós dois estávamos nos matando, o que está acontecendo aqui é totalmente errado e fora dos planos.

— Dark... — murmuro em um esforço de lucidez.

— Shhh... Não pense... Só me beije.

Dark passa o dedo delicadamente no contorno de minha boca. Sou surpreendida mais uma vez. Como uma mão desse tamanho e calejada, pode ser suave e delicada ao mesmo tempo? O rastro de seus dedos deixa um formigamento por minha pele.

— Como pode uma boca tão bonita ser tão respondona? — murmura suave.

Abro e fecho a boca, mas não consigo dizer nada. Suspiro irritada e ciente de que seria um ótimo momento para xingá-lo, mas mantenho-me quieta. Meu cérebro simplesmente pifa, meu bom senso vai dar uma voltinha, meus hormônios entram em ebulição e o desejo dentro da minha calcinha está cada vez maior.

— Você me trouxe para cima? — continua em seu monólogo.

— Hum-hum...

— Devia ter me deixado lá.

— Não queria que te vissem daquele jeito.

— Daquele jeito, como?

— Vulnerável. — Minha voz, carregada e ofegante, entrega tudo o que passa por mim no momento.

Os olhos dele acendem em uma emoção que não consigo decifrar. Dark se mexe e acho que vai sair e me deixar ir. Ele não sai, apenas apoia a cabeça em uma das mãos e a outra, que acariciou meu lábio, vai parar em minha bunda.

Cristo!

— Por quê? — Puxa-me para mais perto.

Sinto a dureza da ereção tamanho família pressionando minha barriga descoberta. Solto um gemido involuntário.

— Por que, o quê? — sussurro.

— Não entendo... Por que cuidou de mim? — pergunta como se fosse algo impossível de acontecer.

— Não sei — balbucio a verdade.

— Ficou aqui o tempo todo? Olhou por mim?

— Você me agarrou. Fiquei presa. — Coro porque o que eu fiz não foi exatamente olhar por ele e sim, para ele. Com tanto que o sequei, não sei como não perdeu peso de ontem para hoje.

— Por que não gritou?

— Não consegui — sussurro hipnotizada pela boca que está mais sensual com a barba levemente desgrenhada.

— Não conseguiu? Ou não quis?

— Não quis — murmuro minha confissão.

O impossível acontece. Dark pressiona a boca firmemente contra a minha. Não é possível. Ofego, completamente atônita, Dark não beija. Pelo menos, era o que eu acreditava piamente, até ter sua língua atrevida enfiando-se dentro da minha boca aberta de espanto. Minha lógica e qualquer vergonha na cara desaparecem, sugadas pelo chupão que me dá, quase engolindo meu lábio inferior. *Tão bom...* Fecho os olhos e gemo. Sou uma sem palavra mesmo. O sedutor me cerca de todas as maneiras e começa a me engolir.

Seu toque é tão irresistível que me sinto cativa e entregue. Passo as mãos pelas costas enormes. Sua pele está quente e levemente suada. A boca macia e exigente não desgruda da minha... Suga, lambe e morde para valer. Ele chupa minha língua e vice-versa. É delicioso.

Já beijei outros homens, mas nenhum com gosto do proibido.

Atrevido, ele não pede licença, vai dominando e pegando o que quer. Dark nos vira e agora estou completamente esmagada por seu corpo muito maior do que o meu. A sensação é avassaladora. Passo a mão por seu tórax, o coração dele está como um louco. Agarro o pescoço largo e passo a mão por seu cabelo. Faço tudo o que não devo, menos a coisa certa, que é empurrá-lo para longe.

Os sons do beijo, de nossas respirações nervosas, dos gemidos, rosnados e das salivas misturando-se, invadem o quarto. O dueto mais excitante que já ouvi. Não tenho outra descrição a não ser que estamos nos devorando. Há uma fome despudorada entre nós e não me importo, até o jeans áspero roçando entre minhas pernas me dá tesão. Esse homem é um pecado tamanho família, um combo completo: abusado, libertino, selvagem, sacana e... suave.

La Madonna!

Dark rompe o beijo para recuperar o fôlego e nossos olhares se encontram e soltam faíscas um para o outro.

— Caralho de boca mais gostosa. Se o resto do seu corpo for tão irresistível quanto ela, sou um cara com um grande problema. — Volta a me beijar, morde meu pescoço, meu ombro... E a coisa toda entra em combustão.

Somos um emaranhado de pernas, braços e roçar de corpos. Ansiosa por realizar meu desejo mais secreto, desço as mãos pelas costas largas, deslizo os dedos pelo cóis da calça, invado a cueca e encontro minha adorada. *Aaaah...* A *Bunda* deliciosa, musculosa e dura como uma pedra. Tomada por êxtase, cravo as unhas nela.

Dark urra em minha boca.

— Puta que pariu! Como uma coisinha como você pode ser tão

atrevida? — diz com certa surpresa e aperto mais. — Perversa! — grita, puxa o decote da camisola e abocanha meu mamilo rosado e durinho.

É demais para mim.

— Dark! — Meu corpo inteiro arrepiado.

— Aless! — corrige-me largando, por um segundo, o mamilo e depois o morde, puxando.

Sou tomada por um misto de prazer e dor. Fico sem ar. Deixá-lo fazer isso comigo é excitante, mas muito intimidador. Dark é enorme, bronzeado; e eu, pequena e banquinha. Incompatíveis totais, que estranhamente se encaixam e se enroscam com perfeição. Ele enfia a mão dentro da minha calcinha; a situação começa a fugir do controle. Se é que já estive sob controle.

— Macia, lisinha... Foda! — rosna. Um dedo abre minha carne trêmula e desliza para dentro. Gemo, mas gemo muito. — É foda! Essa é a boceta mais macia e delicada que já pus a mão! — A mão livre puxa meu cabelo para trás, para que eu o encare. — Tem noção do que um pau como o meu pode fazer com uma bocetinha tão apertada como a sua?

Dio mio!

Balanço a cabeça em uma negação atônita. A julgar pela pressão desmedida que o pau dele fez minutos atrás, acho que o estrago vai ser grande. Espalmo as mãos no peito musculoso e suado, seus pelos fazem cócegas. Preciso reorganizar meus pensamentos, colocar a cabeça no lugar. Seus olhos dominadores não largam os meus.

Um segundo dedo invade meu sexo.

— Dark! Ai, *Dio mio!* — grito e um vai e vem atrevido começa.

— Aless... Pra você, sou... Aless. — Seu polegar começa a circular meu clitóris.

Gemo baixinho, entrecortado. Arqueando o corpo, jogo o quadril ainda mais em direção aos dedos dele. Dark os enfia mais fundo, chegando ao ponto certo. Meu interior macio começa a vibrar em torno deles e ele abre um sorriso estonteante.

Estou encharcada.

Uma gota de suor escorre por seu belo e rude rosto até a omoplata. Minha perna treme e a barriga faz o mesmo. Finco as unhas em seus braços. Não consigo agarrá-los por completo... São realmente enormes. Meu quadril começa um vai e vem involuntário. Fecho os olhos.

— Continue olhando para mim. Quero te ver...

Batidas, murros e socos explodem na porta do quarto. Assusto-me, arregalando os olhos, mas Dark parece não se importar e nem perde o desejo. Não me dá trégua e continua os movimentos de dentro e fora.

— *Primo, seu bastardo! Acorda, figlio di puttana! Amelie Carter, do The New York Times, chegou! A mulher viajou até aqui, só para entrevistá-lo! Vou ter que arrombar essa merda de porta?*

Reconheço a voz de Fran e Dark pragueja baixinho enquanto olha para mim inconformado. Seus dedos continuam trabalhando.

— *PRIMO!* — Fran insiste impaciente.

— Já vai, caralho! — grita para o primo. — Me dê uns minutos que já desço!

— *Tem mulher aí? Desgraçado!*

Olho para ele desesperada, gemendo para que pare e implorando que continue. Sou uma confusão de tesão e pavor, tudo misturado. Faço menção de me desvencilhar e ele não se move.

— Estou com a Rafa no telefone. Leva a mulher para a *Mountain*,

que em vinte minutos eu chego lá.

— *Manda um beijo pra pirralha. desliga e vem! Por que não me disse que a jornalista é gostosa pra cacete?*

— Porque não acho! — Dark ruge. — Pega pra você!

— *Até pegava, mas não é a mim que ela quer, garanhão!* — gargalha.

— Some daqui!

— *Ok! Vinte minutos ou volto e arrombo a porta!*

Envolta em mil sentimentos conflitantes, tento sair debaixo de Dark. Saber que tem uma mulher gostosa lá fora, querendo-o, provoca certa ira.

— A gostosa está te esperando. — Faço uma careta.

Dark sorri e com a mão enorme achata meu peito, obrigando-me a ficar onde estou.

— Foda-se a jornalista! Ela que espere.

— Mas...

— Shhh... Não saio daqui antes de te fazer gozar. Não sou homem de desperdiçar uma chance. A não ser... — Os dedos dentro de mim paralisam, mas meus espasmos continuam. Ele tira a mão de cima do meu peito e passa o dedão por minha bochecha.

Caramba!

Dark está me dando a oportunidade de sair desta situação?

Dio! Dio! Dio! Dio!

Minha sanidade, minhas regras, o pão, a carne e meu bom senso batem na porta. Analiso o belo rosto. Está claro que ele não quer me forçar, seus olhos estão... carinhosos? Por um segundo, permito-me acreditar que ele possa ser o cara legal que todos dizem que é. A decisão é minha...

— Faça-me gozar, Aless. — As palavras saem engasgadas. Não consigo resistir à sensação de ter seus dedos infiltrados tão intimamente em mim.

— Decisão certa, Baixinha. — Levanta a sobrancelha e dá um sorrisinho sexy e pervertido, que me deixa toda derretida.

Seus dedos voltam a trabalhar e sua boca assalta a minha em um beijo tórrido. Dark manda ver em um entra e sai de dedos talentosos, fazendo meus calcanhares roçarem nos lençóis. Gritos desconexos saem de minha garganta.

— Gosta assim, Juliet? Fundo e duro? Garota gulosa.

Os dedos que me invadem abrem como uma tesoura e começam a girar. Uma pressão em meu clitóris e pronto. Um orgasmo avassalador explode e perco o controle.

— *Infelice! Delizioso! Dio mio!* Isso... Isso...

Fico sem ar e Dark rosna de satisfação. Sua boca vai parar no vão do meu pescoço, enchendo-me de beijos. Ele retira os dedos com delicadeza. Estou ofegante, não sei nem o que dizer. Fecho os olhos e fico estirada na cama enquanto sinto-o se afastar.

— Ouvir você gozar é coisa de outro mundo, Juliet. Seus gemidos são puro tesão. Delícia de gosto você tem.

Abro os olhos e ele está com os dedos na boca, lambendo todo o gozo que acabei de depositar neles. Não sei se o que vejo me choca ou me excita. Ver Dark apoiado sobre os calcanhares, só de calça jeans, todo suado e descabelado, com os dedos na boca, é sexy demais.

— *Dio!* Dark!

— Aless — insiste. — O que foi?

— Está me constrangendo.

— Hum, minha Baixinha é tímida? Fica linda com essa carinha de *EU GOZEI*, tímida então...

Dele?

— Cala a boca, Dark!

— É verdade, está linda e é Aless.

— Cristo!

— Cristo não, *cazzo*. Preciso despachar a jornalista — murmura contrariado. — Fica aqui e me espera. Me resolvo com ela e volto. Preciso te foder sem pressa. Tenho me imaginado enterrado nessa bocetinha linda, há três meses. — Sorri malicioso em seguida levanta, vai até o banheiro e volta com uma toalha.

Percebendo a intenção dele, fecho as pernas e tampo o rosto com as mãos.

— Nem pensar.

— Abre.

— Não.

— Deixa de ser boba.

— Não.

— Juliet, posso parecer um chucro^[51], mas cuido do que gosto. E no momento, estou obcecado pela *Incantata*. Então se conforme e abre essas pernas, antes que eu lhe dê uns tapas — ameaça.

Tiro as mãos dos olhos.

— Você não teria coragem!

— Experimenta.

— Abro com uma condição.

— Qual?

— Que tome um banho antes de ir falar com a jornalista.

— Por quê? Não estou querendo impressioná-la.

— Meu cheiro está em você — argumento.

Dark fica sério.

Bingo!

— Ok, nada de entrevista sem banho. — Num gesto rápido, arranca a calça e sua cueca boxer está molhada na frente. Olho curiosa e ele sorri sem graça. — Isso não acontecia comigo desde que tinha uns treze anos. Culpa tua, Baixinha. Agora cumpra sua parte no trato e abra as pernas.

Obedeço envergonhada e ele cuida de cada cantinho da *Incantata*, com uma delicadeza que imaginei ser impossível vir de um homem do seu tamanho. Fico sem fôlego novamente.

— Respira, Juliet. — Sorri. — Preciso de você viva.

— Banho, Dark. — Nem morta quero ele perto da mulher gostosa cheirando a sexo.

— Aless, já falei. Que porra de Baixinha mandona!

— Banho. Já.

— Ok. Vou tomar um banho. Quer vir junto?

— Acho melhor não. Fran vai voltar se demorar.

— *Cazzo!*

Fico maravilhada vendo Dark, só de boxer branca, indo em direção ao banheiro. Impressionada também, porque a ferramenta dele parece ser bem maior do que eu havia imaginado. Ouço-o ligar o chuveiro e...

Dio mio!

Onde foi que me meti? Meus sentimentos estão confusos. Não sei o que fazer com ele, comigo e muito menos, com magnitude do que aconteceu entre nós. Dark é um problema grande demais para ser ignorado e sua perfeição física me atordoa e não me deixa pensar direito.

Olho para o teto, depois para o relógio. Vinte para as dez. Não quero ninguém descobrindo que estive com ele a noite inteira. Arrasto-me para fora da cama. Meu bumbum ainda está um pouco dolorido dos espinhos e assim que firmo o pé direito no chão, uma dor maior me incomoda.

Bem em cima do meu pé há um hematoma enorme, provocado pelo choque com o vaso que tentei segurar ontem. Não vou conseguir colocar tênis hoje.

Devagar, vou até a porta e, como uma criminosa, olho pelo buraco da fechadura. O casarão parece estar vazio e silencioso. Abro e saio correndo pelo corredor, viro à direita e corro mais. Entro no meu quarto e tranco. Vou até o banheiro, estou toda descabelada e vermelha da barba e da intensidade dos beijos de Dark.

Linda uma ova!

Merda! Merda! Estou muito encrencada!



Dark

Sento-me no outro extremo da mesa de reuniões, mantendo uma distância segura de Amelie Carter. Intimei Fran para a entrevista, que mesmo a contragosto, passará os detalhes técnicos da expedição do K2. Estou impaciente, coçando-me para voltar ao casarão e pegar Juliet de jeito.

— Tem certeza de que não quer participar desta fase inicial da entrevista, primo? — Fran pergunta contrariado.

Pela cara acabada que ostenta, a farra, de ontem à noite, foi daquelas.

— Toca essa parte, Fran. Você é o diretor executivo da expedição. Preciso responder a alguns e-mails urgentes. Tenho certeza de que Amelie terá muito prazer em ouvi-lo. — Sorrio, sem a mínima vontade. — Sou mercadoria gasta, você tem muito mais a oferecer do que eu — brinco para aliviar o clima.

— Aaaah... Como é modesto este homem! — A voz rouca de Amelie me irrita. — É uma antiguidade e tanto, Dark. Já disse que aprecio um bom vinho. Especialmente os de trinta e um anos, maturados em barris rochosos.

Suprimo um grunhido desgostoso. Observo sem interesse, Amelie cruzar as longas pernas, de forma provocante. A saia lápis, preta, e a camisa

de seda, branca e transparente, destoam do ambiente informal da sede. Essa mulher deve ter passado um mau momento andando nos cascalhos, com estes saltos pretos altíssimos. O cabelo preto impecavelmente liso e os olhos negros continuam do jeito que vi pela última vez: exageradamente falsos.

— Sinto informar, Amelie, mas meu vinho azedou pra você. Totalmente impróprio para o seu consumo — digo em tom brincalhão, mas claro o bastante para que entenda, de uma vez por todas, que de mim, ela não beberá mais nada.

— Uma pena — ronrona ferina. — Sua safra é ótima. Simplesmente saborosa. — A caneta *Mont Blanc*, que segura, recebe atenção especial de sua boca e língua.

Imune à provocação barata, mantenho a expressão distante e desinteressada.

Essa aí não muda... Sempre safada!

Fran percebe, imediatamente, que há algo a mais rolando. Os olhos astutos e ansiosos de Amelie sobre mim começam a me irritar. Está claro que a mulher veio em busca de muito mais do que respostas. *Esquece, não vai rolar*. Ignoro-a e volto a atenção para o *iPad* e e-mails, que não existem. Foda-se a oferta de uma trepada sacana vindo dela. Minha preocupação é outra.

Onde se meteu a baixinha fujona?

Esse papo de que não repito foda é pura balela. Jogo a desculpa quando não quero repetir uma transa. *Cazzo!* Claro que no passado, esse não foi o caso de Amelie. Cometi o erro de comê-la mais de uma vez. Pior, uma dezena de vezes. Casinho fácil em minhas estadias em Nova York. Uma predadora sexual adepta de alguns joguinhos envolvendo força bruta.

Tempos de merda.

Estava fodido... E para um cara que não tinha nada a perder e cujo segundo nome era: revolta, a jornalista se mostrou uma parceira sexual e tanto. Mas à medida que fui saindo do luto, graças à palestra que dei em Londres, meu interesse pela mulher e suas práticas acabou.

Parei de vê-la, sem aviso ou uma troca de uma palavra sequer. Sumi... Simplesmente, a diversão que ela oferecia, não fazia mais minha cabeça.

É foda!

Amelie é uma mulher persistente. Vive me rondando. Para seu azar, o cara sombrio que conheceu não existe mais. Aliás, nunca existiu. O Alessandro soturno era um escudo protetor contra a dor que assolava minha alma.

Hoje a dor se transformou em lembrança e saudade. A caminhada foi longa, cheia de furos, desencontros, desentendimentos e erros. Hoje, sinto-me pronto para entrar, de vez, na fase dos acertos. Meio irônico pensar assim... Posso ter acabado de cometer outro erro dos grandes. Quebrei uma das regras que me tiraram do buraco. Em cinco anos, nunca deixei o desejo falar mais alto do que a razão.

Estou fodido. Talvez não seja o momento para um envolvimento afetivo, mas não consigo esperar. O amanhã está muito longe. Foda-se. Meus instintos urram e apontam que é Juliet. Sou teimoso e quero pagar para ver. Pode ser que até a próxima temporada do K2, todo esse fogo que me consome já tenha apagado e Juliet volte a ser apenas o meu pé de coelho.

Chega de especular, caralho!

Hoje ela é o meu maior problema, porra! A dona de minhas noites inquietantes, de punhetas intermináveis e de minha melhor manhã.

Grazie a Dio!

Tê-la foi a glória e um alívio. Já não aguentava mais fingir e fugir. Passei os últimos meses envolto em uma baita crise de consciência. Quase perdi o juízo sonhando com o impossível: um amor doce e puro.

Precisava protegê-la de mim, não queria manchá-la com tanta podridão já vivida. Sentindo-me sujo, escancarei meu pior lado na tentativa de manter Juliet longe. Ela precisava saber quem eu fui. Resgatei velhos hábitos, trepei como um alucinado para sufocar o tesão e adiar o inevitável.

Não... Não... Não!

Foi tudo em vão. Fodas vazias e nada mais. Passei os dias insatisfeito e irritado por ficar duro como um adolescente... Um idiota que fica pelos cantos, imaginando detalhes, dos mais gentis aos mais sórdidos, de como seria ter Juliet.

Não tive culpa... O inesperado aconteceu. A sorte bateu na minha porta, ou melhor, na minha cama.

Quando acordei, pensei que tudo era fruto da bebedeira da noite anterior. Surreal, vi-me enroscado nas curvas tentadoras, que mais venho desejando... Que mulher, essa baixinha de cheiro de laranjeira e bebê, meu amuleto. Como foi possível? Nós quase nos matamos no dia anterior. Ela me deixou louco quando me olhou daquele jeito no carro. Aqueles dedinhos na boca enquanto comia meu pau com os olhos... *Aaaah...* Foi covardia.

Misericórdia!

Entrei em ebulição e quase perdi o controle. Tive que ter mais força e coragem para resistir a ela, do que tive para sobreviver à última nevasca.

Acordar com sua bundinha esfregando-se em meu pau foi um sonho. Bendito vento que expôs toda aquela maravilha, empinadinha e praticamente de quatro.

O que foi aquilo?

Que calcinha era aquela? Oh, Papai! Caralho!

Meu pau pediu por ela o dia inteiro. Sou um canalha... Não resisti quando entrei no consultório da Pam e aquela maravilha estava ali, ao alcance da minha mão. *Fui um fraco!* Meu coração disparou e comecei a suar frio. Tive um branco... Quando vi, já a estava apalpando. Que pele macia, tadinha, toda irritada pelos espinhos. Tive vontade de mandar arrancar todos eles da cidade! Arranhar aquela coisinha branquinha e rosada é covardia, só eu quero ter o direito de fazer isso.

Se fosse outro a machucá-la, acho que sairia na porrada, mas... o velho Salvatore... Coitado do *Nonno!* Aprontou mais uma das dele. Semana passada foi o trator da vinícola, que acabou dentro do riacho. Ontem, a scooter do Niro. Preciso mandar vigiarem o jatinho e o helicóptero.

Poveretta!

O velho, sem saber, acabou me fazendo um grande favor.

Sabe quando um homem como eu já dormiu de conchinha com alguém?

Nunca!

Quando dei de cara com aqueles olhos castanhos, virei um homem em uma missão. *Deus!* Juliet estava adorável... Irresistível e envergonhada por ter seu peito exposto... Seios, aliás, que são deliciosos e se encaixaram na minha mão e boca com perfeição... Resolvi fazer o que tinha vontade, beijar aquela boca marrenta, até ficarmos sem fôlego.

O tapa na cara, que estava esperando, não veio. Ao contrário, Juliet me surpreendeu. Jamais imaginei que fosse corresponder daquele jeito. Estava preocupado, não queria parar... Há muito tempo, não me sentia tão bem.

Baixinha surpreendente... Deixar-me explorar a *Incantata* macia foi

meu melhor presente. Gozar para mim, então?

Caralho! Deliciosa!

Quero gravar os gemidos dela e pôr como toque no meu celular.

Não! Melhor não! Aquele som, quero esconder do mundo.

Juliet é tão sensual, gostosa e inesperada. Apertada pra caralho! Vou ter que ir com calma com ela. É bem diferente das mulheres com as quais estou acostumado, a começar pelo tamanho. Talvez, Fran ter empatado a foda, tenha sido providencial.

Claro que estou louco para me enterrar nela. A ereção que ostento não me deixa mentir, mas sei do estrago que meu pau pode fazer e não quero assustar ou machucar a Baixinha. Como ela mesma disse: não é qualquer uma. Juliet, apesar do jeito respondão e teimoso, é uma mulher meiga. Não tem um pinga de maldade ou malícia. Surpreendi-me, não imaginava que pudesse ser tão quente e faminta na cama.

— *Sua vez... Podemos começar com perguntas, Alessandro?*

— *Dark?*

— *PRIMO!*

— Hã? Opa! Ah, claro! — concordo sem saber com o quê, completamente aéreo.

Contrariado, olho para a dupla que me observa com curiosidade. Perdi a conta de quantas vezes já olhei para a entrada do galpão, esperando Juliet aparecer. Quase onze horas e nada dela. Uma euforia me toma. Será que voltou ao meu quarto e está me esperando na cama? Preciso dispensar Amelie o quanto antes. Agito-me como um moleque e a mulher me encara desconfiada.

— Bom, minha parte já acabou — Fran diz levantando-se.

— Fica aí, cara — insisto.

— Não dá... Tenho trabalho acumulado — explica e sei que está mentindo.

Cazzo!

— Ok — resmungo rendido.

Os latidos de Athos e Porthos chamam nossa atenção. Os cães despontam fazendo algazarra na entrada do galpão. Juliet aparece logo depois deles. Ela olha de soslaio para o mezanino, parece desconfortável. Seus dentes perfeitos mordem o lábio inferior. Imito seu gesto quando o meu coração acelera e reprimo, muito mal, um gemido.

— Quem é ela? — Amelie pergunta em um tom ácido.

— Ah! É a Juliet. A meteorologista da *Mountain* — Fran responde alegremente. — Foi ela quem previu as tempestades no K2. Salvou o Alessandro. Poderia citá-la na matéria.

— Nada disso! Meu foco é o Alessandro — recusa a sugestão de modo ríspido. — Hum... E você, é claro, Francesco. — Suaviza e tenta consertar.

Um desejo desconfortável pressiona o tecido rústico da minha calça. *Cacete!* Juliet está de short jeans e de camisa xadrez amarela. Suas pernas são fantásticas e torneadas. Meu pau lateja. É uma delícia, totalmente em forma, mas sem perder os contornos e suavidade feminina. O cabelo solto, um pouco despenteado pelo vento, a deixa selvagem.

Está... tão... Mancando?

Cazzo!

Será que eu a machuquei?

Todo o meu corpo ferve. Esqueço que estou no meio de uma

entrevista e me levanto indo em direção da descida rápida.

— PRIMO! O que foi? — O grito do Francesco me tira do transe. Viro-me, ele está com os olhos arregalados atrás de Amelie. Aponta para ela, com uma expressão de “*Olha a mulher aqui! Que porra está fazendo?*”

— Amelie, só um minuto, por favor. Juliet está me devendo um relatório — minto, dizendo a primeira coisa que me passa pela cabeça.

Foda-se que a entrevista é para o *The New York Times*! Com uma mão, seguro o cano que leva ao andar de baixo e deslizo.

— Dark! Como assim? Vim de Nova Iorque só para... — berra ela, mas já é tarde.

A passos largos, atravesso a sede em direção a Juliet. Athos e Porthos vem ao meu encontro, pulando em volta de mim. Depois voltam para Juliet, que está sentada em sua estação de trabalho. Eles se deitam protetoramente aos seus pés. Tomo o gesto como um sinal de alerta, como se me avisassem de que alguma coisa está errada.

Cazzo! Maledire!

Chego em sua mesa. Apesar de toda a algazarra dos cães e de minha aproximação nada discreta, Juliet parece chocada com minha presença.

Claro! Nunca faço isso!

— Quer alguma coisa? — pergunta em tom profissional, parecendo temer a resposta.

— Não — respondo seco e incomodado com o desconforto evidente em sua voz.

Cumprimento Cris e Pietro, que estão entretidos com pilhas de relatórios. Volto-me para Juliet e seu ar distante me irrita, mas está certa. Eu não deveria estar agindo como um louco descontrolado.

Ninguém sabe o que aconteceu entre nós. Embora esteja pouco me fodendo com a opinião dos outros e não tenha a menor intenção de esconder nada, as pessoas estão acostumadas comigo querendo matar Juliet. Meu normal é correr para longe dela, não para perto. Percebo os queixos caídos de Cris e Pietro, mas os ignoro. Nunca demonstrei interesse, pelo menos, não tão descaradamente como estou fazendo agora. Duvido que já tenham me visto encará-la com esse olhar faminto e urgente, como se a Baixinha fosse a última bolacha do pacote.

E ela é!

— Eu... eu já mandei imprimir as análises de hoje — suspira exasperada. — Já ia lhe entregar. Desculpe-me pelo atraso.

Limpo a garganta e respiro fundo.

Acalme-se, homem!

— Tudo bem... — grunho. — Seu trabalho está em dia. — Retomo ao tom profissional.

— Um minuto — pede quase tímida.

Adorável, porra!

Não devo, hesito, mas a sigo, assim que levanta e começa a ir para a estação mais ao fundo, onde ficam as impressoras e plotters.

Sigo quieto, analisando-a. É bem sutil, mas a Baixinha está mancando, sim. Olho para os pés dela, está usando sapatilhas. Tão pequenos. Achei graça quando Fran entregou a relação dos uniformes e vi que ela calça trinta e cinco. Suas botas de alpinismo parecem de criança perto das minhas, tamanho quarenta e quatro.

Nunca fui ligado em pés, mas os dela acho adoráveis. Há um inchaço meio arroxeadado no pé direito.

Put a que pariu! Sou um figlio di puttana, mesmo!

— Seu pé — digo em um aborrecimento culpado.

Abaixo e, quando toco o arroxeadado, Juliet se esquiva dobrando a perna para trás.

— Ah... isso? Não é nada. — Puxa a gola da minha camiseta, tentando me trazer de volta para cima.

Levanto-me.

— Como não é nada? — Fecho os olhos, só de pensar que possa ter sido eu a feri-la durante a bebedeira. — Está inchado. Quer que te leve até a Pam? Melhor dar uma olhada.

— Que exagero, claro que não. Nem lembro como foi. — Dá de ombros e começa a recolher os relatórios da impressora.

Ela está mentindo.

— Fala a verdade, Juliet. — Levanto uma sobrancelha. — Eu fiz essa merda em você?

— O quê? Não! — nega veementemente e apenas balanço a cabeça. — Dark, digamos que eu seja um pouco propensa a pequenos acidentes. Batidinhas como essa são perfeitamente normais no meu dia a dia. — Abre um sorriso meio de lado.

Puxo o ar clamando por controle. É o mesmo sorriso, que me fazia morrer de inveja quando era direcionado para Fran e não para mim.

— Mesmo assim, melhor olharmos — insisto sem conseguir esconder a rouquidão na voz.

— Não, já disse que é bobagem... — rebate ansiosa. — Estou acostumada, o número da emergência vem logo após o dos meus pais, em meu celular. Não são uns espinhos ou um vaso no pé que vão me derrubar.

Que porra é essa de número de emergência?

Volto a inspirar profundo e a clamar por controle. Se quis me tranquilizar com esse comentário, só me deixou mais tenso.

Como assim, propensa a acidentes?

— Vaso? Qual vaso? Quando? — Tento me lembrar de alguma coisa, mas o branco é total.

Maldita vodka!

— Esquece. — Faz uma careta impaciente. — Acabou a entrevista?

— Não.

— Não? — Sua testa franze. — E você deveria estar aqui, falando comigo?

— Não. — Sorrio cínico, inclino e me aproximo de seu ouvido. — Eu te disse: quando gosto de alguma coisa, eu cuido. Quando te vi mancando, me preocupei — confesso.

Juliet baixa a cabeça e cora. Minha vontade é de pegá-la, jogá-la sobre o ombro e acabar o que começamos mais cedo.

— Não preciso ser cuidada. — Parece surpresa. — E... e já disse... não estou mancando.

— Passei os últimos meses reparando em você, mais do que deveria, Juliet — informo e os olhos dela arregalam. *Cazzo!* Sorrio quase sem graça, não quero que pense que sou um perseguidor ou coisa do tipo. — Acredite, sou bom nesse troço de lembrar detalhes. Memorizei cada movimento seu e sua forma de andar está diferente.

— Dark, essa conversa...

— Aless... Juliet... Pra você, Aless.

Tento tocá-la, mas dá dois passos para trás. Fico confuso. Por que

não posso tocá-la? Porra, se arrependeu? Olho para ela, que continua sem dizer nada.

— Por que não posso te tocar? — Começo a ficar puto.

Juliet não responde. Esfrego o rosto. Se eu tenho que pedir por desculpas, preciso saber. Exaspera-me não lembrar se fiz alguma merda, além de tentar devorá-la como se fosse a última refeição da minha vida. *Porra!* Nada de fugir de mim, mocinha. Preciso de você no meu quarto de qualquer jeito.

— Falei ou fiz alguma coisa errada? — insisto meticulosamente suave.

— Não fez nada errado. — Fica ainda mais vermelha. *Linda.* — Ontem... você só estava muito bêbado... e confuso.

Solto um suspiro angustiado. Meu temperamento explosivo deve tê-la assustado.

Cazzo! Porra!

— Estava em uma batalha interna. Desculpe-me. — Sou sincero.

— Tudo bem... eu entendo — diz como se compartilhasse o mesmo tormento, recolhe os papéis, que saem da impressora, e depois olha para mim. — Desculpe, mas... eu não, nós... Esquece.

— Esquecer?

A gente se encara por um tempo. Juliet me entrega os relatórios e faz menção de voltar à mesa dela. Não posso de jeito nenhum, deixá-la sair sem falar sobre o que aconteceu esta manhã e sem dizer que quero estar com ela novamente.

— Juliet, sobre nós...

— Não! — interrompe e olha impaciente para os lados. Em seguida,

levanta a mão e sacode a cabeça. — Não, por favor, não faça isso.

— Por que não?

— Aqui é o nosso trabalho.

— Onde então?

— Depois. — Empurra meu peito e dou passagem. — Agora vá, Fran está que nem um louco chamando pelo vidro da sua sala.

Sorri solícita e olho para ela com desconfiança. Se Juliet está pensando em me dispensar e fingir que nada aconteceu... Ah... Essa baixinha não sabe com quem se meteu. Agora que experimentei, vou até o fim.

Franzo o cenho e fecho a cara.

— Ok, mas só um aviso, Juliet. — Chego perto e digo baixo, meu tom é quase ameaçador: — Não sou homem de fugir de um desafio. Muito menos, de não conseguir o que quero. E eu quero você, Srta. Damaggio. Se pretende dificultar as coisas para mim, Baixinha, tudo bem. Sou determinado e paciente. Sua teimosia é meu combustível... Sua negação só aumenta o meu tesão.

— Nem pense... — começa, mas coloco o dedo sobre a boca macia e convidativa, impedindo-a de falar.

— Shhh... Não estou pensando, eu vou. Está escrito na sua cara: *Aless, quero que me foda gostoso*. — Aproveito que ela congela, inclino e mordo a orelha delicada. Juliet olha, nervosa, em torno da sede. Foda-se se alguém viu isso — Hoje de manhã, tive certeza de que também quer isso, tanto quanto eu. — Afasto-me, sorrio e passo a língua nos meus lábios só para provocá-la.

Primeiro, sua expressão cai chocada. Depois, vira-se me deixando sozinho, excitado e frustrado. “*Cazzo de mulher!*”, praguejo baixinho enquanto sai batendo o pé e fingindo indiferença, como se o que aconteceu

não tivesse significado grande coisa para ela. *Pior!* Como se *ELA* não fosse a responsável por virar meu mundo de cabeça para baixo.

Irritado, volto à minha sala. Encontro uma Amelie furiosa e com uma lista de perguntas, tão óbvias quanto ela. Por várias vezes, tenho que me esquivar de suas mãos, que insistem em alcançar meu pau por baixo da mesa. Mecanicamente, dou a Amelie as respostas de praxe, mas poderia resumir todas elas em uma só palavra:

— Qual foi seu melhor momento no K2?

— *Ver Juliet.*

— O pior momento?

— *Ver Juliet entrando no chalé com aquele paquistanês babaca.*

— Qual o próximo desafio?

— *Juliet.*

— Já se arrependeu de alguma coisa?

— *De ter saído do quarto, para responder a essa merda de entrevista... De não ter fodido Juliet, como um alucinado, há uma hora.*

— Os planos para o futuro?

— *Foder Juliet até ela gritar pedindo por mais e mais.*

— Prato preferido?

— *Aquela bocetinha deliciosa e lisinha que Juliet tem.*

— Fetiche?

— *Juliet amarrada e toda vulnerável para mim.*



Juliet

Dio mio! Infelice! Maledetto!

Já me basta ter uma família superprotetora, um chefe idem, juro que não vou aguentar! Até ontem, me odiava; agora, quer foder e cuidar de mim?

Tenha santa paciência!

Apoio os cotovelos na mesa de trabalho e pressiono os dedos nas têmporas. Uma dor de cabeça ameaça surgir. Eu deveria tomar juízo e fugir dele, não querer me enroscar com ele.

Tenho medo que comece a achar que não posso subir e queira me proteger da montanha, assim como meu pai e irmãos. E se Dark confundir minha tendência aos pequenos acidentes, como um risco para as escaladas? Ironicamente, nunca tive um só incidente praticando montanhismo. Subi e desci o Everest diversas vezes, sem nenhum arranhão. Como minha mãe diz, meu azar é direcionado para baixas altitudes, mais em âmbito doméstico.

Os acidentes sempre aconteceram, mas foram coisas pequenas. Nada sério. Uma overdose, aos três anos, por achar que os remédios eram balas. Uma obstrução das vias nasais quando tentei enfiar todo o conteúdo de meu travesseiro no nariz. Um feijãozinho aqui e outro ali, que do nada brotavam no meu ouvido. Enfiar coisas em mim sempre foi uma diversão. Fora os cortes, arranhões e algumas fraturas, mas quem nunca?

Grave, grave, acho que nada... nem mesmo a quase amputação. Uma tarde estava brincando com meus irmãos de esconde-esconde. Achei uma ideia maravilhosa me esconder dentro de um velho latão de óleo. Uma, duas... cinco vezes... Foi incrível, aos seis anos de idade, eu me tornei uma ninja imbatível na arte de me esconder.

Durante uma festa de aniversário, um ano depois, a brincadeira se repetiu. Empolgada, fui com tudo e pulei dentro do barril, igual a uma bomba na piscina. Pernas encolhidas e braços ao redor delas. Estranhamente, ele estava menor do que no ano anterior. Entalei, fiquei horas no canto da garagem, presa só com a cabeça para fora. Sabia que estava encrocada, meu vestido era novinho e tinha sujado inteiro. Entre apanhar da minha *mamma* e esperar por um milagre, decidi pela fé.

Vencida pela fome e pelo tédio, lá pelas tantas, gritei por socorro. Me acharam. *Papà* segurava o barril embaixo do braço, enquanto *mamma*, desesperada, puxava minha cabeça. Quanto mais me puxavam, mais entalada eu ficava.

— *Dio mio! Dio mio! Minha bambina vai crescer em uma lata, igual a menina da bolha!*

Mamma gritava e chorava enquanto empurrava uma maca hospital adentro. A maca, a lata e eu, a toda velocidade. A essa altura, já estava com um capacete rosa ridículo, que meu *papà* colocou, para evitar danos à única parte do meu corpo exposto.

Foi uma diversão! Estava adorando!

— *Sr. Peppe, infelizmente o hospital não tem recursos para desentalar a sua filha* — o médico disse.

Meu pai se desesperou, minha mãe desmaiou. Estava condenada a viver na lata mesmo. Até que meu tio Félix teve uma ideia brilhante! Me

levar ao serralheiro!

E lá estavam... a lata, eu e uma serra elétrica. O homem, com uns óculos esquisitos e uma camiseta toda suja, estudava qual seria o melhor lugar para cortar. De preferência, um ponto onde nenhuma parte vital do meu corpo fosse atingida pelas lâminas afiadas e barulhentas.

— *Dio mio! Dio mio! Minha bambina vai ser serrada ao meio, igual à mulher do circo!* — *mamma* gritou e jogou o corpo na frente da lata, em uma missão suicida.

Naquele ponto, já estava achando tudo aquilo assustador! Tinha assistido, escondido, ao filme *O massacre da serra elétrica*. Sempre odiei sangue espirrando, principalmente o meu. Fechei os olhos e rezei em busca de um milagre.

Foi aí que um velhinho apareceu com uma lata de óleo e um martelinho. Besuntou-me com aquele líquido viscoso e marrom e, pacientemente, bateu em uma perna e depois na outra. Depois de longos minutos, uma perna cedeu e eu estava finalmente livre. Escapei da amputação e aprendi uma grande lição: a voz da experiência é a voz de Deus!

— Juliet! Acorda! — Cris chama minha atenção abanando uma folha de papel na minha cara.

— Não estou dormindo, Cris, apenas pensando.

Cris ajoelha-se ao meu lado com uma cara esquisita.

— Pensando em você e Dark? — sussurra ruborizando.

— Nãooooo! Na minha família — respondo, levantando a cabeça e dando a ela um olhar mortal.

Depois não sei o porquê, espio a sala de Dark querendo me certificar de que ele não tenha ouvido o que Cris sussurrou ajoelhada ao meu lado.

Pisco algumas vezes sem acreditar no que vejo: uma girafa cabeluda, vestida para matar, está com as mãos em cima da ferramenta de Dark! As dele vão parar em cima das dela. *Ordinário!* Por um segundo, nossos olhares se cruzam. Desvio na mesma hora, indignada. Olho para Cris, que está com uma expressão de “*Eu sei, eu sei, isso é foda!*”

— Vi você saindo do quarto dele, hoje de manhã — sussurra, puxando uma cadeira de rodinhas, grudando-se a mim.

A seguir, me olha como se esperasse que eu revelasse o último capítulo de *Mulheres à beira de um ataque de nervos*.

— Não é o que está pensando — defendo-me.

— Não estou pensando nada. Até mesmo porque não tem nada para pensar. Meganatural você sair do quarto dele só de camisola e com uma cara de que acabara de gozar. Os gemidos que ouvi, não quiseram dizer nada. Imagina! — Franze o rosto como se fosse um grande absurdo.

Pega no pulo, fico vermelha, roxa e lilás.

— Alguém mais viu? — Nem me dou o trabalho de negar. — O Pietro? *Cazzo!* Isso nunca mais vai acontecer.

Até porque desconfio que já fui trocada pela Girafona cabeluda.

— Não, mas ele estranhou a impressada que Dark te deu ali nas impressoras.

Dio!

— Ele só queria ver o meu pé. — Mostro para ela a mancha roxa.

— Credo, tá roxo pra caramba! Por isso não foi correr?

— Um vaso caiu nele. — Pesarosa, franzo a boca. — Não estava me sentindo bem para correr e acabei ficando com minha mãe ao telefone, mais tempo do que deveria.

— Menina do céu! — Dá outra avaliada no ferimento. — Como foi deixar um vaso cair?

— Num ato de solidariedade sem interesse — digo evasiva e as pestanas de Cris arqueiam descrentes. — Tá bom! — bufo, revirando os olhos. — Estava ajudando o Dark a subir para o quarto. Ele estava meio mal e esbarrou no aparador, que fica ao lado da porta dele. Tentei impedir a queda com o pé.

— Ah! Então, por isso que as flores estavam de ponta cabeça esta manhã! — Cutuca o próprio queixo numa dedução exagerada. — Encontrei o corredor molhado quando fui descer para o café. Quando estava voltando, com um pano para enxugar, vi você saindo correndo. Desculpe, não estava xeretando. Dormiu com ele?

— Nãooooo! Quer dizer... Dormi, mas não como está pensando.

Conto para ela tudo o que aconteceu no dia de ontem e hoje da manhã. Preciso de alguém para desabafar. Só omito os detalhes sobre os dedos mágicos de Dark em mim. Resumo tudo, como um grande enrosco acidental.

— Não acredito que caiu em cima dos espinhos! — gargalha, depois me olha maliciosa. — E amiga... — Estuda-me por alguns segundos. — Vocês dois se pegarem era questão de tempo, convenhamos.

— Isso não pode mais acontecer — decreto a contragosto.

— E por que não? Posso saber?

— Não posso me dar ao luxo de jogar tudo para o alto só por causa de uma fantasia. Estou a um passo de conquistar um lugar nesse mundo do alpinismo tão machista. Aquele jeito mandão e ogro do Dark é pura encrenca. Não sei como foi acontecer. — Tampo o rosto com as mãos. — Estou em uma batalha há meses. Meu cérebro diz que é roubada, mas meu corpo quer

se jogar com tudo. Cris, me ajuda! Viu onde estavam as mãos da Girafona? — imploro, ela solta uma gargalhada e tenta abafar com as mãos. Exaspero-me e continuo: — Eu o recrimino por ser um cafajeste e, na primeira oportunidade, me jogo nos braços dele. Sou igual às mulheres que ele usa noite após noite!

Gemo ao me dar conta de que só fui a bola da vez.

— Que besteira! — Cris dá um tapinha calmante no meu joelho. — Claro que não é igual àquelas mulheres. Bate nesta sua boca! Desde o Paquistão, Dark olha pra você como um cachorro que caiu da mudança. Ele não é mau-caráter, só deve ter uma libido nas alturas e, pelo jeito, você também tem. — Coloca as mãos no meu ombro, em solidariedade.

— *Cazzo* de libido! Essa bandida está fazendo o meu bom senso de gato e sapato. Cris, me ajuda a sair dessa! — imploro. — Tinha até montado um plano para fugir da tentação, mas Dark é tão arrebatador. Você tinha razão, ele parece uma locomotiva descarrilhada. Um touro no cio!

— Um touro? *Oh là là!* — Cris se abana e eu olho feio. — Está bem, sua dramática. — Encosta-se na cadeira e cruza os braços. — Qual é esse plano?

— Fugir de Dark. — Sorrio sem convicção. — Ocupar minha cabeça com outras coisas. Dar uma chance às oportunidades da Toscana.

— Calma! Não acho que deva fugir dele. Até porque... — Cris faz uma pausa dramática. — Se ele te falou aquelas coisas, acho difícil que vá te deixar em paz. O homem é tão teimoso quanto você — constata o óbvio, faço uma careta e encolho os ombros. — Mas... se você acha que precisa fugir disso, sou tua amiga e estou do teu lado nessa. Talvez seja até bom dar abertura para outros caras. Assim, poderá ter noção se com ele é diferente ou apenas tesão, fogo de palha ou sei lá.

Athos e Porthos se agitam ao meu redor e saem em disparada pela entrada do galpão. Checo e Dark está de pé ao lado da Girafona. Acho que a entrevista acabou. Jogo a cabeça para trás, em desapontamento. A mulher é sexy e... ALTA, parece tão mais adequada para ele. Fora o corpo! A apalpadora tem duas bolas de basquete no lugar de seios. Só com aquilo ali, daria para alimentar metade dos órfãos do planeta.

Uma buzina antiga toca. Um som engraçado, como nos filmes dos anos cinquenta. Um carro conversível vermelho, reluzente e de um modelo, que só vi em feiras de antiguidade, para bem em frente à sede. Francesco passa correndo por nós, em direção ao automóvel. Curiosos, eu, Cris e Pietro vamos atrás.

O rapaz que conheci na praça, Niro, está ao volante ostentando uma cara emburrada. Francesco abre a porta do passageiro para o *nonno* Salvatore e Madalena. Com cuidado, o senhorzinho desce do carro vestindo um terno de linho branco e um chapéu de Panamá. Muito elegante... Tão diferente do velhinho amarrotado que conheci ontem. Na lapela, um ramo de flor de laranjeira. Madalena não fica atrás, está com um vestido azul-marinho em tecido leve.

— *Nonno!* Quanta honra! — comemora Fran. — O senhor nunca vem nos visitar na vinícola.

— Não vim visitar vocês, menino. — Os olhos verde-escuros e minúsculos me encaram embaixo das lentes fundo de garrafa. — Vim ver a Doce Julieta — anuncia solene.

Coro enquanto aceno para eles.

— Desculpe, Francesco, mas conhece seu avô. Teimoso que só. Está desde as cinco da manhã me infernizando para vir ver a *bambina*. — Madalena abre um sorriso gordinho e rosado.

— Tudo bem, Madá. — Fran a beija. — O importante é que ele veio. Venham, saiam do sol. Niro, chega aí, cara! Vai fritar os miolos. Nem acredito que o velho tirou essa preciosidade da garagem!

Feliz com a visita do avô, Fran olha para mim, agradece baixinho e fico sem saber o porquê.

— A ocasião é especial, menino. Pede o meu melhor automóvel. — *Nonno* vem em minha direção e oferece-me o braço.

Ao voltarmos para a sede, *Nonno* segura minha mão. Noto, escondido atrás dele, um buquê de flores do campo. Todo pomposo, ele entra comigo em direção à área de estar da *Mountain*. Um canto mais ao fundo, com vários sofás de couro, um bar, cozinha, um grande telão, além de mesas de bilhar e pingue-pongue.

— *Nonno*! — A voz grave de Dark explode atrás de nós.

Já deveria estar acostumada, mas sempre estremeço quando a escuto de surpresa. Viramos e a Girafona está toda sorridente e grudada nele.

— Até que enfim, veio nos visitar. — Dark sorri satisfeito. — Gostou da reforma? — Olha para a minha mão entrelaçada à de seu avô. — Venha, sente-se. Oi, Madalena, Niro. Tem água e refrigerante no bar, sirvam-se.

— Vim ver a Doce Julieta. Estava preocupado. Queria me desculpar como um cavalheiro — *Nonno* diz entregando-me o buquê.

— *Nonno* Salvatore, são lindas! — Finjo surpresa.

Agradeço e deposito um beijo casto em sua bochecha. Ele cora e levanta os ombros com um sorrisinho maroto. *Adorável*. Me divirto, estou amando o velhinho. Só tenho uma avó e ela mora em Napoli, quase nunca a vejo. Depois disso, todos nos sentamos.

— Como está o fermento? — *Nonno* pergunta, sem graça.

— Bem melhor. A pomada da doutora Pam é mesmo milagrosa. — Sorrio dando pequenos tapinhas na mão enrugada, que ainda segura a minha.

Dark acompanha todos os meus movimentos como um falcão.

— Bom... Muito bom. — Salvatore sorri. — Já que não está tão indisposta, vim lhe fazer um convite.

— Veio convidar a todos, não é mesmo, Salvatore? — Madalena o repreende.

— Sim, todos — ele emenda com certa má vontade. — Não sei se te contaram, mas tenho uma vinícola vizinha a dos Bolgheri. — Nego e ele olha feio para os netos. — Ela é uma beleza! A equipe norte-americana a escolheu como um dos cenários da película que estão filmando. Alguns atores são meus hóspedes e, hoje à noite, faremos uma grande festa. Vai ser no jardim, como as que dávamos antigamente, na época dos imigrantes. Muita comida, vinho e dança. Gostaria da sua presença, como minha convidada de honra, Julieta.

— Então é verdade que Kai Bretcher está aqui? Maravilha! — A girafa pergunta e se autoresponde antes que eu consiga aceitar. Fecho a cara. — Esta festa veio a calhar, quem sabe cava uma exclusiva com ele. A que horas começa?

— E a senhora, quem é? — *Nonno* indaga, nem um pouco feliz.



10.1

Sensacional

— **É Amelie Carter,** do *The New York Times*. Ela veio fazer uma reportagem sobre a *Mountain* e nossa última expedição — Dark se apressa a explicar ao avô.

Como se aproveitasse uma deixa, Amelie alisa o braço tatuado de Dark e meu sangue italiano reclama. Solto da mão do senhor Salvatore e, precisando de ar, levanto-me e vou até a pequena cozinha de apoio.

— Conheço o Alessandro há anos — a jornalista esclarece em um tom calculadamente rouco. — Estava esperando que Dark me levasse para jantar, como da outra vez em que estive aqui, mas não posso perder a oportunidade de encontrar com Kai. Ele é avesso à imprensa e aos fãs.

— Então, é melhor não ir — *Nonno* diz sem papas na língua e quase derrubo a água que estou servindo para todos.

— Mas eu quero ir! — Amelie protesta alto.

— Querer não é poder, dona.

— *Vô!* — Dark o repreende enquanto os outros riem.

— Por *Dio*, quanta chatice! — *Nonno* irrita-se. — Kai é um excelente *ragazzo*. Se não gosta de jornalistas, cabe a nós respeitá-lo. A dona não deve ir — argumenta, fazendo Amelie bufar.

Aproveitando que Dark abaixa a cabeça e parece contar até dez, volto com a bandeja repleta de copos com água. Deposito-a na mesa de centro e, enquanto os demais se servem, eu entrego um ao *Nonno*, que abre

um sorriso acolhedor, mas em seguida fecha a cara.

— Obrigado, *mia cara*, mas não é serviço seu. — Dirige um olhar repreensivo para o neto. — Por acaso, anda explorando a Doce Julieta, Alessandro?

— Claro que não! — Dark protesta.

Seguro o riso e, com meu copo em punho, volto a sentar onde estava.

— Fique tranquilo, *Nonno*, seu neto não me explora — digo-lhe a verdade. — Não temos frescura por aqui. Todos colocamos a mão na massa.

— Ei, será que podemos voltar ao assunto que me interessa? — Amelie recomeça impaciente. — Se o senhor me deixar ir à festa...

— Já disse que é melhor não — *Nonno* a corta e quase engasgo com a água.

— Poxa, vô! Não seja tão rabugento! Amelie não vai chatear o atorzinho. — Fran banca o diplomata.

— Não.

— Salvatore, não seja indelicado! — Madá o repreende.

— Sei me comportar, vovô. — Amelie pisca para o senhor Salvatore enquanto toca, intimamente, a perna de Dark, que se esquiva.

Minhas maçãs do rosto esquentam.

— Prometo que seu neto não sairá do meu lado, vovozinho — a lambisgoia insiste.

Como assim, não sairá?

— Não sou seu vovozinho, dona. Por favor, me chame de senhor Salvatore. — Desgostoso, avalia a jornalista e o neto. — Não sabia que estavam envolvidos.

— Não estamos envolvidos! — Olhando para mim, Dark levanta afastando-se dela.

Meneio a cabeça em um “*não acredito*”, desolado.

— Não estão? — *Nonno* fica entre o alívio e a confusão.

— Não como o senhor imagina — Amelie sorri com malícia. — Estamos mais para ex-amigos coloridos, se é que me entende.

— Não, não entendo — *Nonno* murmura mais confuso.

— Amelie... — Dark rosna claramente no limite.

— Que foi? — Ela revira os olhos. — Não tenho culpa que o vovô não entende o que significa amizade colorida ou repeteco— desdenha e me seguro para não mandá-la à merda.

Repeteco?

— Por favor, Amelie! Não me faça ser indelicado. — Vira-se para o avô. —Esqueça essa coisa de amizade colorida, vovô. Não temos nada!

O clima pesa, mas Nonno sorri satisfeito não parecendo notar.

Suspiro evitando o olhar de Dark. A negação dele não aliviou meu desconforto.

Droga!

Por mais que todas as minhas células supliquem por um novo toque dele, tenho amor-próprio e não sou trouxa. Sinto-me mais uma entre tantas outras que passaram pela cama do ordinário e está na cara que Amelie veio em busca de um repeteco. Não vou me rebaixar entrando em uma disputa por pênis.

— Que tal mudarmos o disco? — Fran sugere.

— Nada disso... Posso ir ou não, vovô? — Amelie insiste na pauta.

— *Dio Cristo*, que mulher insistente! Pode! — permite aborrecido.

— Não duvido nada que pule o muro se eu disser não.

— Obrigada. Agora podemos mudar de assunto. — Ela abre um sorriso vitorioso.

Meu estômago revira.

— Que tal falarmos de roupas? — Cris sugere animada vindo salvar a situação. — *Nonninho*, o senhor não se importa que eu vá, não é? — alfineta. — Teremos que usar roupas típicas? — Bate palmas.

— Animada Cristina, você e Pietro são meu casal preferido. — Olha feio para Amelie. — Sou grato às maravilhas que fizeram em meus vinhedos. A safra deste ano foi ótima. Além do mais, estou com saudades das nossas tardes de bebedeira e música. — Sorri doce e sua grande barriga chacoalha. — Agora que a Doce Julieta está aqui, devemos repetir a dose mais vezes, um piquenique à beira do rio, talvez.

— Claro! Um piquenique seria maravilhoso! Estamos mais do que dentro! — Cris aceita por mim. — Preciso comprar um vestido! *Dio*, estou tão animada! — Bate mais palmas e dirige-se a Dark. — Chefe, pode liberar mais cedo? Tudo bem se eu pegar o Jeep para ir à cidade com Juliet?

— Claro — Dark resmunga. — Aliás, amanhã vão chegar novos Jeeps. Decidi aumentar a frota. Você e Pietro precisam de um carro para ir às vinícolas e Juliet também deve ter o dela. Não podem ir e vir de bicicleta. Não é seguro.

Meu queixo cai enquanto os demais explodem em um *Bravo!*

— *Dio Santo!* Você é o melhor chefe do mundo! — Cris diz aos pulos. — Primeiro as camas novas e a televisão, agora um carro! Puta que pariu! — Cobre a boca. — Ops, desculpa, *Nonninho*, me empolguei.

— Agora, vi vantagem! — Pietro vai até Dark e bate em seu ombro largo.

— Prefiro continuar com a bicicleta. — Deixo escapar e todos me olham incrédulos.

— Prefere, mas vai andar de carro a partir de agora.

— Não vou, não.

— Ah! Vai, sim, senhora! — As têmporas de Dark começam a pulsar freneticamente.

— Quero ver me obrigar! — Empino o queixo desafiando-o.

— Experimenta me testar, Juliet!

— Perdão, perdi alguma coisa? — A girafa resolve se manifestar.

— NADA QUE SEJA DA SUA CONTA! — eu e Dark respondemos em uníssono.

— Não ligue, Amelie. O primo e Juliet brigam o tempo inteiro. *Bella*, Alessandro só está pensando na segurança e conforto da equipe. — Fran tenta pôr panos quentes. — Vai dizer que não gostou da cama nova?

Gostei e muito, mas não admito.

— Aceite, minha doce *bambina*... — *Nonno* pega na minha mão. — Com o carro, vai poder ir me visitar na vinícola e no DON. Tenho me sentido muito só. — Seus olhos carinhosos e suplicantes derretem minha birra.

— Por favor, Juliet. Precisamos de uma cara nova por lá! Estou a ponto de matar esse velho ingrato! — Madalena brinca, mas meio que também implora.

— Ok, vocês venceram! — Cedo à pressão e um sorrisinho satisfeito brota em Dark. *Imbecile*^[52]! Não pense que ganhou essa, seu repetidor de jornalistas! — Pensando bem, ter um carro vai ser ótimo para os meus planos. — Devolvo um sorriso cínico. — Obrigada, chefinho. Motorizada, vou poder explorar melhor as maravilhas da Toscana. Estou louca para

conhecer os parques de diversões da região. Adoro o sobe desce de montanhas-russas bem grandes — provoco e posso jurar que Dark engasga.

— Uauuuu! Quero ir junto— Fran gargalha. — Esse carro vai ter histórias para contar!

— Pra caramba, Fran — concordo com malícia. — Vou até fazer uma listinha dos melhores. Quem sabe, depois até rolem uns repetecos — pago na mesma moeda e os olhos verdes de Dark ficam mais escuros. Há uma emoção fervilhante pulsando através deles. Esforço-me, mas não consigo decifrar.

Ainda me encarando, Dark coloca a mão na barba e começa a puxar.

Ignoro a cara feia e volto a papear com *Nonno* e Madalena. Todos entram na conversa e começam a falar ao mesmo tempo.

A prosa se arrasta. Tento fingir normalidade, mas a presença da jornalista começa a me pôr nos nervos. A mulher não tira os olhos de mim e intromete-se em tudo que é dito, cheia de comentários e insinuações sobre o quanto ela e Dark são amigos e “íntimos”.

— Já foi a Nova York, Juliet? Eu e Dark costumávamos nos divertir muito por lá. — Pisca os olhos negros para mim e juro que meu ódio por essa girafa se consolida para até o final dos meus dias.

Ignoro-a e a conversa segue...

Amelie dá indiretas sobre passar a noite no casarão. Dark alega que ela estará mais bem instalada no hotel da cidade. Percebo que as veias do pescoço dele saltam quando ela, descaradamente, se oferece para ficar para o almoço.

Quando estou prestes a explodir e arrancar na unha, fio por fio do cabelo liso, preto e sofisticado da bruaca, Cris vem em meu socorro. Informa que está tarde e que precisamos ir para a cidade. Antes de sairmos, *Nonno*

nos faz prometer que iremos nos encontrar no DON para o almoço.



— Teve uma hora lá, que eu pensei que você fosse bater na mulher.
— Cris dirige o Jeep sem capota, deixando uma nuvem de poeira para trás.

Tento olhar para ela, mas meus cabelos esvoaçantes me impedem. A espanhola, pé de chumbo, está determinada a chegar em tempo recorde na cidade.

— Mulherzinha insuportável — resmungo enquanto prendo minha juba em um rabo. — Ela é tão perfeita.

— Perfeita, o cacete! Metade ali é falso — Cris desdenha. — Se o chefe pensa em te trocar por ela, vai se arrepender amargamente. Vou fazer uma produção de arrasar em você!

— Não vou entrar em uma disputa, já te falei.

— Quem disse que é uma disputa?

— E... não é? Me emperiquitar toda para impressionar um cara?

— Não, não é. — Por um segundo Cris desvia o olhar da estrada e sorri arteira para mim. — Amiga, nós só vamos mostrar para essa gringa o que as italianas e espanholas têm. Ela que vá dar em cima do Tio San. E outra, você é a convidada de honra do *Nonninho*, não pode ir de qualquer jeito. Fora que Kai vai estar lá! *Dios*, nem acredito! Vou conhecer KAI BRETCHER! Ele estava tãoooo divino em *Tormentas de uma paixão*. Viu os filmes dele? Conhece a banda? Ele arrasa nos vocais.

— Nem filme, nem banda. Sempre preferi ação ao romance. Já devo ter visto alguma foto dele em sites de fofoca, mas nem lembro da cara.

— Gato real, Juliet! GATO REAL. Se pudesse, dava um sonífero para o Pietro e iria sozinha à festa!

— Coitado dele, Cris!
— Está com pena? Leva para casa!
— Não ia adiantar.
— Por quê?
— É a sua casa também.
— Saco! Essa coisa de morar todo mundo junto é foda!
— Bota foda nisso!
— Chegamos! Compras, aí vamos nós!



Depois de um tempo e na terceira loja...

— *Juliet de Dios, que decote é esse? É hoje que o chefe vai ter um derrame! Aposto que até o falecido do nonno Salvatore vai levantar!*



Comprados os vestidos, passamos na biblioteca onde eu me enchi de livros. No DON, o que era pra ser um almoço virou quase um jantar, até divertido, se não fossem pelas lembranças de Dark e de sua pegada, bruta e boa, que me perseguiram sem trégua.

Droga, o desgramado me deixou tão afogueada, mas tão afogueada, que duvido que os quilos de literatura erótica, que aluguei, consigam suprir minha necessidade por esse homem delicioso, porém angustiante! Quero acreditar que o furor dos seus beijos seja uma exceção... Fruto de um momento de fraqueza embalado pela ressaca ou embriaguez, mas tá difícil.

Uma agonia que só cresce...

Até meu celular vibrou, para minha surpresa e terror. Dark e eu

nunca trocamos uma mensagem sequer. Essa, pelo *WhatsApp*, foi a primeira e a coisa descambou para um lado tão absurdo e pessoal que, se depender de mim, também será a última.

- | **Dark** – *Parques de diversões e listinha? Melhor nem perder tempo fazendo uma, porque subir e descer, só se for montada mim.*
- | **Juliet** – *Vá se foder! Pra sua cama, não volto.*
- | **Dark** – *Prefiro TE foder! Não quer na minha cama? Ok, que seja na sua. Não me importo onde, desde que seja você.*
- | **Juliet** – *Era pra eu rir? Não conhecia esse seu lado humorista. Já levou a Amelie para um circo? Ah, não me diga que ela adora um palhaço e até já repetiram a dose?*
- | **Dark** – *Ciumentinha, gostei. Esqueça a Amelie e passe a noite comigo.*
- | **Juliet** – *Você se acha, né? Não para o ciúmes e muito menos para a noite.*
- | **Dark** – *Deixa de ser boba. Assuma logo esse ciúme, prometo não te criticar e aviso: sou possessivo pra caralho! Está em dívida comigo, Baixinha.*
- | **Juliet** – *Não te devo nada. Pode pegar tudo que me deu.*
- | **Dark** – *É o que eu farei. Te dei um orgasmo e quero o meu.*
- | **Juliet** – *Você só pode estar brincando! Maluco depravado!*
- | **Dark** – *Maluco com certeza, depravado só se me pedir com jeitinho. Não sei onde estava com a cabeça para entrar nessa, mas agora que estou dentro, não saio. Conforme-se e faça o que pedi.*
- | **Juliet** – *Está para nascer o homem que mande em mim.*
- | **Dark** – *Já nasceu, Baixinha. Alessandro Salvatore Bolgheri, para o seu prazer.*



Clique.

Jogo o *iPhone* desligado no fundo da bolsa, Dark vai ficar possesso! Problema dele. Dane-se o ditador, descarado! “*Passe a noite comigo.*” *Aaaaaah*. Onde já se viu? Não sou a *Mountain* para ele querer me comandar.

Que ódio!

A cada texto que enviou, tremi toda e me odiei por isso. Para falar a verdade, ainda estou trêmula e assustada com as reações do meu corpo. É como estar possuída por uma força dominadora e maior que me faz perder a cabeça só de ouvir o nome dele.

Quando veio atrás de mim, na *Mountain*, tive que ser forte. *Cristo!* Eu não estou normal. Sinto-me como uma formiguinha diante de Dark. Uma do tipo bem safada e sem noção que quer escalá-lo e se perder nele, para depois, se embrenhar no cabelo despenteado e beijar e lamber o ponto no pescoço onde sua pulsação é mais rápida e forte. *Dio sim!* Como eu quero agarrar o pau imenso e pedir que mande ver.

Maledire!

As mãos de Amelie tocando onde eu queria tocar, estragaram tudo! Ver aquilo foi o pior lembrete de que Dark não é homem de uma só mulher. Um aviso claro de que, por onde eu passei esta manhã, muitas outras irão para se fartar e não estou disposta a assistir de camarote.

Ah! Toro selvaggio!

Se você pode se dar ao desfrute, eu posso mais!



Chego ao casarão preparada para enfrentar o mau humor do meu chefe, mas ele não dá as caras. Em seu lugar, Fran vem nos receber dizendo que o primo tinha ficado puto com alguma coisa, jogado o celular na parede e ido para a cidade.

Menos mal.

Nem um pouco disposta a dar mole ao azar, resolvo não arriscar e subir para o quarto. Não quero ver a reação de Dark por eu ter desligado o celular na cara dele. Atrasada, tomo um banho rápido e corro para me trocar no quarto da Cris.

Um território seguro e livre de invasões Darkianas.

Sob os olhos atentos de Cris, prendo os cabelos em um rabo de cavalo para destacar a única joia que uso: um brinco de brilhantes delicado, que ganhei de meu *papà* nos meus quinze anos. Checo a maquiagem leve e discreta, o decote do meu vestido já chama mais atenção que a Lady Gaga na premiação do *Grammy*.

Na loja, a roupa não me pareceu tão exagerada. Um modelo preto, com um generoso decote em V, na frente e nas costas, bem anos cinquenta, como o carro do *Nonno*, e que combina perfeitamente com os meus únicos sapatos de salto. Um *peep toe* preto, pau para toda obra, que me deixa quinze centímetros mais alta.

Estou me sentindo bonita. Faz tanto tempo que não me arrumo assim. Sempre estou com roupas de escaladas ou as basiquinhas do dia a dia. Ansiosa, busco por Cris, que está terminando de se arrumar. A espanhola sabe como arrasar. Seu vestido é de um verde-oliva e justo, os cabelos estão soltos, com a franjinha levemente bagunçada.

— Pode avisar para os meninos que já estamos quase prontas? — pede retocando o rímel.

Caminho até a cama dela e me sento com o celular na mão. Fico indecisa entre ligar ou não para Dark.

Meu celular vibra...

Droga!

} **Dark** - *Sairemos em cinco minutos.*

Vai sonhando!

Bufo. De jeito nenhum vou entrar naquele carro com ele novamente. Prefiro ir a pé. Ignoro a mensagem, Dark que fique esperando por uma resposta.

Quando finalmente descemos as escadas, vinte minutos depois, Dark e Pietro estão parados no hall. Prestes a despejar um caminhão de ofensas nele e negar sua carona, minha mente evapora. Quase perco o fôlego e tropeço quando o vejo vestindo um terno preto de três peças, com camisa branca e uma gravata azul-turquesa.

Ver o jeito rústico e indomável dele, enjaulado em um terno, é muito sexy. O desgraçado está com os cabelos penteados para trás e as mãos no bolso. Eu o odeio por isso.

Por que esse homem tem que ser tudo isso?

Jamais imaginei vê-lo vestido desta forma. O pior é que estou adorando.

Infelice!

Seus olhos brilham ao me ver... Dark me olha como se eu estivesse nua e cheia de glitter espalhado por meu corpo. Em seguida, coloca o polegar na boca e morde.

Pornográfico dos infernos!

Minha respiração me trai e fico ofegante. Quando chego ao pé da escada, Dark caminha em minha direção, decidido e sensual. Ele espera Cris ir em direção a Pietro, que está um gatinho em um terno cinza. Os dois se

beijam e saem da casa.

— Valeu a pena esperar, você está sensacional.

— Obrigada — digo passando por ele, mas sou barrada por sua mão em meu braço.

— Precisamos conversar.

— Não. Vá conversar com a jornalista.

— Jura que prefere ir por este caminho?

— Me solta.

— Não. — O desgramado não move um dedo, eu bufo.

— Pedi para me soltar. Cris e Pietro estão esperando por mim.

— Eles vão comigo. Então, eu decido quando.

— Estamos atrasados.

— Foda-se!

Dio mio, que homem teimoso!

— Diga logo o que quer.

— Você.

Solto uma gargalhada.

— Quer a mim e a toda torcida feminina do *Internazionale*.

— Torço para o *Milan*. — Olha para o chão, sorrindo.

Despudorado e gozador de uma figa!

Quero dar na cara dele pela ironia. Quebrar seus dentes perfeitos, para parar de sorrir e voltar a ser o Dark carrancudo de antes. Era tão mais fácil.

— Você sempre faz isso? — grunho sem paciência.

— O quê?

— Insistir.

— Primeira vez. — Pressiona os lábios. — Qual parte do EU QUERO VOCÊ, que não entendeu?

— Todas.

— Precisamos mesmo conversar.

— Depois. — Tento ganhar tempo. — *Nonno* deve estar aflito.

Dark fecha os olhos, indeciso. Respira e volta a olhar para mim.

— Ok, mas hoje você não me escapa. Cadê o seu casaco?

— Não tenho casaco e nem venha querer me obrigar a colocar um.
Vai estragar o meu look.

Ele pragueja baixinho.

— Ok. Sem casaco, mas se eu matar um por olhar para esses peitos tentadores, que estão quase saltando, ou se eu não resistir e começar a chupá-los no meio da pista de dança... não reclame.

Meu queixo cai. Fico chocada com as palavras indecentes e não sei em que ordem eu coro e fico excitada. Só sei que fico os dois.

— Seu... seu... sem limites! Nem adianta pedir. Não vou dançar com você.

— Não vou pedir. Agora venha, *Nonno* deve estar louco à sua espera. Nunca pensei que um dia fosse querer dar umas porradas nele.

— Dark! — repreendo-o.

— Aless, caralho! Não percebeu? O velho está caidinho por você.

— *Dio!* Ele tem noventa anos! Foi gentil e me deu flores.

— É o meu avô, mas é homem.



10.2

Cala a boca

O caminho para a Vinícola Salvatore não é longo. Dark dirige em silêncio e dou graças a Deus que Pietro e Cris não param de falar. O clima entre mim e ele está insustentável. Cris tem razão, não é preciso ser um gênio para perceber que rola uma química explosiva entre nós. Manter essa pressão em fogo baixo, uma hora, vai dar problema.

Posso sentir as ondas de calor irradiando pelo corpo enorme e prestes a explodir. Quase me fundo com o metal da porta do passageiro, para evitar o contato. Se Dark é o fogo, eu sou o combustível... A proximidade entre nós é combustão na certa.

— Chegamos. Pietro, Cris podem descer. Por favor, encontrem o meu avô e avisem que só fui estacionar o carro e que Juliet está comigo.

— *Perfecto*, chefinho — Cris diz em seu sotaque espanhol.

Ela e Pietro abrem as portas do passageiro e saltam.

Ciente do perigo que ficar sozinha com ele representa, tento fazer o mesmo. Uma ova que ficarei a sós com esse homem vestido para matar!

— Você fica, Juliet. — A mão grande vai parar no meu joelho.

Congelo, Dark inclina em minha direção, cada célula que há em mim incendeia e prendo a respiração.

Me beija! Me beija! Não, não me beija!

Ele não me beija, captura a maçaneta da porta do passageiro e puxa.

Só ouço o clique.

— Não pode me obrigar a ir com você. — Não sei se estou irritada porque ele está sendo autoritário ou se é porque não me beijou.

Dark liga o som do carro, *Standing Outside the fire*, de Garth Brooks, começa a vibrar nos alto-falantes embalando um sorriso torto, quase vulnerável.

Desconfiada, arqueio uma sobrancelha questionadora.

— Fico tímido em certas ocasiões — esclarece, mas permaneço cabreira. — Não gosto de chegar sozinho nas festas. — Liga o carro, sai devagar contornando a frente da mansão maravilhosa em estilo mediterrâneo.

— Desde quando virou um tímido? — Avalio a postura viril que transmite tudo, menos fragilidade. — Se é um golpe para ficarmos sozinhos, vai se dar mal. — Um homão desse tamanho em um ataque de timidez é inconcebível. — Não vou cair nessa — aviso logo.

— Não é golpe — grunhe. — Timidez não é um privilégio feminino. Que decepção, Juliet, não sabia que era tão machista. — Olha-me sério. — Não julgue o livro pela capa.

O quê?

— Não sou machista.

— Então prove — diz virando à direita entrando em um caminho de pedras.

Vejo mais ao fundo, uma construção com grandes portas de madeira. Os carros estacionados pelo caminho vão ficando cada vez mais escassos.

— Provar como? — pergunto esperando o pior.

— Seja gentil uma vez na vida e entre comigo.

— Isso é golpe — reafirmo mesmo em dúvida.

— Já disse que não é. — Seu tom é sério.

— Por que não entra com Amelie?

— Ela não me interessa — diz apertando um controle remoto.

As imensas portas abrem para os lados, revelando uma garagem privativa. Está escura... Aos poucos, os faróis do carro iluminam o ambiente enquanto avançamos e as portas começam a fechar.

— Mas ela disse...

— Amelie diz muita merda! — corta com rispidez.

Meu coração acelera pelo absurdo da situação. Estamos presos em uma garagem e sozinhos. Tiro o cinto me preparando para uma fuga rápida.

— Os repetecos? — murmuro louca de angústia e curiosidade. — Depois que eu saí com a Cris, fez aquilo nela?

As sobrancelhas dele arqueiam inquisitivas enquanto se livra dos cintos.

— Aquilo o quê?

— O lance que fez em mim com os dedos — digo me contorcendo de vergonha e de tesão, só de lembrar.

Mordo o lábio e Dark gargalha. Os olhos dele brilham maliciosamente.

— Não, Juliet, o único dedo que ela viu foi este... — mostra-me o indicador — quando o usei para chamar a atenção do motorista do táxi, que chamei para despachá-la para um hotel.

— Mas... eu pensei que vocês...

— Andou pensando demais, Baixinha.

Coloca um dedo por sobre a minha boca e, sem me dar tempo para reagir, puxa-me como uma pluma para o seu colo. Solto um gritinho de susto

e Dark aproveita a deixa para enfiar a língua em minha boca, pela segunda vez no dia.

Hmmm...

Um gosto de menta se mistura à minha saliva. Deixo escapar um suspiro; e outro, quando uma mão possessiva agarra minha nuca, dominando meu pescoço de um lado ao outro. O calor dos dedos longos faz a penugem do meu corpo eriçar. Seu beijo é um verdadeiro assalto e me rouba qualquer vontade de negar-lhe o acesso. A língua abusada que provoca a minha é tão tentadora. Não resisto e minha língua começa a transar com a dele. Involuntariamente, minhas mãos recaem sobre os cabelos curtos, acariciando-os. Macios... muito macios. Quero descabelá-lo todinho.

Um grunhido rouco e apreciativo escapa da boca gulosa que me devora. Sem parar de me beijar de um jeito possessivo, que vai de mordidas às chupadas em meus lábios, Dark segura meus quadris mudando-me de posição. Acabo montada sobre ele, as pernas escancaradas, uma de cada lado das coxas musculosas e grossas do atleta alto nível que é. Firmo a bunda sobre a tentação de homem, meus joelhos pressionam o couro macio e os saltos dos sapatos batem no painel.

Dio, que abundância rígida, deliciosa!

Arrepio-me por completo e o meu fogo fica incontrolável.

As mãos grandes em minha cintura me puxam em direção à ereção. *Jesus!* Um calafrio eufórico percorre minha coluna. Gemo apreciativa em sua boca. Ele para o beijo para tomar fôlego e recomeça o ataque com vários beijos famintos em meu pescoço.

— Não consigo parar de te querer. — Quando morde, maliciosamente, o lóbulo da minha orelha, eu solto um gemido exasperado.

— Dark! — Tento abrir espaço entre nós, mas ele me mantém firme

junto dele. — Vou ficar toda marcada e você também!

No mesmo instante, Dark para e coloca as mãos em meu rosto. Estou arfando, quase sem ar. Ele não está muito diferente, mas parece confabular algo.

— Não me quer? — Escrutina meu rosto.

— Não deveria querer, mas quero e muito. — Bato no peito dele. — Desgraça de homem! Por que tem que ser bom em tudo o que faz? É sacanagem!

Um brilho satisfeito ilumina suas expressões viris e belas.

— Sacanagem é o que tenho em mente. — Sorri malicioso. — Vamos esquecer a festa.

Sacanagem?

Dio, sacanagem é bom.

Coro só de imaginar o que o tarado tem em mente.

— Tão *bella*. — Ampliando o sorriso, Dark acaricia meu rosto, num gesto que me surpreende pela ternura implícita. Depois dá uma mordidinha no meu ombro nu.

Uma onda de excitação me percorre. A esta altura, minhas células sexuais estão um alvoroço só e minha calcinha, toda úmida. Mais um pouco, deixarei marcas molhadas na roupa dele. Levanto o quadril e ele força para baixo.

— Eu não posso... — murmuro.

— Entrar na festa? — completa por mim, corre o nariz pela pele arrepiada do meu pescoço e sinto que está sorrindo.

— Não posso continuar na safadeza — explico aborrecida por termos que parar. — *Nonno* ficará triste se não dermos as caras, além do

mais... a minha calcinha... — murmuro envergonhada.

— O que tem ela?

— Está toda molhada — sussurro. — Vai manchar a sua calça.

Dito isso, a porta do carro abre e Dark sai como um foguete, levando-me em seus braços. Conosco vem o paletó, que estava pendurado no encosto do banco. A peça elegante é jogada sobre o capô e sou colocada em cima dela.

— *Dio mio*, o que vai fazer?

— Vou me masturbar enquanto te chupo. Meu pau está duro e dolorido desde manhã. Não quero te comer numa garagem, mas não vou suportar passar a festa toda com essa pressão torturante em minhas calças. Preciso de alívio e já!

— Oh! *Dio!*

Fico chocada, mas animadíssima. Não deveria, mas a ideia de ser chupada por ele traz à tona um sentimento de tesão urgente. Meu coração pula e começa a bater apressado. O calor, que já era grande, fica insuportável. Sem perder tempo, mãos precisas encontram a barra do meu vestido levantando-o.

Ai, caramba!

Não acredito que vou permitir que me chupe!

— Só não rasgo essa belezinha minúscula, porque não te quero andando por aí, exposta. — Toca o tecido fino de minha calcinha, provocando-me arrepios. — Por falar nisso, não tinha nada maior para vestir, não?

— Achou feia?

— Linda... gosto dela em você, mas só pra mim. — Pressiona os

lábios em contrariedade. — Não gosto que esteja em algo tão sensual com tantos homens ao redor. — Seus olhos queimam enquanto desliza a peça por minhas pernas e a guarda no bolso.

— Que exagero! Até parece que vou sair por aí deixando que outros levantem a minha saia!

— Agradeço o privilégio, mas mesmo assim...

— Você é meio possessivo, não acha?

— Meio não, total. É bom que se acostume! — avisa arrogante.

Cretino!

Ensaio um protesto, mas sou contida pela intensidade voraz em seu olhar. A malícia e luxúria que emanam dele enquanto empurra meu peito, até me deitar sobre o capô morno, são avassaladoras. Minha respiração acelera quando captura minhas pernas, colocando-a sobre os ombros.

Mesmo com a penumbra dominando a garagem, fico exposta como nunca fiquei. Por instinto, tento fechar as pernas, mas não consigo.

Malditos ombros largos que esse homem tem!

— Não resista... relaxe bem as pernas e vem gozar comigo.

Penso em voltar atrás e não obedecer ao comando. Mas seu tom autoritário me diz que não adianta argumentar e nem quero. Dark parece um tarado, um maníaco... e por mais errado que possa parecer, isso excita até o último fio dos meus cabelos. *Droga!* Ligo o *foda-me*, literalmente. Jogo a cabeça para trás e espalmo as mãos no capô sinalizando minha rendição e vontade. Suas mãos apertam as laterais dos meus quadris.

— Dark!

— Aless, porra! Entre nós, sempre Aless. — A voz suaviza rouca e entrecortada. — Cacete, a visão daqui de cima é magnífica... O conjunto dos

sonhos. Sua boceta é linda e apetitosa, Baixinha. E esse cuzinho? Divino...

O quê?

Exposta, muito exposta...

Quase engasgo, nem sei o que dizer... e emudeço de vez, quando num gesto, que só posso descrever como de selvageria bruta, afunda a boca em mim. Em um movimento único, a língua voraz vai do meu buraquinho intocado até o clitóris, abrindo os lábios do meu sexo para ele.

— *Madre Santissima! Aleeeeeess!* — ofego alto.

Esse homem tem uma boca louca!

— Tão deliciosa. — Uma das mãos pressiona o meu quadril e a outra... bem, imagino o que esteja fazendo quando um barulho frenético vindo da virilha dele me dá uma dica.

Que horas esse homem abriu o zíper e tirou o pau para fora, que eu não vi?

— Nunca vi nada mais bonito — murmura sobre a *Incantata*, causando arrepios com seu hálito quente. — *Dio*, Baixinha, você é perfeita pra mim! — Começa a me foder com a língua, em um entra e sai.

— Ahhhhh.

Só sei gemer, rápido e entrecortado. Quase agradeço. Nunca fui lambida, fodida e nem elogiada desta maneira. Pelo jeito que me ataca, o homem é um insaciável... Lambe, chupa e até mordisca, como se nunca mais fosse ver uma boceta na vida.

— Tem ideia de quanto esperei por isso? Prová-la? — grunhe rouco. — É a porra de um banquete, Juliet... Imaginei que seria especial, mas é como um chute na alma. Estou completamente fodido.

Suas palavras desencadeiam gatilhos que eu nem sabia que os tinha.

Meus quadris assumem o comando. Jogo-me mais e mais contra a boca torturante e o assalto impiedoso intensifica. Uma fina camada de suor cobre minha testa. Palavras desconexas saem de mim sem controle. A intenção seria gritar algo como: “*Aless, você é um fodido de um gostoso!*”, mas só sei gemer sem sentido, ofegar e chacoalhar os quadris.

— Goza, Juliet. Isso... geme e grita bastante, italianinha escandalosa!

Quando dois dedos se juntam à língua e atingem o meu ponto mais profundo, sucumbo.

— *Figlio di puttana!* Aleeeeeess! — berro.

Nunca gozei tão rápido. Sua boca, entretanto, não me dá descanso. Continua me sugando e sorvendo. Quando os meus espasmos diminuem, Dark me libera e levanta a cabeça. *Um touro louco!* A mão que segurava meu quadril, agora livre, está apoiada no capô. Os olhos dele estão cerrados, acho que está quase lá. O movimento da outra mão é frenético e rosnados escapam da sua garganta.

Minha boca enche d'água, num impulso escorrego e caio de joelhos, bem em frente ao membro mais delicioso e voluptuoso que já vi na vida... longo e grosso. Se existisse uma categoria para paus, diria que este é lindo... Um top model peniano e grande pra caralho, literalmente.

Olho para Dark que está me encarando sem entender. Sua mão continua a trabalhar.

Mão bandida! Pegando o que é meu!

Meio sem jeito e com força demais, tiro a mão dele. Ele protesta, mas por pouco tempo. Assim que tento enfiar tudo na boca, ele urra:

— Caralho! Que mulher gulosa!

Rezo para estarmos isolados. Esse grito foi tudo, menos baixo. Começo um vai e vem do pau enorme em minha boca... Com uma mão

agarro todo o resto, que não consigo engolir; e com a outra, massageio as bolas.

Dio mio!

O homem me torna uma devassa e desperta meu lado mais faminto. Estou chupando o neto do *Nonno*, sem a menor vergonha na cara ou pudor.

— Juliet... Porra de mulher mais surpreendente! Chupa, gostosa! Chupa! — grita quase sem controle.

Empolgo-me. Chupo para valer aplicando o pouco que já fiz e muito do que já li. A pele dele é tão aveludada, é duro como aço e muito, mas muito saboroso e quentinho. Quando chupo só a cabeça, dando uma mordidinha, sinto as pernas dele retesarem.

— Quero gozar na tua boca! — berra agoniado.

Dando-lhe permissão, afundo o pau o máximo que consigo em minha garganta. Porque também é exatamente o que eu quero: senti-lo, como me sentiu. Não demora muito e jorros quentes descem pela minha garganta. *Hmmm, delícia*. Ele soca o capô do carro falando uma língua que não entendo. Aguento firme, também não sou de desistir de uma batalha. Engulo tudo até a última gota.

Assim que termino, olho para cima. Dark está com a mandíbula travada e seu olhar é puro fogo.

— Você é uma menina muito, muito má, Juliet. Gosta de brincar com fogo, não é mesmo? — Seu tom é sexy e rouco. — Porra de chupada mais safada! Essa carinha de anjo quase me enganou.

Ainda ajoelhada diante dele, nós sorrimos um para o outro. Satisfação é meu nome. Vê-lo sorrir é incrível.

Dark me pega e me coloca delicadamente em cima do capô. Sua proximidade, junto com seu perfume e o cheiro do meu sexo em sua boca, é

surreal.

— Vem cá, pestinha.

Tento protestar por mais este apelido, mas seus lábios encontram os meus. Seu beijo, desta vez, é embriagador: lentinho, molhado e despudorado. Posso sentir o gosto dele e o meu misturados.

Quando acabamos, estamos sem fôlego novamente. Ele encosta a testa à minha.

— Você é minha perdição, Juliet! Estou mesmo fodido.

Abro um sorriso satisfeito e doce. Saber que ele se sente tão fodido quanto eu, é um alívio.

— E você, Aless, é um problema tamanho família. Gigantesco e delicioso.

— Venha, vou cuidar de você. Não pode chegar destruída na festa. As marcas que deixei em seu corpo, só eu poderei ver. — Fico imaginando que marcas são essas. — Deixe que da *Incantata*, eu cuido. Baguncei, eu arrumo.

Entre beijos e abraços, ele me leva para um banheiro anexo à garagem. Examino o pequeno lavabo, tenho a sensação de que tudo foi planejado, mas não digo nada. Depois que cuida da minha intimidade, com certa devoção exagerada, encontro tudo o que preciso. Dou um jeito no cabelo e na maquiagem. Mas, nem mesmo o batom nude, excepcionalmente da mesma cor e marca que uso, consegue esconder o avermelhado nos meus lábios inchados pelos beijos dele. Minha pele também está com um corado acentuado, a barba dele está marcada em mim.

— Está linda, não se preocupe.

— Você também não está nada mal. — Ensaio um carinho involuntário. — Prefiro seu cabelo assim, despenteado.

— Confessa logo, me acha um fodido de um gostoso, né? — gargalha como um meninão, surpreendendo-me. — Pode admitir, não contarei para ninguém.

— Acho que está mais para um fodido convencido.

— Gostoso realista. — Pisca. — Também preciso confessar uma coisa, Baixinha.

— O quê?

— Não sou tímido, porra nenhuma! — gargalha ainda mais.

— Eu sabia, seu tarado pornográfico! Isso foi jogo sujo! — Dou um soco no braço musculoso.

— Nunca disse que jogaria limpo. — Lança um olhar lascivo.

— Você me paga, cretino!

— Dependendo do que tenha em mente, pagarei com prazer, safada.



10.3

A lugar nenhum.

A garagem é interligada à casa por um corredor comprido e florido. Percorremos o caminho em silêncio com a mão de Dark apoiada em minhas costas. Saber que caí na lábia dele me deixou um pouco irritada. Eu deveria ter seguido os meus instintos.

Não, não devia não!

Fui tola ou me permiti ser. Era meio óbvio que um cara acostumado a planejar tudo, daria um jeitinho de conseguir o que queria. Não me arrependo, mas, estranhamente, estou feliz por não termos ido às vias de fato. Alguma coisa minha, ele ainda não conseguiu tomar. Enquanto caminhamos, eu o pego me observando não tão discretamente. Acho que está me estudando depois da mancada.

Infelice!

Tenho que ficar esperta. Esse homem, de pegada única, não tem muito limite para conseguir o que quer.

— Está brava?

— O que acha? — Transpasso a delicada alça da bolsinha de festa por meu corpo.

— Quer me bater?

— Talvez. — Apalpo a bolsinha sentindo o celular e a carteira.

— Fique à vontade. Quem sabe, até deixe que se vingue de mim enquanto estivermos fodendo bem gostoso esta noite.

Dio mio! Ele só pensa em foder?

— Disse que não pisarei mais no seu quarto, Aless.

— Nunca mais?

— Nunca.

— Ok. — Pisca parecendo achar graça da minha determinação. — Sem problemas, eu me mudo para o seu. — Abre um sorriso novo e radiante que me deixa embasbacada.

Uau! Esse safado enrolador é muito lindo.

Opa! Opa! Mudar para o meu quarto, não! Nem pensar!

Antes que eu possa retrucar, o safado abre uma porta dupla de ferro e sou atingida pelo som da festa, que corre solta. Fico um pouco intimidada, a comemoração é muito maior do que eu estava esperando.

O jardim está todo decorado com rosas brancas, flores de laranjeiras e cachos de uvas. Mesas redondas estão espalhadas por todos os cantos. As árvores estão adornadas por pequenas luzes conferindo um ar fantasioso ao lugar. Garçons circulam entre os convidados, com bandejas repletas de bebidas e aperitivos.

Perto da piscina, iluminada por tochas, uma pista de dança está abarrotada de convidados. Ao lado dela, um pequeno palco com um DJ. Mais ao fundo, o riacho que cobre a propriedade também tem seu *deque* iluminado por tochas. A propriedade é enorme e superbem cuidada, a grama está verdinha, há vasos de cerâmica com gerânios espalhados pelos cantos e uma fonte gigante com as águas dançantes e iluminadas dá destaque a uma estrutura atrás dela, que parece um coreto. A varanda que circunda a casa também está decorada e repleta de pessoas conversando e bebendo.

— Tem umas duzentas pessoas aqui! — Surpreendo-me.

— Por aí. A cidade deve ter ficado deserta — brinca Dark.

— Primo! Até que enfim. Onde se meterem? — Fran surge correndo no meio da multidão.

Ele está deslumbrante em um terno azul-marinho de corte reto e camisa azul-clara sem gravata. Seus cabelos estão despenteados com tanta perfeição, que aposto que demorou horas para deixá-los assim.

— O pneu do carro furou a caminho da garagem — Dark diz fingindo estar aborrecido.

Quase gargalho da sua cara de pau sem tamanho, mas me contenho. No mínimo, até a desculpa que iria dar já estava preparada.

— Que merda, cara!

— Pois é.

— *Bella*, você está gostosa pra caralho neste vestido! *Nonno* vai ter um derrame. Venha! Já perguntou por você umas cinquenta vezes!

Acho graça e sorrio. Fran inclina e me dá um beijo barulhento. Dark enfia as mãos nos bolsos, olha para o céu, como se não quisesse ver o primo me beijar.

— Você que está delícia neste terno, Fran! Te pegava fácil — retribuo o elogio e sou fulminada por um Dark vermelho.

— Pegava fácil o caralho! — Dark diz baixinho no meu ouvido assim que Fran segue à nossa frente. — Se fecha, Juliet Damaggio.

— Se situa, Alessandro Salvatore. Sou livre, leve e solta. Você não é meu dono, não.

— Experimenta se soltar.

— Vai fazer o quê? Depois eu que sou a machista. Se pode trepar com meio mundo, eu também posso.

— Nem pense nisto. Seu caso é bem diferente do meu!

— Diferente por quê?

— Porque... porque... — Puxa os cabelos, exasperado.

— Ficou sem resposta, né? — Sorrio vencedora. — Ponto para mim, garanhão pornográfico! — declaro vitoriosa, Dark cerra os olhos e segue emburrado o resto do caminho.

Vamos caminhando em direção a uma grande tenda armada no jardim, como uma espécie de *lounge*. Em uma grande poltrona de couro, *Nonno* está sentado. Parece um pouco entediado. Não é para menos, acho que *Roar*, de Katy Perry, que toca alto, não deve ser sua seleção predileta. Ao chegarmos perto, o sorriso dele ilumina.

— Julieta, querida! Agora a festa está completa. — *Nonno* se levanta e me dá um abraço carinhoso.

— Obrigado por ficar feliz em me ver, *Nonno* — Dark diz com ironia e beija a testa do avô.

— Ah! Você eu vejo sempre. — Ele faz uma careta. — Vá buscar um vinho para a Julieta. — A contragosto, Dark vai em direção ao bar.

— Por que demoraram, querida?

— O pneu furou a caminho da garagem.

— Uma pena! Deveriam ter ligado, eu mandava o Niro ir ajudar vocês. Venha, quero que conheça o pessoal do cinema.

Ele me conduz pelo braço, até um grupo de cinco pessoas mais à frente: dois homens e três mulheres. Estremeço ao reconhecer a Girafona em um vestido vermelho justo e sexy.

Nonno me apresenta a todos, rapidamente. Um senhor de boina é o diretor, uma moça superdescolada é a figurista e os demais são produtores executivos. Todos são simpáticos e amáveis, só Amelie que olha para mim

amargurada.

O avô de Dark conta, todo animado, a história de como nos conhecemos. Ele diz também que eu fui uma das responsáveis pelo sucesso da expedição e que moro na vinícola.

— Vocês vão se encontrar bastante com ela. Alessandro deu um carro para Julieta e, a partir de amanhã, ela vai poder vir nos visitar sempre!

— Que maravilha, um carro! Um baita reconhecimento. Juliet, pode acompanhar as filmagens sempre que quiser. Ficaremos aqui por um bom tempo — o senhor de boina diz sorridente. — Vou providenciar uma credencial VIP para você.

— Obrigada, nunca vi uma filmagem de perto. — Empolgo-me.

— Nos Estados Unidos, presentinhos assim tem outro nome — Amelie diz cheia de sarcasmo, o sorrisinho falso não consegue esconder o rancor. Todos se voltam para ela.

Fico em choque. Meu sangue ferve.

— O que disse? Estava lá! Viu que eu não queria aceitar! Aliás, não aceitei. É só emprestado pela *Mountain*. Não é um presente pessoal do Aless... do Dark! Os outros colaboradores também ganharam — defendo-me para os outros.

Quem essa piranha pensa que sou?

Olho ao redor em busca de Dark, sinto falta de sua presença. Querendo ou não, sempre me sinto segura perto dele.

— Milie! Controle-se, mulher! — A figurinista chamada Petah gargalha. — Juliet trabalha e salvou a vida do Alessandro. Com certeza, não faz parte do grupinho ao qual frequenta e que costuma receber presentes em troca de favores!

Amelie fica da cor do seu vestido e todos gargalham enquanto *Nonno* lança um olhar de reprovação, que me faria chorar.

— Aliás, Juliet, A-M-E-I seu look! — A figurinista continua. — Tão vanguarda e ao mesmo tempo retro. Adorei esse glamour dos anos cinquenta. É de Paris?

— Não, Petah. — Acho graça. — É de uma lojinha do centro de Bolgheri mesmo.

— Adorei ela! — Petah bate palmas e Amelie vira sua taça de vinho.

— Senhores, senhoritas... — A voz de Dark ecoa atrás de mim.

Relaxo um pouco. Ele me entrega uma taça de vinho e só agora noto que minhas mãos estão trêmulas. Ele percebe e lança um olhar ferino para Amelie.

Os demais do grupo o cumprimentam. Os homens polidamente e as mulheres eufóricas, cheias de piscadinhas e olhares indiscretos. Tomo um gole de vinho. Dark é deslumbrante mesmo.

Droga!

Esclarecidas as curiosidades de todos a respeito dos atos heroicos de Dark no Paquistão, o diretor executivo tenta convencê-lo de que um filme sobre seus feitos seria um enorme sucesso. Neste momento, acho que descubro uma de suas fraquezas: o gigante parece totalmente desconfortável com tantos elogios.

— Acho que deveria considerar a ideia, Dark. Você foi simplesmente incrível. O que fez lá em cima foi único. Um exemplo de força e coragem — elogio porque é verdade. Ele pode ser irritante, mas é um Titã do alpinismo.

— Aiii, que fofo! A empregadinha puxando o saco do chefe — ironiza Amelie. — Isso, faça valer o carrinho que ganhou!

— Não gostei da ironia, Amelie! — A voz de Dark é ameaçadora, tomo mais um gole de vinho e assisto de camarote. — Juliet salvou a minha vida mais de uma vez. Se tem alguém que merece ser enaltecido aqui é ela.

Meu coração dispara. Todos se voltam, olhando-me com admiração. Sinto a pele do meu rosto e colo queimarem. Dark sorri para mim e continua:

— Nunca conheci uma pessoa tão capaz quanto ela. Além de excelente meteorologista é uma exímia escaladora do Everest! Conhece, Amelie? O pico mais alto do mundo? Acho que não, né? Teu negócio é a academia da esquina ou o cirurgião plástico mais próximo. Juliet é uma profissional ética, competente e FIEL.

Estou boquiaberta, ninguém nunca me defendeu assim antes. Ele sorri para mim novamente e desconfio que o FIEL seja uma indireta à nossa conversa anterior.

— Agora... Se o carro te incomodou tanto, aconselho-a a cobrar um do seu editor, não de mim. — Sorri sarcástico. — Melhor, reveja o seu trabalho. Só bons profissionais são valorizados e merecedores de reconhecimento.

Amelie engole em seco as palavras de Dark. Quieta, mantém-se firme como se nada do que foi dito tivesse sido direcionado a ela. Tenho que admitir: a mulher é dura na queda. Fria, não se deixa abalar. Ao contrário, nos ignora, alcança mais uma taça de vinho, que um garçom oferece, e começa uma conversa animada com uma das produtoras.

— Muito bom, meu neto. Julieta é uma ótima *ragazza*. — *Nonno* bate nos ombros de Dark.

— Adorei! — o produtor exclama. — Poderíamos fazer um romance, o que acham? A mocinha apaixonada, que salva o grande amor da sua vida da avalanche! Isso é coisa pra Oscar! Um *Romeu e Julieta* moderno.

— Abre os braços. — *ALTITUDE DARK* — sugere um título enquadrando a nós dois com as mãos unidas formando um quadrado.

Tum... Tum... Tum...

Sons abafados de tapinhas no microfone chamam a nossa atenção.

— Senhoras e senhores — o DJ, com um boné do Milan, nos interrompe. —, o Sr. Salvatore, nosso anfitrião da noite, tem a honra de convidar a Srta. Juliet Damaggio para uma dança.

Ao ouvir meu nome congelo.

Dio Santo!

Nonno chega até mim e estica a mão reiterando o convite. Olho por um segundo para Dark, que levanta os ombros rendido. Sem alternativas e desejando me tornar invisível, aceito e convite.

Madre Santissima!

Todo orgulhoso, *Nonno* me conduz. Os convidados, que estão reunidos na pista, abrem passagem para nós. Acho Cris, Pietro e Fran, que parecem se divertir com o meu desespero.

O DJ pergunta ao *Nonno* se ele está pronto. Ele afirma com a cabeça e coloca respeitosamente o braço ao redor da minha cintura. Sua outra mão está colada à minha. Sua expressão é doce e divertida, como se estivesse aprontando mais uma das dele.

— Espero que não tenha ficado chateada com a minha homenagem. Disse que era minha convidada de honra, Julieta.

— Claro que não, *Nonno*. É uma honra para mim.

O DJ mexe nos equipamentos e os acordes de *New York, New York*, de Frank Sinatra, começam a tocar. *Nonno* começa a me conduzir pela pista. Fico impressionada. Ele dança muito bem, cheio de charme. Com certeza, já

teve bons momentos no auge de sua juventude.

— Desculpe pela escolha da música, achei que a jornalista atrevida merecia uma lição: ver você brilhar ao som da música que homenageia a cidade dela. — Ele levanta os ombros e sua grande barriga balança junto com a risada.

— *Nonno!* O senhor é impossível!

Quando a música termina, somos aplaudidos por todos. Logo somos cercados por Cris, Pietro e Fran. Vasculho os convidados, na tentativa de encontrar Dark e nada. Enquanto *Nonno* volta para junto dos cineastas, resolvo curtir a pista de dança com meus amigos.

Muitas músicas e taças de vinho depois, estou suada e apertada para ir ao banheiro. Cris e Pietro estão se amassando no meio da pista de dança. Fran dança animadamente com um casal, eles parecem bem interessados nele. Pelo jeito, a noite do meu amigo vai ser de jornada dupla, de novo. Acho isso bom, muito bom. Fran tem um jeito descompromissado de curtir a vida que eu admiro.

Arrisco dançar mais algumas músicas, mas mulher sozinha na pista, já viu. Recebo algumas passadas de mão e cantadas desnecessárias. Alguns caras se apresentam como trabalhadores sazonais da vinícola. Lembro de Pam falando sobre os perigos de se encontrar com um deles bêbado. Vai ver que pensaram que eu sou amante do velho, nunca fui tão assediada na vida.

Cadê a festa tranquila que o Nonno prometeu?

Isto aqui está bombando. A todo momento, vejo grupos de adolescentes que parecem histéricas indo de um lado para o outro. Acho que Dark tem razão, a população inteira de Bolgheri deve estar aqui esta noite.

— E aí, gostosa, rola uma rapidinha lá no galpão? — Penso comigo ironicamente: *Eu não sou mulher de rapidinha em galpão, só em garagens.*

Cazzo! Cazzo! Cazzo! Cazzo!

Ignoro mais essa cantada descarada, o imbecil certamente está bêbado. Ando pela multidão em direção à casa. As vozes agudas, risos e rostos alegres vão passando por mim à medida que avanço. Uma fina camada de suor cobre o meu rosto. Contorno a varanda e entro por uma porta. Passo por uma cozinha gigantesca, uma sala de jantar e chego a um corredor. Minha intuição manda seguir para a direita. Encontro uma porta entreaberta, fico feliz em confirmar que é um banheiro.

Depois de alguns minutos me aliviando e me recompondo, saio do banheiro quase nova em folha. Meus pés estão me matando... Saltos não são exatamente a minha praia. Decido procurar um lugar mais tranquilo para descansar. Arrisco algumas portas... Todas trancadas. Uma luz suave e acolhedora sai de uma das duas únicas entreabertas. Minha curiosidade me chama. Assim que me aproximo, ouço vozes.

O tom da conversa é baixo, mas parece tenso. Reconheço, de cara, quando o homem começa a falar.

Dark!

Aproximo-me. Ele está de costas para mim e de frente para ela. Será que Amelie veio tirar satisfação pela comida de rabo? Sei que é errado ouvir conversas alheias, mas minha curiosidade é maior. Protegida pela escuridão, fico próxima à porta.

— Adorei seu teatrinho na frente dos outros. Está comendo a Juliet, Dark?

— Claro que não! De onde tirou um absurdo desses?

— Da forma como a defendeu, meu querido. Se não tivéssemos um passado tão bom, juro que não te perdoaria pelo show. Iria acabar com você em minha matéria.

— Sei que não faria isso.

— Quem te garante que não?

— Você tem muito mais a perder do que eu, Amelie. Minha reputação não depende de quem eu fodo ou como fodo. Mas a sua pode acabar se descobrirem como gosta de ser comida.

— Falando nisso, bem que nós...

— Amelie! Fui bem claro sobre esse nós. Forçar a barra não vai adiantar.

— Tem certeza? Costumava adiantar...

Hã?

Estico-me para olhar melhor e o que vejo é como um tapa na minha nuca. Ofego... Amelie passa os braços ao redor do pescoço de Dark e o beija. Fecho os olhos. Meu estômago embrulha e coloco a mão na boca, para suprimir um suspiro triste. Sei que não temos compromisso e que o desgraçado é livre, mas dói vê-lo com outra. *E a garagem, poxa vida?* Magoada, dou uns passos para trás e acabo derrubando uma escultura no corredor. Abro os olhos. Dark tem raiva no olhar e Amelie um sorrisinho debochado.

Sinto-me humilhada.

— Juliet!

— Nem venha, seu desgraçado beijoqueiro! — berro.

Quando Dark ameaça vir em minha direção, cambaleio para o lado, entro na segunda porta entreaberta e tranco. Está tudo escuro. Logo os murros e socos de Dark explodem atrás de mim. Ele urra o meu nome... A raiva dele é tanta, que daqui a pouco, a porta vai vir abaixo. Para minha surpresa, uma luz acende em um canto e percebo que entrei em um escritório. Olho ao redor

e dois olhos azuis, mais chocados do que os meus, me encaram.

— Preciso sair daqui! — digo sem ao menos me apresentar.

Estou em uma emergência e não tenho tempo para formalidades.

— Impossível, a única saída é pela porta e parece que tem um touro raivoso atrás dela.

— Não saio por ela nem morta. Merda! — digo e começo a pensar. Sempre fui boa em agir sob pressão. Olho em volta buscando por outra saída. A lareira, posso escalar a chaminé. Não. — A janela. — Aponto, encarando os olhos azuis.

O homem tem um jeito que inspira minha confiança imediata. É como se já o conhecesse de algum lugar.

— Pensei em escapar por ela há meia hora, mas é alto.

Outro fugitivo?

Caramba!

O cara está tentando achar uma saída há meia hora? Melhor eu pensar por nós dois.

— Como alto? Estamos no primeiro andar.

Desconfiada, vou direto para a janela. Existe um desnível no terreno. Da janela ao chão devem ter uns doze metros. Moleza.

— Moleza! Vamos sair pela janela.

— É alto pra caralho! Vai quebrar a perna.

— Não é alto se você souber como descer.

Olho para as cortinas que têm grandes faixas adornando as laterais. Outras vozes se juntam aos gritos de Dark e depois vem o silêncio.

Que droga!

Devem ter ido buscar por uma chave mestra. Pego a escada com rodinhas, que serve para alcançar os livros na estante, e a trago próxima da cortina. Subo.

— Segura a escada e não a deixe sair do lugar — ordeno ao rapaz.

Ele obedece e segura o tecido pesado quando jogo para baixo. Pego um abridor de cartas sobre a escrivaninha e, em menos de cinco minutos, tenho várias tiras de cortinas em número suficiente para fazer uma corda. Começo a trançar e o moço dos olhos azuis me ajuda. Ao terminar checo o trabalho.

— Está firme, me ajuda a empurrar o sofá até a janela.

Amarro uma ponta da corda no sofá, que é suficientemente pesado para aguentar o nosso peso e jogo o resto do tecido trançado pela janela. Livro-me dos saltos, jogo-os pela janela e subo no batente. Explico o que faremos para o carinha, que me olha desconfiado.

— Sabe mesmo o que está fazendo, garota?

— Lógico! Sou alpinista!

Os murros na porta retomam com vigor. Agora a voz de Fran se junta a de Dark. Sem perder tempo, desço facilmente os doze metros. Meu companheiro de fuga hesita, mas faz exatamente igual a mim, ele é bem fortinho, então desce facilmente.

— Parabéns. Mandou bem, moço. Vamos! — Faço menção de voltar à festa, quero encontrar a Cris e o Pietro.

— Por lá, não! — Desespera-se.

— Por quê?

— Está cheio de fãs histéricas e... tem aquela jornalista que odeio, do *The New York Times*. Só estou a fim de dar um tempo daqui. A propósito,

sou Kai Bletcher.

— Juliet Damaggio. Que coincidência. Odeio aquela mulher também. — Aperto a mão dele.

— A moto que aluguei está ali atrás, se quiser, posso te deixar em casa. Topa?

Ele estende a mão e a pego com firmeza.

— Topo, mas não posso voltar pra casa. É o primeiro lugar em que vão me procurar.

Pego os sapatos, ajeito a bolsinha e saímos correndo para o estacionamento. Rapidamente, estou na garupa do tal Kai indo em direção a lugar nenhum.



Plano de fuga

Se os meus pais me vissem agora, estranhariam. Nem eu mesma reconheço tanta lisura. Esperar a poeira baixar, uma ova!

Meu normal seria meter logo a mão na cara de Dark e Amelie, de preferência, em um golpe só. Um tapão daqueles, certo, bem dolorido e ardido, só para os dois deixarem de me fazer de besta. Depois, voltaria para a festa. Mas... ouvi-lo negar que ficou comigo, doeu. Saber que toda aquela defesa ao meu favor foi teatro. Caramba! Tive vontade de gritar:

— *ISSO AQUI NÃO É TEATRO, SEU OTÁRIO DO PAU DESCONTROLADO!*

Não que eu ache que estejamos juntos. Nãooooo! Conheço a regra sagrada dos três encontros e aquilo que aconteceu na garagem nem pode ser considerado como um primeiro encontro. Ok que casais costumam sair para jantar... e chupar Dark foi como um banquete, mas não! Não posso e não vou me enganar... Sei lá o que estamos fazendo... O homem me desconcerta todinha e tem me levado em todas as direções, menos rumo a um relacionamento.

Droga!

Se ao menos o ogro não tivesse feito aquele escândalo na porta do escritório. Cara mais descontrolado. Estava me sentindo meio que a mulher traída ali. Era o meu momento infeliz. Ele poderia ter aliviado a minha barra. Não precisava ter chamado a atenção de todo mundo. Sair pela janela, pode não ter sido a solução mais honrosa, mas, sem dúvida, foi a mais inteligente e segura.

Precisava de um tempo, até esfriar a cabeça e voltar para o casarão, como se nada tivesse acontecido.

Kai nos levou até um lugar perto dali que foi usado nas filmagens: uma clareira isolada, na beira do riacho. Nosso plano era simples, dar um tempo deitados na grama, observando as estrelas. Relaxar, colocar a cabeça no lugar e depois que a poeira baixasse, voltar. Kai pareceu ser um cara legal. Lembrei que *Nonno* fez vários elogios a ele, então me senti reconfortada ao seu lado.



— É... Sair pela janela foi meio dramático mesmo. — Deitada na grama, viro a cabeça de lado e olho para Kai. — Mas o que mais eu poderia fazer? Você viu! O brutamontes do Dark parecia um louco do outro lado daquela porta. Não estava nem um pouco disposta a enfrentar a fera. — Reviro os olhos só de pensar na batalha que teria sido.

Com uma expressão surpresa, Kai vira a cabeça.

— Disse Dark? Dark, o alpinista?

— Ele mesmo, meu chefe de expedição.

Arranco um mato e começo a mastigar. Estou bem mais calma, toda aquela adrenalina já passou. Mas a repulsa e o desgosto por ver Dark com outra mulher ainda me massacra. Meu peito está angustiado de um jeito que nunca estive antes.

— Pensei que um dos requisitos básicos da profissão de vocês era o controle das emoções.

A voz de Kai é profunda, modulada e surpreendentemente suave. Não é à toa que Cris disse que canta bem. A voz dele é ótima!

— Isso aí só se aplica na montanha. — Sorrio sem vontade. — Fora

dela, a coisa funciona igual a todo mundo. Ou talvez pior, né? Somos tão controlados lá em cima, que aqui embaixo viramos uma bagunça completa. Desculpa se te assustei, *mamma* fala que sou meio dramática.

— Não assustou. — Kai balança a cabeça, recostada no mato. — Quer dizer, só no começo quando te vi. Pensei que fosse uma das minhas fãs históricas, mas quando não me reconheceu, achei curioso. Estou acostumado a ser atacado por mulheres enlouquecidas que invadem os ambientes em que estou — bufa.

— Saco isso, hein? Prezo muito pela minha liberdade, não aguentaria meia hora nesta vida de artista famoso. Não ter privacidade para nada. Ter sempre alguém grudado na sola do seu sapato, como um chiclete.

— No começo foi legal. Era um nerd inexperiente, um cara de vinte anos que não tinha noção do que estava acontecendo. — Ele vira de lado, apoia o cotovelo na grama e sustenta a cabeça em sua mão. — Passar, do dia para a noite, de rejeitado pelas garotas a desejado mundialmente foi incrível... no começo. Depois de sete anos, isso já não tem mais nenhuma graça, vira um inferno.

— Era disso que estava se escondendo lá no escritório? — Fico na mesma posição que ele e o encaro interessada. — Das suas fãs? Vi mesmo umas meninas circulando de um lado para o outro da festa... Elas pareciam determinadas.

— Sou grato às fãs, mas... Estava tentando manter minhas roupas intactas e meu corpo a salvo da ninfomaníaca da Amelie Carter. — Faz cara de desgosto. — A obsessão delas em rasgar minhas camisas passou dos limites. O pior é que agora, descobriram como destruir minhas calças também. Ano passado fui atacado em pleno tapete vermelho. Tive que receber o Oscar vestindo um smoking vermelho que a produção pegou

emprestado de Jim Carrey. Era subir ao palco, vestido como uma salsicha ou só de boxer. Não tive opção.

— Deve ter sido hilário você de salsicha — brinco. — Amelie Carter, ninfomaníaca? É por isso que a detesta?

— A mulher não vale o chão em que pisa — grunhe irritado. — Ela tem uns métodos nada ortodoxos para conseguir suas exclusivas. Tínhamos acabado de discutir, larguei-a na sala de TV e entrei correndo no escritório.

— Nada ortodoxos?

— Tipo chantagem. — Franze o cenho.

— *Dio mio! Figlia di Puttana! Maledetta!* — *Opa!* — Como assim, tinham acabado de discutir? — Aproveito que balanço a mão livre para dar ênfase e espanto alguns mosquitos. — Eu a encontrei atracada no pescoço do Dark.

— Sei lá como ela foi do meu pescoço para o dele... A mulher é rápida. Minha aposta é que tenha esbarrado com ele quando a deixei e o pegou desprevenido.

— Será? — A possibilidade de que não tenha sido uma escapadela consentida por Dark alivia um pouco o meu coração.

— Só vejo essa explicação — reafirma e deixo escapar um “*Grazie a Dio*”. — Seu sotaque é muito bonitinho, sabia? — Dá um sorriso magnífico, que me faz entender por que é galã dos filmes. — Onde aprendeu falar inglês tão bem?

— Na Inglaterra, estudei em Cambridge, mas não muda de assunto, não! — Faço cara enfezada. — Como assim, chantagem? Isso não é antiético? Por que não a denunciou? Ainda não entendo... não encaixa... — insisto. — Se ela estava com Dark, como tinha acabado de falar com ela?

— Uauuu, baby! Quantas perguntas! — gargalha. — Tem certeza de

que não é jornalista ou detetive?

— Kai Breitner!

— Kai Bretcher — corrige achando graça. — Bem se vê que não é minha fã mesmo. Elas jamais errariam meu sobrenome.

— Ai, desculpa. — Viro um pimentão. — Meu mundo gira em torno do tempo e do alpinismo. Quase não vou ao cinema e sou péssima com sobrenomes. Foi mal, mas olhe pelo lado positivo, comigo as suas roupas estarão sempre seguras.

— Do tempo?

— Previsão do tempo. Além de alpinista, sou meteorologista. — Pressiono os lábios em uma reprimenda. — Kai Bretcher! O senhor está mudando de assunto outra vez! Me fala dessa coisa da Girafona ser chantagista.

— Girafona chantagista! Essa foi demais. — Dá outra gargalhada cinematográfica. — Estou gostando de você, baby, é hilária. Está bem, o que quer saber?

— Tudo. — Abro um sorriso tímido e esperançoso. — Podia começar me explicando como foi se meter com um tipo como o dela.

A expressão dele fica séria.

— Por favor... — insisto com cara sofrida.

— Tá bom. — Solta um longo suspiro. — Há uns três anos, depois de uma festa do *Golden Globe*, eu estava chapadaço. Andava afundado até o pescoço numa fase escura... De saco cheio de tudo. Entrando e saindo das clínicas de reabilitação.

— *Dio mio!* Sinto muito — digo sincera.

É difícil imaginar um gatinho tão lindo e iluminado como ele, em

uma fase escura.

— Não sinta, estou limpo há mais de dois anos. — Seu sorriso brilha e meu coração também. — Foi bom ter passado por isso, dei um novo rumo na vida. Aprendi o que é para mim e o que não é. Tem muita gente que não presta neste mundo da fama, que só quer te usar. Ir na carona do seu sucesso. Amelie Carter é uma dessas pessoas. Ela aproveitou meu momento fundo do poço e revoltado para se aproximar. Ofereceu um cano de escape para a violência que explodia dentro de mim.

— Que tipo de cano de escape?

— Sexo. Pesado. Do tipo que garotas como você nem sonham que exista.

— Puta que pariu! — Cubro a boca, chocada. — Tipo esses lances sadomaso? — balbucio a pergunta.

— Como sabe destas coisas? — Agora ele que fica chocado. — Baby, você é quase um anjo! Não parece curtir um lance mais pesado.

— Não... É que já li... alguns livros — gaguejo. — Nunca fiz não... Nem pretendo. — Faço careta, e ele acha graça. — Acho que na primeira chicotada que o sujeito me desse, eu revidaria na porrada. O cara sairia sem dentes!

— Que bom que avisou! — gargalha e eu coro com a colocação dele.

— É isso que fazia com a Amelie? Sexo pesado? — Espanto-me. Imagino Kai sendo fofo no amor, igual à sua aparência. Ele sim parece um anjo com esse cabelo loiro compridinho. — Curte essas coisas?

— Não curto mais — nega veementemente. — Quer dizer, talvez uns lances mais leves... Tapas, vendas, algemas e cordas podem ser um tesão. — Coro de novo, já li sobre cordas e achei interessante. — Mas nada de roxo

e azul.

— Roxo e azul? Nunca li sobre isso. É um jogo sexual?

— Não. — Sorri como se falasse com uma criança. — São os tons que ficam a pele depois das práticas mais *heavy*^[53].

— Tipo hematomas? Assim? — Estico a perna em direção a ele. Mostro a marca no meu pé.

— Isso!

— *Madre Santissima!* Você metia a porrada na mulher? — Meu queixo cai novamente. — Não sei se acho isso bom ou péssimo. Será que Dark bateu nela também? — O pensamento me dá mais agonia.

— Se ele saiu com ela, provavelmente — diz com uma cara de “*é óbvio que sim*”. — Só que não era porrada, baby. A mulher gosta que usem nela alguns brinquedinhos como os chicotes e pás de espancamento.

— Cacete! Mas isso é bater! — Faço cara feia.

Ele balança a cabeça.

— Sim... e não... É uma troca consensual com regras e limites. Quem comanda é a pessoa que gosta da dor. Eu só fui um instrumento, descobri isso depois na terapia. Amelie meio que canalizou a raiva que eu sentia para conseguir mais intensidade no que desejava

— Qual é, Kai! Instrumento? Para todo aquele que gosta de apanhar, existe o outro que sente prazer em bater. Como você disse, é uma troca. — Coloco meu ponto.

Ele só consegue assentir e ficamos pensativos.

— Pensando bem, você tem razão — Kai quebra o silêncio depois de um tempo. — Na época, aquilo me dava prazer. Mas era um lance louco. Não era satisfação em causar dor e sim, por descontar a raiva que eu sentia. Tipo

uma droga que te alivia na hora, faz você esquecer as bostas que povoam a sua mente, mas depois vem a ressaca e você se sente sujo... Um lixo. — Sua expressão é de repulsa. — Acredite, baby, têm mulheres que amam ser espancadas para valer antes da foda. Amelie é uma dessas. Até aí, normalmente, cada um faz o que quer. Entrei nessa porque quis, você tem razão. Sabia o que estava fazendo, apesar de só ter me feito mal.

— Que bom que enxerga isso. — Sorrio aliviada. — É muito fácil a gente jogar a culpa de todos os nossos erros em alguém. — Penso em Dark.

— Tem certeza de que além de meteorologista, alpinista, jornalista, detetive, você não é psicóloga também?

Ganho outro sorriso cinematográfico e a noite fica até mais clara.

— Seu idiota! Não! — Faço biquinho. — Só tenho um pai que me ensinou a encarar os meus próprios erros. E irmãos que sempre jogavam toda a culpa em mim, o que era um saco! Vai... e aí? Qual é a da chantagem? Ela vai te denunciar por agressão? Quer que vire seu brinquedinho sexual de novo? — *Cazzo! E se ela quiser que Dark vire o brinquedo dela?* — Se não me contar, AGORA, acho que pode incluir torturadora à minha lista de profissões.

— Não... Denunciar, não. — Ele franze a testa. — Ela não teria como provar que foi obrigada e não consensual. Só que a mulher gravava tudo sem eu saber! — Agora entendo por que ele é ator. Sua cara se transforma, igual à do mocinho da novela quando faz a grande revelação. — E toda hora... — faz uma pausa dramática — ameaça jogar os vídeos na internet em troca de favores... Entrevistas, contatos, festas, além de querer repetir a dose. Só que ela é louca, quem vai querer foder com ela depois que descobre o que ela faz? Quando você entrou no escritório, eu estava ali, justamente me esquivando dela. Discutimos porque, além dela vir para cima

de mim e me beijar, queria acesso às filmagens de *Sempre foi você*, que estamos rodando aqui em Bolgheri.

— Sujeitinha ordinária! — Fico com mais ódio ainda, apesar de achar essa Girafona meio clichê.

— Demorei quase dois anos para reconstruir a minha imagem. — Faz uma carinha triste e tenho vontade de colocá-lo em meu colo. — Pastei para voltar a ser levado a sério pelos diretores e produtores. Imagina se essa doida surta e resolve jogar na internet. Acabaria com a minha carreira; e a imagem de bom moço, que vendo nos filmes, já era.

— Mas se ela soltar esses vídeos, não estaria se expondo também? — pergunto o óbvio.

— Lógico que não. Basta editar e não mostrar o rosto dela — responde o mais óbvio ainda.

— Kai, você está ferrado! — Balanço a cabeça.

— Muito.

— A não ser... — Uma lâmpada acende em minha mente.

— A não ser o quê? — indaga com outra cara de suspense.

— Que use a própria chantagem dela... — agora é a minha vez de fazer uma pausa dramática — contra ela! — Sento-me na grama e cruzo as pernas.

Ele também se senta.

— Como? Impossível!

Reviro os olhos impaciente.

— Não é, não. O primeiro rapaz com quem eu *quase* transei me filmou. — Na verdade, eu transei, mas não quero que Kai saiba disso. — O mau-caráter ameaçou jogar tudo na rede. Eu e meu amigo, Carlo Pitinino,

conseguimos tomar dele o arquivo. O idiota guardava no armário, dentro do vestiário masculino da escola. — Arregalo os olhos. — Estava editado e claro que não mostrava a quase ausência de órgão masculino dele — gargalho. — Arrombamos o vestiário à noite e, no dia seguinte, chamei o idiota. Disse que se ele postasse alguma coisa minha... qualquer coisa, até mesmo um fio de cabelo, o mundo inteiro iria saber que ele era um eunuco. Quinze minutos depois, ele destruiu o original e as cópias na minha frente! — Cruzo os braços mostrando satisfação.

— Estou impressionado, mas, infelizmente, Amelie deve deixar as filmagens dela bem guardadas em Nova Iorque — responde descrente enquanto arranca os matos em volta dele.

— Talvez não. — Pisco. — Na universidade fizemos um trabalho de psicologia sobre comportamentos doentios. Geralmente essas pessoas se excitam, não só fazendo essas coisas depravadas, mas assistindo também. — Tento fazer cara de gênio. — Ela deve carregar consigo alguma amostra no computador pessoal ou dispositivo. Não é o tipo de coisa que se armazena em um arquivo em nuvem.

— Mas e daí? — pergunta e quase me irrita com sua falta de ânimo, mas ele é tão gatinho que resolvo perdoar.

— Pensa, Kai! Caramba! — Dou um tapa no ombro malhado. — Agora caiu a minha ficha, sobre parte da conversa que ouvi entre ela e Dark. A Girafona das trevas parecia estar fazendo uma ameaça. Ela deve ter coisas sobre ele também. Ela estava fazendo com ele exatamente o que fez com você! Se eu conseguir qualquer imagem em que ela apareça... Vocês e os outros otários, que ela deve estar chantageando, se livram. Pluft! Acaba. Certamente não vai querer ter a linda carinha dela estampada nas páginas policiais do jornal em que trabalha.

— *Shit*^[54]! O otário doeu.

— Bando de otários mesmo! Só pensam em foder! — Não consigo disfarçar a raiva e o desgosto ao pensar em Dark.

— Pior que é verdade, homem que diz que não passa noventa por cento do tempo pensando em algum tipo de sacanagem está mentindo — gargalha. — Baby, você é incrível! Como pensa umas coisas dessas?

Fico toda orgulhosa.

— Gosto de livros e de filmes de ação e policiais. Nada contra romances, desculpe.

— Sem problemas, faço filmes de ação também. Como vamos conseguir os arquivos?

— Simples. Vamos invadir o quarto dela no hotel — explico e levanto. Ando ao redor dele, com os braços cruzados nas costas. — Ela falou que só volta amanhã para Nova Iorque. Duvido que tenha ido embora da festa, ainda mais com a confusão que deve estar lá. A esta altura, já devem ter percebido que você também sumiu. Sedenta por notícias como é, deve estar farejando tudo, como uma girafa velha. A gente vai até o hotel, se hospeda, descobre em qual quarto ela está. Dou um jeito de entrar e pronto. Não custa arriscar! Vamos?

— Mas vão pensar que fomos para o hotel transar. — Diverte-se e eu coro.

— Dane-se! — Dou de ombros. — Depois a gente explica que não. Vem... Levanta dessa grama e vamos resolver isso logo.

— Juliet! Você é a minha mais nova melhor amiga!

Kai se levanta, me pega pela cintura e me gira. Meu coração dá uma leve descompassada. Ele tem um cheiro de limpeza e sabonete e sua pele é

quentinha.

Dio!

Sem graça, saio do abraço dele e começo a bater no meu vestido tentando tirar os matos que estão presos nele.

Percebendo que ele também está sem jeito, tento mudar de assunto:

— Espera até a minha amiga Cris saber que viramos amigos! Acho que ela é do tipo de fã que adoraria rasgar as suas roupas!

— *God! No way!*^[55] Vamos, Juliet, temos um filme de ação para rodar! Missão: arquivo girafa!

Antes de subir na moto em direção à cidade, ligo o celular. Fugimos há uns quarenta minutos e têm trinta novas mensagens de Dark e quinze da Cris. Meu coração aperta. Apesar de ter visto a Girafona beijando Dark, pode ser que ela o tenha agarrado de fato. Sempre fui adepta do benefício da dúvida, principalmente quando tinha culpa no cartório.

Não, não, não!

Infelice!

Agarrado ou não, é imperdoável. Ele não deveria nem ter dado papinho para ela, deveria ter mantido uma distância segura de uns duzentos metros! Isso sim! Imperdoável.

Beijoqueiro pornográfico!

Ai, que ódio! Aquela boca está contaminada; nem com banho de ácido, eu o beijo de novo. Ele que engula as trinta mensagens dele. *Ops!* Trinta e uma, trinta e duas, trinta e três...

Dark – Não é nada do que está pensando. Diz onde está? Eu te busco e a gente conversa. Não foge de mim. Não depois de tudo que passamos hoje,

Baixinha.

- | **Dark** – Juliet, você está com o atorzinho albino? Se ele encostar a mão em você, avisa para esse filho da puta nem voltar!
- | **Dark** – Eu não beijei a Amelie, não faça nenhuma besteira. Não siga seus impulsos. Não aja pela raiva.

Depois de deletar as trinta e três mensagens de Dark, chamo Cris no privado:

- | **Juliet** – Cris, estou bem. Kai está comigo. Não conta para o Dark, mas estamos indo para a cidade vizinha, vamos dar uma volta de moto para espairer. Volto assim que a poeira baixar.
- | **Cris** – Juliet do céu! O que deu em você? Quando o chefe arrombou a porta e viu que tinha descido pela janela, o homem virou uma fera. Quando deduziram que sumiu com Kai, ele entrou em ebulição.
- | **Juliet** – Depois me acerto com ele. Cadê a Amelie? Eu peguei a ordinária e Dark se beijando. :(
- | **Cris** – O quê?! A vadia e o chefe? Agora entendi tudo, amiga! Ela está aqui, grudada nos executivos do filme. Disse que não sai da vinícola antes de conseguir informações concretas sobre o paradeiro do Kai. Está louca para lançar um boato de sequestro para render mídia.
- | **Juliet** – Só avise que estou bem. Preciso ir... Sem dramas, só tenho alguns assuntos para resolver com Kai. Depois nos falamos.



11.1

Acabou, vadia!

Em meia hora , paramos em frente ao Chiassetto Hotel, uma construção de pedra localizada na área central de Bolgheri, com mesinhas de madeira e grandes guarda-sóis na calçada. Atenta à movimentação da rua, espero enquanto Kai esconde a moto nos jardins dos fundos.

Meio que um empurrando o outro, entramos. De cara, o lugar me remete ao cenário do musical *O Fantasma da Ópera*. Candelabros altos e cortinas roxas decoram todo o hall. Uma música instrumental gótica toca baixinho ao fundo... Um tanto quanto claustrofóbico e escuro. Isso aqui deve ser mais antigo do que Jesus Cristo e cheira à coisa velha. Olho para Kai, que está desconfortável. Agora entendo por que a equipe de cinema pediu para se hospedar na vinícola do *Nonno*.

Meu celular não para de vibrar na bolsinha, ignoro-o. Minha atenção está focada na senhora grisalha, em pé atrás de um grande balcão de mogno. Assim que nos vê, ela abre um sorriso cordial. Kai pega na minha mão trêmula e me puxa, todo sorridente, pelo salão vazio em direção a ela.

Estou ansiosa e nervosa, sempre quis ser espiã!

— Olá, *buonanotte*^[56]! Duas suítes simples, por favor — Kai diz calmamente.

— Estamos lotados. Temos um único quarto vago, mas é de casal. Fica no segundo andar, nos fundos, 230.

— Perfeito, vamos ficar com ele. — Enquanto Kai conversa com a

senhora, eu examino o local como uma *Sherlock*^[57].

Uma só escada de acesso. Uma só saída. Na parede, ao lado do balcão, há um quadro de chaves. O sistema ainda é o antigo. Desconfiava disso, na época de Jesus não existia tecnologia. Nada de fechaduras eletrônicas, digitais ou cartões magnéticos.

Moleza!

— Mesmo? Varanda só para quartos da frente! Esse não tem.

— Por nós, tudo bem. — Kai busca por mim e confirmo que não tem problema.

— As paredes estão precisando de uma reforma.

— Não tem problema — ele diz.

— A cama range bastante. — Ela abre um sorrisinho malicioso.

— Só pretendemos dormir mesmo. — Ele sorri e ela faz uma cara de que não acreditou muito.

— Você é o ator de Hollywood, né? Deve conhecer tudo por lá.

— Sim, sou. — O sorriso cinematográfico explode em confirmação.

— Robert de Niro usa drogas?

— O quê? Claro que não! — Kai responde chocado.

— *Grazie a Dio!* Que alívio! — A senhora põe a mão no peito. — Meu falecido marido garantiu que usava.

— Jamais! De Niro é um ícone! Meu ídolo. Tive a honra de fazer um filme com ele... *Máfia implacável*. Assistiu?

— Cinco vezes! Agora estou te reconhecendo! Você fazia o rapaz afeminado. Aquele que era apaixonado pelo capataz e que morreu no começo do filme! — Kai solta uma gargalhada, concordando. — Acompanho tudo de Hollywood, sou fã número um do Robert. Escrevi uma cartinha para ele...

Agora que sou viúva, resolvi me declarar. Quero oferecer uma hospedagem gratuita aqui no hotel. Pena que será impossível entregar.

— Impossível nada! Me dá a cartinha que eu faço chegar até ele. Sou um apreciador de atos de amor! — Kai diz gentilmente, olha para mim e começo a ficar impaciente.

— Jura?! A senhorita Amelie disse que era impossível! Que ele não recebe cartas e não liga para os fãs. Estava até desistindo desse amor impossível! — Ela tira um envelope rosa amassado, cheio de corações do bolso do uniforme e entrega a ele.

— *No, no, no, Dio mio! Madre Santissima!* O que disse? — Faço uma careta exagerada. Abro a boca pela primeira vez. Uso meu italiano e Kai me olha sem entender. Assim que percebe que sou nativa, a senhora se volta para mim, interessada. — Amelie Carter está aqui?! É isso mesmo? *Dio mio!* *No, no, no!* — intensifico o drama, a velhinha tenta abrir a boca para falar, mas levanto a mão impedindo-a. — Nem me fale dessa mulher! Melhor irmos dormir ao relento, Kai — decreto.

A senhora arregala os olhos e faço uma cara ainda mais horrorizada ao me inclinar em sua direção.

— A despudorada agarrou Kai agora há pouco! É uma ninfomaníaca! Se descobre que ele está aqui, *Dio!* Não quero nem ver! O *poveretta* tem gravação da cena mais importante do filme amanhã e está traumatizado! — falo em tom desesperado no melhor estilo italiano, arregalo os olhos e ela foca nele, que capricha na cara triste.

— *Poveretta*^[58]! Traumatizado?

— Hum-hum... Sim, *poveretta!* Imagina se os dois se encontram no corredor. — Coloco a mão na minha testa e reviro os olhos. — Melhor irmos dormir na praça!

— Calma! Calma! Na praça, não! Acho difícil que os dois se encontrem. — A velhinha se desespera e me viro para a porta. — O 202 fica bem longe do 230! O seu é para os fundos o dela de frente! — grita.

Bingo!

Já quase na porta, seguro o sorriso e viro para ela.

— Não sei, não sei! Garante mesmo que Kai estará seguro? — Levanto uma sobrancelha inquisitiva, ela confirma com ênfase e finjo um alívio. — Ficamos com o quarto, então. Vamos pagar adiantado e sairemos antes do amanhecer. — Sorrio.

— Vou pegar a ficha de cadastro. — A senhora fuça nas gavetas rapidamente. — Robert de Niro! Nem acredito! — vibra.

— O lugar aqui é bárbaro, adorei a decoração. Tão acolhedora — digo circulando e dando uma olhada por tudo.

— Foi minha *nonna* quem decorou. Tudo aqui é original. — A senhora parece muito orgulhosa com o bom gosto da avó.

— Nossa, nem parece! Tão... Tão... Tão... conservado! — minto. — Esse balcão, por exemplo, é lindo. — Passo a mão tocando a madeira velha e empoeirada. Kai acompanha, curioso, meus movimentos. Pisco para ele. — A senhora está de parabéns. Amei as cortinas, são de época? — Aponto para o lado oposto, ela olha e seu sorriso ilumina.

— Ah... não! Essas aí são novas! Troquei faz só dez anos!

— Só podiam ser novas! Belíssimas!

Olho com admiração para as cortinas roxas, enquanto a senhora pega a chave do nosso quarto e entrega para Kai. Em seguida, pede uma *selfie* para ele, que atende ao pedido rapidamente. Depois, seguimos apressados em direção à escada.

Sem parar o passo, envio uma mensagem para Cris. Como resposta, minha amiga diz que voltou com Dark para a vinícola. Meu coração aperta. E... avisa que Amelie ficou na casa de Salvatore. Paramos em frente ao 202. Checo e não vejo nenhum sistema de câmeras no corredor.

— Tem certeza disso, Juliet? — Kai sussurra, há tensão em sua voz.
— Isso é um problema meu. Não precisa se arriscar.

— Quero fazer. Por você e pelo Dark. Não temos alternativa. É a nossa única chance, Kai. Pode não dar em nada, mas temos que arriscar. Se a tarada do chicote voltar para Nova Iorque, nunca mais terá uma oportunidade de pôr um fim nisso — falo baixinho e olho para os lados no corredor comprido e vazio.

— Ok, ok! Como vamos arrombar essa merda? Essa porta deve pesar uma tonelada.

— Com isso!

Tiro uma chave do meu decote. Os olhos dele quase saem das órbitas.

— Você roubou? Onde conseguiu a chave?

— Não roubei! — Faço uma careta. — Peguei emprestado enquanto faziam a *selfie*. O problema de vocês, homens, é que só conseguem prestar atenção em uma coisa de cada vez. O quadro das chaves estava do lado do balcão. — Pisco para ele, enfio a chave na fechadura e clique.

— Eu entro e você vigia. Qualquer problema me liga no celular. — Enquanto dou o número a ele, tiro o aparelho da bolsa, enfio no meu decote, pego um lençinho e empurro minha bolsa contra o peito de Kai. — Fica aí.

— De jeito nenhum! — Ele faz menção de tocar na maçaneta e seguro sua mão no meio do caminho.

— Tira essa mão daí, está maluco! — Coloco o lenço na maçaneta e

giro. — O que estamos fazendo é ilegal, não podemos deixar digitais — sussurro. — Deveria parar de assistir tanto romance e ver uns *CSIs* de vez em quando — provoco mais para tentar me acalmar.

— Por que tenho que ficar no corredor? O vídeo é meu!

— Porra, Kai! — Olho feio. — Porque sou mais detalhista do que você. Não discute comigo. Qualquer sinal da Amelie, me liga ou manda mensagem, qualquer coisa. Vai, me obedece, já perdemos muito tempo.

— Caralho de menina mais teimosa e mandona! — Ele fica emburrado e eu olho feio mais uma vez.

Entro no quarto, deixando Kai do lado de fora, vigiando.

Meu coração está disparado, minha boca seca e as mãos estão suando.

Há um abajur aceso. Olho rapidamente em volta... O quarto segue a mesma linha de decoração antiga que encontrei na recepção. Há uma cama de ferro com uma colcha roxa e sacolas de compras sobre ela... E ao contrário do que foi dito do nosso quarto, nesse aqui há uma varanda, as venezianas de folhas duplas estão abertas para a rua. As paredes são de um bege claro. Abro uma porta e dou de cara com um banheiro todo reformado. Em cima da pia vejo um kit de brindes do hotel. Pego os dois pacotinhos com toucas de banho.

Volto ao quarto. Reparo que há uma mesa de trabalho com uma impressora. Usando as toucas como luvas, vasculho a mesa em busca de algum *pen drive* e nada. As gavetas, nada. Vou revirando tudo, mas tomo cuidado para deixar cada coisa em seu devido lugar.

Reviro uma bolsa depositada em cima de uma cadeira... Nada.

Cazzo!

Em cima da cama, atrás das sacolas, encontro um notebook. Sento-

me em frente do aparelho. Não acredito que a anta deixou o computador ligado! Uma euforia me toma. Passo o nome de Dark e de Kai pela ferramenta de busca... Nada. Tento os arquivos de foto e vídeo... Nada.

Cazzo!

O computador está limpo.

Entro no modo alucinada e começo a fuçar em tudo novamente. Olho em todas as gavetas dos criados-mudos, nos armários, na mala, em tudo e...

Nada! Nada! Nada!

Subestimei Amelie, minha intuição estava errada. Começo a ajeitar a cama onde me sentei e a afogar os travesseiros. Ouço um barulho metálico dentro de um deles. Sacudo e um molho de chaves cai. Estranho, olhei até embaixo da cama e não vi nenhum cofre. Verifico atrás de um quadro e nada. Pego o chaveiro, que possui uma pimenta de borracha como pingente, cinco chaves de tamanhos e padrões normais e uma sexta, bem pequena. Essa vaca deve guardar os arquivos em um banco ou cofre... Sei lá.

Cazzo de Girafa esperta!

Examino o chaveiro mais de perto.

Não acredito! Grazie a Dio!

Tem que ser isso!

Já vi um desses antes num site de compras. Forço a pimenta e ela se abre em dois... Dentro há um *pen drive*. Minhas mãos chegam a tremer e a testa sua. Volto a sentar na cama e plugo o dispositivo na entrada USB. Dezenas de arquivos aparecem. Diversos nomes, alguns conhecidos. Abro o primeiro, com o nome do ex-prefeito de Nova Iorque.

PUTA QUE PARIU!

Não consigo acreditar no que vejo. O velho está peladão e Amelie também. Ele está preso por cordas que obrigam as mãos dele a ficarem levantadas, como um escravo e chicotadas violentas atingem suas costas. Depois de desferir uma sequência de golpes nas costas do velho, Amelie dominadora vira e seu rosto, satisfeito, fica nítido na câmera.

Pegamos você, ordinária!

Fecho o arquivo.

Meu estômago contrai e engulo em seco. Entre as diversas pastas, há uma BretcherK, com três vídeos; e outra, SalvatoreB, com cinco vídeos. Só podem ser eles. Meu corpo treme... Sinto pânico. Não sei se estou preparada para ver Dark. Respiro e inspiro algumas vezes tentando recobrar o equilíbrio. Tento me convencer de que é melhor não assistir.

Impossível!

Seleciono o primeiro vídeo do Kai. Minhas mãos estão trêmulas.

Aperto o play... A câmera está em um quadro aberto.

Jesus!

A imagem mostra Amelie sozinha, totalmente nua, só de saltos vermelhos. Ela está de cabelos presos e inclinada em cima de uma mesa escura. O rosto dela está apoiado no tampo, bem visível no foco da câmera. Em seu pescoço há uma espécie de coleira. Seus pulsos estão presos por uma fita negra nas costas e as pernas afastadas por uma barra de ferro. Seu traseiro está virado para cima e bem empinado, completamente exposto e vulnerável. O tom da pele está vermelho intenso, com vergões marcando toda a área da bunda e coxas. Dá sua para ouvir a respiração pesada. As paredes ao redor são de um tom de roxo escuro. Ao fundo, cortinas de veludo vinho lembram os bordéis dos filmes antigos.

Não consigo identificar se é uma sala ou um quarto. Uma música

começa a tocar: *Fortuna*, de Carmina Burana.

— *Sua pele vai lembrar-se de mim por um mês.*

Congelo. É a voz de Kai, mas está completamente diferente: sombria e fria. Ele parece entorpecido... Bêbado, talvez.

A imagem dele surge no foco da câmera. Anda ao redor da mesa, parece um animal acuado. Ele veste uma calça preta e está sem camisa. Bem mais magro e mais novo, consigo ver as olheiras em seu rosto. Os olhos azuis estão sem vida... Nada, nenhum sinal do Kai iluminado que conheci agora há pouco.

Assusto quando ele bate com violência uma vara de madeira na mesa. Amelie nem se mexe.

— *O que quer?* — pergunta seco a ela.

— *Que me açoite. Duro e com força. Desconte toda a sua raiva em mim.*

— *Sabe que pode pedir para parar, não sabe?*

— *Sim.*

— *Qual é a palavra?*

— *Ira.*

Sem falar mais nada e nenhum aviso prévio, Kai desfere uma sequência de golpes fortes nas coxas e no traseiro de Amelie. Viro o rosto. Ela grita de dor, geme de prazer e, por diversas vezes, incentiva a ira dele pedindo para que ele seja mais duro.

— *Você não passa de um monte de bosta, Kai! Isso, seu escroto! Desconte essa frustração em mim, seu bosta viciadinho! Faça o que estou mandando!* — ordena a ele com violência e a pele dela, que antes estava em um tom vermelho intenso, agora está arroxeadada. — *Anda, moleque! Mais,*

mais, mais! Pensa que é alguma coisa, Kai? Você já era! É apenas um pau e nada mais!

Fico horrorizada com a brutalidade das palavras dela. Revolta-me ver Kai permitindo ser tratado daquele jeito. Sinto meu estômago revirar. Apesar de contida e da aparente vulnerabilidade, é ela quem está no comando, não o contrário. Agora entendo o que Kai quis dizer com “*eu era seu instrumento*”.

Sei que, nessa época, Kai estava fora de si e drogado; mesmo assim, espancar uma mulher é chocante demais! Será que é desse tipo de coisa que Dark gosta? Por isso disse que queria me proteger de caras como ele? Espancadores?

Relutante, respiro fundo... Abro a pasta SalvatoreB. Clico no primeiro vídeo.

— *O que foi que disse que causou nas pessoas, Dark? Dor? É por isso deseja tanto senti-la, seu filho da puta?*

O couro de um chicote estala. Desenha um caminho vermelho nas costas de Dark. Ele está de costas, com as duas mãos espalmadas na parede roxo escuro, sem camisa e de calça jeans. Não há música. Só a respiração entrecortada dele. Ao fundo, há uma cama com um dossel. Meu coração dispara ao mesmo tempo, que é retorcido. Nenhum som sai de sua boca. Os braços não estão tão fortes como agora, e não há nenhuma tatuagem. Assisto, hipnotizada, a cada golpe que ele leva.

Os cabelos de Amelie estão bem mais curtos. Ela some do alcance da câmera, não está nua, veste uma espécie de espartilho em couro. Quando volta, segura outro tipo de chicote; este possui várias tiras, suas pontas brilham.

— *Vou dar a dor de que tanto precisa, Dark! Depois quero você me*

comendo com toda essa fúria que está presa em você. Quero que me destrua. Que me foda até eu desmaiar!

No primeiro golpe, a pele de Dark abre na altura do ombro direito. Um filete de sangue escorre. Fico tonta. Desligo o vídeo, não consigo mais ver nada!

Corro até o banheiro... Sinto náuseas. Como ela pôde usar homens tão destroçados emocionalmente e humilhá-los? Sujeitar-se a bater e a apanhar, e depois ser comida por eles? Sem nenhum sentimento, só por um prazer doentio?

Meu ódio por Amelie atinge níveis mortais.

Quando volto para o computador, ainda enjoada, encaminho as pastas de Dark, Kai e do prefeito para o meu e-mail pessoal. Deleto todos os arquivos do *pen drive* e os excluo dos itens enviados... Limpo a lixeira. Pronto, nenhum vestígio. Não quero que a ordinária veja as imagens deles nunca mais. Kai é iluminado, feliz e não merece reviver isso. Muito menos Dark! Ele já sofreu demais com a morte dos amigos. Não quero que ele pare de sorrir.

O jeito fechado dele começa a fazer sentido para mim. Dark ainda se culpa... sempre se culpou... Acha que é dele a responsabilidade de uma dor que foi fruto de uma tragédia.

Não!

Aquela avalanche foi um acidente do destino! Nem mesmo os meteorologistas tiveram como prever.

Recuso-me a enxergá-lo de um modo diferente do qual o vejo hoje. Não vou manchar a imagem que tenho dele por causa de uma fase escura em seu passado, mas o que vi é tão chocante... Quando percebo, lágrimas escorrem pelo meu rosto. Enxugo-as com as palmas da mão. Não tenho

tempo para choros. Sou mais forte do que isso!

Concentre-se na raiva, Juliet!

Termine o que veio fazer!

Minha vontade é mandar os arquivos para o e-mail da polícia. Denunciá-la. Mas fazer isso seria expor ainda mais esses homens. Já li sobre o ex-prefeito, é casado e tem filhos. Vai saber os dramas pessoais de cada um dos outros nomes. Estão livres agora. Abro o primeiro arquivo que assisti, do ex-prefeito, e capturo a imagem no momento exato em que a vadia vira o rosto para a câmera e imprimo. Fecho os aplicativos do computador. Elimino as evidências novamente. Deixo tudo do jeitinho que encontrei em cima da cama. Quando a impressão fica pronta, alcanço uma caneta e escrevo:

Seu rosto vai ficar lindo na primeira capa!

ACABOU, VADIA!

Dobro a impressão várias vezes. Coloco dentro da pimenta, no lugar do *pen drive*, e ajeito todo o resto no lugar.

Essa vaca vai ter uma surpresa e tanto quando for pegar os filminhos para assistir. Resolvo levar o *pen drive* comigo e o enfio em meu decote. A Girafa vai receber o castigo de viver acuada e com medo de que as imagens dela sejam publicadas.

Quando vou girar a maçaneta, o celular em meu seio vibra.

| **Kai** – FODEU! Desaparece daí!



Ouço a chave girando na fechadura... Em seguida, um celular que toca...

— Amelie Carter — responde depois.

Silêncio.

— Como vou saber se está falando a verdade, minha senhora?

— Sim, sim. Claro que quero notícias sobre o paradeiro de Kai Bretcher.

A porta bate com força.

— Acabei de entrar no meu quarto de hotel. Se as informações são mesmo quentes, me procure. Chiassetto Hotel, quarto 202, amanhã às dez horas. Adiei minha partida. Só volto para Nova Iorque no domingo.

Ouço o som de saltos batendo contra as portas da varanda. Uma gota de suor escorre da minha testa. O vento agita a barra do meu vestido... Minhas mãos estão espalmadas contra a parede de pedra, cheias de falhas e fissuras.

Penso em voltar para o quarto e acabar com a raça dela. Concentro-me, estou no modo alpinista, agora.

Juliet Damaggio! Prioridades! Avalie os riscos!

Quero que ela sinta na pele a agonia de se estar vulnerável.

A hora dela vai chegar, oh se vai! E não vou precisar de porra de chicote nenhum!

Respiro e solto lentamente o ar. Acima de tudo, Dark e eu somos um time: a *Mountain*. Nunca deixamos ninguém para trás. Não importa quão arriscadas sejam as circunstâncias.

O celular escondido em meu peito vibra, não tenho como alcançá-lo agora, mas outro aparelho volta a tocar dentro do quarto.

— Christopher

A voz de Amelie ecoa do meu lado. Olho pelas frestas das venezianas da varanda. Quase me desequilibro e meus pés desestabilizam no parapeito do prédio.

Meleca! Deveria ter tirado os sapatos.

Um pedacinho de pedra cai, mas o som é abafado pelas flores do jardim. *Merda!* Amelie apoia um copo de vinho no beiral da varanda e acende um cigarro.

— Eu sei que vim para cá exclusivamente para a entrevista na *Mountain*, mas surgiram algumas novidades. Kai Bretcher está aqui! — A voz dela sobe uma oitava e é abafada por risos. — Só te peço mais dois dias, Chris. Estou perseguindo o Kai há meses! — As palavras dela me revoltam ainda mais. — Tentei pegá-lo de jeito durante a festa e conseguir a bendita exclusiva, mas o merdinha escapou.

Gritos histéricos explodem tão alto do outro lado da linha que consigo escutar.

Que pulmões!

— Uauuu! Relax, boss^[59]! Segura na cadeira que tem bomba, do jeitinho que adora! Imprensa marrom, as páginas de fofoca irão bombar — ela gargalha. — Se não conseguir acesso às filmagens ou a uma exclusiva, já tenho alternativa.

Juliet – Não! Vão ver você! Espere no quarto, que em dez minutos chego aí.

Kai – Mas como vai descer?

Juliet – Já subi e desci de verticais muito mais difíceis que desta paredinha. Aguenta aí, que tenho ótimas notícias.

Lanço meus sapatos no jardim. Coloco de volta o celular no meu peito. A distância é de uns dez metros apenas. Arriscaria pular, mas meu pé direito ainda dói, não quero piorar a situação. Quero treinar. Um dia que não corri, já me sinto péssima!

Volto ao parapeito e viro-me de costas para a rua deserta. Meus dedos tateiam as pedras. Assim que acho as falhas seguro na rocha, sustento o peso do meu corpo com as falanges encravadas nas falhas. Como uma Mulher-Aranha vou buscando aberturas de apoio para os pés e as mãos.

Em movimentos típicos de escaladas verticais, vou intercalando a mão direita com o pé esquerdo para apoio. Desço lentamente e em poucos minutos cravo os pés na grama verdinha do jardim. Alcanço meus sapatos e só então noto que um senhor está me olhando de boca aberta na calçada. Ele carrega um pequinês pela coleira.

— Briga de namorados, sabe como é... — digo baixinho, sorrindo.
— Ele me paga por me deixar trancada do lado de fora! — Com os sapatos na mão, aceno e saio correndo em direção porta de entrada do hotel.

Entro como um foguete. A senhora grisalha olha para a porta, para mim e para a escada sem entender. Coitada, ela me viu subindo. Sorrio e subo de três em três degraus. Ganho o corredor na direção contrária ao quarto de Amelie, bato no 230. Kai abre de imediato, todo angustiado.

Entro me jogando na cama de ferro barulhenta, para recobrar o fôlego. Estou animada, empolgada e cheia de adrenalina.

Уаууу!

As paredes precisam mesmo de uma reforma!

— Estava ficando maluco! Amelie apareceu do nada. Ouvi a voz dela ao telefone, se aproximando no corredor. Só tive tempo de mandar a mensagem para você e de me enfiar dentro do quartinho de vassouras.

— Não tem problema. Deu tudo certo. Por sorte, alguém ligou para ela bem na hora que ia entrar e ela parou para atender. Consegui pensar rápido, sair pela varanda e ficar no peitoril.

— *Shit!* Isso foi perigoso!

— Perigoso nada, nível de dificuldade zero — tranquilizo-o. — Tinha uns quinze centímetros para apoiar meus pés, deu tudo certo. Molezinha! Kai, já te disse, esse é o meu trabalho, subir e descer das coisas é o que eu faço. As paredes do prédio são tão fáceis de escalar que, se eu fosse a dona disto aqui, colocaria grades nas janelas.

— Baby, você é incrível.

— Sou nada, o importante é que pode ficar tranquilo, achei os arquivos. — Ele me puxa da cama e me gira em seus braços no ar.

— Aiii, Kai!

— Não acredito que deu certo! Oh, *God!* Obrigado! Obrigado! Obrigado! — Beija a minha bochecha várias vezes. Isto é esquisito. — Tirou um peso dos ombros, que me persegue há anos! Juliet, te devo para a vida toda! Achou meus arquivos? Cadê?

Meio sem graça, livro-me dos braços dele.

— Não me deve nada, Kai. Achei os arquivos, sim! Os seus e os de Dark. Mas nem os abri, deletei direto. Não acho legal que reviva aquelas coisas — minto, omito o *pen drive* e ele desanima. — Mas salvei um arquivo do ex-prefeito. Esse era o objetivo, Kai. Achar algo que a fizesse parar. Não vai acreditar, olha isso!

Tiro o celular do meu decote. Acesso os meus e-mails, clico no arquivo do prefeito e passo para ele.

— Caralho! Isso acabaria com a carreira política dele.

Sento-me na cama e abraço um travesseiro.

— Imagina quantos favores políticos e vantagens ela não conseguiu apenas com esse vídeo. Não entendo como vocês caíram na dela deste jeito!

— Minha voz sai mais amarga do que deveria.

Fecho os olhos tentando afastar a cena do ombro de Dark sendo rasgado. A dor no peito que eu senti, ao vê-lo sendo violado daquele jeito, vai demorar a passar.

Kai mira os olhos azuis no chão e morde os lábios.

— Infelizmente, a mulher é uma máquina de seduzir. Qualquer um cairia, Juliet — bufa me devolvendo o celular.

Imaginar Dark sendo seduzido por aquela Girafona espancadora me dá um desgosto.

— Espero que, depois do recadinho anônimo que eu deixei para ela, isso acabe.

E devolva a paz de espírito para Dark. Ou pelo menos, parte dela.

Kai dá dois passos para trás, cruzando os braços.

— Que recado?! Está louca! Juliet, ela vai saber que fomos nós.

Depois dessa tenho que rir.

— Kai! Fala sério! — Sacudo a cabeça. — Bolgheri é do tamanho de um ovo. A não ser que ela tenha feito outras vítimas por aqui... — largo o travesseiro que estava segurando — as únicas pessoas que sabem dos métodos não convencionais dela são você e Dark. — Arqueio uma sobrancelha. — É claro que ela vai pensar que foi um dos dois. Mas duvido

que vá perguntar para qualquer um de vocês. — Sorrio e conto o conteúdo da mensagem.

— Você é uma menina má, Juliet. Queria ser uma mosca, só para ver a cara dela lendo o seu bilhete. — Põe as mãos no meu ombro e dá risada. — Você acha que estou livre das chantagens dela, então? Mas, e se ela nos acusar de invasão?

— Você e Dark, ela não incomoda mais. — Sorrio vitoriosa. — Acusar de invasão? Sem câmeras ou digitais? Impossível! — Tiro as duas touquinhas plásticas do decote e ele olha sem entender. — Usei estas belezinhas aqui para tocar nas coisas. — Guardo-as na bolsinha, que Kai deixou em cima da cama, para descartar mais tarde, em um lugar seguro. — Nem o *CSI* encontraria uma digital minha lá. Deixei tudo como estava, impecável.

— Porra! Jamais pensaria nisso! — Bate em sua testa.

— Te falei, mulheres conseguem pensar em detalhes que os homens jamais sonhariam. — Pisco convencida. — Está vendo como foi bom eu entrar? Duvido que lembraria de deixar um recadinho fofo para ela.

— Nem escalaria a parede para descer — gargalha. — Mas se pensa que sou bobinho, está enganada, *baby*. Também consigo improvisar. A ligação que ela recebeu antes de entrar foi minha. — Faz a cara da revelação bombástica da novela novamente.

— Como assim?! Ela disse para o chefe dela que era uma mulher?

— Também tenho meus talentos, Juliet! Precisava chamar a atenção dela para te dar tempo de se esconder! — Os lábios dele se contorcem em um sorrisinho arrogante. — Você sabe escalar e não deixar rastros... Eu sou um ótimo dublador. Imito a voz da minha avó com perfeição — começa a falar com uma voz feminina, delicada e doce.

— O que disse a ela? Ou melhor, o que a sua avó disse?

— Que tinha informações sobre mim. Marcamos de nos encontrar às dez. Ah! E não se preocupe com as evidências, meu número é restrito! — vibra.

— É óbvio que você não vai nesse encontro?! — mais ordeno do que pergunto.

— É óbvio que eu vou, sim! E perder a oportunidade de jogar umas verdades sobre ela?

— Amelie disse para o editor que se não conseguisse uma exclusiva com você... — faço uma pausa criando coragem para falar — ela iria soltar notícias maliciosas a nosso respeito.

— Mais um motivo para eu enfrentá-la então! Juliet, seria uma honra que pensassem que eu e você... — ele mostra os dentes lindos, brancos e perfeitos — estamos juntos. Só que não seria justo com o que você sente por Dark.

Pisco várias vezes, meio indignada.

— Eu não sinto nada por Dark!

— Qual é, Juliet! Nos conhecemos há o quê? Umas quatro horas? Acredite, neste curto tempo já deu para sacar que é louca pelo cara!

— Não sou, está enganado. — Sinto meu rosto queimar.

— *Baby! Baby!* Sou um cara sensível, um artista. — Põe a mão no peito. — Sei ler a alma humana. Principalmente a das mulheres. — Acho graça, ele soube LER direitinho a pilantra que a Girafona é.

— Pensa comigo — continua. — Primeiro, surtou porque pegou a mulher atacando Dark. Depois, fugiu como uma louca irracional pela janela com ódio dele. E aí do nada, se transformou em uma guerreira com

habilidades especiais. Montou um plano em cinco minutos para salvar o cara das garras da Amelie. Roubou uma chave, invadiu um quarto, deletou e roubou arquivos, se arriscou ficando naquele parapeito e depois descendo a parede não sei como — ele gargalha. — As evidências são claras!

— Fiz isto porque achei que era o certo e valia a pena — tento argumentar.

— Sei — gargalha. — Até pode querer se enganar. Mas, *baby*, você está vidrada no gigante. É só falar Dark que seus olhos brilham. Não sei o que rola entre vocês, mas parece ser especial e não vou deixar Amelie quebrar tudo com fofocas infundadas. Não merece isso, Juliet.

— Não estou me enganando, Kai! — afirmo e ele faz cara de quem não acredita nem um pouco no que digo. Reviro os olhos. Nem vou discutir, ele não me conhece. Não sabe o que diz. — O que pretende dizer pra Amelie?

— Não sei, ainda não pensei. Tenho até as dez da manhã para decidir. Quer que eu te leve de volta a vinícola?

— Se não se importa, prefiro que não. Agora que toda essa adrenalina passou, me sinto tão cansada. E... tem... toda essa coisa das preferências sexuais de vocês... isso me deixou insegura... não sei se conseguiria encarar Dark agora.

— Olha, Juliet. Pelo vídeo do prefeito, sei que deve ter ficado chocada. — Concorro, mas esse vídeo não é nada perto das imagens que vi dele e de Dark. — Vou te falar como homem e só posso me basear no que eu senti e vivi. Não conheço Dark, muito menos a história dele. Então falo por mim, o que aconteceu com Amelie foi circunstancial. Passou. Fiz aquilo porque achei que precisava, não porque gostava.

Sacudo a cabeça.

— Mas... esse é o problema — digo com pesar.

Sua expressão se fecha.

— Qual?

Suspiro de novo e respondo:

— Você não gosta. Mas... e se Dark gostar?

— Isso, *baby*, só vai saber se perguntar a ele.

— Duvido que ele fale. Convivo com ele há três meses e nunca me deu abertura.

Pensativo, Kai inclina a cabeça para o lado.

— Já tentou falar com ele, sobre como *ELE* se sente? Quem ele é? Conversar algo além de assuntos da *Mountain*?

— Na verdade, não. Evito esses assuntos pessoais.

— Então, *baby*... Será que é ele quem não dá abertura ou você?

— Mas, Kai... você não entende...

Deixo a frase sem terminar. Não sei como explicar, a presença de Dark me intimida, às vezes.

— *Baby*, eu não entendo mesmo. — Passa a mão na minha cabeça. — Quem tem que saber o que se passa aí dentro... dessa cabeça linda, é você. Mas se quiser um conselho, do seu mais novo melhor amigo... — suspira — que te deve para o resto da vida... conversa com o cara, tente conhecer o lado dele. Já fiz muita merda nessa vida por ficar só no acho... Vai por mim...

Sem saber o que responder, me calo. Fico observando Kai em silêncio enquanto ele tira os sapatos. Ele tem razão; por diversas vezes, Dark quis conversar, mas eu fugi. Tem tanta coisa mais importante em jogo, pelo menos achava isso, que não dei chance dele entrar.

— Agora, já que vamos ficar aqui preciso de um banho. Quer ir

primeiro?

— Não, Kai, obrigada. Acho melhor mandar uma mensagem para Dark e avisar que está tudo bem.

— Isso! Pequenos passos. Boa menina... — Pisca para mim, puxando sua camisa branca pela cabeça.

Seu peito definido e lisinho fica cara a cara com os meus olhos. Desvio rapidamente; me sinto inadequada, sozinha com ele. Quando a porta do banheiro fecha, pego o celular.

Os olhos verde-escuros de Dark vêm em minha mente. Aquele olhar de raiva e súplica, quando me viu parada no corredor. *Aaaah...* Não quero ser mais um motivo de sofrimento para ele. Este tipo de coisa não combina comigo. Preciso deixá-lo entrar. Envio uma mensagem:

└ **Juliet** – Queria só avisar que estou bem.

└ **Dark** – Estou destruído, Baixinha. Já te procurei em tudo que é canto.

└ **Juliet** – Sinto muito, não quero que se preocupe. Desculpe ter fugido.

└ **Dark** – Eu que sinto muito por ter perdido a cabeça. Me diga onde está? Vou te buscar agora. Precisamos conversar.

└ **Juliet** – Em um lugar seguro, mas não consigo te encarar... Ainda estou assustada. Preciso parar para pensar em toda essa coisa da Amelie.

└ **Dark** – Não existe essa coisa de Amelie. Esquece ela. Me deixa ir buscar você, Baixinha.

└ **Juliet** – Não dá para esquecer, Aless. Descobri o que vocês dois faziam juntos. Precisamos conversar, mas não agora. Amanhã.



12.1

Grandes passos

Dark

Arremesso as chaves da Range contra a parede deixando uma marca. Jogo-me na cama, livro-me dos sapatos e eles voam longe. Inquieto, volto a ler a mensagem de texto de Juliet.

Que caralho ela está falando com “*descobri o que vocês dois faziam juntos*”?

Isso é meio óbvio. Nós fodíamos, sujo e pesado. Mas essa foi uma fase da minha vida que nunca abri para ninguém.

Descobriu o quê?

Nunca disse que era virgem!

Odeio-me pelo mal-entendido com Amelie, mas Juliet já me pegou em situação bem pior. Não tirei os olhos dela, um só segundo, na festa. Assim que consegui me livrar do *Nonno* e do produtor de cinema, que insistiam na história do filme, fui buscar Juliet. Vê-la sozinha naquela pista de dança, estava me pondo louco. No caminho, recebi a porra da mensagem com mais uma das insinuações de Amelie. Fui decidido a colocar um ponto final na insistência dela.

Não acreditei na ousadia da vadia quando falou que tinha vídeos de nossas fudas. No começo não entendi bem, Amelie nunca tinha me falado sobre eles antes. Achei que iria dizer que os assistia para se masturbar ou para outra perversão. Mas não! A pilantra quis me chantagear!

Depois de três anos, chantagem?

Fala sério!

Tive que respirar fundo para não perder o controle!

Não sou homem de me sujeitar à chantagem. Acabei com a festa da mulher em dois tempos. Disse que jogasse na roda os vídeos; foda-se, não me importo. Aquilo faz parte do passado e não representa quem sou hoje. Senti nojo quando tentou me beijar. E pavor quando vi a Baixinha, chocada no corredor.

Perdi a cabeça e Juliet entendeu tudo errado. Sou um cara que tem o pavio curto. Controle total, só na montanha. Fiquei como um louco... Meu corpo todo estremeceu na mesma intensidade do que essa mulher significa para mim. É algo que, mesmo que eu queira, não consigo explicar. Comecei a adorá-la antes de conhecê-la. Loucura eu sei, mas é assim que é. Revirei os arredores e a cidade vizinha atrás dela e nada. Só digo uma coisa, se essa merda de ator encostar um dedo na minha Baixinha fujona, o filme dele vai se transformar em memórias póstumas.

Porra!

Ele deve ser cheio destas frases de efeito dos filmes românticos que faz. Mocinhas delicadas, como Juliet, adoram esse tipo de coisa. Ou, pelo menos, é o que a Rafa me diz.

E se a Baixinha cair na lábia dele?

Não tenho talento nenhum para esses troços de palavras bonitas e poesias. Sou todo torto nesses assuntos, *Nonno* deu flores para ela, homenageou-a com uma dança. Eu dei o quê? Uma pedra! *Caralho!* A porra de uma pedra, quem faz isso? Ela nem me agradeceu. Não a condeno por isso.

Claro! Cazzo!

Acho que o filme mais romântico que assisti foi *A Bela e a Fera*, que

a pirralha me fez assistir 5.680.987.764 vezes, na época em que suas palavras prediletas eram *de novo, de novo, de novo...* Aquela lá é uma romântica feminista de vanguarda.

Sento-me na borda da cama, avaliando minha real situação. Uma resposta errada para a mensagem de Juliet e já era.

Quem diria... Sou um cara de trinta e um anos, obcecado por uma mulher de vinte e quatro, que, há algumas horas, estava esfregando aquela bocetinha gostosa no meu rosto com promessas de muito mais e que agora me odeia.

Uma mulher que me excita, não só pela bunda maravilhosa que tem, mas pelo cérebro mais instigante e brilhante a qual fui apresentado.

Uma maravilha teimosa que, agora, não quer nem olhar na minha cara.

Cazzo!

Está assustada e quer pensar. Tudo isso porque me pegou em uma situação para lá de duvidosa com uma vadia, que eu disse que não queria. Isso não é nada promissor. É caótico, como ela iria acreditar quando gritei do outro lado da porta que era só ela que eu queria?

Eu não acreditaria. Ela não acreditou. Fugiu pela janela com um cara que, toda vez que Cris pronuncia o nome, parece que vai ter um orgasmo.

Meu coração desmorona e meu pau choraria se pudesse. Agora que, finalmente, abandonei minha negação, derrubei minhas barreiras e assumi meu desejo por Juliet, estou prestes a pôr tudo a perder.

E isto... está me enlouquecendo... Não consigo nem descrever o que estou sentindo. Palavras não são suficientes... E preciso das porras das palavras agora!

Aflito, passo as mãos nos cabelos até parecer que fui eletrocutado.

Sento e levanto da cama, milhares de vezes. Pego o travesseiro com o qual ela dormiu... Esse cheiro. Meu pau chorão fica em alerta total.

Sinto-me patético. Um cara durão como eu, excitado e deprimido, abraçado a um travesseiro. Quando estou prestes a deixar para lá, uma luz inunda meu coração confuso.

ALESS, Juliet finalmente me chamou de *ALESS*!

Preciso de reforços urgentes. Pego o telefone e sei que vou me arrepender para o resto da vida por isso. Hesito. Penso em rezar, mas isso seria trapaça. Eu e Deus estamos brigados desde que Alex e Fred se foram. Penso em desistir, minha vida estava tão... tão chata. Então, penso na carinha de decepção e pânico de Juliet. Tomo coragem e ligo.

— *Espero que seja caso de vida ou morte para me ligar a esta hora. Logo mais chego em Bolgheri, não dava para esperar não?* — Uma voz fininha, típica e sonolenta, grita do outro lado da linha.

Por um segundo, penso se tomei a decisão certa em ligar para a minha irmã. Mas ela é a única mulher com a qual sou capaz de me abrir totalmente. Apesar da pouca idade, é a pirralha mais madura que conheço. Um prodígio.

— Oi, Rafa! É caso de vida ou morte, sim.

— *Desembucha, mano!*

— Preciso da sua ajuda.

— *Com o quê?*

— Com uma mulher. Preciso que me ajude a encontrar as palavras certas para me desculpar.

— *Nem ferrando! Sabe como odeio as vadias interesseiras com quem você trepa!*

Rafa emenda um discurso de como eu sou um ser desprezível, que enfia o pau em qualquer buraco. Que já está na hora de superar o trauma da morte de Alex e Fred e parar de me esconder da vida e dos meus sentimentos.

Meu estômago contorce. Ela tem razão em cada palavra, mas não tenho tempo para uma sessão de terapia.

— Rafa! Dá para calar essa boca e me ouvir, caralho! Estou arrependido de ter ligado.

— *Seja rápido. Mas já te aviso, não estou disposta a ser cupido para piranha trepadeira.*

— Eu nem trepei com ela. — Solto um suspiro frustrado. — Com... com... Juliet é diferente.

— *Juliet? Hum... diferente como?*

— Especial.

— *Hum... Especial? De que tipo?*

— Do tipo que vale a pena, ao ponto de eu te ligar pedindo ajuda. Do tipo difícil e teimosa pra caralho, e que está me deixando maluco.

— *Hum... Difícil e teimosa, hein?*

— Caralho, Rafa! Dá para parar de falar *Hum* e ficar repetindo o que eu digo!

— *Hum... O que aprontou de tão grave pra ter que recorrer para a sua irmãzinha de quase dezoito?*

Faço um filtro para menores de dezoito e moças de família. Conto tudo para ela, desde Londres, omitindo todos os detalhes sórdidos.

— *Nossa! Isso é romântico!*

— Não, é uma tragédia isso sim.

— *Hum... Ela estar com Kai Bletcher é uma tragédia mesmo. O*

cara é top!

— Porra! É para você me ajudar!

— *Hum... Ajudar? Você é um puta de um idiota, Alessandro. Sabia disso?*

— Sabia, mas o que devo fazer?

— *Tudo que pode fazer é dar espaço a ela e esperar. Ver o que vai te falar quando conversarem amanhã.*

— *Cazzo, preciso que ela volte hoje.* — Quando disse pra Juliet que era uma cara paciente, menti. Nunca fui bom em esperar. — Como você mesma disse, Rafa, ela está com o talzinho top! A situação é de alerta vermelho! Não posso esperar! — Desespero-me.

— *Calma! Tem alguma possibilidade dessa menina gostar de você? Não me leve a mal, mano, mas tem horas que você é um pé no saco.*

— Tirando que, no momento deve estar me odiando, acho que sim.

— *Hum... Então relaxa, mano.*

— Relaxar? Como posso relaxar em uma situação arriscada como essa? Um babaca metido a galã do lado dela!

— *Porque, seu imbecil... ao contrário de vocês homens e de seus paus descontrolados, quando uma mulher está a fim de um cara, nem mesmo Kai Bletcher pelado na nossa frente muda isso.*

— Pelado? Que porra de pelado é esse?

— *É uma metáfora, seu idiota! Qual é, mano... Kai pode ser top, mas você é o Titã, o Cara. O filho da puta mais gostoso que eu conheço! Dá de dez a zero em qualquer um! Minhas amigas são piradas em você — gargalha como se isso fosse um absurdo.* — Não sabia que era inseguro.

— Não sou.

— *Está parecendo.*

— Vai se ferrar! Confio no meu taco, mas sei do que os homens são capazes por uma boa trepada. Vai me ajudar com as palavras ou não?

— Alessandro, meu querido irmão. Não posso lhe ditar as palavras, seria trapaça. Confie... Se um milagre aconteceu e essa Juliet tá na sua, foi pelo que você é. Vai ver que o Cara lá de cima resolveu ser generoso contigo. Mandou uma mulher sob encomenda... Louca, teimosa e corajosa o suficiente para gostar deste seu jeito mandão e safado.

— Estou fodido!

— Está, principalmente se mamãe descobrir que a escolhida dela rodou.

— Com Zetta eu me resolvo quando chegar a hora. Meu problema é o que eu faço agora.

— *Seja sincero, mano!*

— Sincero, é?

— *Sim.*

— Posso tentar e ver no que dá!

— Isso, sinceridade vale mais do que mil palavras manei-
decoradas de um filme. Agora só me ligue quando conseguir agarrar a gata.

— Te amo, Pirralha.

— *Também, Grandão.*

Ser eu mesmo. Sou um cara simples e direto. Ok. Envio uma mensagem para a Baixinha:

Dark – *Me desculpe, amanhã, então.* — Sem resposta.

Dark – *Eu sinto muito, Baixinha. Adoraria conversar com você amanhã.*

— Nada de resposta.

‖ **Dark** – *Baixinha, por favor, me perdoe. Não é nada do que está pensando. Me deixe ir te buscar para conversarmos.*

Caralho de mulher mais difícil!

Depois de quase meia hora sem nenhuma resposta, percebo que tenho que me esforçar mais. Porra, Alessandro, você pode fazer melhor! Como espera convencer Juliet a te dar uma chance?

‖ **Dark** – *Estou fazendo um esforço do caralho para te dar espaço. Juliet, acredite, meu controle tem um limite e está muito difícil não mandar tudo à merda e ir atrás de você! Estou muito na sua e Amelie não é nada. Mas preciso confessar que manter rédeas soltas não é comigo. Sou homem à moda antiga, monogâmico e muito ciumento. Foda-se essa ladainha moderna de liberdade sexual. Não caia nessa! O bosta que inventou essa merda deve ser um puta de um corno. Só de pensar que tem um cara aí no lugar que é meu. Fico muito, muito, mas muito puto. Estou jogando limpo aqui, tentei explicar, me desculpar e conversar, mas você é mais teimosa do que uma mula. E, sinceramente, acho meio óbvio o que eu fazia com Amelie. Então, ponha a mão na consciência. Estou tentando ser um idiota legal, seja boazinha comigo. Só me diga aonde ir te pegar, ok? O resto a gente ajeita, Baixinha. Ah... Estava linda esta noite. Um tesão. E apesar de ter odiado que fugiu, tenho que dar o braço a torcer. Você foi ótima improvisando com aquela corda.*

Envio a mensagem, espero, espero e nada.

Ok, vai ser do jeito difícil, então. Monto um plano simples de ação. Antes de tudo, tenho que resolver um detalhe técnico: achar Juliet. Em seguida, preciso partir para a ação. Pegar aquela Baixinha e arrastá-la comigo nem que seja pelos cabelos. Depois a faço me ouvir, até entender e me perdoar. Se ela é teimosa, eu sou o triplo, além de obstinado, implacável e

persistente. Pela primeira vez em horas, meu coração acalma mesmo sem ter recebido uma resposta de Juliet.

Confiante, dou andamento no meu plano. Pego tudo o que preciso no casarão. Deixo um recado para tranquilizar Fran e parto para a guerra.

— Athos, Porthos... Venham, garotos! Vamos dar uma volta — digo abrindo o bagageiro da Range.

Chamo uma, duas... cinco vezes. Os dois continuam deitados na soleira da porta. Insisto impaciente, preciso deles para fazer uma varredura.

— Qual é, colaborem! Preciso da ajuda de vocês com Juliet! — No momento em que os dois ouvem a palavra mágica, suas orelhas se levantam e saltam para dentro do carro.

— Estou fodido! Perdi meu avô e meus dois cães para a mesma mulher! Essa Baixinha é uma feiticeira!



Juliet

Impaciente e sentada no sofá de veludo na recepção do hotel, espero por Kai. Meus saltos fazem um som irritante ao baterem no piso de madeira. Ainda estou com o vestido da festa.

O celular queima na minha mão com uma infinidade de ligações e mensagens ignoradas. Aflita e ansiosa, jogo o aparelho de volta na bolsa. Odeio ficar de fora das coisas. Daria tudo para ver Kai humilhando a Amelie Carter, mas, como ele me disse, essa é uma conta que ele precisa acertar sozinho. Não pude contrariar, principalmente depois da gentileza dele ontem à noite.

Agiu como um cavalheiro dormindo no chão, em cima do edredom, e deixando a cama para mim. Até acho que, no fim, Kai fez um bom negócio. Seria um tormento dormir ao meu lado. Virei a noite inteira, de um lado para o outro na cama, coçando-me para responder às mensagens de Aless. O jeito rústico e meio torto com o qual pediu desculpas fez meu coração palpitar. Um pouco bruto, mas achei fofo. Quase cedi, mas meu lado passional, ciumento e de autopreservação falou mais alto. Não nasci para ser corna e muito menos para ser mais uma na estatística de mulheres que aceitam ser espancadas por seus companheiros.

Há momentos na vida em que chegamos a uma encruzilhada. Deparamo-nos com escolhas impossíveis. Devemos seguir em frente ou voltar? Qual caminho é o certo? Como saber que não nos arrependemos da

escolha?

Dizem que o nosso corpo sabe das coisas antes do que nós... E o meu me traiu a noite toda. Ficou pedindo por Aless. Ignorei esses sentimentos confusos e me agarrei à razão. Em minha opinião, Dark é tudo de bom... O homem mais honrado e gostoso. O cara que mais mexeu comigo na vida, mas essa coisa de espancar é demais. Simplesmente não dá.

Para fugir da senhorinha grisalha, que descobri se chamar Trentini, decido ir ao banheiro da recepção. Ela não para de me olhar. Aposto que ainda tenta entender como eu pude subir para o quarto e depois reaparecer na porta do hotel. Sorrio sozinha da agonia dela, antes de entrar no amplo banheiro reformado e todo em mármore claro.

Alivio-me e tento dar um jeito na cara.

A porta range, olho pelo reflexo do espelho.

Cazzo! Cazzo! Cazzo!

Tento disfarçar uma onda de tremor e raiva e continuo a lavar as mãos calmamente.

Respiro fundo.

— O que está fazendo aqui, Amelie?

Ela parece furiosa, seus olhos negros pegam fogo em minha direção.

— A Sra. Trentini disse que veio para cá. — Sua voz rouca está irritada. — Acabei de conversar com Kai. Recadinho de merda aquele seu. — Seu tom é ácido. — Quero meus arquivos agora! — grita.

Droga, Kai, você deveria ter dito que destruímos ou demos a alguém!

— Nunca! — Devolvo a gentileza no mesmo tom. — Se eu souber que tentou chegar perto do Kai ou do Dark de novo, juro que mando tudo

para o *New York Post*. — Dou alguns passos para trás para me manter segura.

— Isso é uma ameaça? — Ela chega mais perto.

Afasto-me mais, minha respiração fica pesada.

— Não, um fato!

— Cuidado, nanica, está brincando com fogo! — Bate com força na bancada da pia.

Sobressalto-me. Meu coração acelera e minhas mãos suam frio, mas recomponho-me e tento ser firme.

— Não estou brincando.

— Nem eu... — Seu sorriso é maquiavélico. — Pode se machucar feio. Devolve as porras dos meus arquivos.

— Vai fazer o quê? — Tento me mostrar segura. — Me bater também? Os arquivos estão em um lugar seguro — minto rezando que ela não resolva examinar a minha bolsa. — É só não se meter mais com eles, que não denuncio o seu segredinho sujo.

— Está me chantageando, vadia?

— Não é disso que gosta, chantagem. — Sorrio petulante.

— Juliet, Juliet... — Balança a cabeça de um lado para outro quase em transe. — Deixa te contar um segredinho, eu até gosto... de bater em umas gatinhas... Pena que você não faz o meu tipo. Fraquinha demais. Então, não me faça perder tempo e me dê a bosta do *pen drive*!

Acho graça, as pessoas sempre me julgam pela aparência delicada. Nem imaginam as horas e horas de treinamentos rigorosos a qual sou submetida.

— Será que sou tão fraquinha assim? Eu não estaria rindo no seu lugar.

— É claro que não estaria — gargalha. — Nunca estará no meu lugar. Essa é a nossa diferença. Eu satisfaço os homens! — Passa a língua grosseiramente nos lábios. — Dark já gozou muito por minha causa.

Respiro fundo e tenho que me controlar para não agarrar o vaso com rosas, sobre a bancada, e tacar na cabeça dela.

— Satisfaz? É mesmo? Deixando que te batessem? Isso é doentio! Você se aproveitou de um momento de fraqueza daqueles homens para alimentar sua tara doentia! — berro.

— É o que acha? — Franze o cenho parecendo se divertir.

Minha expressão fecha demonstrando que não só acho, como tenho certeza.

— É óbvio! Dark só ficou com você porque não sabia como extravasar a raiva. Sua... Seu saco de pancadas de três metros.

— Saco de pancadas? — gargalha mais forte. — Dark nunca encostou um dedo em mim. Uma pena! — Finge decepção. — Pedi tanto, mas ele tem princípios demais para agredir uma mulher.

Hã?

Não bateu?

As palavras dela fazem meu cérebro entrar em curto-circuito. Fico boquiaberta por alguns segundos.

— Ele... não... não... te batia? — gaguejo sem acreditar no que acabo de ouvir.

— Infelizmente, não. Qual é a surpresa? — Ela se irrita e fica me encarando. — Mas tudo bem, sempre o quis de qualquer jeito. Ele é especial. Aquele pau poderoso em minha bunda era delicioso! Duro, sujo, com raiva... Do jeitinho que eu gosto. Lembro até hoje os urros dele gozando em mim.

Estou louquinha para repetir.

— *Dio mio!* Você é doente! Cala a boca, ordinária! — Estou em parafuso, aliviada, mas ao mesmo tempo com ódio.

— Doeu saber? — Amelie faz uma pausa e volta a se aproximar de mim. — Que... eu e Dark vamos além dos meus joguinhos? Paciência, né, Juliet, vai ter que entubar essa.

— Mas... mas... eu vi o chicote!

— Gostou dos vídeos? Te excitaram? Aquele dia foi inesquecível, me lambuzei! — vibra. — Vê-lo bêbado, fora de si e vulnerável. Cheio de dor... Sabe, eu fui a única capaz de fazê-lo esquecer do inferno que havia na cabeça dele!

Meu estômago revira, me controlo para não vomitar.

— Você é um monstro!

Seu rosto se transforma em pura satisfação doentia. O ar ao nosso redor fica denso.

— Amei cada chicotada, cada gota de sangue que tirei dele!

As palavras e o jeito dela falar me fazem perder o controle. Não sei o que as convenções sociais dizem sobre o comportamento esperado diante de uma mulher como ela. Decido resolver à minha maneira.

— Quem vai tirar sangue, sou eu! Girafa vampira!

Como um raio inesperado, parto para cima e acerto um soco de direita no olho dela. Agarro seus cabelos com uma mão. Tomo na cara e revido. Sempre fui boa de briga. Tive que aprender a me defender ou passaria a adolescência apanhando dos meus irmãos.

— Sua italiana louca!

Amelie me empurra. Ignoro, estou fora de mim. Volto com tudo para

cima dela.

Com o impacto, ambas caímos no chão frio do banheiro, bato a cabeça. Gemo de dor. Ela grita todos os palavrões do mundo e tenta me acertar. Sou mais ágil e monto nela. Estapeio, mordo e arranho... Levo várias pancadas.

— Nunca mais chegue perto de Dark!

— Quem vai me impedir? Vagabunda!

Cravo as unhas em seus braços. Nem sei por que, mas faço!

— EU VOU! E vagabunda é você, sua girafa de quinta categoria! — esbravejo e ela arranha meu pulso. — PORRA! — grito de dor enquanto a Girafona se debate embaixo de mim.

Em um movimento rápido, que aprendi no treinamento de autodefesa, prendo os braços dela com os meus joelhos. Quase sem ar e com meu corpo em chamas, início uma sequência de tapas na cara.

— Isso é por cada gota de sangue que arrancou dele, sua puta!

Dou mais um tapa.

— E esse, por beijar uma boca que não te pertence!

Mando mais um tabefe.

— Esse outro, pela chantagem, sua mau-caráter!

O rosto dela vira de um lado para o outro com a violência dos meus assaltos. Estou toda descabelada, vermelha, suada e a alça do meu vestido arrebenta.

— Puta é você! Dark vai te usar e jogar fora! — vocifera e consegue se soltar.

Começamos um verdadeiro MMA no chão do banheiro. Estou cansada, ela começa a levar vantagem e me atinge com um tapa ardido na

bochecha.

Um estrondo estoura atrás de mim. A porta bate com violência contra a parede

— PUTA QUE PARIU! BAIXINHA! — A voz grave e dominante ecoa.

Merda! Dark!

Sinto suas mãos firmes me laçando pela cintura e me suspendendo no ar. Esperneio, chuto e mordo-o.

— Caralho, isso dói! — ele grita.

Tento voltar para a batalha.

— Calma, Baixinha! Acabou! Você está bem, minha maluca? — Dark tenta me acalmar, tampa com a mão o meu seio quase exposto enquanto seus olhos estão fixos em Amelie.

— Me deixa, Aless. Eu sei me defender! — insisto, tento me soltar dele, que não me larga.

— De jeito nenhum! Vai se machucar!

Com uma mão, segura as pontas da alça do meu vestido. Os olhos de Amelie se arregalam, ela está ofegante no chão, a blusa que usa está rasgada e o rosto em petição de miséria.

— Já disse que sei me defender! Essa girafa batedora precisa aprender uma lição! — grito de novo.

— Qual? A de que não se mexe com Juliet Damaggio? — Dark especula.

— Essa mesma! — afirmo com a veemência de uma leoa.

Dark ri e inclina a cabeça.

Nossa, ele está lindo!

— Baixinha, tenho certeza de que essa ela já aprendeu. E não vai

esquecer nunca mais! — Coloca-me no chão e começa a me apalpar avaliando os danos. Tira a camiseta preta que está usando e começa a vestir em mim.

— Não quero! — protesto. — Me deixa!

— Não tem que querer! Veste essa porra!

— Estou bem assim!

— Juliet Damaggio, seu peito está quase para fora! Caralho! Daqui a pouco isso aqui vai estar cheio de gente!

— Não!

— Veste! Porra!

Começo a chorar de raiva, visto a camiseta e ele me abraça, me ninando como uma criança.

— Boa menina... Shhh... Sei que sabe se defender. Estou vendo o estado dela e o seu. Passou!

Beija minha cabeça e toda a raiva que tenho dele começa a diminuir. Saber que ele nunca a agrediu é um alívio. Ser abraçada com tanto carinho quebra as minhas barreiras.

Dois homens vestidos de policiais entram e levantam Amelie. Na sequência, Kai aparece. Ele tem um hematoma na boca e está todo amarrotado. Olha de canto de olho para Dark, como se esperasse outra surra. Volto-me para Aless, que levanta os ombros assumindo a culpa.

Cazzo!

Meu Deus, coitado do Kai!

Dark não podia ter batido nele sem motivos!

Ciúmes não levam a nada!

— Não devia ter batido em Kai! Isso é loucura. — Olho para ele e

minha boca fecha em uma linha rígida.

— Ele não deveria querer o que é meu.

— Ele não me quer, Dark! E eu não sou sua!

— Isso a gente vai ver daqui a pouco!

— *Dio!* Kai foi um cavaleiro! Dormiu no chão!

— Soube disto depois!

— Não pode sair por aí batendo nas pessoas por ciúmes!

— Olha quem fala! — Parece se divertir. — Mas... não se preocupe; se o maquiador for bom, ele poderá voltar a filmar em alguns dias.

Sacudo a cabeça em desacordo.

— Não bati na Amelie por ciúmes!

— Ok. Nem eu bati nele por esse motivo. Só achei que estava muito pálido. Fui bacana, coloquei uma corzinha na cara de otário dele!

— Troglodita!

— Esquentadinha!

— Hum-hum, senhores! — diz um dos policiais.

— Seu... Seu...

Um apito alto me impede de continuar. Só então me dou conta de que esqueci que existem outras pessoas no banheiro. Sorrio e parecem não acreditar na ceninha que Dark e eu acabamos de protagonizar. Amelie nos olha com raiva e Kai está encolhido apoiado na parede, bem longe de Dark.

— Ainda tenho uma macarronada para comer... Minha esposa não vai ficar muito satisfeita se eu me atrasar, por ter que apartar a terceira briga da manhã! — Um senhor gordo e com um grande bigode branco e um uniforme, uns três números menor do que ele, nos interrompe.

— Desculpe, mas o Alessandro... — tento me justificar.

— Psiu! Nem mais um piu, senhorita! — Ele levanta o dedo e me calo, emburrada. — Meu colega tem que fazer o trabalho dele!

— Quem começou a briga? Precisamos ir à delegacia resolver o imbróglio — outro policial parrudo e baixinho, parecido com Danny DeVito, pergunta ajeitando o uniforme.

— Fui eu, seu polícia! — Lanço um meio sorriso culpado, ainda emburrada.

— Você? — Mede-me de cima a baixo e vira para a Amelie, que está se limpando na pia. — Quer fazer uma denúncia, senhora? — ele indaga.

Amelie fica em dúvida, depois lança raios mortais na minha direção e de Dark.

— Isso é mesmo preciso, Felipo? — Dark tenta intervir.

— Tenho que pôr ordem nesta cidade, Alessandro! Primeiro, você e o rapaz se atracando na rua. Agora, essa luta de gel no banheiro. A senhora Trentini quase enfartou. A doutora Pam está lá na recepção, tomando conta da pressão arterial dela. Por sorte, não quebraram nada no hotel.

— Eu não me importo de ir à delegacia, senhor — blefo, sou ótima no pôquer. — Assim esclarecemos o motivo da briga de uma vez por todas.

Dark me aperta e Amelie me fuzila. Seus lábios se contraem e eu cruzo os braços.

— Então está decidido. Todos para a delegacia já! — O policial ordena.

Oh, Madre Santissima!

Congelo com a ordem do policial.

Cazzo!

Meus blefes não costumam falhar!

— Não! — Amelie se exaspera e eu solto um suspiro de alívio. — Nada de delegacia, não pretendo fazer uma denúncia. — Olha para mim, atônita, e depois para Dark e Kai. — Nos desentendemos por ciúmes, apenas isso. Briga normal de duas mulheres disputando o mesmo homem.

— Não estou disputando nada! — grito e me afasto de Dark, Kai sorri.

— Não há nada para ser disputado aqui, Amelie. — Dark passa o braço em meu ombro, me trazendo para perto.

— Mas... Mas disse que não estava trepando com ela! — A Girafona fica inconformada.

— E não estou. Assim como já disse que não estou interessado em você. Seria melhor para todos nós que se conformasse. Pare de se humilhar, mulher! Será que, mesmo depois de anos sendo rejeitada, ainda não conseguiu entender? Vou ter que ligar para o seu editor e fazer uma denúncia formal por assédio? É isso que quer, Amelie?

— N-não — ela gagueja tentando ocultar a raiva e depois alcança os sapatos e a bolsa jogados no chão.

— Ótimo. Então não há mais nada para você aqui em Bolgheri — Dark decreta.

— Mas... Mas... as filmagens. Prometi para o editor uma exclusiva com Kai.

— Amelie... — A voz suave de Kai ecoa pela primeira vez no banheiro. — Qual parte do esqueça que eu existo, não entendeu? Não haverá entrevista para você. Já disse isso! Se insistir, posso me juntar ao Dark na denúncia contra assédio!

— Vocês... Vocês me pagam! Não se esqueçam de que eu sou uma

jornalista de prestígio! Tenho o poder da mídia!

— Acho que não mais! — Dark ri com desdém. — Providencie a cópia da matéria antes de publicar. Eu e meu advogado vamos dar ok, antes que qualquer linha seja impressa.

— Nunca! — esbraveja calçando os sapatos. — A liberdade de imprensa está do meu lado!

— Não tem escolha, Amelie. Antes de aceitar a entrevista, Francesco fez o seu editor assinar, em seu nome e do jornal, um termo de compromisso sujeito à queixa-crime. — O queixo dela cai. — Não deveria sair por aí dando procurações para que terceiros assinem em seu nome. Agora vá! Saia enquanto lhe resta um pouco de dignidade.

— Melhor se retirar, senhora — O policial líder, com um jeitão de Leôncio, diz com uma cara de *“para-que-está-feio”*. Em seguida, segura Amelie pelo braço, indo em direção à porta.

— Me solta, seu baleia! Eu odeio vocês! Se merecem!

Amelie sai apressada deixando um rastro barulhento de seus saltos, batendo violentamente contra o chão.



13.1

Até que enfim

Ficamos reunidos na área externa, em frente ao hotel. Desconfiada e sempre alerta, mantive uma distância segura de Amelie. Pam montou, com a ajuda da Sra. Trentini, um cantinho para nos examinar.

Os policiais foram embora comer suas macarronadas. Algumas pessoas curiosas se aglomeraram na calçada, ávidas para saber detalhes sobre a manhã de guerra no hotel e conseguir um autógrafo de Kai. Irritado e ansioso, Dark me puxou para um canto florido próximo à entrada do jardim dos fundos, enquanto Pam terminava de medicar a Sra. Trentini.

Não esbocei resistência, afinal nós tínhamos um caminhão de coisas para acertar. Meses de pendências mal resolvidas. Tesão reprimido. E um monte de regras pessoais, que iam contra tudo o que vinha acontecendo.



Tento me manter firme e não olhar para o peitoral nu na minha frente. Uma imagem abusiva e de aparência tão tentadora.

Dio!

Madre Santissima!

Este homem desperta a tarada que há em mim!

Esforço-me para ignorar os olhos extraordinários, as mãos quentes e a boca macia e lasciva de Dark. É muito difícil ver meu doce preferido diante de mim e ter que resistir à tentação de passar o dedinho ou dar uma lambidinha.

— Passei uma das piores noites da minha vida, Juliet! — O olhar verde e perfurante transparece a agonia que diz ter passado.

O cheiro masculino e o perfume que, exalam de sua pele exposta, está começando a fritar os meus miolos.

— A minha também não foi das melhores — murmuro.

— Você é muito maluca, sabia? Como foi fazer essa loucura, invadir o quarto de Amelie e depois sair no tapa daquele jeito? Podia ter se machucado feio.

Eu sei que a situação é séria, dramática até. Mas tenho a atenção difusa e estou ficando desconcertada. A língua de Dark se movendo dentro da boca delícia é muita tentação para alguém como eu... Cheia de desejo e necessidade. Estou quase hipnotizada.

— Ela te beijou de língua? — pergunto.

— O quê?!

— A língua, essa... aí na sua boca... ela chupou? — digo apontando.

— *Dio*, Juliet! Não! — Ele me olha sem entender. — Quando tentou encostar a boca na minha, saí fora na hora! Não desvia o assunto. Estou falando sério, por que fez aquilo, Juliet? Se arriscou demais!

— Ah! — Pisco algumas vezes tentando afastar a imagem da língua dele. — Só pensei em acabar com o domínio dela sobre vocês. Fiquei revoltada com as coisas que o Kai me contou.

— Ele não deveria ter dito nada, é passado. Colocou você em perigo!

Dark pega minha mão, pressionando-a entre as dele. Uma quentura começa a subir pelos meus braços.

— Ele... Ele... falou dele. Por isso estava escondido no escritório. —

Tento ignorar o calor e me concentrar na conversa. — Tinha acabado de brigar com Amelie e se esquivado da tentativa de beijo dela. — Levanto os ombros, me desculpando por antecedência. — Eu quem deduzi que ela fazia o mesmo com você. E... e... a ideia toda foi minha, praticamente forcei Kai a vir comigo.

— Não duvido que a ideia tenha sido sua! Conheço sua inteligência e poder de persuasão — soa desgostoso. — Sorte que meus exames do coração estão todos em dia! — Olho para o ponto em seu peito, onde fica o coração e salivo. — Acredita agora, que não sou esse filho da puta que imagina que eu seja? Que jamais ficaria com outra mulher depois do dia que tivemos? — A imagem dele me chupando explode em minha mente. — Não estou mentindo quando digo que quero você.

Suas palavras me levam para um mundo de luxúria. Saio do meu corpo por alguns segundos.

— JULIET!

— Hã? O quê?

— Está aí? Ouviu o que eu disse?

Sacudo a cabeça, estava no momento no qual me lembrava dele enfiando os dedos grandes dentro de mim.

— Desculpa — sussurro aturdida.

— Pelo quê?

— Por te julgar.

Um grunhido angustiado escapa da garganta dele. E um arrepio percorre a minha espinha. Amooo esses sons masculinos e brutos que faz.

Suas mãos seguram o meu rosto. Daria tudo por um beijo agora.

— Juliet, presta atenção! Passamos tanto tempo juntos, mas sabemos

tão pouco um sobre o outro. Também tive dúvidas, não preguei o olho esta noite. Quase enlouqueci imaginando um monte de merda. Estava com um cara e, para piorar, não respondeu às minhas mensagens.

— Eu sei... Eu sei, mas se coloca no meu lugar. Te vi com ela aos beijos, depois descubro que é uma espécie de sádico que curte espancar. Fiquei assustada.

— Se me conhecesse melhor, saberia que eu jamais faria uma coisa dessas. Tenho mãe, irmã, amigas. Posso ser um tarado sem limites, gostar de uma foda sacana e selvagem... — diz e minha imaginação voa. Foda sacana e selvagem? *DIO! Quero muito tudo isso!* — Mas minhas preferências de foda não têm nada a ver com Amelie. Minha natureza é voraz, jamais vou ser um cara calminho na cama. — *Grazie a Dio! Odeio tédio!* — Mas nunca vou desrespeitar ou ferir uma mulher. Nunca! Não sou um espancador pervertido e sádico!

— Ah! Você... tem razão, envergonho-me de ter pensado que seria capaz daquilo. — Tento manter a concentração e o foco nos olhos dele. — Gosto do seu jeito safado — sussurro e os olhos dele iluminam.

Dark inclina em minha direção.

Não, Juliet, não pense no pau dele!

Imagine a fome no mundo, as pragas da Bíblia!

Espalmo as mãos no peito musculoso, barrando-o.

— Acho que... — prossigo e busco o ar — nós precisamos mesmo resolver essa questão de não nos conhecermos bem. Talvez eu não tenha lhe dado muita abertura.

Dark parece surpreso.

— Gosta de mim safado? — Confirmo e ele não esconde um sorriso de satisfação. — Que bom que sabe que me dá zero de abertura. Cacete de

mulher! Toda vez que tento me aproximar, você se afasta mais!

Reviro os olhos.

— Também não exagera, digamos que seus métodos mal-humorados de aproximação não sejam muito hospitaleiros.

Ele inclina a cabeça para o lado e franze as sobrancelhas como se ponderasse algo.

Cazzo de homem lindo pra caramba!

— Sei que tenho um temperamento difícil. Sofro desse problema há trinta e um anos. Mudar eu não prometo, mas vou tentar manejar.

— E eu vou tentar me abrir mais — afirmo resignada.

Um sorriso lascivo, malvado e tentador ilumina seu belo rosto. Dark chega bem pertinho do meu ouvido.

— Não tem nada que eu queira mais, do que ter você toda aberta para mim.

— *Dio!* Você não presta, Aless. Não tem um pinga de limite.

— Não mesmo.

Puxa-me pela cintura, contorna o prédio e me arrasta para trás de uma cerca viva do jardim dos fundos. Olha para os lados. Pressiona minhas costas contra a primeira parede que encontra.

Enlaça meus cabelos, segurando-os com firmeza. Minha cabeça inclina para trás. Contorço-me com expectativa e minha respiração acelera.

— Aless, não! — protesto e sua boca fica próxima da minha orelha, sinto sua respiração pegar fogo no meu pescoço.

— Quietinha! Quero te agradecer por ter brigado por mim — sussurra e seus dentes puxam o lóbulo da minha orelha. Penso, mas desisto de falar que não briguei por ele. Solto um gemido. — Quão dolorida você está?

Dark passa a palma da mão em minha bochecha rosada pelo tapa que levei. Fecho os olhos por um segundo, aproveitando a sensação. Seus dedos se movem carinhosamente.

— Parece bem pior do que é! — respondo ofegante.

— Dói aqui? — Os olhos dele brilham cheios de admiração enquanto toca os meus lábios.

Quase perco o fôlego.

— Não.

— Ótimo.

Ele me cobre de beijos, desde o meu pescoço, até a extremidade do meu ombro. Ao longo do percurso vai murmurando:

— Tive orgulho de você. Quase morri de tesão vendo como é boa de briga. Você é demais! Me deixa louco, putado e faminto...

As palavras sussurradas na voz grossa e modulada dele me inebriam. Minhas mãos saem de suas costas e agarram seu pescoço.

— Aless! Não podemos — digo hesitante, mas cheia de luxúria.

— Shhh, Baixinha... Agora vou me contentar com um beijo, mas depois quero me meter dentro de você. — Suas palavras são suaves e quase camuflam o teor erótico e excitante.

Ele coloca uma mão na minha cintura. Com a outra, prende a minha nuca, pressionando-me ainda mais contra ele. Toda raiva, toda dúvida e qualquer pensamento sensato evaporam quando gruda nossas bocas. Meus joelhos falham. Dark me segura com força e sua língua começa a trabalhar dentro da minha boca. Tento chupá-la, acariciá-la com a minha. Gemidos involuntários saem das nossas gargantas. Fico ofegante e totalmente excitada.

O beijo dessa vez é mais gentil, como se ele não quisesse me

quebrar. Seus lábios são doces e suaves comigo. Diferente da fúria dos beijos anteriores, este é menos selvagem, mais sensual. Molhadinho, quente, com mordidas e chupões suaves e provocantes nos meus lábios. Suas mãos passeiam por meu corpo. Uma delas alcança meu seio, massageando o bico durinho. Uma onda de sensações vai direto para o meio das minhas coxas, inundando a minha calcinha.

— Aiiiii, Aless! — gemo em sua boca.

Ele se afasta interrompendo o beijo. Protesto, ainda com os olhos fechados e os lábios entreabertos.

— Temos que voltar, Baixinha — sussurra encostando nossas testas. — Minha vontade de te foder agora é maior do que tudo. Mas, como disse, sou safado, não canalha. Aqui não é lugar e nem hora para isso. — Sorri.

Atraída pelo som, abro os olhos.

Cazzo!

Pisco, pisco... pisco. Dark me atordoa tanto, que me esqueci de que estamos quase na rua. Protegidos apenas por meia dúzia de arbustos que fazem a cerca viva do jardim.

— Aless, o que faz comigo? Perco o controle quando estou com você!

— O que faço, não sei... Só sei o que quero fazer — diz recuperando o fôlego. — Também perco o controle... Fico do mesmo jeito. Agora venha, quero que Pam dê uma boa olhada em você. Preciso me certificar de que tudo está inteiro e no lugar.

— Estou bem, Aless. Não podemos simplesmente ir para casa e conversar mais.

— Já, já.

Quando voltamos para a frente do prédio, sob os olhos curiosos de todos, não consigo desfazer o sorrisinho de satisfação no rosto. A cena é no mínimo curiosa, um gigante meio suado, ofegante e sem camisa, e ao lado uma baixinha descabelada, com cara de tarada.

Meu humor, que já está quase bom, fica bem melhor quando descubro que Amelie vai do hotel direto para o aeroporto de Pisa. Depois, piora um pouco e fico irritada. Os olhos assanhados das moças, que passam na rua, me põem em estado de briga novamente. Quase não consigo ficar parada durante a sessão de curativos e broncas da doutora Pam. Não que eu tenha alguma coisa com isso, elas que olhem para onde quiserem. Não me importo, mas...

Cazzo! Nunca viram um homem sem camisa antes?

— Tem certeza de que ela está bem, Pam?

— Sim, Aless. Fora os arranhões no pulso e um hematoma aqui e outro ali. Perfeitamente bem!

— Alguma recomendação, Pam? — Dark devora meu corpo. Coro.
— Evitar esforço físico excessivo?

— Nenhuma, só não se meter mais em brigas. Juliet, você é uma fábrica de hematomas e contusões!

— Prometo me comportar. — Levanto-me irritada.

— Opa! — Os olhos de Dark ampliam. — O que está fazendo? Pode ficar com essa camiseta onde está, Juliet!

— É sua, não acho justo que fique sem. Está esfriando.

— Está trinta graus! — Segura a barra da camiseta, impedindo-me de tirá-la. — Estou bem assim... Com você coberta e seus peitos longe dos olhares dos outros.

— Por que eu tenho que tapar meus peitos e você pode ficar se mostrando por aí? Aquelas mulheres estão incomodadas! — Aponto meu queixo para o outro lado da rua e Dark o segue com o olhar.

— Acho que incomodadas não seria a melhor palavra, Baixinha! Pensei que não fosse do tipo possessiva.

— E não sou. Só acho indecente e desnecessária toda essa exibição pública. Bolgheri é uma cidade familiar! Não está em Ibiza!

— Hum-hum... Acha é? Indecente ou irresistível? É só me pedir, com jeitinho, que pego outra camiseta no carro e visto na hora.

— Não vou pedir. A vida é sua... Seu corpo, suas regras! Se quer virar peça de museu e ficar expondo por aí, o problema é teu.

— Posso fazer o que eu quiser que não liga?

— Pode.

— Qualquer coisa?

— Sim.

— Tá bom!

Meus olhos crescem para a sua virilha.

— O que está fazendo, seu maluco? Fecha esse zíper... Sobe essa calça... ALESSANDRO! Seu... Seu... Vai pôr a merda da camiseta logo!

— Está vendo, Pam? Juliet está louca por mim. Pena que é orgulhosa demais para confessar. Prefere camiseta branca ou cinza, amor?

— QUALQUER UMA! VESTE LOGO ESSA DROGA!



Satisfeita com Dark devidamente tampado e com meus arranhões sob controle, sento-me em uma das mesas e beberico um *Ice Tea* que Aless

me trouxe. A doutora Pamela cuida profissionalmente de cada marca que deixei na bandida. Fico feliz em saber que o olho roxo vai demorar algumas semanas para sarar por completo. E que o estado dela está bem pior do que o meu.

Posso ouvir de longe os gritos histéricos do editor quando Amelie liga explicando a situação, pedindo remanejamento da passagem. E mais feliz ainda quando Pam diz que o inchaço na boca de Kai estará imperceptível na segunda.

— Juliet, agora que terminamos por aqui, que tal agirmos como dois adultos civilizados e irmos para casa ter aquela conversa?

— Não terminamos por aqui ainda, Aless! Mas concordo com o agirmos como adultos. — Olho em direção à mesa dos curativos. — KAI... KAI! Depois vem aqui, por favor! Dark tem uma coisa para falar para você!

Kai faz um gesto de positivo com a mão, meio a contragosto.

— Dê a ele cinco minutos, Juliet! — Pam grita. — Deixe-me terminar primeiro. Este rostinho lindo tem que estar perfeito para as filmagens.

— Porra, Juliet! O que pensa que está fazendo? — As palavras saem apressadamente de Dark, numa mescla de indignação e ansiedade. Suas mãos vão parar imediatamente em seus cabelos enquanto alguns xingamentos saem de sua boca.

— A coisa certa! Kai é um cara realmente gente boa.

— Eu não vou...

— Não vai? Quer conversar comigo?

— Quero muito! Mas isso não... Não vou me desculpar.

— Foi injusto com Kai! Ele passou por coisas muito pesadas e

superou. Foi um cavalheiro comigo. — Levanto a vista para encará-lo, séria. — Ou é isso ou... nada de conversinha honesta. E... muito menos... nada de... eu me abrir com você.

Dark levanta uma sobrancelha e seus olhos brilham indignados.

— Caralho, Juliet! Não brinca com coisa séria. Que eu saiba, a chantagista aqui é a Amelie!

Fico na ponta dos pés e deposito um beijo na bochecha barbada.

— Nunca brinco com aquilo que eu quero, Aless. Só acho que deve realmente desculpas a ele.

Acho fofo que, mesmo bravo, Dark se segura e mantém a linha, quando Kai se aproxima. Posso sentir a tensão entre os dois. Um é o oposto do outro. Aless é bem mais alto e forte e tem esse jeito rústico e turrão. A própria expressão da masculinidade. Um bad boy sensível, tamanho gigante, capaz de fazer qualquer mulher perder a cabeça. Já Kai, tem um tipo príncipe encantado. Suave, loirinho e que deve deixar as joventinhas do mundo molhadinhas.

Os dois ficam se encarando. Aless respira fundo e solta o ar. Por um momento, acho que ele vai dar as costas e ir embora. Nossos olhares se cruzam, mas não digo nada. Preciso que parta dele. Se eu posso passar por cima do passado dele, ele que faça o mesmo. Existem muitos mais homens em minha vida do que mulheres. Então, se Dark está disposto a ter um lance comigo, é bom ir se acostumando. Não sou do tipo de mulher que abre mão dos amigos por homem nenhum.

O par de olhos verdes encara o par de azuis.

— Desculpe pelo soco, cara. — Finalmente, Dark estende a mão em sinal de paz.

Kai aceita e ambos apertam as mãos.

Solto o ar.

— Não tem problema, no seu lugar eu faria o mesmo. Não são uns roxos que irão prejudicar as filmagens.

Dark abre e fecha a boca, como se buscasse as palavras certas.

— Juliet me disse que foi um cavalheiro com ela. Que se tornaram amigos.

— Espero que sim. Claro, se não se importar. — Um sorriso cauteloso surge nos lábios inchados de Kai.

— Se continuar sendo esse cavalheiro, não me importo — Dark fala soberano, como um rei que está fechando um acordo de paz para evitar uma guerra.

Meio sem graça, Kai concorda com os termos cavaleirescos. Tenho vontade de me meter, mas me contenho. Dark, mesmo do jeitão torto dele, está mandando bem. Humildade e bom senso sempre são bem-vindos.

— Minha irmã deve chegar em breve para as férias de primavera... Costumamos fazer um churrasco — Dark diz surpreendendo-me. Olho para ele, não sabia de nenhuma destas duas informações. Ele sorri para mim, sem disfarces, mostrando que está realmente se esforçando. — Te ligo pra avisar o dia certo. Será bem-vindo, cara!

O gesto de Dark me comove. Só percebo que Kai está prendendo a respiração quando ele solta o ar aliviado. Olha para mim, meio que para se certificar de que não é uma piada de Aless. Levanto os ombros, sorrindo.

— Uauuu, *man*! Claro! Porra, você me surpreendeu agora! Obrigado pelo convite. — O celular de Kai toca, ele faz uma careta. — Tenho que ir, é a décima vez que o produtor executivo liga. Vão pensar que eu desisti do papel. — Concordamos com ele e nos despedimos. — Em breve, então! — grita, já próximo do jardim, onde a moto alugada está estacionada.

— E agora, Baixinha? — Dark me encara com ansiedade e intensidade. — Será que podemos, finalmente, deixar os outros de lado e focar na gente? Ou tem mais alguma missão impossível para mim?

Bufo divertida e dou uma cotovelada nas costelas dele.

— Não... Por ora, estou satisfeita. Sou todinha sua agora!

— Caralho! Até que enfim.



— **Se quiser jogar** fora, tudo bem. — Dark abre um meio sorriso enquanto dirige na estrada de ciprestes. — Deixei o carro no sol, não imaginava que demoraria tanto a te entregar.

Olho novamente para o buquê de flores do campo, mortas, que seguro. Elas descem em uma cascata pelo meu braço, como gotas de um sorvete de casquinha derretidas.

— São lindas, Aless, só precisam de um pouco... d'água. — *Ou de um desfibrilador*, penso, mas não digo. A decepção estampada no rosto de Dark está de dar dó. E convenhamos, ele se esforçou. Disse que colheu pessoalmente as flores no caminho.

— Flores secas duram a vida toda e o mais importante é a intenção. — Tento incentivá-lo, mas a careta que faz denuncia que estou no caminho errado.

Poveretta! Stai Zitto^[60], Juliet!

Fecha essa matraca!

Recriminio-me mentalmente. Quando fico nervosa tenho tendência a falar bobagem.

E, estranhamente, estou um pouco apavorada aqui. Dentro do carro com Dark, indo ter aquela conversa. O problema é que me fechei tanto que não tenho esse tipo de diálogo com alguém há setecentos e doze dias. Uma coisa é na hora da excitação, quando você está enlouquecida de tesão. Outra é

aqui e agora, sem nenhum estímulo físico, pensando se depois de tanto tempo voltei a ser virgem.

Culpa da Myriane Retello! Amiga da minha mãe, que jurou que isso aconteceu com ela. Disse que o hímen dela se reintegrou. Juro! Como um milagre. Sempre achei que fosse mentira dela para esconder a solteirice. Mas, vai que... não mentiu. Se ela for um desses casos raríssimos da ginecologia...

E se eu for um desses casos?

Madonna mia!

A virgindade pode ser balela da Myriane, mas e se a minha coisa toda aí embaixo atrofiou?

Acontece isso com os músculos que não são exigidos. E só Deus sabe como não tenho exigido nada por lá! Se atrofiou mesmo, não vai esticar o suficiente e o negócio do Aless não veio ao mundo a passeio.

E se o pau dele não entrar, se entalar e ficar preso?

Dio! Cristo!

Estou como uma adolescente aqui! Nunca tive um homem tão bem-dotado na vida! Nem consegui enfiar seu pau todo na boca! E olha que falo pelos cotovelos, não tem nenhum músculo atrofiado na minha boca!

Respiro e inspiro, baixinho, para ele não perceber o meu desespero. Foco minha atenção, na fileira de ciprestes e flores, que passam rapidamente pelo vidro do passageiro. Se eu continuar a pensar assim, vou pular deste carro agora e sair correndo.

— Está quieta, Baixinha. Algum problema?

Sim, o tamanho do seu pau!

— Nada não. Só apreciando a paisagem. Aconteceu tanta coisa de ontem para hoje. Estou pensando o quão grande foi tudo aquilo.

— Grande — diz absorto em seus pensamentos.

— Enorme — emendo resignada.

Nunca pensei que o tamanho de um pau seria problema para mim.
Bato minha cabeça no vidro para espantar tais pensamentos.

— Está tudo bem mesmo? — Pela cara com a qual me olha, tenho certeza de que já percebeu que tem caroço no meu angu.

Desconfortável, reviro-me no banco.

— Sim... sim. Como soube que estávamos no hotel? — pergunto para mudar de assunto e porque estou curiosa sobre isso.

— Prefiro não me lembrar deste assunto. — Vejo a raiva em seus olhos e na forma como aperta a mandíbula.

— Por quê? — O enfrento e insisto.

— Me deixa nervoso. Depois eu arrebento a cara de alguém... e você achará ruim.

— Prometo não achar ruim — minto. — Estou curiosa. — Faço biquinho. — Por favor, Aless.

Os lábios dele se contraem. Pensa por alguns instantes, mas depois desembucha:

— Pam ligou, me avisando.

— E?

— E? Quer mesmo insistir nisso?

— Sim.

— E... disse que a Sra. Marides, do açougue, levou o esposo ao hospital porque o velho estava com a pressão alta. Achou que o marido estivesse delirando. Saiu para passear com o pequinês, à noite, e voltou dizendo que teve uma visão. Uma *madonna* belíssima, agarrada às paredes do

hotel, com uma bunda deliciosa quase de fora.

— Ah... E? — Fico mais curiosa.

O velhinho simpático e inofensivo chamava Sr. Marides? Tão fofinho com aquele pequinês. Não vejo motivo para o Aless ficar nervoso com isso.

— E... foi fácil deduzir. — Seu olhar é puro desgosto. — Quem eu conheço que reúne esses requisitos? Escalar, calcinhas minúsculas, propensão a ter sua bunda deliciosa exposta e ser uma encantadora de velhinhos carentes e cachorros? Quem, Juliet? Quem usa uma porra de uma calcinha *TÃO* minúscula para executar exercícios de escalada?

Eitaaaa que a situação complicou para o meu lado!

Noto que as veias do pescoço dele estão saltadas, então resolvo ficar quieta.

— Se meu pau se contorce só de imaginar a cena, imagina o do coitado do velhinho? Porra! Juliet! Porra! Porra! Porra! *Maledire!* — Ele bate a mão contra o volante. — Você quer o quê? Me enlouquecer? Me matar do coração? Me transformar em um *serial killer* de velhinhos? *Dio Santo!* — Levanta as mãos, soltando o volante, e o carro balança. — No Paquistão estava vinte graus negativos! Não consigo nem imaginar você de vestidinho e com essas calcinhas no meio de trezentos tarados!

— Olha, Dark, acho que está meio que exagerando. Não estava só de calcinha. Tinha o vestido. E... estava escuro. — Tento amenizar.

Dark me dá um olhar de “*Cê-tá-de-brincadeira-comigo?*”

Congelo.

— Não estou exagerando nada, *QUERIDA* Juliet. Tudo depende do ângulo com o qual se enxerga a situação. E garanto que, pelo que o Sr. Marides contou a Pam, o dele era bem privilegiado. Usou a técnica do apoio

invertido?

— Sim. — Minha voz sai mais baixa e fina do que o miado de um gatinho recém-nascido.

Depois de uma derrapada e do carro quase sair da estrada, uma sequência de palavrões em diversas línguas explodem e Dark resolve me ignorar. Ele liga o som em uma música de harpa, sons marinhos e a voz suave de uma mulher, que sussurra algo que não consigo entender.

Ele inspira e expira uma dezena de vezes. As veias do pescoço dele voltam ao normal, à medida que sussurra as palavras junto com a mulher.

Que troço estranho.

— O que é isso? — Aponto para o som do carro, tentando quebrar o gelo.

— Meditação russa — responde seco.

Arregalo os olhos, jogo a cabeça um pouco para trás e de lado. Faço a cara de surpresa de novela mexicana.

— Não sabia que meditava. Fala russo?

Ele me olha esquisito, tentando suprimir um sorriso.

Essa meditação é boa mesmo!

— Comecei há uns três meses. Meu amigo, Katrico Kornicov, líder da delegação russa, me indicou em uma noite em que bebemos juntos no Paquistão. Falo fluentemente a língua. Passei uma temporada na Rússia para escalar o Monte Elbrus, na cordilheira Cáucaso.

— Caramba! O antigo vulcão! Sempre quis ir para lá! — Fico admirada, não é uma subida fácil. Fora o risco de ser pego por uma erupção surpresa, no meio do trajeto. — Você é um homem de muitos talentos, Aless.

— Nem imagina quantos. — Morde a boca deliciosa e depois sua

língua molha os lábios carnudos. Arrepio-me. — Meus talentos vão dos mais suaves aos mais sacanas — completa e faz uma pausa. Solto o ar. — Estou aqui, louco de vontade de te mostrar cada um deles em detalhes. Isso, é claro, se não me matar do coração primeiro.

Um calor invade meu corpo, roubando os meus pensamentos. Não consigo dizer mais nada, só imaginar quais talentos são estes.

Próximo ao portal de entrada da vinícola Bolgheri, o carro vira na direção oposta, em uma estradinha de terra, no meio da reserva do rio. Olho para ele surpreendida. Quase brigo pela mudança sem aviso na rota, mas lembro de seu estado de espírito irritado, de minutos atrás, e penso melhor.

Dark é um *Toro Selvaggio*! Já sacudi demais a capa vermelha em suas fuças por hoje.

— Eu tenho planos para nós — sussurra sem tirar os olhos da estrada. O tom de voz, profundo e hipnotizante, provoca arrepios em minha pele.

— Para onde estamos indo? — Não consigo conter a curiosidade.

— Meu paraíso particular. — Pisca quase divertido. — Lá vai poder brigar, espernear e me bater sem ter uma multidão à nossa volta.

Oh-oh, paraíso particular?

Isolados?

Tipo um sequestro?

Não sei se isso é uma boa ideia.

— Nã-não que-ro mais bri-gar — gaguejo apreensiva. — Não sei se é uma boa ideia, Aless. As minhas roupas... Preciso me trocar. Tomei um banho demorado esta manhã — informo e Dark me olha insatisfeito. *Cazzo! Homo molto geloso*^[61]! *Ciumento demais!* — O Kai me deixou sozinha no

quarto — digo rapidamente e um suspiro aliviado sai de sua boca contraída.
— Mas... tive que usar as mesmas roupas. Preciso me livrar delas.

— Não se preocupe. Providenciei tudo o que vamos precisar. Fico feliz que não esteja pensando em brigas... E que tenha tomado banho *SOZINHA*. O tipo de embate que quero ter com você é de outra natureza. E quanto às suas roupas... — Sorri de um jeito libertino. — Terei imenso prazer em me livrar delas por você. — A voz sacana ressoa em sua garganta e vibra através do meu corpo como uma ameaça velada.

Dio! Mi protegge dalla furia del toro selvaggio.

Rio nervosa. Uma fagulha de desejo começa a brotar no meu íntimo. Fico quieta e queimando por dentro. Tento me concentrar na paisagem, que fica mais deslumbrante, à medida que o carro passa vagarosamente pela estradinha de terra sinuosa e esburacada. Um cheiro de mata fresca invade o ar. Observo passarinhos cantando e borboletas voando.

Um som de água corrente aumenta a cada metro percorrido. Mais uma virada à direita e paramos em uma clareira ondulada e florida, rodeada pelas mais diversas árvores.

Uauuu!

Quando descemos do carro, o que vejo é um espetáculo. Um chalé rústico à margem do rio. A temperatura suave da mata faz meus pelos arrepiarem. A casa tem a varanda e a parte da frente envidraçadas, o restante é feito de toras de madeira e possui amplas janelas. Não é grande. Metade dela invade o território do rio, apoiada sob palafitas. Uma casa meio híbrida! Sorrio ao pensar que é bem bipolar, como Dark. Na terra e na água, iluminada pelos fogos dos raios de sol, que passam pelos cumes das árvores, e cobrem o telhado em desnível, cheio de musgo e folhas secas.

Estou de boca aberta.

— O que achou?

— O paraíso — digo embasbacada e os lábios de Dark se curvam em um sorriso genuíno de satisfação e orgulho.

Ele estende a mão para mim. Assim que toco a sua pele... *Plaft!* O choque elétrico, já experimentado, acontece.

Dio mio!

Meu coração dispara enquanto esfrego a palma da minha mão.

— Caramba! De novo!

— É... De novo.

A voz de Dark soa divertida enquanto esfrega as duas mãos nos cabelos desgrehados.

— A umidade da mata e mais o desejo reprimido... Acho que dá nisso.

Levanta os ombros, sorri e estende novamente a mão. Nada de choques, só o calor intenso de sua pele contra a minha. Seguimos pela inclinação do terreno gramado, em direção ao rio e à casa. A cada passo, minha respiração fica mais pesada e meu coração mais acelerado. Uma comichão toma conta de cada centímetro do meu corpo. Começo a ficar ansiosa e minha preocupação sobre tamanhos retorna.

Uma agitação brota da mata, ao redor da clareira. Athos e Porthos surgem como dois foguetes e com as longas caudas balançando. Quase me derrubam. Inclino-me para dar atenção a cada um deles, fazendo festinha em seus pescoços de pelo macio.

— Eles estavam sentindo a sua falta.

Dark sorri a contragosto, eu retribuo timidamente. Depois dá um comando para os dois se acalmarem. Posso jurar que ouvi Aless praguejar

baixinho algo como:

— *Toma essa, Alessandro! Pois é... Velhinhos, atores e cachorros.*

Na varanda decorada com algumas poltronas, em tom cru, e uma espécie de sofá mais largo, cheio de almofadas azuis, paramos em frente a uma porta dupla de madeira.

Assim que Dark abre, Athos e Porthos entram a todo vapor na casa, e começam uma varredura.

Enquanto espero, grudo a cabeça e as mãos na parte envidraçada da sala. Espio. Tudo é muito simples e masculino. Um grande quadrado. Logo na entrada, uma mesa de madeira rústica com oito cadeiras está posicionada em frente à bancada de uma cozinha americana simples e equipada com o básico. Os armários e prateleiras estão suspensos pelo teto. Do outro lado, uma sala com um enorme sofá em L de couro cru, em frente ao que parece ser uma lareira. Um enorme tapete felpudo e macio. Há uma porta fechada, ao lado de uma escada que sobe para um mezanino com uma imensa cama box bem no meio.

Tudo é incrível, mas o que chama a minha atenção é a quantidade absurda de flores silvestres espalhadas por todos os cantos. Frescas e vigorosas, como se tivessem sido colhidas há poucas horas.

Minha ficha cai. Mordo os lábios tentando evitar que uma lágrima escape.

Acho que alguém aqui descobriu, de uma forma meio exagerada, que eu gosto de receber flores. Busco Dark imediatamente.

Está parado na porta, em pé e com as mãos nos bolsos. Nossos olhos se fundem. Eu pisco para ele sem poder acreditar. *Tão delicado.* Meus olhos estão encharcados e encantados. Os dele, banhados em um verde-escuro intenso e cheios de excitação. Athos e Porthos saem da casa a toda

velocidade e voltam a se infiltrar na mata.

— Aless, são lindas... — Não resisto, corro em direção a ele, me lanço sobre seu corpo forte, agarro seu pescoço e enrosco minhas pernas ao redor de sua cintura.

Dio! Esse homem é bom demais pra ser de verdade!



14.1

Enlaçados

— **Uauuu, Baixinha!** — **Dark** surpreende-se e firma meu corpo agarrando meu traseiro com as duas mãos.

Tomada por emoções indescritíveis, afundo a cabeça em seu peito para esconder algumas lágrimas. De repente, tudo o que parecia errado tornou-se tão certo. Não importa o quanto minha razão grite que nós dois não podemos ser, meu coração sabe: é o Aless. Ele é o meu cara.

— Você é um exagerado — murmuro com a voz embargada. — Obrigada.

— Estas flores, pelo menos, estão vivas — sorri e sussurra em meu ouvido. — Eu vi como seus olhos brilharam quando o *Nonno* te deu o buquê. Quero que hoje seja especial.

Ah, meu Gigante... Já está sendo.

Comigo agarrada ao seu corpo, Dark passa uma das mãos em minhas costas e entra no chalé. O cheiro das flores de laranjeira domina o ambiente. Com os pés, ele bate e fecha as portas. Dá alguns passos me apoiando sobre a mesa comprida.

— Eu quero você, Juliet. — Me solta, enfia a mão no bolso arremessando celular, chaves e minha bolsa sobre o sofá.

Sem dizer uma palavra, mas com um sorrisinho malicioso, ele alcança um controle sobre a mesa, aperta e depois o arremessa também.

Tomada pela expectativa, ofego.

— Isso... É assim que eu te quero... Até ficarmos sem ar. — A voz rouca me dá o recado e os acordes de *Love me Harder*, de Ariana Grande, começam a tocar...

Me diga alguma coisa, eu preciso saber.

Então tire meu fôlego e nunca mais solte.

Se você me deixar invadir seu espaço.

Terei o prazer... lido com a dor.

Arrepio-me toda, porque conheço a letra da música.

Intimidada e ofegante pela promessa intensa de Dark, olho para o chão e só agora noto que o piso tem uma grande área em vidro incrustada nele, como um mirante que mostra o movimento da água do rio passando embaixo de nós.

Dark levanta meu queixo.

— Aless... — digo apreensiva.

— Shhh... Agora não tem volta, Baixinha.

Pega a barra da camiseta dele, que estou vestindo, puxa por sobre a minha cabeça, jogando-a no chão. Em seguida, suas mãos sobem por minhas coxas e vão até o meu traseiro. Com um movimento rápido...

— Aless!

... Estou novamente em seu colo, imprensada entre ele e o vidro grosso e gelado da parede da sala.

Meu coração retumba descompassado. Não há mais volta. Dark segura firme minha nuca e sou devorada por um beijo intenso. Nossas línguas se enrolam, se exploram e se contorcem entre si, nossos hálitos se misturam:

menta e hortelã.

Hmmm, beijo delícia!

Corro os dedos por seus cabelos e ele aperta ainda mais minha bunda. Com movimentos provocantes, esfrega-se todinho em mim e sua barba é um toque a mais, que só me excita.

Retribuo repleta de desejo. Meu corpo todo beija o dele. Contorço-me... Esfrego... Rebolo... Toco... Aperto... Arranho.

— Você é gostoso demais! — sussurro em sua boca e aperto *A Bunda* que vem povoando meus sonhos mais secretos.

— Minha Baixinha safada — murmura em meus lábios.

Ele me puxa para cima e enrolo as pernas em torno dele de novo. Meus sapatos voam longe.

Paro o beijo, para recuperar o fôlego, o encaro enlouquecida, rosno e solto o ar. Desesperada por mais contato, arranco sua camiseta, quase rasgando-a.

— Estou com fome de você! — confesso.

Nossas respirações aceleradas se confundem com a música. O suor começa a brotar em nossas peles misturando feromônios.

Ele ergue a sobrancelha.

— Então me devora, Baixinha!

Suas mãos deslizam sobre meus braços os trazendo para cima. Como as asas de um anjo, sendo abertas, os conduz até ficarem esticados sobre a minha cabeça. Uma das mãos enormes prende meus pulsos firmemente.

— *Dio!*

Arquejo quando Dark destrói a alça ainda intacta do meu vestido e a última resistência, que mantinha meus seios tampados, se rompe.

Seu maxilar contrai em um sorriso malicioso.

— Dessa vez, não vou ser tão gentil.

Desce o zíper lateral do meu vestido e rasga o tecido, me deixando só de calcinha.

— Caramba, Alessandro!

— Disse que me livraria dele por você. — Sorri e afunda a cabeça em meu peito.

Sua boca lasciva encontra meu mamilo durinho e dolorido.

— *Madre Santissima!* — grito.

Então ele... me devora... Lambe... e morde em uma sucção forte que me leva à loucura.

Insaciável, vai de um mamilo para outro. Cada nova chupada, roçar dos dentes e da barba é uma tortura deliciosa.

— Caramba de homem mais sem limites! Deixa te pegar também! — reclamo entre gemidos.

Sorri e libera meus pulsos. Agarro e arranho seus braços musculosos e tatuados. Xingo e gemo como uma alucinada, contorcendo-me sendo esmagada por ele. Querendo tudo e mais um pouco, tento alcançar o zíper da sua calça. Ele me nega. Insisto. Impossível!

Cazzo!

— Aless! Eu quero...

Sem desgrudar a boca do meu seio dolorido e pesado, suas mãos descem até a minha bunda. Ganho um aperto delicioso e possessivo.

— Bundinha mais exibida!

Ganho um tapa safado e inesperado. Eu gosto. Gemo alto. Tomo um susto quando seus dedos rasgam as tiras delicadas e fininhas da minha

calcinha.

— Aless! Eu gostava dessa!

— Eu não! — Eu o sinto sorrir em minha pele rosada e sensível.

Ele ergue a cabeça, vejo todo o pecado emanando de seus olhos verde-escuros.

— Primeiro vou te comer com isso. — Me mostra os dedos. — Depois vou te foder, como nunca fizeram na sua vida! No chão, bem ali — diz, me indicando o tapete felpudo e macio da sala.

— Ah! — É só o que consigo expressar.

Madonna mia!

O toro está sem limites!

Quase gozo só com o que diz. Ele é a fome e eu a vontade de ser comida. A certeza de que nossos desejos eróticos se completam faz minhas entranhas se inundarem de lascívia e minha pele incendiar. A respiração dele acelera ainda mais.

— Quer que seja desse jeito, Baixinha, em dois atos? — Dedos safados abrem as dobrinhas do meu sexo molhado.

Estremeço.

Aperto ainda mais as pernas ao redor de seus quadris, tentando suprimir um gemido.

— Sim... — ofego.

Um dedo entra lentamente em mim. Ele grunhe em pura satisfação. A excitação e o desejo entre nós atingem níveis altos. Meus miolos evaporam. A tortura de seu dedo indo e vindo me alucina.

— Gosta assim? Quer mais?

Confusa e extasiada, só sei dizer:

— Hum-hum... Mais... — Mordo seu ombro.

— Porra, Juliet! — Outro dedo entra e depois o dedão vai parar em meu clitóris. — *Mia preziosa!* Bocetinha mais gostosa. Meladinha, meladinha.

Só sei gemer, ele é muito indecente. O safado começa a me estimular e me alargar. Para a frente, para trás, fundo, lento, rápido e em movimentos circulares. Agarro seus braços e os aperto buscando alívio.

— Caramba, Aless, isso é intenso!

— *Rare Bruna*^[62], *mia preziosa!* O intenso você vai sentir daqui a pouco! — murmura apertando meu traseiro.

Minha mente divaga no vai e vem indecente. Começo a sentir espasmos.

— Goza para mim, minha Baixinha. Deixa eu te ouvir. — Jogo meus quadris contra seus dedos.

Murmuro palavras que não entendo. Choramingo. Gritos escapam sem controle... Então... gozo enlouquecidamente... em sua mão.

— Olha para mim! Quero ver esses olhos lindos saciados. — Obedeço ofegante e descabelada. — Linda... a mais bela de todas — murmura quase em devoção.

Em um gesto sexy, ele morde meu lábio, tira os dedos de mim e nossas bocas se fundem em outro beijo exigente.

Hum... É tão bom.

Minhas pernas tremem ao redor de sua cintura. Estou suada, saciada e meu corpo, ainda pressionado ao dele, desliza pelo vidro. Com as mãos em volta da minha cintura, Dark começa a me levar em direção à sala.

Rompe o beijo, alcança algumas almofadas no sofá, jogando-as

sobre o tapete. Apenas deixo-me levar quando se ajoelha, comigo ainda atada a ele, e me coloca com todo cuidado sobre as almofadas. Levanta-se e fica de pé à minha frente.

— Belíssima! — Presenteia-me com um sorrisinho torto.

Devolvo um sorriso lânguido e quase convencido. Eu me sinto linda. Esperava me sentir intimidada ao ficar nua na frente de um homem como Dark. Só que ele me olha de um jeito tão diferente e intenso... Como se eu fosse realmente única e preciosa, que sinto mais desejo ainda. Sou contra elogios extremos, mas tenho que reconhecer... Esse homão sabe o que faz! E esse sorrisinho torto dele...

Cazzo! Cazzo! Mil vezes, cazzo!

Posso acabar me apaixonando...

Dio! Isso seria tão ferrado!

Tento me convencer de que é apenas uma atração passageira, um desejo intenso e fulgás. Só que, à medida que ele arranca o resto de suas roupas, a minha fome e tesão por ele só aumentam.

Infelice! Maledetto!

Gostoso demais!

Sorri para mim e, como se estivesse lendo meus pensamentos vorazes, segura o pau enorme, acariciando-o.

— É todo seu, Juliet. Acha que dá conta?

É um despudorado mesmo, um sem-vergonha que sabe que é bonito e acima da média. E abusa disso! Tem a noção exata da reação que seu corpo nu provoca nas mulheres. Ou em mim!

Franzo o nariz em falsa reprovação, tentando esconder que, no fundo, estou mesmo é apavorada.

— Sabe, estou achando... bem mais ou menos — provoco, sem conseguir tirar meus olhos da ereção intimidante.

— Mais ou menos? Sei.

— Sério! Juro! Talvez... sob um outro ângulo. — Levanto o indicador fazendo um círculo.



Dark

Porra! Ela é linda demais!

Uma Madonna!

É desconcertante ver o rostinho de Juliet alternando entre o medo e o desejo. Deliciosa, toda nua no tapete, com essa carinha vermelha. Devorando-me de um jeito, que nunca fizeram antes.

— Quer dar uma conferida, na minha bunda, né, engraçadinha? — deduzo o óbvio e ela faz uma cara maliciosa e volta a girar o indicador insistindo.

Tenta bancar a durona, mas sei que está tremendo na base.

Resolvo ser bonzinho.

É a minha bunda que ela quer? É a minha bunda que vai ter.

Normalmente negaria esse tipo de exposição, mas a Baixinha tem um jeito de pedir, que me derruba. E outra, preciso entrar nela logo. Acho que vou morrer se não o fizer. Então... para que criar uma discussão? Viro de costas, cruzo os braços e deixo que se delicie com a vista privilegiada.

Ela bate palminhas, assoviando.

— Dark! Seu traseiro é um espetáculo! — Ri satisfeita.

Quando ela tenta apalpar...

Ah! Isso já é demais!

Desisto de bancar o modelo artístico e, sem dizer nada, vou até o banheiro.

Pego algumas camisinhas que trouxe de madrugada. Uma pomada pós-sexo, que vai ajudar Juliet a não ficar dolorida. Sou grandão e, pelo que meus dedos sentiram, ela tem a bocetinha mais delicada que já toquei na vida.

Volto para a sala e seus olhos arregalam quando me veem colocando a camisinha. Estranho. Não é a primeira vez que me vê. Porra! Mas é a primeira vez que vamos...

Cazzo! Claro!

Está insegura.

Um troço estranho me invade. Uma necessidade de ser gentil, de pegar leve. Nunca tive esse pensamento antes. Tento desconsiderar. Achar que é viagem minha.

Maledire!

Não quero quebrar a Baixinha. Ela parece tão frágil, não tinha realizado este fato concretamente. Não quero machucá-la, mas me controlar vai ser foda!

Decidido a deixar meus impulsos egoístas de lado e a dar-lhe o meu melhor, sorrio gentil.

— Não se preocupe, Baixinha. Sua bocetinha é preciosa demais para mim. Prometo ir com calma, até que se acostume comigo, está bem?

Ela acena freneticamente concordando, está ofegante.

Sem desviar dos seus olhos, ajoelho e fico sobre os calcanhares no tapete. O peito de Juliet sobe e desce rapidamente.

Inclino-me sobre ela e com os joelhos, separo suas pernas e vou deslizando. Deixo um rastro de beijos em suas coxas, na pele lisinha de seu púbis, enfio a língua em seu umbigo, ela geme gostoso e continuo subindo...

— Hummm! Tão bom...

Sigo beijando, chupando e mordendo... Dedico-me a cada pedacinho de seu corpo delicioso e delicado: barriga, peitos, ombros, pescoço. Ela se contorce embaixo de mim e fica cada vez mais linda. Os sons que emite são incríveis. Sentindo-me completamente enfeitiçado e rendido, apoio os cotovelos em torno dela e encaro seus olhos castanhos ansiosos.

— Tudo bem? — Tento me certificar, não quero forçá-la a nada.

Diga sim! Diga sim! Diga sim!

— Sim. Eu quero isso, Aless — sussurra, quase em uma súplica.

Grazie a Dio!

Eu me mexo imediatamente para beijá-la. Ela ofega em meus lábios.

Uauuu!

A sensação de estarmos pele contra pele é arrebatadora.

Do nada, suas mãos delicadas agarram meu pau pulsante e dolorido. Gemo dentro de sua boca. Sinto seus joelhos erguerem e dou espaço para que se movimente.

Coloco a mão na bocetinha e enfio um dedo. *Caralho!* Continua toda molhadinha, escorregadia e quente! Nós dois gememos. Movo meu dedo para dentro e para fora, algumas vezes, só para me certificar. Bom sinal, Juliet está gemendo e suspirando.

Com meus olhos fixos nos dela, posiciono meu pau na abertura macia. Ela parece estar em chamas e esquenta minha cabeça inchada. Seguro sua nuca, protegendo caso a almofada escape.

Então... meto nela... tentando ir o mais devagar que o meu tesão permite. Aos poucos, o sexo molhado de Juliet se molda, vai se abrindo e me engolindo. Quando enterro meu pau completamente, ambos paralisamos.

— Aless do céu! — Surpreende-se.

Cercado por uma perfeição intensa, maravilhosa e única, tento manter o controle. Sabia que seria bom, mas é melhor, muito melhor. Puxo o ar tentando domar meus sentimentos. Sinto-me capturado e completamente arrebatado pelos encantos dela.

— Doeu? — murmuro o mais doce que consigo. — Quer que eu tire?

— Nãoooooooooo! — ofega.

Grazie a Dio!

Tento me mover. Ela se encolhe. Me preocupo. Ambos congelamos novamente. Tudo é tão intenso. Nossos olhos estão grudados e as respirações sincronizadas.

Não consigo nem descrever o que estou sentindo. É como se um novo mundo se mostrasse a mim... Ela é a mais molhada, a mais apertada e a mais quente que já senti na vida. Simplesmente perfeita. Como uma coisa tão pequena e delicada pode dar tanto prazer? Fecho os olhos, em puro êxtase.

— Aless. — A voz doce e rouca de Juliet me chama do transe. — Eu estou bem agora. Não vou quebrar, quero você me fodendo já. Mexe essa bunda!

Consigo responder com a única coisa que me importa no momento:

— Juliet. — E, finalmente, começo a me mover dentro dela.

O movimento começa suave, mas à medida que ela se acostuma, ganha o ritmo próprio, aquele que deve ter: intenso, duro e profundo. Meu

pau se move como um touro indomável. Não existe mais *EU*, só o *NÓS*.

Metó, metó, metó perdendo totalmente a dó. Ela geme, se esfrega e joga os quadris em minha direção.

— Aless, por onde você andava? Jesus! — gritos escandalosos e de puro prazer saem de seus lábios entreabertos.

— Atrás de você, Baixinha. — Meus rosnados acompanham os sons emitidos por ela.

Empolgado... Metó... Me espremo... Me afundo... Metó de novo.

— Porra, Juliet! Te foder é bom demais!

Ela prende-se a mim, como um bicho do mato. Pernas ao redor do meu quadril e braços quase me sufocando. Não me importo. Respirar para quê?

— Aless, Aless, Aless... Isso, isso, mais... fundooo. — Ouvir meu nome, na voz doce e sexy dela é um combustível nuclear.

Então... fodo a minha Baixinha como se fosse a primeira e... a última vez que faço isso na vida. Fico insaciável. Sem limites. Esfomeado. Descabelado. Tarado. Pingando de suor. O barulho dos nossos corpos alucinados e suados batendo paralisa o resto do mundo. Só isso importa. Nossa harmonia é frenética. Encaixada e sincronizada com perfeição.

— Juliet! Caralho! Cacete! Puta que pariu! Delícia de mulher!

Sua boceta começa a vibrar, sugando meu pau e suas pernas fraquejam. Intensifico os movimentos... Metó, enfio, fodo e arregaço com vontade total! Ela geme, grita, chora, rebola e arranha minhas costas. Estou adorando. A Baixinha é uma selvagem também.

Grazie, Universo! Dio! Madonna Santíssima! Aos pais da Juliet que fizeram ela!

Quero que ela me ache o melhor! Lembre-se disso para sempre! Minha mão vai direto para o seu clitóris. Isso vai ser tão bom para ela quanto está sendo para mim. Me esforço.

— Ohhh! Aless... Nossa... Gostoso... isso... não... pare... estou... quase...

Cravo minha boca em seu pescoço e urro de prazer com o prazer dela. O cheiro dela misturado com seu sexo.

— AHHHHHHH! Porra! — berro.

Afundo-me com tudo dentro dela. Essa é a porra da sensação mais intensa que já vivi. Eu achava que ia ser bom, mas isso... é...

PORRA!

Sinto quando seu corpo inteiro explode em um gozo gutural.

— *Dio! Dio! Dio!*

Os espasmos do orgasmo tomam conta de cada pedacinho do corpo macio e suado de Juliet, que se contrai ao meu redor.

— Alesssss!

A pressão extra que faz em torno do meu pau é fenomenal! Quando seus braços e pernas amolecem, Juliet está toda entregue. Seus gemidos em êxtase e sua boca entreaberta são como o paraíso.

Nunca a vi tão bela.

— Aless, isso foi... foi... maravilhoso. Meu *Toro Selvaggio*! — diz quase sem voz.

Não consigo responder nada, estou sendo tomado por uma eletricidade prazerosa e jorros múltiplos fazem meu próprio corpo retesar e tremer sem controle. O orgasmo mais intenso, que já tive no último século, chacoalha cada centímetro do meu corpo e alma.

— Juliet! Juliet! Ju... liet...

Quando recobro um pouco do controle e abro os olhos... estou ofegante... tentando recuperar o fôlego. Encontro os olhos sorridentes de Juliet que me observam diferentes, brilham de um jeito que nunca vi.

— Você gozando é lindo.

Deixo escapar um sorriso orgulhoso e beijo rapidamente seus lábios. Meus braços ainda estão tremendo, jogo o meu corpo para o lado e me deito de costas no tapete. Encaro o teto.

— Gozar com você foi único, Juliet. — Puxo-a em um abraço apertado.

Ficamos os dois juntos... assim... calados e entrelaçados...

— Fui muito duro com você, Baixinha? — pergunto depois de um tempo.

— Foi duro, intenso e delicioso. Do jeito que devia ser. Você é um *toro*, Sr. Alessandro Salvatore Bolgheri. — Sua gargalhada suave me alivia.

Aos poucos vamos relaxando... Os sons das nossas respirações voltando ao ritmo normal e das batidas dos nossos corações sincronizados misturam-se aos acordes de *I choose You*, de Sara Bairelles.

— Quer tomar um banho?

— Estou tão cansada... Posso descansar só um pouquinho?

— Pode, Baixinha. O que você quiser. Quer que eu te coloque na cama?

— Gosto daqui, está tão gostoso. — Seus olhos estão pesados e preguiçosos.

— Tudo bem, vou cuidar de você, pegar um edredom e poderá dormir o quanto quiser.

— Obrigada.

— Por quê?

— Nunca gozei tão gostoso.

— Nem eu, Baixinha, nem eu.



Juliet

Acordo em uma cama macia e demoro alguns instantes, até cair a ficha de onde estou.

DARK! CHALÉ! NÓS!

Flashes da tarde intensa no tapete explodem. Os olhos verdes me dominando, os beijos, a pegada bruta e exigente, o êxtase de tê-lo dentro de mim. Na hora, meu medo evaporou. Ele me preparou tão bem, estava tão excitada e molhadinha que a dor inicial não foi nada em relação ao prazer. Não consigo nem descrever o que estou sentindo.

DIO! DIO! DIO!

Alessandro Salvatore Bolgheri e... EU!

Estou arrebatada. Foi perfeito. Desconcertada, cubro os olhos com as mãos e sacudo a cabeça tentando afastar o sorrisinho de satisfação. Viro o rosto, Dark dorme de bruços ao meu lado. Virado para mim, com um dos seus braços em volta da minha cintura. A sensação de sua pele quente e pesada me tocando é tão boa e causa um formigamento inquietante. A cama cheira a uma mistura de nós dois: madeira e flor.

Aproveito o momento de sono profundo dele, para examiná-lo. Fico encantada, só olhando. Seu rosto, quase sempre carrancudo, está relaxado. Os cabelos e a barba, mesmo curtos, estão uma bagunça. *Sexy dos infernos!* Sempre o achei bonito, mas agora está mais do que isso, algo como estonteante. Principalmente com essa boca carnuda entreaberta e bem

caladinha.

Por instinto, meus dedos massageiam minha boca, fecho os olhos... Posso sentir seus beijos ardentes e possessivos.

Dio! Dio!

Tudo foi tão delicioso!

Estou entrando em um terreno tão perigoso. Meu roteiro de vida não previa nada disso. Dark é um desastre natural, meu tsunami particular. Chegou todo arrogante, sem pedir licença, agitando minhas águas mornas e calmas... Veio arrastando, invadindo, dominando e esquentando tudo. Impossível voltar a ser eu, antes disto. *Ferrou!* O safado pornográfico marcou minha existência.

Resisto à tentação de tocá-lo. A realidade me cutuca.

Fixo meus olhos na claraboia no telhado. Minhas previsões estavam certas, as tempestades da primavera chegaram. Tardes quentes e noites chuvosas. Respiro fundo e expiro várias vezes.

Minha bexiga sem coração clama por alívio. Retiro, com cuidado, o braço que me envolve. Sou tão cuidadosa quanto o agente Ryan Wolf, do seriado *CSI Miami*, quando transportou um carregamento de nitroglicerina, altamente explosivo. Escorrego cuidadosamente para fora da cama. Estou nua. Lembro-me das minhas roupas destroçadas e, em vez de desgosto, sinto euforia.

Madre Santissima das mulheres atropeladas!

Um rolo compressor passou por cima mim! Estranho... Onde pensei que sentiria mais dor há só um desconforto leve. Uma sensação de que algo imenso e enérgico andou por ali.

Que homem mais viril e rústico!

Sedenta por mais, devoro cada pedaço do corpo nu e começo a devanear... Ele é o epítome da masculinidade bruta. A imagem de Dark, todo suado e sujo de poeira, invade meus pensamentos. Em câmera lenta... Sexy... Sensual... Bruto... Ele surge no meio do vento e dos vapores, que saem de uma mina, sem camisa. Só trajando um jeans rasgado, luvas grossas e coturnos. Tira o capacete e limpa o suor que escorre em seu rosto com o antebraço.

Depois... recomeça a trabalhar... Golpeando duro, profundo e implacável. Seus músculos se contraem, sua habilidade com a ferramenta é incrível. Golpeia a pedra até que um líquido precioso e viscoso jorra das entranhas profundas, da natureza.

Jesus! Me abana!

O homem é uma máquina!

Eu não deveria ter me empolgado tanto.

Se fecha, Juliet!

*Não devia ter lido o livro *Os mineradores do prazer*.*

Saio do transe e busco ao redor, mas não há nada além da cama, criados-mudos e uma poltrona no mezanino. Vejo uma pequena mala depositada nela. Abro e encontro algumas peças de roupas minhas, misturadas às dele. Deixo escapar um sorrisinho de satisfação. Pego uma camiseta enorme, de algum destes times de beisebol e visto. Entre as minhas calcinhas, escolho a menor. Levo comigo junto com o sutiã do conjunto. Desço a escada de madeira vazada.

Ainda não consigo definir qual é o meu real estado de espírito, além de histérica e tarada. A cada segundo, um novo sorrisinho idiota aparece. Sou como a própria caloura bobona, feliz porque trepou com o cara mais bonito e proibido da faculdade. Se bem que, depois de ontem, acho que fodi logo com

o professor... Aquele... O que tem mestrado, doutorado e é PhD em safadeza.

DIO! DIO! DIO!

Vou até o banheiro de onde vieram as camisinhas, tranco-me e só depois acendo as luzes. Ele é básico e masculino, como o resto da casa.

Hum...

Há toalhas limpas e, para minha surpresa, o xampu e condicionador que uso, além de outros itens pessoais meus. O safado pornográfico planejou tudo isso! E se eu tivesse me recusado a vir? Ia fazer o quê, me sequestrar?

Outra imagem começa a se formar... *Não! Não!* Sacudo a cabeça. *Sequestro sensual* foi um livro péssimo. Ligo o chuveiro... Depois de longos minutos, estou cheirosinha e pronta para outra. De lingerie e com a camiseta de Dark. Deixo os cabelos soltos para secarem um pouco.

Alcanço meu celular dentro da bolsa jogada no sofá. Quase dez da noite.

Uauuu!

Por isso o meu estômago está grudado nas costas. Só tomei o *Ice Tea* e mais nada.

Comida! Preciso de comida!

O bom de um chalé aberto são as facilidades... Tudo está a um passo. Do vidro da sala, vejo Athos e Porthos dormindo na varanda. Mais alguns passos, abro a geladeira e os armários. Quando disse “tudo que iríamos precisar”, Dark não brincou. Decido ser gentil e fazer algo para comermos. Coloco a água para esquentar, separo tudo, abro um vinho e encho uma taça.

Ligo o som bem baixinho e *Nobody's Perfect*, de Jesse J, começa a tocar. Prendo os cabelos com um nó. Ponho tudo que preciso em cima do balcão e me sento em um dos bancos altos. Puxo um segundo com os pés e apoio. Meus joelhos vão para o alto.

Spaghetti alla siciliana, *lá vamos nós!*

Começo a trabalhar nos ingredientes: molho pesto, tomatinhos cereja, manjerição, *mozzarella* de búfala e queijo pecorino.

Só então dou conta da cena inacreditável. Estou em um chalé, sei lá onde... descalça na cozinha de Dark, cozinhando para nós.

Caramba, Juliet!

Dark é tudo o que não procuro em um homem. *Sério!* Ele é totalmente o oposto daquilo que determinei para mim. Aliás, era o primeiro da lista do: “*Não, nunca e nem pensar*”. Só de lembrar... em nós dois pelados, juntos e trepando até morrer... *Dio!* Minha cabeça dá um looping. A ideia do homem ideal, que pus na minha mente, desmoronou. Tudo culpa dele! Há três meses, minha vida estava tão... *morna*. Mas sob controle e dentro dos planos.

Agora, esse fogo! Tudo que consigo pensar é em como Dark é gostoso. Já estou até me conformando que rola alguma coisa entre a gente, além da química e do desejo sexual. Acho que sinto algo além de uma quedinha. É ele chegar perto e eu ficar caidinha e molhadinha. Kai tem razão, talvez esteja mais do que na hora de me abrir e ver que coisa é essa.

Bebericando o vinho, relaxo e decido parar de pirar e volto minha atenção ao jantar.

— Cheiro bom. — A voz rouca e sonolenta de Dark vibra atrás de mim.

Sinto o meu rosto esquentar. Esse primeiro contato pós-foda me deixa um pouco sem graça. Por um minuto, sinto meus joelhos fraquejarem.

— Oi. — Tento ser natural e sorrio segurando um garfo com alguns fios de *spaghetti* pendurados.

— Oi. — Ele abre aquele sorriso torto para mim e franze a testa. —

Que beleza! Achei minha camiseta.

Vejo que está com uma calça de moletom cinza, uma camiseta branca e descalço. Reviro os olhos.

— Não sabia que entre todas as suas qualidades, o egoísmo estaria incluso — retruquei irônica.

Dark ri, provavelmente achando que estou brincando. Mal sabe que tenho uma lista mental de todas as suas qualidades e defeitos, e que já comecei a fazer outra de seus pontos fortes e fracos.

Arte da guerra, conheça tudo sobre seu adversário.

Nem só de romances eróticos, a minha cabeceira é composta.

— Uauuu! Olha só quem apareceu! — Se diverte.

Curiosa, viro em direção à porta. Não há ninguém. Franzo o cenho para ele.

— Quem? — indago confusa.

— A Juliet engraçadinha. — Diverte-se com a minha cara.

— Besta! — Sorrio como idiota.

Ignorando meu xingamento, Dark chega perto e planta um beijo em minha boca.

— Pode ficar com a camiseta. Gostei dela em você.

— Ótimo, porque não estou com a mínima intenção de devolver. — Pisco e volto minha atenção para a panela tentando me acostumar com essa cena de caszinho no chalé, que estamos protagonizando.

Esquisito. Porque, de certa forma, somos isso mesmo: um caszinho.

Dio!

— O cheiro está realmente bom! O que está fazendo? Estou morto

de fome! — Ele inclina sobre a caçarola, onde os ingredientes estão refogando e fecha os olhos enquanto aspira ao aroma. Seu corpo esfrega no meu. Sinto minha frequência cardíaca aumentar.

Afasto-me, torcendo que não tenha percebido que corei.

— *Spaghetti alla siciliana*, gosta? — Alcanço uma colher na gaveta, pego um pouquinho do molho na panela e, na ponta dos pés, dou em sua boca.

— Está tremendo?

— É fome.

— Hmmm... Bom... é o meu prato preferido — diz empolgado.

Jogo a colher na pia e o olho incrédula.

— Pensei que tivesse dito a Maria que era o *risoto alla milanese* que ela faz!

— Me pegou, Baixinha.

Pego na mentira descarada, ele me dá um sorrisinho safado que deveria me irritar. Perdoo porque a intenção foi boa. E agradeço por ele não sorrir sempre. *Juro!* O sorriso dele é contagiante, só de ver espelho à ação. A ideia das outras mulheres fazendo o mesmo me irrita um pouco.

Disfarço. Sorrio de volta e alcanço o escorredor. Ele tira o utensílio da minha mão, como se eu estivesse segurando uma arma letal.

— Deixa que eu faço isso. A panela está pesada e não quero mais nenhum pequeno acidente para a sua lista. — Protesto, ele ignora. — Mais um hematoma vai ficar parecendo um dálmata. Como consegue se marcar tanto?

— Sei lá, pergunta para a sua boca — brinco e inclino o pescoço para que veja uma chupada que descobri no banho. Depois, alcanço os pratos

no armário. Quando viro, toda a diversão em seu rosto evaporou. — Que droga! Eu não falei isso, falei?

— Falou. — Seus lábios se contraem e seus olhos fazem uma inspeção minuciosa em meu corpo. — Eu te machuquei?

Cazzo! La mia maldita bocca!

— Não, lógico que não! — Sem olhar para ele, abro a gaveta de talheres. Depois pego a garrafa de vinho sobre a pia. — São só umas marquinhos. Lembranças da batalha. — Tento soar divertida e despreocupada. Acabo de arrumar a mesa sob os olhares profundos dele.

— Porra! Minha intenção nunca foi te machucar. É que eu fiquei... sem... controle. Eu nunca...

Apoio as mãos na mesa de jantar e me viro para ele.

— Ooooh! Não machucou. Estava só brincando. Podemos esquecer meu comentário infeliz e jantar?

— Perdi a fome.

— Nem pensar! Por favor, venho de família grande. Não sei comer sozinha, quer que eu morra de inanição? — argumento.

Dark não responde. Pensativo, toma um gole de vinho. Quando começa a se afastar, tomo uma medida extrema.

Aproveito que já estou soltinha e corajosa pelo vinho e o agarro por trás. Passo a mão em volta da sua cintura. Começo a dar mordidinhas em suas costas.

— Juliet!

Ignoro. Parto para as cócegas na barriga. Ele segura firme as minhas mãos. Vira, ficando frente a frente. Levanto a cabeça para encará-lo.

Ele faz uma careta de reprovação.

— Porra! Isso é jogo sujo. Para que isso?

Abraço-o de novo e volto para as pontas dos pés.

— Para te fazer rir e relaxar. — Dou meu melhor sorriso fofo e inclino a cabeça para o lado. — Está dando certo? — Esfrego meu nariz no pescoço dele.

— Cacete de mulher danada! — Ele solta o ar. — Vou me arrepender por isso... mas... sim, está dando certo. Peste! — Os lados da boca de Dark viram para cima em uma pitada de um sorriso de menino.

Enfeitiçada, correspondo ao sorriso.

— Sua fome voltou?

Sua mãozona cobre metade da parte inferior das minhas costas. Solto um gemido involuntário. Encara-me, morde o canto da boca.

— Vamos jantar. — Sorri e lá vou eu de novo me derreter todinha por ele.

O jantar corre de forma leve. Pela primeira vez, a presença dele à mesa não me intimida tanto. Relaxo aos poucos. Percebo um ou outro olhar em busca de hematomas. Ignoro-os. Fico orgulhosa vendo-o devorar um segundo prato de massa. Ele me provoca dizendo que, provavelmente, este deve ser o único prato que sei fazer.

Explico que sei diferenciar todos os temperos desde os sete anos.

Diverte-se e até arrisca algumas gargalhadas quando conto sobre a minha infância no restaurante do Peppe. Faço um apanhado dos meus melhores momentos: o dia em que entupi de pimenta o prato de um cliente arrogante. Depois confesso sobre a minha vingança maligna quando coloquei laxante no suco da professora, que foi comemorar seus trinta anos de casada. Aos risos, lembro-me dos arroubos de fúria de meu pai na cozinha, arremessando os pratos mal preparados, como se fossem mísseis, em nossas

cabeças.

— Certa vez um estilhaço atingiu a testa do meu irmão! Levou dez pontos! — gargalho já meio bêbada.

— Porra! Seu pai deve ser uma fera!

— A pior das feras! Só *mamma* consegue dobrá-lo. Ela deixou o coitado dormindo uma semana no sofá junto com o Salsicha, nosso labrador.

O tempo passa rápido e depois de colocar os pratos na pia, vamos terminar a segunda garrafa de vinho no sofá.

Quando digo que estou com frio, Dark acende a lareira. Fico sentada ao lado dele, com os braços ao redor das minhas pernas.

Todo largado e com as mãos apoiadas atrás da cabeça, ele me conta que passou a infância entre Bolgheri e Mônaco. Que perdeu a conta de quantos ossos, ele e Fran já quebraram tentando escalar as paredes, muros e telhados das casas. Das surras que dava nos coleguinhas de sua irmã, defendendo-a do *bullying*.

— Sempre tive este temperamento explosivo. Bater primeiro e conversar depois. — Seu rosto esboça uma desculpa.

— Percebi. O coitado do Kai que o diga.

— Engraçadinha, e a Amelie? Ela vai lembrar-se de você por um bom tempo — retruca, gargalhando.

— Está com peninha dela, Sr. Dark? — Reviro os olhos e estico as pernas sobre as dele. — Fique sabendo que foi ela quem me provocou. E não me arrependo de nenhum tapa que dei na girafa.

— Sempre foi assim? Briguenta?

Explico que sim, que é mais forte do que eu. Conto que, no meu caso, quem batia nos coleguinhas era eu. Cansei de levar advertência e

suspensão. Meu irmão Julio sempre foi perseguido na escola por ser diferente dos outros meninos.

“Barbie quatro-olhos” era o apelido dele. Com o tempo, ele foi aprendendo a se defender e a dar alguns murros, mas nunca perdeu o jeito doce e sensível.

As lembranças me deixam feliz.

Como gêmeos podiam ter temperamentos tão opostos?



15.1

Testando limites

O tempo passa... A conversa flui e agradeço aos efeitos do vinho que têm o poder de deixar Aless bem mais falante.

Sorrio quando me conta, com carinho, do falecido amigo, Alex Pizzo. Eles cresceram praticamente juntos e começaram a escalar muito cedo, aos quinze anos. Os pais deles sempre foram amigos fiéis. Depois me irrita um pouco, ao saber que os anos que passou, em Cambridge, foram gloriosos.

Fico sabendo que Dark e Alex foram para lá, estudar administração. Na faculdade, conheceram Fred Fenister, um texano maluco, e Joshua Tarantino, um italiano centrado, e juntos fundaram a equipe K4, precursora da *Mountain*.

Depois, sem entrar em detalhes, disse que o destino se encarregou de encerrar a amizade dos quatro.

Fico curiosa para perguntar sobre o que aconteceu, de fato, naquela noite no K2, quando Fred e Alex se foram. Sei apenas o que li nos noticiários na época: uma tempestade terrível, seguida de uma avalanche. Decido não forçar a minha sorte. Contenho a ansiedade de saber mais sobre o quarto amigo, o italiano centrado, os pais de Dark e a irmã. E mordo a língua para não fazer um interrogatório minucioso a respeito da ex-noiva.

— Quer mais vinho? — oferece.

— Tomei quase uma garrafa, já está de bom tamanho para mim — respondo afogueada.

— São quase duas da manhã, quer ir dormir?

— Dormir? — Já bem alegrinha pelo vinho, balanço a cabeça em negação. Tudo o que menos quero é dormir. — Que coisa chata! Quero ficar aqui mais um pouquinho.

Levanto-me do sofá, vou até a mesinha lateral e fuço no celular. Seleciono uma sequência de músicas, pressiono o iniciar e *Beast of Burden*, do The Rolling Stones, começa a tocar.

Lanço a ele um sorriso sugestivo. Talvez, o esperado seria eu bancar a pudica, mas essa não sou eu... Pelo menos, não quando estou ardendo de vontade de repetir a dose. A pegada forte de Dark não sai da minha cabeça. Então, alcanço uma coisinha abandonada sobre a mesinha e escondo em minha mão. Dark observa cada movimento meu como um drogado em crise, que luta para se manter limpo. A respiração descompassada denuncia sua angústia.

— Se quer ficar por aqui... ok — concorda observando-me com cautela. — Quer conversar mais um pouco?

Sacudo a cabeça. O nó que prende meu cabelo se desfaz e os cachos caem. Os olhos dele arregalam. Uso a coragem adquirida pelo álcool como desculpa e dou-lhe um sorrisinho lascivo. Levanto um pouco a barra da camiseta, apertando o tecido em minhas mãos. Dou-lhe uma prévia da minha calcinha pretinha e transparente.

— Pensei em ser a sobremesa... — murmuro sem pensar.

— Porra! — Ele quase engasga. — Mas... não está dolorida?

— Nem um pouquinho — minto.

Que parte do estou tarada por você, o idiota não entendeu?

Depois dou um jeito no desconforto! Tomo um balde de analgésicos e pronto!

Aproximo-me e, sem pedir permissão, coloco um joelho, de cada

vez, sobre o sofá. Suas coxas musculosas ficam presas entre as minhas pernas. Mantenho-me distante de todo o resto. Não o toco, fico flutuando diante de um Dark ofegante, que passa as mãos, desesperadas, no cabelo.

Fingindo uma inocência que não tenho mais, entrego uma camisinha a ele, que pragueja desconcertado. Quero rir, mas me contenho. Sua boca carnuda abre, fecha e volta a abrir em seguida.

— Não! É impossível não estar dolorida. Não vou arriscar a sorte e te machucar de novo. Já basta o chupão. — Balança a cabeça, várias vezes, em negativa.

Cazzo!

Mudo a abordagem.

— Não me machucou... Gosto de chupões. — Mordo o lábio inferior.

— Não me atenta, Juliet. — Fecha os olhos para me evitar e levanta as mãos para não me encostar.

— Atentar você? Longe de mim, jamais faria isso. — Aperto as coxas dele com meus joelhos.

Ele abre os olhos em fúria... Eles ardem tanto quanto o seu rosto, sob o reflexo do fogo na lareira.

— Tenho autocontrole! — rosna e esmaga o couro do sofá.

Ignoro o aviso.

— Está um calor, né? — Passo a mão lentamente por meu pescoço e nuca, soltando gemidinhos intencionais no processo.

O maxilar dele contrai.

— Por mais que eu queira, não vai rolar. — Sua voz, grave e rouca, está tão cheia de vontade, que soa quase irritada.

— Rolar? O quê? Só estou falando do calor — Faço-me de desentendida e vou tirando lentamente a camiseta. Jogo-a para trás e rezo para não ter acertado a lareira. — Hum... Bem mais fresquinho — provoco.

Dark geme e me delicio. Ver esse homão se contorcendo de tesão é bom demais.

E por mim! Sinto-me foda!

— Porra!

As mãos poderosas vão parar nos meus quadris. Solto um gritinho, feliz com o progresso.

Empolgo-me.

— Continuo com calor, acredita? Lareira boa essa. Você sabe mesmo como acender um fogo. — Coloco as mãos para trás e dou uma arqueada no corpo, só para provocar.

As mãos descem, pressionando minhas coxas. Ouço-o ofegar. Abro o fecho frontal do sutiã e, devagarinho, vou deslizando as alças deixando a peça cair em seu colo. Meus seios, já pesados e doloridos de desejo, se exibem para ele.

Claramente indeciso entre atacar e recuar, ele agarra a lingerie e a cheira.

— Cacete!

Sorriso satisfeita. O vinho me deixou muito bandida e sem-vergonha.

— Posso? — Aponto para o seu colo, bem onde alguém já está batendo continência.

Catch 22, da Pink, começa a tocar.

Ele olha para o pau engatilhado e pragueja baixinho.

— Hum-hum... fique à vontade... — concorda rendido e desço meu

corpo, até a rendinha da calcinha encontrar a pressão do pau de aço sob o moletom.

Extasiada com tamanha potência, apoio as mãos nos ombros largos e sento nele descaradamente. Talvez, com força demais.

Dark se ajeita, se contorce, mas não me afasta.

— *Cazzo!*

Suas mãos vão parar no meu traseiro, apertando-o e massageando-o, mas percebo que está pegando mais leve na pressão. Mesmo assim, ainda é pesado e possessivo.

— Aless... — solto seu nome como um gemido. — Música boa, né?
— Começo a rebolar e a me esfregar todinha nele.

— Foda-se! Não sou de ferro, caralho!

Abocanha um mamilo durinho e sua barba me provoca arrepios.

Delícia!

— Era isso que eu queria! Essa boca! — grito de prazer.

Uma das mãos possessivas sai do meu traseiro e vai direto agarrar o outro seio livre. A língua deliciosa delineia meu mamilo, cobrindo-o provocativamente de saliva. A pegação começa para valer. Enquanto ele me aperta, chupa, morde e lambe, gemo e grito o nome dele. Rebolo feito uma louca em seu pau, cravando as unhas no pescoço viril.

Aproveito o momento em que ele pausa a chupada para tomar fôlego e salto do seu colo. Esfomeada e enlouquecida, começo a arrancar suas roupas. Em meio às nossas respirações ofegantes, Dark manobra o corpão e quadris para facilitar o meu trabalho e, uma a uma, as peças saem deixando o meu caminho para o paraíso anatômico livre: camiseta, calça de moletom...

Ahhh! Sem cueca!

Safado pornográfico!

Ofego, ansiosa, quando ele parte para cima e tira a minha calcinha. Fico feliz por ele não a rasgar, é linda. Em um movimento inesperado, Dark se levanta, me coloca de quatro no sofá e acaricia minhas costas.

— Sua pele é tão macia. É maravilhosa, sabia? Tem umas sardas nos seus ombros...

Balanço a cabeça assentindo. Só sei sentir... Nunca outro homem havia reparado neste detalhe. Minhas sardas são quase imperceptíveis.

Ele ajoelha-se bem atrás de mim e meu rosto pega fogo.

— A vista daqui é incrível. Que cuzinho e bocetinha lindos.

Tão exposta!

Sem fala, agarro o encosto do sofá... Arfo em expectativa e vergonha. Sinto um dedo descer delineando da minha nuca até as covinhas nas costas para depois tocar a tatuagem delicada e pequenininha que tenho no cóccix. Dark fica um tempinho desenhando o contorno dela.

— Stay... — Ele solta o ar, sem terminar de ler o que há escrito. — A tatuagem? Tem significado?

Ah, não!

Ele quer mesmo alterar o tema?

Cazzo! De jeito nenhum!

— Tem, mas pelo amor de *Dio*! Podemos falar da tatuagem depois? Estou em chamas aqui!

— Tudo bem. — Parece desapontado, mas logo em seguida solta um risinho safado. *Nossa, tão bipolar.* — Primeiro vamos examinar essa bocetinha rosada e inchadinha. — Com cuidado, ele afunda o dedo do meio na minha vagina até o fundo. Um grunhido de satisfação escapa da garganta

dele e da minha. — Do jeito que eu gosto... Encharcada pra cacete, parece até que já gozou.

Gemidinhos me escapam. Uma falta de ar me invade. Estou sensível, mas aguento firme para não denunciar o desconforto leve.

— Disse que estou bem — murmuro tomada pela vontade de sexo.

— Mesmo assim, vamos devagar dessa vez. Sei que está mentindo e está dolorida.

— Aless, por favor... Eu aguento. Quero sentir você de novo — imploro sem medo de ser feliz.

Um som gutural e rendido escapa de sua garganta. Choramingo e rebolo ansiando por ele. Percebi que é cuidadoso, mas pelo amor de Deus!

Eu quero dar!

— Vire-se. De outro jeito vai ser mais confortável para você.

Ajuda-me a sair da posição de quatro e fico de pé ao lado dele. Após me dar um beijo rápido na boca, Dark senta, rasga a embalagem da camisinha enquanto fico diante dele, ofegante, descabelada e com o coração a mil. Mordendo os lábios e cheia de necessidades urgentes, admiro-o cobrir toda a ereção impressionante.

Obrigada, Universo.

— De que outro jeito quer que eu fique? — sussurro, já ansiosa com tanta fartura.

— Montada em mim — comanda.

Eitaaaa!

É pra já!

Obedeço feliz e volto à posição montada e pairando sobre ele em que estava antes. O calor do pau, insinuando-se ereto e orgulhoso sob mim,

atiça a minha abertura.

Quero muito tudo isso!

— Ah! — gemo apreciativa.

— Assim mesmo, boa menina!

— Por favor, Aless. — Sinto a umidade descer por minhas entranhas.

— O quê? — Sorri se divertindo com meu desespero.

O quê? Estou pingando, poxa vida!

Encaro os olhos verdes lascivos.

— Me fode. — Minha voz sai trêmula.

— O controle é seu, Baixinha. É só sentar no meu pau e mandar ver. Vem... Garanto que vai ser muito melhor dessa vez. — Dá uma risadinha encorajadora e obedeço.

Melhor?

Louca para conferir o quão melhor será, seguro o pau duro e pulsante e levo-o até a entrada do meu sexo ansioso. Então... vou baixando... engolindo e enfiando tudinho dentro de mim, até que a base da ereção gloriosa bate contra o meu púbis.

— Ah, que bocetinha gulosa! — diz entredentes, fazendo pequenos círculos suaves com os quadris, permitindo que o meu canal alongue. — Olhe para mim, Juliet. Quero te ver cavalgar. Não feche os olhos, entendeu?

Inclino apoiando os braços em seus ombros e nossos rostos ficam quase colados. Ensaio subir e descer devagarinho para me acostumar. *Uau!* Não digo nada, senti-lo é mesmo intenso demais. Os gemidos entrecortados, que escapam da minha boca, dizem tudo por mim: Dark é especial.

— Você é toda boa — elogia do jeito dele.

Começo a cavalgá-lo, quase em transe, em um vai e vem lentinho e delicioso. Todas as sensações arrebatadoras da nossa primeira vez voltam com tudo. Não eram fruto do tesão ou da ansiedade: ser tomada por ele é excepcional e único. Tento segurar a emoção jamais sentida, mas falho. Com o coração a mil e os olhos bem grudados nos dele, um arquejo arrebatador me escapa.

— É foda, eu sei — diz com a voz embargada antes de me pegar pela nuca e me puxar para um beijo exigente.

Ambos temos gosto de vinho.

Enquanto seu pau entra e sai deliciosamente, sua língua faz exatamente o mesmo em minha boca. Pau e língua me fodem no mesmo ritmo e intensidade, e parece tão certo... Tão nosso. O barulho dos sexos e bocas se devorando e se chocando é o som mais erótico que já ouvi na vida e faz o meu peito inchar com alguma sensação grandiosa e nova.

Dio! O que é isso?

Estou completamente tomada e rendida por ele. Sem fôlego, interrompo o beijo e encosto nossas testas.

— Aless, você me atordoa — sussurro próximo a sua boca.

— Essa é a intenção. — Sorri e pega meus joelhos arrastando-os para os lados.

Fico toda aberta, escorrego mais e sinto seu pau bater no meu útero.

— Uauuu! Aless! — Um frenesi erótico toma conta e a sensação de incômodo desaparece.

Começo a rebolar sobre ele, subindo e descendo. É como se só existisse isso no mundo, o pau grande e grosso de Dark entrando e saindo de mim. Espremendo-se e preenchendo todos os meus cantinhos. A força das investidas está diferente da intensidade selvagem de hoje à tarde, mas

continua bom, muito bom!

Dark solta a minha cintura.

— Não. Não para! — exaspero-me.

Ele sorri de um jeito safado e desliza a mão para baixo, passando por minha barriga e entre as coxas seguindo direto para o meu clitóris.

— Agora, vou meter mais fundo, até gozarmos juntos — grunhe quase sem controle.

— Isso... Mete, Aless. Me come gostoso... Estou pronta — peço enlouquecida, me contorcendo com ele dentro de mim.

Mexo e gemo com o tamanho prazer que pulsa em meu sexo. Uma estocada forte vem, outra e mais outra. O quadril dele impulsiona com vigor, chocando-se contra o meu. Mete, fode, estoca... Ao mesmo tempo que estimula o meu clitóris.

— *Dio! Aless!*

Quase engasgo.

Ele rosna.

— Minha preciosa. Tão apertadinha e melada! Meu pau ama sua boceta! — Prende meu corpo em um abraço apertado e suas estocadas quase me rasgam.

O sobe e desce é frenético.

Dio mio!

Quantas metidas ele consegue dar por segundo?

— Gostoso demaaaaais! — berro, agarrando suas costas, arranhando-as.

Perco a noção de tudo... O tempo para e nossos corpos entram em um frenesi de fodeção erótico. Ele me come e eu o devoro. Meus peitos

esfregam no peito musculoso causando arrepios. As estocadas ficam mais exigentes... Parecendo querer testar os meus limites, mete, mete, mete e mete duro. Guerreira, sigo firme e ainda reboło pedindo mais. Ele dá e vem com tudo. É tanto receber que minha bocetinha e corpo contraem, tudo dentro de mim esquenta e vibra quando ondas de um prazer intenso começam a se formar... Minha barriga treme, a respiração falha. Jogo a cabeça para trás em busca de ar. Ele abaixa a dele e chupa meu mamilo usando os dentes para roçar a carne.

Depois morde e puxa o bico, de leve, me levando à loucura.

— *Figlio di puttana!* Vou gozar, estou quase...

Meus olhos fecham quando sinto o orgasmo se aproximando... Mais pressão em meu clitóris... Uma estocada no ponto certo... E explodo em mil. Minha bocetinha espreme e ordenha o pau abençoado.

Talvez, incentivado por meus gemidos e sussurros, para lá de apreciativos, Dark mantém o ritmo de penetração, implacável. Perco as forças, o controle, o rumo e grito em êxtase:

— Aless, Aless... Aless...

Uma ladainha de Aless sai da minha boca, cada vez que um novo espasmo de prazer me atinge. *É mágico*. Enrosco-me ainda mais no corpo enorme, suado e abusado. Num ato de puro desespero e luxúria, chupo a boca carnuda e mordo seu lábio inferior. Sinto o corpo dele todo retesar. Ele puxa a boca com força e um grunhido, cru e primitivo ecoa. Dark começa sua própria ladainha de prazer, pulsando dentro de mim e tremendo com vários espasmos de seu orgasmo. Ele goza duro xingando muito, muito alto.

Quando para, estamos ambos enroscados e ofegando ruidosamente. Corpos suados... Meu cabelo grudando na testa.

— Nunca senti tanto tesão, Baixinha. Você é como o céu. — Sua

voz é baixa, rouca e beira ao pecado. — O meu céu.

O abraço de Aless intensifica. Sou apertada quase ao ponto de sufocar, mas não me importo. Com meu dedo indicador, acaricio seus lindos lábios grossos, agradecendo as palavras que acabei de ouvir.

— Sim o céu... — É só o que consigo balbuciar entre uma respiração ofegante e outra.

Afundo a cabeça em seu pescoço e fico com ele assim, enfiado em mim, sentada no colo dele.

— Cansada? — sussurra.

— Exausta. — Recosto a cabeça em seu peito.

— Primeiro, acho que precisa de um banho. — Sorri de um jeito quase irônico.

Levanta meu quadril, saindo de dentro e livrando-se do preservativo.

— Não. — Torço o nariz.

— Não se preocupe, não vai precisar nem se mexer. — Beija meu ombro afastando os cabelos grudados na minha testa.

— Ninguém nunca me deu banho. — Encaro-o espantada. — Não sabia que era tão bonzinho assim com as mulheres.

— Com as mulheres, não — corrige quase sem graça. — Nunca fiz isso, mas com você sinto vontade de ser muito mais do que só bonzinho.

Nunca foi?

Meu queixo cai e devo estar fazendo a maior cara de choque que já fiz na vida. O maxilar dele contrai na hora.

— Não me olhe assim, ok? — As sobrancelhas grossas franzem. — Também acho esquisito, mas... Porra! Sei lá o que está acontecendo comigo. — Levanta as mãos, agitando-as entre nós. — Isso é inédito. Dá para você só

aceitar e aproveitar?

— Dá muito. — Minha voz de gatinha manhosa volta com tudo.



Muitos minutos depois...

Digamos que tenha sido um dos banhos mais longos da minha história. Dark não mentiu quando disse que nunca tinha feito esse lance de dar banho em alguém antes. Primeiro, ele examinou cada um dos hematomas em meu corpo como um detetive forense. Depois me esfregou com tanto afinco, que pensei que fosse me esfolar. Admiro-me de que ele ainda tenha pelos no próprio corpo se esfregando assim, todos os dias. E por fim, me apresentou uma nova técnica de se fazer dreads no cabelo: método Dark de lavagem frenética. Nunca os vi ficarem com tantos nós. Tudo meio ogro, mas até que divertido. Ver um brutamontes como ele, tentando ser gentil, foi fofo demais!

Fui tão chacoalhada, virada e esfregada, que ao acabar, lá pelas quatro da manhã, estava exausta. Só consegui me deixar ser carregada para a cama e dormir.



— **Cazzo, Julio! Pare** *de cantar, e coloca logo o terceiro gancho de suporte! Está ventando muito... Os babacas em cima de nós parecem estar com muito peso. São amadores!*

— *Wooooow, sou o mais velho, eu comando aqui!*

— *Infelice! Ser mais velho do que eu por um minuto, não lhe dá o direito de ser um babaca! A rocha não está firme o suficiente.*

— *O que aconteceu com a minha irmãzinha corajosa que sempre se arrisca? Vai ficar careta, agora que entrou para a universidade?*

— *Sou corajosa, não prepotente! Não me arrisco. Não nessa altura e muito menos com você! Caralho, Julio, estamos a seis mil metros. Os equipamentos dos três patetas, em cima de você... parecem estar se soltando!*

— *Qual é, Juliet, quantas vezes subimos isso aqui, trinta?*

— *Cuidado... À sua direita... Está soltando... A mochila de um deles...*

— *O quê? Onde?*

— *Julioooooo!*

— *Cazzo! Cazzo! Cazzo!*

— *Dio! Madre Santissima! Aguenta firme. Segura bem nessa corda... Eu sustento a gente. Tudo bem, se feriu?*

— *Impossível! Seu terceiro gancho caiu quando passei por você! Não sei por quanto tempo vai conseguir me sustentar... pendurado aqui*

embaixo! Cazzo! Meu braço... Acho que o quebrei com o impacto no paredão!

— Calma! Foco! Esquece a emoção, Julio... Razão, lembra... Razão... Ainda tenho outros dois ganchos fixos na rocha. Vou avisar ao papà na base, ok. Ele vai subir aqui e nos tirar dessa!

— Não vai dar tempo! Sou pesado demais... Sua corda vai romper. Seu gancho de segurança está se mexendo!

— Calma, sem pânico... Tenta chegar na parede e se prender novamente.

— Não dá, com esse braço não consigo! Está se movendo.

— Dá sim! Vamos, Julio... Não temos muito tempo... Supere a dor.

— Tem peso demais, Juliet! Um só gancho nunca vai nos aguentar. Sabe qual é o procedimento... Pegue o canivete, Juliet!

— Nunca!

— Dio! Anda, siga a porra do protocolo!

— Nunca... Não... Não, Julio! Não, não...

— Corta logo essa corda, Juliet, ou vai morrer também!

— Não, não... Julio! Juntos para sempre... Não faz isso...

— Passarinha... sempre estarei vivo em você. A mesma célula, lembra? Nosso amor é infinito... Não se esqueça disso. Agora... corta logo!

— Não! Julio... O que está fazendo? Não! Por favor, não...

— Para de chorar... Um de nós tem que voar... Prometa para mim que não vai desistir, que não vai perder seu brilho... sua cor... Que vai chegar lá!

— Não sem você! Não! Não! Não! Por favor... Não solte este cinto...

— Sabe que não há escolha... Faria o mesmo por mim, eu sei!

— *Julio, não... Por favor... Não consigo sem você!*

— *Consegue, sim! Sempre foi o elo mais forte... A que consegue ver luz em tudo... Não desista do nosso sonho, Passarinha: o cume do K2. Vou estar lá com você quando conseguir... Te vendo do alto...*

— *Não! Não! Não!*

— *Me perdoe... Passarinha... Te amo... até o infinito...*

— *Nãoooooooooooo, Juliooooooooo!*



— *Shhh... Juliet passou... Está segura... Acalme-se, foi só um sonho ruim...*

Acordo suando frio e desorientada... Sem ar e assustada, abro os olhos. Pisco algumas vezes, até me acostumar com a claridade. Raios de sol invadem o mezanino, através do vidro no teto. Dois braços fortes me seguram em um abraço protetor e dois olhos verdes e aflitos estão fixos nos meus.

Consigo ver uma fagulha de compaixão saindo deles. Recosto a cabeça no peito musculoso e fecho os olhos procurando escapar de um interrogatório.

Cazzo!

Mais um dos sonhos ruins!

Busco na memória, mas as lembranças dos meus pesadelos são sempre apenas fragmentos minúsculos.

...Um de nós tem que voar... Prometa para mim que não vai desistir, que não vai perder seu brilho... sua cor... Que vai chegar lá...

... Te amo... até o infinito...

Apesar dos esforços da minha terapeuta, nunca me lembro dos

pesadelos. Segundo ela, isso acontece por causa do estresse pós-traumático. Algumas dores são tão profundas que liberam enzimas que causam amnésia irreversível. Como um curto-circuito. Uma espécie de barreira de proteção do organismo. Ele desliga alguns botões para evitar o colapso.

A morte de Julio é um tema nebuloso... Odiei o alpinismo... Quase o abandonei. Jurei nunca mais perder alguém para ele. Sofri muito no começo, inconformada por ter perdido a minha metade para a montanha. Julio era um alpinista experiente.

Como? Por quê?

Queria lembrar os detalhes dos nossos últimos minutos juntos. Saber, se houve falha, se eu errei, se foi azar. Mas nenhuma resposta foi dada... Meu cérebro teve outros planos. Hoje, depois de tanto tempo e muita terapia, agradeço por isso. A superação fica muito mais fácil quando só se tem lembranças boas... Tomo o esquecimento como um presente de *Dio*...

— Oi, turista linda.

— Hã...

Pisco outras vezes, atordoada. Não sei quanto tempo estou quietinha nos braços de Dark.

— Tudo bem? — Ele levanta meu queixo com delicadeza.

Abro bem os olhos, ele franze o cenho e me aperta mais firme.

Respiro fundo, apreciando o cheiro familiar e único dele: homem bruto e madeira. Aproveito a sensação nova de me sentir protegida.

— Tudo. — Sorrio sincera. — Só mais um pesadelo. Estou acostumada, sei lidar com eles.

Seu belo rosto contrai, pouco convencido. Em seguida, afrouxa o abraço e alcança uma latinha de chá em cima do criado-mudo. Estranho a lata

ali, mas não pergunto. Estende-a para mim.

— Beba isso. Sempre que estou puto, a Maria me oferece um chá. Ela diz que é bom para acalmar.

Aceito a oferta. Meu sabor predileto.

— Não sei se *Ice Tea*, de pêssego, faz o mesmo efeito que um chá de camomila — debocho e ele me olha feio. — Mas valeu a intenção. Não se preocupe, estou mesmo bem.

— Tem certeza? Estava se debatendo e gritando quando voltei da cozinha.

Reparo nos lençóis suados e amarrotados e no edredom todo torto. Lembro dos vídeos que a terapeuta me mostrou. As imagens gravadas durante uma das sessões de terapia do sono. Um show de horrores.

— Tenho. — Sorrio para tranquilizá-lo e porque é verdade. Sinto-me bem. — Acho que os meus pesadelos têm um efeito bem pior para quem os assiste. Nunca me lembro deles.

Dark sorri da minha observação, mas logo volta a ficar sério.

— Nunca lembra? Nada?

— Nada. — Minha boca contrai e balanço a cabeça negando.

Solto-me de seu abraço, saio da cama e apoio a latinha no criado-mudo. Começo a ajeitar, um pouco, a bagunça que fiz no meu lado da cama.

Dark permanece sentado só me observando.

— Sorte sua... não se lembrar — divaga.

— Lembra dos seus? — Vem à minha memória, a conversa que tivemos no avião. Esta é a segunda vez que me pega tendo um pesadelo. Dormimos só três vezes, eu sei, mas ele parece ter um sono mais tranquilo. — Os seus são frequentes?

Espero sua resposta, que demora mais do que o normal para chegar. Depois de dar uma ajeitada nos lençóis, volto a sentar de frente para ele.

— De cada detalhe. — Faz um bico, depois solta o ar. — Por milagre, não tenho tido pesadelos há alguns meses. Acho que meu subconsciente achou um novo assunto mais interessante.

Ouçõ a melodia de *I'm in love with a* de Fifth Harmony, tocar baixinho no andar de baixo. Não sabia que Dark era um homem tão musical, mas gosto disso.

— Fifth Harmony? — Seguro o riso. — E aquele seu papo sobre gostos musicais?

— Coisa da minha irmã — explica ainda preocupado. — Está bem mesmo?

— Já disse que sim, esquece — desconverso querendo evitar as lembranças. — Um novo assunto mais interessante? — Volto ao que interessa.

— Você, Baixinha. — Pisca charmoso.

Sinto a pele do meu rosto esquentar.

— Como é besta!

Ele me puxa em direção a ele.

— Besta, é? Vou te mostrar o tamanho da besta que carrego em mim.

Tenta me beijar, mas escapo. Meio indignado e surpreso, joga-se na cama e vira para mim, apoiando a cabeça na mão.

— Não? — Franze o cenho. — Sem beijos matutinos?

É óbvio que não!

— Aquela nossa primeira vez foi exceção! Preciso escovar os

dentes! — Reviro os olhos. — Estou com gosto de guarda-chuva na boca. Acho que exagerei no vinho, ontem à noite!

— Acha? Gostei do seu exagero, delícia. — Sorri malicioso.

Sei o que está insinuando, mas me faço de desentendida.

— Ah, pelo amor de *Dio*! Como um gosto de guarda-chuva pode ser delícia? — Torço a boca e o nariz.

— Cínica, sua boca está cheirando a pêssego.

Faço uma careta descrente e ele sorri.

— Delícia que tenha exagerado. Adorei você toda soltinha.

— *Dio*! Esquece isso! — Cubro o rosto.

Tenho que parar de ler esses romances eróticos!

Ando tendo muitas ideias pecaminosas e indecentes com Dark.

— Que foi? Esquecer por quê?

— Porque... — volto a encará-lo — deve estar me achando uma vulgar pornográfica! Nunca tomei a iniciativa... Não deste jeito.

Um sorrisinho satisfeito surge no safado.

— Nunca fez *striptease* para outro homem?

— Nunca! Culpa sua! Me tira do sério.

— Uauuu! Gostei de saber disto! — vibra.

Fico admirada com mais essa novidade de Dark. Nunca o vi tão empolgado. Parece um moleque, sorrindo alegremente. Olho para ele hipnotizada.

— Ei, Baixinha! Garanto que aquele seu jeitinho sexy e safado... — Joga a cabeça sobre o travesseiro. — Porra! Testou o meu limite ali, Baixinha! Um a zero para você! Mas não se preocupe. Te acho muito linda,

sensual e feminina. Vulgar, NUNCA! — Sacode a cabeça dando ênfase. — Nem se quisesse!

— Deixa de ser mentiroso, Aless! — recrimino-o dando um tapa no braço tatuado. Ele nem liga. — Só faltou eu fazer um *pole dance*, de tão empolgada que fiquei.

Dark se levanta em um pulo só e fica ajoelhado sobre os calcanhares, bem à minha frente. Seu peso no colchão faz meu corpo balançar.

— Caralho! *Striptease* e *pole dance*? Sabe fazer isso mesmo? — Morde o lábio. — Por mim pode voltar a empolgar agora mesmo, se quiser. Mas só um aviso... Sou muito, mas muito competitivo. Esse um a zero não vai ficar barato.

Fico um pimentão.

— Pole? Não... Fiz algumas aulas, em Roma. Minha prima me obrigou. Ela estava em uma fase mais picante no relacionamento e me arrastou como cúmplice.

— Porra, Juliet! Não dê asas à minha imaginação. É brincar com o perigo! Principalmente com um tarado como eu!

Ele parte para cima e agarra a barra da camiseta dele, que estou usando.

— O que está fazendo? — arquejo surpresa.

— Acho meio óbvio, não?

Antes que eu possa pensar em reclamar ou parar de tremer e ofegar, ele arranca e arremessa a peça no chão.

— *Dio*, Aless! Preciso escovar os dentes!

— Que desculpinha... Quem liga?

Rapidamente me puxa para si e caímos desajeitados para o lado no

colchão, nossos corpos e bocas se colam. Um beijo provocativo e brincalhão começa.

— Hum... Pêssegos! — Sorri em minha boca.

A princípio, o que parece ser um beijo morno, torna-se intenso e ousado. A língua de Dark começa a instigar a minha com movimentos de um vai e vem, quase pornográfico. Não sei onde ele começa, nem onde eu termino. Só ouço o som das nossas respirações pesadas e bocas se comendo.

Somos um emaranhado de pernas, braços e mãos querendo tocar tudo o que pudermos ao mesmo tempo.

Agarro seu pescoço e me entrego. Já estou aprendendo que Dark não é um cara de meio-termo. Com ele é tudo ou nada. O moço é radical, apaixonado e intenso.

Ofegante, ele para o beijo e afunda o rosto suado em meu pescoço.

— Preciso foder você agora, Baixinha. — Seu tom é imperativo.

Em um movimento selvagem, lá se vai outra calcinha. Assusto-me com a possessividade desmedida.

— Seu ogro!

— Te dou outra!

— Não é isso!

— O que é?

Irrito-me, não sei o porquê.

— Não quero que me dê nada! Quero... Eu não... — Espalmo minhas mãos no peito dele, empurrando com a maior força que consigo. Não faço nem cócegas. Ele me olha intrigado. — Temos que conversar — digo.

Dark volta a ajoelhar-se à cama.

— Depois.

Puxa a camiseta dele pela cabeça. Seu peito nu e tatuado está divino com os raios de sol batendo nele e as gotas de suor brilhando.

Tento ignorar a tentação, mas fico cabreira quando sai da cama, contornando-a como uma onça e para de pé ao meu lado. Estou esparramada, ofegante, suada, toda vermelha pela barba dele e sem calcinha.

Quase engasgo com a visão. Mas mantenho a pose.

— Estou falando sério. Temos que conversar — insisto.

— Eu também falo sério. Depois. — Tira a calça de moletom.

Droga!

Acho que ele não é muito fã de cuecas. Pega um preservativo e sobe na cama vindo em minha direção, como um predador.

— E se eu não estiver a fim? É assim? Vai rasgando minha calcinha, sem me perguntar?

— Já disse que não consigo me controlar com você. E a sua cara de me foda agora é evidente.

— *Madonna Santissima!* Só pensa em transar?

Ele inclina sobre mim

— Lógico que não, penso também... em foder, meter, comer, trepar.

Quase não consigo ouvir a lista toda, Aless sabe como me distrair... Chupa meu pescoço... Morde meu lóbulo... Dá pequenas mordidinhas, na medida certa, em meu ombro.

Estremeço e arrepio toda quando põe a mão nas minhas costas, para desabotoar o meu sutiã. Tento ser firme e resistir.

— Não! — insisto mesmo querendo muito.

Ofegante, apoio sobre os cotovelos. Ele se afasta no ato e não insiste. O encaro... Está de joelhos no meio das minhas pernas, confuso... Sem

entender a minha reação.

— Por quê?

— Aless, não sou só *ISSO*! — enfatizo, para lembrá-lo de que não sou as enfermeiras com as quais está acostumado.

— Eu sei... É justamente por você ser muito *MAIS* do que *ISSO*... que estou com tanto tesão de fazer justamente *ISSO*!

Em um movimento inesperado, joga o corpo sobre o meu.

Gargalho.

— Aless!

Fecho os olhos e espero ser esmagada. Nada. Espio por um olho, o safado está pairando sobre mim, como se fosse fazer uma flexão.

Infelice!

Está me analisando, divertindo-se... Seu pau esfrega na minha barriga.

— *Infelice!* Safado pornográfico!

— Juliet... Escuta... Passei três meses conhecendo e me encantando com tudo o que é. — Faz uma flexão e beija minha cabeça, na altura da têmpora. — Fui um cavalheiro. Aturei suas grosserias. Joguei seu jogo e segui suas regras. — Com outra flexão, beija meu nariz. — Agora vai ser o meu jogo e as minhas regras. — Faz mais uma flexão e esmaga meu corpo ofegante com o dele.

Que delícia!

— Ah! — Debato embaixo dele e, mais puxando do que afastando, desvio da boca que tenta me beijar. — Uma ova que vou seguir alguma regra sua!

Com a mão firme segura meu queixo. O fuzilo, bufando. Já toda

vermelha de raiva e desejo.

— Veremos, Baixinha.

— Seu *coda* que veremos!

Dark ergue uma sobrancelha.

— Está mesmo me rejeitando e pedindo para eu parar?

— Não — confesso, rendendo-me à minha vontade.

Love song, de Sara Bareilles, invade o ambiente.

— Tão transparente.

Um sorriso aparece no rosto safado antes da barba áspera e da boca carnuda tomarem a minha em um assalto possessivo. A língua tsunâmica entra e vai invadindo cada cantinho da minha boca traidora. Uma enxurrada de línguas, salivas e dentes mistura-se e choca-se em um beijo barulhento, carnal e intenso.

Como o profissional que é, Dark continua me beijando enquanto sua mão trabalha para tirar meu sutiã. Dessa vez, até ajudo. Arrepio-me e suspiro com ele se esfregando em mim, em movimentos sensuais, como uma onda. Não consigo segurar e gemo minha apreciação por várias vezes. Dark interrompe o beijo, eu reclamo.

— Dar-me-ia a honra de uma foda, Baixinha? — Olha-me tentando esconder um risinho, sua voz é muito sem-vergonha.

Ao mesmo tempo que quero dar na cara linda dele, quero rir. Impossível resistir. O pau fazendo cada vez mais pressão em minha barriga... grande... duro... viril é um convite irrecusável.

— Só dou a honra, porque *EU* quero.

Quase não reconheço minha voz, tamanha a urgência do meu desejo. Dito isso, *EU* parto para cima. Minhas mãos tentam alcançar tudo de uma

vez: o peito, os ombros largos, a *Bunda*, o pau!

— Baixinha! *Deliziosa!*

Volta a provocar minha boca, passando a língua ao redor dos meus lábios.

— Você tinha que ser assim? — sussurro e mordo seu lábio.

Ele libera a boca da minha mordida e um sorriso presunçoso aparece. Meu coração bate freneticamente. Continuo me contorcendo toda suada sob ele. Levanto os joelhos para que entenda o que quero e jogo o quadril pressionando-o contra a ereção prontinha.

Sem tirar os olhos de mim, ele rasga a embalagem da camisinha com o dente. O jeito com o qual me olha é tão quente e devasso, que minhas dobrinhas começam a latejar ainda mais.

Ele se senta apoiando nos calcanhares, descabelado e ofegante. O tamanho privilegiado de seu corpo faz minhas pernas se escancararem para ele. Ele olha bem no centro do meu universo úmido, morde os lábios e sorri satisfeito.

— Ser assim como? Irresistível? Do jeito que te deixa assim, toda molhadinha só de me olhar? — diz enquanto põe o preservativo, e volta a se posicionar sobre mim.

— Não! Do tipo... presunçoso, possessivo e mandão.

Omito *irresistível e gostoso*, só para o homem parar de ser besta.

— Sou um pacote completo, Juliet. Com qualidades e defeitos — diz lentamente, na mesma velocidade em que vai me penetrando.

Fecho os olhos, gravando cada pedacinho dele entrando em mim.

Como pode... ser tão bom?

— Tem certeza de que quer isso? — Seu tom é sensual e excitante.

Olho para ele meio em êxtase, seus olhos buscam qualquer vestígio de dúvida nos meus.

— Tenho, vem — respondo mansinha e satisfeita.

Ele fecha os olhos parecendo aliviado, me beija bem lentinho e começa a se mexer no mesmo ritmo. Enterro as unhas em suas costas, tentando trazê-lo o mais perto possível. Tomada pela luxúria, lanço meus quadris para a frente.

— Mais forte!

Choramingo minha urgência e entramos em um ritmo perfeito. Jogo a cabeça para trás, fechando os olhos.

— Coloque as pernas ao redor do meu quadril, Baixinha.

Obedeço e o som do choque dos nossos corpos se intensifica para a escala Dark Power. Ele vai me fodendo do jeito que faz melhor: estocadas profundas, duras e alucinadas. Grunhidos saem de sua garganta... Sons primitivos... selvagens... e desconexos.

Tão lindo.

— Juliet, Juliet... Porra!

Ele mete, mete, mete de forma implacável. Agarra meus quadris e meu corpo corresponde, enchendo-se de tesão.

— Aless, mais, mais, não pare...

Rebolo para ele, que me dá o que eu peço, aumentando o ritmo das estocadas. Estamos suados e descabelados. Sinto que ele está tão perto quanto eu; seus braços, apoiados ao meu redor, tremem... Suas pernas contraem. A respiração de Dark está tão pesada quanto a minha.

— Não vou durar muito tempo, Baixinha!

Várias estocadas sucessivas vêm. Sou tomada por uma sensação de

plenitude que vem aumentando a cada vez que ficamos juntos. Meus olhos enchem d'água e me entrego a mais um orgasmo maravilhoso, afundando o rosto em seu pescoço.

— Aless, Aless, Aless! Por que... é tão... bom? — grito, porque não consigo acreditar.

Sinto as contrações do meu sexo, sugando e engolindo o pau de Dark em espasmos de prazer.

— Porque somos nós, Baixinha!

Urra e depois seu corpo inteiro vibra entregando-se a um orgasmo violento. Mais algumas estocadas acontecem enquanto urros e xingamentos selvagens explodem.

— Juliet! Cacete! Caralho! Boa demais!

Cai ao meu lado, ofegante, suado e extasiado. Dark procura a minha mão. Nossos dedos se entrelaçam... E ficamos juntos... De olhos bem fechados... Cada um absorve em suas próprias sensações e pensamentos.

Abismo, de Ana Carolina, começa a tocar.

Perco a noção de quanto tempo ficamos quietos. Quando abro os olhos e busco por Dark, seus olhos verdes estão vidrados em mim. Sou fisgada. Não consigo dizer nada. Só ficar assim: perdida na imensidão verde intensa... com a mente leve e flutuando em pensamentos.

Dio! É isso, não é?

Dizem que a jornada da vida é como escalar uma montanha. Passamos muito tempo num esforço danado, colocando cuidadosamente um pé na frente do outro, nos perdemos, caímos e até andamos em círculos. Cada passo é uma aposta no escuro, até que achamos nosso ponto de apoio e equilíbrio. Então, quando a segurança vem, respiramos, olhamos para o lado e entendemos o quanto o ponto de chegada é lindo. Um novo mundo que se

abre, nos fazendo agradecer por tudo o que temos vivido e recebido. E finalmente somos invadidos por uma gratidão profunda e paz.

— Aless, estou feliz porque decidi abrir a porta.

— E eu... feliz por ter me deixado entrar.

— Não vai ser fácil, né?

— Nem um pouco, Baixinha.



16.1

Sem amarras

— **Dio! Aless! Me** dá aqui essa porcaria de esponja!

— Não! Minha esponja!

— Você esfrega muito forte, me dá!

— Não! Se quer mais fraco, por que não me pede? Tenho ótimas habilidades motoras!

— Alessandro Salvatore Bolgheri! Uauuuu! Que mãos! É disso que eu estava falando!



Estou sorrindo de orelha a orelha, sentada de pernas cruzadas sobre o balcão da cozinha. O sorriso de uma campeã. De uma mulher vencedora, que conseguiu, com jeitinho, convencer Aless a me deixar lavar cada centímetro de seu corpão maravilhoso e tatuado.

Pequenos passos, Juliet!

Depois de alguns toques, Dark entendeu, direitinho, como deveria me lavar. Sempre fantasiei ser instigada por ele no banho e a realidade foi muito melhor. Como um aluno aplicado e competitivo, ele incluiu algumas técnicas próprias que elevaram a minha experiência à potência Dark Power de prazer.



— Posso fazer minhas perguntas agora? — Dark me íntima, ao

entregar uma xícara com *latte* e um prato com *cornetto alla Nutella*^[63]. — Quer uma omelete?

— Só o *latte* e o *cornetto* estão ótimos. — Ignoro a primeira pergunta. — Athos e Porthos? Deu razão para eles? — Tento mudar o rumo da conversa.

— Dei, mas os dois estão enfiados no mato. Tenho certeza de que encontraram coisas mais interessantes do que razão.

A voz dele é divertida, mas me olha de um jeito cínico que mostra que sabe que estou tentando enrolá-lo.

Meleca!

Que inferno!

Está bem, eu confesso. Não sou tão vencedora assim! Para conseguir o que eu queria: lavar a *Bunda* delícia dele, tive que ceder a uma pequena chantagem. Dark é tão competitivo quanto eu e sem chances dele me deixar abusar de seu traseiro, de graça. Em troca dos prazeres concedidos no banho, prometi responder à algumas perguntas.

Limpo uma migalha do *cornetto*, que caiu no vestido preto com rosas, que Dark trouxe na bagagem. Um modelito bem menina e comportado. Ele olha para mim, impassível, tomando seu café. Apoiado no balcão da pia, arqueia uma sobrancelha intimando de novo e indicando que aguarda uma resposta.

— E aí? Deixei que fizesse tudo o que queria, quero meu pagamento.

— Sou uma mulher de palavra, Aless. O que quer saber?



Dark

Quero saber tudo, Juliet!

Qualquer detalhe sobre você me interessa.

A visão de Juliet, sentada na bancada da cozinha, descalça e com o cabelo preso de um jeito que a faz parecer um anjo, é coisa para se gravar na memória. O modo como agiu no banho, como uma pantera, toda se enroscando em mim... *Porra!* Ela é tão contraditoriamente sexy e adorável que tive vontade de retribuir aos seus toques suaves e sensuais, com uma delicadeza que nem eu sabia que eu tinha.

Confuso, né?

Nem eu estou me reconhecendo.

Não sou um cara romântico e carinhoso. Muito menos, um desses loucos sensíveis e fanáticos por poesia, que ficam recitando abertamente seus sentimentos por aí. Meu mundo sempre foi esse do alpinismo: direto e cru. Estou acostumado com mulheres que tem um único interesse: meu pau. Mas Juliet, não. A Baixinha tem demonstrado tanto interesse por minha cabeça de cima quanto tem pela de baixo. E isso...

Caralho!

Está me pondo maluco.

Parece uma dessas fadas dos filmes que a Rafa me obrigava a assistir... Só que bem mais gostosa e sexy. Sei lá qual delas... Talvez uma que tenha varinha com estrela na ponta e saia abrindo as portas e transformando o feio e o sem graça, em algo brilhante, colorido e alegre... Cheio de coisas delicadas e femininas... Coisas da Juliet.

Porra!

Essa carinha dela... mulher e menina em doses perfeitas... me derruba.

Dio! Ela é demais!

Anja e peste. Santa e safada. Bela e fera. Doce e insuportável. Com um sorriso... Caralho! Tão contagiante, que me faz querer sorrir também e fazer uns troços idiotas, só para vê-la sorrir novamente: como sair colhendo, às cinco da manhã, todas as flores que encontrei pelo caminho, ou... Deixá-la lavar a minha bunda!

Sim, deixei... Porque busco ser um cara compreensivo e mente aberta. Tento me colocar no lugar das pessoas. Também tenho vontade de agarrar a bunda perfeita e empinadinha dela e não soltar nunca mais.

E além do mais, sei a hora certa de ceder. Aquela era a hora exata de aproveitar a oportunidade para negociar e conseguir algo maior em troca. No caso, algumas respostas.

Enquanto observo Juliet fingindo que não estou aqui, entretida com o café da manhã, tento decidir entre uma abordagem suave ou radical. A mulher é nervosinha, uma palavra errada e essa italianinha sai do sério fácil, fácil. Estou fodido.

— Pronta? — Arqueio uma sobrancelha.

Juliet levanta o rosto e passa o dedo na boca removendo uma migalha.

Gostosa.

— Esse interrogatório bem que poderia ficar mais interessante. — Também ergue uma sobrancelha, desafiando-me.

Sabia!

A danada já está querendo levar vantagem.

Olho para o teto e solto o ar em busca de paciência.

— Mais interessante como? — pergunto já esperando a bomba.

— Respondendo sobre a mesma coisa que me perguntar. — Sorri sugestiva, depositando o prato vazio no balcão.

— Está mudando o nosso acordo, Juliet?

Meu tom de voz reflete insatisfação. Apoio as palmas das mãos no mármore da pia, dou impulso e me sento sobre ele. Ficamos frente a frente. Eu na bancada da pia e Juliet no balcão central da cozinha americana.

— Digamos que estou apenas melhorando nosso acordo.

Sorri presunçosa e seus olhos se movem para a varanda, onde Athos e Porthos aparecem fazendo festa para ela, através do vidro.

Puxo o ar em busca de mais paciência. Mudanças de planos sempre me irritam. Minha vontade de pegar leve nas perguntas até passa. Quem mandou a peste mudar as regras? Não vou facilitar para ela.

— Você não joga limpo, Baixinha. Trepou com o paquistanês? — solto na lata o que mais me incomoda.

— O quê? Não te interessa! — retruca parecendo ofendida.

— Se não me interessasse, não perguntaria — revido com o óbvio.

Ela cerra os olhos e solta o ar lentamente.

— Quer mesmo ir por esse caminho, Dark? Porque posso querer saber com quantas especialistas da área de saúde, o senhor já andou se consultando!

Cazzo!

Caminho errado. Escrutino o rostinho indignado, que sugere que não transou e, um pouco mais aliviado, mas não muito, decido mudar a abordagem.

— Tá! Esquece essa. Conheceu alguém mais intimamente no Paquistão?

— Dark! Vou parar. Não sou idiota!

— Porra! Esquece essa também. Primeiro beijo?

— Aos quinze com o Perlo Castratori, líder do time de futebol do colégio.

Que decepção, esperava algo mais original.

— Doze anos. Roseta Franceschini, quinta série. Tinha bafo de ganso morto — respondo cumprindo minha parte no novo trato.

— Que horror! — Ri debochando de mim.

— E o seu? Foi bom? — pergunto ofendido.

O nariz arrebitado franze.

— Eu nem sabia o que estava fazendo direito. Tinha língua dele na minha garganta, me sufocando e toda aquela baba. Foi diferente de tudo o que a minha prima me ensinou com a laranja, mas sei lá... Acho que foi bom. — Sorri petulante e me irrita um pouco. — Pelo menos achava que foi, até pegar o traidor aos beijos com o centroavante do time.

Solto uma gargalhada. Nem sei o que é pior: bafo de ganso ou traição gay.

— Que otário! — Tento amenizar a gargalhada e a traição que sofreu. — Primeiro porre, aos quatorze anos. — Antecipo minha resposta à próxima pergunta. — Eu, Fran e Alex, na adega de meu pai. Achamos algumas garrafas de conhaque. Vomitei por uns cinco dias seguidos. E o seu?

— Aos dezesseis, sozinha. Licor de menta do meu pai. Coma alcoólico.

— Porra, começou bem! — Já sei o que oferecer no dia em que ela

me irritar. — Primeira vez que se apaixonou?

— Apaixonar... Apaixonar... acho que foi por Perlo, depois por Giocondo Mastriani, na faculdade. Ficamos juntos uns quatro meses, até descobrir sua obsessão por roubar e cheirar minhas meias sujas. Depois umas paixonites passageiras, sem futuro. E você?

Não gosto dessa coisa de paixonites passageiras.

Engulo em seco.

— Nunca. — Sou firme porque é verdade e as perguntas são relativas ao passado, não ao presente.

— Nem... por sua noiva? — A voz dela sai receosa.

Meus olhos arregalam e me ajeito na bancada.

Cazzo!

— Como sabe dela? — Encaro Juliet com um olhar acusatório.

— Digamos que Bolgheri é uma cidade pequena — explica. Mantenho o olhar inquisitivo e ela se contorce. — Descobri sem querer.

— Sei... — Continuo desconfiado, mas melhor falar logo a verdade. Já percebi que Juliet adora tirar uma conclusão precipitada. — Nunca me apaixonei pela Paola. Foi só um namoro à toa, mas acabei cedendo à pressão da minha mãe. Queria fazê-la sair do meu pé e pensar que tinha tomado um rumo. Como toda farsa... acabou.

— À toa? Ficaram noivos...

— Foi um erro, acabou. Agora é minha vez de perguntar — interrompo. — Sua tatuagem? Falou que diria o significado. — Encerro o assunto mudando logo o rumo.

Juliet revira os olhos.

— E as suas? — retruca tentando passar a vez.

Sorriso cínico.

— Não vai fugir dessa, mocinha. Mas, ok, vou primeiro — cedo por cortesia.

Começo a apontar para os desenhos em meu corpo explicando o significado de cada um.

— A maioria representa uma conquista ou um lugar. Já a santa, é Maria Maior, protetora da neve, da altitude e dos loucos — gargalho pela cara de descrédito que ela faz ao ouvir loucos. — Essa outra, o condor, fiz em minha primeira expedição ao K2. A ave é sagrada no Paquistão. Eles creem que ela carrega *Dio* no seu dorso.

— Que lindo, Aless. E as máscaras de teatro?

Não consigo esconder o desgosto que surge em meu rosto.

— Fiz num impulso. Babaquice minha... Eu me sentia como um palhaço naquela época. — Levanto os ombros, me justificando: — Minha vida estava uma bosta, uma comédia de erros. Tudo o que eu acreditava tinha desmoronado.

— Ainda se sente assim?

Vejo piedade em seu olhar e não gosto.

— Não! — digo mais firme do que o necessário. — Quando fiz, estava bêbado... Talvez um dia, cubra essa merda com outra coisa. Mas... e a sua *tattoo*? — Penso no símbolo do infinito, decorado por pequenas penas e pássaros, que vi em seu cóccix. — Já vi algumas parecidas, mas nenhuma com esses elementos. Não me enrola, Juliet!

Ela remexe no balcão, descruza as pernas e, por um momento, penso que vai fugir. Abre e fecha a boca algumas vezes, balançando as pernas em nervosismo.

— É uma homenagem ao meu irmão, Julio — explica evasiva.

Pressiono os lábios esboçando que preciso de mais. Bandida, está errada se pensa que vou aceitar só essa resposta padrão!

— Mas... e os símbolos? As palavras impressas nela. Qual é, Juliet, me abri com você! — Apelo para a chantagem, preciso saber.

Nervosa, ela me olha e faço um gesto para que vá em frente. Chego mais para trás e apoio as costas na parede da cozinha. Cruzo os braços em expectativa.

Um suspiro rendido indica que vai ceder.

Espero.

— Eu e Julio sempre fomos muito ligados... — começa, mas recua parecendo escolher as palavras. — Nascemos prematuros... Minúsculos e frágeis. Minha mãe nos chamava de passarinhos, porque ficávamos juntos no mesmo berço.

— Julio era seu irmão gêmeo?

— Sim. — Sorri com carinho. — Segundo minha *mamma*, éramos iguais a duas andorinhas. Quando brigávamos, *mamma* dizia que as andorinhas são amigas fiéis aos seus pares. Têm um só companheiro por toda a vida, um amor infinito. — Os olhos de Juliet iluminam e entendo o símbolo de infinito tatuado nela. — Por isso incluí as penas unindo o infinito. Depois descobri que elas também representam amor e ressurreição... capazes de transformar a dor em sementes de esperança.

— As palavras? — insisto encafifado com a coincidência que martela minha mente desde ontem.

Ela hesita novamente e dou-lhe um olhar encorajador.

— Quando Julio morreu, eu tinha acabado de entrar em Cambridge.

O primeiro ano foi uma tortura. Queria desistir de tudo... Então Tito, um amigo meu, soube de uma palestra de superação.

— A minha palestra? — jogo meu palpite.

Sempre tive curiosidade sobre como ela foi parar lá.

— Sim... Mas não sabia que era sua — explica. *Merda! Pensei que tivesse ido por mim!* — Pensei que Tito quisesse me arrastar para mais um daqueles grupos de supere a sua dor. Quase desisti de entrar quando vi o tema...

— Alpinismo? — completo confuso, mas agradeço mentalmente por ela não ter desistido da palestra.

— Sim. A montanha levou quem eu mais amava. A última coisa que eu queria era ouvir sobre alpinismo. Desculpe... Não era nada pessoal contra você.

Caralho!

O irmão dela morreu escalando?

Pego de surpresa com a informação, resisto a tentação de abraçá-la e reconfortá-la. As coisas entre nós estão indo bem rápido no campo da intimidade, mas ainda não sei como agir em assuntos mais pessoais, ela parece tão independente e resiliente. Não quero ser eu aquele a desencadear uma crise.

— Não sabia que Julio era alpinista, me desculpe. Joseppe, seu outro irmão, é advogado, certo?

Ela confirma, digo que não precisa continuar, mas insiste. Juliet respira e solta o ar devagarinho.

— Tudo bem... Está sendo bom falar sobre isto com você. — Sorri triste, de um jeito que comprime meu peito, deixando-me apreensivo. —

Depois de quase bater no Tito, acabei entrando na palestra. Você estava bêbado?

O quê?

Porra! Eu era um bosta!

A colocação inesperada, mas totalmente assertiva, deixa-me desconfortável.

— Como um gambá. — Ergo os ombros desculpando-me.

— Imaginei... — Lança-me um olhar desgostoso. — Apesar de parecer acabado e *BÊBADO*, toda vez que falava sobre a montanha ou sobre como era estar lá em cima no cume, seus olhos acendiam. Dava para sentir a sua paixão...

Nossa!

Estava tão chapado!

Paixão era a última coisa que eu acho que sentia.

Fico quieto e duvidoso, pensando se ela não imaginou isso. Juliet sorri e continua:

— Quando falou sobre como deveríamos nos manter em relação às tragédias... — Para e encara-me emocionada.

Quase engasgo e meu coração acelera. Não pode ser... Permaneça forte era o tema da minha palestra.

— *Stay Strong*... — murmuro.

— Sim, exatamente. Lembra que encerrou a palestra com “apesar de tudo mantenha-se forte”? — Abaixa os olhos e não lembro de porra nenhuma. — Aquilo me tocou profundamente. Não lembro de quase nada do dia de acidente. Só de algumas palavras soltas, mas... — Volta a me encarar e há tanta emoção em seu gesto que caio rendido. — Fique forte. Julio também

disse o mesmo antes de morrer. Pedi tanto que *Dio* me mandasse um sinal, qualquer coisa que diminuísse a minha dor. Ele mandou você para me lembrar.

Perco o ar, não sei o que fazer. Fico imóvel, não quero que me veja fraquejar... Aperto os punhos... *Há quantos anos, não sinto vontade de chorar? Sinto-me um monstro, vivia tão preso aos meus dramas que jamais cogitei alguém sofrendo como eu. Tantas perdas injustas... Porra! A história dela está me fazendo reviver a minha... Somos iguais na dor... Não posso surtar! Não agora, não na frente dela...*

Controle, Aless! Controle!

Visto minha máscara de gelo e tento controlar os tremores nas mãos.

— Estava com ele? — sussurro, falhando em esconder meu nervosismo.

— Sim. — Suas feições endurecem, mas depois ensaia um sorriso doce. — Calma, Aless, estou bem... Sério... *Stay Strong* foi meu gatilho positivo... Me incentivou. Ver você... superando e sem fugir, como eu queria fazer, me trouxe de volta.

Um nó se forma em minha garganta. Quero, mas não consigo dizer nada.

Ah, Juliet, Juliet...

Não percebe?

Eu era uma farsa. Já tinha desistido de tudo... Pelo menos, até ver você... Quero tanto te contar isso, mas não consigo.

— Sua palestra me inspirou. Mesmo odiando agulhas, me enchi de coragem e no dia seguinte fiz a tatuagem. — Abre um sorriso vitorioso, de parar o trânsito.

Put a que pariu!

Ah! Se ela soubesse...

Ela quem me inspirou. Ela é o meu pé de coelho.

— Você que é inspiradora, Baixinha. A forma como lida com suas tragédias... Sua força é impressionante, uma pessoa iluminada. Fico feliz que tenha continuado a ser assim, alegre.

— Obrigada, mas você tem muita participação nisso. — Suas bochechas coram. — Com seu exemplo e o apoio da minha família aprendi que tudo depende de como encaramos as coisas. Aceitei meu luto. Não me fechei. Entendi que a vida continua e que Julio me queria forte para realizar os nossos sonhos. — Sorri sincera. Estou hipnotizado e encantado. — Consegui resgatar minha luz... Seguir em frente. Espero que não se importe de eu andar por aí com suas palavras tatuadas em mim. Foi coincidência ter ido para a *Mountain*, não sou uma perseguidora.

Uma onda de calor e posse agita meu corpo. Ela já me tinha por perto! *Porra!* Orgulhoso, consigo rir da carinha preocupada que faz.

— Perseguidora? Nunca! — *Quem não a tirou da cabeça, por três anos, fui eu!* — Juliet, sei que sua contratação foi ao acaso. O Pierre Rodin, da equipe francesa, gabou-se de ter descoberto uma nova e talentosa meteorologista. Ele quis me matar quando mandei o Francesco descobrir quem era e fazer uma proposta antes dele.

— Verdade?

Confirmo e ela parece mais aliviada.

— Fiquei surpresa quando Fran me procurou, não imaginava que você pretendia voltar ao K2. O Pierre quis me esganar quando dei para trás... — Parece se divertir com o que lembra. — Ele me xingou muito. Eu nem sabia que existiam tantos palavrões na França. Depois... quis me esganar

quando disse a ele que a sua equipe era a melhor de todas — conta e um sorriso presunçoso brota em meu rosto. — Apesar de conhecer a sua fama de ogro autoritário, eu não tinha como recusar.

— Ogro autoritário é o caralho!

Olho feio para ela, que mostra a língua e revira os olhos.

— Aless, você é o alpinista mais brilhante e capaz que conheço, mas é um ogro autoritário sim! — Ri docemente, amenizando minha indignação. — Está bravo comigo?

— Pelo quê? É tanta informação... Estou atordoado — digo descendo da bancada.

— A tatuagem?

Dou dois passos, colocando-me entre as pernas dela, que estão dependuradas no balcão. Abraço-a pela cintura.

— Bravo? Nunca... É uma honra! — *Que tenha a minha marca.* Resvalo nossos lábios e a sinto estremecer. — Ter ajudado você, de alguma forma... Estar marcado em sua pele. Porra! Isso é foda!

De repente, minha ficha cai. Fiquei tão cego, que não vi o óbvio. Pensei que a resistência dela por mim fosse porque me achava um puto arrogante. Ok, também deve ser por isso, mas não é só por isso!

Seu histórico pré-contratação falava sobre um irmão falecido. Lógico que associei os pesadelos que tem a isso, mas não havia nada sobre o acidente. Muito menos que o irmão era seu gêmeo, alpinista e que ela o viu morrer.

Porra! Caralho!

— É por isso? — murmuro.

— O quê?

Ela parece confusa, tiro uma mecha de cabelo, caída em seu rosto.

— O sonho de conquistar o K2? Sua repulsa por mim. Tem medo de que aconteça de novo? Seu irmão... Eu.

— Sim, é arriscado demais.

Sua resposta me derruba. Abaixo a cabeça e escrutino o piso rústico da cabana. Sei exatamente como se sente, meu medo é o mesmo. Mas não quero que se afaste de mim por medo. Nem quero mais afastá-la.

— Não vai acontecer de novo, Juliet... — falo por ela e por mim. — E nós?

— Nós? Eu... não sei... — Balança a cabeça, confusa. — Ficar com você vai contra tudo o que acho seguro. Mas... não consigo evitar. Minha cabeça diz não e meu corpo diz sim. Sinto uma atração muito louca, quase irracional. Tem horas que quero te bater; e outras, te beijar. Estou totalmente confusa, não sei o que pensar.

Sinto a mesma coisa por ela. Um troço maluco e indefinido que esquenta meu coração.

— Está apaixonada por mim? — Meu subconsciente fala mais alto, antes que eu possa impedir.

Cazzo!

— Apaixonada? — Seus olhos arregalam em pavor. — Não, é impossível! É claro... que... sinto... coisas quando estou com você! Mas... Mas... Paixão? Não! Não! Nem nos conhecemos direito! Mais brigamos do que qualquer outra coisa. Não, não... Apaixonada não. Concorde? Você não se apaixona. Apaixona? Até outro dia, eu achava que você nem beijava... Beija muito bem, aliás. *Dio!* O que estou falando?

— Gosta do meu beijo? — Saber disso eleva meu ego às alturas, sorrio feito idiota.

— Gosto, mas não é o que parece... — apressa-se. Seguro em seu queixo trêmulo, para que me olhe nos olhos. — Dark, não se preocupe... Não espero nada de você. Tenho horror a compromisso... Amarras... Rótulos... Não! Amo a minha liberdade. Não exigirei nada e nem vou misturar nosso lance com a *Mountain*. Vai me demitir? Acho que devemos parar por aqui.

Porra!

Ela nega tanto que, apesar dos meus instintos e de seus olhos me dizerem que sim, já começo a pensar que não. Uma onda de dúvida me invade.

Caralho!

Como assim, nada de compromisso? Que merda é essa de liberdade?

Inspiro, expiro, inspiro, expiro, inspiro e expiro...

Seguro meu troglodita interior prestes a explodir e a cobrar explicações. Depois lembro que não tenho o direito de lhe cobrar nada. Lembro também que sou um homem de trinta e um anos, não um idiota de quinze! Juliet é bem mais nova e inexperiente. Tento me convencer de que está apenas confusa e de que preciso bancar o maduro da relação.

— Ooooh! Respira, Juliet!

Abraço-a apertado, está tremendo.

— Aless, eu... Eu não...

Coloco o dedo na boca macia, impedindo-a de continuar. Outra negativa dela e eu surto.

— Shhh... Me escuta... — peço manso. — Primeiro, não vou demitir você. Segundo, sou homem, não moleque. Não vou misturar as coisas. Terceiro, não vamos parar por aqui. Quarto, sei exatamente o que sinto e o que quero. E para encerrar o assunto, nem pense em fugir de mim. Já lhe

disse que sou determinado.



16.2

Plano B

— **Também sei muito** bem o que quero. Não planejo fugir, mas o que está rolando entre nós, não altera os meus planos para a próxima temporada no K2. Vou subir de qualquer jeito e pode ter certeza de que terei um plano B. Nem pense em me enganar ou tentar me proibir, estou esperta. Dessa vez, não haverá bilhetinho no mundo que me impeça de chegar ao cume.

Sinto-me um bosta, até dez minutos atrás minha intenção era exatamente essa. Inventar uma desculpa de última hora, um sequestro talvez.

E pronto!

Nada de Juliet se arriscando no K2. Mas agora, depois de ouvir toda a sua história, eu seria um canalha. Sem saber, fomos o alicerce um do outro! Saber que a toquei de alguma forma em Londres foi... mágico. Que contribuí para esse brilho no olhar e alegria que ostenta, faz-me sentir poderoso. E... descartável...

OPA! OPA! OPA!

Que cacete é esse de plano B?

— Plano B? Tem conversado com outras equipes, Juliet? — Faço-me de desentendido e tento disfarçar, mas minha vontade é de esganá-la.

Acho que vou precisar de umas sessões extras com a terapeuta, essa italianinha muda meu humor com um estalar dos dedos.

— B, C, D, E, se for preciso. Recebi algumas propostas no

Paquistão.

— Propostas? Andou conversando com outras equipes? — insisto.

— Não cheguei a isso, mas não fechei portas. Desconsidere todas, mas posso voltar atrás se achar que preciso. — Seu tom é petulante.

— Perfeito... Bom saber que tem opções em aberto. O que falamos sobre confiança fica onde mesmo? — Minha cara de decepção é real.

Sei que estou sendo hipócrita. Foda-se! Minha intenção foi protegê-la; a dela, pelo que estou entendendo, agir pelas minhas costas.

— Nem vem com esse olhar acusador. — Juliet me encara. — Não tenho que dar satisfação de tudo.

— Em assuntos que envolvam a equipe, tem que dar sim! — rebato.

— Por que tudo tem que ser do seu jeito? Tudo bem que é o melhor do mundo, mas por que só você pode se arriscar? Se parasse de ser tão controlador e nos deixasse ter mais autonomia... Se prefere escalar sozinho, nos deixe subir sem você.

— Juliet, Juliet — interrompo. — Não me teste ou peça o impossível! Eu não me arrisco, sei exatamente o que faço, mas gosto que se preocupe. Acho que gosta de mim mais do que admite, mas não me ofenda com conclusões descabidas. — Franzo a testa. — Meu bilhete foi claro e não teve nada a ver com solidão, mas com segurança. Como você, tenho sérios problemas com a perda. Sabíamos que aquela merda viria abaixo... Entrou nessa ciente das regras. Não existe eu deixar alguém do time subir sem ser comigo. Agora... se você acha que eu tenho que engolir e respeitar suas escolhas, sugiro que faça o mesmo com as minhas.

— É que eu pensei, como você já subiu... Bem que eu poderia... Não somos amadores!

— Porra! Nem por um caralho! Minha equipe, minhas regras.

— Falou o general! Não sabia que tinha entrado para o exército.

— *Dio mio!* Você é uma teimosa insuportável!

— E você, um controlador autoritário.

Em certos momentos, olhares falam por mil palavras. O meu agora é de um homem irritado, prestes a cometer uma loucura, duelando com uma Baixinha atrevida, que não fica atrás na intensidade da insanidade visual. Ela sentada no balcão e eu em pé, entre suas pernas. O silêncio é total.

Tum, Tum, Tum...

Apenas há o som dos nossos corações acelerados.

A tensão entre nós é tão grande que chega a ser palpável.

Solto fogo pelas ventas. Frustrado, passo as mãos no cabelo. Juliet bufa e cruza os braços. Isso já está ficando constrangedor. Decido ceder e tomar a iniciativa.

— É assim que as coisas vão funcionar? Vai me desafiar toda vez que eu tomar uma decisão?

— Culpa sua! Só faço isso porque é um mandão cabeça-dura.

— Eu cabeça-dura? São as regras do contrato que assinou. Ninguém se opõe! Só você! Tem sérios problemas de insubordinação e a culpa é minha? Deveria levar isso para a terapia.

— O quê? Como ousa? Está insinuando que sou louca?

— Louca? Não. — Não resisto e faço cara de deboche. — Emocionalmente complicada? Sim. Está tomando aqueles troços para emagrecer?

Opa!

Os olhos dela arregalam. Parece que alguém se ofendeu.

— Estou! Na mesma proporção em que se enche de Viagra!

Levanta a mão para me bater, mas apanho seu braço no ar, antes de atingir meu rosto.



Juliet

Real love, de Jess Glynne, começa a tocar.

— Tá maluca?

— *Infelice!*

Tento a outra mão, mas ele pega também.

— Me solta, troglodita!

Tento descer do balcão e nossas virilhas colidem.

— Oh! — Surpreendo-me.

O pau sem-vergonha dele já está pronto para outra. Está tão duro que posso senti-lo inteirinho, mesmo sob o tecido grosso do jeans.

Como pode?

Um rubor sobe por minhas bochechas e Dark abre um sorrisinho malicioso. Não quero que perceba que já estou molhadinha. Discussões me excitam. Debato-me e tudo que consigo é fazer com que o meu vestido suba e minha virilha esfregue ainda mais na dele.

Meleca!

Fecho os olhos e conto até dez. Quando os abro, Dark coça a barba enquanto me analisa.

— Corada, cabeça inclinada, olhos brilhando, boquinha entreaberta e respiração ofegante. Hum... Aposto cem euros que está molhadinha.

O quê?

— Indecente! Molhadinha, uma ova! Não te quero!

— Imagina se quisesse! Essa boceta se esfregando, como louca, no meu pau é o quê? Uma DR pélvica?

Quanto abuso!

Ouvir a palavrinha mágica, pau, dita em sua voz safada, me excita ainda mais.

Droga!

Nego com veemência! Insisto em descer, mas a porcaria do homem é tão forte, que não faço nem cócegas. Estou vermelha de paixão, meu coração bate a mil e ofego de desejo.

— Não é porque tem esse corpo tentador, que não consigo resistir!

Começo uma ladainha de impropérios e, quanto mais falo, maior é o sorriso presunçoso que ele ostenta. Até que calo a boca.

— Não resista, Baixinha.

O jeito com o qual me olha é tão indecente. É como se pudesse ler meus pensamentos libertinos.

Esse olhar é coisa de profissional!

Safado dos Infernos!

Quase engasgo, quando passa deliberadamente a língua molhando sua boca carnuda.

Viro uma *kamikaze*... Uma mulher-bomba... Explodo minha vergonha na cara e parto para o ataque.

— Juliet!

Surpreende-se quando o agarro pela nuca e grudo nossas bocas. Acho que nem ele esperava a fúria do meu ataque. Mas é guerreiro e me ataca

com a mesma intensidade. Passa a língua no meu lábio inferior e morde duro.

— Aiii! — Deixo escapar um gritinho, busco por fôlego, mas ele coloca a língua todinha na minha boca.

A língua quente, molhadinha, que melhor se encaixou com a minha, e que me explora. Nada de suavidade desta vez. Seu beijo é intenso e possessivo. Como se quisesse compensar a ausência de anos e, sem desconectar o beijo, ele agarra meu traseiro, me puxa mais para perto e quase caio do balcão. Prendo as pernas ao redor dele. Seus quadris começam um movimento contra os meus, como uma onda que vai e vem.

Dio!

Por que não consigo resistir?

Ele suspira na minha boca, interrompe o beijo e afunda o nariz no meu pescoço.

— Agora sou eu que estou tendo que resistir aqui! — rosna e lambe lentamente da base do meu pescoço até a orelha. Depois abocanha o lóbulo, chupando e mordendo.

— Não resista, Aless!

Desço as mãos por suas costas, agarro a barra da camiseta branca e puxo-a para cima. Ele se afasta e reconheço o brilho de foder em seu olhar. *Delícia!* Sua camiseta cai ao meu lado no balcão. Ele enfia a mão no bolso de trás do jeans rasgado.

— Preciso de você de novo — diz entre uma esfregada de pélvis e outra, tentadoramente calculadas, lentas, profundas e safadas.

Desenrosco minhas pernas. O encaro tentando recobrar o juízo, mas não o encontro. Então, coloco a mão em sua braguilha... O botão já está aberto. A respiração dele fica entrecortada. Fecha os olhos, à medida que abaixo o zíper, a calça e a boxer, e seguro, decidida, seu pau GG pulsante.

— Também preciso de você, Aless — sussurro rouca de desejo.

Ele me encara com os olhos verdes pegando fogo. Estende a mão me entregando a camisinha.

— Você coloca.

Esta atitude é o meu fim. Sei que está fazendo isso para ter uma confirmação de que não estou apenas cedendo. Com o olhar preso ao dele, rasgo o pacotinho dando-lhe minha resposta. Sim, eu quero isto tanto quanto ele.

A todo momento!

Com cuidado, como se segurasse um tesouro precioso, envolvo todo o seu comprimento.

— Não vou rasgar essa calcinha, prometo. — Sorri de seu jeito torto.

Assinto, enfeitiçada com a delicadeza com a qual desliza as mãos rudes por minhas coxas. Arrepio-me quando toca as alças da minha calcinha. Uma ajudinha minha, levantando os quadris, e dedos habilidosos descem a rendinha branca, até eu me livrar dela. Um gesto tão simples de suas mãos, mas consigo sentir um carinho grande em tudo isso.

Ele passa o dedo por minha intimidade já úmida, separando os lábios. Estremeço, sussurrando bem baixinho e um arrepio percorre meu corpo da cabeça às pontas dos pés, que encolhem com o prazer do toque dele.

— Caralho, nunca vou me cansar de falar como a sua boceta é linda! Seu cheiro, seu gosto... Tudo tem um efeito devastador em mim, Baixinha.

Deixo escapar um sorriso tímido, acho que esse deve ser o jeito torto de Dark de tentar ser romântico.

— Você também é uma delícia, Aless. Agora, não me torture mais e me come, por favor!

Sou presenteada com um sorriso inebriante e, em um movimento rápido, minhas pernas voltam ao redor de seu quadril.

— Preciso que se agarre em meu pescoço. Isso vai ser rápido, forte e duro.

Obedeço, ardendo de desejo e ele entra fundo, sem dó e tudo de uma vez.

— *Dio, Aless!*

O impacto me lança para cima e logo entramos em um ritmo acelerado.

— Esse é o tamanho do meu desejo por você! — diz com uma estocada, dura e profunda. Grito. — Cada vez que fazemos isso... — continua a tagarelar e outra estocada violenta me invade. — Só melhora... — A voz dele começa a falhar, misturando-se aos meus gritos e gemidos que insistem em sair. — E... — grunhe em seco — meu desejo só aumenta.

Ele se cala. Nossas respirações, batimentos e gemidos ganham um ritmo único. O barulho seco da base de seu pau, chocando-se contra o meu corpo é primitivo, assim como nossos sons e membros se entrelaçando. Não há razão, nem controle... Só a necessidade.

Ele mete.

Eu gemo.

Mete mais e rebolo agarrada em seu pescoço... com nosso suor escorrendo.

Ele urra.

Eu berro.

Nunca me encaixei tão perfeitamente em alguém.

— Aless! Que loucura é essa? — grito de prazer.

Ele gruda a boca na minha, como se quisesse respirar o mesmo ar.

— Não sei... Só não pare de rebolar essa bunda!

Agarra meu cabelo e mete, mete, mete, mete em uma sequência no nível Dark Power máximo. Minha voz some, acho que vou enfartar.

Sem aviso, todos os músculos do meu corpo contraem de uma só vez em uma onda unânime de prazer. Não existe um pedaço meu, que não transpire a tesão.

— Cristo! Aless... Vou... Goz...

Minha respiração falha, enquanto ele me presenteia com mais uma sequência de estocadas firmes. Entre meus espasmos do terceiro orgasmo da manhã, sinto Aless retesar e todo seu corpo contrair, até atingir sua própria libertação. Barulhento, alto, cheio de palavrões, urros e uma ladainha interminável:

— Porra, Juliet!

Ele me mantém presa em seus braços e permanece dentro de mim. Minhas pernas trêmulas penduradas no balcão, meus braços ainda ao redor do seu pescoço. Afundo a cabeça em seu peito, inalando seu cheiro tentador misturado a suor e sexo.

Perco-me em pensamentos. Tento entender essa coisa avassaladora que sinto chamada desejo. A força mais poderosa da Terra, a semente que dá origem a tudo. Capaz de mudar os meus melhores planos, desafiar quem acho que sou e contestar o que penso que preciso.

Um desejo poderoso enlouquecedor e imprevisível. Que tenho renegado, na esperança de que ele desapareça. Junto com todas as perguntas que não quero responder e com as verdades difíceis que prefiro não ver. O que acontece quando o desejo aparece desta forma inesperada? Devo impedi-lo? Ou me render?

Penso em meu histórico de relacionamentos um tanto monótonos: uma lista curta de caras não tão legais e quase decentes. Gostei de estar com eles, mas nunca a ponto de perder o controle como acontece com Aless.

— Baixinha?

— Hum?

— Acho que preciso de um novo banho — sussurra beijando meu ombro. — Vem comigo?

— Promete esfregar meus cantinhos com carinho? — provoco.

— Cada cantinho seu. — Sorri e aceito.

Ouvir a voz grave e autoritária de Dark trocar as obscenidades por palavras gentis é algo para se gravar, de tão inédito. Diminutivos são coisas que imaginei não passarem nem perto de seu vocabulário libertino e dominador.



16.3

Cabo de guerra

Depois de outro banho demorado, do quarto orgasmo e de um pequeno desentendimento, levantamos acampamento. Dark só se esqueceu de me dizer que tinha aceitado o convite para almoçar na casa do *nonno* Salvatore – detalhe com um bando de gente.

— Vai ficar muda o caminho todo? O que foi? — Dark me pergunta, assim que entra na estrada de ciprestes em direção à vinícola Salvatore.

Passo a mão na saia do meu vestido e volto a olhar para a paisagem, sem encarar Dark.

— Nada.

Uma mão de Dark larga o volante e vai parar no meu joelho.

— Com você nunca é nada. Pensei que, depois da cozinha, estivéssemos bem. Vai, se abre comigo, mais cedo você disse que precisávamos conversar.

— Não pode tomar decisões por mim. Você deveria ter me perguntado sobre ir ao *Nonno*. — Encaro os olhos verdes pacientes. — E se eu tivesse outro compromisso? Prometi ligar para os meus pais às sete em ponto.

Dark franze o rosto.

— Juliet, nem meio-dia é... Tem chão até as sete.

— E se eu estiver com dor de cabeça? Ou com febre?

A mãozona vai parar na minha testa.

— Me parece perfeitamente bem.

— E se...

— Juliet — interrompe. — Você está linda e... não precisa ter vergonha de encontrar as pessoas. — Ele me encara e fico quieta.

Não pelo elogio, mas porque não acho outro argumento para escapar dessa saia justa. E porque ele acertou na mosca o meu sentimento.

— Mesmo assim.

— Fran veio aqui esta manhã, bem cedo. Não há sinal de celular aqui. Queria saber se já tínhamos nos matado. *Nonno* está impaciente desde que fugiu. Não adianta falarmos que está tudo bem. Ele quer te ver, achei que iria gostar.

— Fran sabe sobre a gente?

— O que acha? Estamos trancados desde ontem, em minha cabana. Avisei ao Fran e ele não é a pessoa mais discreta... A essa altura, todos sabem que estamos juntos.

Dirijo-lhe um olhar furioso. Incomoda-me saber que minhas atividades extracurriculares são de domínio público. E apavora-me Dark achar que somos um casal.

Que situação!

Penso por alguns instantes, em busca de palavras certas, mas elas não vêm... *Dio!* O pavio de Dark é tão curto.

— Olha, Aless, não estamos juntos.

— Ah, não? — O carro quase sai da estrada. — E estamos o quê? Posso saber?

— Cuidado, mantenha os olhos na estrada! — recrimino exasperada.
— Estar junto implica em uma série de coisas, que vão muito além de sexo

impulsivo.

— Sei disso... Mas já demos um grande passo. Sabe o que há na origem dos impulsos?

— Burrice?

— Desejo, *bella mia*! Ele é o combustível que move tudo: comida, trabalho, família, amigos, sexo... paixão... amor.

— Alguns desejos passam. Sabe disso.

— Eu sei?

— E o seu... parece mudar bastante, Aless. Até ontem, sua cama girava mais que catraca em horário de rush. Além do que, em segundos... passamos de pessoas que discordam em tudo, para pessoas que continuam discordando em tudo, só que agora se devoram compulsivamente. E tudo isso é confuso demais para mim.

— Juliet, fui um babaca levando aquelas mulheres para lá... Fazer isto, só para te afastar, não foi nada cavalheiresco da minha parte. Mas já deixei claro que com você é diferente.

Suspiro, sem estar convencida. Volto a olhar a paisagem, que passa rapidamente. Dark está há tanto tempo nestes casos, que é difícil acreditar em uma mudança radical, do dia para a noite.

— Ainda é um problema pra mim, você estar sempre com a corda no pescoço. — Vou direto ao que mais me preocupa.

Chega de perdas!

— Não se esqueça de que não sou o único aqui que leva uma vida arriscada. — Escrutina meu rosto fazendo um ponto. *Droga!* — Sou um Titã, lembra? Sempre saio ileso. E meus projetos não incluem só o K2.

Rendida, cruzo os braços. Dark sabe se virar lá em cima melhor do

que qualquer um.

— Não é só a montanha que me preocupa — mudo o rumo da prosa. — Não espere que eu vá sair por aí, desfilando com uma camiseta: *Sou do Aless* — digo a segunda coisa que me agonia. — Muito menos, que eu mude para o seu quarto e passe a dormir com você!

— Gostei da ideia da camiseta! — gargalha e reviro os olhos. — Vamos dormir onde, por acaso?

— Cada um no seu quarto! Óbvio!

Os olhos dele quase saem das órbitas e mais uma derrapada no carro me faz ofegar.

— O quê? De jeito nenhum!

— ALESS! Não vivemos sozinhos. Aquelas paredes são de papel. Sem chances de dividir minha intimidade e muito menos nossos gritos com meus colegas de trabalho!

Ergo o queixo. A razão está do meu lado. Sei o que estou falando, ouvi-lo com aquela enfermeira ainda é um ponto negro para mim.

— Quero te preservar, não te expor. — Olha-me sério, ofendido. — Podemos mudar para o meu loft, em Bolgheri. Mato quem te ouvir gozando.

— O loft não! — Dou um pulo no banco. Sair da vinícola está fora dos meus planos! Posso ter estranhado no começo, mas agora amo aquele lugar. — Quero ir aos poucos.

— Aos poucos?

O carro derrapa de novo.

— Por favor, vê se maneira nesse acelerador... Se nos matar, não teremos mais nada — brinco para amenizar.

— Estou falando sério, Juliet. Desse jeito vai ficar difícil. — Solta o

ar lentamente. — Quero mais. Esse troço de sexo casual não serve para nós!

— Isso é novidade! Até ontem era só o que você fazia. — Jogo a realidade em sua cara.

— Fazia, não faço mais. — Faz uma longa pausa, estica a mão e segura meu queixo. — E... não quero que faça também.

— Ah! Não QUER? — Irrito-me.

— NÃO, não quero! Seremos só eu e você, a partir de agora. — Sua voz grave mostra que não está de brincadeira.

Tento ponderar, mas não consigo. O som do couro, do volante, sendo retorcido pelas mãos de Dark, é enervante.

— Não sei o que responder — sou sincera.

— *Dio*, Juliet! Quer o quê, me esconder como uma adolescente? — Irritado, bate no volante e eu dou um pulinho. — *Dio!* Não me diga que vai continuar com aquela ideia descabida de sair por aí trepando com outros? — questiona e arregalo os olhos, ofendida. — Nem a Cris faz isso! Ela e Pietro estão juntos há mais de um ano.

Estão?

— Lógico que não! — grito, soltando faísca. — Ao contrário de você, não saio com qualquer um! Tá pensando que sou o quê?

— Que é a mulher mais linda e interessante que já conheci — grunhe. — Mas... — respira — sei que os seus encantos não atingem só a mim.

Deixo escapar um sorrisinho bobo.

Esse homem bipolar vai me deixar maluquinha.

— Dark, por que eu iria atrás de outro, quando o que está rolando entre nós é bom?

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Bom? Só bom?

Meu Cristo!

— Muito bom! — Quero rir, mas me seguro. — O que te coloca bem à frente dos outros homens, acredite. Gostei do só eu e você, Aless.

O rosto dele ganha ares de campeão.

— E sobre o compromisso? — insiste e coça a barba retorcendo a boca de um lado para outro. — Preciso de mais.

— Meu querido, compromisso se conquista — cito as palavras de *mamma*. — Sinto muito, eu e você é tudo que posso oferecer por ora. É pegar ou largar.

Ele olha para longe, ligeiramente contrariado.

— Caralho! Pego, né? Está me deixando sem saída.

Misericórdia!

Olho desconfiada, mas ele sorri. A chave do humor de Dark muda muito, muito rápido.



Dark

Passo o resto do caminho, até a vinícola do *Nonno*, ruminando e soltando fogo pelas ventas. A sorte é que Juliet tem amor à vida e me ignora admirando a paisagem e ouvindo música. Tento me esticar no banco, respirar o ar fresco e deixar que a música diminua minha frustração.

Não adianta.

Estou surtando e sendo esticado por todos os lados. O homem que

sou, o que desejo ser e aquele que acho, que Juliet quer que eu seja, brigam entre si. Cada um com uma opinião diferente, indo em direções contrárias.

Apoio a coisa de não nos expormos demais.

Mas... caralho!

É a minha casa!

Quartos separados?

Porra!

Vou ter que dar um jeito nisso, urgente. Nunca diga para um homem determinado que algo está fora dos limites. Vire as costas e é para lá que nós iremos correr. E isso... não tem nada a ver com maturidade, certas coisas não mudam. Não queremos perder ou dividir a atenção da mulher que desperta o melhor em nós. Somos egoístas.

Sou egoísta.

O eu e você é muito pouco para um homem possessivo e troglodita como eu. O que aconteceu com o bom e o velho compromisso? Você não sai por aí trocando a marca do seu cereal preferido, só porque uma propaganda enganosa te promete novas sensações. Algumas tradições deveriam ser mantidas.

Feliz era o homem das cavernas... Bastava um belo golpe na cabeça e uma boa puxada no cabelo...

Pah! Uga! Uga!

Sem DR. Tudo estava resolvido. A neandertal dos sonhos era toda dele. Guardada na toca, escondida e protegida dos outros predadores.

Juliet é adorável, mas muito abusada! Uma provocadora. Se eu não tivesse absoluta certeza de que sou fenomenal na cama, seria um cara inseguro agora. Que porra é essa de foi bom? Muito bom, o caralho! Foi

inesquecível, magnífico!

O melhor sexo que já tive e terei na vida!

Penso, penso e penso. Olho pra Juliet, que parece feliz e realizada. Ela me lança um sorrisinho satisfeito e acaricia meu braço. O toque suave de seus dedos é como um calmante direto na veia. Tenho a sensação de que ela me dobrou direitinho. Que tirou de mim exatamente o que queria.

Fico inquieto outra vez.

A possibilidade de não ter acesso, irrestrito e *full time*, à *Incantata*, cai por terra como uma bomba. Troco a música pela meditação russa. Busco por orientação superior.

Om, Om, Om, Om.

Equilíbrio. Força. Determinação.

Lembro-me das palavras de meu pai quando contei sobre o rompimento do meu noivado:

— *Decisão mais que acertada, filho! Não cometa o mesmo erro que eu, Alessandro. Paola é fútil e vazia como sua mãe. Encontre uma mulher que te desafie, que seja tão determinada quanto você. Que jogue de igual para a igual. Que te instigue a ser um homem melhor e buscar novos caminhos. Mas nunca mude sua essência por ela. Nunca!*

— Ficou feliz com o quarto separados, Baixinha?

— Hum-hum... Muito satisfeita.

Decidido a abusar dos meus dotes, para que mude de ideia, sorrio safado e enigmático. Solto uma das mãos do volante, deslizando-a sensualmente pelas coxas torneadas de Juliet e vou direto ao ponto.

— Aless, o que está fazendo?

— Só checando o grau da sua satisfação.

Fico surpreso quando não me oferece resistência. Ao contrário da indignação esperada, Juliet me olha com um ar desejoso, adorável e morde os lábios.

Garanto nossa segurança, mantendo os olhos na estrada, mas fico ousado. Afasto o tecido delicado da calcinha e com um dedo explorador, abro os lábios da boceta quentinha. Ignoro o pau engrossando e pressionando minha calça e começo a instigar, mas sem penetrar.

— *Dio... Aless!*

Seus olhos ficam nublados... A boca macia entreabre e as mãos esmagam o couro da lateral do banco.

Bom! Excelente!

Nós dois estamos em campo, Baixinha.

Também tenho minhas armas.

Afundo o dedo dentro do canal carnudo, macio e molhadinho e ela geme alto, sem nenhum pudor. Meu dedão começa a trabalhar em seu clitóris. Ela choraminga.

— Gosta quando te toco assim? Quando fodo você?

Aumento minha cartada, enfiando outro dedo em um ritmo acelerado.

— Aleeeeeess... Sim... Sim... Gosto... Por favor.

A Baixinha está no ponto certo, delirando de tesão.

Um carro passa em alta velocidade por nós. Tenho uma ideia e paro a movimentação dos dedos e os retiro.

— Melhor pararmos. Não vai rolar.

Juliet vira bruscamente a cabeça em minha direção e abre os olhos em fúria.

— O quê? — Sua voz de veludo já era.

Ela parece a garota do filme *O exorcista*, só que numa versão linda e gostosa.

Balanço a cabeça, fingindo estar pesaroso.

— Viu o carro passando? Muita exposição, desculpe.

— Você só pode estar de brincadeira! Aless, pare essa merda de carro e termine o que começou!

Sua frustração é palpável. Mantenho-me firme.

— Não. Suas regras, lembra? Sem exposição. Se no quarto não podemos, imagino que aqui também não. *Dio* nos livre de alguém nos ver!

Levanto os ombros sinalizando que não posso fazer nada e volto a prestar atenção na estrada. Dedinhos furiosos cutucam meu braço pedindo atenção.

Olho segurando o riso.

— Se não percebeu, me deixou furiosa e frustrada, Aless!

— Poxa, que pena, Juliet! É chato não ter o que queremos, né?

Pisco vitorioso e acelero em direção à vinícola Salvatore.

— Bandido! Fez isso por querer!

Embalado pelos impropérios e xingamentos que Juliet começa a disparar, caio na gargalhada.



Depois de passar dez minutos sendo torturado por uma Juliet em fúria e de ter resistido à vontade de catapultá-la para fora do carro – umas vinte vezes – chegamos à casa de meu avô. Estaciono a RR na minha vaga, libero Athos e Porthos, que são espertos e correm para longe do campo minado.

Tenho vontade de fazer o mesmo, mas como sou um cara de coração bom, me ofereço para acabar com o mau humor dela. Dou-lhe meu melhor sorriso sacana. Sugiro terminarmos o que começamos na garagem, por ser um território testado e aprovado por ela.

— Vai se foder, *Babaca!* — recebo como resposta.

Respiro fundo e passo a mão no cabelo. Decido que posso engolir mais essa. Afinal, avançamos muito mais nesses três dias, do que em três meses.

Ofereço a mão, ela nega. Inspiro e expiro. Juliet me encara, de cima para baixo, como se nunca tivesse me visto antes.

— Como quiser, Juliet! — digo e não me deixo abalar.

Sou o mais experiente, sei a hora exata de agir e tomar a frente. Saio andando e deixo Juliet soltando fumaça no escuro.

Com a mão no bolso e assoviando, começo a percorrer lentamente o corredor florido que dá acesso à casa.

Um... dois... três... quatro... cinco...

A porta lateral da garagem bate e passinhos nervosos vêm logo atrás de mim. Os cantos da minha boca se levantam.

— Dark!

Ignoro-a e continuo andando e assoviando.

— Aless! — Seu tom é urgente.

Viro-me e seus grandes olhos castanhos passaram de furiosos a ansiosos. Resisto à tentação de abraçá-la, ainda estou puto com toda a imposição de regras e limites feita por ela.

— Aless? — sou irônico. — Pensei que eu fosse o *Babaca*.

Ela revira os olhos, impaciente.

— Não pode entrar sem mim! — Seu tom é uma ordem.

— Ah, não? Por quê?

Olho para Juliet tentando entendê-la. Há um minuto estava me rejeitando.

Ela avalia, esfrega o queixo, faz biquinho... Não devia, mas sinto vontade de beijá-la.

— Porque... É que... É seu avô...

— O que tem ele? — Arqueio uma sobrancelha, impassível.

Ela endireita os ombros, desvia o olhar, encara e segura suas mãos esfregando-as.

— Vai... Vai ser... mais fácil pra mim... se você...

— Se eu estiver do seu lado? — completo por ela.

Dou um passo largo, ficando bem próximo. Seguro seu queixo, preciso que admita isso olhando para mim.

O vento bate, seus cabelos balançam e, de repente, acho-a ainda

mais linda.

— Sim.

Finalmente responde e meu coração acelera. Sua expressão contrai, como se tivesse machucado falar uma palavra tão pequena, mas com tanto significado.

Ela precisa de mim.

Sorrio aliviado. E nem sei por que, beijo o topo de sua cabeça e depois sua boca.

— Bom... Vai me dar a mão, então?

Pego na mão delicada, porque quero acalmá-la e aperto-a delicadamente. De forma mágica, a tensão em seu rosto começa a diminuir. E eu... me sinto estranhamente... feliz.



Quando entramos na sala, de mãos dadas, o som das pessoas conversando e rindo, e de copos batendo para imediatamente. Só os latidos dos cachorros preenchem o ar. Sinto a mão de Juliet apertar a minha. Pisco para ela. Damos alguns passos em direção à sala de estar, onde meia dúzia de pares de olhos curiosos nos observa.

Fran nos olha com diversão, parece satisfeito em me ver segurando a mão de Juliet. Minhas demonstrações públicas de afeto são raras e só concedidas a alguns membros da família, e a Pam.

Segurar a mão de uma mulher?

Não!

Tirando as vezes em que tive que fingir com a Paola em eventos sociais, nunca fiz ou senti tal desejo.

— Julieta! — A voz do *Nonno* ecoa.

Eu e ela viramos em direção ao chamado. *Nonno* sai pela porta que dá acesso à cozinha, acompanhado de Madalena.

— *Dio!* Doce Julieta, você está bem?

Nonno vem todo preocupado, em nossa direção. A contragosto solto a mão da Baixinha para abraçá-lo. Não gosto do que sinto.

Caralho!

Pode ser meu avô e ter noventa anos, mas é homem. Nunca o vi tão preocupado antes. Nem mesmo com a Rafa, que ele adora. Tudo bem que nossa bonequinha de ébano está muito mais para apimentada, do que para doce. Mas mesmo assim... o velho Salvatore olha para a Baixinha como se ela fosse Afrodite. Também a acho uma deusa, mas porra!

— Oi, Alessandro. — Finalmente me nota. Dou um abraço rápido nele. — Que bom que cuidou bem desta mocinha.

Sorri e dá uns tapinhas carinhosos na bochecha de Juliet.

— Cuidei como nenhum outro já o fez, pode ter certeza disto, . — Sou irônico.

Cutuco Juliet com meu corpo e abro um sorriso malicioso. Ela cora e, em seguida, joga um sorrisinho de “*você me paga*”.

— Ótimo! Depois de tudo que ela fez pelo Kai... ajudando-o a escapar daquela jornalista desagradável, não esperava menos de você.

Vejo aprovação nos olhos dele e alívio nos de Juliet.

Recriminio-me por dentro.

Burro! Burro! Burro!

No dia da festa, puto e desesperado, quis evitar um escândalo maior. Ter derrubado a porta já ia dar o que pensar... Então poupei Juliet e a mim,

falando que não sabia o real motivo da fuga. Odeio ter que admitir, mas o Kai Albino marcou pontos livrando a Baixinha do embaraço, trazendo a responsabilidade para ele.

Cazzo!

— Hum-hum... — Madalena chama nossa atenção. — Vocês três, venham sentar. Tenho certeza de que os outros convidados estão curiosos para ouvir a Julieta.

Seguimos Madalena e demos um olá para o diretor baixinho, Vincenzo, e para a punk de cabelos curtos coloridos, Petah. Os dois fazem algumas perguntas para Juliet sobre suas aventuras, nada de mais. Depois começam um papo culinário com e Madalena. Por sorte, o produtor insistente, que me assediou na festa, teve que ir a Bolgheri checar o set.

Fran me provoca, abraçando Juliet mais apertado do que o necessário. Ignoro.

Tudo tranquilo... Até que Kai, o maricas, larga uma papelada e levanta radiante do sofá do outro lado da sala. A Baixinha lhe dá um sorrisinho cúmplice, vai em direção a ele e abraça o otário.

Om, Om, Om, Om.

Fico parado a caminho do sofá e acompanho tudo como um filme de terror, em câmera lenta. A tensão se forma... Meus punhos se fecham, não consigo evitar que meu maxilar se contraia.

O palhaço suicida retribui abraçando-a de volta.

— E aí, *baby*?

Que caralho de baby é esse?

Om, Om, Om, Om.

— Oi, Kai! Estava decorando seu texto? Que bom que seu rosto está

desinchando! — diz feliz e simpática.

Saber que ela estava prestando atenção nele me incomoda mais do que deveria.

Om, Om, Om, Om.

— Só repassando umas falas. Amanhã irei para o set, as tomadas serão de costas... — brinca.

Juliet ri, como se ele fosse a pessoa mais engraçada do mundo.

Que porra é essa?

Ela chega mais perto e os dois começam a trocar algumas palavras em um tom, que não consigo ouvir.

Pigarreio, tusso, quase tenho um enfisema, mas não adianta. Os dois continuam papeando como duas comadres. Tenho vontade de quebrar todos os ângulos cinematográficos do rosto do atorzinho. Quando Juliet coloca a mão na boca, para rir de alguma merda que o bostinha fala, meu troglodita explode.

Isso já é demais! Ela só pode estar fazendo de propósito!

Sacando a provocação proposital, vou em direção a eles.

— Juliet! — rosno já no meio do caminho.

Ela olha para mim, com irritação. Kai dá dois passos para trás, colocando a mão na boca. Mando meu melhor olhar de “*não-abusem-da-minha-paciência*” e Juliet revira os olhos.

— O que foi, Alessandro? — meu avô intervém, não gostando nada do meu tom, e os cachorros se alvoroçam.

Abro e fecho a boca algumas vezes, coço a barba... até que sinto a mão de Fran em meu pescoço. Paro e dou um sorriso forçado em direção ao meu avô.

— Nada, *Nonno*! Dark quer saber se Juliet vai beber alguma coisa — Fran diz em meu socorro.

— Vinho — ela responde ainda me fuzilando.

Contrariado, viro-me para Fran. Os olhos do meu primo me analisam de cima a baixo.

— O que estava pensando em fazer? Derrubar outra porta? — sussurra, me levando para longe deles.

— Não, só queria estraçalhar um mala! — digo entredentes.

Fran começa a rir de alguma piada, que eu desconheço. Não estou achando graça de *cazzo* nenhuma.

— Por isso que está com esse olhar assassino? — Aponta Kai. Gargalha, fico puto e ele me entrega sua garrafa de cerveja. — O cara é legal, são só amigos.

Fran põe panos quentes e viro a cerveja de uma vez, para não o esganar pelo “*O cara é legal*”.

Focalizo em Kai. Ele percebe meu olhar mortal e aumenta a distância com Juliet.

É bom ter medo mesmo!

Animada, a punk Petah se aproxima deles, dependurando-se no pescoço do desprovido de amor à vida.

Penso em ir até eles, mas lembro do que Rafa me falou sobre dar espaço. Contenho-me. Já basta minha quase explosão.

Respiro, inspiro e passo a mão nos cabelos.

— Esse filho da puta dormiu com ela — justifico minha raiva para Fran.

— Ele no chão e ela na cama, pelo que eu soube. — Inconformado,

Fran faz uma careta.

— Foda-se! Não interessa.

A imagem dos dois rindo cai sobre mim como um balde de óleo quente. Só então me dou conta... Estou puto com o cara porque Juliet se sente tão à vontade com ele, a ponto de dividir o quarto e não se preocupar com a opinião dos outros.

Ele é o desconhecido, não eu!

— Por que o chamou para a festa da Rafa?

Sorrio ironicamente da falta de astúcia do Fran, com a pergunta.

— *Arte da guerra*, primo! — Sorrio quase diabólico. — Aprenda com o melhor. Mantenha os inimigos por perto... — Dou uma checada na situação de Juliet. A distância regulamentar está sendo mantida. Solto o ar e retomo a aula: — Parece que Kai é o mais novo amiguinho da Juliet. Então, se eu aturar o cara, ganho pontos com ela. E... na minha situação, qualquer coisa está valendo. — Levanto os ombros.

Ele me olha como se eu fosse um E.T..

— Você é louco, Alessandro!

— Só cuidado do que é meu, Fran.

— Seu? — Os olhos dele quase pulam como os dos desenhos animados; em seguida, dá uma conferida em Juliet e volta a olhar para mim. — Não sabia que era possessivo, primo! Venha pegar o vinho, antes que faça merda!

Puxa-me em direção à cozinha. Resisto. Ele insiste. Resisto.

Antes que possa decidir, uma comoção generalizada explode em torno do Kai. Athos começa a querer foder com a bunda branca dele.

Esse é meu garoto!

Assisto à cena extasiado. Quanto mais gritam e tentam separar os dois, mais Athos gruda as patas imensas ao redor da cintura do mala e... manda ver. Não aguento e caio na gargalhada. A baba do cachorro cobre todo o pescoço e boa parte da camiseta de Kai. Empolgado, Pulga, o shitzu de Nonno e comparsa de Athos, resolve participar e agarrar a perna da punk.

Procuro por Porthos, lanço um gesto de incentivo, mas meu velho guerreiro não se anima. Fica no canto, só observando a tudo. Sinto que, assim como eu, ele está orgulhoso com a vitalidade e potência do nosso caçula.

— Caralho, minha bunda! — Ouço um grito de agonia.

— Sai daí, seu pigmeu! — Petah sacode a perna com Pulga grudado nela.

— *Dio!* Athos! Aí, não! Solta ele! — Juliet grita, puxando o grandão tarado pela coleira. — Diga alguma coisa, Aless!

— Sempre desconfiei que Athos fosse gay — comento e olho para o outro lado, segurando o riso.

— Aless, não tem graça! Pede para o Athos parar agora! Faça alguma coisa!

— Vou fazer — digo rindo. — Deixar os dois pombinhos e pegar o vinho que me pediu. — Saio andando em direção à cozinha.

— *Madonna Santissima!* Ele está estuprando o Kai! — Juliet corre atrás de mim. — Por favor, por favor, Aless! — pede em um tom aveludado e doce, aquele que não consigo ignorar.

Cazzo!

Bufo.

— Athos! Chega! — Dou a ordem de comando.

Athos sai em disparada com o rabo entre as pernas. Viro para uma

Juliet constrangida e um Kai desgrenhado.

— Foi mal, cara. O bicho ainda está em treinamento.

Balanço a cabeça fingindo um pesar. Kai assente, vai para um canto da sala e encosta na parede, todo lambuzado. Abro a porta da cozinha e assim que fico sozinho, caio na gargalhada.

— Foi cruel agora! — Fran soca meu braço, instantes depois.

— Porra! — Esfrego o braço. — Não fiz nada!

— O troço é sério mesmo? — pergunta descrente.

— Que troço? — Faço-me de desentendido.

— Juliet. — Sua expressão fica séria. — Tive medo de que, depois de uma foda, perderia o interesse por ela como sempre faz com as outras.

Primeiro rosno pelo foda e Juliet estarem na mesma frase. Depois balanço a cabeça negando que perdi o interesse. E por fim, faço uma cara de que estou muito, mas muito fodido. Fran percebe minha agonia e bate no meu ombro.

— Que bosta! Mas... que bom, cara. Juliet é especial.

— Ela é... e isso me pegou totalmente desprevenido — admito rendido.

— Então... Toda aquela implicância... — Fran me olha com reprovação, alcança uma garrafa de vinho tinto sobre o balcão e me entrega. — Nem pense em foder com os sentimentos dela — ameaça.

— Não vou fazer isso. Admito que no começo lidei mal com as coisas, mas não faço joguinhos. — Apoio a garrafa no balcão e forço o saca-rolhas para abrir. — O foda é que eu... — Paro, porque não quero contar sobre os traumas de Juliet.

— É um puto e foi pego com a jornalista gostosa — conclui

acertando parte do drama.

— Entre outras coisas. — Solto o ar em frustração.

Fran pigarreia, entrega as taças que tirou do armário e fica me rondando. Percebo que quer dizer mais alguma coisa.

— Desembucha, Fran.

— Assumiria ela? — indaga rápido e espera para ver minha reação. Meio agoniado, passa a mão bagunçando o cabelo.

— Sem pensar duas vezes... Mas ela não quer compromisso... — sou direto.

— Isso é fodido. — Fran balança a cabeça.

— Muito, mas, pelo menos, consegui uma coisa. — Dou um sorriso esperançoso.

— Qual?

— Sem terceiros... — digo como se eu tivesse conquistado o campeonato.

— Uauuu! Que mudança! Dark fiel.

— Qual é, babaca? Sou safado, não sacana! Nunca traí.

— Nem a Paola?

— Nem ela, por mais que merecesse.



Juliet

Observo Petah e Kai saírem para trocar de roupa depois do quase estupro canino. Admito para mim mesma, que posso ter exagerado um

pouquinho na simpatia excessiva a Kai... só para provocar Dark.

Droga! Droga! Droga!

Deixei minha frustração falar mais alto.

Infelice!

Mesmo assim, Dark é adulto. Aquela ceninha de ciúmes foi imperdoável!

Parada no meio da sala de estar, feito uma idiota, lanço um sorrisinho sem graça para *Nonno* e Vincenzo. Em seguida, fuzilo Athos, Porthos e Pulga, que voltaram e estão escondidos atrás de uma folhagem no canto da sala.

— Au, au, au. — Os três latem para mim parecendo querer se justificar.

— Nem adianta argumentarem, mocinhos. O que fizeram foi imperdoável!

Balanço o dedo para o trio. As orelhas deles abaixam e viram para a parede, me ignorando.

— Homens... Sempre fugindo da situação! — recrimino a atitude infantil deles e saio andando. Quase tropeço no tapete persa retorcido pela luta por sexo.

Meleca!

Satisfeita com a bronca, mas me sentindo culpada e irritada por Dark, percorro a curta distância até a cozinha. Espalmo a mão na porta, que abre com tudo.

— Agora meu assunto é com vocês! — Dark e Fran me olham surpresos. Assim que a porta bate atrás de mim, coloco a mão na cintura, para dar maior autoridade, imitando o gesto que minha mãe faz. — Posso saber o

que foi aquilo lá fora?

Dark ri e me estende o copo de vinho, que aceito.

— Athos se apaixonou — diz com a maior naturalidade do mundo.

Cínico!

Sabe que não estou me referindo a isso. Não respondo. Esperava outra resposta vinda dele... Não essa bem-humorada. Dou um gole no vinho, não consigo pensar em nada para dizer. Lembro-me da cena patética, quero rir, me seguro.

Viro para Fran que levanta as mãos mostrando que vai ficar fora dessa. Ele aproveita que Madalena passa carregando uma bandeja com o almoço, oferece para ajudá-la e nos deixa a sós.

— Você sentiu ciúmes do Kai? — pergunto assim que ficamos sozinhos.

— Deveria? — Fita meus olhos.



17.1

No caminho

Um silêncio incômodo paira entre nós. Sabe aquele momento em que você diz uma coisa e não tem como voltar atrás?

Por que diabos fui perguntar isso?

Por que Dark sentiria ciúmes? Sinto-me meio idiota. De repente, acho que dei uma supervalorizada na situação.

Um misto de dúvida e vergonha invade minha mente. Mexo no cabelo e olho para os lados. As cozinheiras, ao fundo, estão tão entretidas com as panelas que nem nos notam aqui na copa da cozinha.

Observo Dark em busca de alguma dica sobre o que esteja pensando. A energia se estreita como se eu pudesse sentir o sangue dele borbulhando, à espera de minha resposta.

Dio!

Que vontade de grudar fita crepe nesses olhos, de tão intensos que estão! Porcaria de homem, que é quase um deus e um animal. Não me surpreenderia se ele se transformasse na lua cheia.

Imagina!

Uauuu!

Um bichão com esse charme, rústico e visceral, fazendo minhas entranhas se contorcerem. Arrancando minhas roupas no dente! Atacando-me com esse *sex appeal*, que é um soco na cara.

Mamma de Dio!

Por que fico nocauteada toda vez que ele está por perto?

— Juliet?

O som de dedos estalando no meu ouvido me tira do transe.

— Hã? — balbucio.

Dark fica impaciente. E meu coração acelera assim que ele apoia o copo de vinho na bancada, me puxa para trás da parede que separa a cozinha da copa, me abraça por trás e sua boca toca o meu pescoço. Ele começa a mordiscá-lo. Sinto meus joelhos fraquejarem. O corpo esquenta... Um arrepio percorre minha coluna, me contorço involuntariamente quando a vibração atinge, em cheio, o centro da minha calcinha.

— Deveria, Juliet?

— O quê? Hã? Não. — Balanço a cabeça negando com vontade.

Começo a sentir a última coisa que deveria: tesão. Minha mão apertando a bancada e a respiração ofegante me denunciavam. Ele esfrega, de leve, o pau sem-vergonha dele nas minhas costas e sorri.

— E por que não? — sussurra atrevido.

Eu lá vou saber por quê.

Não agora. Mal consigo pensar com esta arma apontada para mim. Isso é um mistério, simplesmente não sei. Nervosa, olho para a porta da cozinha.

Cristo!

Não sei por que tenho esse sentimento tão forte por ele e não pelo Kai. Talvez seja porque Dark é o original que os filmes de Kai tentam copiar... Ou talvez...

— Ahhhhh! — gemo baixinho com uma mordida e uma chupada simultâneas em meu lóbulo.

Essa língua safada e o hálito dele...

Cazzo!

— Me diz Juliet, por quê? — Ele afasta o cabelo do meu pescoço e chupa minha nuca.

Contorço-me todinha de novo...

— Talvez... porque... seja você quem eu quero... Chupar todinho quando o vejo... Não ele... — confesso esquecendo-me do filtro.

— Uauuu! Minha imaginação foi nas alturas agora! Quem sabe, eu te deixe chupar meu pau de novo, se for boazinha.

— Na volta? No carro? — Animo-me.

— Tentador, Baixinha... — sussurra como uma proposta irresistível, tremo toda. — Mas não vai rolar — termina seco.

Fico chocada com a recusa dele, viro e levanto o queixo como se tivesse levado um soco, e o fuzilo.

— O quê?

Fingindo um pesar, Dark balança a cabeça.

— O carro... Sem chances... Inviável... O que tenho em mente envolve bocas famintas, um pau, uma boceta... na horizontal... Sessenta e nove maneiras para nos chuparmos... Mas isso... só no quarto. E como as suas regras não permitem, vamos ficar só na vontade. — Encolhe os ombros e fecha os olhos.

Sinto-me como uma criança demônio que teve o pirulito arrancado da boca. Cutuco seu peitão de Super-Homem e digo com uma voz baixa, maligna e recheada de kryptonita:

— Sei o que você está fazendo... — A cada palavra que digo, dou uma cutucada. — Essa tortura não vai funcionar. Já disse que não estou

disposta a compartilhar seus gritos.

— Meus? — Parece surpreso. — Posso enfiar sua calcinha na minha garganta. — Ele morde a boca carnuda sugestivamente.

Esboço um ECA! Isto é nojento! Além de perigoso, vai que ele se engasga e morre na hora H!

— Já pensou em ser amordaçada? — continua e quase engasgo.

Não porque achei ruim, engulo e tento disfarçar. Dark sorri libertino e seus olhos piscam.

Cazzo!

Estamos na copa da cozinha do Nonno, pelo amor de Dio!

Cenas comigo vendada e lambuzada com as mais variadas coisas, e depois sendo chupada por ele explodem à minha frente. Sacudo a cabeça para afastar tais pensamentos depravados. Recrimino-me mentalmente por ter lido *O cozinheiro safadão*.

Suspiro ruidosamente e saio da copa feito um foguete ofegante, para evitar um desastre maior.

— *Juliet, ainda não acabei com você! Caralho de mulher mais...*

Deixo Dark no vácuo. Só mais uma palavra dele e eu pediria para me comer todinha ali mesmo.



Encontro a sala de estar – com seu tapete persa ainda retorcido, sofás e poltronas em couro, quadros e folhagens exuberantes – vazia.

Ué!

Passo pelo portal, que faz divisão para a sala de jantar... *Cri-Cri-Cri*, nem rastro de que um almoço será servido ali. Coloco uma das mãos na

cintura, a outra sobe e com um dedo coço a cabeça.

— Estão *tudo espalhado* por aí... pela casa.

Viro em direção à voz, com um forte sotaque interiorano. Uma jovem, parecendo ter mais ou menos a minha idade, sorri para mim. Muito bonita. Olhos cinzas muito vivos, cabelos loiros presos em um coque tão impecável quanto seu uniforme de copeira.

— O patrão gosta dos almoços de domingo lá fora! — Indica uma das portas da varanda.

— Ah! Obrigada. Desculpe, qual o seu nome?

— Vênus.

— Já foi servido?

— Não, de domingo tudo aqui acontece mais tarde. Vi agorinha mesmo os meninos indo lá pros lados do parreiral.

— Parreiral?

— É *cê* sabe, eles *curte* umas *viaje*... — Junta o polegar e o indicador, leva à boca e faz um bico achando graça.

— Ah! — Dou uma risadinha cúmplice. No mínimo, isso é coisa do Fran. Ele e Mary são amigos íntimos. — E o *Nonno*?

— Acho que *tá* na biblioteca... — diz solícita.

Indecisa, olho para o corredor, que vai dar na biblioteca, e depois para a varanda.

— Pode dar uma volta por aí se quiser. Quando o almoço *ficá* pronto, a gente toca a sineta — Vênus sugere.

— O quê?

— O sininho para *avisá*. Casa grande, sabe como é. *Num* dá para ir de um cômodo *pro* outro pra *chamá* um por um.

Antes que eu possa agradecer a dica do sininho, seu rosto explode em um sorriso rasgado. Pelo cheiro que me atinge por trás, sei, de imediato, quem é o dono de tanta felicidade vindo dos lábios da copeira. Reviro os olhos. Não sei se minha irritação se deve ao fato dele vir atrás de mim, ou pela conferida que Vênus dá nele.

— Oi, Vênus. Tudo bem por aqui? — Dark a cumprimenta em um tom simpático.

Não saio do lugar, permaneço de costas para ele, atenta a todas as reações dela. Depois desta recepção calorosa, tento decidir se continuo gostando dela ou não.

— Bem... Muito... bem... — A moça gagueja e passa as mãos, nervosamente, pelo avental branquinho. — O almoço sai daqui a pouco. — Um sorrisinho malicioso surge nela.

Porcaria!

Ou o safado pornográfico já a comeu ou ela quer ser comida. As duas opções fazem meu estômago revirar.

É... Pensando bem: acho que não gosto mesmo dela.

— Que bom, estou morto de fome.

As mãos dele vêm parar em meus ombros, ficamos em fila como na época do primário. Seus polegares fazem um sutil movimento de vai e vem em minha pele. Não o afasto. O sorriso dela se desfaz e o incômodo de Vênus ao vê-lo fazer isso me dá um certo prazer macabro. Um sorrisinho arrogante brota em meus lábios, do tipo que diz:

Ei, Barbie! Pode ir tirando o olho! Esse lanche é MEU!

— Quando a comida *ficá* pronta, eu te chamo — Vênus avisa Dark.

Dá para ver o rosto dela em chamas.

— Ei! E o sininho? — Cruzo os braços e meu pé começa a bater freneticamente no chão.

— O quê? — Dark pergunta confuso.

— Pensei que o sininho valesse para todo mundo — digo virando para Dark como uma aluna reclamando da outra. — Por que você tem um tratamento diferenciado?

— Aaah! Vale, é que...

A Barbie me ignora e começa a explicar-se para Dark, retorcendo o avental. Ele levanta a mão indicando que não precisa se explicar. Depois olha para mim parecendo estar adorando a situação.

— Obrigado, Vênus, pode deixar que eu e a Juliet nos viramos.

— Como quiser... — Sai visivelmente contrariada.

— Só para eu entender... Isso aqui foi um ataque de ciúmes? — Seu olhar é presunçoso.

— Mas nunquinha! — Cutuco seu peito. — Não seja ridículo... Só estou lutando por justiça.

— Sei...

— Se essa Barbie aguada quer ser o seu prato principal, estou pouco me lixando. Isso se já não se lambuzou todinho, seu tarado!

— Não me lambuzei e nem pretendo. Não precisa ter ciúmes, sou seu. — Ri e me rouba um beijo.

Bato em seu braço.

— Já falei que-não-sou-ciumenta!

— Tá bom, tá bom! — gargalha me irritando mais. — Já entendi, nervosinha. Aonde pensa que estava indo? Quer dar uma volta lá fora?

— Quero procurar o *Nonno*. Não consegui dar atenção a ele.

— Ok, então vamos ver o *Nonno*.

Nego com a cabeça. Depois da cozinha, acho que será melhor manter distância.

— Você me pediu para ficar ao seu lado, nem pense em mudar de ideia. — A mão de Dark vai parar possessivamente nas minhas costas. — Vamos.

Ele nos guia até o corredor comprido, cheio de portas, passadeiras e quadros, que vai dar no escritório. Seguimos em silêncio. Seus passos são lentos e sou obrigada a me manter no mesmo ritmo.

— Por que me largou falando sozinho lá na cozinha? — Dark pergunta apressadamente.

— A coisa já estava passando dos limites. — Viro para ele e olho com reprovação. — *Dio!* Você é sempre assim? Um safado pornográfico? Na *Mountain...*

Sem que eu possa concluir, a voz grave dele me interrompe:

— Sou um ser sexual, Juliet. A *Mountain* é trabalho. Existe o profissional e o homem. Esse aqui... Eu... — Toca o próprio peito com o dedo, imponente. — Adorou descobrir como fica excitada com as sacanagens que eu digo. Vai negar que não fica molhada toda vez que eu te toco ou digo que estou louco para foder essa sua boceta rosinha.

A piscada libertina que me dá é quase uma afronta.

— Indecente! — Olho para os lados. — *Madonna Santissima!* Estamos na casa do seu avô!

— E daí? — Encolhe os ombros.

— E daí — franzo o cenho — que, às vezes, você passa dos limites.

— Vai se acostumando.

A piscada libertina volta.

Reviro os olhos.

— Acho melhor eu ir sozinha ver o *Nonno*.

Começo a andar na frente dele, mas Dark me segura pelo braço. Sou obrigada a parar e ficamos ambos frente a frente no corredor vazio.

— Vou tentar me comportar. — Junta os dedos e os beija barulhentemente. — Preciso saber outra coisa — diz mudando o tom.

— O quê? — pergunto com medo do que pode vir a seguir.

— Não se sente à vontade comigo? — Sua expressão é apreensiva.

— Às vezes não... Fora da *Mountain*. — Sou sincera — Mas termos ficado sozinhos ajudou muito.

— Foi o que imaginei. — Dark franze a testa, mas logo um sorriso surge em seu rosto. — Temos que melhorar isso, Baixinha.

Oh-oh!

Baixinha e essa voz sedutora, aí tem!

— Aonde está querendo chegar, Aless?

— Que precisamos conviver mais. — Pisca. — Quero que se sinta à vontade comigo.

— Nós já convivemos, moramos na mesma casa — digo o óbvio.

— Somos colegas, Juliet, assim como Fran, Cris e Pietro. — Revira os olhos. — O que estou falando é de intimidade.

— Intimidade? — Solto um risinho nervoso. — Mais íntimos do que esses dias, só se você viver dentro de mim.

— Não seria má ideia... — Ele chega mais perto, meu corpo reage e começa a esquentar. Espalmo as mãos em seu peito, tentando manter uma distância segura. — Mas estou falando de outro tipo de intimidade, além do

sexo. Quero que conheça o Aless, não só o Dark.

— Oh! — Olho confusa para ele. — Como?

— Vou te apresentar ao meu mundo. — O rosto de Dark parece incrivelmente feliz. — Gostos, lugares, comidas, livros favoritos. Podemos treinar juntos. E quando estiver mais à vontade, quero dormir com você. Eu me senti muito bem fazendo isso, Baixinha.

— Eu já disse... — começo, mas sou novamente interrompida.

— Dormir não inclui só foder — diz em um tom compreensivo e calmo. — Ei! Já te falei, não sou moleque, posso me controlar!

Tira uma mecha fujona que caiu em meu rosto.

— Não vai abrir mão do sexo, vai? — Minha pergunta vira quase uma súplica. — Pensei que tivesse gostado...

— Porra! Abrir mão? Nem pensar! Só penso nisso. Estou fazendo força para não te jogar nesse banheiro... — diz e dirijo um olhar “*nem-pense-em-fazer-isso*”. — Chata... Cuidado... Posso ser vingativo... E... insistente pra caralho! — Sorri provocante. — Juliet, tem que prometer parar com tantos “não pode”. — Chega perto, até eu sentir seu hálito quente perto da minha boca. — E confiar em mim.

Rouba mais um beijo e fico sem saber o que responder. Olhamos um para o outro, por um longo minuto. Voltamos a caminhar em direção ao escritório.

Encontramos *Nonno* sentado atrás de sua mesa imponente, entretido com uma grande caixa de madeira. Parece organizar algumas fotografias. Dark dá umas batidinhas na porta. *Nonno* Salvatore nos vê e abre um largo sorriso.



17.2

No caminho

— **Ah! Estão aí!** Que bom que já se acertaram — *Nonno* diz e aponta duas poltronas de couro, na frente de sua imensa mesa de madeira.

Nós nos sentamos.

— Nos acertarmos por quê? — Dark pergunta.

— Como por quê? Essas brigas por ciúmes, entre enamorados... — *Nonno* se ajeita do outro lado da mesa, em sua imensa cadeira, e levanta a grossa e branca sobancelha. — Eu percebi.

— Nós dois enamorados? Nãooooo. — Dark se remexe desconfortavelmente na poltrona, que parece pequena para todo o tamanho dele.

Instintivamente faço o mesmo.

— Vocês jovens não enxergam um palmo diante do nariz — diz *Nonno*, com um sorriso gentil. — Reconheço esse brilho no olhar. Sou um apreciador do amor.

— Nãoooo, *Nonno*! — digo com firmeza. — A gente vive brigando.

— *Dio!* — Os olhos de *Nonno* fazem uma revista em meus braços. — E estas marcas roxas, Julieta?

— *Nonno*, o senhor não está pensando que eu... — Dark se ofende e quase salta da cadeira.

— Não foi o Aless! — interrompo em defesa de Dark e abro um sorrisinho maroto. — Digamos que eu tive uma conversa, não muito

amigável, com a Amelie.

— A jornalista? — *Nonno* levanta e inclina o corpo sobre a mesa, e pede para ver meu braço. Obedeço e seu rosto contrai, assim que nota os arranhões em meu pulso. — Isso aqui foi ela?

— Isso não é nada. — Coro e rezo que a maquiagem tenha tampado o chupão em meu pescoço. Não saberia como explicar. — Precisa ver como ela ficou.

— Tão doce... — *Nonno* volta a sentar e a cadeira de couro cede em protesto sob seu peso. Ele parece não acreditar. — Difícil imaginar você brigando. Alessandro, você deveria ter defendido a Julieta!

— Eu a defendi! — O corpo de Dark fica tenso, seus pés enormes batem impacientemente no chão. — Só que cheguei um pouco tarde!

— Amelie me tirou do sério. — Pego um peso de papel e começo a brincar. — Quando vi, já estava brigando. Isso que dá eu ter sido criada só entre irmãos, uma garota precisa saber se defender.

— Mesmo assim! — *Nonno* continua aborrecido. — Imperdoável! O cavalheiro sempre deve ir à frente protegendo sua dama.

— Não quando a dama em questão... — Dark me penetra com um olhar cínico e acusatório — sai correndo e você fica que nem um louco atrás.

— Aless! — repreendo-o.

Se fugi foi por culpa dele!

— Tá, parei! — Dark levanta as mãos espalmadas. Seu avô solta um longo suspiro. — O que é isso que está mexendo, *Nonno*?

— Lembranças... — Ele acaricia algumas fotografias dispostas sobre a mesa.

— Da *nonna*?

— Hoje faz cinquenta e dois anos que elas se foram, Alessandro. — Os lábios enrugados contraem.

— Sinto muito, eu não... — Dark diz envergonhado. — Não lembrava.

— Nem tem problema, Alessandro. Não falo muito sobre este assunto. Sua mãe tinha só quatro anos quando sua avó e sua tia se foram. As pessoas não costumam lembrar.

— Que triste, eu sinto muito... — digo suavemente.

— Eu também, Julieta, eu também — lamenta com os olhos distantes. — Todos estes anos sem Alva e Cléo... foram muito difíceis. Criar as meninas sem a mãe... Tocar o restaurante dela... — Ele balança a cabeça, parecendo se recompor, pega uma fotografia e seu rosto suaviza. — Acho você parecida com ela.

— Com a vó Alva? — Uma linha fina se forma nos lábios do senhor possessivo.

— Não, Alessandro, com a Cléo. Os mesmos cabelos... O sorriso doce... Olhos curiosos e brilhantes como diamantes. — Ele sorri. — Quando vi Julieta na praça, parecia estar vendo Cléo.

— A sua filha? — Fico confusa.

— Sim, olhe, Julieta. — Estende uma fotografia. Dark aproxima sua poltrona da minha, inclina e examinamos juntos a imagem de uma mulher e uma menina, abraçadas. — Aqui a Cléo tinha acabado de completar dez anos.

— Caralho! Parecidas mesmo! Cléo era uma miniversão de Juliet! — Dark surpreende-se tanto quanto eu.

Reconheço muitos traços meus, aos dez anos, na garotinha sorridente.

— A boca, Alessandro! — *Nonno* bate na mesa.

— Desculpa, *Nonno*. — Posso jurar que Dark deu uma microcorada.

— Espevitada igual a você, Doce Julieta. — *Nonno* sorri assim que lhe entrego a foto. — Minha esposa tinha um trabalho danado com ela.

Estranho “o esposa”, como se ela estivesse viva. Olho para Dark.

— Todos esses anos... não conheceu outra companheira? — pergunto incapaz de conter minha curiosidade.

— *Nonno* nunca se casou novamente, Juliet.

— Ah! — Fico sem graça.

— Impossível. Alva era única — diz com reverência e adoração. — Quando um homem encontra sua companheira de vida, não há como colocar outra em seu lugar... Prefiro a lembrança dos anos felizes.

— Perder alguém que se ama... — Controlo as lágrimas ao lembrar de Julio. — Viver sem ele... Não sei se suportaria, às vezes, é melhor nem amar.

— Nunca diga isso, Julieta! — *Nonno* me repreende. — Amar Alva foi a melhor coisa que me aconteceu. Por poucos minutos, poucos anos, não importa. Mesmo que soubesse que ela partiria tão cedo, não deixaria de viver esse amor.

— Mas é muito doloroso. — Dark vem em minha defesa. Ele mais do que ninguém entende o que eu quis dizer. — Amar e ter o coração destroçado... é tão devastador. Se ao menos tivéssemos controle e pudéssemos eliminar os riscos.

— Não há controle no destino, Alessandro. — Seu avô lhe sorri resiliente. — Estar vivo já é um risco! Por medo, nunca permiti que Alva e as meninas saíssem. Sempre embaixo da minha asa, cercadas de tantos

cuidados. E um dia... no portão de casa, um carro desgovernado as atingiu na calçada. Era hora, Deus as queria perto dele.

— É tão complicado. O senhor deve ter se revoltado — digo o óbvio para mim.

— No começo sim, mas aprendi a aceitar o inevitável. — Seus olhos iluminam. — Doloroso seria não ter vivido esse amor. Minha vida não teria valido a pena. Sou um homem completo. Alva me deu outras filhas; e elas, meus netos que eu amo. — Sorri carinhosamente para Dark, que retribui. *Nonno* solta um longo suspiro e continua: — A vida é simples, Alessandro, e curta. Se algo te faz feliz, você tem que agarrar. O medo que, a qualquer momento, isso possa ser arrancado de você, sempre existirá. Mas a plenitude deste encontro, mesmo que por cinco minutos, valerá a pena.

— Nunca tinha pensado por este ângulo, *Nonno* — digo pensativa.

— Eles acham que estou caduco, Julieta, mas tenho meus bons momentos — gargalha. — E meu neto... só existem dois caminhos: fugir ou ser feliz. Simples assim. Não concorda, Julieta?

Franzo a testa, não convencida.

— Perdi meu irmão há poucos anos. Essa coisa de destino ainda é um ponto obscuro para mim. Acho que podemos nos poupar. Mesmo que isso sacrifique, um pouco, a felicidade.

— Oh, Doce Julieta! Sinto muito. Entendo sua dor. Mas poupar-se não o trará de volta. E tenho certeza de que, lá de cima, ele torce para que seja feliz. Não se feche para a vida. A escuridão só se dissipa na luz, não com mais escuridão.

— Martin Luther King. — Dark pisca para o avô reconhecendo a citação.

— O próprio, meu neto. — Pisca em resposta.

— Julieta, achei isso na caixa de fotos... Era de Cléo. — *Nonno* examina uma pulseira com um pingente solitário em forma de coração. — Toma, fique com ele. — Ele inclina o corpo, estende a mão por sobre a mesa, oferecendo-me o objeto. — Cléo adorava as cores do arco-íris que surgiam quando a luz transpassava o diamante.

Fico indecisa.

— Não, *Nonno*, não posso aceitar...

Dark aperta gentilmente meu joelho. Olho e recebo um gesto discreto de que devo aceitar. Obedeço.

— Se eu voltar a guardá-lo será só um objeto bonito em uma caixa escura. — *Nonno* explica satisfeito ao ver Dark colocando a pulseira em mim. — Você, Doce Julieta, é iluminada! É disso que diamantes precisam...: luz. Use-o, ficarei honrado.

— *Nonno*, é linda!

Levanto-me, dou a volta na mesa e o abraço. Ele retribui o gesto carinhosamente.

Somos interrompidos pelo barulho do sino do almoço, que toca.

— Até que enfim! — Dark salta da cadeira, e contorna a mesa ficando impaciente ao nosso lado. — O almoço. — Cutuca o ombro do avô. — Dá para o senhor desgrudar da Juliet?

— Alessandro! Ela é como se fosse minha neta! — *Nonno* parece divertir-se com o incômodo do neto e me abraça mais forte, como aquelas tias solteironas que espremem seus sobrinhos.

— Mesmo assim, *Nonno*! Mesmo assim!



Depois de me separar do *Nonno*, com um pouco mais de ímpeto do

que o necessário, Dark insiste para irmos imediatamente almoçar. A varanda ensolarada e ampla, rodeada por samambaias, está pronta para nos receber. A mesa redonda, com dez lugares, está primorosamente arrumada. Arranjos de flores e uma louça delicada e primaveril. Várias garrafas de vinho dispostas, suficientes para um batalhão.

À mesa, apenas está Vincenzo e nem sinal dos outros. Sentado confortavelmente, com meia garrafa de vinho tinto à sua frente, o cineasta devora uma travessa de antepasto. Ele sorri, meio bêbado, quando nos vê. Sua barriga está cheia de farelos de pão. *Nonno* junta-se a ele e indica a cadeira a seu lado, para eu me sentar. Sem perder tempo, Dark ocupa o outro lugar ao meu lado. Com um movimento nada discreto, puxa minha cadeira, colando-a na dele.

Cazzo de homem mais possessivo!

Nonno solta uma risadinha e dá as costas, voltando a atenção para Vincenzo. Os dois começam uma conversa animada sobre a acidez dos vinhos mais novos.

Madalena deve ter tido muito trabalho. A mesa está farta. Mas isto já era de se esperar. Nós italianos não brincamos quando o assunto é se empanturrar. Um verdadeiro banquete típico: massa, pães, saladas e muitas entradas.

Com um olhar sugestivo, Dark pega um morango molhando-o no balsâmico.

— Quer?

Aceito, tento pegar a fruta, mas ele segura minha mão.

Misericórdia!

O safado pornográfico voltou!

— Aham... assim não tem graça — sussurra.

Indecisa, escrutino o belo rosto. A última vez que recebi comida na boca foi há muito tempo... E não por escolha minha. Minhas mãos estavam amarradas. *Mamma* nunca entendeu minha veia artística. Não compartilhava o mesmo senso estético que eu. Odiava como as cores das papinhas misturavam-se aos móveis da cozinha.

Eu achava lindo. A sopa de beterraba escorrendo nas paredes causava um efeito incrível e durável. A gota d'água para ela foi quando descobri que podia enfiar ervilhas no nariz e que o macarrão dava uma ótima peruca.

— Não seja tímida, Baixinha.

Dark aproxima o morango da minha boca, provocando-me. Fecho os lábios em uma linha fina. Ouço um risinho ao longe e Madalena parece divertir-se com a cena. Abro a boca para reclamar...

Ploft!

O abusado enfia a fruta lá dentro. Sem saída, mordo para não me engasgar. Cerro os olhos enquanto mastigo.

— Pensei que não fosse contra demonstrações de carinho em público — desafia-me.

— Não sou — digo de boca cheia. Engulo e ele repete o processo com outro morango. — Só não sabia que o Dark, todo durão, era chegado nessas coisas românticas de menininha — provoco.

— Quem disse que sou romântico? — Ele se aproxima do meu ouvido, checando se Madalena está de olho. — Te alimentar é quente pra cacete! Enfiar coisas nessa sua boca gulosa é um tesão.

Infelice! Depravado!

Quando me oferece outra fruta, abocanho tudo. Inclusive o dedo.

— Opa! Morder não, só chupar.

— Você adora essas coisas depravadas, né? — digo baixinho só para ele ouvir.

— Imensamente, Baixinha.

Pega minha mão repousando-a discretamente sobre o colo. Sinto seu pau endurecido. Arranco a mão antes que alguém perceba. Aflita, olho para os lados.

Não vou fazer isso!

Madalena parece não ser adepta de toalhas de mesa.

— Pode esquecer, não sem uma barreira.

Aponto para a falha de toalha e me divirto quando ele xinga baixinho.

— Bom saber, novas prioridades.

Sorri conformado e me oferece mais algumas entradas. Aceito, mas dessa vez nada de mordidas.

— Chupa mais forte — pede brincando.

Belisco sua coxa, discretamente.

— Depois chupo forte. Isso foi só o aperitivo — prometo só para aguçar a imaginação dele, alcanço minha taça e bebo um gole.

— Porra de mulher mais safada! — rosna baixinho depois joga a cabeça para trás e tampa os olhos com as mãos. — Foi feita para mim!

— Exagerado. — Pisco satisfeita.

Estou começando a gostar... Esses joguinhos de sedução mexem com a minha libido.

— Acostume-me. Estou até pensando em fazer as pazes com Deus, pela graça alcançada. — Pisca para o céu, como se alguém lá em cima

estivesse olhando para ele.

Latidos chamam minha atenção. Volto-me para ver o alvoroço que Athos e Porthos começam a fazer ao longe. Começo a rir instantaneamente.

Que malucos!

É... Momentos assim fazem a vida realmente valer a pena.



17.3

No caminho

— **Faz de novo**, faz de novo! *Hihihihihihihhi!* — Ao som de *Aquários* da banda Hair, Fran grita com os braços para cima, montado em Porthos, que começa a pular e a correr de um lado para o outro. Como em um rodeio.

— Eu te amo, Athos. Isso é um barato. *Hahahahahahaha*. Ai, que legal! Estou curtindo, malandro! — Kai ri, montado em Athos como se fosse o pequeno pônei.

Petah dança e gira entre eles imitando os movimentos de uma fada.

— Que brisa *loca*!

Pulga, que agora deve acreditar que é um peão, vem correndo e girando atrás do rabo como um alucinado. Corre, gira, corre, gira, corre, gira... Tenta passar pelo meio das pernas de Porthos, que se desequilibra.

Paft!

Fran cai no chão de pernas para cima e daí para a frente é um efeito dominó.

Cataplan!

Athos e Kai tropeçam na dupla amiga e despencam.

Puft!

Com o impacto, batem em Petah, que gira com os braços para cima e é catapultada se esborrachando no chão.

— Estou cego! — grita Fran. — Não estou mais! — grita de novo assim que Pulga rouba o boné, que tinha caído em seu rosto, e começa a girar e a correr novamente, tentando esstraçalhá-lo.

— Não estou sentindo nada! — Petah ri alto e sem parar.

Ela abre os braços e pernas, simultaneamente no chão, como se quisesse desenhar as asas de um anjo numa neve que não existe.

Kai fica no chão, abraçado a seu novo amor, rindo, enquanto Athos lambe a sua cara e late.

Antes que alguém pense coisas ruins a respeito de Fran, não, ele não é um toxicômano. É só um cara de vinte e oito anos, que gosta e muito de aproveitar a vida. Suas incursões ao mundo dos drogados não passam disso, uma ou outra viagem esporádica, geralmente acabando em algum tipo de presepada. E sempre, sempre mesmo, contando com seu primo antitabagista e anjo protetor, Dark, para tirá-lo de qualquer enrascada.

Enfim, Francesco Salvatore é só um cara lindo, feliz, irresponsável e desinibido.

— Porra, Fran, de novo? Cuidado, seu bosta!

Em seu modo ogro protetor ligado, Dark é o primeiro a saltar da cadeira e sair correndo para resgatar o primo. Ele pesca Fran em meio às patas, braços e pernas emaranhados, o apalpa energicamente, avaliando sua integridade física. Convencido de que Fran está ok, parte para outro resgate.

Acho adorável quando Dark, mesmo contrariado e sem graça, põe Kai de pé e dá uma checada verificando se ele não quebrou nada. E acho muito bom quando ele deixa que Fran levante Petah. Depois tenho pena dos três quando ganham um sermão digno dos policiais mais durões do narcotráfico, sobre o envolvimento de terceiros indefesos nas viagens deles.

Por sorte, *Nonno* e Vincenzo já estão alegriños e não levam muito

em consideração a algazarra do trio. Na verdade, parecem estar se divertindo tanto quanto eu.

Assim que o trio risadinha se senta à mesa, a euforia aos poucos vai baixando. Mais relaxados, conversamos sobre amenidades, trabalhos e hobbies.

— E você, Dark, não curte um? — Petah quer saber enquanto devora o segundo prato de macarrão ao pesto.

— Não, prefiro outras formas de prazer — Dark responde em tom amigável, coloca o guardanapo sobre a mesa e depois a mão em minha coxa.

Um sorrisinho idiota escapa dos meus lábios.

— O primo é um atleta de nível superior, Petah. Tem pulmões de aço. Acima da média — Fran diz orgulhoso e coloca mais uma garfada na boca. — Não seria esse Titã se enfiasse qualquer *cazzo* goela abaixo. Unzinho então, nem pensar — explica com a boca cheia de comida.

— Unzinho o quê? — Nonno pergunta confuso e de boca cheia.

— Cubanos, *Nonno* — Fran diz entre risos. — Se bem que Petah prefere os charutos produzidos na Jamaica.

— E são bons, é? Nunca ouvi falar! — Salvatore se interessa.

O trio explode em gargalhadas.

— Diferentes, *Nonno*, o processo de fabricação é totalmente alternativo. Acho que um homem tradicional, como o Senhor, não irá apreciar.

Nonno faz uma careta repulsiva.

— Prefiro ficar nos cubanos, então. — Depois sorri e volta a passar o pão no molho à bolonhesa que sobrou em seu prato.

— Melhor assim, *Nonno*, melhor assim! — Dark diz irônico.

Surpreendo-me com Aless. Ele parece estar mais leve e por diversas vezes, cai na gargalhada com as palhaçadas do primo.

Começo a me dar conta de que ele está certo sobre o profissional e o homem. Todas as referências que tenho dele, até então, estão relacionadas ao alpinista. O sujeito durão, controlador e carrancudo, sempre preocupado em avaliar riscos e evitar as distrações. Vê-lo em família é um mundo totalmente novo para mim. Como se o Deus do Olimpo, acostumado à altitude dos céus, descesse a Terra misturando-se aos humanos.

Borboletas voam em meu estômago. Meu corpo inteiro fica ligado ao dele... Atento e sensível a todos os seus movimentos. Este Dark, sem máscaras, é muito mais perigoso. Um cara sedutor e instigante. E isto é totalmente ferrado.



O almoço segue tranquilo. Continuamos a beber, a dar muita risada e a devorar as delícias culinárias de Madalena. As mãos de Dark se alternam, hora nas minhas coxas e hora no meu ombro fazendo carinho. Até que um já muito bêbado Vincenzo se dirige a mim:

— Petah disse que está entediada com a vida na vinícola.

— O quê? Não! — Quase engasgo com o vinho e sinto meu rosto queimar. — Fiquei no começo, mas as coisas mudaram um pouco. Tem sido mais animado do que imaginei.

Meleca!

Dark tira a mão de mim e começa a tamborilar na mesa.

— Já separei três credenciais, Juliet. Pode levar seus amigos se quiser. — Petah entra na conversa. — Se é agitação que procura, o set é o lugar certo.

— Obrigada, tenho certeza de que a Cris vai adorar. Ela sempre sonhou em conhecer um set. — Tento jogar a responsabilidade para a minha amiga ausente.

Não nego que fico empolgada. Acompanhar a gravação de um filme deve ser, no mínimo, divertido, mas... a coisa do entediada foi antes. Dark pode ter vários defeitos, mas ser entediante não é um deles.

— Ela também está entediada? No set, isso vai passar rapidinho — Vincenzo gargalha.

Engasgo para valer desta vez, e Dark bate em minhas costas.

— Tédio, hã? Bom saber. — Há desgosto nas palavras de Dark.

Finjo que não escuto, parto um pedaço de pão e passo no molho acumulado em meu prato. Miolo de pão é ótimo para coisas entaladas na garganta.

Vênus chega trazendo uma nova rodada de vinho e não para de lançar sorrisinhos sugestivos para Dark.

Que parte do esse lanche é MEU, essazinha não entendeu?

Preciso de outra taça de vinho ou de uma arma. A empregada semicerra os olhos em minha direção e retribuo a gentileza. Percebo uma piscadela discreta para Aless e meu sangue italiano ameaça entrar em ebulição.

Já meio bêbada e com o juízo prejudicado, decido que Vênus precisa de uma lição.

Ops!

Sem querer me atrapalho quando a abusada vai servir minha taça, esbarro e o conteúdo do meu copo vai parar no uniforme impecável dela e... na perna de Dark.

Desgraça! Pontaria errada!

Será que estou vesga?

— Que porra é essa? — Dark esbraveja.

Inclino meu corpo na direção contrária à dele, para me proteger de sua ira.

Vênus me lança um olhar de morte e sai da varanda batendo o pé.

Fran joga a cabeça para trás, dando uma gargalhada estridente.

— Desculpe, foi sem querer. — Dou o sorriso mais fofo que consigo. Tento passar o guardanapo na coxa de Dark, mas ele segura minha mão, impedindo. Em seguida, começa a inspirar e expirar, inspirar e expirar.

Oh-oh!

Longos segundos de silêncio.

— Todo esse show com a coitada da Vênus foi por tédio, Srta. Damaggio? — indaga sarcástico tentando tirar a mancha de vinho de sua calça.

Ofendida, arregalo os olhos.

— Coitada o escambau! Menos, Dark! Bem menos... — Banco a ofendida. — Essa história de tédio já deu por hoje. — Tento reverter a situação.

Escuto mais gargalhadas... Agora de Fran, Kai e Petah. Bufo e balanço a cabeça em desgosto pelas risadas e brincadeiras.

— Tédio? Pensei que o Alessandro te exigisse o tempo todo — *Nonno* comenta sem se dar conta da tensão instaurada.

— Cof, cof, otário, cof... — Fran finge engasgar-se e tosse soltando a piadinha.

— Otário é meu murro na sua cara, babaca! — Dark esbraveja e

afasta o prato, não terminado, para o centro da mesa.

— Uiiii! Perdeu a fome, foi? — Fran continua a provocar e levanta as mãos num melindre fingido.

Dark fica vermelho.

Há mais risos.

— Rapazes! Deixem a Julieta falar. — *Nonno* põe ordem e olha para mim esperando por uma resposta.

— A *Mountain* só ocupa as minhas manhãs, *Nonno* — quase sussurro e olho para Dark, que está glacial.

Ele termina a taça de vinho, em um só gole, e sorri demoníaco, igual a minha mãe quando quer dizer “*você-me-paga-por-essa-Juliet-Damaggio!*”.

Cazzo! Estou morta!

Contorço-me na cadeira.

— As portas do DON estão abertas. As tardes costumam ser atarefadas por lá. Ajuda extra é sempre bom, Doce Julieta.

Nonno oferece mais uma opção antitédio e, envergonhada, balanço a cabeça em agradecimento.

— Dark, é verdade que a *Mountain* fará um evento no castelo para angariar patrocínio? Fran estava nos contando — Petah muda o tema e eu agradeço mentalmente.

Isso que é ser salva pelo gongo.

Valeu, Dio!

Dark e Fran se alternam para explicar a festa, que deve acontecer em alguns meses. Na verdade, descubro que eles promovem estes encontros com empresários, personalidades e famosos há três anos. O dinheiro arrecadado é destinado para obras assistenciais que a *Mountain* mantém na cidade e para

as novas expedições. Está aí mais um detalhe sobre Dark que não conhecia.

A conversa se estende... Mais garrafas são abertas... O tempo começa a oscilar assim como o humor de Dark. Rajadas fortes de vento curvam o topo das árvores e invadem a varanda, anunciando que a tempestade de primavera está para chegar. Por precaução, Madalena decide que licores e sobremesas serão servidos na sala de estar. *Nonno* e Vincenzo, embalados pelo vinho, pulam os doces e partem direto para a *siesta*.

Antes de seguir atrás de Kai e Petah, que foram, como loucos, devorar as sobremesas, Fran se vira para mim com um ar divertido.

— Juliet, eu e o Kai vamos dar uma esticada na cidade. Quer vir?

Ainda sentada ao lado de Dark, olho para Fran e pisco algumas vezes, abro a boca tentando me decidir.

— Para a cidade? — confirmo, como se não tivesse entendido a proposta.

— Uma boate, dançar — explica Fran, animado.

Uma das mãos de Aless vai parar em minha coxa.

— Cara... — Dark passa a outra mão no cabelo, abaixa a cabeça, fecha os olhos e depois massageia a têmpora. — Ela não vai. O céu está para desabar e meu limite para explodir — diz ao virar para mim. Seu tom de voz é controlado, lutando para conter a raiva.

A ponto de ter um ataque, fixo um olhar mortal sobre Dark, que lentamente solta o ar, sem me perder de seu campo de visão. Espero por alguma das suas reações intempestivas, mas esta não vem. O trem continua nos trilhos. Mesmo brava, solto o ar e meus ombros relaxam.

Fran cruza os braços esperando que eu jogue toda a minha tradicional ira contestadora sobre Dark.

Fico tentada.

Quem é ele para dizer que eu não vou?

Luto por alguns segundos, contra a minha teimosia. De repente, percebo o quanto estou cansada e lembro como foram incríveis os nossos momentos a sós. Senti-me tão relaxada, protegida e... completa. Pousei minha mão sobre a de Dark e acaricio. Ele também deve estar exausto. Estamos como gato e rato desde sexta-feira.

— Quero ir para casa com Aless, Fran — confesso baixinho e os olhos de Fran saltam.

Ele congela, abre a boca como se fosse tentar argumentar, mas logo desiste.

— Quer? — O rosto de Dark ilumina e ele me puxa para o seu colo.

Parece ter medo que eu fuja ou mude de ideia. Meu corpo esquenta reagindo ao dele imediatamente.

— Sim, preciso de trégua — ofego. — Chega de brigas e provocações por hoje. Estou exausta, não durmo direito desde sexta.

Ganho um sorriso aliviado e afundo a cabeça no peito musculoso, inspirando seu cheiro maravilhoso.

Não vou negar, ceder não foi tão difícil e a sensação de alívio é imensa. Uma pausa no turbilhão de emoções que venho sentindo é muito mais do que bem-vinda. Meus sentimentos em relação ao Dark estão confusos e intensos... Uma hora o desejo; na outra, o rejeito; e depois quero matá-lo e devorá-lo. E... quanto mais tento reprimir meu desejo por ele, o troço só aumenta.

Estou uma bagunça!

E cansada, muito cansada... Ergo o rosto para vê-lo, ele inclina para

baixo e encosta o nariz no meu.

— Trégua aceita — sussurra e beija meu pescoço. — Aleluia, estava ficando louco e exausto.

Sinto seu sorriso em minha pele e os pelinhos do meu braço arrepiam.

— Deixo você louco? — murmuro com segundas intenções e estremeço quando põe a mão na minha nuca.

— Em todos os sentidos, Baixinha difícil.

Os lábios carnudos e sexys abrem exibindo seus dentes brancos perfeitos, depois beija suavemente meus lábios.

— Que nojo! Arrumem um quarto! — Fran reclama alto e só agora me dou conta de que ele ainda está aqui. — Olha... Melhor eu me retirar... — Solta uma gargalhada, apontando para a porta. — Acho que os pombinhos já decidiram... Querem um conselho?

— Nãoooo! — Dark rosna.

— Beleza! Não ia adiantar mesmo... São muito bipolares! — Fran grita perto da porta e faz cara de desgosto. — Brigam e discordam em tudo, mas estão loucos um pelo outro. Mudam do se matarem para se pegarem em um segundo! — Seus dedos estalam alto.

— Cala a boca, Fran! — dizemos em sintonia e Fran sai debochando entre risos.

— Melhor nos mexermos. — Dark se levanta.

Sem oferecer resistência, seguro a mão forte e vou no fluxo.

Madonna Santissima!

Meu corpo está molinho pelo efeito do vinho. Resignada, percorro a via sacra de despedidas, busco por minha bolsa e vou para o carro. Irmã

Calamanda iria orgulhar-se de mim. A coitada passou anos tentando me fazer obedecer. Tão inocente... Era só ter me dado o vinho do Padre Titilo quando pedi.



A chuva já está forte quando a Range sai do acesso de terra da Vinícola Salvatore e ganha a estrada de ciprestes e, pela décima vez, Dark checa o meu cinto de segurança. Os para-brisas quase não dão conta da água que escorre pelo vidro. A chegada da noite e o mau tempo prejudicam ainda mais a visibilidade. Hora ou outra, raios iluminam o caminho.

Dark segue calado, atento às manobras para desviar o carro dos galhos de árvores que o vento derrubou sobre o asfalto. Os músculos de seus braços são um espetáculo à parte, sendo exigidos para controlar a Range que derrapa algumas vezes.

Delizioso!

Droga de homem mais gostoso.

Vontade de arrancar essa roupa!

Recriminio-me, não é hora para fantasiar com seu corpo musculoso todo molhado pela chuva. Mordo os lábios tentando suprimir a vontade louca de tocá-lo, que aparece. Preciso de uma distração. Checo meu celular, na tentativa de ligar para os meus pais e nada de sinal. Jogo o aparelho, de novo, na bolsa. O jeito vai ser esperar chegarmos em casa. *Juro que tento!* Mas o desejo e o vinho vencem a batalha... Sem que eu consiga controlar, minha mão vai parar na coxa grossa e dura.

Os olhos esmeralda brilham ao se encontrarem com os meus. Percebo, pelo sorriso torto, que os pensamentos dele não são menos impuros que os meus. Uma onda de calor atinge o centro das minhas pernas.

— Cadê toda aquela marra de vinte minutos atrás? — Dark morde os lábios imitando o meu gesto, sua voz é puro pecado.

Ele vira a direção e entramos na alameda das mimosas que está toda enlameada. Mais um quilometro e estaremos em casa.

— A chuva levou...

Um clarão... Um trovão... E um estrondo de madeira rachando... O carro freia, derrapa na lama e para embicado para o mato.

— *Madonna mia!* — berro com o coração quase na boca.

— Puta que pariu! Caralho! Tá inteira? Tudo bem com você, Juliet?



Apertem os cintos

Em um nanossegundo , as mãos fortes de Dark soltam meu cinto e seguram meu rosto... Tenso, ele cola a testa na minha.

A respiração dele está a mil, posso ouvir as batidas do seu coração daqui. Meu peito sobe e desce e a adrenalina está no limite.

— Estou inteira! O que foi isso?

— Desculpe, Baixinha. — Meu rosto é atingido por uma enxurrada de beijos. — Um raio acertou o cipreste em cheio.

— Desculpar por quê? — Passo as mãos em seus cabelos, depois apalpo os braços musculosos em busca de qualquer coisa fora do lugar. — Tudo bem... — sorrio — que te acho um Zeus, mas lamento informar, Sr. Dark, que é o Thor, o homem dos raios. Se tem um culpado aqui é ele!

Um sorriso torto e presunçoso aparece no rosto incrível dele.

— Um Zeus?

— Meu Deus! Criei um monstro! — Aperto o rosto convencido com as duas mãos, esmagando até Dark fazer um bico. — Também não é para se empolgar. Zeus só quando é do jeitinho que eu gosto.

— E de que jeitinho gosta? — indaga com ironia. — Só me dizer que eu serei para você.

— Como é um idiota, *Dio!* — Dou um tapinha no rosto lindo dele.

— Porra! — Ele se diverte e revida o tapinha, que na delicadeza dele é quase um tapão. Reclamo alto. — Virar idiota? Vai ser meio impossível,

mas posso tentar.

Atentos ao meu tom, Athos e Porthos começam a latir.

— Obrigada por me defenderem, meninos. — Olho presunçosa para Dark e depois para os dois, que continuam a latir e a abanar o rabo.

— Estou brincando com ela, bando de puxa-sacos! — rosna para os cães.

— Para! — Tento agarrar sua mão e ele dá outro tapinha, agora na minha testa. — Aiii! Que ódio! Para, imbecil! O que vamos fazer?

— Sugiro começarmos com alguma coisa bem safada, ali, no banco de trás.

— Aless, estou falando sério! Além do mais, os cachorros vão morder você assim que eu começar a gritar.

Gargalho.

— Foda-se! Sou vacinado.

— Aless! — repreendo-o agarrando a mão boba dele antes que possa tocar meu seio. — Fran vai voltar chapado e pode se machucar feio, se você não resolver isso já!

— Tá bom, tá bom! — Vira os olhos e cutuca a ponta do meu nariz com o dedo. — Mas só vou resolver porque *EU* quero, não porque está pedindo. Que fique claro. — Arqueia a sobrancelha. — Preciso mesmo ver o tamanho do estrago antes que o babaca volte bêbado e não enxergue o tronco caído.

— Hum-hum... Sei.

— É bom que saiba mesmo. — Dá uma piscadinha safada. — Mas depois, direto para o banco de trás. — Liga os faróis do carro. — Preciso ter você antes de chegarmos à sua área de sexo proibido.

Sem me deixar responder, Dark arranca a camiseta e joga para mim, provocando-me um quase miniataque cardíaco. Seduzida por tamanha gostosura, só sei suspirar quando sai do carro para o temporal.

Em seguida, já todo molhado, abre a traseira do carro e Athos e Porthos saem a toda velocidade na chuva.

— Fique aí, Juliet! — grita ao bater a porta do bagageiro.

Tique-taque... Tique-taque... Tique-taque...

Cinco minutos passam e nada de Dark dar as caras. Limpo o vidro embaçado, tento ver alguma coisa e nenhum sinal dele. Remexo no banco, tamborilo no painel, coço a orelha, troco a música, remexo de novo...

Tique-taque... Tique-taque... Tique-taque...

— Dane-se!

Não sou mulher de ficar esperando no carro!

Abro a porta e salto para fora.

Caramba! Que delícia de chuva!

— Dark?!

— Te mandei ficar no carro, cacete!

Olho em direção a voz.

— Eu... Eu...

Ai, Madonna Santissima!

O corpo, sem camisa e encharcado de Dark, está iluminado pelo farol do carro. As gotas de chuva, agitadas pelo vento e iluminadas pelos feixes de luz, dão um efeito cinematográfico à cena. Meu queixo cai e minha boca enche d'água. Esqueço que também estou no meio do temporal.

Fico estática, admirando a oitava maravilha à minha frente.

Oitava uma merda! Primeira maravilha!

Que vontade de enjaulá-lo e escondê-lo do mundo!

Gostoso demais!

Um arrependimento me assola. Nunca deveria ter duvidado do guru Pujak Katetik, que deu aquela palestra na universidade.

Não é que a tal da “*Visualização Criativa*” funciona mesmo! O cara é um gênio! Caramba! Sonhei várias noites imaginando Dark molhadinho, molhadinho.

E... Tcharam!

Aí está! A materialização dos meus sonhos, bem na minha frente!

Amanhã mesmo, vou mandar um e-mail para a universidade retirando o que disse sobre o guru ser uma farsa ilusionaria. Tomara que os cartazes, que espalhei por Cambridge, já tenham se desintegrado, depois de três anos.

— Vai para o carro, caralho! Já estou terminando aqui!

Toxic de Britney Spears começa a tocar no rádio.

— Não!

E perder o espetáculo? De jeito nenhum!

Irritado, Dark pega o tronco de árvore que obstrui o caminho. O troço é tão grosso que meus braços seriam incapazes de envolvê-lo. *Uau!* Como se não pesasse nada, ele levanta a tora deixando-a na vertical. Ofego quando a arremessa mato adentro.

Sigo a linha curva ascendente e depois descendente que a madeira faz... Manuseada por Dark, ela pareceu ser leve como um palito. A cena me lembra um concurso nórdico de força bruta e cujo nome eu não lembro... Aquele onde uns caras mais fortes do que um touro, arremessam vigas de

madeira. Se existisse esse esporte em Bolgheri, Dark seria invicto.

Macho pra caralho!

Minhas sinapses cerebrais explodem em luxúria e desejo desenfreado. Meus olhos ficam vidrados na imagem do homem furioso que vem em minha direção. Nem a chuva está sendo capaz de apagar meu fogo. Esmago o tecido encharcado do meu vestido, junto as pernas e mordo os lábios.

Dio!

Quando o corpo dele chega perto demais, meus instintos de fêmea tarada falam mais alto. Parto para cima, agarro seu pescoço e meus pés quase não tocam o chão. Grudo no tórax indecente. Junto nossos lábios de forma possessiva e desenfreada. Sem hesitar, ele corresponde ao ataque e enfia a língua na minha boca. Não há palavras, apenas gemidos, bocas se chocando e línguas se devorando.

As mãos de Dark descem pelas laterais do meu corpo, encharcado pela chuva. Com um movimento único, sou puxada para cima e minhas pernas entrelaçam o seu quadril.

Comigo no colo, Dark anda em direção ao carro. Sua masculinidade está tão dura quanto aquele tronco e a cada passo, sinto a pressão aumentar entre as minhas pernas. Agarro-me mais. Uma das mãos dele sai de minha coxa e vai para a bunda.

Os passos largos cessam a meio metro do carro. Sem aviso e, para o meu desgosto, Dark interrompe o beijo. Nós dois estamos ofegantes. Agora as mãos enormes vasculham meu traseiro. Há desespero nelas e fúria nos olhos verdes enegrecidos.

— Puta que pariu, Juliet! Cadê a merda da calcinha?

Ganho um tapa barulhento na bunda.

— Aiiii! Tirei.

— O quê? Por quê? Que porra! — ruge.

A resposta não sai. Engulo em seco quando me coloca sobre o capô salpicado de chuva. As mãos enormes tiram os cabelos molhados e grudados no meu rosto. O corpo grande encaixa-se entre as minhas pernas, escancarando-me, e antes dele fechar os olhos, consigo ter um vislumbre de um olhar assassino.

Dio!

Meu coração saltitante para. Dark inspira, expira, inspira e expira... Acho que está falando em russo. Preocupada, seguro em seus ombros e sua pele está pegando fogo. Nem a chuva escorrendo por ela é capaz de esfriá-la.

— Aless...

— Vai ou não me explicar por que tirou a calcinha? — pergunta cabisbaixo e sem me olhar.

— Eu... É que... no carro, de manhã... Quando você... Fiquei muito molhada. — Franzo o rosto em uma careta constrangida. — Estava a fim, poxa vida... — sussurro.

A cabeça dele sobe e as esmeraldas fumegantes voltam a me encarar. Ofego.

— Não dava para usar! — continuo a argumentar. — Tive que tirá-la e guardá-la no porta-luvas, antes de sair da garagem.

Ele me olha impassível. Nem um pio vem dele.

— Pelo amor de *Dio*, Aless! — explodo. — Queria que eu fizesse o quê? Os cachorros iam me farejar! — Tento apelar para a lógica e o bom senso. O silêncio permanece. — Ninguém viu nada, juro!

Ainda calado, Dark espalma uma das mãos em meu peito, deitando-

me de costas no capô. Em seguida, abre ainda mais as minhas pernas e levanta o vestido. Ouço só a respiração pesada vinda dele, acelerar. Meu peito sobe e desce rapidamente. Ouço-o dizer vários palavrões, bem baixinho.

Cazzo!

Apoio sobre os cotovelos, para poder vê-lo. Dark está com os olhos fixos em minha boceta exibida. A chuva batendo na pele delicada e exposta é excitante. Uma contração involuntária acontece. Os olhos verdes brilham enquanto ele passa a língua nos lábios como um garoto faminto.

Nós... A chuva enfraquecida... O peito tatuado nu... Eu exposta para ele... É tudo tão erótico que não consigo controlar e outros espasmos acontecem, sinto os sulcos internos brotarem.

Para minha surpresa e deleite, dois dedos percorrem minha pele quentinha, de cima a baixo, e vão abrindo os lábios do meu sexo. Gemo baixinho enquanto ele parece checar se está tudo no lugar. Estremeço e arqueio as costas. Fecho os olhos absorvendo a sensação desse toque. É suave como uma reverência.

— Nunca mais, mas nunca mais mesmo... — a voz grave e dominante de Dark ecoa — você vai andar por aí, sem a porra da calcinha, a menos que eu mande. Está entendendo, Juliet? — Ele mergulha entre as minhas coxas e deposita um beijo em minha bocetinha ansiosa.

Fico quieta e ofegando, sem saber o que responder. O contraste entre a delicadeza do beijo, o tom autoritário dele e minha excitação diante disso tudo é desconcertante. Luto internamente para não me deixar dominar, mas tudo o que quero é ser dominada por ele... Ter suas mãos grandes me tocando... Sentir seu pau dentro de mim.

— Entendeu, Juliet? Diga.

— Entendi.

— Boa menina.

Os acordem de *Rain* da Madona começam a trocar... Dark me pega delicadamente no colo e contorna o carro.

Em seguida, abre a porta do passageiro, me põe sentada no banco traseiro com as pernas voltadas para fora. A chuva, agora, não passa de algumas poucas gotas que insistem em cair. Não digo nada, só observo.

— Que tal deixarmos as merdas de lado e sermos só nós? — propõe e seu dedo desenha o contorno dos meus lábios. O tom dele muda para mais suave do que autoritário. — Preciso de você... totalmente entregue para mim, Juliet. Não se preocupe, não vou te expor, ninguém pode nos ver aqui.

Por que não?

Estou totalmente envolvida e seduzida. Amo a intensidade erótica que rola entre nós.

Lentamente abro o zíper lateral do vestido. Livro-me da peça ficando inteiramente nua diante dele. As pupilas de Dark dilatam quando seu olhar recai para o meu seio. O peito musculoso sobe e desce em um ritmo fora da cadência normal, um sorriso torto aparece.

Dio!

Como o safado é perfeito!

Suas mãos deslizam por minhas coxas, seus toques me provocam choques.

— Pele macia...

Ele vai subindo passeando pelo púbis, umbigo, barriga... Alcança meu mamilo durinho; e com dois dedos, pinça o bico, contorcendo-o. Primeiro delicadamente, depois com força.

— Hum, Aless. — Fecho os olhos e gemo baixinho.

— Linda pra cacete! Seios perfeitos!

Estremeço quando a mão livre alcança o outro bico e faz o mesmo. Minha respiração volta a ficar rápida e irregular. Quando inclina a cabeça e sua língua começa a provocar os bicos sensíveis e aprisionados, minha bocetinha começa a latejar. Arranho o couro do banco com as unhas.

— Aless... — choramingo baixinho.

— Eu sei, Baixinha, eu sei.

Sorri e abocanha um seio chupando-o intensamente e sem dó.

Minhas mãos vão parar em seus bíceps e cravo a unha neles, me contorcendo e gemendo de prazer. Outro seio é feito de refém... Ele chupa, morde, aperta e eu gemo soltando gritinhos. Preciso de alívio, inconscientemente abro mais as pernas e começo me esfregar no couro macio do banco.

Mais alívio!

Desço uma das mãos e massageio o clitóris. Rebolando para a frente e para trás.

Ele se afasta e me retraio. A música muda para *Heart Attack* de Demi Lovato bem quando abro os olhos, Dark está parado diante de mim. Coça a barba do queixo e seus olhos parecem os de um louco em êxtase.

— Não pare de se tocar, Juliet. Quero ver como se dá prazer.

Obedeço e volto a me masturbar.

— Isso... Se entrega, Juliet — sussurra rouco e hipnótico em meu ouvido. — Enfia esses dedinhos safados, fode a sua bocetinha por mim.

Nem sei por que, mas guiada por sua voz cadenciada e atrevida, faço exatamente o que vai narrando. Um dedo, dois... Lento, rápido, fundo e circulando o clitóris. O barulho dos meus dedos chocando-se na carne úmida

intensifica. Não me importo com mais nada. Saber que ele está observando tudo é sensual demais. A água da chuva dá lugar ao suor. Minha cabeça tomba para o lado, meus lábios e olhos entreabrem em um prazer visceral.

— Me avise quando for gozar! — ordena.

— Estou quase... — ronrono.



Dark

As palavras dela são meu gatilho. Não há tempo para mais nada. Apressado, abro o zíper da calça, pego um preservativo no bolso e nos protejo. Preciso saciar meu tesão por vê-la se tocando.

Agarro os quadris generosos e os trago em direção ao meu pau armado e preparado.

— ALESS!

Juliet cai de costas no banco, assim que a capturo. Não sou exatamente delicado. Cravo nela com tudo quando os nossos sexos se chocam. Espremo-me e abro espaço dentro dela, fodendo-a como se nunca tivesse estado nessa boceta deliciosa.

O corpo delicado de Juliet desliza sobre o couro. Sobe e desce seguindo o movimento impiedoso das minhas estocadas. Ela apoia os pés nas paredes do carro e dobra os joelhos ficando ainda mais entregue. Seus cabelos estão uma bagunça e ela geme de um jeito que só me dá mais tesão.

— Gosta quando te fodo assim, Baixinha? — rosno alucinado.

— Amo, Aless!

Empolgado com a aprovação dela, que *AMA* que eu a foda deste

jeito... Eu meto, meto, meto... E... meto com vontade! Ela geme, rebola, grita e então meto mais, mais e mais. Sinto os músculos dela enrijecendo ao redor do meu pau.

— Isso, me suga, Baixinha. Me toma todo! Sou teu! — berro.

Entrego-me e a cada espasmo dela, intensifico mais o ritmo das estocadas.

— Vai lembrar disso vinte e quatro horas por dia! — sentencio.

Zero de piedade por aqui, quero-a enlouquecida de prazer. Vil e trapaceiro, começo a massagear seu clitóris.

— Jesus, homem!

Ela quase convulsiona, eu deliro. Vou mandar o caralho do tédio dela para o raio que o parta.

Estamos quase lá... Suados, misturados e delirando. Não sei onde eu começo e onde ela termina. Ondas de prazer sacodem Juliet e reverberam em mim, no ponto do nosso contato mais íntimo. Somos um só. Nossos corpos retesam e libertam-se ao mesmo tempo.

— Aleeeeeess!

— Julieeeeeet!

O orgasmo duplo explode como um terremoto.

Caralho de sincronia mais perfeita!

Ela geme. Eu urro. Ela se contorce, eu vou para o céu. Ela grita, eu berro. Nossos corpos perdem o controle. Tenho que segurar no capô do carro para não fraquejar a cada vez que meu gozo é lançado dentro da camisinha.

— Juliet! Caralho você me faz sentir um rei! — confesso e o som de um riso doce atinge meus tímpanos em cheio.

Sou flechado!

Ainda dentro dela e sentindo os espasmos secundários do orgasmo, encosto a testa no aço gelado. Tento recobrar a sanidade e voltar a terra embalado pelos acordes de *Friends* de Ed Sheeran.

— Aless?

Sua voz doce é meu ópio.

— Sim.

— Me abraça?

Sem pensar duas vezes, atendo ao seu pedido. Saio dela a jato, me inclino, alcanço seus braços e a puxo em minha direção. A pele macia de seus seios roça em meu peito. Sinto nossos corações na mesma batida. Isso é tão... tão...

— Juliet... Estou apaixonado por você.

Liberto meu coração e digo logo o que já sabia desde o minuto em que coloquei os olhos nela. Sinto o corpo delicado da Baixinha estremecer em meu abraço.

— *Dio!* Aless... Não sei o que dizer... É um sentimento tão sério... Tão definitivo para mim. Gosto de você, mas não...

A Baixinha dispara a se explicar... Não era o que esperava ouvir, mas não me abato, sou guerreiro. Ela é difícil e sou movido a desafios.

— Ei! Calma... — interrompo, liberando-a do martírio. — Não estou esperando nada em troca — minto.

Tento acalmá-la. Não posso pressioná-la, nem exigir que sinta o mesmo por mim.

Ou posso?

Depois de alguns minutos de silêncio constrangedor decido que é melhor irmos para casa. Está começando a esfriar, a Baixinha está toda

molhada e não a quero resfriada. Ela começa a se arrumar e faço o mesmo.

Olho para o meu pau, para a cueca e para o chão. Levanto rápido a boxer e o jeans. Agacho na terra molhada e tato tudo ao redor. Minhas pernas estremecem. Meu corpo congela.

Caralho! Não, Dark! Calma!

Isso nunca aconteceu! É impossível! Será?

Ela é apertada pra caralho!

Saí tão rápido, que foi praticamente extração a vácuo!

Levanto-me e olho para Juliet, que é a personificação de uma Afrodite lânguida e satisfeita. Sorrio. Examino os bancos e o piso do carro. Olho até embaixo do tapete.

— Perdeu alguma coisa? — pergunta inocente.

— Não estou conseguindo achar... Sumiu.

Não consigo terminar a frase, passo a mão nos cabelos e hiperventilo. Nunca desmaiei antes, mas juro que a porra do mundo está começando a girar. Apoio no carro, inspiro, expiro, inspiro expiro...

— Sumiu o quê?

— O pre... A... ca... cami... A porra da camisinha — digo esperando o pior.



18.1

Apertem os cintos

— **A camisinha?** — **Juliet** pergunta, intrigada.

— Sim.

— Sumiu?

— Hum-hum...

— Tudo bem, Aless, relaxa. — Sorri.

— Impossível — digo irritado, adoraria rir se não fosse tão embaraçoso.

— *Dio*, Aless! Por que está tão branco? É só uma camisinha. — Ela franze o rosto parecendo não entender o meu drama. — Deve estar em algum lugar!

Procura ao redor, apalpa o vestido, não acha a bendita, volta a me olhar e sorri novamente.

— Imagina! Alguém achar e fazer um exame de DNA para descobrir de quem é? — gargalha

— Talvez nem precise de DNA, se a sua barriga começar a crescer — despejo a realidade.

Posso ouvir a ficha dela, finalmente, caindo. Sua boca forma um pequeno O em surpresa, segundos de silêncio e finalmente a reação.

— Ai, caramba! Ai, caramba! Ai, caramba! Esqueceu o negócio dentro de mim? — Meio que pergunta e me acusa ao mesmo tempo.

Fico ofendido.

Que tipo de idiota ou cafajeste ela pensa que sou?

— Lógico que não! — esbravejo e solto alguns palavrões. — Foi um acidente. As coisas são bem apertadas aí dentro.

Aponto para o meio de suas pernas.

— Droga! — Cora. Acho bonitinho e sorrio feito idiota. Seus olhos arregalam, sua expressão suaviza para depois mudar para decidida. — Vire de costas.

— Pra quê?

— Só vire de costas, caramba!

A contragosto, faço o que pede. Curioso com a demora, não resisto e espio sobre os ombros. Meu amigão de baixo salta, assim como meus olhos.

— Puta que pariu! Como fez este negócio da perna no pescoço? Também é contorcionista, por acaso?

— Que droga, Aless, mandei se virar! Isso é ioga! — esbraveja se endireitando e fechando a cara. — Não achei nada, minha mão é pequena. Preciso da sua ajuda!

Estica a mão delicada e, ansiosa, faz sinal para que eu chegue mais perto.

— O quê? Não! Posso te machucar... Melhor te levar para a emergência.

Abro a porta da frente e alcanço o celular jogado no painel do carro.

— Vou ligar para Pam.

— Tá maluco? Uma ova que vai ligar para a Pam. — Avança em minha direção, arrancando o aparelho da minha mão.

— Sua grossa!

— Vai se ferrar! Não piso naquela emergência nem morta! É muita

humilhação! — Balança a cabeça decidida.

— Mas... Juliet... — tento argumentar, mas sou interrompido.

Claro! Cacete!

Estamos falando com a senhora teimosinha aqui!

— Do jeito que tudo cai na boca do povo por aqui, amanhã estarei na primeira página do jornal. — Para de falar para tomar fôlego. — Tem jornal em Bolgheri? — pergunta curiosa.

— *La Notizia*.

— É... A notícia vai espalhar, estou te dizendo.

— Não a notícia da camisinha, porra! *La Notizia* é o jornal de Bolgheri.

— Ah tá, me confundi! Bom, agora, isso não me interessa. — Dá de ombros e me irrita porque foi ela que perguntou sobre a merda do jornal. — Seja um cavalheiro, pegue esse dedo longo e me ajude a tirar logo isso daqui!

— Mas... já disse posso te machucar.

As mãos da Baixinha vão parar em sua cintura e seus olhos vão direto para os meus.

— Alessandro Salvatore Bolgheri, *SE* essa furadeira tamanho GG... — aponta para o meu pau. Por instinto e proteção, o protejo com as mãos — que carrega entre as pernas não me machucou, duvido que qualquer movimento desse seu dedo possa fazê-lo. Anda!

Já disse, né, o cara inteligente é aquele que sabe quando deve entregar os pontos.

Conformado, abro o porta-luvas, alcanço lenços de papel e qualquer outra coisa que possa precisar. Volto para Juliet, que já está deitada no banco de trás me esperando e com as mãos entrelaçadas sobre a barriga.

De repente me animo, começo a achar interessante. Sou homem e brincar de médico é um dos nossos fetiches preferidos.

Com o profissionalismo, que a profissão exige, preparo a paciente. Dobro suas pernas, levantando os joelhos. Inclino sobre ela e ligo os equipamentos.

Uauuuu! Espetacular.

Uma onda de preservação ao meio ambiente me domina.

— Teu ginecologista é homem ou mulher?

— Mulher, por quê?

— Nada.

Solto o ar aliviado. Não será desta vez que irei me tornar um assassino.

Com cuidado, meus dedos tocam a bocetinha que quero trancar a sete chaves. Se pudesse tatuava meu nome nela, mas é tão perfeita que seria como profanar um templo... ou pichar a Monalisa.

Perco-me examinando cada detalhe. Nunca me liguei nessa coisa de 100% depilada, mas esse detalhe em Juliet é como se fosse a cereja do bolo: fenomenal.

Primeiro, meu pau e eu quase choramos de alegria e gratidão. Depois, xingo e agradeço ao mesmo tempo, por não ter mais camisinhas. Será que ela iria me matar se eu dissesse que quero fodê-la de novo? Ajeito o volume entre as minhas pernas e continuo o exame.

— Por que está demorando tanto, Aless? — Ela tenta fechar os joelhos e eu a impeço. — Estou me sentindo na Broadway, com esta maldita lanterna apontada para o meio das minhas pernas.

Saio do êxtase.

— Desculpe, só estava admirando o espetáculo.

Encantado com a visão dupla e privilegiada, passo o dedo acariciando e contornando meu mais novo objeto de desejo.

Meu Prezioso...

— Aí não, pervertido! Nem se atreva a enfiar este dedo nele. — Ela remexe o traseiro. — Concentre-se no meu buraquinho da frente, seu tarado pornográfico!

— Calma! — Tiro o dedo. Mudo o foco, volto para o objetivo inicial e não acredito no que vejo. É como se *Dio* estivesse me mandando um sinal. — Não acredito — murmuro surpreso.

— Ai, *Dio mio*! No quê? O que tem de errado aí embaixo? — Ela fica impaciente e apavorada.

Eu a encaro e lanço um sorriso de pura adoração e safadeza.

— Nada errado, Baixinha. Sua boceta e seu cuzinho são fantásticos! — solto a deixa.

— Nem se atreva a chegar perto dele, Aless!

— Alguém já chegou?

— Não!

— Porra! Vamos ter que negociar, Baixinha!

— Nunca!

Cazzo! Cazzo! Cazzo!

Não insisto porque não é o momento. Tenho uma lista enorme de conquistas prioritárias pela frente. A começar pelo básico: ela precisa se apaixonar. Mas... essa parte imaculada do corpo dela é como a Terra Prometida. A entrada definitiva para o Paraíso. Os fogos de artifício ao se ganhar o campeonato! Não se pode negar isso a um homem de fé e

empolgado como eu. Chega a ser maldade.

Mudo a abordagem, mas sigo pelo caminho da fé e adoração.

— Agora está explicado por que me sinto no céu aqui.

— O quê? Por quê? Do que está falando?

— Tem três pintinhas nela! — São divinas, toco as marcas de nascença perfeitamente alinhadas em um dos grandes lábios. — Parecem as Três Marias. Sabia que se chamam Cinturão de Orion?

— Valha-me, minha *Madonna Santissima*! — Ela se remexe. — Dai-me paciência... Não estou acreditando nisso! Quer parar de bancar o astrônomo aí em baixo, e achar logo essa porcaria!

Plaft!

Juliet fecha, com tudo, os joelhos imprensando a minha cabeça.

— Porra, minhas orelhas! — Recupero-me do golpe, abro seus joelhos novamente e esfrego minha área auditiva afetada. — Caralho! Quer me deixar surdo? Pensei que as mulheres gostassem de receber elogios.

— E gostam! — rosna. — Mas não quando elas têm um terrorista de látex infiltrado! — Juliet se apoia nos cotovelos e me encara furiosa. — A camisinha, Aless!

Levanto as sobrancelhas e lanço um olhar de “*Sim, madame*”, e desta vez trabalho para valer. Fuço de um lado e de outro... Tento ser o mais cuidadoso que posso.

Pequenos gemidinhos escapam da boca de Juliet, meu pau se contorce e começo a repensar a possibilidade de pedir para fodê-la novamente.

— Achei!

Ouçó um suspiro de alívio, sair da boquinha deliciosa dela. Balanço

a camisinha como um troféu! Minha felicidade dura, até o momento em que vejo a situação do artefato.

— *Cazzo!* — Congelo temendo a reação dela. — Acho que na hora que puxei, estourou. Juliet, eu sinto muito... E se você ficar... Estiver... Se eu te...

— Calma! Respira, Aless! — Passa a mão no meu rosto. — É impossível. Acabei de tomar uma nova dose do anticoncepcional.

— Tem certeza?

Olho desconfiado, essas coisas não são totalmente seguras. E... estava com tanto tesão, que acho que explodi dentro dela, igual a uma *BigCoke* quando se joga *Mentex* dentro. Solto o ar aos poucos. Ela sorri e revira os olhos.

— Posso ir à farmácia e te comprar um daqueles testes — insisto por precaução.

Ela sorri carinhosa e tolerante como uma mãe faria diante de um filho não muito dotado de inteligência.

— Acho que seria um pouco precipitado! — Depois, em um modo bipolar ativado, sua expressão muda para comovida. — Faria isso por mim? Compraria mesmo um teste?

— Cem deles se me pedisse — confesso porque é verdade.

— Isso é tão... Ninguém nunca...

Juliet começa a esfregar os olhos exaustivamente com as palmas das mãos. Não sei como lidar com isso.

Vejo uma lágrima escorrendo, tento não olhar, me comovo.

— Ooooooh! Calma, Baixinha. Por que está chorando?

— Nada não, sua atitude... Não esperava, só isso.

Passo a mão em seus cabelos bagunçados.

— Juliet, não sou o monstro insensível que você pensa que sou. —
Do nada, ela me abraça. — Uauuu! Gosta de um abraço, hein?

— Hum-hum...



Juliet

Depois de ficar por um tempo agarrada a Dark, finalmente acalmo e partimos para a vinícola. Não sei como explicar minha crise de choro... Depois do trauma com Perlo, na adolescência, nunca mais tive arroubos emotivos por homem nenhum. Mas... ver Dark cuidando de mim foi... foi...

Aiiiii, que meleca!

Tudo bem que ele é um tarado pornográfico, mas... Três Marias... Foi fofo! E os cem testes?

Own! Uauuuu! Aquilo abalou as minhas estruturas.

Assim que entramos no casarão, Giovanni surge todo sujo, molhado e desgrehado. O caseiro está bastante aborrecido. Ele nos cumprimenta rapidamente, passa a mão em seus cabelos grisalhos e fartos, livrando-se de algumas folhas secas grudadas neles.

Seu macacão jeans parece que foi jogado em um balde de lama e limo. O homem parado à nossa frente é alto e forte. Um típico camponês desses rústicos, criado à base de muita comida caseira da melhor qualidade. Um tipão de traços agradáveis e um ar saudável.

— Te liguei umas mil vezes, Alessandro — avisa preocupado. —
Madalena disse que saíram da vinícola do *Nonno* há mais de uma hora! —

Ele parece um pai dando bronca em seu filho adolescente e irresponsável.

— Pegamos um tronco no meio da estrada. — Dark é direto e mantém a pose de chefe durão, mas noto respeito e carinho em sua voz. — Que caos é esse, Giovanni? Parece que veio da guerra.

Só então vejo que o mármore da entrada está cheio de folhas secas e tem um caminho de lama desenhado nele. Olho em volta, as cortinas da sala ao lado estão retorcidas como se o vento tivesse chegado de repente e as janelas fechadas às pressas.

— Acabei de descer do telhado. — Giovanni olha para o teto. — Avisei que ele não iria aguentar mais uma temporada de chuvas, Alessandro. — Sua expressão torna-se dura. — O vendaval levou metade das telhas.

— Cacete! — Dark passa as mãos nos cabelos, olha para cima, para mim, depois para Giovanni. Parece indeciso e... culpado. — Vou subir com você, acha que podemos dar um jeito? Temos lonas? Telhas extras? — Esvazia os bolsos e começa a me entregar o conteúdo que retira deles.

Giovanni acompanha a atitude espontânea de Dark, com certo ar de espanto. Olha para mim, volta para Dark e depois abre um sorriso satisfeito.

— E aí? Vamos? — Dark insiste, alheio à reação do senhorio.

O sorriso satisfeito desaparece, Giovanni vai até um dos bancos de madeira, que decoram as paredes do hall, e coloca a caixa de ferramentas enferrujada que segura.

— Esquece. Não há remendo que dê jeito. Precisamos fazer direito desta vez. — Ele vira mandando um olhar severo em nossa direção. — A menos que queira perder a casa.

As palavras de Giovanni parecem acertar algum ponto dolorido em Dark. Sinto seu corpo tensionar. Tento interpretar o que a cara vermelha e os lábios cerrados de Aless querem transmitir... Aposto em raiva,

arrependimento e culpa. Passo a mão por seu braço tentando transmitir calma e apoio. Recebo um beijo no topo da cabeça, em reconhecimento.

Os olhos de Giovanni desviam de nós e focam no vaso de margaridas, que enfeita a mesa redonda de madeira escura, no centro do hall. Enfia as mãos nos bolsos de trás do macacão e depois volta a olhar para Dark.

— Não quero perder porra nenhuma — grunhe Dark, aborrecido.

— Imaginei que não fosse querer. — Os olhos do caseiro iluminam. — Liguei para o Arthur, ele está em outra emergência, mas pediu para avisar que o projeto da reforma dos telhados do casarão e das cabanas continua de pé. Tem uma equipe de empreiteiros que pode começar amanhã mesmo, se você der o ok.

Dark assente e sons de pés apressados, descendo as escadas, chamam a nossa atenção. Uma Maria esbaforida e molhada aparece toda agitada no topo dos degraus. Ela continua a descer a escadaria agitando as mãos.

— *Dio!* O terceiro andar está todo inundado — relata tentando recuperar o fôlego e, quando chega até nós, diz: — Cris e Pietro estão lá ajudando as meninas, mas o aguaceiro pegou todos os quartos. — Balança a cabeça em desgosto. — Vamos até amanhã, pelo jeito. Não quero nem pensar se voltar a chover. — Ela volta-se apavorada para Giovanni, que a abraça carinhosamente.

— E o segundo andar? — Dark pergunta.

— Tudo em ordem por enquanto. — Maria abre um sorriso amarelo de alívio. Em seguida, parece se dar conta da proximidade entre nós, olha para mim feliz e cora.

— Eu ajudo, Maria.

— Obrigada, Juliet. Destranquei todas as portas, já levantamos os colchões, as caixas. O que for encontrando, é melhor colocar tudo sobre os estrados. Tem baldes e rodos. — Ela para as orientações, inspira profundamente e retoma o discurso: — Só vou alcançar mais uns panos limpos e sacos de lixos e subo para encontrar vocês.

— Pode deixar, Maria.

Olho para Dark e dou um sorrisinho, quando me viro para ir em direção às escadas, sua mão firme segura o meu braço.

— Vou com você!

Antes que eu possa me pronunciar, Giovanni começa a falar:

— Alessandro, Domenico pediu para você ir procurá-lo assim que chegasse. Parece que o temporal derrubou a estrutura de sustentação dos parreirais dos canteiros do sul. Ele e os temporários estão lá trabalhando nisso.

— Caralho! A coisa toda resolveu ruir, é isso? Que *cazzo*!

Giovanni coloca uma de suas mãos calejadas no ombro de Dark.

— Alessandro, você esteve ausente muito tempo. Praticamente abandonou a vinícola, uma hora a conta iria chegar.

— Está certo, Giovanni. — Dark dá dois tapinhas no rosto do caseiro, depois volta-se para mim. — Juliet, preciso ver Domenico. Quando voltar te procuro, tudo bem? Você me espera? Vai ficar bem?

— Claro, vá resolver suas coisas. — Sorrio sem graça. — Vou ajudar o pessoal por aqui.

Sem saber o que fazer, dou um beijinho rápido em sua bochecha. Aceno para um Giovanni e uma Maria espantados e subo as escadas correndo.

Primeiro, em direção ao meu quarto.



18.2

Apertem os cintos

Fecho a porta do meu quarto e é como se eu fosse transportada no tempo.

Uauuu!

Encosto na porta e fecho os olhos por alguns segundos. Solto o ar devagarinho tentando controlar as batidas do meu coração. A Juliet que saiu daqui a última vez não é a mesma que acabou de entrar. Fui atropelada por uma locomotiva chamada Dark.

— *Dio!* O que foi tudo isso?

Flashes de todos os últimos acontecimentos passam como um filme. Difícil acreditar que eu, Juliet Damaggio, sou a protagonista.

Porcaria!

O pen drive!

Alcanço-o em minha bolsa e ele queima em minha mão como chumbo quente. Preciso decidir o que fazer com essa bomba! Mas não agora. Estou sem tempo e sem cabeça. Coloco minha bolsa e as coisas de Dark sobre a cômoda. Olho ao redor para conferir se estou mesmo só. Penso, coço a testa e prendo o *pen drive* com uma fita crepe, que acho na gaveta, embaixo do tampo da escrivaninha.

Arranco meu vestido e procuro algo mais adequado para uma faxina. Estou agitada, mais pulo do que ando, visto uma lingerie, um short e uma camiseta básica. Enquanto domo meu cabelo em um rabo, me olho no espelho e repito o que eu ainda não consigo acreditar. Preciso verbalizar:

— Dark está apaixonado por mim!

— Dark está apaixonado por mim!

— Dark está apaixonado por mim!

Cubro o rosto com as mãos. Me dá um frenesi. *Madonna!* Difícil de acreditar. Ele pode escolher a mulher que quiser. Uma dessas enfermeiras sexys, uma herdeira ou alguém desse mundo aí, dos condes e condessas, quem sabe... Agora, eu?

A sensação que eu tenho é de que vou descobrir que foi engano. Sabe quando se está andando na rua e aquele gato acena? No primeiro instante você acredita, mas quando ele passa direto e beija a mulher que estava a alguns passos atrás, a realidade... *Pahhh!* Aparece.

Estou meio descontrolada. Devo olhar para Dark do mesmo jeito que Jovita, minha vizinha de doze anos em Roma, olha para o pôster do Shawn Mendes. Estou obcecada, admito. Virei fã, fazer o quê?

Não, não estou me desvalorizando! Sei que sou bonita, inteligente, culta e teimosa, às vezes. Tenho amor pelo meu corpo e me sinto bem à vontade com ele. Não é isso. Nunca me senti insegura... Até agora. Só acho que estou em desvantagem diante dos anos de experiência e dedicação ao esporte de Dark. E não é sobre o alpinismo que estou me referindo.

Temos sete anos de diferença, poxa vida!

Andei superestimando o sexo. Achava extraordinário o ordinário. Me enganei feio! Dark elevou o nível da coisa toda em segundos. Não dá para comparar o que fizemos, com nada do que eu já tenha feito.

Impossível!

Seria até desrespeito com meus outros parceiros. Esforçados, galanteadores e com promessas de uma noite incrível. Mas tudo propaganda enganosa, nenhum deles me fez gozar sem a minha ajuda. Gosto das

safadezas, deste erotismo que vejo nos livros, mas acabo de descobrir que nunca os tinha vivenciado, até Dark aparecer. O homem tem esta pegada louca e irresistível. É intenso, engraçado e faz tudo de um jeito tão espontâneo e obsceno.

Dio! Dio! Dio!

Se irmã Calamanda fosse viva, eu ligaria para ela e diria:

— *Irmã, irmã, esqueça tudo o que disseram sobre as armas perigosas. Tem um negócio novo na praça, coisa da boa, exclusiva das Forças Armadas Bolgheri. É a tal Dark – MIPP – 31. Mortal, impiedosa, precisa e poderosa! Mete trinta e um tiros por segundo! E quer saber, irmã? Estou amando o estrago enorme que está fazendo em mim!*

Dou um suspiro profundo – *Aiiiii-aiiiiii*. – e uma última olhada no espelho. Hora de colocar a mão na massa. O pessoal deve estar se matando lá em cima e eu aqui embaixo devaneando.

Meu celular toca e atendo:

— *Quer me matar de coração, Passarinha?!*

Ouçõ os gritos de *mamma* do outro lado da linha.

— *Oi, mamma! Ia ligar para a senhora agorinha mesmo!* — minto e verifico as horas.

Cacetada! Quase nove da noite.

— *Onde estava enfiada? Sabe que seu papà se desespera quando atrasa para ligar!*

Tento acalmá-la. Aviso que a conversa tem que ser curta. Sob protestos e chantagens, digo que preciso ser mesmo rápida. Conto a história do telhado, o estado calamitoso da vinícola. Faço as juras de sempre: comer bem, nada de brigas, sem bebidas, evitar friagem, ir a Roma... Blá-blá-blá...

Prometo também para o meu *papà* que nenhum homem vai chegar perto de mim.

Eu sei, eu sei... Não devia deixar *papà* acreditar que ainda sou virgem.

— *E aquele seu chefe mal-humorado e babaca?* — *mamma* pergunta casualmente, assim que arranca o celular das mãos de *papà*.

— Estamos tentando nos acertar, as coisas têm melhorado entre nós. — Penso se devo contar sobre nosso lance para a *mamma*. Não, nem eu sei o que eu e Dark temos, mas babaca, não posso permitir. Só eu posso xingar o babaca de babaca. — E... *mamma*, ele não é babaca.

— *Hum... mudança meio rápida de opinião, Passarinha.*

Cazzo!

Esqueço que *mamma* é uma bruxa. Fico muda, não sei o que responder. Tudo o que eu disser poderá e será usado contra mim.

— *Dio! Sabia! Tem alguma coisa! O que está esquecendo de me contar, Juliet Damaggio?*

— Contar? Nãoooo! Nada para contar, nadinha juro... Estão me chamando! — minto de novo. — Te amo, *mamma*! — digo a verdade.

— *Te conheço, figlia. Aí tem...*

— Beijo. Te amo!

Desligo sem dar chance a ela de continuar a especular e perceber mais alguma coisa. Saio do quarto, subo as escadas atrás de Maria e os outros.

Quando chego entendo o desespero da governanta... O andar está em petição de miséria. Nem minha república, em Londres, era tão caótica assim.

— Juliet! — um chamado estridente, vindo de Cris, quase me faz

cair da escada. Ela joga o balde e o rodo, que segura, e vem em minha direção, toda suja e descabelada. Como uma investigadora profissional, examina cada pedaço do meu corpo à procura de evidências.

— Hum... E esses roxos aí?

— Foram da briga com a Girafona!

Seu olhar está fixo em meu pescoço.

— Todos eles?

— Claro! O que mais poderia ser? — Reviro os olhos. — Viu o tamanho da mulher, Cris!

— Imensa! Sua doida! — Me abraça. — Achei que tinha sido abduzida!

— Desculpa, tentei avisar. — Livro-me do abraço e dou um sorrisinho sem graça, encolhendo os ombros. — Sinal de celular e Bolgheri parecem não combinar muito.

— Sei... hum-hum... Por essa sua cara de satisfação... Você e o chefe... *Putá mierda! Ai, Dios, Patrón del Penes Gigantes! Él y grande? Inmenso? Es bueno en la cama? Cuántas veces has venido?*

— *Hola, Cris! Yo no hablo su idioma! Recuerdas?*

— Não se faça de desentendida, espertinha! — Cris retira a franja, grudada de suor, da testa e começa a cutucar minha barriga fazendo cócegas. — Quero saber todos os detalhes sórdidos. O *ETesão* encontrou o caminho de casa?

— Para, Cris! — Tento me esquivar do ataque de suas mãos. — Isso é jeito de falar? Prometo te contar tudo, juro! — Junto meus dedos e dou um beijo estalado. Desvio o olhar ao ver Pietro passar de uma porta para outra, carregado de caixas. Ele acena com a cabeça e parece exausto. — Mas antes

temos que resolver essa bagunça. Que quarto eu limpo?

Cris vira-se e olha para onde Pietro entrou, suspira com cara de apaixonada, o que eu acho bem estranho. Ela volta a me encarar, corada.

— Ok! Mas não pense que vai escapar de mim! — Estica o braço, apontando uma direção, acompanho seu movimento com a cabeça. — Ainda não chegamos lá. O do fim do corredor, aquele que fica em cima do seu.

Depois de finalmente convencer Cris de que ela terá os detalhes que tanto quer, sigo pelo corredor em direção ao *QUARTO*.

Dio, só pode estar de brincadeira com a minha cara!

Entro e uma luz fraca ilumina o cômodo, que tem exatamente as mesmas dimensões que o meu. Tudo igual, exceto pelo fato de que este não tem varanda. A cama de ferro antiga está sem colchão, nada de armários ou outros móveis, apenas algumas caixas de papelão amontoadas em um canto do chão úmido.

Não acredito que Dark trazia as enfermeiras para este lixo de lugar! Isso aqui cheira a mofo e papel velho. Quem se sujeitaria a isso?

— *Ai! Ui!*

— *Go-go fondo!*

As lembranças dos gritos extasiados voltam agredindo meus ouvidos. Provavelmente gritos parecidos com os que eu dei.

Cazzo! Cazzo, Cazzo!

Um gosto amargo toma minha boca, ao mesmo tempo que um calor inunda minha circulação. Tento expulsar os pensamentos invasores e o sentimento de posse.

Impossível!

Fecho os olhos. Ainda consigo sentir os dedos dele em mim, o

prazer provocado pelas safadezas ditas por ele, a quentura de sua respiração em meu pescoço... A pressão do pau duro sob o jeans. Só de imaginar que outra...

Aiiiii, que ódio!

Mas que droga!

Até eu me sujeitaria a esse quarto. Dark é do tipo de homem que não importa onde, desde que seja ele. Vontade de pôr fogo nesta droga de cômodo, igual fiz com os uniformes novinhos do Perlo traidor. Respiro fundo e me contenho. Sou adulta agora, uma mulher equilibrada, minha fase piromaníaca ficou lá na adolescência. É claro que Aless teve outras mulheres, milhares delas!

Pego o balde, o rodo e começo a trabalhar. É catártico. Minha *mamma* sempre diz que uma boa faxina faz milagres para a alma. Então esfrego e enxugo tudo, com tanta força, que meus braços chegam a doer, como um exercício para apagar da minha mente o que Dark fez no passado.

É isso! Fodam-se as outras mulheres, vou focar em nós! Ele disse que elas estão fora.

Chupa essa, vadias!

Passo o pano seco embaixo da cama. Um som de metal arrastando no chão atíça minha curiosidade. Ajoelho e com o cabo do rodo, tento pescar o objeto que brilha contra a luz fraca que passa pelo estrado.

Putá que pariu!

Meu coração dá um salto. Por essa não esperava, ou sei lá. Deveria ter imaginado que ele curti umas perversidades, combina com o jeito mandão dele.

Figlio di puttana!

— Estamos colocando todas as caixas no primeiro quarto à esquerda.
— Ouço a voz cansada de Pietro atrás de mim.

Sem que ele perceba, escondo minha descoberta no bolso do meu short e me levanto.

Sorrio tentando camuflar minha excitação, checo o meu monte de caixas empilhadas no canto.

— Ainda não cheguei nesta parte. — Minha voz sai um pouco esganiçada.

— Se precisar de ajuda com elas, me chame, ok?

— Pode deixar, primeiro quarto à esquerda, né?

— Isso.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele se arrasta para fora do quarto me deixando sozinha novamente.

Continuo a trabalhar e, por várias vezes, sinto-me tentada a avaliar o objeto que pesa em meu bolso, mas me contenho. Já estou exausta desse trabalho pesado. Finalmente, empurro cada uma das caixas para um canto já seco. Tudo pronto, agora é só rezar para que minhas previsões estejam certas e chuva de novo, só na quarta.

Começo a via sacra até o primeiro quarto carregando as caixas. Não está pesado e consigo dar conta sozinha. Acho que se Pietro e Cris carregarem mais alguma coisa, os dois morrem. Libero a dupla e eles descem junto com Maria, que prometeu recompensá-los com um chocolate quente.

ROUPAS, LIVROS, SAPATOS...

Essa família Bolgheri deveria participar daqueles programas sobre acumuladores. Caralho! Não conhecem a palavra doação?

Parto para carregar mais uma caixa...

Ploft!

O fundo úmido do papelão rompe e todo o conteúdo cai sobre os meus pés.

Cazzo! Valeu, Dio amado!

Lacro a parte seca com a fita adesiva que Pietro me entregou e, pacientemente, começo a colocar as coisas de volta.

Acho algumas fotografias e o livro de formandos da turma de Dark em Cambridge.

La Madonna!

Minha curiosidade vence e dou uma espiadela.

Hummm... Dark já era gato real desde novinho. Hummm... Então esses são Fred, Alex e Joshua.

Torço o nariz quando acho uma foto com dedicatória da ex-noiva:

“Não vejo a hora, gatão.

Sua eternamente.

Paola.”

Eca, que nojo!

Coloco o dedo na garganta como símbolo da minha repulsa, quase engasgo. Essa vaca da Paola é estilosa. Meio aguada, mas a bicha é bonita. Parece a Emily Thorne, de *Revenge*.

Ouçõ passos em direção ao quarto, deixo o álbum e as fotos atrás da caixa.

— Vim ver se precisa de ajuda. — Maria aparece na porta, exausta.

— Alessandro e Giovanni ainda não voltaram. Os outros já foram se deitar.

— Não precisa, Maria, também já acabei por aqui. Só tenho mais essas duas caixas e fim.

— Que bom, acho que já deu por hoje. — Ela solta um suspiro lento e pesado. — Se puder trancar as portas e colocar as chaves na primeira gaveta do aparador no corredor, eu agradeço.

— Deixa comigo! — Sorrio sem graça.

— Boa noite, então.

— Até amanhã, Maria.

Espero os passos dela se afastarem. Devolvo tudo na caixa, deixando alguns itens de fora. Quando vou reforçar o fundo da última, não resisto... Abro... Documentos velhos da vinícola, da *Mountain... PROJETO K2 – DIRETRIZES – ALEX*.

Uauuu!

Todas as especificações estão aqui. Minhas mãos começam a tremer. Sei que não devo e que pode parecer invasão, mas... minha curiosidade sobre o projeto vai além do pessoal. É científica, quero olhar os relatórios meteorológicos.

Tento resistir... Minha mão coça... A Juliet abelhuda que habita em mim me convence de que não há problema. Essas coisas parecem estar largadas há anos, dentro destas caixas, intocadas. Quero tanto saber mais sobre ele. Se fosse importante ou proibido, Aless não deixaria jogado em um quarto, onde devem ter circulado dezenas de estranhas.

Convencida de que não há mal algum, termino tudo e deixo as chaves onde Maria indicou.

Volto ao meu quarto carregando minhas preciosidades. Quase duas

da manhã, nada de Dark voltar. Meu corpo está moído e amanhã cedo tem corrida. Olho para as pastas, para a cama novinha, que ainda não tive nem tempo de estrear. O cansaço vence a curiosidade.

Guardo meus achados no fundo de uma gaveta, dentro do armário. Tomo banho, escolho uma camisola rosa clara de cetim fininho. Não que eu tenha mudado de ideia quanto a ter sexo aqui, mas ele ficou de passar quando voltar. Quero que me ache bonita. Minhas camisolas de malha ou minhas camisetas não são muito atraentes.

Sonolenta e com o corpo pesando uns mil quilos, aconchego-me na cama. Sinto um vazio... Um abandono tão sem cerimônia... Fecho os olhos com força e busco algo reconfortante na memória: Aless.



Acordo lentamente com uma sensação reconfortante.

Estou de braços agarrada ao travesseiro, abro os olhos, ainda está escuro. Sinto a presença de Dark. Não há disparo no coração, só um calor bom e uma sensação nova... De casa.

Ele está passando a mão nos meus cabelos, ainda úmidos do banho, agachado ao lado da cama. Sem camisa, abre um sorriso torto e cansado. Sonolenta, eu pisco algumas vezes, esfregando meus olhos com as palmas das mãos.

— Oi, senti sua falta — balbucio a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Também senti — sussurra e pressiona os lábios contra os meus.
— Desculpe, não queria te acordar, Baixinha.

— Que horas são? — pergunto desorientada, saboreando a sensação do carinho e do cheiro de um Aless limpinho.

— Quase quatro. Durma, só precisava ver se estava bem. — Sua voz soa grave e falhada, como se estivesse mais rouca pelo cansaço. — Obrigado por ajudar com o caos lá em cima.

— Hã?! Nada... Nossa, vocês demoraram tudo isso lá?

— Hum-hum... — Ele solta o ar, o hálito dele cheira a hortelã. — Estou acabado.

— E mesmo assim veio me ver?

Estico o braço e toco seu queixo. A sensação de sua barba em minha pele é tão boa...

— Sim. — Seu dedão acaricia minha testa. — Não se preocupe, ninguém me viu entrar aqui.

— Não estou preocupada. Gostei de você aqui. Se quiser... — sugiro, os olhos dele iluminam e a boca carnuda forma diversas palavras não ditas. O peito nu dele começa a agitar. — Mas nada de sexo barulhento. Melhor, nada de nenhum tipo de sexo — aviso por precaução.

— Me deixaria ficar... para dormir? — Ele levanta e vejo que está com uma calça de moletom. — Juro que dou um jeito de sair, sem que me vejam.

— Depois a gente vê isso. Venha, estamos exaustos. — Levanto o edredom e deslizo meu corpo dando espaço, preciso dele perto. — Você cuidou de mim com aquela bendita camisinha. Acho que merece uma conchinha em agradecimento.

Com um sorriso novo, autêntico e travesso, Dark se enfia ao meu lado. Estica o braço puxando-me para ficar aninhada em seu peito. Sei que minha palavra não deve estar valendo nada, que jurei que não o deixaria dormir aqui, mas não posso controlar tudo. Então sorrio, me aninho e com meu corpo juntinho ao dele me entrego ao sono.



A música no despertador do meu celular começa a tocar *Happy*, de Pharrell Williams. Seis e meia da manhã.

Desperto em minha posição tradicional: de costas, toda esparramada na cama, uma das mãos sobre a barriga e uma das pernas flexionadas.

Entreabro um olho. A claridade vinda das persianas indica que vai ser um dia de sol daqueles. Miro no ponto onde o colchão ao meu lado afunda e sorrio. Dark está na mesma posição que eu. Igualzinho, só muda um detalhe, uma de suas mãozonas está espalmada em minha virilha.

Bufo e sorrio ao mesmo tempo.

Ele deve, mesmo, ser possessivo pra caramba. Até parece que uma das minhas “Três Marias” quis fugir enquanto eu dormia! As batidas do Pharrell seguem animadas no celular, mas Dark parece não ter ouvido. Jogo o quadril para cima. Os dedos da mãozona começam a tamborilar em meu púbis seguindo o ritmo da música.

Safado!

Divirto-me com a cena e com a cara de pau do *infelice*.

— Oi, Baixinha.

Ele vira o corpo que estou começando a decorar cada um de seus detalhes e contornos e que continuo a ficar impressionada com o tamanho. Dark é enorme. Parece um gigante perto de mim. Aproximando-se, ele abre um sorriso espetacular. Seus lábios estão um pouco inchados e isto me faz querer chupá-los. Um impulso de adrenalina é lançado em meu sangue. Fico

inquieta. Imito sua posição, até ficarmos de lado e frente a frente.

— Oi, ogro bonzinho.

A mãozona vem parar na minha cintura, acariciando o tecido delicado de minha camisola. Uma corrente agradável de calor passa através dela. Tento não ofegar. Ele não tira os olhos de mim e eu também não consigo deixar de olhar para o seu rosto perfeito.

— Bonzinho? Eu? — Seu rosto contrai negando de forma divertida.
— Acho que está me confundindo com alguém.

— Não estou, não. — Franzo o nariz balançando a cabeça. — Comportou-se direitinho esta noite. Manteve sua palavra sobre apenas dormirmos...

— Protesto, eu diria que estou mais para mártir. Foi um sacrifício resistir a você nessa camisolinha indecente. — Desliza os dedos sobre a alça fina, brincando com ela.

Aperto minhas coxas tentando controlar a sensação que isso me provoca. Contorço-me e fico ousada como ele.

— Resistir ao seu moletom também não foi nada fácil.

— Então não resista. — Deixa escapar um suspiro pesado, depois afasta o edredom até cair no chão. — Consegue sentir?

— O quê? O calor?

— Além disso. — Sorri. — Estou falando da conexão... Essa que sinto desde o primeiro minuto em que te vi. Consegue sentir? Não sei explicar... Tem toda essa química e atração entre nós, mas é um troço que vai além.

Toco seu rosto com a ponta dos dedos, depois seus lábios.

— É claro que eu também sinto.

Dark apoia um dos cotovelos, inclina a cabeça e, apertando mais ainda a minha cintura, puxa-me para si, colando nossos corpos.

— Ai, Aless! — Deixo escapar um gritinho abafado e meu coração agita.

Nossas pernas se entrelaçam e suprimo um gemido assim que sinto seu pau aumentando e pulsando. Quando espalmo minhas mãos em seu peito, cada um dos meus sentidos acende e meu corpo vibra com o toque. Minha bocetinha fica cada vez mais quente.

— Confessa logo.

— O quê?

— Que está apaixonada por mim. — Os olhos do safado brilham enquanto se esfrega descaradamente em mim.

Todos os pelinhos do meu corpo arrepiam e minha respiração falha. Reviro os olhos evitando entregar o que desconfio, mas quero ter certeza.

— Não a-adi-adianta me atentar, seu in-indecente! — gaguejo, aperto o peitão agitado e sorrio. — Acho que até pode ser paixão, mas é diferente de estar apaixonada. Não é? Ou não? — Esfrego o rosto com a palma das mãos. — Amor é um troço sério, cresci tendo como exemplo os meus pais, um amor que vai muito além da atração... Aiiiii! Estou confusa com tudo isso.

— Cacete, Baixinha! Você pensa demais — provoca-me com outra esfregada indecente.

Hummmm...

Tão pesado e grosso. Fica difícil manter a sanidade com esse troço duro me lembrando de como é bom.

Dio, Juliet, nem pense nisso! Nada de sexo barulhento! Fran e Cris

estão nos quartos ao lado!

— Ei, dá pra sentir daqui essa sua cabecinha pirando. — Ganho um beijo suave na testa. — Tente se preocupar menos e se divertir mais — insiste aconselhando-me.

— Quem é você? — Ressabiada, franzo ainda mais o cenho. — O que fez com Dark? — Ele gargalha, olho feio e cutuco seu ombro. — Tô falando sério! Cadê o Mestre dos Magos do Controle? Aquele que passa o dia analisando riscos e consequências? — Finjo procurar à minha volta.

Com malícia, Dark dá um sorriso, que me dá vontade de estapeá-lo.

— Porra! Aquele Dark? — pergunta cínico ao bater na própria testa.

— O próprio. — Balanço a cabeça concordando.

Um brilho de divertimento faz os lábios carnudos dele se levantarem.

— Dizem que o próprio perdeu a cabeça e anda louco de tesão atrás de uma moreninha teimosa.

— Ficou louco, foi?

— Hum-hum... — Fingindo pensar, gira o dedo em sua têmpora. — Completamente lelé da cuca.

— Então preciso pensar por nós e manter os limites da sanidade por aqui. — Tento me soltar e ele me aperta mais.

— Limites? Desconheço, é de comer? Porque estou morrendo de fome.

— Aless! — ralho na tentativa de parecer brava, mas não consigo. Ele é tão deliciosamente descarado e a proximidade de seu corpo e boca são tentadoras demais. Sorrio e sugo, sem querer, meu lábio inferior.

— Hum... Tá gostoso? Deu vontade de experimentar.

Antes que eu possa perguntar o quê? Ele se inclina colocando meu lábio inferior entre os dele e chupa.

— Aless, falei nada de sexo aqui. Não vai conseguir me dobrar.

— Chupada na boca é foder por acaso? — indaga com um sorrisinho presunçoso.

Dio! Como é cuzão!

Reviro os olhos em resposta. Fico quieta, tecnicamente chupada na boca não é. Se bem que só uma chupada indecente dele deixa no chinelo muita trepada que eu já dei.

Contorço-me quando ele ajeita meu corpo na cama, colocando-me deitada novamente de costas. Seu dedo contorna a redinha do decote de minha camisola. Penso em protestar, mas seus olhos lançam algum tipo de raio hipnótico paralisante em mim.

— Sabe de uma coisa?

— Aham... — nego.

Ele afasta o tecido rosinha, que escorrega... expondo meu mamilo traidor e durinho.

— Descobri que você tem peitos sensíveis.

— Já eu descobri que cada centímetro meu é sensível a você — penso, sem querer, em voz alta.

Dark ri alto e satisfeito, e me toco do ato falho.

Ops!

De olhos fechados, solto um resmungo, mas logo ofego quando as pontas dos dedos de Dark, longos e tentadoramente quentes, formam pequenos círculos ao redor do meu mamilo. Elas apertam e puxam forte, mas não ao ponto de provocar dor. De repente, o movimento delicioso para.

Quando penso em protestar... sinto um toque em minha boca.

Abro os olhos e o encaro.

— Chupa — Dark sussurra e faço o que ele manda.

Minha língua desliza, umedecendo dois dedos antes de abocanhá-los.

Será que ele percebeu o tamanho da minha inexperiência diante de um amante como ele? Por isso é tão mandão? Para orientar-me como um mestre?

Esforço-me, deixo meus instintos me guiarem e chupo com vontade. O som grave e faminto que sai de sua garganta me diz que alguém ficou feliz.

Chupo, lambo e mordo. Passo a língua e chupo de novo. Chego a gemer. Ele liberta seus dedos e volta ao meu mamilo. Apertando-o e puxando-o, depois passa para o outro dando a mesma atenção. Ele suga e lambe, levando-o para dentro de sua boca, sem muita delicadeza.

— Delícia! Aposto que te faço gozar desse jeito — gaba-se.

Gemidos baixos me escapam e ele me tortura com uma parada estratégica. Quero trucidá-lo, mas não dou o braço a torcer.

— A noite passada, eu quis te chupar todinha — diz sem rodeios, em meu ouvido. Meu coração dispara. — Acho que vou fazer isso agora.

Com o braço apoiado ao lado da minha cabeça, desliza a mão livre até a minha calcinha. Seus dedos atrevidos baixam as laterais, uma de cada vez. Sei que não devo, mas o ajudo levantando o quadril. Ele me provoca, mas não chega a tocar. Ofego, me esfrego, mas não imploro. Esmago os lençóis com as mãos.

La Madonna! Oggi non lascia qui viva!

Minha palavra não está valendo um centavo mesmo.

Madonna! Perdonami...

Seu polegar desce em círculos sobre meu clitóris.

— Molhadinha, pronta para gozar — diz atrevido. — Quer gozar gostoso, Baixinha?

Aceno que sim.

— Não! — corrijo desesperada, ele sorri. — O barulho... — sussurro.

— Sim ou não?

— Sim.

Bem quando *Anjo*, de Deborah Blando, começa a tocar, Dark coloca um dedo dentro de mim. Sinto um incômodo e um prazer misturados. O prazer vence a dor. Não aguento. Abro a boca e deixo escapar um grunhido baixinho e entrecortado. Ele me olha com uma adoração desmedida, como se nunca tivesse escutado ou visto algo mais incrível na vida.

— Isso... Geme baixinho para mim! — Seu dedo sai e entra novamente. — Acha que pode ficar quietinha?

— Não... não... — admito entre um gemido e outro. — Não sei...

— Quer que eu pare?

Seus movimentos param e me sinto lesada, e abandonada.

— Não pare... Por favor! — choramingo.

— Essa é a minha garota.

Tento ignorar uma onda de alegria e orgulho quando me diz isto.

Sua garota!

— Vire-se de costas.

Que cazzo de homem que só manda!

Obedeço. Ele segura meus quadris, erguendo-me. Fico de quatro e meus olhos não escondem o meu espanto.

— Conheço um jeito para deixar essa boquinha gulosa bem ocupada e calada.

Sem cerimônia, levanta-se, livra-se das calças e volta a esticar-se na cama. O tamanho do documento dele é sempre um espetáculo à parte. Não tento nem disfarçar mais o meu fascínio. Ele passa a mão em todo o seu comprimento me instigando, com um sorriso torto nos lábios.

— Vem cá. — Estende a mão. — Monte em mim com essa bunda gloriosa voltada para cá.

Putá que pariu!

Meia nove?

Estremeço. Nunca experimentei. Intimidada, sinto meu rosto corar. Entretanto, muito excitada e curiosa pelo meia nove nunca praticado, acabo obedecendo.

Assim que fico como ele quer – com seu pau quase roçando na minha boca e meu traseiro apontado para ele –, duas mãozonas ásperas apertam e esmagam minha pele sensível.

— A melhor bunda que já vi. Assim, toda empinadinha é até sacanagem... Porra!

Consigo ouvir os batimentos selvagens vindos dele enquanto uma mão continua a apertar meu traseiro e a outra desenha a linha das minhas “Três Marias”.

Dio! Dio! Ele é bom demais no que faz!

— Chupa agora.

Não é um pedido. As palavras de comando são ditas lentamente

como se estivessem embebidas em uísque. *Sexy dos infernos!* O efeito desse tom de voz quente é imediato, me incendiando. Abaixo o dorso, o que me deixa ainda mais empinada. Ouço-o gemer, antes dele começar a abrir meus lábios íntimos com a língua e... e... *aiiii...* me beijar bem ali como se fosse na boca.

Mia Madonna Santissima!

Que tesão!

Sinto-me uma irresponsável fora de controle. Dark é dominante e parte de mim sente um prazer danado em deixá-lo assumir o controle.

Foda-se!

Apoio um dos cotovelos no colchão e com as mãos livres, agarro suas bolas. Ouço e sinto uma sequência de palavrões sendo sussurrados em minha intimidade. Seu pau está tão duro que não tenho dificuldade nenhuma para colocá-lo em minha boca, sem precisar tocá-lo. O membro pulsa e Dark lança o quadril.

— Isso, Baixinha! — rosna. — Me engole todo, me fode com essa sua boca macia.

Esqueço tudo. *Regras pra quê?* Só consigo sentir a delícia que é devorá-lo e ser devorada por ele.

— Você realmente gosta disso, não é? — grunhe entre uma estocada de língua e outra.

Sinto minha bocetinha pingar de tanto prazer. Quase engasgo quando tento enfiá-lo o mais fundo que posso em minha garganta. Uma, duas... cinco vezes...

— Calma! Com o tempo vai se acostumar. Vou ensinar como relaxar a garganta e me engolir todo. — Sua voz baixa soa como a promessa de um professor PhD em sexo oral.

Acho meio difícil que um dia, eu consiga. Ele não é só grosso como também grande, mas prometo feliz da vida, a mim mesma, que vou me esforçar.

— Gosta da minha boca aqui? — pergunto ao beijar a glândula com carinho e depois chupo somente ela. Acho que a safadeza dele é contagiosa. — Gosta?

Minha língua entra em ação provocando todo ele e meu traseiro rebola alucinadamente com mais um beijo de língua tailandês.

Ele para de me foder bucalmente para tomar fôlego.

— Caralho! — Sua voz está rouca e ofegante. Percebo que está segurando-se para não gritar. — Se gosto? É a boca mais deliciosa que já tive.

Gemidos e grunhidos sufocados, de apreciação e gozo, saem de nós dois. Estou suada, excitada e molhada. Totalmente entregue às pulsações de seu pau em minha boca e as minhas na boca dele.

Isso é indescritível! Sensacional esse tal de meia nove! Bom demais!

Dark me ataca, de surpresa, com um dedo em meu clitóris e outro em meu buraquinho proibido alargando-o.

— Aiiii.

Um gatilho dispara todas as minhas sinapses de prazer e explodo em um orgasmo impressionante.

— Aleeeeeess.

Abafo meus gritos, prendendo seu pau em minha boca. Minhas unhas cravam em suas coxas e seu quadril vem na minha direção em uma, duas... cinco estocadas fundas e duras.

— Porra, Juliet! Isso é foda!

Com um urro abafado em minhas dobrinhas úmidas, minha boca inunda com jorros quentes e grossos. Engulo cada gotinha da essência masculina dele. Sinto uma lágrima escorrer por minha bochecha.

Meu corpo inteiro treme, assim como o dele. Respiro e inspiro em busca de fôlego, ainda de quatro sobre ele. Quando meu coração parece se acalmar um pouco e consigo me mexer... Dark desliza sob mim, senta-se e me toma nos braços.

— Você faz tão gostoso, Baixinha. — Ainda sinto minha pulsação latejar loucamente em meu pescoço. Ele beija bem no ponto onde ela é mais visível. — Doce, muito doce, minha. *Rare, Bruna!*

Beijo-o suavemente na boca, satisfeita. Dark retribui, beijando e sugando a minha boca, de um jeito que parece gostar muito.

— Você tem o meu gosto e eu o seu — constata satisfeito.

— E você tira de mim o que quer, né, seu safado? — Faço um biquinho o recriminando. — Mas adorei a nova experiência. Foi delicioso começar o dia assim, invertida — confesso e sua mão acaricia meu cabelo.

Ele segura meu queixo e me olha incrédulo.

— Nunca tinha feito assim?

— Não — confesso corando.

— Caralho! Porra! — Capto empolgação e expectativa na voz dele. — Vou adorar te ensinar umas coisas!

Dark parece um menino que acabou de saber que tem passe livre da *Lan House*. O que já fizemos me parece incrível. Meu estômago alvoroça só de imaginar o que vem por aí.

— Mal posso esperar. — Sorrio da animação dele e por estar tão satisfeita depois de mais uma demonstração dos seus talentos.

O terceiro alarme do meu celular toca. Sete e meia da manhã.

Meleca! Meleca! Meleca!

A vontade de esquecer que existe um mundo lá fora é tentadora. Eu e Dark sem roupas é uma coisa a se pensar.

Não misture as coisas! A voz da minha consciência grita. Ainda somos, acima de tudo, a Juliet e o Dark da *Mountain*. Aqueles que têm a obrigação de seguir à risca o cronograma de treinos e projetos.

— Que caralho irritante! — Dark tenta alcançar meu celular.

Agarro seu braço antes que consiga alcançar.

— Nem pense nisso! Acabei de comprar.

— Joga essa porra pela janela! Te dou outro.

— Nem pensar, *infelice!* — De olhos arregalados, o fuzilo. — Já deveríamos estar na marca dos cinco quilômetros uma hora dessas.

— Foda-se a corrida! Vamos queimar caloria de outro jeito. — Seus dedos assanhados tateiam a minha coxa.

Aproveito um descuido dele e salto fora da cama. Sorrio orgulhosa da minha habilidade de fuga enquanto ele resmunga procurando a calça de moletom. Dark é delicioso e tentador, mas correr é muito mais do que uma necessidade física, preciso disso para manter meu equilíbrio. E convenhamos... este é um item que anda meio em falta em meu emocional.

— A proposta é tentadora, meu caro senhor — digo ajeitando minha camisola e indo em direção ao armário —, mas estamos agindo como dois doidos desde sexta-feira. Atrás daquela porta... — aponto para a porta do quarto — há um caminhar de problemas e obrigações precisando ser resolvidas lá fora. Não dou cinco...

Sou interrompida por batidas na porta.

— *Juliet! A porra do meu primo está aí?*

Pelo amor de Dio! Fran parece ter um radar para nos pegar no flagra.

— Nãoooo! Lógico que não! — respondo sem pensar duas vezes.

— *Onde ele está? O empreiteiro está aqui!*

— Vou saber onde ele está? Pera aí, Fran! — grito, troco um olhar rápido com Dark e indico o banheiro.

Irredutível, ele cruza os braços em uma guerra silenciosa. Jogo baixo.

— Você prometeu — sussurro, olho feio, jogo o edredom sobre a cama e alcanço meu roupão jogado na cadeira.

Fran continua esmurrando a porta.

— Droga! Estava no banho. — Tento ganhar tempo e lanço um olhar de misericórdia para o ogro à minha frente.

Um Dark visivelmente irritado balança a cabeça em desgosto.

— Que foda isso! — pragueja em tom baixo.

Quando penso que está indo para o banheiro... Passa reto, abre as portas da varanda e, antes que eu possa ir atrás ou retrucar alguma coisa, ele se pendura nas grades e pula.

La Madonna!

Meu queixo cai ao ver Dark pousar tranquilamente no chão como se fizesse isso todos os dias. Quero xingá-lo, mas lembro de Fran se esgoelando na porta e engulo em seco. Fico como uma idiota, vendo o bandido sair xingando em direção à porta de casa, sem olhar para trás.

Infelice!



19.1

Amanhecer

Depois do showzinho dado pelo Homem-Aranha ao pular a janela, ainda não o encontrei. Dispensei Fran o mais rápido que pude. O boboca me olhava de um jeito constrangedor e debochado, como se estivesse escrito: *FODEDORA*, em neon, na minha testa. Meio sem saber ainda como agir, tomei banho e me apruntei para o treino.

Procurei por Cris e Pietro antes de pegar as trilhas e *Cri-Cri-Cri*. Então, já que é para curtir uma solidão, escolhi um entre os tantos caminhos alternativos para correr.

Nem me dei ao trabalho de me aquecer, o que aconteceu no quarto foi tão impetuoso e intenso que me sentia quente... de raiva.

Juro que não entendo. Gozamos gostoso e de um jeito que até chorei. Honestamente, o Sr. Insensível não tinha motivos para ficar todo irritadinho só porque pedi que se escondesse na porcaria do banheiro.

Poxa vida!

É crime querer um mínimo de privacidade?

É broxante imaginar que tenho uma plateia enquanto sou fodida de todas as formas.

Passo as mãos pelo meu rabo de cavalo para me livrar um pouco da frustração. Ajeito o boné, os óculos, seleciono *Pump it*, de Black Eyed Peas, em meu celular e volto a correr.

Aproveito a sensação de liberdade e o ar puro. Por esse caminho a

estrada de terra é mais íngreme, esburacada e a vista cheia de colinas e árvores. O cheiro de terra molhada e mato é pungente!

Perfeito!

Quando dou por mim, já esvaziei uma das minhas *playlists*. Nove quilômetros... Polichinelos, agachamentos, abdominais, flexões de pernas, alongamentos, flexões de tronco e arremetidas.

Uauuu!

Delícia, estou a mil! Faço tantos exercícios que, no fim, meu rosto está mais suado e vermelho do que eu esperava e minhas pernas bem mais pesadas.

Tiro a regata branca encharcada e a enrolo na cintura. Fico de short e top pretos.

Controlo a respiração, concentro e aciono o cronômetro. *Foco!* São mais nove quilômetros para retornar. Quase o dobro de um treino normal. Bebo o resto de água, me hidrato e mantenho um ritmo moderado na volta.

Trinta minutos depois e ainda faltando um quilômetro, tento não ofegar tanto, como se estivesse para morrer. Meus pulmões parecem que vão explodir.

Sinto-me igual àquela atleta olímpica que vi em um documentário. Uma loirinha que sempre aparece na *ESPN* como exemplo da superação. Aquela que entrou no estádio toda torta e cheia de câimbras depois de correr a maratona. Foi uma judieira assistir a moça em seus últimos metros: de braços encolhidos, arrastando uma das pernas e tentando chegar à reta final.

— Ai-ai... — ofego como uma moribunda. Eu deveria ter previsto que minha maratona sexual, do fim de semana, traria consequências.

Madonna, não me deixe morrer aqui e abandonada como um daqueles soldados que têm suas pernas explodidas em uma mina e precisam

se arrastar para chegar às trincheiras!

Minhas pernas tremem e meus joelhos desabam para a frente. Curvo-me, colocando as mãos nas coxas e abaixo a cabeça, arfando.

Cinco minutos! Preciso só de cinco minutos!

Ouçõ o som do motor de um carro e da música alta vindo atrás de mim. Estou cansada demais para abrir os olhos. Pondero a possibilidade de pedir uma carona.

Não!

Sou uma atleta! Tudo o que preciso são cinco minutos de descanso.

— Que bundão!

— *Che culo delizioso!*

Elogios grosseiros, assovios e gritos explodem ao longe como um prenúncio de problemas. Dou-me conta de que estou na mesma posição em que Judas perdeu as botas.

Cazzo!

Endireito-me o mais rápido que a câimbra me permite e viro. O carro para no meio da estradinha, bem do meu lado.

Cazzo! Cazzo! Cazzo!

— A gatinha quer carona?

Espio, sem encarar muito, os três caras que estão enfiados na cabine de uma picape. Não consigo decidir se a aparência deles está mais para assassinos em série ou para estupradores. Meu coração dispara.

— Não, obrigada.

— Qual é, a gente não morde.

— Não, obrigada.

— Vai gostar de nós. Quem sabe uns tragos?

Começo a andar apressadamente do jeito que posso e sem olhar para eles. A picape me acompanha devagar, o motorista aperta o acelerador fazendo o motor roncar. Ignoro as cantadas e os convites indecentes. Cogito me jogar no mato, mas seria como me deitar na cama e gritar: “venham!”. Começo a correr e a velocidade do carro aumenta.

Estabelecemos um ritmo. Eu corro, o carro acelera... Breco, o carro para... Ando, eles me acompanham. Abaixo ainda mais o boné, arrisco uma arremetida, mas sou facilmente ultrapassada por ele. Breco a corrida quando um cavalo de pau é dado e ficamos frente a frente.

Dio, me lasquei!

— Que porra vocês querem com ela? — Um rugido de Dark explode junto com os latidos, nada amigáveis, dos cachorros.

De onde ele surgiu?

Atordoada, olho para a curva acentuada na estradinha logo à frente.

— Caiam fora ou quebro vocês! — Outro rugido vem mais selvagem ainda.

Arrisco um olhar direto. Dark contorna o veículo e um punho fechado vai parar no capô da picape, que afunda com o impacto. Palavrões e xingamentos são trocados. A picape acelera com um estrondo e Athos e Porthos seguem atrás dela querendo pular dentro da cabine.

Recebo um olhar furioso e faminto dos homens quando cruzam por mim e voltam por onde vieram. A violência da cena me choca. Minhas pernas falham, desequilíbrio e meu traseiro cai na terra como um meteorito capaz de abrir uma cratera.

— Ai!

Cazzo!

Mais um roxo para a minha conta. Olho e Dark vem em minha direção correndo de bermuda e sem camisa.

Adoraria fazer aquela cena linda em que a mocinha levanta, corre e pula nos braços de seu príncipe salvador. Até tento me levantar, só que meus músculos exaustos chamam na primeira tentativa.

Então... só contemplo o espetáculo. Em um primeiro instante, o acho um gato delícia, depois fico grata, até... Acho que só o meu pai me defenderia assim. Meus ex-namorados, com certeza, ignorariam a cena. Engulo em seco e recrimino-me:

Dark não é seu namorado, Juliet!

Afasto o lapso da minha cabeça e tento focar em outra coisa. Lembro-me de que ainda estou com raiva dele e a equação ódio *versus* gratidão e tesão se equilibra.

— Caralho, Baixinha, você está bem?

Agacha à minha frente e, parecendo realmente preocupado, tira o boné e passa a mão nos cabelos, me avaliando.

Faço uma careta.

— Aaaaargh... — balbucio incompreensível, depois bufo numa tentativa patética de dizer: *Obrigada... Estou bem... Agora... Por favor, me deixe morrer em paz.*

— Eles tocaram em você?

— Nãooooo!

— Certeza?

— Lógico! — Sou firme e ele sorri parecendo aliviado.

— Vamos, beba. — Sua expressão abrandava ao me oferecer água. —

Está muito vermelha. — Coloca a garrafa em meus lábios e engulo em meio à minha respiração ofegante.

— Obrigada — agradeço constrangida, quase encantada e depois desanimada.

Com certeza, depois dessa, Dark vai reavaliar seus conceitos sobre mim. Devo estar parecendo um mico leão dourado descabelado e em péssimas condições físicas.

— Que *cazzo*, Juliet! — ele rosna.

Ops! Assustada, eu mordo os lábios. *BIP-BIP-BIP-BIP...* Modo bipolar ativado.

— Por que mudou a rota? Não deveria ter vindo correr sozinha. Eu disse para você: *SEMPRE* em *DUPLA*, no mínimo!

Irrito-me com seu tom áspero, mas seguro a língua. Respiro fundo. Sei que ele tem razão, Pam já havia me alertado sobre esses caras que circulam por aí. Nem me lembrei disso. Aqui tudo é tão lindo, que é difícil imaginar algum perigo. Sinto-me até envergonhada. A culpa foi minha, estou tão acostumada a me virar sozinha, que simplesmente nem pensei.

Se fosse qualquer outro homem falando desse jeito comigo, acho que já o teria mandado para aquele lugar, entretanto uma necessidade imediata de me justificar toma conta.

— Não encontrei ninguém pra vir comigo. Desculpe e... obrigada por me defender daqueles otários. Ninguém nunca... Você me surpreendeu.

Sua expressão rude suaviza. Na certa, não esperava um ataque de humildade da minha parte.

— Pensei que treinaríamos juntos de agora em diante — diz mais manso.

— Pensou? — Surpreendida, minha cabeça inclina avaliando-o.

— Aham...

— Como eu poderia adivinhar? Pulou da janela, me largou sozinha e depois sumiu.

Meio que duvido, meio que o acuso e a expressão dele muda, um pouco, para culpado. Isso me acalma, porque de certa forma não entendi, pensei que tivéssemos um acordo.

— Fiquei puto.

— Puto?

— Muito puto.

— Sem motivo.

— Juliet, é irracional querer esconder uma coisa que todos já sabem. Pensei que confiasse em mim — diz baixinho, observando-me com atenção.

— Aless, é sério isso?

— Você que tocou no assunto.

— Então eu destoco. Meus músculos estão queimando, uns tarados me atazanaram e meu corpo vingativo está liberando o máximo de ácido láctico que consegue produzir.

— Se prefere assim...

— Prefiro.

— Ok. Continue se escondendo.

— Mas que droga! Não estou me escondendo de nada. — Levanto as mãos me rendendo. — Fui pega desprevenida, ok? Acabei ficando tímida e envergonhada, sei lá! Que droga! Não queria que Fran nos visse daquele jeito.

— Tímida e envergonhada? — Franze o nariz e me olha como se eu

fosse um E.T..

O quê?

Este idiota bipolar está duvidando de mim? Depois de todas as coisas que eu contei e de tudo que falei? Uma onda de calor nuclear corre por mim. Minha mão coça. Não sei bem o porquê, mas respiro e inspiro em busca da orientação divina! Esse homem consegue ir de doce a imbecil completo, em um segundo!

— Desculpe decepcioná-lo! Dá para ver que não entendeu um pinga das coisas que lhe disse! Posso ser corajosa, teimosa, desinibida a merda que for em muitas situações, mas tenho meus momentos de fragilidade *SIM*. É pedir muito que respeite isso?

Ele fica quieto, me encara pensativo e muda de posição ficando sobre os calcanhares diante de mim. Não me olha, pega algumas pedras do chão e taca no mato. Segundos passam e nada de resposta. Começo a achar que se eu me escondo, ele foge. Estico a perna para um alongamento. Sinto uma fisgada e uma careta involuntária me escapa.

— Parece exausta. Quanto correu?

Lá vamos nós... Mudanças de rumo novamente.

— Uns dezesseis... dezessete quilômetros, mais as séries. — Encolho os ombros e franzo o rosto sabendo que exagerei na dose.

— Enlouqueceu? — Seus olhos verdes saltam fora. — Estamos voltando aos treinos agora... Fora as... fora as... fodas!

Fico de todas as cores do arco-íris e olho para o chão. Ele respira fundo e solta um longo suspiro.

— Vai ter câimbra se não se alongar, Baixinha — retoma suave.

— Já estou com câimbra — digo a verdade.

O rosto de Dark fica carrancudo. Sua expressão é de pura reprovação quando puxa minha perna direita sobre seu ombro e começa a massagear meus músculos com bastante vigor.

— Ai-ai! Pega leve! — reclamo com razão.

Ele suaviza e suas mãozonas, subindo e descendo em minha panturrilha, ficam mais gentis. Se eu não estivesse à beira de outra crise de câimbra, até poderia achar seu gesto sexy.

— O que eu faço com você, Juliet?

— Posso sugerir que não faça nada? — Sorrio e me encolho toda.

Ele me encara e depois desvia o olhar. Balançando a cabeça e segurando um sorriso, tira do bolso um spray e passa em toda a extensão da minha pele. Quase sufoco com o cheiro forte e mentolado.

— É *Gelol*? — indago. Uma pontada de interesse reverbera em mim. Quem sai para correr com esse tipo de coisa no bolso? — Sempre carrega isso?

— Peguei, caso precisasse. Mas do jeito que se machuca, acho melhor eu andar com um kit de primeiros socorros a partir de agora. Peguei antisséptico e *band-aid*. Precisa de um curativo? Tem algodão, gaze e... — interrompe a lista.

Acho que percebeu que exagerou. Dou uma leve conferida em seus bolsos estufados achando tudo isso muito, muito estranho mesmo.

— Nada de ferimentos ou fraturas. Não foi dessa vez — debocho antes que ele saque uma máquina de radiografia do bolso. — Não acha um pouco de exagero da sua parte? — Aponto os bolsos lotados.

— Não. São somente itens essenciais. Disse que cuido de quem gosto. — Aperta levemente os lábios.

Sinto minha pele aquecer... Só que agora não é de raiva. Tento jogar um sorriso sensual de agradecimento.

— Sempre foi assim... tão precavido? — sondo.

Dark olha para mim parecendo não entender aonde quero chegar.

— Você sabe... O miniDark... com a mochilinha recheada de coisas que pudesse precisar... Dois biscoitos... Um apontador extra e umas canetinhas a mais. Já era alto? E as meninas? Era tão mandão assim com elas?

— Sempre fui alto e mandão. — Pisca divertido pegando a outra perna. — E não... Passei a ser mais cuidadoso de uns anos para cá.

— Depois do que aconteceu no K2? — espelho.

Sua expressão endurece.

— Tem que comer mais bananas.

— O quê?

— Potássio para as câimbras.

— Ah!

Ops! Outra mudança de rumo.

Resolvo não forçar a barra. Ao contrário da minha tagarelice, já percebi que Dark não é muito fã em se abrir. Deixo-o fazer os alongamentos que acha necessários em minha perna. Athos e Portos se aproximam e saem correndo assim que sentem o cheiro insuportável de *Gelol* ao redor. Só não reclamo porque penso no estado em que os músculos da minha coxa estarão amanhã, e tenho vontade de chorar.

— Como sabia que eu estaria aqui? — pergunto para esquecer a dor e porque existem no mínimo umas dez alternativas de rota.

— Não sabia. Porthos te encontrou. Ele é um ótimo farejador.

— Igual aos cães do *CSI*? — Meus olhos arregalam com a novidade inesperada e pergunto animada: — Do tipo que você dá uma coisa da pessoa para ele cheirar e o cachorro corre atrás?

— Isso. — Dark me puxa para cima como um foguete e dá uma tapinha na minha bunda. — Pronta para outra! — declara parecendo satisfeito enquanto cambaleio para achar meu ponto de equilíbrio.

Achando o máximo ter sido farejada por Porthos me empolgo em saber mais, e insisto:

— O que deu a ele para cheirar? Quanto tempo levou para ele achar o meu rastro?

— Ele te achou bem rápido. Consegue voltar andando? Quer que eu te carregue?

— A massagem aliviou, obrigada. Consigo ir andando.

— Ótimo, vamos.

— Não me respondeu. O que o Porthos farejou?

— Peguei uma peça sua no meu carro.

— Não me lembro de ter esquecido nada. Que peça trouxe com você?

Relutante, ele tira do bolso e me mostra.

— O quê?! Você deu a minha calcinha para ele cheirar? Seu depravado!

Não dá para acreditar! Que cuzão!

— Baixinha, só tinha isso por perto. Até subir no seu quarto e pegar alguma coisa... Seja razoável.

— Razoável? Deu as minhas intimidades para o seu cachorro cheirar! E se... e se... agora Porthos cismar com o meu traseiro, igual ao Kai?

Dio! Que horror!

— Eu capo ele.

— Oooo quê? Ele é um inocente! — digo horrorizada. — É como culpar um viciado por ter aceitado drogas de um traficante!

Orgulho-me do meu argumento matador. Sempre levei a melhor nas discussões com meus irmãos. Recoloco os fones que caíram sobre os meus ombros, *Minha menina*, de Maurício Manieri, está tocando e saio batendo o pé na frente dele, certa de que o deixei fulo atrás de mim.



Dark

Ai, mia Madonna Santissima!

Olho Juliet sair apressada me deixando no vácuo.

Delícia de bundinha rebolando toda nervosinha! Nem me preocupo. Do jeito que forçou aqueles músculos é incapaz de ir muito longe.

Que porra de mulher que me deixa louco! Cada coisa que ela diz...

Não aguento e caio na gargalhada. Rio, mas rio com vontade. Minha barriga chega a doer quando me recupero e resolvo ir atrás. Dois olhos castanhos viram para mim e me encaram fumegantes. *Ah!* Se ela soubesse como me dá um tesão deixá-la irritada.

— Posso saber qual é a graça? — Seu pezinho bate no chão enquanto seus braços estão cruzados.

— Juliet, Juliet! Não sei se eu te estrangulo ou te beijo.

— Sou muito jovem para morrer. — Abre um sorriso involuntário e travesso.



19.2

Amanhecer

Abro um sorriso... Para um cara viciado em adrenalina, como eu, Juliet é a perdição. Tê-la é como domar um puro sangue selvagem e livre. Aprecio e muito a ideia dela tumultuando a minha vida e tirando tudo do lugar. A mulher é uma montanha-russa com curvas suaves e perigosas, e cheia de subidas e descidas imprevisíveis.

— Sou muito jovem para morrer...

Depois desta resposta, saco a deixa e não tenho dúvidas: ela quer. Caminho decidido até ela e lhe dou o beijo mais safado da história da sua vida.

Surpreende-me o jeito como retribui avidamente e me beija de volta, com todo o seu corpo. Nossas línguas fodendo, chupando, provando... Os beijos no maxilar, no pescoço, as lambidas e mordidas safadas na orelha. E os gemidinhos que ela solta? O jeito que entrelaça as pernas no meu quadril, esfregando-se como uma doida?

Parece tão livre, despreocupada.

Sem “platéia” sua entrega é outra. Pois é... Estou tão obcecado por ela que estou cometendo um erro. O que antes achava ser frescura e infantilidade pode ser mais profundo. Tá na cara que Juliet teve uma criação linha dura. Conheço a fama durona do pai dela. Dane-se os meus liberalismos, faço qualquer coisa. E... se ela se sente segura e livre para se entregar a mim desse jeito, escondida, fodam-se o quarto, a cama ou caralho a quatro!

Com essa descoberta em mente, me enfio, amarradão, com ela em

qualquer lugar que seja. Começo a arrastá-la para a mata que ladeia a estradinha.



— Abre as pernas para mim, Baixinha.

— *Dio!* Estou me sentindo uma coelha enfiada com você neste mato!

— Para de gargalhar... e abre essa *cazzo!*

— Aiii! A grama está me espetando! — Ela ri de perder o fôlego. — Além da camisinha, podia ter trazido um lençol nesse bolso. Incompetente!

Em um movimento, inverte nossas posições, deixando Juliet montada sobre mim.

— Ai, Aless!

— Melhorou?

— Muito melhor!

— Agora vem, Coelhinha.

Abaixo seu top e abocanho um dos mamilos duros e prontos. A pele dela está salgada de suor. Sinto-a estremecer a cada sucção mais forte que aplico. Me empolgo e mordo, e lambo um de cada vez.

— Aless, quero foder! — pede aos risinhos entrecortados, de um jeito tremendamente único, que faz uma palavra crua dessas, soar como algum tipo de doce.

Essa é a minha menina!

— Estou aqui para isso!

Agarro suas coxas por baixo, escancarando-as. Posiciono sua entrada no meu pau e sustento o peso dela em meus braços. Chega de forçar seus

músculos por hoje. Vou descendo, fazendo-a escorregar, engolindo todo o meu comprimento. Saboreio a sensação.

— Deixe a força comigo, Baixinha. Preocupe-se só em sentir.

Quando nossas peles colidem e eu chego em seu ponto mais profundo, Juliet geme de satisfação. Sinto sua respiração ofegar. É a minha glória, então começo com movimentos de vai e vem, meto nela do jeito que gosto, entrando e saindo, me espremendo dentro dela.

Nunca vi ninguém mais molhada e receptiva do que Juliet. Mas sei o tamanho do problema que eu sou. Ela é apertada como um punho fechado e forcei demais a bocetinha da minha Coelhinha estes dias. Quero isso começando lento para fazer durar mais.

Ela espalma as mãos em meu peito e delicio-me com a visão. Cabeça inclinada para o lado, olhos entreabertos, em puro êxtase, mordendo os lábios com tesão.

Meu coração quase explode. Apaixono-me mais. Seu corpo e seus peitos sobem e descem no meu ritmo.

Porra! Linda pra cacete!

— Gosta assim?

— Hum-hum...

O som da voz dela é como música. Estou engasgado de paixão, sinto o suor escorrer por minha testa. Nunca senti um desespero tão visceral por alguém, como sinto por ela. Meu peito chega a doer de agonia e saudade. Com as mãos em sua bunda, aumento o ritmo. Abaixo e levanto seu corpo sarado, aumentando a intensidade de cada estocada.

— Aiiii! — ela geme alto balançando os quadris.

— Isso, Coelhinha! Aqui você pode gritar e gemer à vontade. Se

entrega. — Sou totalmente tarado nos barulhinhos que ela faz, posso gozar só em ouvi-los.

Peço que olhe, começo a investir, agora, sem muita piedade, e deixamos escapar palavras e frases soltas, à medida que os movimentos perdem o controle.

Linda... Gostoso demais... Isso... Sou louco por você... Eu também... Fundo, Aless... Baixinha... Forte, Aless... Goza no meu pau... É tão bom... Juliet... Aless... Juliet... Aless... Juliet... Aleeeeess... Porra, caralho! Juliet!



Um par de horas passou desde que eu e Juliet voltamos do treino.

Foi uma guerra para que eu a deixasse tomar banho e se arrumasse em paz. E outra batalha para fazê-la tomar a vitamina de banana que pedi para a Maria preparar. A Baixinha se faz de durona, mas está toda dolorida.

Que mulher mais maluca!

Empolgou-se toda quando disse que conhecia uma clareira no mato à prova de espiões. Tenho que me segurar para não ficar rindo sozinho, aqui da minha sala, enquanto a observo trabalhar e relembro minha Coelhinha safada.

Ela está em meio a uma pilha de relatórios, discutindo animadamente com Cris. As duas parecem realmente empenhadas na execução do projeto para a nova expedição.

Não aguento, inclino minha cadeira e, com as mãos na nuca, jogo a cabeça para trás e sorrio sozinho. Parece que nossas discussões a excitam tanto quanto a mim. É engraçado. Nossas mentes discordam o tempo todo, mas nossos corpos concordam em tudo. Bela dupla. E o que foi aquela coisa da timidez e da vergonha?

Uma mulher não pode falar isso para um homem, e não esperar consequências. Tímida e safadinha? Aposto que é a bonequinha do papai.

Eitaaaa que isso é bom demais!

Caras maus, muito maus como eu, adoram essa mistura. Será que Juliet vai me castigar, se eu lhe contar as coisas que passam pela minha cabeça?

Sem bater na porta, Fran entra me arrancando da viagem ao País das Maravilhas de Juliet em que estou e quase caio da cadeira.

Ele para, debruça-se em minha mesa e me entrega algumas pastas. Depois se esparrama na cadeira à minha frente. Ignoro seu sorriso cínico de “*Eu sei por que você e Juliet chegaram com grama até nos ouvidos...*”.

Arqueio a sobrancelha esperando que ele me diga algo que preste.

Começo a examinar os papéis que me entrega, na tentativa de diminuir o fluxo de imagens e ideias indecentes sobre Juliet. Estou tão duro que poderia ajudar os empreiteiros, que estão consertando o telhado, martelando pregos com meu pau.

— Então... — Fran começa em seu tom profissional descolado. — Estive conversando com a Black Diamond e com a Patagônia. Ambas as marcas apresentaram propostas de patrocínio para a próxima temporada. Depois do que fez no K2, todo mundo quer associar a imagem a você.

Interessado, dou total atenção ao Fran. Isso é muito bom. São consideradas as melhores marcas da atualidade.

— A Black é do Chouinard? — pergunto e Fran confirma. — Caralho! O cara é uma lenda. A linha dele, para escalada moderna, é coisa de gênio. Vai nos mandar amostras?

— Vai e a Patagônia também. Fiquei impressionado com o engajamento ambiental dos caras. Está em tudo: nas roupas e na matéria-

prima. Eles doam 1% dos lucros anuais para a preservação e melhoria das bases de acampamentos no K2.

— Bom isso. Quanto?

— Um milhão de euros cada um.

Assovio.

— Uauuu! Vamos em frente, então, essa grana banca a expedição e até algumas obras beneficentes. Vai ser perfeito! Tudo que arrecadarmos no evento deste ano, poderá ser destinado exclusivamente à Fundação.

— Sim, só tem uns detalhes bobos.

— Sabia... Estava bom demais para ser verdade. — Ressabiado, coço a barba. — Vai... Desembucha, Fran.

— A Black quer você na campanha anual da marca. E o Nick Ciensk, da Patagônia, quer a Juliet. — Ele vomita os detalhes *BOBOS* na minha cara, se afasta e minhas mãos fecham em punhos na hora.

— Que caralho é esse que a porra do Nick quer a Juliet? — Bato na mesa, olho para baixo e todos focam a atenção para a gritaria na minha sala.

Respiro e solto o ar tentando me acalmar.

— Calma! O querer dele é diferente do seu! — Fran apressa-se em explicar.

— Diferente o cacete, conheço o Nick! Juliet está fora dos limites! O cara pode não ter morrido no K2, mas vai empacotar assim que eu colocar minhas mãos nele! E para o inferno, que não vou bancar de modelo para *cazzo* de campanha nenhuma. Vai você, que gosta disso!

— Me escuta, pelo menos.

— Não.

— São dois milhões de euros, seu bastardo!

— Não.

— Estou nisso há semanas, caralho!

— Não.

— Pensa nos pequenos da Fundação.

— Os pequenos são golpe baixo, primo. Mas já aviso: Juliet está fora! O Nick é predador. Já saímos muito para caçar e ele não perdoa.

— A campanha é coisa que você mata em uma tarde. Fotos simples com alguns equipamentos. Já o Nick... Ele quer a meteorologista Juliet! A profissional, seu babaca! Eles ficaram impressionados com o que ela fez por você lá em cima. Querem que participe do projeto de prevenção às avalanches.

— Não.

— Porra! Abre esse cabeça! É um puta reconhecimento profissional para a garota. No mínimo, ela deveria ser consultada! Não tem o direito de interferir desse jeito na carreira dela! E o negócio é sério; se o projeto for implementado, pode evitar o mesmo inferno que matou o Alex. Caralho! Onze pessoas morreram naquele dia, Alessandro!

— Doze pessoas morreram, Francesco.

— Eu sei... Eu sei... Mas o que houve com Fred, lá em cima, foi uma porra de uma fatalidade.

— Sabe que não penso assim.

— Não adianta! Quando vai enfiar nessa sua cabeça-dura que foi um acidente! A responsabilidade não era sua e, para começar, nem era o líder!

— Mas eu deveria ter seguido minha intuição!

— Não, não deveria! Não poderia... Nem os relatórios apontaram aquela destruição toda! Pare de se culpar.

Olhamos um para o outro por um longo minuto.

— Escuta, Alessandro... As avalanches... Se os caras nos acampamentos tivessem um mínimo de proteção... Se esse sistema de aviso, do Nick, já fosse real, talvez Alex estivesse aqui agora. Pensa! Esquece um pouco seu pau. Sabe tão bem quanto eu que Juliet é boa pra caralho no que faz. Nunca vi ninguém interpretar os relatórios e os sinais de variação climática como ela. Foi a previsão antecipada *DEIA*, que te tirou de uma enrascada maior este ano! Deve isso a ela!

— Vou pensar.

— Isso. Pensa, primo, mas pensa com carinho. Juliet pode participar por aqui. Se o problema é o Nick, ela não precisará se encontrar sozinha com ele. Eu peço alteração da proposta, falo que tanto eu quanto você, ou até mesmo a Cris, podemos e queremos contribuir.

— Já disse que vou pensar, porra! Mais alguma coisa?

Ele coça a testa, enquanto estuda o meu rosto.

— O tio ligou enquanto foi buscar Juliet hoje de manhã. Parece que a merda está grande em Mônaco.

— Merda? Ele te adiantou o que é?

— Acho que o caldo entornou de vez entre ele e a tia Zetta.

— O que a louca da minha mãe aprontou dessa vez?

— Não tenho ideia... Mas, pelo jeito dele, a merda deve ter sido das grandes.

— Caralho! Vou ligar para ele, mais alguma coisa?

— O Arthur da empreiteira conversou com o Giovanni. Vai fazer o que pediu. Dobraram o número de empreiteiros. Não vai ficar barato e a porra de vinícola vai parecer o clube das mulheres, com tanto macho sem camisa

espalhado por aí. Mas ficará pronto em uma semana.

— Vou chamar Giovanni aqui. Quero esses porras de uniforme. Não! Quero que usem burca, foda-se que está fazendo trinta graus.

— Medo da competição? — Seu prazer em me tirar do sério é evidente.

Sorrio do outro lado da mesa, de modo irônico.

— Vou te mostrar o tamanho do meu pau... Estou cagando para a competição! O único que pode tentar competir comigo é meu reflexo no espelho. É pela Maria, seu bastardo! Ela é uma senhora casada, caralho!

— Sei. Hum-hum... Só falta sair mijando por aí, para demarcar território!

Dou risada de suas palavras.

— Fran, Fran está brincando com o perigo! Para eu me levantar daqui e quebrar essa sua cara de modelo e esse seu nariz de plástico está faltando isso! — Junto os dedos e o ameaço.

— Meu nariz arrebitado é cem por cento natural, invejoso. — Protege o rosto com as mãos.

— Some daqui ou vou te dar uma amostra do cem por cento natural aqui. — Esfrego o meu amigão, que ainda não esqueceu a Baixinha e está mais duro que um porrete.

— Se não fosse incesto, ia adorar sentir seu poder. Mas dispenso, primo! Prefiro deixar nossa relação como está. Imagina o escândalo na família? Vai que se apaixona por mim! Sou bem gostosinho, sabia?

— Some daqui, seu porra! — Pego a primeira coisa que vejo na minha mesa e arremesso nele.

O bastardo é mais ágil e desce pelo cano antes que a minha pedra do

Himalaia o atinja na testa.



Passo os próximos minutos com a atenção focada na movimentação do andar de baixo. No fundo, estou me preparando psicologicamente para a provável bomba que meu pai irá soltar.

Olho lentamente para Juliet, enquanto fecho meu laptop. Por um segundo, nossos olhares se cruzam, mas logo ela muda o foco. Coloca uma mecha solta atrás da orelha e posso jurar que está corada.

Linda!

Recosto na cadeira cruzando os dedos atrás da nuca. Encaro o teto em busca de coerência.

Cazzo! Cazzo! Cazzo!

A ideia de tê-la perto de Nick é totalmente absurda. Conheço o canalha, ele vai querer muito mais que consultoria.

Porra! Isso é fodido!

Mas privar a Baixinha de reconhecimento profissional é mais absurdo ainda.

Cacete!

Queria poder dizer que sou um cara sensato, controlado e que lido bem com os ciúmes, mas não sou. Penso mais um pouco e um pouco mais... Torço para que Nick conheça um bom cirurgião plástico.

Alcanço o celular e abro o *WhatsApp*:

┌ **Dark** – *Pode continuar as negociações. Inclua a nossa participação no projeto.*

┌ **Fran** – *Agora sim!*

- | **Dark** – *Nada de viagens, reuniões todas aqui, com a MINHA supervisão.*
- | **Fran** – *A bella vai surtar!*
- | **Dark** – *Eu que vou surtar com a sua cara, se abrir essa boca antes deles darem um acordo em nossas condições! Eu conto pra Juliet.*
- | **Fran** – *Valeuuuuuuuuuuuuuuuu!*

Sei que vou me arrepender por isso. Talvez seja melhor fazer uma visitinha ao consultório da Pam. Implorar por umas drogas lícitas que me impeçam de cometer um assassinato. Mas... foda-se! A Baixinha e a carreira dela valem o risco.

Meu celular vibra em minha mão. É hoje! Cada minuto que passa fica melhor. Suspiro resignado e atendo ao telefone.

— Oi, pai.

— *Alessandro* — diz ele com voz preocupada.

Fico em alerta imediatamente.

— Francesco disse que as coisas estão complicadas por aí.

— *Estão, filho...* — suspira. — Preciso que venha a Mônaco.

— Impossível, pai. É um péssimo momento para eu viajar e tem a Rafa. Não podemos falar por aqui mesmo?

— *Não, é um assunto delicado demais, tem que ser pessoalmente. Isso não pode esperar* — diz ele com firmeza. — *E quanto a Rafa... A menos que convença sua mãe do contrário, a minha menina estará fadada a passar o aniversário e as férias no meio de uma guerra conjugal.*

— E por que Rafa não me ligou? Conversei com ela na sexta e não me disse nada. Tudo parecia certo.

— *Sua mãe a proibiu.*

Só de pensar nisso, fico com raiva. Eu tenho poucos pontos fracos, Rafa é um deles, e minha mãe sabe disso.

— É tão grave assim?

— *É sim, meu filho.*

— Preciso resolver umas coisas aqui primeiro. Posso cair na estrada amanhã cedo e estarei aí no começo da tarde.

— *Não prefere que eu mande o helicóptero?*

— Prefiro poupar a camada de ozônio. São só quatrocentos e poucos quilômetros, com a RR faço em menos de quatro horas.

— *Desculpe-me, filho. Cuide-se na estrada.*

— Pode deixar... Te amo, pai.

Jogo o celular sobre a mesa, assim que desligo. Contrariado, passo as mãos nos cabelos. Ausentar-me da vinícola não estava nos meus planos.

Cacete!

Quando minha mãe vai parar de ser tão egoísta?



— **Que cheiro forte** é esse? — Pietro pergunta tapando o nariz e olhando em volta.

— Dei uma exagerada no treino e pós-treino. Tive que passar um spray para aliviar a dor — respondo sem graça, antes de sermos surpreendidos por gritos vindos da sala de Dark.

Caramba, Dio!

Patrono dei ruggitti^[64]!

Como esse homem grita!

Que Dio proteja essa garganta!

Olho para Cris, que olha para mim e depois para Pietro, que está olhando para mim, que, por fim, olha para nós. Acho que nós três consideramos sair correndo ao mesmo tempo, mas desistimos.

— Será que ele notou que não trabalhamos porcaria nenhuma esta manhã? — pergunto disfarçadamente para Cris.

Como quem não quer nada, ela dá uma espiadela rápida por sobre os ombros. Dark anda de um lado para o outro em sua sala, falando e xingando sozinho.

— Será? — Cris faz uma careta entortando a boca.

— *Dio!* Acho que me empolguei quando descrevi a bunda do Kai para você! — Desespero-me. — *Madonna Santissima*, sou uma mulher morta! Pensei que Dark cairia no golpe dos projetos espalhados pela mesa e

acharia que estávamos falando de trabalho!

— Impossível ter ouvido, a menos que... — Cris engasga não conseguindo terminar a frase e seus olhos começam a vasculhar as instalações da sede.

Olho despistando para ela e dou uma piscadela. Saquei o que está pensando e enfio a cabeça embaixo da mesa à procura de escutas.

Já passei por isso, sei do estrago que escutas causam na vida de uma garota e Dark é muito louco... Tão pirado por controle, que é bem capaz de nos vigiar.

Entro no modo paranoica perseguida, com culpa no cartório, e revisto cada centímetro do perímetro à nossa volta.

No acampamento de verão quando tinha doze anos, os meninos colocaram um gravador no dormitório feminino. Os bandidinhos gravaram toda a conversa que tivemos sobre nossas fantasias eróticas, com o Senhor Pinto dos Sonhos. O monitor saradão, de dezoito anos, que fazia nossos hormônios entrarem em ebulição. A brincadeira predileta era descrever o que faríamos se tivéssemos acesso às masculinidades do instrutor.

É claro que a maioria de nós nem sabia sobre o que estava falando. Mas não importa, Lucinda Spriago, de quinze anos, estava no nosso grupinho. A mulher mais madura e experiente que já tinha visto na vida. Loira alta e confiante!

Ai, como eu adorava Lucinda!

Era fã número um, queria ser igual a ela desde o dia em que nos contou detalhes sobre seus momentos íntimos com o Pinto dos Sonhos.

Disse que passou horas conversando com a cabecinha dele. Na época, não entendi direito o que significava... Mas aquilo me marcou: *a cabecinha*.

No ano seguinte, na minha vez de narrar algo meu, lembrei do que a namorada do meu irmão falou quando os ouvi escondido pela extensão do telefone. Não tive dúvida, falei com propriedade as palavras ditas por ela. Devia ser coisa boa, Joseppe foi atrás dela na hora.

— *E você, Juliet, o que faria com o instrutor?* — Lucinda, minha ídala, perguntou.

Querendo impressionar soltei:

— *Ele que me aguarde! Vou esfregar a minha gulosinha todinha, bem na cabecinha safada dele.*

Fui ovacionada pelas minhas amigas, que ficaram de queixo caído.

No outro dia, na hora do almoço, quando estávamos todos na cantina, uma música mixada começou a tocar. Se eu fechar os olhos, ainda consigo lembrar direitinho do refrão:

Pá, pá, pá

Esfrega, esfrega, esfrega a gulosinha

Pá, pá, pá

Bem na cabecinha.

Conclusão: meu pai me fez ir ao ginecologista para provar que ainda era imaculada. Tomei uma coça do meu irmão quando contei onde tinha ouvido aquilo e passei os próximos três anos amargando o apelido de Juliet Gulosinha.

Odeio escutas, elas são más!

— Tudo limpo por aqui, Juliet — Cris sussurra e pisca discretamente para mim.

— Minha área também está liberada, Cris — sussurro imitando seu gesto.

Aliviadas por não termos sido descobertas, eu e Cris resolvemos passar as próximas horas realmente empenhadas no projeto. Trabalhamos para valer e entre um relatório e outro, confidenciei a ela sobre a pasta que eu havia encontrado. Primeiro me chamou de louca, disse que Dark iria me matar se descobrisse! Mas como amiga do peito é aquela que nos apoia, mesmo nas piores loucuras, aceitou meu argumento científico e comprou a ideia.

Decidimos juntas avaliar o material em busca de falhas. O plano será arrumar uma desculpa e nos trancarmos no meu quarto depois do almoço. Estudar os detalhes, procurar saber se houve alguma falha na análise de dados, que possa ter provocado o acidente de Dark. E claro, não cometermos os mesmos erros na próxima temporada.

— Juliet, como está sua perna? — O ar me escapa ao ouvir a voz firme de Dark atrás de mim.

Viro minha cadeira giratória, sem poder encará-lo nos olhos. Ainda me sinto culpada pela bunda do Kai.

— Bem melhor, o relaxante muscular que me deu e aquele spray aliviaram bastante.

— Que bom. Vamos então?

— Vamos aonde? Não recebi nenhum e-mail. Pensei que eu teria a tarde livre. Estava querendo...

Ele nem me deixa continuar, olha para Cris e Pietro, depois volta a me encarar.

— Tenho que ir à cidade resolver algumas coisas, quero que me leve.

— Eu te levar?

Arregalo os olhos sem entender o que ele está me pedindo, olho para Cris que está de pé, dura como uma pedra, organizando as coisas para ir embora.

— Vou para Mônaco amanhã bem cedo, Fran vai levar a RR para fazer uma revisão. Estou a pé.

M-Ô-N-A-C-O?

Opa! Opa!

Meu coração para por um instante. Essa me pegou totalmente de surpresa. Sei que Dark e Fran costumam viajar bastante, mas a ideia dele longe em um paraíso francês... *Aiiii*. Meu estômago chega a revirar só de imaginar que ele possa ficar com alguém por lá.

— Mônaco? — Imito a atitude da Cris e começo a arrumar a papelada em minha mesa, ficando de costas para Dark, tentando fingir indiferença. Não quero que perceba que a notícia me abalou mais do que deveria.

Sinto sua mão em meu ombro, viro e suas esmeraldas estão apagadas.

— Preciso ver meus pais.

Pela expressão aborrecida, acho que ele não está muito feliz com a ideia, o estado de espírito dele reflete o meu.

— Por quanto tempo?

— Não sei ainda. — Passa a mão no cabelo de modo impaciente. — Então, me dá uma carona?

— E a moto? Não está esperando que eu te carregue nas costas, está?
— Pronto, eu me entrego, estou puta com a viagem.

Olho para Cris, que sussurra um “se controla”, sem que Dark perceba.

— Cacete! — Ele solta uma gargalhada fora de hora e meu sangue começa a agitar. — Você é o sonho de qualquer advogado litigioso, sabia?

— O quê? — *Cazzo, as escutas, pior! As coisas que surrupiei do seu quarto alagado! Me lasquei, certeza de que ele sabe que sou larápia!* Tremo na base. — Advogado? *Dio!* Vai me demitir?

— Que mania de demissão! — Franze o rosto. — Até parece que andou aprontando alguma. Andou?

— Eu? Nãoooo, claro que não!

Ruborizo, ele me avalia e dou um sorrisinho meigo. Teoricamente não aprontei, ainda. A bunda do Kai não vale, foi uma análise científica.

— Acho bom. — Tira uma mecha fujona do meu rosto. — Estou brincando com você, cabeçuda. É muito desencanada mesmo, o seu JR chegou desde sábado e nem se lembrou dele. Qualquer outra mulher estaria no meu pé por causa dele.

— Meu JR? Dá para traduzir?

Dark põe a mão no bolso, tira uma chave e gira entre os dedos.

— Jeep Renegade, JR. Muito prazer... Seu carro. — Um sorriso satisfeito surge em sua boca carnuda. — Espero que goste da cor que escolhi.

— Ele é lindo, Juliet! — Cris bate palminhas ao meu lado. — Eu e Pietro o vimos quando saímos com o nosso. Seu modelo é um pouco diferente do nosso. Lindo, lindo.

Pietro faz um sinal de positivo concordando com ela.

— Ah! Tinha esquecido — digo porque é verdade.

Estou pouco me lixando para isso agora. Mônaco é o que me

interessa! Desligo meu computador e me preparo para sair, sob os olhos atentos dos três.

— Parem de falar que o carro é meu! É da *Mountain*. — O clima esquenta e Dark me olha irritado. — Ainda não esqueci as insinuações da Girafona. Por que não pega o seu JR e vai resolver as coisas, e eu fico por aqui?

Dark senta em minha mesa e, cruzando os braços, solta um longo suspiro enquanto coça a barba no queixo. Cris e Pietro se despedem e vão embora, rapidinho, nos deixando a sós.

— Porque vou viajar e não vou ficar tranquilo se não me certificar de que se adaptou a ele. — Arqueia a sobancelha, levanta-se, começa a ir em direção a saída e eu o sigo. — Pedi direção hidráulica, mas o *SEU JR* é robusto. Precisa testá-lo e quero estar junto. — Ele me olha sobre os ombros, torce a boca para o lado e seus olhos animam. — Além do mais, pensei que poderíamos almoçar no DON e depois ir a um lugar. — Sai andando novamente.

Cutuco suas costas, ele para de andar e vira.

— Posso saber que lugar é esse? — questiono meio petulante e meio feliz porque ele quer ir almoçar comigo.

— Não pode. — *Pah!* Escancara seus dentes perfeitos para mim. Me derreto um pouquinho, talvez muito. — Falei que iria te mostrar meu mundo, Juliet. Só não te arrasto comigo pra Mônaco, porque acho que merece o céu, não o inferno.

Demoro alguns segundos, para absorver o que ele disse e me recuperar do choque.

Dark aproxima-se deslizando sua mãozona sobre meu rosto e pescoço. Inclina e suga a minha boca de um jeito que me faz estremecer.

— Não precisa ficar brava. Volto logo, Coelhinha — sussurra e meu coração aperta.

Ciente de que estamos a sós, fico na ponta dos pés e me atraco em seu pescoço. Acariciando seus cabelos, o beijo com vontade, até perder o fôlego.

— Gosto do volto logo — murmuro ofegante e beijo o canto de sua boca. — Vou sentir sua falta.

— Ah, minha Baixinha, não mais do que eu... Não do que eu.



Por mim, eu teria esquecido a história de testar o carro, o almoço e me jogaria com ele no sofá da sede... Mas o grandão estava disposto mesmo a fazer um *test drive* comigo.

Nem acredito quando vejo o carro, um Jeep esportivo laranja. Diferente, mas lindo. Dark queria em amarelo, amo a cor, é a minha predileta, mas agradei a *Dio* por não fabricarem nessa cor.

Já basta ser obrigada a aceitar um presente imposto e para lá de generoso. Agora, sair por aí feito uma marca-texto... nem pensar! Seria uma briga e tanto. Ele quer me ter bem à vista, isso sim! Seguro a vontade de fazer um discurso sobre ser vigiada, mas respiro e me controlo. A empolgação de Aless ao mostrar cada detalhe e os opcionais que escolheu é contagiante. O jeito como seus olhos brilham e seu sorriso cresce... é lindo.

Aiiiii, Dio! Dio! Dio!

Não quero brigar!

Brigar para mim é natural como andar, comer ou respirar. Não importa o jeito, é o que todos da minha família fazemos... brigamos, contestamos.

Mamma sempre diz que o sucesso de qualquer relação está na forma como resolvemos os conflitos. E querendo ou não, o jeito com o qual lutamos é o que importa... sim. Anule-se e terá perdido o respeito de seu adversário e a guerra.

Não importa qual seja o tipo de relação de afeto: entre filhos, irmãos ou amantes. Conflitos e relacionamentos sempre vão andar lado a lado. Pena que a maioria de nós faça de tudo para evitar esses confrontos... porque é através deles que crescemos e permitimos nos conhecer.

Começo a pensar que, talvez, eu esteja com sorte. Acho que Dark e eu somos uma minoria.

Ele para na minha frente com a expressão um pouco mais tensa. Está olhando para seu tênis e parece ainda mais lindo em sua calça jeans surrada, camiseta cinza de uma banda qualquer e boné virado para trás.

Dou mais uma olhada no carro parado na garagem e franzo a boca de um lado para o outro. Mesmo irritada com algumas de suas regras de segurança, sinto meu sorriso explodir largo e bobo.

— Gostei do carro, do modelo, da cor, dos detalhes... De tudo! O senhor sabe mesmo como impressionar uma garota.

— Gostou mesmo? — indaga passando a mão no capô do Jeep.

— Aless! Nem no meu melhor sonho me imaginei dirigindo um desses por aí! Sério! É lindo! Só que... — Desvio o olhar do dele.

— Só que...?

— Uma ova que vou decorar essa merda de manual do proprietário! Não tem lógica! Pode esquecer também a ideia de me fazer chamada oral... Se a condição for essa, fique com as chaves! Não ultrapassar os 40 km, então... Puxaaaaadoooo, né, meu amigo! Mais fácil eu ir a pé.

— Juliet!

— Alessandro!

— Caralho! Que difícil! Mas do cinto não abro mão!

— Fechado. — Abro a porta e salto para o banco do motorista sorrindo de orelha a orelha.

Seguro e giro a direção com os braços esticados, dando pequenos pulinhos sentada no banco. Ele entra e se senta, ainda emburrado, no banco do passageiro.

— Como liga esse troço? — pergunto empolgada.

— O quê? — Solta o cinto de segurança, que quase bate em seu rosto. — Está de brincadeira, né? Porra! Liga igual a todos os carros, caralho! *Dio!* Acho que dá tempo de contratar um motorista.

— Estou brincando, seu desesperado! Esqueceu que já peguei sua RR? — Toco a ponta do seu nariz, que adoro, com meu dedo. — Aquele amassadinho que eu fiz nela não é nada comparado aos que faço quando participo de ralis.

— Amassou meu carro? Ralis? — Seu queixo cai.

Divirto-me com a cara de “*não-estou-acreditando-nisso*” que ele faz e começo a rir.

— Isso é sério! Para de gargalhar, sua bandida!

Engulo o riso.

— Tô brincando. Seu carro foi entregue sem um arranhão. Pronto?

— Um minuto, só preciso me preparar psicologicamente.

Espero Dark se recuperar, dou partida e me esforço ao máximo para mostrar minhas habilidades de pilota. Gosto de provocá-lo, mas não quero que vá para essa droga de viagem preocupado comigo.

Ignoro a dor nas pernas e o arrepio familiar, que se espalha pelo meu

corpo toda vez que ele está ao meu lado, e conduzo o JR em segurança. Pena que a estrada de ciprestes é curta e em menos de vinte minutos, já estou estacionando em frente ao DON.

— E aí, passei no teste?

— É... Você dirige direitinho.

O sorriso no canto de sua boca e suas esmeraldas brilhantes me dizem que passei com louvor, então resolvo ignorar mais essa provocação. Dou um beijinho em sua boca, antes de agarrar sua mão e puxá-lo para dentro do restaurante.



20.1

Entardecer

Nada de Nonno ou de Madalena no DON. O fluxo de clientes do restaurante parece tranquilo para uma segunda-feira. Das trinta mesas, que compõe o salão de refeições da cantina italiana elegante e típica, apenas dez estão ocupadas.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, afogados em um desconforto estranho, típico de primeiros encontros. Já tínhamos feito as refeições juntos, dezenas de vezes, mas nunca assim, só nós dois em um restaurante.

Dio! Como um encontro!

Alinho, pela décima vez, os copos de cristal à minha frente; o estardalhaço que Dark faz do outro lado da mesa, ao organizar seus talheres, é um pouco irritante.

Tento prestar atenção em outra coisa, impossível... Borboletas e mais borboletas voam em meu estômago vazio quando noto o olhar faminto em seus olhos. Fora que ele é lindo demais. Será que um dia vou cansar de admirar esse rosto de machão dele? Não resisto, suspiro feito uma idiota, estico o braço e toco sua barba.

Dark segura e mantém a minha mão em seu rosto.

— Está com fome? Só tomou a vitamina de manhã.

— Nada que um bom *bolonhese* não resolva — brinco.

— Gosto que come sem medo. Não entendo essa mania que algumas

mulheres têm em só comer alface.

Acho graça do jeito que ele fala.

— Para ficarem magras, o que mais seria? — Pisco para ele. — Nem todo mundo tem a mesma sorte que a gente, Aless. Eu como porque gosto e preciso. Os treinos exigem muito. Amo minha profissão por isso.

— Que graça tem ficar magra e chata? Nunca vi um cara se apaixonar por alguém, só porque ela devorou um prato de rúcula e ele achou sexy.

Caio na gargalhada.

— Bebidas? Querem pão? Entradas? — O garçom nos interrompe.

Fazemos os pedidos de bebidas, dispensamos a entrada e ambos decidimos por massa à *bolonhese*.

— E aí, e essa viagem de última hora? — pergunto puxando o assunto dessa vez.

— Não sei, fui pego de surpresa. Alguma coisa entre meu pai e a dona Zetta. Ele não quis me adiantar, só disse que era sério. — Sua testa franze com preocupação. — É a primeira vez que ele faz isso: me liga pedindo para eu ir com urgência. E tem a Rafa...

— Ela não chega amanhã?

— Não mais, minha mãe está usando a Rafa, para variar. — Ele balança a cabeça. — A proibiu de vir, a esperança do meu pai é que eu faça minha mãe mudar de ideia e traga minha irmã comigo.

— Ela não pode simplesmente se rebelar? Vai fazer dezoito e tem o direito de tomar as próprias decisões.

O garçom retorna com as nossas bebidas. Tomo um gole do *Ice Tea* imediatamente, os olhos de Dark estão fixos em mim, ignorando sua água.

Ele morde a ponta do seu dedão e depois volta a falar:

— Acho que minha irmã não se rebela pelo meu pai. Deve estar preocupada em deixá-lo sozinho com a fera.

— Já sei de onde vem todo esse mau humor, então — zombo dele.

— Não mesmo, Juliet! — Retorce o rosto em desagrado. — Posso parecer um touro bravo as vezes, mas tenho princípios. Minha mãe vive em um universo paralelo. Difícil acreditar que seja filha do *Nonno* Salvatore.

— Que horror, Alessandro, é sua mãe!

— É minha mãe... E isso que me mata. Nunca tivemos uma ligação forte, meu pai sempre supriu a coisa de afeto. Zetta foi ausente em tudo, vivia em festas e nas rodinhas de Mônaco. É duro falar assim, mas ela só se preocupa consigo mesma, com o dinheiro e com seu status de condessa.

— Sinto muito, é difícil imaginar uma coisa dessas. Meus pais são afetuosos até demais. Às vezes, chega a ser sufocante, foi uma briga boa até conseguir minha independência. — Reviro os olhos e dou outro gole em minha bebida.

— É uma mulher de sorte, Juliet.

— Essa coisa toda com a sua mãe te machuca? Deve ser difícil para você.

Ele toma um gole de água, me preparo para uma de suas mudanças súbitas de assunto, mas sou surpreendida.

— Pois é... Minha mãe... é... foda. Mas... estou cagando para isso tudo, já me acostumei. Sofri quando era mais novo e me sentia rejeitado, hoje não mais, minha preocupação é a Rafa. Ela tem esse jeito extrovertido, alegre. Nisso vocês duas se parecem — constata carinhoso. — A pequena é boa em camuflar sentimentos. Sei que está sofrendo, principalmente porque ama meu pai. Vocês duas vão se dar bem.

— Quero muito conhecê-la. Extrovertida e alegre? Já gostei dela de graça. — Fico feliz por Dark me comparar à irmã, sei que ele gosta muito dela. E me alivia que uma pessoa parecida comigo desperte sentimentos de carinho nele.

— Não sei se sabe, mas a Rafa é minha meia-irmã — esclarece e nego fingindo que não sei do bafão da pulada de cerca da mãe dele. — Pois é... Um dos milhares de casos de Zetta. Um magnata do petróleo africano que passou uma temporada de farra e bebedeira no balneário. O cara devia ser poderoso, virou a cabeça da minha mãe ao ponto dela quase abrir mão do título, largar tudo e ir atrás dele.

O garçom nos corta no melhor momento das revelações bombásticas de Dark. Coloca dois pratos imensos de massa cheirosa e apetitosa à nossa frente.

— *Buon appetito* — anuncia e sai em direção à cozinha.

— Quase desistiu? — Ignoro a massa e pergunto mais interessada na fofoca bafônica, do que em qualquer outra coisa.

Desculpa, Dio!

Espero a resposta, mas Dark dá uma garfada e faz um gesto de que está muito bom.

Dio! Este homem é guloso com tudo.

Passei a apreciar o jeito como ele come, não sei o porquê.

— Zetta só não pediu o divórcio porque o tal magnata pulou fora — finalmente diz, após engolir a comida. — Quando contou para ele que estava grávida, recebeu a notícia de que já era casado. Foi obrigada a engolir o orgulho e implorar perdão ao meu pai. O velho, que já não aguentava mais os escândalos, cedeu. Além do mais, tinha a criança... Era bem capaz da louca da minha mãe querer livrar-se dela. E quando a Rafa nasceu e meu pai a

segurou pela primeira vez... Disse que a amou no primeiro instante em que aqueles olhinhos negros se abriram para ele. Decidiu que não importavam as diferenças ou o preconceito... Rafa era a sua filha de todas as maneiras e pronto. Já o vi encher de porrada em quem disse o contrário.

— Seu pai deve ser um homem admirável, Aless. — Enrolo a massa no garfo e encho a boca com gosto.

Não consigo evitar um gemido de quase orgasmo, o sabor está divino.

Dark ri do meu exagero.

— Ele é, Baixinha. O velho é meu Norte.



Depois das revelações sobre sua mãe, a conversa enveredou para um lado mais descontraído. Falamos sobre manear nos treinos, ele passou algumas orientações a respeito do projeto que estou elaborando. Pediu para não cair na lábria do Fran na ausência dele e me manter longe de confusões.

Torceu o nariz quando eu disse que havia prometido levar Cris para conhecer o set das filmagens. Pareceu gostar muito quando me ofereci para ajudar Maria na organização de um churrasco, caso ele trouxesse mesmo Rafa.

Enquanto eu devorava a sobremesa – um *tiramisù* delicioso –, uma mulher de uns trinta anos veio nos cumprimentar: Martha. Ela é esposa de Arthur, o empreiteiro que está reconstruindo o telhado. Dark a convidou para o café. Simpática, falante e que trabalha com decoração.

Disse que estava terminando alguns projetos junto com o marido. Empolgada, mostrou a planta baixa de uma pequena cabana. Me surpreendi com a simpatia com a qual Dark a tratou. Disseram que se conhecem desde

crianças. Então engoli a sensação estranha em meu peito e resolvi bancar a simpática, dando minha opinião sobre vários detalhes.

— Gosto dessa coisa das vigas aparentes... e toda a cozinha seguir a mesma linha do piso, com móveis em madeira clara. Dá uma sensação gostosa de aconchego. E a vista do jardim, nossa... Lindo trabalho! — elogio.

Os olhos dela iluminam e se empolga em me mostrar mais alguns esboços.

— E esses detalhes sobre a mesa? Gostou da ideia de eu utilizar painéis de cobre como luminárias?

— Muito criativo, seu trabalho é incrível. A parede rústica no quarto, as janelas amplas... E o banheiro? Uauuu! Amei a parede de pedra e a jacuzzi imensa. Quando eu tiver uma casa, pode ter certeza de que já tem uma cliente garantida, Martha.

Quando nos despedimos de Martha e saímos do restaurante passava das três da tarde. Reclamei um pouco por Dark assumir a direção... Já estava considerando JR meu, embora não vá confessar isso nem sob tortura.



— Desarma essa tromba. Na volta, o carro é seu, Baixinha.

— Não estou emburrada.

— Hum-hum... E eu não estou de pau duro e com vontade de te comer agora no meio desta praça.

— *Dio!* Tarado pornográfico... Nem se atreva!

— Então melhora essa cara. — Aperta meu joelho, me provocando choquinhos.

— Aonde vamos?

— Quero te mostrar a origem de duas coisas fundamentais na minha vida. — Aponta para a frente enquanto vira em direção ao castelo. — Minha família e meu projeto mais precioso.

— Nós estamos indo visitar o castelo? Pensei que estivesse fechado. A Maria me... me... falou... — começo a gaguejar.

— Ninguém proíbe um homem de entrar em sua própria toca, Coelhinha. Sou o primogênito e o último da linhagem Bolgheri, esqueceu?

Vira o corpo e com o indicador pressiona o meu queixo caído para cima, posso jurar que existe certo ar de satisfação em seu sorriso torto.

— Mas... Mas... tinha esquecido... deste detalhe... Desculpe — continuo gaguejando.

— Desculpar-se por quê? Se é justamente essa sua falta de interesse, uma das muitas coisas que me atraem e você!

...muitas coisas que me atraem e você... Dio!

Cadê o coelho da Alice para me trazer de volta à realidade? Ele disse isso mesmo? Muitas, mais de uma? Tipo quantas? Quais? Uma onda de adrenalina me arrepia. Ao mesmo tempo que fico perturbada com o que ele acaba de dizer, sinto-me a última bolacha do pacote.

Minha imaginação hiperativa voa. Quantas surpresas mais esse Alessandro Salvatore Bolgheri tem na manga?

De repente, sinto-me até culpada pela minha falta de interesse em pesquisar mais sobre a vida do cara com quem iria trabalhar e morar por dois anos. Quem achar ruim que me processe! Mas, na realidade, tudo o que eu sabia já me bastava: Dark é o melhor alpinista vivo. O resto não me interessava.

Até agora... Quer me apresentar a realidade dele e não sei como me comportar. Por pura insegurança, avalio a saia jeans desfiada, a camiseta

básica branca e o *All Star* amarelo que estou vestindo.

Madonna Santissima!

Será que não existe um protocolo para essas situações? Tipo homens de terno e mulheres de longo? E se o guarda do castelo me barrar?

— Será que é uma boa ideia? Não é melhor voltarmos outro dia mais preparados? — Minha insegurança fala mais alto.

— Como assim, mais preparados? Se precisarmos de qualquer coisa tenho certeza de que o senhor Carmelo terá prazer em providenciar.

— Senhor Carmelo, quem é ele?

— Digamos que é o guardião do castelo. — Dark sorri com carinho, inclina beijando minha bochecha e sou atingida por uma onda gigantesca de seu perfume. — Ele que comanda tudo por aqui.

— Oh! Tudo bem... — É a única resposta que meu cérebro consegue processar.

Eu simplesmente encolho os ombros e finjo olhar pela janela.

Aqui?

Presto atenção, de verdade, à vista pela janela e só agora me dou conta de que o carro acaba de parar em frente a um portão lateral. Dark digita um código e as portas de madeira antiga se abrem para uma via de paralelepípedos. Há uma longa cerca viva em um dos lados da via, que dá em um arco coberto, que deve ser o hall de entrada, porque é onde Dark para o JR.

Que Aless não me ouça, mas o castelo em si não é lá como eu esperava. Não me entendam mal, realmente não ligo para isso. Só estou achando... diferente. Uma edificação de três andares, em pedra vermelha, ao velho e bom estilo medieval, com várias torres mais altas. Tudo bem que o

troço é gigantesco e de tirar o fôlego, mas não se parece com o castelo da Cinderela.

O que acho ok também, já que Dark está mais para ogro do que para príncipe. Coisa que prefiro mil vezes!

Convenhamos, príncipes sempre foram os chatos da história, certinhos, arrumadinhos e cheios de frescuras demais. Aposto que todos eles dobravam as cuecas antes de transar. Coitada da Cinderela que morreu sem saber o que é ter uma calcinha destruída ou uma trepadinha no mato.

Juro que não entendo as mulheres que vivem sonhando com um príncipe encantado. Os bad boys são tão melhores. É, definitivamente esse mundo de frescuras não é para mim.

— *Baixinha. Juliet. JULIET!*

— Oh! Desculpa. Me perdi aqui.

Quando finalmente saio do transe e desço do carro, eu me deparo com uma porta enorme, abaixo do grande portal. Quando ela abre, um senhor em um terno elegante vem nos recepcionar.

— Alessandro!

— Carmelo.

— Que bom que está aqui! — Eles se abraçam. — As coisas andam tristes desde que se mudou. Valentina está ansiosa por sua visita e vive implicando com Pam. — O velho sorri parecendo adorar a tal Valentina. Quero revirar os olhos, mas me contenho. — Não tirou o seu nome da boca, desde que ouviu que viria.

Não aguento e reviro os olhos.

— Estou ansioso por vê-la. Trouxe alguns presentes, estão no portamalas.

— Essa é a Juliet. — Dark me apresenta passando o braço em volta da minha cintura.

— Olá! — cumprimento sem graça.

— Bem-vinda, senhorita! — Carmelo, que é um homem alto e magro, abaixa a cabeça, cumprimentando-me formalmente.

— Obrigada.

Antes de irmos ver a tal Valentina, que está ansiosa para ver Aless, o Sr. Carmelo faz um pequeno tour. Dark estende o braço, colocando-o em torno do meu ombro. Deixo que ele me guie entre os corredores longos e suntuosos.

O guardião me conta toda a história dos Bolgheri com riqueza de detalhes. Passo por vários salões e saletas... de baile, recepções formais, informais, banquete, música, biblioteca...

O velhinho tem um fôlego e, quando penso que vai acabar, continua... Não deve falar com ninguém há séculos. Nos andares superiores há mais saletas particulares, escritórios e quartos imensos. Impossível ver tudo em um só dia.

Minhas pernas estão em petição de miséria e acho uma falta grave eles não terem uma daquelas cadeiras de roda motorizadas. Não digo nada... Só aguento firme.

Tenho que confessar que estou impressionada. A parte interna é cheia de luxo e sofisticação, igual às fotos que eu via da casa da Rainha da Inglaterra.

Tudo tão diferente do Dark que eu conheço, a não ser por uma das torres perto da área esportiva. Ele a está transformando em um centro de treinamento para escalada indoor. Instalação profissional com vários níveis de dificuldade. Nunca tinha visto um vertical tão alto e completo. A ideia de

Dark é que muito em breve, a equipe inteira treine aqui.

— Muito bom, Carmelo. Vamos encontrar com Valentina, pode ser?
— Aless dá dois tapinhas nas costas do velho, afasta-se dele e olha para mim.

— Sei que deve estar cansada depois disto tudo, mas gostaria muito que visse só mais uma coisa.

— Estou bem, não sinto nada. — *Especialmente as pernas, estas foram para o saco há meia hora.* — Gostei de conhecer a história da sua família, a forma como levantaram a cidade do nada, as vinícolas artesanais... Nem imaginava que o alpinismo estivesse na vida da família há mais de um século. E aquela parede indoor, Aless! É a mais radical e completa que já vi.

— A torre é a única coisa com a qual me identifico por aqui. — Olha para mim meio frustrado. — É surreal, né, uma realidade totalmente distante da minha. — Levanta as mãos, apontando ao redor. — Não me sinto parte disto. Nunca me preocupei em dividir esse lado da minha família com ninguém. Mas... estou feliz que esteja aqui, Juliet. Querendo ou não, por mais que não ligue para essas merdas, isso também faz parte de quem eu sou.

— Mas... o Carmelo disse que morava aqui.

— Nunca morei aqui. — Aponta para o chão do castelo. — Converti uma das antigas casas de criadagem em um loft. Morava lá... Um dia te mostro, a Pam está ficando nele.

— Ah!

— Agora venha! São quase seis horas. Preciso ver Valentina, senão ela não dormirá hoje.



20.2

Entardecer

Estou realmente feliz em ver que Dark está levando a sério a história de nos conhecermos melhor. Mas são quase seis da tarde e eu não parei um minuto. A última coisa com a qual estou preocupada agora é se a tal da Valentina vai dormir ou não! Ela que tome uma tarja preta e se resolva!

Já passei há muito tempo do meu limite e, por mais que seja perfeito estar com Dark, me sinto assustada.

Não estou acostumada com alguém determinando todos os meus passos desta maneira. Sempre tentei ser independente e dona do meu próprio caminho. Mostrar para os meus pais superprotetores que posso controlar minha vida. Agora, do nada, uma nova Juliet resolveu dar as caras e me desafiar: virei uma louca... dependente por Dark.

Está foda!

— Quem é Valentina? — Minha curiosidade fala mais alto do que minha agonia.

— Neta do Carmelo — responde e começa a andar me rebocando com ele.

— Só isso? Neta do Carmelo?

— Você é curiosa demais! Não me diga que está com ciúmes dela, também?

Ignoro o entortar de presunção em sua boca.

— Capaz! — Dou uma risada exagerada. — Ciúmes nenhum.

Ele olha sem botar fé, mas não comenta mais nada.

Dirigimo-nos para uma saída lateral e Dark coloca a mão nas minhas costas, segurando firme. O calor de sua pele espalha pelo meu corpo, diminuindo um pouco minha pré-irritação. Solto um suspiro.

Aless abaixa a cabeça para falar próximo ao meu ouvido.

— O dia parece não ter fim, né? — Sorri me sondando, como se pudesse ler meus pensamentos. Ou talvez esteja escrito na minha testa: *estou exausta*. — Está cansada?

— Não — minto. — Aqui é incrível. — Sou sincera.

— Vou sentir falta dessa sua cara mal-humorada amanhã. — Ele pisca para mim, querendo me dobrar. — Tudo isso já é saudades do meu pau? — Seu tom é mais que prepotente.

Afasto dele e solto uma risada nervosa.

Já tinha que meter pornografia no meio!

— Não estou de mau humor e ter saudades desse negocinho? Acho que não. Tem um monte disso dando sopa por aí. — Aponto para o volume em sua calça e faço cara de desdém. Não quero e nem vou admitir, mas vou sentir falta dele todinho.

— Juliet, Juliet, não brinca com fogo — ameaça, enquanto seu rosto contrai. — Não me custa nada te deixar trancada enquanto eu estiver fora!

Tento me perguntar por que a conversa enveredou para esse lado. Ele estava tão bonzinho...

Dane-se!

Corto as bolas dele se acha que pode mandar em mim e me trancar! Sinto a pele do meu rosto esquentar, meço-o de cima a baixo. Ele que vá à

merda! Não faz nem cinco minutos que estamos nos pegando e já está saindo fora!

— Se acha uma boa ideia me “trancar” ... — faço aspas com os dedos — com aquele exército de homens que contratou, vá em frente. — Sou irônica e cutuco seu ponto fraco.

— Caralho! Cacete! Bosta! — Chuta o ar e dou risada. — Melhor você ficar lá no *Nonno*!

— Com o Kai? Por mim tudo bem — retruco e dou de ombros.

— Porra! — Soca a parede do corredor. — Vou cancelar essa porra de viagem.

Oh-oh!

Ele é tão pirado que é bem capaz de fazer isso mesmo. Não quero ser odiada pelo pai dele.

— E vai alegar o quê para o seu pai? Insanidade? E a coitadinha da Rafa? — Pego-o em seu outro ponto fraco.

— Cacete! Que situação mais fodida! — Passa a mãos nos cabelos e depois puxa a barba, furioso.

Quando volta a olhar para mim há fogo em seus olhos. Tremo todinha na base e meu coração dá um salto.

— Você pediu, Juliet! — ameaça.

— Eu não pedi nada! — argumento, confusa.

— Deixa a gente terminar aqui, que vou te mostrar o quanto insano esse *negocinho* pode ser. — Alisa descaradamente seu pau engatilhado. — Vou te deixar de um jeito que vai se lembrar de mim por um ano.

— Isso é uma ameaça? — Arregalo os olhos, nervosa, pensando nas coisas que o *negocinho* dele pode fazer.

— Não. Um fato. Disse para não brincar com fogo. — Sai andando na minha frente, me largando sozinha.

— Vai me largar aqui?! — grito.

— É foda! Puta merda! Estou o dia inteiro tentando te agradar e faz isso! — Joga na minha cara, sem parar de andar. — Ingrata! — berra em resposta.

— Ingrata?! O que foi que eu fiz? — grito de novo, ele ignora.

Solto todos os palavrões que conheço, lembro que o imbecil ficou com a chave do carro e sigo batendo o pé atrás dele.

Ele é quem está indo viajar me deixando a ver navios e a ingrata sou eu?

Saio do castelo, ainda tentando alcançá-lo. O céu está avermelhado e o tempo bem mais fresquinho. Resolvo deixar nossas feras se acalmarem e sigo em silêncio atrás dele.

Ingrata! Ingrata! Ingrata!

As palavras dele não param de martelar na minha cabeça.

Não sou ingrata!

Eu me sinto estranhamente em desvantagem por estar tão longe de casa, todas as minhas referências estão em Roma ou em Londres. Também gostaria de apresentar-lhe o meu mundo.

Meu coração bate tão forte que posso escutá-lo. Penso em chamar por Dark, mas ele segue tão quieto. Com a cabeça baixa, parece mais frustrado do que bravo. Fico sem ação. A tensão emanando e retesando seus músculos das costas é evidente.

Contento-me em apenas em observá-lo... tão lindo todo marrento. Essas costas largas, a *Bunda*... Começo a pensar em seus traços fortes, na

mordida de seus dentes perfeitos, nas linhas marcadas de seu peito e abdômen.

Dio! Dio!

Isso não é hora de querer agarrar o homem! É bom que as consultas com a psicóloga comecem logo, porque a bipolaridade dele é contagiosa.

Passamos por um jardim florido e cheiroso, que mais parece um labirinto. Isso aqui deve dar um trabalhão, cheio de arbustos milimetricamente aparados em formato de cubos, formando um corredor sinuoso e deserto.

Seguimos pelo jardim até chegar a uma espécie de vila fantasma dentro da propriedade. Os sobrados amplos são todos iguais, seguindo o mesmo padrão de pedras da cidade. Todos com floreiras generosas e coloridas nas janelas, varandas e sacadas.

Dark para na frente de um deles, quase colido com ele e paro a dois passos atrás.

Seu perfume de terra amadeirado é um soco em meus sentidos, sempre é. A essa altura, minha raiva já passou faz tempo e... tudo que consigo pensar é em como ele fica bonito pelado.

Madonna Santissima!

Dane-se, não resisto! A tentação de tocá-lo é mais forte do que qualquer bom senso que eu possa ter.

Estico o braço e fecho os olhos na expectativa de sentir os músculos duros da *Bunda* em minha mão.

O máximo que pode acontecer é ele me chamar de louca. Eu o toco. Sou surpreendida. Abro os olhos, minha mão está sobre outro músculo mais poderoso.

Madonna, o bandido virou de frente... Duro... Por que tão duro?

Ainda suspeito do Viagra, porque é impossível alguém ser assim...
Tão... tão disposto.

Estou avessa a tudo e presa a sensação de tê-lo em minha mão. No meu universo paralelo só existe *O Pau*! Ele é como uma entidade independente e poderosa, atraindo-me como um imã. Mesmo sob a calça jeans, consigo sentir todo seu comprimento... É tão grosso... Tão quente, que dá vontade de abraçar.

— Hum-hum... — um som gutural sai de sua garganta, perfurando meus tímpanos.

Fico frustrada e retiro rapidamente minha mão.

Seu alerta conecta *O Pau* novamente ao corpo gigante, quebrando a magia do momento. Sinto-me estranhamente roubada, envergonhada e excitada. Acho que ele me esperava brava, não desavergonhada.

— Des-Desculpe — gaguejo sem coragem de encará-lo. — Eu só...
Eu só quero...

Sinto sua mão áspera agarrar meu cabelo na altura da nuca, me obrigando a levantar a cabeça e encará-lo. Suas pupilas estão tão dilatadas que quase não vejo o tom esverdeado da íris.

— Me enlouquecer, é isso que quer?

Com a falta de delicadeza que já conheço bem, Dark me puxa pelos cabelos fazendo com que nossos lábios se encostem.

Dio de céu! Puta que pariu!

Era disso que estava falando!

Que homem é esse, que parece um neandertal?!

Equilibrando-me nas pontas dos pés, espalmo as mãos em seu peito,

que mais parece uma montanha-russa.

Tum, tum, tum, tum...

Uma metralhadora eclode dentro dele.

— Aless.

— Fecha essa matraca! — Silencia-me.

Quando sua boca encontra a minha, eu me perco. Como sempre, ele parece insaciável. O entra e sai de sua língua, explorando-me profundamente, é quase um atentado.

Revido o golpe e o exploro também. Chupo, lambo, mordo, puxo e gemo. Escuto o som de sua agonia através dos grunhidos que invadem minha boca. Eu o entendo, minha agonia se identifica com a dele. Agarro sua cintura, pressionando meu corpo ainda mais contra o dele.

— Não sou ingrata... — sussurro em tom de desculpas, enquanto busco o ar.

— Pode ser, mas eu... sou um ogro possessivo e louco. Cuidado! — retruca e morde meu lábio inferior chegando a doer.

— Cuidado? Acho que tem coisa muito melhor para fazer do que me amedrontar... — Chupo sua orelha.

Em um movimento único, eu estou em seu colo, com as pernas entrelaçadas em sua cintura. Agarro-me em seu pescoço e suas mãos esmagam minha bunda subindo minha saia jeans. Ele começa a andar decidido para algum lugar que não vejo. A pressão de seu pau roçando na rendinha fininha da minha calcinha e sua boca continuando a me beijar são demais para mim.

Ouç o som de um teclado e abro os olhos. Uma porta abre e fecha e, em questão de segundos, estou pressionada contra ela pelo lado de dentro.

Não tenho a mínima ideia de onde estamos. Dark continua seus assaltos, mordendo meu ombro, pescoço, mandíbula e volta a me beijar.

Ele se esfrega despidoradamente em mim, como em uma dança de uma cobra erótica. Penetrando-me ainda vestida... não diz nada, só grunhe e solta palavras em minha boca:

— Porra! Cacete! Caralho!

O impacto de seu quadril, chocando-se contra o meu, é tão grande que meu corpo desliza para cima e para baixo na madeira rústica da porta.

— Aless...

— Não adianta reclamar, pediu por isso.

Fazendo um gancho com seu dedo, ele puxa minha calcinha, já molhada, de lado. Seus dedos esbarram na minha bocetinha encharcada e estremeço. Pequenos gemidos escapam enquanto tento respirar. Mexo meu quadril implorando por seu toque.

— Aless... — choramingo. — Diga que estamos bem...

— Só sei um jeito de dizer isso...

Como um desesperado com medo que eu escape, ele me imprensa mais ainda contra a porta, perco o ar. A mesma mão que alcançou o preservativo no bolso, o leva à boca...

Trash!

— Puta que pariu! Destrocei o caralho do preservativo! — esbraveja.

— Pega outro — suplico.

— Era o único.

— Dane-se a camisinha! Me fode assim mesmo! — Não peço, não suplico... Exijo.

Ele recua o tronco, me avaliando.

— Juliet, não sei...

— Aless, somos saudáveis, testados, vacinados e medicados. Já passei mais de uma hora, com uma camisinha cheia do seu esperma enfiada em mim. Posso senti-la até hoje...

— Está machucada?

— Não... Mas vou ficar péssima se não me comer agora. Por favor...
— Faço biquinho.

— Baixinha, Baixinha... Não sei se eu te puno por me deixar tão puto ou... — Sua barba arranha a pele de meu pescoço quando ele passa os dentes dando pequenas mordidas. — Ou se eu te agradeço por existir.

Ele me encara e posso sentir sua mão trêmula segurando meu bumbum. Como se todo seu corpo fosse um vulcão prestes a explodir.

Esmagada entre ele e a porta, eu só sei sentir. Meus olhos estão arregalados e grudados nos dele. A sensação de sua posse é mais do que intensa, para ser chamada só de prazer. Vai além de tudo que já experimentei.

— Aiiii, Alesssss!

Penetra-me de uma vez, sem aviso e em um duro empurrão. Ele paralisa, afunda o rosto em meu pescoço e um urro primitivo de gozo e prazer brota em sua garganta.

— É como vestir uma luva... delicada e apertada... exclusiva e feita sob medida! Porra, Juliet!

Sai de mim lentamente, como se quisesse tatuar em sua pele, cada centímetro meu.

— Sente isso? — sussurra extasiado.

Concordo freneticamente. Minha respiração falha.

— Minha coelhinha gulosa! — diz e eu solto um gemido trêmulo,

agarrando seu quadril com minhas pernas impedindo que se afaste.

— Não! Mais! Ele é tão macio... Tão duro! É quentinho... — imploro, ele sorri.

Seu pau espreme forçando a entrada. Estou tão molhada e com ele livre da camisinha, desliza se fundindo a mim. Somos um só... Pele contra pele, penetra-me inúmeras vezes. Mete, mete e mete tão confiante, sabe que me domina. Só sei gemer e gritar em como isso é gostoso demais. Sua pele crua esfregando contra a minha exatamente onde eu preciso, os suores se formando em nosso rosto.

— Porra de boceta mais gostosa! Meu pau ama isso aqui!

Eu me desfaço embaixo dele. Amo o som grosseiro de nossas virilhas se chocando, tão bruto, cru e instintivo. Agarro-me a ele, trepo e quase o escalo.

— Aless... Eu... Eu...

Dark levanta meu tronco com a força de seus braços e cravo a unha neles.

— Não feche os olhos. Goze comigo. Me mostre como somos perfeitos juntos.

Estou à beira de ter um orgasmo... Outro daqueles.

— Ahhh... Meu gigante gostoso... — Solto em meio a outro gemido.

— Seu... Seu, só seu... — grunhe e traz sua mão entre nós acariciando meu clitóris.

Seu polegar sobe e desce espalhando minha umidade e estremeço. Em seguida, círculos perfeitos começam. Seu quadril se torna mais brutal, como se quisesse me punir e possuir ao mesmo tempo.

Minhas entranhas começam a contrair... Engolindo seu pau poderoso

mais e mais. Meu corpo fica trêmulo, posso senti-lo pulsando dentro de mim. O jeito como estremece sob a minha pele úmida é arrebatador. Ele se curva e sua boca engole a minha... Perco-me novamente... Há tanta voracidade e necessidade. Meus gemidos e os urros dele são abafados entre um beijo guloso e outro.

Nossos corpos entrelaçam e se misturam em uma onda de prazer... Como amantes recém-descobertos e insaciáveis, começamos a delirar.

— Juliet...

— Aless...

— Juliet...

— Alesssssss...

— Minha coelhinha safada! Ahhhhhhh! — geme, aliviado.

Segundos... Minutos se passam enquanto ficamos parados e extasiados, com os corações descompassados e a respiração pesada. Ele me abraça, eu o aperto. Tenho medo que o momento acabe.

Tento me acalmar, beijo seu pescoço, mordendo e chupando a parte macia de sua orelha.

— Obrigada por isso. Cada dia gosto mais e mais de você — confesso.

Seus lábios pressionam minha têmpora.

— Gosta mesmo? Mais e mais?

— Hum-hum... mais e mais.

— Faria uma coisa por mim?

— É só pedir.

— Nunca mais chame meu pau de negocinho, entendeu, Juliet! — Cutuca-me com seu *troção* ainda dentro de mim.

Abusado!

— Aiiiii! Nunca mais, prometo. — Solto uma gargalhada e beijo sua bochecha. — Ele é incrível... e imenso. Tá bom assim?

— Posso conviver com isso, apesar de não ser incrível, ser fenomenal.

— Convencido. — Faço biquinho.

— Realista. — Beija a ponta do meu nariz. — Venha, preciso cuidar de você. Devem achar que fomos abduzidos pelo fantasma do Tio Leopoldo, que vaga pelo castelo.

— *Dio!* — Faço o sinal da cruz, assim que ele me coloca no chão. — Vira essa boca para lá, Dark!

— Aless, porra! Que foi? — Balança a mão para me assustar. — Tão birrenta e corajosa, mas com medo de um fantasminha?

— Não é medo, seu idiota, é só falta de afinidade!



Depois que terminamos e Dark certificou-se de que eu estava inteira e longe de qualquer vestígio de seu ataque, ele me mostrou rapidamente onde estávamos. Seu famoso loft. Um lugar totalmente reformado e bem masculino. Muito preto e aço escovado misturando-se às vigas de madeira aparente. Bonito, mas frio. Agora era a mais nova casa da Pam. Ao contrário do que eu imaginava, nenhum dos dois morava na vinícola antes dessa temporada.

Segundo me explicou, Pam alugava uma casa na cidade, mas estava caro demais para manter-se sozinha depois que rompeu um relacionamento. Cheia de despesas extras, ela pediu para ficar na vinícola, mas Dark achou melhor ceder-lhe o loft por se adequar melhor ao estilo vida dela. Horários

malucos e muitas responsabilidades. Já Dark...

— Por que abriu mão do conforto disso aqui?

— Quê? Desculpa, estou meio fora do ar ainda.

— O loft, por que desistiu dele?

— Porque tenho um fetiche em coelhinhas e tinha chegado um espécime raro e único por lá. Não resisti, precisava ficar na vinícola.

— Seu tarado pornográfico obsessivo!



Com quarenta e cinco minutos de atraso chegamos, finalmente, no último ponto turístico da saga: *Conheça Dark em um dia*.

A última casa da vila, a única diferente das outras e bem maior do que todas, com um jardim exclusivo e acesso direto às ruas de Bolgheri, através de um portão incrustado na muralha. De longe já posso ouvir o burburinho de vozes de várias idades, latidos e o piar de diversos passarinhos em gaiolas na varanda. Uma verdadeira confusão italiana.

Dio! Que diacho está acontecendo ali dentro?



20.3

Entardecer

Mal Dark digita o código e a porta abre, vozes animadas ecoam por todo o canto.

Espio ao redor e o lugar parece como uma grande creche ensolarada e clara. Paredes repletas de desenhos e rabiscos. Logo na entrada, uma fileira de casaquinhos de todas as cores enfileirados nos dão as boas-vindas.

— É uma creche? — questiono, surpresa.

— É o Centro de Convívio Alex Stefano. A primeira obra assistencial da *Mountain*.

— Alex? O seu Alex? O amigo morto?

— Sim, ele mesmo.

Uma senhora robusta, com os cabelos acaju, chega interrompendo a explicação de Dark.

— Alessandro! Já estava achando que tinham desistido e que não viriam mais hoje. Carmelo acabou de chegar, disse que tinha saído há um tempinho. — Seu semblante cai repreensivo enquanto nos beija e abraça sem cerimônia.

— Culpa dessa moça aqui. — Dark ri cínico. — Fui obrigado a fazer uma parada no loft porque ela cismou que precisava conferir um negocinho antes de virmos. — Aponta para mim, fazendo uma careta do tipo: “*Cuidado! Essa aí não bate bem*”.

Sinto minhas bochechas incendiarem. Dou um sorrisinho sem graça

para a senhora.

Ele me paga!

A senhora me mede de cima a baixo. Acho que conclui que sou inofensiva, já que faz um gesto de “*deixa disso*” para ele.

— Brina, muito prazer — apresenta-se a mim.

— Juliet — respondo intimidada.

— Venham, estão todos no refeitório jantando. Pam e Carmelo estavam ajudando, as coisas estão impossíveis por aqui. Acho que vamos precisar de mais pessoal.

Do nada, ela se vira para Dark, horrorizada.

— Acredita que ontem, a Martina enfiou cola dentro da calça do Carlo? Não conseguimos tirar tudo ainda, o pobrezinho está todo grudado!

— Ela continua com aquela mania? — Dark pergunta parecendo se divertir.

— Piorou, Alessandro, não sei mais o que faço com aquela mãe dela. A menina chegou aqui hoje, com mais uma daquelas. — Faz cara feia e se benze, sem querer entrar em detalhes.

— E Valentina?

— Impossível como sempre. Pam não sabe mais o que fazer com ela. A peste só respeita Carmelo e você.

Olho sem entender para Dark.

— Valentina é criança?

— Sim.

— Qual é a relação da Pam nisto tudo? — pergunto cabreira.

— Pam é filha de Carmelo, nos conhecemos desde crianças — explica-me.

— Mas... Mas Valentina é neta de Carmelo. — Minha cabeça começa a pirar em mil possibilidades.

— Sim e filha de Pam — responde-me despreocupado. — E Fred, Brina? — muda de assunto me deixando cheia de perguntas.

— A doutora Pam falou que ele está evoluindo bem. A companhia de outras crianças tem sido fundamental, ele tem interagido cada vez mais e até arranjado algumas brigas. A nova enfermeira tem se dedicado bastante aos exercícios motores e a fonoaudióloga conseguiu avanços significativos. — Os olhos da senhora enchem d'água. — Ontem ele falou CAZZO! Acredita? Tanta palavra nova para esse menino aprender a falar e sai *cazzo*!

Dark solta uma gargalhada sonora e divertida, e seus olhos iluminam.

— Genética, Brina! O moleque é escarrado o pai. O requinte no vocabulário é prova disso!

— Alessandro!

— Desculpa, Brina, mas... — os ombros largos se levantam — tem que deixar o menino se expressar! Sempre acreditei que muitos dos problemas dele são reflexos da perda do pai e do abandono da mãe.

— Verdade. — Os lábios finos da senhora tensionam. — Foram anos difíceis no começo, mas agora o bichinho está florescendo a cada dia. Venham, as crianças estão ansiosas.

Seguimos por um corredor em direção aos fundos e no caminho ela vai me mostrando algumas salas: de música, estudos, artes e ambulatório. Tento, disfarçadamente, abordar o assunto Valentina, mas Dark me corta:

— Depois, Juliet, depois.

De repente, a Terceira Guerra Mundial eclode. A cozinha explode assim que Dark aparece na porta.

Umas trinta crianças, de várias idades, largam seus pratos e correm para ele. Fico estarecida com a paciência dele com cada uma delas, sua falta de jeito é óbvia e ele parece um gigante andando sobre ovos. Derreto-me um pouco.

Um ogro adorável!

Meu peito infla de ternura.

— Crianças se acalmem! Ai, ai, ai! Agradeçam os presentes e terminem o jantar, parece que nunca viram o homem! Deixem o tio Alessandro em paz! — ralha Brina, seu tom é de um general.

— Obrigado, tio Alessandro! — dizem em coro e voltam a se sentar.

Tio Alessandro? Ownnnn...

Um suspiro involuntário me escapa.

— Onde está Pam? — Sem graça com os agradecimentos, Dark muda de assunto.

— Lá fora, no trepa-trepa. — Brina aponta para trás.

Dark pega minha mão e começamos a ir em direção à porta dos fundos.

— *Pene*^[65] mágico!

Uma ruivinha de uns três anos chega, do nada, e agarra os documentos de Dark, que dá um salto de dois metros para trás.

— OPA! OPA! Que é isso, Martina? Aí, não! — Ele parece em choque.

— Não? — A carinha dela indica que não entendeu a proibição.

— Não — Dark enfatiza, agitando um não bem grande com o indicador. — Fique longe desta área aqui, ouviu, mocinha!

— *Pene* mágico! — A menininha sorri e tenta pegar nas partes

íntimas dele, novamente.

Não resisto e caio na gargalhada pela cara de passado que Dark faz. Ele me fuzila e rio mais ainda. Brina vem em seu socorro.

Ela pega a menina no colo, que acaricia o rosto da senhora, com uma cara de sapeca.

— Martina! Ai, ai, ai! Já te expliquei que não tem nada de mágico nos pipis dos meninos, minha querida.

— Tem *ximm*! — Emburrada, a criança faz um biquinho. — *Mamma* pegô na *valinha* do tio Ludo e *falô pene* mágico, *ximm*. Me dá a *valinha*! Quero maravilhas também! — Ela estica as mãozinhas em direção a Dark e começa a chorar, e a se debater.

Espio Dark, que passa a mão na barba puxando-a sem saber como agir.

— Calma, Martina. Aquilo ali não é mágico não. — Acaricio o rostinho dela e faço cara de nojo e ela me olha soluçando. — A Cinderela me contou um segredo, quer saber?

Os olhinhos dela acendem quando para de chorar, para me encarar desconfiada e curiosa.

— A *Cindelela*?

— Hum-hum... A própria! — Abro um sorrisão. — Cindy disse que sua *mamma* se enganou... Tadinha dela. — Pesarosa, balanço a cabeça. — E... aquilo ali. — Aponto para o bem precioso de Dark. — É um só cabinho, vai cair já, já.

A menininha arregala os olhos e olha para ele com nojo.

Olho ao redor, vejo uma lata cheia de colheres de pau, vou até ela e pego uma. Entrego-a para a menininha.

— Essa aqui, sim, é mágica! Igual à da fada da Cinderela.

— Que caralho de cabinho é esse, Juliet? — Dark sussurra em meu ouvido.

— Depois, Aless. — Pago na mesma moeda.

Martina pega a colher e a examina. Em seguida, olha para a virilha de Dark, que a esta altura, a mantém escondida sob as mãos... Olha para mim... Para Brina e finalmente sorri. Dá uma colherada na minha cabeça e cai na gargalhada.

— Eu tenho *vagiba* e coleí o *pene* do Carlo! — diz feliz da vida.

Engulo a gargalhada.

— Puta que pariu! Alguém tem que conversar com a mãe dessa criança! — Dark perde a paciência.

Brina tapa o ouvido de Martina. As outras crianças caem na gargalhada e uma sequência de puta que *parius* toma conta da cozinha.

— Que belo exemplo, Alessandro! — rosna Brina.

— Desculpa.

— Falar com a mãe dela é o que eu mais tenho feito. Mas você conhece o fogo da Guilhermina. Todos os homens da cidade já frequentaram a casa dela. A criança não tem culpa se repete o que a mãe diz! Ela nem deve saber o que é um *pene*.

— Sei, *ximm*! É mágico! — A pequena sorri satisfeita por colaborar com a conversa.

Dark se contorce de agonia.

Minha imaginação hiperativa começa a trabalhar fazendo todos as ligações possíveis.

O ar fica imediatamente pesado e encaro Dark mandando um

discreto sinal mental de: “*Eu-Sei-O-Que-Fez-No-Verão-Passado*”.

Ordinário!

— Por acaso, a mãe dela é ligada à área de saúde? — investigo com um sarcasmo evidente em minha voz.

— Sim, trabalha no hospital. Por quê?

Sabia!

Maledetto!

— Nada, não. Curiosidade. — Meu sangue esquenta. — Vou lá fora encontrar a Pam. Se me der licença, Brina. — Não espero por uma resposta e saio decidida.

Escuto os passos apressados de um Dark soltando vários palavrões atrás de mim. Ignoro-o.

Na área externa há um parquinho, árvores e uma mesa de piquenique. Vejo Pam e o senhor Carmelo. Uma menininha salta do colo dele e corre na direção de Dark, assim que o vê. Ela está com um vestidinho rosa e tem imensos laços vermelhos adornando os cabelos escuros. Seus olhos castanhos destacam-se sob a franjinha. Parece mais nova do que Martina.

— *Babo! Babo!* — Ela corre com os bracinhos esticados, lançando-se sobre ele.

Dark a pega no colo, faz aviãozinho e vão direto brincar com um menino loirinho.

Congelo...

Não só pelo *babo*, mas porque junto do menino ruivinho, que presumo que seja Fred, em uma cadeira... está a enfermeira sexy, da noite de ópera na vinícola, segurando um canudinho para que o menino tome alguma coisa. Prestes a virar uma demônia, viro para Dark, que parece indeciso entre

recuar e continuar. A cara dele está pior que a do meu irmão, Julio, quando foi pego se masturbando com uma abóbora.

Só para constar, nunca tive ciúmes na vida! Mas presumo que meu sintoma imediato, de querer socar a cara de Dark e vomitar no uniforme indecente da lambisgoia, comprove o contrário. Mais uma das epidemias bipolares transmissíveis por Dark.

Preciso, mesmo, de uma sessão urgente com a psicóloga e de uma desintoxicação libidinosa.

— Se quiser, não precisamos ficar. — Dark recua e toca em meu braço.

Ignoro-o. Sorrio para Valentina, que me avalia e mostra a língua. Não digo nada. Num impulso, faço o mesmo.

Criaturinha mal-educada!

Dark olho feio para mim e imagino seu corpo voando para longe, igual ao de um homem-bala e viro, e o excluo de meu campo de visão.

Minha atenção volta-se para a pequena guerra de olhares que travo com a loira oxigenada... Aquela que tirou a calcinha e deu para Dark... A mesma que ele jogou na lata de lixo, lembram? A dona da voz estridente que tem habitado minhas piores lembranças.

— Juliet. — Pam abre um sorriso ao me ver.

Visto minha máscara de “*não estou nem aí*” e me aproximo. Junto-me a eles na mesa de piquenique. Dark vem em seguida e se senta ficando grudado em mim. Afasto e ele chega mais, afasto de novo e ele chega mais... Vamos nesse movimento teimoso até acabar a madeira do banco. Quando vou virar para reclamar, não tenho nem tempo de reação.

Plaft!

Sou atingida no olho pelo tapa de direita de Valentina, que sorri diabolicamente para mim.

— Meu!

— Valentina! — Dark agarra a mãozinha da peste, que gargalha feliz.

— Meu!

— Valentina! Ai, ai, ai! Já conversamos sobre tapas e mordidas, filha! Desculpe, Juliet.

— Meu!

— Essa menina precisa de terapia. — Carmelo tampa o rosto com as mãos.

— Pai!

— Pamela, ela anda muito agressiva! Ontem mordeu a testa do Fred! O coitadinho não sabe se defender! Respeite minha opinião, sim?

Avalio a testa de Fred, que ostenta uma mordida roxa escondida sob seus cachos ruivos. Sua expressão é tranquila e os olhinhos brilham, em uma espécie de admiração, ao observar Valentina brincando.

Lanço um sorriso compreensivo para Pam, me seguro para não esganar a enfermeira que solta uma gargalhada.

— Sem problemas, Pam. Sua filha é uma graça — minto e giro o corpo.

De costas para Pam, ignoro Dark e miro bem nos olhos da peste de laços. Uso minha telepatia infantil e metalizo um: “*experimenta fazer isso de novo, sua demônia mirim!*”

Plaft!

— Meu!

— Valentina! — Dark se levanta e sabiamente a afasta de mim.

— Desculpa mais uma vez, Juliet. Ela tem adoração pelo *babo* dela.

— Você e Dark são os pais dela? — Quase engasgo e Carmelo faz uma cara de desgosto para a filha.

— Ah, não... Pelo menos, não no sentido bíblico. Valentina foi abandonada na porta do centro há um ano. Hoje dividimos a guarda provisória dela.

— Como pais adotivos?

— Tutores legais, até ela completar cinco anos.

— É o tempo que a juíza da comarca pediu para ela ser reclamada — Carmelo entra na conversa.

— Sempre quis ser mãe. — Pam sorri com ternura. — Mas minhas escolhas amorosas dificultaram um pouco as coisas. — Ela levanta os ombros justificando-se. — Fica complicado encontrar um homem que aceite abrir mão da paternidade.

— Se pelo menos quisesse se casar com o pai em questão... — Carmelo a interrompe.

— Pai! Aqui não! Já discutimos isso, sim?

O velho ergue as mãos em sinal de rendição, levanta-se da mesa indo em direção a Dark e Valentina. A enfermeira aproveita a deixa dele e o fato de Fred ter dormido para se afastar também.

— Desculpe, Juliet, meu pai adora o Alessandro, não se conforma que somos só amigos. Pensou que rolaria um casamento quando ele se ofereceu para me engravidar.

Como é que é?

Opa, opa, opa!

Eitaaaa! Para tudo que eu quero descer!

Que merda é essa de engravidar?

— Engravidar vo-você — gaguejo quase enfartando. — E ele se ofereceu?

— E poderia ser de outra forma? — Pam gargalha. — Sabe como Alessandro é neurótico com essa coisa de riscos. Queria usar um banco de doadores, mas ele foi totalmente contra. Infernizou-me dizendo que o pai poderia ser um assassino ou um psicopata. — Revira os olhos. — Acabei cedendo, tentamos várias vezes. Cheguei a ficar grávida, mas não sustentei. Descobri que meu útero não é apto para levar uma gestação até o final.

Entro em estado alfa. Uso a técnica da negação e finjo que não é sobre Dark que ela está falando. Aperto minhas mãos que coçam de vontade de dar uma bofetada nela. *Não posso!* Não é com a Pam que tenho que tirar satisfações.

Merda!

Eu nem existia na vida deles!

— Sinto muito, Pam. — Forço um sorriso.

— Não sinta. Acredita em destino?

— Destino? Não sei... Acho que sim.

— Não sei se sabe, mas Fred... — Aponta para o anjinho ruivo adormecido ao lado dela. — É filho do outro Fred, o que era sócio do Alessandro. Quando o menino nasceu, a mãe sumiu deixando-o com o pai. Sem saber onde estava a desnaturada da mãe e com todos os projetos de escalada, Fred precisava de ajuda para cuidar do menino. Dark sugeriu que pai e filho viessem morar aqui na vila e tivessem a ajuda de Brina. Foi a forma que Alessandro encontrou para manter pai e filhos juntos. Foi só depois disso, que outra ideia lhe surgiu: criar um centro infantil. Já tínhamos

toda a estrutura, Dark achou que deveríamos favorecer às famílias locais. Quando Fred morreu, me ofereci para adotar o garoto. Mas a juíza negou. Querendo ou não, ele tem avós paternos e uma mãe. Acabei desistindo da ideia.

— Coitadinho do menino, privá-lo de ter uma família que o queira. — Me contorço no banco e solto um suspiro. — Às vezes, a justiça é tão injusta — comento e sinto-me ridícula com os pensamentos enciumados que ainda me incomodam, mas não posso fazer nada, é a mais pura verdade.

É oficial! Dark já pegou toda a população feminina de Bolgheri. Não duvido nada que até Brina esteja nesta lista.

— Pois é, justiça injusta... — Pam dá risada e me sinto mais tola ainda. — Mas de uma forma ou de outra, Fred está aqui. — Ela passa a mão nos cabelos dele. — Alessandro não permitiria que fosse de outra forma. Esse homem é fiel aos amigos. Cuidar do garoto é questão de honra para ele. Os avós paternos preferem que seja assim, vêm visitá-lo de vez em quando e Dark faz de tudo pelo garoto. Acho que, secretamente, sonha que o menino comece a andar logo e se torne um alpinista como o pai.

— Determinado do jeito que Aless é, não duvido — afirmo lembrando-me de como ele é destemido e insistente.

Olho para Dark e não gosto nadinha do que vejo. A oxigenada da saúde está se insinuando toda, agarrada no trepa-trepa.

Achou seu habitat ideal, né, vaca!

— Nem eu. — Pam olha na direção deles e balança a cabeça em desagrado. — Sabe, Juliet... Quando Alessandro quer uma coisa, entra de cabeça.

A imagem de Dark entrando de cabeça na enfermeira quase me tira do sério. Passo a mão no rosto, querendo matar um. Respiro pausadamente,

rezando para que Pam não tenha percebido nada.

— Mas... E a Valentina nessa história toda? — mudo de assunto.

Os olhos de Pam brilham.

— Valentina foi abandonada aqui na porta. Quando a vi, tive certeza de que ela seria minha filha. Estava em um relacionamento estável, fiz o pedido de guarda, mas acabei me separando antes do veredicto final. A juíza da comarca me considerou emocionalmente instável. Entrei em desespero porque o juizado queria levá-la para Roma. Foi aí que Alessandro interveio, usou a influência da família, convenceu a juíza e se comprometeu em compartilhar a guarda comigo.

— Então vocês vão adotá-la? — pergunto com o peito apertado.

A ideia de ver Dark sendo pai com outra mulher me revolta o estômago. Não que eu não queira que ele seja pai dos meus filhos, nem eu sei se quero ser mãe um dia, mas...

Droga!

— Não. Alessandro se ofereceu, mas sei que filhos não estão no topo de sua lista. — Essa novidade me surpreende. — Pretendo adotá-la sozinha. Já conseguimos uma vara de família, em Roma, flexível à adoção por parte de uma mãe solteira. Os advogados da *Mountain* já têm tudo engatilhado; assim que ela completar os cinco anos, entramos com tudo.

— Uau! Não sabia disso — comento mais aliviada do que surpreendida. — Você na *Mountain*, as viagens, o hospital, agora uma filha! Não é à toa que anda sempre a mil... e nunca temos oportunidade de nos ver.

— Uma pena mesmo, adoraria muito passar mais tempo com você. — Ela pisca para mim. — Minha sorte é que Alessandro é compreensivo e tenho meu pai que fica com Valentina quando preciso. E... as viagens fazem parte. Existem muitas profissionais com filhos no alpinismo. A maternidade

não as impede de irem às expedições. Ao contrário, é uma motivação a mais. E as crianças sempre se adaptam.

— É... pensando por esse lado, acho que tem razão — reflito e concordo.

Dou uma nova conferida em direção ao trepa-trepa. Dark se mantém afastado da mulher, que continua jogando charme em sua direção. Quando volto para Pam, ela me olha com piedade. Eu forço um sorriso, mas nem tento disfarçar.

— Às vezes, Alessandro viaja. Vamos acabar com a festa da ordinária — Pam diz conspiratória e eu balanço a cabeça sem entender. — Roberta!

— Sim, Doc.

— Já escureceu, está esfriando. Coloque Fred na cama.

— Em um minuto, Doc.

— Agora, Roberta! Não está aqui para ficar de papo furado. Para eu colocar outra em seu lugar, não me custa nada. E Roberta... É doutora Pamela, sim? Nem Doc., nem Pam... Doutora Pamela! Estamos entendidas?

— Entendidas, doutora Pamela.

Contrariada, a mulher obedece às ordens de Pam, pega Fred nos braços e vai rebolando em direção à casa. Dark sorri agradecido como se a amiga o tivesse livrado de uma fria e volta a conversar com Carmelo.

— Vaca! Estou com essazinha pela hora da morte! — Pam revira os olhos. — Se não fosse a falta de pessoal qualificado, já a teria dispensado.

— Vaca? — Sorrio tapando a boca com a mão.

— Hum-hum... Do tipo venenosa ainda por cima.

— Pelo jeito, Dark não perdeu ninguém na cidade — desabafo.

— Tem exceções, Juliet! — Ela gargalha. — Sempre existem as casadas e as lésbicas. Mas relaxa, conheço-o desde que nasci, está de quatro por você!

— Dark? De quatro? Não... Apaixonado, eu acredito, mas de quatro é um pouco demais. — Dou um sorriso nervoso.

— Sério! Nunca o vi assim tão sorridente desde o... — ela interrompe a frase, franzindo os lábios.

— O acidente — concluo.

— É... Mas deixa para lá, é passado. Estava mais do que na hora dele começar a superar estes traumas. Falando em acidentes, alguma nova contusão?

— Nada novo! — Acho graça. — Só hoje que exagerei um pouco nos treinos e minhas pernas estão me matando.

— Tenho um relaxante muscular no ambulatório. Ele é um pouco forte, mas vai te fazer relaxar, dormir como uma pedra e acordar nova amanhã — oferece em tom amigável.

A ideia de acabar com a sensação pesada em minhas pernas é tentadora. Acordar zerada amanhã, melhor ainda! Aceito a orientação médica e sigo Pam em direção da casa.



Tempo, tempo, tempo...**Dark****Dias depois em algum lugar de Mônaco...**

— *Mas que caralho é esse? Mais um dia? Nem fodendo!*

— *Doutor Flint, meu laudo é irrefutável, vai ter que liberar a paciente.*

— *Minha clínica, minha paciente, minhas regras, doutora Pam. Perdeu seu tempo vindo até aqui para se mancomunar com seu amigo. Não vou assinar a liberação.*

— *Experimenta não assinar, seu merdinha!*

— *É isso mesmo, doutora Pamela? O filhinho de papai está me ameaçando?*

— *Não! Alessandro só está estressado com tudo isso.*

— *Estressado? Nãoooo... Estou calmo pra cacete! Esse aí ainda não viu nada. Já faz dez dias que estou aqui nessa merda de cidade! Larguei minha vida em Bolgheri para acompanhar o circo que esse doutorzinho de quinta e Zetta armaram!*

— *Está duvidando das minhas qualificações profissionais, Alessandro?*

— *Não. Estou é impressionado com sua cara de pau, seu canalha!*

— *Ai-ai! Meu nariz! Socorro! Esse louco me socou!*

— *Alessandro, pelo amor de Dio, larga o homem! Tomou o calmante hoje? Calma! Não piore as coisas!*

— *Calma é o cacete, Pam!*

— *Aiii, meus dentes, quebraram!*

— *Seguranças! Seguranças!*



Depois da briga, fui arrastado para a delegacia e para o hospital. Saí do primeiro com um aviso de restrição e do segundo com quatro pontos em um corte que fiz na mão. Além de ter que manter uma distância de trinta metros do doutor Flint, fui obrigado a pagar pelo estrago que fiz nos dentes daquele bunda-mole e aturar os abutres da imprensa sensacionalista de Mônaco.



— *Alessandro, Alessandro, algo a declarar para a imprensa sobre o incidente na clínica? É verdade que o conde pretende se separar?*

— *Meu cliente não tem nada a declarar, senhores.*

— *Mas e o processo por agressão?*

— *Sem queixa-crime, senhores. Passar bem!*



Se por um lado, um novo escândalo era tudo o que eu deveria evitar; por outro, consegui o que queria. O laudo que Pam emituiu, alegando que Zetta estava em plenas condições físicas e mentais, foi aceito. Nada mais dela se esconder em uma clínica para fugir do inevitável: o divórcio.

Sei que é minha mãe, mas Zetta se superou. Passou dos limites, conseguindo o impossível: mandar para o espaço a paciência infinita do Conde de Bolgheri, meu pai.

Mais uma vez, um de seus escândalos explodiu. Segundo as manchetes, o amante atual atende pelo nome de doutor Flint. Sim, o bastardo engomadinho e, agora, médico desdentado com diploma de fundo de quintal. O cara que vive à custa do dinheiro que Zetta tem desviado da pensão de Rafa e do meu pai. E o mesmo mau-caráter que acobertou a falsa tentativa de suicídio dela.

Um showzinho particular que fui obrigado a presenciar assim que cheguei a Mônaco, naquela terça-feira... Há dez dias.

Zetta se trancou no quarto, esvaziou um vidro de *Valium* misturado a uma garrafa de *Moët & Chandon*. Verdadeiro mesmo só o champanhe, os remédios inofensivos e adulterados foram uma cortesia manipulada pelo doutorzinho. E a estadia na clínica, uma tentativa de adiar a assinatura dos papéis.



LE PETIT JOURNAL MONACO – A condessa Zetta, que deveria estar em coma, segundo laudo de seu médico, é fotografada aos beijos em piscina de clínica.

THE RIVIERA NEWS – A farsa real da condessa Zetta: sexo, drogas e traições.



Descobrir a farsa de minha mãe foi só a cereja do bolo. Minha vida virou um inferno desde que pisei em Mônaco. Para poupar meu pai e deixá-lo respirar, assumi temporariamente os negócios. Para piorar a situação, Rafa

não para de chorar. Sente-se culpada pelo divórcio e por completar dezoito anos. A partir de agora, ela se tornará a única responsável legal capaz de movimentar os milhões que seu pai biológico lhe deixou de herança.



— *Sra. Nierran, limpe minha agenda de amanhã de manhã. Irei acompanhar a saída de Zetta da clínica.*

— *Pode deixar... Hum... Senhor Alessandro, sinto muito por tudo, transmita nossas condolências ao conde, sim? Estamos ansiosos pelo retorno dele. Ele está bem?*

— *A base de calmantes, mas se recuperando. Assim que assinar os papéis do divórcio, ele estará de volta.*

— *Folgo em saber, senhor.*



— *Senhor Alessandro, a imprensa está aqui para saber sobre o incidente na clínica.*

— *Dispense-os.*

— *Como quiser, senhor.*



— *Senhor Alessandro, seu smoking para a recepção do cônsul Pierre Fromage, na embaixada francesa, acaba de ser entregue.*

— *Tem certeza de que não podemos declinar do convite, Sra. Nierran?*

— *Receio que não, senhor. Ele é o maior parceiro do conde, além de amigo. O departamento de Relações Públicas acha imprescindível a sua*

presença e da senhorita Rafaela como forma de aquietar os rumores do escândalo na sociedade e na mídia.

— Confirme, vamos enfrentar as feras, então!



— Sr. Alessandro, o diretor do Banco Central Africano chegou aqui para a reunião. O conde e a senhorita Rafaela já estão na sala de reuniões para a assinatura definitiva da posse da herança. Depois encerraremos por hoje.

— Encaminhe o diretor até eles. Chegarei em seguida. Vou passar uma água no rosto. Estou exausto, Sra. Nierran.

— Se me permite a indiscrição, senhor... Tem feito um trabalho impecável. Sua dedicação ao conde é admirável. Tenho certeza de que seu pai deve estar orgulhoso.



Os novos papéis da herança foram assinados graças a uma pequena manobra jurídica arquitetada pelo conde e pelo milionário do petróleo, pai biológico de Rafa, antes desse último falecer de câncer. Pelo acordo de nascimento, Zetta seria a tutora legal da filha até seus vinte e um anos. Seria... se não fosse por sua ganância desmedida. Mês após mês, durante anos, minha mãe torrou o fundo de pensão de Rafa como bem quis... em festas, viagens, roupas e amantes... Em último em sua lista de prioridades, lógico, a filha.

Preocupado, meu pai procurou o magnata. Bastou juntar o arrependimento de uma vida inteira por parte de um pai biológico com o zelo de um homem exausto em ver sua filha adotiva sendo lesada, mais alguns encontros secretos para que homens, que antes eram rivais, se tornassem

aliados e amigos, movidos por um bem maior: não deixar que Zetta jogasse no ralo a segurança financeira de Rafa.

E *pah!* Em um golpe de mestres, o testamento foi alterado e sem margem para contestações. O castelo de Zetta ruiu e ela descobriu da pior maneira.

Seu cartão de crédito foi bloqueado e uma transferência para a conta do Dr. Gengiva, negada. Devido ao acordo pré-nupcial, muito bem articulado pelo meu avô paterno, já falecido, Zetta não tem direito a nada em caso de traição. No máximo, uma pensão por pura generosidade de meu pai. Uma queda brusca em seu padrão faraônico, além de amargar a perda de seu bem mais precioso: o título de Condessa Di Bolgheri.



Zetta

— *Como assim, meu cartão está bloqueado? Sou cliente Máster Vip Preferencial, quero minha transferência executada agora!*

— *Como lhe disse, seu saldo é insuficiente, senhora.*

— *Sabe com quem está falando, sua subalterna insolente?! Sou a condessa Zetta Salvatore Di Bolgheri! Quero o presidente do banco neste telefone agora!*

— *Receio não ser possível, senhora.*

— *Pare de me chamar de senhora! Sou uma condessa!*

— *Não é o que consta no comunicado que recebi do presidente do banco, senhora.*

— *O quê? Comunicado?*

— *Aqui diz que seu saldo foi transferido para uma conta dos comuns, senhora. Sob o nome de Zetta Salvatore, senhora.*

— *Isto é um absurdo! Saiba que o banco vai pagar caro por esse erro! Eu, a condessa Zetta Salvatore Di Bolgheri, não tolero ser tratada como ralé. É bom o banco me enviar uma caixa do melhor Moët & Chandon junto com pedidos formais de desculpa. Quero tudo entregue, ainda hoje, no château do conde!*

— *Receio não ser possível, senhora. No seu cadastro, não consta nenhum château como residência, aliás, aparece aqui como uma sem-teto, senhora. E pelo seu saldo, receio que nem cidra será encaminhada, senhora.*

— *Isso não vai ficar assim, insolente...*



Dark

Deu para entender?

Taí a porra do circo armado que me esperava e eu nem poderia sonhar. Se não fosse por meus amigos, nem sei como daria conta de tudo.

Pam, como sempre, veio me dar suporte. Fran está segurando as pontas na *Mountain*, rebolando com as negociações e a impaciência dos patrocinadores. Giovanni está coordenando as reformas que atrasaram, é claro. *Nonno* se ofereceu para acolher a filha e ex-condessa, que não quer voltar às origens de jeito nenhum.

E Juliet? Porra! Juliet tem sido um caso à parte...



Caralho! A mulher é surpreendente!

— Aless, não me conformo que apaguei indo para a vinícola. Aquele relaxante muscular da doutora Pam era muito forte, quando acordei você já tinha ido embora. Nem tivemos uma despedida decente.

— Aless, é claro que estou subindo pelas paredes aqui! Mas seu pai e Rafa precisam de você. Fique tranquilo e só volte para cá quando tudo estiver resolvido! Família é o que temos de mais precioso, Gigante. Relaxa ... Nem eu, nem Bolgheri, vamos sair do lugar e ah... Estou amando te chamar de Gigante! Combina!



Cacete! A mulher é um tesão!

— Enfia o dedinho nessa bocetinha e mexe gostoso, Coelhinha! Goza para mim...

— Gigante, sexo por telefone é bom demaaaaais!

— Aless, saudades desse seu pau em mim. Tenho tido uns sonhos com você!



Porra! A mulher é competente!

— Fique tranquilo, Dark, encaminhei os relatórios para o seu e-mail da Mountain. A evolução do passo a passo do projeto está no anexo três. Semana que vem, eu e Cris iremos lhe apresentar um escopo com nossas principais recomendações. Estamos empenhadas em uma pesquisa que tem trazido resultados reveladores.



Porra! A mulher é persistente!

— Hoje corri dez quilômetros sem nenhum problema.

— Acredita, Aless. Minha pressão caiu por causa da menstruação, mesmo assim completei a escalada externa durante o treino no vale das rochas!

— Consegui fazer aquela subida invertida, Aless. Caí quinze vezes, me ralei todinha! Mas depois peguei o jeitinho e repeti vinte!

— Fui ao Centro de convívio! Precisa ver como a minha relação com Valentina melhorou! Foram só dois tapas e uma mordida! Chute na canela conta? Ahhh! Não importa, estamos nos entendendo, Aless.



Puta que pariu! Essa mulher vai me matar! Mas que cacete de teimosa!

— Já te disse, Aless! Vou com a Cris até o set de filmagens e ponto final.

— Kadeen tornou-se um ótimo amigo, não vejo mal algum em conversar com ele pelo Skype.

— Já te disse... Não vou contar qual livro estou lendo. Fran não tinha nada que te contar que tenho passado horas no quarto.

— É só uma saída com o Fran e o pessoal, Aless. Que mal tem em dançar e beber um pouco? Vou enlouquecer aqui!

— Não vejo mal algum em dar uma mãozinha na cozinha do Nonno! Pelo amor de Deus, Aless! O cozinheiro é gay e casado!

— Que saco! Não tenho ficado de papinho com os empreiteiros, Dark. Só pedi para o Arthur fazer a restauração da piscina. Nem acreditei quando descobri que a vinícola tem uma! E a quadra de tênis, então!



Bendita doutora Pam e seus calmantes. A porra é tão poderosa que sem eles já teria jogado tudo para o alto ou matado um.

A Baixinha me enlouquece, mas é compreensiva, tenho que admitir.

Se fosse qualquer outra, estaria infernizando minha vida com ligações a cada cinco minutos. Juliet, não... Minha Coelhinha entendeu quando pedi que não viesse com Pam. Não a quero metida em toda essa merda familiar! Os jornais locais não fazem outra coisa a não ser nos perseguir.

Por mais que quase tenha um ataque cada vez que Fran me liga, para me deixar atualizado, tenho tentado me segurar. Busco descarregar do jeito que dá... Banhos e mais banhos frios, sexo por telefone, mãos quase criando calos de tanto me aliviar pensando em Juliet e dois sacos de boxe destruídos.

Outras mulheres?

De jeito nenhum. Impossível me interessar por outra quando tenho uma máquina! Uma Ferrari exclusiva e novinha esperando por mim em casa.



Juliet

Depois de rolar na cama por horas pensando em Aless, acabo adormecendo ao som de *Beauty and the beast* de Celine Dion...

— *GRRRRRRRRR!*

Um rosnado ensurdecido ecoa pelas paredes frias do Castelo di Bolgheri.

— *GRRRRRRRRR!* — *Outro.*

— *GRRRRRRRRR!* — *E mais outro.*

Estremeço, posso senti-lo cada vez mais próximo. Todos os pelinhos do meu corpo eriçam em expectativa e pavor. Debato-me e tento escapar... Impossível. Algemas prendem meus pulsos e meus tornozelos. Fui pega... Capturada... Sou sua presa!

Por quê? Por quê? Por que tenho que ser tão curiosa? Meus irmãos bem que me avisaram para nunca atravessar os limites da propriedade do conde Bolgheri.

Não resisti, há tanto mistério em torno dele.

Na cidade, alguns dizem que ele não passa de um homem triste e atormentado. Preso em seu próprio passado, vagando pelos corredores de pedra do castelo como um fantasma... Um morto-vivo.

Impossível!

O fogo que senti em seu olhar quando esbarrei nele, sem querer, na praça central era tão intenso. Esmeraldas fumegantes... Não! Alguém sem vida jamais iria emanar tanto calor. Ainda posso sentir minha pele queimando no lugar em que suas mãos poderosas me tocaram.

Ele não pode ser o monstro que outros dizem.

Um homem que se transforma em um bicho nas noites frias de lua cheia... Um desalmado impiedoso não iria segurar em meus braços, impedindo que eu caísse.

— GRRRRRRRR!

Madonna Santissima! É lua cheia!

O ranger da porta indica que não estou mais sozinha. Um cheiro orvalhado invade o ambiente.

Hummm... bom!

Não ouço seus passos, apenas uma respiração pesada. Ele está... ofegante assim como eu. Dio! Estou em apuros! Meu coração dispara, a venda em meus olhos me impede de saber onde ele está. Tento gritar e implorar por clemência, mas minha voz não sai.

— Ora, ora, ora... O que temos aqui? Uma Coelhinha acuada. — Sua voz é áspera, contida, mas há algo sobre-humano nela.

Posso sentir seu hálito quente, próximo ao meu pescoço. Tem um cheiro de frutas frescas.

Dio! Faça com que esse bichão seja vegetariano! Prometo comer legumes todos os dias.

Uma mão enorme e familiar toca o meu rosto. Quente, tão quente. Por um instante o mundo para. O calor e o medo de seu toque se espalham pelo meu corpo, me deixando em alerta. Partes do meu corpo, que nunca

ousei tocar, despertam de seu sono eterno.

— Respire, Coelhinha. Não tenha medo! Eu mordo, ataco, devoro, mas não destruo aquilo que me cativa. — Seu tom gutural e rouco penetra na minha mente.

Jesus!

Engasgo, antes de puxar o ar com toda a força que tenho.

Ele tira minha venda.

O brilho do fogo ardendo nas tochas, enfileiradas na parede, me cega. Levo alguns segundos para me acostumar com a claridade.

Olho ao redor procurando o dono da voz. Já é noite lá fora. Um vulto encostado na parede vem em minha direção. Seus movimentos são lentos, elegantes, parece deslizar... À medida que se aproxima noto que é imenso. Meu coração palpita, suo frio...

Procuro e não encontro os pelos e a juba que ilustram os livros aterrorizantes que leio com meus irmãos.

Sua pele é... cheia de marcas e desenhos estranhos. Sou tomada por uma excitação infundada. Um misto de vergonha e encantamento. Fecho os olhos, nunca havia visto um homem nu antes. Pelo menos, não um como este. Os mirrados dos meus irmãos, em nossos banhos de rio, não contam.

— Abra os olhos para mim, Coelhinha. Quero que me veja! — ordena.

Obedeço e seus olhos atacam os meus. Há algo hipnótico e selvagem saindo deles. Ao mesmo tempo que me acuam, eles me dominam.

Seu rosto... não é de um monstro, é lindo. Forte, muito forte! Atrevo-me a olhar para o seu dorso. Musculoso e esculpido como as obras-primas de Michelangelo. Minhas bochechas incendeiam, não tenho coragem de

olhar mais embaixo.

— O que vê? A fera ou o homem? Diga!

Não consigo entender o significado implícito em sua pergunta. Mas há temor e urgência em sua voz. Por que me pergunta, se a resposta é tão óbvia?

— O homem... — sussurro, seus olhos fecham e as feições do rosto relaxam.

— Quero que seja minha esta noite — sussurra.

— O quê? Mas eu nunca estive sozinha com um homem antes.

— Nem eu com uma Coelhinha, não dessa maneira. Geralmente as como em minha mesa, não em minha cama.

— Como é o seu nome?

— Dirija-se a mim como Fera.

— Vai me matar, Fera?

— Já disse, não destruo o que me cativa. Mas a decisão está em suas mãos. O poder é todo seu. Pode ir embora se quiser...

Encaro-o, calada. Não sei quanto tempo se passa. Acredito em suas palavras. Se eu quiser, ele me solta e simplesmente posso ir. Mas não quero. Ele levanta a mão e acaricia meu rosto, descendo pelo pescoço e queixo, seu toque é áspero, porém leve. Seus olhos faíscam de desejo. Ele me tem tão cativa quanto diz que eu o tenho.

— Fera?

— Sim, Coelhinha.

— Se prometer não me machucar e me libertar assim que o sol raiar, eu fico.

Sem dizer nada, mãos firmes e ágeis me livram das algemas. Posso

correr se quiser, mas não o faço.

— Alguns arranhões talvez. — Seu tom é quase irônico. — Presumo que queira voltar vestida para a aldeia. Se não as quiser destroçadas, tire as roupas. — Afasta-se me observando.

Sei que meu rosto está corado e tremo até para respirar, mas tiro tudo rapidinho antes que eu perca a coragem. Fico encabulada, nua em sua frente.

Tudo é muito rápido, com movimentos sinuosos e precisos como os de um predador, a Fera me tem em seus braços, colocando-me em uma cama enorme, com lençóis de cetim negros. Põe-me de quatro, afastando minhas pernas ao máximo. Estou excitada, exposta... apavorada.

— Fique assim! — ordena quando tento me mover.

Dio! Ele acha mesmo que sou alguma espécie de animal! Quer me ter assim de forma primitiva.

Viro a cabeça sobre os ombros e o vejo olhando diretamente para meu sexo, sinto uma onda úmida me atingir. Não consigo evitar de mirar para o volume entre suas pernas.

— Oh, Dio! Isso é imenso! Vai me partir ao meio!

Uma risada gutural e seu rugido ecoam. Ele se aproxima ficando em pé na altura do meu rosto.

— Olhe para ele. — Passa seu pau na minha bochecha. — Nunca viu um desses?

— Não. — É enorme e compatível com seu tamanho. Mesmo assim, assustador.

— Não se preocupe, você vai sobreviver e ainda pedir mais.

Seus dedos enormes e rústicos tocam um dos meus mamilos,

apertando-o. Surpreendo-me de como ele reage instantaneamente ao seu toque, ficando duro. Depois o mesmo dedo desce desenhando a linha da minha coluna. Contorço-me... Quando ele segue a rota, passando pelo meu bumbum, circundando meu buraquinho também intocado... gemo de agonia.

Ouçõ a respiração pesada dele acelerar... E um rosnado, quase sufocado, ecoa... Quando dois dedos me penetram, sem aviso, me alargando choramingo baixinho:

— Feraaaaa...

— Minha bocetinha. Minha! Depois que eu te foder, nunca mais vai querer outra coisa.

Os dedos saem e algo novo ocupa o seu lugar. Uma língua áspera e decidida me lambe de cima a baixo, serpenteia ao redor da entradinha úmida e a penetra. Fico horrorizada, mas a sensação é tão... boa. Instintivamente me movo para me adaptar à sensação nova e enlouquecedora.

— Isso, balance esse rabinho para mim, Coelhinha.

Suas mãos seguram firme meu quadril e a língua empolgada continua os movimentos incontidas vezes. O bicho parece faminto, alimentando-se da minha excitação. E o som de sua língua chocando-se contra minha pele macia é rude e desconcertante.

Não há nada que eu possa fazer a não ser me entregar, rebolar, gemer e gritar. Quase desfaleço quando explodo em uma onda de espasmos internos inéditos, querendo engolir... a língua.

É excitante, é novo, é dominador. Estou morrendo de prazer.

Agora entendo por que guerras são travadas em nome do sexo.

— Dio! — grito e congelo.

Seu membro duro pressiona minha entrada, que cede se abrindo

para ele. É apertado, é dolorido. Ele para por alguns instantes, força mais um pouco e me sinto perfurada, uma ardência como uma picada de vespa me toma.

— Vai se acostumar, daqui para a frente é só prazer... É libertador!
— rosna.

Penso que não vou suportar, que é grande demais, mas um movimento de vai e vem começa e a dor é substituída por algo indescritível. Ele entra e sai de mim, emitindo sons poderosos... São selvagens, sensuais e não amedrontadores. Entra e sai, entra e sai... mais, mais e mais. Cada vez mais rápido e forte, suas unhas arranham minha pele. Seus sons viram grunhidos, que se transformam em rugidos altos e descontrolados.

Minhas pernas ficam trêmulas, sinto seu corpo imenso tocar minhas costas. Dentes são cravados em meu ombro e dedos circundam o ponto onde meu desejo é mais forte.

Choro... Não de dor e sim porque me perdi... Pertença a ele... Desmaio de prazer.

Quando minha consciência retoma... estou sozinha na cama. Já é dia. Um incômodo em meu ombro e entre as minhas pernas me dizem que não foi um sonho.

— Está livre para ir agora. — Um som animalesco me avisa.

Busco-o... Não consigo vê-lo direito, mas se parece com um leão, um touro. Estremeço. Será essa é a Fera, o outro que me possuiu, era um impostor?

— Onde está ele? O que fez? — Desespero-me.

— Eu sou ele.

— Não, não é! — Começo a chorar. — Ele é um homem e você um monstro!

— *A Fera e o homem andam juntos, Coelhinha. — Sua voz animalesca suaviza. — A Fera aprisiona o homem e sua visão livre de preconceitos, minha preciosa, liberta nossas almas.*



A música *Where is the love*, do Black Eyed Peas, me desperta às sete e meia da manhã.

Dio! Este foi dos grandes!

Abro os olhos e não há castelo e muito menos Fera. Só uma calcinha molhada, um ombro dolorido e um abandono sem cerimônia. Meu quarto continua vazio e minha cama enorme, outra vez, com os lençóis contorcidos e encharcados de suor.

Pulo da cama animada pela noite de sonhos quentes e vou direto para o banheiro me arrumar. Aless, os treinos, a *Mountain*, as investigações, a vida e o mundo não podem esperar!

— Aless, Aless, acho melhor voltar logo, a concorrência está acirrada! Na outra noite, o Drácula; hoje, a Fera. *Dio!* Estou necessitada demais! — Faço careta para o espelho, dou pulinhos no meio do banheiro, solto uma gargalhada tampando o rosto com as mãos.

O segundo toque do despertador me apressa. Livro-me da camisola e da calcinha molhadas e entro no chuveiro. Somente a água fria para abaixar a minha libido e não castigar os arranhões que fiz no ombro. Está dolorido, mas valeu a pena.

A parede de rocha que Fran nos levou para escalar ontem tinha uma inversão em L de noventa graus. Você sobe na vertical e depois tem que fazer um salto preciso para encaixar o gancho nas argolas presas no teto da pedra. Até aí tranquilo, se isso não significasse um salto na horizontal, para deslizar

sob o desnível e continuar a escalada se esgueirando deitada de costas para o precipício.

Irado demais!

Errei várias, me choquei na parede vertical diversas vezes, mas finalmente acertei a mira. Dark iria se orgulhar de mim! Queria que estivesse lá para me ver. Ou não! Do jeito que é neurótico iria me fazer descer à força no primeiro arranhão e sanguinho que saiu.

Apresso-me no banho, lavo os cabelos e o corpo com meu cheiro predileto. Flor de laranjeira sempre levanta meu astral. Saio, me enxugo, deixo os cabelos úmidos, visto meu uniforme de corrida e pronto.

Quero ver se ainda dá tempo de pegar Kadeen em casa. Ligo o note e espero. Ele ficou de perguntar ao pai dele sobre a manhã em que a avalanche mudou de rota e atingiu o acampamento. Seu pai estava lá... Foi um dos sobreviventes. Eu e Cris descobrimos algumas pontas soltas no relatório do tal do Alex. Erros primários na elaboração das rotas e mapas.

Tentamos pegar leve e dar um desconto ao tal Alex. Afinal, seus erros aconteceram há quase cinco anos e os sistemas que uso hoje, ainda nem tinham sido criados. Foi um período de muitos acidentes e mortes, em várias equipes. Os três eram jovens e até inexperientes... blá-blá-blá. Mesmo assim, algo não encaixa, Dark sempre foi tão neurótico.

Meu celular vibra, meu coração dispara e um sorriso besta aparece em meu rosto.

— *Oi, Baixinha! Bom dia, dormiu bem?*

— Oi, bom dia, meu *Vlad* lindo. Dormi maravilhosamente bem! — Sorrio.

— *Vlad? Quem é esse porra? É algum dos empreiteiros do Arthur? O homem é russo, caralho? O que ele te fez que foi tão maravilhoso assim?*

Afasto o telefone do ouvido e deixo que Dark termine a inquisição *xiliquenta* dele. Pelo jeito, acordou com a corda toda. É bom os pais dele se acertarem logo, o Gigante está insuportável esses dias. Olho para o teto e reviro os olhos.

Anota aí, Dio! Sou uma santa!

Lembre-se disso quando eu precisar de uns favorzinhos!

— *Dio! Dio!* É uma fera mesmo! — gargalho. — Ele é romeno, não russo — provoco.

Oh-oh! Acho que coisas acabam de ser lançadas contra a parede.

— *Dou uma merda que o filho da puta é romeno!*

— Aless! Dio de Monte Cristo! Vlad é um personagem do filme que assisti esses dias, seu imbecil! — minto, mas não muito. — Fiquei impressionada com as mordidas dele, só isso!

— *Qual é o teu problema com atores, Juliet? Era só o que me faltava! Ter que me matricular no teatro, porque você tem fetiche por esses babacas vomitadores de texto. Mordida? Posso te morder todinha se quiser!*
— Continua esbravejando.

Será que a Pam cortou os calmantes dele?

— Pro seu governo, bobão, o ator do meu filme era a sua cara! — Ouço um suspiro do outro lado da linha, posso apostar que está puxando aquela barba dele. — Agora... gostei dessa sua ideia de umas fodinhas com fetiche, mordidas... A gente bem que poderia incluir uns rugidos no meio, ia ser perfeito!

Um silêncio... Passos para lá e para cá... Vou até a escrivaninha e aproveito para acessar o *Skype* e ver se Kadeen está on-line... Envio o convite.

— *É deste tipo de coisa que gosta, Coelhinha?* — Um arrepio percorre minha espinha, a voz dele mudou para rouca e sacana, o modo tarado pornográfico dele foi ativado. Amooo minha Fera Bipolar. — *Fantasias?*

Jogo-me na cama de pernas para o alto. Esqueço o note, o *Skype*, o mundo...

— Elementar, meu caro Aless... Sou uma pesquisadora... Não recuso nenhum tipo de evidência. Não tenho culpa, está no meu DNA. Realidade, fantasia, fetiche... Tô topando tudo e mais um pouco — gargalho.

— *Putá que pariu! Meu pau gostou desse “tô topando tudo e mais um pouco”.*

Engasgo. Sei muito bem qual é a nova obsessão desse safado.

— Opa! Nem tudo! — arremato.

— *Mas você disse* — bufa.

— Desdigo — retruco. — Minha escotilha traseira vai continuar intocada, marujo.

— *Existem mísseis e mísseis, sereia. Alguns podem dar muito prazer.*

— Pode ir esquecendo qualquer coisa que essa sua mente poluída esteja tramando. Nesse mar, submarino não mergulha. Além do mais, você está mais pra bomba atômica. E no meu traseiro não está carimbado, Nagasaki.

O obsceno acha graça.

— *Mas tem umas coisas que podem ajudar... Para começar, eu posso...*

— Opa! Pode nada! — interrompo. — Parou... Se continuar, vou desligar na tua cara. — Sento-me na cama e espreguiço. Alcanço os tênis

com a pontinha dos pés, apoio o celular entre o ombro e o ouvido. Começo a calçá-los. — Tenho que treinar, já estou atrasada.

— *Tá bom... Desisto da escotilha, por enquanto. E as novidades?*

— Desde que conversou comigo até eu cair no sono ontem? Nenhuma. — Dou uma risadinha. — E sua família?

— *Meu pai está bem, pronto para outra. Vamos juntos para o escritório hoje.*

— Que bom, Aless! E... sua mãe? — arrisco.

— *Sai hoje da clínica — bufa. — Vou buscá-la e levá-la direto para assinar o divórcio. Se tudo der certo, pego a Rafa, vou à recepção do cônsul francês e depois me mando direto pra Bolgheri.*

— Recepção? Tipo uma festa com convidados?

— *Não, seremos só eu e ele — gargalha. — É claro que tem convidados. Por quê? Está com ciúmes?*

Ordinário! Provoca e depois não aguenta!

— Por que estaria? Provavelmente nem vou me lembrar de você enquanto estiver me acabando na pista de dança.

— *Caralho! Vai mesmo sair? Por que não assiste de novo o tal Vlad? A boate de Bolgheri é uma bosta!*

— Direitos iguais, Aless.

Ouçõ alguém chamar por Dark e ele soltar vários palavrões.

— *Caralho! O meu compromisso é social. Meu pai está me chamando.*

— O meu compromisso também! Social com meus amigos — divirto-me e uma série de palavrões explode do outro lado da linha.

— *Olha a boca, Alessandro! Estamos atrasados!* — Uma voz que

não reconheço, mas que aposto ser do pai dele, o repreende.

— *Já vou, pai! Estou em um código vermelho aqui! Tenho que ir, mas este assunto não acabou por aqui! Te ligo mais tarde! Não exagere nos treinos, tome a vitamina que Maria está fazendo para você, ignore os empreiteiros, pesquise filmes no pay-per-view e tente não se machucar muito!*

— Uauuu! Só isso? Mais alguma recomendação, General? — Vou até a varanda e abro as portas duplas deixando o sol entrar.

— *Pense em mim e não faça nada que eu não faria. Estou na tua, Baixinha.*

— Penso sempre... Estou na tua, Gigante.

Aless desliga e joga o celular em cima da cama. O bipe de chamada do *Skype* apita. Pressiono iniciar conversa e a imagem de um moreno barbudo, com os cabelos molhados, olhos negros e traços perfeitos, aparece.

— *Oi, Roma!* — Sorri mostrando os dentes brancos perfeitos.

— Oi, Paquistão! — Devolvo o sorriso.

— *Está sentada?* — Arqueia a sobrancelha negra.

— Sentando, por quê? — Sento cruzando as pernas em posição de ioga na cadeira, depois recolho meus cabelos ainda úmidos fazendo um nó bem no alto.

— *Novidades, Roma, novidades! Se prepara!*



22.1

Achismos

— **Me preparar para** quê? — Espanto-me. — O que seu pai falou? Ele conseguiu se lembrar de mais alguma coisa?

— *Sobre a avalanche, nada.* — Kadeen encolhe os ombros. — *É aquilo mesmo, a mudança de temperatura e a inversão de correntes de ar... Blá-blá-blá. Ninguém tinha como prever, Roma.*

— Então, eu não entendo. Esse era o único ponto que faltava para fecharmos as investigações sobre os planos que encontrei.

— *Esquece isso... Meu pai falou algumas coisas sobre Dark e a equipe dele.* — Ele me olha desconfiado.

— O quê? — Uma sensação ruim faz meus pelinhos da nuca arrepiarem. — Mas... Mas você mesmo disse que ele não se lembra de Dark ou da *Mountain*.

— *O que eu tinha achado estranho, Roma. Meu pai fez as rondas naqueles acampamentos durante quinze anos. Conhecia todo mundo por lá... Aí que me toquei, Dark não era chamado assim, naquela época.*

— Foi por isso que me pediu para encaminhar as fotos?

— *Hum-hum...*

— Acho que estamos indo longe demais, Kadeen. Não sei se quero entrar nesse mérito. Tenho pensado muito estes dias. Eu me sinto mal por ter fuçado nas coisas dele deste jeito. Empolguei-me no começo por causa do projeto, mas agora não sei... Sinto que estou mentindo para ele.

— *Omitindo.* — Kadeen arqueia a sobrancelha.

— Omissão, às vezes, é uma forma de traição, Kadeen. Além do mais, Dark nem estava no acampamento.

— *Dark não estava lá, mas Alex sim. Nunca pensou nisso, Roma?*

— Pensei o quê?

— *Se Alex era o líder e as diretrizes eram dele, por que ele ficou no acampamento?* — Balança a cabeça franzindo o cenho. — *Não faz sentido, o líder nunca deixa a equipe subir sozinha.*

— Não faz sentido, mesmo. — Começo a me interessar no que ele tem a dizer. — Dark jamais faria isso. — Suspiro e dou uma risadinha orgulhosa.

— *Nem Dark, nem ninguém.* — Fico quieta, porque sei que ele tem razão, isso é totalmente contra o protocolo. — *Mostrei ao meu pai as fotos que te pedi.* — Ele dá um sorriso sem graça e eu o recrimino por ter feito isso sem minha permissão. — *O velho reconheceu Dark, Roma!* — Bate as palmas das mãos com força e eu me calo. — *O grupo do meu pai estava acampado do lado da Mountain. Que na verdade chamava-se K4 na época, por isso não lembrou. Eles não tinham toda essa estrutura que a equipe de vocês tem hoje. Papai reconheceu direitinho cada um nas fotos: Alex, Fred, Joshua e o grandalhão que os amigos chamavam de Conde.*

Conde! Como fui esquecer-me desse detalhe?!

Lembro-me das dedicatórias que vi no livro de formatura, muitas delas chamando Dark de Conde. Sorrio porque ele deveria detestar o apelido.

— Faz quase cinco anos, tanta gente passou por lá. O que de tão especial eles tinham para terem marcado o seu pai?

— *Papai disse que era meio impossível esquecer-se dos quatro porque viviam em pé de guerra por tudo, várias brigas feias.*

— Essa é nova, Kadeen. Ninguém fala muito sobre esta época por aqui! — Destranco a gaveta da escrivaninha e pego as fotos que enviei a ele. — Mas, pelo pouco que ouvi, parece que a relação deles era perfeita. — Examino a primeira fotografia em que os quatro estão abraçados e sorridentes.

— *Pelo jeito, não tão perfeita assim, Roma.* — Ele entorta um dos cantos da boca. — *Nunca se perguntou por que o italiano, Joshua, se desligou do time e nunca mais manteve contato? Nas fotos, todos pareciam ser unhas e carne.* — Ele levanta a sobrancelha fazendo uma cara meio óbvia.

— É claro que já pensei sobre isso! — Reviro os olhos. — Na verdade, tentei especular com Fran, mas ele desconversou. Cris sabe pouca coisa. Já Dark, quando falou comigo sobre isso, foi muito evasivo. Tudo que sei é que ele e o tal Alex eram amigos de infância, e Fred e Joshua apareceram depois, na faculdade. — Espalho as fotos que encontrei sobre a escrivaninha.

— *Em uma das brigas que meu pai presenciou...* — Ele recomeça e seu tom agora é sério. — *Eles discutiram porque Alex queria transformar a K4 em algo mais comercial.* — Indigna-se. — *Isso é comum em montanhas menores, montar grupos de turistas e organizar expedições. Mas no K2, que exige técnica, é muita loucura! As chances de dar merda são grandes. Imagina pegar um cara que sobe uns morros de final de semana e que se acha o “aventureiro” ...* — faz sinal de aspas com as mãos — *e jogá-lo em uma trilha nível profissional, com condições de tempo extremas e imprevisíveis. Mais um pouco, enfrentaremos filas no cume, sem falar nas mortes por inexperiência.*

— Lembra-se do acidente no Everest? — indago e ele confirma. — Oito turistas morreram. Os caras pagaram sessenta mil dólares, cada um, para

realizar um sonho. Mas eram tão despreparados que cometeram falhas básicas e a equipe principal não conseguiu evitar o caos.

— *Hum-hum.* — A expressão de Kadeen fecha com a lembrança. — *Mas era exatamente isso que o tal Alex queria. Meu pai falou que era um tipo arrogante, se achava o líder do grupo e insistia nessa ideia. Dark e os outros eram contra. Mas o bicho pegava mesmo entre ele e Joshua. Os dois pareciam se odiar.*

Odiar?

Pega de surpresa com a novidade, eu examino novamente as fotografias. Em muitas, Joshua e Alex aparecem rindo juntos, mas existem algumas em que estão isolados ou distantes. São imagens de algum tipo de comemoração ou festa. Torço mais uma vez o nariz, porque Paola aparece em quase todas.

— Tá... Eles se odiavam e daí? — Levanto e balanço as mãos, rendida. — Muitas sociedades acabam quando as ideias já não batem mais.

— *Verdade...* — Kadeen levanta uma sobrancelha e olha para mim. — *Tudo o que sei, é o que meu pai me disse.* — Encolhe os ombros. — *Uma semana antes do grupo subir rolou a Festa Mais Alta do Mundo no acampamento.* — Ele ri e me manda um olhar sugestivo, mostro a língua para ele. — *Lá pelas tantas, meu pai e a equipe dele ouviram uma gritaria. Tiveram que apartar a briga entre Dark, Joshua e Alex. Os caras saíram na porrada para valer. Alex acusou Joshua de traidor. Disse que estava fazendo a cabeça de Dark contra ele, por vingança.*

— Eitaa, o barraco foi feio assim?! — Remexo na cadeira buscando uma posição melhor.

— *Treta da brava.* — Sorri, seu tom é de fofoca.

Sou fisgada. Fofoca é como doce para mim. E se tem uma coisa que

aprendi desde criança, é que se um estranho te oferece uma bala, você aceita, óbvio! Igual fofoca.

— Continua... continua — peço, impaciente.

— *Alex acusou Joshua de ter um caso com a namorada de Dark! Acho que Dark acreditou, porque partiu para cima dele com tudo. Para evitar o pior, meu pai abrigou Joshua. Ele passou o resto da madrugada com o grupo dele. Estava bêbado igual a um gambá, ficava repetindo que eles não tinham um caso... Que a ganância do mundo era uma cazzo... Que não confiava em Alex... blá-blá-blá... Que mudar o contrato social da K4 foi um erro. No dia seguinte, levantou acampamento e foi embora sem se despedir. No mínimo, o cara tem um santo forte da porra, porque uma semana depois só Dark saiu vivo da lá.*

— É... mas a briga não justifica e nem responde por que Alex quebrou o protocolo — concluo.

— *Parece que foi indisposição estomacal, sei lá.*

— Qual é, Kadeen! Ninguém deixa de subir por caganeira. Até morta, eu tentaria subir.

— *Vai ver se arrependeu de ter acusado o outro, resolveu não subir por solidariedade.* — Dá uma risadinha cínica.

— Hum... não sei não! — Puxo na memória a fofoca que ouvi da massagista. — Essa coisa da Paola e do Joshua, é possível sim. Soube que Dark rompeu o noivado justamente porque a pegou com um tal de Romeo. Filho do ex-prefeito aqui de Bolgheri. — Faço a mesma cara que Concheta, a vizinha da minha mãe, faz quando conta uma das boas. — Minha mãe sempre fala: “quem faz uma, faz duas”. Quando mostrei as fotos que achei para a Cris, ela falou que ouviu que o santo do Alex e da Paola nunca bateu. Natural Dark ter ficado do lado dele na briga, eram amigos de infância — defendendo

Dark.

Kadeen inclina a cabeça para o lado e entorta a boca. Depois parece fuçar em alguma coisa à sua frente.

— *Roma?*

— O quê?

— *As fotos...* — Ele me olha engraçado, com um ar surpreso. — *Separa as fotos... As que Alex aparece na mesma imagem que Paola, as que está com camisa xadrez* — pede agitado.

Agito-me também e a curiosidade só cresce...

Faço o que ele pede e amontoio as demais fotografias em um canto. Em seguida, Kadeen me orienta para enfileirá-las em uma ordem específica. Em algumas delas, é possível ver Joshua e Dark conversando em primeiro plano.

— Tá, e daí? — questiono, frustrada, não encontrando nada de mais.

— *A mão dele, Roma, cada um está olhando para um lado diferente, mas... olha a sequência.*

Com as fotos espalhadas aleatoriamente não dava para notar, mas dispostas assim, conforme Kadeen organizou, dá para ver claramente. A mão de Alex parte do meio das costas de Paola e acaba na altura do cofrinho dela.

Nesta última foto, ela está olhando para o outro lado, de cabeça baixa, a mão no pescoço, seus olhos estão fechados e a boca levemente contraída. Olhando a imagem isolada, como eu tinha feito, parecia só um clique infeliz. Daqueles que a gente sai mal na foto e quer deletar a bandida.

Arregalo os olhos.

— Isso não prova nada. Pode ser ilusão de ótica. Você acha que ela está com cara de tesão? — Minha voz sai em um misto de choque e revolta.

Dio! Que vaca burra! Não sei se me sinto aliviada ou ofendida. Se não a odiasse... e se Dark não fosse meu... dava na cara dela, para acordá-la para a vida! Trocar Dark por qualquer outro homem já é um atestado de otária... Agora, trocar por aquele barba ruiva! Burra! Otária! E cega!

— Cara de ódio é que não é. — Sorri. — Qual é, Roma, a gente não tem mais cinco anos! — Bate na mesa e a imagem treme. — E te digo mais, se um cara odeia uma mulher, ele não chega perto, não dá ideia e muito menos a toca.

— Mas... Mas... Então... existe uma possibilidade de Joshua ter falado a verdade — suponho, horrorizada. — Figlio di puttana!

— Hum-hum...

— Coitado desse Joshua. Acusado injustamente — digo revoltada. — Até gostaria de ajudar o cara, mas não posso pedir o contato dele aqui. Mexer nas coisas de Dark, deliberadamente, para achar alguma coisa... é demais.

Ele gargalha com a minha incoerência.

— Roma!

O que vou fazer? Não posso perturbar Dark com essas coisas do passado. São apenas achismos... E o homem está uma pilha de nervos com os problemas que está enfrentando com a família.

— Vai à merda, Paquistão. — Olho-o feio. — Sabe que encontrei os relatórios e as fotos, acidentalmente. Já até devolvi o álbum de formatura.

— Mas ainda está com as fotos e os relatórios — recrimina-me.

— Vou devolvê-los antes de ir para o treino. Eu e Cris já analisamos tudo mesmo. — Levanto os ombros tentando me justificar. — E foi por uma boa causa. Porra!

Ele engole o riso e, de repente, me dou conta da extensão do que ele disse.

— E se Dark jogou fora uma boa amizade por acreditar na pessoa errada? *Cazzo!* Coitado deste Joshua. Será que deveria tentar ajudar os dois a se entenderem? Mas como?

— *Posso pedir mais um favor para aquele meu amigo que fez o e-mail criptografado para você. Talvez ele fuze na internet e ache o contato dele* — Kadeen sugere e digo que vou pensar. — *Falando nisso... Já ativou o e-mail, Roma?*

Putz, o e-mail... Tanta coisa aconteceu que nem pensei mais nisso. Só Kadeen sabe da história da chantagem, não contei para mais ninguém.

— Ainda não. — Solto um suspiro. — A ideia de mandar um recado anônimo para os caras que foram vítimas das chantagens da Girafona é perfeita. — Sorrio agradecida, porque a ideia foi dele.

— *Perfeita mesmo.* — Sorri presunçoso e mostro-lhe a língua.

Fecho os olhos e dezenas de pensamentos passam em minha mente... Então meu cérebro hiperativo se apega àquilo que é mais aceitável: arranjar uma desculpa para não ter resolvido algo tão importante ainda.

Kadeen não sabe sobre o envolvimento de Dark nas sujeiradas da Girafona. Conversei com meu amigo porque precisava me abrir e sem chances de fazer isso com alguém da vinícola. Nunca iria expor Dark com uma coisa dessas. E dividir minhas descobertas com Aless seria obrigá-lo a reviver o passado. Então... joguei tudo na conta do Kai e pedi orientação a Kadeen.

— Só não tive tempo, nem coragem de abrir os arquivos ainda — justifico-me e, por instinto, passo a mão sob o tampo da escrivaninha e respiro, aliviada. O *pen drive* ainda está ali. — Tem dezenas de nomes, nem

sei se vou conseguir identificar todos. E só de pensar em assistir aquelas cenas de novo, meu estômago revira.

— *A escolha é sua, Roma.* — Os lábios dele contraem. — *Mas... se eu fosse um destes caras e recebesse um e-mail avisando que posso me livrar da chantagem... Porra! Iria te agradecer até morrer! Manda para os que conseguir identificar; o resto, paciência* — sugere e eu sei que ele tem razão, é quase um dever cívico eu fazer isso.

Despeço-me de Kadeen assim que Cris bate na minha porta chamando para o treino. Combinamos de nos falarmos depois. Antes de descermos, Cris vigia o corredor e subo para devolver tudo o que tinha retirado das caixas de Dark. Manter aquilo tudo no meu quarto já estava me dando nos nervos.

Assim que eu, Cris, Pietro, Athos e Porthos ultrapassamos os leões de pedra da entrada da vinícola e começamos a correr, foco meus olhos no horizonte e procuro me abstrair.

Uma pulga atrás da orelha me diz que essa minha mania de detetive ainda vai acabar mal.

Depois de uns cinco quilômetros, paramos para nos hidratar, fazermos algumas séries de abdominais e alguns alongamentos. Dores nas pernas nunca mais!

— Você está bem? — Ouço a voz de Cris.

Interrompo a sessão de abdominais e levanto o olhar para ela, que tem uma das pernas dobradas para trás.

Limpo o suor da testa com a mão e suspiro aliviada. Athos começa a latir.

— Estou bem. Devolver aqueles troços tirou um peso das minhas costas — confesso.

— Foi a melhor coisa que fez, sabia? — Ela sorri e começa a alongar os braços, inclinando o corpo de um lado para o outro. — Sabe o que eu acho?

— O quê?

— Que já tiramos todas as conclusões que podíamos sobre os relatórios do Alex. — Ela se abaixa ao meu lado e começa a beber água. — O cara era um incompetente, traçou os planos igual a bunda dele. Mas falar isso para Dark não vai nos levar a lugar algum. O cara já está morto, não muda nada, Juliet... E o nosso trabalho está perfeito. Esquece o passado e vai curtir seu homem. Arranjar sarna para quê?

— Acho que a Cris tem razão. Tanta coisa mais interessante para vocês fazerem. — Pietro pisca para Cris e volta a se alongar.

Coloco a mão na testa para fazer sombra no rosto, e aperto os olhos para ver Cris.

Sei que ela está certa, brincar de detetive até me manteve ocupada esses dias longe de Dark. O cara era péssimo no que fazia e daí? Ferre-se que tinha ou não, um caso com a Paola, o que muda falar isso para Dark?

Não sou dona da verdade dos outros. Não tenho esse direito.

Irmã Calamanda sempre nos disse: “quanto mais você foge dos seus pecados, mais exausto estará quando eles alcançarem você”. E eles sempre nos alcançam... É batata... Então, quem sou eu para apressar as coisas? O dia da Paola vai chegar sozinho.

E se tem uma coisa engraçada na verdade, é que ela sempre aparece. Zetta que o diga!

— Amiga... É exatamente isto que pretendo fazer. Pro inferno com tudo isso. A vida já é tão difícil, por que a gente fica arranjando mais problema? Tenho mais é que levantar as mãos para o céu e agradecer a boa

fase. A Toscana tem sido muito generosa comigo para perder tempo me metendo onde eu não devo.

Cris me olha de cima a baixo e abre um sorriso.

— Essa é minha garota! Então vamos agradecer à Toscana, arrasando na pista hoje!

— *Dio!* Dark vai me matar! Mas não estou nem aí! Pelo jeito, ele também vai estar bem ocupadinho.



22.2

Pelos ares

Não vou entrar em detalhes impressionantes sobre o meu dia. Até porque ele foi basiquinho: treino, trabalho, quarto... Livros e séries. Mas uma coisa mudou: senti-me radiante e ansiosa o dia inteiro, como uma adolescente na véspera de sua festa de quinze anos.

Foda-se! Viva a Toscana!

Parece que minha alma está iluminada. Cris não para de repetir que minha felicidade tem o nome de certo gigante bem-dotado, de olhos esmeralda e que volta amanhã. Eu tenho certeza.

Ficar longe dele, esses dias, me fez enxergar o quanto o quero por perto. Mesmo que me enlouqueça e me irrite, eu não ligo. Gosto dele mesmo assim. Como aquela calça jeans nova, que incomoda no começo, mas que depois fica perfeita, que se ajusta ao corpo como nenhuma outra e você não quer parar de usar nunca mais!

— Ai-ai, Sr. Alessandro Salvatore Bolgheri! O que eu faço com você?

Depois da tarde de hoje, já posso trabalhar como guia de tevê a cabo. Acho que as coisas devem ter corrido bem lá com a dona Zetta. Só isso justifica o tanto de tempo livre que Dark arranhou. Até agora, foram mais de cinquenta indicações de filmes e séries.

Fora as reportagens que Aless me enviou: uma sobre uma infestação de baratas na boate *Bolgheri's Night & Club*, há seis anos. E outra na qual

alguns frequentadores afirmam categoricamente terem visto o fantasma da loira do banheiro vagando por lá.



WhatsApp

- | **Dark** – Sabia que no ano passado, a vigilância sanitária quase fechou a boate? Bebida batizada, Baixinha. Muito arriscado, pode causar até cegueira. É... Acho melhor você ficar na vinícola mesmo.
- | **Juliet** – Sabia que frequentar recepções com *periquetonas* bronzeadas pode causar impotência? Um homem teve seus documentos decepados por isso!
- | **Dark** – É isso mesmo? Vamos ficar nessa e você não vai desistir desta porra, Juliet? Voltou com aquela ideia de merda de curtir adoidado? Sua *Incantata* já foi confiscada, uso exclusivo meu, ouviu?
- | **Juliet** – Deixa de ser *stronzo*^[66]! Não estou pensando em liberar nada, mas não vou desistir de sair com os meus amigos! Se tenho que me conformar que você vai a uma festa com a doutora Pam – aquela que *VOCÊ* tentou engravidar várias vezes –, acho que vai sobreviver a minha ida à boate sem fins procriativos.
- | **Dark** – Mas que *cazzo*! Já discutimos esse assunto, Juliet! Não entendo por que esperou eu viajar para jogar essa merda! Deveria ter me falado sobre isso na mesma hora! Foi inseminação artificial, caralho!
- | **Juliet** – Nem morta ia me rebaixar fazendo um escândalo diante da concorrência. Além do mais, apaguei com aquela porcaria de analgésicos! Se ela não fosse tão legal comigo, apostaria que foi por querer, só pra me tirar do jogo! Ah, quer saber? Não me interessa! De um jeito ou de outro, seus girininhos foram parar dentro da sapinha dela! Agora me deixe em paz. Tenho uma pista de dança me esperando! Cris está batendo os saltos de tanta impaciência. Preciso me produzir.
- | **Dark** – Se produzir? Para quê, porra? Rafa está pedindo uma *selfie* da roupa.
- | **Juliet** – Rafa? Sei... Sei. De jeito nenhum. E acho melhor você começar a

frequentar as reuniões do OOC! Porque deste jeito está difícil!

| **Dark** – Que caralho é OOC?

| **Juliet** – Ogros Obsessivos Compulsivos. Tchau, Aless, relaxa que estou na tua! Beijos e fui!

| **Dark** – Ainda não terminei. Vai me ligar da boate? Pode ser de trinta em trinta minutos, abro mão dos quinze em quinze. Está vendo, não sou obsessivo.



Dark

Olho para o visor. Nada de resposta. Respiro fundo controlando o impulso de destruir o terceiro celular na semana e ignoro as duas patetas que estão rindo deitadas em minha cama.

Porra, Juliet Damaggio!

Não mexa com fogo, Coelhinha.

Pode acabar com uma cenoura bem grande enfiada nessa sua boquinha, para deixar de ser tão respondona.

Rafa e Pam têm se divertido com a minha agonia. Se não bastasse minha barraca armada vinte e quatro horas, a engraçadinha da minha irmã me rondou o dia inteiro, para ver se escutava alguma das nossas conversas. Privacidade só por mensagem de texto.

Olho no espelho, que ocupa umas das paredes do meu quarto.

Ajeito mais uma vez a gravata borboleta do meu smoking. Sinto-me um pinguim com esta bosta! A uma hora dessas, poderia estar na estrada. Chegar de surpresa e arrastar Juliet para a cabana e mostrar a ela com qual pau se constrói uma pista de dança.

Cacete de mulher que tem formiga no corpo!

Uma gritaria familiar, que pensei ter acabado, explode com tudo do lado de fora do meu quarto.

Cazzo!

Rafa e Pam saltam na mesma hora da cama e vêm parar atrás das minhas costas. As duas estão tremendo mais do que vara verde. Pensei que Zetta tivesse ficado feliz em ficar na minha cobertura no endereço mais nobre de Monte Carlo! De frente à praia de Larvotto, é o lugar preferido dos amiguinhos endinheirados e fúteis dela. Pelo visto, me enganei.

— *Alessandro, sei que está aí! Abre essa porta.*

— Ai, mano... Hum... e agora? A última coisa que quero é enfrentar a *mamy* ardilosa — Rafa sussurra atrás de mim. — Você ouviu o que ela disse, não quer me ver nem pintada de ouro.

— *Mamy* ardilosa? — Viro e olho feio.

Tudo bem que Zetta é um pé no saco, mas mãe é mãe.

— É carinhoso. — A espertinha sorri e faz biquinho, sabe que me dobra com isso.

A insistência de Zetta continua. Ajudo as meninas a saírem pelo acesso dos empregados. Peço que me encontrem na RR. Todas as bagagens já estão no carro. Depois da recepção, partimos direto para Bolgheri. No máximo, uma parada no meio do caminho para nos livrarmos do *Black Tie*.

Uma vez só, respiro fundo e recorro à calma que não tenho mais. *Cacete!* Joguei os calmantes da Pam há três dias pela descarga.

Ommmmm, Ommmmm, Ommmmm.

Sem sucesso na meditação, respiro fundo, mais uma vez, antes de abrir a porta. Zetta invade meu quarto como um trator. Está vestida

elegantemente em um longo preto.

Ai, mãe, nem pensar!

— Está pensando em ir à recepção do cônsul sem me levar?

— Não estou pensando, mãe. A senhora não vai.

— Zetta, por *Dio*! — Meu pai entra em seguida, ele tem um galo na testa. — Já não está de bom tamanho? — Aponta para a testa. — Chega de drama. Não foi convidada! Aceita.

Crash! Ploft!

Lá se vão alguns objetos do meu quarto recém-redecorado em estilo vintage. Eu e meu pai desviamos dos mísseis de Zetta enquanto eles se espatifam na parede.

— Sabe quando... — lá se vai a tevê de plasma, atingida pelo abajur — vou aceitar que um evento como esse aconteça e eu não seja convidada? Tenho certeza de que o rei Albert II notará a minha ausência. Só pode ser um engano. Sou a condessa! A condessa!

— Não é mais desde as dez horas da manhã de hoje, minha querida. E convenhamos, o rei Albert II foge de você como se fosse o diabo! — meu pai fala com um prazer incontido na voz. — Bem-vinda ao outro lado da moeda. O mundo que tanto valorizou, a ponto de abrir mão da sua família, agora está descartando você!

— Seu... Seu... velho mentecapto!

Ela avança em meu pai e só agora percebo o cheiro de álcool exalando de sua pele.

— Mãe. Não piore as coisas!

Seguro-a abraçando forte e faço um sinal para os seguranças, que acabaram de chegar, esperarem no corredor.

— Não pense que vai pôr outra no meu lugar! — esbraveja em direção ao meu pai.

— Não pretendo, Zetta. Sou apenas um conde benemérito agora, transferi a titularidade e todas as ordens legais ao Alessandro essa tarde. Mesmo que me case novamente, ela não irá carregar mais o título.

Uma sensação incômoda volta. Fui totalmente contrário à decisão do meu pai. Um título agora ou em qualquer outro tempo, não fazia parte dos meus planos. Sei que seria inevitável no futuro, mas antecipar as coisas desta maneira me deixou mais puto e insatisfeito do que já estava. Só aceitei tal absurdo como uma manobra para livrá-lo do assédio de Zetta. Mas o comando dos negócios continuará em suas mãos. Abrir mão da vinícola e da *Mountain* nem pensar.

— O quê? — Ela se debate em meus braços. — Jamais vou permitir que alguma das rameiras do Alessandro ostente um título que é meu!

— Lave essa boca para falar assim da Jul... — interrompo a frase.

— Quem? Está envolvido com alguém, Alessandro?! — berra. — Não vou aceitar. Nunca! Se ao menos fosse a Paola! — esbraveja e volta-se com fúria para o meu pai. — Enlouqueceu, homem? Abrir mão do título. Você está insano! Insano!

— Nunca estive mais consciente, Zetta. Agora pare com suas ameaças vazias, pegue o resto de sua dignidade e retire-se da minha casa. O que mais você quer, mulher? Já tem uma pensão generosa e vai ficar na cobertura do Alessandro. Pegue seu amante e nos deixe respirar um pouco.

— Não tenho mais amante! O Flint... me largou e a culpa é de vocês! — esbraveja e depois gargalha descontrolada. — Generosa? Aquilo não paga nem a champanhe e o caviar da semana! Vou fazer o inferno, podem apostar!

Minha mãe perde o controle. Grita, xinga e tenta me agredir. Sem

saída, sou obrigado a ligar para Pam, que sobe e aplica um sossega-leão em Zetta. Depois do que parece um século, ela finalmente apaga e os seguranças a rebocam para o meu apartamento, com ordens expressas de não a deixar sair até o dia seguinte.

Depois de ter um quarto destruído, reforçar o quadro de seguranças, proibir a entrada de minha mãe no chateau e de uma despedida emocionante com meu pai, parto para o meu último compromisso no balneário.

Às 19h05, eu fico no carro por alguns minutos, antes de entregar as chaves da RR ao manobrista. A mansão azulada, da embaixada da França, está toda iluminada com canhões de luzes. Bandeiras de honra flamejam e carros e mais carros aglomeram-se em frente ao tapete vermelho, que cobre a escadaria da entrada. O lugar está disputadíssimo.

Caralho! Como detesto toda essa pompa aristocrática!

Olho para o exército de socialites, políticos, atletas e artistas... Figurinhas fáceis nas noites da Cote D'Azur e desanimo. Um desfile infundável de smokings, vestidos reluzentes e joias mais brilhantes ainda.

Por um segundo imagino que a boate das baratas é o meu melhor lugar no mundo, agora. Checo mais uma vez o celular, nenhuma mensagem de Juliet nem de Fran. Ligo para os dois e sou magistralmente ignorado.

Pensa em um homem bravo, totalmente contrariado. Pensou? Agora multiplica pelo infinito. Então, esse não chega nem perto do Dark que sou neste exato momento. Frustrado, de mau humor e há dez dias sem foder.

— Vamos, Aless, está congestionando o lugar. — Rafa cutuca meu braço e eu rosno. — Não é justo, a maioria das mulheres está acompanhada. Mais uma vez, vou sair como a encalhada nas fotos.

— Rafa... — respiro. — Primeiro, você só tem dezoito anos, acho que todos irão entender que não seja casada. — Encaro minha irmã que está

bela em um vestido longo branco. — Segundo... Está bonita assim... Sozinha e sem nenhum babaca pendurado no seu cangote. Terceiro... Se é de um homem que precisa, eu estarei ao seu lado e estou incrivelmente lindo neste smoking. — Pisco.

— Convencido.

— Realista.

— Dark, não sei como Juliet te aguenta! — Pam me provoca.

— Pam, Pam... Essa é fácil! — Sorrio forçado. — Depois que se tem o melhor, genérico nenhum satisfaz. Ela me ama mais do que eu a irrita.

Pam gargalha sua indignação. Minha amiga também está elegante em um vestido prata fosco, faltando uma manga. Apesar da insistência de Rafa, ela não calçou, de jeito nenhum, salto alto.



— *Não insista, Rafa, não irei de saltos... Eles são uma invenção machista, para fazer o bumbum das mulheres parecer menor... e dificultar a fuga delas...*



As luzes dos flashes das câmeras da imprensa pipocam, mais uma vez, assim que saltamos da RR. O protocolo pede que fotos oficiais e perguntas de jornalistas sejam feitas no topo da escadaria. O burburinho aumenta assim que nos posicionamos. Uma multidão de jornalistas e fotógrafos se amontoa gritando nossos nomes.

— Conde Alessandro! Conde Alessandro! Antoine, do *Le Petit Journal*, de Mônaco. E o escândalo envolvendo seus pais, algo a declarar?

— Escândalo nenhum, Antoine. Foi apenas uma separação amigável

entre dois adultos que se respeitam mutuamente.

— Alessandro! Aqui! Tenho uma pergunta! — Meus músculos retesam ao reconhecer a voz e focar no rosto da mulher. *Caralho!* A mão de Pam segura meu braço assim que ameaço dar as costas. — Agora que é oficialmente conde vai abandonar a vidinha que leva em Bolgheri ou pegou gosto pela criação de cabritas montanhesas?

Respiro fundo, chocado com a ousadia dela. Controlo-me, concentrando-me nas unhas de Pam cravadas em mim.

— Desculpe-me, senhora, mas não a conheço — digo com desdém. — Seu nome e mídia, por favor? — Olho para o cerimonialista, que pede que ela repita.

— Amelie Carter. *The New York Times* — responde constrangida sob o riso dos colegas.

— Amélia — provoco e ela contorce o rosto. — O título de conde não muda nada. Bolgheri permanece; e quanto às cabras... são de melhor linhagem do que as vacas. Não acha? Nada contra quem aprecia o popular bife, não me entendam mal, senhores... — Os repórteres gargalham. — Mas, para mim, este tipo de carne é indigesto.

— Obrigado, senhores, encerramos aqui — o cerimonialista orienta. — Somente os cinco fotógrafos selecionados terão acesso à recepção. Peço que se apresentem em meia hora.

Passamos pela porta principal em direção ao salão principal. O lugar está decorado de forma extravagante e um enorme lustre de cristal pende do teto central a mais de quinze metros.

Ricos e celebridades conversam ao redor dos cinco bares montado para o evento e uma pista de dança, na área central, está rodeada por mesas com toalhas de linho branco até o chão. Parecem firmes... Minha imaginação

voa... O que eu poderia fazer com Juliet sobre uma mesa dessas. O pensamento sacana reverbera imediatamente em meu amigão, que fica mais alerta do que um leão na frente de um cervo.

— Vou em busca de uma bebida. Querem alguma coisa? — Pam sorri.

— Não, vou dirigir — lembro-a.

— Uma vodka — Rafa se empolga.

— O quê? — Olho para minha irmã, sem poder acreditar. — De jeito nenhum, mocinha! Está sob minha responsabilidade. Uma água, suco ou qualquer porra livre de álcool.

— Mas, mano, papai me deixa beber vinho!

— Não sou nosso pai. Primeiro, faça vinte e um e depois a gente conversa. Estamos aqui a trabalho. Assunto encerrado.

— Você não relaxa nunca? Está precisando dar umas. SOS Juliet chamando. — Ela gargalha e eu a fuzilo, já que palmadas estão fora de cogitação, pelo menos aqui. — Eitaaa lelê... Desculpa, não está mais aqui quem falou! Hum... Então qual é o plano? — O braço delicado de Rafa aperta minha cintura.

— Bancar a família feliz na próxima uma hora e cair na estrada — informo.

No tempo que se segue, tento parecer o mais relaxado possível. Perambulo com Rafa pelo salão, cumprimento e converso com todos da forma mais educada e contida, que o pau latejando entre minhas pernas me permite. Mal toco no jantar. Impossível. Minha fome é outra, meu corpo não aceita nada que não seja Juliet.

É impressionante como a forma de tratamento muda quando se acrescenta um título ao nome. Não é à toa que Zetta está revoltada. Ela ama

esses puxa-sacos.

Depois do jantar, os cumprimentos continuam. Mantenho-me impassível quando a princesa Stéphanie olha perplexa para o volume indiscreto em minha calça. Não tenho culpa se sou um homem apaixonado e longe da minha Baixinha. Por mais que a cabeça de cima exija controle, a de baixo já o perdeu há muito tempo.

Sinto um frio na barriga quando meu celular vibra. Estou estranhamente ansioso, não consigo parar de pensar em tudo que eu e Juliet perdemos, nesses dez dias de afastamento. Abro o arquivo que Fran me mandou por *WhatsApp*. Meu coração dispara, meu sangue ferve e não me contendo.

Caralho, que porra é essa?

Envio uma mensagem para Juliet:

Dark – Na loja em que comprou essa porra, tinha com decote? Caralho, Juliet, vai para uma boate ou para a praia fazer topless? Melhor trocar essa indecência se não me quiser morto, vítima de um aneurisma.

Quinze minutos... Dou a volta olímpica no salão três vezes, checo pela quinquagésima vez o celular e...

Cri-Cri-Cri-Cri...

Pensamentos desagradáveis, perturbadores e nada saudáveis contaminam minha mente. A possibilidade de outro homem olhando para ela ou chegando perto me desperta um sentimento tão esmagador que quase fico sem fôlego.

— O que foi, mano? Está vermelho.

Mostro para Rafa a fotografia de Juliet, que Fran tirou escondido.

— Nossa! — Rafa arranca o celular da minha mão. — Hum... Já achei ela linda nas outras fotos que me mostrou... Hum... Mas ela está gostosa pra caramba nesse vestido! Tua gata é quente, irmão! Está ferrado! — gargalha. — Será que Juliet me empresta?

Isso é hora para pensar em camaradagem de roupa?

Vou rasgar essa porra, sem chances de emprestar para alguém!

Resgato o celular e olho ao redor enquanto arranco alguns fios da minha barba.

— Vá achar a Pam. Vou me despedir do príncipe e do cônsul e vamos embora.

— Mas já? Nem...

— Agora, Rafa!

— Está bem, está bem, nervosinho. Ainda vai morrer do coração. Não sabia que era tão ciumento assim, Aless. Mulher nenhuma aguenta isso. — Ela solta um suspiro desacreditado. — Lembra-se do que conversamos, dos filmes que te mostrei. Os conselhos da Oprah! Mais romantismo, menos ogrice!

— Agora não é hora para me dar conselho, apenas faça o que mandei. Espero por vocês na saída.

Faço o que tenho que fazer e me despeço dos rostos marcados como prioridade por nosso departamento de relações públicas. Rumo decidido até a entrada. Os flashes recomeçam, mas os ignoro. Pego o celular.

— Pai, preciso do helicóptero.

Não tenho dificuldade em fazer todos os arranjos com meu pai. Nesses dez dias, conversamos muito. Ele sabe que estou enlouquecido por Juliet. Dei prioridade à família, mas agora não posso mais. Meu limite acaba

de ser rompido. Iremos direto de carro ao heliporto, trocaremos de roupa e voaremos para a vinícola. A RR irá em seguida, conduzida por um dos seguranças do meu pai.

— *Essa moça deve ser muito especial mesmo, Alessandro.*

— Já disse, pai. É a garota, o meu mundo!

— *Só vá com calma. Ela é jovem, Francesco é um bom menino e está de olho nela. Deixe-a se divertir um pouco, não a sufoque, meu filho.*

— Vou tentar o meu melhor, pai — minto.

— *Não espero menos do que isso vindo de você, Alessandro. Façam boa viagem.*

— Te espero em Bolgheri, pai.

— *Em breve, em breve, filho.*

Guardo o celular.

Cadê a desmiolada da minha irmã e a Pam?

Viro-me nos calcanhares em busca delas...

Smack! Flashes...

— *UAUUUU!*

Fiu, Fiu!

Entre gritos e assovios e sons de cliques das máquinas, consigo me desvencilhar do ataque inesperado da mulher polva.

— Que *cazzo* é essa? — rosno esfregando a boca e tentando manter a compostura diante da imprensa, que grita os nossos nomes.

Meus olhos são duas metralhadoras direcionadas para a mulher que ri satisfeita à minha frente. Uma onda de nojo vem enquanto a examino. Em um vestido vermelho justo e a mesma cara descarada, está a mulher que jurei nunca mais ter o desprazer de ver: Paola Ragatini, a bandida que fez da

minha vida um inferno literal.

Pego um lenço no bolso e limpo a marca de batom vermelho em minha boca.

Putá que pariu!

Isso é fodido, muito fodido!

— *Conde! Conde! Isso foi uma reconciliação?*

— Alessandro, querido! — Com um sorriso vitorioso, Paola passa os dedos nos meus lábios. Inclino a cabeça me esquivando de seu toque e tentando controlar o impulso de meter a mão na cara dela. Contenho-me porque, por mais que mereça, jamais tocaria agressivamente em uma mulher. — Ops! Melhor seria conde Alessandro. Essa é a forma como devo me referir a você a partir de agora, querido?

— *Conde? Esta é a futura condessa?! —* um repórter grita e ignoro.

— Conde o cacete! Simplesmente não se refira a mim! — esbravejo entredentes para Paola. — Que showzinho foi esse, Paola?

— Oh! Que triste! Pensei que ficaria feliz em me rever. — Ela sorri maliciosa, passa a língua nos lábios como uma cobra que é, e tenta tocar o meu peito, mas dou dois passos atrás.

— *Conde Alessandro? Algo a declarar! Estavam se encontrando escondido?*

— Não se atreva, Paola. Ou... Ou não respondo por mim — ameaço furioso e começo descer as escadarias em direção à RR, que acaba de chegar.

Ignoro a imprensa.

— *Paola, está novamente com o conde Alessandro?*

— Calma, senhores! — Ouço a voz rouca de Paola ecoar atrás de mim. — Não sejam apressadinhos! — Ela ri. — Queremos manter nossa

intimidade longe dos holofotes!

— Não há *cazzo* de intimidade nenhuma entre nós. Eu e Paola não temos nada, nem amizade! — brado para que todos os jornalistas possam ouvir.

— Alessandro, querido, calma! — Paola pede suave.

Espantado, quase rujo. A mulher fala comigo como se na última vez em que a vi, ela não estivesse gemendo enquanto cavalgava outro cara. Fico vermelho de raiva, minhas feições se transformam, minhas mãos fecham em punhos e soco o teto da RR.

— Não sou seu querido, nem porra nenhuma! — Perco a compostura. Foda-se!

— O que essa piranha está fazendo aqui? — Rafa chega do nada e para, inconformada, na frente da Paola.

Flashes! Cliques!

— Vocês duas, ignorem ela. Já para o carro! — ordeno entrando e assumindo o lugar do motorista.

Já no carro e na espera, sou pego de surpresa pelo embate inesperado que começa entre minha irmã e minha ex.

— Oi, pirralha. Vejo que deu um jeito nesse cabelo ruim.

O quê? Racista da porra!

— Maldita! — Rafa estapeia Paola. *Flashes! Cliques!* — Meu irmão já tem dona! Perdeu, otária!

— Meu botox! Dona? Quem é a vaca?

Flashes! Cliques!

— Nãooooo, Rafa, não se rebaixe! Simplesmente ignore-a — pede Pam, arrastando-a.

Put a que pariu!

Salto do carro e corro como um louco em direção à confusão que está se formando. Ignoro os gritos e risos histéricos da imprensa, que deve ter ganhado o dia com a treta de última hora.

Flashes! Cliques!

— Rafa, Pam... — Tento controlar a voz. — Para o carro, agora.

— Alessandro, ela me agrediu! — Paola esfrega a bochecha vermelha e seus olhos faíscam de raiva.

— Passou de todos os limites, sua racista! — Cerro os olhos para ela. — Seu preconceito de merda não cabe aqui! Melhor voltar para o calabouço de onde saiu e aguardar o contato dos meus advogados!

— O quê? Não fiz nada! Não tenho culpa se o cabelo dela...

— Chega! — interrompo-a. — Acabou, cacete!

Paola esboça um protesto, mas ignoro. Rebocando Rafa, que dispara a xingar e ameaça-la de processo, desço as escadas, entro no carro e saio o mais rápido que posso em direção ao heliporto.



22.3

É sério?

Se eu não fosse alpinista seria piloto de Fórmula 1. Vou da embaixada ao heliporto em quinze minutos!



— *Ai, minha Madonna Santissima! O farol está vermelho, seu louco!*
— *Pam berra.*
— *Relaxem... Dirijo melhor que Lewis Hamilton.*



Depois de ligar para os advogados pedindo uma ordem de restrição contra Paola e de me livrar do smoking, ando de um lado para o outro na pista. Espero as malas serem carregadas e o comandante liberar o embarque. Minha vontade é de bater a cabeça contra o aço do helicóptero. Só não o faço porque preciso da aeronave inteira para chegar o quanto antes a Bolgheri.

Tento mais uma vez o celular de Juliet e Fran... Nada.

Aperto meu nariz... Sinto um aneurisma chegando. É hoje que eu empacoto! Esfrego a mão no rosto, lá se vão mais uns trinta fios da minha barba. Viro-me para Rafa e Pam, que estão quietas perto do hangar, apenas me observando. Respiro fundo para me acalmar, afinal sou treinado para isso.

Cazzo! Cazzo! Cazzo!

Não posso deixar que a porra de um vestido e uma Paola me tirem do sério.

Embarcamos. Fico no assento mais próximo à porta. Rafa e Pam estão de frente para mim. Deixo que o vento forte dos rotores acalme meus pensamentos. Observo Mônaco ficar lá embaixo. Uma hora e meia e tudo entrará nos eixos.

— Hum, irmão? — A voz doce de Rafa me puxa de volta.

Seria tão bom se ela fosse como sua voz, mas não se enganem, por trás de sua aparência angelical habita uma verdadeira monstrixinha.

— Fala...

— Tem alguma coisa que esqueceu de nos contar? — Seus olhos me avaliam como se buscassem algo nas profundezas.

— Não.

— Hum... Juliet é ciumenta? — muda o foco.

— Ela nega, mas... é italiana, porra! Tapas na cara e ciúmes já vêm no DNA.

— Seu bastardo! Por que escondeu que rolou um beijo? — Minha irmã acena o celular para mim.

— Não rolou! — digo a minha verdade.

— Está em todos os sites! — Ela acena o celular para mim de novo.

— Fodeu! — Coloco a cabeça entre as pernas.

— Rolou? Puta merda! Passa para cá esse troço! — Pam arranca o aparelho das mãos de Rafa e seu queixo cai. — Ai, minha Nossa Senhora! Lascou-se. Por *Dio*, Dark! Como pôde beijar a naja? — Suas feições são de puro desgosto, nojo até.

— Cacete, eu não beijei! — explodo e sinto o aneurisma voltar. — Ela me atacou!

— Isso não interessa. — A voz doce de Rafa não é mais tão doce

assim. — Urgh! O lance é... Vocês trocaram saliva! Que nojo! — berra.

— Não teve porra de saliva nenhuma! — berro de volta.

— Se eu fosse você, começaria a rezar... — Pam resolve se manifestar. — A italianinha vai fazer você ter um papo direto e reto com o Grandioso.

Sou um homem inteligente, a verdade está do meu lado.

Não vou cair no papo dessas duas malucas.

— Juliet é uma mulher inteligente. Tenho certeza de que vamos conversar, vou explicar o que aconteceu e vai ficar tudo bem — pondero sem muita convicção, mais para me convencer.

— Hum-hum... Ela vai te ejetar para o céu, isso sim. E não vai ser de primeira classe. — Pisca Rafa.

— Prevejo turbulência da braba — Pam devolve a piscadinha.

— Bota braba nisso! — Repisca Rafa.

Este pisca-pisca dessas duas árvores de Natal, já está me dando nos nervos.

— De que lado vocês estão, cacete? — pergunto indignado. — Conhecem a Paola!

— Do seu, *of course*! — Rafa arregala os olhos negros. — Mas aprenda uma coisa comigo, maninho. Somos mulheres. Primeiro a gente surta, depois a gente chora, aí matamos um e só no fim, se sobrar alguém vivo, é que a gente conversa!

— Quer parar com o terrorismo! — ameaço desafivelar meu cinto de segurança.

— Só estou sendo realista, mano.

— Se não parar de falar agora... vou te dar tantas palmadas que vai

dormir de muletas.

— Uiiii... Que medo, beijoqueiro. — Rafa arregala os olhos e desliza a cabeça sobre os ombros como uma egípcia.

Como ela faz isso?

— Não me provoca, Rafaela!

— Querem parar os dois? Que inferno! — o berro da mãe urso Pam faz até o vento parar de soprar. — Comandante tem para-quedas nesse troço? — Ele confirma assustado. — Nem mais um pio até Bolgheri, senão vou saltar! Prefiro ir a pé. *Grazie a Dio* que sou filha única!

Às vezes, em algumas batalhas, é preciso saber recuar e cessar fogo. Ficamos quietos depois disso.



Juliet

Sabe aquele momento em que a pista de dança explode? Luzes piscando... Gritos... Todos suados e com os braços para cima, pulando no mesmo ritmo da música *Don't stop the party* do Pitbull... Extasiados... Passinhos sincronizados... Ligados pelo álcool... Uma loucura! Bombando!

Este é o meu momento! Soltinha na pista! Cabeça para lá e para cá, cabelos voando.

Não sei de onde saiu tanta gente. Não que fosse necessário muito para abarrotar a única boate da cidade. *Bolgheri's Night & Club* é um lugar pequeno, mas até que é bem moderninho. Muito acrílico colorido, aço escovado, couro branco e neons. Certamente o dono do lugar andou investindo algum dinheiro aqui.

Ninguém tira da minha cabeça que Kai, Fran e Petah estão de trê-lê-lê. Não consegui, ainda, decifrar a dinâmica do que está rolando, se é dois em um, um em dois ou três em três. É sanduíche na pista e um *tchaca-tchaca* na *butchaca* infinito. Só sei que não se desgrudam, o que é até tortura para uma mulher necessitada e carente como eu. Não tenho para onde fugir. Quando me viro, Cris e Pietro estão quase se inseminando na pista.

Maldita hora para esquecer o celular em casa. Eu me trancaria fácil na cabine do banheiro, só para ligar para Dark e ouvir aquela voz safada dele.

Infelice delizioso! Diacho de homem mais criativo!

Meus dedinhos aprenderam a fazer coisas em mim, que eu jamais imaginaria.

Descabelada e suada, deixo o trio e os pombinhos se atracando na pista. Forço o caminho rebolando e me esquivando até o bar em busca de alívio. Espremo-me na primeira abertura que encontro no balcão vermelho, apinhado de gente gritando.

— Oooh! Amigão! — grito tentando chamar a atenção do barman.

Cri, Cri, Cri...

Com tanta gente competindo comigo, com berros muito mais potentes, o moço com dreads do bar nem olha em minha direção. Sou pequena, porém esperta, então abro caminho por baixo, me espremo entre os outros até chegar bem próxima a ele.

— Oi, licença! — Tento de novo.

Cri, Cri, Cri...

— Ei!

Fico na ponta dos pés e bato no balcão.

— Não vai conseguir nada assim, Marley é sensível.

Sigo a voz conselheira e olho para o cara que está encostado ao meu lado. É mais alto do que eu, o que não quer dizer muito. E parece uma versão piorada de Leonardo Di Caprio, em *Titanic*. O navio desse aí afundou antes de começar o filme. Sorrio para ele.

— Marley! A senhorita aqui pediu... — Ele olha para mim.

— Margarita *frozen* de morango — digo.

— Uma *frozen* de morango e mais um duplo para mim.

— Você é o cara! — O dreads abre um sorriso e finalmente começa a preparar minha bebida.

— Obrigada — digo sem dar abertura e volto a ficar de frente para o balcão.

— Não agradeça. Rostos novos são sempre bem-vindos, ainda mais um bonito como o seu. — Ele sorri com os olhos fixos em meu decote.

Puxo o tecido, depois o cabelo, tentando diminuir seu campo de visão.

— Gostei do jeito que dança, Juliet da *Mountain*.

— O que foi que disse? — Viro como se tivesse levado um soco, minha voz sai ríspida. — Como sabe meu nome?

— Oooh! Só fiz um elogio. — Levanta as mãos desarmadas. — Cheguei hoje, uma amiga me contou que tinha gente nova na *Mountain*. Te vi com os caras e deduzi. Te chamaram de Juliet. Nada de mais. — Levanta os ombros.

— É amigo deles? — Relaxo um pouco.

— Já fui. — Ele me dá um sorrisinho cínico, colocando a mão em meu ombro com malícia.

Pisco algumas vezes, incrédula. Um arrepio ruim percorre minha

espinha... Agito-me... Olho para o barman, que parece uma lesma preparando os *drinks*. Aumento a distância entre nós. Passo a mão no pescoço e, em um tique nervoso, cruzo os braços tentando tapar ainda mais meu decote. Ele sorri se divertindo.

— Desculpa, mas não costumo conversar com estranhos em bares, ainda mais sabendo que não são amigos dos *MEUS* amigos. — Afasto do balcão e começo a ir em direção à pista.

— Seu *drink*! — grita nas minhas costas.

— Pode ficar com ele!

Encontro Cris, Pietro e Kai em uma mesa e estão completamente acabados. Deslizo na cadeira vaga em frente deles. Fran foi dar uma voltinha até o banheiro com Petah. Ficamos de papo furado, combinando um jogo de pôquer uma dessas tardes no set, ou no churrasco que finalmente iremos organizar para Rafa.

Uma mão atrevida toca a minha nuca.

Porcaria!

— Seu *drink*.

— Disse para ficar com ele! — retruco.

— Acho que não.

O abusado do bar se senta em uma cadeira ao meu lado e empurra o copo pela mesa, até ficar na minha frente. Meu trio de amigos observa tudo sem entender patavina.

— Oi pra vocês! Romeo — apresenta-se.

— Kai.

— Cris.

— Pietro.

— Se a parte do eu não falo com estranhos, não foi suficiente para você... — resmungo metralhando-o com meus olhos — saiba que tenho namorado, caramba!

— Vixiiii! E o namorado dela é bravo, cara. — Kai balança a cabeça querendo mostrar que sabe o que diz.

— Cadê esse “namorado” que não está aqui? — Ele faz aspas duvidando de nós.

Ops! Perdemos a paciência aqui!

— Está no banheiro — minto. — Já disse! Não estou disponível e não quero essa droga de *drink*!

Levanto-me esbarrando na mesa. O copo trepida, gira... Gira... Vira e... *Ops!* O conteúdo avermelhado vai parar direto na virilha do babaca. Ele dá um salto da cadeira, alisando a mancha vermelha enorme, bem no meio de seu jeans branco.

— Porra! *Maledetta!* Isso aqui é um *Balmain* de seis mil euros, caralho! — Sai esbravejando e me xingando em direção ao bar.

Pode ser a marca de jeans mais cara do mundo, que ainda assim estou me lixando. Desculpem-me quem gosta, mas calça branca justa? Pelo amor, né? Nem o doutor Derek, de Grey's Anatomy, ficaria bem em uma dessas.

Fran e Petah voltam do banheiro mais amassados do que jornal de peixe. Voltamos para a pista de dança ao som de *Viva la vida*, de Coldplay. O estranho parece ter desaparecido, então sinto-me leve.

Dançamos e pulamos girando um ao redor dos outros, cantando as letras das músicas de forma dramática. Fecho os olhos agradecendo a *Dio* pela beleza de estar viva e a sorte por ter conhecido pessoas tão legais como eles.

Meu coração dá uma palpitada! Para ser perfeito só faltava alguém aqui!

Abro os olhos e vejo Fran e Cris abraçados sorrindo para mim. Retribuo com um abraço triplo.

— Estou tão feliz por ter conhecido vocês! — berro e começamos a pular.

Opa! Opa! Nãooooo!

Uma esfregada indecente cutuca o meu traseiro. Congelo. Mais uma.

Dio! Que canalha!

— Seu tarado! Já disse que tenho namorado! — grito o mais alto que posso e viro de supetão, com a mão pronta para o tapa na cara.

Ela é capturada no ar antes de atingir a cara do sujeito! Nossas peles se chocam... Cada centímetro da minha pele aquece queimando meu peito... O calor vai atingindo minhas costelas e membros... concentrando-se ao sul da minha barriga. As sinapses responsáveis pela fala vão dar uma voltinha. Fico muda e paralisada.

O sorriso mais espetacular já dado na Terra explode na minha frente.

— Namorado? — Ele fecha um o olho, me medindo.

— Hum... Ah! É... — balbucio.

Ele sorri mais.

Quase fico cega com o brilho nos olhos esmeralda e meu corpo começa a tremer. Um sorriso se abre em meu rosto por puro reflexo. Tremo, chacoalho e rio.

Parem o mundo que eu quero pegar!

Cazzo! Para o inferno a descrição! Ninguém tem nada a ver com a minha vida!

Jogo meus braços para o alto, agarrando com tudo o pescoço do gigante à minha frente.

Recebo um abraço de urso em troca e meus pés deixam o chão.

— Uauuuu! Isso tudo é saudade, Baixinha?

— Aless! Aless! Aless! — Não paro de repetir seu nome, agarrada a ele e ainda não acreditando que está aqui, quando sinto o volume do meu *Preciozo* em sua virilha!

Ah!

Agarro-o tanto, que se eu pudesse trepar nele e escalar até sua cabeça, eu faria.

— Estou aqui, Baixinha — sussurra no meu ouvido.

Sua voz grave e aveludada me esquentava ainda mais, abrindo as comportas da minha libido.

Ops! Que nos perdemos aqui!

— *Dio!* Como senti falta disto!

Eu me esfrego e ele se esfrega todinho em mim, aproveitando o ritmo da música.

— E eu, Coelhinha! Vou morrer por falta de sangue... Está todo aqui!

Aproveita a pista lotada e encosta seu pau de concreto em minha mão.

— Não posso ficar mais nem um minuto sem vocês!

Aperto seu negócio duro, que nunca esteve tão impressionante!

Dark me beija de um jeito intenso no meio da pista de dança. Ataca-me com gosto, guloso e desprovido de qualquer pudor. Meu mundo para.

Onde estou?

Entramos em um esfrega-esfrega de agonia, de saudade. Sua mão grande prende minha nuca, o desespero é tão grande que nossos dentes se chocam, nossas línguas se embolam e nossas bocas se devoram.

Gritinhos, assovios e aplausos eclodem atrás de nós, mas só consigo ouvir nossas respirações e corações sincronizados.

Gente de Dio!

Sabia que estava com saudades, mas não assim... Dessa forma tão avassaladora, esfomeada e urgente!

— Tem um banheiro ali atrás! — Fran grita seu aviso.

— Dark não cabe na cabine! — Kai tira sarro.

— Se fecha, Kai! Depois ele quebra a tua cara e você acha ruim — Petah recrimina-o.

— Dark está dominado! — Pietro vibra.

— Já era tempo desses dois cabeçudos se assumirem! — Cris completa.

— Cacilda, o homem é bom de pegada, hein! — Petah berra.

Dark morde meus lábios e suas mãos grandes param em minhas costas. Continuamos nos encarando e nos comendo com o olhar. Eu o beijo por baixo do queixo e chupo a pele macia de seu pescoço.

— Estava com saudades, Gigante!

Ouçó um gemido baixinho ecoar por sua garganta. Mais um beijo despudorado e estamos sem ar. Nossas bocas se afastam. Sinto meus lábios inchados e latejando.

— E esse tal namorado que falou? Ele sabe que você já tem dono, Baixinha? — Faz uma cara de bravo. — Esse cara vai morrer, só para avisar...

— Espero que não! Suicídio é pecado.

Beijo seu peito, que sobe e desce como um alucinado.

— Isso é sério? Mesmo? — Ele me encara incrédulo. — Eu e você? É oficial?

— Hum-hum... Acho que depois de agora é, né? — Faço uma pausa dramática porque gosto e olho para as pessoas à nossa volta. — Descobri que prefiro brigar com você a ter paz ficando longe. Se bem que, mesmo longe, a gente briga, né?

Sorrio e ele beija o meu nariz.

— Brigamos mesmo! — Ele joga a cabeça para trás, gargalhando.

— Namorado! Namorado! Porra! Ouviram isso? Sou o namorado, caralho! — Dark grita, me gira e eu enrubesço automaticamente.

Não era assim que eu tinha fantasiado, mas agora já foi... E querem saber? Melhor impossível!

Depois da gritaria, dos abraços e dos tapinhas nas costas acalmarem, saímos do meio da pista e voltamos para a área mais tranquila das mesas. Reparo em uma jovem negra linda ao lado de Kai, que não tira os olhos de nós, e no...

Dio! O que ele faz em uma boate?

— *Nonno!* O que ele está fazendo aqui?

Assusto com *Nonno* sentadinho com cara de perdido e encantado. Dark gargalha, me aperta, se esfrega mais uma vez, e depois me solta, mas não muito.

— Uma longa história, Baixinha. Digamos que entre os altos e baixos, hoje estamos em baixa. Encontrei *Nonno* pedalando na estrada quando estávamos vindo para cá. Foi um parto para ele entrar no carro!

Liguei para Madalena, ela estava desesperada atrás dele. Fugiu porque queria vir ao baile e Niro não quis trazer.

— *Nonno!*

Vou até ele e dou-lhe um abraço carinhoso.

— Julieta! Isso aqui é barulhento! Quando a valsa começa? — Ele sorri confuso, tampando os ouvidos e fazendo uma caretinha engraçada.

— Ai, *Nonno*, acho que aqui não toca valsa não. — Beijo sua testa.
— Mas prometo dançar uma com o senhor, amanhã!

— Hum-hum... Oi, né! Educação passou longe. — A negra linda se manifesta e me viro abrindo um sorriso.

— Porra, Rafa! Desculpa! — Depois vira-se para mim. — Baixinha, a pirralha aí é minha irmã, Rafa! — Depois dirige-se à irmã: — Rafa, a mulher sortuda aí é minha namorada, Juliet! — diz radiante e presunçoso.

Ignoro.

— Acho que o sortudo é você, que arranjou uma louca que te ature!
— Rafa soca o braço do irmão e pisca para mim.

— Vai começar, Rafaela? Hoje já me irritou bastante, não acha?

— Eu? — Ela arregala os olhos negros. — Sou uma santa! Juliet... adorei seu vestido, me empresta?

— É lógico. Eu...

As mãos de Dark vão parar no meu decote puxando o tecido para cima. Ele tira o casaco e começa a querer me tapar.

— Não vou pôr esse troço. Pode desistir.

Tento me desvencilhar, ele insiste.

— *Cazzo! Cazzo! Cazzo!* Tinha que me lembrar desta porra, né, Rafa? Vai emprestar o caralho, que vai! — Ele me mede dos pés à cabeça,

suas feições se contorcem e sua pele ganha um tom avermelhado. — Liguei feito louco para você e para o Fran. Por que me ignorou, JULIET?

Eitaaaa, ele me chamou de JULIET!

Radar ferrou para mim, ativado!

— O Fran eu não sei... Eu esqueci o telefone em casa.

— Sem acesso à internet? Tem nego que é rabudo mesmo! — Rafa gargalha e bate palminhas.

— Internet? Rabudo? — pergunto curiosa.

— Ignora ela, Baixinha! É bipolar! — Dark olha feio para a irmã, que arregala os olhos com cara de: “o-que-eu-fiz?” — Rabudo é o caralho, estou possesso. Ainda não engoli você sexta à noite, sozinha numa boate!

— Não estou sozinha! Diverti-me muito com os meus amigos!

— Prefere eles a mim? É isso?

— Dark, eu gostei muito de me divertir com eles por algumas horas. — Beijo sua bochecha. — Mas é com você que quero me divertir o tempo todo.

— Por isso que me pediu em namoro, Baixinha? — Ele abre um sorriso e pisca para Rafa. — Sou bom, né? Irresistível! Todo mundo quer me namorar.

— Querem, é? — Não gosto nadinha desse todo mundo. — Eu não te pedi nada! — protesto.

— Pediu sim, melhor, me obrigou! — Me cutuca na barriga e depois me agarra apertado se esfregando. — Aceitei só para não ficar chato para você!

— Ah, é? Se está tão obrigado assim... — tento me soltar e Rafa gargalha — termino com isso já, idiota!

— E faltar com a minha palavra? — Balança a cabeça exageradamente. — Já te disse, sou homem não moleque, estou nessa até o fim. Vamos embora!

— O quê? — Rafa quase surta. — Mas eu acabei de chegar! Não é justo!

— Fran vai deixar o *Nonno* e os outros. — Ele olha feio para Kai, que se encolhe. — Cris e Pietro querem ficar! Vocês duas comigo, agora! — Dá as ordens.

— Que saco! Vocês querem se pegar e eu que pago o pato? Odeio minha vida! Odeio! Se tranquem no banheiro!

— Acha que não pensei nisto? Só que eu não caibo naquela bosta! — Dark meio que está desesperado.

— Não tem um beco? Um quartinho? — pergunto querendo colaborar.

A urgência dele é a mesma que a minha.

— A porra que não tem! — Ele puxa a barba.

— Se segurem, já aguentaram dez dias, mais umas horinhas...

— Não... Por *Dio*! — Sou eu quem implora dessa vez.

— Não quero nem saber, preciso fod... — Dark se engasga. — Conversar com a Baixinha e tem que ser agora! Melhora essa cara e vamos!

— Odeio minha vida!



— **Ah! Tinha que** ser... — Palmas fortes e descompassadas ressoam quando estou entrando no carro que reconheço como o de Giovanni, que Dark estacionou em frente à boate. — Claro! Só podia ser! O troglodita do seu namorado tinha que ser ele!

Viro-me em direção a voz arrastada, que me provoca. Um desgosto me abate ao ver que é o babaca da boate. Ele está encostado na parede e apoia um dos pés sobre ela. Há uma garrafa de uísque em sua mão e duas mulheres estão à tiracolo ao lado dele.

— Ahhh! Vai pastar, calça branca! — Reviro os olhos com puro desdém. — Acho que já deu para você por hoje! — Caio na provocação porque é isso que os italianos sangue quente como euzinha fazem, e ainda mando uma banana com a mão.

Um burburinho se forma em frente à boate quando ouço a porta do motorista, atrás de mim, bater com fúria. Rafa salta do carro em seguida.

— Ignora esse retardado, mano! — ela pede.

Hã?

— O que o babaca quer? — Dark chega me enlaçando pela cintura.

Em questão de segundos, Fran e Kai se juntam a nós. *Nonno*, Rafa e Petah ficam alguns passos atrás, junto com algumas outras pessoas que também estavam indo embora ou esperam por seus carros.

O babaca bêbado se descola da parede e dá um longo gole do líquido

âmbar. Faz uma careta e limpa a boca com a palma da mão.

Ele pende de um lado para o outro, tentando se equilibrar. Seus olhos forçam o foco em nós. Deve ter mais álcool nele do que na bomba de gasolina.

Seguro o braço tenso de Dark. Suas mãos estão fechadas em punhos.

— Calma — peço baixinho.

— Conhece ele, Juliet?

— Não! O idiota só tentou falar comigo, mas não dei trela — esclareço.

— Não deu mesmo, Dark. Juliet disse que tinha namorado. Estou de prova! — Kai fala sério.

Dark o encara por microssegundos e assente. Ele solta o ar eliminando a pressão que estava contida. Sorrio para o anjo loiro, que parece ter convencido a Fera.

— Derrubei bebida na calça dele. Pensei que tivesse ido embora para se limpar — completo.

— Macacos me mordam! É o Montecchio! — *Nonno* esbraveja e Rafa cai na gargalhada.

— Vai dormir, Romeo! — Dark diz simplesmente e começa a me ajudar a entrar no carro.

Romeo... Romeo... Romeo...

Ah!

Minhas sinapses de memória fazem a ligação Romeo/Paola/flagrados na cama por Dark. *Eita, que merda!* Preocupada que uma guerra estoure, apenas fico quieta e obedeço. Por algum motivo, o Gigante está se segurando, não quero ser eu aquela a puxar o pino da

granada.

— Dormir... Só se for com ela! — A voz bêbada de Romeo tamborila a provocação.

Jesus! Não!

Tento segurar minha Fera, mas bastam três passos de suas pernas musculosas e grossas para a gritaria começar.

Olho aturdida e com o coração aos pulos. Só vejo o corpo imenso do Gigante próximo à parede. Atrás dele, Romeo está suspenso pela mão precisa de Dark em seu pescoço. As pernas do cretino se debatem no ar.

— Repete o que falou, seu monte de bosta?! — Dark vocifera.

Meu coração acelera mais.

— *ARDFYNDARYH...* — grunhidos sufocados são tudo que Romeo consegue emitir.

— Não, Aless — suplico tentando puxar seu braço.

Rafa chega para me ajudar enquanto *Nonno* incentiva o neto a acabar com o tal Montecchio.

— Para com isso, primo! A restrição! — Fran adverte-o. Junta-se a mim e a Rafa e puxa o braço, que continua não saindo do lugar.

As veias das têmporas e do pescoço de Dark estão saltadas e pulsando. Seus olhos parecem em transe e expressam uma raiva que eu nunca havia presenciado neles antes. Um arrepio frio perpassa minha coluna.

Jesus! Ilumina! Que deu merda! Ferrou geral!

— Algum problema por aqui, Alessandro? — O policial Felipe chega, olha para o braço de Dark esticado e grudado na jugular de um Romeo já quase roxo.

Dark balança a cabeça parecendo cair em si.

Plaft! Tóin!

O corpo de Romeo despenca no chão. Ofegante, ele se contorce com as duas mãos no pescoço. As moças que estão com ele o ajudam a ficar sentado.

Aproveito e abraço a cintura de Aless, que sussurra para mim dizendo que está tudo bem. Finjo que acredito, mas seu corpão é só músculos tensos. Ele fecha os olhos... Inspira e expira devagar... Quando abre...

— Nada não. Problema nenhum, Felipe. — Dark abre um sorriso e eu já não entendo mais nada. — Já estávamos de saída. Ajudei a mocinha menstruada aqui, que gritou porque tinha visto uma barata. Ergui o veadinho até o perigo passar, só isso.

— *ARDFYNDARYH...* — Romeo solta mais grunhidos sufocados.

— Só isso? Então nada de queixas, né, Romeo? — o policial Felipe pergunta com cara de desgosto.

— *ARDFYNDARYH.*

— Ótimo! Imaginei mesmo que não fosse nada. Melhor dar o assunto por encerrado — o policial conclui e Romeo protesta.

— *ARDFYNDARYH...* — Romeo continua grunhindo em meio a acessos de tosse.

— Já lhe dei a chance, pare de reclamar, Romeo. Sou seu tio e a lei nessa cidade. Levanta essa bunda da calçada e pare de incomodar homens de bem, como o Alessandro, por causa de uma barata. O que aconteceu com a sua calça? Que vermelho é esse?

— *ARDFYNDARYH...*

O outro policial gordinho chega ofegante trazendo uma pilha de celulares e entrega ao Felipe *Leôncio*. Ele recolhe o aparelho do sobrinho e

das mulheres também. Depois, pisca para Dark e Fran, que assentem, parecendo aliviados.

— Estas belezinhas estão confiscadas. Podem retirar amanhã na delegacia. Dispersando todo mundo! JÁÁÁÁ! — comanda, os curiosos o obedecem como ratinhos assustados e depois bate nas costas de Dark.

— Vai em paz, meu filho! Conheço Romeo, está tão bêbado que nem vai se lembrar de nada amanhã. E se ousar lembrar, eu o faço esquecer em dois tempos.

Aless agradece a cortesia e a dupla de policiais sai.

— As duas! Pro carro, agora! Fran! Amanhã, primo, te devo uma.



Dark

Caralho! Hanno aperto le porte de'll inferno!^[67]

Alguém esqueceu as portas do inferno abertas! Paola e Romeo no mesmo dia é para foder comigo. Se não fosse por Fran e Felipe, lembrando-me da restrição, eu estaria preso agora.

Lei mais estúpida que me obriga a manter minhas mãos longe do babaca! Respiro e inspiro umas quinhentas vezes, apreciando o toque suave da mão de Juliet apertando minha coxa. E agradeço a *Dio* que as duas resolveram ficar quietas e não me fazerem perguntas.

Dirijo calado, concentrado no que mais desejo agora: enterrar-me na Baixinha.

Que as merdas explodam! Hoje eu quero é foder como um alucinado, até esquecer os dez dias de bosta.



Dez minutos. depois...

— Desce, Rafa. O dia foi agitado e é bom descansar um pouco. Maria já deixou seu quarto arrumado. Amanhã a gente conversa — peço assim que paro derrapando o carro na frente da porta da vinícola.

— E nós? — A Baixinha pergunta confusa.

— Você fica. — Seguro firme no joelho de Juliet antes que ela abra a porta.

— Só não reclamo porque estou mesmo com sono. Tchau, ogrinhos, não se matem! Se comam! — A debochada da minha irmã sai correndo para dentro, ignorando todos os meus xingamentos.

Uma vez despachada a irmã mostra, manobro o carro indo em direção à ala norte da propriedade. Perto da sede da *Mountain*, mas distante o bastante para se ter privacidade total. Espero que o clima do riacho seja romântico o suficiente, como nos filmes que Rafa me mostrou.

— Quer se abrir? — Juliet oferece um ombro amigo.

— A única coisa que quero abrir são as suas pernas e plantar meu rosto firmemente entre elas.

Juliet deixa escapar um gritinho nervoso, se agitando todinha. Pego sua mão e esfrego em meu pau. Delicio-me quando ela o aperta, passando a linguinha safada nos lábios.

— Jesus, Gigante... Para esse carro agora!

Dou risada. Gosto que tenha adotado o Gigante. Vindo dela parece carinhoso.

— Não, nada de parar o carro. Vai valer a pena.

— Aonde vamos? — Faz biquinho, decepcionada.

— Surpresa.

— Vai demorar? Quero você dentro de mim, Aless!

Amando sua urgência por mim, apenas pisco provocando sua curiosidade.

No curto percurso da casa até a cabana, que Martha reformou, tenho que ser guerreiro. Aguento firme para não parar o carro no meio do parreiral e foder a Baixinha aqui mesmo. A mulher sabe me tentar. Debruça sobre mim, passa as unhas nas minhas coxas, lambe meu pescoço e chupa minha orelha. Quase bato quando ela pula em meu colo.

— Caralho, Baixinha!

— Tô com saudades, Gigante!

Derrapo e por pouco, não bato de novo em uma árvore quando suas mãos apertam tanto meu pau que quase gozo.

— Coelhinha! Assim você me mata!

— Só de prazer, Gigante!

A bandida sorri e me chantageia descrevendo o quanto sua calcinha está encharcada.

Ohhh! Papai, golpe baixo da porra!

Sem largar a direção, enfio a mão livre em sua coxa e deslizo-a até sua boceta e... *AHHHHH!*

Ela se contorce e geme alto.

— Caralho! Você está do jeito que o diabo gosta. Vou te chupar tanto que vai ficar desidratada!

— Chupa, Gigante! Tenho sonhado com essa sua língua safada.

Paro o carro de qualquer jeito. Seus lábios grudam nos meus e seus gemidos preenchem minha boca, minha cabeça e a porra do meu corpo inteiro. Vai se esfregar assim gostoso no meu pau no céu!

Puta que pariu! Preciso rasgar essa merda de vestido e montar nela.

Abro a porta do carro e arrasto Juliet comigo pelo meu lado. A Baixinha é tão leve que não tenho dificuldade em colocá-la sobre meus ombros.

— Ai, Aless! — ela grita e dou um tapa em sua bunda.

Tenho pressa! Pulo a mureta de pedra, que faz um pequeno jardim, indo em direção à varanda da cabana, que parece novinha em folha.

— O barulho do riacho? Não sabia que tinha outras casas além da casa da Maria.

— Agora tem! — Abro as venezianas francesas em vidro que fazem às vezes de porta.

— *Dio!* Mas isso aqui é igual ao projeto que a Martha nos mostrou no DON! — Juliet tenta escalar minhas costas para levantar a cabeça e ver melhor. — Você fez isso? *Dio!* Isso foi gentil. É um sonho!

— Fiz para você! Disse que ia dar um jeito. Aqui pode gritar, gemer e xingar sem se expor e é perto do casarão e da *Mountain*.

— Aless! Me põe no chão, deixar eu ver! — Soca minha bunda se contorcendo. — A cozinha, as luminárias de cobre! Me solta!

— Depois você olha, agora quero que veja o principal. — Sem tirá-la dos ombros, a reboco me equilibrando na pequena escada de madeira, que leva ao mezanino superior.

— *Dio*, como é lindo! — ela grita assim que vê o quarto.

Bem rústico... Pouca coisa. Apenas uma cama robusta de madeira

com um dossel que vai ser bem útil, em frente à sacada. Uma pequena espreguiçadeira e criados-mudos recheados com alguns brinquedos que despachei de Mônaco. Gargalho.

— O que foi? — a Baixinha pergunta antes de eu arremessá-la na cama.

— Nada.

Imagino a cara da Martha quando desempacotou tudo aquilo!

Por ora, decido esconder os detalhes sórdidos da Baixinha e me deleito com a imagem de seu corpo espetacular e delicado se contorcendo na cama.

— Quer dizer que minha Coelhinha gosta de brincar? — Passo o polegar na boca e mordo o dedão tentando conter minha excitação.

— Gosto! — sussurra e suas bochechas ganham um tom avermelhado que me faz delirar.

— Quer isso aqui?

Aperto meu pau por cima da calça jeans. Ganho o dia quando os seus olhos castanhos incendeiam e ela pula ficando de joelhos na cama como uma coelhinha faminta.

— Quero!

Morde os lábios ansiosa e meu pau se contorce de prazer.

— Já, já, Coelhinha.

Eu me aproximo, passo os dedos em sua bochecha e ela fecha os olhos com meu toque. Toco a boca e lábios carnudos, que cedem com a pressão dos meus dedos, se contorcendo.

Ela tenta lambê-los. Deixo que o faça apenas o suficiente para molhá-los. Quando a privo dos meus dedos, Juliet protesta. Seu peito sobe e

desde agitado, do jeito que eu gosto.

Deslizo os dedos pelo seu pescoço e colo.

Caralho de decote mais filho da puta!

Não tenho dificuldade nenhuma para afastar a porra do tecido e achar seu mamilo durinho. Ela geme e tenta me tocar, mas me esquivo.

Os peitos de Juliet são perfeitos, lindos, altos e cheios. Se encaixam e se perdem em minhas mãos. Mamilos pequenos e rosados que dão água na boca.

— Quieta. Não se mexa ou não ganha o que quer. — Ela obedece e posso sentir seu coração saltando.

Suas mãos apertam o tecido da lateral do vestido. A respiração ofega.

Também tenho pressa, mas tenho prioridades. Esperei tanto tempo para tê-la, que quero do meu jeito. Sou como um homem que foi abandonado em uma ilha, esfomeado e sedento... Mas não quero cometer o erro primário de comer tudo de uma vez, sem saborear cada pedaço desta delícia que é Juliet.

— Aless!

— Shhh...

Delicio-me com a tortura. Ela esforça-se para se manter quieta. Sofri tanto com as desobediências dela esses dias, que quero mostrar quem é que manda nessa porra!

— Vai ganhar o meu pau cravado na sua boceta, se topar brincar comigo.

— Eu topo qualquer coisa... — choraminga.

— Siga o mestre. Conhece?

Aperto e puxo seu mamilo e ela se contorce gemendo e assentindo.

Perfeito! A momento di spettacolo! Hora do show!

Pego as mãos delicadas e me surpreendo ao perceber que estão trêmulas. Seus olhos castanhos e gigantes brilham com a expectativa.

— Levante-se e tire os sapatos. — Ela obedece e eu faço o mesmo, parece uma menina! *Belíssima! Belíssima!* — Fiquei feliz pra caralho que, agora, vou poder te exhibir por aí como minha namorada, Baixinha.

— Não sou um objeto, Aless.

— Nunca! — Viro-a de costas e abro lentamente o zíper de seu vestido. Afasto seu cabelo e chupo sua nuca. Ela estremece. — É minha *Divina Donna*. Minha obra-prima! Meu inferno e meu céu!

— Como pode ser tão grosso e tão gentil? — Seu sorriso doce se espalha como música.

— Sou um cara completo! — vanglorio-me porque é verdade. — Primeira lição do mestre. — Distribuo beijos no pescoço e em seu ombro, ela ofega e treme em meus lábios. — Dizem que existem dois tipos de homem: aquele que te dá a mão e aquele que te fode com gosto.

— Dizem, é? — sussurra.

— Sim... — Mordo e puxo com os dentes o lóbulo de sua orelha. Suas pernas falham e eu a sustento. — É seu dia de sorte, Coelhinha. Seu namorado possessivo é dos dois tipos e muito mais... Gentileza e também foda. — Aproveito que a sinto engasgar e, em um movimento de mestre, rasgo o tecido de seu vestido e ele escorrega por seus braços até cair no chão.

— Que meleca, Dark! Esse vestido era novo! — Vira-se para mim, escondendo os seios. — Gostava dele!

Arqueio uma sobrancelha e a encaro. Tento disfarçar o sorriso de

satisfação, mas não consigo e ela bufa.

— Eu o odiei.

— Não é justo! — Franze o nariz arrebitado.

— Prometo compensar. Vou te fazer gozar muito.

— Vai? — Sua voz falha. — Então para de me torturar e me fode logo!

Pego-a em meus braços e a deposito no centro da cama junto à cabeceira.

— Puta que pariu! Que mudança foi essa? Seu corpo tá do caralho! — Me impressiono com a diferença em dez dias. — Treinou pra cacete, esses dias?

— Sério que notou diferença? Tentei só gastar a energia acumulada. — Ela sorri sem graça.

— Caralho! Eu mato qualquer um que chegar perto dele!

Abro umas das gavetas no criado-mudo e acho o que desejo.

Subo na cama ficando de joelhos e com o corpo de Juliet entre eles. Seus olhos arregalam quando veem o pedaço de corda que seguro em uma das mãos. Espero ela reclamar, se afastar, mas isto não acontece.

— Reconhece? — Levanto a corda usada nas escaladas.

— Não.

— São suas, dos seus equipamentos. — Enrolo parte das cordas em minhas mãos, abro os braços com força e a corda estica e estala diante dos olhos dela.

— Quis te amarrar desde o dia que te ensinei a se prender no aro de segurança, no K2. Gozei muito pensando nisso aquele dia — confesso porque gozei mesmo, e pra caralho, com a ideia.

O ar parece esquentar e trepidar entre nós. Ela fica boquiaberta, totalmente surpresa.

— *Dio!* Gozava pensando em mim?

Minha respiração acelera ao perceber que as pupilas de Juliet dilatam ao saber disso.

Caralho! Porra! A tensão entre nós cresce.

Posso pegar a atração que ambos sentimos nas mãos, de tão grande e tão selvagem que é.

— Gozava, gozo e vou gozar sempre — sussurro tentando parecer no controle, mas estou tudo menos isso.

— É um tarado pornográfico, mesmo! — gargalha deliciosamente.

Ergo seus braços acima de sua cabeça e começo a prender seus pulsos. Transpasso a corda nas argolas que enfeitam a cabeceira da cama de propósito. Ela se contorce e sinto sua excitação aumentar. Os pelinhos de seu corpo estão todos arrepiados.

Pronto. Afasto-me, ficando de pé ao lado da cama e ela testa as amarras. Uma ideia me surge. Fica tão tesuda assim, que podia deixar ela aí para sempre.

Só de pensar em caras como Romeo, ou qualquer outro, tentando chegar perto...

Porra!

— Vai abusar de mim? — Faz uma cara de santa, mas sua voz é sensual e sua pergunta é mais que um convite. Ela parece desesperada, contorcendo-se e esfregando um pé no outro.

— Não adianta fazer cara de santa. Torturar abusadamente é a ideia! — digo, seco.

Puxo minha camiseta por sobre a cabeça e joga-a no chão.

A safada me devora, sei que gosta de me ver sem camisa. Nunca entendi essa fixação das mulheres pelo meu peito todo rabiscado. Mas tenho que confessar, ver Juliet me desejar assim, me faz sentir mais gostoso do que eu mesmo. Aproveito e dou a ela um espetáculo.

Passo a mão por meu peito e desço percorrendo os músculos marcados do meu abdômen. Arrisco me mexer, como há tempos não fazia, desde as aulas de dança que minha mãe me obrigou a fazer para a festa de quinze anos da Rafa.

Rebolo lento e safado, ondulando meu corpo, enquanto abro o zíper da calça.

Juliet assovia, se desespera e tenta se desamarrar.



Juliet

Minha Madonna Santissima!

Me tira daqui!

Essa tortura já está indo longe demais. Quando penso que nada mais pode me surpreender... vem isso!

Primeiro Dark vem com essa coisa da corda, que sempre quis fazer... Depois de ter encontrado a algema aquele dia, já desconfiava de um lado meio dominador.

Sou uma afortunada!

O homem sabe se mexer! Não de um jeito *gogo boy*, que te faz rir por pena do sujeito, mas se mexer como um homem que sabe foder com o

juízo de uma mulher. Se mexer tão bem quanto fode.

— *Dio!* Não sabia que dançava deste jeito!

— Não danço.

— E isso é o quê?

— Uma habilidade motora aperfeiçoada.

Engasgo quando Dark tira as calças e a boxer. Ele começa a mexer novamente e de um jeito mais safado ainda, enquanto se masturba na minha frente.

Minha pele esquenta, embalada nas batidas do meu coração, que aceleram.

O homem está impossível! Sobe e desce a mãozona, me fazendo lembrar da sensação de ter seus dotes abençoados dentro de mim. A cabeça de seu pau está úmida e o negócio está tão duro que aponta para o umbigo. Hiperventilo de necessidade. Tento me soltar, choramingo, xingo, grito e ele só ri do meu desespero.

— Ruim, né, querer muito uma coisa e ter regras te amarrando.

— Aleeeess, seu cretino, *figlio di puttana!*

— Vai continuar a me castrar?

— O quê? Castrar? Não é isso... É só que...

Meleca!

Cesso as palavras e mordo os lábios quando minha ficha cai. As restrições... De um jeito torto e sem palavras, ele quer me mostrar como está se sentindo: preso, amarrado e impotente diante de tantas regras que lhe impus.

— Só que o quê? — Puxa por mais.

Meu coração aperta.

Maldito pene mágico!

Não quero voltar a discutir a bagagem *mulherística* dele e o quanto ela me afeta. Droga, também tenho um passado e histórias. Não nos conhecíamos. Uma coisa é o que ele foi com as demais, outra é o que tem sido comigo.

Respiro focando no agora, em nós.

— Nada, nada... Esquece. Não quero mais me prender aos nossos passados. Sei que não vai deixar que nada me atinja.

— Estou me fodendo para o passado. — As feições dele endurecem. — Tem que acreditar em mim quando digo que nada mais me importa. Tudo que vejo é você, o nosso futuro.

Amoleço.

— Acho que posso ter exagerado um pouquinho nas regras. — Suspiro em uma rendição.

Os olhos dele iluminam.

— Um pouquinho? — Ri em deboche. — Carta branca?

— Sim! Só acabe com essa distância torturante e me toque.

Sem precisar de mais, Dark sobe na cama ficando entre minhas pernas.

Crash!

Minha calcinha rende-se estraçalhada e sinto o ar fresquinho, que entra pela varanda, atingir em cheio minha bocetinha quentinha e melada.

— Levante os joelhos e abra-se para mim, Baixinha.

Obedeço, desesperada, porque quero tocá-lo e não posso. Ele se inclina, esfregando seu corpo contra o meu. *Tão gostoso...* Seu pau duro pressiona minha barriga, quando ele se apoia em um dos cotovelos e me beija

profundo.

E é tão maravilhoso sentir a pele nua dele roçando na minha e nossas línguas duelando, que o céu poderia desabar que eu nem notaria.

Nada existe além de peles, gemidos e sussurros viris em minha boca. Nem sei quando e como ele me liberta, mas minhas mãos vão parar, por instinto, em sua bunda perfeita apertando-a e puxando-a para mim. Ele morde meus lábios com vontade, sinto-os inchados.

Dio! Esse homem é o rei dos tarados fodedores, amooo!

Dark interrompe o beijo e ajoelha-se entre minhas pernas. Seus olhos estão mais do que excitados. Então... ele mergulha. Beija meus lábios íntimos e depois escancara meu sexo lambendo de baixo para cima, até atingir meu clitóris para lá de sensível.

— Ahhh! Alesssss! — Demonstro meu prazer sem medo que me escutem.

Agarro os lençóis branquinhos enquanto jogo a cabeça para os lados.

Ai, la Madonna!

Não sei se é a saudade, mas o Gigante está melhor do que me lembrava! Ele lambe, chupa, morde, enfia a língua fundo e volta me sugando. Sua barba roçando nas minhas “Três Marias” é um caso à parte! *Dio!* Ele cobre toda a minha bocetinha com a boca, como se quisesse engoli-la e o faz.

O homem é voraz. Suas mãos vão parar embaixo do meu traseiro, me trazendo para cima e para mais perto. *Um ogro canibal!* Eu me movo de agonia, prazer, tesão, luxúria e tudo mais que seja possível sentir.

— Quero passar o dia infiltrado entre suas pernas. A *Incantata* é vida! Seu sabor é único, Baixinha. Não sei como sobrevivi até hoje sem você.

Meu rosto enrubesce mais uma vez. Se não bastassem a boca suja e

as palavras obscenas, ele morde, assopra meu clitóris e depois enfia dois dedos em mim.

Dio! Grazie! Grazie! Grazie! Por ter criado esse chupador abençoado!

— Isso... Acaba comigo! — exijo sem pudor.

Limite é algo que desconheço neste momento. Esse chalé foi a melhor ideia de todos os tempos! Soltinha pela intimidade privada, deliro com as habilidades linguísticas dele sobre meu sexo. Amo o vai e vem, e o chupa e assopra.

— Aless, Aless, Aless, Aless... — entoo seu nome em uma ladainha como uma oração de agradecimento.

Estou quase lá! As paredes internas da minha vagina pulsam, vibram e apertam. Minhas pernas e meu corpo seguem o mesmo compasso. Puxo os cabelos dele, depois trago a cabeça para perto. Meus pés se contorcem nos lençóis.

— *Cosa loca... Cosa loca...* — Perco-me nas sensações.

— *Deliziosa! Preziosa!* — rosna.

Quanto mais me debato e alucino, mais ele chupa, morde, lambe e enfia dois dedos safados em mim. Ele parece perdido e entregue. Adoraria ter um espelho no teto, só para admirar o corpão musculoso estirado na cama, entre as minhas pernas. O som de sexo oral misturado com os grunhidos dele em minha bocetinha... *Aaaaah!* É erótico, cru e quase animal. Meus gemidos não ficam atrás, sou uma fêmea enlouquecida. Gozo, gozo e gozo, despudoradamente em sua boca, dando tudo que possa levar e ele leva... Oooh, se leva... Apossa-se da minha alma e vontade. Suga, suga e suga provocando-me uma sequência de miniorgasmos.

Se ele não me virasse, nesse exato momento, me pondo de quatro,

juro que desmaiava. Mas é impossível desfalecer quando se tem *O Pau* entrando com tudo e sem pedir licença.

— Aaaaah!

— Só estou dando o que pediu e pegando o que mereço.

A brincadeira recomeça com a artilharia completa. Mete, mete, mete, mete, mete... E quando um dedo atrevido se junta à festa entrando pelos fundos... *Jesus!* Mordo o travesseiro abafando os gritos de prazer, luxúria e surpresa. O medo da dor não sentida vai para o espaço. Danem-se as indecências! Estou tão excitada com o prazer deste dedo abusado me instigando que ofego e rebolo.

— Isso... Rebola o rabinho pra mim, Coelhinha — ele rosna e ondulo com mais vontade ainda.

Madona! Oprah! Lady Gaga!

Ele mete o pau e enfia o dedo... Mete, enfia, mete e enfia... Dedo e pau, cada vez mais fundos... Rebolo, gemo, grito e agradeço.

— Falei que ia ser bom, Coelhinha. Esquece o medo. Perde essa vergonha, relaxa. É só o teu homem te dando prazer além do limite.

— Estou de novo... quase...

Tudo acontece muito rápido, o pau e o dedo saem de mim e vejo o mundo girar. Quando me dou conta, sou girada no ar e ele já está me penetrando de novo.

Dio! Esse homem me faz de boneca!

Deitada novamente de costas, com ele apoiado sobre os cotovelos, prendo seu quadril com minhas pernas.

Gotas de suor escorrem pelo seu rosto até as omoplatas. A força das estocadas é tanta, que eu tenho medo da cama quebrar. Meus peitos dançam

na mesma batida que nossas peles se chocam.

É lindo... É único... É sacana pra caramba!

— Como precisava disso, Coelhinha... — grunhe em meu pescoço e sinto outra estocada dura e profunda. — Boceta do caralho, rabinho do caralho! — urra.

Gemo, me contorço e ele deixa escapar mais uma série de grunhidos roucos e sexys. Somos como uma ópera... Uma sinfonia de gritos, gemidos, urros e muito prazer.

Cabana bendita!

Sou preenchida e instigada com tanta maestria e potência viril que a sensação maravilhosa volta. Vai da minha espinha até a vagina. Meu corpo vibra querendo engolir cada centímetro do pau que entra, sai e entra espremendo e me alargando.

— Olhe para mim — exige em um sufoco. — Segura... Vamos juntos dessa vez... — Dá a ordem e faço meu máximo.

— Você é gostoso demais, Gigante. Não aguento!

Suas mãos agarram meu rosto. Nos encaramos com as respirações ofegantes e sincronizadas.

— Goza, vem! — Estoca com força atingindo-me no ponto exato do meu tesão.

Aaaaah... Explodimos os dois juntos.

— *PORRA! PORRA! PORRA! PORRA, JULIEEEEET!*

Somos dois corpos suados e entrelaçados sacudindo de prazer. *Dio!* Gozar para ele e com ele é divino e único. Seu corpo imenso desmorona sobre o meu, esmagando-me contra o colchão.

Ele beija meu rosto entoando uma ladainha gentil que não entendo,

mas que me completa por inteiro. Também não sei como sobrevivi todo esse tempo sem ele.

— Gigante, meu coração... Tem alguma coisa rolando forte dentro dele... Tô muito na tua... Sou sua...



23.1

Ninho

— *Gigante, meu coração...* Tem *alguma coisa rolando forte dentro dele...* Tô muito na tua... Sou sua... fã. Não tenho muitas pessoas favoritas em minha vida, mas certamente você já é uma delas — extravaso na tentativa de demonstrar o quanto ele tem se tornado importante para mim.

— Fã? Não sei se gosto disso.

— Pode gostar, é bom. Sou muito fã — murmuro sem entender por que ele parece não ter gostado muito.

Bobo!

Aninho-me em seus braços e nossas respirações começam a se acalmar. Não sou muito de ficar enroscada na cama, gosto de espaço para dormir, mas, poxa, é tão gostoso ficar com Dark assim: grudadinha. Nossos corpos suados e quentes se encaixam perfeitamente, como as peças macho e fêmea de um Lego gigante.

Esparramo-me sobre ele. Meu tornozelo apoia sobre sua panturrilha e a sensação na pele macia do meu joelho, dobrado e roçando nos pelos de sua coxa rasgada por músculos, é uma delícia.

— Favoritas? Tem uma lista?

Hum... Alguém ficou matutando aqui.

— Não exatamente. — Sorrio e afago os pelos de seu peito. — É mais uma coisa como: a mãe favorita, o pai favorito... os irmãos...

Ele levanta a cabeça e contrai uma sobrancelha de um jeito divertido.

— Em qual categoria eu entro nisso?

— Acho que conseguiu uma façanha, Sr. Dark, pois se encaixa em várias.

— Várias? Sério? E isso é bom mesmo? Quais?

— Seríssimo! Hum... não parei para pensar. Homem, atleta, amante, chefe... *Dio!* Acho que sou um *Minions* e você, o *Meu Malvado Favorito* — gargalho com a ideia. — Agradável, insuportável e assustador, além, claro, de parecer um ogro lindo.

— Malvado, é? — Ele aperta meu traseiro e eu mordo seu peito. — Ai! Porra de mulher dentuça! Não falei que é uma coelha? Que caralho é um mini?

— Não mini, Minions. É um desenho, Aless! — O encaro sem conseguir acreditar. *Em que caverna esse ogro se esconde?* — Não acredito que não conhece a série! Umas criaturinhas fofinhas, amarelas, atrapalhadas e difíceis de entender e que adoram uma banana. Ah! E amam um vilão sem muito talento pra maldade.

— Amam, é? — Aperta minha coxa. — Tá me chamando de vilão, mocinha?

— Nãooooo, nãooooo, imagina — debocho.

— Não mesmo, dona Mini?

Ganho um tapa no bumbum, reclamo, mas não confesso o óbvio.

— Nãooooo.

— Não? Hum... sei. Porque, pra mim, *VOCÊ* se parece com eles, Baixinha, nessa parte aí de ser difícil de entender e gostar de banana.

— *Dio!* — Reviro os olhos. — Estou falando sério! Não vai no cinema nunca?

— Ia quando a Rafa era pequena, não ultimamente.

— Qual foi o último filme que assistiu?

— X-Men.

— *La Madonna!* Aless, este filme tem uns quinze anos! Precisa mudar isso! Não é à toa que está sempre tenso! Tem de sair mais, mudar o foco. Não dá para ser só a *Mountain*. Tem que fazer coisas de gente normal — analiso, ele rosna. Então indago: — Teatro?

— Pra que, pra dormir? Isso faço em casa.

— Show?

— Não gosto de multidão.

— Futebol?

— Queria, mas não dá tempo.

— Praia?

— Prefiro montanha.

— Shopping?

— Nem pensar!

— *Dio!* Que chato! Qual foi a última vez, que se permitiu, sei lá, relaxar? Ficar à toa num parque chupando um picolé?

— O quê? Tá me estranhando? — Ele vira para mim, horrorizado. — Nem manga chupo, picolé nem pensar! — diz e eu torço para que esteja brincando. — As únicas chupadas que aprecio são em peitos e boceta. Eu me divirto... fodendo.

Irrito-me um pouco, tento levantar. Ele me agarra, mantendo-me paradinha no lugar.

— Fodendo só você, claro!

Dá um beijo barulhento e molhado em minha bochecha.

— Sai, seu melequento! Acho bom mesmo que seja só a mim! —
Limpo a baba proposital com a mão. — Mas não vai ser menos homem, se
chupar uma laranjinha.

— Que insistente! De jeito nenhum! — gargalhando, aperta minha
bochecha até eu fazer um bico emburrado. — Deixa de ser boba, estou
brincando. Não sou tão babaca assim, mas já chega desse papo chato!

— Aless! — ralho igual a um peixinho. — Me solta!

— Se gosta tanto assim desse troço de picolé. — Solta minha
bochecha e agarra minha mão e arrasta. — Tem um aqui que está carente e
precisa ser chupado. Vem até com recheio, sabia?

— Recheio?

— Derrete na boca!

— *Dio*, Aless!

É um tarado pornográfico mesmo!

Dou uma apertadinha no picolé e arregalo os olhos, impressionada e
já sentindo um calor rebrotar em minhas entranhas.

— *Gesú amato*^[68]! Abençoa! Já está duro de novo!

— Sempre.

— Não é de *Dio* uma coisa dessas! Tem certeza de que não toma
Viagra?

Aperto mais para ter certeza e o safado sobe e desce o quadril.

— Se liga, Baixinha. — Acaricia-se com orgulho. — Meu pau é
mutante, o *XPAU* com superpoderes de penetração. E você é meu *Viagra*. Tá
achando ruim?

— De jeito nenhum. Adoro gigantes mutantes.

Cari amici^[69], esse negócio dele estar duro e engatilhado toda hora é legal!

Muitíssimo legal!

Como sou teimosa, mas não boba, aceito, toda feliz, o convite para um banho de banheira.



Uau!

Sou apresentada a outro espetáculo, presente de dona Martha. Um banheiro todo em pedra, madeira aparente e vidros revestidos com alguma película protetora. Posso ver lá fora, mas quem está fora não me vê. Aposto que teve dedo de Dark nessa engenhoca.

O lugar é enorme e rústico. Há uma bancada de madeira com duas pias, uma ducha para dois e uma banheira que mais parece uma piscina... Muito verde vindo de fora, rodeando tudo. Saber que existe uma área privada, só para o xixi, se é que me entende, é um alívio.

Dark não precisa de muito para me carregar para a banheira.

Aprecio um bom picolé, fazer o quê?

Acabo ajoelhada dentro da banheira, com a cabeça entre as pernas de Dark, que está sentado na borda.

— Puta cazzo, Julieeeeeet!

Escutá-lo gritar meu nome, com os olhos fechados e a cabeça jogada para trás em êxtase, me deixa mais elétrica.

Satisfação presunçosa é o mínimo que sinto ao vê-lo tão entregue. Com as mãozonas agarrando meus cabelos e seus quadris em uma dança

selvagem, o homem está um pecado!

— *Dio benedetto!* Você tem o melhor pau do mundo... Duro... Tão grande.

— Teu, Coelhinha... Todo teu.

Lamber, chupar e abocanhar seu pau imenso é tão delicioso que não consigo parar.

Sou generosa. Não esqueço de nada. Mordo o interior de suas coxas, arranho *A Bunda* com as unhas, engulo e chupo cada uma de suas bolas.

— Isso, isso! Chupa, minha gulosa. Eu disse que meu picolé é o melhor!

Quero rir da breguice, mas minha boca está ocupada. Deslizo a língua por todo seu comprimento e beijo, e chupo a glândula... Ofego e gemo enquanto o devoro. Adorando que seja meu, enfio fundo e mais fundo, rápido e desesperada.

— Porraaaaaa! É disso que estou falando!

Gememos juntos quando ele goza enchendo minha boca, todinha, com o recheio Dark triplo.

— Hmmm... Você tem um gosto muito bom, Gigante.

Nós dois juntos somos eróticos e espontâneos e é lindo demais.



Eitaaaa!

Acordo com o dia já claro e com um engraçadinho cutucando e se esfregando em meu traseiro. Perdi as contas de quantas vezes eu e Aless fizemos sexo a noite passada: impressada no vidro da sacada, esparramada no tapete do quarto, na cômoda, na cama, na parede...

Ter uma varanda no quarto, com grades reforçadas e vista para uma pequena cascata e lago particulares, é impressionante.

— Bom dia, Mini. Sua banana tá aqui!

— Desavergonhado! — Empurro o tarado com meu bumbum. — Bom dia, Mutante.

Segundo Aless, *TODO* homem saudável acorda de pau duro. Minha experiência diz que é mentira ou é melhor eu ligar para os meus ex e recomendar-lhes um *check-up*. Meu ponto é que o pau atrevido, que acaba de me penetrar de ladinho, comprova que Dark é um homem que tem uma saúde de ferro!

— Gostosa.

— Indecente.

— Mais?

— Fundo.

Em poucos segundos, nossos corações já estão acelerados e as respirações entrecortadas. Acabo toda descabelada e suada enquanto Dark fica incansável atrás de mim. Ele segura minha coxa dobrada e a levanta, o que me deixa toda abertinha.

A mão dele passa por baixo da lateral das minhas costas e esmaga meu seio. Sua boca e barba atacam e arranham meu pescoço. E eu?

— Oh, *Dio*! Oh, *Dio*! Oh, *Dio*!

Gemo, ele mete, gemo, ele mete, gemo, ele mete... Grito:

— Mais forte, Gigante! Mete com força!

Ele urra e empurra mais duro e fundo. A base de seu pau estimula meu clitóris.

Grazie a Dio! Pelas ereções matinais e pelos orgasmos intensos.

— Aless, Aless... Isso só fica melhor!

— Cada vez que fodemos, é uma nova dimensão, Coelhinha!



É oficial, estou completamente rendida e entregue ao homem. Mal terminamos a transa de bom-dia e dormimos mais um pouco, levantamos e o masturbei em uma ducha ensaboada. Virei uma sem limites!

Agora, estou aqui... Toda molhada e agarrada a ele como um coala, com as pernas trêmulas entrelaçadas em sua cintura. Quase sem forças por ter gozado no pau incansável, que continua entrando e saindo de mim.

— O jeito como deslizo nessa boceta lisinha é enlouquecedor... Promete que vai deixá-la sempre assim... carequinha — Aless praticamente uiva e ri ao mesmo tempo.

— Hummm, *senhooooor*, *Alessss* — balbucio já passeando pela tal da outra dimensão.

Ambos gozamos e deveríamos estar saciados. Deveríamos, mas, é claro, tratando-se de Dark e de sua nova obsessão: meu traseiro, o *Prezioso*, como o chama, meu ogro parece incansável. Estou em um estado de faça comigo o que quiser e ele aproveita que estou cheia de sabonete e desliza um dedo para dentro e para fora do meu buraquinho, não mais tão intocado assim.

Mais uma vez, não resisto, me entrego, me surpreendo e me delicio.



Dark

Quase duas da tarde. Estou na pequena cozinha da cabana, é um

pouco apertada para o meu tamanho, mas funcional e bem equipada.

Sinto-me como um gigante que esbarra em tudo enquanto esquento as panquecas de espinafre, que Maria preparou para o almoço.

Aproveitei a soneca da *Bella Addormentata*^[70] e fui até o casarão buscar umas mudas de roupas para nós, o celular de Juliet e avisar que estamos vivos. Não encontrei ninguém além de Maria. Fran, Cris e Pietro arrastaram Rafa para almoçar no DON a convite do *Nonno*. Tentaram nos chamar, mas com o fogo que estava me consumindo e os gemidos de Juliet, seria pedir demais, eu escutar meu celular tocando no andar de baixo.

Ajeito a salada caprese, que Maria me entregou com a comida, arrumo os pratos e o restante das louças e talheres, na pequena mesa de madeira de demolição.

Sento-me na cadeira da cozinha e espero que o forno faça o trabalho dele. Deveria ser o cara mais feliz do mundo, afinal, foram doze horas de uma entrega total com a Baixinha.

Mas não... Sinto-me tenso e agoniado. Estremeço com a imagem que se força em minha mente. *Caralho!* Apoio os cotovelos na mesa e afundo a cabeça entre as mãos.

Como a Juliet vai reagir quando eu contar para ela sobre Paola?

Porra!

Somos tão parecidos em certos aspectos, que já posso adivinhar. Se quero pôr fogo no meu corpo por causa de um decote, explodiria uma bomba atômica se a visse beijando outro!

Ontem não quis contar sobre Paola, por puro egoísmo. Queria tanto matar minha fome de Juliet que o desejo venceu a verdade. Mas me conheço o suficiente para admitir não só o meu egoísmo, como o medo. A porra do medo que me paralisa e me faz tomar decisões erradas. Medo da rejeição e

medo de perder a alegria que Juliet me faz sentir. Além do mais, fiquei tão envaidecido com o nosso relacionamento sendo exposto e oficializado, que recuei.

Sou humano, cacete! Erro pra caralho!

Mas sou um cara de princípios, não um covarde. Não posso ter a confiança e o respeito de Juliet escondendo dela a verdade. Foda-se, vou contar logo essa merda! Pego o celular e busco pelas fotos...

Caralho!

Pela primeira vez na vida, minha segurança bambeia. Os fotógrafos pegaram a coisa de um ângulo que, se eu não fosse o ator principal dessa farsa, acreditaria que eu e Paola estávamos nos pegando.

Busco por vídeos que me mostrem a cena real, não encontro. Ligo para Rafa, atrás de ajuda, e ela não atende o caralho do celular!

Porra! Porra! Porra!

Passo os próximos minutos, xingando o mundo e fuçando como um louco na internet. Quase deixo queimar a droga do almoço e incinero minha mão quando vou retirar as panquecas do forno.

Mi merito! Figlio di puttana! Cazzo! Eu mereço!

Levanto a cabeça assim que ouço passos apressados no andar de cima. Juliet desce linda, de short e camiseta listrada. Seus cabelos estão bagunçados e as feições ainda são de sono. Tão sexy, mas ao mesmo tempo meiga por causa dos *All Stars* cor-de-rosa.

Minha agonia aumenta.

— Você gritou?

Assim que me vê, me mede de cima a baixo procurando algo errado.

— Nada, o almoço... O forno... Queimei. — Ergo a mão.

Juliet vem até mim, pega a mão avermelhada e passa no cabelo dela. Milagrosamente, a dor começa a aliviar. Olho espantado.

— Não me pergunte por quê. — Sorri de um jeito doce. — Só sei que funciona, minha mãe que me ensinou. Fez o almoço? Estou com a barriga roncando!

— A Maria fez — confesso. — Só esquentei.

— Hmmm... delícia, delícia, delícia. Amo panqueca!

Apesar da minha consciência estar gritando: *CONTE AGORA! CONTE AGORA*, a carinha de fome de Juliet me comove. Decido deixar que, pelo menos, esteja alimentada e rezo para que não tenha uma indigestão.

Tento parecer normal, conto sobre meus pais, digo que estão todos no DON, empurro a comida goela abaixo, mas meu coração bate mais que tambor de índio em época de seca.

— *Grazie a Dio!* — Juliet sorri satisfeita.

— Estava tão bom assim que precisa agradecer? — Escondo minha ansiedade.

— Estava e sim! O agradecimento é um costume de infância. Sempre agradeço a *Dio* pela comida. — Ela dá um sorrisinho sapeca. — Se não o fizesse, minha *mamma* iria me fazer agradecer pessoalmente. Então peguei gosto... Quanto a comer... como mesmo e raspo o prato.

— É muito bom te ver comendo, italianinha. — Minha voz sai animada demais.

— Você está estranho. — Ela torce o nariz.

O quê? Cazzo!

— Um pouco. Preciso conversar com você. — Abro logo o jogo.

Ela arqueia a sobrancelha, depois abre um sorriso arrebatador.

— É sobre ficarmos aqui, não é? Disse que fez isto por mim, certo? Vi que Martha até seguiu algumas das minhas sugestões! — dispara a falar animada e eu fico sem reação. — Nossa, é tudo tão lindo! Estava pensando sobre tudo antes de descer. Acho que é uma boa ideia, sabia? É claro que não quero me desfazer do meu quarto. Quando você viajar, prefiro ficar no casarão, sabe. Quer dizer... Se concordar, é claro! Mas me senti tão bem aqui e... — Ela abaixa os olhos e seu rosto fica corado. — E agora que o nosso... O nosso namoro, sabe... Hum, é oficial, acho bom termos um lugar sem regras. Entendi o que quis me mostrar ontem e não quero te castrar.

Ela fala, fala, fala e eu – *cri-cri-cri-cri*, – sou nocauteado por um mar de sensações ruins. Maremotos e terremotos tumultuam minha mente.

— *Aless? Aless! Dark! Ai, Dio del Cielo!* Não é isso, né? Que vergonha! Não me quer aqui?

Acordo e sou puxado de volta. Respiro como um afogado precisando de ar.

— Nós dois aqui é o que mais quero. — Sorrio sem graça. — Comecei a restaurar a cabana no dia em que dormimos juntos no meu quarto. Na mesma tarde conversei com o Arthur e a Martha — confesso porque é a mais pura verdade.

Levanto da mesa e começo a andar de um lado para o outro. Juliet parece se surpreender com a informação e me acompanha com os olhos.

— Mas?

— Mas? — repito sem entender.

— É, mas... tem alguma coisa te incomodando. O que é? Se estiver sem graça de dizer que não me quer aqui... Que eu viajei...

— A porra da minha ex-noiva me atacou! — vomito de uma vez.

— O quê? Quando? — Ela pula da cadeira olhando em volta e

procurando o perigo. Seguro seus braços. — Onde? Ex? Ela... ela...

— Calma! Ontem, quando eu estava saindo da recepção para vir te encontrar.

— Atacou? — Me apalpa procurando algum ferimento.

— Não este tipo de ataque! Vem cá!

Levo-a até a pequena sala de estar e de televisão da cabana. Coloco-a sentada no sofá. Conto tudo e, para o meu desespero, Juliet ouve calada, sem emitir um A. Em seguida, pede para ver as fotos. Não nego e passo para ela o celular. Escaneio seu belo rosto em busca de algum indício. A princípio nada, só calma.

Mas como nas piores catástrofes sempre existe o silêncio antes de uma grande explosão, a mutação começa lenta: a pele dela ganha um tom avermelhado, com manchas nas bochechas, pescoço e colo. As mãos apertam o celular como se quisessem desintegrá-lo. Um leve tremor brota em seus lábios carnudos enquanto os olhos castanhos, que já são grandes, triplicam de tamanho ficando marejados.

Cazzo!

Ela parece em choque, como se não conseguisse acreditar no que acabou de ouvir e ver. Tento manter contato visual, ela desvia. Ensaio uma aproximação, mas se levanta do sofá e recua.

Fodeu!

Algumas horas atrás, estava com meu pau enfiado em sua boca. Agora, não quer nem olhar para mim. Finalmente me olha e pisca algumas vezes. Estou suando frio em expectativa. Meu coração ora bate, ora falha.

— Juliet, eu...

— Não! — Levanta a mão para que eu me cale.

— Parece um tremendo de um beijo.

Sua voz é como a de uma assassina: baixa, fria e calculista. Agora entendo o que sentem os caras no corredor da morte.

— Tremendo, o cacete! Não durou nem dois segundos! Não significou nada. Paola só está atrás do meu título. — Sou firme em minha defesa.

— Nada? Hum... — Olha incrédula e confusa, balança a cabeça. — Você disse meu título?

— Ontem meu pai transferiu para mim o direito ao título. Juliet, a Paola é oportunista, me pegou de costas... Os fotógrafos...

— Ontem? — interrompe. — É... É oficialmente um conde? — ela fala mais alto, eu concordo. — Já sabia disto desde ontem?

Cazzo, por que não contei logo de uma vez?

— Juliet, eu ia contar... Só precisava...

— Nãooo — interrompe novamente. — Me trouxe para cá e me comeu sem me dar a chance de saber a real sobre o beijo e o título! Entende como isso é fodido para mim?

Plaft! Crash!

Desvio a tempo, mas não sou rápido o suficiente para alcançar meu celular antes dele se espatifar na parede.

Tento segurá-la, mas ela se debate e começa a chorar e me estapear.

— Juliet! Para!

— Isso muda tudo! Tudo! — berra aos prantos.

Eu a seguro mais forte, ela continua a se debater.

— Menti para mim!

— Não menti! — grito mais alto.

— Mentiu, omitiu, dá na mesma! Deixou que aquela vaca encostasse em você! Depois me beijou! Nem sei se escovou os dentes! — Está histérica e seria engraçado se não fosse trágico. — E esse negócio de conde? *Dio!* Paola é tão sofisticada! *Dio! Dio!* Eu uso *All Star! All Star*, tá me entendendo! Sua mãe nunca vai aceitar...

— O que tem de errado com os seus tênis?

— Pra sua mãe, aposto que tudo!

— Juliet, o que está dizendo? Esquece a minha mãe.

— Me larga, seu mentiroso! Me solta!

Obedeço e ela se afasta de mim, ofegante. Seu rosto está inchado de choro e raiva.

— O que vai fazer? — pergunto desesperado, assim que ela se dirige até as portas de vidro.

— Não sei. Me enganar não foi legal. — Vira e torna a me encarar e põe as mãos na cabeça, se descabelando. — Está tudo errado! Se não consegue jogar limpo comigo, eu e você não vamos dar certo.

— Então é isso? Voltamos à estaca zero? Não acredito!

Juliet continua a chorar e a se descabelar. Minha vontade é abraçá-la de novo, mas me contenho. Fico parado, no meio da sala.

— E-eu... Eu não sei. Parece tudo mentira.

— Mentira, nós? — explodo. — Vai negar o que aconteceu? Não sentiu nada?

— Senti. Só que...

— Só que o quê? Dessentiu? Encheu o saco? É isso? Foi tudo uma brincadeira para você?

— Nãooo, claro que não! E não venha querer inverter a situação!

Quem pisou na bola foi você, não eu! *Dio!* Vai ser sempre assim? Essa briga eterna?

— Provavelmente.

Ela gargalha incrédula.

— Faz parte do que somos, cacete! A gente briga, Baixinha! É mais forte do que nós e é isso que fazemos! A graça está toda aí! Você joga na minha cara quando estou sendo insuportável e eu reclamo quando vira uma teimosa empacada. Digo uma coisa e você contesta.

— Mas você é mesmo um ogro insuportável! Pelo menos, quase o tempo todo.

— Eu sei. — Agarro meus cabelos e chuto a poltrona da sala. — Você também! Chata e teimosa pra caralho! Mas se pensarmos nos momentos em que estamos sozinhos, nos amando... Nos tornamos perfeitos!

— Perfeitos? Não, não, não! — Juliet alcança a bolsa que larguei, hoje pela manhã, no sofá. Maldita hora em que tirei essa merda do carro. — Sua família, nossas carreiras, meu pai! Tem tanta coisa que pode dar errado! Vai abandonar o alpinismo agora que é conde? Vai se mudar para Mônaco?

— Tá maluca? De onde está tirando isso? Pare de pensar no que pode ser, Juliet. São só suposições. Esqueça os outros ou a droga do futuro! O que você quer?

— Manter minha vida do jeito que está! Encher a beijoqueira esnobe de bolacha! Meleca! Pra que lado fica Mônaco? Aaaaah! Preciso pensar, digerir essa porcaria! — Ela abre as portas saindo para a varanda.

— Baixinha...

— Me deixa, Aless! Me deixa!

— Nunca! Converse comigo. Não escolha o jeito mais fácil —

insisto em argumentar. — Somos perfeitos, sabe disso! O resto que se foda! — apelo e me descabelo.

Sobre os ombros, Juliet olha para mim e sorri de um jeito que não sei decifrar. Há carinho, tristeza e... algo a mais. Depois sai correndo em direção à trilha do casarão, sem dizer mais nada.

MAREMOTOS... TERREMOTOS... TSUNAMIS... CAMADA DE OZÔNIO... BOMBAS ATÔMICAS... Tudo explode ao mesmo tempo.

Fico paralisado e em choque. É como se uma bazuca tivesse atingido em cheio o meu peito. Caio de joelhos no chão e com as mãos esmago o rosto. Estou dormente e atordado.

Tique-taque... Tique-taque... Tique-taque...

Meu bom senso pede para lhe dar espaço. Ela precisa pensar.

Ela só precisa pensar.

Tique-taque... Tique-taque... Tique-taque...

Ela só precisa pensar.

Tique-taque... Tique-taque... Tique-taque...

Ela só precisa pensar.

Pensar, o caralho!

Levanto e saio como um louco. Entro no carro e vou em direção à casa grande. Nada de encontrar Juliet no meio do caminho.

Largo o carro aberto, em frente ao casarão, e entro como um alucinado. Juliet não está no quarto, no banheiro, na sala ou no escritório. Maria informa que a viu chegar pela trilha e sair correndo.

Saio pelos fundos. Athos e Porthos latem indo em direção à garagem. Contorno a varanda da cozinha, o grande salgueiro e suas espreguiçadeiras, e não encontro o carro de Juliet.

Que droga!

Pego a RR, que já chegou de Mônaco, e saio como um doido em direção a Bolgheri. Cris! É isso, o restaurante! Mulheres sempre procuram pelas amigas nos momentos de crise.



23.2

Ninho

Juliet

Pego o celular e ando de um lado para o outro, com o braço esticado à procura de um sinal... Nem um mísero *pauzinho* da operadora.

Porcaria de vida!

Jogo o telefone dentro da bolsa e recomeço a andar. Percebo que vou chorar de novo e aperto a ponta do nariz para inibir a vontade.

— *Selfie? Tilar selfie, agola?*

— Já, já, Nikita San — recuso pela quinquagésima vez, fazendo o tradicional cumprimento japonês.

Em questão de minutos, as coisas foram de incríveis e descomplicadas, para algo tipo: “*mas que merda foi aquela?*”.

Dark era só o insuportável, sexy, ogro das montanhas e agora transformou-se em algo muito, muito maior. Ele é como um trem-bala cheio de vagões abarrotados de vivências e não sei o que fazer com elas.

Se não bastasse Dark ser uma locomotiva humana, que me fez repensar minhas decisões de relacionamento, agora, há os vagões da ex-noiva beijoqueira, da mãe preconceituosa, do pai nobre e dessa coisa nebulosa de títulos e funções, cujas implicações eu desconheço. Ah... Sem falar nos milhares de minivagões de ex-amantes, mais ex-amantes, ex-chantagistas, amigas, inseminações, Valentinas, Alexs, Freds e Joshuas.

É muita coisa pra assimilar!

Quando estou assim, confusa e braba, preciso de tempo. E quando se trata de sentimentos então, minhas primeiras reações costumam ser meio catastróficas e imaturas.

Primeiro hiperventilo, a adrenalina sobe, os joelhos tremem e o coração dispara. É maior do que eu e inevitável. Ajo sem pensar tomada por um fenômeno quase paranormal. Sem permissão de meu cérebro, sou possuída por uma outra *Eu* irracional e chorona, que briga, estapeia, se descabelar e quer justiça a qualquer preço.

Só depois que a avalanche de emoções passa, a Juliet sensata volta. Merda, sou tão corajosa para coisas práticas e profissionais, mas uma completa medrosa quando o ponto é o coração. *Eu surtei, tá legal?* Ter me fechado não foi um bom negócio; comparada a Dark, sou totalmente inexperiente.

Droga!

Não tenho resposta para tudo. De repente, a coisa mudou de figura e revelou-se. Ali, diante de Dark, fui atingida pelo *Plaft* inesperado de um *autotapa*^[71]! Isso mesmo! Minha consciência rebelou-se contra minha insensatez.

Não dá mais para fingir. Por mais que eu não quisesse e ache que posso me magoar ou me ferir no futuro, percebi que Aless não é só um amante incrível... Nunca foi. Pensei que estivéssemos iniciando algo desprezioso, mas não! Eu me importo demais para não ser sério! Me importo de verdade e com todas as forças! Ao ponto de perder o chão, só de imaginar que uma lambisgoia e as obrigações da vida possam tirá-lo de mim.

Sono innamorata!

É oficial. Estou completamente apaixonada.

Dio! Mi sono perso^[72]! Estou perdida!

Não há mais nada que eu possa fazer. Por que me permiti ultrapassar a barreira dos sentimentos? Se Dark abandonar o alpinismo em função do condado e mudar radicalmente?

Dio! Sinto-me vulnerável!

Estou desarmada. Baixei a guarda para a segurança que a presença de Dark me traz. Não é uma dessas paixonites nas quais o coração dá uma semipalpitada. Não! Sofro de um troço louco, que me fez querer ir atrás daquela Paola. Não queria conversar, queria caçar a pilantra para colar a boca dela com *Superbonder*!

Corroída de ciúmes, a ideia me pareceu um bom plano quando saí da vinícola. Queria chegar a Mônaco, meter a mão na cara da usurpadora de bocas alheias e dizer que se afaste do meu homem, mas dadas as circunstâncias... e das cinco horas de viagem e da falta de um endereço, cá estou em lugar nenhum, avaliando minhas opções.

Já pensei em várias alternativas, mas só uma me serve: a que eu fico com Dark.

Sim, eu sei o que quero! Quero Aless! E isso é doido, muito doido.

Aos sete, eu fugia para a casa da *nonna*; aos quatorze, para baixo das arquibancadas do colégio; depois de crescida, ou corria para um pub ou apelava para os poderes mágicos da *Bocca Della Verità*. Não que alguma vez ela tenha me dado uma resposta, mas enfim... todo mundo tem um lugar preferido, que gosta de ir quando precisa espairer.

Mas aqui, longe da minha cidade, família e amigos... enfiada em um lugar, onde tudo grita Alessandro Salvatore Bolgheri, fica difícil.

— À direita, estão os patos selvagens; à esquerda, os gansos. Cuidado com eles! São piores, bem piores do que os esquilos. Ouviu, Juliet?

— Hum-hum...

Recebo olhares debochados, risos e gargalhadas do grupo trinta e cinco de visitação ao *Oasis* de Bolgheri. Bando ao qual venho seguindo como um robô, em fila indiana e no meio do mato, na última meia hora.

Tenho um lema: “*na dúvida vá ao zoológico!*” Não que o *Oasis* seja um. É uma área de preservação ambiental, tipo um pântano, a cinco quilômetros de Bolgheri. Um lugar lindo cheio de veadinhos, aves e... esquilos canibais e assassinos disfarçados de criaturinhas fofas e dóceis.

Jurava que adoravam nozes, não dedos. Eu me senti em um daqueles filmes de acampamentos macabros. Correndo e pulando de um lado para o outro, com um troço peludo e eriçado pendurado em meu dedo e outro agarrado em meus cabelos.

Sabiam que eles podem voar? Pois é... Nem eu!

Benditos turistas japoneses e seus sprays de pimenta. Resumo da ópera, aprendi outra lição: ataques inesperados podem acontecer de quem menos esperamos.

Meu pobre dedo lateja tanto, dentro de um curativo ridículo, que a raiva de Dark já até passou. Minha prioridade agora é odiar a Paola beijoqueira.

Ignoro mais uma vez, os olhares curiosos da família japonesa e olho para o céu. Há revoadas de pássaros indo de um lado para o outro e as nuvens estão começando a ficar escuras. As árvores balançam e o vento forma ondas na lagoa. Capto o cheiro de chuva no ar.

Esqueci da tempestade de primavera que está prevista para hoje. As rajadas de vento frio indicam que ela estará aqui em pouco tempo. Estou ferrada. Preciso voltar, conversar e dizer tudo o que sinto ao Aless, mas não faço a mínima ideia de que lado fica a saída.

— *Selfie? Queler tilar selfie, agola?*

— *Dio!* Mas por que isso, Nikita avó? — exaspero-me diante da senhorinha oriental, de meio metro e curvada pelo tempo. Tem tantos bottons em suas roupas de safari e chapéu, que ela parece um bonsai de Natal.

— *Você famosa.* — Ela sorri com o celular na mão. — *Dividida entle dois amoles!*

— O quê? Eu famosa? Nãoooo. A senhora deve estar me confundindo, Nikita avó.

— *No, no, confusa no* — Nikita neto manifesta-se, faz beicinho e numa expressão nítida de desafio, abre a mochila e tira um tablet. — *Selfie agola?*

O japa mirim, de cabelos azuis e saído de algum mundo fantástico, desliza o dedo para cá e para lá, sobre a tela de plasma.

— Tem sinal? — Me animo.

— Sim, sim. Internet por satélite japonês — vangloria-se.

— Ah! — Impressiono-me e abro um sorriso. — Me empresta o celular? *iPhone?* — Coloco a mão aberta na boca imitando um celular.

— *No, no. Intelubano, né?* — Ele balança o dedinho curto. — *Ligação muito calo, né! Só ver internet.* — Me entrega o tablet.

Pão-duro de uma figa!

Por isso o Japão é essa potência econômica!

Examino o que tanto ele quer me mostrar. Meu queixo cai e pisco algumas vezes, sem poder acreditar no que vejo. Deslizo meu dedo pela tela entrando em alguns links.

Uma onda de indignação e raiva sobe no mesmo momento em que meu coração dispara e minhas pernas falham.

Ploft!

Caio de bunda no chão de terra molhada e grama.

— *Figlia di puttana! Sfortunata!*^[73] Mentirosa! — praguejo baixinho, ao ver uma sequência de fotos minhas com Dark na tarde em que fomos ao restaurante e outras com Kai, no dia em que eu fui ao set de filmagens com Cris. Na foto com Aless, apareço beijando-o; e nas do Kai, abraçada ao seu pescoço.

— Mas só durou um segundo! Somos apenas amigos — me defendo, aponto para a última foto e o japa mirim e a Nikita avó abrem um sorriso.

— Viu! Dividida *entle* dois *amoles*! — Balançam a cabeça em sincronia e sorriem. — *Selfie*, agora?

Estou tão chocada que não nego a *selfie*. No mínimo, esses aí não entenderam patavina do que está escrito. Logo estou rodeada pela família inteira: Nikita pai, mãe, avó e o japa mirim.

Parece que minha desgraça é bem mais atraente do que o ataque de gansos aos turistas alemães, que começam a correr como uns desesperados. Provavelmente, os bichos reagiram aos barulhos dos trovões que começaram.

— *Dio!* O que Aless vai pensar disso? Meus pais? Oh, *Dio!* Oh, *Dio!* Oh, *Dio!* — Levanto desesperada com o tablet ainda na mão.

As matérias dão a entender que estou em uma espécie de triângulo amoroso. Sinto meu estômago revirar. Resumindo: sou uma pistoleira atrás de fama e dinheiro. Indecisa entre a herança e tradição de Dark ou a fama do astro milionário, Kai!

Meu sangue esquenta e meu coração dispara.

— Eu mato a Girafona! Só pode ter dedo dela nisto! — grito tão alto que o guia, os outros turistas e os gansos congelam e olham para mim.

— Girafa? O que foi, Juliet? Outro ataque. — O guia se agita em posição de defesa, com os braços dobrados e as mãos em punho.

— Não! — Tranquilizo o grupo. — Só preciso sair daqui! Como faço?

— É proibido andar pelo *Oasis* sem guia!

— *Dio!* O que eu faço? Preciso ir, é uma emergência! — imploro.

— Caso de morte?

— Morte, morte, não — confesso e o guia me avalia, tira o boné e coça a cabeça com o dedinho.

— Então vai ter que esperar. Vai começar a chover — ordena o guia.
— Depois dos flamingos, retornaremos. Dez minutos, acalme-se!

— Mas... — Quase salto em cima dele.

— Nada! — Suas mãos vão parar na cintura como um ditador. —
Dez minutos e encerramos.

O tom autoritário e pouco amigável do guia faz com que eu me cale.
Que saudades do Dark! Recebo apoio da família japonesa que me cerca!
Cada um opinando ao mesmo tempo sobre quem devo escolher.

— Hum, o *glandão*.

— *No, no.* Nikita avó, Hollywood, né? Spielberg, *Jurassic Park!*

— *Glandão homi* bom, deve ter *hashi*^[74] maior.

O quê? Hashi não! Arma poderosa!

Suspiro com mais saudade. Para piorar meu desespero, leio outra reportagem com a Paola beijoqueira sendo entrevistada como a noiva preterida e sofrida.

Oportunista! Bandida!

Aperto outro link e um vídeo de Dark e Paola aparece.

Sou expert em beijos Dark Power e essa coisa mixuruca... não é um deles. Realmente, não durou mais do que os dois segundos ditos por ele.

Infelice! Sfortunato! Mentiroso!

Reavalio o vídeo e a cena é até constrangedora. Em nada se parece com o meu Aless. Ele é todo braços, mãos, pernas, quadris e língua quando me beija. Dark beija bem... É um furacão e isso aí não é nem brisa. Sou tomada pelo alívio, pela culpa, pela raiva e vergonha!

— *Dio!* Que bagunça eu fiz! Aless, meus pais!

Não dá mais para esperar. Lanço o tablet para o japa mirim e saio correndo em direção de onde acho que é a saída. Ignoro os gritos dos outros turistas e os apitos do guia.

Sou pega no meio do caminho pela tempestade. A chuva fria começa e meu corpo reage imediatamente, minha pele arrepia. Rezo para que nenhum raio me atinja e continuo a correr. Só preciso ver Aless e conversar com meus pais.



Dark

Já faz quase duas horas desde que Juliet saiu para pensar. Reuni meu time, reviramos Bolgheri de cabeça para baixo e nada! Nada! Nada!

Até Felipe acabou ajudando da delegacia. O caralho com a merda de vinte e quatro horas para dar alguém como desaparecido! Nesse tempo, Juliet pode ir para o Japão! É tão difícil de entender? O troço é simples. Se não sei onde ela está, não a estou vendo e não está na porra do meu bolso, está

desaparecida, sim!

— Cris, não entendo! Pelo amor de *Dio*! O que vocês mulheres querem? Toda hora ter que pensar, não é normal. Nem Einstein pensava tanto! — Suspiro, desiludido.

— Se soubesse o que queremos, estaria milionária. Mas, chefinho, se quiser um conselho.

— Não quero.

— Vou dar assim mesmo. Tenta relaxar, essa coisa de controle é uma chatice!

— Uma chatice, o caralho! Sou assim, nunca escondi; cuidar está no meu DNA!

Respiro fundo para controlar a indignação. Não adianta quererem me convencer, mais uma vez, sobre essa desculpa idiota! Quem precisa de espaço é astronauta não Juliet. Sou a porra do namorado dela. Isso deveria me dar algum direito. Que inferno! Amanhã mesmo vou instalar um localizador no JR. Juliet é preciosa demais para sair circulando por aí sem garantias.

— Toma, primo. Comprei um celular extra. Nunca vi povo que gosta tanto de jogar as coisas na parede! Tem que se controlar ou comprar ações da *Apple*, assim não dá mais.

— Não amola, Fran!

Em uma relação sempre existe aquele que é o mais escandaloso. O franco-atirador. Parece que, no nosso caso, fomos premiados. Tanto eu como Juliet temos um gênio do cão e atirar coisas é o que fazemos.

— Acho que é melhor voltarmos para a vinícola. Não adianta ficarmos plantados aqui no DON. Qualquer novidade, o Niro nos avisa — Fran sugere.

— Maria acabou de ligar no celular da Rafa. Giovanni deu uma busca por lá e Juliet ainda não apareceu — informo sem arredar o pé.

Pego o celular novo. E assim que liga envio uma mensagem para Juliet:

| **Dark** – *Baixinha, volta logo. Estou no DON.*

Cazzo!

Nenhum sinal da Baixinha. Em compensação, quatro chamadas inéditas e inesperadas.

O que Peppe Damaggio quer comigo?

Meu sangue, que estava fervendo, congela. Na certa, já está sabendo da novidade. Tiro o boné e faço a via sacra. Puxo o cabelo e depois a barba e volto para o cabelo. Que angústia da porra! Esfregando meu peito, olho para tela e a tela olha para mim.

— Que foi, mano? — Rafa questiona.

— O pai da Juliet ligou quatro vezes.

— Merda, lascou! Vou ficar órfã de irmão! Finge que não viu! Ignora, *Dio del Cielo*.

— Não sou homem de fugir de responsabilidade, Rafaela!

Faço um sinal para Fran e Rafa dizendo que vou ligar. Afasto-me da mesa onde Kai, Cris e Pietro continuam a fuçar na internet.

Quando nossos olhares cruzam, o atorzinho coloca a mão na costela. Esse cara é muito franguinho! Foi um soquinho de nada! *Burro, para que foi me provocar com a foto dele abraçado a Juliet?* Merecia muito mais, já tinha dado meu recado. Tenho sido paciente até demais. A sorte dele foi Cris e

Rafa terem se jogado na frente e eu não querer machucá-las.

Existe um código de honra entre homens. Um que diz que algumas mulheres estão fora dos limites. É sagrado... E não me venham dizer que o mundo está moderno. Meu cu para tudo isso! Esse atorzinho sem cor tem testado o meu limite, agora espero que tenha entendido. Nada de abraço, beijo ou aperto de mão. De preferência, nem olhar.

De canto de olho, vejo que todos estão atentos em mim. Mesmo sentindo a agonia alojando-se em meu peito, faço a ligação.

— *Figlio di puttana! Infelice! É um uomo morto, Alessandro! Morto!*

— *Tranquilo, Peppe! Tranquilo!*

Ouçõ uma voz de mulher do outro lado da linha tentando acalmar o pai possuído.

— Senhor Peppe, eu...

Tento um diálogo, mas não rola. A voz possuída volta a atacar, atendo-me a escutar resiliente.

— *Senhor Peppe, o cacete, Alessandro! Diga que não deflorou minha filha! Onde ela está? Estou ligando, mas mia ragazza sumiu! Sumiu! O que fez com ela, infelice?*

— Que tipo de homem pensa que sou! — explodo. — É lógico que não a deflorei, Peppe! — *Adoraria ter feito, mas algum figlio di puttana chegou primeiro.* — Juliet saiu para correr, precisava pensar. Deve estar sem telefone — minto descaradamente.

— *Que cazzo é essa que estes sites estão falando da minha ragazza? Ela é uma santa! Inocente! Ingênua!*

— Peppe, são boatos, já estamos cuidando do assunto. Tudo mentira! — Olho para Kai. — Não existe triângulo. Mas...

— *Mas o que, infelice? Diga!*

— Eu e Juliet estamos namorando. — Sou direto e firme.

— *O quê? Figlio di puttana! Nunca!*

— Peppe, minhas intenções são sérias. — Exasperado, joga o boné longe e chuto uma cadeira do restaurante. — Não há nada que possa fazer que vá me impedir de ficar com Juliet! — decreto, irredutível. — Acredite... Não existe ninguém no mundo que a respeite ou a queira mais do que eu.

Não posso dizer que os próximos trinta minutos foram os mais agradáveis. Travamos uma verdadeira guerra de Titãs, com direito a mãe da Juliet, Donna, tentando acalmar os ânimos na extensão, depois de Peppe me ameaçar dizendo que tinha porte de arma.

Jurei pela alma do meu pai que a ex-noiva é coisa do passado. Repeti quinhentas vezes que não a deflorei. Que Kai não é nada na vida dela além de amigo. Que não tenho nenhum tipo de doença física ou mental.

Donna explicou que, desde criança, Juliet tem rompantes de sair correndo e ir pensar. Mas que ela sempre volta. Informação que não me aliviou em nada. Disse que, quando era criança, a filha vivia enfurnada na casinha de cachorro. Listou-me cada uma de suas alergias e doenças de infância, o que achei útil. Fez-me jurar que cuidarei bem da sua *bambina* e que a farei comer direito.

Donna também pediu paciência com a filha e para incentivá-la.

— *Não corte as asas da minha Passarinha, Alessandro!*

Hum... Passarinha!

Já Peppe exigiu que eu ficasse longe do quarto dela.

— *Chegue a menos de dez metros do quarto dela e não serão suas asas que irei cortar, seu bastardo! Conheço tua fama!*

Com tranquilidade, prometo solenemente me afastar do quarto da vinícola. Vai ser moleza, até porque, agora, temos o nosso quarto na cabana. Detalhe que Peppe não precisa saber.

— Promete que a faz ligar assim que chegar?

Dou minha palavra de honra a Donna.

Convidei-os para virem até Bolgheri e recebi um:

— *Nem morto!*

Já Donna disse que adoraria, mas que fica impossível sair de Roma por causa do restaurante. Dei minha palavra de que irei pessoalmente com Juliet a Roma oficializar o pedido de namoro.

Uau!

Esgotado e depois de muitos conselhos e ameaças, finalmente desligo o telefone. Como o homem realizado que sou, volto à mesa onde todos estão sentados. Agora é para valer. Até a família da Baixinha já sabe sobre nós. *Cacete!* Errei feio ao pensar que o K2 tinha sido minha conquista mais difícil. Gargalho sozinho.

Juliet! Juliet! Baixinha!

Um homem precisa de brios para estar ao seu lado, porra de Coelhinha mais intensa!

Dark – Passarinha, falei com seus pais, estão preocupados. Quer que eu vá te buscar?

— Hum... nossa, mano, você está até mais magro. — Rafa solta uma gargalhada assim que eu me sento à sua frente.

— Demoraram tanto que parecia que estavam reescrevendo o

Tratado de Tordesilhas. O velho é tão difícil assim? — Fran me avacalha.

— Pra caralho, mas entendo. Juliet é preciosa demais. A menina dele. Se eu tivesse uma filha igual a Juliet... Porra! Compraria uma bazuca. — *Dio, seja sensato e nunca me dê uma filha! Não vai querer o pai dela na cadeia!* — Eles só queriam saber o motivo das fofocas.

— Amelie, claro! — Kai diz indignado, encostando-se mais na parede.

— Mas por que Amelie faria uma coisa dessas? — Fran pergunta e sei que não sabe da missa a metade.

— Sei lá, primo. O pior que não dá para provarmos nada. — Sou evasivo. Expor a mim e o babaca albino não é uma opção. — Nenhuma das matérias está assinada por ela.

— *Shit!* — Kai joga o tablet longe. — Só quero paz! Será que é pedir demais?

— Hum... — Rafa bufa. — Mulher vingativa é um perigo, mano. — Assinto. Depois do escândalo no hotel, disse a Rafa que Amelie era mais uma de minhas ex-loucas. — Vocês três pisaram feio no calo dela lá no hotel. E aí, junta com a Paola, que faz tudo por dinheiro, e dá nisto.

— Vou ligar para o advogado e ver o que posso fazer — Kai diz resoluto e concordo com ele. Detesto admitir, mas estamos juntos e atolados até o pescoço nessa porra. — Deve haver um jeito de pedir retaliação.

— Kai é famoso, primo. A safada aproveitou que o nome dele atrai mídia.

Concordo com Fran. Eu e Juliet somos conhecidos só no nosso meio. Mesmo agora com a conquista do K2 e com o título, ainda não há muito interesse da grande mídia.

— A imprensa é tóxica! Quando vão me deixar em paz? — Kai

levanta-se com dificuldade segurando as costelas e bagunça os cabelos até parecer um leão.

O albino está tão puto que até ganhou uma cor. Está rosinha, a florzinha.

— Quem mandou ser top, Kai! — Minha irmã abre um sorriso, que eu só vi no dia em que encontrou Nick Jonas em Mônaco.

Opa! Opa! Opa!

— Rafa!

— O que, mano?

— Se fecha!

— Não tô fazendo nada!

— Estou de olho em você, peste! *Dio!*

— Se concentra em resolver seus problemas, maninho, e me erra!

Por inércia faço o que diz e a imagem de Juliet desolada e triste volta com tudo.

— Porra, e se Juliet ler os boatos, surtar e não voltar? — Meu peito aperta e sinto o ataque do coração chegando, passo a mão no peito e busco por ar. — Já mandei mensagem para ela e até agora nada! Nada!

— Calma, chefinho! — Cris me dá tapinhas nas costas. *Estou tendo um ataque cardíaco, não me engasgando, porra!* — Difícil que veja. Juliet nunca olha o celular. Ela vai voltar! Confia! Minha amiga é assim, deve estar puta que escondeu as coisas dela. Só precisa esfriar a cabeça.

— Cris tem razão, Dark. Você tinha que ter dado a resenha logo de cara. — Finalmente Pietro se manifesta, já estava achando que ele tinha morrido com a cara enterrada no celular.

— Eu sei. A Baixinha saiu tão braba com essa coisa da Paola e do

meu pai ter me passado os direitos. E agora, essa bomba toda da Amelie. — *Porra! Porra! Porra!*

Levanto e começo a andar de um lado para o outro. Aperto as têmporas, talvez seja AVC!

— Chefe! Ela vai voltar, a italianinha estava feita barata tonta sem você estes dias. — Cris tenta me acalmar de novo. — Dava até pena. Se faz de forte, independente, mas é só uma garota de vinte e quatro anos, com traumas e sem muita experiência amorosa. Pensa, homem... A vida dela era toda planejada e certinha até chegar um Dark e atropelar tudo. Dá um tempo para ela. Só um idiota não percebe que ela gosta de você.

Descrente, esfrego o meu peito, que volta a doer.

— É, primo, não estava nos planos dela se envolver, ainda mais com você!

— Por que ainda mais comigo? — Fico indignado. — Vai à merda, Fran!

— Relaxa! — O bastardo do meu primo cai na gargalhada. — Estou falando pelo lance da profissão e pelo que aconteceu com o irmão dela.

Antes que eu possa responder alguma coisa, Kai volta mais animado à mesa.

— Falei com Smith, meu advogado. Os caras são fodas! A assessoria de imprensa já está rastreando todas as matérias. Cada um dos sites está recebendo um documento oficial de retirada, sob pena de processo por injúria. Depois precisamos de uma retratação oficial.

— Retratação? — Preocupo-me. — Não é melhor só retirar e deixar o assunto morrer?

— Não, primo! A internet viraliza tudo! — Fran se irrita. — Não dá para deixar a coisa rolar solta. Temos nossos patrocinadores também.

Meu celular toca.

— *Alessandro, é o Giovanni. O carro da bambina Juliet voltou!*



23.3

Ninho

Juliet

Ouço o som familiar de pratos sendo estilhaçados na parede por *papà*. Um, dois, três...

— *Figlio di puttana! Infelice!*

Deixo Peppe esbravejando do outro lado da linha e afasto o celular do ouvido. Estaciono o JR na garagem do casarão. A chuva diminuiu bastante. Pego a trilha em direção à cabana, seguida por Athos e Porthos.

Corri tanto para achar a saída daquele *Oasis*, que estou esbaforida até agora. Meu coração está na garganta batendo acelerado e minhas roupas, encharcadas. Não tive nem tempo de ligar ou mandar uma mensagem para Dark. No primeiro sinal do celular, ele disparou a tocar com uma ligação de Roma.

O vento continua forte, assim como a algazarra do outro lado da linha. Amarro minha resposta para Aless no pulso, para que não saia voando. Sorrio, tomara que ele entenda a indireta. Volto minha atenção para a ladainha vinda de Roma.

Viver em uma família italiana pode ser muito divertido, mas. às vezes, é tanto amor envolvido que até enlouqueço. Donna e Peppe disputam entre si a minha atenção. Cada um em uma extensão é como uma linha cruzada que mal consigo responder ao mar de perguntas formuladas ao

mesmo tempo.



— *Dio! Papà*, tenho vinte e quatro! Que vergonha! Como pôde ligar para o meu namorado e dizer que comprou uma arma?

Ouçõ um ruído alto ao fundo e presumo que, agora, seja uma panela contra a parede.

— Eu sei... Eu sei. A fama dele não é lá das melhores. — Fico surpresa ao responder às insinuações de meu *papà*. — *Mamma*, pode explicar para o cabeça-dura do *papà* que as pessoas mudam?

— Opa! Opa! — berro quando meu pai rebate dizendo que não. — Mudam sim! O senhor mudou pela *mamma*!

Entendo a preocupação de meu *papà*, afinal nenhum homem deseja para a filha um espelho daquilo que era. Um garanhão italiano insaciável, que já deixou muita donzela desiludida. Um sedutor que passou grande parte da vida transando com mulheres que não significavam nada para ele, até ser arrebatado pela doce e engraçada Donna.

Também estaria preocupada em seu lugar. Contudo, ele esquece que posso ter herdado a aparência delicada e a alegria de Donna, mas que metade do meu sangue vem dele. Sei me defender... Herdei dele a confiança e determinação que fazem de mim, essa cabeça-dura arremessadora de coisas, que não desiste de um bom desafio.

Suspiro quando minha prima, Ginna, entra na conversa. Deveria ter desconfiado de que meus pais chamariam reforços.

— Ginna, como vou saber? A coisa toda com Kai é fofoca! Não sei se ele é bem-dotado! O fato das mãos dele serem enormes não quer dizer nada.

— Não tem triângulo amoroso nenhum, *mamma*!

— Não, nada de processos! Estou me lixando para os boatos, *papà*. Joseppe tem casos mais importantes para cuidar. Isso deve ser coisa de alguma repórter mal-amada!

Certa girafa repórter, que está fazendo isso só para me desestruturar, mas não vai conseguir.

— É claro que quase tive um treco quanto vi as insinuações, *mamma*! Mas não vou mudar minha vida, nem largar meus amigos por causa disto! *Papà*, eu tomei minha decisão: desde que a família e Dark estejam tranquilos, vou mandar o resto à merda!

— Vão ter que confiar na filha que criaram! — Tento tranquilizá-los. — Agora é hora de ver se fizeram um bom trabalho.

— Não vou desistir dele, *papà*! Nem adianta! — falo decidida, tiro o barro dos pés e entro na varanda. — Nunca estive tão apaixonada... Não ouse compará-lo a Perlo! Já fiz as pazes com o passado, não posso mais viver em função do medo e das coisas que aconteceram. Foi ilusão minha acreditar que posso ter controle de tudo.

— Pode deixar, Ginna! — gargalho e minha garganta arranha. — Vou defender o que é meu! Essas vacas precisam ser colocadas em seus lugares.

— Desculpa, *mamma*! Essas lambisgoias.

— Claro que vou a Roma... Quer dizer, se *papà* prometer não atirar nele! Preciso desligar agora.



Finalmente, desligo o celular. Tiro os *All Stars* enlameados, deixando-os na varanda.

Caramba!

Meus dedos dos pés parecem duas uvas passas! Fico feliz quando vejo que as portas de vidro não estão trancadas. Existe esperança! Ainda não fui banida! Nessa confusão toda, não tive nem tempo de perguntar se terei direito às chaves.

Checo a hora e não faz nem duas horas que saí correndo. Chamo por Dark e nada. Os pelinhos da minha nuca arrepiam quando vejo o celular dele destruído no chão. Solto um palavrão bem baixinho. Sou uma anta! Como Aless vai me atender se eu destruí o negócio dele? Alcanço os restos mortais do aparelho, deixando-os sobre a moldura de pedra da pequena lareira na sala.

Porcaria!

Decido não procurar por Dark no casarão e tampouco, ligar para Fran ou Cris. Disse que ficaria aqui com ele, então, é meio óbvio descobrir onde estou. Não quero mais gente envolvida em nossas confusões. Como disse — *lembram?* —, já temos vagões demais e depois da conversa com meus pais, minha família ensandecida acaba de se juntar ao comboio.

Olho em volta e o chalé está exatamente como o deixei. A poltrona que Aless chutou está virada na sala e a mesa do almoço, ainda posta. Ignoro a fome, minhas roupas molhadas, o dedo que continua a latejar e, antes de subir para o quarto, dou um jeito na bagunça.

Ao subir, livro-me das roupas molhadas. Só então me dou conta de que não tenho mais nada para vestir além do vestido rasgado e jogado no chão.

Fuço nas gavetas, olho ao redor e descubro um closet, cuja porta está camuflada na parede de madeira do quarto. O cheiro de Dark está impregnado no ar. Um dos lados está repleto de roupas masculinas e o outro

vazio. Presumo que esteja reservado para mim. Isso, se ele ainda me quiser.

Que agonia!

Tento sossegar minha mente hiperativa, que já cria cenas. Na melhor das hipóteses estou sendo despachada para Roma, sem direito à passagem de volta. Na pior delas... *Não, não!* Sacudo a cabeça, enquanto fuço nas roupas masculinas à procura de algo para me esquentar.

Dark voltar para Paola não é uma opção!

Estremeço só de pensar e tento tirar o assunto da cabeça. Dark disse que está apaixonado por mim e eu estou louquinha por ele, é só isso que interessa. Caio na cama, fecho os olhos e mentalizo: *Aless e Juliet, sem terceiros.*

— Ai, ai, meu Gigante!



Dark

Sem querer me mexer e estragar o momento mágico mantenho-me sentado na beira da cama. Estou praticamente imóvel desde a hora que cheguei e a encontrei. Já anoiteceu.

Toda a raiva e tensão desintegraram como mágica. Bastou ouvir o som suave de sua respiração e ver a silhueta do meu anjo perverso para a paz tomar conta. Juliet tem o poder de me quebrar e curar. *Caralho!* Estou ficando dependente da adrenalina que ela me lança. É como chegar à beira do abismo, mas ao invés de cair... flutuo. É libertador.

A brisa, que entra pela varanda, joga de um lado para o outro um balão amarelo que Juliet mantém atado ao pulso por um cordão. Ele flutua e

agita-se no ar. Observo-o e meu coração acelera.

Não.

Afasto o pensamento maluco e volto para a minha *bella* que está adormecida. Ela parece menor do que é. Uma menina vestida com minha camiseta. Pergunto-me, com certo desgosto, qual é a nova do curativo em seu dedo. A ideia da minha menina se machucando por minha causa me revolta.

Pela enésima vez, examino cada pedaço de pele aparente de Juliet. Apesar de não encontrar nenhum outro ferimento, só conseguirei sentir alívio quando o restante de seu corpo for examinado. Volto a admirá-la... Está toda esparramada, braços e pernas, um para cada lado. A bichinha é rebelde até dormindo. Os cabelos castanhos estão úmidos sob os travesseiros. Sorrio. Minhas roupas ficam imensas nela. Mal posso ver as pernas torneadas escondidas sob as meias desproporcionais.

— Porra, minha Coelhinha!

Não quero acordá-la. No momento, só sua presença já me basta, acalma e traz a certeza de que ainda somos Aless e Juliet.

Não quero nenhuma merda entre nós. Matou-me ver Juliet chorando por causa dos meus erros. Juro que pensei que ela fosse pular fora. Não a recriminaria, sou um péssimo negócio. Como ela pode ser assim, tão imprevisível?

Aaah, minha Baixinha maluca!

Observo novamente o balão de hélio. O vento o faz girar no ar. É amarelo, metálico e de formato engraçado. Palavras estão estampadas na frente e no verso.

MINIONS ♥ BOLGHERI.

MINIONS ♥ BOLGHERI.

Repito mentalmente. De repente tenho um estalo ao lembrar nossa conversa de ontem. É uma engraçadinha mesmo. Capto a mensagem. *Porra!* Uma onda de eletricidade e euforia esquentando meu corpo, chegando ao coração. *MINIONS ♥ BOLGHERI. Claro!* Rio sozinho e mais alto do que deveria. Empolgado, esfrego a barba em meu queixo. É inacreditável. Minha Lolita sagaz é a mistura perfeita entre menina, mulher e devassa. Sorrio, ternura e tesão quase me fazem perder a compostura. Respiro profundamente e meus olhos batem mais do que o normal. *Cazzo de cisco de merda!* Acho que preciso de um colírio.

O corpo de Juliet mexe, gira e a mão delicada tateia meu lado da cama. Assisto a sua busca instintiva, extasiado.

— Aless — balbucia ainda dormindo e não resisto.

Deslizo pela cama. Praguejo quando o colchão afunda com meu peso, mas é inevitável. Deito-me cuidadosamente ao lado do meu tesouro. Como se Juliet me sentisse, ela se ajusta. Toda a parte traseira de seu corpo gruda-se à frente do meu. De alguma forma, acabo com os braços em torno de suas costelas. Solto, com cuidado, o cordão que prende o balão e ele voa parando no teto.

MINIONS ♥ BOLGHERI.

Eu sei, minha Mini, eu sei... Saiba que a recíproca é verdadeira.

— Bolgheri ama Minions — sussurro e a envolvo em um abraço de urso e minha cabeça vai parar no vão entre seu ombro e pescoço.

Laranjeira e bebê! Cacete de cheiro que não me cansa nunca!

Sinto-me realizado. Feliz pra caralho!

Juliet aconchega-se mais. Seus movimentos são naturais, sensuais e instintivos. Posso sentir seu corpo quente relaxar contra o meu. Tento me manter quieto e torço para que não sinta a luta que travo contra o desejo.

Desculpa, universo! Sei que não deveria estar de pau duro, mas meu amigão não entende que o contexto aqui é outro.

Juliet geme baixinho, repetindo meu nome como em um delírio.

Delírio?

Caralho, nunca a senti tão quente! Quente demais! Sua pele chega a brilhar. Preocupado, toco a testa suada e está pelando. *Cacete!* Deslizo a mão por seus cabelos afastando-os da bochecha. Estão grudados pelo suor.

Mesmo sob protestos de Juliet, que parece começar a acordar, viro o pequeno corpo para mim. Seu rosto está corado e um bigodinho de suor cobre o lábio cheio e avermelhado.

— Puta que pariu, Juliet! — Beijo sua têmpora. *Cazzo!* — Está ardendo em febre!

Sento-me na cama trazendo-a comigo.

— Aless. — Os olhos castanhos entreabrem tentando me focalizar enquanto seus lábios esboçam um sorriso. — Você chegou. — A mão delicada vem parar na minha barba.

O carinho inesperado me faz sorrir ternamente.

— Oi, Baixinha — digo manso.

— Pensei que tivesse me estrepado e tomado um fora — murmura grogue.

— Nunca! Nem estando maluco! É bom se conformar, não te largo nunca mais.

— Nunca?

Sorrio gentil, porém angustiado.

— Nunca. Somos pra vida toda, Baixinha.

Um rastro de brilho ilumina os olhinhos sonolentos.

Linda e minha.

— Desculpa ter ficado tão braba.

— Não tem que se desculpar. Eu pisei na bola. — Beijo a bochecha rosada. — Quis tanto que me conhecesse que perdi a medida. Acabei te atropelando. Escancarei a porra da minha vida pessoal de uma só vez. Depois que saiu, me coloquei em seu lugar. Se fiquei puto com a foto de um abraço com Kai, imagina se fosse um beijo.

— *Dio!* — Agita-se, mas a mantenho perto e segura. — Os sites! Juro que não tenho nada com ele, Aless. Aposto que foi coisa da... da... Girafona! Tem que acreditar em mim.

— Shhh... Não quero que se preocupe com nada.

— Impossível não me preocupar. Precisamos conversar. Fui muito injusta. Eu te chamei de mentiroso, nem quis ouvir o seu lado da história.

— Acredita em mim, agora? Acredita que não tive nada a ver com aquele beijo, pelo menos, não como imaginou.

— Acredito.

— Então assunto encerrado.

— Não... Tem muita coisa que ainda precisamos falar.

— Depois. Acho que está com febre, preciso medir sua temperatura.

— Febre não, só estou com frio. Foi a chuva.

— Tomou aquela chuva toda? — Olho feio, mas não surpreso, ela confirma. — Cacete! Não se mexa!

Deixo-a na cama e corro até o banheiro em busca da caixa de

primeiros socorros. Quando volto, recosto-me na cabeceira e aninho seu corpo quente entre minhas pernas. Coloco o termômetro em sua axila e volto a apertá-la em meus braços.

— Pronto... Agora é só esperar. Não entendo, onde esteve? Se sabia sobre a chuva, por que não se abrigou?

— Fui pega desprevenida. Estive no *Oasis*. Precisava de ar... *Dio*, ar! Meu balão! — Ela se agita procurando em volta.

— Seu balão? Aquele ali?

Aponto para o teto e Juliet segue meu dedo. Com um suspiro de alívio, volta para mim e nos encaramos por alguns segundos.

— Na verdade, é seu — diz quase tímida. — Não sabia como contar o que descobri... Aless, agora eu já sei... — ela interrompe a frase e seus olhos se suavizam.

Minha garganta trava, impedindo-me de falar qualquer coisa.

— Aless, descobri que gosto pra caramba de você. Mais cedo, entrei em pânico porque fiquei com medo de te perder. — Enrubesce ainda mais. — Acho que estou apaixonada há um tempo, mas só enxerguei hoje. Sua omissão me magoou e fiquei com ódio da beijoqueira! Pensar em vocês dois se beijando e que tudo pode mudar... acabou comigo.

Solto o ar que estava prendendo, em uma expiração entrecortada. O calor invade minha circulação. As palavras da Baixinha parecem surreais. Tomado por uma emoção que nunca senti, deslizo a mão por sua boca e queixo. Tomara que não perceba que estou tremendo. Encosto nossos lábios e sinto sua pele arder.

— Repete devagar — peço gentilmente.

— O quê?

— O que sente por mim.

Preciso que repita com todas as letras. Meu coração bate tão forte que posso escutá-lo. Não consigo desgrudar os olhos de sua boca, preciso capturar o momento na memória.

— Estou apaixonada por você, Aless.

— Ah, minha Baixinha...

Fecho os olhos, extasiado com o que acabo de ouvir. Aperto-a ainda em meus braços querendo nos fundir. Noto que seu coração também está a mil.

Sabia que Juliet também sentia algo além, mas é tão difícil fazer uma leitura dos pensamentos mutantes dela. Fora que tem toda aquela porra relacionada às nossas perdas. Eu mesmo, apesar de toda segurança que tenho no que sinto por ela, cheguei a fraquejar.

— Repete.

— Sou apaixonada por você! — grita rouca.

Sorrio tanto que acho que minha boca vai arrebentar. Meu pau salta num nível que quase toca o balão no teto. Esqueço as prioridades.

— Apaixonada... e em vez de ficar e me beijar porque descobriu que me ama... — provoco seus lábios com a língua e a porra do apito do termômetro toca. — Você fugiu?

Tiro o termômetro.

— É... Por aí — Juliet praticamente mia.

— Cacete! Trinta e nove, Baixinha.

Esqueço o desejo de me enterrar nela e jogo o termômetro longe. Sou tomado por um instinto de proteção implacável.

A culpa me assola. Sinto-me responsável pelo estado dela. Quero

envolvê-la e grudá-la a mim para protegê-la de todas as pessoas gananciosas e hipócritas que querem atingi-la por minha causa.

Pego-a em meus braços e vou em direção ao banheiro.

— Aless, o que vai fazer?

— Precisa de um banho morno. — Coloco-a sentada na bancada da pia e ligo a banheira. — Temos que baixar sua temperatura. Vou cuidar de você. — Entrego a ela o antitérmico e ganho uma carranca em troca.

— Engole.

— Que exagero! Não sou mais criança! Está parecendo minha mãe!

Juliet tenta se mostrar bem, mas, na verdade, parece abatida e suas pálpebras pedem por mais descanso.

— Juliet, engole! Sou seu homem. Agora cale a boquinha e me obedeça!

— Aless!

— Pare de ser teimosa ou vai levar umas palmadas. Quem mandou ser imprudente e pegar chuva?

Ela protesta, mas engole o comprimido de uma vez. O rosto lindo se contorce em uma careta.

— Só queria voltar rápido para casa... Para você.

Fico comovido.

— Eu sei... Estou grato que tenha voltado. — Beijo com doçura o topo de sua cabeça. — Então me deixe retribuir a gentileza sendo um bom namorado. Vou te dar um banho gostoso. Prometo que se for boazinha e a febre baixar, amanhã eu faço sua temperatura voltar a subir, mas de um jeito bom.

— Só deixo, se entrar junto na banheira e prometer brincar de

médico comigo.

— O quê? Médico?

Meus instintos mais perversos e sacanas batem continência ao chamado dela. *Porra!* A italianinha não nega fogo, nem doente?

— Hum-hum... Médico. Doutor Aless preciso do seu termômetro aqui!

Sigo seus movimentos...

— Está usando minha cueca, sua bandida?

— Estou. — Passa o dedo trêmulo na parte da minha cueca onde sua excitação fica evidente. — Doutor Aless, acho que dei uma molhadinha nela. — Sorri de um jeito completamente sacana mordendo os lábios.

Put a que pariu!

Nunca pensei, que uma porra de uma cueca fosse me dar tanto tesão na vida. Se existe alguém nesse mundo que sabe me acender como um vulcão é a Juliet.

— Hum... Parece ser grave, senhorita, mas é seu dia de sorte. Vou fazer sua febre baixar e prometo um exame completo. Antes, preciso que fique nua para mim.



Se tem uma coisa que me excita é a disposição da Baixinha para o sexo. Descobrir que curte umas sacanagens... *Opa! Que tesão.* Ouvi-la dizer que só comigo sente-se à vontade para explorar fantasias. *Ah, meus amigos...* É fazer meu eu selvagem querer morder o osso e não largar nunca mais.

Vê-la se despir é sempre um espetáculo... Juliet possui ossos pequenos e é toda miudinha, mas tem curvas nos lugares certos que me fazem salivar.

Com cuidado, coloco-a na banheira e entro junto. Sua temperatura ainda me preocupa. Então, apesar de seus protestos e da minha vontade, sinto que tenho que pegar leve.

Coloco-a de costas para mim, aninhada entre minhas pernas. Ensaboo seu corpo do jeito que aprendi que gosta. Aproveito para tocar cada centímetro de sua pele macia e aveludada.

— Comporte-se como uma paciente boazinha e espere a febre ceder, ok?

Distribuo beijos ao longo de seu pescoço e ombros.

— Mas, doutor Aless, não vai ceder nunca desse jeito. Preciso de injeção.

— Shhh... Não me provoca. Tenho medo de piorar a situação. Sabe que não sou exatamente delicado quando se trata de te foder. Trinta e nove é

alto pra caralho; se essa porra não cair, vou te levar para Pam. Agora, pare de me enrolar e me deixe ver esse dedo. Onde conseguiu isso?

Tento alcançar a mão machucada, mas Juliet afasta tentando se desvencilhar.

— Não! Você prometeu. É só uma febrinha, vai passar.

— Mostra o dedinho, que te darei o que quer!

Não sou muito bom em psicologia feminina ou em frescuras e biquinhos. Mas, por algum motivo, que presumo que seja amor, acho simplesmente adorável tudo que a Baixinha faz. Como, por exemplo, a carinha de “*foda-me*” que faz seus olhos castanhos brilharem mais que tudo.

— Jura?

— Juro.

Ela estende a mão, oferecendo o dedo. Com cuidado, desfaço o curativo molhado.

— MADONNA SANTISSIMA! PUTA QUE PARIU! — Surpreendo-me porque a ferida está impressionante mesmo. — O troço está feio, Juliet. Como que fez isso?

— Um esquilo.

— O quê? Precisa tomar antirrábica! Tem certeza de que não foi um castor? Olha o rombo. Vai precisar levar pontos.

Saio como um alucinado da banheira. Vou pelado e todo molhado até o quarto, atrás da caixa de primeiros socorros que deixei lá e do celular.

Assim que volto, os olhos de Juliet estão arregalados analisando a mão. Seu dedinho machucado aponta para cima. Quando me nota, me encara suplicante.

— Tudo menos dar ponto. Não, Aless! Pelo amor de *Dio*!

Ajoelho ao lado da banheira e pego à força a mão machucada. Ela chia e tenta mergulhar. Começo a considerar se não seria melhor obrigá-la a andar de armadura por aí.

— Hum, sinto muito, mas acho que não vai ter jeito. Como ele te mordeu?

Passo uma pomada antisséptica e faço um curativo improvisado, não dá para deixar o ferimento sem cuidados. Vai infeccionar na certa.

— Fui dar um negocinho... — Junta dois dedinhos da outra mão e encolhe os ombros. — Aí ele me mordeu e outro voou da árvore no meu cabelo. Depois o senhor Nikita jogou spray de pimenta neles. Eu não sabia! Só queria fazer amizade! Como poderia saber que eram canibais ou que voavam?

— Senhor Nikita? Quem é o cara? Não viu a placa de não alimente os animais, cacete?

— O *Oasis* é uma savana, não tem placa! Além do mais, em Roma e em Londres, esses bichos são dóceis. Só os de Bolgheri são loucos iguais a você!

— Ah, tá! Falou a normalzinha! Agora a culpa minha? Que história é essa de Nikita, porra?

Juliet narra uma história maluca sobre uma família japonesa que a teria ajudado. Uma saga com esquilos canibais, gansos assassinos e flamingos giratórios. Não sei se rio ou se choro com a capacidade ilimitada da minha mulher para se meter em roubadas.

Por um lado, acho bom que tenha visto as reportagens em um contexto muito mais leve. Junto de pessoas que, provavelmente, não entenderam a real profundidade do nosso drama.

Dou risada. Era óbvio, mas gostei de ter levado a melhor sobre o “já-

pode-voltar-para-Hollywood”. Meu hashi é com certeza anos-luz maior do que o dele.

— O que está fazendo? — Juliet pergunta assim que levanto e vou até a bancada pegar o celular que deixei lá.

— Mandando uma mensagem para Pam — respondo e recebo uma careta de volta, que não sei se é de raiva, ciúme ou medo.

— Esse celular é novo?

— É. Uma mulher muito equilibrada tacou o meu antigo na parede. Aproveitei e troquei o chip. Vou manter o novo número restrito. Não sei se sabe, mas minha namorada é muito ciumenta — provoco não revelando o real motivo de minha decisão.

Depois de hoje, farei tudo o que puder fazer para nos blindar do meu passado. Mudar o número foi só o primeiro passo. Nós dois juntos já somos uma bomba relógio, não vou dar sorte para o azar e muito menos deixar que as loucas da minha ex-vida nos atrapalhem.

— Como *papá* descobriu seu número? — Ela afunda a cabeça na água e bolhas sobem à superfície. — Fiquei sabendo que conversaram. Ele te assustou? — indaga assim que submerge e noto certo embaraço em sua voz.

— Peppe ligou para Fran, que lhe passou o meu novo número. — Sorrio para tranquilizá-la, mas o ar envergonhado permanece. — Ei, melhore essa carinha! Aquele velho carcamano não me assustou — digo a verdade. — No fundo, até o entendo. Faria o mesmo no lugar dele. Acho que ambos temos obsessão em protegê-la. É preciosa demais para nós dois.

Escrutino e sua expressão muda de embaraçada para levemente ansiosa.

— Obsessivo, é?

— Muito.

— Sinto muito pelo celular.

— Relaxa, já estava na hora de trocar — minto.

— Bem que você poderia doar o chip velho para o auxílio à lista. Com certeza vai ser bem útil para ele. Aposto que vão adorar ter o contato de todas as mulheres da cidade e adjacências.

— Sabe que não tem mulher nenhuma, só você! Porra, Juliet, precisa confiar em mim! Não sei mais o que fazer!

— Que tal sexo de reconciliação, ouvi dizer que é bem eficaz.

— Estou falando sério!

— Eu também! Você prometeu!

— Falei, se a febre baixasse — lembro-a.

Tenta sair da banheira, mas coloco a mão em sua cabeça impedindo.

— Nem pense, fica aí! — rosno.

Insatisfeita, Juliet estapeia minha mão e tenho que morder os lábios para resistir à tentação que é ver seus peitos empinando para mim.

— Aless!

— Juliet... — mantenho-me firme.

— Você prometeu! — retruca insistindo.

— Prometi e vou cumprir, mas o dia ainda não acabou. O doutor Aless vai cuidar de você a noite toda. Que paciente mais impaciente!

Seus olhos piscam e algo parece estar sendo tramado em sua mente brilhante. Cabreiro, assisto uma metamorfose acontecer. A lolita dá lugar à devassa e, com a ponta de um dedo, Juliet instiga e circunda um dos mamilos intumescendo-o. Escondido pela banheira, aperto meu pau em busca de autocontrole.

— Não me olhe assim, sua diaba. — Começo a sentir minha

respiração pesar quando chupa o dedo e volta a se tocar. Engasgo. — Não se atreva... Pare de me provocar — peço e é claro que não me obedece. Desvio o olhar, mas não muito... Começamos uma guerrinha de nervos e vontades. — Porra, Juliet... Pam está vindo, temos que encontrá-la no casarão.

— Temos uma pinoia. Já tenho médico. Ela tá vindo à toa! — Seus dedos começam a fazer o caminho da minha felicidade. Engulo em seco. — Estou sentindo que a febre já até baixou, doutor Aless.

— Juliet, não me tenta... Tira essa mão daí, sua terrorista!

— Aless, por favooooor estou sofrendo muito. Além do mais, mentiui pra mim, mereço uma compensação. Só uma enfiadinha. Está tão quentinha. — Morde a boca gostosa e a odeio por isso.

Seus dedos estão onde eu queria estar.

— Joga na cara, joga! Já pedi desculpas. Prometo nunca mais omitir nada, mas para de enfiar esse dedo na boceta, *cazzo*! Sua febre pode aumentar de novo.

— Se aumentar, tomo mais remédio. — Fecha os olhos e seus dedos invadem a xoxotinha rosada. — Depois... — geme apreciativa — juro que deixo você brincar e usar aquele negocinho que disse que comprou bem aqui.

Acompanho o vaguear da mão e meus batimentos cardíacos entram em curto. Mal posso acreditar onde a bandida começa a se tocar.

— Porra! Vai me deixar brincar com o *mio prezioso*? — pergunto com dificuldade.

— Hum-hum...

— Jura que está se sentindo melhor?

— Juro. Muito melhor — geme e não é de dor.

— Ai, caralho!

Foda-se!

Rendido, pulo de volta na banheira. A água morna esparrama sobre o chão. Em um só movimento, trago Juliet de frente para mim. Puxo suas pernas para que fiquem lado a lado do meu corpo.

Os peitos generosos e empinados esfregam na minha cara. Libero um grunhido faminto. Os belos mamilos estão prontos para serem devorados. Se isto não for o paraíso, não sei o que é.

— Monta, Coelhinha safada. É o meu pau que quer?

— Hum-hum... Me dê?

Com um sorriso sacana, instigo sua entrada, mais que tórrida, com minha ereção. Seus longos cílios trepidam, ela projeta o quadril exigindo mais, mas não dou. Tento desviar sua atenção... Um por vez, eu começo a lambar, como um sorvete, os bicos sabor Juliet. Ela geme, rebola e continua a pedir pelo pacote completo. Suas mãos buscam meus ombros como um apoio e a boceta roça em meu pau, ansiando por alívio. Com as respirações falhas e os corações bombando, nos encaramos. Seus olhos nublados e devoradores são quentes demais. Cada uma das minhas células reage a ela vorazmente, o modo como nossos corpos conversam e se entendem é único.

Instigo-a mais e mais, e mais, mas não avanço o sinal.



Juliet

— Poxa, Aless, você não é assim tão contido. Está me enrolando, não está? — Ansiosa por ele, escrutino o rosto barbado. Um sorriso torto que brota diz que acertei.

— A febre cedeu um pouco, mas ainda não foi embora.

— Enganador de uma figa! Você não presta!

— Sinto lhe informar, mas nossa forma é a mesma. Se eu não presto, você muito menos.

— Mas não mesmo! Sou muito mais legal!

— Ah, é? Um homem como eu não cai do céu, sabia? — Aproxima-se, seus pelos do peito me ataçam e ganho seu melhor sorriso indecente. — Estou curioso. O que te físgou primeiro? Meu charme irresistível ou meu traseiro perfeito.

Sei lá... Acho que foi tudo!

Olho para todo o conjunto de homem, barba, músculos e cérebro que ele é. Seu jeito sacana e atributos físicos me derretem, mas, certamente, é sua mente que me atrai mais. *Opa!* Quase uivo quando suga o mamilo sensível, de um jeito que já me faz querer gozar.

Ok. Talvez haja um empate. Tudo nele é irresistível para mim. Olho, analiso e não consigo achar um defeito sequer nesse corpão sexy e gigante.

— Nunca vai saber, Aleeeess... — Não consigo terminar a frase.

Hum... Que hashi que nada!

Meu cérebro evapora quando a vara de salto a longa distância desliza suavemente para dentro de mim. Tadinho do mocinho do livro *Olimpíadas intensas*, a vara dele não era nada se comparada a de Dark.

Um vai e vem delicioso começa... Não é furioso... É delicado, quase atencioso. Gemo baixinho, apreciando a novidade.

— Faz isso parecer tão especial. — Sigo seu ritmo e começo a cavalgá-lo lentamente.

— Faço porque é preciosa pra mim — dispara a falar.

Amo o jeito como diz que sou gostosa pra caralho. Adoro saber que me acha única e que seu pau está apaixonado por minha boceta. Incendeia-me como pede para balançar o rabinho para ele. Odeio-me como adoro fazer tudo o que pede. Tudo culpa de seu tom de voz dominador, atrevido e exclusivo. Meu homem... O único que consegue, só nas palavras, me fazer quase gozar e querer me esfregar inteira nessa boca suja que ele tem.

O jeito como me olha, como cuida de mim... Como me irrita e me ama. Fico louca de raiva com suas ordens descabidas e cheia de desejo quando vejo seus músculos trabalharem... Ai, ai, amo tudo e mais um pouco... O modo como o suor intensifica seu cheiro. O barulho que faz quando coça a barba... A porcaria do seu charme irresistível e seu traseiro perfeito.

— Já sentiu um amor tão intenso, como se fosse sufocar? — Recua e volta a me preencher.

— Nãooooo, nunca... Até você — ofego quando toca meu clitóris.

— Nem eu. — Instiga-me em movimentos circulares. — Estou feliz que esteja aqui.

— Não tenho escolha a não ser ficar — sussurro. — Estou apaixonada, Aless.

Fecho os olhos. A combinação pau e dedos é avassaladora. Ondulo sobre ele aproveitando o passeio... Derreto-me com os beijos molhados em meu pescoço e entro em frenesi quando morde meu queixo, agarra firme meus quadris e o ritmo muda... Começa a castigar minha vagina como se quisesse me quebrar ao meio.

— Nossa, Gigante!

— Desculpe... Queria te poupar, mas não consigo mais me conter.

— Não me poupe. Só vem... — incentivo.

Seu corpão gruda-se mais ao meu. Ele projeta o quadril e entra forte e duro com estocadas cada vez mais intensas e profundas. A água da banheira parece um tsunami. Está tão agitada quanto nossos sinais vitais.

Puxo o ar o máximo que consigo. Deixo escapar um suspiro apreciativo quando a glândula roça no ponto certo.

— Aaaaaah! — gemo alto, sem medo de que me escutem.

Rebolo e quase choro de tanto tesão. Aperto minhas pernas ao redor dele e enfio as unhas em suas costas.

— Caralho, Coelhinha!

Meus músculos internos trepidam e sinto cada pedacinho meu apertando e sugando o volume imenso.

Ele também sente, vibra... Urra e grita palavras ainda mais obscenas enquanto... mete e gira... mete e gira... mete e gira os quadris me fazendo enlouquecer e gozaaaar gostoso e pra caramba, tremendo todinha com os espasmos do orgasmo.

Quando ele soca uma última vez, com energia redobrada, urra tomado por seus próprios espasmos fazendo-o estremecer:

— Julieeeeeet!

Meu coração esquenta ao vê-lo tão entregue... tão meu. Não há nada no mundo que consiga explicar minha sensação de encantamento. É lindo ver o êxtase varrer o rosto de Dark. Sei que ele acha “o Nós” tão sensacional quanto eu.



Nossa, que dia! Retiro tudo o que disse sobre Bolgheri ser monótona. Nunca me senti tão viva!

— Não é justo — digo assim que Dark para a RR na frente do

casarão. — Alessandro Salvatore Bolgheri, você é um pé no saco, sabia? — protesto pela milésima vez.

Soltando uma sequência discreta de palavrões, alguns num *Darknês* incompreensível, meu ogro inclina, invade meu espaço e abre a porta do passageiro.

— Sabia. — Dá um beijo estalado na ponta do meu nariz. — Agora desce. Pam atrasou, mas já está quase chegando.

— Que bom, mal posso esperar.

Franzo o nariz dando um sorrisinho falsamente doce e saio batendo a porta. Entro no casarão e ouço risos vindo da cozinha. Contenho a vontade de dar uma paradinha por lá para bater um papinho e sigo correndo para o meu quarto.

Não me surpreendo e, quando vejo que minhas roupas já estão cuidadosamente arrumadas em malas, faço uma varredura. Maria só não guardou os meus livros e as coisas pessoais. Recolho só o que acho que vou precisar e deixo o que prefiro que Dark não veja.

Essa coisa de Peppe proibi-lo de entrar aqui, até que veio a calhar.

Livro-me das calças de moletom e do casaco pesado que Aless me obrigou a vestir. As pernas e os braços dele são tão compridos que pareço um boneco do posto, com tanto tecido sobrando e balançando! Que friagem é essa que ele tanto não quer que eu pegue?

Isso aqui é a Toscana, não o Alaska!

O homem é decidido, quando bota uma coisa na cabeça, não tem Cristo que tire. Acho exagero todo esse cuidado ao ponto de chamar a Pam, mas minha intuição feminina grita para não o contrariar, pelo menos, não hoje.

O homem passou por emoções pesadas nos últimos dias. Nem todo

mundo tem a sorte de ter um Peppe e uma Donna como pais. E apesar dele falar que não, a falta de interesse e carinho da mãe parece ter deixado marcas.

Quando somos mais novos, a gente reclama, pensa que vai sufocar, mas a verdade é que não consigo nem imaginar que tipo de pessoa eu seria hoje, sem os conselhos e o colo de Donna e os rompantes de superpai de Peppe.

Tadinho. O miniDark deve ter sofrido pra caramba na infância, virou um gigante quietão e superprotetor. Por isso a necessidade de manter todo mundo na vinícola. *Faz sentido, não faz?* Querer todos embaixo das asas dele, onde, mesmo de um jeito torto e autoritário, ele possa nos cuidar.

Mas quem cuida dele?

Em choque, sento-me na cama. Pela segunda vez no dia, minha razão estapeia-me com a verdade. Judiação, ninguém cuida dele! Meu coração aperta em um pânico instintivo. Estremeço... Minhas emoções agigantam-se. Uma barragem secreta rompe dentro de mim, libertando um novo sentimento por Dark. Caramba! Respiro pausadamente. Não é mais só paixão, desejo e admiração. Há também um carinho desmedido.

Prestes a sufocar de tanto querer bem, esfrego meu peito. Sinto a onda protetora de Dark reverberar por mim. Talvez o instinto protetor dele tenha sido transferido a mim ou me dominado por osmose de tanto a gente se amassar.

Quem cuida dele?

Que pergunta!

Eu, claro!

Certa de que tomei a decisão correta, deslizo o olhar ao redor para ver se não me esqueci de nada. Abro um sorriso, não é uma despedida, o quarto ainda é meu.

Minha Juliet Caverna.

Prendo o cabelo em um rabo de cavalo, porque não há muito o que fazer. Dark não percebeu ainda, que não dá para enxugar o cabelo de uma mulher como se estivesse lustrando um carro. Resultado: nós e mais nós.

Ajeito o laço do vestido envelope azul, com coraçõezinhos vermelhinhos que escolhi para usar. Ponho um tênis e um casaquinho de malha vermelhos, só para agradar ao Gigante, que não me quer passando frio.

Empurro as malas deixando-as no corredor. Aless é a contradição em pessoa. Não quer entrar aqui porque prometeu ao Peppe, mas não faz cerimônia nenhuma, para invadir descaradamente o território que o iludido do *papà* mais quer preservar!



— *Bella*, puta que pariu! — Fran cai na gargalhada apontando para o meu dedo machucado assim que entro na cozinha. — Um esquilo? Sério isso? Deve ter sido hilário.

Encolho os ombros sem graça.

Dark solta um palavrão repreendendo o primo, que o ignora e continua a rir. Pelo tom avermelhado dos olhos de Fran, algo me diz que seu ataque de riso vai durar a noite inteira.

Dark olha para mim rendido. Seu sorriso é tão doce que me faz derreter todinha. Pisco e coro como a mulher completamente apaixonada que sou. Demoro alguns segundos, até perceber a presença dos outros, em volta da mesa repleta de delícias.

Dou um “oi” para a geral, que retribui calorosamente.

— Quer dizer que a senhorita me desobedeceu? — Olho para Pam. As sobrancelhas ruivas estão arqueadas. Com um franzir dos cenhos, esboço

minha incompreensão. — Mais contusões, é isso mesmo? — Pam me repreende como uma mãe carinhosa. Em seguida, entrega Valentina para Rafa, que a segura.

— *Babo! Babo!* — Valentina estica os bracinhos querendo ir com Dark, mas Rafa não a solta e tenta despistá-la com um pedaço de bolo.

— Tá tudo bem? — Cris pergunta e percebo, pela voz da minha amiga, que ela não se refere ao meu lado físico.

De repente, todos os olhos se voltam para mim. Saio da porta da cozinha e caminho em direção ao Gigante, que não perde um só movimento meu, sentado todo esparramado na cadeira.

As conhecidas insegurança e vergonha batem à porta, mas eu as ignoro. Sorrio para Cris e Pietro, que me encaram curiosos. Sem pedir licença, sento-me no colo de Aless.

Sinto seu corpo tensionar e depois relaxar debaixo do meu.

— Se pretende escancarar nosso namoro, é bom se acostumar. Tocar, abraçar e dar carinho são meu *modus operandi*. Pretendo fazer muito disso com você — sussurro em seu ouvido.

— Essa Juliet é nova para mim, mas quero tudo que possa me dar — confessa quase inaudível.

Meu coração derrete e daria o mundo para estar sozinha com ele novamente, mas não estou.

Infelizmente.

Lembro-me da pergunta de Cris e volto a atenção para os olhos que me secam.

— Se estou bem? — Pisco para a minha amiga. — Tirando o fato de que continuo querendo quebrar a cara de umas e outras por aí, sim. Nunca

estive tão bem! — Abraço Dark.

— Nãoooooooooooo! *Babo* meu!

— Valentina! *Babo* é das duas! — Pam a repreende e ela ameaça um choro de birra.

— Nãooo, meu. — Estica os bracinhos suplicando por colo.

— Depois o *babo* te pega, Valentina. A mocinha aqui está dodói. Só quem vai tomar injeção pode ficar no meu colo agora. Quer tomar injeção?

— Não! — Agarra-se a Rafa.

— O quê? — Sobressalto-me. — Eu também não quero!

Não sei quem fica mais assustada com as palavras dele: eu ou Valentina. Tento sair do seu domínio, mas Dark abraça minha cintura me impedindo de levantar.

Tenho um problema sério com agulhas longas, grossas e que perfuram profundo. Evito-as ao máximo que posso. Fico branca e começo a ter taquicardia. Tomar a dose trimestral de anticoncepcional já é um tormento. A picadinha dos exames de sangue, então, quase morro.

Ok, confesso! Não sou tão corajosa assim!

Não ligava para agulhas, até que Julio teve a excelente ideia de furar nossas orelhas a sangue frio. Um pacto idiota entre irmãos gêmeos. Cada um usando um par do brinco, como uma aliança eterna.

Muito lindo! Tão a cara de Julio!

Óbvio que topei. Bastava uma agulha cega, uma rolha e estaríamos mais unidos do que nunca! Tudo perfeito, a não ser pelo fato de que o imbecil mentiu para mim e não tinha a menor noção do que fazia. Fiquei com aquela porcaria imensa enfiada em mim, em um doloroso nem lá nem cá por duas horas, até que nossa *mamma* ouviu meus lamúrios, nos flagrou e puxou fora a

dita cuja com tudo e sem dó.

Arrepio-me só de lembrar a dor lascada que foi. O treco infeccionou tanto que desde então odeio agulhas gigantes e cegas. Só tive coragem de furar a orelha e fazer tatuagem, depois de anos. Após a morte de Julio e da palestra de Dark, tomei coragem e um porre épico... Depois de me dopar e me certificar de que as agulhas eram mínimas e novas, furei e tatuei num dia só. No dia a dia, uso os brincos que Julio queria que nós usássemos.

— E aí, vamos? — Pam me arranca do devaneio.

Dio! Proteja-me!



— *Oh-oh, dá pra ir mais rápido com a porra desse álcool?*

— *Aless, deixe Pam fazer o trabalho dela!*

— *Tô deixando, porra! Só acho desnecessário esfregar tanto! No braço...*

— *Chega, Aless! Já disse que quero no bumbum! Vai, Pam, capricha aí atrás!*

— *Não é álcool, Alessandro, é anestésico. Juliet tem um braço delicado, vai ficar dolorida.*

Contei para Pam que tenho pavor de agulhonas. Ela cuidou do meu dedo e fez minipontos com esparadrapo que, segundo ela, não deixarão uma só cicatriz. Pois é, a mulher tem sido tãoooo legal comigo que estou quase esquecendo o fato de Dark ter tentado engravidá-la várias vezes.

Na hora da tão temida injeção não senti nada, quer dizer, quase nada...

— *Dio, como queima essa bandida!* — gritei ao sentir o líquido viscoso cheio de antitérmicos, anti-inflamatórios e antibióticos entrar.

— *Ela vai ficar sonolenta. A febre baixou com o remédio que deu, mas ainda está aí. Melhor manter a espevitada bem quieta em repouso absoluto. Cuide dela, sim? Volto amanhã para ver como está.*

— *Repouso absoluto? Então nada de...* — A frase não concluída de Dark foi a mesma que a minha.

— *Absolutamente nada* — *Pam foi taxativa.*

Tristeza!



24.1

Tijolinhos

Acordo ainda molenga e atordoada. É como se eu tivesse hibernado por dias a fio. Sinto-me tão quentinha embaixo do edredom e hum... Giro o corpo procurando por Dark, mas não há nada além de mim na cama gigante.

Fragmentos do dia anterior preenchem minha memória: a manhã maravilhosa, a tarde desastrosa e a noite confusa.

Dio!

Aquelas drogas da Pam eram mesmo potentes! Quinze minutos depois de termos voltado à cozinha já estava para lá de Bagdá. Mal consegui acompanhar toda a discussão ao redor das declarações da Paola e das matérias ao nosso respeito. Acabei apagando no colo de Dark.

Honestamente, ainda não consegui dimensionar os danos. Não sei até que ponto a vingança descabida de Amelie pode afetar minha vida. Muito menos, se é hora de atacar ou simplesmente deixar para lá.

Duvido muito que minha família vá deixar de me amar por causa de uma fofoca ou que meu emprego ficará em risco.

É óbvio que ninguém gosta de ser chamada de oportunista. Sei bem os efeitos nocivos de uma fofoca. Ser apontada como a put...

Um estrondo seguido de...

— Nem por um caralho! É da minha mulher que estão falando! —
Me fazem pular da cama.

Eita! Minha mulher? Eu?

A irritação de Dark coloca todo o meu corpo em estado de alerta.

Dio!

— Dominique, Dark tem razão! — Ouço Kai. *Cazzo! Madonna! Kai aqui?* Visita de cortesia que não é. — Ela entrou nessa por nossa causa, não é justo.

Acho o vestido azul de corações, que estava vestindo ontem, em cima de uma poltrona solitária no quarto, e começo a me trocar o mais rápido que posso.

— Não entendo! — A terceira voz se exalta. — Desde quando se preocupa com a reputação das vadias?

Figlio di puttana! Vadia, seu coda!

Desço as escadas do jeito que estou, a tempo de pegar Dark estrangulando um homem baixo e magro... no meio da sala da cabana.

— *Dio!* O que está acontecendo aqui? Aless, solta o homem! — grito na beira da escada, o mais alto que posso. Kai só olha para mim e não move um músculo para separá-los.

— Não deveria ter saído da cama, Juliet! A febre!

Dark me encara, noto uma preocupação legítima em seus olhos, misturada à raiva que emana deles. Olha-me de cima a baixo, sem desgrudar da jugular do sujeito.

— ALESSANDRO! — Corro até ele puxando seu braço. — NÃOOOO!

Dark solta o homem, que, mais parece uma formiga nariguda perto dele. Ofegante e vermelho, ele esfrega a garganta. Sua camisa de seda verde está amarrotada, e os poucos fios de cabelos endurecidos pelo gel, bagunçados em sua careca. O cara tem tanto ouro pendurado, que parece um

daqueles mafiosos... só que sem o tamanho e glamour dos filmes.

— Ele te ofendeu, cacete! — Dark me enlaça pela cintura, de um modo totalmente possessivo e protetor.

Seu braço me aperta tanto que quase não posso respirar. A mão livre toca minha testa procurando vestígios de febre. Seu olhar está para lá de furioso. As veias de seu pescoço saltadas e pulsando como um touro assassino.

— Tem que ficar de molho, Baixinha.

— Eu estou bem. — Beijo seu peito sem camisa para mostrar que estou grata que tenha defendido minha honra. Olho feio para o nanico que me avalia com um certo desprezo. — Primeiro, quem é o senhor? Segundo, vadia é sua mãe!

Kai me cumprimenta e gargalha satisfeito.

— Eu... desculpa...

O homem tenta se pronunciar, mas Kai o interrompe:

— Este é Dominique, meu ex-assessor, *baby*. Acabei de demiti-lo. Não sabia que estava em Bolgheri, muito menos que veio direto até aqui.

— *Baby*, o caralho! JULIET!

— Foi mal, Dark! Juliet... Claro! — Kai dá alguns passos para trás e segura as costelas.

Meu radar liga. Olho feio para o gigante, que levanta os ombros ainda emburrado.

Cazzo!

— Bateu nele de novo?

— Bati e bato outra vez, se ele encostar a mão em você.

— Não vou encostar... Juro. — Kai levanta as mãos se rendendo.

— Ele não encostou em mim. Já discutimos isso! — protesto. Solto-me de Dark, colocando as mãos na cintura. — Posso saber o motivo desta zona no meio da minha sala novinha? Pensei que o assunto fofocas da Girafona já estivesse encerrado!

— Girafona? — O ex-assessor fica em alerta.

— Cala a boca, Dominique! — Kai e Dark gritam ao mesmo tempo e o homem se encolhe todo.

Dark respira fundo, inclina o pescoço, de um lado para o outro estralando, olha para Dominique por um longo momento e depois volta a grudar suas esmeraldas em mim.

— Acontece que não acabou! — o gigante esbraveja.

— Kai é um astro. Não é uma estrelinha qualquer. Ganhou o Oscar e é um dos solteiros mais cobiçados da indústria — Dominique diz petulante tentando agradar. — Ele tem trilhares de fãs pelo mundo... Tudo que ele faz gera especulação... Ainda mais quando se trata de seus casos.

— Não temos um caso! — esclareço ultrajada me voltando para o meu namorado, prestes a virar ex se essa porcaria não parar.

— Mas é o que pensam! — Dark constata em uma voz áspera. Reviro os olhos e busco o apoio de Kai.

— Falei que minha vida é uma bosta, *bab...* Juliet.

— Pouco interessa se têm ou não... — a formiga volta a se manifestar. — O que valem são os fatos. Passaram a noite juntos, foram vistos no *set...* na boate.

— Não passamos a noite juntos, caramba!

Aboleto-me na poltrona e afundo a cabeça entre as mãos. Não esquento o assento, Dark faz careta e chega a ser engraçado o jeito que ele se

aproxima e se contorce todo na mesma poltrona, até enfiar o corpão dele embaixo do meu. Acho que alguém gostou dessa coisa de colo.

— Até ex seu, que virou ator pornô *gay*, apareceu — o homem me acusa.

— *Dio!* Nunca namorei astro pornô.

— Não mesmo?

— Jamais — digo porque tenho certeza.

— O nome Perlo Castratori é familiar para você? — O nanico me desafia. — Hoje cedo, ele deu uma entrevista querendo aparecer em cima da história. Disse que namoraram por dois anos e que virou *gay*, porque era frígida! Ofereceu-se para ser dublê do Kai e tudo.

— *Dio!* Eu tinha só quinze anos. Até parece que a culpa dele virar *gay* é minha! Que otário! Virou ator pornô, foi? Nossa! O pai dele deve estar louco, queria que ele seguisse a carreira militar.

Não sei se rio ou choro disto tudo. Mas agora entendo por que a mãe dele parou de me mandar chinelos no Natal, no mínimo comprou a ideia de eu ser frígida e a culpa ser minha...

— E virou. — Dominique gargalha e não entendo mais nada. — Fez *Penetração Militar* um e dois!

Meu nervoso é tanto com este circo todo que caio na gargalhada.

— Nem sabia que ele tinha ferramenta suficiente, para esse tipo de trabalho!

— Não tem graça, Juliet! — Aless rosna em meu pescoço.

— Ah, tem sim! — O negocinho dele parecia bem pequeno. — Será que ele fez implante porquê...

— JULIET!

— Desculpa! Desculpa! — Tento segurar o riso e Dark me cutuca para parar de rir. — O que vamos fazer em relação às matérias? Eu tinha um plano: ignorar as fofocas. Era um ótimo plano, adorei ele. Mas... puta merda! Esqueci completamente o fator Kai. Achei que não iria longe. Sou só uma meteorologista. Que graça tem a minha vida para eles?

— Muita graça, acredite. — Kai demonstra desgosto. — Romance sempre vende; se for triângulo então... Já tem *paparazzi*^[75] chegando em Bolgheri! Não duvido nada que Amelie pagou alguém para ficar na nossa cola.

— Tudo bem, que dei alguns tapinhas nela, mas quanto rancor! Precisava ter me colocado de puta da história?

— Nunca mais repita isso, Baixinha!

— Amelie Carter? É ela quem está por trás disto? Por que bateu nela? — Dominique se agita com seus olhos de raposa velha farejando carcaça.

— Nada, Dominique, fique fora dessa! — Kai o repreende. — Não deveria ter vindo para cá, falei que estava tudo sob controle.

— Controle até fazer a cagada! — o ex querendo voltar a ser o atual assessor o repreende.

— Cagada, que cagada? — Agito-me tentando levantar, e mãozonas enormes me mantêm paradinha no colo do seu dono.

— Fala para ela o que fez. — Dark parece se divertir. — Juliet, não tive nada a ver com isso.

— O que fez, Kai?

— Tem que desmentir isso! — Dominique exige.

— Não vou desmentir... a não ser que Juliet e Dark me obriguem.

— *Madonna Santissima!* Kai, o que fez?

— A gente estava bêbado, foi ideia do *Nonno*.

— *Nonno* estava bêbado também? — exaspero-me esperando o pior.

— Estava.

— Jesus! O que fizeram?

— Estava puto porque fui eu que te coloquei nesta roubada. Desabafei com *Nonno* e tomamos umas garrafas juntos... Se não fosse pela merda toda que te contei, não teria essa coisa toda com Amelie. Ela só está fazendo isto, para se vingar. Deu um jeito de atingir nós três de uma tacada só.

— Que tacada? O que não me contou, Kai? — O formiga se agita.

— Cala a boca, Dominique! Nada... É coisa minha! Dá para esperar lá fora, por favor!

— Mas Kai... — Dominique dá uma risadinha desagradável.

— Fora! — Kai perde a paciência, apontando a saída. — Me espera no carro, cacete! — O homem fecha a cara, mas obedece visivelmente contrariado.

Esperamos até que ele esteja longe da linha de visão.

— Me diga que não fez nenhuma besteira, Kai. Não quero Dark e você metidos em escândalos. Por isso, não queria levar este assunto adiante. Sou um zé-ninguém... Daqui a pouco esquecem disto. Este mundo é machista, era de se esperar que a puta da história acabasse sendo eu.

— Nunca mais repita isso, Baixinha! É a pessoa mais importante da minha vida! — As mãozonas de Dark seguram meu rosto me obrigando a encará-lo. Ele me beija sem se importar com a presença de Kai, meu coração se derrete com a declaração do meu Gigante. — Não é justo que pague por

uma coisa que não é sua. Os putos nesta *cazzo* toda fomos nós.

— Sou a pessoa mais importante para você?

— É sim, Baixinha. — Me beija de novo, e não consigo disfarçar um sorrisinho bobo. — Mandei um comunicado esta manhã. Acho que as coisas vão se acalmar.

— Mandou?

— Mandei — diz firme como se tivesse a certeza de que isto é o certo.

— *Dio!*

— Hum-hum... — Kai chama a nossa atenção, nos arrancando da bolha. — Eu e Nonno meio que nos empolgamos e fizemos um vídeo para ajudar.

— *Dio!* Comunicado? Vídeo? Tudo isso sem me consultar? Enquanto estava chapada na cama?

— Eu vou te defender sempre, Baixinha.

— Eu também!

— Vai o caralho! Não precisa, babaca! Ela é minha mulher, não sua!

— Ela é minha amiga!

— Foda-se! Ela tem a mim!

Arqueio as sobrancelhas enquanto meu estômago começa a revirar em agonia.

— Que inferno! — grito já de saco cheio desta disputinha de ego entre os dois. Um é meu namorado e o outro é meu amigo. É tão difícil assim de entender?

Porcaria! É deprimente ver que, por mais que tente, não há Cristo que diminua a tensão entre eles.

— Dá pra parar, vocês dois? Agradeço que ambos estejam tentando me defender, mas já estou começando a me preocupar a respeito dos métodos.

Dark é o primeiro a me entregar o celular com um texto aberto.

— Aqui. Escrevi e enviei para a assessoria da *Mountain* disparar esta manhã.

Bolgheri, março...

Em virtude das recentes notícias divulgadas pela mídia, eu, Alessandro Salvatore Bolgheri, venho por meio desta informar-lhes que são totalmente inverídicas e infundadas as afirmações publicadas na imprensa e/ou relatadas por Paola Ragatini.

Não há qualquer tipo de relação profissional ou pessoal mantida entre nós atualmente.

Em relação ao episódio ocorrido no consulado francês, em Mônaco, apenas posso classificá-lo como desagradável, desnecessário e deplorável. Peço desculpas a todos que tiveram o desprazer de presenciar a cena assim como eu.

É sabido que prezo pela discrição em minha vida pessoal. Porém, entendo a necessidade de informação para manter-se um jornalismo justo e correto.

A estes profissionais “sérios”, eu decidi abrir uma exceção em respeito à profissão. Tomem isto como mostra de minha boa vontade. Em resposta a todos os contatos e e-mails encaminhados, cujos temas centrais, para a minha surpresa, referem-se a minha situação afetiva.

A Srta. Juliet Damaggio e eu estamos em um relacionamento sério, estável e MONOGÂMICO. Não irei tolerar nenhuma só palavra contrária, à sua honra e história imaculadas. Peço que a tratem com o respeito e reverência que lhe é devida. E, acima de tudo, preservem nossa privacidade.

Quaisquer publicações contrárias a estas verdades, e por mim não autorizadas, sofrerão as consequências prescritas por lei.

Sem mais,

Alessandro Salvatore Bolgheri.

A declaração pública de Dark foi tão inesperada para mim, que pisquei por alguns segundos, depois soltei uma risada nervosa, meu coração meio que acelerou pra caramba e o que se seguiu após foram alguns segundos de silêncio constrangedores.

Já disse... não entendo porra nenhuma dessa coisa de responsabilidades sociais que Dark e Kai estão habituados. Então fiquei confusa... bem confusa, na verdade.

Senti-me até um pouco ingrata, diante da preocupação legítima deles. Mas, ao mesmo tempo, comecei a achar a coisa séria demais.

Um lance que deveria supostamente ser um *NÓS...* virou um *NÓS TODOS*. Uma coisa que eu trataria com um “*vai se foder, essas vacas estão mentindo!*” virou uma carta formal.

Não sei o protocolo, e tampouco entra na minha cabeça essa coisa de ter que dar satisfação a quem não se conhece. Até agora, esse território estava restrito apenas ao e a *mamma*; ainda assim, quando eu achava que devia. Não ao mundo... Sério... essa coisa toda é meio assustadora.

— Fala alguma coisa, Juliet. — Dark segura meu queixo, seus olhos

arregalam inquisitivos. — Está braba?

— Se é desta forma que tem que ser feito, por mim tudo bem. —
Tento esconder certo descontentamento em minha voz.

Fica óbvio que não consigo pela ruga que se instala entre as sobrancelhas dele. Desvio o olhar, não quero ter uma DR na frente de Kai.

— E o vídeo, me passa para eu ver — mudo o foco.

Kai tira o celular do bolso, começa a fuçar.

Ele me explica que tem uma página oficial na internet para as fãs acompanharem a sua carreira. Sempre que pode, procura interagir com elas e muitas vezes posta alguns vídeos.

Fala do dia a dia, alguma dica que queira dar, às vezes mostra os bastidores das filmagens. A coisa é superorganizada... tudo integrado com seus endereços oficiais no *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *YouTube*. Quase quinze milhões de seguidores.

Uau!

Acomodo-me de novo no colo do Gigante, esperando o vídeo carregar. Kai se esparrama na poltrona ao lado e está visivelmente ansioso.

Assim que começa, reconheço o cenário ao fundo. Se não fosse meio trágico seria hilário. Kai e *Nonno* estão sentados à mesa do escritório dele, lado a lado e de frente para o computador provavelmente.

— Vocês se arrumaram? — pergunto e percebo um risinho abafado de Dark atrás de mim.

— *Nonno* fez questão — Kai me explica, achando graça.

Eles parecem dois âncoras de telejornal de terno e gravata. Seus rostos estão corados e suados, com uma expressão de alegria histérica. Dá para ver que rolou uma pré-produção, até os cabelos dos dois estão penteados

com gel para o mesmo lado.

No começo, Nonno parece meio confuso porque pensou que iria ver as fãs. Kai explica algumas vezes que tem gente do outro lado assistindo. O avô de Dark parece finalmente convencer-se e começa a dar tchau. Há um blá-blá-blá de Kai sobre onde está... Fala de Bolgheri, das filmagens.

— Nonno, *dê oi para as fãs.*

— *Oi, fãs, sou o Salvatore.*

— *Bem, gatinhas.* — Kai abre seu sorriso cinematográfico, porém, visivelmente bêbado para a câmera. — *Para a alegria de vocês, eu e Nonno viemos desmentir esses boatos de que eu tenho um caso. Continuo sendo só de vocês!*

— *É só de vocês! Da Doce Julieta, não!* — o avô de Dark reitera.

— *Isso! Da Doce Julieta, não! Tipo... isso que estão lendo aí é tudo mentira... Não tem triângulo rolando.*

— *Tudo mentira... a Julieta é do meu neto Alessandro. Ele nunca amou aquela ex-noiva dele. A mulher é feia como um cão aguado! A Doce Julieta é linda como um anjo!*

— *A mulher era feia? Sério? Fala sério que Dark traçava um bagulho?* — Kai perde o foco da conversa, visivelmente interessado na fofoca.

— *Como um cão sarnento com bafo!* — Salvatore acha graça.

— *Porra, Nonno! Bafo é foda!*

— *Olha a boca, ragazzo! Temos que dar exemplo para suas fãs!*

— *Desculpa, gatinhas! Foi mal.*

— *A moça certa para o meu neto é a Doce Julieta!*

— *Dark e ela, vocês sabem... estão tipo, até morando juntos. Essa*

coisa de triângulos e interesse é intriga dessas mal-amadas com bafo! — Kai se joga para trás, rindo, e quase cai da cadeira.

— Dividem o mesmo teto, mas não estão em pecado! Pode ficar tranquilo, papà da Doce Julieta! Meu neto é respeitador! Julieta é donzela direita.

— Isso eu já não posso garantir, Nonno! — gargalha Kai. — Precisa ver os dois se pegando!

— Olha o respeito, menino! Eles vão se casar e só depois me dar bisnetos... Alessandro garantiu que está cuidando dela!

— Ah! Cuidando mesmo! O cara é igual um cão de guarda bravo... é amarrado nela pra caralho! Nem que eu quisesse ter alguma coisa, daria... Juliet é linda e tal, gente boa pra cacete, mas é louca no monstro. E ele arrebenta qualquer um que chegue nela.

— Isso é verdade! O Alessandro bateu no Kai. Duas vezes! — Nonno aponta para ele parecendo achar graça e Kai fica vermelho. — Os Salvatore são muito ciumentos e possessivos. Além de ótimos amantes!

— Ei! Eu também sou ótimo amante! — Kai protesta.

— Mas não da Doce Julieta!

— Não, da Juliet, não. Dela sou só amigo e padrinho!

— Eles vão se casar aqui na minha vinícola. Eu e Kai já planejamos tudo!

— Já! E vai ter muito vinho!

— Vinho, isso! Cadê a garrafa que a gente estava bebendo? Acabou de novo?

— Madalena escondeu, Nonno!

— Madalenaaaaaa!

Dio! Termino de ver o vídeo quando os dois se esquecem das fãs e saem cambaleando para continuar a saga do vinho.

Fico pasma quando vejo que já tem mais de cinco milhões de acessos. Muita gente comentando... a maioria achando graça, porque os dois estão muito hilários bêbados. Outros felizes porque ele continua solteiro e meia dúzia tristes, porque acham que ele precisa de uma noiva.

Sorrio para Kai, acalmando-o. Tudo bem que eles praticamente nos casaram, mas duvido que alguém dê crédito a estes dois malucos.

Depois Kai explica o motivo de Dominique estar histérico.

Os boatos criados por Amelie geraram certa mobilização das fãs. O time das que torcem que ele fique comigo e o time que prefere um romance meu com Dark. Isto provoca buchicho... movimenta as páginas oficiais e atrai anunciantes... E mais dinheiro.

— O time Dark está ganhando de lavada, Baixinha! — vangloria-se ele. Reviro os olhos, bato nos ombros dele porque é tudo que eu posso fazer diante de mais esta disputinha de egos.

Para minha sorte e alívio, o número de pessoas que me considera só uma garota sortuda, disputada por dois homens lindos, supera e muito o dos que me acham a puta interesseira.

— É a indústria, Juliet! Tudo se transforma em dinheiro. Sempre vai ter os que falam bem, e os que metem o pau.

Dominique veio aqui, para nos convencer a participar por um tempo deste teatro. Essa era a discussão que estava acontecendo, enquanto eu dormia. Ele está inconformado. A declaração de Dark e o vídeo de Kai meio que implodiram com a possibilidade.

— Nunca que eu iria aceitar uma coisa dessas!

— Nem eu iria permitir um troço desses, Baixinha. Já estou puto

com a nossa vida exposta desta maneira. Já não era um cara aberto, agora então o que eu puder fazer para te resguardar disto tudo, vou fazer. Principalmente, com as especulações de que será a nova condessa de Bolgheri.



Dark

O corpo leve e cheiroso de Juliet fica tenso. *Cazzo!* Observo-a. Espero por um comentário ou mesmo por um protesto sobre o “condessa”, mas esses não vêm. No lugar recebo um sorriso novo, pálido e indecifrável. Como uma professora incentivando um aluno não muito esperto, ela me dá tapinhas carinhosos na cara.

— Faça isso. Faça isso. Nos resguardar é bom. Já almoçaram? — Em um pulo, Juliet está fora do meu colo. — Aliás, que horas são? Estou com fome. Vocês estão também?

Porra! Alerta vermelho!

Mudança brusca de assunto. Observo a Baixinha, que está claramente desconfortável e confusa. Suas bochechas estão coradas e os olhos castanhos, maiores do que o normal. Se essa boca começar a tremer já era. Outro chá de sumiço e eu infarto.

Uma série de coisas começa a passar na minha cabeça... A primeira delas é: nem fodendo! Vou impedir que a maluca saia correndo. Reconheço essa metamorfose e sei no que dá. *Hoje não! Não mesmo!* Levanto-me da poltrona e vou direto para a porta. Daqui ela não passa.

— Ainda não almocei. — Tento parecer calmo e assumo o posto de leão de chácara. — Estava esperando você.

— Ok. — É tudo o que recebo como resposta.

— *Shit!*^[76] São quase duas! — Kai surpreende-se. — Preciso ir, bom que falou do almoço... Quase me esqueci! Marquei de almoçar com Petah e o diretor. Precisamos discutir sobre algumas cenas que serão gravadas amanhã. — Vira examinando Juliet com cautela. — Sinto muito sobre as fãs, se preferir posso deletar o vídeo.

O som da uma risada doce invade a sala. Eu me derreto feito um idiota.

— Não, pode deixá-lo. Está engraçado. — *Cazzo!* Deveria ter feito um vídeo para ela rir assim para mim. *Dark, você está ficando patético!* — A essa altura, tanta gente já assistiu que não vai fazer diferença nenhuma tirar. *Nonno* deve ter se divertido, né?

— Pra caramba! Minha equipe vai fazer um site para ele. Aquele velho é surpreendente! Ficou realmente empolgado em ser *YouTuber*! Vou pedir para as minhas fãs o seguirem. Hum, preciso mesmo ir. Nos vemos mais tarde.

— Mais tarde? Para quê, porra? — esbravejo com razão. — Acho que tínhamos concordado em não expor mais a Juliet!

— *Shit*, Dark, foi modo de dizer! *Relax, man!*

— Kai, estou tão relaxado, mas tão relaxado... que até vou te dar uma dica: da próxima vez que vier à nossa casa, passa antes na farmácia e compra um troço chamado “*Amor à vida*”. Vai precisar se continuar falando relaxe! Os últimos dez dias foram uma bosta. Aturei mais do que deveria em Mônaco. Estou no meu limite. Lembre-se: você não é da família. Então posso socar a sua cara a qualquer momento, de novo.

— Alessandro!

Juliet me dá uma encarada daquelas e depois volta para Kai. A necessidade dela em sempre defender o bostinha me irrita. Sei que não está

sendo fácil para ela, mas para mim tampouco.

Porra!

Não ter controle da situação é frustrante. Percebo que ainda estou segurando as portas de vidro num bloqueio antifuga. Os nós dos meus dedos estão brancos de tensão.

Quando Juliet volta a me olhar, solto as portas e tento relaxar.

Não consigo.

— Deixa, Juliet. Isso é entre nós — tento argumentar e parecer calmo.

— Não quero ultrapassar os limites, *King Kong*. Só acho que está exagerando... — o albino me provoca.

— *King Kong*? — gargalho e lembro-me do gorilão em cima da montanha defendendo sua donzela. — Sabem qual é a sensação quando se está a mais de oito mil metros de altura? — Meu olhar divaga entre Kai e Juliet.

— Não! — os dois respondem em uníssono e sem entender o meu ponto.

Respiro fundo, enchendo os pulmões. Depois expiro lentamente. Esfrego o rosto e volto a encará-los.

— É como se fosse um peixe fora d'água, agonizando... Por mais que se tente respirar, o ar não vem. Dói pra cacete. É algo vital e que nos mata se ficarmos sem. Já teve alguém assim? — desafio Kai. — Tão vital como o ar?

— Acho que não — murmura ainda sem entender.

— Então vai para a puta que pariu! — berro. — Para sua sorte e minha desgraça, Juliet te considera um amigo... Senão...

— Senão o quê? Posso sumir se quiser! — berra de volta.

— Não precisa. Posso não gostar, mas respeito as amizades de Juliet. Além do mais, as filmagens não vão durar para sempre — ironizo.

— Posso decidir ficar mais. — Kai levanta uma sobrancelha provocativa. — Vai fazer o quê? Me socar de novo?

Porra! Esse albino está pedindo!

Será que Juliet não percebe como ele me provoca?

Solto um rugido e começo a avançar.

— *Dio!* Parem! — Juliet salta, ficando entre nós. — Não vou abrir mão dos meus amigos por causa de fofocas malucas! Já estou longe de tudo em Bolgheri! Não vou ser refém de especulações e boatos. Já foram longe demais. Essa baboseira de interesse, triângulo, casamento e condessa é ridícula! Um absurdo!

Absurdo? Ridículo?

Sinto-me ofendido. Dou um passo, me afastando dos dois.

— Absurdo ou não faz parte do que sou. — Não consigo esconder o desconforto e certa decepção.



Juliet

Meleca!

Não sei o que dizer. Ou melhor, não sei como desdizer o que disse. Respiro apegando-me ao fato de que são somente especulações. Eu virando condessa é surreal, não vai rolar! Um desconforto, de segundos, toma conta. A sala parece ficar pequena para nós três. Ensaio abrir a boca, mas desisto.

Olho para os meus pés descalços e torço as mãos em agonia. Volto a encarar Dark, visivelmente descontente.

— Aless... Eu... Eu me expressei mal.

Dark morde o interior da bochecha, olha para Kai, para mim novamente e abaixa a cabeça balançando-a.

— Agora não, Baixinha. — Seu sorriso forçado disfarça algo mais profundo.

— Aless... — insisto.

Ele gesticula pedindo para que eu fique quieta. Em seguida, e com uma expressão cansada, põe as mãos nos bolsos.

Diacho!

— Bom... Chega de me intrometer no lance de vocês. Preciso realmente ir. — Kai apressa-se até a porta, desviando de Dark.

Agradeço mentalmente.

Ufa!

Kai finalmente percebeu que estava sobrando aqui. Adoro-o, mas porcaria lascada! Estou muito incomodada com todos se metendo na minha vida e sabendo de tudo!

— Juliet. — Ele acena da varanda e retribuo o gesto. Depois olha para o Gigante. — Dark, entendi seu ponto, cara. Peço desculpas se ultrapassei a linha.

Meu Gigante apenas o encara.

Kai afasta-se indo em direção ao carro, sem esperar por uma resposta. O barulho do motor ligando e indo embora é um alívio. Viro-me para Dark, que continua impassível e me aproximo.

— Aless, realmente me expressei mal. Seu comunicado me deixou

sem chão. Foi lindo, inesperado e estou lisonjeada — emociono-me e tento me explicar. — O ridículo e absurdo foi para toda a comoção em cima de algo que deveria ser só nosso.

Ele continua quieto, mas parece gostar de ouvir. Suas esmeraldas ganham brilho. Sorrio em busca de alguma reação e toco seu braço tatuado. Ele amansa um pouquinho.

Meu touro!

— Achou lindo?

— Sim, muito! Amei. — Balanço a cabeça exageradamente ao afirmar. Relevo a parte desnecessária e possessiva sobre sermos monogâmicos. *Ai dele se engraçando com outra!* Sinto um nó querendo se formar na minha garganta. — Foi você mesmo que escreveu aquilo? O jeito como me defendeu vale mais do que qualquer outra coisa para mim.

— Redigi cada palavra. Desculpa se acabei te expondo mais ainda.

Dio!

Meu coração palpita. Esse homem significa tanta coisa para mim. Delicadamente, puxo suas mãos dos bolsos e coloco seus braços em volta da minha cintura. Fico na ponta dos pés e beijo o queixo barbudo. O aperto em torno de mim intensifica-se. Escrutina-me e consigo ver um tiquinho de paz em seus olhos lindos.

— Gigante, não precisa se desculpar por nada. Gosto de tudo em você. Cada detalhe. — Sorrio, mas franzo o nariz ao repensar o que disse. — Tudo bem, talvez odeie alguns deles. Quero socar a cara daquela beijoqueira, igual faz com Kai. Só me assusta a velocidade dos acontecimentos. Não faz nem cinco minutos que estamos namorando e já querem casar a gente.

Uma linha fina aparece nos lábios perfeitos. Sua pegada me esmaga.

— Eu sei, Baixinha. Não quero te sufocar, mas...

— Então não sufoque! — interrompo, agoniada. — Derrubei todas as minhas barreiras por você. Veja onde estamos. — Olho em volta do chalé. — Mudei do compromisso zero e quartos separados para morarmos juntos. Estou muito apaixonada por você. De verdade.

— Mesmo?

— Muito!

— Então qual é o problema? — Beija o topo da minha cabeça. — Está na cara que sou seu tudo! — brinca.

Coro, porque é bem isso.

Meu tudo.

Uau!

— O problema é que eu quero você! Só você! — Beijo seu coração. — Sei que é um pacote completo. Acho sexy meu namorado ser um conde... igual ao Drácula — brinco tentando melhorar o clima e ocultar minha agonia. — Mas estamos tão no comecinho e casamento é um passo muito sério. Nada contra ser condessa, mas na boa? Nunca me imaginei sendo uma, tudo que sonho é com o alpinismo e agora, com você! — amenizo com a verdade. — Não podemos simplesmente ir devagar? Aproveitar a fase só de namorados? Não sou uma pessoa fácil e você tampouco, poxa! O sexo é perfeito, mas não é só dele que se faz uma relação! A convivência pode ser uma carrasca, sabia? Já vi casais irem da paixão ao ódio. Daqui um mês, a gente pode estar querendo se matar!

O maxilar barbado trava em discordância.

Dio!

— Bobagem, isso não vai acontecer!

— Não mesmo? Quem me garante?

— Eu garanto! Não quero ser só mais um namoradinho! — rosna.

Respiro fundo.

— E não é. Não enxerga que é muito mais? — murmuro e esfrego meu nariz em seu pescoço. — É meu malvado favorito, lembra? Meu Gigante ogro! Briguento, chato de galocha e mandão pra caramba, mas minha pessoa favorita no mundo.

Ele sorri grande e convencido, com seus dentes brancos e perfeitos me cegando.

Bipolar ativado!

Suas mãozonas saem da minha cintura para segurar firme meu rosto. Gosto da intensidade do toque. Estremeço. Um calorzão me aquece. Não consigo acreditar que esse homem lindo é só meu.

— Favorito? Tipo o primeiro da lista?

Curva-se. Fica com o rosto colado ao meu. Pequenos beijos são depositados no meu rosto e pescoço. As mãos acariciam minhas bochechas e maxilar. Retribuo com um carinho na nuca. Ele geme baixinho. Sua língua começa a instigar minha boca, provocando-me sensações indecentes. Esfregando devagarinho, encorajando-me a fazer o mesmo.

Encosto minha língua na dele, como uma gatinha ansiosa e domada.

— Hum-hum... O primeiro de todas elas — mio e dou mais lambidinhas.

— Mais que um namoradinho? — provoca, agora, chupando minha língua.

Dio! Começamos a namorar ontem!

O que mais ele quer?

Libero um grande suspiro. Minhas pernas bambeiam.

— Muito, muito mais — gemo me esfregando nele. — É meu homem, lembra?

— Sou, mas é pouco!

Tento protestar sobre *é pouco*, mas ele agarra meu traseiro, me puxando para cima.

— Ooooooh!

Sinto a pressão de seu pau duro. Entrelaço minhas pernas e braços em torno dele.

Dark me beija forte, invadindo cada canto da minha boca. Possui-me com força. Uma mão segura possessivamente minha nuca, agarrando um punhado do meu cabelo. Todos os pelinhos do meu corpo arrepiam. A outra esmaga meu bumbum, mantendo-me firme. Gemo dentro de sua boca e me entrego.

Cada vez que o beijo é um novo ataque químico. A mistura das nossas salivas é explosiva e perfeita. Nunca é igual, sempre fica melhor. A sensação que tenho é de uma descarga elétrica. Meu coração dispara, ofego e tremo. Tudo que consigo pensar é que antes dele, aquilo que tive não poderiam ser considerados beijos.

Ficamos malhando a boca um do outro até perdermos o fôlego. Seus lábios param no meio do beijo. Tento recuperar o ar. Devo parecer uma bêbada asfixiada. Ele não fica atrás. Suas esmeraldas estão entorpecidas. Fico uma eternidade olhando para elas, tremendo.

Dio Cristo! Como é lindo!

Ele me dá um sorriso amplo, quase sórdido. Como se tivesse descoberto um novo jogo: *Quebrando Juliet*.

— Preciso de mais.

Meu coração disparado fica frenético.

— Beijos?

— Mais de você!

Ser bem menor do que ele é uma vantagem incrível. Sou levinha e portátil, me enrosco fácil e Dark não tem dificuldade nenhuma para me levar até a bancada na cozinha. Coloca-me sentada na madeira antiga, ficando de pé entre as minhas pernas.

— Mais? Quer transar? Aqui? — Estou confusa.

Suas mãos ásperas deslizam por minhas coxas, levando junto a barra do vestido. Uma pressão nas laterais dos meus quadris e minha calcinha já era.

Misericórdia!

Só me resta levantar o bumbum para que tire a rendinha estraçalhada.

— Me perguntar se quero te foder é redundante, Coelhinha.

Um barulho de zíper se abrindo... Uma mãozona firme trazendo meu traseiro até a beirada... A outra trabalhando em sua arma perigosa...

— *Dio!* Aleeeess! — Sou empalada sem dó. Jogo o corpo para trás com o impacto. — Cristooo! — Apoio sobre os cotovelos e minhas panturrilhas vão parar em seus ombros.

Seu pau entra tão fundo, que toca meu útero.

— Mais, preciso de mais — murmura com olhos fixos em mim.

— Ma-ma-ma... mais? — gaguejo hipnotizada, não consigo desviar. Assisto extasiada ele meter tudo, espremendo seu pau insaciável em minha bocetinha molhada.

— Sim, quero tudo!

Não consigo responder. Grito quando seu dedão começa um vai e vem em meu clitóris. Seus sons de quando me fode são tão incríveis. Tão masculinos. Ele mete em um ritmo *Dark torturation*. Lento, sexy, alterando reboladas e levantadas de quadril, com estocadas profundas e duras.

Com certeza esse homem leu o livro *Mil maneiras de foder!* Vai ser bom assim na caixa prego^[77]!

Estou tão excitada. Apoio em um só cotovelo. Dou um jeito e abro o laço do meu vestido, ficando mais exposta.

— *Bellissima!*

Com a mão livre aperto meu peito, puxando e contorcendo o mamilo. Extasiada, fecho os olhos. Suas mãos apertam em meus quadris. Fazendo ir mais e mais fundo.

— Isso, se toca, Coelhinha. Preciso de você inteira minha! Chupa esse seu dedinho safado e molha esse seu biquinho carnudo.

Obedeço. Chupo meus dedos, provocando-o.

— Assim?

Passo minha língua por meus dedos lentinho, lentinho. O encaro como li no livro: *A lolita safadinha*. Depois lambuzo meu mamilo enrugado de prazer.

— Puta que pariu! Isso!

Rosna entredentes e mete fundo e rápido. A escala altera para *Dark Fucking Power*. Sua mão em meu clitóris se agita. Seu rosto está suado, assim como o meu. Nossas respirações estão selvagens. O movimento de vai e vem entre nossos sexos se chocando é tão frenético que quase bato a cabeça no azulejo da parede. Só sei gemer e me contorcer. Nem dos meus peitos lembro mais... Seu pau entrando e saindo, alargando-me, é tão devastador que

me esqueço de tudo.

— Diga que vai ser só minha sempre! Que ninguém mais vai meter o pau em você!

Estou quase lá, minha bocetinha animada vibra sem parar... Ondas de choque percorrem minha coluna. Não consigo raciocinar. Tudo que diz parece russo. Só escuto e sinto o *pau em você!*

— Hã... hummmm?

— Diga!

— Hã?

— Diga que é minha para sempre!

O quê?

Estou confusa... Tão na borda. Só consigo pensar no orgasmo prestes a... Para que exatamente ele quer que eu diga sim? Um espasmo matador explode em mim. Enterro as unhas em seus músculos dos braços, ele não se retrai.

— Si-Si... simmmmmm, Alesssssss! *Dio Santo!* Sim, sim, sim!

Gozo me derretendo toda. Minhas pernas caem penduradas na bancada. Tremo perdidinha em sensações... Gozo, ele mete. Grito, ele mete. Xingo, ele mete... Gemo, ele mete.

— Sim! Sim! Sim! — repito.

Ele urra, mete fundo e goza junto.

— *MINHA! PORRA! PORRA! PORRAAAAA!*

Pega meu rosto com as mãos e me beija como um desesperado.

— Vamos mandar tudo à merda e sumir daqui!

— Ah, é... e para onde iríamos?

— Qualquer lugar... longe das coisas que te sufocam. Vegas? Casar escondido?

Não resisto e gargalho.

— Isso seria ótimo nos livros que leio, não na vida real — gargalho mais um pouco. — Além do mais, Bolgheri já é um esconderijo.



Dark

— O que é tão engraçado?

— Esse seu senso de humor que eu não conhecia. Fugir, você? Casamento, nós? Iam nos internar atestando insanidade em dois segundos.

— Qual é o problema de se casar comigo?

— *Dio!* Está brincando, né?

— E se eu não estiver? Você é minha mulher, disse que estão todos nos casando. Os boatos iriam acabar.

Juliet livra-se do meu abraço e pula do balcão, olhando-me como se eu tivesse tomado um tapa.

Cazzo!

Fecha o vestido e me encara.

Cazzo duplo!

As mãos dela vão para a cintura.

Oh... ohhh!

— Alessandro Salvatore Bolgheri! Está falando sério? Casar?

Mãos na cintura e dizendo nome completo?

Cazzo triplo!

Quando olha para mim e depois em direção à porta, eu a agarro.

— Shhh... calma! Não vai fugir. — Afundo o nariz em seu pescoço e fico inalando seu perfume maravilhoso. Aos poucos, ela cede e seu corpo relaxa. — Foi só uma ideia maluca que passou pela minha cabeça — minto.

Minha vontade de pegá-la no colo e niná-la é tão forte, que chega a doer.

— Maluca mesmo essa sua ideia, Aless.

— Mas não estou brincando quando digo que você é a única que eu quero e que preciso. Entendeu?

— Entendi.

Encaramo-nos em uma espécie de pacto silencioso de que, a partir daqui, evitaremos qualquer assunto gerador de conflito.



O resto da tarde corre fácil. Pegamos leve nas conversas e pesado no sexo. No começo da noite, caímos exaustos e famintos.

Pensei muito nas ações e palavras de Juliet. E quanto mais eu pensava, mais meu lado racional dizia:

— *Relaxa, cara. Ela sente algo verdadeiro e profundo por você. Está apaixonada! Disse isso!*

Mas a pergunta que não quer calar é: *até quando?* Com Juliet não há garantias. Ela também disse que está apaixonada pelo carro novo, pela cabana...

Sei que as mulheres se apaixonam com muito mais facilidade e frequentemente. Com os homens já é outra história... QUANDO e SE nos

apaixonamos, o troço ganha proporções épicas. Caímos duro, ficamos irracionais, é quase o fundo do poço. Uma agonia eterna que necessita ser saciada a cada cinco minutos e precisamos de garantias... “Da garantia.”



Tempo, tempo, tempo...

Juliet

A gargalhada irônica de Dark me irrita.

— Calma, Baixinha. Foi a última.

Quero chorar de raiva e de dor, mas não dou o braço a torcer. Encolho-me no banco do passageiro da RR, enquanto Dark continua massageando meu braço dolorido. Olho para a estrada e para os ciprestes que passam rápido lá fora. A porcaria de vacina antirrábica dói pra caramba!

Odeio esquilos! Odeio!

— Ainda acho que foi exagero da Pam! — reclamo com mágoa e me encolho mais. — Três meses sofrendo com essas doses desnecessárias.

— Não tão desnecessárias assim. — Desvia o olhar da estrada e me dá um sorriso irritante. Aquele que me mostra que ele tem razão. — Seus amiguinhos peludos têm feito um estrago e tanto lá no *Oasis*. Atacaram mais de trinta pessoas. — Segura o riso. — Não que eu tenha achado ruim a mordida que o Kai levou.

— Aquilo foi praga sua! — alfineto. — Estão com o filme parado há mais de dois meses! Sorte que o cirurgião plástico era bom. Rafa me mostrou a foto que Kai mandou ontem. Quase não dá mais para ver os dentinhos no nariz dele.

Uma gargalhada explode e depois um rosnado. *Bipolar!* A mão de Dark vai do meu braço para o rádio.

Bipolaridade e meditação russa?

Lascou!

Três meses dividindo a cabana e adivinhem só! Milagre! Ainda estamos vivos! Não quero matá-lo, mas ainda estou me aprimorando na arte do “*conviva com Dark*”. O homem acorda de um jeito, de tarde muda e de noite, é outro. A única constante é a de que meu Gigante é um fodedor insaciável.

Amoooo.

— Acho ótimo o atorzinho em Holywood. Não gosto dele perto da Rafa.

— Melhor se conformar, as filmagens vão recomeçar. Não vejo nada de mais na aproximação deles — defendo minha cunhadinha linda. — A amizade deles faz bem pra ela. Com a guerra judicial e psicológica que sua mãe tem travado em Mônaco e Rafa praticamente refugiada em Bolgheri, a menina precisa se distrair.

— Que se distraia conosco ou com Fran.

— Como? Quando ela vai fazer isso, Aless? Fran está há mais de um mês em Los Angeles para a campanha da *GUESS*. Tenho tentado me revezar com Cris e Pietro para fazer companhia para ela, mas tá difícil! O trabalho, a rotina de treinos e você têm me monopolizado.

— Tá achando ruim?

— Claro que não! Só acho que não tem sido fácil pra Rafa.

— Mais três dias e Fran estará de volta — continua mal-humorado.
— Agora, quanto ao monopólio do seu corpinho, não posso fazer nada. Sou

cada dia mais tarado em você, Baixinha.

Sorriso torto e ele aperta meu joelho.

Num impulso empolgado, inclino e tasco um beijo molhado em seu pescoço. O carro desvia e dá uma miniderrapada.

Ops!

— Adorei aquilo que fez ontem — confesso.

— Falei que ia ser gostoso. Três meses insistindo só no dedinho... — Morde os lábios de forma perversa. — Viu o que estava perdendo? Temos que avançar mais um passo.

— Calma! Uma coisa é aquela delícia que usou em mim. Jesus, que vibração louca! — Me abano, ele ri. — Outra coisa é o monstro esfomeado que tem entre as pernas.

— Está mais do que pronta, Baixinha — avalia-me como um professor experiente.

Uma lâmpada interna acende! Sigo o conselho de *mamma*:

“Relacionamentos são um eterno toma lá, dá cá. É um dar para receber, Passarinha...”

— Quem sabe... se for bonzinho — arrisco.

Sua expressão muda de tarada para irritada em meio segundo.

— Juliet, nem vem! Já esgotamos o assunto! Mais do que qualquer um, tenho apoiado você no projeto paralelo da Patagônia para o K2. Estou tremendamente orgulhoso! Seu plano para o controle das avalanches é genial. Acertei em deixar meu ciúme de lado e permitir que trabalhasse com o filho da puta do Nick Ciensk. Mas tudo tem limite!

Quero rir de nervoso. Deixar o ciúme de lado é mentira deslavada. Só falo com Nick por *Skype* e com Dark grudado no meu cangote, mas não

posso negar, ele tem sido sensacional. Por contrato não podemos trabalhar com outras equipes. Dark abriu mão da regra de exclusividade porque profissionalmente é uma baita oportunidade para mim. *Amooo* o jeito como ele se importa comigo. E quase nem acreditei quando me contou sobre o projeto.

— Gigante. — Minha voz é doce. — Não posso deixar de ir, sabe melhor do que eu. É o meu nome, poxa vida! Serão poucos dias sem você lá. Depois da audiência da sua mãe, pode ir me encontrar. Fran vai estar lá... Cris e Pietro também.

— Eles não são *EU*. Vejo o jeito como Nick te olha. O que custa adiarem a data em alguns dias? E tem o Kadeen, acha que não percebi que vivem se falando pela internet!

Respiro fundo para não perder a paciência. Pelo menos, Dark tem falado sobre as coisas que o incomodam. Nick não deu em cima de mim.

Ok, tudo bem.

Talvez tenha dado um pouquinho, franceses são galanteadores por natureza. *Não são?* Mas Dark é muito possessivo. Falo todos os dias que sou apaixonada por ele e que meu sentimento só cresce.

Ele quer o quê?

Que tatue “sou do Dark” na testa?

— Kadeen é só um amigo! Nem sei se vai estar lá — minto com a consciência pesando. Já passou da hora de eu abrir para Dark sobre o *pen drive*, os e-mails anônimos que andei disparando às escondidas e minha investigação frustrada sobre o acidente. Mas tanta coisa tem acontecido... — Não dá para adiar. Custaria os milhões de euros já investidos. Nem vamos subir. Não tem perigo, vai perder só a fase inicial de instalação dos equipamentos e o primeiro teste.

Irritado, Dark bate as mãos no volante.

Mantenho-me firme.

— Por que *EU* tenho que ceder em tudo sempre? Sabe como estar lá, com você, é importante para mim. Tudo o que faço é por querer te agradar. Assim é cômodo, não acha? Minha opinião e vontade não parecem ter importância para você!

Opa! Golpe baixo.

— Não é verdade. Está sendo injusto.

— Injusto? Eu? — Coça a barba e me encara, reduzindo a velocidade. — E Roma? Me enrola há três meses. Meu pai? Só o conheceu porque ele veio ver a Rafa. O anel de compromisso? Achou antiquado. A conta conjunta? Nem pensar. Há um mês venho te pedindo mais e desconversa. Se fôssemos um casal oficial, caras como Nick iriam se mancar. E nem venha me dizer que ele não dá em cima de você, porque conheço o Nick! — Toma fôlego.

Espero alguns segundos para ver se Dark vai continuar. *Amém!* Felizmente, ele fecha a matraca.

Nem sei se parou porque cansou ou não tem mais palavras. Todo o dia é a mesma coisa, ele quer acelerar e eu acho que estamos indo rápido demais. Será que não percebe que tem muito mais valor, eu estar ao seu lado por vontade própria e não porque sou legalmente obrigada a fazer isso? Seus olhos voltam a fixar a estrada. Faz a conversão para a estradinha da vinícola. Limpo a garganta tentando encontrar as palavras.

— Aless, já somos um casal! Noticiam o fato diariamente! Fazemos tudo juntos. Quer algo mais real do que isso? Recolher suas toalhas molhadas e roupas largadas pelo chão, todos os dias.

Sou dessas!

Aproveito para jogar na cara o que tem me irritado.

Dark me olha com um descaramento. Quase ofendido...

— Meu pau não cabe mais nas minhas calças! Tenho que chegar em casa e botá-lo para respirar!

— Dentro de mim?

— É assim que ele respira, vou fazer o quê? É vida ou morte.

Lanço meu olhar de “*você-não-presta!*” Ele apenas me olha de volta e não diz nada. Respiro fundo. Não tenho mais argumentos. Quero rir, mas me contenho. Amooo pôr o gigante dele para respirar, se precisar faço até boca a boca. Uma minificha cai. Posso mesmo estar sendo um pouquinho injusta.

Sei que não sou fácil. Estou acostumada à minha independência. Nada do que está acontecendo foi planejado. É claro que fiquei aliviada quando disse que não pretende morar em Mônaco e que nada mudará na *Mountain*, mas poxa! Ter que dar satisfação a cada passo é sufocante. Entre meu trabalho, os treinos, o projeto novo e meu adorável ditador insaciável, não tenho tido muito espaço para mim.

Às vezes, me agarro às pequenas coisas para tentar continuar sendo a Juliet!

— Não sabia que um anel era tão importante pra você — murmuro.
— Afinal, quem usa um hoje em dia? E a conta conjunta é um absurdo! Meu chefe me deu aumento, sabia? Pra que preciso de mais dinheiro? — Espio Dark, que não parece se convencer. *Porcaria!* — Somos quase siameses! Vivemos grudados quase vinte e quatro horas por dia. Na festa de arrecadação de fundos estarei ao seu lado, não estarei? Isso deve valer de alguma coisa! Esqueceu que sua mãe ameaçou publicamente acabar com a minha raça se eu não desistir de você ou aparecer na festa?

— Esquece a Zetta, nem convidada foi! É por causa dela que se recusa a ir a Roma? — Volta à estaca zero. — Minha mãe tá quebrada. De carona que não viajaria! Já disse que tem chance zero dela estar lá!

— Não quero ir a Roma porque vai ser uma encheção de saco! A imprensa não para de dar corda para os escândalos da sua mãe! Aqui você até pode coibir os jornalistas, mas lá vão nos perseguir, sei que vão! Sem falar no meu *papà*! Ele está me deixando maluca com a obsessão absurda de que tenho que me guardar para o casamento.

— Mais uma razão para irmos e contarmos a verdade. Seu pai precisa saber que mudamos da vinícola e que moramos juntos. Daqui a pouco, vai dizer que estou te mantendo em cativeiro. Não sou homem de fugir das coisas, nem de me esconder.

— Está louco? *Papà* vai te dar um tiro se imaginar o que fazemos!

— Tem vinte e quatro anos, Juliet, não doze.

Ai, que tapa na cara!

Fim de linha para mim.

Endireito-me no banco e cruzo os braços. Ele tem razão. Não tenho feito nada além de resistir e ele, nada além do que ceder. *Como sou burra!* Fiz a escolha, ninguém me obrigou. Minha vida não é mais apenas sobre mim, é sobre nós.

— Se quer ir, ok, nós iremos — rendo-me. — Para quando foi marcada a sessão de fotos da Black Diamond?

— Bosta! Esqueci-me daquela merda! Fran é quem está coordenando a palhaçada. Acho que assim que ele voltar de Los Angeles.

— Ainda quer que eu te acompanhe nas fotos?

— Lógico! É minha mulher, só vou fazê-las porque insistiu. Fingir-

me de modelo é ridículo!

— Ridículo nada! — Afago o braço tenso. — Vai ser excitante te ver bancar o modelão rústico, isso sim! Acho que vai arrasar! Vamos fazer assim: aproveitamos a ida a Roma para as fotos e visitamos meus pais. Satisfeito?

— É um começo. E o anel de compromisso?

— Se eu usar um, vai me deixar ir antes para o K2?

— Quero que use por nós — rebate. — Não para me convencer a tomar uma decisão que já tomei.

Hã?

— Já tomou?

— Já.

— Quando?

— Há algum tempo.

Jesus! Meleca!

Só já não me serve!

— E não vai me dizer qual é?

— Vou. — Sorri enigmático e me animo. — Mas só na reunião que teremos com Nick. — Desanimo. — Ele insistiu em vir até aqui. O idiota é patrocinador, não posso proibi-lo.

— Mas... será só na semana que vem! Vou morrer até lá.

— Morre não. — Pisca demonstrando que não caiu na minha chantagem. — Qualquer coisa, te faço respiração boca a boca.

Se não estivesse tão ansiosa e curiosa, riria. Dark não presta. Sempre no controle de tudo. Desisto de insistir, não vai falar pelas vias normais. Minha mente hiperativa automaticamente viaja em outras formas de

persuasão mais eficazes para fazê-lo contar.

Dark contorna o canteiro central em frente ao casarão. O barulho dos pneus da RR no cascalho chama a atenção de Athos e Porthos que vêm latindo e abanando o rabo. Antes que o carro vire em direção ao chalé, peço:

— Para aqui!

Dark freia e o cascalho chia.

— Pensei que iríamos para casa. — Olha sem entender patavina.

— Mudei de ideia. — Vou logo tirando o cinto e alcançando a bolsa aos meus pés. — Têm aqueles relatórios de patrocínio para analisar, não tem? — pergunto e ele assente. — Ótimo. Vou aproveitar e levar a Rafa para umas comprinhas em Bolgheri.

— Acabamos de voltar de lá, porra!

— E qual é o problema? Acabamos de voltar do hospital, não do centrinho.

— E vamos almoçar onde, posso saber?

— Sei lá, talvez no DON. Como alguma coisa por lá.

Dark arregala os olhos.

— Como? E eu?

Aproximo e seguro seu rosto lindo com as duas mãos.

— Você almoça na Maria, mas prometo fazer um jantarzinho especial.

Balança a cabeça em desacordo e sorri como um predador.

— Prefiro que fique e me ajude com os relatórios.

Ganho um beijo sedutor, que quase quebra minhas estruturas. *Desgramado!* Dark me beija e beija muito, tirando meu ar. Ele é cru, despudorado e sem-vergonha, do jeitinho que eu gosto. Sua mão desliza entre

minhas coxas, afastando a rendinha.

— Aiiiiii, Cristooooo — gemo.

Mas o homem é muito esperto mesmo.

Estão *vendo* isso? Não, né?

Dark instalou insulfilm nos vidros do carro.

Claro!

Ele está usando meu estado constante, de *taradez* sexual por ele, para me ludibriar! É um sem limites na arte da sedução persuasiva. Já me liguei de tal artimanha, mas sempre acabo caindo! O banheiro e o almoxarifado da *Mountain* que o digam.

Desgrudo nossas bocas ofegantes. Preciso ser forte. Abro a boca para avisar que não vou cair na chantagem dele.

Jesus!

— Isso! Bem aí, Aless! Oh... ooooh... — gemo mais e espero um pouquinho para reclamar.

Seu dedilhar no meu clitóris está fantástico!

Será que foi Adão que descobriu esse troço de dedo na Incantata? Injustiça expulsá-lo do paraíso. O homem da maçã e da cobra era um gênio!

Jogo a cabeça para trás, finco a unha na lateral do assento de couro e abro mais as pernas.

Eu não presto!

Tateio a virilha abençoada de Dark, abro o zíper e libero meu gigante. Sua cabeça afunda em meu pescoço. A esta altura, ele está todo em cima de mim... Uma mão atrevida abaixa meu decote e sutiã revelando um mamilo traidor. Arqueio as costas.

Dio!

Essa barba! O efeito que faz quando esfrega esse queixo em meus bicos é...

— *Dioooo*, que loucura!

Seguro seu pau passando o dedão sobre a cabeça úmida de pré-goço. Ele grunhe no meu peito e começo a ordenhá-lo... Forte e rápido... Do jeito que sei que o enlouquece. O efeito é imediato. Dois dedos profissionais entram em mim.

Ele me fode, eu fodo ele.

Como ele pode duvidar de nós, se juntos somos assim?

Tão perfeitos.

— Casa, Baixinha?

— Centrinho, Gigante!

— *Cazzo!*



— **Hum... Acho que** o maninho vai pirar nesse aqui. —
Rafa ergue uma fantasia, minúscula, de diabinha. — Quem sabe te perdoe por bater o pé e sair comigo. Obrigada, cunhadinha, estava pirando naquele mausoléu! Parabéns pela ideia, o casarão ficou lindo depois da reforma, mas está vazio demais estes dias.

Dou risada e uma geral nas araras com centenas de opções. Aless ficou fulo da vida. Desta vez, consegui resistir. A causa era nobre. Tudo bem, acho que o deixei bem satisfeito, pelo menos por algumas horas. Sei que aqueles relatórios são importantes, e minha presença lá, não iria ajudar nadinha.

— Ele vai sobreviver. — Pisco cúmplice. — Seu irmão anda bem mandão e precisa de um corretivo. — Levanto a fantasia que estou pensando em levar.

Ando muito animada com a ideia de experimentar algumas novidades. O brinquedinho de ontem foi divino. Cris já tinha me dado a dica dessa lojinha discreta: *Fantasia & Fetiches*. Vontade de levar uma de cada! Foi tão divertido no dia em que brincamos de doutor Aless!

Pego alguns acessórios e mostro para Rafa.

— *Dio!* Estou com pena do meu irmão! — Coloca a mão na boca, mas em seguida dá um pulinho de surpresa e tira o celular do bolso de trás do jeans. Seu sorriso ilumina como um *flash!*

Hummm, aí tem!

Dark vai me matar se descobrir que trouxe Rafa aqui! Mas ela já tem dezoito e é tão madura. *E Dio!* Que ele NUNCA descubra que a irmãzinha não é mais virgem. Acho que até enfarta. Ouço a voz familiar de Fran vir do celular da Rafa. Viro e ela está fazendo uma panorâmica entre as prateleiras de vibradores. Pega um troço imenso e super-realista.

— Juliet! Fran e Kai querem saber se Dark é assim? — gargalha e eu fico roxa quando aponta a tela do celular para mim.

— Não digo! — Sorrio envergonhada.

Dark e o negócio estão quase empatados.

Aproximo e pego o celular para dar um “olá”. Reconheço Fran e Kai, que parecem bêbados. Acho que estão em um bar – *Nossa!* – com outros dois caras gatooooos!

Dio!

Não é à toa que Rafa está animada!

— Olá, rapazes! — Minha voz sai meio esganiçada.

— *Olá, espetáculo!*

— *Tira o olho, Gabe!* — Fran soca um loirinho, de olhos verdes incríveis e cara de anjo. — *Juliet é a mulher do meu primo. Dark é mais forte do que Big e uma máquina ciumenta de socar. Juliet, esse idiota é Gabe Green, baixista do Ultimate Bet. E esse outro otário aqui é Benjamin Vargas Sanches, modelamos juntos.*

— Oi, Gabe e Benjamin. — Sorrio com o rosto da Rafa, grudado ao meu.

Ela parece que vai desmaiar. Repete baixinho no meu ouvido:

— *Acho que vou gozar. É o Gabe! Do... Ultimate!* — Em seguida,

ela grita quase me deixando surda: — Francesco, seu traidor de uma figa! Como não contou que conhecia os *Ultimate Bet*? Gabe, amo vocês!

Mais um pouco, Rafa surta e sai voando. Vejo Kai bufar.

— *Nos conhecemos das passarelas.* — Fran aponta para Benjamin.
— *Já Gabe é amigo de infância do Benja. Conhecem o Kai por causa da banda e desses lances de Hollywood. O pai do Brian, o guitarrista, é ator e já trabalhou com Kai.*

Mundo pequeno...

— *Oi de novo!* — O jeito do baixista é travesso.

Apenas aceno, já a Rafa:

— Oi, nossa! Gabe! Manda beijo pro Brian, diz que sou fã número um dele! Só perdoo o casamento porque Lilly é linda e estou apaixonada pelos gêmeos!

— *Shit! A vida é muito injusta mesmo! Mais uma gata que perco para o Brian! Vontade de socar aquela cara bonita e sexy dele!* — Sua expressão é falsamente desolada.

Um tapa acerta a nuca do cara de anjo.

— *Aiii, porra!*

— *Rafa também não é para o bico de vocês!* — Kai rosna e Rafa solta um gritinho nervoso.

Fico feliz porque a cicatriz do nariz de Kai praticamente sumiu. Depois, sinto vergonha. Só conheço algumas músicas da banda, mas até eu sei que os caras são tipo: *TUDO!* Gostei deles porque tem uma guitarrista mulher quase da minha idade.

E o moreno gato, Benjamin, já vi em vários anúncios de revista. Sei que ele tem um irmão, mais gato ainda. Li sobre o lance dele com a NASA

quando estudei em Cambridge. Australianos se não me engano. Alguma coisa sobre o casal sensação do momento. Vi na internet. Um tal *SoBen*. Achei fofo!

— *Oi, meninas.* — O moreno de cabelos rebeldes, olhos brilhantes e sotaque engraçado, abre um sorriso Armani. — *Poderiam ser modelos as duas! Fran contou que é alpinista. Irado! Eu e meus irmãos praticamos vários esportes radicais!*

Rafa quase esmaga minhas costelas, com um apertão. Gemo baixinho, me contorcendo.

— Oi, que legal! É... Sou alpinista. Rafa serve para modelo, sou muito bai-bai-xinha — gaguejo, rio e coro.

— *Besteira! É linda!* — Benja pisca e ganha um tapa de Fran. — *Porra, Fran! Seu imbecil! Temos a sessão de fotos de cueca amanhã. Se ficar roxo, te mato!*

— *Já disse que ela é do Dark!* — Fran relembra e volta um olhar acusador para Kai. — *E você? Pelo jeito, já pegou a minha prima, né, safado! Não quero nem ver quando o Alessandro descobrir!*

— *Pelo amor de Deus! Não falem nada para o King Kong!* — Kai se encolhe e os meninos caem na gargalhada.

— Ninguém vai contar, né, Juliet? Juro que foram só uns amassos inocentes. — A voz de Rafa sai doce.

Fodeu! O Gigante vai me matar!

— Inocentes, sei. Da minha boca não sai nada — prometo e Kai me lança um sorriso aliviado.

— *Vou mandar uns CDs para vocês!* — Gabe sorri. — *Quem sabe consigo fazer o idiota do Brian autografar para você, Rafa!*

— Sério? Não acredito! — Rafa dá pulinhos fazendo a tela do celular balançar. — Vou amar! Quando vierem à Itália avisem! Iremos ao show com certeza! Meu irmão vai adorar receber geral na vinícola.

— *Melhor fiquem no Nonno, Diamante Negro!* — Kai corta a empolgação de Rafa.

Quero rir, mas me contenho. Dark amando ter um bando de caras tatuados e cheios de testosterona, no território dele? Du-vi-de-ô-dó! Ia esganar um por um. E Kai? *Dio!* O menino é abusado! Vai precisar não só do “*Amor à vida*” que Dark recomendou. Melhor comprar umas mil caixas de “*Uma vida nova!*”



Dark

— Oi, Morgan.

— Viva, Alessandro! Fiquei surpresa com sua ligação. Tem andado em falta comigo. Se não te conhecesse tão bem, poderia acreditar que esteve fugindo.

Tiro o boné e passo a mão no cabelo. Coloco de lado os relatórios que estava analisando e indico a cadeira.

— Tenho andado ocupado.

— Percebi. — A loira esguia, de cabelos curtos, senta-se na cadeira em frente à minha mesa de trabalho na *Mountain*.

— Liguei porque andei pensando sobre o que disse da última vez — sussurro, confessando.

Seu olhar de espanto é quase irônico. Morgan, ou melhor, doutora

Morgan, me acompanha desde que voltei de Londres e resolvi dar um jeito na vida. Foi colega de faculdade de Pam e um pouco mais. Especializou-se em psicologia esportiva. Além de mim, ela também fazia o preparatório psicológico da equipe da *Mountain*. Depois que Juliet e eu assumimos, achou melhor passar as sessões da equipe para a doutora Felicia, sua nova companheira e sócia.

Ainda acho que fez isso, por pura precaução e medo. Jamais iria forçá-la a me contar sobre o que Juliet fala em suas sessões quinzenais. Não que essa possibilidade não tenha passado por minha cabeça. A Baixinha é difícil de ler... Iria facilitar as coisas para mim, um bocado. Mas tenho resistido e...

Contento-me com os relatórios básicos. Juliet e a equipe estão mentalmente aptos a subir o K2. Aliás, a cada dia me surpreendo mais. Minha Coelhinha parece ter uma capacidade extra para lidar com situações de risco em sua profissão. Pena que essa serenidade não se aplique ao dia a dia.

— Andou pensando, é. — Morgan olha sobre os ombros, dando uma checada no escritório vazio, lá embaixo. — Onde estão todos?

— Estamos fazendo um recesso. Já tive que ir duas vezes a Mônaco para acompanhar o processo de divórcio dos meus pais e o pedido de restauração da guarda de Rafa. Com Fran viajando e a equipe envolvida no projeto da Patagônia, resolvi não sobrecarregar o pessoal.

Morgan coloca a bolsa na cadeira vazia, ao lado dela, ajeitando-se confortavelmente na outra.

— Gostei do que fez nos vidros do escritório. Garante muito mais privacidade. — Ri com certa malícia e fico meio puto.

Por que todo mundo pensa que espelhei os vidros, só para não enxergarem minhas reuniões particulares com Juliet?

— A mudança nos vidros já estava prevista no projeto de revitalização da sede. Só dei carta branca para a arquiteta terminar o que começou.

— Hum-hum... Ficou bom. — Ri com malícia novamente. — Pam me falou que andou reformando o casarão também. Fez até um quarto para ela e Valentina. Fico feliz em saber que ela esteja seguindo em frente.

— Não reformei. Só dei uma ajeitada. — Faço pouco caso. — Pintura refeita, algumas cortinas e móveis novos. Juliet cuidou de tudo com Maria. A casa estava muito abandonada. Quase perdemos o telhado há alguns meses, porque negligenciei a vinícola. Era hora de devolver os tempos de glória ao lugar.

Normalmente minhas consultas acontecem no consultório da doutora em Bolgheri. Raramente Morgan vem aqui. Ultimamente, faltei a várias sessões. Tentamos conversar por telefone, mas, hoje, cruzei com ela nos corredores do hospital quando Pam me fez esperar do lado de fora.

Não estava deixando Juliet mais nervosa!

Só não gosto de ver minha bichinha com medo. Ela odeia agulhas! Que mal tem querê-la no meu colo?

Aproveitei a ida da Baixinha a cidade com Rafa e cá estamos.

— Disse que pensou em nossa última conversa. — Morgan faz uma pausa me analisando. — Como tem lidado com a falta de controle sobre Juliet?

Deixo escapar uma risada nervosa. Recosto na cadeira e cruzo as mãos atrás da nuca. Estico as pernas sob a mesa.

— A Baixinha me deixa louco. É voluntariosa e independente pra caralho. Nosso placar está sempre pendendo para o lado dela.

— Relacionamento não é um jogo, Alessandro. — Morgan solta um

suspiro exasperado. — Muito menos a *Mountain*, onde pode controlar tudo e fazer com que as coisas sejam feitas como quer. Se eu não conhecesse o tamanho do seu ego, diria que está inseguro.

Fico tenso e bufo. Endireito-me na cadeira apoiando os cotovelos na mesa.

— Não é insegurança. Confio no meu taco. O que tenho com Juliet é perfeito. Gosto dela desafiadora, imprevisível e voluntariosa. É o que me deixa vivo e puto. — Rio. — Mas essa porra de futuro incerto me deixa maluco. Não entendo. Talvez ela não goste o suficiente.

— Ou... talvez... só esteja sendo cautelosa. Estão convivendo há o quê? Seis meses?

— Seis meses. Mas juntos mesmo, noventa e dois dias. — *E quinze horas...* Não que esteja contando. Só sou bom com números. — Mas não importa. Acho relativo. E se... a perder? — exaspero-me e meu estado constante de agonia volta.

— Alessandro, tragédias acontecem. É uma droga, é difícil, mas acontecem. Sei que vem de uma série de acontecimentos pautados pelo abandono, traições e perdas...

— Confio em Juliet! — interrompo não querendo acordar meus monstros. — Não confio nos outros e nessas merdas que a vida nos prega.

Morgan franze a testa preocupada.

— Às vezes, acho que errei quando o aconselhei a ir atrás da verdade.

— Eu precisava saber. — A encaro e meu tom é sério. — Aquela briga entre Alex e Joshua no K2, nunca saiu da minha cabeça. Foi bom... saber que não errei lá. Ou melhor, que errei da pior forma. — Meu tom fica irônico e irritado. — Joguei a segurança da equipe nas mãos de outro.

Negligenciei minha regra básica: checar tudo eu mesmo. Ninguém teria morrido se eu tivesse seguido meu instinto. Não subiríamos. Sentia que tinha algo errado, mesmo que os relatórios dissessem que não. Só não quis enxergar. Era inexperiente e o cara era o meu melhor amigo de infância, porra! Achei que estivesse paranoico. Vendo coisas demais...

— Mesmo com tudo que descobriu sobre ele e Paola, o perdoou?

— Aprendi a lidar. Perdoar é impossível. Minha amizade sempre foi verdadeira. É difícil quebrar a lealdade. Os erros dele foderam com a minha vida. Alex era tão inexperiente quanto eu e estava iludido de amor, mas não justifica. As cicatrizes ficaram... Isso só fez de mim esse cara ainda mais descrente e cauteloso.

— Não acho que seja tão descrente. Deu liberdade para Juliet apresentar as diretrizes da nova expedição, não deu? — desafia-me, mostrando a contradição.

Sorrio sem graça.

— Mais ou menos. Estou acompanhando todos os passos — confesso. — Mas, já disse, confio nela. É excelente no que faz. Detalhista, cautelosa... A única que conheço que consegue antecipar nosso pior pesadelo: as instabilidades da montanha. — Esfrego o rosto e sorrio exasperado. — Se ela fosse, aqui embaixo, um décimo do quanto é cautelosa lá em cima, nossa vida em terra firme seria o paraíso. Ô mulher para se quebrar e atrair confusão.

— Então por que essa resistência?

— Porras de tragédias acontecem, certo? — Encaro os olhos azuis de Morgan. — Se Juliet precisar de mim e eu não estiver lá para ajudá-la? E se alguém quiser tirá-la de mim? Ou quiser prejudicar a *Mountain*?

— Suposições. Não pode viver enroscado nela. Tem seus

compromissos e ela os dela.

— Sei disso. — Solto o ar entre os dentes. — Deixei-a em Bolgheri para ir a Mônaco, não deixei? A vê aqui? Sob minha asa? — ironizo levantando o meu braço. — Está metida sabe-se lá onde — exagero.

Morgan ri com carinho.

— Mas ela sempre volta, não é mesmo?

Penso nas fugas dos primeiros dias... Em tudo que a mãe de Juliet disse sobre ela precisar de um tempo, mas sempre voltar.

— Sim.

— Então, sua resposta está aí. Prenda-se aos fatos, Alessandro. Sempre foi bom em enxergar as coisas com clareza. Não dê ouvido aos “*Es e SEs...*” — Seus dedos fazem aspas. — Viva... Abra-se e deixe rolar.

— Falar é fácil. O problema é quando o coração está envolvido — digo exasperado. — Por mais que tente separar a Juliet profissional da mulher que amo... é impossível! Aquela baixinha tira minha razão... meu chão, meu ar! Preciso dela segura, inteira e *MINHA*.

Agora é a vez de Morgan suspirar e esfregar os olhos cansados. Pensativa, segura o queixo.

— Vou te dar um conselho de amiga. Afrouxe um pouco a linha. Não exija maturidade afetiva de alguém que, até ontem, fugia de relacionamentos. Sete anos faz diferença, Alessandro. Juliet não é tão experiente. Olhe para você! É um homem vivido, intimidador e controlador, sua mãe vive fazendo ameaças e o pai dela, pelo que me disse, também é contra! Não é qualquer uma que teria brios pra comprar essa briga. Não esqueça que a profissão que ambos amam, também traz à tona o maior dos medos dela: a perda! Prenda-a e vai perdê-la. Somos esquisitas, Alessandro. Contraditórias... Nos dê espaço e vamos pensar em laços... em compromissos.

— Pisca.

Bota contraditórias nisso.

Cazzo!

“Não corte as asas da minha Passarinha, Alessandro!”

As palavras da mãe de Juliet sempre me atormentam. Juro que tenho tentado. Penso no acidente, na tatuagem, nas promessas a Julio... No que pode ter dado errado. Juliet não se lembra daquele dia.

Deixar voar? Liberdade total?

De jeito nenhum! Não consigo!

Desesperado, levanto-me. Começo a andar de um lado para o outro na sala. Morgan só me observa arrancar os meus cabelos, quieta.

— É contra minha natureza — afirmo o que ela já sabe.

— Apenas segure um pouco seus instintos, homem! Não estou aconselhando que abra mão do controle. Sei que precisa dele ou da superproteção. Só não faça isso tão descaradamente — gargalha.

Cazzo! Cazzo! Cazzo!

Dá-lhe meditação russa!



O trabalho me chamou. Passei o restante da tarde enfurnado na *Mountain*, analisando os relatórios de patrocínio atrasados e ponderando sobre a longa conversa com Morgan. Foi bom. Ouvi-la só reforçou o que ando pensando.

Estou fodido!

Não tenho poder de controlar sentimentos ou o futuro. Nem posso escolher se serei, novamente, ferido ou não. Até poderia me blindar, mas manter-me fechado não é mais uma opção. Estou entregue. Se alguém tiver que me quebrar, que seja Juliet. Porque dela, eu quero tudo.

Encerro mais uma longa conversa telefônica com meu pai, sobre os processos judiciais de Zetta. Desligo o celular e me dou conta de que está escurecendo. Juliet não deu as caras por aqui. Sabia que ela e Rafa se dariam bem. Gosto disso. As duas são solares e as únicas que têm o poder de me dobrar e enlouquecer.

Você é foda, Dark!

Cumprimento-me mentalmente. Evoluí pra caralho esta tarde! Só enviei um mísero:

└ **Dark** – *E aí, estão vivas?*

└ **Juliet** – *Sim. E com saudades.*

Bendito localizador de *iPhone*! Acompanho seu passo a passo na palma da minha mão. Já está em casa. Sorrio vitorioso.

Exagerado? Hipócrita? Claro que não!

O celular que dei para a *EQUIPE TODA* já veio com o aplicativo. Não tenho culpa! Só dei um jeitinho de habilitar. Uma medida de segurança vital, caso resolva me enfartar e sumir outra vez. Até Peppe ficaria do meu lado nessa!

Com Athos e Porthos na minha cola, faço o caminho de volta para a cabana. Caminhar por aqui é sempre um espetáculo. A temperatura está quente e a brisa bem-vinda. A vinícola é linda ao entardecer. Com o fim das chuvas, os dias têm sido agradáveis e os tons vermelhos e alaranjados do pôr do sol contrastam com o mar verde e roxo das parreiras. A colheita esse ano será farta. Não consigo deixar de associar a Juliet. Desde que ela entrou na minha vida, com suas cores e humores, tudo se tornou certo.

Sorrio mais uma vez, ao virar na curva da cabana e ver o JR estacionado ao lado da RR. O preto e o laranja contrastando em uma harmonia perfeita. Exatamente como nós... Opostos... Um gigante *dark* e a fadinha colorida do tempo. Só de pensar nesse encaixe, meu amigão se anima, mais do que já está. Tenho pensado seriamente em só usar moletom. Não menti quando disse que minhas calças não estão dando conta do tamanho da minha ereção eterna.

As calças jeans andam machucando minha carne. Desconfortável pra cacete! Uma agonia, que me faz lembrar a toda hora, o prazer que encontro no corpo da Baixinha.

Virei um maníaco alucinado pela boceta da minha coelhinha. Tudo o que penso é em como passar mais tempo metido na toca quente e molhada dela. Tesão de boceta mais safadinha. Rio ao botar os pés na varanda e

encontrar a casa toda aberta. Ela reclama das minhas roupas jogadas, mas não fica atrás. Livro-me das botas de caminhada e jogo-as no canto, junto com um par de *All Stars* amarelos.

Preciso aumentar o salário de Maria e suas meninas da limpeza... São umas santas, organizando as coisas por aqui.

Um aroma de flores de laranjeira e carne assando dá um ar de aconchego ao lugar. Mais um ponto para Peppe e Donna. Além de saber cozinhar pra caralho, Juliet tem um dom acolhedor e familiar. Nossa cabana é pequena, meio bagunçada, como uma boa casa italiana deve ser, mas enorme no quesito lar. Não é à toa que todos querem vir aqui.

Mais roupas nossas espalhadas. Recolho algumas. A mesa já meio posta. Olho ao redor em busca das provas do crime da tarde de compras com a Rafa. Nenhuma sacola. No mínimo, escondeu junto com os livros eróticos, que ela pensa que não sei que lê. Tão ingênua... Para que escondê-los? Quanto mais informada e criativa no quesito taras sexuais, melhor!

— Juliet?!

— Aqui em cima!

Subo lentamente a escada de tábuas de madeiras vazadas. A única parte mal projetada na minha opinião, apesar de serem perfeitas para o sexo oral. A bundinha de Juliet encaixa perfeitamente nos degraus, mas a porra do meu pé é muito grande! Pego uma calcinha largada em um deles, cheiro.

Cazzo! Ela faz isso de propósito!

Meu pau contorce em expectativa. Abro logo o zíper, tentando aliviar a pressão.

Meu coração acelera... Meu queixo cai... Engasgo e deixo cair no chão a calcinha, as roupas e umas flores que colhi no caminho só porque gosto do jeito como os olhos de Juliet brilham quando faço isso.

— Caralho, Juliet! — Salivo parado na entrada do quarto.

Uma sobancelha levanta e mãos pequeninas vão parar na cintura fininha. Seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo alto. Ela abaixa os óculos escuros estilo aviador, trazendo-os para a ponta do nariz, com seu dedo. Balança a cabeça olhando para o meu pau querendo respirar. Percebo sua respiração ofegar e sua boca entreabrir.

Sorriso malicioso e acaricio meu amigo. Ela endireita o corpo soltando um suspiro baixinho. Depois me olha feio.

Cazzo!

Joga os óculos em um canto.

— Isso é maneira de se tratar uma oficial condecorada? Juliet, não! Tenente Damaggio para você! Está em apuros, bandidão! — Juliet não consegue esconder um risinho, o que a torna ainda mais adorável e sexy.

Ela caminha com segurança em minha direção, mas mantém uma distância entre nós. Não sei como nomear o tipo de roupa que está vestindo. Só sei que é quente pra caralho e rolou uma produção por aqui. Acho que é um oficial da CIA, porque seu terninho é preto e revelador pra cacete!

Ajustado ao corpo, mangas até os cotovelos e um único botão abaixo dos seios. Várias estrelas adornam os ombros. O tecido mal cobre a camisa justa branca minúscula e a borda de um sutiã branco rendado.

Decote do caralho! Gostosa!

A barriga lisinha fica semi à mostra, acima de uma saia.

A porra é tão curta, que dá para ver as cintas-ligas e sua pele alva acima da meia de seda cor da pele. Aposto que, se virar, posso ver a bunda. Meu pau salta, meu corpo tensiona e solto o ar entre os dentes. Essas pernas e panturrilhas! Cristo! Perfeitas em cima dos saltos pretos, altos e imensos. Os mesmos que usou na festa do *Nonno*.

Sou um gênio na arte da preparação física. Nossos treinamentos têm deixado o que já era perfeito, melhor ainda.

Cristo! Como a quero! Obrigado, Dio!

Agarro meu pau tentando me controlar e recebo um olhar feio e autoritário.

Decido ir ao Papa quando for a Roma. Preciso de uma linha direta para restabelecer ligações com o Poderoso. Me desculpar... Agradecer. Se tive alguma dúvida de que Deus era homem, perdi agora. Só um cabra macho para criar um ser tão tesudo, sexy e irreverente quanto ela.

Porra! Porra! Porra!

— Posso ter um beijo antes que comece a abusar de mim, oficial? — Estou louco para esfregar esses peitos macios em mim.

Tento me aproximar, ela se afasta. Sua expressão aperta em desagrado. Ela toca o centro do meu peito com uma espécie de cassetete que segura firme. Breco a investida.

— Não! Preciso arrumar meu escritório para o interrogatório. — Aponta a cama e eu me animo. — Além do mais, ficou preso a tarde toda na cela da *Mountain*. — Seu nariz contorce e ela desliza o cassetete até meu pau. Protejo meus documentos. — Sinto cheiro da oficial Morgan em você.

O quê? Cazzo!

Preciso ter uma conversinha com Maria. Dedo-duro de uma figa!

Parece que não sou só eu quem vigia os outros aqui!

— Só conversamos... Juliet...

— Shhhhh... Tenente Damaggio, já disse!

Respiro aliviado. Não saiu do personagem, isso é bom. Vou abrir a boca para falar, ela encosta o troço nos meus lábios.

Cazzo!

— Conheço os métodos da oficial Morgan! Não preciso que diga nada! — Juliet anda ao meu redor, batendo o cassetete na palma da mão. Sinto uma batidinha, de leve, em meu traseiro. *Pervertida!* Sorrio. — É por isso que fui designada. Morgan é boazinha demais. Não consegue te fazer falar. Acharam melhor alguém como eu para a missão.

Levanta o queixinho atrevido me desafiando.

— Me fazer falar? — gargalho. Ela bufa. Levanto a sobrancelha. Já até imagino... Tolinha, pensa que me enrola. Quer brincar? Então vamos brincar. Abro as pernas em posição de sentido e levo as mãos cruzadas nas costas, em sinal de respeito. — Acho que pegou o cara errado, Tenente. Não sei do que está falando! — rosno ameaçador.

Os olhos castanhos brilham satisfeitos.

— Vamos ver. Peguei exatamente quem eu quero. Nunca perdi um interrogatório. Agora vá! Preciso de você nu e sem esse cheiro irritante de Morgan! Banho!

Vai em direção ao closet. Sou presenteado com a vista espetacular de sua bunda arrebitada, mal escondida sob o tecido curto.

— Oh! Cristo! — murmuro e esfrego o rosto.

Ela vira sob os ombros me encarando.

— O que está esperando? Não tenho a noite toda! Já disse, banho!

Como se eu pudesse dizer não a ela?

— Como queira, Tenente!

Sem pensar duas vezes e excitado pra caralho, arranco as roupas a caminho do banheiro e me enfio embaixo do chuveiro.



Juliet

Meu coração bate forte!

Ah... Isso é tão legal!

Ouço a água do chuveiro escorrendo. Fuço na gaveta, atrás da minha ferramenta de tortura. *Isso!* Estou tão excitada que posso até voar! Dark é um presente, o homem é tão tarado e disposto a brincar quanto eu! Não consigo me imaginar fazendo essas coisas com mais ninguém.

Corro até o quarto, antes que ele saia do banho. Arranco o edredom, jogando-o de qualquer jeito no chão. Preparo a cama escritório. Escondo os apetrechos sob meu travesseiro. Sento-me na beirada da cama, cruzo as pernas tentando parecer sexy e braba. Estou nervosa! Descruzo a perna, cruzo para o outro lado, dou uma ajeitada no decote, no cabelo, apoio uma mão no colchão empinando as costas e o peito.

Dio!

Dark aparece completamente nu e ainda meio molhado. Respirando duro, com a Dark – MIPP – 31, calibre grosso apontada para mim, pronta para me metralhar.

— Benza, Dio! — gemo baixinho.

Um sorriso arrogante brota em seu rosto lindo.

Imbecil!

O cabelo molhado, a barba úmida e as tatuagens o fazem parecer um cara mau e sexy.

Dio, como amo as coxas desse homem!

Um bandidão perigoso. Minha calcinha encharcaria, se estivesse usando uma.

— Onde a Tenente me quer?

Estremeço de um jeito bom. Dark me olha como um leão faminto enxergando um bife... Quase me devorando, coça a barba e passa o dedo em seus lábios carnudos e macios.

— Deite-se ali. — Aponto seu lugar.

Ele anda como um predador, segurando sua arma carregada, me atiçando. É tão convencido, que dá um jeito de virar para que eu veja meu segundo objeto mais precioso: *A Bunda*. Solto um suspiro nervoso e me levanto.

Ele ri antes de se esparramar deitado de costas na cama.

— Está achando graça, né, safado? Mãos na cabeça, bandido! — Tento parecer durona.

— Para quê? — rosna desconfiado.

Dou a volta na cama. Fuço embaixo do travesseiro. Seus olhos arregalam ao ver a algema.

— Reconhece isso? — desafio girando uma argola entre os dedos.

Ele fica sério, como se não botasse fé em mim. Senta-se na cama.

Eita!

— Onde a encontrou?

É tão descarado que nem tenta negar que é dele. Finjo não perceber que parece irritado.

— No dia da tempestade. Achei em um dos quartos. Algum problema?

— Nenhum. Sabe usar essa porra?

— Claro que sei! — minto. — Vai me deixar fazer o meu trabalho ou está com medinho? — desafio novamente.

— Medo é algo que desconheço, já disse. Nunca deixei ninguém me conter.

— E eu nunca deixei ninguém usar isso no meu traseiro. — Alcanço o vibradorzinho que usou em mim ontem.

— Não vai usar esse plugue em mim. — Seus olhos arregalam.

— Não se preocupe. O único com tara para enfiar coisas na bunda dos outros é você.

— Bem que gostou.

— Hum-hum...

— Se eu deixar que me algeme, vai liberar meu *prezioso*?

— Ei! Não estamos em negociação aqui! O interrogatório é meu!

— Vai liberar ou não?

— Vou parar de brincar!

Faço bico porque posso e sei que o quebra. Cruzo os braços, impaciente.

— Cacete! Prende logo essa porra, caralho!

Ele se joga para trás, volta a ficar de costas, colocando as mãos sobre a cabeça.

Meu coração dá um salto, mas não perco a pose... Nunca conheci alguém tão boca suja quanto ele.

Passo a algema dentro da argola de ferro que enfeita a cabeceira da cama. Fico esperta, à espera de um contragolpe... Que ele me agarre e nada. Envolver cada um dos seus pulsos com as meias-luas metálicas e... clique! Ele testa impulsionando cada algema. A cabeceira range, mas não cede.

Presinho, presinho.

Afasto-me.

Hummmm, tão lindo!

Dark nu é a primeira maravilha do meu mundo. Salivo. Meu desejo por ele tem aumentado, mais e mais... Perco-me na perfeição de seu corpo.

Esse pau! Ai, Dio!

Todinho a minha disposição, só para o meu bel-prazer.

— Então, Tenente? — Seus olhos estão ávidos e desafiadores. — Vai fazer alguma coisa ou só ficar olhando?

Saio do transe visual... Levanto o queixo com orgulho. Devagarinho e sem tirar os olhos dele, desabotoo meu terninho e me livro dele, lançando-o no chão. Dark rosna, se agita e eu sorrio satisfeita. Subo na cama, ficando sobre os calcanhares entre suas pernas. Tento ignorar o gigante duro como aço.

Seus olhos vão parar onde minha sainha subiu... Um som primitivo, quase animal, sai de sua garganta... Seu peito sobe e desce acelerado.

— Es-es-tá... sem... porra!

Fico satisfeita por ter incluído a ida à clínica de estética em meu passeio com a Rafa. Estou toda macia, lisinha e cheirosinha. Sou má, afasto um pouquinho meus joelhos para facilitar-lhe a visão. Outro som primitivo e seu pau pula.

Delícia!

— Algum problema, bandido?

— Esse é seu plano, Tenente? Me torturar?

Ignoro a pergunta, coloco as mãos sobre suas coxas musculosas e as arranho.

— Eles têm cuidado direitinho de você naquela cadeia. Hummm, tão firmes! — A barriga trincada e o pau tremem com o meu toque. *É magnífico!*
— Devia tentar ser menos sexy, senhor. Não é nada bom provocar os instintos de uma oficial.

— Meu pau deixa a tua bocetinha molhada, Tenente? Posso vê-la brilhar daqui.

Chego a centímetros de seu pau abusado.

— Interrogatórios me excitam. Acho que seu companheiro aqui... — Inclino e recolho com a pontinha da língua uma gota de pré-sêmen. Ele geme.
— Está pronto para me dar certas informações que o senhor tem nos negado?

Seu abdômen contrai involuntariamente ao levantar o quadril pedindo por mais.

— Já disse... — sussurra. — Pegou o cara errado, Tenente.



28.1

Imprevistos

Dark

Ah, minha Coelhinha! Brinca com fogo, brinca! Tento soltar as algemas, vejo seus olhos se arregalarem. A porra da madeira range, mas não cede.

— Paradinho aí!

Penso em me rebelar, mas resolvo dar cinco minutos... Sou fígado quando vejo a linguinha rosa molhar os lábios delícia de Juliet, deixando clara sua intenção.

Isso! Me chupa, porra!

Quando meu pau entra no calor de sua boca...

Eitaaaa, porraaaaa!

Respiro fundo tentando me acalmar. Depois não entendem por que sou tão enlouquecido por ela! O puxão suave em minha carne enquanto me suga com vontade faz minhas bolas saltarem. Suas unhas arranham a parte interna da minha coxa e vão direto para o meu saco. Amo isso. O jeito que aperta, pressiona e brinca com minhas bolas enquanto chupa, chupa, chupa...

Observo o vai e vem da sua boca me engolindo. Ela é tão linda me chupando que tenho vontade de tirar uma foto e fazer um pôster gigante. Minha visão fica turva quando aumenta a pressão e o ritmo das chupadas. Me

contorço, concentrando-me na dor em meus pulsos, para não gozar... Depois, ela para... *Cazzo!* Toma um ar... Desesperado, forço as algemas de novo, preciso tocá-la. Sua língua desenha as veias inchadas do meu pau. É impressionante como ela tem se adaptado ao meu tamanho. Sua garganta quase me engole todo.

Estou quase lá... Meu pau vibra em sua boca... Cerro meus olhos esperando a explosão.

— Isso! Chupa, mais. — Estou quase lá. E vai ser dos bons...



Juliet

Posso sentir o corpo de Dark estremecer. Nesses meses, depois de tantas fodas, consigo antecipar suas reações. Sei que está quase lá, quando fecha os olhos, cerra os dentes e começa uma ladainha de xingamentos em várias línguas. Seu rosto se contorce em uma espécie de êxtase, multiplicando sua beleza. Chupo me concentrando na cabeça lambuzada de seu pau... E paro.

— Juliet! — resmunga ainda de olhos cerrados.

— O quê? Cansei, só me dê alguns minutinhos. — Sorrio meiga.

— Minutinhos? — As esmeraldas se arregalam. Seu olhar me fuzila. *Dio! Está furioso.* — Não tem graça, cacete! Estou quase, porra! — diz ofegante, com o rosto suado.

Eu me sinto um pouco má por fazer isso. Mas este era o plano: torturá-lo até me dizer sua decisão sobre o K2.

— Quer que eu te chupe mais? — Toco a ereção impressionante.

— O que acha? — esbraveja e eu rio. Ele rosna e força as algemas com mais vontade. *Cazzo! Uauuu! Está bravo mesmo!* — Me solta, porra! Não estou achando graça.

— Calma, grandalhão. Se for um bom prisioneiro e confessar o que quero, te faço gozar bem gostoso.

A cara de raiva dele só aumenta.

Misericórdia! Não me olhe desse jeito!

— Já disse que não vou confessar nada! Abre essa porra!

Meu coração dá vários pulos... A coisa está saindo do controle. Penso em terminar o que comecei, mas não sei se adiantaria. Abro? Não abro? Me arrasto sobre ele. Esfrego meus peitos tentando acalmá-lo. Fuço na algema.

Droga!

— Como abre?

— Como assim? Com a chave — diz impaciente e ainda megaduro. Agita-se embaixo de mim.

Salto para fora da cama, ficando ofegante e de pé ao seu lado. Sinto a pele do meu rosto queimar.

— Que chave? — pergunto confusa e me olha incrédulo. Sua boca abre e fecha. Depois parece recitar um monte de *Om, Om, Om*. — Esse troço precisa de chave? A da lojinha, que a moça mostrou, era só apertar do lado.

— Essa é uma algema de verdade, porra!

Agora o bicho pirou, contorcendo-se como um desesperado tentando se soltar.

— Cadê a chave? — sussurro.

— Como vou saber? Quem resolveu brincar com ela foi você!

— *Dio!* — gemo me abraçando e olhando em volta. *Não entre em pânico. Não entre em pânico.* — Quer que eu chame alguém para ajudar? Giovanni, o Felipe? A polícia deve saber como abrir essa coisa.

A cara que ele faz de: “*está-querendo-me-foder-mais?*”

Meu santinho, me proteja!

— Acha que vou deixar os caras me verem nessa situação?

— Não sei... Ah! Já sei! — grito.

Tiro os saltos altos e saio correndo. Escuto um “*Juliet!*”, mas ignoro.

Desço as escadas e abro as gavetas. Uma faquinha? Talvez possa forçar a fechadura. *Não! Pense, pense...* Lembro-me da caixa de ferramentas de Dark, que fica no barracão atrás da cabana, na beira do riacho. *Isso!* Deve ter alguma coisa lá.

Saio pela cozinha com Athos e Porthos atrás de mim. Não ouço mais os gritos de Dark. Bom sinal, deve estar meditando. Desço os degraus de pedra, que levam ao barracão em segundos. A calma e a beleza do riachinho, iluminado pelo luar e sua prainha minúscula, contrastam com meu coração martelando e minha pressa.

Abro a porta velha de madeira e entro sem acender a luz. Vi onde Dark guardou a caixa quando consertou a torneira.

— Ai, que pesada! — digo para mim mesma. Saio e poucos passos depois desisto.

Ele carrega o quê aqui dentro? Chumbo?

Dio! O que eu faço?

Desacreditada, olho ao redor. Nosso quintal é realmente bonito. Um oásis particular e florido, com grama felpuda e um riachinho de águas

transparentes e tranquilas, com chão de pedrinhas redondinhas. Apoio a caixa na grama verdinha e aproveito a luz da lua cheia, para achar o que preciso.

Hummm...

Chave de fenda, um martelinho... Ah! O alicate deve servir para cortar a corrente. Levanto-me vitoriosa. Minhas costas batem em um peito enorme e forte. Reconheço o cheiro amadeirado na hora.

— *Madre Santissima!* — solto um gritinho, deixando as ferramentas caírem na grama.

Tremo ao sentir sua respiração forte roçar em meu ouvido. *Como?* Dou um pulo certo para frente, deixando os braços, que iriam me capturar, no vácuo. Viro e lá está Dark. Parado, sem roupa e ainda duro, na minha frente. Seu jeito é selvagem... Estremeço. O corpo suado, iluminado pela lua é um troço de outro mundo.

Não me pergunte como. Só sei que a corrente da alga foi partida em dois e pende livre ao redor de seus pulsos.

Toro Selvaggio! Lua cheia! Ai, Dio!

Não deveria ter lido a *Mordida do lobão!* Ando para trás pressentindo o perigo. Minha respiração acelera. Ele não se mexe, só me olha. Paro quando sinto meus pés entrarem na água. Olho incrédula para as ferramentas, depois para seus pulsos e para ele.

— Como? — sussurro.

Um sorriso sórdido brota em seu rosto masculino. Apenas um canto da boca, levanta-se.

— Rebelião no presídio, Tenente Damaggio. O jogo virou. — Sua voz é rouca, provocativa e cheia de promessas indecentes.

Engulo em seco. Dou mais alguns passos no riacho, até atingir meus

joelhos. O homem está o bicho. Quem sabe a água dilua meu rastro. Funcionou no livro.

— Aless... — quase mio.

— Hunter, Tenente.

Caçador? Dio!

O homem ainda está no personagem.

— Hunter? — ofego.

— Hum-hum... E você me parece uma coelhinha apetitosa, Tenente Damaggio. Falei que apanhou o cara errado, agora aguenta.

— Podemos negociar? — arrisco.

Essa coisa de Hunter apertou meus botões. Sinto minha bocetinha tilintar de excitação. Minhas meias e cintas-ligas estão inundadas.

— Me prender daquele jeito não foi legal. — Sua voz sai baixa, erótica. Firme.

Dio! Que excitante!

Congelo de tesão. Meus olhos estão vidrados no corpo dele, começando se mexer. Não ouço seus passos, só a água do riachinho correndo a minha volta.

Viro tentando entrar mais ainda na água... Um único passo, e uma mão firme agarra meus cabelos pelo rabo de cavalo. Ele força minha cabeça até encará-lo. Não é bruto, é viril pra caramba! Ouço um gemido involuntário escapar dos meus lábios. Meu tesão por esse homem vai parar na lua.

— Vai me caçar?

— Vou te comer.

— Oh!

Vira-me, fazendo nossos corpos se chocarem e me beija com força.

Crava a língua na minha boca, enquanto sua mão vai parar na minha bunda. Puxa-me, enrolo as pernas ao redor do seu quadril. Seu pau fica prensado contra a minha barriga. A mão, que prendia meus cabelos, solta e rasga, com fúria, a frente da minha camisa delicada. Gemo no meio de seu beijo possessivo. Dominador.

— Aiiiiii.

Sua mãozona aperta meu seio, o dedo abaixa a rendinha do sutiã e encontra o mamilo carente.

Aperta, puxa, instiga... Esqueço que estamos no meio do riacho, com a água fresca já batendo em minha bunda. Estou completamente atordoada por esse homem.

Existe magnetismo animal entre humanos?

A atração entre nós extrapola qualquer limite. O beijo cessa, nossos peitos expandem enquanto respiramos profundamente, resgatando o fôlego. Antes que eu suplique... Uma abaixada, uma girada no quadril e...

— Ah! *Dio!* Isso!

Seu eixo grosso e longo me invade com tudo. Começa a meter fundo e rápido.

— Oh! *Dio! Dio! Dio!*

Nossas virilhas se chocam, espirrando água. Suas mãos vão parar em minha bunda, minhas mãos em seus ombros. Minhas costas jogadas para trás. Os lábios de Dark se separam, um olhar quase animal vem de suas esmeraldas... grunhe e rosna enquanto me assalta com estocadas exigentes e profundas. O prazer de estar sendo preenchida por ele é sempre intenso.

— Oh, *Dio!* Hunteeeeeer...

— Toma tudo, Tenente!

Gemo rebolando nele. Indo e vindo em direção a esse homem sensual. O único que me faz chegar ao céu! A sensação dos seus músculos ondulando pelo esforço, só isso me faz querer gozar. Entrego-me. Gemo, grito, reboło, me inclino para que me preencha ainda mais fundo.

— Isso, rebola! Você é tão gostosa, Coelhinha.

— Mais forteeee.

E ele mete... sem dó. Artilharia Dark com fogo total de 31 tiros... Seu pênis atinge um ponto exato dentro de mim. Perco o controle e grito de prazer. Cravo as unhas em seus ombros. Abro os olhos e sou surpreendida por suas esmeraldas que me capturam e hipnotizam.

Dio! Como é lindo!

Meus calcanhares apertam seu traseiro e cavalgo, feito uma insana. Minha meia a essa altura está toda rasgada.

Não sei quem está fodendo quem. Só sei que, mais uma vez, é incrível. Meus músculos internos começam a apertar ao redor de seu pau, querendo tudo dele. Um toma e mete sem tamanho... urgente. Seus quadris implacáveis mudam o ritmo. Me fodendo duro e rápido, mas em estocadas curtas. Nossos corpos contraem em sincronia.

— Aleeeeeeeess!

Gozamos juntos e tão forte, que o grito que sai da garganta dele quase me ensurdece.

Incrível!

Sinto cada jato quente de seu sêmen, me preenchendo. Gozo de novo com essa sensação... Mordo seu ombro tentando abafar o grito. *Dio!* Nunca tinha gozado só por causa de seu esperma quente. Mas minha bocetinha anda cada vez mais sensível a ele. É um fogo incontrolável. Fico arfando agarrada a ele, agradecida por manter seu pau ainda dentro de mim. Minha motivação

para tê-lo fora é zero.

— Te adoro, meu Gigante.

— Te amo, minha Baixinha.

Por um segundo me sinto mal. Por que ainda não consigo dizer eu te amo? Meu corpo retesa e sinto sua pegada ficar mais forte. A água fresca em nossos corpos quentes é um alívio bem-vindo. Assusto quando me beija e nos afunda na água. Nossos corpos se enroscando submersos. Voltamos à tona como duas bombas, um para cada lado. Dou uma braçada em sua direção, agarrando seu pescoço.

— Amo tudo em você, Aless — confesso de um jeito torto.

Ganho um sorriso meigo. Tão Dark. Me derreto.

— Eu sei, Baixinha. Eu sei.



Dark

Ela ainda não disse do jeito que quero ouvir, mas é um progresso. Ouvir um amo de sua voz doce e rouca, me faz querer bater no peito e rugir. Me sinto a porra do homem mais sortudo do universo. Ainda não quero sair da água. Abraço seu corpo delicado a ninando. A luz da lua cheia faz do momento mágico. Nossos momentos são todos especiais, mas hoje foi diferente. Como se nosso elo estivesse cada vez mais forte. Inquebrável.

— Acho que a Tenente Damaggio falhou na missão — provoco enquanto giro nossos corpos na água, criando redemoinhos ao redor.

— Quem disse que a missão acabou? — Cutuca a ponta do meu

nariz.

Seguro seu dedinho presunçoso e mordo.

— Ai, ai! — Faz biquinho e depois fica pensativa.

— O que foi?

Mudo seu corpo de posição a fazendo boiar. Ela abre seus braços e pernas. Parece serena, satisfeita. Seus cabelos e camisa rasgada flutuam na água.

— Nada não... Olha esse céu!

Analiso o céu e suas milhares de estrelas. A distância da cidade e a pouca iluminação da vinícola tornam tudo mais intenso e nítido.

— As Três Marias. — Aponto.

— As algemas! — Sua voz soa sem graça. — Precisamos tirar isso de você. Não pode andar por aí com pulseiras. Achei algumas ferramentas.

Sorrio por ela ter se empenhado.

— Não se preocupe. Amanhã vou à delegacia e peço para o Felipe me ajudar com a chave mestra.

— Sinto muito. Foi um desastre! — Juliet se endireita na água, abraçando seu corpo.

Os latidos de Athos e Porthos chamam minha atenção. Olho em direção aos dois, que parecem desesperados indo e vindo em direção à cabana.

Cazzo!

Uma fumaça densa sai pela porta e janela da cozinha.

— *Cazzo!* O forno!

— *Dio!* Esqueci o seu jantar!



O olhar desolado de Juliet para a carne assada carbonizada está hilário. Entrego a ela o roupão que acabei de pegar no quarto. Visto a calça de moletom e depois a camiseta.

— Caramba! Consegui arruinar a noite! Primeiro as algemas, agora o jantar. Olha só! Está um carvão.

Juliet tenta enfiar o garfo e ele entorta.

Não me contenho e caio na gargalhada. Rio tanto que chego a dobrar os joelhos. A Baixinha me olha com mágoa, tadinha. Tento me controlar, parar de rir, mas não consigo. A noite toda tinha tudo para ser um desastre, mas está sendo perfeita! Com Juliet, tudo pode acontecer.

— Baixinha. A noite está perfeita. Foda-se o jantar! Podemos fazer uns sanduíches. Quem liga para a comida depois da foda fantástica que acabamos de ter?

— Queria te agradecer, poxa. Maria me passou a receita de rosbife que adora.

Abraço-a porque quero e posso. Beijo o topo de sua cabeça de vento.

— Ter você aqui, nos meus braços... é isso que eu adoro.

— Ai, Alesss... Posso fazer uma massa carbonara rapidinho. O que acha?

— Massa, vinho e depois uma segunda rodada na cama? — sugiro só para animá-la e porque estou louco para me enfiar nela novamente.

Seus olhos castanhos, ganham brilho extra.

— Parece perfeito para mim. Mas só o Aless e a Juliet, desta vez. Nada de Hunter ou da Tenente!

— Está dando o braço a torcer e aceitando que perdeu essa,
Baixinha?

— Nunca! Só uma pausa estratégica!



Juliet

Chego sozinha à sede. Dark foi dar uma inspecionada no primeiro dia de colheita. Encontro Fran escondido na área de convivência da Mountain, encolhido no sofá, assistindo ao telejornal matutino.

— Como está a fera? — Sorri sem jeito, olhando ao redor em busca do perigo.

— Mais calmo. Conversamos ontem à noite. Ele se preocupa com você, desmiolado. Falou que estava voltando e, ao invés disso, sumiu por mais dez dias.

Puxo sua orelha, mas o compenso com um beijo estalado em sua bochecha linda. Vou até o balcão pegar um café. Sento-me ao seu lado no sofá de couro macio marrom.

Boa Giornata Italia está passando na televisão. Levo junto o pote de rosquinhas de nata, que fiz na tentativa de amansar meu grandalhão. Ofereço a Fran, que enche a mão.

— Eu sei que pisei na bola, mas os caras do *Ultimate Bet* me chamaram para passar uns dias em turnê com eles. Até Benjamin adiou a ida à Austrália. E tinha a guitarrista... Penne.

— Não acredito que ficou com ela! É linda, Fran!

— Fiquei nada. — Faz cara de desgosto. — A mulher está fechada para balanço. E Big, o baterista, é troglodita como Dark. Trata a garota como irmã, não deixa ninguém chegar perto. — Depois seu rosto é pura travessura. — Mas tudo bem, me diverti pra caralho com Gabe e Benjamin.

— E o Kai?

— Deu para trás nas farras. Só sabe ficar pendurado no celular, falando com a Rafa. Está empolgadão porque ela decidiu estudar moda na Califórnia.

— Quem não ficou nada empolgado foi Dark. Estou morrendo de medo da hora em que descobrir a pegação dos dois.

Fran joga mais umas rosquinhas na boca. Cumprimentamos Cris e Pietro, que se juntam a nós. Treinamos todos juntos hoje pela manhã; com Dark na colheita, amanheci abandonada.

— Ela está empolgadinha, mas duvido que seja sério. Paixonite de férias. — opina Cris, sentada no colo de Pietro.

— Verdade. — Jogo o pote de rosquinhas para eles. — Ela parece muito mais interessada em conhecer o tal Brian, guitarrista.

Pietro faz uma careta.

— Não sei por que tanta empolgação. São só um bando de cabeludos tatuados.

— *Hello*, amor! Qual é? Os caras estão no topo. É normal que se empolgue. Tenho pena do Kai. Vai quebrar a cara se pensa que ela vai se amarrar aos dezoito. Tem tanta novidade esperando por ela quando for para os Estados Unidos.

— Dark falou que ela não vai. — Sorrio quando me lembro da braveza do grandão. As veias do pescoço dele chegavam a saltar quando Rafa contou a novidade. — Mas aposto que ela vai conseguir dobrá-lo.

Fran gargalha.

— Ela sempre dobra. Acho que Rafa está certa. O primo vai ter que aceitar. A UCLA é uma ótima universidade. Ser aceita lá é uma honra. Além do mais, está um inferno ficar aqui com toda essa pressão da tia Zetta. De onde a velha tirou a ideia de exigir uma mesada da filha ou querer interditar Dark?

— Só de pensar em conhecê-la já sinto arrepios. — Abraço meu corpo.

Cris faz uma cara compreensiva. Conhece Zetta e diz que é um nojo. Reviro os olhos e me benzo. Se a jaraçaca resolver cumprir metade das ameaças que anda fazendo sobre mim, estou lascada!

— Vai se preparando — Pietro fala de boca cheia. — A possibilidade da demônia perder a audiência e resolver dar uma incerta por aqui para infernizar Bolgheri é enorme.

Um arrepio ruim incomoda minha nuca.

— Espero estar bem longe, no K2, se isso acontecer. — Pulo do sofá quando ouço os latidos de Athos e Porthos. Fico na expectativa, vigiando a entrada.

— Só espero que Dark não dê para trás e nos obrigue a esperar por ele. — Cris está tão ansiosa quanto eu.

— Tomara que não. Porque eu vou de qualquer maneira. Estou há mais de uma semana tentando descobrir o que ele decidiu. O homem está um túbulo. Graças ao Fran, a reunião foi adiada. — Olho feio para o cara de pau, que levanta os ombros se desculpando.

Meu coração acelera quando vejo Dark entrar pelo galpão. Ele põe o celular no bolso enquanto os raios da manhã, batendo em seu corpo, o fazem parecer um ser mágico e... bravo.

Que saco!

Os dias não têm sido fáceis. Uma sucessão de manhãs mal-humoradas. Outro dia foi Zetta, anteontem Rafa, ontem Fran e hoje a reunião com Nick da Patagônia.

Tenho feito de tudo para deixá-lo bem. *Juro!* Até parei de pressioná-lo para descobrir alguma coisa. Nada... Continuou mudo. Acho até que ando o mimando demais! Não quero pôr tudo a perder entre nós. Muito menos ser um dos motivos de sua agonia. Apesar de desconfiar que eu seja o pior deles.

Sinto muito, mas são meus sonhos, caramba! Dark sabia deles quando embarcou nessa loucura comigo. Da mesma forma que não exijo que mude, espero que respeite minhas decisões.

Arranco o pote de rosquinhas das mãos de Pietro. Por sorte, ainda resta a metade. Aless vem de má vontade e com cara de poucos amigos, em direção à área de convivência. Empino-me toda, para que veja como estou comportadinha hoje: calça jeans, camiseta básica branca sem decote, casaquinho de florzinhas multicoloridas e tênis laranja. Nem maquiagem passei, para não correr o risco do francês olhar para mim.

Antes que pensem que virei submissa e caiam na gargalhada... já aviso. Fiz isso por ele mesmo e daí? Estou pegando o bofe e Dark vale cada uma das minhas exceções e mimos.

— Está com fome? Fiz para você. — Abro meu melhor sorriso de: *“olha-como-sou-fofa-e-mereço-ir-ao-K2!”*

Ganho um abraço apertado e um beijinho suave de Aless, que dá um oi para o casal e depois manda um olhar enviesado para Fran. Faz careta, mas vai logo abrindo o pote e pegando várias.

— Desse jeito vou ganhar uns cem quilos. — Sua voz masculina, grave e profunda me aquece.

— Como estão as uvas? — Pietro puxa papo.

— Melhor colheita em cinco anos — diz sério sem querer prolongar o assunto, observa ao redor. — Nick já chegou? E Pam?

— Nenhum dos dois — adianto-me em responder e pegar um café para ele. Está bem! Talvez esteja exagerando no puxa-saquismo. — Os relatórios que pediu, com as previsões para os dois próximos meses, estão na minha mesa. Depois da primeira semana, o tempo vai ficar bem tranquilo no Paquistão — arrisco uma deixa.

— E na primeira semana?

Meleca, deixa errada!

— Um pouquinho instável, nada de mais. — Faço pouco caso e volto a me sentar com Fran. Dark se aboleta ao meu lado, segurando minha perna. — A instabilidade estará toda no cume. Nenhum risco para o acampamento — tento amenizar.

— Vai ser como navegarmos em mares calmos. Não detectei nenhuma movimentação de solo ou novas fendas — Cris complementa.

Boa! Amo minha parceira!

Dark solta o ar lentamente e apenas balança a cabeça. Fica pensativo enquanto nossos quatro pares de olhos, ansiosos, não saem de cima dele. Parece ficar meio incomodado por nossa pressão silenciosa. Dito e feito. Esfrega a barba visivelmente cansado e levanta-se.

— Vou para a minha sala.

— Quer que eu leve os relatórios?

Ele pisca carinhoso para mim e me derreto. Fica alguns segundos me olhando, como se decidisse algo... Pensa, olha e pensa. Em seguida, morde o lábio e franze o nariz.

— Não... fica aí. Eu pego.

Praguejo. Prefiro mil vezes ele gritando. Esse jeito taciturno me enlouquece.

Ouçoo-o praguejar assim que chega a minha mesa. Meu radar apita. Olha em minha direção e não é de um jeito meigo. Olha, olha e olha de novo. *Eita!* Recolhe a pilha de relatórios, posso ver as veias das suas têmporas latejarem e seu maxilar ficar rijo. Ameaço levantar, mas ele faz um gesto ríspido para que eu fique onde estou.

Caramba! Será que viu alguma coisa errada em meu trabalho?

Droga!

Desobedeço, levanto e vou atrás dele. Meu coração resolve bater rápido e minhas mãos começam a suar. Alcanço-o no meio da escada em caracol, que dá para seu escritório.

— Aless, viu algo errado? — questiono baixinho parada no primeiro degrau. — Os relatórios... eu posso...

— Agora não, Juliet — corta-me com firmeza e termina de subir, sem se dar o trabalho de virar e olhar para mim.

Vejo seus pés desaparecerem no mezanino e não entendo nada. Uma sensação de ser rejeitada bate forte no peito.

Que foi que eu fiz?

Se isso é uma espécie de joguinho mental de morde e assopra, está funcionando. Essas mudanças de humores me afetam demais. Até eu já estou sofrendo disso! Xingo baixinho e suspiro.

Dio Cristo!

No fundo, sei que é o que espera de mim. Que fique aqui obediente, até ele voltar da bendita audiência de Zetta para irmos juntos. Simplesmente

não posso, a fase de instalação dos equipamentos é a principal! Meu humor fica péssimo instantaneamente. Aperto a ponta do nariz, seguro uma lágrima fujona e meu estômago embrulha. Não quero que me vejam assim, vou para o banheiro.



Dark

Respiro fundo e agradeço que não soltei os cachorros em Juliet.

Assim que boto os pés na minha sala, vou logo colocando o *iPhone* no suporte sobre a mesa. Um toque e a melodia alta da meditação russa invade o lugar.

Cacete!

Estou o bicho estes dias.

Essa coisa da Zetta me ligar, de cinco em cinco minutos, para me infernizar, está me tirando do sério. Uma hora quer mais dinheiro; na outra, meu depoimento a seu favor e depois fala de Juliet. Porra! Detesta minha mulher sem ao menos conhecê-la.

Fora a visita inevitável de Nick. Tentei não pensar nisso, mas a proximidade da data joga meu humor para o inferno.

“Para a alpinista mais sexy do planeta!

Seu lugar de honra está guardado!

Beijos.

Gabe, Adan, Big, Brian e Penne.”

Jogo o DVD autografado na gaveta. Sento-me com os cotovelos apoiados no tampo de granito e afundo as mãos no rosto. Com o humor que estou, tudo o que me faltava era isso. Dar de cara com essa droga na mesa de Juliet. Desde quando ela é amiga desses bostas? Para a alpinista mais sexy... lugar de honra... o caralho!

Não gosto do ciúme que me atinge ao tentar imaginar como ela conheceu esse bando de tatuados. Sabia que ela e Rafa estavam de segredinhos. Toda hora cochichando. Sou esperto e não sou cego. Porra! No mínimo, isso é coisa do albino ou do inconsequente do Fran.

Detesto Juliet tendo segredos e escondendo coisas de mim. Maldita hora em que combinamos de não misturar o pessoal com o profissional. Estou fazendo um esforço sobre-humano para não descer e jogar a porra do DVD na cara dela.



Juliet

— Eu já vou! Vai subindo para a reunião, chego lá em um minuto.

— *Mas está tudo bem mesmo?*

— Está! Só ansiedade!

— *Duas então!*

Dispenso Cris, que está plantada do lado de fora do banheiro. Respiro fundo e me olho no espelho.

Alguém pode ficar pálido e vermelho ao mesmo tempo?

É normal?

Jogo mais um pouco de água na cara e ajeito o cabelo em um coque.

Saio e sou atingida por uma minibomba. Reconheço-a na hora:

— *Babo* meu! Cadê?

Pequenas mãos forçam minhas pernas tentando passar entre elas.

— Valentina!

— *Babo!* Aqui!

Sorrio sem graça para Pam, que chega esbaforida. A pestinha da Valentina tem uma memória de elefante. Sorte que não fala tudo ainda. Ia ser constrangedor tê-la contando por aí que viu seu *babo* arrastar sua arqui-inimiga banheiro adentro.

— Ele não está aí!

— *Babo* meu!

— Todo seu.

Não estou com paciência para a nossa eterna disputa por Dark. A pequena arregala mais ainda seus enormes olhos escuros.

Ha! Ha!

Agora a surpreendi!

Esperava mais uma das nossas batalhas possessivas, né? Sorrio vitoriosa.

— Meu?

— Todo seu.

— Meu?

— Hum-hum. *Babo* seu. — Sorrio falsa. Tento parecer calma e segura. — Fran é meu.

— Não... Fran meu!

Ai, minha Madonna Santíssima! O negócio é pessoal comigo!

— Chega, Valentina! Vá para o carro, *nonno* Carmelo tem chocolate.

Seu rostinho diabólico se contorce. Suas sobrancelhas franzem. Olha para a mãe, volta a me encarar... Espia para dentro do banheiro vazio. É nítida sua agonia. A pestinha está dividida entre continuar sua tortura pessoal ou ceder à gula.

— *Cholateeeeeeeee* meu! — Sai correndo em direção ao carro estacionado bem na entrada da *Mountain*.

Respiro aliviada e depois sorrio culpada para a Pam. Se não tivessem me provado por A + B que ela não é mesmo filha de Aless, eu duvidaria. A criança é um touro bravo anão, teimoso e possessivo.

— Desculpe. — Pam me olha atordoada. — A psicóloga disse que essa fase vai passar. — Em seguida, me avalia. — Está tudo bem?

— Claro! Ótima!

— Parece pálida e... vermelha.

Não disse?

— Só nervosa. Essa reunião é muito importante.

Olho para cima. Não vejo nada. Tem horas que detesto os novos vidros opacos. Tiraram a minha diversão de ficar xeretando Dark.

Pam faz um gesto de compreensão com a cabeça.

— Relaxa. Trouxe os históricos médicos que o Alessandro pediu. Tem se alimentado bem?

— Mais do que deveria — respondo em um muxoxo.

— Notei que seus exames e do Fran estão quase vencendo. Talvez seja melhor adiantarmos e refazê-los antes de viajar. Aquelas doses de antirrábica e os antibióticos podem ter bagunçado tudo aí por dentro. Como

está o dedo? Foi uma infecção e tanto.

Levanto o indicador para que veja que está ótimo.

— Não precisa, refaço na volta. Estou bem. Viajamos semana que vem. — Suspiro. — É só... É só o Aless me enlouquecendo.

— Estão brigados? — Sua expressão fica preocupada.

Penso no sexo incrível que continua insaciável e nas disputas de força.

— Tudo normal. Estamos mais do que bem. — *Exceto por ele ter praticamente me rejeitado há vinte minutos.* Sorrio sem graça.

— Que bom. — Sinto verdade em suas palavras. — Deve ser difícil para ele. Você indo e ele não podendo acompanhar.

Nem vem!

— Mas ele vai! Serão só alguns dias.

— MAISSS! MEUUU!

— JÁ CHEGAAA!

Lá fora, uma discussão começa entre Valentina e *nonno* Carmelo. Pam olha com desgosto.

— Pode entregar os históricos para o Alessandro? Estou atrasada para a sessão de terapia da Valentina. Se eu subir vou me atrasar e não posso perder a consulta de jeito nenhum!

— Claro. — Pego as pastas que me entrega.

— Se cuida lá em cima.

— Se ele não der para trás.

— Até parece que um não do Alessandro vai mudar alguma coisa!
— Me dá um beijo rápido.

Nem me dou o trabalho de responder. Ela está certa. Observo-a sair correndo em direção à peste anã, que puxa o avô pelas calças, tentando mordê-lo.

Respiro fundo e resolvo enfrentar logo o meu *Toro Selvaggio*. Subo lentamente a escada caracol, abraçada às pastas. Mentalizo respirar azul e soltar todo o vermelho que há em mim.

Todos já estão em volta da mesa de reunião. O primeiro a notar minha presença é Dark, que parece contrariado. *Estou atrasada e daí? Grande novidade!* Avalio a disposição na mesa e fico puta ao ver que a assistente de Nick está sentada no MEU lugar, ao lado do Gigante.

Não é segredo para ninguém que Aless e eu estamos juntos, mas desde que o projeto começou, ela vem, insistentemente, cercando Dark. Sempre cheia de interesse, perguntas e sorrisos.

Ordinária!

Respiro fundo e abro um sorriso.



29.1

Guerra fria

— **Aí está ela!** — Os olhos cinzas de Nick iluminam ao me ver.

— Olá, Nick. Finalmente saímos do *Skype* para o mundo real.

Sorrio gentil, peço desculpas pelo atraso e ignoro a lambisgoia grudada em Dark.

São onze da manhã! Para que tanta maquiagem?

Francesas! Argh!

Que cheiro horroroso! É perfume ou incenso?

Contorno a mesa e tenho vontade de jogar as pastas da Pam na cara de Dark. Controlo-me, porque sou fina e equilibrada. Entrego os exames e me sento no lugar vago entre Fran e Cris. Sinto-me automaticamente forte ao lado deles.

— Podemos começar? — Dark rosna.

Sei que sua pergunta é dirigida a mim, mas não respondo. *Imbecil!* Estou meio que a fim de ignorá-lo e dar o troco pela escada.

— Claro — Nick toma a iniciativa e sorrio para ele fingindo estar interessada no que dirá.

De canto de olho, percebo Dark agitar-se na cadeira. Sorrio mais ainda para o francês loiro e corpulento sentado ao lado esquerdo de Aless.

— Bom — Dark bufa e acho ótimo. — Acho que estamos todos de acordo com o projeto. Excelente trabalho. Só tem um ponto que me preocupa.

— Faz uma pausa, me encara, mas continuo olhando para tudo, menos para ele, que bufa de novo e eu acho é pouco. — A instabilidade da primeira semana.

Reviro os olhos. Sabia que iria usar isso contra mim.

Percebo um cutucão. A mão de Cris me passa um bilhetinho por baixo da mesa. Despisto e leio:

“Se controla, não provoca. Ele ainda pode dizer não!”

Me controlar? Claro... que não!

Esse homem tem o poder de me tirar do sério.

— Se leu corretamente os dados viu que a instabilidade será no topo, como já lhe informei. — Meu é tom profissional, mas levemente irônico.

Ele bufa de novo. Perfeito, o estou irritando.

— Sei ler relatórios e avaliar riscos melhor do que imagina, Srta. Damaggio. Quer entrar no mérito entre experiência prática e teórica?

Uiiii! Essa doeu.

Falou o Titã!

— Não, não quero. — Engulo em seco, porque nesse quesito ele ganha.

Percebo um sorriso arrogante querendo surgir na boca idiota dele e praguejo.

Ouçõ Fran rir baixinho ao meu lado. Depois escuto-o cochichando no ouvido do Pietro:

— *Lá vamos nós... Estava demorando, os dois acordaram com o pé esquerdo hoje...*

Os dois uma pinoia!

Respiro fundo e não retruco.

— Alessandro, entendo seu ponto — Nick se apressa, alheio à nossa guerrinha. — A instabilidade também me preocupa, amigo. Mas garanto que estamos preparados. Não há risco algum para o acampamento. A base 2 está segura.

— Sei, mas vocês vão ter que instalar os sensores. Isto implica em subir. Vi o mapa. Vão trabalhar justamente na triangulação de maior instabilidade.

— Precisamos atacar o problema, Alessandro — Nick diz sério. — Segundo os gráficos da Juliet e da Cris são a partir destes pontos que as piores avalanches começam. Não temos como evitar. Por isso é fundamental fazermos a instalação agora. Antes que o período das expedições comece e o inverno chegue.

— Não estou contestando a necessidade ou o momento. Só quero me certificar de que toda a minha equipe estará segura.

— Já disse que estaremos totalmente seguros, Aless. — Arrisco uma encarada no grandão.

Ele não desvia o olhar, ao contrário... trucidou-me e continuo sem entender que porra eu fiz?

— Você com certeza estará segura, querida. — Justine sorri para mim, com desdém, e depois volta-se para Dark. — Não se preocupe. Só os mais experientes vão participar da instalação.

Experientes?

Vejo vermelho! A mesma cor das unhas que enfeitam os dedos que encostam no antebraço do Aless. Sou tomada pelo espírito da Valentina! Agora te entendo parceirinha, touro bravo. Minha vontade é de gritar: MEU!

Dark afasta o braço discretamente e arrasta a cadeira para longe. Nem por isso meu humor melhora.

MEU!

— As análises na base são tão importantes quanto a implementação dos sensores. Não é uma questão de experiência ou importância, Justine — Nick a corrige e olho para ela do mesmo jeito que Valentina faz comigo. — Preciso de Juliet e de Pietro nos aparelhos, orientando os que subirão coordenados por Cris.

— Entendeu, querida. Tudo é importante. — Não me aguento e devolvo o desdém. — Se quer um conselho, pare de me provocar e concentre-se no que é da sua conta: passar fax e servir café. Tô de saco cheio de você querendo meter o dedo ou a bunda no que é meu.

— O quê? — Justine levanta. — Repete, baixinha metida a gênio!

Eitaaaa, que a mulher ficou roxa.

Levanto-me também. Coloco a mão na cintura. Fran segura meu braço.

— Metedora de dedo! — devolvo.

— O que tá rolando entre vocês? — Dark concentra-se em mim. — Cacete, Juliet! Parece a Valentina!

Indignada, arregalo os olhos.

Ele está achando graça?

Idiota!

— Ela tem me cutucado há semanas e pegou meu lugar! — defendo-me.

Dark olha para o lado, onde costumo sentar e xinga-se baixinho.

— Se tivesse chegado na hora, porra... — Franze o rosto

demonstrando impaciência. —Tenho outras prioridades, onde Justine senta não é uma delas.

— Ei! *Mon ami!* Não tinha o nome dela escrito aqui! — A francesa olha aborrecida para Dark.

Para minha alegria, ele não dá a mínima.

— Meninas! Justine, por que não se senta aqui do meu lado? Quero dar uma olhada nas suas anotações. — Nick começa a rir e obriga Justine a sentar-se longe de Dark. — É bom ver como se dão bem. Seu lugar está liberado, Juliet.

— Agora não quero mais. Estou bem desse lado, com os meus amigos.

Bufando, volta a sentar no mesmo lugar. Não sou obrigada a nada! Nada! Ouço Dark praguejar, Fran rir, Pietro se agitar e Cris chutar minha canela.

— Aiiii! — gemo baixinho e sossego o facho.

Nick me joga um olhar curioso e divertido. Sua grossa sobrancelha loira arqueia. Ele pigarreia.

— Vamos prosseguir. Sobre as acomodações. — Nick olha para Justine e depois para Dark. — Tivemos um problema e fizemos umas mudanças.

— Mudanças? Quais? — Dark, que não volta a sentar-se, fica de pé e de frente para mim, apoiado em sua mesa com braços e pernas cruzados.

A francesa olha para ele e ajeita o cabelo chanel, altamente encaracolados, insinuando-se descaradamente.

A ordinária acaju não tem amigos?

Alguém deveria avisá-la que permanente e esse tipo de corte só

ficam bem em Pileque, o poodle da tia Rivoleta! Quero rir, mas me contenho. Impossível fazer isso com as unhas de Cris fincadas em minha coxa.

— Houve um pequeno contratempo para a primeira e última noite. Os chalés na vila estão ocupados — Justine ronrona. — Realmente não entendo, não deixei para a última hora. Estamos longe da época de cheia, mas não há mais espaço para todos.

— E daí? — Dark pergunta não parecendo estar preocupado.

— Daí que Juliet ofereceu ajuda e deu um jeito. Não sei se sabe... Ela tem um amigo por lá. — Justine fala amigo como se fôssemos amantes.

Hã?

Cadela!

— Ofereci ajuda uma pinoia, você que me perguntou se eu conhecia alguém! — Fico indignada.

— Um amigo? Que amigo? — Dark dispara, ignorando-me.

— Um tal de Kadeen. — Sai da boca de Justine em um tom indiferente, mas malicioso.

Quero enforcá-la.

— Foi um favor, Alessandro. Justine começou agora, não conhece ninguém. Juliet só quis ajudar e comentou o problema com o garoto — Nick esclarece constrangido. — O pai dele trabalhou como guia, nos conhecemos há anos. Eles têm uma casa na vila e ofereceram para a *Mountain*.

Recebo um olhar mortal de Dark.

— Comentou com um amigo? — Dark me fuzila. — Que beleza. Tão prestativa. — As veias das têmporas dele pulsam.

— Comentei, nem lembrava. — Forço uma indiferença, mas as feições de Dark endurecem mais. — Pensei que tivesse dado em nada!

Acabei esquecendo — defendo-me.

— Esqueceu? — Dark puxa alguns fios da barba. — Ou... — Puxa o ar lentamente. — Simplesmente achou que seria uma ótima ideia mudar os planos sem ao menos avisar o chefe da equipe? — Seu tom é sarcasticamente puto.

— Não mudei nada! Ouviu o Nick! Só estava fazendo um favor! Nem achei importante — sigo na defensiva.

— Não achou importante me informar onde a MINHA equipe irá dormir... E com quem?

Uma tensão avassaladora se instala na sala.

— Talvez, sei lá, achei que já soubesse. Realmente não achei nada de mais — digo perdendo a segurança.

Fran segura a minha mão em apoio.

— Aless, Kadeen é só um amigo. Será só uma noite. Vou ficar do lado de Juliet o tempo todo. Vamos dividir o alojamento como na expedição passada. Cris e Pietro também ficarão lá.

— Com Kadeen — Dark grunhe e esfrega a braba freneticamente.

— Alessandro, podemos resolver de outra maneira. — Nick intervém. — Vou liberar o alojamento da Patagônia. Não são tão confortáveis quanto os chalés ou a casa da vila, mas é uma solução. Minha equipe fica com Kadeen. Não quero que isso o faça desistir de apoiar sua equipe. Não está pensando em mudar de ideia, está?

— Não coloquei a equipe nessa para mudar de ideia. Meu apoio foi claro e incondicional desde o início — fala diretamente para mim. — Não vou faltar com a palavra. Por mais insatisfeito que possa estar com as datas, nunca cogitei impedir a equipe de participar da expedição. A *Mountain* estará lá.

— Nu-nun-ca cogitou? Es-ta-re-mos? — gaguejo.

— Não sou um ditador, Juliet.

— Claro que não! — Sinto-me insultada e um pouco enganada.

Não entendo. Por que me deixou em dúvida todo esse tempo?

Dark continua impassível, mantendo distância de uma mesa entre nós.

— Bom... Acho que é isso! — Nick intromete-se.

—É sim. Boa sorte para nós — Dark diz finalmente.

Droga!

Quero ir até Dark, mas uma comoção geral se instala. A euforia toma conta. Risos e parabéns vêm de todos os lados. Assinamos os contratos, aos olhos atentos de Dark. Fran, Pietro e Cris me abraçam excitados, completamente em êxtase. Retribuo, não tão empolgada. Sinto-me como uma idiota por ter passado semanas no escuro.

— Só tem um ponto que não abro mão. — A voz de Dark corta as comemorações e estremeço. — Juliet não dividirá alojamento com ninguém, além de mim. Agradeço a oferta, Fran, mas as coisas mudaram. Acho que ficou claro. Minha mulher, né, Nick?

Não dividirei?

Apesar de surpresa, não consigo evitar e mando um olhar enviesado para Justine, daquele que diz:

— *Toma, vaca! Meu homem! MEU! Mim Jane, ele Tarzan. Juliet e Aless!*

Captou, otária?

— Claro como o dia! — Nick concorda com fervor. — Desde nossa primeira conversa, Alessandro. Mantive minha palavra, respeito total e...

mãos e olhos bem longe.

— Melhor assim — Dark continua sério. — Só mais uma coisa. Vão seguir minhas regras de segurança. As relações entre a França e o Paquistão nunca mais foram as mesmas desde o atentado em Paris. Estou preocupado com a instabilidade política.

Nick esfrega o rosto e sua expressão cai imediatamente.

— Também me preocupa. Aquilo em Paris foi terrível. Perdi um amigo naquela boate.

— Sinto muito, Nick. — Dark coloca a mão no ombro do francês, que apenas assente. — Tenho um colaborador na região, ele vem acompanhando de perto a situação por mim. Não precisaremos da ajuda do Kadeen. Quanto a falta de disponibilidade nas acomodações... — Dark olha para Justine. — Não sei quem são os seus contatos, senhoria, mas sugiro mudá-los. Bastaria uma ligação para saber que pedi que todos os chalés fossem reservados antecipadamente pra nós. Tanto a *Mountain* quanto a Patagônia terão acomodações e escoltas especiais. Já organizei tudo. Dois helicópteros também estarão à disposição vinte e quatro horas.

O quê? Pediu?

Então pra que todo aquele drama sobre a casa da vila?

— Tem um colaborador? Não sabia que tinha contratado mais alguém para a *Mountain* — Fran manifesta-se intrigado.

— Não contratei, Joshua só está me ajudando com alguns assuntos.

— Que Joshua? — Fran indaga.

— Só conheço um Joshua — diz com indiferença.

Meu radar apita.

Joshua?

Eu toda encafifada com os relatórios errados, querendo reunir os amigos e eles se falam?

Espio e Fran parece tão espantado quanto eu.

— Eu pensei, aquele dia no chalé do rio, você disse... — murmuro.
— Desde quando vocês dois voltaram a se...

Dark faz um gesto seco para que eu não continue.

— Não voltamos a nada, é assunto meu e não quero nem mais um pio sobre isso.

Grosso!



Dark

A reunião termina e minha cabeça está estourando. Meu cansaço mental está a nível mil. A paciência, zero. Espero não tão pacientemente até que todos saiam. Tenho vontade de subir em um pico e ficar isolado.

Falhei ao abrir sobre Joshua, merda! É passado, já esclarecemos sobre Alex e Paola e nem sei direito o que mais o cara quer comigo, além de uma nova chance no k2.

— Aless.— Juliet me chame suave.

Respiro para controlar meus monstros.

O que mais ela anda esquecendo-se de me contar?

— Agora não, Juliet.

Espero que ela siga os demais e me deixe sozinho, mas não o faz.

Teimosa pra cacete!

— Seja breve, tenho um monte de coisas pra resolver — disparo sabendo de que nada adiantará pedir que ela saia.

— Antes da reunião... Por que virou a cara pra mim? Posso saber o que foi que eu fiz?

— Reflita e me diga você? Não sou eu quem costuma esconder as coisas por aqui. — Minhas palavras são puro veneno e sei que a atingi.

Cazzo! Foda-se!

— Eu esconder? Aless, você já tinha resolvido tudo, reservado os chalés e nem me contou! Por que me deixou no escuro?

Porque queria que você desistisse e esperasse por mim, porra!

— Achei que fosse óbvio! — rosno.

— Não para mim, passei dias te perguntando! Que maldade! Kadeen é só...

— Deixa pra lá, é sempre a mesma ladainha — interrompo de saco cheio das lógicas dela. — Já entendi, você tá certa. Ele é só o amigo legal e prestativo e eu o namorado chato e ciumento. Satisfeita? Agora me deixe esfriar a cabeça, ok?

— Não quero ficar brigada com você. Precisamos conversar, tem tanta coisa que...

— Hoje não! Amanhã viajaremos pra Roma e teremos bastante tempo para conversar.

Me dói ver a carinha que Juliet faz ao se afastar. Mas é para o bem dela.

Estou tentando me controlar, porra!

Tenho andado irracional. Tudo nela parece estar mudando, se intensificando... O cheiro, o jeito, a energia... *Aaaaah!* Não sei o que é, mas

de uns tempos para cá, meus instintos protetores e possessivos em relação a ela triplicaram do nada.

Precisando de paz e de juízo, coloco a equipe para treinar novamente e mando Fran ciceronear Nick e Justine. Peço que lhes mostre as instalações da *Mountain* e da vinícola. Com Juliet rondando meus pensamentos a todo instante, agradeço quando Giovanni aparece com um problema em um dos tratores.

É disso que eu preciso! Distração!

Deixo a porra do DVD na gaveta e saio. Vai ser bom trabalhar pesado e por horas a fio. Cansar meus músculos, suar e colocar a raiva para fora sem precisar pensar em nada.



Juliet

Reviro a comida no prato, pela milésima vez.

— Judiação, minha querida. Fiz um suflezinho leve, por sua causa. Come só um pouquinho. Mal tocou no almoço, menina. Não pode ficar sem jantar também — Maria insiste.

— Será que está doente? — Pietro me analisa e enfia uma garfada generosa na boca.

— Vira essa boca para lá. — Cris bate no braço do namorado. — A doença dela é o chefe que saiu àquela hora e até agora nada.

Rafa resolve olhar para outra coisa, que não seja Kai em seu celular.

— Hummm, o que o anta do meu irmão aprontou agora?

— Está brabo — Fran se adianta.

— Novidade. — Rafa faz cara de tédio e volta a se entreter com Kai.

— Giovanni me ligou — Maria diz calma enquanto coloca outra rodada de suflê no prato de Fran e Pietro. — Penaram a tarde toda com o trator. Acho que ainda vai longe.

— Pelo menos, ele almoçou, Maria? — Angustio-me.

— Giovanni não disse, mas levei a comida. — Maria dá as costas.

— Não entendo — murmuro. — Estava tudo relativamente bem entre nós. Depois, do nada, Dark surtou e me virou a cara.

— Depois, na reunião, virou o capeta. — Fran ri e termina de raspar o prato. — Como se esqueceu de contar sobre a casa do Kadeen?

— Sei lá... só esqueci. — Descarto o jantar quase intacto. — Foi só uma ideia, nem sabia que a bandida da Justine iria entrar em contato. Faz um tempão que Kadeen ofereceu, nunca mais conversamos e Justine não me disse nada. Esqueci...

— Pensei que vocês duas fossem sair no tapa — Pietro fala angustiado.

Rafa finalmente larga o celular.

— Sério? Teve briga e perdi um babado desses?

— Não teve briga. Fran me segurou. — Suspiro ainda preocupada com Dark. — Aquela poodle da sedução bem que merecia. Oferecida de uma figa. Viram o jeito como ela esfregou o dedo nele?

Cris revira os olhos e termina a Coca-Cola.

— Desencana da mulher, amiga. Foi só uma briguinha de casal. Conhece a fera italiana, daqui a pouco ele amansa.

Sinto-me uma incompreendida. Ninguém liga para o meu drama amoroso ou para a francesa deduda. Nunca pensei que uma briga com Dark

poderia me deixar tão pra baixo.

— E sua mãe? Ansiosa para amanhã? — Fran muda de assunto e me puxa para a Terra.

— Quase doida. — Contraio o rosto ao lembrar-me das reclamações de Donna. — Peppe está enlouquecido com a nossa visita. Passou o dia inteiro na cozinha. Ao mesmo tempo que quer matar Dark... quer impressioná-lo.

— Só espero que não envenene o primo. Nossa sessão de fotos é na sequência. A gente vai de carro ou de helicóptero? Podia levar o DVD para assistirmos na viagem. Estou sem o meu.

— Sacanagem, magoei que não ganhei DVD. — Cris faz biquinho. — Só se lembrou da Juliet e da Rafa!

Sem graça, Fran ergue os ombros desculpando-se, enquanto Pietro beija a bochecha de Cris.

— De helicóptero. — Mal presto atenção na conversa. Meu foco não sai da porta. — Qual DVD?

Rafa finalmente desliga o celular.

— Qual? Do *Ultimate*, óbvio! Amei minha dedicatória. Para a deusa ébano! Brian mandou um beijo! O que escreveram para você?

— Para mim? O quê?

— Caramba, Juliet! A dedicatória! — Rafa revira os olhos. — Para de ficar olhando para a porta! O mano não vai chegar tão cedo!

— Não vi DVD nenhum. Quanto mais dedicatória.

— Como não viu? — Fran insiste. — Era um lance sobre alpinista sexy.

— Alpinista sexy? — Fico confusa. — Não vi nada.

— Como não? Deixei na sua mesa um pouco antes de você chegar.
— Fran bate na testa. — Puta que pariu! Coloquei bem em cima dos relatórios.

— Os que o Dark pegou? — Pietro quase engasga com o suco.

— *Dio!* — Cris coloca a mão na boca.

— *Madonna Santissima!* O mano não te esganou?

Hã?

Suspiro e dou um panorama em geral. Todos parecem aterrorizados.

— Que foi, gente? Esganar por quê? — respondo distraída e com os pensamentos longes. — Aless quieto me assusta muito mais.

— Juliet! Venha pra luz, mulher! — Cris se estressa. — Não prestou atenção em nada do que dissemos?

— Prestei, viagem, DVD, minha mesa, dedicatória... *Dio!* — Minha ficha cai. — Misericórdia, o DVD na minha mesa! É por isso a mudança de humor! Estou lascada! Maria, onde o trator quebrou?

Maria me olha e enxuga as mãos no pano de prato. Faço uma cara de por favor e junto as mãos. Ela joga o pano nos ombros e me encara contrariada.

— No canteiro norte — informa e pulo da mesa.

— Aonde pensa que vai? Está escuro! — Fran se exalta.

— Dane-se, preciso vê-lo! — Saio correndo sem pensar duas vezes.



29.2

Laços

Dark

Tiro o boné e com o antebraço limpo o suor que escorre na testa. O sol já se pôs há um bom tempo e ainda estamos aqui. As luzes dos faróis de três picapes iluminam o breu no parreiral. Lugar de merda para o caminhão atolar.

Primeiro o trator, agora isso!

O cheiro de diesel e de borracha queimada dos pneus atolados inundam o ar. Se não fosse pelo vento forte, que se infiltra varrendo as fileiras de parreiras, estaria insuportável de respirar. As folhagens ondulam em um balé melancólico produzindo um som angustiante.

Confiro, mais uma vez, a corda presa no para-choque. Fico satisfeito, os nós de alpinista não servem somente para a montanha.

Num impulso apalpo os bolsos da calça em busca do celular. *Cazzo!* Esquecendo que o deixei na *Mountain*, busco por ele a todo momento. Melhor assim. Lembro-me da doutora Morgan me aconselhando a respirar e a usar o controle que tanto domino nas montanhas. Minha raiva está muito menor agora.

Giovanni chega apressado, tão sujo de uva e enlameado quanto eu. Traz com ele os homens que irão nos ajudar no cabo de guerra contra o caminhão.

— Tudo pronto com os nós? — Checa minha amarração.

— Sim. Acho que agora conseguiremos — deduzo exausto.

— Vou posicionar os homens na corda. Giocondo assumiu a direção.

Faço um sinal de positivo. Visto as luvas de proteção e seguro firme nas cordas tomando meu lugar. Olho a montanha de uvas descartadas e restos de colheita que tiramos da caçamba. Na vinícola nada é descartado, usamos a própria fruta como adubo. Tivemos um trabalhão para descarregar o caminhão para aliviar o sobrepeso. A equipe da manhã vai ter uma surpresa quando chegar e se deparar com a bagunça.

Foda-se!

Só quero terminar logo e ir acertar os ponteiros com a Baixinha.

Checo se todos já estão em posição. Parecemos vikings prontos para puxar um navio.

Fixo o olhar no ponto onde a corda se prende ao para-choque. Mais homens se juntam a mim. Estou tão louco para voltar para casa, que até o cheiro dela começo a sentir.

— No três! — dou o comando.

— Um... Dois... Três!

Cravo os pés no chão e jogo o corpo para trás.

Caralho!

O caminhão trepida... trepida... trepida. Ameaça dar ré, mas não sai do lugar.

— Mais força!

Repito a contagem e com o novo tranco o bichão cede. Como um dominó, vamos nos chocando uns contra os outros e quase caio.

— Agora sim! Aiiiiii! É isso aí! — gritos de comemoração eclodem.

Estremeço e busco por o equilíbrio. Opa! Conheço esse *Aiii*.

Cazzo!

— Juliet?!

Busco ao redor para encontrar a Baixinha estatelada em cima da pilha de uvas descartadas. Ela tenta levantar e quanto mais luta para sair, escorrega se sujando toda.

Bufa e xinga ficando adorável.

Uma onda de calma disputa lugar com a raiva. Se não estivesse tão puto com a presença dela no meio desse bando de homens, a cena seria engraçada.

Corro até ela.

— Porra, Juliet! Aqui não é lugar para uma mulher.

— Para de ser machista e me ajuda!

A bichinha está irritada. Meu gigante, que a adora no modo irado, se anima. Subo na pilha de detritos e a coloco sobre os ombros.

— Ô mulher para dar trabalho! — esbravejo para camuflar a satisfação em vê-la.

Ainda tenho que estar puto, certo?

— Não daria trabalho, se não me atropelasse como um trem de ré!

Respiro fundo. Coloco-a no chão e apalpo. Sem ferimentos. Tiro alguns ramos presos em seu cabelo.

— Eu te atropelei? Nem te vi!

Seu rosto lindo transforma-se em desgosto.

— Percebi. Estava bem atrás de você e nem notou minha presença.

Dio! Mulheres!

Desde quando Juliet começou a ficar bipolar e magoadinha por tudo?

— Deveria ter me chamado. Não tive culpa.

— Estava concentrado. Não quis atrapalhar, então peguei na corda e ajudei.

Nem vou entrar no mérito da questão sobre o seu tamanho. Esses bracinhos delicados não foram feitos para puxar um caminhão. Aperto o topo do nariz e fecho os olhos. Respiro fundo em busca de sanidade.

Giovanni chega e avisa que vai liberar os homens. A equipe seguinte dará um jeito na bagunça. Giocondo começa a manobrar o caminhão em direção a um ponto mais estável. Puxo Juliet para um canto. Só me falta ser atropelada.

— Vai para casa. Chego lá e conversamos.

— O quê?

— Para casa, Juliet!

Dou de ombros e começo a me afastar. Os olhos curiosos dos trabalhadores em cima dela começam a me irritar.

— Todos dispensados! Perderam alguma coisa aqui?

Como ratos na enchente, começam a se afastar. Sinto um baque no meu traseiro. Viro e encontro a Baixinha bufando, com a mão na cintura.

— Por acaso, chutou minha bunda?

— Chutei.

— Posso saber por quê?

— Estou muito braba com você!

— Braba? Ah, é?

— É... Não pode me ignorar o dia inteiro.

— Estive ocupado.

— Está sugerindo que eu não estava?

Dio! Dai-me paciência.

— Não disse isso. Melhor pegar o JR e voltar. Essas manchas de uvas vão acabar com suas roupas.

— Estou me lixando para as roupas. E... o JR está em casa.

— O quê? É louca para vir a pé? É longe pra cacete, está escuro e tem cobra no meio da plantação! *Dio!* Como é inconsequente! Podia ter se perdido! Ouviu algum guisado? Sentiu uma picada, está tendo vertigem? Não se anda por aqui sem botas de proteção!

Pego-a pela cintura como um saco de batatas. Viro-a deixando de cabeça para baixo, levanto a barra da calça em busca de mordidas. Ela esperneia e tenta me morder.

— Para com isso, troglodita! Tirando a locomotiva que me atropelou, estou bem!

Satisfeito com a inspeção a coloco no chão. Seus cabelos estão uma bagunça e ela os ajeita, irritada.

— Não te atrolei. Você que chegou sorrateira.

Grandes olhos castanhos me lançam chamadas.

— Que legal! Agora a cobra sou eu! Sou muito idiota por vir aqui pra te dar a chance de se desculpar.

Tenho que rir. Rir, não! Gargalhar. Será que ela enxerga tudo que anda fazendo?

— Eu me desculpar? — Passo a mão no pescoço para aliviar a tensão. — Comporta-se como uma pirralha e eu tenho que me desculpar?

— *Maledetto!* — Juliet agacha e me joga um punhado de uvas, me

esquivo. — Sinto muito por não ter trinta ou a sua maturidade! Extrapolei, ok?

— Não gosto de segredos entre nós!

— Ah, não? E o Joshua é o quê, por acaso?

— Assunto meu — corto ríspido.

Vejo que a mágoa povoa os olhos de Juliet. Meu maxilar enrijece. Não estou pronto para ir por esse caminho com ela.

— Que bom que não confia em mim pra se abrir. Se só vê maldade, problema seu!

— Maldade eu vejo no mundo, caralho! Confio em você!

— Nossa, como confia! Sei que está puto por causa do DVD! Nem sabia sobre ele! Conheci um dos meninos da banda, por acaso e por dois segundos, em uma ligação do Fran com a Rafa. Sempre imagina o pior! — Sua voz sai enfurecida.

Normal.

Dois segundos superprodutivos. O *Alpinista Sexy* que o diga! Penso em jogar na cara dela, mas desisto. Resolvo ser superior. Mostrar que não me abalei como pensa. Quietamente, escrutino o belo rostinho. Ela pisca algumas vezes, bufa e sua expressão se fecha. Continuo impassível, o que a irrita mais. Com um movimento decidido, Juliet começa a andar em direção contrária a mim.

Bosta!

— Volta aqui! Nossa casa é para lá!

— Não! Minha casa é em Roma! Para lá!

Juliet nem se dá o trabalho de me olhar e continua a andar embrenhando-se entre as parreiras.

Bosta dupla!

Sigo-a lentamente, minhas pernas dão cinco das dela.

— Juliet Damaggio, nem pense em fugir... Volta aqui! — Falho em parecer impassível.

— Não! — Ela começa a correr e olha sobre os ombros para me desafiar. — Kadeen! Não falo com ele há mais de um mês! Quem acertou as coisas com ele foi a deduda da Justine!

— Caralho, como é teimosa! Volta aqui! Instalaram...

— Aiiiii, porcaria!

— Juliet! Puta que pariu! Falei!

Corro até ela.

Porra, bosta tripla!

Vixiiii, que isso deve estar doendo. Depois querem que eu fique calmo com ela sozinha no K2! Ela nem se mexe. Seus olhos estão arregalados e me encaram suplicantes sobre os ombros. Jogo o boné no chão e piso nele. Falo todos os palavrões que conheço e outros que invento na hora. Examino a situação.

Cazzo!

Tanto lugar para ela passar e vai direto para o arame farpado?

— Olha só onde se enfiou! — esbravejo, a falsa calma já era. — Esse seu gênio me deixa louco! O que faço com você?

— Para começar... Me tira daqui! Tá fincando e pinicando, caramba!

— Vai doer.



Com cuidado, ajudo Juliet a tirar a roupa. Ela não disse uma palavra

desde que a arranquei daquela cerca de arame farpado. Veio o caminho todo para a cabana, muda. Foi como desligar um interruptor. Não tive outro jeito, precisei puxar de uma vez. Doeu... Sei que doeu.

Quieta e sentada na cama, Juliet esfrega as mãos enquanto a banheira enche. É durona. Não vai dar o braço a torcer. Além da raiva, sei o que a consome.

— Tudo bem, pequena?

— Hum-hum...

— Quer um analgésico?

— Não. Desculpa, estava escuro. Quando vi, já estava enroscada.

— Relaxa. Por sorte a cerca é novinha, instalaram hoje.

Apenas me olha aflita.

Ajoelho-me diante dela. Termino de tirar sua calça jeans e a camiseta. O sutiã e a calcinha vêm em seguida. Gotículas de sangue marcam seu corpo. Odeio ver sua pele perfeita machucada. Passo os dedos nos furinhos da perna e barriga. As pontas dos meus dedos formigam com o contato. Tão macia e quentinha. Tão teimosa e cega.

— Não tinha ferrugem e os ferimentos são superficiais. Nada de pontos ou injeções antitetânicas. Vou só esfregar bem e depois passar um cicatrizante e um anti-inflamatório.

— Sem injeção?

— Nenhuma.

Sabia!

Sua expressão suaviza. Carrego-a para o banheiro e, enquanto entra na banheira, livro-me das minhas roupas. Estou sujo, acabado e esgotado.

Juliet estremece ao afundar o corpo machucado na água quente.

— Que droga! Por que eu sempre me estrepo?

— Porque é teimosa e muito impulsiva.

— Olha quem diz — devolve o elogio.

Estou muito cansado para brigas. Puxo Juliet fazendo-a se acomodar entre as minhas pernas.

— Está vendo. Esse é o ponto, Baixinha. Ambos somos teimosos e impulsivos... Primeiro surtamos, depois ouvimos. Viu o que fez na reunião? Pra que aquilo tudo? Nem reparei na Justine.

— Não interessa se reparou ou não! A folgada sentou no meu lugar, te tocou, flertou e, de quebra, mentiu sobre Kadeen.

— Não precisa ter ciúmes — suavizo ainda mais o tom.

— Ciúmes? Desconheço a palavra. É de comer?

Segurando o riso, cubro a esponja com sabão e começo a lavar seu corpo delicado.

— Não vou te criticar por ter ciúmes — insisto no tema com certo prazer. — Seria hipocrisia. Até gosto, me deixa vaidoso. Tem razão sobre o DVD, fiquei puto. Depois, mais puto por não me falar sobre a oferta de Kadeen.

Ela se agita. Mantenho o pulso firme no braço que estou ensaboando.

— Então falasse! Ser ignorada foi horrível. Prefiro que brigue, xingue e que diga que não gostou! Já falei, nada teve importância. Tanto que esqueci.

Concentro-me em limpar bem os arranhões.

— Juliet! Sou o que sou... Esse cara com problemas de controle, ciumento e possessivo. Já era assim e piorei depois do acidente. Dizer que

vou mudar é mentira. É da minha natureza, mas tenho tentado administrar. Preferi não brigar na *Mountain*. Deixar a poeira baixar... Imagina se fosse a Justine me chamando de *alpinista sexy*.

Ela vira, cravando os olhos em mim.

— Esganaria vocês dois.

Mordo o lábio. Ela toda ciumentinha é um tesão. Penso em calamidades climáticas para conter a ereção que cutuca as costas dela. Precisamos dessa conversa. Somos mais do que apenas sexo. Quero mais do que apenas sexo!

Dou um beijo em seu pescoço.

— Quis falar e te esganar... — começo controlado. — Acredite, mas me contive. Ando sobrecarregado com a colheita e as loucuras da minha mãe. Deixar vocês irem antes de mim é um esforço tremendo. Não só pela falta que vou sentir de você ou por ciúmes, acostumei com nossa rotina... Gosto de ficar ligado.

— Aless. — Sua voz suaviza. — Sinto até vergonha, mas cheguei a pensar que você daria um jeito de me prender aqui.

— Não faria isso, mas eu esperava que me esperasse. — Deposito um beijo em seu ombro.

— Desculpa.

— Tudo bem, me diverti com suas tentativas de sedução para descobrir minha decisão.

— É um ordinário. — Vira-se para mim, agitando a água. — Coitada da Tenente Damaggio. Podia ter sido demitida por isso!

— Se demitissem, Hunter contratava. Ele sente muita falta dela quando estão longe.

Seu riso doce invade o banheiro.

— Mesmo sendo um louco e irracional, também vou sentir sua falta. Sei que sou teimosa, imatura e que vivo contestando ordens. Detesto que me digam o que fazer, mas, por alguma força oculta e inexplicável... — titubeia e a abraço — gosto do seu jeito mandão. Sei que, no fundo, é só sua maneira de demonstrar afeto. Gosto de você, Aless. Precisa acreditar mais em mim.

— Acredito, Baixinha. Insegurança não é o problema. Nenhum homem te dará o que dou. Te estraguei, Coelhinha, te mostrei a perfeição. — Rio e aperto meu abraço. — Estou me fodendo para o Kadeen, o Nick ou esses roqueiros bostas... — minto. — Só não espere que eu vá deixar de socá-los se tentarem encostar um dedo em você. Só eu posso tocar ou beijar, ouviu? E hoje, por sua demonstração de posse, sei que pensa igual.

— Não foi posse! Só me irrita o jeito como as mulheres se jogam para você.

— Quanto mais nega, mais me apego. — Viro-a, sentando-a de frente para mim. — Sinta-se à vontade para defender seu território, Coelhinha. Vou fazer o mesmo.

Nós dois rimos e ela acaricia meu rosto.

— É por isso que está tão irritado? Por que não estará lá para defender seu território?

O silêncio paira, tiro uma mecha de cabelo caída em seu rosto. Reúno forças e digo o que mais me angustia:

— Um pouco... Talvez muito, mas o que mais me mata é saber que poderão precisar de mim e não estarei lá para socorrê-los.

Seus braços delicados envolvem meu pescoço e recebo um beijo doce na ponta do nariz.

— Aless, Aless, poxa vida. É um homem generoso e incrível.

Imagino que seja complicado para você ficar aqui enquanto viajamos, o que me faz admirá-lo ainda mais. Mas precisa confiar em tudo que nos ensinou. Fomos bem treinados, não somos amadores. Por mais que não queira, existirão momentos nos quais estaremos por nós mesmos. É um só, Aless. Não pode cobrir todas as bases. Seu pai precisa de você ao lado dele.

— Eu sei. Promete que vai se cuidar e não agir por impulso? Não quero chegar e te encontrar presa em outra cerca. Juro que, se me esperar, subo junto com você.

— Vou te esperar, Aless. Não me vejo no topo com outra pessoa.

— Somos um time, certo?

— Uma dupla muito boa.

— Muito boa o caralho! Fenomenal, a melhor dupla!

Juliet balança a cabeça e ri de um jeito que a faz parecer uma menina. Derreto-me quando me dá um beijo doce na boca.

— Sim... Nós somos.

— Fizemos as pazes?

— Parece que sim.

Não disfarço o desgosto e ela fica confusa.

— Estava planejando fazer você me perdoar com sexo. — Sorrio sacana.



Juliet

Sem pensar duas vezes, meto a mão na cara safada dele.

— A paz já era.

Sinto o olhar penetrante dele me atravessar.

— Juliet, Juliet! — Segura o riso. — Esse tapa fajuto só me deixou mais excitado.

— Esse era o plano.

Em meio a uma gargalhada, Dark sai da banheira e me traz junto. Encharcamos o chão e a cama onde aterrisa comigo em seus braços.

— Ai, ai... Tá me esmagando, seu troglodita!

Dark segura meu rosto e faz o que sempre me deixa com tesão: passa a língua devagarzinho pelo meu lábio superior. Eu gemo, ele lambe o inferior e depois suga a minha boca. Me contorço. Nossos corpos nus e molhados deslizam e sinto seu gigante mais atizado que tudo.

— Repete, se tem coragem.

A perspectiva de fazermos sexo e de senti-lo dentro de mim me excita. Minha respiração fica difícil.

Dio! Eu o desejo mais a cada minuto!

— Troglodita!

Dark se apoia em um só cotovelo, o outro braço agarra minha coxa dando mais espaço para a manobra que começa a fazer com seu quadril. Entra centímetro por centímetro, me escancarando e reclamando sua posse. Sorrio satisfeita, me abrindo mais... querendo tudo dele.



Está quase amanhecendo... Entre um cochilo e outro, ainda estamos aqui... O desejo dominando nossos corpos... Dark me fodendo gloriosamente, de novo e de ladinho... Sabe que me domina, e em um gesto possessivo, pressiona ainda mais nossos corpos. Inicia uma sequência de estocadas arrebatadoras e no ponto certo. Gozo baixinho e extasiada. Fico alguns minutos, recuperando o fôlego, só curtindo as carícias que recebo em meu cabelo e depois os beijos em minha nuca.

— Amo passar a noite perdido em você. É tão doce...

Derreto-me com suas palavras, estremeço quando sai de dentro de mim e não me surpreendo ao ser colocada de quatro. Sei que não gozou e conheço bem suas preferências.

Observo-o sobre os ombros. Estou ofegante, descabelada, suada e sempre louca por mais. Com a segurança e a superioridade de sempre, ele sorri.

— Tem ideia de quanto é deliciosa, assim, Coelhinha? Sua bundinha fica cada dia melhor.

Curto o elogio. Afinal, malho feito uma condenada. Sorrio me entregando ao momento, como uma boba. Ainda estou sob o efeito das ondas de prazer. Seu olhar me incendeia e ele passa as mãos pela lateral das minhas coxas. Logo abre mais minhas pernas. Sem pudor algum, rebolo os quadris pedindo mais, me oferecendo. Uma sobrancelha grossa levanta e ele sorri.

— Insaciável.

— Por você.

Estica-se e abre a gaveta do criado-mudo. Olho para ele, paralisada.

Dio! Simmm!

Gemo em antecipação, sei que está prestes a me levar ao limite do prazer. Virei uma insaciável e a culpa é dele! Perco a respiração quando pega meu novo amigo: o vibradorzinho.

Sua mão desliza da minha lombar até as costas, fazendo com que me apoie sobre os cotovelos.

— Gosta que brinco com ele em você?

Minhas dobrinhas mais íntimas se contraem e faço que sim com a cabeça. Meu peito sobe e desce de tão excitada.

— Te quero delirando, tomada de prazer tendo meu pau enterrado em você, ao mesmo tempo que brinco com meu precioso.

— *Dio*, também quero!

Meu coração acelera e fecho os olhos. Só de escutar essa voz rouca falando baixarias desse jeito, fico à beira do orgasmo de novo.

Vejo-o deslizar da cama e ajoelhar-se no chão. Já estou toda encharcada novamente. Dark me agarra pelos quadris e me aperta contra a sua boca. Sua garganta vibra contra minha boceta e sua língua começa a trabalhar. É como um ronronar... vibrando nas minhas Marias. Gosto disso. Fico louca por mais e mais. Ele percebe e me devora com avidez. Sua língua desenha meu clitóris e gemo baixinho.

Um dedo atrevido brinca com as minhas Três Marias, espalhando toda a excitação. Vai descendo até encontrar meu *prezioso*, deixando-o molhadinho e pronto. Ele para o ataque da boca e protesto pedindo mais e ele

dá.

Sinto quando enfia o brinquedinho lá. É pequeno e suave. Gira, entra e sai com cuidado. Depois, gira novamente, deixando lá dentro. A vibração começa, então não consigo mais controlar os gemidos e sussurros que me escapam.

Grito quando seu gigante me invade sem pedir licença. Afundo a cabeça entre os lençóis e choramingo de prazer.

Dio! Como amooo esse homem!

Ele me fode com o troço vibrando no meu traseiro. É meio depravado, mas é *tãooooo* excitante.

Cristo!

— Sim, sim, simmmm. — Perco-me.

Sou dele e ele é meu.

Ele mete com força... Dentro, fora, dentro e fora. Mais e mais... Forte e profundo. Meu corpo arde em luxúria, meu traseiro colide contra a pélvis dele, sinto suas bolas batendo. O negocinho vibrando...

Dio! Dio! Dio!

Um dia esse homem ainda me rasga por dentro de tanto prazer. Ouço seus grunhidos, sua respiração entrecortada. Parece perdido e tão entorpecido quanto eu. Mete, sai, mete, sai, dentro e fora, mete e sai.

— Goza comigo, Baixinha... Vamos juntos.

Nem precisa pedir, meu orgasmo já está rondando. Recebo uma sequência de estocadas firmes e, de repente, convulsiono de prazer, no mesmo instante em que o sinto estremecer atrás de mim. Mais uma entrada selvagem e ele urra de satisfação. Sua semente quente jorra, me aquecendo por dentro... Uma, duas... cinco vezes.

— Oh, oh, oh, oh, oh, Alesssss.

A vibração para. Meu amiguinho vai embora. Dark retira o pênis, relutante, como se não quisesse perder nossa ligação. Sinto o vazio. Instantes depois, sou virada na cama como uma boneca e ele deita sobre mim, apoiando nos cotovelos e me beija. Com fúria, forte e possessivo.

— Eu amo você, Juliet! — rosna em minha boca.

Estou tão tomada por ele... Tão extasiada, que não consigo articular as palavras. Só o beijo, com mais fúria ainda. Depois, me aninho e me embolo toda em seu corpão e apago.



O despertador do celular toca... Estico o braço e tato na mesinha de cabeceira até achar o ordinário. Pego com tudo e acabo derrubando-o na minha cara. Olho para a direita para ver se Dark presenciou o mico, mas estou sozinha. Nove horas! Coço a cabeça, os olhos e me espreguiço na cama. Odeio não acordar enroscada nele. Mas *amooo* o cheiro de panquecas e café que está inundando a cabana. Minha boca enche de água.

Gosto de Dark doméstico. Seus cafés da manhã são fantásticos. Espero que em nossa maratona sexual, eu tenha gastado muitas calorias. Acho que essa coisa de morarmos juntos me deu uma engordadinha.

Pulo da cama e sinto minhas dobrinhas íntimas doloridas. Corro para o chuveiro.

Uauuu! Vertigem! Cazzo!

Não deveria ter ficado sem comer. Capricho no banho e lavo os cabelos. Faço o ritual completo de cremes e perfume.

Estou ansiosa. Há quase sete meses, não vejo meus pais. Sinto-me uma desnaturada. Se não fosse pelo *Skype*, acho que teria esquecido de seus

rostos. Decido agradecer minha mãe e coloco o vestidinho e a sapatilha amarelos que me deu no Natal. Nos cabelos, uma faixinha porque sei que ela gosta quando estou mais menininha e vai ajudar com os cabelos no helicóptero.

Antes de descer, fico na dúvida. Mordo o dedo pensativa, olhando para a gaveta da minha mesinha de cabeceira. Penso, penso e penso. Quando Dark viajou a segunda vez para Mônaco, incentivada por *Nonno*, fiz uma loucurinha. Foi puro impulso. Quando vi, já estava comprando. Nossas conversas sobre comprometimento, tem-me feito pensar.

Desisti de mostrar quando Dark voltou para casa. Tive medo que pensasse que era mais uma das minhas artimanhas para descobrir sobre sua decisão sobre o K2. Então escondi.

Pego ou não pego? Pego ou não pego? Pego ou não pego?

Seja o que Dio quiser! Pego!

Desço e o encontro de pé e apoiado no balcão da cozinha. Meu coração que bate rápido, denuncia minha ansiedade. Ele vira e sorri. Há uma xícara de café em uma mão e um jornal na outra. Admiro as delícias da calça jeans de cintura baixa e rasgada e a malha preta que usa.

— Bom dia — murmuro.

Chego mais perto e dou um beijo no meu gostoso com sabor café. Quando vou sair, me agarra e dá outro beijo. Dessa vez, safado e demorado.

— Está linda.

— Caprichei. — Dou uma voltinha, passando a mão no cabelo. — *Mamma* me deu. Quero agradá-la e fazer bonito no estúdio de fotografia. Será que vai estar cheio daquelas modelos quilométricas?

Dark nem se dá o trabalho de responder. Só me manda um olhar de “*não-começa-Juliet*”. Reviro os olhos e sorrio.

— Fiz café. Coma alguma coisa. Daqui a pouco, o helicóptero chegará.

— Hmmm, delícia! Panquecas!

Esfrego teatralmente as mãos para que repare bem nelas, ele nem as nota. Apenas ri e continua concentrado no jornal.

Diacho!

Se fosse mulher já tinha reparado. Decido mudar a abordagem. Sirvo-me de panquecas, pego um chá gelado, sento e me delicio.

Quinze minutos depois, estou saciada, de dente escovado, pronta e mais ansiosa do que nunca. Dark já subiu e desceu com nossa pequena bagagem. Vamos passar apenas uma noite em Roma. Viajaremos para o Paquistão em sete dias, mil detalhes para organizar. Só de me imaginar lá, no meio de toda aquela neve, meu coração dispara.

Dio! Que emoção!

Minha Disney, lá vou eu!

Seguimos na RR, até o campinho de futebol onde o helicóptero já deve estar esperando. Passo a mão no rosto dele, mexo no som, ajeito o espelho, batusco no console e nada. Parece um pouco tenso. Já perguntei e me jurou de pé junto, que conhecer Peppe não o preocupa. Óbvio que não acredito.

Por mais seguro que Dark seja, ele é humano. Faz parte da raça tremer na base quando se vai conhecer os sogros.

Sogros?

Agora, eu é quem fico nervosa.

— Aless do céu! Dá pra parar esse carro? — Meu berro sai antes que eu possa segurá-lo.

Dark dá freada brusca e me olha assustado. A poeira da estradinha de terra levanta ao redor da RR.

— Que foi, porra? Quer me matar do coração?

— Nada — digo, emburrada.

— Como nada? — rosna tirando o cinto. — Por que gritou e pediu para eu parar?

— Você é muito insensível! Nem pra reparar!

— Insensível?

— Nada. Esquece.

Ele esfrega o rosto e puxa a barba. Examina-me, olha, olha e olha de novo. Coça a barba e olha mais uma vez, talvez, procurando antenas em mim.

— Reparar em quê? Já disse que está linda. Gostei até desse troço no cabelo.

TROÇO?

— É uma faixinha, não um troço! — Irrito-me mais.

Ele bufa.

— Escuta, Juliet, é só me dizer o que tenho que reparar, que eu reparo.

Cerro os olhos, odeio quando banca o adulto da relação.

— Não acredito que ficou meses me atazanando por causa dele e quando resolvo...

— Dele quem? Kadeen? — interrompe-me, já vermelho. — O que resolveu?

Dio! É uma anta ciumenta!

Já está pensando que tem homem na jogada. Solto o cinto. Abro a bolsa e encontro a caixinha vermelha.

— Isso! — berro jogando-a em seu colo. Depois, levanto minha própria mão direita e espalmo na cara assustada dele. — E isso! Não acredito que não reparou. Estou esfregando nas suas fuças desde que acordei!

Espero por uma reação, mas o homem simplesmente desliga. Sei que não é comum a mulher comprar um anel de compromisso, mas achei moderno. Significativo. Uma prova do quanto levo nossa relação a sério. Nada melhor do que usá-los no dia em que vamos oficializar nosso amor com meus pais.

Meleca!

Ele bateu tanto nessa tecla! Pensei que entenderia na hora.

Aos poucos, Dark sai do transe... Abre a caixinha, tirando o anel. Volta a me olhar... Abre e fecha a boca... Olha para o anel, para mim. Abre e fecha a boca... Olha o anel e me olha de novo. Pega minha mão examinando o par igualzinho ao dele, que estou usando. Um anelzão grosso e lindo de ouro branco.

Como ele não reparou? Escolhi o mais grosso!

Cristo, é impossível que não tenha entendido!

— Lê o que está escrito dentro — sussurro impaciente.

Ele lê:

♥ *Aless* ∞ *Juliet* ♥

Irritada pego o anel da mão dele.

— Se desistiu de usar, tudo bem. Posso devolver.

— Comprou para nós? Quando?

— Uns dias atrás, *Nonno* me ajudou. *Dio*, *Aless*! Pensei que fosse gostar! Olha a sua cara!

Ficamos em um silêncio incômodo, mas *Dark* continua com os olhos presos aos meus... Parece um fantasma... Ele segura minhas duas mãos, as deles estão frias. *Cristo*! Só me falta o homem ter um piripaque. Olho para ele em busca de um sinal de aneurisma. Desvencilho-me e toco seu rosto, está suando frio.

— *Aless*...

— Estou... Eu... porra!

Ataca-me em um beijo tão furioso que assusto. Não é um beijo comum. É intenso, urgente e tem entrega total nele. Sinto seu peito bater forte quando gruda a mim. Meu coração dispara e meu cérebro derrete. Me aperta, me puxa e me beija. Agarro-me a ele, acariciando seus cabelos.

Não sei como vou parar em seu colo. Nem como coloco os joelhos lado a lado do seu corpo. E muito menos em que momento ele rasga minha calcinha. Só me dou conta quando sinto seu gigante me brindando com sua glória. Ainda estou sensível pela noite intensa. Gemo baixinho, mas não ligo. Sinto-o entrar todinho em mim... Até o útero. Beijo e o cavalgo feito louca. Nada é dito, não precisamos de palavras agora. Nossos olhares, gemidos e sussurros dizem tudo.

Suas mãos agarrando meus quadris ditam o ritmo. Subo e desço, orquestrada por ele. Eu meto, ele mete, eu grito, ele urra. É selvagem e instintivo... É amor... É lindo. É magnífico. Sua mão desliza encontrando meu clitóris. Ele esfrega pequenos círculos ao redor do meu broto inchado.

— Tão bom! — Jogo a cabeça para trás, arqueando a coluna em êxtase. Abro a boca em busca de fôlego.

— *Juliet*! Te amo.

Dark empurra fundo, mexendo o quadril em um ritmo mais rápido, massageando meu clitóris para combinar. Meu corpo todo enche de tesão... Sinto-o tremer, assim como eu. Emociono-me e gozo. Grata pela vida e por tê-lo comigo. Sou tomada por uma coisa louca que faz meu coração transbordar de amor e meu peito aquecer. Entendo as palavras de *Nonno* sobre a esposa. Sobre o quão precioso é tudo isto.

— Te amo mais, Aless — sussurro extravasando o que está preso em meu peito e ele goza.

Percebo a respiração dele aquietar, quando gruda a testa suada na minha.



Dark

Meu coração quase para e volta frenético. Estou muito atordoado. Minha razão não acredita no que acho que acabo de ouvir.

— Diz de novo — peço com urgência.

— Te amo.

Sua doce confissão é minha glória. A porra da copa do mundo e de todas as conquistas dos picos mais impossíveis do planeta. Não me falta mais nada!

— Repete.

Ela sorri e me abraça.

— Te amo, Alessandro Salvatore Bolgheri. Agora chega de repetir, antes que eu me irrite e mude de ideia.

— Tá bom. Só uma última vez...

— Te amo. Te amo. Te amo. Satisfeito? — Aperta minhas costelas.

— Pra caralho!

Afundo minha cabeça em seu pescoço e aperto o corpo *mignon* querendo fagocitar nela. Fundir-me, virar um só. Seu cheiro me preenche. Seu amor me torna invencível e faço o que no meu mundo é uma falha grave: deixo as lágrimas rolarem em silêncio sem que ela perceba. Porque, caralho, estou feliz pra cacete! Minha mulher me ama e me comprou a porra de um anel como prova!

Enxugo os olhos em seu vestido.

— O anel.

— O que tem?

— Coloca em mim. Quero recolocar o seu também.

— Eitaaaa. Acho que na empolgação soltei e perdi — diz já querendo rir.

Gargalho.

Claro que ela perdeu!

Estamos lidando com Juliet aqui. Com cuidado, saio de dentro dela e cuido da Baixinha. Organizo-me, alcanço uma calcinha em sua mala. Reviramos o carro em busca do meu segundo *prezioso* preferido. Faço questão de seguir o protocolo. Sou um homem de tradições. Saímos do carro, ajoelho, coloco e beijo o anel em sua mão e ela faz o mesmo.



— Porra! Onde estavam? Estamos há mais de uma hora esperando!

Ignoro Fran, que salta do helicóptero vindo em nossa direção. Pego as bagagens trazendo Juliet bem protegida em meu abraço. Esperei a porra do

meu primo por dez dias e ele quer vir reclamar por alguns minutos?

— Dá um tempo, Fran — resmungo.

— Olha a cara de vocês! Estavam fodendo, né?

— Fran! — Juliet rosna e não acho graça. — Tudo o que precisa saber é que somos um casal oficial. — Levanta nossas mãos com aliança.

— Olha o tamanho desse troço! Não acredito que meu primo te obrigou a usar um desses! — exclama agarrando a mão de Juliet.

Ameaço bater no idiota, mas ele corre e volta a se enfiar no helicóptero.

— Para seu governo, otário — grito ao me aproximar —, foi um presente da minha mulher! Porque me ama! — estufo o peito para falar.

— Presente? — Fran gargalha atrelando o cinto e depois olha para Juliet, incrédulo. — Ama o Gigante? Esse daí? Está doente? — Aponta para mim.

Ajudo-a a subir, prendo bem seu cinto e me sento ao lado dela. Juliet abre um sorriso arrebatador.

— Hum-hum... Amo muito.

Fran olha para o céu e segura o queixo, pensativo. Depois volta a nos encarar.

— Caralho! E eu que não acreditava em milagres!

— Pois é, quem sabe role um milagre para você. — Juliet pisca e me dá um beijo na bochecha.

— Esse aí não tem mais salvação. — Retribuo o beijo. — E você, Juliet, é única e minha.

— Vai tirando com a minha cara, primo. Quero ver quando Peppe, o exterminador de pretendentes, souber da novidade.

O comandante dá o sinal. Seguro na mão de Juliet. O barulho ensurdecedor dos rotores começa. Redemoinhos de poeira se formam no chão, à medida que decolamos rumo a Roma.



A viagem seguiu tranquila, duro foi aguentar as piadinhas de Fran. Sorte que a Baixinha apagou assim que levantamos voo. Às vezes penso que meu primo foi adotado. Não pode ser um Salvatore!

Porra de cara chato!

— O troço tá frenético entre vocês, hein? A coitada tá até babando.

Olho a baba em minha camiseta e não ligo.

— Vai à merda — não grito, sussurro. — Fala baixo. Ela está cansada, só isso. Mesmo babada, é linda, né? — Sorrio para o rosto rosado e tranquilo.

As feições de Fran vagueiam entre agonia e nojo.

— Que *Dio* me poupe de me apaixonar e virar um otário derretido como você. Prefiro a morte.

— Se fecha, Fran. Está com inveja.

— Tô mesmo e daí? Vai me socar? — Arregala os olhos verdes.

— Sempre existe essa possibilidade, primo! — rosno. — Me irrita mais um pouco para ver só uma coisa!

Chegamos no heliporto de Roma, quase na hora do almoço. Xingo, Fran, mas o cara é competente. Duas Ferraris 458, *zerinho*, esperam por nós. Estava louco para pôr a mão em uma máquina dessas.

— Fico com a preta. — Minhas mãos coçam e a boca chega a salivar.

Fran joga a chave e a alcanço no ar. Passo a mão no capô apreciando a máquina.

— Uau! Que carro! — Uma muito sonolenta, Juliet, até começa a animar. — Vai me deixar dirigir, não vai?

— Não.

— Egoísta.

— Está com sono e o bicho é selvagem.

Amo Juliet, mas tem coisas que um cara não abre mão. Uma Ferrari é uma delas! Ignoro a cara emburrada no banco do passageiro. Seguro firme a direção sentindo a maciez do couro. Gosto do contraste da aliança prata contra o preto do couro. Sinto-me poderoso e foda pra caralho, acelerando pelas ruas caóticas de Roma.

— Confessa que fica com tesão de me ver pilotando um desses — provoco.

— Nem um pouco — resmunga e a encaro. Seus olhos dizem o contrário. Sorrio satisfeito, acelero mais e ela bufa. — Muito machista da sua parte não me deixar dirigir. Meu senso de direção é ótimo!

— Hum-hum... — Mantenho os olhos fixo na rua. — A cerca de arame farpado que o diga!

Um soco atinge meu bíceps.

— Como é besta! Vai jogar isso na minha cara para o resto da vida?

Sim, vou!

Gosto do “*para o resto da vida*”. Muito. Pisco para ela deixando minha resposta no ar. Quando passamos em frente à Basílica, beijo discretamente a aliança.

Grazie a Dio!

A casa e o restaurante dos pais de Juliet ficam em Monti, pertinho da Basílica Papal. É um bairro residencial arborizado, charmoso, bem localizado e próximo do centro histórico e de ruas comerciais. Bem frequentado por locais e turistas, por ser endereço certo da boa gastronomia, como o *PEPPE & DONNA*. Não é à toa que o bairro foi escolhido por Woody Allen, como cenário perfeito do filme *Para Roma com amor*.

Paramos as Ferraris em frente a dois sobrados geminados. Estava curioso para conhecer a casa na qual Juliet cresceu. Enorme, de tijolos aparentes e janelas com venezianas azuis. A fachada é recoberta por trepadeiras floridas e algumas árvores, damas-da-noite, fazem sombra deixando o ar em volta mais doce. Na casa maior, mesinhas lotam a varanda. Logo na entrada, garçons estão servindo a clientes sorridentes. Crianças correm entre as mesas, turistas e alguns executivos.

Um ambiente familiar. Divertido.

— Bom... Hora de enfrentar a fera — digo sem muita convicção.

Peppe e eu nunca mais nos falamos depois da fuga de Juliet para o *Oasis*. Ele cá, eu lá. No máximo, um “oi” quando Juliet conversava com eles na *Mountain* pelo *Skype*. Não estou nervoso... Só alerta.

— Animado?

A Baixinha me pergunta, parece ansiosa desamassando o vestido e arrumando o troço no cabelo.

Fran gargalha.

— Juliet. Um homem nunca fica animado para conhecer o futuro sogro.

— Ela perguntou para mim, Fran! Estou só curioso — digo por falta de palavra melhor.

Uma versão mais madura de Juliet aparece na porta. Tão bonita quanto a filha, um lembrete dos anos gloriosos que virão. Mesmos cabelos e sorriso. Pelo menos, alguém parece feliz em me ver aqui. Noto seus olhos brilhantes, fixos em mim. Donna acena nos chamando para entrar.

Respiro fundo.

— *Mamma* está vibrando. Acho que gostou de você! — Juliet pega minha mão e começa a me arrastar pelo pequeno jardim que enfeita as casas.

— Sou bom com mães, não com pais.

Ela breca e olha para mim.

— Ah, é? Com quantas mães o senhor já foi bom?

Sorrio. A Baixinha é mesmo a tampa da minha panela.

Ciumenta da porra!

Não deixa passar nada.

— É modo de falar. — Abraço-a e beijo sua testa. Sinto seu corpo tenso, então resolvo apelar. Tudo o que não preciso é de uma Juliet emburrada e um Peppe me jogando na cara que não trato bem a filha dele. — Amor, relaxa. Nunca conheci os pais de mais ninguém — desconsidero Paola.

— Amor?

Bingo!

Seus olhos castanhos brilham.

— Não é isso que é? Meu amor? — Esfrego o nariz no dela.

Um enorme sorriso se abre e sua cabecinha linda balança afirmativamente.

Tão linda!

— Vocês dois! Não fiquem parados aí, venham!

Viramos e Fran já está todo abraços e sorrisos para a mãe de Juliet.

— *Mamma!* — Juliet sai do meu abraço e corre.

— Ai, Passarinha, que saudades! — A mãe a abraça, depois a afasta segurando-a pelos ombros, dando uma boa examinada. — Está linda, meu bebê! Radiante! Corada! Vejo que Bolgheri tem lhe feito bem! Está até mais cheinha. Da última vez que nos vimos era pele e osso!

— Que exagero, *mamma*. *Dio!* Acha que estou gorda? — Juliet se apalpa toda. — Tenho treinado direitinho, mas as comidas da Maria e do DON são uma tentação.

— Está perfeita — intrometo-me porque posso e a acho perfeita pra cacete. Aproveito para cumprimentar Donna.

— Alessandro! Meu filho! *Dio*, como é alto!

Ganho um abraço e um aperto nas bochechas, o que me deixa desconcertado. Logo somos arrastados para conhecer a casa. Donna nos mostra todo o piso térreo. Clara, alegre e vibrante como mãe e filha.

— Peppe está no restaurante. Já mandei chamá-lo. Joseppe foi à Milão, alguma audiência de última hora. — Sorri carinhosa, como só uma mãe sabe fazer. — Vamos até a cozinha. Acho que o aquecimento global chegou até Roma! Os dias têm fervido por aqui. Alessandro e Francesco, queridos, fiz uma limonada!

Uau!

É uma verdadeira cozinha familiar, como na vinícola. Juliet parece brilhar nela. De repente, me pergunto se ela não gostaria de algo maior e melhor do que nossa cabana minúscula.

— Tem uma casa muito bonita, Sra. Damaggio — elogio sentando-me entre Juliet e Fran na bancada.

— Ai, por *Dio*! Me chame de Donna. — Nos serve copos recheados de gelo e uma limonada siciliana.

Um “*Hum-hum...*” ecoa em minhas costas.

Viro e encontro uma carranca grisalha. Sei quem é o homem barrigudo de olhos do mesmo tom castanho de Juliet. Um silêncio se instala.

O velho olha, olha, olha... Só avalia. Ele está vestido com roupas pretas de *chef*. Há um *PEPPE & DONNA* bordado em letras douradas sobre seu coração. Continua a olhar e a olhar.

— Até que enfim! — Donna alegre-se atrás da bancada. — Meninos, esse é...

— Sr. Damaggio, o PAI — Peppe adianta-se e apresenta-se com a autoridade de um senhor de castelo.

Levanto e a Baixinha corre para abraçá-lo.

— *Papà!*

O homem é uns bons quinze centímetros mais baixo do que eu, gosto da vantagem. Depois de abraçar longa e protetoramente a filha, Peppe cumprimenta Fran sem muita animação. Quando chega a minha vez, tento ser simpático.

— É um prazer, Alessandro. — Estendo a mão, mas o puto me deixa no vácuo.

Passa reto, indo abraçar possessivamente Donna. Ouço Fran rir baixinho e o fuzilo.

Também sei jogar e nunca perco!

Imito o gesto do carcamano mal-educado. Abraço Juliet de modo mais possessivo ainda. Os olhos do pai cerram em nós, indo parar na minha mão que aperta a cintura da Baixinha. Sorrio. Também sou dono de um

castelo.

— Até que enfim... o namoradinho deu as caras. Pensei que estivesse fugindo — ironiza.

Engulo em seco o namoradinho, mas não me abalo.

— Fugir jamais. Só muito ocupado. Esperamos vocês em Bolgheri — devolvo a indireta.

Sorrio como um rei. O dono do reino, que ele já não domina mais.

— Peppe! Não fale assim, o relacionamento deles é sério.

— *Mamma!* — Juliet pede.

— Relacionamento sério para mim é casamento! — Peppe rosna e alcança uma limonada.

— *Papà!* — Juliet implora.

Fran sorri apaziguador.

— Então está limpo, Sr. Damaggio! O lance deles é como se fosse.

— Fran! — Juliet repreende.

Boa, Fran!

Só observo, com os olhos fixos em meu oponente. Fran me fez um favor. Queria mesmo entrar logo neste assunto. Agora Juliet não pode me acusar de nada.

Peppe quase engasga. Em câmera lenta, coloca o copo sobre a bancada e volta a atenção para mim.

— Como assim, é como se fosse?

— *Papà*, o que Fran quis dizer... é que... que... que...

— Que sou bem mais do que um namoradinho, Sr. Dammagio. — Sorrio presunçoso. — Nós moramos juntos, dividimos o mesmo...

Um labrador alucinado aparece interrompendo-me, latindo histericamente e, em seguida, puxando o tecido da calça de Peppe.

Quero rir, mas me contenho.

— Salsicha! — chamo e o cachorro vem abanando o rabo em nossa direção fazendo festinha para Juliet.

— Traidor — Peppe rosna baixinho para o cão. — Que porra é essa de mesmo teto? Minha ordem foi de não se aproximar do quarto dela.

— Aless respeitou seu pedido, *papà*. Nem pisa no meu quarto. O mesmo teto é porque moramos todos na vinícola.

O quê?

Abro a boca para protestar, mas Donna olha suplicante para mim. Contenho-me. Ela sabe a verdade. Juliet me fez filmar cada canto da cabana para enviar a sua mãe. Disse que está feliz com o nosso relacionamento. Respiro fundo cem vezes. Por mais irritado que isso me deixe, não sou louco de ir contra uma aliada.

— Respeitou? — Peppe me encara em busca de um deslize.

— Dei-lhe minha palavra sobre o quarto.

Mantenho minha face de pôquer. Sou ótimo em blefar. Não concordo em esconder as coisas, mas Donna conhece o marido e a filha. Resolvo dar um tempo para que diga a ele do seu jeito.

— Não lhe disse, marido? Alessandro é um homem respeitador. Nossa Passarinha está resguardada. Desfaça essa cara amarrada e fique tranquilo! Como está o almoço? Os meninos precisam comer. Têm compromisso logo mais. — Donna sorri para o esposo e depois para mim, agradecida.

— Um pai só consegue ficar tranquilo quando tem certeza de que

sua menina não foi violada. Foi violada?

— *Papà*, pelo amor de *Dio*! — Juliet desespera-se.

Fran engasga com a limonada, denunciando um riso óbvio. Juliet e Donna soltam um gritinho e se apressam para bater em suas costas. O bastardo do meu primo está me saindo melhor do que a encomenda. As veias das têmporas de Peppe saltam. Ele me olha e vice-versa. Duelamos em silêncio. Permaneço impassível, no meu melhor quem-cala-consente.

Coço o nariz para que veja bem a aliança.

Peppe fecha os olhos, respira fundo e passa a mão trêmula pelos cabelos grisalhos. A cor do homem subiu uns dez tons. Espero a explosão, mas essa não vem.

Peppe busca por Donna, que continua a bater nas costas de Fran. Por sua expressão de raiva contida e dúvida, imagino que a esposa lhe tenha feito ameaças. Se ela for tão difícil quanto é a Baixinha, suspeito que ele esteja pondo na balança os prós e contras de um assassinato. Resolvo diminuir sua angústia.

— Respeito sua filha, Sr. Dammagio. Não faria nada para desonrá-la — peço licença, com uma voz propositalmente simpática, viro e vou ajudar a socorrer Fran.

Não vejo mais seu rosto, só escuto os rosnados e um “*Acho bom!*”.

Sinto seu olhar mortal em minhas costas.

— Espero vocês no restaurante — avisa antes de sair da cozinha.



31.1

Roma

Juliet

O restaurante está lotado como sempre. Sentamos à mesa reservada do *chef* e saboreamos a deliciosa comida que meu *papà* preparou. Ele é excelente, tem um dom culinário incrível. Impossível parar de comer. Delicio-me com a pasta ao *limoni*, minha preferida. Depois vou para o céu com os camarões grelhados e, por fim, me lambuzo com os *cannolis* de nata da *mamma*.

Olho para os meus dois homens preferidos no mundo e sorrio. Ainda parecem se odiar e o desconforto é palpável, mas pelo menos encontraram um assunto menos perigoso e neutro: o alpinismo. Dark ganhou alguns pontinhos elogiando a comida e meu trabalho no projeto da Patagônia.

Papà é um entusiasta do talento dos filhos. Os dois e Fran passam bons minutos falando sobre a nova expedição e relembrando aventuras passadas.

— Foi inteligente em não proibir que minha Juliet fizesse o trabalho.
Fico tensa.

Não, papà! Por esse caminho não!

Aperto a mão de Dark embaixo da mesa.

— Jamais proibiria, Sr. Damaggio. A realização pessoal da Baixinha

é a minha também — diz sério.

Sorrio com gratidão quando Dark termina de falar e me olha com carinho.

Tão bonzinho! O que um anel não faz!

— *Papà!* Alessandro é um homem muito justo. Sabe a importância do projeto para a carreira de todos nós — retribuo a gentileza.

— Sr. Damaggio — Fran resolve falar —, Dark não é só o melhor escalador da atualidade, mas é o líder mais consciente das necessidades da equipe que eu conheço. Ele pode ser exigente, durão, mas injusto nunca foi.

— Conheço bem a fama dele, rapaz. — Peppe o olha inquisitivo. — Sei que é um escalador habilidoso e controlador. Mas não concordo com o fato dele deixar a MINHA Passarinha ir sozinha. Se fosse assim tão preocupado com o bem-estar dela, os mandaria esperar.

Ouçõ Dark inspirar fundo e seu corpo tensionar.

— *Papà*, o Aless supervisionou tudo pessoalmente... — assim que começo meu discurso em defesa dele, Dark pede um minuto.

Ele se ajeita na cadeira e inspirando profundamente continua:

— Sr. Damaggio, não há nada mais importante para mim do que Juliet. Amo a sua filha como nunca amei ninguém na vida. Seu bem-estar me preocupa vinte e quatro horas por dia. Se eu tivesse opção, seguiria junto para o Paquistão. Acredite ou não, sou um homem de família... e meu pai precisa do meu apoio no momento. Queria ser dois, mas não sou. Sim, sou controlador e, acima de tudo, cuidadoso. Este assunto tem tirado meu sono, mas não a deixarei sozinha. Minha equipe toda estará lá. Só chegarei um pouco mais tarde. Confio nela e sei que irá se cuidar. Já conversamos bastante, Juliet não se arriscará a subir sem mim.

A franqueza das palavras de Aless me emociona. Chego a perder o

ar. Encosto minha boca em seu ouvido e sussurro:

— Eu te amo.

Ele sorri.

— Agora eu sei, Baixinha, eu sei — diz beijando minha testa.

Peppe assiste a cena pensativo. Olha... Olha... Coçando a cabeça.

— Quem garante que ela não vai desobedecer? Juliet sempre foi teimosa e independente — Peppe, por fim, abre a boca. Protesto e ele faz um gesto para continuar: — Cansei de conversar com ela e quebrar a cara depois.

Olho meu pai com vontade de matá-lo.

— *Papà*, isso não é justo! — protesto meio alto e os clientes nos olham curiosos.

— Justo ou não, essa é você, filha. Não sei se Alessandro sabe com o que estamos lidando aqui. Sua memória não é muito boa para certas conversas, Juliet. Principalmente, as que não lhe convém.

Que situação! O que ele quer? Queimar meu filme com Dark?

De repente, sinto-me como uma criança de cinco anos. Petulante, injustiçada e contrariada. *Não sou tão cabeça-dura assim, sou?* Indignada, eu cruzo os braços, mas tanto *papà* quanto Dark parecem não levar a sério meu chique. Estão presos em sua disputa pessoal. Tento levantar, mas Dark segura minha perna.

— Fica aí.

Sem saída, só observo.

— Acredite, sei bem onde estou me metendo. — Dark sorri de um jeito charmoso e quase malicioso. — Queira ou não, somos um casal, Sr. Damaggio. Esse anel não é uma brincadeira. — Ergue nossas mãos. — Conheço sua filha melhor do que imagina. Dividimos tudo e confio no que

decidimos juntos. Diálogo e confiança são importantes.

Quero rir do queixo caído do meu pai e matar Dark pelo dividimos tudo. *Mamma* suspira, Fran quase engasga de novo, eu reviro os olhos e Aless aperta mais minha perna. Quem ouve Dark falando, até pensa que nossas conversas são consensuais e pacíficas. Como é cara de pau!

— Dividem tudo, hum... — *Sabia! Me encolho. Papà* me olha furioso e depois dirige-se ao Dark: — Não estava brincando a respeito do porte de arma, Alessandro.

— *Papà!* — Agito-me e os clientes ao redor ficam em alerta.

— *Peppe!* — *Mamma* arregala os olhos e depois finge sorrir para as pessoas. — Não se preocupe, Passarinha, escondi muito bem aquela porcaria. Alessandro, é brincadeira dele.

— Não é não — *Peppe* afirma sério.

— Não tenho medo, Donna. Minhas intenções são as melhores. — Dark não perde a pose e a segurança. Até parece se divertir.

— Acho bom, Alessandro. Juliet é minha vida. Se souber que a magoou, não importa em qual montanha se esconda eu o encontrarei.

— Fique tranquilo. Não vai acontecer. Já disse que a amo. Não sou homem de me esconder, virei até o senhor se isso acontecer.

— Acho bom. — *Peppe* não parece muito convencido.

Segundos de um silêncio incômodo vêm.

— E você, garoto? Qual sua função na *Mountain*? — *Papà* desvia a conversa para Fran, que começa a discursar sobre a captação de patrocínio e a fundação.

Relaxo um pouco quando vejo o interesse real de *papà* sobre o trabalho feito com as crianças. Sinto a mão suave de *mamma* tocar a minha.

Levo um susto, meu coração dá um pulinho. Sinto-me pega no flagra. Desvio a atenção da mão de Dark que, sutilmente, acaricia minha coxa escondido sob a toalha de linho branco.

Mamma toca o anel em meu dedo e seus olhos brilham.

— Ele propôs? — sussurra excitada.

— É só um anel de compromisso — inclino em sua direção e falo baixinho. Não conto que fui eu quem comprou, até porque a insistência foi sempre de Aless. — É muito cedo para isso, *mamma* — sussurro.

Donna levanta e me puxa com ela.

— Vamos fazer um café. Em dez minutos lá em casa, pode ser? Vem, Passarinha. — Puxa-me mais ainda. Tento resistir, mas me obriga a levantar.

Dark pisca tranquilizador.

— Pode ir. Ficaremos bem.

— Só quero que vejam a cozinha e estarão liberados — Peppe diz orgulhoso.

Continuo indecisa. Não estou segura em deixar meus brutamontes sozinhos. Ainda mais com facas por perto. Fran começa a contar uma piada. Eles parecem se divertir com as palhaçadas dele. Cedo à pressão de *mamma*, *papà* não cometeria uma loucura em seu restaurante. Beijo o topo da cabeça do Gigante. Sorrio porque nunca tinha feito isso e olho feio para o *papà*, que me olha feito um cachorro pidão.

Dio! Como é ciumento!

Dou-lhe um beijo também.



31.2

Roma

Mamma abre a porta que interliga a casa e o restaurante. Eu a sigo até a cozinha. Gosto da sensação de aconchego e das lembranças de Julio e eu correndo pela casa. Há tempos não a via com um semblante tão feliz.

Tento sorrir, mas meus pensamentos ainda estão na mesa do restaurante. Aperto os braços em torno do meu corpo e inspiro profundamente, em um esforço de me convencer: *papà* e Aless são adultos e civilizados.

Mamma começa a preparar o café e a ajudo separando as xícaras.

— Desembucha, Passarinha. Está tudo bem? Tem alguma coisa aí nessa cabecinha te preocupando, o que é?

Mamma me fez uma boa pergunta.

Está tudo bem?

Às vezes, acho que sim; outras que não. Também venho me perguntando sobre tudo. Apesar de todos os percalços, estou mais do que feliz com Aless. Só que de uns dias para cá, meu coração aperta. Fico emotiva feito uma idiota.

— Está tudo bem. — Tento disfarçar.

Um aroma maravilhoso de café inunda a cozinha.

Mamma vira no balcão, pega o pano de prato jogando-o no ombro.

— Sei que tem alguma coisa, meu amor. Está decepcionada porque o

Alessandro ainda não te propôs? O anel é lindo!

— Não! Nada disso! Acho mesmo que é ainda muito cedo — nego porque é verdade. Toco o anel novinho em meu dedo. Casamento é a última coisa que passa pela minha cabeça.

— Não o ama o suficiente? Sabe, Passarinha, não existe tempo no amor. Seu *papà* e eu... — Abre um sorriso sonhador e cora. — Em um mês, estávamos noivos; e em quatro, casados.

— Eu sei... Eu sei... Eu o amo... — Deixo a arrumação das xícaras de lado sentando no balcão. — Mais do que deveria, até. Por ele deixei meus medos e todas as minhas regras idiotas sobre alpinistas de lado. A convicção sobre serem todos uns vagabundos... O perigo, o medo da morte.

As sobrancelhas perfeitamente delineadas de *mamma* levantam.

— Peppe entrou na linha. Quando chega a hora certa, o homem assenta. Não confia em Alessandro, ele tem dado motivos?

— Não! — Sinto uma necessidade de defendê-lo, apesar do início repleto de mulheres. *Dio! Por que fui puxar o lado ciumento de papà?* — Mas fico louca às vezes. Andar por Bolgheri é um inferno, as mulheres simplesmente se jogam para ele. Tem piorado muito depois do título de conde — solto a frase com certa ironia. — Foi perturbador, as notícias, as fofocas. Não podemos sair, que sempre tem alguma coisa sobre nós.

— É natural. Alessandro é um homão. — *Mamma* se abana com o pano de prato e me sinto vaidosa. Aless é um espetáculo mesmo! — E quanto ao título, só o torna mais interessante. Todos gostam de histórias que parecem contos de fadas.

— Estamos longe de ser um conto. — Reviro os olhos. — Não te incomoda, *mamma*? Todas aquelas coisas que falaram sobre mim?

— As fofocas? — É a vez dela revirar os olhos. — Quero matar um,

cada vez que leio um comentário maldoso. Mas sei que são frutos da curiosidade ou do despeito. Minhas amigas morrem de inveja. Uma filha condessa? *Dio!* Estou empolgada, isso sim! O que foi aquele vídeo do *Nonno*? Uma graça ele.

Não consigo deixar de rir. *Nonno* é uma graça, mesmo. Cada dia sou mais cativada por ele e suas loucuras.

— *Nonno* foi um dos melhores presentes que recebi. Tirando Zetta, tudo em Aless parece perfeito. É um bom homem e tem um bom coração. — *E um amante incrível e safado, que me deixa louca e me enche de tesão!*

— Sogra. — *Mamma* franze o nariz. Nunca se deu bem com vovó Peppa. — É só não se deixar intimidar, Passarinha. Deixe-a saber quem está no comando do coração do Alessandro.

— Tenho pavor de encontrá-la. Fez várias ameaças e me detesta porque acha que tirei o título dela.

Mamma vem até mim e segura minha mão.

— Estou te estranhando, Passarinha. Não te criei tão medrosa. Deixe a velha reclamar. Ela que se conforme.

— Está me recriminando por temer? Essa é boa, *mamma*. Vive me pedindo para largar a profissão.

— Sabe, meu amor. Continuo odiando o alpinismo. Não é fácil vê-la se arriscar por aí. — Faz uma pausa, volta para a pia e coloca mais água fervente no coador. — Mas sabe, ando frequentando um grupo de senhoras, mães viúvas de seus filhos. Precisava entender e aceitar. Uma mãe nunca se conforma com a perda do filho. Sempre depus toda a culpa do que aconteceu na montanha, mas estava errada.

Reparo que a mágoa costumeira não está presente em suas palavras.

— Errada? Não a culpa mais?

— Culpo o destino, a inexperiência, a fatalidade, mas... a montanha não mais. Sabia que a profissão que mais mata é a de lenhador? Acredita nisso, que loucura, né? Depois piloto e pescador. Sem falar no estresse da vida moderna, que de uma hora para outra, faz o coração pifar.

Penso em dizer-lhe que uma taxa de mortalidade de vinte e cinco por cento, no K2, não é lá muito animadora, mas me calo. Vê-la seguir em frente é maravilhoso. Meu coração entenece. Vai ser ótimo parar de ouvir todo aquele discurso antimontanismo.

— Então não tem mais medo?

— Lógico que tenho! — Apoia-se na pia e me encara. — Pavor, na verdade. O mesmo que tive quando te deixei ir a pé para a escola pela primeira vez. Só pensava nos *Es e Ses*: se fosse atropelada, se acabasse se perdendo... ou se te roubassem. O que estou querendo dizer, filha, é que sempre haverá o medo. Ele é consequente ao amor. É da natureza materna temer pelos seus, mas tenho que confiar.

Amor, amor, amor...

Tudo culpa desse bandido!

Arrepio-me e resolvo dizer o que mais me agonia. Respiro fundo e solto de uma vez:

— Morro de medo de que ele também morra, sabe — murmuro em um sopro. — Não suportaria perdê-lo, *mamma*, não como Julio. — Lágrimas silenciosas e há muito guardadas escorrem. — Tem horas que penso nessa possibilidade e é tão desesperador e sufocante. Não queria, mas Dark virou... Ele é... meu tudo.

— Owm, minha Passarinha. — Envolve-me em um abraço. — Errei com você, indiretamente a contaminei, não foi? Não pense assim! Alessandro, não é Julio! Nem você, Joseppe ou seu pai são! Cada um de nós

tem sua história e destino e meu coração de mãe diz que o de vocês é repleto de luz e amor. Não fuja do que está escrito, não adianta, não vai mudar nada. Que o que aconteceu seja uma lição de prudência, não uma sentença. A culpa não foi sua, nem de ninguém... liberte-se! Esqueça o passado, não se boicote. Vocês são bem treinados, cuidadosos e amam o que fazem. Seria o mesmo que eu me divorciasse de Peppe ou o impedisse de cozinhar por medo de que se corte ou de que o gás exploda.

— Credo, *mamma*, que exagero! Os assistentes é que devem temer as panelas voadoras. — A imagem de *papà* dando uma panelada em Aless vem como um flash. — Falando no *papà*, não entendo. Qual é o problema dele com Aless? Nunca implicou tanto assim com os meus outros namorados.

— Ciúmes, Passarinha. Você nunca falou dos outros como fala do Alessandro — diz com naturalidade e volta a cuidar do café.

— Falo dele normal — rebato ao ser pega de surpresa.

— Não fala não. Seus olhinhos chegam a brilhar de amor, Passarinha. É lindo de ver o modo como se tratam. Parecem encantados. Seu *papà* percebeu. Só está com medo de perder a garotinha dele.

Nem tenho como argumentar sobre o brilho no olhar, porque ultimamente tudo o que faço é admirar Aless. Fico até no lucro que *mamma* não tenha dito que praticamente, o devoro. Não sei como não desidrato o homem de tanto que seco aquele corpão delicioso dele.

— Peppe nunca vai me perder — digo o óbvio. — Já eu, não sei se serei perdoada quando ele descobrir sobre a cabana. Será que não seria melhor abrir logo o jogo? Aless está louquinho pra contar.

— Não, seu *papà* mal se acostumou com a ideia do namoro. — O nariz arrebitado de *mamma* franze indicando que ainda não é o momento. — Vá para o K2 e, quando voltar, contaremos a novidade. Peppe vai espernear,

xingar, quebrar algumas louças, mas vai sobreviver... Nem tudo precisa ser falado. Um casal precisa de intimidade e de seus segredos.

Meneio a cabeça, com minha consciência pesada querendo acreditar. Meu coração salta e enxugo as lágrimas ao ouvir a voz de Dark e de Fran despontando no corredor.

Mamma e eu só sabemos suspirar quando entram na cozinha.

— Tudo bem por aí? — Aless examina o meu rosto. — Andou chorando?

— Lágrimas de felicidade, Alessandro — *mamma* responde por mim. — Só uma mãe e filha matando as saudades.

— Matar saudades é bom. — Dark sorri carinhoso para nós.

— Querem um café? — ofereço devolvendo o sorriso.

Mamma está certa! Nada de me boicotar.

— Claro! Nos disseram que é aqui que servem o melhor café de Roma. — Sorri torto.

Caramba! Esse meu homem é charmoso demais!



Uma hora depois...

Aqui estou eu, parada diante de um Dark mais do que irritado. O estúdio inteiro foi reservado para a sessão de fotos da Diamond, o que me deixou bastante feliz. Era só o que me faltava, uma legião de top models se oferecendo para ele.

Já me irritei com o baixinho atrevido do maquiador e seu toca daqui e ajeita dali.

— Já disse que não! Se encostar mais um dedo em mim... Some daqui, porra!

Depois da milésima tentativa de passar pó facial, Dark expulsa o homem.

— Não sei onde estava com a cabeça quando aceitei essa papagaiada! — Dark esbraveja inclinando o corpo para se olhar no espelho.

Passa a mão na barba aparada, sofrendo como se tivessem lhe amputando um braço.

— No um milhão de euros que a Black Diamond está nos pagando — Fran fala em um tom profissional. Sorrio. Ele fica tão lindinho trabalhando. — Vou checar se já está tudo pronto. Tente não socar alguém, ok?

Fran se afasta e vejo Dark dar uma geral no estúdio.

Há um corre-corre de assistentes arrumando os últimos detalhes de iluminação. Grandes guarda-chuvas prateados são posicionados em frente a um fundo branco. O fotógrafo e o diretor de marketing da Diamond discutem quais detalhes dos produtos devem ser valorizados. Dark me olha e bufa parecendo louco para escapar daqui.

Aproximo-me, fico na ponta dos pés e dou um beijinho no rosto do Gigante. Estou toda, toda... cheia de orgulho.

— Está lindo, meu alpinista gato!

Seus olhos estreitam, me analisando.

— Está se divertindo com minha agonia, não está?

— Eu? Nunca! Estou é muito orgulhosa. De verdade. — Aproximo-me de seu ouvido. — E com tesão. Será que demora muito? — sussurro.

Dark sorri torto. Meio desconcertado, passa a mão pelos cabelos.

Um brilho divertido brota em seu olhar.

— Se me vir bancar o idiota te dá tesão, quem sou eu para te negar a gentileza? Só saiba que pretendo cobrar caro pelo espetáculo.



Dark

Um sorrisinho malicioso brota em Juliet. Sua respiração acelera e pronto! Minha virilha reage com a fantasia dela se rendendo a mim e pagando o favorzinho. Talvez a gente possa aproveitar a mudança de cenário e inventar alguma brincadeira. Ela ficaria linda como uma dessas ninfas romanas... Posso ser seu imperador! Meu pau incha com a ideia, tornando o jeans bastante desconfortável.

— Podíamos brincar de Império Romano — sugiro meio canalha.

Juliet agarra meu pescoço ficando quase dependurada. Envolver os braços na cintura fininha, trazendo-a para mais perto. Aproveito e mostro como o gigante está disposto. Ela geme ao sentir.

— Tenho uma ideia melhor — sussurra animada. — A gente podia brincar de VENON^[78] e você me devorar todinha.

— Puta que pariu, sim!

— É! Sim! Vamos para o hotel depois daqui?

Adoro o tom rosa que suas bochechas ganham quando fica excitada. Animo depois desanimo. Lembro-me da conversa com Peppe e balanço a cabeça com desgosto.

— Nada de hotel. Dei minha palavra de honra ao seu pai de que dormiríamos lá. Sua cama é de casal? As paredes são grossas? A casa me

pareceu bem sólida. — Arqueio uma sobrancelha questionadora e aperto mais o abraço.

— Meleca! Não deveria ter concordado — diz em tom acusatório e magoado.

Juliet sai do meu abraço e suas pequenas mãos vão parar na cintura.

Fico sem entender.

O que foi?

Tento ser um cara legal e a culpa é minha?

— Não tive saída. Peppe falou que Donna está sonhando com você em casa há meses. Não quis desapontar sua mãe. Estou louco para conhecer seu quarto.

Revira os olhos.

— *Papà* nunca vai deixar a gente ficar no mesmo quarto — sussurra ao notar que somos o centro das atenções.

Imito seu tom de voz sussurrante:

— Não?

— Aless! Óbvio que não! Se já não podíamos em Bolgheri, imagina aqui? — Suas avelãs arregalam. — Peppe não dá ponto sem nó. Te enrolou direitinho.

— Velho safado! — Coço a barba.

Não acredito que o carcamano me enganou.

— Esse é o meu *papà*. — As feições de Juliet caem desoladas.

Fran chega animado.

— Estão prontos para começar? Vamos. Coloque isso. — Entregame uma camisa e botas de montanhismo.

Sempre achei que o lance de modelagem era uma desculpa de boa-vida e dinheiro fácil. Mordi minha língua. A porra está mais para tortura.

Pah!

Flashes me cegam. Faz um calor dos infernos, embaixo das luzes do estúdio. Sem falar no baixinho metido a Picasso. O cara troca de câmera como se fossem pincéis. Mandão do caralho! Fica dando ordens sem parar. É um vire assim, senta, levanta, sorria e muda o figurino, que já está me dando nos nervos.

— Agora, cara de bravo!

Respiro fundo, essa é fácil. Fecho a cara e penso na *Mountain* e nas crianças da fundação.

— Isso! Como é *bello*! Já pensou em ser modelo profissional, Alessandro?

— Não! — rosno desconfortável.

— Com essa altura e esses músculos... — O baixinho se abana e o assistente entrega outra câmera. Os flashes recomeçam. — Benza *Dio*! Ficaria um espetáculo na passarela.

A porra do Picasso está dando em cima de mim?

Olho para Juliet sentadinha em um canto, ela parece se divertir.

Cazzo!

Não devia ter olhado. As pernas dela estão tentadoras cruzadas desse jeito. As imagino em volta da minha cintura... Meu pau sobe dolorosamente e não há nada que eu possa fazer para despistar.

— Nossa, que mastro!

Eu não ouvi isso!

Viro, furioso, para o fotógrafo.

— O quê? Repete!

Porra!

O nanico está vidrado no volume entre minhas pernas.

— O mas-mastro da iluminação, pre-precisamos ajeitar... — gagueja, colocando-se atrás do assistente.

Volto para Juliet e a diversão de segundos atrás, desapareceu. Ela vagueia entre minha virilha e o baixinho abusado. Agita-se na cadeira segurando firme nos braços de madeira.

Alerta vermelho!

Seu rostinho lindo começa a se contorcer igual ao da Valentina.

— Acho que já temos o suficiente! A sessão acabou. — A voz firme de Fran vem como uma boia de salvação. Meu primo é esperto, também conhece o lado Valentina de Juliet. Aceno para ele, agradecido.

— Concordo. Temos bastante material. — O diretor de marketing sorri satisfeito.

Em seguida, vira-se para mim com cautela. Permaneço no meio do estúdio... Indeciso entre quebrar a cara do fotógrafo ou levar na esportiva, inspiro e expiro. Devo parecer mais louco do que o demente em *Mad Max*.

— Obrigado, Alessandro. Passei a prévia para o Chouinard, ele pediu para lhe agradecer e pediu desculpas por não estar aqui hoje. Você já fez mais do que esperávamos.

— Fico satisfeito em saber. — Tento parecer civilizado e vou em direção a Baixinha.



— Pegue a direita na rotatória. — Indico com a mão.

Juliet acelera a Ferrari e vibra quando se dá conta para onde estamos indo. Como um homem esperto que sou, achei que ceder as chaves seria um bom modo de conter seu mau humor iminente. Quando exige que isolassem o estúdio, para evitar os ciúmes da Baixinha, não contava com a animação do fotógrafo.

O queixo da Baixinha cai e seus olhos acendem assim que entramos na cidade eterna. Ao longe está ele: o imponente e magnífico Coliseu.

— É sempre impressionante vir aqui! — vibra e eu sorrio com sua empolgação.

É de tirar o fôlego mesmo. Afinal, não é qualquer edifício que pode se dar ao luxo de ainda estar de pé, após 1.900 anos. Apesar da ação do tempo, dos terremotos e dos saques, o Coliseu é a prova viva do poder do Império Romano.

Alivio-me por Juliet estar usando um sapato baixo. Além da área do Coliseu ser enorme, o piso do anfiteatro é irregular e cheio de cascalhos e pedrinhas. Tudo o que eu não preciso é dela cheia de arranhões e machucados. Peppe seria capaz de me matar.

A hora da visita já passou. Falta pouco para escurecer. Indico o estacionamento privativo e Juliet manobra o carro com um olhar curioso.

— Pedi um favor — confesso. — Já estava na hora de curtir o lado bom de ser um conde italiano. — Levanto os ombros, sentindo-me meio idiota. Mas aquela coisa de brincar de Império Romano realmente me inspirou.

Saio do carro e dou a volta abrindo a porta do motorista para minha condessa. Faço uma reverência e lhe estendo a mão para entrar no clima.

— Andou burlando a lei, Sr. Conde? — provoca.

— Por você quebro qualquer regra, Coelhinha. Mas não se preocupe,

nossa visita é totalmente legal. Existem certas regalias para a nobreza. Nem todos gostam de se misturar. — Faço uma careta me sentindo ainda mais idiota.

Caminhamos até a recepção VIP. Tocamos a sineta e aguardamos. Juliet não parece muito confortável com as regalias, mas é o que temos.

— Não sou da nobreza, Aless. Podemos voltar amanhã e visitar o lugar como todo mundo.

— Ou podemos simplesmente curtir o momento e a privacidade. Não seja chata, Baixinha. Quero mimar você. Posso?

Seus braços indo parar em volta do meu pescoço mostram que eu disse as palavras certas.

— Gosto quando me mima.

Esqueço que estamos em um lugar público. Desabo minha boca sobre a dela, sentindo-a vibrar de desejo. Fico animado.

Deslizo minha língua por sua boca, traçando os lábios macios acariciando-os. Saboreio minha Baixinha ciumenta e ela relaxa soltando um suspiro ofegante. Firmo meus braços à sua volta ancorando-a. Nosso beijo continua... continua... e aprofunda. Nossas respirações se misturam.

Beijo-a sem parar. Cada terminação nervosa do meu corpo fica ciente do desejo interminável que sinto por ela. Minhas veias bombam forte, a cada gemido delicioso que dá. Ficamos ofegantes com os beijos que sugam nosso ar.

— Hum-hum, conde?

Xingando baixinho, afasto nossas bocas. Viro para a voz indiscreta que me obrigou a fazer isso. Minha primeira reação é rir, mas me contenho. Pelo som abafado que escuto reverberar na garganta de Juliet, percebo que está na mesma situação que eu.

— Sim sou eu e você dever ser Bernardo. — Esforço-me e consigo manter a voz impassível.

O homem, com óculos fundo de garrafa, mais magro que já vi na vida e vestido em roupas de gladiador, abre um sorriso acolhedor. Seu corpo pequeno e frágil parece perder-se entre o couro e a capa de época. O capacete dourado, com penas vermelhas e grande demais, samba em sua cabeça.

— Ave, César! — Levanta uma espada de mentirinha, nos saudando. Juliet aperta minha mão. Sei que está prestes a explodir em uma gargalhada. Aperto de volta pedindo controle. — Serei seu guia, conde. Por favor, me acompanhem.

— Obrigado, Bernardo. Essa é Juliet, minha mulher.

— Seja bem-vinda, condessa. — Juliet se agita e faz menção de protestar, mas o gladiador raquítico abre um sorriso maior do que a boca, demonstrando certa fascinação.

Minha Baixinha suspira rendida.

— Obrigada, Bernardo.

Sorrio por dentro. É bom ela ir se acostumando com essa pataquada de condessa. Seguimos o homem e entramos no monumento. Se ele não fosse tão frágil, meteria um tapa em seu pescoço, o idiota não para com os sorrisinhos bestas para cima de Juliet. Contenho-me, ela é uma mulher fascinante mesmo.

Uauuu!

Chegamos ao centro do anfiteatro. É ainda mais impressionante, totalmente vazio.

— Seguimos sozinhos a partir daqui, Bernardo.

A decepção estampa o rosto magro, mas me mantenho firme.

— Logo vai escurecer, tenho medo que se percam — insiste.

— Fique tranquilo. Somos bons em nos localizar — Juliet diz com voz doce. — Assim que terminarmos a visita, te encontraremos na saída.

Mal o guia sai, puxo Juliet em direção às galerias ao redor do gramado central. Ela solta um gritinho de surpresa.

— Pensei que iríamos explorar o lugar.

— A única coisa que pretendo explorar é o seu corpinho, meu amor.

— *Dio!* Aqui?!

— Por que não? Fique quietinha e siga as ordens do seu imperador.

— Ui! Ave, Dark! — debocha, mas me segue, animada, entre os corredores vazios das galerias antigas.



31.3

Roma

— **Vem, estou louco** para colocar fogo em Juliet.

— Você entrou mesmo no personagem!

— Está achando ruim, minha ninfa?

Juliet abre um sorriso. Aquele que me diz que está tramando alguma coisa. Sorrio de volta, estreitando os olhos. Não digo mais nada, minha intenção é clara.

— Para incendiar, senhor Nero, é preciso pegar!

Ela sai correndo. Seu corpo pequeno leva vantagem sobre o meu, em meio às colunas da arena. Entre seus risos e gritinhos, eu a caço. Persigo-a guiado pelo eco de sua voz nas pedras. Ela sobe em direção às arquibancadas do antigo anfiteatro. Sigo o rastro sonoro entre corredores e cubículos.

Quando dou por mim, estou contagiado. Rio animado. Não lembro a última vez que me senti assim, tão legitimamente feliz e realizado. Talvez, nunca tenha me sentido desta forma. A cabeça livre de preocupações... Focado apenas em nós. Essa minha italianinha esquentada é libertadora. Estou até agora nocauteado com o anel. Aquilo foi surpreendente e inesperado. Ver seus olhos brilhando e vê-la representar seus sentimentos no anel.

Porra!

É tão bom dizer abertamente o que sentimos!

A única coisa melhor do que expressar verbalmente o amor é fazê-lo. Juliet é tão aberta a qualquer experiência sexual, que minha mente vive na

ativa, desafiada a inventar novas aventuras para compartilhar com ela.

Canso da perseguição. Estou incomodado. A calça jeans estrangula meu pau para lá de ansioso. Ele pulsa forte pelo desejo insaciável que sinto por Juliet. Em um golpe de precisão cirúrgica, corto seu caminho, encurralando-a em um corredor.

— Peguei você!

Um “*Ohhhh!*” abafado escapa de Juliet e meu olhar vagueia por seu corpo, enquanto me aproximo.



Juliet

Madonna Santissima! Como ele fez isso? Olho para os lados, estou em uma sinuca de bico e sem saída! Ao meu redor, não há nada além das pedras milenares e uma abertura na parede, que faz vezes de mirante. Consigo vislumbrar a arena lá embaixo, mas é muito alto, impossível pular. Apreensiva, mordo os lábios. Fico em alerta e atenta ao Gigante, que se aproxima lentamente.

Suas esmeraldas fumegantes estão fixas em mim e há um sorrisinho no canto da boca. Não o sorriso louco de um Nero, mas o de predador sacana como o de Hunter.

Tô lascada!

— Gosta dessa coisa de gato e rato, Baixinha? — rosna sem desgrudar os olhos de mim.

Não respondo. Meu peito sobe e desce em expectativa. Nossas respirações, os passos lentos e decididos de Dark e o barulho abafado da

cidade lá fora, ecoam nas paredes históricas. Ele se aproxima e eu me afasto. Minhas costas batem na parede de pedras frias e o vento, que entra pela abertura, bagunça meus cabelos.

— Se está pensando em um jeito de escapar, esquece. Sem saída pra você.

Dio!

Ao mesmo tempo que quero dar na cara dele, tenho vontade de puxá-lo e lamber seu pescoço arrogante.

— Não vou fugir, mas também não vou me render.

— Ficaria surpreso se o fizesse. É muito arisca pra ser domesticada, Coelhinha. Gosto de você selvagem.

— Esse troço de ninfa submissa não é pra mim.

— Submissão é para os fracos. — Sorri malicioso. — Sou bem resolvido, não preciso de ninguém abaixo de mim. Te quero ao meu lado. Mulheres dóceis são entediadas. Gosto da sua personalidade única e da adrenalina maluca que você me traz.

— Pensei que me quisesse obediente? — provoco a centímetros dele.

— Obediência só na *Mountain*. Prudência na vida... sempre. Sua insensatez me dá nos nervos.

— Então empatamos. Sua mania de controlar tudo me irrita.

Ele gargalha.

— Sou controlador, nunca neguei. Não espere que eu mude.

— Novo empate. Pode tirar o cavalinho da chuva se espera o mesmo.

A brisa sopra trazendo o cheiro de Dark. A chave do meu tesão gira

automaticamente aquecendo meu sangue. Minhas sinapses despertam. A boca saliva e meus mamilos endurecem. Vagueio o olhar pela virilha privilegiada. Meus pelos eriçam em uma reação instintiva que tem se intensificado nos últimos tempos. Impressionante. É como se uma corrente invisível ligasse todas as minhas células e nervos a ele. Eu o sinto e desejo mesmo sem vê-lo. Está impregnado em mim.

Nada é dito. Nem precisa. Nossos corpos se atraem. Dark une nossas bocas com força. Eu me perco e me entrego. Há ciúmes em seu beijo. Nunca vi um homem com tanta habilidade, sabe os ângulos e os movimentos exatos para me deixar completamente entorpecida.

Só de pensar na maravilha que é, aperto *A Bunda* com força.

Meu!

Ele afasta as pernas diminuindo nossa diferença de altura e desliza as mãos por minhas coxas. Quanto mais me toca, mais arrepio. Beijo-o com afinco, na tentativa de abafar um gemido.

— Vire-se, Baixinha. Apoie as mãos na beirada do mirante — sussurra em meus lábios.

— Alessandro, não podemos.

— Por que não?

Gesticulo ao redor mostrando o óbvio.

— Estamos em um lugar público.

— Privacidade é uma dádiva, mas, como tudo, tem preço. Está segura. Vai ser nosso segredo. Mais um acontecimento épico a ser guardado por paredes tão cheias de história. — Sorri indicando uma quina no teto. — Câmeras de segurança desligadas.

Confiante em suas palavras e tomada por um desejo angustiado e

urgente faço o que pede. Sou imprensada contra a parede... Cada átomo de sua musculatura bruta me atíça. Da abertura, na altura dos meus ombros, vejo, lá embaixo, o anfiteatro deserto. Magnífico com os últimos raios de sol incidindo sobre suas pedras claras. Ofego quando Dark circunda minha cintura nos juntando ainda mais.

A respiração pesada, que esquenta minha nuca, é um convite à rendição. Com a língua, Dark instiga o lóbulo da minha orelha. Depois, cheio de safadeza, chupa meu pescoço. Uma onda de adrenalina explode deixando-me trêmula e mais desejosa. Arquejo quando tateia minha barriga, desliza a mão e sobe o tecido levinho do vestido. As pontas ásperas dos dedos resvalam meu baixo ventre avançando os limites da calcinha. A sensação é tão boa, que deixo escapar um gemido entrecortado.

— Quero esses dedos perversos dentro de mim... já — sussurro.

Empino a bunda abrindo mais as pernas, dando-lhe acesso irrestrito.

— Vou te fazer gozar até sua boceta implorar pra ser preenchida.

Ah! Se ele soubesse, ela já está implorando...

Se eu pudesse, vivia com seu pau grande e grosso dentro de mim.

Um *crap!* e estou livre da calcinha que sai sem eu saber para onde. Dois dedos traçam minha abertura. Com um talento nato, Dark escancara minha nudez, abrindo-me com facilidade até tocar o clitóris. *Aaaah...* Instiga-me girando, provocando, pressionando... Lentinho, lentinho e *Ooooooh...* Cai para dentro. Fecho os olhos com a superestimulação.

— Sempre molhada... Ah, porra! Delícia de mulher! — Recolhe e espalha minha umidade por sobre o clitóris pulsante.

Seus dedos nervosos batem dentro e ao redor da vulva. Gemo de prazer, embalada pelos sons de minha boceta melada sendo instigada, instigada... e instigada. Cada vez mais rápido e forte.

Maledetto!

Sabe direitinho como acionar meus gatilhos.

Rebolo cavalgando em seus dedos, até ser içada e ter meu corpo virado e erguido facilmente. Minhas costas grudam na pedra fria e meu coração dispara. Não sei como, mas com uma habilidade impressionante, Dark me suspende no ar e fico com as pernas em seus ombros. Minha intimidade escancara, toda aberta, em seu rosto.

— *Dio, Cristo!*

Espalmo o teto baixo em busca de equilíbrio. Estou confusa e no alto. Ouço apenas um som gutural escapar dele, antes da boca canibal me abocanhar.

Subo e desço com as investidas. Quase bato a cabeça no teto, mas não ligo. Dark chupa meu clitóris com avidez divina e suas mãos apertam meu traseiro como se quisessem nos fundir. Sou fodida por sua boca e língua de formas inimagináveis... É quase animal... Primitivo até.

Ele toma fôlego, busco por ar, mas o perco quando sua língua volta, deslizando lânguida circundando minhas Três Marias. Lambe, suga, prova, invade... instiga. Com grunhidos de satisfação, pressiona o dedo do meio em meu *prezioso* e grito de prazer quando o penetra. Nunca imaginei que pudesse ser tão bom ser estimulada lá. Chupa... Enfia... Chupa... Enfia...

— Isso... Isso... Gostoso — ronrono.

— Oh! Baixinha. Você cheira a sexo e tesão — rosna chupando e enfiando mais... e mais... e mais.

É tão... tão... Aiii... Pulso em libertação, minha vagina suga a língua atrevida dele. Outro movimento inesperado vem e meu corpo desliza sobre o dele. Pernas em torno de seu quadril. Desconcertada vejo que sua calça foi abaixada.

Quando?

Eu o encaro e seus olhos queimam de luxúria. Sua boca e barba estão úmidas... de mim. Meu olhar baixa para o pau grosso em posição de sentido e desavergonhado entre nós.

Ofego, ele ri.

— Está em chamas — diz com malícia e satisfação.

— Estou sempre em chamas pra você — ofego mais um pouquinho.

Ele esfrega a glândula contra minha abertura e espasmos de prazer tentam trazê-la para dentro. Enlaço seu pescoço, não consigo dizer nada, só... querer. Fecho os olhos, minha cabeça pende para o lado e deliro quando desliza para dentro, me abrindo inteirinha para ele. Centímetro por centímetro, grande, grosso, viril e quente.

Afundo a cabeça em seu pescoço para esconder as lágrimas. Nossa conexão é avassaladora. Não sei como aconteceu, mas aconteceu. Amo esse *maledetto* com todas as minhas forças. A princípio, a compatibilidade sexual me fascinou, o corpo absurdo dele é um presente dos deuses, mas depois, debaixo dessa carranca séria e emburrada, vi o coração amoroso e generoso. Um homem capaz de se doar por todos. Meu Alessandro, meu conde, meu Gigante... Meu amor.

— Isso, se abre pra mim.

Dark me leva à loucura. Entrego-me e deixo que me foda na intensidade Dark Power. Mete... Mete... Mete... Mete. A cada estocada, meu corpo é lançado para cima e minhas entranhas contorcem de satisfação. A fricção de seu pau exigente entrando e saindo me deixa ainda mais molhada e cheia de tesão. Entra e sai com tanta força, que quase me quebra. Mas sou guerreira e louca por ele, então recebo tudo... mais... mais... e mais.

Não sei quem fode quem e minhas feminilidades contraem

ordenhando Dark. A cabeça de seu pau cutuca meu útero e a base roça no ponto exato dentro de mim, aquele que libera ondas poderosas de prazer da minha cabeça às pontinhas dos pés. Cavalgo meu Gigante como uma amazona ensandecida. Os sexos roçando, os grunhidos roucos e as respirações pesadas compõem minha melhor ópera... O nosso dueto.

— Aleeeeeess...

— Amor...

Ouvir amor dito no tom masculino e potente de Dark me nocauteia. É como um uísque me esquentando e derretendo os miolos. Gemo e chupo seu pescoço. Ele grunhe... Seus quadris inclinam impulsionando mais. E mete, fode, come e transa com uma fúria...

Segura meu traseiro e sei que vou ficar marcada. Não me importo. É o Aless. A respiração dele fica cada vez mais pesada e seu ritmo, frenético e fora de compasso. Já estou em um gozo contínuo, as ondas de prazer explodem, vão e explodem novamente. Múltiplas e intermináveis pulsações.

Meu delicioso!

Quando os primeiros jorros fluem, agarro com força os braços de Dark apertando minha virilha contra a dele. Um após o outro... quente, viscoso e me preenchendo. Seu urro engasgado ecoa pelas paredes de pedra do Coliseu. Gemo baixinho entoando uma ladainha de Aleeeeeess...

— Sou cada dia mais louco por você, minha Baixinha espevitada.

— *Dio*, o que foi isso? — suspiro ainda agarrada a ele. — Eu te amo, Gigante.



Sair do Coliseu foi um parto. O gladiador Bernardo e seu sorrisinho de “*eu-sei-o-que-vocês-dois-aprontaram*” quase fez Dark partir para os

finalmente. Por pouco, o magrelo não conheceu a versão locomotiva descarrilhada dele. Depois, a briga pela calcinha.

— Não adianta ficar com essa cara, Aless. Não tenho culpa que estraçalhou minha calcinha! — Olho feio ao entrar na Ferrari. — Aliás, onde ela está? Não me diga que deixou largada lá!

— No meu bolso — bufa dando partida.

— Me dá.

— Não, lembrança de Roma. — Acelera. — Vou começar a andar com uma calcinha extra no bolso.

— É só parar de destruir as minhas.

— Como se isso fosse possível — constata sério. — Perco o controle quando te fodo. — Solto uma gargalhada, ele me encara. — Que foi? Tá achando ruim?

— Opa! De jeito nenhum! — Abro um sorriso. — Quanto mais descontrolado, melhor. — Ele para em frente a uma farmácia. — O que está fazendo? — Estranho, depois me preocupo. — Tá passando mal?

— Não sou só eu que perco o controle. Preciso arrumar um troço pra esconder essa chupada monstro. — Vira o pescoço mostrando o estrago e não sei se choro ou rio. *Que horas fiz isso nele que não lembro?* — A última coisa que eu quero é ter um Peppe armado em cima de mim.

— *Dio!* Desculpa! Tenho base na bolsa, posso dar um jeito nisso. — Prontifico-me pegando a bolsa.

— Nem morto vou passar maquiagem! Pode guardar essa merda.



Meia hora depois, chegamos à casa de meus pais. Dark com um curativo ridículo para torcicolo e eu com uma calcinha descartável, mais

ridícula ainda, que ele me obrigou a colocar.

Foi só pormos os pés na sala da minha mãe, para sermos atacados por uma tia Rivoleta, mais do que empolgada.

— *Dio! Dio!* Como você cresceu, *bambina!*

— Que exagero, tia! Nos vimos no Natal! — digo presa em seu abraço esmagador.

Os olhos dela triplicam ao me soltar e ver Dark!

— *Dio Santo!* É homem pra mais de metro! E como é *bello!* — Ela o agarra sem cerimônia. — Donna, você não exagerou, o homem é um pão! Como é másculo! — Empolga-se ainda agarrada a ele, apalpando seus braços.

— Rivo! Contenha-se, mulher! — *mamma* intervém.

— Tia Rivoleta, tem uma hora que o abraço acaba. — Agito-me pronta para intervir. — As pessoas costumam abraçar e soltar, sabia?

— Que vergonha! — exclama minha prima, agarrada ao marido.

— Rivoleta! Dá pra soltar o rapaz?

Viro agradecida para o tio Félix, que vem me cumprimentar. A cada dia que passa, ele fica mais parecido com o Homer Simpson. Tia Rivoleta, com seu cabelo azulado, não fica atrás da Marge. Finalmente, ela desgruda do meu Gigante todo sem graça.

— Olá, rapaz. Peppe me contou sobre a expedição. Parabéns!

Dark me abraça protetor.

— O mérito é todo da Juliet. — Aperta a mão de meu tio e eu me encho de vaidade. — Foi ela quem desenvolveu o sistema que será implementado no K2.

— E eu não sei? — Félix ri com gosto, balançando a barriga enorme.

— Peppe passou a tarde toda se gabando, no restaurante, da inteligência da *bambina* dele. Os clientes não aguentavam mais — gargalha.

— Que tal deixarmos os dois respirarem, um pouco? Passaram a tarde toda enfurnados em um estúdio de fotografia. Cadê o Francesco? Alessandro é modelo, Rivoleta!

— *Dio*, mas é *bello* mesmo! Homão! Esses braços! — Empolga-se novamente, levando a mão ao rosto enquanto seca o traseiro do meu Gigante. Me contorço. — Estranharia se não fosse! Foi de cueca?

— Se fecha, mulher! — Félix perde a esportiva.

— Perguntar não ofende, marido! — Dá de ombros.

— Não sou modelo. Fran que é. Foi só um trabalho com um dos nossos patrocinadores. Troço chato!

Assim que Dark vira, os olhos de *mamma* crescem três números.

— *Madonna Santissima!* O que foi isso em seu pescoço, filho?

— Mau jeito nas fotos. Nada grave — explico apressada.

O *maledetto* me olha divertido.



A próxima hora é um suplício. Tia Rivoleta quase destroncou minha mão de tanto apreciar meu anel. Até foto quis tirar conosco. Mais com Aless, é verdade. Convidou-se para visitar Bolgheri e nos convidou para passar as férias em sua casa.

— Alessandro, Juliet te contou que assassinou o Plutão?

— Tia!

— Mãe?

— Quem é esse Plutão?

— O galo que dei a ela. Era um pinto na verdade — gargalha. — Mas tinha potencial, o bichinho. Sei reconhecer um galão quando vejo um. — Seus olhos brilham e eu me agito. — Juliet cismou que pra voar, ele só precisava de um incentivo. Amarrou uma corda no pescoço dele e jogou o coitado no precipício. Morreu enforcado na hora, o coitado.

— Tia, eu tinha cinco anos! — Olho brava para Dark e tio Félix, que riem de mim. — Como iria saber que o bicho não podia voar! Pra mim era tudo passarinho, poxa vida!

— Ela já te contou da obsessão dela pelas armas perigosas?

— Tia!

— Mãe! Dá pra fechar essa matraca?

— Que armas perigosas?

— Nada não, meu filho. Rivoleta delira, às vezes. — *Mamma* ri, não achando graça. — Venham, preparei um café reforçado. Já, já, o Peppe chega do restaurante.

Enquanto Dark, tio Félix e o marido da Ginna se entretêm com um jogo do Milan, coloco o papo em dia com minha prima. Finalmente, posso respirar. *Mamma* arrastou tia Rivoleta para ajudá-la na cozinha.

— *Madonna Santissima!* Esse seu Alessandro é um gostoso! É sério mesmo, entre vocês dois?

— É sério. Moramos juntos e tudo. Ele me deixa doida, prima. Quando vi já estava toda enroscada.

— E quem não se enroscaria? — Cutuca-me animada. — O homem é um espetáculo! Meu Giorgio que me perdoe, mas esse seu Aless... Ai, ai, ai... Aposto que tem uma arma perigosa daquelas! — Sorri maliciosa.

— Nem me fale — cochicho. — Aquilo ali é um atentado ao pudor.

Uma arma terrorista, criada para acabar com os meus miolos. — Correspondo o sorriso. — Uma Dark MIPP – 31 tiros por segundo! — Arregalo os olhos e me abano só de pensar.

— *Dio*, me abana! — Ginna brinca. — Que orgulho de você, prima. E o casório?

— Bate nesta boca! Tá bom como está! — Reviro os olhos. — Sou louca por ele, mas casamento nem passa pela minha cabeça. Melhor deixarmos as coisas como estão. Estragar pra quê? A mãe dele é o diabo e me odeia. Está passando por um divórcio litigioso. O maior escândalo. — Olho para ver se Dark não está escutando.

— Eu vi, menina. Trocar um conde charmosão por aquele médico ridículo. A mulher é louca?

— Deve ser. Até agora, consegui escapar dela. Perdeu o título e me culpa por tudo. Acha que fiz a cabeça de pai e filho para eu virar condessa. De jeito nenhum quero essa carga pra mim. Até dar tiro já ameaçou. Disse que mata o próprio filho se ele se casar comigo. — Meu coração aperta.

— Credo, que mulher louca!

— Pois é. Não sei do que ela realmente é capaz e prefiro não arriscar. Quero Dark vivo e protegido. Por mim, ficamos como está. Já temos a aliança e todos sabem que estamos juntos. Pra que mais?

— Condessa Juliet! Taí, gostei!

— Abafa, prima... Abafa! — Benzo-me só de pensar. — Mas me diz, o que deu em vocês pra aparecerem assim do nada, em Roma?

— Coisas do tio Peppe. Se prepara, priminha.



Sem conseguir permanecer sentada, começo a andar ao redor da mesa.

— Mas, *papà*, de jeito nenhum, Alessandro vai dormir no depósito do restaurante entre sacos de batatas e bacalhau!

— Qual o problema? Sempre faço minha *ciesta* lá. A caminha de campanha é muito confortável. Ele vai estar perfeitamente seguro. Mandei instalar alarmes novos. Nada entra lá.

— Nem sai. — Tio Félix gargalha com a boca cheia de bolo de chocolate. — Aquilo está parecendo presídio de segurança máxima, impossível escapar.

— Juliet, por mim, tudo bem. Fran ligou, vai dormir na casa de uns amigos. Vou ficar perfeitamente bem no restaurante. — Dark tenta apaziguar, mas não me conformo.

— *Mamma!* — apelo e ela se vira fulminando meu *papà*.

— Mas não há quartos! Isso aqui não é a mansão dos Bolgheri! — *Papà* tenta se esquivar. — Não sabia que Rivoleta ia aparecer de surpresa!

— Surpresa? — Titia se espanta. — Você nos infernizou a semana inteira! Se estamos incomodando podemos ir embora!

— *Papà*, não acredito que arquitetou tudo isto! — acuso vermelha de raiva.

— Vamos nos acalmar, sim. Todos são bem-vindos. Sempre damos

um jeito. No Natal, isso aqui fica bem mais cheio. — *Mamma* bota ordem fazendo sinal para Peppe se calar. — Rivoleta e Félix ficam no quarto de hóspedes, Ginna e Giorgio no quarto de Joseppe e Alessandro com Juliet.

— Só por cima do meu cadáver! — Peppe se levanta quase levando a mesa junto. — Não criei filha minha pra ficar de pouca vergonha! Ginna também não pode ficar com Giorgio! Onde já se viu? Não, sob o meu teto! É isso ou um hotel!

— Tio, nós somos casados!

— Não me interessa! Pensa que eu não sei o que vocês recém-casados gostam de fazer? Félix facilita muito com você!

Félix gargalha.

— Facilito e vou facilitar sempre! Quero netos! Uma casa cheia deles!

— Ah! Pelo amor de *Dio*, Félix! Elas são apenas bebês!

— Bebês prontas para terem seus próprios bebês!

— Não sou mais bebê! — protesto irritada. — Vamos para um hotel.

— Nada disso, Juliet! — Dark levanta vindo em minha direção. — Você fica e eu vou para um hotel.

— *Mamma!*

— Tia!

— Chegaaaaaaaaa! — Donna fica em pé. — Ninguém vai para hotel, porcaria nenhuma! Alessandro, meu querido, você se importa em dividir o quarto de hóspedes com Giorgio? — Sem alternativa, os dois sorriem. — Têm duas camas de solteiro lá — apressa-se em explicar. — Ginna dorme com Juliet. — Pisca para nós duas. — Rivo e Félix ficam no quarto de Joseppe. E você, marido, se não estiver satisfeito, pode dividir o sofá da sala

com o Salsicha.

Obviamente Salsicha aprova a ideia, latindo, pulando animado em cima de Peppe.

Olho para Dark e ele parece estranhamente calmo, divertindo-se até.

— Mas, Donna... Sai daqui, traidor! É a segunda que me apronta hoje! — Peppe afasta Salsicha, tentando transar com sua perna, e continuando a latir.

— É isso ou o sofá da sala! — As mãos de *mamma* vão parar em suas ancas e *papà* engole em seco.

Dark e Giorgio voltam a se encarar e, resolutos, levantam os ombros. *Papà* torna a sentar-se carrancudo e derrotado.

— É o fim dos tempos! Um homem não tem o direito de opinar em sua própria casa — resmunga.



— E aí?

— Contínua lá.

Desacreditada, jogo-me na cama. Gina encosta a porta com cuidado, vindo em minha direção.

— O tio pensa que vocês fazem o que, sozinhos naquela vinícola? Até parece que ficar plantado no corredor vai impedir alguma coisa — cochicha jogando-se ao meu lado na cama.

Dou um longo suspiro, ainda desacreditada.

— Desde quando ele precisa de inspiração para montar o cardápio do dia? — reclamo inconformada. — E muito menos, que ela só vem quando ele está sentado no chão montando guarda ao lado do quarto de hóspedes?

— Tio Peppe tem sérios problemas de possessividade. — Sorri. — O pobre do Giorgio quis pegar um copo de água e ele não deixou! Acha o quê? Que ele vai contrabandear Dark no bolso do pijama? Tia Donna é uma santa; se fosse minha *mamma*, já tinha dado com o pau de macarrão na cabeça do *papà*.

— E naquela hora que *papà* quis inspecionar o torcicolo do Alessandro? — Deito de bruços encarando Ginna. — Sorte que a *mamma* impediu. Aliás, prima, te devo uma. Salvou-me com o Salsicha!

Ela gargalha e ouvimos Peppe se agitar no corredor.

— Mas que ideia do Dark! Deixar sua calcinha no bolso! O Salsicha fareja tudo. Foi hilário ele vindo sorrateiro e roubando a coisa do bolso dele.

— Não achei nada hilário — suspiro lembrando-me da minha disputa patética com Salsicha tentando arrancar o troço da boca dele. — Tanta hora para o *papà* resolver chegar... — Cubro o rosto com as mãos.

— Ah! Qual é... — Cutuca-me. — Mas foi hilário mesmo. Viu a cara do seu *papà* quando arrancou a peça da boca dele?

— *Dio!* Se você não tivesse falado que era sua, Alessandro seria um homem morto.

— *Madonna Santissima!* Que homem foi arranjar! Quem me dera Giorgio rasgasse assim as minhas calcinhas! Bem que o seu Alessandro poderia dar umas dicas para ele.

— Ai, prima, esse homem me deixa louca! Quando dou por mim, lá se vão a calcinha e a vergonha na cara. O homem tem um fôlego. — Suspiro animada. — No começo, até achei que era Viagra, nunca vi um troço se recuperar e subir tão rápido.

— *Dio* Cristo, me abana! — gargalha empolgada.

Somos interrompidas por batidas na porta.

— Shhhhh... Vocês duas parem de fofocar e já para a cama — *papà* sussurra nada feliz, ambas caímos mais ainda na gargalhada. — Vou contar até três, Juliet! Apaguem a luz e vão dormir, não me obriguem a entrar aí.

— Quantos anos ele pensa que eu tenho, três? — sussurro irritada.

— Talvezzzzzz. — Ginna ri baixinho.

— Boa noite, *papà*! — grito e o ouço se afastar resmungando algo sobre dor nas costas.

Um assovio baixinho vindo da varanda chama nossa atenção. Outro e mais outro. Animadas corremos para espiar. Dark e Giorgio estão plantados do lado de fora olhando para cima, sorridentes. Estremeço com a imagem de meu Gigante de calça de moletom e camiseta.

Como é bello este meu homem! Parece um rei, ao lado de um Giorgio mais baixo e de pijama.

— O alarme — pronuncio em silêncio.

Dark abre um sorrisão fazendo um gesto na garganta indicando que foi cortado.

— Sua *mamma* — explica e depois aponta uma escada atrás dele.

Obrigada, Dio! Mamma é Team Dark!

Como amo essa italiana espertalhona!

Em uma operação, mais arriscada do que desativar bombas em campo minado, Ginna desce e Dark sobe o balcão da varanda.

— Seu maluco — sussurro assim que ele pula o gradil e me agarra.

— Não foi tão romântico quanto Romeu e Julieta, mas tá valendo. — Sorri torto beijando meu nariz. — Donna me fez jurar de pés juntos, que nada de escalar e muito menos destruir as primaveras em sua varanda.

— Não acredito. — FRANZO o nariz, inclinando a cabeça. — O

melhor escalador do mundo tendo que apelar para uma escadinha — sussurro irônica e ele me olha feio.

— Posso descer se não gostou.

Dio! Como é emburrado.

— Estou brincando, Gigante! — sussurro e levanto a pontinha dos pés para beijar o queixo, já tenso. — Aless, você aqui é tudo o que eu quero. Podia ter vindo amarrado em balões que continuaria achando lindo.

Sua expressão suaviza.

— Pulei a janela do outro quarto — gaba-se. — Peppe montou guarda no corredor — constata divertindo-se com o que já sei. — Vai me convidar para conhecer o seu quarto ou vou ter que acampar na varanda?

Sem pensar duas vezes, puxo-o para dentro. Ele para por alguns minutos examinando tudinho. Diverte-se com as fotos de minha infância, examina meus equipamentos antigos de alpinismo; sorri, orgulhoso, do meu troféu de natação da terceira série e demora uma vida olhando as minhas fotos com Julio.

— Parecidos — divaga balançando a cabeça e depois sorri. — Sabia que iria ser amarelo. Definitivamente, você não é uma garota de rosas e lilases. — Aponta para as paredes.

Sorrio meio encantada, tê-lo em meu quarto de infância é surreal. Mais louca ainda é a sensação de que ele sempre pertenceu a esse lugar e à minha vida. Como se em todas aquelas madrugadas, em que fiquei aqui imaginando o cara ideal, me deliciando com romances, era ele quem eu estava idealizando. Meu personagem perfeito e capaz de realizar minhas fantasias mais eróticas e safadas.

Dark vai até a cama, sentando-se com cuidado. O colchão afunda um pouco, mas não range. Sorri satisfeito com a qualidade da cama e faz sinal

para eu chegar mais perto. Sou enlaçada e sentada em seu colo como uma boneca de ventríloquo. Ajeito-me em sua perna quando uma mão grande acaricia minhas costas. Inspiro profundamente, na tentativa de me acalmar, mas só piora, pois sou inundada por seu cheiro.

Ofego, ele ri.

Seu dedo resvala no decote da minha camisola antiga.

— Gostei disto.

Baixo os olhos examinando o tecido meio puído e um pouco justo nos seios. Sorrio sem graça.

— Tinha perdido a esperança de dormirmos juntos. Aproveitei para matar as saudades dela. Ganhei quando era mocinha, acho que meus peitos deram uma crescidinha desde então.

Coloca as mãos, em concha, sustentando o peso dos meus seios. Depois roça os polegares em meus mamilos sobre o tecido de algodão estampado.

— Hum, suave. — Sorri de um jeito safado. — Estampa de gibis, gostei. Acho que precisa de umas lições particulares, MO-CI-NHA. — Inclina e cheira meu pescoço. — É muita imprudência sua ficar a sós com um homem mais velho em seu quarto.

Ai, Dio!

Animo, mas depois desanimo.

— Não podemos — sussurro.

— O quê?

— Fazer coisas barulhentas... Nós...

Sou interrompida por batidas na porta, ambos olhamos sobre os ombros e fazemos careta.

— Crianças, querem parar com essa conversaiada? Já disse para as duas irem dormir!

Excitação e medo entram em ação. Ambos disputando para ver quem ganha. Assustada, busco por Dark, que está calmo.

— CRI-AN-ÇAS? — Dark sussurra segurando o riso. Dou-lhe um beliscão. — Ai, porra! — grunhe.

Escuto mais batidas apressadas.

— Ou apagam a droga de luz e vão dormir ou entro e coloco ordem! — ameaça.

— Desculpa, *papà* — grito, saio do colo de Dark e me apresso para apagar a luz. — Já desliguei! — respondo e me obrigo a respirar.

A claridade vinda da rua inunda o quarto através das portas abertas da varanda. Levo alguns segundos, para acostumar os olhos, vou até a porta grudando os ouvidos nela.

— Peppe de *Dio*! — A voz baixa e irritada de *mamma* reverbera no corredor. — Dá pra parar com essa palhaçada e vir para a cama? Tem gente querendo dormir, sabia? Vai passar a noite inteira montando guarda?

— Mas, Donna, amor...

— Não me venha com essa vozinha de Donna, amor! Três segundos, senhor Peppe. Um...

— Donna! E se...

— Dois... Isso ou o sofá da sala com Salsicha. Deixe as meninas em paz. Os rapazes já foram dormir há muito tempo!

Um assovio, latidos e gritos de tio Félix pedindo silêncio invadem o corredor.

— Filha, o Salsicha vai ficar aqui, só no caso de precisarem!

— Boa noite, *papà*! — sussurro encostada à porta.

Acompanho os passos de *mamma* e *papà* indo embora. Ele resmungando e ela ralhando. A porta do quarto deles fecha e Salsicha começa a roncar. Mais relaxada, viro em direção à cama. Mesmo na penumbra, noto um corpão estirado na cama sob as cobertas. Os braços musculosos e tatuados estão cruzados atrás da cabeça e apoiados no travesseiro. Sem camisa e com todas as tatuagens do peito em destaque, Dark me observa como um falcão.

Vou em direção a ele. Piso em algo macio e com a ponta dos dedos dos pés, pinço a peça. Ergo e é sua calça de moletom.

Mas é um descarado!

Peppe quase invadindo o quarto e ele peladão? Medo de tomar um tiro não tem.

— Você é muito maluco, né? — ralho enquanto vou me enfiando sob as cobertas.

Ele estica o braço e me acomodo de ladinho, encostada em seu peito nu. Passo a perna por sobre a dele e seus pelos roçam na minha pele lisinha causando um arrepio bom.

— Maluco por quê? — pergunta cínico.

— Se *papà* cisma de entrar e te pega desavergonhado desse jeito, não era só você que iria partir desta pra melhor.

— Romeu e Julieta morreram juntos em nome do amor.

Dou risada.

— Sou muito nova para morrer e não tenho vocação nenhuma para ser heroína romântica.

Gira nossos corpos me pressionando no colchão.

— Mas morrer de tédio, bem que você gosta. — Esfrega o pau

descaradamente duro em mim.

— Nem vem, Alessandro Salvatore Bolgheri. Já disse que não podemos fazer coisas barulhentas.

— Não fique chamando nossas fodas de coisas barulhentas. É até falta de respeito. O que fazemos juntos é arte, deveria ser gravado. E se a gente fizer em silêncio. Só nossos corpos se fundindo... As respirações ofegando... Nada de gritos ou urros.

Seu dedo escorrega do meu pescoço até o colo. Afasta a rendinha do decote, deixando um mamilo exposto. Desenha várias vezes a circunferência instigando o bico durinho e sensível.

Meu coração dá um salto. Mordo os lábios e sou obrigada a afastar as pernas para ver se o esfrega-esfrega do Gigante diminui um pouco, meu tesão entre elas.

Olho fundo nas esmeraldas dele.

— Está querendo fazer amor, Aless?

— Amor? — Olha confuso.

— É, amor. — Acaricio a barba. — A gente se fode, se come... É visceral, instintivo, cru... É intenso e eu gosto. Mas amor nunca fizemos.

— Baixinha... Acha que não faço amor? — Beija-me suave e não sei o que responder. — Faço amor com você vinte e quatro horas do meu dia. Não só quando fodemos... Faço amor quando penso em você, quando te admiro de longe e meu sangue ferve. Quando me faz rir ou espumar de raiva. Meu coração é todo seu, do amanhecer ao anoitecer e durante o sono. Faço amor com você desde o primeiro instante em que te vi. Sou um cara que evito sentimentos, mas você desperta todos eles em mim... Visceral, instintivo ou cru, tudo é amor. Um amor que eu só senti ou experimentei com você e por você... Único. Se é intenso, é porque reflete a força do desejo que sinto. É um

troço impressionante e infinito... Às vezes, acho que meu peito vai arrebentar.

— Oh, Aless... Mostra para mim.

— O quê?

— Me ama devagar. Faça amor comigo.

— Devagar? Eu... Eu... nunca...

— Vamos juntos... Vem, eu te mostro. Preciso que sinta meu corpo rendido ao seu. Quero isso doce... Devagar. Não sei se foi a emoção de estarmos nessa casa. Já me sentia ligada a você, mas te ver aqui... com minha família e minhas lembranças mais especiais, juntou tudo. Não existe mais o antes ou o depois. Nenhuma parte da minha vida que seja só minha. A partir de hoje, tudo virou nós. Meu coração bate metade por mim e a outra por você. Demorei a entender que a angústia avassaladora que venho sentindo é amor. Nunca ninguém me teve dessa maneira... Inteira. Parece que todas as minhas células se alimentam das suas. Estamos misturados, dois cabeças-duras formando um só. Te quero como a mim mesma.

— Caralho, Juliet!

Ajoelho na cama e sem desgrudar dos olhos verde-oliva, livro-me lentamente da camisola. Tiro a calcinha ficando nua. Dark me coloca deitada de costas e cobre meu corpo com o dele. O choque das nossas peles é sempre elétrico. Não poderia ser mais clichê, mas é verdade. As porcarias dos nossos corpos combinam.

Ele apoia em um dos cotovelos aliviando o peso. Busco o ar. Seu hálito fresco me seduz. Com a mão livre, livra-se de uma mecha de cabelo e acaricia meu rosto. Desenha cada pedacinho dele com a ponta dos dedos: boca, olhos, nariz.

— Linda, minha Juliet.

Desce depositando uma sequência de beijos suaves nos mesmos

lugares. Desenho os músculos de suas costas com as unhas e sinto sua pele arrepiar. Meu coração dispara e uma onda de arrepios se instala em meu corpo quando sua boca safada brinca com minha orelha. Contorço-me quando morde, chupa e instiga o lóbulo macio.

— Posso fazer amor, foder, comer, trepar... de todas as formas e intensidades que quiser... Só nunca me negue essa boceta doce. É dentro dela que recarrego as forças e me torno um homem melhor — sussurra em meu ouvido.

Como negaria?

Amo esse pau gigante me devorando!

— Nunca — ofego me abrindo para ele.

— Então diz... — exige enquanto desfere uma sequência de beijos em direção aos meus seios. — Seus peitos cresceram? Gostosa demais. — Beija, lambe, assopra e isso é tentador.

Misericórdia! Ele sabe fazer amor!

— O-o-o-o-o q-quê? — gaguejo arqueando as costas ao ter meu mamilo abocanhado.

Ele solta minha carne provocando um estalo.

— Diz que de agora e sempre, nossas almas são uma só. Você é só minha, sou só seu. Minha Juliet, seu Aless... Que meu pau é o único que vai foder essa boceta e seus gemidos e orgasmos serão só meus. Meus, Juliet, entendeu?

Dio Cristo! Baixou o possessivo.

— Aless, eu já dis... — Outro mamilo é abocanhado com empenho.

Dioooo!

— Diz — exige mordiscando e puxando o bico, vou à loucura.

— Somos um só. Sua Juliet, meu Aless — choramingo de prazer quando um dedo toca minhas Três Marias já molhadinhas.

Ele abre meu sexo espalhando a lubrificação natural. Gemo afundando as unhas em suas costas, ele grunhe baixinho soltando o bico e vindo em direção à minha boca.

— Ninguém mais ouviu, Juliet. Nem em seus sonhos. Se tiver uma fantasia, me diga que eu realizo. Eu, só eu, entendeu? Seja a porra que for, eu farei por você — fala com tanta intensidade e verdade que até me assusto.

Depois, levanta o quadril guiando o pau egoísta até minha boceta ansiosa e escrava dele.

Agarro seus cabelos com força arregalando os olhos quando arremete centímetro por centímetro.

Jesus!

Tenho andado tão sensível lá embaixo, consigo até sentir sua pele roçando dentro de mim e suas veias pulsando, à medida que vai metendo dolorosamente lento.

— Delícia de boceta... Ainda mais apertada... Porra! Minha!

Não digo nada, só concordo com a cabeça... Inebriada com o entra e sai do meu Gigante... Seu quadril mexendo e impulsionando em ondas lentas de prazer é torturante. Ergo os joelhos e abro bem as pernas dando acesso total. Minhas mãos vagueiam por todo o seu corpo, aperto a bunda perfeita de esportista dele enquanto suas pernas musculosas roçam instigando as minhas. As pontas dos meus pés enroscam nos lençóis, toda vez que a glândula volta e resvala no ponto mais sensível da minha vagina. Ondas de prazer vão se propagando. Dark é todo controle e uma delicadeza nova para mim. Já eu... estou a ponto de me perder de novo.

Entra e sai... Mete, enfia, gira e mete mais. Ofego, rebolo e respiro

entre os dentes. Mordo os lábios para não gritar. Gemidos baixos e abafados me escapam.

— Shhhhh, Coelhinha. Silêncio, lembra? Shhhhh... — sussurra também sem fôlego.

— Amando seu jeito Dark de fazer amor. — Afundo a cabeça em seu pescoço e mordo.

Ele ruge baixinho.

Continuamos no entra e sai, vai e vem, mete e tira por segundos... Minutos e mais minutos. Nunca vi um homem com tanto fôlego e virilidade. Essa é uma das trilhões de coisas que amo nele: a potência, a fome com a qual me ama, sempre disposto e pronto. Entro em um estado gozante de felicidade etérea. Gemo, gemo e gemo baixinho agarrada a ele. Não sei mais se estou na Itália, na Terra ou em outra Galáxia.

Não importa, estou em Dark Land, meu paraíso.

Ele muda de posição, suas coxas grossas se infiltram embaixo das minhas pernas projetando minha bunda para frente. Meu joelho quase toca o meu peito, suas estocadas ficam mais fortes e frenéticas, a base do pênis estimula em meu ponto G. As paredes da minha vagina começam a se contraírem sugando o pesado pau. A combinação das estocadas, a estimulação interna e um dedo atrevido em meu *prezioso* me quebram. Explodo em um milhão de feixes elétricos, abafando um grito com a mão.

Toma minha boca de assalto em um beijo apaixonado. Quase sufoco com a fúria de sua língua possessiva. Sinto jatos quentes me preenchendo e confirmando, mais uma vez, que sou dele e ele é meu.

— Te amo, Baixinha — murmura em meus lábios, antes de afundar a cabeça em meu pescoço e me esmagar com o peso de seu corpo relaxado.

— Te amo igual, Gigante.



Uma semana depois...

— **Por Dio, Alessandro!** Se enfiar mais algum remédio aí, vou ser presa por tráfico! — Tento arrançar a bolsinha de primeiros socorros de sua mão.

— Só mais um. — Coloca o bendito remédio para enjoo na bolsa e a devolve para a mochila. — Pensa que não vi que acabou de passar mal? E se for virose? Melhor ficar e ir comigo depois.

Respiro fundo, fechando a mochila pela décima vez. Nosso quarto está uma bagunça. Dark já conferiu e reconferiu minha bagagem um bilhão de vezes. Está sendo muito mais difícil me despedir dele, que verei em poucos dias, do que dos meus pais, que agora só verei no Natal.

— É claro que passei mal! Estou uma pilha de nervos e você não facilita! Acha que é fácil te deixar aqui? E se aquela *infelice* da Paola resolver atacar enquanto estiver em Mônaco. Se Zetta o convencer a me largar?

— Baixinha, é mais fácil o mundo acabar do que te largar. Te amo, porra!

Com uma carranca, sento na cama para colocar, pela décima vez, as botas de alpinismo. Dark passa a mão nos cabelos e começa, a contragosto, a se vestir. Esta manhã estamos todo errados, é um tal de bota calça, tira... Fode... Veste a calça... Arranca tudo e fode mais um pouquinho, que não sei

onde isso vai dar. É uma angústia, uma urgência. Estou indo trabalhar, não para a guerra!

— Se tudo correr bem, em quatro dias embarcarei para encontrar vocês. E se tudo der errado, também... foda-se!

— Precisa passar perfume para ir à audiência?

— É desodorante — resmunga dando uma esguichada em seu peito forte e tatuado.

— Mesmo assim, acho bem desnecessário — resmungo de volta. — É juíza ou juiz?

— Juiz, porra! Desnecessário é matar todo mundo com meu cheiro de sovaco.

Mais aliviada pela masculinidade jurídica, mas não muito, admiro a transformação do atleta a conde. *Porcaria!* Não é à toa que a Paola beijoqueira encasquetou nele. Não entendo o porquê do terno ser obrigatório em um Fórum.

Dio Santissimo!

Como fica *bello* neste terno de três peças em cinza chumbo. Parece um agente secreto, um 007 com permissão para me matar... de ciúmes.

Dark senta ao meu lado para calçar os sapatos pretos militarmente lustrados. O imbecil sabe ser elegante. Não vejo mais o alpinista... só o nobre. Meu conde, meu!

Dio!

Ando muito possessiva. Nem nos separamos e já sinto falta dele.

— Baixinha, tudo corre em segredo de justiça. Não haverá plateia ou imprensa. Muito menos, Paola. Serão somente a minha família, os advogados e o juiz. — Termina de amarrar os sapatos e me põe no colo. — Se der sorte

e Zetta colaborar, resolveremos antes do previsto. Eu que deveria estar arrancando os cabelos. Tenho vontade de explodir o K2 só de lembrar a quantidade de homens por metro quadrado que têm naquela porra!

Beijo seu rosto barbudo.

— Grande coisa, nenhum deles é o meu Titã.



Vinte e três horas passam...

Estou de volta ao K2! Nem acredito!

Meu coração palpita quando o helicóptero contorna a montanha. Excitados, Fran, Cris e Pietro não param de falar e comemorar. É claro que estou feliz e também excitada. Mas poderia estar mais se Dark estivesse aqui.

Mal consegui falar com ele durante a viagem. O babado lá em Mônaco parece que desandou. Zetta se recusou a aceitar qualquer acordo. Entrou mesmo com um processo ilusório para interditar Dark e reaver o direito ao título. Ela quer uma indenização por danos morais, aumento de pensão e o direito de continuar a administrar os bens da filha.

Que mãe é essa?

Meu coração encheu de angústia, a voz de Dark era um desânimo só.



— *Sinceramente, não sei o que minha mãe tem na cabeça, Baixinha. Às vezes, começo a acreditar que enlouqueceu.*



Subo o zíper da jaqueta de neve, enfio o capuz e as luvas. O vento

gelado entra pelas aberturas laterais do helicóptero transformando-o em um freezer. É sempre impressionante ver a montanha exibindo toda a sua força arrogante. Geleiras, rochas, penhascos... Branco... branco... branco. Paredões espelhados quando o sol incide sobre a neve úmida refletindo a luz.

O dia está claro, são só dez da manhã. É possível ver a nuvem de gelo e neve que cerca o cume majestoso do K2. O branco da montanha e o azul do céu são magníficos juntos. Posso até imaginar o vento uivando impiedosamente no cume, com rajadas que ultrapassam os 250 km por hora. Isso não é bom. Arriscar subir nestas condições é pedir para morrer.

Se meus cálculos estiverem certos e estão, amanhã a nuvem se dissipará e uma janela de oportunidade se abrirá para quem deseja escalar a montanha e fincar sua bandeira na história. Outra janela de oportunidade desse tipo, só daqui a três meses. É por isso que estamos aqui hoje e não uma semana antes ou depois, precisamos exatamente dessas condições para instalar e testar os sensores do projeto.

Todos os passos foram exaustivamente discutidos nas mais de vinte horas de voo. A equipe está afiada e todos, cientes de seu papel. O plano é simples: depois de um dia de ambientação aos pés da montanha, seguiremos de helicóptero até o acampamento da Base 2 a 6.800 metros. De lá, as equipes de instalação subirão com Cris e eu ficarei no centro de controle analisando os resultados.



A chegada ao acampamento da base é tumultuada. O lugar está movimentado. A cena de guerra que vi na minha da última vez está pior. A superexposição da montanha por alpinistas amadores é uma realidade perigosa. Homens e mulheres enfileirados, indo e vindo, equipamentos sendo carregados, barracas montadas, caminhões e Jet Skis circulando.

— Roma! Juliet!

Kadeen!

Assim, virando para atender ao chamado animado, que dou início a uma sucessão de equívocos...

— Que saudades! Estava louca para falar com você! Preciso saber o que fez com os arquivos da Amelie que te mandei — sussurro enquanto dou um abraço apertado nele. — Conseguiu avisar àqueles homens?

Largo o abraço, sob os olhos atentos de Fran, Cris e Pietro.

— Sim, Roma, tenho algumas novidades desde que você resolveu desaparecer do *Skype*.

— Juliet... Não é melhor... — Fran me alerta.

— Está tudo bem, Fran, quinze minutinhos.



Equívocos e mais equívocos... O primeiro deles: ignorar aos apelos de Fran para aproveitar o dia de descanso, usufruindo do conforto da cabana, para ir com Kadeen conhecer o pai dele. O segundo: largar às pressas as coisas no chalé esquecendo itens básicos, como o carregador de celular.

Equívocos...



Ajeito-me no sofá da casa da tia do Kadeen.

— Como assim, nem todos os corpos foram resgatados? — Estranho, não li nada sobre isso nas reportagens sobre a avalanche que matou os amigos de Aless.

— Depois da avalanche que soterrou os onze montanhistas, três deles não foram localizados. As famílias desistiram das buscas.

— Tem certeza de que um deles era o Alex? — Estranho novamente. Sempre imaginei que Alex havia sido sepultado com todas as honras. Não que tenha discutido o assunto com Dark.

— Sim. Preferiram deixá-los descansar junto ao lugar que mais gostavam.

— É isso mesmo, filha — o pai de Kadeen diz com um sotaque carregado. — Em alguns trechos teriam que escavar por mais de um quilômetro, então desistiram.



Equívocos...

Se eu não tivesse ficado as horas seguintes falando sobre os e-mails que o amigo hacker do Kadeen enviou anonimamente para as vítimas de Amelie, para avisá-los de que estavam livres e depois adormecido no sofá, não teria feito o que jurei de pés juntos não fazer: dormir na casa dele. Não ficaria sem bateria e sem acesso às dezenas de telefonemas de Dark e Fran, e não perderia a noite, a hora e a subida do primeiro pelotão para o acampamento 2.



— *Dio, Bella!* Onde se meteu? O segundo helicóptero já vai decolar! Ninguém aqui nessa merda de acampamento sabia onde estava.

— Pensávamos que ainda iriam precisar da nossa casa então a liberamos, meu pai e eu estamos na minha tia por estes dias. Foi mal, cara!

— Foi mal? — Fran arranca o gorro passando as mãos nos cabelos. — Quero ver você explicar o “*foi mal*” para o meu primo. Ele está mais do que puto.

— Mas que exagero! — protesto. — Não aconteceu nada de mais.
— Arranco o celular das mãos de Fran e começo a ligar para Dark.

Mal digito o último número, ele atende:

— *Que foi, caralho? Achou a Juliet?*

A voz furiosa de Dark explode do outro lado da linha e olho assustada para Fran e Kadeen, apreensivos. Meu coração dá três saltos mortais e minha boca seca.

— Oi — digo baixinho encolhendo os ombros.

— *Juliet!* — Escuto uma sequência de *Dio Santo* e todos os palavrões do mundo. — *Que porra está acontecendo aí? Te deixa sozinha por dois dias e você já deu para trás em tudo o que combinamos!*

— *Dio, Aless!* Não fiz nada de mais. Apaguei no sofá da tia do Kadeen e ela teve pena de me acordar. Não precisa se exaltar desta maneira! — explico a mil por hora.

— *Me exaltar?* — gargalha. — *É o Paquistão, porra, e se fosse eu sem dar sinal de vida? Iria se exaltar? Dois dias, Juliet! Dois fodidos dias! Caralho!*

Estranhando o tom quase alarmista de Dark e sem largar o celular, eu começo a seguir Fran, que carrega minha mochila em direção ao helicóptero.

— Aless, amor...

— *Não me venha com essa de amor. Estão chamando minha escala.*

— Como assim, escala? E a audiência de interdição? Não pode se prejudicar por besteira.

— *Foda-se! Meus pais que se matem, o título que se foda! Chego aí amanhã. Até lá, não saia de perto do Fran, entendeu? Fique perto dele!*

— Mas, Aless? Se tudo isso é por causa do Kadeen...

— *Pro raio que o parta o Kadeen!* — esbraveja e o telefone chega a tremer. — *Só fique do lado do Fran e siga com o combinado. Será que posso confiar ao menos uma vez?*

A mágoa me toma.

— Aless está me assustando... Tem mais alguma coisa acontecendo?

— *Já estou indo, caralho! Segura esse portão!* — berra. — *Além de você ter mentido, não tem nada acontecendo. Só fique junto do Fran, ok?* — berra novamente.

— Aless...

Tum-Tum-Tummmmm...

Maledetto!

Chuto a neve, só de raiva. Quase jogo o celular, mas lembro de que é do Fran e me contenho. Tudo bem... Posso ter dado uma mancadinha, mas precisava de tudo isso?

Sigo Kadeen e Fran e não fico surpresa quando somos avisados de que Kadeen deverá ser remanejado da nossa equipe para o time irlandês, acampados mais ao norte. Reclamo, digo que é absurdo, mas de que adianta? Mesmo longe, Dark é o rei por aqui: manda e desmanda.

Passo os minutos de voo até o acampamento interrogando Fran na tentativa de entender o porquê da raiva e atitudes sem sentido de Aless.

— *Não sei, Juliet. O primo nunca é racional quando se trata de você.*

Descemos no acampamento e as equipes já foram para campo. Vou direto para o meu posto, na barraca montada como centro de comando. Fran parte para encontrar Cris, escoltado pelo guia que ficou no lugar do Joshua,

que se aconteceu. Fico chateada quando Pietro me conta do ocorrido. Parece que o homem quebrou uma perna quando seu carro ficou sem freio e perdeu o controle.

Sinto-me culpada. Se eu não tivesse ido com Kadeen teria ficado sabendo que o antigo amigo de Dark, Joshua, precisava falar comigo. Se não tivesse ficado a tarde toda ouvindo histórias sobre os antigos desbravadores do K2, ficaria sabendo que o jipe dele sofreu um acidente no caminho e ele foi parar no hospital.

Entendo e desculpo, um pouco, a braveza de Dark. Sei como ele é preocupado em relação aos amigos. Começo a trabalhar. As horas passam e os primeiros dados captados pelos sensores começam a chegar. Esforço-me para me concentrar e fazer as análises, minha cabeça voa para Dark a cada cinco minutos. A falta de confiança entre nós é um problema sério.

Fico animada com a precisão e qualidade dos dados captados e depois, desanimo quando somos avisados, por rádio, que o grupo da Cris teve um imprevisto.

Uma das escadas de alumínio, que fazem as vias de ponte sobre as fendas, se soltou e no impacto ela luxou o tornozelo. O que é um problemão, beirando a tempestade. Além dela, a única pessoa com qualificação técnica para instalar e ativar a última central que interligará todos os sensores, sou eu.

Adrenalina e euforia percorrem meu corpo. A mais importante das centrais, a que fica bem no cume, precisa de mim.

De mim!

Dio! Certo alguém vai me matar!

— Samuel, cadê o telefone por satélite? — pergunto para o assistente de Nick encolhido de frio em um canto.

Ligo... ligo... ligo para Dark e nada.



No fim do dia, ainda sem notícias de Dark, vou ao encontro da equipe na tenda central. O clima entre nós vagueia entre a comemoração e o pesar. As lonas da tenda balançam com fúria. O vento teima em entrar e deixar o lugar um freezer. Estamos todos superagasalhados, bebendo chá quente e disputando espaço perto do aquecedor.

Se não fosse pelo incidente com Cris, diria que o primeiro dia de instalações foi um sucesso. A discussão está acalorada entre mim e Fran:

— Pelo amor de *Dio*! — Viro para um Fran irredutível. — Não posso comprometer todo o trabalho por uma preocupação desmedida de Dark!

— Você prometeu!

— Prometi e vou cumprir... Nada de escaladas pra mim. Relaxa, Fran, já liguei para o seu primo.

— Ligou? — Olha incrédulo e confirmo efusivamente em um balanço da cabeça. — Ele aceitou numa boa? Duvido.

— Não se opôs — omito o detalhe de que não consegui avisar pessoalmente e deixei um recado. E que, provavelmente, Dark só vai ouvir quando aterrissar. Escuto um riso de escárnio escapar de Fran. — Não pretendo quebrar minha promessa, mas... — Ignoro Fran e sorrio para Nick, transmitindo segurança e profissionalismo. — Não se preocupe, chefe. Eu e Cris somos um time. Se ela não pode fazer, faço eu.

— Que porra, Juliet! — Fran explode.

— Que porra digo eu! Seja sensato, Fran! Sabe que não tem perigo!
— Nick se exalta. — A janela de oportunidade terminará amanhã. Depois, o tempo voltará a fechar! — Nick olha para a Cris com o pé imobilizado e depois para mim com certa devoção.

Fran solta uma gargalhada.

— Como pretende subir sem encarar a montanha e as trilhas? —
desafia-me.

Sorrio com ironia.

— Vou pegar uma carona de helicóptero. Não vai levar mais que dez minutos. Já chequei as condições de tempo. Não há risco... Qual é, Fran? Dark é profissional, sabe da importância do projeto. E sabe muito bem que o perigo está lá na neve, não no helicóptero.

— Fran... Juliet tem razão, vão ser só dez minutos. Nenhum perigo envolvido — Cris tenta tranquilizá-lo.

— Que seja. Mas não esperem que eu as defenda quando Aless soltar os cachorros em vocês. — Levanta as mãos se rendendo e sai aborrecido da tenda.

Para quem pegou o bonde andando e não está entendendo nada, eu explico. O alpinismo é um esporte que implica ao atleta atingir o cume por mérito próprio. Captaram? Entretanto podemos atingir diversos pontos da montanha por helicóptero. Incluindo o cume, se as condições climáticas estiverem favoráveis e estão. O que, definitivamente, não é o mesmo que escalar, não é mesmo? É como ir à esquina de metrô! Tecnicamente, escalar só vale se for feito a pé... Sem a ajuda de qualquer outro meio. Então, obviamente, eu não quebrarei promessa alguma, certo?



O dia amanhece perfeito. Como previ, nenhuma ligação de Dark. Na certa, ficou sem bateria ou entrou na zona perdida, sem sinal durante o voo. Segundo meus cálculos, quando ele estiver chegando ao acampamento 2, já estarei de volta... Sã e salva e sem motivos para brigas ou dramas. Apenas uma profissional realizada por ter executado até o fim um trabalho que poderá salvar inúmeras vidas.



Madonna Santissima!

Meu corpo inteiro treme. Admiro a paisagem e me sinto em um sonho. Mesmo atada às cordas de segurança e com o helicóptero pairando sobre a minha cabeça, a sensação é magnífica. Checo mais uma vez se o sensor central está funcionando, ok.

Todos os doze pontos já foram instalados. As quatro equipes subiram a pé, antes de mim, para terminar o trabalho. Assisto uma a uma das seis luzinhas finais acenderem. Um bipe indica que tudo está sendo interligado. Só mais alguns minutinhos e serei içada para o helicóptero.

Retiro a máscara de oxigênio e abaixo o capuz de proteção para sentir o vento forte e barulhento. Esfrego o rosto e permito-me admirar onde estou. Uma onda de emoção inexplicável e poderosa toma conta de mim. Lágrimas brotam em meus olhos. Estou aqui! No topo!

Muitas pessoas não entendem por que arriscamos nossas vidas por instantes como este. Mas aqui, no alto, é onde me sinto mais próxima de Deus. É mágico e transcendental. Como se minha alma se ligasse ao sagrado e se conectasse ao resto do universo. Foi intenso no Everest, mas a sensação no topo do K2 é ainda mais poderosa. Talvez seja porque essa montanha não

facilita. Sou privilegiada por estar aqui, mas não vencedora.

Meu coração dispara e arrepio-me. É como ser tocada pelo Divino. Nenhuma imagem poderá superar o mar de montanhas, neve e céu. O silêncio... Consigo ver a curvatura da Terra daqui de cima. Esplêndido! Não! Só uma imagem supera tal beleza: o rosto de Dark quando sorri para mim é definitivamente mais poderoso e desejável do que tudo. Sim, ele ganha. Não é só meu coração que palpita quando o vejo, é a minha alma.

Imagino a realização de Dark ao conquistar o cume depois de todas as adversidades a qual foi sujeito. Sorrio. Sinto um orgulho danado de meu Titã.

Aproveitando a solidão, ajoelho e faço uma oração. Do ponto mais alto e desejado da montanha, peço que os deuses sempre protejam meu Gigante. Atraída pelo farfalhar de asas, olho para o céu azul radiante. Uma águia majestosa sobrevoa o cume. Prometo a mim mesma que, em breve, estarei aqui com ele. De igual para igual. Subindo lado a lado.

Sinto-me flutuar. Desgraça! Estou flutuando pra valer e sendo levada de volta ao helicóptero.

— Ainda não tinha terminado! — protesto assim que ponho os olhos no assistente de Nick. O piloto faz uma manobra acentuada à esquerda e sou obrigada a me escorar.

— Os sensores já estão processando os dados. Terminamos. — Faz uma pausa e me analisa preocupado. — Precisam do helicóptero rápido.

— Rápido por quê? Aconteceu alguma coisa com a Cris? — questiono atordoada.

— Nada com ela. Parece que temos uma situação na trilha leste.

Demoro alguns segundos para assimilar. Confusa, tiro o gorro e coço a testa. Não pode ter dado nada errado. A base no topo funcionou direitinho,

o que indica que todas as equipes cumpriram a meta.

— A equipe da trilha leste é a do Fran e do Pietro? — pergunto já sabendo a resposta.

Um vinco de preocupação se forma na testa do assistente.

— É...

— E... — Meu sangue gela. — Fala logo, se machucaram? Outra escada de passagem? Fran e Pietro, desembucha, homem!

— Eu não sei direito! — berra nervoso apontando para o rádio. — Acho que ainda estão bem. Nick está do outro lado da fenda tentando contornar a situação. O guia surtou. Jogou a escada no precipício e se livrou dos tanques de oxigênio. Provavelmente em delírio pela altitude.

— Há quanto tempo estão sem ar? Precisamos ir direto resgatá-los! Eles não têm o pulmão do Dark; sem os tanques, não vão conseguir descer!

— Não é assim tão simples. O cara ameaça se jogar dentro da fenda se alguém se aproximar. O helicóptero só vai enlouquecê-lo mais. Nick disse para voltarmos à base e ficarmos de prontidão. Dark já chegou à capital e está vindo para cá. Só mais meia hora. Dissemos a ele que está segura.

— Não temos mais meia hora! — protesto.

Coloco a cabeça para funcionar. Mentalizo a localização através dos mapas que estudamos. Se eles estão na beira da fenda leste, estamos a uns cinco minutos de lá. Se o piloto ficar atrás do paredão e contra o vento, dificilmente ouvirão os motores. Podemos descer e levar tanques extras. Emboscar o guia e dominá-lo. Passo os próximos minutos convencendo e ameaçando o piloto a fazer o que estou mandando.

— Vamos, Irving! Sou treinada em operações de resgate! Estou segura dos procedimentos — minto. — Ano retrasado, o resgate do Everest... Era meu time lá — minto novamente. Não posso deixar que algo aconteça

aos meninos, Dark não me perdoaria.

— Você?

— Eu mesma! Por acaso está insinuando que não sou capaz só por ser mulher?! Eu e o Ernest vamos tirar de letra — digo confiante.

— Me tira desta, senhorita. Sou cientista, não alpinista!

Dio! Homem frouxo!

— Eu posso tirar de letra. Sozinha! — Olho feio para o assistente medroso. — Meu tamanho é uma vantagem, não vão perceber minha aproximação. Só preciso descer com os tanques e ficar escondida até a situação se resolver.

O piloto continua a me olhar sem dar muita moral. Respiro fundo e resolvo apelar.

— Olha aqui, companheiro! — Endireito as costas. — Dark me treinou pessoalmente. Somos como um exército, os melhores. Quero ver explicar para ele quando contar que deixou seu primo e amigo morrerem por um preconceito machista. Sou pequena, mas a oficial no comando aqui. Portanto, me obedeça! Se preferir posso pular! — ameaço pegando as mochilas com equipamentos e tanques extras.

Dois minutos mais tarde, sinto meus pés tocarem a neve macia. Firmo a bota e jogo meu peso no que acredito ser um ponto de rocha. Prendo minha máscara de oxigênio, ajeito os óculos e luvas. Pegó minhas piquetas segurando-as bem firme. Elas não são só excelentes para ajudar em subidas íngremes, como podem salvar a vida em caso de queda. Perfuram o gelo como adagas funcionando como freios e âncoras.

Respiro fundo e checo a bússola em meu pulso. Ajeito a mochila com os cilindros. Uns duzentos metros no corredor de gelo e devo dar de cara com as costas do tal maluco. Inacreditavelmente me sinto calma. Minha

mente sempre funciona assim na montanha, principalmente em situações de risco ou tensão. É como se o mundo ao redor parasse... Os tremores, medo e o choro, se vierem... Só mais tarde.

Posso descrever a situação, de andar completamente só na imensidão de gelo, como meio perturbadora. Nunca me aventurei sozinha... Francamente, só Dark para curtir a solidão mortal. Foco meus pensamentos em Fran e Pietro. Contorno o paredão de gelo, nem preciso me esforçar para ser silenciosa. Estou a quase oito mil metros e com o vento batendo contra, tudo se torna mais difícil e lento. Apesar do frio inacreditável de vinte graus negativos, sinto minha pele suar embaixo das camadas e mais camadas de proteção.

Se tem uma coisa que não corro o risco é de congelar. O único pavor que tenho é de perder alguma parte minha. Então sou precavida mesmo... Até exagerada. Três meias e ceroulas térmicas, só para começar.

Vinte minutos depois, paro ofegante. O esforço físico no ar rarefeito maltrata e cansa mesmo. Já consigo ver o grupo mais adiante. Aproximo-me devagar, até abaixar atrás de um monte de pedras. Do outro lado da fenda, Nick está argumentando alguma coisa com o sujeito que gesticula sem parar. Fran e Pietro estão a alguns passos do limite da fenda. Dá para ver as cordas da amarração das escadas se perdendo dentro dela.

O homem de costas para mim é alto. Meu coração aperta e sinto pena dele. O mal da montanha transforma homens bons em seres irracionais. Nem sempre dá para perceber os sintomas... Quando a equipe se dá conta, o indivíduo já enlouqueceu. Muitas vezes, a única maneira de conter a fúria irracional é derrubando-o.

Dio Cristo! Mas como?

Fran e Pietro parecem estar a um passo de sucumbir pela privação de

oxigênio. Duvido que tenham forças para enfrentar o guia. Nick e os outros estão ilhados do outro lado do precipício. Olho ao redor buscando por uma pedra... Nem pensar em atacar o homem com as piquetas. Esses troços são mortais.

Obrigo-me a raciocinar. A única coisa menos mortal do que a piqueta, mas eficiente, é o cilindro de oxigênio. Decido que é nele que eu vou. Prendo as piquetas atrás do cinto, escondendo-as sob a jaqueta de neve. Seguro o cilindro bem firme e vou lentamente me aproximando.



Dark

Com medo, a decisão vem do coração e a possibilidade de errar é maior... É preciso pensar com calma e decidir pelo menos perigoso. Fujo do erro. Sempre!

Passei os últimos cinco anos acreditando nisso e ainda acredito. Deixar o medo fora da montanha. Ele só te faz errar. Mas como todo guerreiro, também tenho meu calcanhar de Aquiles...

— Julieeeeeet! — grito equivocadamente, assim que contorno o paredão de gelo e entro no corredor de neve.

A cada metro avançado na neve macia, assisto a cena que se desenrola sem poder fazer nada.

Fran e Pietro estão caídos em um canto, quase sem forças. Juliet levanta um cilindro na direção da cabeça do homem. Ele é atingido em cheio no rosto... cambaleia e agarra Juliet pelo casaco na tentativa de manter o equilíbrio. Juliet se debate e o acerta novamente... A mão masculina que levanta para revidar... O voo rasante de uma águia se interpondo entre eles...

Gritos... Bicadas... Arranhões... O homem arrastando Juliet... Os olhos dela fixos nos meus... distanciando-se e sumindo fenda adentro.

— Nãoooooooo! — meu urro ensurdecador ecoa. — A corda... A escada! — grito tentando alertar Fran e Pietro em vão.

Por instinto, reúno todas as minhas forças, lanço meu corpo no ar, caio de bruços e deslizo na neve em direção ao precipício. Sem tempo para pensar, tomado por uma presença de espírito, agarro a corda que sustenta a escada de passagem, segundos antes dela desaparecer no buraco. Travo minhas botas no chão, os pinos afiados encontram um pedaço de rocha, vou cravando e cessando meus movimentos. Consigo ouvir gritos e gemidos vindos da fenda.

— Juliet! — Seguro e puxo a corda com uma força que não sabia possuir. As pontas de alumínio da escada começam a aparecer.

— Aless!

A doce voz de Juliet ecoa no nada. Meu coração estremece de alívio e desespero. Puxo mais. As vozes dos guias se aproximam atrás de mim.

— Pare! Não se aproxime da fenda! — o guia alerta. — A borda está instável. Seu peso pode colocar tudo abaixo!

Sem largar a corda, cesso os movimentos e espero os homens chegarem perto. Os músculos dos meus braços tremem e reclamam do esforço.

— Juliet! Agente firme!

— Aless! Essa merda não vai aguentar o peso de nós dois. O homem desmaiou e está pendurado atado nas cordas. Preciso aliviar a pressão.

Merda! Merda! Merda!

Sei o que aliviar a pressão significa.

— Baixinha! Calma! Os homens de Kadeen estão aqui comigo. Nós vamos puxar vocês! Nem pense em cortar essa porra! — Desespero-me.

Os homens chegam e assumem o comando na sustentação das cordas.

Levanto, vejo Fran e Pietro sendo socorridos. Máscaras de oxigênio são presas aos seus rostos.

Que porra foi essa que aconteceu aqui?

Estudo o terreno e me aproximo da beira do precipício pelo lado das rochas aparentes.

Ok, calma!

Analiso a situação. O sujeito está de cabeça para baixo e com a perna direita enroscada nas cordas da escada. Juliet vem mais abaixo, agarrada a um degrau. Porra de mulher guerreira a minha! E louca e inconsequente! Seguro a raiva prestes a explodir.

Pensa, Aless, seja frio! Frio!

Respiro fundo.

— Juliet!

Ela vira o rosto em minha direção, não vejo pânico, mas determinação.

— Aless.

— Amor, não se mexa vou descer e alcançar você.

— Não há tempo! No impacto, as amarras cederão. Mais um pouco, tudo vai ruir — diz calma. — Escuta, Aless... Na hora que estávamos caindo lembrei de Julio. — Sorri com doçura. — A culpa não foi minha... foi um acidente. Ele me salvou, cortou a corda naquele dia. — Lágrimas brincam em seus olhos. — A única maneira de tentarmos sair vivos daqui é se eu aliviar o

peso — continua calma e firme.

— Não, Juliet! Nem pense nisso! Se você bancar a heroína e lançar-se para a morte, juro que te mato! — Arranco o gorro jogando-o no chão, puxo os cabelos, xingo e começo a vestir os equipamentos de rapel, que um dos homens me traz. — Não vou viver sem você! — Cravo meus olhos nos dela.

— Quer calar essa boca! Quem está falando em morrer? Sou possessiva demais para me matar e te entregar de bandeja para a vadia da Paola! — ri.

Quero esganar Juliet por fazer piada em uma hora tão tensa e de merda como essa. Fico pronto para descer.

— Aless, espera! — berra no meu primeiro passo. — Não dá tempo! Julio não tinha saída, mas eu tenho! Vê aquele degrau ali na parede de gelo?

Sigo sua indicação com o olhar.

— Não, Juliet! São quase dois metros. Longe demais! — Paro de falar e congelo no lugar quando um estalo indica que uma das cordas se rompeu. Toda a escada cede, balança e o corpo de Juliet e do guia chacoalham no ar. Ela se agarra ainda mais aos degraus e encosta a testa no alumínio gelado. Posso ver o ar quente sendo expelido de seus pulmões.

Há tanta vida e coragem nela.

Outro estalo e ninguém diz nada. Todos avaliam a situação como se o mísero som de nossas respirações pudesse fazer a estrutura ruir de vez.

— Aless, confie no que me ensinou — sussurra focada em meus olhos. — Te amo demais, Gigante.

— Juliet, não, por favor... — imploro, mas paraliso diante da força de seu olhar determinado.

Ela não vai desistir, nada do que eu diga poderá dissuadi-la.

Meu coração não sabe se para ou acelera. Seguro as lágrimas e os gritos de protesto e aceno minha concordância. Juliet sorri e concentra-se. Para o meu terror, ela solta uma das mãos do degrau, arranca a luva, volta a agarrar-se e repete a operação na outra mão. Em seguida, ela alcança uma piqueta presa às suas costas e... como uma trapezista, começa a balançar no ar... *Meu mundo, minha vida, meu tudo...* Estremeço. Seus olhos não estão mais em mim. Eles mantêm o foco nas paredes de gelo do precipício. As cordas rangem, meus dentes travam, meu coração estilhaça, mas não ousa dizer nada.

Concentração, Baixinha! Isso! Concentração!

Alheia ao perigo, seus movimentos são leves e precisos... É como se desligasse de tudo... Meu medo dá lugar à confiança. Acredito no talento e determinação dessa louca!

Em um último impulso, Juliet se lança no vazio e não chega nem perto do degrau no gelo.

Porra, merda, cazzo!

Paro de respirar. O corpo delicado de Juliet se choca contra a parede gelada e começa a escorregar. Um som agudo da piqueta cortando o gelo ecoa como as rodas de trem em atrito com os trilhos. Ela coloca uma segunda piqueta em ação, a sinfonia estridente redobra e, aos poucos, seu corpo vai perdendo velocidade até estacionar pendurado no nada.

Obrigado, Dio!

Meus joelhos falham.

— Uau, viu isso? *Madre Santissima!* — Juliet vibra e engulo em seco, sem conseguir me mexer ou respirar. — Puta merda, melhor que montanha-russa! — gargalha e depois grita eufórica. Nossos olhares se

encontram e há um brilho poderoso de vitória fumegando em seu rosto. Sou tomado por alívio e orgulho. *Minha deusa guerreira!* — Respira, homem! — ri. — Sei que sou foda, mas pare de tremer! Essa é a hora em que você me salva! Será que dá para mexer essa bunda linda e vir me tirar daqui? — grita animada.



Nunca desci tão rápido em um precipício. Com os olhos grudados em Juliet desço com cuidado, a cada metro meu coração aperta. Posso sentir o esforço tremendo que a Baixinha está fazendo para se agarrar às piquetas fincadas no gelo. Seu sorriso tenta me transmitir calma.

Mas porra! Como posso ficar calmo? Minha vida está ali... a poucos metros, correndo o risco de cair nos braços da morte, precipício adentro...

— Agarra firme... Só mais um pouco, Baixinha maluca. Se segura, porra!

— Tô segurando. — Sua voz trepida pelo esforço. — Daqui só para o topo, Gigante.

Apesar do frio, que faz nossas respirações virarem fumaça, o rosto de Juliet está coberto por uma camada de suor e pálido. Os nós de seus dedos desprotegidos das luvas estão brancos de tanto se agarrar. Os pés balançam para o nada.

Quando chego ao seu lado, a enlaço pela cintura e prendo seu corpo ao meu.

— Te peguei, minha vida. Caralho! Não sei se eu te bato por ser tão maluca e inconsequente ou se eu te beijo por ter feito uma manobra perfeita!

— Prefiro o beijo, Aless.

Ela afunda a cabeça em meu peito e respira com dificuldade, assovio dando sinal para que os homens nos puxem.

— *Dio*, Juliet. — Firmo meu braço em torno dela enquanto subimos lentamente. — Nunca mais me assuste assim, ouviu. Por um minuto pensei... — paro só de imaginar que essa louca tivesse cogitado se soltar.

— Aless — sussurra. — Eu lembrei de Julio... Ele se sacrificou por mim... No fundo, sempre soube disto, mas nunca quis admitir. Minha vontade é de bater nele... Deveríamos ter tentado de tudo... A vida é muito preciosa para não se lutar até o fim. Como ele pôde? Como fez isto... Desistir?

Há tristeza em suas palavras, mas também raiva.

— Baixinha, calma. Ele fez isto por você. Ele não desistiu, era o único caminho. Julio era experiente, sabia de suas chances... A última tentativa dele... Seu grande gesto foi deixá-la viva.

Seus olhos grudam aos meus em confusão.

— Você sabia? Como?

Respiro fundo e beijo sua testa.

— Quando contou sobre o acidente, eu fui atrás. Queria tirar a angústia de você. Tudo levava a isso, mas não disse nada porque são suas lembranças. A psicóloga que te acompanhou na época me convenceu. Sua mente precisava de tempo para lembrar... Por mais que eu quisesse contar, era teu... Não podia...

— Agora sou eu que não sei se te bato ou te beijo. Espionou a minha vida sem me contar... — Ela para parecendo refletir. — Quer saber... Também tive os meus momentos de espiã. Acho que é isso que fazemos quando amamos alguém, nos intrometemos para ajudar. Mas nunca mais me espie, Alessandro Salvatore Bolgheri.

— Só se você não fizer o mesmo, cara de pau! Posso saber o que andou espionando?

Antes que ela possa responder, vencemos os últimos centímetros de

subida chegando à superfície e a neve firme. Livro-me das amarras segurando Juliet com força. Sua respiração está difícil e sob a luz direta seu rosto está ainda mais pálido.

— Me alcança a porra de um cilindro de ar e uma máscara! — grito para um dos homens. Tiro um dos meus casacos colocando Juliet sentada sobre ele.

— Estou bem, Aless. Os meninos...

— Shhhh... graças a você, estão bem.

— O guia...

— Os caras estão tirando — interrompo. — Não fale mais nada. Concentre-se em respirar.

Ela obedece inspirando e expirando com dificuldade, tiro minhas luvas e visto em suas mãos geladas. A máscara chega e a obrigo a colocar.

— Não sou de sentir inveja, mas desses seus pulmões mutantes, eu tenho. — Sorri inalando oxigênio. — Jura que não sente nada?

Levanto os ombros indicando que não.

— Fico bem aqui. O ar rarefeito não me afeta. — Seguro a máscara garantindo que ela tenha o ar necessário. — Está pálida, Juliet. Tem certeza de que não se machucou na queda? Comeu de manhã? E a virose?

Ela faz um sinal de positivo concentrando-se em respirar. O som vindo do grupo de homens que atendem o guia, que acaba de ser resgatado, desvia minha atenção. Meu sangue sobe e, por mais que eu entenda os efeitos devastadores do mal da montanha, a porra do cara quase matou minha mulher. Os gritos aumentam... Fran e Pietro, refeitos pela dose de ar, tentam conter o homem junto com os demais.

— Fica aqui, Baixinha.

Ela segura meu braço quando percebe minha intenção.

— Não, Aless... Ele não estava bem... Ele...

— Dá para me obedecer, uma vez na vida, porra? Fica sentada aí e respira... — interrompo-a e vou em direção ao grupo.

O cara acordou e parece ainda mais furioso e contrariado. É grande e forte, os homens estão tendo dificuldades em contê-lo.

— Me soltem... *cazzo!* — esbraveja. — Cadê a filha da puta que me atacou? Espero que tenha se fodido no precipício. Puta!

Putas?

Tudo que vejo é vermelho. Foda-se o mal da montanha, o animal quase matou minha mulher. Parto cego de ódio para cima do bastardo, tirando todos que estão à minha frente e tentam me conter.

— Nunca mais se refira assim da minha mulher, seu filho da puta!
— Atinjo o primeiro soco em cheio em seu queixo protegido pela máscara de lã.

— Primo!

— Me deixa! Vai botar a máscara, porra! — Ignoro os apelos de Fran e atinjo o estômago do infeliz, que se curva segurando os joelhos e começa a gargalhar.

— Continua o mesmo bastardo arrogante! Sua mulher, hein... Se eu soubesse, Conde, a teria comido...

O terceiro soco fica suspenso no ar. Meu corpo paralisa ao reconhecer a voz atrás da máscara.

Não! Impossível!

Talvez eu também esteja sofrendo do mal da montanha. Só pode ser alucinação. Olho para o sujeito curvado diante de mim, rindo com deboche, e

para os homens ao meu lado, que parecem também não entender nada.

— Qual é, Conde... Arregou? O tempo te fez afrouxar? Já me deu socos mais fortes — continua a me instigar.

Meus olhos se fixam nos dele e é como se eu tivesse levado um chute na boca do estômago. Avanço sobre ele arrancando a máscara. Cambaleio sem poder acreditar. Cinco anos de dor, sofrimento e culpa explodem como um raio dentro de mim. Esfrego os olhos e volto a encarar o rosto impassível e familiar.

— Alex? — digo com a garganta seca. — Alex?

— Ora, ora, se não é o Conde... — fala com dificuldade, seja pelos socos ou pelo efeito da falta de ar. — Honestamente, não estou feliz em vê-lo. — Sorri com sarcasmo.

O encaro ainda sem poder acreditar. Apenas analiso o rosto envelhecido do amigo, que pensei estar morto há cinco anos. *Então era essa a bomba que Josh tinha para mim?* A vida é engraçada, quando pensamos que está tudo indo de acordo com o planejado, algo surpreendente e inesperado acontece. Coisas que nos fazem parar e perceber que não temos o controle de nada. Que somos apenas marionetes nas mãos de um destino, às vezes, impiedoso.

Passo as mãos nos cabelos, olho sobre os ombros para me certificar de que Juliet continua sentada concentrando-se em respirar.

Claro que não!

Está vindo decidida em nossa direção, segurando a máscara no rosto e o cilindro nas mãos.

Cazzo! Cazzo! Cazzo! Cazzo! Porra! Droga!

Não posso e nem consigo lidar com Juliet agora. Volto-me para o fantasma.

— É bom me dizer que ficou em coma até hoje. Sabe o quanto eu o procurei? Sua mãe morreu sozinha e ainda de luto por você! — grito sem poder me conter. A risada debochada, que volta a ecoar nas paredes de gelo, é a minha resposta; perco o chão e parto para cima novamente. — Seu bastardo desgraçado. Fiquei anos carregando a culpa por sua morte!

Eu o atinjo novamente com um soco, ele me acerta, dou outro. Ambos rolamos na neve em uma luta cheia de ódio e revolta. Nem as súplicas de Juliet me demovem da fúria. Todos os homens nos cercam tentando apartar a briga. Mais socos, xingamentos e ofensas.

A explosão e o clarão de um sinalizador nos trazem à tona. Desvio o olhar e vejo Juliet com o dito cujo do rojão nas mãos e suas feições contorcidas pela raiva. Tomo outro soco antes de ser arrastado para longe de Alex por cinco homens e Fran.

Respirando como um touro, livro-me das mãos que me prendem e só permito que Juliet se aproxime. Ela me abraça sem dizer nada, mas seu olhar me pede calma.

Respiro fundo tentando conter meus instintos assassinos. Juliet tem razão. Calma, calma... Não sou um animal.

— Te procurei por mais de um mês. Porra! — Grito para Alex e todo o meu corpo treme. — Penso no que aconteceu com vocês todos os dias! Me perguntando onde eu errei! O Fred...

— O Fred era um fraco. — Alex ri com desprezo tentando soltar-se dos homens que o mantêm imobilizado no chão. Seu rosto esfrega a neve branca deixando um rastro de sangue pelo supercílio e boca machucados.

— Por que não voltou? Perdeu a memória?

Alex ri, como se minha pergunta tivesse sido uma piada.

Irrito-me ainda mais.

— Está louco? — explodo. — Éramos como irmãos, seu bastardo! Por que fez isso? Sofri por você, porra!

— Seu sofrimento é pouco, Conde! Seu pai acabou com a minha família. — Debate-se. — E você, com sua maldita mania de agir certo, minou todas as minhas chances de enriquecer na K4.

— K4 era uma loucura! Seu sumiço foi uma vingança porque éramos contra as expedições por turismo? Olhe no que essa montanha se transformou! A superexploração da temporada! Há fila no cume, porra! Pessoas despreparadas estão morrendo, cacete! Alex, você sabia... Era antiético.

— Foda-se que pessoas estejam morrendo! Era muita grana, Conde! Um dinheiro que você e sua família ainda me devem! Passei anos à sua sombra... Aceitando migalhas que seu pai nos jogava.

— Nossos pais eram melhores amigos, porra!

— Uma amizade que matou meu pai!

— Seu pai se matou porque não teve coragem de enfrentar vocês e contar que perdeu tudo no jogo! Seu orgulho foi maior... Meu pai tentou... todos tentaram...

— É mentira! Não aceito essa história de merda que inventaram! Eu teria o que é meu de direito se você não fosse essa aberração!

Aberração?

— O quê? Do que está falando?

— Você deveria ter morrido com Fred. O K4 era meu! Voltar para quê? Pra ver você sendo consagrado como herói? Paola tinha razão, sem grana e fodido ninguém iria acreditar em mim!

— Acreditar em quê, porra?

— Que só quero justiça! Os vilões são vocês, não eu!

Louco! Ele está louco!

Começo a rir.

— Aless...

— Agora não, Juliet!

— Aless... Eu... acho... que tem alguma coisa errada...

Minha atenção desvia do louco para o rosto pálido e suado de Juliet. Suas pernas dobram e ela cai de joelhos.

— Juliet! — Esqueço de Alex e me concentro nela. Seus olhos estão fixos e vidrados nos meus. — Baixinha... Calma, o que está sentindo? Avisem o helicóptero, agora! — Pego-a no colo e começo a correr em direção ao ponto de encontro para decolagem. — Amor, me fala...

— Sangue...

Estremeço... Sangue é uma bosta de um mau sinal.

— Sangue? — Examino seu rosto. Nada.

— Minha barriga dói... — suspira agarrando-se a mim.

Sem soltá-la ou diminuir o passo, examino seu corpo e encontro uma pequena marca vermelha entre as pernas dela.

— Juliet, há quanto tempo está sangrando? Juliet?

Tudo que emite são grunhidos. Talvez, depois da adrenalina ter abaixado... alguma lesão interna... Meu coração explode em angústia e começo a correr. Minhas pernas afundam na neve macia.

— Tudo bem, está tudo bem, Baixinha. Está comigo, já vamos acabar com a dor.

Tento acalmá-la e a raiva dá lugar ao medo e ao instinto de proteção. Foda-se o Alex e seu passado de merda! Meu futuro precisa de mim. Espero

nervoso a gaiola de proteção descer, sou içado com Juliet para o helicóptero e partimos em direção ao hospital central.

— Vinte minutos para o hospital, Dark.

— Acelera essa porra!

Tento tirar a roupa de Juliet para examiná-la melhor, mas ela impede.

— Aless... Foi só a agitação, o impacto... Não é nada de mais... Acho que minha menstruação... Aiiii... — O rostinho lindo contorce e meu coração também. Acaricio sua bochecha tirando uma mecha grudada pelo suor frio. — Odeio cólica, não tinha uma dessas há anos! Me derruba essa droga!

— Shhhhh... Tudo bem... — Respiro mais aliviado, rezando que seja só isso mesmo e não uma lesão mais grave. — Só fica comigo, Baixinha. Estamos quase lá... Relaxa... Respira comigo... Está tudo bem... Tudo bem.



35.1

Dose dupla

— **Está tudo bem** o caralho! Que parte do é a MINHA MULHER que está lá dentro que não entendeu?

Perco a paciência com o enfermeiro que tenta me dizer, pela milésima vez, para eu me acalmar. Devia tê-los obrigado a me deixar entrar com Juliet na marra, merda!

— Primo, ele não entende inglês e nem italiano. Vem! — Fran, que acabou de chegar, me puxa para um canto. Vou com ele a contragosto, mas continuo a lançar meu olhar mortal para o enfermeiro idiota.

— Juliet está lá dentro há uma hora e tudo o que escuto é “*hum-hum*” e “*ok*”. Vou invadir essa merda logo!

— Não vai não! Aless, se tivesse algo errado avisariam. Isso aqui é o Paquistão, não Europa. O hospital não é top, as coisas demoram por aqui. Cris levou três horas só para engessar a perna.

Esfrego o rosto por puro desgosto e falta de paciência. Foi um erro dizer que Pam não precisava vir ao Paquistão. Pelo menos, teria alguém de confiança lá dentro. Olho ao redor e Fran tem razão, a estrutura é totalmente precária. Os médicos são guerreiros e fazem milagres por aqui.

— Fran... — murmuro me apoiando ao seu lado na parede desgastada. — Acho que poderíamos destinar parte da verba que será arrecadada no evento da *Mountain* para o hospital, o que acha? Sei lá... Tornar a vida dos pacientes e médicos um pouco menos caótica. Tentar trazer mais conforto e segurança.

— Porra, primo! Seria ótimo retribuir para um país que, de certa forma, é nossa segunda casa. — Ele me olha com a fisionomia ainda abatida.

— E você e Pietro? Não é melhor passarem novamente por testes?

Ele aperta meu ombro em um gesto de solidariedade.

— Relaxa, Alessandro, estamos bem. Depois do oxigênio, tudo estabilizou. Tenho certeza de que com Juliet também não será nada. Sabe o que a altitude faz com o corpo das mulheres, desregula tudo. Foi reflexo da tensão, tenho certeza.

Balanço a cabeça sem muita convicção. Meu coração entrou com ela por aquela porta e, a cada segundo, sinto minha respiração ficar mais apertada. O peito chega a doer de angústia.

— E como você está? — Fran me avalia com cautela.

Passo as mãos nos cabelos soltando o ar devagar.

— Tô uma bagunça. Essa coisa do Alex tirou meu chão. Se não fosse por Juliet, estaria lá exigindo respostas dele. Cinco fodidos anos amargando a culpa por uma morte que não aconteceu. Anos atolado em uma fase negra, me punindo e fazendo uma sequência de merdas pela dor de perder meu melhor amigo. E agora, eu o reencontro assim? Estou aliviado porque está vivo, mas assustado. Alex parece outra pessoa e as coisas que ele soltou lá na montanha me levam a pensar que tem mais coisa aí. E o Josh?

— Voltou essa manhã para Roma. Vai ficar sem andar por um bom tempo. O acidente foi feio, o jipe capotou e ele teve esmagamento da tíbia. Achou melhor se operar lá.

Bato minha cabeça contra a parede atrás de mim.

— Ele tentou falar comigo, mas estava tão angustiado com o sumiço de Juliet que o dispensei para não ocupar a linha. Disse que conversaríamos assim que chegasse.

Encaro Fran me sentindo um idiota por deixar meu medo falar mais alto, mas tudo relativo a Juliet me deixa irracional. Ela sempre será minha prioridade.

— O que pretende fazer? — Fran sonda com cautela. — O cara parece bem pirado.

— Até ter certeza de que Juliet está cem por cento bem, não pretendo fazer nada. Não vou arredar o pé daqui. Falo com Josh depois. E tem a Paola também, já sabia que Josh tinha razão quando os acusou de estarem me fodendo pelas minhas costas. Na época, meu ego falou mais alto, não quis acreditar que meu melhor amigo e minha namorada fossem capazes disso. Mas depois que a peguei com Romeu... percebi que poderia ser verdade, mas aí Alex e Fred já tinham ido. Eu já tinha me livrado dela. Achei melhor deixar as coisas como estavam. Nem as perícias sobre o acidente foram concluídas.

— Do jeito que está falando... acredita que pode ter dedo do Alex no que aconteceu?

— A forma como se referiu ao Fred hoje lá em cima, não sei não... E o ódio... — Coço a barba olhando para o teto depois, checo a porta de atendimento e, por fim, encaro Fran novamente. *Porra de consulta mais demorada!* — Sinceramente, algo dentro de mim está dizendo que sim. Embora deseje que tudo o que ele disse não tenha passado de alucinação por causa do mal da montanha.

Caralho! Finalmente!

A porta do ambulatório abre e uma médica aparece.

— Juliet Dammagio.

Dou um salto desgrudando da parede e indo a passos largos em sua direção.

— Aqui! Eu! Juliet Damaggio.

A doutora me analisa, sei que devo estar parecendo um louco alucinado e descabelado. A mulher sorri, estende a mão e me cumprimenta repetindo o gesto para Fran ao meu lado.

— Vocês são o quê da paciente?

— Ela é minha mulher — apresso-me. — Como ela está? Já foi liberada? Posso vê-la?

— Juliet está bem, foi um susto grande, mas agora está tudo bem e já foi transferida para o quarto.

Eu e Fran nos entreolhamos.

— Como assim, quarto? Pensei que poderia levá-la embora, pretendo voltar para a Itália o mais rápido possível — omito o fato de que pretendo fazer isso para que Juliet seja examinada o quanto antes por médicos de minha confiança.

— Sr. Damaggio...

— Salvatore Bolgheri — interrompo-a corrigindo. — Alessandro... Dark.

— Desculpe pensei que usassem o nome de casados.

— Eles não são casados. — Fran se mete no meio.

— Juliet e eu... Bem, eu sou seu... — enrolo-me e nem eu sei o que sou de Juliet. Namorado? Caso fixo? Merda! — Ela é minha mulher! — Mostro a aliança para a médica e olho feio para Fran, que encolhe os ombros.

— Entendo. Bem, como seu companheiro, Sr. Salvatore, deve querer o melhor para ela. Juliet teve uma hemorragia.

— O quê? — Seguro os ombros da médica e seus olhos dobram de tamanho. Solto-a constrangido. — Não era a menstruação? A queda afetou

algum órgão?

— Calma. Nem um nem outro. Mas ela poderia ter tido consequências que iriam se refletir por toda a sua vida. Preciso dela em observação por mais algumas horas. Os exames preliminares me tranquilizaram, tudo está como deveria ser. Foi um pequeno descolamento da parede do útero. Isso é mais comum do que se imagina, embora pudesse ter sido evitado, se ela não tivesse sido exposta ao estresse e intempéries da montanha.

— Não te falei? — Fran bate em meu ombro. — Coisas de mulher.

— Posso vê-la?

A médica concorda e seguimos com ela por entre os corredores do hospital. As coisas fora da emergência parecem mais calmas e organizadas. Corredores limpos, bem conservados e silenciosos.

— *Dio Cristooooo! Nãooooo!*

Nós três paramos o passo com o som que ecoa nos corredores. Desesperado, olho para os lados. Reconheceria essa vozinha doce e braba até debaixo d'água.

— Porra, é a Baixinha!

Saio correndo na direção do choro descontrolado que começa, foda-se onde estamos! A médica e Fran vêm atrás de mim gritando calma.

Guiado pelo som, que só aumenta, calculo errado a força e acabo derrubando a porta, que parece mais forte do que na realidade é, ao bater com as palmas das mãos sobre ela. Entro cego pulando a madeira estilhaçada e arrancando um enfermeiro de cima de Juliet na cama.

— Tira a mão da minha mulher! O que fez para ela chorar? — Agarro Juliet, que chora sem parar, olho com fúria para o homem que segura uma seringa. — Tentou dar a porra de uma injeção nela? — berro

acalentando Juliet, que agarra a minha camisa. — Viu o tamanho dessa agulha? É gigantesca, cacete! Ela tem medo deste troço, seu otário!

O enfermeiro, que está mais branco do que seu avental, olha para a seringa, para mim, para a porta no chão e depois para Fran e a doutora boquiabertos na entrada do quarto.

— Eu só... Eu só... Mas ela... ela... ela me mordeu!

— Bem feito! — rosno e limpo as lágrimas que escorrem pelo rosto delicado e lindo da Baixinha. — Shhhhh... nada de injeções. Não vou deixar ninguém chegar perto de você. Amor, agora acalme-se, ok?

Ainda fungando, Juliet afunda a cabeça em meu peito.

— Aless, eu sinto muito, eu não... *Dio* Cristo! Sua mãe, o Peppe... Eu não posso, não vou conseguir... *Dio!* Matei meu frango no primeiro dia!

Segurando rostinho atordoado, olho para a doutora que está passando um sermão no enfermeiro. Não entendo nada.

Como o frango enforcado veio parar nessa história?

O homem lhe entrega algo que parecem ser exames e sai aos prantos.

— O que está acontecendo aqui, posso saber? — exijo da médica e Juliet continua a murmurar algo sobre o frango e sua incapacidade de cuidar de seres vivos.

A doutora respira fundo, aproximando-se escoltada por um Fran visivelmente chocado.

— Elay não deveria ter mostrado o resultado dos exames sem a minha autorização.

Juliet geme com as palavras da médica e eu congelo.

— Mas a senhora disse que não era nada grave! — rosno.

— E não é — a médica defende-se.

Juliet se desvencilha afastando o rosto de minhas mãos. Seus olhos avermelhados são de puro medo.

— É muito grave sim, Aless! Muito... Desculpe... Nunca mais poderemos voltar à Itália ou seremos mortos! *Dio!* — Volta a chorar.

Tá, qualquer paciência que eu tinha acaba.

— Alguém pode me dizer que porra está acontecendo aqui? Por que não poderemos voltar à Itália? O que é ou não grave?

Juliet geme.

— Senhor Salvatore, preciso de alguns minutos de privacidade com a paciente — pede examinando a porta no chão.

Fran se apressa para tirar a madeira do caminho. Um pequeno alvoroço começa a se formar no corredor. O pessoal do hospital e alguns pacientes em suas batas brancas e soros espiam o nosso quarto. Largo Juliet e fecho os olhos levando as mãos aos cabelos. Puxo-os tentando restaurar o controle. Respiro fundo... Inspiro e expiro... Ninguém arrisca a dizer nada.

— Fran, dá um jeito de tapar esse buraco com o que restou da porta, mantenha os curiosos longe e me espere lá fora — peço em uma calma fingida.

Ele obedece e, em poucos segundos, somos só nós três no quarto: eu de pé, ao lado da cama; Juliet encolhida, com os olhos mais arregalados do que um lêmure; e a médica visivelmente contrariada.

O quarto com cama, janela com varanda e um sofá, que mal cabe metade de mim, parece minúsculo para a tensão no ar. Caminho quieto até a janela, observo a movimentação da rua lá embaixo, enquanto analiso minhas possibilidades.

— Doutora... — inspiro mais uma vez, sem olhar para elas. Limpo a garganta, coço a barba porque me acalma. Viro-me para ter uma boa visão

das duas atentas a mim. — Já disse, Juliet é minha mulher. Não existe a menor possibilidade de eu sair daqui e dar a tal privacidade que precisa. A questão é: qual das duas vai me dizer que diabos está acontecendo?

Cruzo os braços aguardando uma resposta. A médica caminha até a cama e segura o rosto da Baixinha.

— A decisão é sua, querida. Vocês dois não são casados e é a principal afetada com a mudança que está por vir. Posso pedir que o tirem daqui se quiser, pelo menos, até se acostumar com a ideia e se decidir. Tenho os exames finais e detalhados, tudo o que precisa saber. É uma linda novidade! Maravilhosa, eu diria. Sei que foi um baque, parece que não foi muito planejado, não é?

Vejo Juliet balançar a cabeça em concordância com a doutora, minhas sinapses fazem a ligação, congelo. Minha respiração hiperventila e, pela primeira vez na vida, sinto me faltar o ar. Curvo-me apoiando as mãos nos joelhos buscando por ar. Uma descarga de euforia, medo, orgulho, amor, tesão e instintos protetores invadem meu âmago, explodindo dentro de mim. Minha pele começa a pinicar e suar. Endireito-me, cambaleio e me apoio na parede.

Não! Sim! Não! Sim! Porra! Sim! Sim! Sim!

Olho em direção as duas, que estão boquiabertas.

— Doutora... — minha voz sai falha e sinto lágrimas brotarem. — Essa sua conversa, está dizendo... — Encaro Juliet assustada e apreensiva. Sorrio. — Está dizendo que eu e a minha Baixinha, que nós... — Esforço-me para conter as lágrimas e manter o tom de voz calmo. — Nós... Nós fizemos um filho juntos...

O meu filho está ali? Aqui?

A médica sorri para a Juliet, que faz sinal incentivando-a a falar:

— Tecnicamente é isso sim, senhor Alessandro. Mas existem alguns detalhes que ainda não esclareci.

Preciso apenas de um passo para chegar até a cama e agarrar Juliet. Pego-a de surpresa, agarrando seu rosto e lhe dou um beijo apaixonado esquecendo onde estamos e com quem estamos. Descarrego no beijo toda a emoção que estou sentindo. É mágico, intenso, é bom pra caralho... Só podia ser com ela... É tudo tão certo. Vou ser a porra de um pai! Já sou a porra de um pai! Interrompo o beijo e me inclino em direção ao seu ventre liso, acariciando-o e depois beijando-o.

— Baixinha, meu amor maior, escuta. — Seguro novamente seu rosto. — Essa é a porra da melhor notícia que já recebi na minha vida. Um filho! Nosso filho!

Ela me encara ainda aflita.

— Não está bravo? Juro que não sei como aconteceu? Aless, o Peppe, a sua mãe... *Dio!* Não sei se consigo... É muita responsabilidade. Matei meu frango, Aless. Quase o matei o Salsicha também. Eu juro, eu jamais teria... *Dio!* Que espécie de mãe eu vou ser?

— A mãe que eu escolhi para o meu filho. A única mulher que poderia me fazer querer uma família. Juliet, não me interessa que tipo de mãe você será, desde que seja você. Vai dar tudo certo, prometo.

— Hum-hum... — Ambos viramos para uma médica satisfeita e sorridente. — Sinto muito interromper o momento do casal. — Sorri e olha para Juliet. — Minha querida, não sabe como aconteceu? — fala divertida. — Pela explosão que assisti aqui agora, não me assustaria se o resultado fosse ainda mais incrível. E agradeça aos céus, é a primeira vez que vejo um homem reagir assim com tanto entusiasmo.

Abraço Juliet e meu filho dentro dela.

— Doutora, Juliet passou por momentos difíceis lá em cima. A pressão atmosférica faz o diabo com os nossos organismos. Tem certeza de que ela e o bebê estão bem? Não é melhor refazer todos os exames? Ou fazer uns novos... Uma tomografia? Juliet estava com virose, vomitando. Ela já comeu?

A médica sorri ainda mais.

— Primeiro, vamos nos acalmar, ok? Sei que é um baque, principalmente quando não se é planejado. Mas, pelo amor que vejo entre vocês, acho que a notícia só trará alegrias. E meu bem... — A médica se volta para Juliet. — Não esquite a cabecinha com preocupações. Ser mãe simplesmente acontece, tenho certeza de que se sairá muito bem. Já vejo o brilho especial em seu olhar.



Juliet

Agarro-me à Dark como a uma tábua de salvação. Em menos de uma hora tudo mudou. Sei que daqui para frente, nada mais será igual e estou apavorada. Tenho medo da minha falta de experiência, tenho medo da reação de *papà* e da mãe de Aless. Das acusações que certamente irão surgir na imprensa... Estou com medo que as coisas entre nós mudem. E, acima de tudo, me sinto culpada.

Como posso ser uma mãe, se nem percebi a gravidez? Como posso ser boa para o meu filho se quase o matei? Se nem passou pela minha cabeça que os enjoos, a fome e as vertigens poderiam ser ele me avisando que já estava aqui. *Dio!* Sou uma mãe egoísta! Igual a Zetta! Estava tão focada na expedição e no trabalho que nem dei atenção aos avisos do meu próprio

corpo. Sempre ouvi falar que uma mulher sabe quando está esperando um filho, mas eu não. Nem percebi!

Dio! Eu sou péssima!

— Doutora — arrisco a falar —, não vou negar que estou completamente atordoada com a notícia. *Dio!* Não que seja ruim... Mas tenho medo de ter maltratado o bebê. Jamais teria posto os pés naquela montanha se eu soubesse, juro.

A médica senta à beira da cama. Dark se contorce para dar espaço, mas não desgruda de mim.

— Foi imprudente, sim. Mas vamos deixar o que já foi de lado e focar no futuro. Preciso que se conscientize de que terá que tomar cuidado daqui para frente. Não que gravidez seja um problema e, apesar do sangramento, a sua parece que vai de vento em popa. — Sorri e, acariciando meu ventre, o protejo com as mãos. — Bom, a pergunta é... Devido ao sangramento e ao estágio da gravidez, eu fiz todos os exames à nossa disposição. As coisas estão um pouquinho diferentes aí dentro do que imaginam. Mas nem todos os casais gostam de detalhes além do tempo de gestação e se o feto está bem.

— Eu preciso de todos os detalhes. — Dark me olha quase implorando e eu sorrio tentando acalmá-lo.

— Doutora, meu Gigante é um homem de detalhes. Se alimenta deles. O homem é teimoso, acredite em mim. — Sorrio passando a mão em sua barba. — Ele não vai te deixar em paz até que nos diga tudo. Confesso que também estou louca para saber. Estava desacordada quando fizemos os exames, não vi nada. De quanto tempo estou? O bebê está bem mesmo? Será que poderia recomendar que eu fique aqui no Paquistão até ele nascer e completar dezoito anos? Não sei se meu *papà* vai aceitar muito bem a ideia.

Ele é meio conservador.

A médica gargalha e Dark se ajeita na cama me colocando em seu colo.

— Baixinha, nós não vamos fugir. Não vou deixar ninguém brigar com você ou falar mal do nosso filho. Não sabe do que sou capaz de fazer para proteger vocês dois.

— Três.

Dark para de falar e ambos encaramos a médica, que está ao telefone chamando uma enfermeira.

— Na verdade, casal... O senhor protetor aí vai ter que defender três. Ou melhor, as três. O pacote está um pouco diferente do que imaginam. São gêmeas e univitelinas. Até eu me emocionei quando vi, foi simplesmente incrível. Está de três meses e meio, Juliet. Não percebeu, porque é magrinha e sua constituição física é de uma atleta. A barriga demora mais para despontar, mas aposto que notou umas mudanças básicas em seu corpo, não?

Ambos não dizemos nada. Sinto o corpo de Dark tremer como um trem fora dos trilhos. Sua respiração chega a ofegar. Eu também não consigo conter os meus próprios tremores...

Dois bebês? Meninas? Dio!

Vemos o que restou da porta ser afastada para em seguida entrarem uma enfermeira carregando uma máquina e Fran.

— Tudo bem aí? — Fran pergunta ressabiado. — Posso continuar lá fora se quiserem. Juliet, você está bem? *Bella*, estou agoniado.

— Duas... — Ouço Dark sussurrar. — Puta que pariu, primo! Duas! Caralho! Duas!

Dark me põe de lado, salta da cama e aperta Fran em um abraço.

— Duas o quê, Alessandro?

— Duas *bambinas*! Duas miniJuliets. Sou a porra de um pai, Fran! Pai!

— O quê? — Confuso, Fran se livra do abraço. Segura Dark pelos ombros, olha para mim, para a médica e volta-se para Dark. — Está querendo dizer que vocês, seus trepadores de uma figa, fizeram duas sobrinhas para mim? Caralho! Parabéns! — Abraça Dark novamente. — Precisamos ver onde o Peppe comprou a arma, com duas *bambinas* vamos precisar! — gargalha, soltando Dark e vindo em minha direção para um abraço.

— *Bella*, parabéns! E eu que pensei que era a comida da Maria que estava te engordando!

— Tá me achando gorda?

— Cala a boca, imbecil! Juliet não está gorda! São as minhas *bambinas*!

— Dark! Alessandro Salvatore Bolgheri! Você também está me achando gorda? *Dio*, como você é falso, te perguntei e negou!

— Está vendo o que fez, seu idiota?! — Dark vem em minha direção. Cruzo os braços e me recuso a ir para o seu colo. Ele ignora minha braveza e me agarra assim mesmo. — Juliet! Cristo! Tanto que não te acho gorda que nem desconfiei das *bambinas*. Te acho a Baixinha mais gostosa do universo, sabe disto. Amor, para de birra!

— Não. — Tento me soltar. — Nunca mais ponho uma comida na boca. A culpa é tua! Você que enfiou dois nenês em mim. Todo mundo só coloca um, mas é claro, folgado e espaçoso como é, já foi logo pondo dois!

— Juliet, você vai comer nem que seja na marra. Não tenho culpa se meus espermatozoides são poderosos. E para o seu governo, sua clínica, cara de pau, não fiz as nossas filhas sozinho, sua participação foi bem animada!

As gargalhadas da médica e da enfermeira invadem o quarto. Só então me lembro de que elas estão aqui.

— Caramba, vocês são sempre assim? Intensos? — indaga se abanando com um exame. — Não é à toa que são duas. Essas crianças vão nascer umas espoletas! Falando nelas, não estão curiosos para vê-las?

Meu foco de interesse muda, paro a discussão na hora.

— Já dá para ver, tem foto aí? Me dá! — Tento sair da cama, mas Dark me impede. — Me solta! Quero ver minhas minis.

— Não, tem que ficar de repouso! E comer!

— Vai sonhando, você não manda em mim, seu *maledetto* desnaturado. É a foto das nossas filhas! Não acredito que não quer ver!

— Quem disse que não quero ver? E quem disse que eu não...

— Ôôôô, parou os dois! — Fran berra tentando botar ordem. — Eu quero ver as minhas sobrinhas, pode ser? Depois vocês terminam de disputar quem é o mais teimoso!

Sinto-me envergonhada e Dark bufa contrariado. Cutuco suas costelas com o cotovelo.

— Desculpa, gente, o Alessandro não tem modos.

— Ah! Eu não tenho modos? — Dark me aperta mais.

— Querem ver ou não? — A médica assume uma postura matronal. — Tenho uma coisa melhor do que foto e é simplesmente incrível. Nossos aparelhos são de última geração no pré-natal. Pelo menos, isso funciona bem por aqui. Eu gravei o ultrassom.

Ela liga a máquina e uma tela azul acende.

A briga é esquecida assim que o som acelerado de dois coraçõezinhos invade o quarto. Todos os pelos do meu corpo arrepiam e

lágrimas surgem sem que eu possa me conter.

Dio, é real mesmo!

Minhas meninas existem e estão dentro de mim!

Por instinto, minha mão cobre minha barriga. Dark imita meu gesto colocando a dele sobre a minha. Aos poucos, as imagens da tela vão ganhando nitidez.

— As meninas já têm cerca de cinco centímetros agora — informa a doutora e meus olhos estão hipnotizados na imagem. — Aqui, vejam, está tudo bem com elas. Uma formação perfeita. O que mais me impressionou foi isso aqui. — Ela aproxima a imagem e vejo dois micros seres-humaninhos se abraçando agarradinhas dentro de mim. *Dio!* — A impressão que dá é que ambas pressentiram que estavam em perigo e se apoiaram uma na outra, se abraçando. Isto é muito raro, mesmo para univitelinos. Eles até interagem. Há toques entre eles, mas abraço é muito raro mesmo.

Choro, emocionada diante da imagem, agradeço a vida e a Deus por elas estarem bem. Abraço meu gigante.

— Obrigada — agradeço do fundo da minha alma, pois sem ele e apenas com ele, eu poderia ter recebido os melhores presentes de minha vida. Choro pela grandeza do que elas representam, choro pelo meu amor por Dark, que é maior do que a vida, e choro por gratidão... Amo esse *maledetto*! E nossas meninas são a concretização desse sentimento.



Sonhos e expectativas

Com a proibição de viajar, passei os últimos dez dias enfiada no hotel. Saber que não errei com Julio, que não fui eu a responsável por sua morte, trouxe uma paz que há muito não sentia.

Dio, estou grávida!

A cada dia, a presença das meninas fica mais forte. Como pode? Duas *bambinas*. É muita felicidade, mas também um medo danado.

Tédio e desespero são o meu nome. A única coisa que poderia fazer para me acalmar, eu não posso. Já estou subindo pelas paredes. Nunca fiquei tanto tempo sem meu Gigante.

Médica maledetta!

Nada de sexo por vinte dias. Alessandro mal me toca, é como se eu fosse de vidro. E para piorar, inventei de ler, uma tarde dessas, o último romance da minha autora preferida: *Pilota-me!*

O que foi aquele livro? Sabia que a sequência final de *Sacanagens aéreas* seria arrasadora. Dito e feito... Tenho tido pensamentos impuros com Dark vestido em um uniforme... Ele descendo de um caça... Óculos de aviador, tirando o capacete... e me possuindo ali mesmo no hangar!

Dio Cristo!

Hoje acordei tarada e praticamente arrancando as roupas dele. Implorei, chorei e nada. Minhas Três Marias estão órfãs, sedentas por contato.

Sei lá se são os hormônios, mas nunca estive tão necessitada na vida.

Dark? Parece um papagaio enlouquecido. Não há frase que diga que não dê um jeito de enfiar um:

— *Agora sou pai. De gêmeas! Duas bambinas! Dá para acreditar?*

Nem mesmo toda a tensão em torno de Alex consegue segurar o facho do homem. Às vezes, eu penso que, sem as meninas, ele não aguentaria o baque. Alex passou por uma avaliação médica inicial... Demência. E tudo indica que seus distúrbios psicóticos não são de hoje. A cada saída de Dark, Fran e Kadeen, que têm se empenhado em ajudar nas investigações, mais uma peça se encaixa.

Os erros primários no projeto, a rota levando para um terreno repleto de fendas, a falha nos indicadores de níveis de oxigênio... O sumiço... O acidente de Josh. Das poucas palavras que Alex vocifera, todas são carregadas de ódio e rancor.

O homem culpa Dark pela morte do pai. Se ressentido de ter passado a adolescência à sombra dele. Acusa meu Gigante de ser uma aberração; se não fossem por seus pulmões privilegiados, certamente seu destino seria o mesmo de Fred. Morrer lentamente naquela montanha pelo frio e a falta de oxigênio.

Se existe um ponto positivo nisso tudo é que passada a raiva, Dark parece estar em processo de libertação. Passou anos se culpando por ter sido o único a sobreviver. Se isolou e fez coisas para se punir e agora... tudo isso não tem mais por quê. O que aconteceu há cinco anos está acima dele, foi um golpe vil. Arquitetado, aproveitando-se da confiança cega dele por Alex.



— *Oi, e aí? Como foi? Alguma novidade?*

— *Nada, Baixinha. Na mesma. Quando me vê, Alex explode. Hoje*

consegui falar com Josh, mas não quis forçar a barra. O cara acabou de ser operado e a recuperação será lenta.

— O que ele disse?

— Que reconheceu Alex em uma foto de amigos, postada no Instagram. Por isso me procurou e combinou de nos encontrarmos aqui, queria me contar. Descobriu que, depois da avalanche, Alex mudou o nome e foi para o Himalaia. Passou esses anos lá, como guia no Everest. Foi uma surpresa cruzar com o Alex aqui. Quando o encontrou e o confrontou, tudo o que Alex disse foi que veio pra cá quando soube do projeto. Estava irritado por não me encontrar. Na certa, queria terminar o que começou.

— Acha que ele foi o responsável pelo acidente do Josh?

— Os dois nunca se deram bem e Josh descobrindo a farsa sobre sua morte era uma pedra no caminho... A mangueira do freio foi cortada. A conclusão é meio óbvia.

— Não gosto de te ver tão angustiado.

— Sinto como se o chão tivesse sido arrancado de mim. Como pude ser tão cego? Era o meu melhor amigo. Confiava minha vida a ele, porra! Fiz merdas e magoei pessoas por causa da culpa maldita que eu carregava.

— Gigante, acabou. Sei que é difícil, mas pense que a vida está lhe dando um presente. Que, a partir de agora, poderá seguir em frente sem essa carga.

— Só quero entender por que agora? Por que não na minha última incursão? Louco ou não, Alex sabia muito bem o que estava fazendo quando foi atrás do Fran. Ele sabia que eu jamais me perdoaria se algo acontecesse ao meu primo... A você... Pelo menos conseguimos a ordem judicial para mantê-lo internado.

— Alex está louco, não diz coisa com coisa, talvez nunca haja

respostas. Enterre esse seu passado de vez. Tem gente chegando por aí que precisa de você inteiro. Eu preciso de você.

— Caralho, nossas bambinas! Oh, Baixinha... Te amo tanto. Sei que tem razão, agora que sou um pai é em nossa família que tenho que me concentrar! Duas bambinas! Dá para acreditar?

— Dio, homem! Se controla, daqui a pouco o Paquistão inteiro saberá da novidade!



Dito e feito, a notícia da gravidez se espalhou. O que era para ser só nosso, virou de todo mundo.



— Mamma! Como assim, papà queria embarcar armado e a senhora escondeu os passaportes? Dio! Esses gritos são dele?

— Foi o único jeito, Passarinha. Teu papà não recebeu muito bem a notícia. Anda gritando pelos quatro cantos que é um avô solteiro. Que Alessandro te deflorou e desgraçou. Depois chora feito um bebê por causa das netas. Chora, grita, ri e esbraveja há uma semana.

— Madonna Santissima! Talvez seja melhor ficarmos mais tempo por aqui. Não queria que ele soubesse assim, queria contar pessoalmente. Mas a língua do Dark está maior do que a boca! Está impossível segurar o homem.

— Deixe Alessandro curtir o momento, estou que não me aguento de tanta felicidade. As meninas do centro de apoio se ofereceram para me ajudar no enxoval... Tanta coisa! Tudo em dobro! Quero minhas bambininhas lindas. Passarinha, você me fez a avó mais feliz do mundo.

— *Pena que não posso dizer o mesmo de papà. Será que um dia ele vai me perdoar?*

— *Ah, perdoa sim. Juliet, conhece seu papà. É teimoso, ainda vai levar um tempo para ele digerir tudo. Ter que aceitar que é uma mulher e não mais a menininha arteira dele, foi um baque. E mãe, ainda por cima. Mas deixe que com ele, eu me entendo. Seu tio receitou uns calmantes e comecei a colocá-los escondido na comida. Não dou dois dias para o meu Peppe virar um cordeirinho.*

— *Que Dio te escute, mamma!*



Finalmente a doutora me liberou.

Saímos da consulta no hospital direto para o aeroporto. Para evitar o assédio da imprensa e curiosos que esperavam por nós no aeroporto, foi montado um esquema especial. Com Alex e enfermeiros a tiracolo, embarcamos em sigilo e toda a primeira classe foi reservada para nós. Cris, que também teve que amargar uns bons dias de molho no quarto do hotel, está em uma cadeira de rodas. Pam veio especialmente para acompanhar Alex. Assim que aterrissarmos, ele irá direto para uma instituição psiquiátrica em Roma.

E agora?

Estou aqui, em uma das cabines da primeira classe, deitada confortavelmente nos braços do meu Gigante. Ainda sonolenta de uma soneca, mais uma das muitas que tive nas mais de dezenove horas de voo já transcorridas, sorrio e lembro da última vez que fizemos este mesmo trajeto para casa. Dois estranhos que tiveram seus destinos cruzados por um amor em comum: o K2. Duas pessoas com tragédias pessoais e que precisaram

aprender a ceder... Quer dizer, ceder mais ou menos, mas que encontraram um no outro a força para romper as barreiras erguidas pelo medo e a dor da perda.

Que juntos, apesar de todas as contradições, criaram algo maior: nossas *bambinas*.

Pois é. O frio na barriga é inevitável, temos um desafio e tanto pela frente: encontrar um caminho para construirmos uma vida em comum. Só espero que nada nos atrapalhe. Gosto de como estamos, da nossa casinha, deste mundo que só pertence a nós. Apenas Aless, eu e as *bambinas*.

— Juliet...

— Hum...

— Estive pensando... Com as *bambinas*, as coisas mudaram de figura. Precisamos nos casar o mais rápido possível.

O quê?

— Como assim, precisamos?

— Precisamos, Juliet. É o certo. Está grávida. Já conversei com o juiz de Bolgheri, em uma semana os papéis estarão prontos... É melhor voltarmos para o casarão. Podemos transformar um dos quartos em berçário.

Ele andou fazendo arranjos sem me consultar?

Amo nossa casinha!

— Como é que é? — Espalmo seu peito e sento de frente para ele na poltrona-cama. — Não vou me casar às pressas só porque é o certo e muito menos porque estou grávida!

— Ah, vai sim!

Dio, onde foi parar o romantismo? O que aconteceu com o “Não vivo sem você, quer ser a minha esposa?”.

— Ah, não vou não.

Tento sair da poltrona, mas Dark me enlaça apertado.

— Eu te amo, porra!

Seu olhar dizendo que sou seu mundo inteiro quase me dobra.

— Também te amo, mas não tá certo. — Mal consigo acompanhar minhas emoções... Quero e não quero. Parece certo, mas tão errado. — Não quero casar às pressas, como se as nossas meninas fossem um erro! Não quero esconder minha barriga, quero exibi-la! Esqueceu que temos família? Você é um *maledetto* insensível, onde já se viu me propor desse jeito! Sou uma mulher grávida e sensível, caramba!

— Quem está falando em erro ou esconder alguma coisa? — Dark me lança um olhar severo. — Isso é um não? — Os lábios dele apertam.

Dio!

— Não é um não, mas também não é um sim.

— Ah! Juliet, Juliet... — A irritação percorre seu rosto quando me solta e passa as mãos nos cabelos já bagunçados. — A gente vai se casar, nem que seja na marra.

— Experimenta me forçar. — Resisto ao impulso de puxar meus próprios cabelos. — Não estamos falando de um churrasco, é um casamento! Quero que seja um dia especial, uma semana não dá pra nada. Tenho sonhos, criei expectativas, poxa vida!

— Sonhou em se casar comigo?

Será que esse homem só escuta o que lhe convém?

— E isso importa? Pelo jeito, meus sonhos não estão em jogo. — Nem morta vou contar que no meu tempo ocioso no hotel, eu e Cris passamos horas fantasiando sobre o meu casamento ao ar livre. — Você estragou tudo.

— Juliet, amor...

— Não me venha com essa de Juliet, amor... — Meu estômago revira. Mal me acostumei com a ideia de ser mãe, um casamento a toque de caixa é demais para mim. — Podemos continuar essa conversa mais tarde? Esse assunto tá me dando enjoo. Preciso de água.

Antes que eu possa piscar ou dizer mais alguma coisa, Dark está de pé.

— Deixa a água comigo.

Observo-o sair. Com um suspiro, caio de costas na poltrona, alcanço um travesseiro e cubro o rosto. Por mais que o ame e me doa vê-lo decepcionado, não acho certo ceder. Nós merecemos algo especial.

Casar às pressas! Isso é loucura!



Dark

Apesar da vontade de xingar o mundo, caminho os poucos metros, entre a cabine e a copa do avião, tomando cuidado para não fazer barulho e acordar o restante da equipe. Não entendo Juliet, a coisa está tão definitiva entre nós que não vejo a necessidade de esperarmos mais.

Uma aeromoça me recebe com ares prestativos.

— Pois não?

— Oi, boa noite. Duas águas, por favor.

Recosto o ombro na abertura da copa e aguardo. A mulher ensaia ir em direção ao refrigerador, mas desiste para me dar uma boa olhada curiosa.

Por que diabos ela está me olhando desse jeito?

Examino minhas roupas... Tudo no lugar.

— Algum problema?

— Desculpe a intromissão, senhor, mas a mocinha tem razão.

— Sobre? — Não entendo.

— Até o meu esposo, que não tem um pinga de sensibilidade no corpo, foi mais romântico do que o senhor. — A comissária, por volta dos seus cinquenta anos, me escrutina sob os óculos de coruja. — Pelo menos, ganhei um anel e uma pizza.

Ri como se eu fosse um estúpido, o que provavelmente eu seja.

Cazzo! Um anel.

Achando graça do meu queixo que cai, ela ri ainda mais quando, finalmente, abre o refrigerador repleto de bebidas.

— Estava nos xeretando? — Tento transferir meu desconforto para ela.

Olha-me sobre os ombros.

— Vocês não estavam exatamente cochichando. — Seu rosto avermelha-se.

— É, não estávamos. — Inspiro profundo para controlar a irritação por sua indiscrição e minha pisada na bola. *Romantismo, anel, sonhos, claro!* Sem vontade de estender o meu calvário, pego as garrafinhas que oferece e com elas em punho, aponto o corredor. — A mocinha está esperando pela água... É melhor eu ir andando, obrigado. — Saio a passos largos.

— Senhor...

Viro no corredor estreito e volto a encarar a mulher.

— Sim.

— Surpreenda-a — sussurra.

— É o que eu farei. E... hum, obrigado pelo conselho.

Ela abre um sorriso discreto. Devolvo o gesto com um aceno sutil de cabeça e volto para o meu caminho.

Surpreenda-a!

Encontro Juliet esparramada na poltrona e em um sono profundo. A imagem plácida leva minha irritação embora. Coloco as garrafinhas no suporte de apoio, sento na beira da poltrona e acaricio o rosto sereno. O que sinto por ela é tão forte, que é quase impossível respirar. Aproveito que se ajeita para tocar o ventre liso. Os pelos do meu braço arrepiam, parece loucura, mas é como se eu pudesse sentir nossas *bambinas*... A energia delas é forte, é real.

Cacete, nunca cogitei a possibilidade da paternidade, mas nada me parece tão certo.

Minhas três meninas.

— Tudo bem, aí? — Pam sussurra atrás de mim.

Confirmo que sim com um aceno de cabeça. Pelo jeito, não sou só eu que estou sem sono. Levanto fazendo clara minha intenção de sair.

— Um *drink* no lounge^[79]? — sussurro já no corredor.

— Talvez um suco. Estou a trabalho — Pam responde liderando o caminho para o bar.

Seguro a pergunta sobre o real estado de Alex, até estarmos acomodados no balcão do pequeno bar. Reconsidero o *drink* e peço dois sucos.

— Estava com o Alex?

— Só checando. Prescrevi uma nova dose de relaxante, a aterrisagem e transferência para a clínica psiquiátrica podem ser estressantes.

Mesmo com dois enfermeiros, acho melhor mantê-lo sedado e contido.

— Quis dar uma olhada nele, mas achei melhor não. Ele continua surtando toda vez que me vê. Conseguiu algum progresso?

— Nada. Alex nem me reconhece. — Beberica o suco como se pensasse nas próximas palavras. — A mente dele está tão deteriorada e instável que me surpreende ter se mantido ativo no Everest. As pessoas não imaginam o risco que correram em tê-lo como guia. É inacreditável, quase caí para trás quando me ligou.

— Pois é... — Suspiro com desânimo. — A obsessão maluca do Alex conseguiu superar o egoísmo doentio da Zetta.

— Bucha atrás de bucha. Tá precisando se benzer, hein, amigo. — Pam faz o sinal da cruz. — Como você está?

— Surpreso, liberto, radiante pelas *bambinas*, orgulhoso das habilidades da Juliet, mas também puto — descrevo a confusão que estou. — Entre uma ofensa e outra, Alex insinuou ter sabotado os equipamentos. Insiste que só não morri porque sou uma aberração. Não foi a avalanche que matou Fred, foi o tanque de ar adulterado.

Pam esfrega o rosto marcado pelo cansaço.

— É pesado demais pensar no Alex como um monstro. — O tom dela se altera com a irritação. — Tudo isso por causa do quê, inveja? O que pretende fazer?

— Denunciá-lo. Mesmo que os advogados tenham dito que as chances de condenação sejam mínimas, Fred merece justiça.

— É, merece, mas também não acredito em outro veredicto que não seja a internação. — Encolhe o ombro como se sentisse culpada por concordar com o óbvio. — Infelizmente, o quadro é crítico. Por tudo que observei e conversei com os psiquiatras, minha aposta é que a loucura foi a

causa, não a consequência dos atos do Alex.

— Uma loucura que sempre esteve lá, mas que eu nunca percebi.

— Que tomou força com a morte do pai dele e sua recusa em ampliar os serviços da *Mountain* para a expedição turística.

Concordo com um aceno, não há nada mais a ser dito. Terminamos nossos sucos e a conversa envereda para os progressos de Valentina com a terapia, a gravidez de Juliet e minha total insensibilidade no assunto casamento.

— Não ria, porra! Fui um babaca!

Em vez de reduzir o sorriso, Pam o amplia.

Ok, eu mereço!

— Para um homem tão inteligente, às vezes você é muito burro. Duvido que Juliet não queira se casar, mas ela está certa. Não é porque é esperado que façam isso que precisa ser de qualquer jeito. Como um ex-noivo, imaginei que tivesse mais experiência em pedidos. Pelo visto, nem pra isso Paola serviu. — Os olhos de Pam ganham um brilho divertido. — Não me diga que foi a vaca quem propôs?

— Pra que quer saber disso agora? — desconverso, incomodado.

— Curiosidade feminina. Quando voltei da especialização, vocês já estavam noivos. Fiquei tão chocada que nunca me ocorreu perguntar. Vai, diz. Me deve um favor por eu ter largado tudo e corrido pra cá.

Golpe baixo.

Cogito mudar de assunto, mas conheço minha melhor amiga. Ela não vai me deixar em paz até que eu o diga.

Suspiro, rendido.

— Só aconteceu, ok. — Sem nenhum apreço ao tema, sou evasivo,

mas a curiosidade estampada no rosto de Pam me força a continuar. — Fomos rotulados noivos e deixei por isso mesmo. Durante um jantar, Zetta se referiu à Paola como minha noiva e eu estava tão aéreo à conversa que não a corriji. No dia seguinte estava nos jornais.

Ela inclina para trás, apertando os olhos.

— Broxante. Casal mais nada a ver da história. — Faz uma avaliação justa. — Você nunca combinou com aquela vaca, não é à toa que terminou mal.

Mais uma vez, apenas concordo, não há muito o que ser dito. Paola foi só mais um erro, em meio a tantos outros.

Pedimos outro suco, a conversa deriva para outros temas: família, Fundação, *Mountain...* Quando acabo de atualizar Pam sobre o estado físico e mental da equipe, a exaustão nos atinge.

— Melhor aproveitarmos as últimas horas de voo pra descansarmos — sugiro. — Estou com um pressentimento de que em Roma não será fácil.



Maldita intuição!

Uma reforma imprevista na área VIP do aeroporto nos obriga a desembarcar pelo terminal comercial. A pequena multidão que aguarda por nós, me pega de surpresa.

— Eu te mato, seu carcamano deflorador de filha alheia!

Mas que porra é essa?



Abrindo caminho através da multidão, o pai de Juliet vem em nossa direção. Com um pau de macarrão em punho, o velho parece Moisés erguendo seu cajado em meio ao mar de gente. Avalio a situação. Pouco impressionado com a periculosidade de sua arma, meu foco vai dele para Juliet, que paralisa ao meu lado. Envolvero seu corpo miúdo em um abraço, protegendo-a do carcamano furioso de olhar assassino.

— Tira as mãos dela, seu italiano escalador dos infernos! Ela é minha *bambina*! Minha menina!

Flashes começam a pipocar e as pessoas ao nosso redor silenciam-se, alarmadas. Tudo o que eu não precisava era ter um bando de jornalistas por aqui. Consola-me o fato de que a ambulância estava a postos, esperando por Alex na pista.

— Marido, pare com isso!

— Olhe pra eles, Donna!

— Você prometeu!

— Se prometi, *desprometo*! Vou matar o *maledetto*!

— Até rimou. — A risada debochada de Fran ressoa. — Sério mesmo que ele pretende te matar com isso?

Encaro o rosto divertido de Fran, não sei se rio junto ou brigo por ele se divertir com o escândalo. Ignorando o burburinho ao nosso redor, volto a atenção para o meu futuro sogro, cada vez mais próximo. Respiro fundo para

manter o controle. Nem ferrando vou colaborar com esse circo.

Peppe acelera, abre caminho entre as pessoas e finalmente chega. Espero a paulada, mas essa não vem. Bufando como um cavalo asmático, o carcamano flutua o olhar entre mim e Juliet.

— Disse para soltá-la! — rosna.

Não solto.

Um grupo de seguranças do aeroporto se aproxima, gesticulo pedindo que mantenham distância.

— Tá querendo ser preso, Sr. Damaggio? — dispenso os cumprimentos e vou direto ao assunto.

— Porte de pau não é crime — responde sem olhar para mim.

Hã?

Ignoro o absurdo.

— Querer matar alguém é — constato o óbvio.

Aproveito que está distraído com a minha mão que pressiona a cintura de Juliet, para desarmá-lo com a outra. Lanço o objeto para um dos seguranças, que o alcança no ar.

— Ei, aquele pau é meu! Faço minhas massas com ele!

Donna se junta a nós.

— Desculpa. Eu tentei impedi-lo. — Seu semblante é de pura vergonha.

Cumprimento-a com um aceno compreensivo.

— *Papà!* — Juliet desperta do choque. — O que está fazendo?

— Defendendo as minhas netas! Sua desnaturada! Por que fez aquilo? Quase matou minhas Passarinhas!

— Não diga o que não sabe! Juliet não sabia da gravidez! — revolto-me em defesa da minha mulher. — Ela se arriscou para salvar a equipe!

— É verdade, senhor — Fran manifesta-se.

— Se não fosse por ela, não estaríamos aqui — Pietro endossa.

— Esperam mesmo que eu acredite nisso? — Peppe irrita-se ainda mais. — Estão todos cegos? A culpa é dele! — Aponta para mim. — Ele é o líder! Deveria estar lá para protegê-los! Aquela montanha é a morte, jamais deveria ter permitido que Juliet subisse!

— Não permiti porra nenhuma!

— Ela só subiu porque me machuquei! — Cris avança sua cadeira de rodas. — O chefe nem sabia, a escolha foi nossa!

— Parem de defender um assassino de netas!

— O senhor está louco! — Controlo-me para não partir pra cima dele. — Só não te parto em dois em respeito à sua mulher e filha!

A multidão alvoroça-se.

— Peppe, olhe o escândalo. Vamos resolver isso em casa! — Donna tenta segurar o marido, mas ele se esquivava.

— Não! Que se lasque! Sou um avô em luto!

— Bata na boca, *papà*! As *bambinas* estão bem! Dark nos ama, jamais nos machucaria. — Juliet liberta-se do meu abraço.

— Não! — As mãos dele agitam dramaticamente impedindo-a de se aproximar. — O que sabe sobre o amor? É só uma criança que esse deflorador roubou de mim.

— Ninguém me roubou ou deflorou! Eu o amo!

— *Dio*! É pior do que eu imaginava. Ele te enfeitiçou! — As mãos dele voltam a agitar. — Se prefere o *maledetto* a mim que seja! Não tenho

mais filha!

— O quê? *Dio*, não! — Juliet desespera-se.

Meu corpo tensiona de indignação.

— Que loucura é essa? — Donna exaspera-se e um “*Ohh*” de comiseração eclode da multidão. — Não pode fazer isso!

— Claro que posso! A partir de agora, só me interessa as minhas netas!

Nem fodendo!

— Não pode ter suas netas sem sua filha. — Dou um passo à frente interpondo-me entre Juliet e ele. — É tudo ou nada.

— Vai lhes negar o amor de um avô? — esbraveja.

— Se negar a Juliet o amor de um pai, vou sim — devolvo no mesmo tom.

— *Disgraziato! Solo per il mio cadavere!*^[80]

Peppe avança contra mim e mãos calejadas envolvem meu pescoço em um aperto de morte. O caos se instaura. Sob gritos da multidão e apelos desesperados de Juliet e Donna, suporto cada um dos golpes que recebo sem revidar. Carcamano ou não, é o pai da minha mulher. Esquivo-me para desviar de Juliet, piso em falso e acabo no chão. Grunho pelo baque das costas contra o piso frio e por outro em meu peito quando Peppe joga-se novamente sobre mim.

Velho teimoso!

De saco cheio de tomar porrada, giro o corpo, inverte nossas posições. Finco os joelhos, um de cada lado do corpo que tenta resistir, e domino o oponente.

Com as costas pregadas no chão, Peppe tenta se soltar, mas sou

anos-luz mais forte do que ele. Prendo seus punhos em um aperto firme.

— Acalme-se, porra!

— *Disgraziato!*

— Pense em Juliet, no bem-estar dela!

— E você pensou?

— É só o que faço, cacete! Cada porra de pensamento meu é dela! É tão difícil aceitar que eu amo a sua filha?

— Me larga!

— Só se prometer se acalmar.

— Elas são meu mundo!

— Um mundo que também é o meu. Conforme-se, porra!

— Nunca!

— *Papà*, por favor — um apelo sussurrado vem de Juliet. — Se não for por mim, que seja por elas.

A luta para e buscamos por ela. Juliet e Donna choram abraçadas. As mãos da Baixinha pousam protetoramente sobre o ventre habitado.

Lembro-me do ultrassom, das minhas filhas abraçadas.

Chega!

— Por favor, Damaggio. Seu problema é comigo, não com Juliet. — Jogo meu orgulho de lado e imploro. — Essa guerra não é boa pras *bambinas* — murmuro meu apelo. — Paz, minha mulher e filhas precisam de paz.

A resistência de Peppe cede e um longo suspiro rendido vem dele.

— Uma trégua, paz nunca! — Joga a toalha, por ora.

Num impulso, ponho-me de pé trazendo Peppe junto. Solto o *maledetto* e apresso-me em ir abraçar meu mundo. Ele faz o mesmo com

Donna. No fundo, eu o entendo. É marido, pai e agora avô. Do jeito bruto dele, só está tentando proteger a quem mais ama.

Eu faria bem pior.

Intensifico meu abraço. Preciso senti-las seguras. Acho que nunca mais estarei totalmente relaxado. Impossível baixar a guarda, não com elas.

Cazzo de sentimento mais furioso, glorioso e angustiante!

Enquanto observo os policiais dispersarem a multidão e fotógrafos, beijo o topo da cabeça de Juliet. O amor não é um sentimento desconhecido para mim, nunca foi. Amo minha família e amigos, mas o amor sublime e incondicional... Aquele que te faz virar um gigante para enfrentar o mundo, só sinto por Juliet e agora as *bambinas*. Toco a barriga dela.

— Ooooooh, baixinhas... O papai está aqui, sempre estará — murmuro mesmo que não possam me ouvir.

— Aless, eu me caso com você.

— Nunca duvidei disso. — Sorrio de sua urgência e da capacidade que tem de me deixar louco com suas mudanças imprevisíveis. — Vamos nos casar, mas será no seu tempo e nos seus termos, Baixinha. No tamanho dos seus sonhos.

— Uau, que comovente! Quase me emocionei aqui!

Palmas unem-se à voz de tom rouco, jocoso e para lá de conhecido. Procuro entre os poucos curiosos que restaram. A cerca de cinco metros, está Amelie. Vestindo um macacão vermelho justo e um sorriso mordaz, ela é a própria personificação da demônia que é.

— *Dio*, de onde ela saiu? Do inferno? — Juliet cochicha.

Não duvido!

Meus nervos, à flor da pele, voltam a esquentar.

— O que faz aqui? — O tom da minha pergunta transparece o meu desprazer.

— Uau, que recepção mais fria! — Escancara os dentes recém-clareados. — Li sobre a chegada de vocês e vim dar um alô. Para quem caiu no golpe da barriga, você me parece bem felizinho.

— Golpe da barriga uma pinoia. Não preciso disso, sua Girafa invejosa!

— Se veio procurar assunto para o seu jornal, acho melhor voltar para os Estados Unidos!

— Que jornal? Perdi o emprego, não te contaram? Graças a uma vaca anã, que andou espalhando inverdades por aí, virei alvo de piada no meu país e estou de férias indefinidas. Decidi começar a diversão por aqui!

— Senhores, outra briga, todos irão presos! — O chefe da segurança aproxima-se.

— Relaxa, homem da lei. — Amelie ergue as mãos. — Vim na paz.

— Quem é você? — Peppe pergunta com o rosto ainda vermelho da luta.

— Eu conto ou vocês contam? — Ela sorri para os pais de Juliet.

Cazzo!

— Uma jornalista conhecida nossa, ninguém importante — antecipo-me tentando pôr um fim na conversa. — Vá embora, Amelie.

— É sua amante, conde? — grita, de longe, um repórter que permaneceu em um canto.

— Que absurdo! Não! — explodo.

Abutres!

— Ah... feio, feio, feio. — Amelie gesticula o dedo, com a unha

pintada de vermelho, para mim. — Não é legal cuspir no prato em que comeu. — Revira os olhos para mim, pisca para o repórter e concentra-se nos pais de Juliet. — Ele não só comeu como também se lambuzou, se é que me entendem. — Ri com um prazer mórbido.

— Já chega! — rosno em tom de ameaça.

Minha mãe, Alex e agora Amelie... Merda, quanto mais vamos ter que suportar?

— Isso não soa como algo sem importância. — As veias das têmporas de Peppe começam a pulsar. — Pela última vez, quem é ela? — insiste nada satisfeito.

Amparo Juliet, que começa a tremer.

— Amelie Carter, prazer — dispara para Peppe sem que eu possa impedir. — Sou aquela que o fodão do seu futuro genro costumava procurar quando queria sensações mais fortes... Sabe como é... Umas perversidades. Pelo visto, ele achou alguém que bate melhor do que eu.

— Cala essa boca! — Juliet vocifera.

— O que foi, nanica? Seus pais não sabem que curte bater? — Esfrega o rosto como se estivesse ainda ferida. — Não achou que eu deixaria aquela surra sair barato, achou? Gostou tanto dos vídeos que roubou de mim, que se animou? Acha que pode satisfazê-lo? — Os olhos negros faíscam. — Ou é pena?

— Ordinária! — Juliet tenta partir para cima, mas a seguro. — Some daqui! — esbraveja ainda tentando avançar.

As imagens da briga das duas no banheiro do hotel voltam claras para mim... Toda a fúria e indignação de Juliet... Não era ao Kai que ela tentava proteger, era a mim!

Porra!

Giro seu corpo trêmulo para enfrentá-la.

— Teve acesso às minhas imagens? Encontrou-as no dia que invadiu o quarto de Amelie e não disse nada?

— Aless, e-eu... — gagueja.

Com um pequeno suspiro, ela solta um olhar culpado. Sua boca abre para continuar, mas morde os lábios e desiste.

Cacete, sim. Minha Baixinha viu a profundidade da minha depravação.

A mão delicada vem para acariciar meu rosto como se sentisse...
Não!

— Não quero a sua pena — interrompo em um sopro.

— E não a tem! — Agita-se e me detesto por querer acreditar que seja verdade. — Claro que odiei o que vi, mas pena? — Sua mandíbula aperta. — Pena, não... Nunca. Um momento ruim, não o desmerece. Entendi a sua dor e a necessidade de fazê-la parar. Você estava profundamente machucado e ter superado tanto sofrimento só o torna ainda mais digno, forte e honrado. O que senti foi raiva! Aless, sinto muito por não ter sido sincera em tudo, não queria que revivesse o passado...

— Um passado que está bem aqui. — Amelie gargalha e meus dedos reagem fechando-se em punho. Embalado por uma respiração profunda, luto contra a vontade de estrangulá-la por foder as coisas entre mim e Juliet. — Não me olhe assim, Alessandro querido! Não tenho culpa se a sua nanica andou lhe escondendo coisas.

— O que minha Passarinha escondeu? — Peppe se intromete. — Que conversa é essa de passado, dor e superação?

Parecendo satisfeita pelo estrago feito, Amelie sorri para ele.

— Vixi, vovô, é melhor nem saber! Mas se eu fosse o senhor, me preocuparia com o exemplo que suas netas terão. Esse casal... — Franze o nariz. — Não sei qual deles é o pior.

— O quê? Esse doente perverteu minha Passarinha?

Peppe parte para cima de mim, mas um dos seguranças o contém enquanto outro apressa-se a me segurar. Em segundos, ambos estamos cercados por um bando de homens fardados.

Cacete, será que esse homem vai querer me bater pelo resto da vida?

— Estou bem, não precisa me segurar. — Desvencilho-me do brutamonte.

— Me larguem, *caspita!* — Peppe tenta resgatar o pau de macarrão que o outro homem segura. — Devolve isso, é meu!



Juliet

— Olha só o que fez! Você é um monstro! — dirijo minha ira para quem a merece.

— Sou, é? Falei que teria troco. — Amelie estampa seu rosto. — Destruir a felicidade de vocês é tão divertido! E se eu te disser que tenho cópias dos vídeos?

Chego ao limite. Sei que é só um blefe. Trabalhada no ódio como está, se ainda tivesse qualquer coisa contra Dark, é claro que já teria escancarado tudo. Aproveito que Aless discute com os seguranças e parto para cima dela como uma viking.

— Não, *Bella*! — Fran é mais rápido e me intercepta no meio da corrida. — Os bebês!

Minhas bambinas.

Com um suspiro rendido e, nos braços de Fran, volto a encarar Amelie.

— O que foi? Vai arregar? — A bruxa me instiga.

Mamma aproxima-se em pânico.

— Não lhe dê ouvidos. Não pode se meter em uma briga, filha!

— Ah, que pena... Estava louca por uma revanche.

— Não seja por isso, sua vaca! Juliet não pode brigar, mas eu posso!
— Cris pisca cúmplice para mim e avança com a cadeira elétrica para cima de Amelie. — Prepare-se para perder esses apliques de segunda!

— Cris, não! Seu pé! — Pietro corre para tentar alcançá-la. — Merda!

Um grito agudo explode. Amelie cai sentada no chão quando o pé engessado de Cris a atinge na virilha.

— Minha boc... minha... — esbraveja de cara no chão. — Segurança! Faça alguma coisa!

— Vou fazer! Tá todo mundo detido! Entreguem os passaportes!

— O quê? Não pode fazer isso! — A cor se esvai do rosto de Amelie. — Sou a vítima!

Uma comoção generalizada começa, os poucos curiosos que restavam saem correndo. A desvantagem é clara, muita gente ligeira para poucos seguranças.

Apoiando-me no velho ditado de quem não deve, não teme, permaneço onde estou. Amelie tenta correr, mas seus saltos altíssimos não

são páreo para os coturnos do segurança que a captura.

Ignorando os gritos de protesto da Girafona, procuro por Dark. Preciso de um sorriso reconfortante, qualquer coisa que me diga que não arruinei tudo e que a bandida não vai conseguir o que quer.

Encontro os olhos esmeralda, mais ao longe, cravados em mim. Apesar da irritação clara por estar rodeado de seguranças, há um brilho intenso em seu olhar. Meu coração dá um salto e aquece, quando um “*Eu amo vocês*” é murmurado por Dark.

Instintivamente, minhas mãos recobrem meu ventre. Com lágrimas nos olhos, devolvo a ele: “*Nós também te amamos*”.

— Senhorita, está tudo bem? — Uma voz profunda me tira do torpor emocional. Dou atenção ao homem, reconhecendo-o como o chefe da segurança. — Preciso que me acompanhe até a administração — pede com gentileza.

— Estou bem e... hum... é senhora... — corrijo o homem num ímpeto. — Estou grávida. Se não se importar, estou um pouco abalada, me sentirei mais segura com Aless me conduzindo até lá.

— Aless quem? — Olhos desconfiados examinam minha barriga.

— Alessandro Salvatore Bolgheri.

— O conde alpinista? — A surpresa ilumina o rosto rude.

— O próprio. — Aponto para Aless que, mesmo rodeado e retido por seguranças, continua atento a mim.

— *Mamma mia*, me perdoe — pede desconcertado. — Em meio a esse caos, não os reconheci. Li sobre o ocorrido no K2; tem sido destaque em todos os jornais. A condessa foi muito corajosa! — elogia-me, enrubesço desconfortável. — Grávida, claro! — Volta a examinar minha barriga. — Minha esposa não fala em outra coisa, emocionou-se quando leu um relato da

médica que a atendeu. As pequenas estavam mesmo abraçadas?

Todos os jornais?

— Estavam sim. — Meu tom se enche de ternura.

— Tragam o conde! — ordena com um sorriso encantado. — Sua condessa e filhas o esperam!

Dio, é isso mesmo? Condessa?



37.1

Esse dia não termina nunca

Procurando por uma posição melhor, remexo-me na cadeira cinza, estreita e dura da antessala da segurança. Estou faminta e minha bunda dói, mas não me arrependo por ter batido o pé e ficado. Dark recusou o tratamento especial por ser conde e eu, mesmo sob seus protestos, rejeitei quaisquer benefícios por conta da gravidez.

Foi justo. Seu título ou meu estado, não nos fazem melhores do que ninguém. Somos dois idealistas e teimosos, isso sim, e se está ruim para mim, que sou pequena, imagino o quão dramático não esteja para ele e meu *papà*. Espremidos nas cadeirinhas à minha direita e esquerda, como cães de guarda.

Enquanto espero para abrir queixa formal contra Amelie, sonho com um banho relaxante e suspiro pelo absurdo da situação. Pelo menos, Fran e Pietro foram dispensados e puderam acompanhar Cris até o ambulatório e depois levá-la ao hotel. Com toda essa confusão, Dark achou melhor adiar nossa volta a Bolgheri para amanhã.

— Tudo bem, Passarinha?

— Tudo sim. — Observo *mamma* de pé, com o pau de macarrão em punho, pronta para intervir em caso de nova confusão. — Bancar um poste segurando um apêndice deve ser cansativo, a senhora não quer mesmo se sentar?

— Não, meu amor. — Sorri para mim, mas depois fecha a cara para *papà*, que se mantém esertamente calado. — A jornalista é rápida, prefiro

ficar de pé. Tente cochilar um pouco, está bem?

Olho de relance para Dark, sem saber se choro, rio ou peço colo. Com ele ainda aborrecido por eu ter me negado a ir com Fran e *papà* bufando do meu lado, decido que sorrir para *mamma* é a opção mais segura.

— Vou tentar — prometo para ela, mesmo sabendo que será impossível.

Satisfeita, ela volta à posição de vigília.

Pois é...

Temerosos de um novo ataque de Amelie, meus pais se recusaram a ir quando foram dispensados. Agora a Girafona está quieta, sentada e longe de mim, mas foi um custo até ela parar de xingar, ameaçar e exigir direitos.

Preocupada que os seguranças tiveram que voltar às rondas e que o chefe deles trancou-se em seu *aquário*, para dar início a uma infundável série de broncas individuais por participações ativas no caos, *mamma* sabiamente ofereceu-se para ficar de vigília e evitar outra guerra.

Apesar de Dark ter sido generoso e se recusado a abrir queixa contra *papà*, faíscas de animosidade ainda pipocam entre eles e juro que, se eu ganhar outro olhar enviesado de Amelie, não responderei por mim. Por mais que me esforce para ignorar a presença dela, as dimensões diminutas da antessala de segurança tornam tal ato quase impossível.

Com a paciência na lua, acompanho através do vidro o último dos curiosos, detido por tabela na confusão, assinar sua liberação após um longo sermão sobre incentivo indevido do caos.

— Esse foi o sermão de número vinte, acho que foi o último — Dark murmura no meu ouvido. — Quer fazer mais xixi? Água?

— Estou bem. — Olho para a mão que vem para segurar a minha. — Só quero que o castigo acabe logo — cochicho.

— Agora, falta pouco — diz visivelmente cansado.

Sem botar muita fé no “*falta pouco*” dele, inspiro fundo e sorrio apenas para acalmá-lo. Na certa a canseira, de duas horas, faz parte de alguma técnica militar de tortura educativa.

Se o objetivo era torturar está dando certo!

Madonna Santissima, e eu que achei que o chefe era um doce!

De seu gabinete, nosso torturador grita e gesticula para que Amelie vá até ele.

— Porra, até que enfim! — Ela levanta e alisa o macacão amarrotado. — Perdeu tempo levantando a minha ficha e não deveria ter liberado a cadeirante! Tenho queixas, dores e direitos! — recomeça a ladainha sobre prestar queixa pela *pezada* engessada que tomou na virilha.

— Liberei a jovem porque o pé dela estava doendo! Quantas vezes terei que repetir que a senhora provocou e não é a vítima aqui? — O chefe perde a polidez. — Sua ficha chegou; se não quiser que a deixe por último, pare de reclamar e venha!

De má vontade e um pouco torta, ela caminha com dificuldade até a sala. O último dos curiosos sai e ela entra. Quando o homem volumosamente bombado para na minha frente e sorri revelando *covinhas* reconheço-as na hora.

— Perlo! — Largo a mão de Dark e ponho-me de pé.

Em meio à bagunça, não reparei em ninguém, mas sim... É ele, sim! Perlo!

Mais relaxada com a distância de poucos metros da Girafona, sorrio para o meu reconhecimento.

É fato que Perlo amadureceu e perdeu os ares angelicais.

Impressionada com a quantidade de músculos desproporcionais à baixa estatura, não me contenho e passo um olhar ligeiro sobre o corpo malhado em excesso. Seu rosto está mais robusto e o jeans branco *justétrimo* e a regata preta cavada não lembram em nada o uniforme sexy de basquete que eu tanto adorava. Do menino dos tempos de escola não resta quase nada, nem os cabelos, mas as covinhas... Ah! Essas sim, eu as reconheceria em qualquer lugar.

— Oi, docinho, como vai você?

Amplio o sorriso por ele ter se lembrado do meu apelido no colégio.

— Docinho? — Dark levanta.

Ignoro a bufada feroz no meu cangote e mantenho o sorriso amplo.

— Não acredito! Perlo, Perlo, Perlo! — Dou-lhe um soco amigável no braço, esquecendo as mágoas passadas. — Não tô acreditando que foi pego no meio da confusão!

— Pois é, docinho, fui. Que babado louco foi aquele lá embaixo?

— Docinho?

Ignoro outra bufada feroz de Dark.

— Caramba, nem me fale! Que vergonha! — Ruborizo. — Não estou acreditando, é muita coincidência! O que estava fazendo aqui? Indo ou vindo?

Peppe e Donna o cumprimentam sem muita festa, provavelmente ainda um pouco ressentidos pelo meu coma alcoólico.

— Não, nada de idas ou vindas para mim. Vi nos jornais que chegaria hoje. — Mostra novamente as covinhas. — Resolvi aparecer. Estava morrendo de saudades e preocupado. Queria oferecer uma mão amiga.

— A única mão amiga que Juliet precisa é essa, a minha. — Dark

entra no jogo.

A cabeça careca de Perlo sai de mim e cai para examinar a mão que volta a segurar a minha.

— *Benza Dio*, é imensa!

Um sutil ofegar escapa dele quando vai da mão grande para o peito largo e depois para o rosto fechado de um Dark, muito mais alto do que ele. Os olhos azuis do meu ex trepidam e a pele, artificialmente bronzeada, ganha tons ainda mais púrpuros.

Posso jurar que ouço um “*Magnífico!*” ser sussurrado por ele.

Dio Santo, até tu, Perlo?

— E não é que o alpinista Conde e herói existe mesmo! — A boca dele quase rasga com o tamanho do sorriso que dá. — Nossa, é um *prazeeeeer imeeeenso*, te conhecer. Sou o ex da docinho, Perlo. — Mantém o sorriso eufórico.

— Tô sabendo, é o cara do primeiro porre.

— O próprio! — Espalma seu peito de pombo. — Não que me orgulhe daquilo. — Revira os olhos dramaticamente, pisca e volta a sorrir. *Isso foi um flerte?* — Como ex arrependido que sou, fiquei preocupado com o que li nos jornais. Queria ver como a docinho estava. Bobagem minha. — Examina os braços tatuados do *MEU* Aless. — Uau! Pelo visto, ela está bem mais do que ótima! — Agita-se todo para Dark. — Já pensou em ser ator?

— O quê? Não. — Dark não capta a indireta.

O que ele está querendo? Convidar Dark para fazer uma ponta? Traidor assanhado dos infernos!

Vejo vermelho.

Minha mágoa adolescente ressurgue como a fênix das cinzas...

Lembro do chifre gay, do porre, da ressaca filha da mãe e de sua entrevista, meses atrás, quando *Nonno* e Kai escancararam na internet meu romance com Dark.

Uma pinoia que virou gay porque sou frígida!

Esse daí sempre gostou da mesma fruta que eu!

Fico entre ele e Dark, protegendo minha fruta do conde.

— Sério mesmo que se preocupa comigo? — Colo em Dark, encaixando-me em sua virilha. — Engraçado, tive outra impressão quando deu aquela entrevista acabando com a minha raça. Detestei, sabia? Achei até que fez por vingança.

Estreito meus olhos e Perlo arregala os dele.

— Não se atreva a me bater de novo! — Cobre o rosto. — Meu nariz nunca mais foi o mesmo. Tive que fazer plástica!

Lembro do soco certo que dei nele quando o peguei no flagra e dou risada.

— Bater de novo em você, jamais! Quer dizer, jamais, mais ou menos... Vai depender.

— De quê? — murmura.

— Se vai ou não tirar os olhos do meu alpinista conde. Um olho roxo não será nada bom para os seus negócios pornográficos.

— É, não será. — Dá um passo atrás. — A entrevista, aquilo não foi por vingança. Desculpa, foi mal, só estava precisando de um up na mídia.

Por sobre os ombros olho para Dark, que parece surpreendentemente estar se divertindo.

— Ouviu isso, Gigante, que alívio, né? Ele só queria dar um up! — Dark concorda, claramente segurando o riso. Volto para Perlo. — Já que

gosta tanto de aparecer à minha custa, tudo bem, marque outra coletiva. Só que, dessa vez, diga que me viu e que estou absolutamente plena, comprometida, feliz, bem-comida e gravidíssima! Ah! Diga também que o frígido da relação era você, porque eu, meu querido, sou terrivelmente muito, muito quente! Quentíssima!

O corpo de Dark vibra pela gargalhada contida. Hipócrita! Aposto que não estaria rindo assim se Perlo não fosse gay.

Com cara azeda, Peppe vai de Perlo para mim e para o pau de macarrão sob a custódia de *mamma*, que olha curiosa para o meu ex.

— Negócios pornográficos? — O nariz delicado dela franze. — De que tipo? Sex shop?

— Não, tia, do tipo pornô gay, mas com classe! Sabe como é: arte bem realista... Muita pegação bruta, roupa sendo rasgada e testosterona em acúmulo.

Mamma abre um sorriso tímido indicando que sabe bem como é.

O quê?

Acho que alguém andou revirando os meus livros.

— Pornô gay? E o exército? — Peppe perde a cor.

— Abandonei, era violento demais. — As covinhas ressurgem. — Virei ator e dos grandes, de tamanho o senhor entende, né? — brinca apontando para o pauzão de macarrão que minha mãe ainda segura.

Peppe tira o pau dela.

O quê?

— Devolve isso, Peppe!

— Não!

Chocada, aproveito que estou de costas para Dark, para espiar

discretamente a virilha de Perlo em busca da grandeza que nunca nem vi ou senti.

— Ator pornô, misericórdia! Esse mundo tá moderno demais pro meu gosto! — *Papà* olha chocado para o pau que segura. — Acho que nunca mais vou poder usá-lo sem lembrar do... do Perlo! Que fod...

— Marido! — *mamma* berra. — Nem se atreva a mencionar a palavra com F! Já conversamos sobre diversidade e a era do amor livre! Cada um faz e é o que quiser, lembra? Aceite e respeite! — Pito dado, inesperadamente *mamma* vira-se e abraça Perlo. — Estou muito orgulhosa de você! Que bom que saiu do armário! Bem que eu desconfiava, seus olhos sempre brilhavam um tom a mais quando via Joseppe de cueca!

Comprovando o ponto de *mamma*, os olhos de Perlo estalam em um ar saudosista.

— Joseppe! Ele continua divino, tia?

— Como um deus! — *mamma* gaba-se e Peppe geme.

— Se quiserem, posso mandar uns vídeos autografados.

Mamma me envia um olhar animado e Dark rosna.

Droga!

— Melhor não, obrigada — nego por nós duas, mas lembro do hot homo que li, *Entre anjos, demônios, espadas e bastões*. Dio! Sorrio para *mamma*, que sorri de volta. — Pensando bem...

— Pensando bem, o caralho! — Dark e Peppe disparam em unísono, concordando pela primeira vez no dia.

Não protesto, a coisa mais fácil que tem é achar pornô na internet.

— Ok, entendido, nada de vídeos para as doces senhoras. Quem sabe uma *selfie* para marcar o reencontro? Pode ser? — Perlo tira o celular do

bolso e, espantado, dá um pulo. — *Dio!* Minha depilação! Preciso ir me preparar, grande noite pela frente. Sou jurado do *Pênis Awards*, conhecem? A grande final será aqui em Roma! Como vencedor do ano passado vou entregar a camisinha dourada e dar pinta no palco. Preciso entuchar o iluminado no glitter.

Venceu, foi?

Minha cabeça desce. Quase fico vesga quando Dark me gira rápido para ficarmos frente a frente. Vou da virilha de Perlo para os olhos esmeralda em um segundo. Ainda tonta, capricho na cara de *Pênis Awards*, *o que é? Onde vive? Do que se alimenta?* Nem morta vou abrir sobre minha conta *fake* no *Twitter* e minhas incursões nos perfis de safadeza!

Mesmo sendo mãe, uma mulher precisa ter seus lazeres.

— Você disse glitter, é sério isso?

— Seríssimo, tio, fica lindo. Até tentei usar tinta fotoluminescente, mas queimou como o diabo. Fiquei um mês sem poder filmar de tão esturricado que ficou.

O grito agoniado que começa a escapar do meu *papà* é interrompido quando outro grito mais agoniado ainda, explode dentro do aquário do chefe da segurança.

— Nãooooooooo!

— Cruz credo, que susto! — Perlo espalma o peito. — Pelo jeito, a demônia odiou o sermão! Melhor eu chispar daqui se quiser aparecer divo essa noite! Amo vocês. *Arrivederci*^[81], família! Fui!

Não respondo e nem acompanho a saída escandalosa de Perlo. Estou paralisada pela olhada mortal que recebo de Amelie através do vidro do gabinete-aquário.

— Vadia! — vocifera para mim, depois volta sua ira para o chefe de segurança. — É tudo mentira! Não vou ser deportada por causa dela! Eu me recuso!

Deportada? Por minha causa?

Meus joelhos falham. Cambaleio e Dark me sustenta.

— Ameaças e recusas só irão piorar as coisas, Amelie. — A expressão do chefe endurece. — Tenho nove processos listados aqui, além de um pedido de extradição e outro de preventiva expedidos, há meia hora, no condado Kings, de Nova Iorque, e posso lhe assegurar que em nenhum dos documentos consta o nome de Juliet Damaggio.

— Um amigo meu disse que andaram espalhando e-mails anônimos sobre mim. Tenho certeza de que foi ela.

Dio!

Endureço em todos os lugares. Fico na expectativa, mesmo certa de que fiz tudo direito e que não há como me ligar aos e-mails.

— Essa é uma acusação muito séria. — O homem analisa demoradamente um calhamaço de papéis. — *Merda Santa!* Até o ex-prefeito de Nova Iorque? — exclama e com ares estupefatos, volta a encarar Amelie. — Isso aqui é uma bomba! Só gente graúda e se for obra da condessa, como alega, ela deve ser a pessoa mais bem relacionada que já conheci. — Folheia mais um pouco. — Engraçado, não vejo quaisquer referências sobre e-mails ou indicativos de que as denúncias tenham sido resultantes deles, pelo contrário, tudo o que há é contra você. Tem alguma prova?

— *Hello*, qual parte do eram anônimos, não entendeu? Óbvio que não tenho provas!

Solto o ar, aliviada.

— Odeio pré-julgamentos e até quero ajudar, mas sem provas fica

complicado. Nove processos, todos por extorsão e chantagem, faz ideia do quanto isso é ruim?

Amelie cruza as pernas e não responde. Com cara de paciência zero, o segurança chefe gesticula para que eu vá até eles.

Madre Santissima, me proteja!

Amparada por Dark e seguida por meus pais, entro na sala. Cruzo meu olhar com o de Amelie, mas desvio logo. Respiro fundo para controlar meu nervosismo.

— Que tal o senhor me entregar isso? — o chefe pede e recebe de Peppe o bendito pau de macarrão que apoia na parede atrás dele, longe do nosso alcance. — Melhor assim — recomeça focando-se em mim.

Jesus!

— Quer se sentar?

— Estou bem assim. — Afundo no abraço de Dark.

— Tudo bem, vou tentar ser rápido para não a cansar mais. — Sorri gentil e Amelie esboça um protesto. — Vamos lá! — Lê anotações feitas em um pedaço de papel. — Já estive em Nova Iorque? Conhece alguém de lá? Sabe alguma coisa sobre os tais e-mails anônimos aos quais a senhorita Amelie está se referindo? Alguma vez falou com o ex-prefeito da cidade?

Por um segundo, reflito em qual categoria eu encaixaria um e-mail anônimo, sem direito a resposta. *Informar! Isso!* Jamais falar ou conversar.

— Não, não, não e não — respondo quase sem ar.

— Mentirosa! — Amelie ameaça levantar-se para vir até mim, mas *papà* a impede tocando-lhe o ombro.

— Vai se arrepender se encostar na minha filha — ele sussurra em tom de alerta extremo.

— Tira a mão de mim, velho decrepito! — Bate na mão firme que segura seu ombro. — O que é isso, um complô? — Amelie enfrenta o chefe da segurança esperando dele uma atitude.

— Não é um complô! — Ele usa um tom mais firme. — Mas agredir a condessa só vai piorar sua situação, que já não é nada boa. Controle-se!

— Como que é? O cacete, que vou me controlar! — Amelie bate com os punhos na mesa. — Pare de chamar a nanica de condessa! Nem casados são! Quero ir embora! — Agarra-se à bolsa que estava em seu colo. — Isso aqui já virou abuso de poder! Não reconheço esses nove processos! Só tinha um quando fug... saí de Nova Iorque! Tudo não passa de armação dessa vaca! — Gira na cadeira para mim. — Confessa que morre de inveja de mim e quer me foder!

— Ah, por favor, me poupe, se poupe! Inveja onde? — Todo meu corpo começa a tremer de raiva. — Tô cagando pra você!

— Filha, olhe a boca e acalme-se. Pense nas *bambinas*. — *Mamma* começa a chorar.

Ver meu *papà* abraçá-la, segurando-se para não estourar, me quebra num nível que não sei explicar. Agarro-me à Dark, arrancando dele a força para não revidar.

Seguro-me para não chorar. Busco de novo pelo chefe de segurança, que agita as mãos num indicar claro de que perdeu o todo controle da situação e não pretende se meter. Com um franzir pesaroso dos lábios, ele alcança o celular sobre a mesa e começa a teclar.

Sério isso?

Vai deixar a coisa descambar para a lavagem de roupa suja desenfreada?

— Que foi, a puta golpista vai arregar? — Amelie instiga-me, já

impaciente.

— Vá à merda, Amelie! — Dark explode desgarrando-se de mim. — A puta golpista é você e ambos sabemos disso! Porra, mulher! Tá cheia de processos nas costas e vem atrás de mais? Esse seu show de quinta passou de todos os limites! — A mandíbula dele aperta quando olha para os meus pais. — Que prazer mórbido é esse? Agredir gente de bem não vai te tirar da merda! Você já era, perdeu! Deixe minha família em paz, recolha o que sobrou da sua dignidade e suma, porra! — vocifera.

Família? Ele acabou de chamar meus pais de família?

— Dignidade? Sério mesmo que a pauta mudou? — Os olhos negros crescem mostrando, pela primeira vez, vulnerabilidade. — Quem é você pra falar sobre ela? Esqueceu-se de que eu te conheço? É um fraco! Ninguém muda tanto! Essa fachada de durão é pura máscara! O que tá rolando? O corno do século decidiu bancar o bom homem e brincar de casinha? — Acompanhada pelo olhar mortal de Dark, a língua ferina sai para umedecer os lábios carnudos. — Não olhe pra mim assim... Tá todo nervosinho por quê? Tá louco pra descobrir o tesão de pesar a mão e a nanica preta não aguenta? Larga dessa aí, vem comigo, somos bons juntos.



Dark

Esfregando rudemente a barba, observo Amelie sorrir, crente de que me desestruturou.

— Somos bons juntos? Sério? — Inclino a cabeça dando uma boa olhada nela. — O que vivemos foi um inferno! Não tem um só dia que o corno do século aqui, não sonhe esquecer daquele círculo vicioso de

autodestruição e culpa, que você insiste em manter e expor. — Rio impressionado do quanto as coisas se tornaram claras para mim. — Você pensa que me conhece, mas... — Tomo uma respiração profunda. — Aquele cara fodido era só uma sombra, um reflexo do que achei que eu merecia. Porra, mulher, você não sabe nada a meu respeito!

— É mentira! Foi real... É real. — Amelie meneia a cabeça em uma negação perdida. — O meu cara quebrado e devastado. Quero ele de volta! Não é justo! Não é possível que persegui um fantasma. Tudo que fiz foi por ele, sempre por ele. Não faz sentido! — grunhe ou geme, não sei dizer. — Não pode preferir ela a mim!

— O que não faz sentido... — Paro a fala ao sentir o toque da mão amorosa de Juliet em meu peito. Busco por ela, não sei em que momento rompi nosso abraço desconectando-me.

— Aless, não... — Seu tom suave e os olhos suplicantes só aumentam a minha aversão pela outra e por um passado cheio de dor, vergonha e culpa. Sentimentos que não tenho mais dentro de mim.

— Tá tudo bem. — Envolver-a novamente em meus braços, precisando senti-la.

— Não, não está. Não volte lá, não vale a pena.

— Shhh... não se preocupe. — Beijo o topo da cabeça dela. — Não conheço mais aquele caminho, minha estrada agora é outra, mas vale a pena sim. — Afasto nossos corpos e olho para os pais dela. — Pelos nossos, por nós e por elas. — Toco sua barriga. — É a nossa paz, Baixinha. Está mais do que na hora de pôr um fim nisso.

Juliet esboça uma negação.

— Deixe o homem jogar fora, filha — Peppe intercede, surpreendendo-me.

Recaio um olhar de gratidão e surpresa sobre ele. Reconheço em seus olhos uma dor e culpa que já não carrego mais. Inclino a cabeça em sinal de entendimento e respeito.

— Jogar fora? Não vou aceitar ser descartada! Seu corno maldito! — Amelie reage, levanta-se, tenta se aproximar, mas...

— Não se atreva! — Donna cresce diante dela, impedindo-a de passar. A estatura física entre as duas é gritante. Como Golias subestimando David, Amelie ensaia um desdém. *Tola!* Não se deu conta do quanto a mulher diante dela é gigante de formas que jamais irá compreender. O rosto suave de Donna endurece irreconhecível. — Cuidado, moça... Não terá dentes para sorrir se me forçar a lhe mostrar o quão longe sou capaz de ir para proteger os meus! Sente-se e cale essa boca, se não quiser ter todos os ossos desse seu rosto repugnante rearranjados! — Empurra-a, bruscamente, em direção à cadeira. — EU. DISSE. SENTE-SE! — rosna pausadamente feroz. *Porra!* — Não vou permitir que os machuque novamente!

Com as mãos indo para proteger seu rosto e os olhos esbugalhados, Amelie recua, sentando-se.

— Tá tudo bem, Donna. Obrigado. — Sorrio carinhosamente impressionado. — Amelie não tem o poder de me machucar. — Encaro a morena, que me observa sentada. — Se quis me ferir com tudo isso, Amelie, não conseguiu. Não pode me ter de volta, nunca fui seu.

Espero por uma reação, mas nada vem, então respiro e prossigo:

— Quer a real? — O corpo dela remexe em sinal de atenção. *Ótimo.* — Foda-se o chifre e pro inferno que me expôs! Admitir erros não fere ou diminui minha masculinade. Ao contrário, é libertador! — Esfrego a barba em busca de paciência. — Cair me fez melhor, não menor. Estou cheio de imperfeições e rachaduras, admito, mas finalmente estou inteiro! Pronto para

seguir em frente, fazer o certo e valorizar quem realmente importa. — Volto a passar o braço por sobre o ombro de Juliet e recebo uma careta feroz de Amelie. — Quer mesmo saber por que ela? Duvido que não enxergue, é tão óbvio. Vocês duas são opostas. Juliet é única. Uma mulher doce, linda, talentosa e tão corajosamente bondosa, que dá até medo. Cacete! Não sei se quero escondê-la ou exibi-la! Estou rendido, de quatro, apaixonado e vulnerável! Se isso é ser fraco, que eu seja o maior deles! Não há vergonha, só orgulho, gratidão e honra... Sou dela e ela é minha! — Paro quando a emoção começa a embargar as minhas palavras.

— Aless... Isso é... Eu não sei nem...

Com o coração batendo desgovernado, coloco um dedo sobre os lábios de Juliet.

— Shhhh... não precisa dizer nada. — Beijo-a com suavidade. — Sei que é a mesma coisa pra você.

— Uau, é doçura que isso chama, né? Acho até que estou diabética. — Amelie revira os olhos e ri no deboche. — Cara, o que aconteceu? Tá tão sensível que até parece que a grávida é você! — Volta a rir.

— O amor aconteceu, Amelie. E do tipo avassalador, que nos faz ver no outro o nosso mundo inteiro; um sentimento único que pessoas como você, mesquinhas, pequenas, asquerosas e vulgares, jamais entenderão ou terão. Puta merda, olhar para você embrulha o meu estômago! Onde eu estava com a cabeça? Só estando muito desequilibrado para ter me envolvido com um tipo escroto como o seu.

— Tipo escroto, o cacete! — Amelie salta da cadeira. — Escuta aqui, seu...

— Chega! Seu tempo acabou, Amelie! — o chefe da segurança intervém finalmente.

— Mas tenho direi... — Amelie sobressalta-se quando o chefe levanta violentamente esbarrando na mesa, fazendo com que vários objetos caiam no chão, e se cala.

— Minha sala não é o senta que eu te escuto! A DR acabou! Mais um pio e te prendo por desacato! Aliás, prenderei a todos!

As palavras não ditas por Amelie, perdem-se no ar assim como a cor dela quando uma nova dupla de seguranças chega apressada.

— Alguma emergência, senhor?

— Sim! Todas as emergências do mundo e mais outras! — Joga um par de algemas para o maior dos caras. — Levem-na! Troquei mensagens com a polícia da imigração, estão esperando por ela.

— O quê? — Amelie se nega a colocar as algemas. — Não pode fazer isso!

— Posso, vou e é melhor obedecer! Disse que queria ir embora e estou no limite de estrangulá-la. — Ele vai até ela e, sem enfrentar muita resistência, algema uma Amelie estarrecida. — *Arrivederci!* — Dá um passo para o lado deixando que a dupla assuma. — Tenha um bom voo para Nova Iorque! E não se preocupe em voltar, porque aqui, na minha Itália, a senhora não pisa mais!

Sem alternativas ou despedidas, Amelie sai. Escoltada pelos seguranças, sua figura esguia some ao virarem no corredor. Expiro deixando toda a tensão sair. O sentimento que surge de que essa será a última imagem que terei dela me faz sorrir.

Così sia! Que assim seja!

— Enfim, sós! — O chefe da segurança sorri entre o alívio e a exaustão. — Mulher horrorosa, quem aqui vai dar queixa?

Nós quatro levantamos as mãos em um “*Eu quero!*” sincronizado.

— *Madonna mia*, esse dia não termina nunca! — Senta-se resoluto.
— Ok, então, as damas primeiro. — Gesticula para Donna.



Sete da noite!**Porra, até que *enfim*!**

Exausto, depois de outras quase duas horas de depoimentos e despedidas constrangidas, eu e Juliet estamos finalmente em território neutro e seguro. Escoltado por um *conciierge* vestido em toda pompa, atravesso o exclusivo e elegante corredor do hotel, carregando nas costas todo o meu mundo. Agarrada a mim, como um coala, a igualmente exausta Juliet aconchega a bochecha em meu ombro.

Sorrio quando um beijo carinhoso e discreto é depositado em minha pele.

— Obrigada pela carona, amo você além do infinito — sussurra em meu ouvido.

— Amo você além do infinito e mais duas — devolvo baixinho acariciando as pernas bem torneadas que envolvem meus quadris.

Embalado por um suspiro doce, esfrego meu coração descompassado... É muito amor, porra! Quanto mais é possível sentir? O troço só cresce, cresce e cresce... É impressionante o poder curativo de Juliet sobre mim. Ela é foda. Tão cheia de vida e impressionantemente linda. Passou por um inferno hoje, mas está aqui falando de amor, animada e iluminada como se as merdas que vivenciamos essa tarde não tivessem acontecido.

É ela quem me carrega, não o contrário.

— A suíte de núpcias, senhor. — Saio do torpor para encarar o velho homem que transcende orgulho no rosto. Ele passa o cartão magnético e portas duplas abrem em um deslizar automático, lento e suave. — Por gentileza. — Gesticula convidando-nos a entrar.

O corpo atado ao meu agita.

— Núpcias? Olha esse lugar! — Juliet assovia atrás de mim dando três tapinhas no meu ombro. — Arrasou, Gigante! Sorte minha que bateu o pé para eu vir com você!

— Eu teria te trazido à força se o carcamano do seu pai continuasse com aquela porra de quartos separados até o casamento.

— Talvez ele só nutra uma esperança secreta de que eu seja como a Virgem.

Olhando sobre os ombros, busco pelo rosto, agora, debochado de Juliet.

— Nossas *bambinas* são um milagre, mas com certeza não são fruto de reza ou obra do Espírito Santo.

— Engraçado, posso jurar que foi divino. — Sorri safada. — Se bem me lembro rolaram umas ajoelhadas e até gritei por *Dio*. — O rosto delicado incendeia.

A imagem dela de quatro e minha boca enterrada em sua boceta vem sem que eu possa impedir.

— Juliet, Juliet... — Mordo os lábios segurando o tesão. — Se não quiser passar a noite toda me chamando de Altíssimo é melhor parar.

Um som estrangulado vindo do *concierge* indica que estamos indo longe demais. O olhar chocado dele vagueia de nós para o chão e volta para nós. Ignoro o ar de censura. Claro que o mais apropriado seria colocá-la no chão, mas porra... adoro ter Juliet grudada em mim desse jeito.

— Dia difícil. Minha mulher está cansada e *não* milagrosamente muito grávida de nossas filhas — situo o homem e explico nem sei por quê.

— Ah, sim, sim, cansada... e *não* milagrosamente, entendi... Obviamente, se... Hã, são suas *bambinas* e não do *Santissimo*... — Coça a nuca e, ainda constrangido, volta-se para Juliet. — Apreciou o quarto, senhora condessa?

— Se apreciei? Muito mais do que apreciei! Amei! — Juliet abre um sorriso deslumbrante que não deixa só a mim tonto. — Olha só pra isso, é imenso! Parece um apartamento! Meu quarto na casa dos meus pais tem seu charme, mas a *varandica* dele não é páreo para esse terraço e a *Piazza di Spagna*^[82].

Um sorriso de puro encantamento abre-se discreto no rosto do homem.

— A suíte nupcial é um apartamento, condessa. — Ruboriza. — Recém-casados não costumam sair muito, então caprichamos no espaço. — Endireita o dorso recobrando a compostura. — Fico feliz que tenha aprovado.

— Aprovei, aprovei muitíssimo!

Rio da euforia exagerada dela e do medo com o qual, de repente, o *concierge* me encara.

Só para não perder a prática e porque fico estranhamente de bom humor, cerro os olhos e mando um *MINHA* telepático para o homem, que congela no ato.

— É... hum... suas mochilas... — Entrega-me e dá um passo para trás, abrindo uma distância segura. — Sua equipe está acomodada em outro andar como ordenou. Suas outras bagagens, entregues por eles mais cedo, já está no closet. Todos os arranjos foram feitos conforme sua demanda, senhor conde. O frigobar está abastecido, há frutas frescas, as bebidas estão no balde

de gelo sobre a mesa de café e há toalhas extras nas prateleiras aquecidas.

— *Grazie*, Enrico.

— Senhora, sua refeição. — Entrega, a contragosto, a embalagem de *fast-food* que resgatou de Juliet no hall. — Temos um restaurante cinco estrelas, estou certo de que o chef terá imensa honra em ofertar-lhes algo de melhor qualidade.

— Quem sabe depois do sanduíche, Enrico. — Juliet abre a embalagem, resgata um punhado de batatas fritas e enfia na boca. O cheiro de *junk food* invade o ar

— Como queira, senhora. — O nariz já enrugado do homem enruga mais. — Em nome do Hotel Hassler lhes desejo uma estadia aprazível.

Sem mais despedidas, explicações ou rococós, o *concierge* sai nos deixando a sós.

Silvo em alívio.

— Cacete, até que enfim! — Com uma das mãos continuo sustentando Juliet e com a outra esfrego meu rosto. — Tá ouvindo isso?

— Não. O quê? — Tira meu boné jogando-o no chão e acaricia meu cabelo.

— O silêncio... Nenhuma porra de xingamento, grito ou injúria, só o reconfortante som do nada. — Meu rosto transforma-se em um sorriso largo quando um ronco inesperado ressoa nas minhas costas. — Quer dizer, quase nada — brinco e giro o corpo leve deslizando-o das minhas costas para o meu peito.

— Desculpa, não fui eu, foi ele. — Com os braços ao redor do meu pescoço e as pernas ainda envoltas em minha cintura, ela inclina a cabeça direcionando o queixo para a barriga. — Meu estômago egoísta não aprecia o nada... só comida.

Os lábios carnudos esboçam um bico divertido. Beijo-os sentindo seu sabor de batatas fritas. O saco de *fast-food* farfalha cheio de urgência em minhas costas.

— Seu estômago prefere comer toda essa porcaria que me obrigou a comprar, onde?

— Ei, não é porcaria! — Estica o braço, pesca mais batatas no saco e as entucha na boca. — Muito boas, crocantes! — elogia de boca cheia.

— Onde, Juliet? — Aperto a bunda empinada. — Sofá ou mesa?

— Acho que ele prefere um piquenique na cama, pode ser? — Franze o nariz de botão. — Tenho sonhado com uma desde que aterrissamos.

— Só porque teve um dia difícil. — Começo a ir em direção à suíte.

— Você é tão bom pra mim. — Bate os cílios ironicamente.

Apesar do deboche claro, não posso evitar o sorriso.

— Hum-hum... Tô sabendo, sou santo.

O caminho até o quarto parece interminável. Sem parar de andar, estico o braço em direção à mesa de café e pesco o balde de gelo repleto de *Ices Teas* de pêssegos, os prediletos dela.

— Você lembrou!

Mas é muita cara de pau dessa minha mulher! Como esqueceria, se ela veio do Paquistão até aqui suspirando por um gole dessa merda?

— Lembraria mesmo se não tivesse me dito um milhão de vezes. — Sorrio cínico e deposito-a com cuidado na cama.

Trazendo o pacote de comida junto, Juliet arrasta o corpo até acomodar-se sobre os travesseiros na cabeceira.

— *Dio*, parece que estou sentada em uma nuvem! — Saltita a bunda contra o colchão extra macio. — E esses lençóis? — Acaricia o travesseiro ao

lado, cujo tecido tem um elegante monograma bordado em dourado. — Hotel Hassler, sério? Só de passar em frente já deve custar uma fortuna. Por que tudo isso, Aless?

Por quê?

De pé ao lado da cama, coço a barba. Entendo o estranhamento dela, ostentação não é o meu *modus operandi*. Estou tão acostumado com a simplicidade da cabana e perrengues dos acampamentos que luxo é um troço para o qual estou cagando.

— Nós merecemos. — Coloco o balde de gelo sobre o criado-mudo e me sento na altura de seus pés. — O dia pode ter sido ruim, mas recuso-me a ser sugado por ele. — Começo a desamarrar o cadarço de sua bota *adventure*. — Não dizem que a última lembrança é a que fica? Então, quero que o dia seja perfeito.



Juliet

Já é perfeito!

Sorrio, sem palavras, para o macho impressionante que está mudando a minha vida para sempre. As palavras ditas para Amelie ainda me encham de emoção e amor. Foi tão cru, tão real... Doeu vê-lo exposto daquela maneira. Ele é completamente maluco, quebrado e imprevisível, mas eu sabia exatamente onde estava me metendo quando abri meu coração para ele. Vai de rude a gentil em segundos e acho que é justamente por isso que sou tão atraída por ele.

Como pode fazer tanto sentido? Parecer tão certo?

Esse amor que sufoca e avassala, nós dois aqui, as *bambinas*... Nada

foi planejado, mas não é uma coisa ruim. Até achei que aconteceria um dia, mas não assim, agora e com ele.

Dark quer minhas minis tanto quanto eu.

Enquanto tudo dentro de mim vibra de emoção, eu o observo tirar meu outro sapato. Alcanço o saco de *fast-food*, pesco mais batatas e as enfio na boca para sufocar um suspiro. Surpreendo-me quando tira minhas meias e começa a massagear cada um dos meus dedos.

Madre Santissima, isso é bom, muito bom... Uma onda de prazer migra dos meus dedos para bater diretamente entre as minhas pernas. Engasgo com as batatas quando Dark começa a puxar cada um deles e meu clitóris responde.

Cristo!

— Cuidado! — Dark larga meu pé e vem em meu socorro dando tapas suaves em minhas costas. — Não briguei com uma porrada de gente e movi céu e terra pra chegar até você no K2, só pra te perder agora por conta de comida!

O quê?

Brigar com todo mundo não me surpreende... Isso é tão Dark, mas...

— Moveu céu e terra para chegar até mim? — grunho engasgada.

— Congelaria o inferno se fosse preciso. — Bate mais em minhas costas.

Fico indecisa entre respirar, comer mais batatas ou conter o choro. Malditos hormônios. Dark é muitas coisas e a maioria delas está acima do incrível, o que faz com que minhas expectativas sobre ele estejam sempre elevadas, mas definitivamente, mover céu e terra por mim, supera qualquer uma delas.

— Aless... — Tusso, ainda um pouco engasgada, mas não resisto ao impulso de pegar mais comida.

— Chega disso. — Tira o saco de comida de mim e o descarta no criado-mudo. — Não deveria ter caído na sua e te dado mais. É impossível que ainda esteja com fome, não depois do X-tudo que seu pai buscou pra você lá no aeroporto. Deve ser ansiedade. Lembra-se do que a doutora disse: não é porque está grávida que precisa comer por dois.

Hã?

— *Dio!* Como pode ser tão gentil e babaca? Se tá me achando gorda é só dizer! — Tento me levantar, mas ele é mais rápido e cobre meu corpo com o dele me impedindo de sair. — Sai!

— Nem fodendo! — Ri, me deixando ainda mais possessa. — Ainda não terminei de cuidar de você!

— Sei me cuidar sozinha. — Sacudo os quadris na tentativa de me livrar dele. — Não sei se percebeu, mas até emagreci — minto. — Não é justo, não posso comer por um, se tecnicamente sou três! Não tenho culpa se as *bambinas* puxaram você. Elas podem ser minis, mas são insaciáveis! Quer o quê? Que eu definhe, que eu morra de fome? Se vai passar a gravidez toda controlando cada migalhinha que eu como, é melhor eu repensar sobre o casamento.

— Terminou?

— Não, devolve a minha comida.

— Só depois que eu cuidar de você. — Um movimento ágil e ele está de pé comigo em seu ombro.

— Brutamontes! — Fico dividida entre esmurrar sua bunda e me esticar para tentar resgatar as batatas. — Me coloca no chão. — Debato-me.

— Quieta! — Ganho um tapa da bunda. — *Dio*, dai-me paciência.

Sangue Damaggio! Tô fodido se as *bambinas* puxarem a você! — geme. — Não sei quem é mais teimoso, se seu pai ou você!

— Pra onde pensa que está me levando? Não vou aceitar ser devolvida para os meus pais!

Dark para no meio do caminho. *Quantos metros tem esse quarto?*

— Vamos fazer um acordo. — Coloca-me no chão diante dele. — Estou louco por um banho e aposto que também queira um. Se ficar boazinha e me deixar cuidar de você, prometo que, se ainda estiver com fome quando terminarmos, não só devolvo as batatas e o sanduíche, como mando vir o cardápio inteiro pra você. Soube que aqui tem uma torta de limão siciliano que ganhou até prêmio.

Meu estômago vibra.

— Se queria tanto um banho era só dizer, não precisava fazer todo esse drama.

Bato em disparada em direção à primeira porta que avisto.

— Amor, aí é o closet, o banheiro é pra lá.

— Ah!

Mudo de direção, tendo que engolir as gargalhadas dele.



— Sei que está escuro, mas tem certeza de que não podem ver minha bunda lá de baixo?

Só de calcinha e sentada sobre a bancada de mármore que há dentro do boxe, olho sobre os ombros e através da janela panorâmica atrás de mim, observo um ir e vir de pessoas apreciando a *Piazza di Spagna* e a noite.

— Não te colocaria sentada aí se fosse possível. Os vidros são

revestidos. — Dark para a regulação da temperatura e o fluxo dos jatos d'água do chuveiro e olha através de mim. — Conseguimos ver o que há lá fora, mas o mundo não pode nos ver.

Ah!

— Estarmos invisíveis é bom. Odiaria ter a Amelie nos espionando ou descendo de rapel por esse vidro só pra infernizar.

— Esquece esse assunto. — Segurando-me sob as axilas me coloca no chão. — Aquela diaba já deve estar a um oceano de distância de nós e sem direito a fuga. Viramos essa página no aeroporto, duvido que a gente esbarre com ela de novo.

— Que *Dio* te escute.

Vira-me para que eu fique sob os jatos d'água. Gemo baixinho da delícia que é ter um banho de verdade.

— Eu tinha minhas dúvidas, mas... — Afasta os fios de cabelo molhado do meu rosto. — Depois de você e das *bambinas*, tenho certeza de que Ele me escuta, fique tranquila.

Sorrio e quando vou manobrar o corpo para tirar a calcinha, capto, de relance, minha imagem no espelho sobre a pia. Tomada pela curiosidade, não resisto e viro de lado. Com as mãos na cintura, empino a bunda para trás e projeto a barriga para frente.

— Já dá pra notar que cresceu?

— Porra, sim!

Estranho a entonação excitada. Busco por Dark e os olhos do cretino estão fixos devorando meus seios.

— Não meus peitos, seu tarado, a barriga! Já dá pra perceber? — Empino-me mais.

Aguardo impaciente quando finalmente a cabeça dele desce varrendo meu corpo em uma avaliação minuciosa.



Dark

Divina! Deliciosa! Minhas!

Minha respiração falha e levo alguns segundos para absorver o impacto. Juliet é a coisa mais linda se descobrindo mãe. A imagem dela projetando ainda mais a barriguinha e a carinha braba e esperançosa com a qual me olha esperando por resposta, me arrebatam. Desço mais o olhar para examinar o ventre quase que imperceptivelmente inchado. Não sei se está assim pelo X-tudo e batatas ou por nossas filhas.

Foda-se!

Com um meneio exagerado da cabeça, dou a ela o que acho que precisa.

— Dá para perceber pra cacete! — digo convicto.

Na mosca!

Um sorriso satisfeito explode magnífico para mim.

— É... Também acho que dá. — Volta a se olhar no espelho e acariciar a barriga. Quero cair aos seus pés. Respiro. — *Mamma* disse que a barriga dela era uma tábua igualzinha a minha, mas que no quarto mês desandou a crescer! Quando chegar em casa, vou pedir pra Rafa ir comigo comprar umas batas. Será que tem loja de grávida em Bolgheri?

Casa.

Juliet é a minha casa.

Meu peito aperta, sufocando-me. Perco o controle quando o peso dos acontecimentos e as emoções reprimidas durante os últimos dias finalmente me atingem. Caio de joelhos diante dela. Não sou a porra de um robô, cacete! Prendo a cintura ainda fininha em um abraço e afundo o rosto na barriga lisa. Os jatos de água, que jorram entre nós, camuflam minhas lágrimas e abafam meus grunhidos.

Protegido pelo amor que vem dela, permito-me ser fraco. Choro pela porra toda que acumulei durante anos. Choro pela dor da perda de Fred, pelo desespero e culpa que me acompanharam durante anos, pela traição do Alex, por Zetta, meu pai e Rafa, mas, principalmente, choro por ter me sentido pequeno, sujo e indigno, não queria que Juliet tivesse chegado perto desse passado maldito.

— Aless... — Juliet escorrega ficando de joelhos.

Baixo a guarda e caio sentado. Despindo-me da armadura e de todo o orgulho, grudo as costas no azulejo e deixo que veja a merda que sou.

— Estava chorando?

— Só deixando ir... Lavando a alma.

Juliet arrasta-se e aproximando-se novamente, segura meu rosto entre as mãos.

— Quer conversar?

Não, porra! É óbvio que não quero!

Nego num gesto evasivo.

— Vai, fala. Fiz algo errado? — insiste aflita. — Se é sobre a comida, perdão, eu só estava com fome.

— Não, Baixinha. — Arranca de mim um sorriso improvável. — A única coisa certa em mim é você. Não consegue enxergar? É a minha casa,

minha fortaleza. — Estico as pernas e puxo-a para que fique montada sobre mim. — Eu que preciso te pedir perdão... Pelo meu passado e por hoje. — Solto o ar, sentindo minha mente um pouco menos caótica.

— *Dio*, que absurdo! — Seu pequeno corpo enrijece. — Caramba, Aless, você é o cara mais decente que eu conheço! Já parou pra pensar que todas essas merdas foram causadas por outras pessoas e não por você? Então, meu amor, que se lasque o mundo! Pode ser difícil de acreditar, mas estou me lixando pro seu passado! Amo quem é hoje, não quem era! — Os olhos dela brilham cheios de sinceridade. — Alex, Amelie e até o meu *papà*, nada foi culpa sua. Tenho uma parcela boa nisso tudo não abrindo o jogo com os meus pais logo no início. — Franze os lábios fazendo seu ponto. — Por favor... Não remoa o que já foi. É preciso ser um baita de um homem muito forte para se expor daquele jeito... Na frente de todos, de peito aberto. — Agita a cabeça como se não pudesse acreditar. — *Dio!* Aquilo lá foi surpreendentemente humano e só me fez te amar mais! — Puxa o ar recobrando o fôlego. — Página virada, lembra? Aquela vaca estava ali para se vingar de mim, não de você!

Surpreendente é você!

Passo os braços em torno de sua cintura intensificando nosso contato.

— Está sendo generosa, só se meteu nessa por minha culpa, pra me defender. — Meu maxilar tensiona. — Sei que te decepcionei. Você tinha razão, não foi bom ter voltado lá. *Cazzo!* Deveria ter enxotado Amelie no segundo em que ela apareceu. — Suspiro, frustrado. — Te expor àquela sordidez foi um erro. — Meu peito comprime angustiado. — Nunca me deixe, não consigo viver sem você.

— Te deixar? Tenho cara de maluca, por acaso? — Ri com doçura.

— É bom procurar um otorrino, amigão, porque você não ouviu um pingô do que eu disse. — Segura meus ombros. — Eu. Te. Amo. Aless! Como posso te deixar, se é o pedaço que me faltava? Depois do Julio, pensei que nunca mais seria inteira, mas aqui estou... Completa, plena, com o corpo recheado e o coração batendo alegre, graças a você. Se eu sou a sua casa, você é o meu ar.

Porra!

Num ímpeto desesperado, seguro seu rosto e a beijo com força... Nossos lábios, dentes e línguas se chocam numa batalha feroz e faminta. Não sei quem devora quem... A água cai abundante sobre nós. Beijamos, mordemos, chupamos, tomamos tudo o que podemos até ambos estarmos sem ar e eu completamente duro.

Juliet rompe o beijo e puxa uma respiração profunda. Ofegante, desesperado e precisando de mais, destroço as laterais delicadas da calcinha. Uma onda de adrenalina e desejo acende meu corpo. *Aaaaah...* Um silvo rouco me escapa quando me livro dos destroços rendados e nossos sexos se encontram depois de doze longos dias em privação.

Putá que pariu!

— Como senti falta disso — murmuro com os olhos vidrados nos dela.

Sem dizer nada, mas parecendo tão necessitada quanto eu, ela pisca os olhos enormes para mim, antes de erguer a pélvis depilada me convidando a entrar. Seu movimento me coloca em linha direta com os peitos crescidos. Seguro e abocanho um deles e, ao mesmo tempo que trabalho a língua sobre o bico enrijecido, a empalo até o talo.

Foda!

Ela geme.

Eu perco o ar.

Não sei se é a abstinência ou a gravidez, mas algo mudou. Está melhor e nada... Nada no mundo se compara à sensação da boceta macia e quente de Juliet apertando meu pau desse jeito. Sim, completo! Sei exatamente como ela se sente. Somos um só e o que nos une está além das *bambinas*.

— Aless... — Os dedos de Juliet vão varar nos meus cabelos.

— Shhhh... não assim...

Incomodado com a posição, esqueço o seio, ergo braço e segurando firme na bancada de mármore, levanto trazendo Juliet comigo. Manobro nossos corpos ainda conectados, até ter a bunda dela sobre a bancada. Sua respiração acelera quando saio e volto a empurrar lentamente em seu calor úmido.

Minha nossa!

É tão bom!

— Aless... — diz com a voz desejosa ecoando no boxe. — Aless, por favor.

— Coloque as pernas em torno de mim. — Mantenho uma mão firme em sua cintura e com a outra, desligo o chuveiro.

Obedecendo ao meu comando, suas belas pernas contornam meu corpo e as costas recaem sobre o mármore.

— Dessa vez, vamos suave, ok?

Tiro e meto num ritmo que não é o meu. Com cuidado e o foco total onde meu pau afunda, balanço contra ela em uma série de estocadas gentis. Entro e saio, hipnotizado com a imagem de ser devorado por ela.

Cacete!

Meu maxilar contrai.

— Não tem que me poupar. — Força o quadril contra mim. — E

você?

— Acabou de ter alta e estou tão na seca que não vou durar muito tempo. — Tiro e empurro lento mostrando a ela como será. — Não vou correr o risco de te machucar.

— Mas...

— Quieta!

Ignorando os protestos dela, mantenho o ritmo, mas resolvo esquentar um pouco as coisas. Inclino o tronco sobre ela e sugo forte o seio suculento. Ela arqueia as costas e passa as unhas arranhando meus braços. Embalado entre a dor e prazer, dou a ele meu melhor tratamento.

Juliet geme.

— Isso, só curta a foda, Baixinha. — Empurro meu pau duro e pulsante, um pouco mais rude. *Merda, controle-se, porra!* — Vou te fazer gozar gostoso, prometo. — Mordo e puxo o bico entumecido, ela grita e fecha os olhos.

Satisfeito que tenha entrado no jogo, meto, tiro, empurro, recuo, provoco... ondulo o quadril dando e tomando. Nossos corpos se encaixam tão bem. Segurando-me para não perder o controle, ponho as mãos na jogada. Deslizo-as sobre o tórax malhado e vou de um seio ao outro, apertando, puxando e torcendo os mamilos. Arrepiada de tesão, Juliet geme sensual e depois ofega. Querendo lhe arrancar mais murmúrios de prazer, amplio o ataque, começo a instigar o clitóris em uma tortura circular e lenta.

— *Dio, Aless...*

A cada investida, Juliet estremece, arqueja, murmura e exige mais. Amo que não tenha vergonha de me pedir o que quer. Transar com ela é tão bom, meu pau engrossa de satisfação a ponto de estourar. Depois lateja frustrado não entendendo a demora. Faz tanto tempo desde nossa última foda

e Juliet é tão poderosa, que não sei se consigo me segurar por mais tempo.

Atendendo a urgência das minhas bolas doloridas, apresso-me. Sem botar muita pressão, vou mais fundo e acelero em busca de alívio. Entro, saio e fodo, metendo com mais avidez, sentindo cada centímetro dela expandir e contrair ao meu redor... Não importa, gentil ou rude, ela me põe no alto. *Tesão de mulher*. Os lábios de Juliet apertam, puxando um sorriso meu.

Ela está quase...

Eu estou quase...

Manobro o quadril para atingi-la no ponto onde sei que a levará até as estrelas e permito-me ser eu. Entro com tudo numa sequência frenética que faz minhas pernas tremerem. Bato incansável, pronto para explodir, mas me seguro até Juliet começar a gemer e a gritar perdida em um orgasmo luminoso, vibrante e sincero.

Atordoados e totalmente dominados pelo prazer e intensidade dos meus sentimentos por ela, puxo-a para perto grudando nossos peitos suados e gozo em jorros fortes. Mãos suaves acariciam minhas costas trazendo-me paz.

— Aless...

— Hum...

— Você é um bom homem, nunca se esqueça disso.

— Não vou esquecer, Baixinha... Não vou esquecer. — Inspiro profundo e, pela primeira vez em muito tempo, me sinto leve.

— Agora, leve-me pra cama e me dê aquela torta de limão que prometeu.

Caio na gargalhada.

— Não se atreva a rir de mim. Tô com fome, poxa!

Rio mais e endireito o corpo para admirá-la.

— Mulher, você é um saco sem fundo! — Saio de dentro dela e a pego no colo. — Vamos lá, alimentar essas *bambinas*!

— Posso ter meu saco de batatas de novo?

— Não!



37.3

Voe, minha Passarinha!

Juliet

— **Dio, Aless...** — **Recaio** sobre o peito forte quando Dark puxa seu pau, ainda duro, de dentro de mim. — Um dia, ainda descubro de onde tira tanta energia. Uau, isso foi... foi...

— Bom pra caralho! — completa por mim com um sorriso satisfeito.

Mal começo a devolver o sorriso, sou pega desprevenida. Num movimento rápido, Dark inverte nossas posições, vou de montada e largada para soterrada por seu corpo quente e todo suado em um segundo.

Ofego pela delícia que é.

— Obrigado pela foda fantástica. Bom dia, biscoito. — Morde minha bochecha.

Ai, ai... Que ódio!

Misturada à bagunça de lençóis, retorcidos pela atividade matinal intensa, desgrudo as costas do colchão e balanço meu corpo, ainda trêmulo do orgasmo, na tentativa de escapar de seu domínio.

— Se me chamar mais uma vez de biscoito recheado, eu corto a sua língua! — Seguro o impulso de morder a boca, que sorri irritantemente.

— Por que são tão gostosos?

— Ah, pelo amor de *Dio*, era só o que me faltava!

Bufo e, em meio a uma gargalhada, Dark roça a barba

provocativamente na lateral do meu rosto, instigando-me com seu cheiro e restante do corpo imenso.

Spudorato!^[83]

Abro a boca claramente dividida entre reclamar ou ofegar. A gargalhada e as provocações aumentam, arrepio-me da cabeça aos pés, quando os músculos trincados de seu abdômen deslizam sob o meu ventre.

Os quadris poderosos ondulam insinuando-se e me remexo um pouco mais, agora de prazer. *Mas já? Madre Santissima, nós mal acabamos de...* Suprimo um suspiro rendido. É impossível eu ficar verdadeiramente brava tendo a abundância *Darkiana* nua e engatilhada, roçando em mim avidamente.

— Alessandro Salvatore Bolgheri! — Finjo indignação para disfarçar o tesão.

— O quê? — Uma sobrancelha arqueia. — Foi você quem disse que vai ficar redonda, não eu. — Toca minha barriga. — Além do mais, combina com você... É doce e está recheada.

Quero rir, mas não dou o braço a torcer.

— A língua, Aless... Se tem amor a ela é bom deletar esse apelido.

— Tudo bem. — Mordisca-me o ombro e meus mamilos reagem endurecendo. — Esquece o biscoito recheado, que tal Kinder Ovo?

Os olhos sorridentes e esmeralda vagueiam famintos do meu rosto para os seios. Ele lambe os lábios.

— *Maledetto!* — Espalmo o peito largo e tento empurrá-lo em vão. — É bom aprender braile, porque língua não vai ter mais!

— Linguagem dos sinais — corrige-me com um meio sorriso irritante.

— O quê? — Tranco minhas pernas quando tenta se infiltrar.

— É bom eu aprender a linguagem dos sinais porque braile seria no caso de me arrancar os olhos, não a língua — explica sarcástico, voltando a vidrar em meus seios.

Estranho.

— Tão engraçadinho, você. — Seguro o queixo barbado obrigando-o a me encarar. — O que te deu, hein? Parece outro você. Bateu a cabeça quando se levantou pra fazer xixi?

Nossos olhares se fixam.

— Outro eu não, só um eu estranhamente feliz — diz com um brilho tranquilo no olhar, que é novo para mim.

Ah!

Meu coração bate forte.

— É bom, né? — murmuro.

— O quê? — Afunda o rosto na curvatura do meu pescoço. — Tregar a noite toda ou foder pela manhã? — Seus lábios percorrem meu pescoço.

Arrepio-me com a respiração que aquece minha pele.

— Ambos, mas tô falando dessa paz de espírito nos seus olhos. — Empurro, a contragosto, os ombros maciços para que volte a me olhar. — Fico até emocionada. É tão bom te ver assim... Bem-humorado, leve e sem carregar a culpa do mundo nas costas. Te entendo, o passado nos revisitou naquele mesmo dia. — Sorrio com ternura e acaricio o rosto atento em mim. — Sei o que é viver na culpa e tinha medo da minha reação quando finalmente me lembrasse da morte do Julio. Uma mochila desgarrada matou o meu irmão, não um erro meu — repito o que já lhe contei mil vezes. — Por

mais que naquela situação eu fosse fazer a mesma coisa, cortar aquela maldita corda para salvá-lo, sempre vai doer, mas saber que não fui eu que provoquei aquilo é libertador.

— Libertador e confuso pra cacete. — Coça a barba. — É difícil mudar a chave. Passei tanto tempo me culpando que a minha ficha ainda não caiu direito, mas estou no processo. Tem razão, Baixinha, me sinto leve e é muito bom. — Com a ponta dos dedos, desenha meu maxilar. — Obrigado.

— Pelo que, posso saber? — Minhas sobrancelhas franzem.

— Por ser essa maluca gostosa que me enche de luz e por escolher ficar do meu lado, mesmo com tantas falhas e rachaduras. — Abre um sorriso arrebatador.

— Aaaah, Gigante, não me agradeça. É puro interesse profissional — provoco com uma piscadela safada. — Falhas e rachaduras são minha especialidade, lembra? Adoro agarrar numa rocha grande, imperfeita e trepar.

Ele balança a cabeça em um divertido: *“eu não ouvi isso”*.

— Minha maluca adorável — murmura ampliando o sorriso e serpenteando o corpo para baixo.

— Meu louco irritante... — Minha voz falha com a sensação da barba e língua deslizando por meu abdômen em direção ao sul. Apoio-me sobre os cotovelos quando se ele afasta para abrir minhas pernas e dobrar os meus joelhos.

Meu cérebro dá um pequeno tranco em alerta.

— Aless, não podemos! Temos hora.

Ignorando meu aviso e nossos compromissos, a cabeça dele volta a descer para depois mergulhar.

— O que pensa que...

Aaaah...

Reviro os olhos.

— Fendas perigosas, biscoito! — Interrompe o beijo molhado em meu púbis e devolve a piscada safada. — As suas ainda vão me matar.

— As fendas não sei, mas o biscoi... — Quase engasgo quando a língua voraz me abre de baixo a cima, aterrissando sobre o meu clitóris. — Oh, merda! Aaaah... — Uma quentura me sobe, fecho os olhos e caio novamente de costas, embarcando na dimensão Dark foda-me.

Ele é bom em oratória, muito bom. Não tem jeito, linguística é vocação e Dark, *Dio* Cristo, é gênio nessa matéria! Contorço-me em êxtase quando a lambida suave muda para provocativa e safada em redemoinhos torturantes... Barba e boca, áspero e macio... São tantas sensações que minha bocetinha até palpita. Mordo a mão para sufocar um grito, depois de sugar na pressão certa meu clitóris, Dark varre meus lábios vaginais em investidas vorazes.

— Essa língua merece o Oscar de melhor lambeção — murmuro alheia ao mundo.

Ele para abruptamente, afastando a cabeça.

— Qual? Essa que jurou cortar?

Hã?

Tomada pelo vazio, contorço-me em um protesto atordado. Nada. Abro os olhos e ainda mais os joelhos, oferecendo-me desesperadamente a ele.

Nada.

— Vai, Aless, tô quase, continua! — Meu coração bate tão forte pela urgência, que mal me escuto.

— Percebi. — A voz calma e naturalmente rouca reverbera diretamente nas minhas entranhas sedentas. Gemo. — Molhada pra cacete e... — Passa o dedo abusado em mim, para em seguida me provar. — Deliciosa como sempre. Adoro te ver louca, rebolando toda na minha cara, mas é melhor pararmos.

Hã?

— Como é que é? Preciso da sua boca agora! — Imbuída na missão *chupa-me*, eu estico os braços para tentar agarrar a cabeça dele, mas ele se esquivava.

Diacho!

O desalmado ri.

Aturdida e frustrada, ignoro a posição constrangedora e volto a me apoiar sobre os cotovelos.

Com a cabeça ainda enfiada entre as minhas pernas e me olhando como se matutasse algo, ele ensaia uma investida, mas desiste.

— Isso é maldade! — choramingo na chantagem.

— Maldade? Nunca! — Não cai na minha. *Merda!* — Adoraria dar o que me pede, mas não vai rolar! A língua vem no pacote boca, é melhor você ir se acostumando sem ela. — Segura o riso e ergo uma sobrancelha inquisitiva. — Se é pra decapitar essa merda, que seja logo.

Minha ficha cai.

Meleca!

— Tá fazendo isso de propósito, né, seu atizador sexual de uma figa?! — Tento escapar, mas as mãozonas agarram minha bunda. — Eu estava blefando, caramba!

— Blefando, não diga? — Inclina a cabeça, com ar de deboche.

— É, blefando! — Balanço a minha em uma confirmação exagerada.

— Eu deveria te fazer implorar por isso. — Passa a língua sobre a boca carnuda só para me provocar.

Engulo com dificuldade.

Implorar?

— Nunca! — Uma parte minúscula, mas ainda funcional do meu cérebro grita. — Pode esperar sentado! — praguejo sem conseguir esconder meu fascínio pelo rastro molhado deixado em sua boca.

— Prefiro agir deitado. — Dark ri e, antes que eu possa xingá-lo por perceber meu óbvio desejo, ele volta a cair de boca.

— Filho da... Hummmm... Aaaah... Isso! Oh, *Dio*... Mais... Mais... Sim... Por favoooooor, muito mais!

— Ah, biscoito... Aprenda uma coisa... Nunca me diga nunca — murmura vitorioso e abocanha meu clitóris.

Hum... aiii! Vai ter vol... Minha Madre Santissima!



Enquanto espero Dark ir até a recepção para entregar nossos cartões de acesso, atravesso o saguão do hotel em direção às janelas imensas e abertas. Sorrio ao ver a *Piazza di Spagna* ainda vazia, sem o fuzuê de turistas. Os canteiros que adornam os degraus e o centro da larga escadaria, que leva à igreja *Trinitá dei Monti*, estão em seu máximo, explodindo em flores e cores. Combinam com o vestido romântico em tons de amarelo, rosa e branco que escolhi.

Uma brisa bate bagunçando meus cabelos soltos. Inspiro o ar familiar e fresco da manhã. Gosto da minha Roma assim: ensolarada e alegre. Casa... Meu coração palpita de um jeito bom. Olho por sobre os ombros para

admirar o Gigante, que conversa com o *conciierge* e o recepcionista.

Sorrio secando a *Bunda* deliciosa e minha.

Aless é a minha casa e não importa o quanto esse *maledetto* me tire do sério, eu nunca irei embora. Como se pressentisse o meu olhar ou sentisse a minha falta, Dark escrutina o saguão até pousar os olhos famintos em mim. Um sorriso discreto insinua-se no belo rosto. Acho bom que ignore todos os olhares gulosos que estão sendo lançados em sua direção e coro quando coça o queixo e a língua sai para umedecer a boca safada e me lembrar do que acabamos de fazer.

Ai, ai, o sexo entre nós é tão bom. Aperto os lábios em um sorrisinho maroto. Adoro flertar com ele. Meu celular vibra no bolso do vestido, desviando minha atenção.

└ **Peppe** - Cornetto alla Nutella?

Sorrio para a mensagem de *papà*. Os pedidos de desculpa dele são os melhores.

└ **Juliet** - Sempre! Estarei lá em vinte minutos!

Sem esperar por resposta, guardo o celular no bolso e respiro fundo. A ansiedade que veio junto com o telefonema inesperado e o convite para um passeio ameniza um pouco. Não pensei que haveria outras despedidas, além das feitas no aeroporto e mal toquei no café da manhã. A preocupação e curiosidade fizeram cócegas em meus pensamentos, mil possibilidades passam por mim... Com um suspiro de alívio, descarto o sequestro ou a interdição... não!

Ele não seria capaz, seria?

— Posso saber o que está provocando isso?

Surpreendo-me quando Dark beija o vinco, que nem percebi se formar entre as minhas sobrancelhas. Sorrio para ele. O homem é imenso, mas é tão silencioso, às vezes, que nem percebi chegar.

— Nada de mais... Só pensando no *papà*. — Com a pontinha do meu *All Star* amarelo, cutuco o carpete felpudo e vinho do saguão.

— Melhor desmarcar com a Pam e o Josh e ir com você.

— Não, imagina. — Esfrego seu peito. — *Papà* late, mas não morde. Vá ver seus amigos. — Estranhamente incluo Alex nessa equação, mesmo que não o honre. — Te conheço, sei que não viajará tranquilo se não checar você mesmo se todos ficarão bem.

— Mesmo assim...

Fico na ponta dos pés e o calo com um beijo casto.

— Aless, já discutimos sobre eu ter a minha independência — murmuro doce. — Mantenha seus planos. Vou ficar bem... O trajeto é curto e é só o meu pai, que perigo posso correr?

— Você nenhum, já eu... — Enlaça minha cintura em um abraço apertado. — Pensei em umas mil maneiras daquele carcamano tentar te tirar de mim.

— Impossível, sou tua, Gigante. — Sorrio, mas fecho a cara quando noto uma desavergonhada botando um olhar comprido em Dark. — Caramba! Onde foi parar o respeito pelo homem das outras?

Dark olha para trás sem esboçar interesse e volta para mim.

Acho bom!

— Provavelmente no mesmo buraco em que o medo de morrer se

enfiou. — O queixo dele aponta indiscretamente para o lado.

Sigo a rota... *Eita, que tarado!* Um baixinho devora minhas pernas e só falta babar; quando percebe que foi descoberto, arregala os olhos para Dark e sai apressado.

— Disse que era curto e sexy demais. — Esfrega meus braços nus e avalia meu decote discreto. — Não acha que tem muita pele exposta para um passeio?

— Nem vem. Tô parecendo uma camponesa virgem. — Saio do seu domínio e aliso a saia rodada. — Se for assim, meu amor, melhor amarrar uma blusa na cintura. Essas suas calças deixam a sua bunda gostosa demais. Se a Pam não fosse tão vidrada na minha, até te mandava tirar.

— Eu sabia. — O maxilar barbado trava. — Injeção pra você, de agora em diante, só eu ou no braço.

Dou risada indicando que não vai rolar.

— Com essa mão pesada que tem? Nem pensar, prefiro mil vezes a Pam espetando o meu traseiro.

— Não provoca, Juliet. — As veias de suas têmporas pulsam e eu rio. — Sua bunda é minha, entendeu? Quero ver rir assim quando EU espetar o *prezioso*.

Meus olhos quase saem das órbitas.

— Você prometeu que não vai doer! — Cubro protetoramente o meu traseiro.

— E não vai, se...

— Hum-hum... — O *concierge* brota ao nosso lado mais branco que um fantasma. — Desculpa interromper a conversa lúdica, conde, mas o táxi o aguarda.

Meu rosto pega fogo contrapondo-se ao dele.

Merda! Que vergonha!

— E as bagagens?

Dark capta a atenção do homem, mantendo-se impassível, como se nós não tivéssemos sido flagrados discutindo sobre espertar o meu... o meu...

Dio! Biscoito!

— Serão entregues no hangar conforme nos orientou, senhor.

— Bom... Obrigado, Enrico.

O gerente retribui com um aceno e volta-se para mim com um olhar afiado. *Oh, não!* Sem cara para despedidas formais ou julgamentos, solto:

— *Dio*, estou atrasada! Obrigada por tudo, amei a torta! Até mais, Enrico. — E marcho para a saída.

Mal passo pelas portas giratórias, a mão poderosa de Dark segura o meu bíceps.

— Opa! Não está esquecendo nada?

Dirijo a ele um olhar exasperado e começo a apalpar os bolsos do vestido.

— Acho que não. Celular, dinheiro, documento, tá tudo aqui. — Finalizo o *checklist* e Dark me estuda como se ainda faltasse algo. — Não quero andar carregada de tralha. Enfiei a bolsa na mochila que vai pro hangar. — Transfiro o peso de um pé para o outro, louca para dar no pé e fugir dos olhos afiados de Enrico, que continua a nos espreitar do saguão.

Dark suspira, gesticula um “*Já vai!*”, para a dupla de taxistas que o espera, enquanto tira o boné com a mão livre e olha para o céu.

Estranho a dupla, mas meu foco logo muda quando uma nova conexão mental é feita: o sol e as terríveis manchas de gravidez. *Opa!* Antes

que o exagerado saque um protetor do bolso e comece a me besuntar na rua, me apresso.

— Se é sobre o protetor, já passei. — Sorrio ansiosa.

— Fico aliviado em saber, mas estava me referindo a outra coisa...

Quase perco o equilíbrio e um pouco da razão, quando ele prende minha cabeça entre as mãos, inclina para frente e pressiona nossos lábios, dando início a um beijo que promete ser tudo, menos casto.

Sem ter como ou querer fugir, esqueço de que estamos em via pública e agarro-me aos seus cabelos pressionando-me contra ele. Sua língua instiga os meus lábios exigindo passagem e eu concedo. Ele geme profundamente quando nossas línguas se encontram e tudo vira um borrão, como sempre acontece, toda vez que me beija todo possessivo.

Sei lá depois de quanto tempo, ele rompe o beijo. Bêbada de Dark, cambaleio ofegante e desorientada para trás.

— Um beijo, Juliet. — Ele me sustenta pelos quadris. — Nunca saia sem antes me dar um desses! — ordena quase rude.

— Ok. Beijo — balbucio meu entendimento.

Algumas pessoas ao nosso redor assoviam e batem palmas. Tento pôr ordem em meus cabelos bagunçados.

Desde quando estão aí?

— O show acabou! Dispersando! — grita um dos porteiros afastando os curiosos.

Show!

Avisto um jornalista, que sorri para a câmera dele como se tivesse ganhado o dia.

— *Dio*, sabe que isso também vai pra internet, não sabe? Ontem o

drama no aeroporto, hoje o beijo? Desde quando pegou gosto em causar? — murmuro quando conseguimos um pouco de privacidade.

— Fodam-se todos! Te amo demais pra me segurar por medo de sites. — Ergue os ombros em descaso. — Agora vá, não fale com estranhos, não caia nas chantagens do seu pai e cuide bem das nossas *bambinas*. Te encontro lá em duas horas.

— Duas horas — repito e ainda me sentindo pré-saída de uma centrífuga sensorial, giro nos meus calcanhares e começo a andar.

— Baixinha! — assovia.

Paro ao chamado duplo de Dark e olho sobre o ombro.

— Rota errada. — Sorri convencido e nem posso xingá-lo por isso. *O homem me tira do chão*. — A *Fontana di Trevi* é pra lá. — Aponta para o outro lado da rua.

— Ah... — Sorrio sem graça e corrijo a rota.



Depois de uma caminhada curta, chego a um dos pontos turísticos mais visitados em Roma e o lugar preferido do meu *papà*. Foi aqui, na *Fontana di Trevi*, que ele beijou pela primeira vez a minha *mamma*. Busco entre os poucos rostos que circulam em frente à fonte e nenhum deles é conhecido. Não me surpreendo, pontualidade nunca foi o forte de Peppe.

— Chegamos, a mamãe disse que não ia demorar muito, não disse?

Acariciando minha barriga, paro diante do monumento gigantesco de águas cristalinas e barulhentas. Não importa quantas vezes eu já tenha vindo aqui, a sensação é sempre impressionante. Encaro o orgulhoso Netuno sobre uma concha-carruagem puxada por cavalos-marinhos e liderada por dois tritões.

Simplesmente não entendo todo esse *auê* em cima do cara, deus das águas, grande coisa. Sou muito mais o incompreendido Urano e seu exército de Titãs. Ele sim é uma força da natureza a ser temida. Até onde sei, uma boa tempestade precisa de muita altitude e de uma boa dose de ventos fortes para ganhar força.

— Caro Netuno, seu mundo molhado que me perdoe, mas meu negócio agora é o céu.

— Que bom, pelo menos não corro o risco de ter minha *bambina* correndo nua pela fonte.

Sorriso sem olhar para trás.

— Quando vai parar de jogar isso na minha cara, *papà*. Eu só tinha três anos!

Viro para abraçá-lo.

— Está atrasado.

— Tive um imprevisto.

Assim que me afasto, noto as roupas dele um pouco amarrotadas.

— Não me diga que andou arranjando encrenca na rua de novo?

— Nada disso. — Enfia a camisa para dentro da calça. — Depois de ontem, Donna me fez prometer parar com as brigas... — diz sério, mas duvido muito.

— Por que ela não veio?

— A vizinha, a Carmela, operou o joanete e sua *mamma* ficou de ajudar. — Aponta as águas da fonte com o queixo. — Já fez as honras?

Tira uma moeda do bolso e sei que é a sua deixa para mudarmos de assunto.

— Estava esperando o senhor chegar.

— Tome, para voltar sempre pra nós.

Sorrio, a lenda original diz que quem jogar uma moeda na fonte voltará a Roma, mas *papà*, claro, deu uma adaptada aos interesses dele. Pego a moeda e, como já fiz centenas de vezes, viro de costas e a jogo na fonte.

— Satisfeito?

— Não muito.

Suspiro.

— O fato de eu viver em Bolgheri não quer dizer que abandonei vocês. — Sento-me na muretinha que beira a fonte, convidando-o a fazer o mesmo. — Quando fui pra faculdade, chorou porque eu não voltaria e voltei, não voltei?

— Agora é diferente.

— Dark?

— O próprio.

Merda!

Ajeito a bunda sobre a mureta até ficar de frente para a lateral dele. Minha família sempre será parte fundamental do meu universo, mas não é mais o centro, as coisas mudaram.

— Sinto muito por não ter aberto o jogo logo no início, mas se me chamou aqui pra tentar me fazer desistir do Aless, esqueça — digo suave.

Pappà espelha minha posição, não parecendo muito feliz com o que ouviu. Seus olhos vagueiam pelo meu rosto tão cheio de emoções. Sei que está se segurando e meu coração aperta por isso. Ele sempre foi emocionalmente explosivo e superprotetor.

Observo-o fechar os olhos, respirar fundo e quando os reabre sua atenção recai em um casal de crianças que acaba de chegar com seus pais.

Rio quando a garotinha, por volta de seus quatro anos, corre tão afoita em direção à fonte, que perde o equilíbrio e quase cai na água.

— Sinto falta dessa época — murmura entre a dor e o saudosismo. — Trouxe *cornetto alla Nutella*, minha Passarinha costumava adorar um desses. — Estende o saquinho da minha padaria preferida como uma oferta de paz.

— Ainda adoro — aceito o *cornetto*, mas deixo-o de lado para resgatar a mão que me sustentou por tantas e tantas vezes. — Não tente mudar de assunto, *papà*. Amar Aless não diminui o meu amor por você. Uma hora vai ter que abrir essa gaiola em que me enfiou e me deixar voar.

— Você não entende. — Esquece as crianças e fixa em mim. Ajeito minha posição até ficarmos frente a frente. — Alessandro pode até ser um bom homem, mas não é pra você.

Respiro fundo, segurando a mão dele e a indignação.

— Cresci ouvindo de você que eu deveria fugir de caras perigosos que só falassem de si mesmos, sem me valorizar ou se preocupar comigo. Como é mesmo que me dizia? — Solto sua mão e brinco com a água enquanto tento me lembrar das palavras exatas. Tomo outra respiração profunda ao lembrar. — Você vivia dizendo que o meu grande homem não seria aquele que me enchesse de presentes caros e sim o que se interessasse por mim, que conhecesse minhas forças, ilusões e tristezas e que, mesmo diante de tantas falhas e imperfeições, continuaria do meu lado me ajudando a superar e a crescer. Viu tudo o que aconteceu ontem, poxa vida! Ele é o meu grande homem, *papà*. Dark não tem medo de escancarar seus sentimentos para me defender, ele cai e tem forças suficientes para não só se levantar como também carregar a todos nós nas costas.

Pela expressão no rosto do meu pai, vejo que fiz um ponto.

— Não nego que aquilo me surpreendeu, mas também não vou esquecer das suas lágrimas. Não quero que sofra, Passarinha.

Que cara de pau, eu não ouvi isso!

Pressiono minhas mãos juntas em meu colo para não puxar meus cabelos.

— Se não fosse tão teimoso se surpreenderia muito mais — alfineto.
— Aquelas lágrimas não foram obra dele e sabe disso — alfineto mais. —
Desculpe, *pappà*, mas tô me lixando pro ontem. Tenho um futuro pela frente.
— Acaricio minha barriga admirando a aliança que comprei para nós. — Será
que é tão difícil de aceitar que Aless me faz feliz? Eu quero essa vida! É lindo
de ver o carinho com que ele fala com as *bambinas*. Por favor, entenda de
uma vez por todas, em vez das lágrimas que tanto teme que eu derrame, Dark
vem arrancando meus melhores sorrisos.

Pappà pisca aturdido como se tivesse levado um tapa na cara. Me
dói vê-lo assim e sinto muito por ele, mas mantenho-me firme.

— Tinha tantos planos pra nós no restaurante. — Esfrega o rosto
parecendo cansado. — Achei que passada a fase da curiosidade, você se
cansaria da *Mountain* e esqueceria essa obsessão sem sentido pela montanha,
mas... — Seu maxilar trava.

— Seus planos, não meus... — murmuro ao encará-lo. — Entendo
que tenha se decepcionado com o esporte e descoberto uma nova paixão na
gastronomia, mas escalar sempre esteve em mim e foi graças ao senhor, não
ao Dark.

— É tão perigoso. — Seus olhos se perdem na algazarra das crianças
como se voasse para longe.

Ah, Dio... A compreensão me atinge.

— É o Julio, não é? — sussurro.

— Sim, nenhum pai está preparado para perder um filho — confirma ainda mirando o nada. — É tão antinatural... Não existe ex-pai ou órfão de filho, é uma tragédia sem nome. Uma sentença de falta e dor perpétuas. *Cazzo*, eu me senti tão impotente. — Afunda o rosto entre as mãos. — Vi parte de mim despencar daquela montanha e não pude fazer nada. Então sim, odeio o alpinismo e quero te deixar presa a uma gaiola para te proteger do mundo, não importa o quanto seja boa e talentosa no esporte, quero afastá-la de tudo que é perigoso. *Caspita!* — Volta a me fitar com um olhar marejado. — Não vou aguentar perder outro filho! Que azar! Você tinha que cruzar justamente com ele? A porra do homem parece um galã, é impressionante na montanha e ainda por cima virou conde, é claro que está encantada!

De repente, tudo se torna claro... Quero rir e chorar ao mesmo tempo. Passei tantos anos me condenando por tirar Julio deles, que entrei no automático. Estava tão desesperada em recompensá-los pela perda que não questionei, fui apenas o que *papà* queria que eu fosse: a menininha dele. Toda essa birra, não é por quem Dark é e vai além do alpinismo... É o que ele faz! Ele mostra ao meu *papà* o que ele se recusa a ver: que eu cresci.

— *Papà*, você não vai me perder. — Esfrego suas costas largas. — Dark jamais permitirá que eu me machuque! Entendo a sua dor e sempre respeitei seu silêncio. Nunca comprei muito aquela baboseira de “deixe-a lembrar por si mesma”. Tanta superproteção... — Agito a cabeça do absurdo que era. — Sempre achei que queriam me poupar da culpa, mas eu lembrei. Cada mísero detalhe da morte de Julio veio a mim lá no K2. — Ofego ao me lembrar da águia que veio em meu socorro e minha sensação maluca de que ela era Julio. Mordo os lábios. Peppe jamais entenderia isso. — Ninguém teve culpa, aconteceu. — Recobro a voz. — Não jogue na conta do Alessandro a minha paixão pelas montanhas; por ele, eu também estaria numa gaiola, ainda mais agora com as *bambinas*. Claro que estou encantada,

ele é um inferno de lindo. — Poupo-o de quente, sexy e incrivelmente bom de cama. — O sonho de qualquer mulher, mas o que me faz amá-lo é que ele me entende e, por mais que tenha medo de me perder, ele sabe que eu preciso voar!

— É tão difícil. — Agita a cabeça.

— O quê?

— Te deixar sair da casca... Aceitar que cresceu.

Rio com doçura para a desilusão estampada em seu rosto.

— Não é tão ruim assim, uma hora eu tinha que crescer. Confie em mim, em Dark, e abra-essa-porcaria-de-gaiola!

Um riso agoniado e rendido vem dele.

— Nem um por cento de chance de desistir? — insiste de espreita.

Solto uma gargalhada.

— Não! — Levanto-me, cruzando os braços.

— Droga! Não sei de onde tirou tanta teimosia! — Põe-se de pé, rindo, mas não muito. — Va lá... Se é isso que tanto quer, então tá! Cresça! — Dramaticamente, joga as mãos para o alto como um bom italiano. — Voe, minha Passarinha! Só prometa que vai manter essas duas vidinhas aí, sempre bem protegidas sob as suas asas.

Não respondo... É óbvio que farei isso. Arqueio a sobrancelha quando ele começa a remexer no bolso num tilintar de moedas.

— O que está fazendo?

— Aceitando o inevitável... — Suspira como se estivesse indo para a forca. — Aquela moeda que jogou foi pra sempre voltar, essa segunda... — Abre a palma da mão e encontro duas moedinhas. — É para se apaixonar por um italiano, mas acho que essa tragédia já aconteceu. — Revira os olhos. —

Então a terceira é para que se casem logo.

Segurando-me para não chorar, pesco as moedinhas da mão dele.

— *Papà*, obrigada.

— Não me agradeça, só jogue logo. — Gesticula impaciente. — É bom que essa mandinga das moedas funcione mesmo. Não sou tão moderno assim, não tenho vocação para ser avô solteiro.

Sem conseguir conter o choro, viro-me de costas para a fonte, fecho os olhos e lanço junto com as moedas toda a minha esperança de uma vida longa e feliz ao lado do homem que eu amo e minhas *bambinas*.

— Tudo bem aí?

Meu corpo esquenta. Falando nele... Abro os olhos para dar de cara com um Dark prostrado diante de mim, com o olhar dividido entre o curioso e preocupado.

— Tudo perfeito! Chegou antes. — Enxugo as lágrimas.

Com um ar desconfiado, Dark fuzila *papà* para depois passar o braço protetoramente sobre os meus ombros, colando-me a ele.

— As coisas foram mais rápidas e melhores do que pensei. Pronta para irmos pra casa? — Seu tom é provocativo.

— Mais do que pronta. — Esfrego seu peito tenso.

Pappà rosna, sorrio para ele, implorando visualmente para que não estrague as coisas. Um brilho de compreensão, não muito satisfeito, ilumina os olhos castanhos dele.

— Filha, por que não espera no carro? — Sorri perigosamente manso e minha sobrancelha sobe. — Só preciso dar duas palavrinhas com meu futuro genro.

Não me movo.

— *Papà* — murmuro mais como um aviso.

— Só quero me desculpar, prometi a Donna que faria isso.

Golpe baixo!

Dark afaga minhas costas indicando que está tudo bem.

— Vai, Baixinha. Tudo bem. — Inclina grudando os lábios em meu ouvido. — Qualquer coisa, eu grito e você me salva, combinado? — sussurra.

Rio nervosa com os olhos grudados em Peppe.

— Combinado — rendo-me.



Dark

Assim que Juliet termina de beijar o pai, ela resgata um saco de pão sobre a mureta e corre saltitante para o carro. Sorrindo para a vivacidade dela, sou pego desprevenido em um abraço de urso.

— Bela jogada lá atrás com um cão de guarda — Peppe sussurra em meu ouvido. — Ganhou pontos, seu alpinista safado!

Pelo jeito, não haverá desculpas.

Livro-me dos braços de polvo e abro a distância de um passo entre nós, segurando-me para não o mandar enfiar os pontos no rabo.

— Como soube? — retruco ríspido e já puto.

Ele cruza os braços sobre o peito em uma atitude superior.

— Vi Juliet atravessar a rua com um cara na cola dela. Dei uma imprensada no sujeito a duas quadras daqui e ele abriu o bico.

Coço a barba, avaliando o carcamano com ar vitorioso.

Isso não é bom.

— Peppe, se Juliet souber, ela vai ficar...

— Uma fera, eu sei... — interrompe-me com um sorriso enigmático.
— Relaxe. — Direciona o olhar para um homem troncudo que lê o jornal em um café do outro lado da rua. Minha sobrancelha sobe. — Estranhei que a tivesse liberado tão fácil, só quis me garantir. Nunca seja louco de deixar minha filha andar solta por aí, de acordo?

— Eu não sou.

— Percebi. — Beija meu rosto como um mafioso que sela um pacto.
— Agora vá, antes que eu mude de ideia. — Muda o foco para Juliet, que nos observa do carro. — Faça uma boa viagem, querida.

— Te amo, *papà*! — Ela acena debruçada na janela. — Venham nos ver em Bolgheri!

— Iremos! Pode ter certeza disso.

Volta-se para mim e o tom de camaradagem de segundos atrás se foi.

— Um fio de cabelo dela fora de lugar e tudo muda — ameaça fingindo um sorriso.

Não respondo. Velho tolo. Descabelar Juliet é minha maior diversão. Com um menear de cabeça simplesmente ignoro o filho da puta e me dirijo para o carro.

Estou fodido.

— Como foi com meu *papà*?

Juliet pergunta assim que me acomodo ao lado dela no banco de trás. Puxo-a para o meu colo.

— Melhor impossível. — Beijo o topo de sua cabeça. — Casa?

— Sempre! — Juliet abre um sorriso ensolarado. — Quer *cornetto*?

É de Nutella!

Abre o saco e abocanha o doce.

Negando em um gesto, joga minha cabeça para trás em uma gargalhada de alívio.

Mas é um saco sem fundo essa minha mulher!



Juliet

Em um sábado ensolarado...

Esparramados preguiçosamente em um dos sofás, na varanda da casa de *Nonno*, Dark e eu desligamos os celulares ao mesmo tempo. Lá se foram duas semanas desde que saímos de Roma e aterrissamos na bolha protetora, que é Bolgheri.

— *Ah, que bênção, minha Doce Julieta! Um sopro de vida em dose dupla! Sou um bisavô! Um bisavô!*

Abro um sorriso. Foi tão aconchegante chegar em casa e dar de cara com *Nonno* todo ansioso, vestido em seu melhor terno e com um buquê enorme de flores de campo escondido nas costas e a euforia da Rafa? Pois é. Estar em Bolgheri é bom demais e passada a curiosidade natural pela volta dos mortos de Alex, a vida entrou em calmaria.

Dark? Bom... Esse anda meio estranho. Toda vez que alguém entra no assunto casamento, ele foge. *Tudo no tempo da Baixinha...* é o que diz. Até poderia ficar um pouco insegura com isso, mas estou me sentindo tão amada e segura em relação a nós e à gravidez que não quero botar caraminholas na cabeça! Tudo vai bem e a rotina casa, trabalho, treinos leves, noites incríveis e encontros entre amigos, nunca me pareceu tão boa.

Casa... casa... minha casa...

Meus pensamentos dissipam quando Athos, Portos e Pulga fazem algazarra ao perseguirem uma borboleta. Inspirando o cheiro de grama recém-cortada, sorrio para os cachorros e para a beleza que está o jardim da vinícola Salvatore.

Casa... É tão bom estar aqui.

— E aí? — Dark aperta meu pé que está no colo dele. — O que sua mãe disse?

Olho do jardim para Dark. Estico mais as pernas e os pés sobre as coxas dele em uma espreguiçada gostosa.

— Não vai dar pra eles virem. — Enfio o celular no bolso da frente do meu macacão amarelo. — O evento da *Mountain* cai no mesmo dia do festival de *cannolis* em prol dos órfãos.

Os lábios fartos pressionam e repuxam para um lado.

— Pelos gritos do carcamano, desconfiei que não fosse aceitar o convite — diz sem surpresa.

— Credo, que ouvido! — Cutuco-o na barriga e ajeito minhas costas nas almofadas. Ele captura e começa a massagear meu pé agressor. *Hummm... Bom.* — Os gritos eram de dor, não pra você. É o terceiro dedo roxo dele essa semana — explico e Dark abre um sorriso debochado. — Quer parar com o deboche? Pelo menos, *papà* está se esforçando e resolveu canalizar a energia dele em algo que não seja te odiar.

— Não tinha outra forma dele canalizar essa raiva? — Muda a atenção para o outro pé. — Uma receita nova de lasanha?

— Aless! — Puxo as pernas e sento-me em posição de lótus.

— Aless o escambau! — Ele se ajeita também. — Nem fodendo vou

deixar as minhas filhas dormirem em armadilhas disfarçadas de berços! Peppe martela mais o dedo do que o prego! Não vou acordar de madrugada com as *bambinas* chorando soterradas por destroços.

Memórias dos restos mortais de uma estante, feita por meu pai nos meus quinze anos, pipocam. *Porcaria, Dark tem razão!* Meu presente não durou nem vinte minutos, as prateleiras desabaram na primeira leva de livros.

— Também não sou louca de deixar as *bambinas* dormirem naquilo, mas a gente pode, pelo menos, fingir que gostou?

Dark faz um barulho intermediário entre concordar e nem fodendo.

Homens... Humpf!

Uma brisa mais fria bate e ajeito o casaquinho branco com estampa de cactos que combinei com a roupa.

— E seu pai? — mudo de assunto para não me irritar.

— O que tem ele?

— A ligação... o que foi que ele disse? — Aponto para o celular dele largado no sofá.

O rosto de Dark endurece deixando-me aflita.

— Que todos os recursos que minha mãe tentou perpetrar foram negados. Legalmente não há mais nada que ela possa fazer.

— Isso é uma coisa boa, não é? — Confusa pelo semblante fechado, levanto minha sobrancelha.

— É — grunhe.

Eita!

— E por que parece que não é?

Ele esfrega o rosto, claramente de saco cheio.

— Porque Zetta está transtornada alegando que virou piada em

Mônaco e não quer mais ficar lá.

Um arrepio percorre minha coluna, tem sido assim toda vez que ouço o nome dela. Endireito as costas tentando disfarçar o mau agouro que o nome me traz. A última coisa que eu preciso é de uma sogra demônia estragando a minha paz.

Merda!

— Acha que ela vai aceitar a proposta do *Nonno* e vir pra cá? — especulo temerosa.

— *Dio* nos livre! — Os olhos verdes ampliam demonstrando que ele também não apreciou a ideia. — *Nonno* é pai e fez o que qualquer um faria em seu lugar, mas fui contra. *Cazzo!* — Volta a esfregar o rosto. — Sei que é minha mãe, mas o lugar dela é bem longe das nossas vidas. Meu pai disse que ela recusou a oferta. Ligou para ele aos berros achando um absurdo *Nonno* ter lhe oferecido um trabalho no restaurante e um chalé para morar. Trabalho e Bolgheri? — Estala a língua. — Seria a derrota para ela. Sempre detestou as pessoas daqui, acha-as provincianas demais.

— E agora? — pergunto não tão aliviada.

— E agora? — Coça o queixo encarando-me profundamente. — Dinheiro... é sempre o que ela quer, mas Rafa se recusa a ajudá-la e meu pai não irá além da pensão. O médico amante pulou fora, Paola é uma quebrada e os advogados que a representaram no processo da minha interdição estão cobrando seus honorários. Zetta está fodida e cada vez mais endividada, mas não perde a pose. Decidiu que merece desestressar em Paris e, claro, como me culpa, quer que meu pai me convença a bancar a mordomia dela liberando a venda do meu apartamento de Mônaco.

Desacreditada de tanta cara de pau, balanço a cabeça.

— Chega a ser irônico que aquele a quem ela mais tem atacado seja

sua única opção. Sua mãe é...

— Tóxica... Sempre foi — antecipa-se. Ia dizer *louca*, mas não o corrijo. — Zetta é linda aos olhos, mas seca... Uma parasita que cola nos outros, seduz, manipula e finge estar do seu lado, só para sugar tudo o que puder. O mais foda... — Ri desiludido. — É que minha mãe acredita mesmo que é vítima e age como se a pensão generosa do meu pai não fosse nada. Demorei muito tempo para entender o mal que eu estava me fazendo ao permitir que as atitudes dela me afligissem e, por mais que Mônaco nunca tenha sido opção pra mim, não vou ceder. Aquele apartamento é patrimônio das *bambinas*; se minha mãe quer afogar as mágoas em Paris, que venda suas joias pra isso.

É isso aí, meu Gigante!

Pouco me lixando em fazer média ou com o politicamente correto, abro um sorriso amplo não escondendo minha aprovação.

— Ah... aí estão vocês! — Nonno chega. — Pensei que tivessem ido ver as cabritinhas que nasceram.

— Não. Pra variar, Madá arrasou no almoço, precisava assentar a tonelada que eu comi. — Afago minha barriga por causa do macarrão, não por minhas filhas.

— Estou gostando de ver. — *Nonno* abre um sorriso orgulhoso. — Essas *bambinas* têm aumentado o seu apetite.

— Ô se tem. — Dark ri.

— Aless! — ralho.

O irritante levanta as mãos num cínico: “*Não está mais aqui quem falou*”.

— Quero dar uma palavrinha com vocês. Cadê a Madá? Madá! — berra buscando ao redor.

Madá sai pela porta da cozinha.

— Já vai, velho ansioso! — Caminha num ritmo lento e atípico para ela.

— Venha! Pare de me provocar! Apresse-se, mulher irritante, anda e me dê logo essa caixa! — Gesticula impaciente.

Caixa? Eu sabia!

Estava desconfiada de que a insistência de *Nonno* com esse almoço fosse por um motivo especial. Peguei-o cochichando com Dark por diversas vezes essa semana. Sorrio e, movida pela curiosidade, jogo as pernas para fora do sofá, pondo-me em alerta. Depois do que parece um século e de uma quase parada cardíaca de tanta ansiedade, Madá chega ao ponto da varanda em que estamos e entrega ao patrão uma caixa retangular branca e adornada com um enorme laço prata.

Grande, droga!

Pelo tamanho avantajado da caixa, descarto meu primeiro palpite: um anel de noivado. Minha animação cai um ponto. Não que eu ande ansiosa e à espreita esperando por um pedido formal, claro que não. Se não é o anel...

Ah!

Um presente para as bambinas, só pode ser!

Recobro o ânimo, já imaginando que fofuras há na caixa. *Macacões, vestidinhos... Ursinhos, talvez?* Dou-me conta de que sou uma mãe desnaturada, acabo de completar quatro meses e ainda não comprei nada para as meninas. As poucas peças que elas têm vieram da Rafa, Pam e Cris que, toda vez que vão até Bolgheri, voltam com um pacotinho.

— Pra você. — *Nonno* me entrega a caixona, com um sorriso adorável.

Uau! Pesada!

— Abra — pede gentil, quase tímido, ajustando as tiras do suspensório.

Com um pouco a mais de empolgação do que o necessário, desfaço o grande laço. Fico confusa quando me deparo com três garrafas translúcidas preenchidas por um líquido em um vibrante tom de amarelo-esverdeado, diferente de tudo que já vi ou bebi.

— Vinho? — deduzo confusa, já que estamos em uma vinícola e não há rótulo ou qualquer indicação do que seja.

O sorriso enrugado e adorável amplia.

— Esse ano tivemos uma surpresa rara. Um lote de uvas nos chamou a atenção pela coloração vibrante, diferente das frutas colhidas aqui. Fizemos testes, o sumo vindo dessas uvas gerou um vinho novo e raro, poderia fazer a gentileza de abrir o envelope?

Olho para Dark, que me incentiva com um aceno emocionado. Com as mãos instáveis, atrapalho-me um pouco em abrir o envelope. Meu coração dispara e meus olhos enchem d'água ao me deparar com rótulos feitos em um rico tom de amarelo ouro.



Doce Julieta
Reserva Especial - 2019



Ofego emocionada e tocada pela generosidade do gesto.

— Batizou a nova safra com meu nome? — ofego novamente mesmo que seja óbvio.

— Viu, você foi eternizada, Baixinha — Dark murmura tão emocionado quanto eu e desato a chorar. — Obrigado — diz ao avô em um sopro.

— Oh, pare com isso! Já disse que não há nada para agradecer! — Gesticula para o neto, como se não fosse grande coisa e volta para mim. — Não chore, menina. É apenas uma pequena homenagem. Decerto, foi uma safra memorável, aquelas uvas captaram a sua energia. Nada mais apropriado do que dar-lhe o devido crédito, já que é um vinho de notas ensolaradas, vibrantes e únicas como você, Doce Julieta. Não tenho dúvidas de que será um sucesso. Decidi que toda a renda provinda dele será depositada em uma conta em benefício das minhas bisnetas.

Dio Cristo!

Entrego a caixa para Dark e salto para abraçar *Nonno*.

— Obrigada, obrigada, obrigada! — Encho seu rosto enrugado de beijos e lágrimas. — Tenho certeza de que Julia e Cléo estão vibrando com isso!

— Cléo? — O corpo rechonchudo dele congela.

— Droga, boca bandida! — Afasto-me para encará-lo. — Meleca, não era pra ser assim! — Seco minhas lágrimas com a palma de mão. — Queríamos revelar os nomes só quando fôssemos convidá-lo para ser o padrinho da Cléo!

— Padrinho? — Agora quem ofega é o *Nonno*. — Ouviu isso, Madá? — Com os olhos lacrimejados, ela sorri para ele. — Padrinho?

— *Dio!* — Cubro a boca. — Estraguei tudo, não foi? — grito

abafado para Dark.

O maledetto ri.

— Relaxa, essa é você. Sabia que não iria aguentar um dia. — Ele deposita a caixa no sofá e vai até o avô segurando-lhe pelos ombros. — *Nonno*, decidimos os nomes ontem à noite, queremos muito que nos dê a honra de apadrinhar Cléo ao lado da Rafa.

Suspiro diante da cara embasbacada do *Nonno*. Talvez ele não esteja preparado para uma emoção tão forte ou talvez... *Merda!* Ele queria ter o nome de sua filha falecida guardado só para ele. Mesmo amando o nome escolhido, decido quem deve escolher.

— *Nonno*, esses nomes carregam uma lembrança afetiva enorme para todos nós — murmuro com o coração apertado. — Se não aprova a escolha...

— Aprovo muito! — apressa-se, interrompendo-me. — Vai ser maravilhoso ouvir o nome da minha adorada Cléo ecoando por aí. Obrigado, significa muito para mim. — Sorri, mas em seguida seu semblante fecha preocupado. — Não estou velho demais para padrinho?

— Nunca! Meu irmão Joseppe que não nos ouça, mas tenho certeza de que será o mais popular entre os padrinhos.

— Posso lhes ensinar a pescar. — Os olhinhos enrugados iluminam.

— Isso seria adorável. — Sorrio doce como ele merece.

— E dirigir, como fiz com Alessandro!

Madá geme e eu engulo um grito: *Nãooooo!*

— Isso seria ótimo, *Nonno* — Dark intervém carinhoso. — Mas vamos nos concentrar primeiro nos peixes. Nada de direção até que tenham idade, certo?

— Claro, obviamente, os peixes primeiro. Onde estão todos? Precisamos comemorar.

— Vi eles saindo do curral e indo lá pras bandas do parreiral. — Vênus, que nem vi chegar com uma bandeja, abre um sorriso sexy abusado para Dark.

Um dia ainda esgano essa sirigaita.

— Parreiral? — A sobrancelha de Dark levanta. — Que *cazzo* eles foram fazer lá?

Desconfio o que seja, mas mantenho o bico calado. Dark esteve tão focado em mim o almoço inteiro que não reparou nos olhares compridos que Kai jogava para Rafa. Merda, meus pelinhos arrepiam. Não deveria ter aceitado acobertar a Rafa e arrastado Dark para a varanda! Uma hora, ela vai ter que contar para o irmão sobre seu rolo com Kai.

— Vou lá atrás deles!

O quê? Não!

— Deixa que eu vou! — berro fuzilando a empregada, que sorri satisfeita.

Quando olho para o lado, não encontro Dark. O *maledetto* e suas pernas longas já estão a uns dez passos de vantagem, no meio do jardim, em direção ao parreiral.

Lascou!

— Vai ter troco! — rosno para Vênus e corro atrás do Gigante.

Mantenho-me o caminho todo a um passo atrás de Dark. Sem que ele veja, resgato o celular e vou disparando mensagens... Rafa, Kai, Fran, Petah, Cris e Pietro, nenhum dos *desgramados* me responde!

Danou-se!

O corpo grande na minha frente congela o passo e colido contra ele. Uma série de palavrões e maldições começam a sair da boca delícia dele. *Dio!* Inclino o tronco e protegida pelas costas largas, espio o que o deixou tão bravo.

Em meio ao parreiral e rodeado pelos demais, Kai está de joelhos estendendo um anel em direção a Rafa.

— Que merda é essa? — A pergunta explode na forma de um urro.

Quase perco equilíbrio quando Dark dispara na direção deles. Endireito-me e vou num pinote atrás. Chego já com Dark segurando Kai pelo pescoço enquanto Fran e Pietro lutam para libertar o rapaz.

Com um revirar de olhos vou deles para as mulheres estarrecidas. Ok, nenhum indício de que pretendem intervir.

Suspiro. Como fomos da calma para a tempestade em um segundo?

Ah... Família.

— Solta ele, Aless. Olha o exemplo para as *bambinas*. — Trabalhada na calma, seguro minha barriga, agora, mais arredondada. — Se virar assassino e pegar perpétua, juro que arrumo outro pai para elas!

As mãozonas em torno do pescoço de Kai afrouxam e ele despenca ofegante no chão.

— Sabia disso? — Dark aponta os olhos furiosos para mim.

Nego veementemente presumindo que o *disso* se refira ao pedido de casamento, não ao rolo como um todo.

— Não me diga que vocês... — Dark pressiona o topo do nariz. — Por que esse bosta estava te oferecendo um diamante maior do que o Everest? Está grávida, Rafaela?

— Hummm, o quê? Não! — Ela cruza os braços assumindo uma posição defensiva.

— Não sou um canalha, eu a respeito! — Kai se levanta. — É só um anel de compromisso. — Volta a estender a joia para Rafa. — Por favor, Diamante Negro, vai ser uma aventura, reconsidere.

— Diamante Negro? — Dark rosna e Fran ri.

Olho feio para os dois.

— Você é lindo e foi legal, mas... hummm, não vai rolar! É triste que as gravações aqui tenham acabado e você vai embora, mas tenho planos, sinto muito.

— Pensei que estivesse apaixonada por mim.

— Apaixonada? — Os olhos negros arregalam. — Não! Que bizarro. Sou muito nova pra compromisso! — Franze o rosto em repulsa.

— Eu pensei, *shit*! Mesmo assim, a gente se diverte tanto. — Sorri sedutor. — Vem comigo, vem. Como vou conseguir sem você?

— Conseguindo — Dark dispara. — Cara, qual é o seu problema com as mulheres da minha família?

— Elas são... são únicas! — Kai murmura e volta-se para Rafa. — Por favor, você disse que queria conhecer o mundo.

— O mundo, não o fim do mundo. — Rafa dá um passo para trás, mostrando-se irredutível.

— Não é melhor deixar os dois se acertarem? — Cris palpita.

— Não! — Dark berra.

— Não vou suportar o Tibet sem ela! — Kai apela.

Hã?

— Tibet? — Meu nariz enruga para Kai, em pura confusão. — E

Nova Iorque?

— Não sabe? Pensei que o *Nonno* tivesse comentado — diz desolado e sacudo a cabeça em um não. — Não vou voltar pra casa, é daqui para o Tibet.

Dark busca pelo primo e Pietro, que meneiam as cabeças confirmando a novidade.

— Kai foi convidado para um remake do papel que já foi do Brad Pitt — Petah intervém com um sorriso orgulhoso. — Oportunidade imperdível. Chances reais de um Oscar.

— Vou passar um tempo por lá para mergulhar no personagem, viver cada uma das experiências dele.

Posso jurar que escuto um “*Isso é bom demais pra ser verdade*” ser sussurrado por Dark. Reviro os olhos para sua alegria indisfarçável.

— Vai ficar oito anos no Tibet? — ele indaga abrindo um sorriso.

— Sete anos... — Kai se apressa. — O nome do filme é *Sete anos no Tibet*, mas não vou ficar tanto tempo assim. Um ano em imersão e mais outro rodando o filme.

— Não é o filme do alpinista que ficou amigo do Dalai? — Fran coça a cabeça em dúvida. — Mas o cara não era um celibatário solitário?

— Pois é, nada a ver levar a Rafa. A mina fala pra caramba, meditar é a última coisa que vai rolar — Pietro palpita, rindo.

— Ei! Se fecha, moleque! — Rafa protesta. — Sou muito concentrada quando quero!

— Que é tipo nunca, né, amiga? — Cris pisca para ela.

Rafa dá uma risadinha, rendendo-se.

Um mosquito morde meu braço e olho ao redor exasperada.

— Gente, já deu, né? Melhor voltarmos pra vinícola. *Nonno* está esperando e os mosquitos estão me comendo viva! — Jogo um olhar apelativo para Dark, que continua com os olhos fixos em Kai.

— Dois anos longe daqui? — ele murmura absorto em pensamentos enquanto coça a barba, como se ponderasse que esse tempo ainda é bom. — Precisa de carona até o aeroporto?

— Aless! — Perco a paciência.

— Que foi? — Finalmente me nota. — Só tô dando uma força pra carreira do cara. Um Oscar, Baixinha!

Ordinário!

— Pois é, um Oscar, mas ficar sozinho é um preço caro. — Kai suspira. — Vou precisar de companhia!

Companhia?

— Arranje um cachorro! — Dark rebate.

Meu Gigante tem razão. Escrutino Kai, ele não parece apaixonado porcaria nenhuma, empolgado talvez.

— Diamante, o amor se constrói... — Alheio a tudo, Kai choraminga em um último apelo dramático.

Reviro os olhos e Rafa bufa.

— Amor não se força, acontece. — Rafa suspira. — Califórnia ou Tibet? — Ergue as mãos delicadas como se fossem pratos de uma balança imaginária. — Praias ensolaradas ou um frio de lascar? Um mundo novo ou viver isolada de tudo? Caras novas ou monges? O que será que eu escolho? Meus sonhos ou os seus?

Sorrio orgulhosa para ela. Visivelmente contrariado, Kai enfia o anel do bolso. Aproximo-me e bato nas costas dele pedindo atenção.

— Sei que está acostumado com as mulheres fazendo tudo o que quer e Rafa é apaixonante, mas é só uma menina. Esperar que ela largue tudo e te siga cegamente, só porque não quer ficar sozinho, é meio egoísta, não acha? — Pressiono os lábios, fazendo meu ponto. — Poxa, seja o cara legal que sei que é, e pare de teimosia. Ela foi aceita na UCLA, uma baita universidade! Aos dezoito, tudo o que mais queremos é curtir e paquerar, é natural que esteja empolgada em ir estudar fora.

— Curtir e paquerar? Nem fodendo, não vou deixar! — Dark explode.

— Relaxa, primo. — Fran dá um aperto no ombro de Aless. — A maioria desses caras de moda são gays.

— A maioria não é todo mundo. — Pietro bota pilha.

— Ai, que saco! — Rafa exaspera-se. — Qual é o problema com a minha idade? Parem de querer ditar as coisas por mim! Tenho dezoito, sou emancipada, financeiramente independente e não preciso de autorização. — Crava os olhos em Dark. — Quero ver alguém me impedir de fazer o que eu quero.

— Rafaela! — Dark rosna.

— Rafaela, uma pinoia. Deixa de ser rabugento, Alessandro! Agradeço a sua preocupação, mas quem tinha que deixar já deixou. Nosso pai sabe que preciso viver! Estou muito traumatizada por ter uma mãe demônia. — Faz um bico duvidosamente magoado.

— Sério? Esse tipo de trauma? — Dark aponta o queixo para Kai.

— São marcas profundas, não dá pra ver! — Rafa rebate mantendo o bico.

Fran e Pietro caem na gargalhada.

— Não conhecia esse seu lado atriz. Parabéns, aprendeu direitinho,

irmãzinha. — Dark fuzila Kai como se a responsabilidade fosse dele.

— Aless!

— Porra, de que lado você está? — O maxilar barbado fica tenso.

— Do lado da razão! Passei a vida sendo superprotegida e tentando agradar todo mundo. Sufoca, sabia? Deixe-a respirar e decidir sozinha! — Minhas mãos vão parar na cintura. — Dê a ela a responsabilidade por suas escolhas! É assim que se ensina a crescer! Às vezes, é bom estarmos por nós mesmos. Acertar e errar, e até quebrar a cara fazem parte do processo!

O olhar duro de Dark suaviza um ponto. Exibindo uma careta de frustração, ele vai de mim para Kai e pausa em Rafa, que mantém a expressão firme.

— *Cazzo!* — Os lábios fartos apertam. — Juliet tem razão. — Esfrega a barba no queixo e pescoço. — Você não é mais uma menininha. Faça o que achar melhor, mas só tenha em mente que junto com a liberdade vem a responsabilidade — diz para a irmã e concentra-se em Kai. — Boa sorte no Tibet, cara. Faça uma boa viagem e cuidado com aquelas montanhas. Se precisar de algumas dicas é só me ligar. — Sem esperar resposta, alcança a minha mão e sai andando.

Um sorriso bobo repuxa meus lábios.

Esse é o meu Gigante!



Malditos hormônios!

Pela terceira vez na semana, entro atrasada e toda esbaforida no galpão da *Mountain*.

Dio Cristo!

Não está certo! Adoro Aless todo preocupado comigo, mas ele tem que parar com essa nova mania de desligar os despertadores para que eu possa dormir até mais tarde! Decidida a ter outra conversinha daquelas com ele, deixo a bolsa sobre minha mesa de trabalho e, antes de ligar o computador, espio o mezanino: tudo opaco.

— Bom dia, *Bela Adormecida*! — Rafa, que tem sido presença constante aqui na sede, abre um sorriso travesso.

— Pela cara azeda, aposto que o chefinho aprontou de novo — Cris palpita sorrindo igualmente travessa.

Escrutino os rostos alegrinhos demais. Essas duas estão aprontando, só pode ser. Suspiro um oi inaudível e prossigo:

— Pois é, o *maledetto* encontrou o despertador que escondi na gaveta — reclamo em outro suspiro e volto a encarar os vidros opacos. — Quem está lá em cima com ele?

— Fran e o Pietro — Cris bufa não muito satisfeita.

— De novo? — Olho para a duplinha que anda inseparável esses dias.

— Pois é — Rafa se distrai com o celular que apita.

— O chefe falou que não quer ser incomodado — Cris informa e vai de mim para a tela do celular de Rafa.

Encafifada, volto a examinar os vidros opacos desejando ter visão de raio-X. Tá muito estranho tudo isso aí. A semana toda tem sido o mesmo: ligações às escondidas, conversinhas furtivas pelos cantos e horas e horas trancado no aquário com Fran e Pietro. Que *Dio* não permita que estejam selecionando currículos da minha substituta na próxima temporada! Já tentei jogar umas indiretas para Fran, mas não consegui nada. Pietro, então, é me ver e se esquivar.

Solidariedade masculina... Argh!

Vou do mezanino para as meninas, que começam a gargalhar.

— O que será que eles estão tramando? — sondo, mas elas não me escutam.

Minha curiosidade atíça e esqueço as teorias da conspiração. Dark que nem sonhe em me afastar, a maternidade nunca impediu ninguém de trabalhar. Contorno a estação de trabalho para ver o que tanto as duas olham no celular e riem.

Espio sobre os ombros da Rafa. As duas estão fuçando no Instagram do Kai.

— Caramba! — Examino a foto em que ele aparece em uma túnica roxa e amarela e está quase irreconhecível. — O cara está lá há menos de uma semana e já se estragou todo?!

— Culpa da Rafa que traumatizou ele. — Cris muda para outra foto, pior ainda.

— Traumatizei, o caramba! — Rafa tenta arrancar o celular da mão dela, mas não consegue.

— Como não? — Os olhões de Cris aumentam. — Deve ser

depressão. Só isso justifica essa merda que ele fez no cabelo. Repararam na trancinha? — Aponta o celular para nós.

Busco e localizo um apêndice trançado mínimo atrás da careca falhada. Caio na gargalhada.

— Cortaram isso como? Na faca? — Rafa torce o nariz para a foto. — Olha esses chumaços, não tem máquina no Tibet?

— Não tem nem luz, quem dirá máquina! — Cris blefa e começa a rir. — Escapou de uma boa, minha amiga.

— Sem luz? — Rafa cai na dela e sua boca abre, horrorizada. — *Dio!* Aquele mentiroso de uma figa disse que tinha até Wi-Fi!

Respiro fundo para controlar o riso.

— Kai é uma graça, mas esse cabelo não dá. — Enxugo uma lágrima.

— Não mesmo. — O nariz de Cris enruga.

— Que bom que eu não fui. — Rafa suspira.

Concordo com ela.

— Uma graça, *Bella*? O primo vai adorar saber que, em vez de trabalharem, vocês ficam stalkeando o arqui-inimigo dele no *Insta*. — Em um pulo, nós três nos viramos para Fran.

— Não estava stalkeando porcaria nenhuma — defendo-me.

— Nem eu! — Cris apressa-se ao ver Pietro. — Foi ela! — Aponta para Rafa, que protesta.

— Disse que não era uma boa deixar a Rafa perambular por aqui. — Pietro coça a cabeça avaliando-nos. — Tudo o que tem feito é fofocar e ver homem no celular.

— Se fecha, moleque! Só quero ser útil. Estava entediada lá na

vinícola.

— Pelo jeito, *desentediou* total. — Fran arranca o celular da mão de Cris. — Caralho! O que aquele porra fez no cabelo?

— Deixa ver. — Pietro rouba o aparelho de Fran. — Vixi, depressão pós-chute na bunda, certeza. — Pietro embala na gargalhada.

— Também acho, amor. — Cris olha vitoriosa para Rafa. — Viu? Depressão! — Pressiona os lábios em um “*Eu não disse?*”

— Chega! Dá esse celular aqui! — Rafa explode saltando sobre Pietro.

Ignoro a briga pelo celular e me concentro em Fran.

— Aless está sozinho?

— Agora está e quer te ver, mamãezinha.

— Me ver? Eu? — Meu coração acelera.

Se fosse algo pessoal teríamos falado em casa. Fico tensa.

— Tem outra mamãezinha por aqui? — Fran abre um sorriso debochado.

Não retruco, apenas reviro os olhos. Endireito as costas e marcho, decidida, até o mezanino pronta para dizer poucas e boas.

— Tô aqui — anuncio minha chegada, parada no último degrau.

Estico a cabeça para sondar o ambiente.

— Dormiu bem? — Sentado atrás de sua escrivaninha, Dark gesticula para que eu entre.

— Mais do que eu deveria. — Continuo parada na porta.

— Te cansei muito ontem à noite. — Sorri safado e eu enrubesço. — Achei que merecia uma pausa. Já comeu?

Finalmente resolvo entrar. Capricho na cara emburrada para que veja meu estado de ânimo, ele nem nota. *Meleca!* Paro diante de sua mesa.

— Vim comendo uma maçã no caminho. — Cruzo os braços escancarando minha irritação e nada. — Aless, você tem que parar com isso.

— Com isso o quê? — Levanta-se indo até o frigobar.

— Esse negócio de desligar os despertadores. — Ainda parada diante da mesa dele, admiro *A Bunda* enquanto se inclina para fuçar na geladeira. — Não quero que o pessoal pense que estou tendo regalias.

— Não é regalia. — Vira-se segurando uma garrafinha térmica. — Faz parte da política da *Mountain* para grávidas. — Caminha até a mim.

— Sério, desde quando, posso saber? — Minhas sobrancelhas erguem. — Não me lembro de ter lido nada disso no contrato que assinei.

— Desde que ficou grávida. — Agita a garrafa e diminui a distância entre nós.

— Não pode fazer isso! — Engulo a vontade de gritar.

— Claro que posso, sou o pai e a empresa é minha. Não tenho culpa se não leu direito o contrato. Alterações nas regras, sem consulta do time, estavam previstas nele — diz acertadamente e com certa arrogância, despertando-me a vontade de arrancar sua barba no dente. — Toma, pedi pra Maria fazer uma vitamina reforçada.

Arrogante, ditador de uma figa!

Bufo derrotada. É... Assinei mesmo que ele poderia ajustar as regras de trabalho na sede a hora que quisesse. *Mundo injusto!* Cansada de dar murro em ponta de faca, aceito a vitamina. *Ei! Não me julguem!* Maria faz excelentes vitaminas e isso atíça minhas lombrigas de grávida!

Abro e mal sinto o cheirinho doce. O gole não dado fica no ar

quando, para minha surpresa, Dark me ergue colocando-me sentada sobre a mesa dele.

— Quer me matar engasgada?

— Não. Beba.

Seu tom imperativo me deixa puta. Ensaio descer, mas ele planta os punhos sobre a mesa deixando-me presa em um casulo de Dark.

— Eu disse beba.

Hã?

Esse italiano está achando o quê?

Que é meu pai?

— Aless, não sou um bebê.

— Sei que não é. — Pisca como se eu fosse um.

Carcamano, maledetto!

Fico tentada a jogar a garrafinha na cara dele, mas minha gula é maior. Derrotada pela comida, volto para a vitamina e dou um belo de um gole.

Hummm, sabia... Banana e aveia... Maravilhoso.

— Obrigada pela vitamina, mas pare de me mimar tanto — digo entre grata e incomodada.

— Nem fodendo, gosto de cuidar de vocês. — Inclina e lambe meus lábios. — Gostosa.

Reviro os olhos, mas amoleço um pouco com a lembrança das meninas. Quando Dark quer bancar o teimoso protetor, ele é pior do que eu e, apesar de ser culpa dele eu ter acordado com o pé esquerdo, resolvo não entrar na pilha e focar no que interessa. Com pressa de retornar ao tema que me angustia, acabo de beber a vitamina em várias goladas e coloco a garrafa

vazia sobre a mesa.

— Você está esquisito há dias. O que está escondendo? — disparo na lata.

— Nada, impressão sua — diz impassível, mas meu sexto sentido grita que tem coisa aí.

— Ah, sério que não é nada? — Reviro os olhos num gesto irritado. — Pensa que não vi que anda cheio de segredinhos com o *Nonno*, o Giovanni e até com a Maria. O que tanto tem falado com Fran e Pietro? — Faço uma inspeção rápida sobre a mesa procurando por currículos. Há um pacote enorme do correio em um canto. — Que caixa é aquela?

— Algumas coisas que meu pai mandou pra mim — diz evasivo.

Não digo nada, apenas encaro o desgramado e respiro fundo. Conto até três para não o mandar à merda. Mais uma olhada feia e uma respirada profunda, seguro a curiosidade de perguntar o que tem na caixa ou se já descobriram o paradeiro de Zetta. Bufo. Dane-se que a cobra evaporou de Mônaco. Não quero estragar meu dia com as atualizações da Malévola.

— Nem vem, Juliet. — Dark aparentemente cansa de me ver bufar. — Conheço essas bufadas. Se subiu aqui para arrumar motivo pra cancelar o jantar dessa noite, esquece.

— Pra começar eu não vim até aqui, o Fran quem disse que você queria falar comigo — mudo a abordagem escrutinando o rosto barbado. — Não estou tentando arrumar motivo nenhum, mas se me chamou porque está pensando em me jogar pra escanteio, pode ir tirando o cavalinho da chuva e esquecendo o jantar — blefo.

Recusar comida?

Nem pensar!

As sobrancelhas grossas franzem divertidas.

— Disse que queria ver você, não falar com você — corrige-me com um sorriso malicioso, infiltrando o quadril entre minhas pernas.

Seguro os ombros largos para brecar seus avanços. Ele afasta uma mecha de cabelo que escapou do meu rabo de cavalo e a boca carnuda vem para beijar o interior do meu pulso esquerdo. Arrepio-me. Conheço essa tática sedutora... Não vou cair nessa, não.

— Não fuja do assunto. — Deixo meus braços caírem.

— Vai ter que dar um tempo. — Beija meu pescoço num pinicar da barba. — Não dá pra você ir recém-parida.

Recém-parida?

Credo, quem ainda fala assim?

Dark, claro!

— Sei disso. — Suspiro ansiosa com o parto e um pouco excitada com o beijo molhado percorrendo minha pele. *Malditos hormônios!* — Não estou falando dessa temporada. — Puxo o ar tentando me concentrar, mas inclino a cabeça para dar-lhe mais espaço. — Sei que esse ano não vai rolar, mas me recuso a abandonar o esporte e virar do lar.

Dark explode em uma gargalhada profunda, desconcertando-me.

Virei palhaça agora?

— Do lar? De onde tirou essa merda? Se bem que... — Encara-me, mas logo seu olhar desce varrendo meu corpo. — Você nua só com um daqueles aventais transparentes e sexys é de se pensar. — Espalma as mãos rudes nas minhas coxas desprotegidas e arrepiadas.

— Tarado.

— Totalmente. — A dentição branca reaparece. — Que culpa eu tenho se adoro tudo em você, especialmente esses vestidos fofos, que tem

usado. Femininos pra caralho!

Também acho.

Minha mente vagueia satisfeita para a estampa de minúsculas cerejas num fundo verde-musgo. Suspiro e... imprudentemente, inspiro fundo sentindo o cheiro delicioso dele. A excitação só cresce.

Dio! O que anda acontecendo comigo?

— Minhas calças não cabem mais — explico sei lá por que e engulo com dificuldade quando mãos *tateadoras* se infiltram sob o vestido despertando mil sensações. — Aless, pare de me bolinar.

— Então pare de enfiar caraminholas nessa cabeça. — Toca a rendinha da calcinha, úmida por culpa dele, e sorri satisfeito. — Não quero mudar quem é ou te privar do que gosta. Só ficará fora uma temporada. Fiz uma promessa e vou cumprir.

— O cume? — Seguro um gemidinho quando as pontas dos dedos esbarram bem lá.

— Juntos. — Suga meus lábios selando a promessa e, satisfeita com sua resposta, retribuo com um beijo profundo, até ficarmos sem fôlego. — Agora, preciso de um bom-dia completo — anuncia ofegante e com olhos enegrecidos. Gira-me. Acabo de frente para a mesa e de costas para ele. — Segure firme.

Onde?

Ofego aturdida pelo giro rápido e por ter a ereção, absurdamente dura, pressionada contra a minha bunda. A força Dark é in-crí-vel. Estremeço de prazer pelo que está por vir. O sexo entre nós só melhorou com a gravidez e rapidinhas no escritório ou onde quer que nos dê na telha, não são novidade, mas hoje, ele não está para brincadeira.

— Aless... — Espalmo o tampo de granito. — O *pes-so-al*... —

Respiro com uma dificuldade agitada quando a mão se infiltra novamente sob o vestido. — Aless...

— Shhhh... — sussurra doce e morde o lóbulo de minha orelha. Contorço-me toda quando puxa com os dentes e solta deixando uma trilha quente e úmida. — A conversa acabou. Fran vai levá-los para uma corrida.

Ok, senhor-já-cuidei-de-tudo!

Um rastro arrepiado se instaura por onde a mão áspera passa deslizando entre as minhas coxas, até afastar a renda e entrar em minha calcinha. Mordo os lábios, evitando um grito escandaloso quando começa a dedilhar minhas intimidades sem-vergonhas.

— Adoro te ver tão animada logo cedo — murmura divertido ao espalhar a excitação por meus lábios íntimos. — Bom dia, Baixinha.

— Bom, nossa... — Minha cabeça cai para trás, ancorando-se no peito forte. — Dia.

— A gravidez te deixou mais macia. — A mão livre sobe por meu ventre abrindo, com habilidade, alguns botões do vestido para em seguida acariciar meu ventre. Delicio-me com os avanços de seus carinhos ousados e arquejo quando puxa o bojo do meu sutiã para provocar um mamilo. — Tão cheios, sou um puta de um sortudo... Minha atração por você só aumenta. — Pressiona novamente a ereção provando seu ponto. — Está cada dia mais maravilhosa.

Engraçado... Pensei que depois de tantos meses juntos o fogo entre nós abrandaria, mas não. Quanto mais o conheço, mais o desejo. Meu coração transborda em lisonja.

Com certeza, a maciez extra é resultado dos litros de óleo de amêndoa e laranjeira com o qual venho me besuntando diariamente para evitar estrias, mas não digo nada. É impossível formular uma frase coerente

sendo esplendorosamente instigada em pontos tão sensíveis. Jogo um braço para trás e entre nós, espalmando o pau inchado sob o jeans. Aperto a ereção demonstrando todo meu apreço.

Um grunhido áspero vem dele, aquecendo a minha nuca. Uma nova sequência de botões é aberta e meu vestido afrouxa. *Que delícia!* Gosto de sua mão hábil explorando meu corpo. Achei que ficaria insegura com as mudanças da gravidez, mas a cada nova curva que surge, me sinto mais feminina, poderosa e faminta por comida e por Dark. Sou liberada apenas para que ele se livre da camiseta e eu da roupa, sutiã e sapatilhas cerejas, para logo as mãos dele retomarem de onde pararam.

Dio Cristo!

O dedilhar íntimo volta intenso e meu outro bico, extrassensível, é retorcido... Dor e prazer... *Hummm, bom...* O som da excitação molhada sendo castigada mistura-se às nossas respirações ofegantes. Roço minhas costas em seu peito... O tesão aumenta e o calor sobe para a superfície de nossas peles, instigo o volume que implora por liberdade. Ansiosa, olho furtivamente para trás e para baixo. Abro o botão e o zíper do jeans e o pau salta impiedoso para o alto.

Sem cueca e muito duro, gostei.

Com meu sexo contraindo de desejo, envolvo a maravilha aveludada de tendões e veias em um aperto possessivo.

— Gostei do acesso rápido. — Passo o dedo pela glândula úmida.

— Aperta mais! — ruge baixinho. — Tem estado tão tesuda e inesperada que resolvi facilitar as coisas e me manter sempre pronto. — Sem parar de me tocar, esfrega a prova em minha mão.

Pronto é bom.

Cristo!

A pressão em meu clitóris fica quase insuportável... Esse italiano me enlouquece e... *Dio...* vou explodir de prazer! Tomada pela urgência de tê-lo dentro de mim, largo o pau pulsante e, como a criatura lasciva que ele me faz ser, inclino o tórax debruçando-me sobre a mesa.

— Me come, Aless. — Fico à sua mercê e em um murmúrio, exijo:
— Mete com força, mete.



Dark

Salivo e meu pau estica a níveis máximos com a visão de Juliet empinando a bunda, oferecendo-se. Não importa quantos momentos quentes já tivemos, o muito entre nós, para mim, é pouco. Eu sempre vou querê-la sem limite.

— Porra, Coelhinha, que bunda linda!

— Linda e sua. Então a-pro-vei-te, por-ra... — sussurra pausadamente com voz rouca, surpreendendo-me.

Porra?

Cacete, criei uma monstlinha!

Rindo, espalmo as mãos cravando os dedos na bunda arrebitada. *Minha safada boca suja.* A cintura fininha abrindo-se em ancas mais arredondadas e fartas a deixa deliciosa pra caralho. Pinço as tiras fininhas das laterais da calcinha e já era.

— É assim que quero você. — Livro-me das rendas rosadas colocando seus restos mortais no bolso de trás do jeans.

Um som, que aprendi a ler como de pura felicidade, vem dela. Meu

peito infla aquecido e ciente de que sou eu o responsável por tanta alegria, capturo seu joelho direito apoiando-o sobre a mesa, escancarando toda a beleza rosada e úmida que é.

Magnífica.

Resisto à vontade de tirar uma foto e sem aviso prévio, e com o corpo doendo de desejo por ela, entro rápido e forte, como pediu. A bocetinha gulosa me engole até o talo. *Putá que pariu!* Gemo de prazer, extasiado com essa sensação que é sempre única e do caralho.

— Nossa! Perdi até o ar... — A testa dela encosta-se ao tampo frio.

É... Nos-sa... Por-ra... Ca-ce-te... Ca-ra-lho!

Sabendo que não posso machucar as *bambinas*, a fodeção desenfreada começa. Entro, saio e volto em movimentos precisos e profundos acariciando-a com avidez por dentro, o que faz o peito de Juliet ir e vir sobre a mesa. Meto, fodo e a devoro em investidas enérgicas, arrancando dela todo tipo de gemidinhos sensuais. O ondular dos meus quadris faz meu jeans deslizarem até o meio das coxas.

Foda-se a bunda exposta ou os grunhidos selvagens! Foi para isso que investi no vidro opaco e nas coberturas antirruídos nas paredes. Concentro-me no ponto onde sou devorado por ela. Uma onda de adrenalina e tesão faz meus músculos retesarem. Agarro mais seus quadris e puxo-a contra minha pélvis, enterro fundo dando tudo o que sei que ela quer.

— *Dio!*

— *É... Dio!* — concordo asperamente.

Inebriado pelo cheiro almiscarado de sexo, reforço as investidas em estocadas cadenciadas e enérgicas. A bunda gloriosa rebola e impulsiona para trás, participativa. Gritinhos roucos ecoam como música pela sala:

— Mais... Que delícia... É tão bom!

— É foda, Coelhinha! — Agarro em seu rabo de cavalo para cavalgá-la com mais domínio.

Ela choraminga e sei que é porque gosta e precisa de mais. Não resisto, solto o quadril, reduzo o ritmo das estocadas e, com a ponta de um dedo, capturo a umidade crescente entre nós. Lambuzo aquele que tem sido minha maior obsessão – o *prezioso* – e volto com tudo em uma sequência de penetrações duplas... Pau e dedo a levando à loucura.

— Aless... vou goz...

Juliet perde o controle divinamente, gozando e ordenando meu pau com seus espasmos íntimos. Urro de tesão... Jogo a cabeça para trás, ajeito e impulsiono os quadris perseguindo os orgasmos dela em estocadas vorazes até eu mesmo me perder e explodir de tesão.



— Juliet, marquei de encontrar com o cerimonialista do evento lá no castelo. Não queria sair apressado depois do que rolou, mas já estou atrasado.

— Pode ir, também tenho um monte de trabalho pra fazer.

— Não vou conseguir me concentrar em nada sabendo que te deixei assim. — Agoniado, meu olhar recai para o pedaço do paraíso desprotegido onde eu estava enterrado minutos atrás. — Será que dá pra vestir essa merda?

Ofereço mais uma vez a calcinha e ela recusa com um...

Ela rosna?

Respiro e seguro o ímpeto de eu mesmo vestir a merda da calcinha nela à força. Fomos bem até aqui; depois de cair sentado em minha cadeira e de puxar Juliet para um abraço, ficamos concentrados em nossas respirações e pensamentos até que a urgência dos compromissos do dia me obrigou, a contragosto, quebrar o momento pós-foda. Ajudei Juliet a se recompor e ela

estava radiante e doce, até ver a maldita caixa de calcinhas.

Cazzo!

Coço a barba buscando paciência.

— Amor — suavizo o tom numa mudança de tática.

— Nem adianta vir com essa de amor. — Abotoa um último botão do vestido e volto a chacoalhar a peça na cara dela. — Tira isso daqui! — Afasta meu presente como se tivesse nojo. — Nem minha bisavó usava um troço tão bizarro.

Olho desolado para o tecido bege.

— Colabora, porra! — Volto à velha tática. — Vai ser por bem ou por mal! Não vou deixar você zanzar por aí sem nada. As *bambinas* vão ficar resfriadas!

— Não tenho culpa se é um pai desnaturado. — Esfrega a barriguinha, agora bem mais arredondada, de forma protetora. *Linda!* — Ninguém mandou rasgar a minha calcinha.

Desnaturado o teu belo...

Inspiro fundo. Não sou esse tipo de homem.

— Rasguei porque comprei várias para deixar guardadas aqui. — Mais uma vez, aponto a caixa da loja que tirei da gaveta onde deixo minhas peças de roupas extras. Descarto a que seguro sobre a mesa e abro a tampa. — Quer escolher? — Resgato uma que a lojista disse ser a mais segura. — Essa tem tecido duplo, costuras reforçadas, proteção na barriga e até um laço! — Valorizo o enfeite duvidoso, um pouco bizarro, admito.

Olhando para o laço molenga e bege, e a bola acolchoada na região do ventre, a cabeça dela pende para o lado em um claro: “*Você tá de brincadeira comigo?*”

Mordo os lábios para não gritar. Sorrio fingindo calma.

— A mulher da loja falou que são ideais para o seu estado — insisto.

— Quem é essa mulher? Amiga da enfermeira sexy? Candidata a sua amante? Porque, com certeza, ela te ama e me odeia. Essa atrocidade aí, meu querido — aponta desgostosa para a calcinha —, está gritando: “Não transarás com Dark nunca mais!”.

Vem à minha mente uma lembrança vaga da vendedora se insinuando descaradamente e eu me esquivando, irritado... A Baixinha tem razão, parece que nosso compromisso só atiçou as investidas das mulheres. Desolado, coço a nuca.

— Não precisa de calcinha pra transar — argumento o óbvio.

— Mas preciso me manter sexy pra te levar a transar.

— Você é sexy só de existir! — apelo com verdade. — Meu amor, já transei com você usando até minhas cuecas, não tô nem aí para o que tem em cima, só quero o que está em baixo.

O rostinho, ainda afogueado por nossos momentos intensos, ilumina.

Fico em alerta.

— Que foi? — pergunto ressabiado.

— Suas cuecas. Empresta uma. — Indica a gaveta com um sorriso tão feliz, que me quebra. — Pode ser a boxer branca?

Penso na área de cobertura ampla das minhas boxers e na sensação de posse que sinto, toda vez que vejo Juliet em uma delas... Protegida! Bem protegida e minha! Também sorrio.

Era isso, simples assim? Minhas cuecas?



39.1

Extraordinários

Juliet

Sentada na minha cama, de banho tomado e mais relaxada, observo Rafa sair do closet trazendo dois vestidos e sorrir cúmplice para Cris.

Perguntando-me onde Dark está e se eu poderia estar mais feliz, jogo um olhar rápido para o corpo da espanholinha, que está esparramada de bruços na cama. Aquele irritante não me deu só as *bambinas*, com ele veio também uma nova família.

— Por que tenho a impressão de que estão aprontando alguma coisa? — Cutuco a bunda espanhola com um pé e Cris me olha, enigmática, sobre os ombros. — É o *Nonno*, não é? Aquela ideia dele de comprar uma vinícola para as *bambinas* é absurda.

Vou de uma para outra, torcendo para que Dark não tenha mudado de ideia quanto a continuarmos no chalé, pelo menos, até as *bambinas* nascerem.

— *Nonno* já desistiu daquilo, desencana. — Rafa agita os cabides e descarta o amarelo pálido sobre a cama, admirando o vestido que ainda segura. — Voto nesse!

Sorrio para a escolha dela, mil vezes esse amarelo mais vivo, e depois suspiro, não convencida de que tenha desistido.

— Se é sobre a reforma que ele nos ofereceu, eu também...

— Não vai aceitar, já sabemos! — Rafa me corta com um revirar de olhos. — Cunhada, essa sua paranoia gravitacional tá foda!

— Não tô paranoica!

— Rafa, Juliet tá prenha, não em órbita — Cris gargalha e senta-se na cama.

— Dã! Sei que ela é alpinista, não astronauta! — Rafa mostra a língua e volta a admirar o vestido. — Concordo que o maninho anda esquisito e *Nonno* exagerando, mas nem tudo é uma conspiração. É só um jantar.

Meus olhos encolhem num sondar desconfiado. Minha cunhada está empolgada demais com essa ida ao *Nonno* e mandona! Invadiu meu closet não me dando a mínima liberdade de escolha.

Qual é a dela hoje com os tons amarelos?

Bom... Pelo menos, não é branco.

— Se é só isso, por que não me deixa vestir o short que eu quero?

— Porque seria uma ofensa à minha alma *fashion*! — Rafa revira novamente os olhos e juro, que se continuar a fazer tanto isso, vai acabar vesga.

— Já te deixei palpitar sobre o vestido para a festa da *Mountain*, acho que posso dar conta de um jantar — digo aborrecida, apesar de ter amado o vestido que comprei para o evento e achar este amarelo perfeito para um jantar despretensioso na vinícola Salvatore.

— Cunhadinha — Rafa recomeça. — Precisa aproveitar suas roupas enquanto pode! Já viu como a sua barriga desatou a crescer? A cada dia ela está maior.

Já vi!

Um sorriso involuntário desmancha minha carranca.

— *Mamma* falou que, a partir do quarto mês, seria assim mesmo. —
Toda orgulhosa, acaricio minha barriguinha.

— Juliet, amiga — Cris ronrona do jeito que faz quando quer me convencer de algo. — Escuta a Rafa, vai por mim. O closet está cheio de vestidinhos... Melhor aproveitar pra usá-los. Daqui a pouco, nem as camisetas do chefinho vão te servir.

— Nossa! — Meus olhos arregalam chocados. — Obrigada por me lembrar de que eu vou virar um botijão.

Cris ri.

— Não é isso! — Rafa intervém. — Vai fazer bem pra sua autoestima gravitacional.

— Minha autoestima gestacional vai muito bem! — corrijo-a sutilmente. — Viram tudo que fiz hoje, a quantidade de dados que analisei? — Omito a trepada épica na sala de Dark, embora eu saiba que elas saibam. — Tô cansada, poxa vida! Adoro o *Nonno* e a comida da Madá, mas já fomos comer lá no domingo. Só quero mais sorvete e cama.

— Mais? — O rosto de Cris franze enjoado. — Acabou de comer um pote!

— Era pequeno. — Faço bico.

— Desse jeito vai explodir! — Rafa me repreende como se ela não tivesse devorado metade do MEU pote.

Mas é muita cara de pau!

Solto uma risadinha de indignação.

— Meu metabolismo é acelerado, sua pirralha! — argumento com

propriedade. — Além do mais, não parei de treinar e tenho duas vidas crescendo em mim.

— Amiga... — Cris volta a ronronar. — Uma ida no *Nonno* não é lá uma balada, mas é melhor sair e curtir enquanto pode. Quando essas mocinhas nascerem, não vai sobrar tempo pra vocês.

Minha cabeça cai de lado, ponderando o que ela disse.

— Atrapalho? — Pam materializa-se no último degrau da escadinha de acesso ao quarto. — Uau... Adorei esse amarelão! — Entra no quarto. — É frente única?

— É. — Rafa vira o cabide mostrando, toda orgulhosa, as costas nuas.

Receosa, meus olhos recaem sobre a criança que Pam segura nos braços e que eu não vejo há mais de um mês.

É impressão minha ou a cabeça e os olhos dessa criatura aumentaram?

— Passei na vinícola e Maria disse que estavam aqui. Cruzei com a *gineco* no hospital. Que bom que deu tudo certo no resultado morfológico.

— Deu — confirmo num tom aliviado. — As nenéns estão perfeitinhas e cada dia mais fortes. — Acaricio minha barriga.

— Cadê nenê? — Valentina se agita.

— Oi, monstrinha! — Rafa joga o vestido na cama e vai até elas resgatando a menina para o seu colo. — Estava com saudades de você! Adorei esses laços vermelhos. — Cutuca uma das marias-chiquinhas arrebitadas. — Combinam com o vestido!

— Cadê nenê? — Alheia a Rafa, Valentina crava os olhos em mim como se eu estivesse lhe roubando algum doce.

Dai-me paciência!

— Oi, Valentina, quanto tempo! — Sorrio exercitando minha ainda inexistente paciência maternal. — Sua mãe contou que foi acampar. Trouxe isso pra mim de lá? — Aponto os dois coelhos de pelúcia rosa que tem na mão.

— Nenê. — Esconde os bichinhos nas costas. — Cadê nenê?

Suspiro. Estava com esperança de que a vinda das *bambinas* amainasse um pouco a antipatia dela por mim, mas, pelo visto, nada feito.

— Aqui dentro. — Saio da cama e abro o roupão revelando a barriga arredondada em uma oferta de paz. — Ainda vão demorar um pouquinho para saírem.

Valentina debate-se até Rafa colocá-la no chão e com um grito, que parece de guerra, a bichinha ejeta os coelhos no ar, corre desenfreada até mim e para, quase batendo a cara na minha virilha. Pequenas mãos forçam minhas coxas e a cabeça xereta se infiltra entre elas, provocando-me cócegas com os laçarotes imensos.

— Ei! Aí não pode! — Recuo livrando-me da invasão incômoda.

— O que ela quer? — Cris gargalha.

— Brincar de médica e tirar as *bambinas* à fórceps — Rafa emenda na gargalhada da amiga.

Dio!

Gemo só em pensar.

— Abre xixi! — Valentina insiste e tenta reabrir minhas coxas, mas eu as travo. — Eu quero! Vem, nenê.

— Sai! — Com a ponta do dedo, afasto o narizinho que me cheira. — Pam! — imploro.

— Filha! — Pam repreende, mas não dá um passo para conter a fúria da filha sobre mim.

Espalmando a testa de Valentina para mantê-la afastada e imaginando que a passividade materna faça parte de alguma técnica moderna de criação de filhos, lanço um olhar questionador para Pam.

— A história de *pene* mágico ainda está rendendo lá na creche. Valentina chegou em casa perguntando; estava curiosa, então expliquei as diferenças entre homens e mulheres e por onde saem os bebês. — Sorri para a filha, que esperneia e berra, como se ela fosse uma pequena gênio.

— Mulher de *Dios*! — Cris salta da cama. — Sua filha não é muito nova pra isso, não? — Põe as mãos na cintura. — E todas aquelas histórias das cegonhas, coelhinhos e pés de repolho?

— Não quero que ela cresça desinformada. — O rosto de Pam entenece ao olhar para a menina. — Sou médica. — Ergue os ombros como se justificasse ser tão literal.

— Ela é criança, não paciente — Cris insiste na indignação.

— Um pouco de fantasia é bom — Rafa opina.

— Sei o que estou fazendo. — Pam se mantém firme.

Valentina tenta um chute, mas não consegue. A garota continua a pressionar a testa na minha mão como se fosse um pequeno touro.

Exaspero-me diante de sua determinação.

Tão Dark!

— Por favor, não me diga que mostrou para ela aqueles vídeos aterrorizantes sobre partos. — Minha pele arrepiava só de pensar. — Ela só tem três anos — entro na argumentação.

— Quase três. — Pam sorri. — As crianças têm maturidade e uma

capacidade cognitiva maior do que imaginamos.

Dio, ela mostrou!

— Tô percebendo a maturidade — Rafa começa a rir quando Valentina se esquiva da minha mão e sou atacada inesperadamente por minigarras ferozes.

Meleca!

Com um gritinho surpreso, quase caio para trás com a fúria da menina.

— Não, filha! — Pam finalmente se mexe para me acudir.

— Dá! Meu nenê!

O vento fresco, que entra pela varanda, bate em minhas partes quando a frente da minha calcinha é puxada.

— Não, Valentina! Vai rasgar... Ai, machuca! — O fio dental crava na minha bunda. — Já me basta uma calcinha estraçalhada hoje! Deixa isso aí! — Puxo o tecido frágil das mãozinhas abusadas, lutando para manter minha dignidade intacta.

Pam se esforça em afastar a filha, que grunhe como o bichinho selvagem que é, ao tentar se infiltrar novamente entre minhas pernas.

Dou outro pulo para trás.

— Chega! — Pam finalmente consegue pegá-la no colo. — Desculpe, não tinha com quem deixá-la. Pensei que, depois de toda a conversa que tivemos sobre *penes* mágicos e nenéns, ela se acalmaria.

— Chão! — Valentina abre um berreiro enquanto luta para descer. — Nenê meu! *Pene* meu!

Dio, será que essa pirralha não vai mudar o disco nunca?

Esfrego o rosto e desacreditada do tamanho da birra, resolvo que é

melhor não dar mais bobeira e sair pela tangente.

— Preciso me trocar para o jantar. Fiquem aí, mas não se matem! — Alcanço o vestido e corro para o banheiro deixando o caos de choradeira e birra para trás.

Minha produção básica toma menos tempo do que gostaria, mas parece ter sido suficiente para acalmar as coisas lá no quarto. Atenta à ausência de ruídos que vem de fora, giro o corpo em frente ao espelho da pia para testar o caimento do vestido. Sorrio para o balançar suave do tecido. O modelo na altura do joelho, frente única e larguinho, é uma mão na roda para as minhas novas curvas e não marca tanto a minha barriga.

Confiro a maquiagem que não vai além de rímel e um gloss rosado e ajeito uns fios soltos do meu rabo de cavalo. Gosto das minhas costas malhadas e já que o vestido permite, decido destacá-las.

Enquanto borribo umas gotas do meu perfume preferido, torço que o furacão Valentina já tenha se acalmado. Tomando cuidado para não fazer muito barulho, abro a porta do banheiro.

— Ué, cadê elas? — pergunto para a dupla esparramada na cama.

— Foram embora — Rafa diz sem grande interesse.

— Valentina estava dando um baile, Pam a subornou prometendo sorvete. — Cris balança a cabeça não concordando. — Sei que a menina é órfã e tal, mas não dá pra premiar uma birra daquelas com sorvete. A pestinha precisa de alguns limites.

Concordando, mas não querendo dar pitaco na educação de filho alheio, apenas meneio a cabeça.

— Tá bom? — Dou um rodopio para que vejam o conjunto.

— Gata real, meu irmão vai pirar.

— Linda, mil vezes melhor do que o short. — Cris levanta começando a recolher as coisas dela. — Melhor ir andando, combinei uma noite de *Netflix* e pipoca com o Pietro.

— Hum... Já vi que sobrei de novo. — Rafa suspira.

— Vem com a gente. — Sento-me na cama para calçar uma sandália rasteirinha.

— Não tô a fim, prefiro ler. Se não me cuidar, vou chegar um barril na Califórnia.

O chiar de pneus no cascalho avisa que Dark chegou. Enquanto Rafa se arrasta para fora da cama, recolho um casaquinho vermelho e minha bolsa largados na poltrona.

Descemos em fila indiana e, para nossa surpresa, não é Dark que nos espera. Todos os meus radares ficam em alerta.

— Oi, *Bella* — Fran me cumprimenta com o semblante preocupado. Estremeço.

— Cadê o Aless? Aconteceu alguma coisa?

— O primo está bem, o problema é o *Nonno*.

— O que tem ele? — Rafa adianta-se.

— Sumiu de novo, o *maledetto*.

Será possível?

— Roubou a caminhonete? — Pressiono a testa com a ponta dos dedos.

— Não. Saiu de bicicleta dizendo que ia ver umas parreiras bichadas e não voltou até agora. O pessoal da vinícola já procurou por tudo e nada. O primo aproveitou que estávamos em Bolgheri para ver se o encontra por lá, mas pediu que eu viesse te buscar pra darmos uma geral por aqui.

Concordo transpassando a bolsa pelo corpo.

— E nós? — Cris e Rafa dizem ao mesmo tempo.

— Melhor voltarem para o casarão, caso o meu avô apareça por lá. Quem o encontrar primeiro, liga. — Fran dá as coordenadas. — Vamos, deixo vocês lá. Pensei em procurar na estradinha velha, *Nonno* adora dar uns perdidos por aquelas bandas.



— E aí, conseguiu? — Fran pergunta sem tirar a atenção da estradinha de terra esburacada.

— Nada... Chamo, chamo e Aless não atende. — Deixo o celular no colo e volto a escrutinar pela janela. — Começou a anoitecer.

Meu peito aperta. *Cegueta* do jeito que está, pode se perder feio se não o encontrarmos a tempo. Estamos na divisa entre as duas vinícolas e não muito distantes do casarão de Dark, mas a vegetação que ladeia essa estradinha é bem fechada, já corri por aqui algumas vezes, mas nunca me aventurei pela mata.

Fran para a SUV no que me parece ser o início de pequenas trilhas e o fim da linha para o carro. Fico um pouco tensa quando se inclina em minha direção e tira duas lanternas do porta-luvas.

— Melhor nos dividirmos. — Entrega-me uma das lanternas e desata o cinto.

— Na mata? — Não escondo minha apreensão. — Acho meio impossível o *Nonno* ter vindo para cá?

Estamos longe das áreas de colheita, mas depois daquele encontro desastroso com os caras da picape, nunca mais me arrisquei a correr sozinha por um lugar tão ermo.

— Também acho, mas prometi vasculhar tudo. — Olha para o meu vestido. — Se preferir pode me esperar no carro enquanto checo a nascente e depois damos a volta para chegar ao mirante pela estrada principal.

— Uma dessas trilhas dá no mirante? — pergunto surpresa e, por um segundo, esqueço o porquê de estarmos aqui e sorrio ao me lembrar da vista magnífica. — Não sabia que tinha outro caminho pra lá.

— Tem, aquele da direita dá na colina. — Indica uma abertura de terra batida. — O primo e eu costumávamos vir por aqui quando não tínhamos idade pra dirigir e pegar a principal.

Sorrio com a imagem do pequeno Aless desbravador.

— Adoro aquele lugar — murmuro.

— Tô ligado que adora. — Fran sorri cafajeste como só ele sabe fazer.

Dio, será que eu e Dark somos assim tão óbvios?

Não me dou ao trabalho de dizer nada, apenas viro um pimentão. O lugar se tornou o meu favorito em toda a propriedade depois que Dark me levou lá para uma rapidinha no carro.

Fran amplia o sorriso.

Maledetto!

— Vou olhar na nascente e você checa o mirante, pode ser? — sugere.

Concordo, agradecida por Fran em me ceder uma rota que parece ser mais tranquila. Descemos do carro e depois de combinarmos de nos reencontrar em, no máximo, meia hora, cada um toma seu rumo.

Por via das dúvidas, acendo a lanterna e, embalada pelas lembranças quentes que o mirante me traz, sigo a trilha estreita, sinuosa e um pouco

íngreme, sem problemas. Inspiro o ar puro, cheirando a mata úmida, para tomar fôlego e arrisco gritar por *Nonno*. Nada... Tudo o que escuto são os sons da algazarra dos passarinhos, empoleirados nas árvores para passar a noite, dos grilos e das águas do riacho que serpenteia a trilha.

A natureza aqui é um deslumbre. Um mar verde em folhagens e árvores dos mais diversos tons, tamanhos e formas. Seguro o impulso de colher um lírio que parece recém-plantado e fora de contexto. O caminho está repleto deles.

Sorrio, deliciando-me com o aroma adocicado das flores. Dark entrou mesmo na onda de conservação e melhoria da propriedade. Grito mais algumas vezes por *Nonno* e esfrego os braços arrepiados pelo frio de fim de tarde. Desejando estar de tênis e não ter esquecido meu casaco no carro, sigo em frente motivada muito mais pela vontade de dar uma espiada no mirante do que pela busca. Não faz nenhum sentido *Nonno* ter vindo para cá.

Enfim...

Continuo e depois de uma pequena curva fechada, que dá numa subida mais aberta e íngreme, sou surpreendida por centenas de lamparinas pendentes nas árvores. Fascinada pelo clima de conto de fadas que as pequenas luzes trepidantes trazem, olho ao redor em busca de uma casa. *De um jardineiro talvez?*

Nada.

Empolgada com o número crescente de flores e lamparinas, desligo a lanterna e acelero o passo. Chego um pouco esbaforida ao topo da colina. Mais lamparinas, agora no chão, indicam o rumo a tomar, sigo-as.

Ahhh, o mirante!

Meu coração bate mais rápido com a beleza que é. Uma clareira de proporções gigantescas entre a mata virgem e um abismo de pedra.

Lindo...

Paraliso e o mundo para.

Pétalas no chão?

Meu olhar voa das flores e pousa incrédulo no italiano alto e corpulento que sorri em puro charme.

Dio! Magnífico!

Dark me encara e suas narinas dilatam e um calor imediato aquece minha pele. Não entendo. É surreal, inesperado e tremendamente sexy encontrá-lo aqui vestido desse jeito.

Caramba!

Aquele cerimonialista deve ser muito chique para exigir tanta pompa em uma reunião!

Ainda sem entender nada, mordo os lábios e pisco algumas vezes... O conjunto Dark e natureza estão de tirar o fôlego.

Embasbacada, aprecio o que vejo. Tendo como pano de fundo o céu, em tons dourados, avermelhados e cinzas do anoitecer, e a vista das planícies da vinícola, tomada pelos parreirais, Dark está simplesmente deslumbrante em um terno escuro de três peças e camisa branca. Suspiro e até tremo um pouco, ele deveria ser proibido de usar um desses. Existem aqueles que ficam bem em um terno e existe Dark... Esse homem fica gostoso demais.

Dou um passo incerto em sua direção. Minha respiração acelera e abafa o farfalhar das folhas secas sendo castigadas pelos meus pés. Noto a SUV estacionada ao longe e que as centenas de lamparinas e pétalas foram dispostas de modo ordenado, formando quadrados e retângulos interligados.

— O *Nonno*? — murmuro antes de invadir um quadrante e parar a um metro dele.

— Em casa e bem. — Coloca as mãos nos bolsos em um gesto de nervosismo.

Solto o ar, aliviada.

— Graças a Deus! — Solto a lanterna que segurava apertado e ela cai suave na grama. — O Fran, ele foi... Esqueci meu...

— Já falei com ele — interrompe. — A essa altura deve estar chegando em casa.

A essa altura?

Estranhando a rapidez dos fatos, paro diante de Dark.

Hum, que delícia...

Inspiro profundo. Nunca vou enjoar ou deixar de ser tocada por esse cheiro.

— Adoro essa cor em você — diz ainda parecendo nervoso.

— Obrigada. — Sondo o rosto barbado e tenso. — Tem certeza de que o *Nonno* está bem?

— Absoluta.

Encafifada, olho ao redor. Essa roupa, toda essa produção. Ele está mentindo para mim.

— Alessandro Salvatore Bolgheri, o *Nonno* não sumiu porcaria nenhuma, né? Isso aqui foi você, não foi? — Gesticulo para as centenas de lamparinas. — O que está aprontando?

— Fiz por você, queria que fosse perfeito.

— Vestiu-se desse jeito por mim?

Meneia a cabeça em um sim.

— Gostou da surpresa? — Morde o canto da boca.

— Está lindo!

Procuro uma mesa para um jantar romântico e não há nenhuma. Fico alarmada, quase em pânico. Nem ferrando vou me casar à força e nesse vestido! Vasculho a mata à procura de convidados à espreita e de um padre. Quando volto para encarar o rosto barbudo só encontro o nada, ajusto a cabeça para baixo... Minha tremedeira leve vira um terremoto.

— O que são essas lu... luzes? — gaguejo para um Dark ajoelhado diante de mim.

— Nossa casa. O que acha de acordar com essa vista?

Meus joelhos falham ao entender o que significam os quadrantes iluminados. Ele mapeou a planta baixa da nossa casa! *Ele lembrou! Parece a cena do meu seriado preferido!* Tenho que me apoiar em seus ombros para não cair. Todas as vindas aqui, as conversas evasivas sobre como eu me sentia no mirante, as saídas furtivas no meio da tarde e os telefonemas suspeitos fazem sentido agora.

— Nossa casa — repito e ofego com a sensação adorável das palavras. — Vai construir uma casa pra nós? Aqui no meu lugar preferido? Deve ter dado um trabalhão danado para acender essas luzinhas.



Dark

Rio dos olhinhos curiosos dela vasculhando tudo.

— Não foi tão trabalhoso. — Omito as quatro horas que estou aqui. — Mas acho que a parte da construção é melhor deixarmos com o Arthur. — Respiro aliviado. — Vamos ter que dar um jeito de isolar o precipício por causa das *bambinas*, mas se topar...

— Se eu topar? — Os olhos castanhos brilham. — Eu supertopo! Topo muito! Esse retângulo em que estamos é o nosso quarto?

Quero agarrá-la e beijá-la. Contenho-me, se começar não terei forças para parar e ainda não terminei.

— Estamos na sala, os quartos vão ser no andar de cima.

O sorriso dela ilumina.

— Sala grande! Por que está ajoelhado? — O narizinho enruga curioso. — Tudo bem que não toca mais no assunto, mas já me pediu em casamento. Achei que estivéssemos um passo à frente.

— Esquece, aquela vez do avião não valeu. — Pressiono meus lábios. — Quero fazer certo, que seja inesquecível.

— Aless, não precisamos disso...

— Shhh... me deixa falar, Baixinha. Eu preciso.

A respiração de Juliet falha e com os olhos grudados nos meus, ela gesticula me incentivando a falar.

Resgato uma caixinha do bolso do colete.

— *Dio!* — Seus olhos vão dos meus para a caixa e voltam para mim.

— Cacete, que difícil! — Solto o ar para afastar o nervosismo e ela concorda imitando o gesto. — Procurei um jeito de traduzir o que sinto. Tentei poesia, mas não sou esse cara. Comecei uma lista de tudo que amo em você, mas é impossível, seria interminável. A cada dia tenho um motivo novo para te amar. — Sorrio me achando meio idiota com tantas tentativas frustradas. — Dizer que sou loucamente e verdadeiramente apaixonado por cada qualidade e defeito seus, é pouco. O que sinto é maior e vai além. — Puxo a barba em um impulso desesperado. — Porra, nunca acreditei em destino, nessa merda fictícia de “estava escrito nas estrelas”, Romeu e

Julieta... Amor à primeira vista, então? — Meus olhos crescem em desdém. — *Dio!* Não! Nunca fui romântico, mas bastou um olhar em você pro meu coração se entregar. Vê-la chegar no K2, com vestida de amarelo... Tão real e viva! Seu rosto, sua voz... Baixinha, em um átomo de segundo você fez o que nenhuma montanha conseguiu em uma vida: me derrotou, me deixou sem ar.

— Aless... — A mão delicada cobre a boca que tanto amo.

— Espera, preciso te contar uma coisa! Quando disse que tinha me visto em Londres, juro, foi ali que fiz as pazes com Deus. Meu coração parou e acelerou mil vezes quando compreendi o que minha alma já sabia. Toda aquela eletricidade na palestra, o sentimento avassalador que me impulsionou por anos, a necessidade de mudar e ser melhor... — Olho profundamente em seus olhos. — Minhas fantasias em torno do ponto amarelo não chegaram nem perto da realidade explosiva que é você. Não estava preparado para uma Juliet chegando e dominando tudo com seus sorrisos, humores e cores... Sempre foi você! — Seguro a mãozinha trêmula. — Minha cura, meu destino, a mulher que, mesmo sem eu saber, vinha pra mudar minha existência. Casa comigo o quanto antes, me deixa passar o resto da vida te mostrando que eu valho a pena.

Juliet puxa a mão e começa a chorar bem quando vou abrir a caixa.

Um pouco perdido com a reação dela, espero.

— Ponto amarelo? — sussurra. — Me viu em Londres, antes do K2? — A expressão dela congela indecifrável.

Merda!

— O casaco... Mais senti do que vi, na verdade — explico apressado e me ponho de pé imaginando para aonde estão indo os pensamentos dela. — Juro que o K2 foi uma puta coincidência, fiquei chocado quando descobri que você e meu ponto eram a mesma pessoa, não foi minha escolha — defendendo-

me e ponho a bendita caixa no bolso.

— *Yellow*. — Um soluço choroso escapa dela e sei que entendeu. — Foi por isso que me tratava daquele jeito? Bandido! Sabia que queria me demitir! — Soluça mais.

Hã?

Como fomos parar aqui?

— Não! Nunca! — Limpo as lágrimas de seu rosto. — Como poderia demiti-la sem parecer louco? Alegar o quê? Que eu era a porra de um obcecado? Que não conseguia te tirar da cabeça? Que tinha medo de te perder?

A mão delicada volta para a boca.

Cazzo!

Só estou piorando as coisas.

— Esquece a parte do obcecado! Porra! — Limpo mais algumas lágrimas dela. — Tá, talvez eu tenha ficado um pouco obcecado, mas não do tipo obcecado perseguidor. — Esfrego o meu próprio rosto. — Cacete, sei que não faz sentido e é difícil de entender, mas você é o meu ponto amarelo, o meu pé de coelho! Minha sorte mudou a partir de Londres. Descobrir quem você era foi um presente Divino! Assim que entrou naquele anfiteatro, fui atraído para você, foi como se nossas almas estivessem... — Minha garganta trava.

— Conectadas — completa por mim, com os olhos marejados.

— Não me olhe assim, devia ter falado sobre Londres logo no início. Por favor, não desista do casamento, sei que não sou perfeito...

Silencia-me tocando meus lábios com a ponta de um dedo.

— Desistir? Aless, você é perfeito pra mim... — Sorri doce em meio

às lágrimas. — Estou emocionada. Como pode não acreditar em destino? Faz todo o sentido, não percebe? Nós dois era para ser, estava escrito, sim... Somos extraordinários juntos! Tudo! Nossas paixões, tragédias e recomeços. — A mão delicada e trêmula toca meu rosto. — Fiquei apavorada quando cheguei ao K2, não entendi nada! Homem, você é uma força da natureza! Toda vez que eu tentava me aproximar, você me repelia. Mesmo aqui, morando juntos, estávamos tão perto e tão longe. Que loucura que é essa vida! — A cabeça dela agita em outro sorriso. — Não me deve nada, me fez crescer de tantas maneiras, me deu tanto. — Alcança minha mão e coloca sobre nossas *bambinas*. — Ambos fomos salvos em Londres. Se não desisti de tudo naquele dia e estou aqui hoje, foi porque sua presença e palavras me tocaram de mil formas. Ah, meu Gigante, te amo tanto. Se eu já me casava antes, caso mais ainda agora!

— Agora tipo quando?

— Agora tipo logo, pode ser? Só preciso fazer um vestido que caiba em mim.

Logo é bom.

— Pode ser. — Sorrio aliviado e volto a cair de joelhos.

Lentamente retiro a caixinha do bolso, e o anel. Juliet me encara boquiaberta, claramente perplexa.

Deixo que admire a joia delicada. Um anel ovalado com um diamante central amarelo, envolto em dezenas de delicados diamantes brancos.

— *Dio, Aless... É lindo!*

— Como você. — Capturo sua mão. — Pensei muito sobre um anel, tudo que vi não chegava à altura. Queria algo representativo, do tamanho do amor que sinto, mas que fosse delicado e vibrante como você. Talvez esteja

certa sobre o destino. — Meus olhos marejam. — O anel simplesmente veio a mim quando estava quase desistindo de achar algo perfeito. Essa é uma relíquia da minha tataravó e veio junto com outras joias de família, que meu pai me enviou e pertencem ao conde. O nome dessa gema, amarela como a cor que tanto gosta, é redenção.

— Da sua tataravó, isso é tão especial. — As lágrimas de Juliet retornam juntando-se às minhas, que rolam soltas agora. — Estou honrada, não sei nem o que dizer.

— Só diga sim. Você é minha redenção, Baixinha — sussurro e ela cai de joelhos ficando diante de mim. — Juliet Damaggio... — Coloco o anel, que desliza suave, encaixando perfeitamente. — Seja minha mulher, minha vida, minha condessa.

— Sim, sim, sim! Que loucura, sim!

Num ímpeto, Juliet pressiona o corpo contra o meu e sob o céu estrelado do nosso paraíso particular, ela me entrega tudo em um beijo profundo e cheio de promessas.

Tomo tudo o que posso... Esqueço os planos para um jantar romântico. Não resisto, puxo-a, deitando-nos sobre o gramado e faço amor apaixonadamente, inaugurando nossa casa.

Put a que pariu!

Juliet Damaggio Salvatore Bolgheri!

Minha... Toda minha!



Juliet

Em meio a um bocejo preguiçoso, desperto e encontro Dark deitado de lado, com a cabeça apoiada sobre o punho do antebraço flexionado. Sorrio num bom-dia silencioso, meu Gigante tem feito muito isso: espiado meu sono. Cheia de preguiça e de ladinho, posição que tem sido menos incômoda para a minha barriguinha, admiro o homem que fica ainda mais charmoso, todo sonolento e despenteado.

— Oi, marido — brinco com o som da palavra, mesmo que ainda não seja um fato.

— Oi, esposa — devolve em um grunhido áspero e...

Emocionado?

Tento evitar um sorriso, mas ele me escapa. Adoro nossas manhãs preguiçosas onde a primeira coisa que eu vejo ao despertar é Aless. Perdida em seu olhar profundo, afago a barba espessa. Dark resgata minha mão, beijando o interior do meu pulso. O momento é tão doce e íntimo, como se eu pudesse ver através dele... Há tanto amor... Por mim, por nós.

— E nossas *bambinas*, já acordaram? — Toca minha barriguinha, que juro, parece maior do que ontem.

— Acho que brincaram muito ontem à noite. Estão quietinhas, sem nenhuma cambalhota por aqui. — Espalmo sua mão.

— Fome? Fiquei de passar na colheita, mas posso improvisar alguma coisa pra nós antes de sairmos.

Olha para a varanda checando a claridade suave que diz que temos tempo.

— Talvez antes do treino. — Deslizo o olhar pelo corpo definido e nu. Saciada de tanto sexo, não deveria sentir falta dele, mas sinto. — Agora eu só queria um pouquinho mais de preguiça e de você.

— Queria ou quer?

Com um sorriso, abre os braços musculosos me convidando a pegá-lo.

— Quero. — Como uma gata carente que estou, aproximo-me e afundo o rosto no peito tatuado. Sou envolvida em um casulo protetor de Dark... Suspiro inalando a mistura dos nossos cheiros e sexo. — Obrigada por ontem. — Beijo a pele um pouco salgada.

— Não vejo a hora de virarmos um só.

— Um só? Tem certeza? — Projeto a barriga. — De tanto sermos um só, já viramos quatro.

— Quatro é pouco, quero mais.

— Mais?

— Pelo menos uns seis.

Dou risada.

— Se você engravidar de uns três, não vejo por que não.

— Pare de debochar, tô falando sério! — Dark agarra meus cabelos pela nuca e, fechando o punho com firmeza, inclina minha cabeça para trás me fazendo olhar para ele. Há um brilho perverso em seu rosto. Meus mamilos reagem ao toque mais bruto, entumescendo. — Quero uma família

grande, sua fujona de altar.

— Fujona? Você que não tocou mais no assunto.

— Não toquei porque achei que queria mais... *Cazzo*. — Solta o meu cabelo. — Sabe quantas horas fiquei de quatro naquela porra de mirante, acendendo luzinha por luzinha só pra te impressionar?

— Duas?

— Quatro! Aquelas merdas apagavam toda hora. — Sua boca fecha em uma linha fina. — Funcionou, pelo menos?

Ainda nas nuvens com tudo aquilo, rio feito boba e dou um beijo rápido nele.

— Pare de querer confete. Sabe que funcionou. — Infilto a mão entre nós, admirando o diamante amarelo que parece vivo sob a luminosidade matinal. — Adorei a história do ponto amarelo. — Minha emoção retoma.

— Não é história, é fato — diz resolutivo. — Meu ponto.

Sim. Seu.

Meu coração comprime parecendo pequeno para o tamanho do meu amor. Um nó se forma na minha na garganta quando sentimentos de medo e posse vêm.

— Promete que nada vai te afastar de mim — murmuro.

— Oooh, Baixinha, que insegurança sem sentido é essa? — Um som contrariado e profundo brota de sua garganta quando gira o corpo e acaba pairando sobre o meu. Ofego... *São meus olhos ou a cada dia Dark fica mais lindo?* — Esquece isso. Nunca vou te deixar, é impossível.

— Não é insegurança é só que... Ah! Nada — Mordo os lábios horrorizada comigo mesma.

Desde quando virei essa melosa carente?

Parecendo achar graça da minha agonia, Dark vai se ajeitando entre as minhas pernas.

— É só que...? — Ondula o quadril provocando-me com a ereção rija.

Arquejo prendendo meu olhar ao dele e acompanho fascinada as íris esverdeadas escurecerem. Meio que hipnotizada, abro as pernas para que se acomode entre elas.

— Só que... — insiste.

— Viciei em você, satisfeito? — Reviro os olhos em rendição. — Culpa tua, que me faz sentir tão especial.

Um sorriso arrebatador aparece nele.

— Viciou nisso também? — O pênis duro cutuca a minha entrada e meus olhos fecham. — A questão não é ser especial, Baixinha. É. Ser. Única — diz pausadamente antes de sua boca cobrir a minha e empurrar lentamente para dentro.



De ótimo humor depois de mais uma manhã daquelas nos braços de Dark, alongo o braço e, sem muito esforço, alcanço a última agarra chegando ao topo do paredão de vinte e cinco metros. Solto um grito vitorioso e satisfeito. É claro que uma parede de escalada indoor não se compara à experiência *in natura* ou sexo matinal, mas é muito prazeroso, um excelente exercício e dá um gostinho para quem ama o esporte.

— *Bella*, por *Dio*, nem pense em fazer isso! Você prometeu!

Tomada por uma onda de adrenalina, esqueço a promessa de não radicalizar e, ignorando aos apelos de Fran, solto da agarra e balanço no ar.

— Se não parar com isso vou te descer!

Focalizo Fran e cerro olhos em um aviso de: “*Não se atreva!*”

— *Tava* com saudades desse paredão! — No topo e presa ao equipamento de segurança, travo a roldana impedindo a rolagem da corda e, com um empurrão dos meus pés contra a parede, projeto o corpo para trás. Dou várias cambalhotas invertidas no ar. Fecho os olhos e abro os braços sentindo-me livre. *Adoro essa sensação!* E, pelo jeito, as *bambinas* também. Rio quando as sinto mexer na barriga. — Acho que vou subir de novo. Aposto que consigo melhorar meu tempo.

— Chega, você tá grávida!

— E daí? — Continuo a voar de olhos fechados.

— Daí que seu tempo tá ótimo e o primo vai me matar!

— Por causa de uma escaladinha dessas? — Dou mais uma cambalhota. — Mata nada!

— Mato sim!

Ops!

Minha atenção recai para o chão onde encontro Dark com os braços cruzados e os olhos fixos em mim.

Eita!

— Não disse, *bella!* Fodeu! Vou morrer e não estou pronto para isso!

Não respondo aos resmungos exagerados de Fran e abro um sorriso para o Gigante, que exala tensão por seus olhos furiosos. Deixo escapar um suspiro. Avisei que iria treinar e não estou fazendo nada de mais. Muito menos, arriscando a segurança das *bambinas*.

— Voltou rápido, amor. Como foi com as uvas? — Tento uma abordagem mais amena.

— Amor? Hum-hum... Sei. — Claramente não cai na minha. — Tá querendo o quê, me matar do coração? Essa porra tá apertando as *bambinas*!

Meleca!

— Tá nada... — Puxo a faixa ao redor do meu estômago. — Elas estão se divertindo com a mamãe. Mexeram e tudo. Deixei a cinta abdominal da cadeirinha frouxa!

As esmeraldas de Dark dobram de tamanho.

— O quê? Tá maluca? — As mãos dele vão parar nos cabelos. — São vinte e cinco metros, porra! — Arranca a corda de segurança das mãos de Fran. — Desce!

Irritada com o tom autoritário, não movo um músculo.

— Até parece que fiz alguma coisa errada! — Inconformada, esfrego as palmas das mãos espalhando uma nuvem de pó de giz. — Sei o que estou fazendo. Não me trate como criança, Aless!

— Então pare de se comportar como uma. Está grávida, porra!

O quê?

— Grávida, não é inválida! Sei dos meus limites! — Fico carrancuda, não é possível que ele tenha se esquecido de tudo o que conversamos essa manhã sobre eu levar uma vida normal. — Avisei que iria treinar!

— Treinar leve! Pensei que fosse caminhar com a Cris e o Pietro! — As veias das têmporas dele começam a pulsar. — Tem dois segundos para liberar a roldana e descer ou eu mesmo subo aí e te tiro!

— Estraga-prazeres!

— Não foi isso que gritou hoje de manhã! Desce!

Maledetto!

Meu rosto pega fogo.

— Quando é interessante pro seu pau, não tá nem aí que eu me esforce! — rosno.

— Juliet!

— Aless!

— *Dio!* Chega! — Fran puxa os próprios cabelos. — Que vocês dois fodem mais que coelhos todo mundo já sabe, mas poderiam me poupar dos detalhes?

— Se fecha, Fran! Desce, Juliet!

De má vontade e puta da vida, destravo a roldana e deixo que me puxe para baixo. Mal meus pés tocam o chão, me esquivo das mãos irritantes de Dark e abro eu mesma os mosquetões liberando-me das cordas de apoio. Nem me dou ao trabalho de tirar a cadeirinha de segurança e me ponho em marcha para a saída da *Mountain*.

— Aonde pensa que vai? — Aless ruge às minhas costas.

Meu bom senso grita para ignorá-lo. *Meleca!* Não consigo! Giro nos meus tornozelos soltando fumaça pelas ventas. Vejo raiva, mas também apreensão. Suspiro deixando meu coração apaixonado e molenga levar a melhor.

— Vou pra Bolgheri com a Rafa para encontrar a modista, mas se acha que provar vestidos é perigoso demais para os seus padrões obsessivos de segurança, não me importo de ir ao evento nua!

Os olhos dele encolhem, mas depois suavizam.

— Posso levar vocês. — Morde o lado interno da boca.

Dio Cristo!

Inspiro fundo e conto até dez. Esse homem consegue ir do detestável

ao doce em um segundo. Escrutinando o rosto ansioso, solto o ar lentamente. Entendo o lado protetor dele, amo sua companhia, mas ceder agora será como assinar uma sentença de liberdade vigiada e sufocante.

— Te amo mais que tudo... — escolho um tom calmo. — Mas se não quiser me perder, é bom que comece a confiar nas minhas escolhas, Alessandro. Preciso de um marido que me apoie e não de um pai. Prometi não passar dos limites e vou cumprir, mas não vou permitir que use a gravidez pra me podar ou que tente cortar as minhas asas porque não vai rolar, me recuso a voltar pra gaiola! — finalizo.

Dark ensaia dizer algo, mas o queixo caído o impede. Certa de que marquei um ponto, pisco minha vitória para Fran e saio.



Muitos dias depois...

— Melhor abrir um pouco a costura aqui em cima. — A modista indica a região abaixo do busto. — Essas meninas cresceram desde a última prova.

Arrependida de ter deixado para a última hora e plantada em cima do altar de prova, busco por Rafa através do espelho que ocupa toda a parede à minha frente.

— Hum... Tá de arrasar, mas acho que Eva tem razão. Você tá com uma bela comissão de frente. Um pouco mais folgado aí em cima, vai deixar o caimento na barriga melhor.

Giro para voltar a admirar o vestido frente única, de decote amplo, que se abre em uma vasta e longa saia. Com o movimento, pequenos cristais brilham radiantes refletindo a luz do ateliê. Sorrio amando como os meus

peitões de grávida estão valorizados no modelo simples, porém elegante. Rafa é uma gênia! Quando fez o esboço e vi a amostra do tecido que sugeri, tinha achado o dourado um pouco exagerado, mas agora, com o traje pronto, está simplesmente divino e combina com o tom alvo da minha pele.

— Caramba, Rafa, tá de tirar o fôlego! Agora entendo por que as ricas são tão autoconfiantes, isso não é um vestido. É uma roupa de supermulher! Arrasou, cunhadinha!

Rafa abre um sorriso presunçoso.

— Arrasado vai ficar o meu irmão quando vir esse decote. — Vem até mim e ajeita a saia esvoaçante e rodada, admirando sua criação. — Espero que tenham desfibrilador no castelo. — Ri.

Olho-me no espelho mais uma vez.

— Acha que vai dar tempo de fazer os ajustes? — Acaricio a barriga, de mais de cinco meses, num novo hábito.

— Faço em menos de uma hora. — A modista tira alguns alfinetes da almofadinha que carrega presa ao pulso e demarca os ajustes. — Já pode tirar. — Dá um tapinha na minha bunda. — Por que não aproveitam que a Margô já está aqui e adiantam a maquiagem e cabelo?

Um pouco ansiosa com o adiantar da hora, concordo. Daqui a pouco, Dark e Fran virão nos buscar. Com a ansiedade começando a bater, olho para a grande janela, a cidade está silenciosa. O que é estranho, já que nos últimos dias, e para minha total surpresa, Bolgheri enlouqueceu. Hotéis lotados e um vai e vem de repórteres.

Com tanta coisa acontecendo na minha vida, fiquei alheia ao evento, o imaginava como um coquetel restrito a esportistas e uns poucos investidores, não uma festona disputada, grandiosa e pomposa.

Com dó no coração, tiro o vestido e visto um roupão. A próxima

hora é gasta em um jogo de vontades contra Margô, que insiste em uma produção exagerada.

Num clima descontraído e apoiada por Rafa, venço a parada e acabo com um rabo de cavalo megaliso, alto e elegante e uma maquiagem suave. De exagero, só a dose extra de rímel para destacar meus olhos.

— Vermelho ou dourado? — O nariz rechonchudo de Margô enrugava para a segunda opção.

— Nem um nem outro.

Com um sorriso maroto, alcanço a bolsinha dourada que acompanhará meu *look* e pego o gloss rosadinho que trouxe de casa.

Pronto!

— Como estou?

Meu queixo quase cai quando Rafa entra na saleta de maquiagem. Ela parece uma diva dos anos cinquenta com um coque alto, maquiagem dramática e vestido branco justíssimo, e de um ombro só, que delineia suas curvas.

Uau!

A menina de dezoito deu lugar a uma mulher sexy e deslumbrante.

Levanto, embasbacada, da cadeirinha de maquiagem e vou até ela.

— *Dio*, Rafa! Está deslumbrante!

— Eu sei. Vamos formar uma bela dupla, cunhadinha. — Com um sorriso arrogante, ela saca o celular da bolsinha. — Margô, será que pode tirar uma foto nossa? Quero postar no *Insta* para provocar o Kai e a minha mãe.

Um arrepio percorre da minha cabeça aos pés.

— Melhor não. — Mordo o canto da boca. — Por que cutucar a

onça com vara curta?

— Porque é divertido e quero exhibir meu talento para o Kai. Vem, Margô. — Agita o celular na direção da senhora.

— Rafa, a Zetta não vai gostar — insisto.

— Dane-se se vai gostar ou não. Poxa, Ju, deixa de ser chata. — Faz um beicinho adorável e rio do *Ju* apelativo. — Conheço aquela desnaturada; com todo esse auê em torno do evento e do Aless como conde, Zetta já deve estar futricando em tudo que é site. Ela ver nossos vestidos agora ou depois não muda nada. Tem tanto repórter lá fora esperando por nós, que não dou um minuto para nossas fotos estarem bombando na net. — Revira os olhos como se fosse um fardo, não sua glória.

Titubeio.

Ela insiste.

Digo não.

Ela sim.

— Por favooooor.

Meleca.

Não deveria, mas acabo cedendo e tirando a bendita foto.

Passos e vozes graves ecoam através do pequeno corredor, que interliga o ateliê a saleta em que estamos, nos fazendo interromper a conversa. Uma pequena agitação faz minha respiração acelerar enquanto ajeito os fios soltos e inexistentes no meu penteado.

— Viva Bolgheri! — A mão de Margô espalma a boca.

Sigo o olhar dela e perco o ar, e um pouco da compostura, quando Dark para na porta e crava os olhos em mim. *Dio mio, viva Bolgheri mesmo!* Já o tinha visto de smoking, em fotos tiradas em Mônaco que encontrei na

internet, mas isso... Aqui, ao vivo e em preto e branco... *Dio!* Um sopro escapa dos meus pulmões. É simplesmente magnífico e até um pouco proibido.

Com certo fascínio percebo que, hoje, o homem que varre meu corpo com expressão faminta, não é o alpinista e sim Alessandro Salvatore Bolgheri, o conde.

Meu conde.

— Uau, que *bellas!* — Fran é o primeiro a se manifestar.

— Vocês também não estão nada mal. — Rafa elogia sem grande empolgação, obviamente porque já está cansada de vê-los vestidos em gala. — Gostaram?

Sob minha visão periférica capto Rafa se exibindo, mas não consigo desviar meu foco de Dark. Ao contrário dela, eu não estou acostumada a vê-lo vestido assim e desconfio que podem se passar mil anos, que nunca irei me acostumar.

“Delizioso”, murmuro mentalmente.

Com um sorriso safado, os lábios de Dark se movem silenciosos, mas consigo ler um *“Deslumbrantemente única”* pronunciado por eles. Fico ainda mais inquieta.

Por que ele continua parado e não vem até mim?

— Que foi, mano? Tá vermelho, por quê? — Rafa gargalha. — Não falei, Ju? Desfibrilador nele.

— O quê? — Dark meneia a cabeça como se saísse de um transe. — Já estão prontas para ir? — Ainda parecendo nas nuvens, ele nota a irmã.

É... pelo jeito, ambos estamos impressionados um com o outro. Agito-me quando, finalmente, vem até a mim.

— Você é linda sempre, mas hoje... — Com um sorriso, que é quase uma covardia, avalia meu decote para depois aproximar os lábios do meu ouvido. — Já vi que vou querer estrangular uns quinhentos. Está totalmente saborosa — sussurra.

Não sei se é o elogio ou a respiração aquecida em meu pescoço, mas começo a suar.

— Gostei do smoking, ficou muito gostoso! — Quase grito a última palavra quando a mão áspera de Dark serpenteia pelas minhas costas nuas.

— E eu, porra? Tô o quê? — Fran protesta chamando a atenção para ele.

— Você se fecha! — Dark dispara me fazendo rir. — Os elogios da minha mulher são meus.

— Não seja egoísta. — Afago o peito largo enquanto pisco para Fran. — Seu primo está muito elegante. — Uso um elogio mais contido.

— Elegante e gostoso, entendi. — Fran gargalha.

— Muito gostoso. — Margô suspira.

Demonstrando impaciência, Dark ajusta as abotoaduras e depois a gravata borboleta.

— Se já acabaram com a babação, as limusines estão esperando.

— Limusines? Eu pensei que a gente fosse de... Pra que limusines? — *Nem sei se elas cabem nas ruas de Bolgheri.*

— É o protocolo — Rafa se adianta. — Nas aparições formais, o conde é conduzido na limusine oficial com brasão da família.

— Sua família tem um brasão? Onde isso que nunca vi?

— Nossa família, Juliet, melhor ir se acostumado. No carro eu te

mostro, vamos.

Dio!

Brasão?



Sem me preocupar em parecer uma adolescente deslumbrada, examino cada detalhe do luxuoso carro. Nunca andei de limusine, nem mesmo na minha formatura. O garoto que me convidou para o baile chegou para me buscar em uma lambreta velha. Cheguei à festa cheirando a óleo queimado, descabelada e sem um pedaço do vestido, que prendeu na roda.

Sorrio. Aquilo foi divertido, mas isso... Espio o homão ansioso sentado ao meu lado. Isso é sexy, ô se é.

— Ela é sua? — Dou um tapinha no banco de couro. — Onde você estaciona?

Dark ri.

— É da família, meu pai trouxe de Mônaco para essa noite.

— Ele vai estar lá?

— Já deve estar.

Olho através da janela e para o trânsito carregado e estranhamente atípico da rua principal.

— Uma droga *Nonno* ter pegado um resfriado, ele estava tão animado com o restaurante lotado. — Esqueço as luzes dos carros e volto a me concentrar em Dark. — O bando de jornalistas na saída do ateliê... — Espio o vidro traseiro checando os carros que nos seguem. — Não tinha me dado conta da grandiosidade dessa noite.

Suas sobrancelhas franzem parecendo me analisar.

— Te conheço, Baixinha, não vá por esse caminho. — Trazendo-me para mais perto, segura a minha mão, beijando a palma. — Bolgheri voltará à calmaria e nossa vida é aqui. É claro que teremos que dar as caras de vez em quando em Mônaco, mas não vou deixar que as obrigações do Condado alterem nossa rotina.

Um pouco mais aliviada com suas palavras, mordo o lábio buscando as palavras certas.

— Estou adorando brincar de princesa. — Aliso a saia do vestido. — Mas essa não sou eu e se não me encaixar? Vi fotos da sua mãe na internet, ela parecia tão natural representando o papel. Não sei nada dessas etiquetas e protocolos de condessa e se eu te envergonhar?

— Shhh... — Acaricia meu rosto. — Nunca mais repita isso. — Seu olhar intenso captura o meu. — Você é perfeita e adorável do jeitinho que é. Impossível não te amarem.

Meu coração aquece com a delicadeza das palavras, mas não consigo evitar um suspiro exasperado. Dark me enxerga sob os olhos do amor e embora não admita, embaixo dessa armadura de rusticidade que costuma usar, há um homem sofisticado e bem-nascido.

— Aless. — Toco a barba aparada, pedindo sua atenção. — Não tivemos a mesma criação. Tenho muito orgulho de quem sou e dos meus pais, mas sou de origem simples, cresci num restaurante de massas! Muito espaguete, colheres e garfos! — Arregalo os olhos dando ênfase. — E se tiverem todos aqueles talheres? Meu amor, alguns nem sei pra que servem. — Tento suavizar com uma comparação divertida e lúdica.

Um riso aberto vem dele, me fazendo exasperar e suspirar novamente.

— Adoro espaguete, mas teremos que nos contentar com um

coquetel. — Sua expressão entenece. — Relaxa, tudo bem se sentir fora; na maioria das ocasiões, eu também não me encaixo. Meu mundo é o alpinismo e a vinícola, Baixinha. Sabe que só antecipei o Condado para aliviar pro meu pai. Esquece isso e vem cá. — Puxa-me acomodando-me em seu colo. — Gosto da Juliet princesa, mas amo mesmo a minha Baixinha alpinista. Tenho uma surpresa para você.

Estica o braço e, mais ao longe do banco, pega uma caixa retangular de veludo preto, oferecendo-me.

— O que é isso? — Resgato a caixa da mão dele. — Uau! Pesado!

— Abra e descubra.

Tomada pela curiosidade, faço o que pede. Meu coração dispara, para e dispara diante da beleza das joias, um conjunto de colar e brincos de tirar o fôlego.

— São maravilhosos! — Com a pontinha dos dedos delineio o colar e o pingente amarelo que se assemelha ao diamante do meu anel, só que em proporções muito maiores. *Dio Cristo! Arquejo. Devem valer uma fortuna.* — São realmente lindos, mas... não posso aceitar.

— Claro que pode — afirma calmo como se já esperasse por minha reação. — São seus. Fazem conjunto com o anel de noivado.

Admiro novamente as peças que combinam perfeitamente com meu tom de roupa. Percebendo que a insistência de Rafa sobre o vestido e a ausência de adereços tinha um propósito, reviro os olhos. Com certeza aquela bandidinha sabia dos planos surpreendentes do irmão.

— Aless, estou realmente encantada e lisonjeada, mas estamos indo para uma arrecadação de fundos. Nem tenho dinheiro para contribuir com a causa, vou me sentir uma impostora. Fora que vou ficar toda hora olhando para os lados com medo de ser assaltada.

Seu rosto másculo ilumina e uma risada aberta vem dele.

Caramba! Será que esse homem não vai me levar a sério?

— Todas as cotas de patrocínio já foram fechadas e sobre a causa das crianças, fiz uma doação em nosso nome — solta a novidade e meu queixo cai.

Depois de alguns segundos do meu silêncio, Dark volta a ficar sério. Franzindo a boca, parece refletir sobre o caminho a seguir.

— Entendo e respeito as suas ressalvas, mas não vou entrar numa discussão. Não hoje. — Alisa uma mecha do meu rabo de cavalo como se estivesse me amansando. — Não sou um esnobe materialista, mas não posso renegar o que sou e de onde venho. É esperado que minha mulher tenha acesso a tudo o que é meu, incluindo o título, dinheiro e joias.

Eu sei disso. A questão não é essa.

Lutando contra o incômodo de ser financiada por um marido rico, admiro o homem que abriu o coração e seu mundo para mim. Dark não tem sido nada além de generoso comigo. Acontece que, no meu sonho ideal, nós dois entraríamos nesse casamento de igual para igual e juntos batalharíamos para conquistar um futuro estável para as *bambinas*, mas não é assim que funciona. Sorrio para ele, compreendendo que certos orgulhos não fazem sentido entre nós. O que temos é maior e mais profundo, e ninguém ou dinheiro nenhum no mundo pode comprar ou corromper.

— Obrigada por doar em nosso nome. Adorei a surpresa. — Cedo tocando os brincos em modelo princesa e uma sensação incômoda me faz recuar. — Sua mãe os usava? — questiono sem pensar.

— Não. — Parece não entender o meu ponto. — Meu pai resguardou parte do acervo. Zetta esperneou, exigiu, xingou, mas o mais perto que chegou dele foi através de fotos antigas de família — diz

amenizando um pouco do meu desconforto. *O que há nessa mulher que a simples menção de seu nome me faz arrepiar?* — Não peço e nem espero que saia por aí como elas, nem fazem seu estilo, mas em certas ocasiões... — Pressiona os lábios demonstrando, pela primeira vez, certa impaciência. — Tenho certeza de que meu pai se sentirá honrado ao vê-la com elas.

Tentando me convencer de que a sensação ruim é coisa da minha mente fantasiosa e fértil, meneio a cabeça. Dark passou por poucas e boas e, pela primeira vez, parece realmente alheio aos problemas. A noite é especial demais para ele e não quero ser eu a pessoa que irá estragar o momento.

Dou-lhe meu melhor sorriso.

— Também vou ter um anel com brasão? — brinco torcendo o nariz para a joia bem masculina que nunca o vi usando e que me mostrou assim que entramos no carro.

— Não. — Também torce o nariz. — Essa frescura do caralho é só para o conde.

Rio da expressão irritada e tão Dark.

— Ah, que pena, é uma frescura bonita — ironizo ao pescar os brincos e colocá-los. Viro de costas pedindo que me ajude com o colar. Assim que termina e beija a minha nuca, volto-me para ele. Espalmo o colar que parece pesar um quilo em meu pescoço, mas que fica deslumbrante em meu decote. *Rafa, Rafa.* — Vou usá-las, não pelo seu pai, mas porque são parte de você e te amo demais.

— Já te disse que é a mulher mais incrível do mundo?

— Incrível não, mas deslumbrante, especial e única desconfio que sim.

A mão grande envolve meu pescoço enquanto o polegar áspero acaricia o contorno do meu rosto.

— Chega de falar. — Suga o ponto do meu pescoço onde a pulsação é mais forte.

Ofego, contorcendo-me em seu colo. Num ímpeto, Dark segura meu rabo de cavalo e puxa minha cabeça para trás, no que parece ter se transformado em um novo hábito. Meu queixo ergue, deixando minha boca totalmente vulnerável e à sua mercê. Fecho os olhos, sucumbindo à investida faminta dos seus lábios contra os meus. Instigada pela barba macia, entreabro a boca deixando sua língua entrar.

O carrão, as joias, as roupas criam uma atmosfera tensa e poderosa que fazem minha mente divagar. *Aaaah*. Gemo agarrando-me a ele, perdida na fantasia dele ser um poderoso CEO e eu uma indefesa assistente. O beijo aprofunda e aquece, meu vestido sobe e dedos hábeis abrem passagem entre as minhas coxas até chegarem no ponto onde estou só desejo.

— Aless... — Tento argumentar que aqui não é o melhor lugar, mas seus dedos já estão infiltrados em minha calcinha.

— Shhhhh... — Rouba a minha razão, aprofundando o beijo e dedilhando minhas partes. — Sempre fantasiei como seria te foder numa dessas — grunhe e me penetra com dois dedos.

Meu grito prazeroso é engolido por sua boca. O carro é invadido pelo som da *Incantata* sendo duramente tomada e fodida. Sinto meu orgasmo surgir e escancaro as pernas deixando que me possua.

— Hum-hum... Senhor. — A voz do motorista ecoa no alto-falante interno e eu congelo. — Estamos entrando na alameda que leva ao castelo.

Olho assustada para Dark, que sussurra: “*Ele não pode nos ouvir*”; e como prova, inclina o corpo e aperta um botão no console lateral da limusine.

— Ok, Alfredo. Só dirija mais devagar e nos dê alguns instantes. — Rindo, Dark desliza meu corpo suavemente para o banco, retirando-me do

seu colo. — Depois eu termino o que começamos. Mais calma? — Suga os dedos lambuzados pelo meu gozo, em seguida retira um lenço do bolso interno do smoking e me oferece.

Aceito a oferta, mas gesticulo que vire de costas. Frustrada pelo orgasmo interrompido e ainda com a respiração instável, faço o que tenho que fazer e guardo a prova de nossa indecência na bolsinha que havia largado sobre o banco. Aproveito para retocar o gloss, mas minha mão congela quando centenas de flashes começam a pipocar e o silêncio é tomado por aplausos e gritos.

Dio!

O carro para e volto-me em pânico para Dark.

— Pronta, condessa? — Estende a mão.

Tremendo todinha guardo o gloss e aceito a oferta.

— Nem um pouco, mas vamos nessa.

Assim que a porta é aberta pelo motorista, deslizo para fora conduzida pelo aperto de mão possessivo de Dark e sou tragada por um mundo novo e inimaginável. Flashes agridem meus olhos e gritos desesperados de: *Conde! Condessa! Só uma palavrinha! Quando será o grande dia? Um sorriso para as fotos*, quase me ensurdecem.



40.1

Lute e Resista

Dark

Enlaçando Juliet pela cintura, respondo mais algumas perguntas de modo evasivo, dispenso educadamente a imprensa e subo as escadarias. Eles a adoraram e não poderia ser diferente. Vamos em direção ao átrio de entrada onde Fran e Rafa nos esperam ao lado de Cris e Pietro.

O modo como Juliet relaxa ao vê-los, indica que fiz certo em pedir que esperassem para entrarmos no salão de baile todos juntos.

— Mulher de *Dios*! — Cris se apressa assim que nos vê. — Arrasou, amiga! Já tinha achado um estouro, mas pronto assim! Caceta! Você descolou uma condessa e tanto, hein, chefe! — Dá um tapão nas minhas costas.

— Pois é... Teve repórter perdendo a voz lá embaixo. — Viro-me para Rafa, que é pura presunção. — Obrigado por caprichar nos decotes, irmãzinha.

— Gostou? — Não captando a ironia, Rafa saltita denunciando a pouca idade. — O que é bonito é pra se mostrar, sei que preferia uma burca, mas olhe só pra ela!

— Estou olhando. Eu e todos os homens daqui!

— Qual é, primo? Inseguro com a concorrência? — Fran zomba.

Dou-lhe uma olhada dura indicando que insegurança é uma coisa que desconheço.

— Aí estão vocês! — Meu pai aparece acompanhado do cerimonialista. — Os convidados já estão impacientes.

Cumprimentamo-nos com um rápido abraço e seus olhos brilham de encantamento assim que pousam em Juliet.

— Juliet, querida. Agora sim nossa família tem uma condessa à altura do nome. As joias parecem vivas em você! — Sorri satisfeito como há muito não o via fazer. — Como vão as menininhas do vovô? Parece que cresceram desde a última foto que vi.

— Não só cresceram como começaram a mexer. Desconfio que prefiram a voz do pai a minha.

Orgulhoso de que minhas *bambinas* me reconheçam acarício a barriga de Juliet. Os olhos de meu pai recaem marejados sobre a minha mão.

— Obrigado, menina, por trazer luz para a nossa família.

Juliet ofega e gesticula um deixa disso.

Cazzo!

Não, um ataque de hormônios, agora não.

— Senhores, os convidados. — O cerimonialista indica a entrada do salão.

Salvo de interromper os ataques sentimentistas do meu pai e Juliet, apresso-me a entrar e carregá-la comigo.



Cansado de sermos o centro das atenções, puxo Juliet para um canto mais discreto. O cerimonialista fez um ótimo trabalho interferindo o mínimo possível na decoração gregoriana e já impressionante do castelo. Cortinas esvoaçantes nos janelões, algumas mesas de apoio para o coquetel, candelabros aqui e ali, vasos exuberantes com uma infinidade de flores

brancas, mas aquilo... Meu maxilar trava quando bato o olho em um dos gigantescos painéis que pendem do teto como se flutuassem.

Sabia que iriam explorar algumas imagens da equipe, captadas em nossas expedições anteriores, mas essas fotos! *Putá que pariu! Vou matar o Francesco!* Há vários *eus*, da campanha publicitária que fiz para a *Black Diamond*, espalhados pelos cantos.

— Será que me deixariam ficar com algum?

— Juliet! — rosno em um aviso, sem a certeza de que fala sério ou está de onda com a minha cara.

— Que foi? Você está maravilhoso neles, eu quero.

— Você tem o original, não precisa de cópias. — Acabo meu uísque e deposito o copo vazio no aparador que há do meu lado. — Está cansada? Quer outro suco?

— Suco não. Tô um pouco apertada. Tem gente pra caramba aqui.

Concordo com um suspiro cansado. Estamos há mais de duas horas circulando de grupo em grupo afogados em um mar de apertos de mãos, agradecimentos e conversas vazias.

Tudo pelas crianças... Tudo pelas crianças... Tudo pelas crianças...

Mentalizo aquele que vem sendo o meu mantra.

— Não precisamos ficar muito mais. — Reparo que ela alterna o peso entre um pé e outro. *Merda!* Insisti várias vezes que fosse se sentar, mas Juliet se recusou a sair do meu lado. Apesar de ter apreciado o gesto, inspiro para controlar meu descontentamento. — O álcool já está começando a subir e daqui a pouco nem vão notar se sairmos à francesa.

— À francesa é bom. — Sorri evidenciando cansaço. — Meus pés não vão dar conta se eu tiver que refazer a Via Sacra.

— Então é melhor eu me apressar. — Volto a enlaçar a cintura arredondada numa tentativa de aliviar o seu peso. — Prometi ao Fran que daria algumas palavras de agradecimento.

Com Juliet a tiracolo caminho para a grande escadaria que há no fundo do salão e conduz à área íntima. No meio do caminho pesco uma taça de champanhe de um dos garçons. Ficamos lado a lado, cinco degraus acima do chão, para que todos, mesmo os mais distantes, tenham uma boa visão de nós.

Usando o anel de conde bato suavemente na taça chamando a atenção de todos. Aos poucos, o burburinho vai se tornando silêncio. Meu pai, Rafa e a equipe tomam lugar na base da escada.

— Desculpem-me por interromper a festa, mas gostaria de dizer umas poucas palavras. Prometo ser rápido. — Coloco a taça no degrau e aguardo até que a atenção de todos seja realmente minha e só então recomeço. — A todos que contribuíram para as obras beneficentes da Fundação, meu muito obrigado em nome de todas as crianças que aqui acolhemos. Tenham certeza de que contribuirão para dar mais dignidade e uma chance real de vida a elas. Aos patrocinadores, aos novos e parceiros antigos, dou-lhe a minha promessa de que a *Mountain* está preparada para fazer da próxima temporada no K2, mais uma grande conquista.

— Com você no time não temos dúvida disso! — Um novo patrocinador, já evidentemente bêbado, me interrompe.

Agradeço com um gesto de cabeça e espero que as palmas, assobios e manifestações de apoio ao elogio acalmem para continuar.

— Quanto a isso, tenho um comunicado. — Volto a enlaçar a cintura de Juliet, trazendo-a mais para perto. — Acredito ser de conhecimento de todos que daqui a um mês, minha bela Juliet me dará a honra de me tornar

seu marido e como também está óbvio. — Acaricio a barriga com minhas *bambinas*. — Logo embarcaremos na maior e mais extraordinária experiência de nossas vidas: a chegada das *bambinas*! O K2 é sem dúvida minha paixão, mas essas três, meus senhores... são minha vida e pretendo passar um tempo dedicando-me exclusivamente a elas.

Os convidados explodem em comoção.

— Aless, não! — Juliet começa a tremer.

— Já está feito, Baixinha. — Beijo o topo de sua cabeça.

— Não é justo! — insiste em choque. — Não pode abrir mão, é seu sonho.

— Sonhos mudam, se tornam maiores. O meu topo agora é ser o melhor marido e pai que eu puder. Não te deixaria na mão na hora mais importante. O K2 vai estar sempre lá, nossos momentos não. Além do mais, a próxima vez que eu pisar naquele cume será com você, ninguém mais.

— *Dio*, como eu te amo!

Juliet começa a chorar, provocando-me um senso de urgência. Assovio várias vezes, exigindo de novo a atenção.

— Senhores, vamos lá! — grito. — Minha mulher precisa descansar e eu ainda não terminei! — Fico impaciente e sigo assim mesmo. — Tomei a decisão de me dedicar à família há algum tempo, mas guardei comigo até que estivéssemos todos reunidos hoje. Na próxima temporada, a *Mountain* terá um novo líder. Esportista de alto rendimento, que além de ser um dos melhores alpinistas com os quais já tive a honra de dividir o K2, é também meu braço direito e melhor amigo. Peço que acolham e aplaudam, Francesco Salvatore! Sobe aqui, que este ano o K2 é todo seu, primo!

Aplausos e assovios explodem. Juliet agarra-se a mim e, apesar da emoção do momento, não consigo deixar de gargalhar com o choque no rosto

de Fran. Satisfeito que tenha pegado o cretino de jeito, gesticulo que venha até a nós, coisa que só faz depois que meu pai o abraça e o empurra, incentivando-o a se mover.

Depois de abraçá-lo e ser chamado de louco por ele, deixo que discurse e aproveite o momento, que, aliás, é propício para a tal saída à francesa. Desço as escadas com Juliet agarrada a mim.

Aviso meu pai e os demais da nossa intenção e aceito o conselho de sairmos pelos fundos e a oferta de Pietro trocar a limusine pelo Jeep que ele deixou estacionado lá.

— Posso ir com vocês? Isso aqui tá um tédio, já deu pra mim.

— Claro que pode, aproveita e faz um favor pra mim. — Sorrio compreensivo para a minha irmã. — Enquanto me despeço do Nick e do prefeito, vai com Juliet até o banheiro. Com essa confusão na cidade, não sei em quanto tempo chegaremos em casa.

— Eu vou com elas, tô louca pra mijar também! — Cris livra-se do abraço de Pietro.

— Melhor a gente ir lá em cima, que é mais sossegado — Rafa sugere.



Juliet

Não quero me separar de Dark, mas minha bexiga, prestes a explodir, leva a melhor. Sigo atrás de Rafa e Cris, subindo os degraus na pressa. Por sorte, o lavabo é a primeira porta à direita da escada.

Xixi, xixi, xixi!

Dio, que alívio!

Saio uns dois litros mais leve do banheiro e sorrio aliviada para a dupla que me aguarda do lado de fora. Rafa desgruda da parede e entra me deixando a sós com Cris.

— Foi bem legal o que o chefe fez com o Fran. — Com o pé, Cris cutuca a passadeira em tons vinhos e dourados, que vai de uma ponta a outra do corredor.

— Fran merece! — falo um pouco mais alto devido ao burburinho vindo do andar de baixo. — Só me preocupa que Aless acabe frustrado. Ele precisa da montanha.

— Ele precisa mais de você! — Cris sorri com doçura. — Espero que, chegando a minha hora, Pietro aja como a ele.

— Você está? — Escrutino sua barriga.

— Não! — Os olhos escuros arregalam. — Mas que mulher não sonha em ter filhos com o homem que ama?

— Eu sabia, sua malandra! Fico feliz que você e Pietro estejam... — interrompo a frase quando uma porta abre abruptamente e duas mulheres saem do cômodo.

A primeira coisa que noto é que não estão vestidas como os demais convidados; a segunda coisa é que eu as conheço.

Tão iguaizinhas às fotos.

Meu corpo todo estremece e depois pipoca em alerta quando a dupla percebe que não está só. Cris murmura um “*puta que pariu*”, indicando que também as reconheceu. Um grande silêncio se estabelece entre nós. Pelas caras de pegas no flagra, aposto que não esperavam que houvesse mais alguém aqui em cima.

O que essa mulher está fazendo aqui?

Nervosa e sem saber se digo algo ou lhes dou as costas, esfrego as palmas das mãos na saia do vestido, torcendo que não nos reconheçam.

— Mãe? — Rafa dispara assim que sai do banheiro.

Merda!

— Falei que não ia dar certo, Zetta! — A mais alta, que sei que é a Paola, reclama assustada.

Minha mandíbula trava, avaliando a biscate que ousou beijar meu homem.

— O que não vai dar certo? — Rafa avalia a mãe. — Por que estão segurando canudos de arquiteto? — Olha ao redor e depois para nós. — De onde elas vieram? — dispara em um interrogatório.

— Daquela porta ali. — Cris aponta o lugar.

— O que estavam fazendo no escritório?

— Não te interessa! — Zetta adianta-se. — Só saia da minha frente!

— Não! — Rafa impede a passagem. — Te conheço, mãe! Duvido que meu irmão ou o papai tenham liberado a sua entrada.

— Não preciso de autorização para entrar no que é meu! — Ajeita a alça do canudo.

Rafa busca por mim.

— Juliet, aí tem treta! Melhor vocês irem chamar o pessoal.

Assinto e vou em direção à escada.

— Juliet? Então essa é a vagabundinha que quer roubar o que é meu?

Paro o passo e me viro com fúria.

— Vagabundinha uma pinoia! — rosno.

— Rameira sem graça e, pelo visto, pobre. — Paola se mete apoiando Zetta e eu respiro querendo ver aonde a vaca vai chegar. — Tá na cara que não tem berço nenhum. Juro que não sei o que o Alessandro viu em você. — Mede-me da cabeça aos pés e a inveja pinga de seus olhos. Sinto só desprezo. — Olhe pra mim!

Estou olhando!

Tão equivocada, a coitada!

— Quanto recalque, Paola. Tá chateada assim por que o golpe do beijo não rolou ou por que perdeu o Alessandro pra mim? — provoco dando-me conta do quão insignificante ela é. — Ele nunca foi seu e eu não deveria gastar meu tempo com você, mas se quer mesmo saber o que o Aless viu em mim, eu digo: caráter! Uma coisa rara, em falta hoje em dia, que eu duvido que alguma de vocês saiba o que significa.

— Caráter? — Zetta gargalha. — Boceta, Paola. Foi isso que o idiota do meu filho viu. Homens são todos iguais! Quanto mais putas e fáceis, mais caem. Deve ter enlouquecido o trouxa balançando o rabo enquanto o chupava.

O quê?

— Falou a voz da experiência! — Cris dispara.

Minha mão coça implorando por um bom tabefe. *Pense em Dark, pense em Dark, pense em Dark...* Inspiro fundo e balanço a cabeça não acreditando no absurdo que essa mulher é.

Rio de nervoso.

— Errei feio no meu julgamento em relação à senhora. Imaginava que fosse ruim, mas não vale nada! Não é à toa que acabou sozinha!

— O que é isso no seu pescoço? — Os olhos da bruxa crescem em direção ao meu colar. — Mas... elas estavam... Não acredito! — Seu rosto

avermelha-se furioso. — O que fez para conseguir minhas joias? Chupou o meu ex-marido também?

Avanço na intenção de bater, mas Cris me contém segurando meu braço.

— Não fala assim da minha amiga! Não vê que ela está grávida! — esbraveja.

— Cala a boca, sua nanica! — Zetta recua. — Está na cara que essa barriga é golpe!

— Quem vive de golpes é você! Lava essa boca pra falar de mim, sua bruxa! — Tento avançar, mas Cris continua a me impedir. — A senhora pode ser a mãe do Aless e da Rafa, mas se não retirar o que disse, juro que te encho de bolacha!

— Zetta, olha o escândalo, vamos embora. — Paola parece em pânico.

— Não sem antes pegar o que é meu. Essas joias valem mil vezes as telas que pegamos.

— Vocês aproveitaram a festa pra roubar? Planejaram fazer o quê? Jogar a culpa no Carmelo, em algum convidado? — Rafa tenta arrancar o canudo da mãe, mas ela se esquivava. — Dá isso aqui! É da minha família!

— Família! — Zetta revira os olhos. — Isso tudo aqui é meu, sua fedelha! Dediquei meus melhores anos a essa família! Abdiquei de amores! Para quê? Para me virarem as costas, me humilharem e quererem tirar o título que sofri tanto para manter?

— A senhora que pôs tudo a perder! Traiu o papai até o pobre não suportar mais, explorou meu irmão a vida toda e me roubou durante anos! Não jogue nas costas dos outros erros que são seus!

— Ah, me poupe, negrinha. Nem seu pai biológico te quis. Só te

mantive pelo dinheiro, maldita hora que não te abortei quando tive a chance!

— Meu pai me amava! — O rosto de Rafa congela como se tivesse levado um tapa.

Zetta gargalha como se estivesse dizendo não.

Dio Cristo!

Cris me larga para ir abraçar Rafa e volto-me com ira para Zetta.

— Que espécie de monstro é você? Não tem um pinga de bondade nesse sangue gelado? Como uma mãe pode dizer isso a uma filha? — Espalmo protetoramente a minha barriga. — Fico me perguntando como *Dio* pôde permitir uma barbaridade dessas. Tem mulher que deveria nascer estéril! Não percebe que a única coisa boa em você são seus filhos? — digo e seu rosto contorce em repulsa. — Rafa é a pessoa mais adorável e amável do mundo. O que manteve o pai dela afastado foi o nojo que sentia de você! Ele errou, se arrependeu e a amava muito! Tanto que a última coisa que fez em vida foi livrá-la das suas garras, sua golpista.

Zetta abre e fecha a boca sem dizer nada e, como num impasse, o silêncio pesa entre nós. Aproximo-me de Cris e Rafa decidida a tirá-las daqui, mas sou surpreendida pela voz grave de Dark.

— Por que estão demorando tanto? É impossível que um xixi possa... — Para quando os olhos dele cravam em Zetta. — Mãe?

Provavelmente sentindo que a situação não é das melhores, o corpo tenso de Dark gruda nas minhas costas e seus braços firmes envolvem minha barriga.

— Zetta? — O pai de Dark chega a seguir.

— Tia? — Fran junta-se a nós.

— Fodeu! — Pietro corre para abraçar Cris e Rafa.

— Que porra está acontecendo? — Dark fita nossos rostos e fecha a cara ao ver Paola. — Por que estão aqui? Está precisando de ajuda, Zetta? — Volta-se para a mãe.

— Ajuda? Agora? — Zetta ri com escárnio. — Passei uma vida choramingando por mais dinheiro, sofri necessidades, vendi joias para consertar um corpo que você estragou! Implorei que vendesse o apartamento, agora não preciso mais de você. — Os olhos dela ficam vidrados.

Dio, a mulher é louca!

— Mãe, seja o que for que veio fazer aqui... — Dark faz uma pausa e respira. — Pense bem, não vá se prejudicar mais ainda. Se precisa de algo, me diga.

— Preciso que você suma! Sempre soube que seria o motivo da minha desgraça! O título é meu, não seu!

— Zetta, acalme-se! — O pai de Dark se aproxima, mas Zetta recua mais. — Não tem o direito de falar com o Alessandro assim.

— Não tenho? Vocês todos são um bando de cegos! — Joga o canudo no chão e agarra-se à bolsa. — É irônico que o único que conseguiu enxergar foi o louco do Alex. Ele tinha razão, eu merecia um filho melhor! A mania do Alessandro de ajudar a todos, menos a nós, nos levaria à ruína! Quem se importa com caridade?! — Cospe as palavras com nojo e encara o filho. — A *Mountain* nasceu do meu dinheiro e renderia muito mais sem você! Alex, sim, era digno de ser filho de uma mulher como eu: ambicioso, esperto, disposto a me fazer uma rainha. Incapaz de destruir tudo que tenho por causa de amor!

— Zetta, não! — Paola implora.

— Não o quê, sua fraca?! — Zetta berra histérica. — Nem sei por que continuo te dando trela! É outra banana, isso sim! Uma mongol que não

consegue fazer nada certo! Queria dinheiro, vingança e Alex e eu oferecemos um caminho, mas você correu!

— Corri porque não sou uma assassina! — Paola cobre a boca ao se dar conta do que falou.

— Fred... Foi você? — A voz de Dark quase não sai.

— Isso é mentira! Não pode acreditar nela! — Zetta tenta se aproximar.

— Não! — Dark urra.

— Filhinho, Paola só está dizendo isso porque exige que te deixasse em paz!

— Mentirosa! — Paola se revolta. — Foi você que me incentivou a ir atrás dele em Mônaco!

Zetta ensaia uma réplica...

— Chega, cale-se, vadia assassina! — O pai de Dark chega ao limite.

Agarro-me a Dark com medo de que ele desabe. Choque e decepção marcam seu rosto, mas ele não diz nada. O peso das revelações recai sobre todos. Um silêncio mortal nos atinge. Todo esse tempo desconfiei que Paola estivesse envolvida com Alex, mas isso?

A própria mãe?

Um suspiro profundo e sofrido vem de Aless. Posso sentir a mágoa e tensão vibrarem através dele. Sei que ainda há amor da sua parte e talvez, seja isso que mais esteja lhe doendo, mas acabou. Se havia alguma chance de reconciliação entre mãe e filho, os atos ferinos de Zetta colocaram um fim em tudo. Querendo tirá-lo de perto do horror que é essa mulher, esfrego o braço tenso indicando que é hora de irmos. Ela que se entenda com a justiça. Não

há mais nada para nenhum de nós aqui, a não ser corações quebrados e outro vazio. Busco por Rafa e com um sorriso gentil, meneio a cabeça pedindo que faça o mesmo.

Esses dois são bons demais e pretendo passar a vida inteira demonstrando o quanto são especiais, grandes até. A bondade está na alma e não é corrompível. Cresceram negligenciados, cercados por uma mãe abusiva e fútil, incapaz de ter um olhar carinhoso em direção aos filhos e eles estão aí, inteiros, dignos, sem se deixar moldar pelas circunstâncias.

— Não vou deixar que destruam a minha vida! — Zetta tenta uma última vez.

— Você se destruiu sozinha, aproveite a prisão! — Dark rosna por fim.

Sob os olhos chocados de todos e um grito raivoso de Zetta, viramos para a escadaria. Prestes a descer o primeiro degrau, estampidos ocos ecoam no corredor, um, dois, três...

Gritos explodem em todo o castelo. Sinto os baques, não em mim, mas no corpo que me abraça e protege e que tem as costas curvadas em arco como se algo lhe tivesse atingido. Nossos olhares cruzam, o braço firme que me segura afrouxa, Dark ensaia mais um passo trôpego levando-me com ele. Meu sangue congela em um arrepio pesado e sufocante quando tomo consciência do que acabou de acontecer... Apavorada, olho para trás, meu sogro e Fran lutam para desarmar Zetta enquanto Pietro, Rafa e Cris seguram Paola.

Dio!

Meu coração despedaça em mil partes.

— Aless — clamo em um fiapo de voz.

— Juliet — responde no mesmo tom e cambaleia.

Tento sustentá-lo, mas é pesado demais. Grito por ajuda. Meus braços perdem a guerra quando ele cambaleia e se solta de mim. Aos prantos e impotente, assisto-o pisar em falso no primeiro degrau e seu corpo ser projetado para trás para desmoronar e rolar as escadas como uma grande avalanche de rastro sangrento até aterrissar de bruços e inconsciente.

Disparo escadaria abaixo, quase perco o equilíbrio ao cruzar com um bando de homens que sobem gritando como se estivessem em guerra; sigo em frente, quase caio novamente devido aos saltos e o vestido longo e me lanço de joelhos ao lado do corpo imóvel assim que meus pés tocam o piso.

— Aless! Aless!

Pessoas tentam se aproximar e falar, mas não ouço nada. Existe apenas Aless. Acaricio seu rosto, toco o ponto onde a pulsação fraca me diz que ele ainda está comigo. Solto um grito aliviado, desesperado, angustiado e rouco. Começo a apalpá-lo em toda a extensão das costas. Tudo é um borrão através das minhas lágrimas pesadas. Volto para o rosto.

— Aless, Aless, Aless. Abre os olhos, vai. Diz pra mim que tudo vai ficar bem! — Recomeço a busca e minhas mãos se tingem de sangue ao tocar a base de suas costas.

Não, não, não, não, não!

— Ele está ferido! — Afasto o terno do smoking revelando o mar vermelho. — Preciso de um médico! Temos que estancar o sangramento.

Maldita hora para a Pam estar de plantão!

— Já chamaram os paramédicos! — alguém grita.

— Devem chegar a qualquer momento! — outro emenda.

A qualquer momento é muito tarde!

Nem imagino o estrago que há por dentro, mas sei que impedir que a

hemorragia se alastre é vital e manterá a pressão dele estável. Guiada pelos treinamentos de resgate e primeiros socorros, pressiono as feridas e tento estancar com as mãos. O sangue flui entre os meus dedos. Numa manobra rápida, embolo o tecido abundante do meu vestido e volto a pressionar firmemente a área.

— Aless, aguento firme. Lute! — Pressiono mais. — Eu não existo sem você! Então, lute, está entendendo! Lute, caramba! — rujo como uma soldada.

Sinto a presença de Cris e Rafa. As duas choram e clamam por ajuda, mas não posso fazer nada para consolá-las, não agora. Tudo que há é Dark. Uma mão enrugada e trêmula aparece no meu campo de visão oferecendo toalhas. É Carmelo. Aceito e substituo o vestido por elas.

Sirenes ecoam ao longe.

— A ajuda já está chegando, Gigante. Aguento firme, ouviu? Eu te proíbo de ir embora! As *bambinas*! Aguento por elas!

Minha visão fica turva e quase desabo. Grito e tiro forças de não sei onde, mas mantenho-me firme. Não é sobre mim, é sobre Aless, não posso sucumbir. Sugo o ar para afastar o mal-estar e continuo a pressionar.

Estou fraca, tão fraca.

Não desista de mim, Baixinha. Pressione aí!

Escuto Aless dizer, mas sei que é minha mente pregando uma peça. Projeto o corpo e aperto com tudo.

— Preciso de mais pressão aqui! — imploro.

As mãos enormes de Nick surgem se juntando as minhas.

— Conheço esse filho da puta! Já o vi em situação pior. Ele vai sair dessa, confia, Juliet, confia!

Meneio a cabeça só porque me recuso a aceitar que esse será o fim. Afinal, o que pode ser pior do que isso?

Meu corpo é puxado para trás em um aperto firme. Esperneio, me debato, tento voltar para Dark... Homens de azul assumem meu lugar.

— Calma, *bella*. Agora é com eles. Pense nas *bambinas*. — A voz de Fran ecoa doce e cadenciada em meus ouvidos. — O primo precisa que você cuide das meninas. Calma, vai dar tudo certo... Calma, calma, calma. — Embala-me como se eu fosse uma criança frágil.

Exausta, deixo meu corpo desabar, sem forças, contra o dele. Lágrimas fluem ao ponto do ar me faltar. Ofegante e no chão frio e manchado de sangue, assisto o meu mundo ruir.

Dor. Dor. Dor.

Quando Julio morreu, uma parte do meu coração foi arrancado de mim. Agora é todo ele. Sem Dark, não vou conseguir, sei que não vou!

Dio, não faça isso comigo! De novo não!

Não desista de mim, Baixinha.

Meu coração vibra. Conecto-me a essa esperança. E com toda a fé que há em mim começo a rezar e a implorar a *Dio* para que lhe dê forças. Oro para todos os anjos e a *Madre Santissima* para que ajudem Dark a lutar e a resistir como o Titã que sei que ele é.

Ele tem que viver!

Que esse maledetto nem ouse desistir em nos deixar!



Sem desgrudar os olhos da área restrita do centro cirúrgico, acaricio roboticamente os cabelos de Rafa. A pobrezinha, que não desgrudou de mim desde que chegamos e Aless, que foi carregado para a emergência, sucumbiu aos calmantes ministrados por Pam e adormeceu com a cabeça em meu colo.

Quatro horas e meia...

Esse é o tempo que estou aqui, sentada num sofá azul, entorpecida por uma dor que não dá trégua. Calmantes para quê? Não preciso deles, não há nada que possa amainar a angústia que dilacera meu peito.

— Senhora. — Uma enfermeira me chama delicadamente. — Trouxe um pouco de suco. Não colocou nada no estômago desde que chegou.

Vou da porta do centro cirúrgico, para Rafa adormecida e depois para a enfermeira e seu copo.

Aless!

Merda! Estávamos tão felizes!

Seguro a vontade de me agarrar a ela e gritar desesperadamente por justiça e por um milagre que faça o tempo voltar atrás. Inspiro, expiro, inspiro e expiro. *Calma, calma, calma...* Fran está certo. Preciso ter calma, minha dor não tem relevância, só as *bambinas* e Dark importam.

— Viu o que a doutora, que lhe examinou, disse: as bebezinhas estão bem e sua pressão estável, mas se não quer medicação, pelo menos, deve se

manter nutrida — diz como uma mãe que não aceita recusas.

Esfrego os olhos inchados e já sem lágrimas, e recaio a atenção para o vestido manchado de sangue. Um arrepio me faz ofegar. Foi real. Balanço a cabeça para controlar a náusea que a imagem provoca.

Precisando focar em outra coisa, que não no sangue de Dark, aceito a bebida e me forço a tomar tudo.

— Será que poderia tentar descobrir como anda a cirurgia? — Entrego-lhe o copo vazio. — Pam prometeu dar notícias, mas até agora nada.

— A demora é sempre um sinal de vida. — Sorri numa tentativa infeliz de me acalmar. — Tudo bem, vou ver o que eu consigo. — Pisca com cumplicidade.

Acompanho-a sair. Sons baixos vindos do outro extremo de corredor me distraem da enfermeira. O pai de Dark, Fran, Nick e um policial conversam com expressões tensas. Foi bom terem barrado a entrada da imprensa e convidados no hospital e convencido Pietro e Cris a irem para a vinícola conversar com Maria e Giovanni. Tento captar algum fragmento da conversa do quarteto, mas estão longe demais. Volto para a minha vigília à porta da cirurgia.

Tique-taque... Tique-taque... Tique-taque...

Dio, quanto tempo mais?

Com o coração apertado, aguardo o retorno da enfermeira e nada dela dar as caras.

Dio, e se? Não!

“A demora é sempre um sinal de vida.”

Alternando entre a esperança e o desespero, eu espero... Espero... Espero... E a cada segundo sem notícia sobre o estado de Aless, minha alma

encolhe mais um pouquinho, chora e berra em lamúrias silenciosas... A garganta dói... Aliás, tudo dói e está anestesiado ao mesmo tempo. Estou tão cansada. Não tenho mais forças e nada do que eu possa dizer fará diferença ou mudará o terror provocado por Zetta.

Uma mãe contra um filho.

Três disparos.

Dois deles atingiram Dark.

O homem, meu homem, que está entre a vida e a morte.



— *Passarinha, acorde, Passarinha...*

Apesar do carinho acalentador em minha bochecha, desperto aturdida e piscando várias vezes minha incompreensão. Aos poucos, os rostos amorosos dos meus pais entram no meu campo de visão.

Não entendo? Onde estou?

— Oi, barrigudinha.

— *Papà?* — Minha garganta seca e dolorida arranha.

— Viemos assim que soubemos. — *Mamma* sorri parecendo ter chorado.

Souberam?

Tiros... Sangue... Dark.

— Aless!

Aterrorizada e sem entender como vim parar em uma cama, sento-me tão rápido que quase bato a testa com a do meu *papà*.

Tudo roda e o quarto é apenas um borrão. Respiro o cheiro dos meus pais... Casa. A presença deles me conforta, mas sei que não largariam o

restaurante e despendariam de Roma para cá se a coisa não fosse grave.

Dio!

— Aless, ele, não me digam... — O pânico e a dor me fazem calar.

Cubro a garganta com a mão numa tentativa de amenizar o ardor.

— Calma, Passarinha. Tudo no seu tempo, precisa estar forte, passou horas apagada. Quer água?

Horas? Eu quero o Aless!

Agarrando o copo que *mamma* oferece e tomando tudo em um gole, joga os pés para fora da cama e levanto. Tudo roda novamente, a náusea vem com força e só não me estabaco no chão porque os braços ágeis do meu *papà* vêm para me sustentar.

— Ô, calma lá, mocinha.

E essa bata enfadonha de hospital?

— Cadê o Aless? — Tento me desvencilhar do abraço protetor do meu pai. — Quanto tempo eu fiquei fora? Por quê?

— Vinte horas — *mamma* esclarece. — A doutora disse que você estava exaurida e montando guarda na porta da cirurgia e achou melhor...

— Vinte horas? — interrompo indignada. — Enfermeira bandida! O suco, só pode ter sido o suco! Cadê o Alex?

— Foi uma cirurgia longa, mais de doze horas. — Meu *papà* começa cauteloso. — Os médicos tiveram que reconstruir...

— Por favor... Onde. Ele. Está?

— Em recuperação na UTI — *mamma* diz finalmente.

Uma onda de alívio e gratidão amortece meu corpo e minhas pernas bambeiam.

Vivo! Obrigada, Dio e Madonna Santissima.

— Vamos! — Precisando ver e sentir meu Gigante, começo a arrastar *papà*, mas ele me breca. Viro impaciente para ele. — *Dio*, o que foi agora?

— Sua bunda! Meu genro pode ser um super-homem e sobreviver a tudo, mas te garanto que enfarta se souber que andou pelos corredores com essa bunda de fora! Donna, faça alguma coisa!

— Dane-se a minha bunda! — Puxo as aberturas traseiras da camisola, recompondo-me. — Infarto fulminante vou ter eu se não for vê-lo agora!

— Passarinha...

Com uma cara de “*não seja teimosa!*”, minha mãe retira o cardigã amarelo e comprido que usa, e me oferece.

Visto e disparo como um foguete porta afora, ganhando os corredores.

— O chinelinho!

Ouçó minha mãe gritar, mas ignoro. Apressada e com meus pais atrás de mim, percorro os corredores guiada pelas placas que indicam a UTI, no segundo andar.

Quase sem ar, chego ao meu destino. Assim que me vê, Cris levanta e corre para mim. A antessala da UTI está lotada.

— Amiga, fiquei tão preocupada com você!

— O Aless, já conseguiu vê-lo?

— Não. Acordou cerca de meia hora, mas só pode entrar um por vez.

Fran e Pietro juntam-se a nós. Pela falta de cumprimentos, deduzo que já viram os meus pais. Aceno para Maria e Giovanni, que conversam

com Nick e Cris.

— Como você está? — Fran me abraça.

— Desesperada para ver o Aless.

— O Conde está lá dentro. Vou avisar a enfermeira que está aqui.

Fran vai até uma janelinha na parede e bate. O espaço de tempo entre ele ser atendido e as portas automáticas da UTI abrirem parece um século.

Corro assim que vejo o pai de Aless sair vestindo uma bata semelhante à minha.

— Como ele está?

Espero o meu sogro se livrar da máscara.

— Na medida do possível, bem. — Abraça-me, beijando o topo da minha cabeça.

— Será que eu já posso vê-lo?

— Pam virá pra te levar até ele. Aless acordou agitado, tá dando um trabalhão danado para os enfermeiros. Por mais que eu tenha falado que você está bem, o teimoso não acredita. Tá lá berrando com todos, exigindo que o levem até você.

Pela primeira vez em horas, dou risada.

Se ele está berrando é bom.

As portas automáticas reabrem e meu coração acelera ansioso ao ver Pam. Escrutino o rosto cansado. Vejo preocupação, mas não há desespero.

Isso é bom, não é?

— Como ele está? — Seguro a vontade de passar por ela e invadir a UTI.

— Na medida do possível, bem. — Sorri sem vontade.

Meu coração aperta.

— Pam, como ele está? Sei que o estrago foi grande, eu vi. — Pressiono os lábios ao lembrar-me da cena. — O que na medida do possível significa?

Todos se aproximam formando uma rodinha atenta em torno dela.

— Alessandro está fraco, perdeu muito sangue. Você o salvou, Juliet. — Olha-me com admiração. — No seu lugar e sendo quem era, não sei se eu faria o que fez. Sua presença de espírito e agilidade em pressionar o ferimento para estancar a hemorragia foi vital, arrisco a dizer que, se não fosse por você, ele não chegaria vivo até nós. Só que... — interrompe a fala parecendo buscar as palavras.

— Só que o quê? — pressiono.

— Zetta foi cruel. — Suas mãos vão parar no rosto em uma atitude exausta. — A demônia é uma atiradora exímia — diz e o Conde meneia a cabeça, assentindo. — Cresci vivenciando as maldades dela e nada tira da minha cabeça que o tiro nas costas do Alessandro não foi um erro de cálculo. Cris me contou o que houve. O K2, Alex... É claro que Zetta sabia que era o fim da linha. Aposto um braço que em sua mente perversa era justo um elas por elas.

Um som doloroso e profundo brota no peito do Conde.

— Um elas por elas? — Minha mente não capta.

— O condado pelo alpinismo — Fran traduz e leva as mãos à cabeça.

O quê?

Começo a tremer e minha mãe me abraça.

— Filha da puta! — Nick dispara.

— Não pode ser! — Meu *papà* esbraveja. — É inimaginável que uma mãe... Que *figlia di puttana*!

— A culpa é minha — o pai de Aless admite em um sopro.

— Não, tio! — Fran o abraça carinhoso. — Que a tia sempre foi meio má, todo mundo sabia, mas é inimaginável uma maldade desse porte.

— Você está querendo dizer que o chefe, que ele... — Amparada por Pietro, Cris desata a chorar.

Seguro a vontade de gritar.

— Pam — murmuro em uma súplica.

— Uma das balas atingiu o baço; e a outra, por milímetros, não transpassou a coluna. A medula e nervos não foram visivelmente afetados, mas a vertebra L1 na lombar foi comprometida. Conseguimos reconstituí-la com uma prótese de titânio. É esperado que ele fique sem sentir os membros inferiores por alguns dias, mas é uma roleta russa. Em vinte por cento dos casos, os pacientes com lesões similares simplesmente sucumbem à dor, se entregam e não voltam a andar. É uma recuperação dolorosa, Juliet, vai depender muito dele^[84].

— Se entregar? O meu Aless? — Agito a cabeça em uma negativa enfática. — Nunca! Esse não é o Gigante! Não vou deixar! Pam, se não me levar até ele agora, vou arrebentar essa porta no chute!



Dark

Sinto a presença de Juliet antes mesmo de vê-la. Minha alma acalma no segundo em que viro a cabeça e nossos olhares se cruzam.

Ela está bem.

— Oi. — Escrutina-me parecendo uma coelhinha assustada.

Estico o braço no limite que as intravenosas permitem e gesticulo que se aproxime.

— Se não vier me abraçar agora, vou achar que estou mais fodido do que penso que estou — brinco detestando a fraqueza em minha voz. — Vem, Baixinha. Preciso te sentir.

Ainda sem se mexer, Juliet ofega e busca o consentimento de Pam, que assente com um sorriso doce.

— Abrace, mas não aperte. — Pam pisca incentivando-a.

Em um segundo, Juliet está debruçada sobre mim, abraçando-me.

— Adorei a cor do casaco — sussurro.

— É da *mamma*. Que susto danado. — Afunda o rosto no meu pescoço e sinto suas lágrimas umedecerem minha pele. — Te amo tanto, tanto... Por um segundo, pensei que fosse o fim.

Eu também pensei.

Capturo o rostinho angustiado entre minhas mãos.

— Shhhhh... Somos pra sempre, Baixinha. — Abro um sorriso e resvalo nossos lábios. — Não precisa chorar, acabou. Estou aqui, inteiro.

Seu choro aumenta e eu a abraço.

É... Pelo jeito, Juliet também já sabe o que todos tentam me esconder. Tolos, soube que estava fodido no instante em que recobrei a consciência. Conheço meu corpo. Eu sinto, ou melhor, não sinto! Não querendo pensar na merda fodida em que minha mãe me meteu, embalo-a como um bebê, deixando que a alegria e o alívio por ter minhas três mulheres protegidas e acolhidas em meus braços tomem conta.

— Aless...

— Shhh, tá tudo bem. Prometi não deixar que nada nos separe, não prometi? — murmuro e beijo o topo de sua cabeça.

— Prometeu.

— Como estão nossas *bambinas*? — Mudo para um tema que sei que a deixa feliz.

A cabecinha morena levanta e me encara.

— Bem, são guerreirinhas como o pai. — Sorri doce iluminando ao redor. — Agitadas, agora que ouviram a sua voz.

Buscando uma força que quase não acho, manobro o corpo de Juliet para tocar meu lugar preferido no mundo.

— Ôoh, minhas baixinhas, o papai está bem. — Sorrio quando as sinto mexer. — Só um pouco fodido, mas bem — rio. — Obrigado por serem fortes e cuidarem da mamãe.

— Alessandro, olha o exemplo! — O nariz de Pam enruga. — Será possível que nem drogado, essa boca suja dá um tempo?

— Ihhh, Pam, dizem que com a idade a tendência é só piorar — Juliet me provoca um pouco mais animada.

— Tá me chamando de velho?

— Eu não! — Os olhos castanhos brilham. — Amo sua boca suja e não duvido nada que a primeira palavra que elas digam seja *cazzo*.

Dou risada, ela falha e Pam fecha a cara.

Merda!

— Bom, casal. Odeio ser estraga-prazeres, mas o Alessandro precisa descansar.

Como se estivesse sincronizado com Pam, o bosta do enfermeiro

entra no meu leito. Olhando para mim com receio, ele injeta alguma bomba qualquer no meu intravenoso.

— Pensei que eu pudesse ficar com ele. — O corpo de Juliet gruda-se mais ao meu.

— Infelizmente não. Na UTI acompanhantes não são permitidos, até mesmo as visitas são restritas. Juntos só quando for ele transferido para o quarto. Alessandro tá muito agitado e essas próximas horas são cruciais. Preciso desse teimoso entregue a Morfeu^[85], só assim para mantê-lo quieto e não destruir nosso trabalho.

Tento dizer que não vou ficar aqui sem Juliet, mas minha língua embola.

Que cazzo de bomba foi essa?

Com os olhos ficando pesados, fuzilo o enfermeiro em uma promessa silenciosa de: “*você me paga!*”



Cinco dias transcorrem até que, finalmente, sou liberado da UTI. Deitado em uma maca, conto as luzes fluorescentes que passam no teto para afastar os pensamentos sombrios. Por mais que acredite nos médicos e tenha me mantido positivo, não sentir as pernas é a porra do caralho de uma sensação desesperadora!

O que pensei que seria só eu e Juliet, se transforma em reunião de família. Os enfermeiros saem e depois de um alô coletivo onde Rafa se joga sobre mim, chorando como se eu estivesse prestes a morrer, *Nonno* se aproxima e com um olhar enviesado para Madá, ajeita meus travesseiros. O velho está aborrecido por não ter sido avisado assim que tomei os tiros e mesmo não tendo se curado totalmente do resfriado, achei melhor aceitar sua

oferta de ajuda na vinícola.

Engulo o nó na garganta. Não posso cair. Por mais que minha vontade seja de gritar e sair xingando o mundo, me contenho. *Funcionem, suas merdas!* Fuzilo minhas pernas imóveis, depois respiro fundo e admiro os rostos esperançosos que estão aqui para não me deixar desabar. *É foda!* Até Nick adiou sua volta a Paris e tem se revelado um amigo fiel. Josh ligou e queria vir, mas ainda não foi liberado pelos médicos.

Grande dupla de alpinistas fodidos nós somos!

Porra de pernas que não me obedecem!

Sorrio só para tranquilizá-los.

Virei notícia no mundo. Todos estão chocados com a trágica história do conde alpinista e sua mãe assassina. A mulher fria e calculista que atentou contra a vida do filho, duas vezes, e que está sendo apontada como mentora da morte de Fred. Empresas estão oferecendo patrocínio solidário e até o Papa orou por mim.

O Papa!

Busco por aquela que tem sido minha fortaleza e tem se recusado a deixar o hospital. Juliet sorri impaciente do sofá onde está espremida entre os pais.

Pois é, Baixinha, também estou louco para termos alguns momentos a sós, mas, pelo cheiro de macarronada no ar, desconfio que não será tão cedo.

Soube por Maria que o carcamano do Peppe assumiu o posto de cozinheiro da equipe, contrabandeando refeições completas para o quarto que Pam disponibilizou para Juliet numa tentativa de manter a ordem no hospital. Pois é, nada como uns bons tiros para fazer um sogro dar uma trégua.

Bato no colchão pedindo que Juliet venha se sentar ao meu lado.

Assim que o faz, acaricio a barriga que parece ter crescido mais nos últimos dias.

— E aí? Novidades desde que me apagaram pela última vez? Que engravatado, com cara de azedo, é aquele que me seguiu da UTI até aqui?

Um grunhido angustiado vindo de *Nonno* surpreende a todos.

— Filha desnaturada! Nunca irei me conformar! Se não a tivesse visto nascer, juraria que era adotada! Que tragédia!

— Esquece isso, *Nonno*. — Com dificuldade arrasto meu corpo ajeitando-me na cabeceira. — Já discutimos o assunto. A maldade de Zetta não tem nada a ver com o senhor!

— Geral na internet chamando a mãe de vocês de psicopata — Pietro informa.

— Aless e eu não temos mais mãe. — Rafa cruza os braços. Não a contradigo, sinto o mesmo. — Tomara que minhas sobrinhas não puxem aquela lá.

— *Dio!* Bate nessa boca, Rafa! — Cris, Fran e Juliet gritam ao mesmo tempo.

Vou deles para o meu pai, que olha através da janela parecendo alheio à gritaria.

— Que cara preocupada é essa, pai? — especulo mesmo que desconfie que seja eu.

Ele vira para mim, parece titubear, mas acaba falando:

— O engravatado lá fora é Lorenzo, advogado da Zetta. Pelo que disse, os dois já tiveram um envolvimento e ele é louco por ela.

Putá que pariu! Outro amante?

Inclino a cabeça, absorvendo a informação.

— Pronto! Mais um doido caindo na dela! — Fran revolta-se. — Como pode?

— Vi num documentário que psicopatas são extremamente sedutores, chegam a enredar promotores e até psicólogos experientes e acostumados à escória. Dominar um cara pirado como o Alex deve ter sido fácil — Nick pondera.

O rosto do meu pai franze como se tivesse sido atingido por um tapa.

— Pois é, Zetta é excelente com máscaras. A de agora é da mãe arrependida que implora clemência e perdão ao filho. É isso que o almofadinha lá fora espera de você.

Um burburinho indignado de: “*não*” e “*nem pensar*”, domina o quarto. Nem um pouco surpreso, esfrego o rosto. Já esperava por algo assim vindo de Zetta. Tentando mexer minhas pernas estáticas, respiro fundo.

— Perdão. Pra que serve essa porra mesmo? — Jogo a questão e o silêncio impera.

Observado por todos, coço a lateral do pescoço e depois a barba, experimentando o sabor da palavra. Perdão... É doce, libertador. Penso em Alex... Nick tem razão, o cara é louco, um coitado que precisa da minha ajuda, não do meu perdão. Paola é uma amarga invejosa, que não merece um segundo do meu pensamento. Ela já está pagando; além de uma condenação óbvia por ser cúmplice em roubo, seu maior castigo será a perda da imagem de boa moça. Até posso perdoá-la, mas Mônaco não.

Pondero sobre minha mãe e um gosto amargo e tóxico revira meu estômago.

Chega disso!

— Sabem de uma coisa? Cansei, meu saco estourou! — começo em tom exaltado. — Passei anos remoendo e me culpando pela morte de Fred e

isso só me fodeu, me levou pra baixo. Não vou repetir o mesmo erro. Tenho a mim para curar e uma família para cuidar. É perdão que Zetta quer? Que seja. Eu a perdoo. — Franço o cenho e a boca como se não fosse grande coisa. — Perdoá-la vai me tirar um peso das costas, não vou ficar à mercê da ira, ruminando por vingança. Quero me libertar de sua presença tóxica, deixá-la ir. — Puxo o ar e o choque domina as feições de todos. — Não me olhem assim! Meu perdão não é fraqueza de um filho dominado pela mãe, muito pelo contrário. Faço por min, não por ela. Perdoá-la não significa conviver e me coloca em posição de controle. Eu tenho o poder sobre minhas emoções, eu comando meus passos em relação à Zetta, não ela. Agora, clemência? — Um sorriso sarcástico abre-se em meu rosto. — Nem por um caralho! Sou bondoso, não otário. Avisem ao carinha lá fora que podem esperar o pior de mim nos tribunais!



41.1

Teu paraíso é aqui

Juliet

Indignada e com as mãos nos quadris observo o ex novo fisioterapeuta sair e bater a porta.

— Aless, quinze dias e é o sexto fisioterapeuta que você expulsa! Entendo que esteja frustrado, mas, desse jeito, os médicos não vão te dar alta nunca!

— Alisar minhas pernas e dar choquinhos não vai me fazer andar.

— É o protocolo. Não pode pegar pesado. As coisas ainda estão se curando aí dentro.

Um grunhido totalmente frustrado vem dele. Esfrego o rosto afastando minha própria frustração. Hoje faz vinte dias desde os tiros, os últimos exames indicam que a prótese na vértebra aderiu e a cicatrização anda melhor do que o esperado, mas o que aconteceu com Aless não foi brincadeira. *Aaaaah, droga! O processo de Zetta, a falta de movimentos, de sexo...* É claro que meu Gigante está por um fio.

Respiro fundo e abro um sorriso doce.

— Amor da minha vida, desistir agora, quando estamos tão perto, não é opção. Não vou deixar. — Meu coração encolhe com a falta de ânimo com a qual ele estava esses dias. — Topei adiar o casamento em um mês, não cancelar! Tá vendo isso? — Esfrego minha barriga redonda. — Quero andar

até o altar, não rolar. Mais algumas semanas bato os sete meses e nem o saco do gás vai caber em mim!

O *maledetto* começa a rir.

Hã?

— Você acha tanto que vou desistir, que estou pensando em não desistir só pra te irritar — ironiza.

Seguro a vontade de pisotear o assoalho para não o esganar. Respiro.

— Que foi? — Dark parece se divertir. — Essa carinha vermelha é de medo que eu consiga, ou tesão pelo que te aguarda? Nem pense, VOCÊ, em desistir da promessa que me fez.

Meu cuzinho ansioso trava.

Maldita hora que prometi essa merda!

— Não vou desistir. — Penso em quanto ele se animou depois disso.

— Acho bom comprar um lubrificante dos bons — sugere e eu gemo de vontade. — Vinte dias sem sexo. Não imagina as coisas que tenho sonhado fazer com você. Meu pau até deu uma reagida. — Sorri safado e eu bufo. *O que a volta de um pau à vida não faz?* — Esquece os médicos, não preciso de fisio, preciso trepar. Bem que você poderia liberar só um dedinho pra eu matar a saudade. Até deixo você escolher qual?

Cristo, o que deu nele? Bipolarizou?

Ele espalma a mão enorme e eu gemo mais.

— Olha, eu te amo e prefiro mil vezes o sarcasmo sacana de hoje à apatia mórbida de ontem, mas não vou arriscar com você quando sinto que estamos tão perto.

Batidas na porta interrompem a nossa conversa. Quando vejo quem é, o que era frustração vira irritação.

— Olááááá... Como está o meu paciente preferido?

Hã?

— Roberta? O que faz aqui? — disparo indignada.

Pam me garantiu que a enfermeira sexy, entregadora de calcinhas, não chegaria nem perto de nós. Capricho no fuzilamento visual, mas a despudorada me ignora. Seus olhos azuis estão vidrados em Dark.

— Onde está o Carlo? — ele indaga sem muita paciência.

— Magoado e recusando-se a continuar com você, me ofereci para o posto. — Um sorrisinho sugestivo aparece ao mesmo tempo que ela umedece os lábios vermelhos-sangue com a pontinha da língua. *Essa cor deveria ser proibida por aqui!* Meus pulsos fecham. — Prometo que vou fazer gostoso. Estava com saudades desse corpão! Hora do banho, garanhão, *roaaaaaar...*

Como é que é?

Ela rosnou?

Como uma lagartixa preta, salto ficando entre eles.

— Nele você não toca! Passa essa bucha pra cá, sua despudorada! Eu dou o banho. — Agarro a bacia que ela segura.

— É minha obrigação!

A desgramada puxa de volta.

— Não é mais! — insisto em um contragolpe.

Ela revida, aplico mais força e a bacia escapa, sai voando para aterrissar sobre as pernas de Dark.

— Ai, ai, porra!

— Viu o que fez, sua gorda?

Congelo.

— Gorda o cacete! Ela está grávida!

Continuo congelada enquanto Dark dispara vários impropérios expulsando a enfermeira.

— Calma! Como eu iria adivinhar que estivesse grávida? — A mulher finge inocência ao recolher a bacia vazia.

— Menos, Roberta! Você já nos viu juntos, vamos casar! Bolgheri inteiro sabe disso, menos você?

O rosto dela avermelha-se.

— Vi juntos, não trepando! — diz e Dark rosna. — Aaaah, quer saber? Carlo tem razão, você está insuportável. Essazinha que fique aí te aguentando. Melhor eu ir buscar mais toalhas e lençóis novos que ganho mais. — Sai apressada e batendo a porta.

— Juliet, não liga para o que ela disse, vem cá.

Não me movo e Dark esfrega as pernas encharcadas.

— Juliet.

— Você disse ai, ai... — murmuro em um chiado.

— Claro que disse, a porra da água estava pelando!

— Ai, ai. — Meus olhos marejam. — Ai, ai, é uma sensação, não é? — Ofego.

Quando a compreensão do que digo o atinge, os olhos dele crescem em direção as pernas e lágrimas começam a verter através deles.

Apresso-me até ele, abraçando-o.

— Você sentiu, meu Gigante! Suas pernas! Você as sentiu!

Assentindo com veemência, o corpo enorme estremece em meus braços, não há palavras, apenas um longo e profundo suspiro de alívio.

Ele sentiu. Ele sabe. Zetta não conseguiu.



— Alessandro Salvatore Bolgheri! Se não abrir essa merda já, eu vou arrombar! Tá tudo bem aí? Aless!

Sem saber onde se meteu e exausta, encosto a testa na porta do banheiro. Desde que Aless recuperou a sensibilidade nas pernas e recebeu alta, parece que uma chavinha virou dentro dele. O Gigante acordou ainda mais determinado. Tivemos que aceitar algumas condições e fazer adaptações, uma delas foi virmos provisoriamente à casa do *Nonno*, única com um quarto no térreo e acesso facilitado para a área externa.

Lá se foram mais dez dias e graças à ajuda de Fran, que adaptou a garagem e assumiu a fisioterapia do primo, Dark conseguiu recuperar parte do controle das pernas, mas ainda não ficou de pé sem ajuda.

Calma, Juliet... Um dia de cada vez.

Suspiro com a testa ainda grudada à porta. Tenho ajudado em tudo que posso, mas minha barriga, cada vez maior e pesada, me impede de muita coisa. Então fico mais no apoio moral e nas massagens, já que, *Nonno*, novo companheiro de quarto do neto e cão de guarda da minha virtude, assumiu os cuidados noturnos e os banhos. Coisa, aliás, que Aless deu para querer fazer sozinho.

Droga, não me conformo!

Pam fez a cabeça do *Nonno* sobre: nada de intimidades. O velho tem agido como se as *bambinas* fossem uma espécie de milagre e eu, uma donzela casta! Nessa, minhas interações com Dark não têm passado de carinhos e beijos roubados.

Espero um sinal de vida e nada. Penso que ele pode estar se masturbando, mas não, Aless não é um gozador silencioso. Preocupada e um

pouco irritada com seu silêncio insisto:

— Aless, por favor.

Estamos a quinze dias da nova data do casamento, tudo o que não preciso é que ele se machuque de novo.

— Aless...

A fechadura destrava. Entro e não sei se rio ou choro.

Homem teimoso!

O antigo e amplo banheiro, cujo boxe foi retirado e barras de apoio foram instaladas para facilitar o acesso, parece um campo de guerra. O vapor de água torna o ar mais denso e nublado, frascos de produtos de higiene estão espalhados pelo chão, juntamente com toalhas e algumas peças de roupas.

Dio, Madá não vai gostar, nada, nada dessa baderna!

A molhadeira é geral.

Inspiro levando meu foco para o homem que me olha com ares vitoriosos de sua cadeira de rodas, sem laterais e adaptada para o banho.

Hummm... Ele cheira tão bem.

— *Nonno* não tinha que estar te ajudando nisso?

— Ele tinha uma consulta no oftalmo.

— Por que não me chamou? Poderia ter se machucado.

— Acho que já sou bem grandinho.

Nossa, beeem grandinho.

— Mesmo assim. — Foco em tudo, menos nele.

— Deixa de ser boba. Olhe para mim. — Abre os braços, em cruz, exibindo-se. — Limpo! Ficou preocupada à toa.

— Sempre vou me preocupar com você.

Suspiro e minhas bochechas coram ao inspecionar o peito nu, tatuado e molhadinho. Isso é até maldade com uma mulher grávida e privada de sexo. *Pam bandida! Dio!* Mordo os lábios para a maravilha de músculos que ele é. Mudo o foco para a protuberância escondida sob a toalha.

Salivando de saudade, fecho a porta e alcanço uma toalha seca largada sobre o balcão da pia.

— Ainda têm umas *aguinhas* aí. — Agitando a toalha, gesticulo para o corpão todo. — Posso ajudar com elas, se quiser.

— Quero — aceita com um grunhido rouco.

Inclino a cabeça decidindo por onde começar. Há algo de diferente nele, parece mais viril, mais potente... O excesso de testosterona fica bem nele. Seus olhos percorrem meu corpo e um brilho malicioso brota neles. Escondendo um sorriso, ele tira a toalha do colo e meus olhos dobram de tamanho.

Provocador de uma figa!

Não querendo demonstrar o quanto me afeta, mas já demonstrando, devoro visualmente cada centímetro do corpão maravilhoso. O conjunto: pernas grossas e peludas, abdômen trincado e pau majestoso me fazem querer subir pelas paredes e uivar.

Quero! E quero muito!

Livro-me dos chinelinhos e me aproximo. Com um dos pés puxo a toalha descartada para proteger os meus joelhos. Um pouco ofegante, apoio a mão direita no mármore escuro da pia e, com certa dificuldade, ajoelho diante dele agradecendo que meu vestido verde, com estampa de minúsculos fuscas azuis, em estilo envelope, é maleável e larguinho.

Delicadamente, afasto as coxas grossas e me aproximo. O resultado da boa alimentação combinada com fisioterapia intensiva é gritante. Seu

corpo nunca esteve tão trincado e delicioso. Prendo meus cabelos em um nó alto e como uma gueixa submissa, começo enxugando os pés, depois as panturrilhas.

Um grunhido masculino e prazeroso ressoa. Sorrio satisfeita. Ao contrário de quando o massageio depois das sessões exaustivas com Fran, a intenção dos meus toques não é relaxá-lo. O momento é tão íntimo e sentir a rusticidade de seus músculos, tendões e pelos faz minhas partes sem-vergonhas se encherem de tesão.

Talvez se eu fizer todo o esforço, Pam não vá reclamar.

Lembro-me das ereções matinais desperdiçadas, que têm sido uma constante. Sei que Aless tem se aliviado sozinho. *Egoísta!* Saudosa e sedenta, não resisto, largo a toalha e com a pontinha da língua capturo algumas gotículas de água no interior de sua coxa.

— Juliet. — Um grunhido vem.

— Que foi? Tô fazendo algo errado?

O olhar escuro e faminto, que recebo, diz que não. Num esforço, ele abre mais as pernas escancarando-as. Orgulhosa de seus progressos, sorrio e arrisco lambidinhas no interior da outra coxa e à medida que minha língua desliza para cima, a respiração dele acelera.

Num movimento lânguido, inclino e lambo o escroto de baixo para cima e, cravando as unhas nos músculos rijos de suas coxas, abocanho uma das bolas. A arma poderosa engatilha como resposta! *Obrigada, Dio!* Dark ruge, remexe, xinga, mas não me afasta.

Dou atenção às bolas, brincando e devorando cada uma delas, antes de segurar o pau já duro, provocar a glândula com a língua e engoli-lo numa levada só.

— Porra, caralho!

Mão grandes vêm para as laterais da minha cabeça forçando-a para baixo. Gemo extasiada de prazer, empalada por Dark. Chupá-lo é uma das coisas que mais aprecio, então, capricho mesmo e mando ver. Chupo, lambo, ordenho, engulo, mamoo e a cada gemido de prazer que ele dá, intensifico mais o ataque.

Protegida pela minha barriga, deslizo minha mão livre para a boceta. Estou tão molhada e excitada. *Dio!* Afasto a calcinha e começo a dedilhar.

— Coelhinha safada!

Quase choro quando meu decote é aberto, o bojo do sutiã abaixado e um dos bicos duros é pinçado pelos dedos hábeis de Dark.

A coisa vai às alturas e viro só tesão. Me masturbo e o chupo como a esfomeada que estou. Chego ao limite e gozo gostoso quando minha boca é inundada pelo esperma dele. Tomo tudo, até o seu último espasmo.

— Porra, Juliet!

Com o corpo trêmulo, Dark captura minha mão melecada de prazer e leva à boca.

— Que saudades que eu estava desse gosto.

Eu também!

Nem reajo ao ser içada para cima e cambaleante, observo-o manobrar a cadeira em uma ré precisa, até encaixá-la no boxe. Acho sexy.

— Vem, segura nas barras e monta em mim. Não vai me forçar mais do que Fran já faz.

— Sexo na cadeira de rodas? — Seguro um sorriso.

— Por que não?

É! Por que não?

Ainda mergulhada na luxúria e animada com o Q de proibido, sorrio

sem pudor. A vontade de senti-lo é tanta, que nem penso duas vezes. Descarto a calcinha e sem me dar ao trabalho de arrancar o vestido, faço o que pede. Monto nele apoiando bem as pontinhas dos pés no chão. *Que tesão!* Meu coração entra em ritmo de galope acelerado e com certa dificuldade, por causa da barriga, manobro meu quadril para segurar a base do pênis, ainda duro. Com meus olhos grudados aos dele, começo a baixar lentamente e...

Aaaaaah, que saudades, que delícia!

A mão firme enlaça minha nuca e Dark me beija. É profundo, sensual, possessivo e me deixa completamente rendida e ciente de que ele também sentia minha falta. Ele incha dentro de mim, me alargando, mas ainda não me movo. Suas mãos descem para os meus quadris, incentivando a me mexer.

— Não vou quebrar — sussurra ao romper o beijo para sugar minha orelha.

Pego o rosto barbado afastando-o de meu pescoço.

— Eu sei que não vai. — Esmago novamente meus lábios nos dele e aí sim, começo a cavalgar.

Vou no meu ritmo... Aproveito o momento, sem pressa. Subo, desço, beijo e choramingo meu prazer em sua boca. Mostro a ele o quanto o amo e preciso de cada centímetro dele. Quanto mais o empurro para dentro, mais nossas respirações aceleram. Ele rompe o beijo, suga o ar e volta a mergulhar, só que agora para expor um seio e sugá-lo.

— Aless...

— Shhhhh...

Agarro seus cabelos pressionando-o ainda mais contra o meu peito.

— Alessandro?

Com um *plaft*, a boca gulosa larga meu seio e a cabeça de Dark sobe. Congelo com seu pau profundamente enfiado em mim.

Que catástrofe, que vergonha!

— O senhor voltou cedo — Dark comenta calmamente como se, há alguns segundos, não estivesse ofegante chupando meu seio.

Um jato d'água começa a cair sobre nós.

Hã?

— Estou sem meus óculos, não consigo enxergar nada sem eles. É a Juliet aí com você?

Com minhas mãos ainda agarradas aos cabelos de Aless, olho sobre os ombros, totalmente sem ação.

— É... Pedi a ajuda dela com o xampu.

— Ah... Não me diga que está nu! Não é certo fornicar antes do casamento!

É oficial... Quero cavar um buraco e enfiar minha cabeça dentro.

— Claro que não, *Nonno!* — Dark ri baixinho e quero matá-lo; por isso, puxo seus cabelos. — Sua casa, suas regras! Estou de bermuda.

— *Grazie a Dio!* Uma moça deve manter a virtude. Se quiser, minha querida, posso assumir daqui.

— Não! — Ofego mais do que digo, porque Dark puxa meu quadril nos unindo mais ainda. *Maledetto!* — Já estou na parte do enxágue, mas aceito um favor. Ainda não tomei café da manhã, será que o senhor poderia pedir para a Madá preparar umas torradas e uma omelete? Chego à cozinha em três minutos!

— Sim, sim, claro. Também não comi nada. Estava de jejum para a consulta. — Sorri e lhe devolvo, mesmo que não me veja e eu não entenda a

relação do jejum com o oculista. — Vou pedir que faça para três.

O pau safado remexe dentro de mim.

— Obrigaaaada!

— Espero vocês lá.

— Eu mato você! — rujo assim que *Nonno* sai e fecha a porta.

— Me matar? Quem deixou a porta destrancada foi você!

— *Dio*, que catástrofe!

— Catástrofe vai ser se não terminarmos o que começamos.

— Aless! — Tento levantar.

— Três minutos, amor... Três minutos! Vem! — Puxa meus quadris para baixo.

Meleca!

Eu vou...



— *Grazie a Dio*, o tempo abriu. — Admiro o céu azulado através da parede de vidro no banheiro do nosso chalé na vinícola. — Não entendo por que tive que vir pra cá. Era tão mais fácil ter me arrumado no *Nonno*.

— Nem pensar! — Os olhões negros de Rafa arregalam. — Seguimos as tradições aqui em Bolgheri, dá azar a noiva ver o noivo ou a decoração antes da cerimônia.

— Decoração? — Ajeito o nó do meu roupão. — Esqueceu que fui eu que escolhi as flores?

— Escolher é bem diferente de ver!

Jogo um olhar irônico, mas resolvo não discutir. Pela primeira vez em dias, Rafa está verdadeiramente feliz e falando de outra coisa que não seja

da prisão da mãe. Com os pés apoiados na banheira, busco uma posição mais confortável na pequena poltrona branca que ela trouxe para me maquiar e fecho os olhos.

— Só não me faça parecer uma palhaça.

— Ah, que pena! Esse seu narizinho arrebitado ficaria lindo em vermelho.

Abro um dos meus olhos em tom de advertência.

— Credo, você tá uma pilha hoje, hein!

Abro o segundo olho e arregalo os dois.

— Claro, vou me casar em duas horas!

— Sei disso, com meu irmão.

Vasculha a bolsinha de maquiagem, organizando potinhos e pincéis sobre o balcão da pia.

— É... Com seu irmão. — Minha garganta fica apertada. — Ele não pareceu muito animado hoje de manhã. E se ele desistir?

— Tá maluca? — Rafa cutuca a pontinha do meu nariz com um pincel. — O Gigante *tava* puto porque eu disse que te arrastaria para cá. E outra, não tem como ele fugir. Não naquela cadeira de rodas. Acha que deixei a Cris lá, para quê? Um movimento dele em falso, já era.

Fecho os olhos e tento afastar os meus medos bobos. Acariciando meu barrigão deixo que Rafa se divirta em meu rosto e cabelo. Seu toque é tão suave que chego a cochilar.

Acordo com carícias suaves e familiares em meu rosto.

— Passarinha, tá na hora de colocar o vestido.

Atordoada do cochilo, pisco algumas vezes. Vou da posição esparramada para sentada e sorrio para *mamma*, que está lindíssima em um

vestido rendado champanhe, de gola canoa e na altura dos joelhos.

— Oi.

— Oi, Passarinha, é a primeira noiva que vejo tirar uma soneca em vez de surtar.

Sabe de nada, inocente!

— Culpa das *bambinas*. — Acaricio a barriga camuflando meu desespero. — Não pararam um segundo desde que acordei, tem horas que elas sugam a minha energia. Cadê a Rafa?

— No closet, pegando o seu vestido. Nem acredito que chegou o dia! Adorei a maquiagem. E seu cabelo? Vai deixar assim?

— Acho que vou, tá ruim? — Ajeito os fios soltos. — Aless gosta assim.

— Tá linda, mas ficariam melhores presos com isso. — Tira uma caixinha da bolsa. — Eram da sua bisavô.

— Algo velho — sussurro e abraço minha mãe. Abro a caixinha e há um delicado trio de fivelas em ouro amarelo adornadas com minúsculas pérolas. — São lindas, obrigada, coloca pra mim?

Mamma sorri e prende uma mecha do meu cabelo com as fivelas.

— Hummm... Essas fivelinhas me deram uma ideia — Rafa diz atrás de nós e nos viramos. — O algo azul tá aqui.

Pendurada em seu dedo fino há uma calcinha. Não sei se meu queixo cai por causa da peça, que é ridiculamente minúscula, ou por Rafa, que está sexy de arrasar num vestido tomara que caia verde-água, justinho e curto.

— Caramba, Rafa! Você está...

— Arrasante, eu sei — Rafa conclui por mim. — Achei melhor aproveitar que o ogro do meu irmão só vai ter olhos pra você e abusar na

ousadia. — Pisca. — Vamos, precisa vestir o seu algo novo!

Dio, *tá chegando a hora!*

Com as pernas trêmulas e o coração disparado, a sigo. Não consigo deixar de sorrir quando vejo meu novo vestido. Um modelo simples de manga três-quartos, gola canoa, que depois de um delicado cinto com o arremate de um laço, na altura do busto, abre-se em uma saia esvoaçante até um pouco abaixo dos joelhos.

Rafa me ajuda a vestir e decide que um coque simples, com as fivelinhas na lateral, ficará melhor. Nervosa como estou, nem protesto, só deixo que o faça.

— Pronto, uma boneca! — vibra admirando o resultado.

— Boneca inflável, você quis dizer.

— Juliet! Filha! Você está linda! — *Mamma* toca o lacinho abaixo do meu busto e depois afaga a barriga. — Muito delicado e o decote mais profundo nas costas a deixou sensual. — Vira-se para Rafa. — Obrigada. Você é uma menina de ouro, nem sei como agradecer tudo que tem feito pela minha Passarinha.

— Eu sei como! — Rafa bate palmas e saltita. — Que tal me adotar? Estou aí no mercado, avulsa de mãe.

Rafa!

Meu coração encolhe ficando miudinho.

— Own, menininha! — Minha mãe a abraça antes que eu consiga fazê-lo. — Considere feito! Vou precisar de uma amiga com Juliet dedicada ao marido e as *bambinas*. Vai ser uma honra poder chamá-la de filha. Gosta de macarrão?

— Amo! — Rafa se desvencilha não escondendo a emoção. — Tá

vendo, Juliet?! Não é só você que vai sair ganhando hoje.

— Percebi, maninha — brinco para não chorar.

— Meu celular, ouviram? — Rafa ergue o dedo como se ouvisse algo. — *Cazzo!* Deixei lá embaixo na bolsa! Não fofoque sem mim!

Sai e desce a escada apressada.

— Tenho vontade de matar aquela Zetta! — minha mãe fala entredentes e baixinho.

— Duas! Obrigada pelo que fez com a Rafa.

— Ela é um amor, vai ser bom tê-la por perto. — Passa os olhos mais uma vez sobre mim. — Nervosa?

— Apavorada. — Mordo os lábios denunciando o meu pânico. — Como estou? — pergunto outra vez quando bate a insegurança.

— Diferente do convencional e lindíssima. — Sorri com doçura. — A sua cara, essa cor.

— Tinha imaginado algo branco e parecido com aquele modelo que usei no evento da *Mountain*, mas depois do que aconteceu... quero que Aless me veja e sorria, não que lembre daquela noite horrorosa.

— Own, filha. Como ele está?

— Mais animado, mas sei que a possibilidade de nunca mais escalar o assombra. Finjo que sou durona, mas no lugar dele, eu estaria deprimida, gritando e amaldiçoando o mundo. Ele não... Está firme, digno... Passa horas e horas trancado naquela garagem com Fran, lutando como o guerreiro que é, recusando-se a se entregar, o que só me faz amá-lo mais.

— A vida lhe deu um presente, Passarinha. Cuide bem.

— Vou cuidar, *mamma*. Tenho tanta esperança de que ele volte a andar, mas se não acontecer, tudo bem, é a vida. — Meu coração aquece e

abro um sorriso. — Amo aquele *maledetto* irritante de tantas formas, que sou capaz de subir o K2 com ele nas costas! Sem o alpinismo, ele não fica.

— E você ainda diz que não é durona. — *Mamma* ri. — *Dio!* Como tenho orgulho da mulher que se tornou! — Beija minha testa.

— E aí, gente? Bora casar? Giovanni tá lá embaixo e o chato do meu irmão já me ligou dez vezes, puto que você esqueceu o celular lá.

Sorrio.

É... Acho que ele não vai desistir.



Dark

Na cadeira de rodas, debaixo da pequena pérgola que foi montada no jardim como altar, esfrego minha barba e todo o resto que há para ser esfregado em meu rosto. A gravata me sufoca, o terno me aperta e parece que mil punhos comprimem meu peito.

Cazzo, que agonia de merda!

— Calma, primo, desse jeito vai enfartar. — A mão de Fran toca o meu ombro.

Não respondo, só conto até dez. Estou tão nervoso que se abrir a boca sou capaz de xingá-lo e Fran não merece isso. Ele tem sido incansável na minha recuperação e muito mais do que um primo e melhor amigo. É meu irmão de alma. O homem de coração generoso que me reergueu e essa gratidão carregarei por toda a vida.

Respirando fundo, numa tentativa frustrada de controlar minhas emoções, alcanço a mão dele em um aperto firme. Seus olhos recaem preocupados sobre os meus.

— Obrigado por não desistir de mim, por sua força, por se importar comigo, pelos chacoalhões, risadas e socos... — rio. — Obrigado pelos melhores conselhos, pela fé inabalável e por me colocar de pé quando eu mesmo duvidava que o faria.

— Seu *maledetto* sentimental! Agora, você quer eu tenha um infarto! — Inclina o tronco para um abraço de aço. — Você é grande, Alessandro, nunca se esqueça disso. O melhor homem que já conheci, a fortaleza de todos. Só te peço uma coisa: Seja. Feliz. Porra!

— Eu já sou.

Sorrimos e caímos em um silêncio reconfortante. Olho para o mundo de conto de fadas que *Nonno* criou em seu jardim, no tempo recorde de uma manhã. O carcamano do meu avô sabe como dar um show e como ele conseguiu laranjeiras em flor nessa época do ano, eu não sei, só sei que o danado conseguiu. Uma pequena alameda cercada por elas foi criada até o altar como um túnel perfumado de minúsculas flores brancas de centro amarelo... O cheiro de Juliet.

Ao redor do chafariz mesas redondas, com suas toalhas brancas e imensos arranjos com lírios e flores de laranjeira, foram dispostas para acomodar nosso pequeno número de convidados para um coquetel.

Lamparinas enfeitam as demais árvores, para a noite e um tapete de pétalas tremula ao vento como pequenas borboletas agitadas.

Minha garganta trava de emoção.

Borboletas agitadas?

De onde eu tirei isso, cazzo?

Rio sozinho do ponto em que cheguei e me controlo para não puxar meus cabelos. Fran tem razão, virei a porra de um *maledetto* sentimental e estou louco para ver o rostinho dela quando vir o *mundo encantado de Juliet*.

Minha italianinha adoravelmente maluca e desafiadora, criada por *Dio* especialmente para mim.

— Obrigado — sussurro em um sopro.

Meu corpo tensiona quando *Nonno* desponta no início do túnel e, ao lado do padre, caminha até nós com ares emocionados puxando os demais convidados que se aglomeram ao redor do altar.

Chegou a hora!

Meu coração explode em todos os ritmos. Apalpo o bolso interno do paletó checando se o delicado anel que mandei fazer para Juliet não saiu correndo.

— Doce Julieta chegou. Pronto?

— Há anos!

Minha garganta trava quando *Perfect*, de Ed Sheeran – música que escolhi para receber Juliet –, começa a tocar sei lá de onde.

Put. Que. Pariu!

Perco o ar e se não estivesse sentado, cairia. Juliet surge radiante, linda e... — Meneio a cabeça em um riso encantado. — Amarela, ao lado pai. *Meu ponto de luz. Magnificamente grávida.* Meus olhos enchem de lágrimas, não me importo, deixo que venham. Não poderia ter sonhado melhor, a visão é espetacular e real. O olhar doce, radiante e visivelmente emocionado, trava no meu. *Minha Baixinha.* Ela sorri e, enquanto começa a caminhar lentamente até mim, deixo que Ed me ajude a traduzir em versos parte dos meus sentimentos:

Querida, mergulhe...

Nunca soube que você era a pessoa que estava me esperando...

Agora sei que conheci um anjo... É perfeita... Eu não mereço isso...

Juliet começa a chorar.

A mulher, mais forte do que qualquer um que conheço...

*Um amor para levar mais que meus segredos, compartilhar sonhos, carregar
nossos filhos...*

Aos prantos, ela toca a barriga e sorrio amoroso.

No escuro, com você nos meus braços, vejo meu futuro em seus olhos e...

Tenho fé no que vejo... [\[86\]](#)

A pouco mais de dez passos para tê-la em meus braços, levanto e, ignorando os choros, gritos e olhares chocados que explodem ao redor, dou ao meu mundo meu melhor sorriso. Sim, eu consegui... por ela, por mim, por nós.



Juliet

Jesus amado!

— Por você — Dark murmura olhando para mim.

Em choque, levo a mão à boca. Paraliso e depois começo a tremer, tomada por uma onda descomunal de amor infinito. O sentimento é tão intenso que acho que vou sucumbir. Pisco entre as lágrimas, morrendo de

medo que seja um sonho, uma miragem... Talvez eu tenha cochilado no carro e nada disso seja real. Em resposta, as *bambinas* remexem como sempre fazem na presença do pai.

É real.

Dio!

Choro e rio. Descrente, atordoada e grata.

A primeira vez que Dark me arrebatou foi subindo naquele palco em Londres; a segunda, foi com seu olhar perigoso no K2; a terceira, quando roubou tudo de mim ao fazermos amor pela primeira vez e, desde então, vivo numa constante de pequeninos arrebatamentos diários. Mas isso... Ele de pé e sorrindo, depois do inferno que passou, é tão espetacularmente grandioso que só posso descrever com um nome: Alessandro Salvatore Bolgheri.

Meu homem, meu amor, meu orgulho, minha vida.

Perco o ar quando dá o primeiro passo em minha direção. É incerto e tenho um impulso de correr até ele para apoiá-lo, mas não consigo. Sou eu quem mal consegue se manter nas pernas.

— *Papà*, não me deixe cair — imploro num fiapo de voz.

— Nunca. — Sua voz falha e seu braço vem firme ao meu redor.

Dark gesticula pedindo que eu o espere. Sabendo o quanto vir até mim é importante para ele, engulo minha ansiedade e assinto na mesma medida. Mais estável, respiro profundamente na tentativa de me recompor. Acompanho seu segundo passo, terceiro, quarto...

Um soluço esganiçado me faz olhar por um segundo para o lado.

— O senhor está chorando, *papà*? — murmuro baixinho a dois passos de Dark.

— Claro que não! — funga alto. — Resfriado. Peguei do *Nonno*.

O cheiro inconfundível de Dark chega antes que ele dê o último passo. Está deslumbrante em um terno escuro de três peças e camisa branca. Num impulso, esqueço meu pai e os convidados, que ainda nem vi, e pulo sobre Aless, envolvendo seu pescoço em um abraço.

— Não acredito que está andando! — Afasto meu rosto para poder vê-lo. — Aless, isso é tão... tão... Quando?

— Uns dias. Você está maravilhosa.

— E você andando! — repito porque ainda é inacreditável.

— Surpresa de casamento. — Sorri charmoso.

— Melhor surpresa da vida! Estou tão orgulhosa!

Fico na pontinha dos pés para beijá-lo quando uma mão áspera se interpõe entre nós como uma barreira bucal.

Os convidados riem.

— Essa parte é depois do sim. — Peppe tenta dar um olhar repreensivo para Dark. — A propósito, estou orgulhoso de você, rapaz. — Dá uns tapas desajeitados nas costas de Dark.

Desato o abraço e fico entre eles. Sem graça aceno para as pessoas, que voltam a rir.

— Obrigado, senhor. Permite que eu conduza a noiva daqui?

— Permito, mas só para te lembrar, ainda tenho aquele pau de macarrão. É bom que você...

— *Papà!* — interrompo.

— Tá, tá... Têm minha permissão e bênção. — Pega minha mão e depois de beijá-la, entrega a Dark. — Só me prometa que vai fazer minha Passarinha feliz.

— Todos os dias, senhor.



— Juliet Damaggio Salvatore Bolgheri — Dark diz devagar.

— Essa sou eu agora — confirmo com um sorriso bobo no rosto. —
Nem acredito que fizemos isso.

— Fizemos. Abençoados pelo padre e sacramentados pelo juiz.

— Marido.

— Esposa.

Aconchego-me mais em Dark e sentados num dos sofás da varanda do *Nonno*, observamos o coquetel seguir animado. Dou uma olhada para o grupo que se diverte na pista de dança, *mamma* acena e retribuo. Acho que acertamos em escolher uma bênção simples, sem padrinhos ou votos de casamentos melosos. Não somos assim, pelo menos não em público.

Cris gesticula nos chamando para dançar, mas eu recuso.

— Desculpe. — Ele beija minha têmpora.

— Pelo quê? — Procuro seu olhar.

— Não tivemos nossa dança. — Abre um sorriso doce, porém cansado. — Se quiser, vá dançar e eu te olho daqui.

Acaricio seu rosto. Dark ficou de pé por todo o tempo que durou a cerimônia e a ousadia lhe rendeu dores fortes na lombar.

— Estou exatamente onde quero estar. Com você, na paz. Nós merecemos mais momentos assim. Outra hora, a gente dança. — Seguro sua mão e beijo. — Não quero que nada dispute a lembrança de te ver levantar e vir até mim. Temos o para sempre e infinito pela frente, a hora certa dessa dança vai chegar.

— Para sempre e infinito — murmura.

— Juntos — arremato e admiro o delicado anel de casamento que Aless acaba de me dar. Com a pontinha do dedo sinto os pequenos diamantes e as palavras que são mais do que uma promessa. São nosso destino.

• Juntos • Para • Sempre • & • Infinito •

— Aless.

— O quê?

— Eu também tenho um anel para te dar. — Meu rosto cora.

— É? E por que não me deu na hora do sim? — A sobrancelha grossa arqueia.

— Porque é muito precioso e só seu. — Do decote, tiro o presentinho que improvisei na minha ida ao banheiro. — Você andou. Fiz uma promessa e é hora de cumprir. É todo seu, meu Gigante.

Desconfiado e um pouco perdido, ele abre a caixinha. Dentro dela há um frasco de lubrificante extraforte e um bilhetinho:

Teu paraíso é aqui

A cabeça dele cai para trás numa gargalhada sonora.

— Caralho! Casei com a melhor mulher do mundo! Até que enfim! Meu *prezioso*!



Epílogo

Para sempre e infinito

Dark

Seis semanas depois...

Livro-me do cinto de segurança, assim que o helicóptero começa a sobrevoar minha casa. Exausto e ansioso, observo, do alto, a exuberância da vinícola Bolgheri. Sorrio, os últimos raios de sol deixam um rastro dourado por toda a propriedade e me fazem pensar em Juliet.

Baixinha teimosa!

Minha adorável esposa não se conformou com a proibição de Pam sobre o julgamento. Foi melhor assim, esses dias em Mônaco foram pesados. Fazer Rafa e Juliet deporem via *Skype* foi a melhor decisão.

Paola, depois de muito choro e de se declarar inocente, foi condenada a dois anos em regime fechado. *Zetta, porra!* Essa foi um inferno. Primeiro, tentou conquistar a simpatia do júri bancando a mãe incompreendida e a esposa subjugada por um marido abusivo; depois, partiu para o vitimismo, jogando em Alex toda a responsabilidade pela morte de Fred e mentiu alegando que os tiros em mim foram acidentais.

Eu?

Não disse nada... Sem desviar a atenção de seu rosto cínico, apenas levantei e mostrei ao júri as cicatrizes que carrego nas costas... Verdicto: vinte anos de reclusão.

Em seu último ato, Zetta deu um show... Despiu-se das máscaras e explodiu em fúria. Saiu carregada, debatendo-se e me acusando de ser um mau filho, sovina, egoísta e egocêntrico.

— *Não podem fazer isso, é injustiça! Alessandro mereceu! Me traiu por uma putinha golpista!*

Pressionando o topo no nariz, fecho os olhos. Não acabou. Aqueles dois tiros não foram capazes de matar meu amor por Zetta e mesmo machucado e enfraquecido, o sentimento por ela sempre existirá. *É minha mãe, porra!* Mas ela fez suas escolhas e é preciso que eu faça as minhas.

O piloto faz uma curva acentuada à direita... em um sobrevoo, quase rasante sobre o velho casarão, anuncia nossa chegada e dirige-se para o campinho de futebol.

Pousamos e Fran corre em direção à aeronave ostentando uma expressão tensa, o que me deixa em alerta.

— Tentei te ligar umas mil vezes, caralho! — dispara no meio do caminho assim que piso na terra batida.

— Fiquei sem bateria. — Caminho apressado até ele. — O que foi?

— Foi que Papai Noel veio mais cedo e as danadinhas resolveram dar as caras antes da hora! — Há desespero em seu tom.

Pego de surpresa, minhas pernas falham e quase tropeço. A previsão de nascimento era só para depois do Natal, que é em duas semanas. É impossível. Falei com Juliet antes de decolarmos e ela me garantiu que estava tudo bem. Um choque de adrenalina faz meu corpo tremer.

— Nasceram? — grunho tomado pela frustração e medo.

— Estão na boca do gol. Vamos! As contrações começaram há duas horas!

Putá merda!

Num ímpeto, começo a correr e, por pouco, Fran não fica para trás. No comando da direção e, com um cavalo de pau, dou uma guinada na SUV, na intenção de pegar a estrada principal.

— O que está fazendo?

— Como o quê? Indo para o hospital, caralho!

— Não! Juliet não está lá!

— O quê?

Freio bruscamente e Fran quase bate a testa no vidro da frente.

— No chalé! A doida da sua mulher se recusou a ir para o hospital!

Disparo uma ladainha de palavrões e, com outro cavalo de pau, manobro na direção correta. À beira de ter um ataque do coração ou dos nervos, acelero deixando um rastro empoeirado para trás.

Foda! Foda! Foda!

— Como ela está? — Vou mais rápido que posso pela trilha sinuosa.

— Parecendo um bicho! Tentei chegar perto e quase me mordeu! — Fran esfrega a testa. — Se enfiou naquela banheira e não quer sair. Tá lá gemendo, xingando o mundo, brigando com a Pam e com a doutora.

Xingando é bom. Respiro nem um pouco aliviado. Sabia que a ideia dela de parto humanizado na banheira ia dar em merda!

Há uma ambulância estacionada em frente ao chalé. *Dio!* Athos e Porthos saem de casa latindo como loucos. Freio o carro, salto para fora e, seguido por Fran e pelos cachorros, disparo para dentro. De relance, vejo Rafa, Maria, Madá, *Nonno* e Giovanni, mas não tenho tempo para *Olás* individuais, solto um muito obrigado por estarem aqui e sigo em frente. Um gemido sofrido de Juliet ecoa. Meu coração encolhe. Subo como um foguete

e dou de cara com a porta do banheiro trancada.

— Juliet! — Esmurro a porta.

Outro gemido agudo vem e esmurro mais.

— Se não abrirem essa porra já, vou derrubar!

— Calma, primo.

— Calma o caralho! Juliet!

— *Aless... Meleca! Dóiiii...*

Sentindo-me impotente, deixo escapar um suspiro desesperado. Athos e Porthos começam a arranhar a porta.

— Estou aqui, Baixinha. Já vou tirar essa dor de você! Pam! Abre. Essa. Porta!

— *Antes, tire esses monstros daqui! Não deixo abrir até que seja seguro!* — Hirma, a obstetra, grita aterrorizada e meus cães rosnam.

Olho sem entender para Fran.

— Juliet se assustou quando ela insistiu na anestesia e os dois reagiram — Fran cochicha e depois berra: — Deixa comigo, doutora! Vamos, seus pestes! — Meu primo começa a arrastar os cães para fora. — Não tinham nada que querer morder a mulher!

Juliet geme novamente e respiro para controlar meu instinto protetor e os sentimentos de angústia e preocupação, que somados à adrenalina que corre solta em meu sangue, me fazem querer gritar, bater, descabelar, chorar, ajoelhar e rezar, tudo ao mesmo tempo.

— Os cães se foram! — rujo.

Mal termino a frase, Pam abre a porta. Tropeço para dentro e meus olhos grudam em Juliet na banheira. Perco o ar. Ela parece um ser divino com os cabelos presos no alto da cabeça e vestida em uma camisola branca e

larga que flutua ao redor dela. Seu rostinho está afogueado pela dor; com um bico nos lábios, ela puxa e solta o ar de forma acelerada enquanto seus olhos grudam suplicantes nos meus.

Seguro a vontade de esfregar o peito e uivar de amor.

— Aless, juro que não exagerei...

— Shhhh, eu sei. — Mesmo não acreditando nela, sorrio doce só para acalmá-la. — Do jeito que elas bagunçam aí dentro, eu deveria ter imaginado que chegariam mais cedo. — Imito o bico e sua respiração acelerada. — Isso, Baixinha. Está indo muito bem. Respira... Isso.

— Sinto muito pelo hospital, mas aquele lugar é tão cheio de más lembranças... — Pressiona os lábios como prenúncio de uma nova contração.

Abaixo e cubro a mão delicada, que segura a lateral da banheira num aperto de morte, com a minha. A barrigona contrai em uma dança inquietante e o temor impresso nos olhos de Juliet me quebra.

Minha pequena guerreira está apavorada e linda. A maternidade lhe cai bem, a dor não.

Porra!

Se ao menos eu pudesse sentir no lugar ela!

— Aguenta firme, meu amor, prometo que já vai passar. — Tiro uma mecha de seu rosto. — Estou muito orgulhoso de você. — Sorrio e depois franzo o nariz em um desdém. — Também não queria as *bambinas* nascendo naquele lugar — minto.

Cazzo!

Temendo o quanto um parto num banheiro me parece inadequado e perigoso, olho para a parafernália médica espalhada sobre o balcão da pia e para o pequeno monitor portátil. É bom mesmo que essa obstetra seja a gênia

experiente que Pam descreveu.

Volto para Juliet me controlando para não pegar um álcool e esterilizar tudo novamente.

— Quão ruim estão as contrações?

— Até que essa não foi tão ruim. — Visivelmente mentindo, Juliet puxa uma respiração restauradora preparando-se para uma nova onda de dor.

— Preciso de você — murmura denunciando sua fragilidade.

Cazzo! Essa carinha me quebra!

Envaidecido e superprotetor, ponho-me de pé e, em movimentos sincronizados, esfrego os calcanhares um no outro para me livrar das botinas, ao mesmo tempo que puxo a camiseta pela nuca.

— Quanto tempo até chegarem? — Busco por Pam.

— O intervalo entre as contrações é de menos de dois minutos. Não devem demorar.

— As *bambinas*? — Jogo a camiseta em um canto, pego o álcool e me besunto com ele.

— Na posição, bem ativas e com os sinais vitais estáveis. Como a teimosa recusou o hospital e está rejeitando a anestesia, achei melhor pedir que enviassem uma UTI móvel, só por segurança.

Meneio a cabeça para Pam em um agradecimento silencioso e volto-me para Juliet, que falha em manter a expressão serena.

— A agulhona da anestesia é enorme. — Abre bem os braços indicando o quanto. — Nem amarrada vou deixar que enfiem aquilo nas minhas costas.

— Eu sei — rio. — Mais um pouquinho, a dor passa e nossos mundos vão virar de ponta cabeça.

Ela sorri exausta e começo a desabotoar a calça.

— O que o senhor pensa que está fazendo? — Os olhos de Hirma crescem em direção a minha virilha.

— Não vou deixar minha mulher fazer todo o trabalho sozinha.

— Sou a médica. Hoje estou aqui por ela. — Hirma ergue as mãos enluvadas.

— Sou o marido e o pai! — rosno. — Estarei por elas, sempre!

Livro-me das calças e só de boxer preta entro na banheira posicionando-me atrás de Juliet. Abrindo bem as pernas, puxo o corpinho barrigudo e trêmulo, aconchegando suas costas ao meu peito.

— Pronto, vamos juntos a partir daqui, ok?

— Hum-hum... juntos.

O que é para ser rápido, leva mais tempo do que o esperado em um puxa daqui e empurra dali de Pam e Hirma. Com o sol já se pondo, tingindo o céu em vermelho e amarelo, Juliet engata em uma última sequência de empurrar, gritar e insistir e o mundo para...

Cléo e depois Julia vêm para nós. Juliet cai exausta sobre mim e embasbacado assisto quando as *bambinas* são retiradas da água e começam uma sinfonia frenética de choros e remexer de bracinhos e pernas.

Tão pequenas. Tão frágeis.

— *Grazie a Dio*, que pulmões! — Pam ri e se apressa em me oferecer uma tesoura. — Faça as honras, papai!

Papai.

Porra!

Com as mãos tremendo pra cacete e morrendo de medo de ferir minhas filhas, corto os cordões...

Pronto! O mundo é de vocês, pequenininhas.

Beijo a têmpora de Juliet e agradeço Pam, que se concentra em cuidar da minha mulher.

— *Dio*, como são lindas! — A obstetra vibra ao levar as recém-nascidas para o espaço improvisado, com uma balança e berços de acrílico, sobre a pia.

Observo-a fazer os primeiros testes nas *bambinas*.

— Elas estão bem? — Abraço mais apertado minha esposa, que ainda chora de emoção.

— Muito bem! — Hirma olha sobre os ombros. — Essas garotinhas são uma perfeição. Parabéns, Juliet, pensei que não suportaria sem a anestesia, mas foi dura na queda. Seguir a natureza pode ser mais sofrido, mas é sempre a melhor opção. Quem quer dizer um “olá” para a mamãe e o papai? — Hirma pega e segura as meninas como se fossem dois franguinhos.

— Por favor, me dê elas aqui! — Juliet agita-se.

— Cuidado, porra! — Se minhas pernas não estivessem dormentes e com Juliet entre elas, saltaria da banheira e resgataria minhas filhas dessa maluca!

— Alessandro, olha a boca! — Pam gargalha e ignoro.

Mantenho meu olhar atento e assassino sobre a obstetra.

— Relaxa, papai. Estou mais do que acostumada a carregar esses pacotinhos de amor. — Aproxima-se de Juliet, que aguarda nossas filhas de braços abertos. — Anjinhos, conheçam a mamãe.

Pela segunda vez, o mundo para. Ofego ao ver o rostinho das minhas filhas.

— Pronto, tudo certo com Juliet — Pam manifesta-se, mas só tenho

olhos para as *bambinas* que se esgoelam no colo de Juliet. — Coloquei a banheira pra esvaziar. Não saiam daí sem nossa ajuda. Venha, Hirma. Vamos dar as boas novas aos outros e deixar os papais a sós para curtirem esse primeiro contato.

As duas saem, mas não as vejo. Todo meu foco ainda está no mundo em meus braços: Juliet, Cléo e Julia. Meus amores, minha família.

Agradecendo a *Dio*, aconchego minhas três meninas em um casulo protetor. Arrepio sentindo-me tocado pelo Divino. Tornei-me pai no instante em que soube da gravidez, mas o nascimento, tê-las aqui... Esses rostinhos, mãozinhas e pés enrugados, agitados e lindos são a materialização de todo amor que já sentia. *Putá que pariu!* Prestes a explodir de tanta felicidade, beijo o topo da cabeça de Juliet com um sentimento de gratidão profundo. Nada do que eu faça será suficiente para agradecer o que ela fez. Se este é o momento mais incrível da minha vida, devo isso a ela.

— Obrigado, Baixinha — arrisco sussurrar mesmo assim. — Obrigado por me amar e permitir que fizéssemos essa duplinha juntos. Te amo demais.

— Para sempre e infinito — murmura em resposta.

— Juntos — completo.

— Oi, filhas. — Juliet beija cada uma delas. — Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Aless, elas são lindas.

— São suas réplicas, claro que são lindas.

Minhas miniJuliets.

— Digam oi para o papai.

Sorrio para o choro que aumenta e toco as cabecinhas morenas. A força desse primeiro toque é mágica. Com lágrimas rolando soltas, arrisco algumas palavras:

— Own, minhas *bambinas*, bem-vindas. O papai ama tanto vocês. Shhhhh... pra que esses chorinhos? Tá tudo bem. Sei que aqui fora parece assustador e estranho, mas estarei sempre por perto e pronto pra proteger e cuidar de vocês e da mamãe.

Os soluçam param e cabecinhas minúsculas viram instáveis à minha procura. Ao contrário delas, meu choro explode quando, inesperadamente, dois pares de olhinhos se abrem e esboços de sorrisos aparecem.

Fico hipnotizado com o milagre de existirem.

— Aless, elas estão sorrindo! Reconheceram a sua voz. — Juliet volta a chorar. — Não li nada sobre olhinhos abertos e sorrisos... Deve ser raro.

— Nós somos raros — digo com a voz embargada.

Os sorrisinhos crescem.

— *Dio*, não é justo! Bandidinhas! Eu que me despedaço e é para você que sorriem?

— Sorriem porque sabem que acabaram de ganhar um pai babão e compreensível, que será incapaz de lhes negar qualquer coisa.

— Quero ver toda essa compreensão quando vierem nos apresentar os namoradinhos.

— Namoradinhos? Porra, não!

— Porra, sim! É bom começar a pensar nisso, Gigante... Crianças estão cada vez mais precoces, ainda mais se puxarem a sua safadeza. — Beija novamente as *bambinas*. — Tadinho do papai, né, meninas? Mal sabe ele que está ferrado na mão de vocês.

Duplamente ferrado!



E o primeiro mês passa correndo...

Juliet

Acordo com meus seios latejando e um chorinho ao fundo. Solto um bocejo preguiçoso... Viro a cabeça para encontrar Dark de pé ao lado do berço. Vestido só com a calça de pijama, ele embala uma das *bambinas* contra o peito.

— Shhhh... pequeninha. Que belo saco sem fundo você é! Que tal deixar a mamãe dormir mais um pouco?

Sorrio, certa de que está falando com Cléo, nossa pequena insaciável. Julia é mais calminha e contida nas mamadas.

— Traz a Cléo aqui. — Ajeito-me na cama para amamentá-la.

— Não queria te acordar.

— Não acordou, vem.

Espero Aless sentar ao meu lado e me entregar a bebê. Com cuidado, a coloco para mamar. Esses têm sido meus melhores momentos e quanto mais olho para elas, mais me apaixono. Enquanto Cléo suga com avidez, sorrio para o homem surpreendente que tem sido minha rocha. Ainda estamos em adaptação, mal dormimos e sexo... *O que é isso mesmo?* É, ele tinha razão... Nossos mundos estão de cabeça para baixo, mas não trocaria o que temos por nada.

— Vem cá. Sinto falta de você — sussurro doce para o homem que nos observa com olhares encantados.

Dark arrasta o corpo gigante e, colocando-se de bruços, apoia-se sobre os cotovelos e gruda-se a nós.

— Também sinto a sua falta, Baixinha. — Sorri quando Cléo quase engasga, faz uma caretinha engraçada, puxa o ar e avidamente volta a mamar. — Isso deve ser bom. — Circunda meu outro mamilo exposto. — Qual a sensação?

— De plenitude. — Acaricio seu rosto muito barbado.

Rio... Não sou só eu que não tem tido muito tempo para cuidados pessoais, por aqui.

— Estão cheios. — Abaixa a cabeça e inesperadamente suga meu mamilo. — Hummm... bom.

Começa a se alimentar de mim e meus olhos enchem d'água. Não é um gesto erótico... É doce, delicado e íntimo. Toco sua nuca e com uma carícia suave, incentivo-o a ir em frente.

Nunca me senti tão plena e ligada a ele.

É... O meu paraíso é aqui.



Um ano e meio depois...

— O que está fazendo? Vamos nos atrasar. Preciso *rechecar* as coisas...

— Shhhh... — Continuo a arrastar Aless para o banheiro da suíte. — São seis e meia da manhã e você já *rechecou* tudo umas mil vezes.

— Mas...

— Alessandro Salvatore Bolgheri, dá pra relaxar? — Empurro meu marido para dentro do banheiro e fico entre ele e a porta do quarto. — O helicóptero só sai às nove e meus pais estão dormindo com as *bambinas*.

Acordei com vontade — ronrono.

— Você sempre acorda com vontade.

Passo por ele, caprichando na rebolada.

— Não de tudo.

Olho rapidamente sobre os ombros antes de caminhar até a grande janela com vista panorâmica do mirante. Estamos na casa nova há um ano e ainda perco o fôlego quando vejo essa cena: o sol nascendo e beijando, com seus raios tímidos, as colinas e vales verdejantes da nossa vinícola.

— Defina melhor: o não de tudo, coelhinha safada.

Viro-me ficando de frente para ele e sorrio para os olhos enegrecidos e cheios de desejo. Safado é ele, com esse sorriso cínico estampado no rosto enquanto acaricia descaradamente a ereção evidenciada sob a calça do pijama.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — Faço charme.

— Vai me deixar comer o *prezioso* com o carcamano do seu pai no quarto ao lado?

— O plano é esse. — Desfaço o nó do roupão, deixando que o tecido verde-água e fluído deslize sobre os meus ombros e caia em ondas sobre os meus pés. — Alguma objeção?

Um som rouco e quase selvagem reverbera em seu peito.

— Porra, não! Nenhuma objeção! — Devorando cada centímetro do meu corpo nu, ele tira a calça e seu pau salta livre apontando para o umbigo. — Na banheira ou na pia?

— Contra a janela. — Pisco.

— Já disse que casei com a melhor mulher do mundo?

— Todos os dias.



Dark

Nosso retorno ao K2, viajar sem as meninas, o medo que algo aconteça com elas ou que não me reconheçam quando eu voltar... Esqueço tudo o que vêm me angustiando, no segundo em que Juliet espalma as mãos e pressiona o corpo perfeito contra o vidro, e na ponta dos pés, empina a bunda gloriosa oferecendo-se a mim.

Grazie a Dio!

Sei que essa vontade dela é só uma tática ardilosa para me fazer relaxar e evitar que eu jogue tudo para o alto e desista da expedição. E que, se eu fosse um homem decente, pensaria nas minhas filhas e sogros no quarto ao lado e recusaria a oferta, mas...

Que se foda a decência!

É do meu *prezioso* que estamos falando! Aqui, ao meu alcance e prontinho para me engolir.

Ansioso por ele, aproximo-me e esmago o corpo de Juliet contra a janela sentindo toda a eletricidade fluir entre nós. *Deliziosa*. Ela ofega e só porque sou um filho da puta ambicioso quando se trata de Juliet, flexiono as pernas e ajeito minha altura e a fim de instigar sua bunda com meu pau.

— Pronta para ser bem fodida, condessa? — Mordo e puxo o molinho de sua orelha.

— Dê-me o seu melhor, meu lorde. — Rebola, instigando-me.

Sorrio em seu pescoço. O tempo só nos tornou mais perfeitos. Conheço seu corpo e ela o meu; e passado o medo inicial, minha esposa se

tornou uma grande apreciadora das artes anais. Espalmo sua bunda escancarando-a, esfrego a cabeça do meu pau em sua boceta para lá de encharcada preparando-o para o melhor. O corpo de Juliet remexe de ansiedade quando vou para o *prezioso*, boto pressão, mas não meto.

Um suspiro entrecortado vem dela. Sem me mover, aguardo ansioso. Por mais que ame fodê-la por trás e que minha vontade seja entrar duro e sem dó... É Juliet aqui. A decisão final é dela. O poder e controle são seus, não meus.

— Aless... — Força a bunda em direção ao meu pau.

Sorriso, esse é seu sim. Rouco, desejoso... Excitado.

— Isso, Coelhinha, agita esse rabo e vem pra mim.

Ela vem e minha nossa, caralho! Afundo até o talo e ficarmos intimamente ligados. Sou todo dela... Vulnerável e exposto, grudo minha testa em sua nuca e deixo que se acostume. O momento é poderoso... Cada célula do meu corpo toma consciência do nós... O imoral e profano misturam-se à falta de pudor e limites. Meu coração acelera e a adrenalina corre solta, não por ser eu, aqui, subjugando-a, nada disso. Por sermos nós em comunhão plena. Onde a cumplicidade e confiança extremas, fazem de nós parceiros na vida.

Beijo seu pescoço agradecendo ao presente. A respiração de Juliet falha e o aperto em torno do meu pau diminui. Essa é sua deixa de: “*agora é com você*”. Então... saio e entro com tudo, apreciando a sensação e o que vejo. Ser engolido por ela é um privilégio só meu.

Começo a me mexer em um entra e sai vigoroso dando a ela o que me pediu: o meu melhor.

— Aless, Aless, Aless... mais...

Sorriso embebido na luxúria... E emitindo sons, que não consigo

controlar, sigo com estocadas ferozes e profundas em busca do seu prazer, para só então, sair de mim e explodir em êxtase preenchendo-a com meu gozo.

— Porra, Juliet, porra...

É bom. Precioso. Somos nós.



A contragosto interrompo um último beijo, demorado, profundo e roubado. Desligo o chuveiro e sorrio para uma Juliet ofegante, que fica ainda mais adorável toda descabelada e entregue.

— Precisava de mais esse beijo, antes de voltarmos à realidade. — Mordo o canto da boca para segurar a vontade de voltar a beijá-la.

— Falando em realidade. — Beija a ponta do meu nariz. — Já são oito. — Sai do boxe e se enrola da toalha.

Faço o mesmo, resgato uma toalha, sigo-a para o quarto e enquanto me enxugo a observo garimpar alguns remédios na gaveta do criado-mudo.

— Remédio pra enjoo? — Minha sobrancelha sobe.

— Vi que não pegou nenhum. — Pega mais um frasco e enfia na *nécessaire*. — Nunca se sabe o quanto os helicópteros vão chacoalhar ou o quanto Fran vai beber.

Jogo a toalha molhada sobre a cama e começo a me vestir, apressado. De soslaio, sondo seu corpo em busca de indícios que não tenha notado.

— Que foi? — Olha para mim desconfiada.

Reparo na calça larga.

— Parou com a pílula?

— Por quê? — Com um olhar feroz captura minha toalha molhada e lança para a poltrona. — Tá me achando gorda?

— Muito pelo contrário. — Checo a regata branca justinha que veste. — Nunca te vi tão em forma.

— Ufa! — Os olhos castanhos crescem debochados. — Era só o que me faltava depois de tanto treinar. — Senta-se na beira da cama para colocar as botinas.

— Juliet! — rosno ainda encanado com os remédios.

— Não se preocupe, dar o *prezioso* não engravida.

Termino de abotoar a calça cargo e sento para calçar os coturnos.

— O que acabamos de fazer no boxe, sim. — De lado, dou-lhe um sorriso cínico.

Rindo como se fosse absurdo, a bandida levanta e vasculha sua mochila sobre o sofá.

— Tô falando sério — insisto, preocupado com o que aconteceu da última vez. — E se você estiver e não souber? É melhor...

— Aless! Eu não estou! — interrompe. — Falei que iria parar, não que parei. Se não acredita em mim, pergunte a Pam. Refiz os testes essa semana. — Prende os cabelos úmidos em um rabo de cavalo alto. — Falei que quero mais filhos, mas não sou louca de arriscar uma gravidez às vésperas de irmos para o K2.



Juliet

— *Mamãe! Papai! Tem duas abelhinhas aqui, procurando por*

vocês.

A boca de Aless fecha com o chamado de Maria. Salva de iniciar uma discussão sem cabimento, corro para abrir a porta.

Own, meu Deus!

Sorrio ao mesmo tempo que meu coração aperta. Vestidas em *body*s listrados em amarelo e preto, Cléo e Julia erguem os bracinhos assim que me veem. Capturo as duas trazendo-as para o meu colo.

— *Mamã!*

— Que lindas! Bom dia, meus amores. Quem escolheu essa roupinha pra vocês?

— *Bobó.*

— Ah! Mas estão muito lindas! — Beijo o rostinho feliz de ambas e sorrio para Maria, agradecida que ela tenha topado ficar por aqui enquanto viajamos. — Obrigada pela força. E meus pais?

— Desceram pra tomar café. Rafa ligou da faculdade enquanto estavam no banho. — Seu rosto rechonchudo fica rosado.

Dark se aproxima e as *bambinas* se agitam.

— *Papa! Papa! Inho!*

Conformada sobre a preferência de colinho das minhas filhas, deixo que pulem para os braços do pai para evitar um berreiro.

— O que a desnaturada da minha irmã queria? — Dark pergunta para Maria, mas sorri para as filhas. — Como vão as minhas abelhinhas? O papai ficou com saudades.

— Rafa queria avisar que adiantou umas provas e deve chegar em três dias. Resolveu passar as férias aqui para reforçar a ajuda com as *bambinas*.

— Viram que milagre, pequeninhas? A tia desnaturada de vocês vai abrir mão da praia e dos surfistas vagabundos por vocês!

— Aless! Pare de implicar com a Rafa! Dê graças a Deus que mais gente vai vir ajudar os meus pais. Aqueles dois são tão babões que é capaz das duas botarem fogo na casa e eles acharem lindo.

— Fogo? — Olha alarmado para os lados. — Andaram mexendo em fósforos? — interroga as meninas e elas soltam gritinhos felizes. — Merda, acho melhor...

— Nem começa! Eu estava brincando! Lembre-se do que a psicóloga nos disse. — Meu coração de mãe aperta, mas me controlo. Há um objetivo maior nessa viagem, além de mim. — Tudo o que eu mais queria era levá-las com a gente, mas ainda são muito pequenas. — Sorrio para as duas, que brincam fascinadas com a barba do pai. — Temos que ser fortes, Aless. Só estamos indo trabalhar, não vamos abandoná-las — digo mais para mim do que para ele.

— Mas...

— Mais nada! — Controlo a vontade de chorar e jogar tudo para o alto. — A equipe está contando com você. Daqui a pouco, o Fran chega.

— Ele já chegou — Maria avisa.

— Viu? Dá aqui as meninas. — Estico os braços. — Tá um pouco frio. Melhor colocar uma calça sobre os *body*s.

— Deixa que eu coloco. — Dark abraça as meninas apertado, me deixando no vácuo. — Pode descer e falar com os seus pais. Quero ter uma última conversa com elas e já descemos.

Reviro os olhos e Maria ri. Dark está tendo essa última conversa há duas semanas. *Dio* permita que Kadeen e Josh tenham mesmo conseguido aquele receptor de internet potente. Meu marido vai enfartar se não puder

bisbilhotar as filhas de cinco em cinco minutos.

Conformada de ter perdido a guerra dos *body's*, deixo Dark com as meninas e desço. No caminho para a cozinha repasso com Maria minha listinha de recomendações de mãe.

— Não se preocupe, mandei Giovanni conferir pessoalmente cada centímetro do vidro blindado que cerca o mirante. Ele não encontrou nenhum *rachadinho*. Aquilo lá é mais seguro e sólido do que essa casa.

— A piscina?

— Já foi coberta e prometo manter o portão da área de banho sempre fechado.

— *Dio!* E se eu estiver esquecendo-me de alguma coisa?

— Juliet, querida. Tenho certeza de que sua lista com quatrocentos e cinquenta e nove itens será mais do que suficiente. Daqui a pouco, Pam chega com Valentina. A pequena está tão possessiva nas bebês que fica como um cão de guarda em cima delas. Cléo e Julia ficarão bem e seguras, eu prometo.

Assinto com veemência, porém não muito segura sobre a qualidade de segurança oferecida por Valentina.

Na porta da cozinha esbarro com Fran.

— Até que enfim, *bella!* Temos que encontrar Cris e Pietro em meia hora! Cadê as mochilas?

— Lá em cima, depois eu pego.

— Depois não! Deixa que eu busco e já levo para o carro.

— Tá. — Ergo os ombros. — Aproveita e manda seu primo descer com as minhas filhas. Também quero me despedir. — Seguro o choro que ameaça explodir.

Viro, sorrio para os meus pais e abro um berreiro. Sou acudida não

só por eles, como também por *Nonno* e Madá, que vieram se despedir e passar um tempo com as *bambinas*. Passo uns dez minutos me lamentando, recusando comida e chorando mais. Pensei que fosse mais fácil me desgarrar das meninas, mas *Dio!* É tão difícil.

— Passarinha. Sei que é difícil, mas precisa endireitar essa cara se não quiser que as Passarinhas se assustem. Elas não vão entender nada se te virem chorando.

Meleca!

— Doce Julieta, um mês passa rápido e com todas essas modernidades da internet, vão poder ver e falar com as minhas bisnetinhas sempre que quiserem.

— Não dá pra pegar, apertar e cheirar pela internet! — Tento controlar as lágrimas.

— Filha. É o seu sonho e o retorno de Dark. — *Papà* me abraça. — Não é qualquer aventura. Estaremos aqui por vocês e por elas. Enxugue essas lágrimas e deixe minhas netas orgulhosas!

Dio!

Respiro fundo quando ouço risinhos alegres e pequenos e ligeiros passos se aproximarem. Pesco um guardanapo sobre a mesa, enxugo as lágrimas e depois assuo o nariz.

A primeira a aparecer é Cléo, em seguida, Julia; e por fim, e, num estado igual ou mais lastimável do que o meu, Dark.

— *Papa, Choiô.* — Julia aponta pra ele.

— Chorei de felicidade, pequenininha.

Confusa, ela olha dois segundos para o pai, mas se distrai quando Porthos e Athos resolvem dar as caras na cozinha.

— Au-au! — Corre em direção a Cléo, que já está pendurada no pescoço de Athos.

— Prontos para a grande aventura? — Peppe tenta levantar nossa moral.

O sorriso sem vontade de Dark diz que não.

— Aless, meu querido. — *Mamma* sorri em direção a Julia, que puxa o rabo de Porthos. — Sei que se preocupa com a segurança delas, mas não acha que está exagerando um pouco?

Os olhos avermelhados de Aless recaem sobre as filhas.

— Não.

— *Mamma*, não têm seis meses que começaram a andar! — Defendo meu marido achando perfeitamente normal a joelheira, cotoveleira e o capacete. — O gramado lá fora é irregular, não custa nada garantir.

— Acho que estão certos, querida! — Peppe se apressa para resgatar Cléo, que decidiu que tentar escalar as prateleiras dos armários pode ser divertido.

Sorrio orgulhosa.

— Viram! São filhas de alpinistas. Gostam de explorar. — Tenho um sobressalto. — Maria, lembrei! Sabia que estava esquecendo de alguma coisa! — Pego Julia no colo, antes que ela abra o forno. — É melhor manter a biblioteca trancada. As prateleiras e cortinas de lá são a nova obsessão das meninas. Ah! E a tampa das privadas, melhor travar. — Sorrio doce. — Estão encantadas com a água do pocinho.

— Vamos. Tá na hora! — Fran surge sorridente na porta dos fundos.

Com a sensação de estar abandonando meu coração, mas graças a *Dio* sem chorar, me despeço das minhas filhas. Pelas carinhas sorridentes e

sapeças, sei que são novinhas demais para entender o que está acontecendo e ficarão bem, cercadas de tanta atenção.

— Só mais uma coisa. — Dark para a dois passos de sair pelos fundos. — Donna, será que poderia tocar para as *bambinas* quando for colocá-las pra dormir? — Entrega um CD para *mamma*.

— O que é isso? — ela pergunta curiosa.

— Só algumas historinhas que gravei para elas ouvirem. Minha voz as acalma.

Minha cabeça gira tão rápido na direção dele, que quase quebra.

— Mas que traidor, trapaceiro!



No Paquistão...

A 8.000 metros...

Com frio e fome, deixo-me desabar na neve fofa ao lado de Cris. Protegida do vento causticante pelas costas lonadas de uma das quatro barracas que disputam espaço no diminuto platô do acampamento quatro, o último no caminho para o topo, acompanho, exausta, Aless voltar em uma descida de cinquenta metros para ajudar Josh, que se embolou em uma corda de apoio.

Sorrio para o herói do time e, sob os óculos de neve, busco o cume. O ser mítico envolto em nuvens espessas que estamos perseguindo há vinte e oito dias.

Só mais seiscentos e onze metros e estaremos com você, meu amigo!

Pietro chega botando os bofes para fora. Assim que descarta a

mochila, despenca de bunda entre nós duas. Só Dark, com seus pulmões de aço, parece não se afetar com o ar rarefeito. Enquanto nos aclimatávamos e nos recuperávamos da escalada de mais de oito horas entre os acampamentos dois e três, o pior de todos os trechos até se chegar ao cume, Dark percorreu os setecentos e cinquenta metros que nos separavam da base quatro, três vezes.

Essa temporada seremos a primeira equipe a tentar o topo, então coube a nós fixarmos as novas cordas e montarmos os acampamentos que servirão de apoio para os demais times de escaladores que passarão por aqui esse ano.

— Cara! — Pietro abraça Cris, que treme de frio. — Como ele consegue? Dois tiros na lombar, meses de recuperação e está aí: dando uma aula de *titanismo* pra geral.

— Pera lá, amorzinho. Se for assim, Juliet tem um parto duplo na conta!

Dou risada da minha amiga feminista. Ok, foram as quatro horas mais doloridas da minha vida, mas não se compara. Toda a dor e o sofrimento desapareceram no segundo em que as *bambinas* nasceram.

— Agradeço o apoio, Cris, mas a recuperação de um parto natural está a anos-luz do que aconteceu com Aless. — Defendo meu marido traidor, cuja voz minhas filhas têm ouvido todas as noites. — Ele quase ficou paraplégico e está aí, pra cima e pra baixo como se todos os perrengues que pegamos no caminho fossem nada.

— Aquela avalanche, entre dois e três, foi irada! — Kadeen chega e se insere na conversa.

Concordo com um meneio de cabeça para aquele que é o mais novo integrante da *Mountain* e será nosso apoio fixo no Paquistão. Espero-o sentar

ao meu lado.

— E aí, qual a sensação de chegar tão perto? — pergunto já que, assim como eu, é a primeira vez que ele tenta o cume pela escalada.

— Surreal! Outra experiência sem o helicóptero. — Seu olhar roteiriza o gargalo que leva ao topo.

Tenho que concordar. Foi lindo estar lá, mas voando e sem esforço, o peso é outro. Agora sim, vai ser real. A graça da conquista ao K2 está no como... Na escalada e no privilégio de poder superar toda espécie de perigos e desafios que só essa montanha oferece: o *trekking* de cem quilômetros para a base dos cinco mil, as caminhadas com neve até o peito, as fendas assassinas, os ventos, as nevascas e avalanches.

Sen-sa-cio-nal!

— Tem certeza de que a janela de tempo vem mesmo? — Preocupado, Kadeen continua a olhar o cume rodeado por nuvens pesadas.

— Absoluta. Relaxa, meu amigo. Vai se preparando para a *selfie* porque seremos o primeiro time de sete a chegar lá! Toda aquela trabalhadeira para instalar os sensores valeu a pena. Os novos relatórios são precisos. — Pisco orgulhosa do meu trabalho e depois sorrio por Dark ter decidido levar toda a equipe para o topo. *Sete!* Um fato inédito, já que de quatro alpinistas a tentarem, um morre e nem todos conseguem. — Os mesmos dados que apontaram a melhora no clima, depois daquelas nevascas da primeira semana, mostraram que essa madrugada vai abrir bom tempo. Prepare-se para um amanhecer ensolarado e sem nuvens.



Acordo com rajadas de vento sacudindo as lonas frágeis da barraca. Entreabro os olhos e sorrio. No mundo das barracas há um arco-íris de cores,

mas, claro, o amarelo foi o tom escolhido por Dark. Sentindo falta do corpo dele, manobro o meu no saco de dormir. Dou risada para a embalagem de lenços umedecidos largada em um canto.

Hummm... Bom dia, amiguinhas!

Essas bandidas são práticas, mas não milagrosas. Não sei o que é banho ou sexo há mais de vinte dias!

Eufórica e louca para voltar vitoriosa para as minhas *bambinas*, preparo-me para o grande dia e saio da barraca. Com o espaço diminuto do acampamento, não levo nem dois segundos para constatar algo óbvio: onde Dark se meteu?

Não é possível que ele tenha ido se aliviar sem me avisar!

Preocupada, caminho os poucos passos que me separam do restante do grupo. Já prontos para a escalada – e paramentados com toucas e roupas térmicas tão pesadas quanto as minhas –, Josh, Kadeen, Fran, Pietro e Cris conversam animadamente sobre os planos para o dia. Pelo combinado, subiremos em duas duplas e um trio com espaço de vinte minutos entre cada tiro.

— Cadê o Aless? — Vou logo ao que me interessa.

— Ué, pensei que estivesse com você. — Cris beberica um líquido fumegante que, pelo cheiro, deduzo que seja café.

— Acabei de acordar. — Kadeen ergue os ombros.

— Fui me aliviar e não vi o Conde lá. — Josh puxa o zíper da jaqueta até o pescoço.

Com a pulga atrás da orelha, escrutino os dois integrantes restantes.

— Nem vem, não sei de nada! — Pietro se esquiva.

— Fran... — rosno já com as mãos enluvadas na cintura.

Ele revira os olhos, irritado.

— Seja o que for, já vou avisando que não tenho nada a ver com isso! — Fuça no bolso da japona. — Aqui. — Mostra um papelzinho. — O primo mandou te entregar.

Meu coração acelera e fico alguns segundos, paralisada, só encarando a mão de Fran. Lembranças da minha primeira vez no K2 vêm como um filme de final ruim.

“Sei que não faz sentido e é difícil de entender, mas você é o meu ponto amarelo, o meu pé de coelho!”

Dio, não!

Não faça isso comigo! Não de novo, Aless...

Busco por Cris, e ela está tão atônita quanto eu. *Caramba!* A mão de Fran agita impaciente na minha cara. Temendo que a história se repita, capturo a mensagem.

Inspiro.

Expiro.

Abro e...

Sra. Salvatore Bolgheri

Parabéns por seu último relatório. O dia amanheceu exatamente como disse que seria: perfeito para uma conquista! Em função disso, mudei minha decisão ao reavaliar os riscos. Até agora, foram 29 dias de tempestades, deslizamentos, uma avalanche, neve até a cintura e superamos tudo, até mesmo nosso maior desafio: você me perdoar pelo deslize com o

CD de historinhas! Se os seus números estiverem corretos, calculo que serão três horas de uma escalada tranquila até o topo!

Subi sozinho. A senhora vem a seguir. Sei que o combinado era fazermos juntos, mas esse momento é só seu. Confio na alpinista experiente que é e está mais do que preparada para conquistar o seu sonho!

Aproveite o passeio. Te espero no topo.

Com amor, gratidão e orgulho.

Seu marido,

Aless.

Começo a chorar.

— *Dios*, amiga! Não me diga que ele fez de novo?

Agito a cabeça em um não esfuziante e Fran começa a rir.

— Você sabia, seu peste?! — esbravejo a pergunta em meio ao choro.

— Não sabia! — Ergue os braços em defesa. — Bom, pelo menos, não sabia até eu ler! — Recomeça a rir. — Desculpa, *bella*. Foi mal, o bilhete é seu, mas me bateu um cagaço do primo surtar!

— E não surtou? — Cris continua confusa.

Num ímpeto pulo sobre ela em um abraço sufocador de amiga.

— Não surtou! — Afasto para poder encará-la. — Ou surtou, sei lá! — Começo a rir. — Dark confia em mim na montanha! Quer que eu faça sozinha! Tá lá em cima me esperando!

— Sozinha? — Os olhos de Pietro arregalam. — *Dio Cristo*, ele surtou!

— Pietro! — Cris soca o namorado.

— Sua mochila, *bella!* — Fran me entrega o equipamento. — As condições do ar estão boas, tem oxigênio extra só por garantia. Vai lá e conquiste seu mundo. Eu, Kadeen e Josh estaremos em vinte atrás de você. Qualquer imprevisto, pare e nos espere, ok?

— Ok.



Deslizo a trava do meu cinto por mais um metro na corda de apoio. Dark fez um excelente trabalho de instalação de segurança. Depois de um minuto de descanso, recomeço as passadas. Meus pulmões ardem, os músculos das minhas pernas pedem arrego e o frio por ter quase meia perna soterrada na neve, é de lascar, mas o momento...

Aaaah... É mágico.

Sozinha na imensidão branca, eu me sinto plena. Talvez muitos não entendam o que leva uma pessoa a se meter no cafundó dos Judas para arriscar a vida em uma das montanhas, que é uma das mais mortais do planeta. Tubo bem... Algumas coisas não precisam ser explicadas, cada um sabe o que lhe toca o coração, basta que a gente sinta, que preste atenção.

Uma águia agita-se acima de mim num farfalhar barulhento de asas.

Será que é a mesma?

Olho para cima e o contraste entre o branco e o azul é tão lindo. Sorrio para ela e depois para o cume cada vez mais perto. Não tenho como não pensar em Julio, a presença dele é tão forte em mim.

Pois é, irmão... Estamos quase lá.

Talvez o K2 seja o meu caminho de destino. Estava escrito. Uma ajudinha planejada pelos anjos para que eu superasse a perda de Julio e encontrasse o amor em Aless... Sei lá. Nada explica essa fascinação e amor

profundo que carrego por esse lugar, sem saber por que, só que é certo.

Contorno um obstáculo na rocha, que me levará para os últimos quinze metros e lembro-me de pequenos trechos de um poema que Julio adorava recitar para mim e que, hoje, soam mais como uma profecia.

*“Quando cruzar com alguém e seu coração parar por alguns segundos,
preste atenção: pode ser a pessoa mais importante da sua vida.*

*Se seus olhares se cruzarem e o mesmo brilho houver sobre eles, fique
alerta: pode ser aquele pelo qual espera desde que nasceu.*

*Se a troca de beijos for intensa, apaixonante e seus olhos encherem d’água,
perceba: há algo mágico entre vocês.*

*Se o primeiro e último pensamento do dia forem a pessoa e a vontade de
ficarem juntos chegar a doer, agradeça: Dio lhe mandou um presente. O
amor.”*^[87]

Vencido o obstáculo, ergo os olhos para avaliar o caminho. Meu coração quase para e depois acelera. Apoiado em outra rocha ao pé do cume, com os braços e pernas cruzadas, está...

— Aless!

— Já era hora, Baixinha! Pensei que fosse me deixar congelar aqui em cima.

— Jamais!

Acelero os passos.

— Fez um belo passeio?

— O melhor e o mais difícil de todos!

Abrindo um sorriso, desconecto meu cinto de segurança à corda de

apoio e dou um último passo até Dark.

Um sorriso charmoso abre-se em seu belo rosto. O orgulho que brilha em seus olhos me faz sentir especial, vitoriosa e amada.

Mordo o lábio para segurar o choro.

— Pronta? — Oferece-me a mão em um gesto cavalheiresco.

Minha garganta trava ao me dar conta de que estou a um lance do cume. Afogada em todas as emoções do mundo e muitas outras, uno minha luva a dele e juntos damos o último passo.

Com lágrimas correndo soltas, conquisto o meu céu. Admiro a imensidão de rochas esperando pela maior emoção de todas, mas nada, além de excitação e sentimento de dever cumprido, vem. Fecho os olhos, inspiro fundo e insisto. O cheiro familiar e reconfortante de Dark me inunda de paz. E é assim ao lado do meu amor, no alto da montanha mais temida do mundo, que sou tocada pelo Divino e me dou conta...

— Acabou, Baixinha. Fim dessa história. — Abraça-me. — O seu sonho é aqui!

— Nada disso. — Sorrio para Dark, que parece um ser divino rodeado de céu e luz. — Nossa história está só começando. O meu sonho, Gigante... É aqui. — Toco seu coração.

— Para sempre e infinito — murmura emocionado.

— Juntos. — Olho para ele me sentindo esquisita. — Engraçado, tanta luta, um monte de coisa aconteceu e a sensação que estou sentindo é de que não pode ser só isso.

Um sorriso brilhante explode em Dark.

— Porque não é. Ano que vem Annapurna^[88]?

— Nepal? — Começo a sonhar com a nova aventura.

— Por que não? — Pisca. — Não é a mais alta, oito mil metros, mas, sem dúvida, é a mais mortal.

A adrenalina explode com tudo. Num ímpeto renovado, agarro-me ao seu pescoço.

— Casei com o melhor homem do mundo. — Encho-o de beijos. — Nepal! Sim! Claro que sim!

FIM



Um recadinho para você

Espero que tenha tido bons momentos de leitura e que Aless e Juliet tenham alegrado o seu coração. Eles são personagens meio doidos e falhos, é verdade, mas generosos e muito especiais...

Então se gostou deles peço gentilmente que me ajude a levar o livro para mais pessoas. Comente, indique aos amigos, recomende em suas redes sociais, avalie na Amazon... Sua opinião e apoio são muito importantes e fazem toda a diferença.

Meus outros livros na Amazon:

- ♥ Um Amor de CEO
- ♥ Enlaçados – Sex and Rock
- ♥ Singular

Se quiser ficar mais pertinho, manter contato, acompanhar as outras histórias e próximos lançamentos, sentir-me-ei honrada de tê-lo em minhas redes sociais:

- ♥ Página Facebook: Anne Krauze – Romances
- ♥ Grupo de interação e sorteios no Facebook: FLAMINGAS – Nossos Livros, Nosso Mundo – ANNE KRAUZE.
- ♥ Instagram: @anne_krauze

Um beijo na alma e no coração.

#RespeitoÀLiteraturaSempre

Anne Krauze



Agradecimentos

Dio Santo! Anjos existem!

Obrigada do fundo da alma a cada uma de vocês que têm feito da minha jornada literária algo incrível e que me faz tão bem. Sou grata, todos os dias, pela honra de tê-las ao meu lado.

Às meninas do *Facebook*, *Wattpad* e *Instagram* vocês são guerreiras! Obrigada por entenderem que o meu tempo de escrita é um pouquinho diferente e por todo o apoio.

No *WhatsApp*... caramba! Quanta gente incrível tenho encontrado por lá. Obrigada pelas conversas, risadas, apoio e conselhos. São tantos grupos! Tanta gente boa, de leitoras a autoras, que eu precisaria de um livro exclusivo para citar o nome de todos, mas, há um agradecimento em especial que preciso fazer... Meninas do *Romances Anne Krauze* vocês são meus anjos, meu porto seguro e me ensinam todos os dias o significado da amizade e bondade e sim, viramos uma família!

Anne Krauze

^[1] Santissima Madonna → Tradução do italiano: Nossa Senhora santíssima. Relativo a Virgem Maria. Termos em italiano possuem grafia e acentuação distintas da língua portuguesa. Neste caso não se acentua.

^[2] Dio → Tradução do italiano: Deus.

^[3] Cazzo → Tradução do italiano: caralho.

^[4] Titãs – Deuses na mitologia grega. Seres híbridos, nenhum era humano por

completo e todos tinham o poder de se transformar em animais.

[5] Vila – A descrição da vila, aos pés da montanha, é fictícia e não corresponde a realidade do acampamento que lá existe.

[6] *Maledetto* – Maldito em italiano.

[7] *Infelice* – Infeliz em italiano.

[8] *Maledetto! Infelice! Figlio di puttana* – Maldito, infeliz, filho da puta!

[9] Monte Everest – Também conhecido no Nepal como Sagarmãthã e no Tibete como Chomolungma, é a montanha mais alta da Terra.

[10] *Hidden Peak* – Ou K5 é a 11ª montanha mais alta do mundo com 8.080 metros e fica localizada na cordilheira do Himalaia.

[11] *Papà* – Papai em italiano. O uso dos acentos difere entre o italiano e o português.

[12] *Weather Channel* – Canal do tempo em inglês.

[13] AXN – Canal de tevê por assinatura especializado em séries.

[14] *Cazzo* – Merda em italiano.

[15] *Dio* – Deus em italiano.

[16] *Cara mia* – Minha querida em italiano.

[17] *Bel ragazzo* – Moço bonito em italiano.

[18] *Bello* – Bonito em italiano.

[19] *Dio mio* – Meu Deus em italiano.

[20] *Tentazione* – Tentação em italiano.

[21] *Delizie* – Delícia. Tradução do italiano.

[22] *Dio del cielo* – Deus do céu. Tradução do italiano.

[23] *Maledetta mal di testa* – Maldita dor de cabeça em italiano.

[24] Dar PT – expressão utilizada para indicar que a pessoa passou dos limites e deu perda total. Perdeu o controle.

[25] *Dio! Oggi non lascia qui viva!* – Deus! Hoje não saio daqui viva! (Traduzido do italiano)

[26] *Povereretta* – Pobrezinho em italiano.

[27] *Mamma* – Mamãe em italiano.

[28] *Ancora di più!* – Expressão italiana com o sentido de “hoje e sempre”.

[29] *La mia maledetta bocca!* – A minha maldita boca em italiano.

[30] *Delizioso* – Delicioso. Tradução do italiano.

[31] *Coda* – Rabo em italiano.

[32] *Mi mangiare, Delizioso!* – Tradução do italiano: Me come, Gostoso.

[33] *Si apre a me, Donna!* – Tradução do italiano: Abra-se para mim, Donna.

[34] *Go, go, go fondo!* – Tradução do italiano: Vai, vai, vai fundo!

- [35] *Piú profonde, bastardo!* – Tradução do italiano: Mais profundo, bastardo!
- [36] *Calma i miei amices* – Tradução do italiano: Calma, meus amigos!
- [37] *Molto Buono!* – Tradução do italiano: Muito bom!
- [38] *Damas-da-noite* – Planta arbustiva, de textura semilenhosa e muito popular devido ao aroma inebriante de suas flores.
- [39] *Nostra Signora di sesso!* – Tradução do italiano: Nossa Senhora do sexo.
- [40] *Maledire* → Tradução do italiano: maldição.
- [41] *Incantata* → Tradução do italiano: Encantada.
- [42] *Fiori* – Tradução do italiano: Flor.
- [43] *Perseguitati* – Tradução do italiano: Perseguida.
- [44] *Guarda la bella ragazza con il vestito al vento!* – Olhem a bela garota com o vestido ao vento.
- [45] *Belle gambe!* – Belas pernas.
- [46] *Nonno* – Avô em italiano.
- [47] *Ragazza* → Tradução do italiano: moça.
- [48] *Bambina* → Tradução do italiano: menina.
- [49] *Figlia mia* → Tradução do italiano: minha filha.
- [50] Segredos de Frejat – Licença poética para incluir músicas de origem brasileira. Em tese, a personagem as conheceu através de uma equipe de alpinistas brasileiros no K2.
- [51] *Chucro* ou *Xucro* → As duas grafias estão corretas e indicam animal difícil de ser domesticado.
- [52] *Imbecile* →. Xingamento criado utilizando-se de neologismo para dar graça ao texto. Significado: imbecil. A tradução correta em italiano seria *Stronzo*.
- [53] *Heavy* – Pesadas em inglês.
- [54] *Shit* – Merda em inglês.
- [55] *God! No way* – Deus! De jeito nenhum, em inglês.
- [56] *Buonanotte* – Boa noite em italiano.
- [57] *Sherlock* – Referência ao personagem de ficção Sherlock Holmes do autor Arthur Conan Doyle.
- [58] *Poveretta* – Pobrezinho em italiano.
- [59] *Boss* – Chefe em inglês.
- [60] *Stai Zitto* – Cale a boca em italiano.
- [61] *Homo molto geloso!* – *Homem muito ciumento* em italiano.
- [62] *Rare Bruna* – Morena rara em italiano.
- [63] *Cornetto alla Nutella* – Espécie de *croissant* recheado com creme de avelã.
- [64] *Patrono dei ruggiti!* – *Pai dos rugidos* em italiano.

- [65] *Pene* – Pênis em italiano.
- [66] *Stronzo* – Idiota em italiano.
- [67] *Hanno aperto le porte de'll inferno!* – Tradução do italiano: Deixaram a porta do inferno aberta.
- [68] *Gesú amato!* – Jesus amado em italiano.
- [69] *Caro amici* – Caros amigos, em italiano.
- [70] *Bella Addormentata* – Bela Adormecida, em italiano.
- [71] Autotapa → Neologismo para dar graça ao texto no significado de autoflagelação.
- [72] *Mi sono perso* – Estou perdido, em italiano.
- [73] *Sfortunata* – Azarado, em italiano.
- [74] *Hashi* – Talheres japoneses, os famosos: pauzinhos.
- [75] *Paparazzi* → Termo usado para nomear jornalista da área de fofoca.
- [76] Merda, em inglês.
- [77] Caixa prego: É uma expressão popular usada para descrever algo longínquo, “cafundó” ou “onde Judas perdeu as botas”. A autora usou nesse contexto, já que também significa caixão (urna funerária).
- [78] *Venon* → Filme da Marvel sobre o anti-herói dos quadrinhos que dá título ao mesmo.
- [79] Lounge Alguns cias. aéreas possuem lounge na primeira classe com um pequeno bar para drinks e área de descanso.
- [80] *Disgraziato! Solo per il mio cadavere!* – Tradução do italiano: Desgraçado! Só sobre o meu cadáver.
- [81] *Arrivederci!* – Tchau em italiano.
- [82] *Piazza di Spagna* — Praça de Espanha, um dos pontos turísticos mais visitados em Roma.
- [83] *Spudorato!* – Safado em italiano.
- [84] Relato clínico irreal e fictício criado exclusivamente para dar andamento à trama. Não existe embasamento médico para a análise de Pam.
- [85] Morfeu – É o deus do sonho na mitologia grega.
- [86] Perfect – A ordem dos versos foi copilada e alterada a fim de ilustrar os pensamentos do personagem em relação à Juliet.
- [87] Trechos extraídos do poema: *Não deixe o amor passar*, de Selma Soares Albuquerque.
- [88] Annapurna – Montanha localizada do Nepal, com índice de mortalidade de 39%, a pior do mundo.